



EGAL
2021

Memorias

- **XVIII Encuentro de Geografías de América Latina**
- **VIII Congreso Nacional de Geografía de Universidades públicas de la República Argentina**

Construyendo saberes emancipatorios desde y para América Latina



*30 de noviembre, 1,2,3 y 4 de diciembre de 2021
Córdoba, Argentina*



Permitida su reproducción, almacenamiento y distribución por cualquier medio, total o parcial, con permiso previo y por escrito de los autores y/o editor.



Memorias del XVIII Encuentro de Geografías de América Latina y VIII Congreso Nacional de Geografía de Universidades públicas de la República Argentina : construyendo saberes emancipatorios desde y para América Latina : tomo 2 / Luciana Buffalo ; Paola Stella Maris Seminara ; Julieta María Capdevielle ; compilación de Luciana Buffalo ; Paola Stella Maris Seminara ; Julieta Capdevielle. - 1a ed. - Córdoba : Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Filosofía y Humanidades, 2022.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-950-33-1703-7

1. Geografía. 2. América Latina. I. Seminara, Paola Stella Maris. II. Capdevielle, Julieta. III. Título.
CDD 910.07

ISBN OBRA COMPLETA
978-950-33-1707-5

Compilación general: Luciana Buffalo, Paola Stella Maris Seminara, Julieta María Capdevielle

Colaboración General: Romina Ferrero

Diagramación: Ruben Rayano (Editorial Brujas)

Diseño de tapa: Manuel Coll (Área de Comunicación - FFyH/UNC)

Compilación de capítulos: Coordinadoras y coordinadores de mesas temáticas



UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA

Rector Hugo Oscar Juri

Vicerrector Ramón Pedro Yanzi Ferreira

FACULTAD DE FILOSOFIA Y HUMANIDADES

Decana Flavia Dezzutto

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFÍA

Directora Luciana Buffalo

COMISIÓN ACADÉMICA

Monica Arroyo, Gabriela Cecchetto, Santiago Llorens, Carolina Ricci, Perla Zusman, Gabriel Álvarez, Carolina Cisterna, Lucia Luna, Juan Manuel Echeolanea, Alejandra Gorlero, Lucas Palladino, Lisandro Barrionuevo, Christian Scaramella, Omar Tobío, Patricia Souto, Carla Pedrazzani, Julieta Siskindovich, Leticia García, Diana Lan, Maria Jose Magliano, Melisa Suarez, Patricia Gonzalez, Anibal Marcelo Mignone, Mariela Demarchi, Maria Laura Silveira, Gustavo Berton, Vilma Falcon, Cecilia Chiasso, Lucia Aichino, Joaquin Deon, Cecilia Irazoqui, Hector Dupuy, José Ernesto Torres, Omar Gejo, Ana Laura Berardi, Marcel Zack, Rubén del Sueldo, Sofia Pana, Vilma Jacqueline Beltrán, Elsie Jurio, Diego Omar, Julieta Capdevielle, Pablo Rizzo, Alicia Pompeya Cáceres, Beatriz Ensabella, Sergio Chiavassa, Daniela Nieto, Nicolas Raboni, Ailen Pereira, Fabián Flores, Clara Calvo, Silvana Fernandez, Paola Seminara, María de los Angeles Galfioni, Ruben Actis Dana, Gabriela Capdevila, Nestor Murgier, Gustavo Peretti, Malena Mazzitelli Masticchio, Gustavo Buzai, Cristina Massera, Luciana Buffalo, Carlos Lucca, Natalia Astegiano, Álvaro Álvarez, Alicia Mabel Rossi.

COMISIÓN ORGANIZADORA LOCAL

Julieta Capdevielle, Carolina Cisterna, Carla Pedrazani, Carolina Ricci, Paola Seminara, Luciana Buffalo, Melisa Suarez, Natalia Astegiano, Noemi Fratini, Santiago Llorens, Romina Ferrero, Beatriz Ensabella, Ailen Suyai Pereira, Lucia Luna, Joaquin Deon, Carlos Lucca, Gabriela Cecchetto, Lucas Palladino, Lucia Aichino, Nicolas Raboni, Santiago Vasquez, Lucia Tello.

ÍNDICE

Mesa 23

Mesa 23: Mundo cultural como motivações de resistências e resiliências contemporaneas: práticas e identidades na produção de dois lugares e contra-culturas territoriais	29
<i>Coordinadores Menezes, S. S.M, Almeida, M.G, Pantano, J. P., Moretti, E.C. Romancini, S.R, Moreira, J. F.R, Alves, F.D.</i>	29

Tema: Geografía Rural e a Decolonialidade	30
---	----

Resumen 1: N°4069: El paisaje rural del distrito de São João do Oeste, en Cascavel-PR y las representaciones socioculturales de los ucranianos em el paisaje	31
<i>Pinto, Sergio Ricardo Aurélio Brumes, Karla Rosário</i>	31

Resumen 2: N°1400- Pampa gaúcho e uruguaio: As resistências agroecológicas frente ao agronegócio ...	33
<i>Cunha, Alecsandra Santos, Sandova, Ana Dominguez</i>	33

Resumen 3: N° 1245 - A territorialidade do bairro rural na manutenção de manifestações da cultura caipira	38
<i>Marcelino, Denise de Camargo, Mariano, Neusa de Fátima</i>	38

Resumen 4: N° 3302 - As contribuições do Programa Nacional de Alimentação Escolar para o fortalecimento da agricultura familiar camponesa	40
<i>Ferro, Josefa Adriana Cavalcante</i>	40

Resumen 5: N° 3855 - O rural e o urbano: resiliências na região metropolitana de Fortaleza.....	42
<i>França, Cristiane Ferreira de Souza</i>	42

Resumen 6: N° 1804 - Agricultura familiar camponesa e a feira de Mucugê: territorialidades e saberes	44
<i>Oliveira, Débora Paula de Andrade, Menezes, Sônia de Souza Mendonça</i>	44

Resumen 7 N° 652 - Assentados, subalternos. Qual a via para a decolonialidade?	46
<i>Almeida, Maria Geralda de</i>	46

Tema: Geografía Género	48
------------------------------	----

Resumen 8: N° 4235 - Articulación de espacios alternos de participación política en la cotidianidad	49
<i>Castro, Catalina Sánchez</i>	49

Resumen 9: N°4084 - As Guardiãs dos Saberes nas Comunidades Quilombolas do Nordeste Goiano, Brasil: as raizeiras como resistência feminina no território Kalunga	51
<i>Moreira, Jorgeanny de Fátima Rodrigues</i>	51

Resumen 10: N° 4143 - Título: Practicas de Territorialización de Mujeres Campesinas como escenarios de resistencia.....	53
<i>Martínez, Decssy Jackeline Cuspoca</i>	53

Resumen 11: N° 1180 - “nasci e me criei fazendo queijo”: identidade e gênero na dinâmica territorial do Sertão Alagoano-Brasil	55
<i>Silva, José Natan Gonçalves da, Menezes, Sônia de Souza Mendonça</i>	55

Resumen 12: N° 1963 - Panorama das territorializações de grupos de torcidas LGBTQIA+ do futebol brasileiro no Instagram	57
<i>Ramos, Matheus Severo, Cosme, Bruno Ulysses dos Santos</i> -----	57
Resumen 13: N° 3591 - Mulheres agricultoras e quintais produtivos: territorialidades e reprodução da família.	59
<i>Lacerda, Fernanda Ramos</i> -----	59
Tema: Geografía Cultural, territorialidade e Identidade.....	61
Resumen 14: N° 1991 - Skateboarding, lugares territoriales y cultura de la resistencia y resiliencia en la Ciudad de México	62
<i>García Ayala José Antonio</i> -----	62
Resumen 15:4014 -Tradición cultural: La resistencia comunitaria del pueblo Bonaverense contra el conflicto armado.....	64
<i>Sinisterra Rodríguez Angélica María</i> -----	64
Resumen 16: N° 1389 - Underground belo-horizontino: interfaces entre as culturas do Heavy-Metal e do Hip-Hop.....	66
<i>Silva, Gleyber Eustáquio Calaça, Andrade e Silva, Glaycon de Souza, Cruz, Ewerton Ferreira</i> -----	66
Resumen 17: N° 3331 - O samba e a periferia: morros e subúrbios na cidade do Rio de Janeiro	68
<i>Pizotti, Alexandre Moura</i> -----	68
Resumen 18: N° 3942 - Um olhar geográfico sobre o planejamento e a gestão cultural no município de Barcarena/PA.....	70
<i>Oliveira, Jhonata Américo de Machado, Brena Regina Lopes Silva, Hyngrid Athe Conceição Lira, Jônatha Rodrigo de Oliveira</i> -----	70
Resumen N°19: N° 2009 - Território, comunicação e cultura: as radiolas e os estúdios fonográficos em São Luís-MA (Brasil).....	72
<i>Durans, Clara Beatriz Silva Santos, Milena Boaes dos Alves, Cristiano Nunes</i> -----	72
Resumen 20: N° 3388 -Práticas culturais e a construção de identidade coletiva no lugar	74
<i>Dias, Letícia de Matos Souza, Edevaldo Aparecido</i> -----	74
Resumen 21: N° 1747 - A (Re) produção do vivido no baixo rio São Francisco -Nordeste/Brasil: novas configurações, outras identidades	76
<i>Silva, Cícero Bezerra da Vargas, Maria Augusta Mundim</i> -----	76
Resumen 22: N° 2787 - Uma análise toponímica da cidade de Ubá, Minas Gerais, Brasil, sob o viés da Memória.....	78
<i>Santos e Silva, Ana Carolina</i> -----	78
Resumen 23: N° 3778 - Centro cultural estrela de Lia: território de identidade e resistência na Ilha de Itamaracá	80
<i>Barbosa, Romulo Rodrigues</i> -----	80
Resumen 24: N° 3946 -Identidade latino-Americana sob o viés de Che Guevara	82
<i>Almeida, Bruna Eduarda de Fest, Guilherme Augusto Lemos Firmino, Luceli Anita Costa Pova</i> -----	82
Resumen 25: N° 3938 - A territorialidade assíria em meio à Guerra Civil da Síria	85
<i>Franca, Gilberto Cunha Holtz, Mateus Felipe</i> -----	85

Resumen 26: N° 1785 - Quadros geográficos do Nordeste do Brasil pelo Cinema Contemporâneo	87
<i>Queiroz, Pietro Renato Félix de</i> -----	87
Tema: Cultura y Biodiversidad.....	89
Resumen 27: N° 2133 - Interfaz cultura-biodiversidad en la Geografía:contribuciones de la Antropogeografía y de la Geografía Cultural	90
<i>Santos, Rodrigo Martins dos</i> -----	90
Resumen 28: N° 3380 - Turismo comunitário e resistências. Relação entre cultura e produção da sustentabilidade socioambiental.....	92
<i>Moretti, Edvaldo Cesar</i> -----	92
Resumen N°29: N° 1583 - “O parque invadiu a minha casa”: em direção aos sentidos políticos de lugar no Parque Estadual da Pedra Branca – RJ	94
<i>Brum, Jean Lucas da Silva</i> -----	94
Resumen N°30 N° 2653 - Expansão urbana nos territórios do extrativismo: fronteiras, conflitos culturais no litoral de Sergipe, Brasil.....	96
<i>Silva, Heberty Ruan da Conceição Almeida, Maria Geralda de</i> -----	96
Tema: Geografía, Cidade, Educación, Literatura e Arte.....	98
Resumen N°31: N° 4310 - Experiencias espaciales jóvenes de Santiago, Chile ¿Fabricando tecnologías del yo para la desigualdad educativa?	99
<i>Sepúlveda, Ulises Mario Sepúlveda</i> -----	99
Resumen 32: N° 2825 - A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da batalha do vale na educação dos jovens de Presidente Prudente-SP.....	101
<i>Salvi, Bruno Fantin</i> -----	101
Resumen N°33: N° 751 O estudo da arte de rua como um fenômeno urbano e prática espacial na geografia	103
<i>Lima, Carolina Maria Soares</i> -----	103
Resumen 34: N° 3916 - Formas de organização de trabalhadores de arte na América Latina a partir dos anos 2000	105
<i>Lima, Fábio de Castilhos</i> -----	105
Resumen 35: N° 3468 - Contingência do lugar nas geopoéticas em “De Lama Lâmina” e “Beam Drop Inhotim”: Geografias de desolação no Instituto Inhotim.....	107
<i>Souza Júnior, Carlos Roberto Bernardes de Almeida, Maria Geralda de</i> -----	107
Resumen 36: N° 3010 - A permanência do sistema escravista colonial na sociedade e estrutura evidenciadas pelos geossímbolos no bairro de Casa Forte em Recife-PE, Brasil.....	109
<i>Ribeiro, Omena Gabriel Anjos, Souza Brígida Jaqueline</i> -----	109
Resumen 37: N° 3017 - Centros Culturais na cidade de Sorocaba (SP) como locais de manifestação simbólica e resistência	111
<i>Mariano, Neusa de Fátima Silva, Beatriz Davida da</i> -----	111
Resumen 38: N° 2682 - O coletivo Rap da ponte como ferramenta de resistência e disputa de territórios em Macaé	113
<i>Lima, Juliana Simões de</i> -----	113

Resumen N°39: N° 1960 - Espaços de lazer na [re]produção do urbano: A praça Irca Victória da Fonseca em Catalão – Goiás	115
<i>Costa, Carmem, Lúcia Vilar, Mariana</i> -----	115
Resumen N°40: N°2290 - As interseccionalidades de sujeitos cegos ao viver a cidade: um estudo em Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.	116
<i>Guimarães, Leandro Buzzo Mourão Guimarães, Raul Borges</i> -----	116
Resumen N°41: N° 3070 Trajetórias de sofrimento: mobilidade do trabalho, exploração do corpo de jovens quilombolas e territorialização do capital.....	118
<i>Calado, Walter Daniel Silva</i> -----	118
Resumen N°42 N° 1011 - Comunicação e resistência no aglomerado de bairros Nordeste de Amaralina ...	119
<i>Santos, Naiane da Silva</i> -----	119
Resumen N°43 N°2824 - As práticas espaciais das juventudes em uma cidade pequena: um estudo sobre a praça central em Pompeia - SP	121
<i>Moreno, Karin Gabriel.</i> -----	121
Resumen N°44 N° 3927 Território e paisagem no urbano: uma disputa entre cultura dominante e alternativa.	123
<i>Ferreira, Ingrid Gomes</i> -----	123
Resumen N°45 N°1996 - A produção dos lugares no mundo cultural de Bernardo Élis: primeira chuva	125
<i>Curado, João Guilherme da Trindade Lôbo, Tereza Caroline</i> -----	125
Resumen N°46 N° 2239 - Narrador de geografias: sobre contar histórias e o fazer geográfico	127
<i>Campos, Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de</i> -----	127
Resumen N°47 N° 3708 - Geografia e Literatura: o totalitarismo sob a ótica da distopia 1984, de George Orwell.....	129
<i>Santos, Alexander Neves dos Belizário, Maria Aletheia Stedile</i> -----	129
Resumen N°48 N° 1849 - Literatura Marginal e Geopoética: espaços periféricos de Recife/PE sob a perspectiva dos poetas marginais.....	131
<i>Anjos, Jaqueline Brígida Souza Ribeiro, Gabriel Omena</i> -----	131
Resumen N°49 N° 4108 - Em cena, o poetry slam: o olhar acadêmico sobre as batalhas de poesia no Brasil.....	133
<i>Souza, Lilian Aparecida de</i> -----	133
Tema: geografia do sagrado e festas	135
Resumen N°50: N° 779- O espaço sagrado da devoção mariana na região metropolitana do vale do Rio Cuiabá, em Mato Grosso – Brasil.....	136
<i>Romancini, Sônia Regina</i> -----	136
Resumen 51: N° 3779 - A utopia da Festa do Divino Espírito Santo no Brasil	138
<i>Mariano, Neusa de Fátima</i> -----	138
Resumen 52: N° 1757 - Festejando o território: Marambiré e a resistencia cultural na Amazônia paraense	140
<i>Portela, Leide Joice Pontes Silva, Josué da Costa</i> -----	140
Resumen 53: N° 2131 - Festas silenciosas: formas de cultuar perante à pandemia	142
<i>Corrêa, Jhonatan Silva</i> -----	142

Resumen 54: N° 779 - Cavalhada em Poconé: cultura e identidade no Pantanal mato-grossense.....	144
<i>Vicente, Denize Gonçalves Valéria Romancini, Sônia Regina</i> -----	144
Resumen 55: N° 2833 - “Mas se esta festa se acabar, aí meu Deus o que será de mim”: os festejos do Divino em Pirenópolis-GO, em tempos de pandemia.	146
<i>Oliveira, Alexandre Francisco de D’Abadia, Maria Idelma Vieira</i> -----	146
Resumen 56: N° 3661 - A tradição da produção de fogos juninos em Estância/Se	148
<i>Gomes, Robertta de Jesus</i> -----	148
Resumen 57: N° 4147 - As práticas culturais rurais: Os desafios da pandemia da COVID -19	150
<i>Jesus, Priscila Barbosa de</i> -----	150
Tema: geografia dos alimentos identitários, bebidas e feiras	152
Resumen N°58 N° 1700 - Alimento e ruralidade: do encontro identitário à manutenção familiar e o interesse mercadológico	153
<i>Baticini, Camila Turmina Alves, Flamarion Dutra</i> -----	153
Resumen N°59 N° 645 - Pamonha: alimento identitário e territorialidade na metrópole Goiânia-Brasil.....	155
<i>Menezes, Sônia de Souza Mendonça Almeida, Maria Geralda de</i> -----	155
Resumen N°60 N° 2491 Gôut du terroir: a origem geográfica do sabor do vinho.....	157
<i>Gabardo, Wagner Otávio</i> -----	157
Resumen N°61 N° 3569 - Comida de rua como resistência: tapioca, acarajé e mingau	159
<i>Queiroz, Greiziane Araujo Menezes, Sônia de Souza Mendonça</i> -----	159
Resumen N°62 N. 2859 - O Queijo Canastra e o território	161
<i>Giácomo Leonardo</i> -----	161
Resumen N°63 N° 3760 - Boa vista da Tapera: um lugar marcado por territórios da farinha	163
<i>Silva, Nádia de Sousa</i> -----	163
Resumen N°64 N° 3993 - Geografias feirantes: Trabalho e sobrevivência entre pandemias na feira livre de Guia Lopes da Laguna – Mato Grosso do Sul.....	165
<i>Rodrigues, Luiz Felipe Leal, Greisse Quintino Franco, Renata Brasileiro</i> -----	165
Mesa 24	
Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina	168
<i>Coordinadores: Silva, C.A., Burgos, R., Raimundo, S.L., Urban, S.P., Pos, Cristian</i> -----	168
Juventude, Cidade e Pandemia de Covid-19: uma aproximação dos desdobramentos nas vidas dos jovens cotistas.....	169
<i>Souza, Aline de Vieira</i> -----	169
Estratégias de enfrentamento à pandemia na cena cultural periférica em São Paulo: processos artísticos e ações sociais.....	171
<i>Pereira, Raquel de Padua</i> -----	171
O beat é fino: a representação dos bailes funk na grande mídia de Vitória (ES)	173
<i>Silva, Yuri Costa Moraes da Santos, Lucas Silva dos Miranda, Elis de Araújo</i> -----	173

(Re)existência dos coletivos culturais e sobrevivência da população em situação de rua em Santos.	175
<i>Kurka, Anita Burth Raimundo, Sílvia Lopes Macedo, Nathalia Franco França, Guilherme Jhuann da Silva Chagas, Ítallo Franco</i> -----	175
Políticas locales-populares frente a la pandemia y al neoliberalismo. Situación de Valparaíso, Chile.	178
<i>Mancilla, Rodrigo Cortés, Urquieta, Carolina Quinteros</i> -----	178
Movimento de Mulheres Negras no Brasil: Luta pelo reconhecimento de práticas socioespaciais e territorialidades humanas.....	180
<i>Silva, Ana Beatriz da Barrozo, Monique Bonifácio</i> -----	180
População e geografia política: debate sobre poder e sujeitos sociais.....	182
<i>Karol, Eduardo</i> -----	182
Os olhos de Ojuobá: experiências docentes para as relações étnico-raciais.....	183
<i>Cavalheiro, Adilene Ferreira Carvalho Pinheiro, Rosa Aparecida</i> -----	183
Em Yorubá, Ojuobá significa “Os olhos de Xangô”, o Orixá da Justiça. Tecnologia social, educação e a luta camponesa em Apodi/RN.....	185
<i>Moura, Tamara Miranda Urban, Samuel Penteado</i> -----	185
Uma análise geográfica sobre o Sambódromo da Marquês de Sapucaí (1983 a 2019).....	188
<i>Vidal, Lucas Felipe Gomes Cunha</i> -----	188
 Mesa 25	
Mesa 25: Educação do campo e rural e relações com a Geografia na América Latina: concepções, práticas, identidades e territorialidades.	191
<i>Coordinadores: Martins, M.F.A, Leal, A. A.A, Freitas, E. S.M, Justino, E. F, Centurion, H.</i> -----	191
A escola do campo como territorialidade de r-existência na encruzilhada.....	192
<i>Iranilde Tavares da Câmara José Vandério Cirqueira Pinto</i> -----	192
As águas dos Gerais: diálogos possíveis com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	194
<i>Sousa, Tânia Cássia Ferreira Freitas, Eliano de Souza Martins</i> -----	194
As Escolas Família Agrícola (EFAS), Agroecologia e Campesinato no Ceará (Brasil).....	196
<i>Adeliane Vieira de Oliveira Alexandra Maria de Oliveira Maria Aline da Silva Batista Marcilio Batista Magalhães Moura Thysslloranny Batista Reinaldo Claudinei do Nascimento José Ricardo de Oliveira Cassundé</i> -----	196
Educação do campo e ensino de geografia no fortalecimento do território camponês.....	198
<i>Santos, Ligieria Alves dos Rodrigues, Sávio José Dias</i> -----	198
Interrelações entre Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Agricultura Familiar e Vigilância Sanitária: experiência em Nova Lima/Minas Gerais/Brasil.....	200
<i>Guilherme, Vanessa Luísa Ferreira</i> -----	200
Educação do campo e a experiência da Escola Família Agrícola (EFA) no contexto da produção do espaço rural no município de Anagé-Ba.....	202
<i>Oliveira, Cristlane da Silva Alcantara, Fernanda Viana de</i> -----	202
Educação do Campo em tempos de pandemia: mapeando desafios a partir de experiências de estágio supervisionado.....	204
<i>Leal, Áilda Angélica Alves Ramos, Cynthia Souza Caetano, Silvania Marques Luiz, Raquel Matias Santos e Campos, Marina Berezusky dos Sousa, Adriana da Mata</i> -----	204

Escola de Bento Rodrigues: desafios da desterritorialização após o Rompimento da Barragem de Fundão.	206
<i>Adriane Cristina de Melo Hunzicker Maria Isabel Antunes-Rocha</i>	----- 206
Neoliberalismo e Educação Rural: a política da nucleação escolar em Barbacena/MG208
<i>Santa Rosa, Igor Piazzini Freitas, Eliano de Souza Martins</i>	----- 208
A formação docente, as escolas em espaços rurais e a Educação do e no Campo210
<i>Sandra de Castro de Azevedo, Abigail Bruna da Cruz</i>	----- 210
Desafios da Escola Estadual Padre José Epifânio no contexto do rompimento da Barragem de Fundão212
<i>Oliveira Carvalho, Cilésia Maria de Antunes-Rocha, Maria Isabel</i>	----- 212
Licenciatura em Educação do Campo: repercussões das práticas de egressos no território das comunidades geraizeiras214
<i>Martins, Maria de Fátima Almeida; Leal, Ácida Angélica Alves</i>	----- 214
Movimento das representações sociais sobre campo de professores que atuam no contexto da Pedagogia da Alternância no Brasil217
<i>Érica Fernanda Justino Maria Isabel Antunes-Rocha</i>	----- 217
Población shawi y educación secundaria en alternancia, un lustro de compartir en Balsapuerto (Perú)219
<i>Centurión Cárdenas Hugo Vidal</i>	----- 219
 Mesa 26	
Mesa 26: Geografías indígenas: movilizaciones, tensiones y luchas territoriales en latinoamérica222
<i>Coordinadores: Cardozo, L.; Palladino, L.; Mansilla Quiñonez, P.; Alkmin, F. M.; Tulián, M.</i>	----- 222
Autonomias indígenas na Amazônia brasileira: atualidade e importância do fenômeno para a Geografia	...223
<i>Fábio Márcio Alkmin</i>	----- 223
A Rede de Comunicadores Indígenas Wayuri: valorização da cultura e línguas indígenas no Amazonas225
<i>Jéssica Cristina Lozovei</i>	----- 225
Pensar la sustentabilidad desde la autonomía indígena: el caso de la reapropiación territorial y el manejo forestal comunitario en Cherán, Michoacán, México227
<i>Mónica Piceno Hernández</i>	----- 227
El exilio de juyá: Geonarrativas del Agua en la memoria indígena frente al cambio climático, en la Guajira Venezolana228
<i>José Ángel Quintero Weir Pablo Mansilla-Quiñones Andrés Moreira-Muñoz</i>	----- 228
Geografía indígena argentina. Debates en torno a la invisibilización, la pobreza y el autorreconocimiento230
<i>Rosso, Inés</i>	----- 230
Socioespacialidad del territorio Maleku demarcado en la región norte de Costa Rica232
<i>Solís Aguilar, David A.</i>	----- 232
A luta das mulheres indígenas em território Matogrossense: reflexões a partir de epistemologias outras234
<i>Viegas, Luciana Pinheiro Galindo, Dolores Cristina Gomes</i>	----- 234
El rol de las mujeres “Qom Alphi” en espacios de representación y negociación extracomunitarios236
<i>Pilar Guadalupe Cabre</i>	----- 236

Mapu Chillkantukun Zungu: Descolonizando El Mapa Del Wallmapu, Construyendo Cartografía Cultural En Territorio Mapuche	238
<i>Pablo Mansilla-Quñones Miguel Melín Pehuén</i> -----	238
Territorios sustentables para la vida: r-existencia de las territorialidades de los pueblos indígenas en Latinoamérica	241
<i>Duquino-Rojas Luis Gabriel</i> -----	241
Las “memorias de marcha” en la reconfiguración de las territorialidades mapuche.....	243
<i>Cañuqueo, Lorena</i> -----	243
Territorios comechingones: un debate ontológico en una experiencia extensionista	245
<i>Pilatti Camila Bazán Santiago Manes Agustín Esteban Carolina Álvarez Ávila</i> -----	245
Construyendo colectivamente mapas y territorios comechingones: la pluriversalidad epistémica a partir de la cartografía interactiva	247
<i>Asis Maleh Yazmin Alexandra, Dalbes Gonzalo, Nehme Abril Lucía, Saldaño Diego Federico, Palladino Lucas.</i> -----	247
Un paseo por la cartografía interactiva del Territorio indígena de Tay Pichin, San Marcos Sierras, Córdoba.	249
<i>Pilatti Camila Bazán Santiago Manes Agustín Esteban Asis Maleh Yazmin Alexandra Dalbes Gonzalo Nehme Abril Lucía Saldaño Diego Federico Bofelli Sofía Tulián Mariela Tulián Juan Carlos “Capicua” Tulián Elias Palladino Lucas Álvarez Ávila Carolina</i> -----	249
 Mesa 27	
Mesa 27: Geografías de la arquitectura y sus disidencias.....	252
<i>Coordinadores: Tomasi, J. , Nuñez, A. , Comerci, M.E. , Barada, J.¹</i> -----	252
Vivir en la frontera: pastoreo, vivienda y conflictos en los bordes pampeanos.....	253
<i>María Eugenia Comerci</i> -----	253
La nueva arquitectura geográfica de Patagonia chilena: interacciones entre naturaleza, capital y deseo.....	255
<i>Andrés Núñez Enrique Aliste</i> -----	255
Trabajo interdisciplinario y saberes populares: la Comisión de Urbanismo de la Recuperación de Tierras de Guernica.....	257
<i>Durante, Maria Eugenia; Breide, Jose Manuel; Pedro, Beatriz; Contreras, Mauricio; Ferlicca, Francesca; Venturini, Juan Pablo; Apaolaza, Ricardo</i> -----	257
En contra del determinismo del espacio carcelario y su arquitectura: análisis de las prácticas cotidianas.	259
<i>Lauren Isach</i> -----	259
Marcadores urbanos de género e sexualidades em Erechim.....	261
<i>Marvin Davi Rojeski, Marcos Sardá Vieira</i> -----	261
Casas campesinas en el oeste de la pampa: movilidades y formas de producción.....	263
<i>Mostacero, Antonela Lucía</i> -----	263
Formación del arquitecto en la Universidad Mayor de San Andrés, aportes a la construcción del lugar	265
<i>Salcedo Zazanda</i> -----	265
La producción del espacio social en nor-Patagonia a partir de los locales policiales.....	267
<i>Pilar Perez</i> -----	267
Puestos monteños y cerreños, y su producción territorial en la Cordillera Oriental Salteña	268
<i>Natalia Veliz</i> -----	268

Relações emocionais e afetivas com o ambiente: diálogos entre Geografia e Arquitetura	270
<i>Augusto Rodrigo Bezerra da Silva Anneleise Paes Leme José Rogério Severino Júnior</i> -----	270
La arquitectura patrimonial vernácula en la configuración del territorio rural del Distrito Metropolitano de Quito	272
<i>Guerrero-Miranda Paulina</i> -----	272
Conjunto Rural de Rio da Luz - Jaraguá do Sul/SC: desafios da patrimonialização.....	274
<i>Gonçalves, Bruno Luiz Abrahão, Cinthia Maria de Sena Alves, Alan Ripoll</i> -----	274
Mesa 28	
Mesa 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?.....	277
<i>Coordinadores: Rocha, Heder; Ornat, Marcio J.; Oliveira, Anita L.</i> -----	277
Cuerpo.....	278
Corpo, gênero e sexualidade na produção cotidiana do espaço geográfico.....	279
<i>Costa, Eduardo Cesar da Lindo, Paula</i> -----	279
Literatura feminina negra e suas narrativas sobre a cidade: uma análise entre memória, corpo e espaço.....	281
<i>Autora: Monique Bonifácio Barrozo</i> -----	281
<i>Coautora: Ana Beatriz da Silva</i> -----	281
Educación/enseñanza.....	283
Espacialidades e construções de identidades: entre conflitos e afetividades o sujeito se constitui com a escola.....	284
<i>Rossetto, Maria Júlia Buck</i> -----	284
LEI 10.639/03 E as interseccionalidades no ensino de geografia: uma experiência a partir do PIBID	286
<i>Brenda Leticia de Paula Muniz José Luiz Alves Neto Flávia Vieira Lourenço Sandra de Castro de Azevedo</i> -----	286
A interseccionalidade no currículo escolar de geografia no ensino médio de mato grosso do sul	288
<i>Pereira, Alessandra Alves Pereira, Valéria Rodrigues</i> -----	288
Epistemología	290
O legado de Lélia Gonzalez: Um breve debate sobre as Mulheres Negras e as Heranças da Modernidade ..	291
<i>Laís Gabriela da Silva Ivan Ignácio Pimentel</i> -----	291
Interseccionalidades.....	293
Maternidade, docência e sobrecarga de trabalho: interseccionalidade na análise geográfica.....	294
<i>Anita Loureiro de Oliveira</i> -----	294

Trabalhadoras da Praia: Mulheres negras e o turismo em Área de Proteção Ambiental – APA de Guadalupe	298
<i>Silva, Vitória Regina Caetano da Vasconcelos, Priscila Batista Souza, Tiane Araújo de Paiva e</i>	298
Barqueiros de Rio Formoso: entre aspectos sócio espaciais e a busca por justiça ambiental	301
<i>Ferreira, Franciele Maria Costa; Vasconcelos, Priscila Batista; Paula, Elvira de</i>	301
Espacialidades y movilidades de las categorías identitarias socio-raciales: Historias no contadas de una chola-negra afeminada en Tumaco-Nariño	303
<i>Juan David Macuacé Torres (MACU)</i>	303
Corpos interditos e o direito à cidade: reflexões interseccionais e práticas culturais no urbano	304
<i>Andréia Ribeiro Cunha</i>	304
Masculinidades	306
Desandar masculinidades para crear nuevas realidades: la experiencia de un colectivo de varones en Tandil, Argentina	307
<i>Heder Rocha Espacio de Varones de Patria Grande – Tandil Asamblea de Varones Tandil</i>	307
La implicancia del espacio social en los procesos de configuración de masculinidades	309
<i>Rodríguez Díaz, Juan Cruz</i>	309
Disputa de terras, verdades jurídicas e masculinidades em confronto na instituição do espaço geográfico	311
<i>Silva Júnior, Wilson Ornat, Marcio Jose</i>	311
Movimientos socioespaciales lgbtqia+	313
Análise do uso e representatividade LGBTQIA+ nos espaços públicos em Chapecó/SC	314
<i>Bruna Keschner Vinicios Nalin</i>	314
Movimentos socioespaciais de lesbianidade: alguns apontamentos	316
<i>Thais Domingos dos Santos Rodrigues</i>	316
Políticas públicas con enfoque interseccional	318
Mulheres negras na Universidade: análise do acesso ao ensino superior por meio das ações afirmativas	319
<i>Stefania Luiza Marques Tieppo</i>	319
Políticas públicas de gênero e sexualidade: retratos dos municípios polos do território sudoeste Baiano/Bahia/Brasil	321
<i>Lucas Aguiar Tomaz Ferreira Fernanda Viana de Alcantara Mateus Costa Santos</i>	321
A representação de gênero nos comitês de bacias hidrográficas do norte e nordeste brasileiro: vieses da (des) governança das águas no Brasil.	323
<i>Aline Lima Pinheiro Machado Carlos Alexandre Leão Bordalo Avani Terezinha Gonçalves Torres</i>	323

Trabajo	325
As relações de trabalho de mulheres que migraram do campo para cidade em Muzambinho-MG, Brasil ...	326
<i>Araújo, Letícia Almeida Vale, Ana Rute</i>	326
Violencia de género.....	328
Do luto à luta: a resistência de mulheres mães da baixada fluminense frente a violência de estado.	329
<i>Fernanda Santos de Lima</i>	329
A geografia da violência contra a mulher: análise da cidade de Maringá, Estado do Paraná, Brasil.....	331
<i>Bruna Laís Bertolini</i>	331
Pensar a cidade de São Luís na perspectiva de gênero: uma análise do planejamento urbano dos espaços públicos contemporâneos	333
<i>Reis, Eloina Maria Moura</i>	333
Mesa 29	
Mesa 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.....	336
<i>Coordinadoras: García, L. Varela, V. Ibarra García, V. Soto, P</i>	336
Construir en el fin del mundo: Las mujeres cooperativistas de Ushuaia durante el Covid 19	337
<i>Martínez Ortiz, Tamara</i>	337
Cuerpos restringidos, casas extendidas y territorialidades móviles. Pensar la in (movilidad) durante la pandemia	339
<i>Paula Soto Villagrán</i>	339
Contribuyendo a la discusión constitucional en Chile desde la geografía feminista y la interseccionalidad..	341
<i>Patricia Daniela Retamal</i>	341
Tiempo espacio de pandemia, tiempo espacio de sororidad a través del activismo cibernético en México ..	343
<i>María Verónica Ibarra García</i>	343
Geografías Feministas para barrios libres de violencia de género en la Zona sur de Santiago de Chile.....	345
<i>Geanina Zagal Ehrenfeld</i>	345
Desigualdades de género en tiempos pandémicos y la Geografía como garante del derecho a la Educación Sexual Integral.....	346
<i>Moreno, Magdalena</i>	346
Embarazo adolescente en el departamento Rivadavia. Abordaje desde la Geografía de la Salud y Género..	348
<i>Integrantes: Guirado López, Silvana Vasquez, Marcelo Javier Oviedo, Gabriela Cerdera, Rocío Alanís, Yohana</i>	348
Geografia Feminista: um ensaio sobre o lugar da mulher brasileira em tempos de pandemia	351
<i>Bruna Alves Lorena da Silva</i>	351
La ESI como política pública en tiempos de pandemia: una experiencia desde el mapeo cuerpo-territorio.	352
<i>Bidauri, Luciana Leguizamón, Anabela Vera, Sonia</i>	352

Condições dos jovens reassentados em Altamira-PA: intensificação das desigualdades socioespaciais urbanas no contexto de pandemia	354
<i>Souza, Samara do Nascimento Conceição, Ronicleici Herrera, José Antônio Barroso, Gleiciely Carvalho Neves, Italla Alves</i>	
Territorialidad de trabajadoras sexuales en Bogotá: Entre la condena de la anormalidad y la apropiación de la diferencia	357
<i>Autora: Valeria Parra González</i>	
Pandemia y Políticas públicas en el Oeste Pampeano, lecturas desde Geografías Feministas.....	359
<i>García, Leticia Nora</i>	
El acoso sexual callejero como conflicto urbano	361
<i>Almendra Aladro Sofía Cardozo Delgado Valentina Torre</i>	
Espaços de vivência LGBTQIA+ no bairro da Boa Vista em Recife: transformações socioeconômicas e espaciais.	363
<i>Ítalo D'Artagnan Almeida</i>	
En pandemia, la ESI sigue siendo un derecho. Experiencias de abordaje en la formación docente.....	365
<i>Prof. Melina Luján Arduso Esp. Leticia Nora Garcia Dra. Silvia Siderac</i>	
Poniendo en diálogo las geografías a partir del mapeo mental de los lugares del miedo.....	367
<i>Mauri, Antonella Nieto, María Belén</i>	
Mesa 30	
Mesa 30: Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las geografías	370
<i>Coordinadores: Lan, D.; Colombara, M.; Silveira, M.m.m.; Falcón, V.I.</i>	
Impacto del género en el estilo de vida de las becarias y los becarios de CONICET	371
<i>Duarte, Daiana Soledad</i>	
Espaços paradoxais na universidade: processos interseccionais baseados nos mapas de relevo da Geografia UERJ Maracanã	373
<i>Martins, Luisa Pilar Marques Almeida, Rafaela Torres de</i>	
De princesas a guerreiras: o feminismo como possibilidade de transformação a partir da educação geográfica	375
<i>Menezes, Natália Araújo de</i>	
A ambiguidade das experiências: uma proposta de olhar o corpo-lugar a partir das mulheres latino-americanas.....	377
<i>Nogueira, Fernanda de Faria Viana</i>	
Folklore del fútbol: análisis de las prácticas deportivas desde un enfoque geográfico y de género	379
<i>Vazquez, Santiago</i>	
Geografías feministas para visibilizar problemáticas: de las “redes globales” a las “tramas espaciales” de la trata de personas con fines de explotación sexual	381
<i>Moreno, Magdalena</i>	
Eleições 2020 no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá Bahia-Brasil: desigualdade de gênero na política.....	383
<i>Assaritti, Dolores Setuval Lima, Aline dos Santos</i>	

Greve Internacional de Mulheres: coordenação de feminismos em escala global em tempos de crise capitalista?.....	385
<i>Cardia, Rita Helena Miranda</i> -----	385
La construcción femenina de los conceptos de Territorio y Ruralidad. El caso de productoras de la agricultura familiar en los intersticios urbanos del Gran Resistencia, Chaco.....	387
<i>Falcon, Vilma L.</i> -----	387
Deshacer el género en una ciudad petrolera a través del tiempo.....	389
<i>Pacheco, Mariel</i> -----	389
Urbanización corporativa e interseccionalizada en Brasil (São Paulo): especulación inmobiliaria, segregación racial y espacio urbano generificado.....	390
<i>Rizzatti, Helena</i> -----	390
Hacia una geografía del cuidado para la integración socio urbana de los barrios populares.....	392
<i>Massa, Natalia</i> -----	392
O que a Mutilação Genital Feminina tem a ver com a geografia e o feminismo?	395
<i>Silva, Noelma Dutra da Medeiros, Rafael Marrocos</i> -----	395
Mesa 31	
Mesa 31: Geografías trans, travestis y no binaries.....	398
<i>Coordinadorxs: Fernández Romero, F., Butierrez, M. y Torres Rodríguez, M.</i> -----	398
Geografía, estado y existencias trans en algunas novelas y cuentos de la literatura argentina y brasileña. Siglos XIX-XXI	399
<i>I Acevedo</i> -----	399
Travesías atravesadas: prácticas de movilidad de travestis en los Valles Calchaquíes (Salta, Argentina)	402
<i>Marce Butierrez</i> -----	402
En Candomblé, ¿quién es hombre y quién no? Prácticas discursivas de hombres trans.....	404
<i>Dan Kaio Lemos</i> -----	404
Aproximación a las espacialidades de las identidades transmasculinas no binaries en América Latina.....	406
<i>Ovi-Laura Oviedo Castrillón</i> -----	406
Protocolos de prevención de violencia de género e identidades trans travestis en escuelas secundarias	408
<i>Mai Slipczuk</i> -----	408
“Cartografías de la (des)atención a la salud de transmasculinidades gestantes”	410
<i>Andrés Mendieta</i> -----	410
¿Cisexismo, estás ahí? Una revisión cartográfica del Nivel Inicial.....	412
<i>Julieta Repetto</i> -----	412
Manifiesto Travesti: ¿Quiénes te convirtieron en el centro del universo? Ensayo sobre el hombre cisgénero como sujeto universal	414
<i>Sorrequia, Uma Reis</i> -----	414

Mesa 32

Mesa 32: Impactos Socioterritoriais e Geopolíticos da Mobilidade dos Refugiados, Apátridas e Trabalhadores em Situação de Vulnerabilidade.....	417
<i>Coordinadores: Souza, E. B. C. De. Rascovan, A.</i> -----	417
La relevancia del refugio ante la crisis humanitaria en el norte de Chile	418
<i>Martina, Cociña-Cholaky,</i> -----	418
Migração e segregação espacial: O caso dos imigrantes Haitianos em Curitiba.....	420
<i>Pierre, Dieugo</i> -----	420

Mesa 33

Mesa 33: Cartografías de la migración y las fronteras en América Latina y el Caribe	423
<i>Coordinadores: Domenech, E., Basualdo, L., Dias, G., Prieto Díaz, S.</i> -----	423
Cartografías feministas: reescribir las experiencias de movilidad de mujeres migrantes latinoamericanas	424
<i>Biondini, Valentina</i> -----	424
El mapa de mi vida. Narrativas cartográficas, jóvenes y migración.....	426
<i>Hendel, Verónica</i> -----	426
Cartografías de lo cotidiano: prácticas socioespaciales de los venezolanos en Curitiba	428
<i>González García, Madison</i> -----	428
Migración haitiana, espera e ilegalización. Inversión y pérdida del «tiempo vital» en y a través de las fronteras argentinas	429
<i>Trabalón, Carina</i> -----	429
Itinerancias en el contexto colombiano: fronteras en movimiento y estrategias migratorias de preservación	431
<i>Clavijo, Janneth Ceballos, Marcela González, Adriana</i> -----	431
Políticas de (in)movilidad (transfronteriza), producción de fronteras y grupos migrantes Migración centroamericana en México.....	433
<i>Castillo Ramírez, Guillermo</i> -----	433
Migrantes y condiciones habitacionales en la Ciudad de Buenos Aires: un estudio comparativo de casos ...	434
<i>Cruel Natalia Rocío</i> -----	434
Una revisión sistemática sobre el patrocinio de refugiados.....	435
<i>Rovetta Cortés, Ana Irene</i> -----	435
Análisis del cambio climático y la gestión del riesgo en el Corredor Seco Mesoamericano. Hacia la comprensión de los factores migratorios.....	437
<i>Rejas Ayuga, Juan Gregorio Vallejos Mihotek, Mara Luana</i> -----	437
Monocultivos de piña en regiones fronterizas y mercados laborales circulares en Costa Rica. Dos propuestas cartográficas cruzadas	438
<i>Prunier, Delphine Rodríguez, Tania Montoya, Valeria</i> -----	438

Mesa 34

Mesa 34: Corredores migratorios en América Latina: nuevos flujos migratorios, nuevas territorialidades, nuevas restricciones.....	441
<i>Coordinadores/as: Claudia Pedone, Bruno Miranda y Soledad Álvarez Velasco</i> -----	441
A rota para o Brasil e as transformações na mobilidade migratória haitiana	442
<i>Thauany Freire</i> -----	442
Inmovilidades caribeñas y africanas en espacios de espera fronterizos en las Américas	444
<i>Bruno Miranda</i> -----	444
Inmovilidades en torno a las circulaciones domésticas e internacionales. Un análisis sobre los efectos de la pandemia y el ASPO en los trabajadores temporarios salteños y bolivianos.....	445
<i>Soraya Ataide</i> -----	445
Jóvenes migrantes venezolanas y el autoempleo en el Perú: entre la precariedad, la invisibilidad y la autonomía	447
<i>Stéphanie Borios Cécile Blouin</i> -----	447
Fronteras difusas, migrantes en riesgo. Caso: venezolanos en Brasil	448
<i>Madison González García</i> -----	448
Chile frente a la crisis humanitaria-migratoria venezolana: militarización y ausencia del enfoque de derechos	449
<i>Cociña-Cholaky, Martina Andrade-Moreno, Marcos</i> -----	449
Migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista e necropolíticas de fronteira.....	451
<i>Ana Carolina Gonçalves Leite Mariana Castro</i> -----	451
A dinâmica migratória de trabalhadores qualificados em duas capitais brasileiras: Fortaleza-CE e Vitória-ES	453
<i>Rodrigues, Rennan Moraes Dota, Ednelson Mariano Oliveira, Rachel Facundo Vasconcelos de Santos, Yago Oliveira dos</i> --	453

Mesa 35

Mesa 35: Movilidad, migración transfronteriza y redes de migrantes en América Latina	456
<i>Coordinadores: Bomtempo, D. C., Mondardo, M., A., Guizarde, M. L., Rivera, C. P., Albuquerque, J.L.C.</i> -----	456
La (re) significación de la maternidad en madres peruanas en la ciudad fronteriza de Arica	457
<i>María Francisca Lafferte Espejo María Elena Acuña</i> -----	457
Las rutas del tráfico de migrantes hacia Chile: irregularización y vulnerabilización de migrantes en tránsito.....	459
<i>Liberona Concha, Nanette, Piñones Rivera, Carlos</i> -----	459
COLPAZ: Estrategia inmigrante colombiana por La Paz, desde México	461
<i>Gómez Rojas Ana Carolina, Granada Cardona Juan Sebastián, Vargas Segura Raúl</i> -----	461
Prácticas cotidianas de construcción de lugar de migrantes haitianos que habitan la ciudad Valparaíso, Chile	463
<i>Pérez Gallardo, Patricio Alfonso Carmo, André</i> -----	463
Transnacionalismo político de los colombianos en Argentina	465
<i>Hernández Rodríguez Claudia Milena</i> -----	465

Migrantes en pandemia, entre la readaptación y el conflicto. Estudio de caso: los venezolanos en Argentina.....	467
<i>Fittipaldi, Rosa Ángela, Adaro, Germán Daniel</i> -----	467
Corredores Internacionais de Mobilidade Humana: o caso do Estado do Acre	471
<i>Dival Vieira de Araújo Neto, José Alves</i> -----	471
A migração internacional, rede e circuitos da economia urbana em Fortaleza/CE.....	475
<i>Ferreira, Elidiane Silvia</i> -----	475
Imaginario geográfico en el campo migratorio de las personas migrantes en tránsito por México	477
<i>Martínez Arboleya, Héctor José</i> -----	477
<i>Núñez Jiménez, Edgar</i> -----	477
Atendimento aos migrantes venezuelanos urbanos em Pernambuco: Reflexões através do estágio na Cáritas NE.....	479
<i>Bruna Soares Farias</i> -----	479
Redes migratórias e territorialidades migrantes no século XXI: os italianos investidores no Ceará	481
<i>Gabriel de Sousa Araújo</i> -----	481
Migração internacional do trabalho na América Latina: o caso do estado do Acre	483
<i>Thirson Rodrigues de Medina</i> -----	483
<i>José Alves</i> -----	483
Mesa 36	
Mesa 36: Dimensiones territoriales de la movilidad humana en América Latina. Escalas, oportunidades y tensiones EGAL 2021 Territorios de la migración venezolana-colombiana: sus flujos, sus escalas, sus tendencias.	487
<i>Johan Andrés Avendaño Arias</i> -----	487
Efectos territoriales de la migración venezolana	488
<i>Gloria Yulier Cadena Montero, Nubis Pulido</i> -----	488
Marginación en Europa y Latinoamérica vista desde la migración en Bolonia (Italia) y Bogotá (Colombia)	490
<i>Masotti Lucia y Nohora Carvajal</i> -----	490
Reconfiguraciones y toporepresentaciones territoriales de la migración venezolana en El Amparo y María Paz (Bogotá-Colombia)	492
<i>Avendaño Arias Johan Andres, Trujillo Vanegas Maira Yesenia.</i> -----	492
Marcas y travesías trans-territoriales en México: movilidad, soberanía e imaginarios nacionales en conflicto.....	494
<i>Luis Manuel Cuevas Quintero. Liliana López-Levi</i> -----	494
Inmigración y subarriendo durante el confinamiento domiciliario en el Área Metropolitana de Barcelona	495
<i>Orozco-Martínez, Carolina. Bayona-i-Carrasco, Jordi. Gil-Alonso, Fernando</i> -----	495
Causas y efectos de la crisis actual de migración en el Salvador, C. A.	497
<i>Marlon Eduardo Flores Alemán</i> -----	497
Dinámicas territoriales, migración y circuitos laborales en Quintana Roo.....	500
<i>Sierra Sosa Ligia Aurora Campos Cámara Bonnie Lucía</i> -----	500

Estudiantes Estrateiros na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal	502
<i>Almeida, Carlos Vinícius Castro de.</i> -----	502
Movilidad humana en América Latina y su relación con la vulnerabilidad social	504
<i>Maldonado, Rita Alejandra Bettera, María Alejandra</i> -----	504
Territorios imposibles y sujetos sin derechos, despojados en el pacífico colombiano	506
<i>Chávez Carlos Armando</i> -----	506
Movilidad humana y construcción de resiliencia ante fenómenos hidrometeorológicos en la costa norte de Quintana Roo.....	508
<i>Xochitl Ballesteros Pérez y Ligia Aurora Sierra Sosa</i> -----	508
 Mesa 37	
Mesa 37: Migraciones y ciudades de América Latina: intersecciones, interrogantes y desafíos	511
<i>Coordinadoras: Matossian, B. González, M.S., Pardo Montaña, A.M., Melella, C.E., Mera, G.</i> -----	511
Representaciones sociales y políticas de diversidad sobre migración y género en el noroeste del conurbano bonaerense	512
<i>Melella, Cecilia, Perret, Gimena</i> -----	512
El derecho sagrado a la tierra. Luchas por el territorio y cosmovisión indígena.	515
<i>Encino Carolina</i> -----	515
Migración, sostenibilidad de la vida y relegación urbana: una aproximación desde un barrio cordobés	517
<i>Arrieta, Sofía</i> -----	517
Dinâmicas migratórias dos trabalhadores haitianos em Belo Horizonte: precariedade transnacional	519
<i>Barros, Carolyne Reis Vargas, Milena Fiorenzano, Olívia Helena Cosme Jácome, Maryana Pereira</i> -----	519
Modelos de interacción espacial y migración interna en Uruguay.....	521
<i>D'Angelo, Guillermo</i> -----	521
Família e migração no Brasil: agência e estrutura em contexto de incertezas e insegurança	523
<i>Dota, Ednelson Mariano, Dadalto, Maria Cristina, Placido, Vera Lucia dos Santos</i> -----	523
Inerarios y experiencias de jóvenes latinoamericanos que migran hacia Argentina para hacer estudios universitarios	525
<i>Gómez Sandra María</i> -----	525
Haitianos nas cidades brasileiras: experiências e lugares constituídos.....	527
<i>Porto Gil Carlos Silveira, Leal Letícia, Freitas João Vitor de, Santos Matheus Nadur dos</i> -----	527
Experiencias de desigualdad: intersección clase, género y origen en un barrio periurbano de La Matanza	529
<i>Brenda Matossian, Yamila Soledad Abal</i> -----	529
Pensar las migraciones en ciudades intermedias. Un análisis exploratorio en la ciudad de Rafaela, Argentina.....	531
<i>Villalba, María Laura Zenklusen, Denise</i> -----	531
Trajetórias e cidadania: o cotidiano de migrantes no centro da cidade de São Paulo.	533
<i>Caio da Silveira Fernandes</i> -----	533
Pendularidade por motivo de trabalho e estudo na Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS).....	535
<i>Carvalho, Ricardo Monteiro de, Queiroz, Silvana Nunes de</i> -----	535

Entre las burbujas de la Ciudad.....	538
<i>Elizabeth Rojas del R.</i> -----	538
Imigrantes LGBT+ em Florianópolis/SC: O papel das redes sociais para (re)construção da identidade sexual.....	540
<i>Lucas Matias da Silveira</i> -----	540
Nacionalismo, hospitalidad y discriminación de la migración en México. Una mirada desde la interseccionalidad.....	542
<i>Ana Melisa Pardo Montaña</i> -----	542
Geografías imaginarias de la migración y su papel en la legitimidad de las fronteras transnacionales.....	544
<i>Miriam Reyes Tovar Isaías Daniel Hinojosa Flores</i> -----	544
Novas configurações sócio-espaciais da diáspora chinesa em Ciudad del Este, São Paulo e Recife.....	546
<i>Mariana de Albuquerque Vilarim Bertrand Roger Guillaume Cozic</i> -----	546
Religiosidad y espacialidades urbanas. La celebración de la virgen de Urkupiña en Gaiman-Chubut.....	548
<i>Erica Silvina Weise Hurtado</i> -----	548
 Mesa 38	
Mesa 38: Economías/ecologías-mundo y fronteras de mercantilización de la naturaleza en América latina.....	551
<i>Coordinadores: Schweitzer, A.F; Lomba, R.M.; Pimienta Betancur, A.; Torres, R. y Jerez Henriquez, B.</i> -----	551
La fronteras de las finanzas y de la naturaleza en Patagonia Sur.....	552
<i>Alejandro Schweitzer</i> -----	552
Galápagos y la Mercantilización de la Naturaleza en un Contexto Global.....	554
<i>Andrea Muñoz Barriga Pontificia</i> -----	554
La mercantilización de la naturaleza a través de la megaminería en Argentina.....	556
<i>Lorda, María Amalia Kraser, María Belén</i> -----	556
Ecocidio y ambientalización en la provincia de Córdoba: un análisis del complejo de poder desarrollista.....	558
<i>Gonzalez Asis, Ignacio Arach, Omar</i> -----	558
Mercantilización de la naturaleza, invención del patrimonio y renta de monopolio en el turismo.....	560
<i>Montilla Pablo Torres Laura María</i> -----	560
A mercantilização da água e como a produção de arroz na Bacia do Prata contribui para reforçar este caráter: o caso de Uruguiana e Paso de Los Libres.	562
<i>Ágata Grazielle dos Santos Brito Henrique Castro Barbosa</i> -----	562
Complexo portuário de Santana-Amapá-Brasil: políticas territoriais e a complexa e contraditória relação porto-cidade.....	564
<i>Jocianny Carla da Silva Sardinha Magdiel Eliton Ayres do Couto Roni Mayer Lomba Jondison Rodrigues Cardoso Jadson Luis Rebelo Porto</i> -----	564
Amapá (Brasil) e Santa Cruz (Argentina): acumulação capitalista e conflitos socioterritoriais.....	566
<i>Roni Mayer Lomba</i> -----	566
Monetización del “daño ambiental” de Pascua Lama – Chile. El tribunal ambiental y la Superintendencia de medio ambiente como dispositivos.....	568
<i>García Carmona Alfredo Federico</i> -----	568

Indicadores básicos de la inducción sísmica por actividad hidrocarburífera en Vaca Muerta.....	570
<i>Javier Grosso Guillermo Tamburini Beliveau</i> -----	570
La expansión del fracking en áreas naturales protegidas: el caso de Auca Mahuida (Neuquén, Argentina).	572
<i>Juan Antonio Acacio</i> -----	572
Land grabbing, flex crops e reestruturação do setor de florestas plantadas no Brasil.....	574
<i>Leite, Ana Carolina Gonçalves</i> -----	574
Processos contemporâneos das apropriações de terra no Brasil: dos regimes de desapropriação à crise	576
<i>Bárbara Evelyn Baracho Wanderley Camila Campos de Lara Jakimiu</i> -----	576
Capital Extranjero en el control de Pequeñas Centrales Hidroeléctricas en Brasil	578
<i>Ednilson Gomes de Souza Junior</i> -----	578
Agronegócio, território e recursos: o caso cafeeiro no Sul de Minas Gerais, Brasil.....	580
<i>Flamarion Dutra Alves</i> -----	580
Agricultura industrial, biotecnología y propiedad intelectual: transformaciones territoriales en la provincia de Buenos Aires (1996-2019).....	582
<i>Alomar Messineo, Dafne Salomé</i> -----	582
Movimentos socioterritoriais e a expansão da agricultura capitalista no cerrado da microrregião de Macapá/AP	584
<i>Rubens Edeval Sarraf Roni Mayer Lomba</i> -----	584
Panoramas e consequências do consumo de agrotóxicos no Brasil.....	586
<i>Garcia Martins, Francielle Leal, Antonio Ceza</i> -----	586
A grande fronteira: a Amazônia e o sistema agroextrativista global.....	588
<i>Gabriel Domingues Sérgio Sauer</i> -----	588
Investimentos Estrangeiros na América Latina: o controle de terras para o monocultivo de florestas	590
<i>Mariana Lopes da Silva</i> -----	590
La Hidrovía Paraguay-Paraná: implicancias del megaproyecto de infraestructura hídrica en la integración de los países de la Cuenca del Plata desde en la sustentabilidad ecológica.....	592
<i>Lic. Ariel Ocantos</i> -----	592
A territorialização do setor privado no uso e controle da água no Estado de São Paulo/Brasil. estratégias a partir da abertura de capital na Companhia Paulista de Água e saneamento básico SABESP.....	594
<i>Gabriel Alexandre Gonçalves</i> -----	594
Mercantilização da Água: estudo de caso no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro	596
<i>Freire, Eloisa Helena Barcelos</i> -----	596
Contradições do setor elétrico no Amapá: implantação de grandes projetos hidroelétricos e a escassez do fornecimento de energia elétrica à população.	598
<i>Alan Patrick Coimbra Melo Roni Mayer Lomba</i> -----	598
Riesgo geológico en la represa Cóndor Cliff sobre el río Santa Cruz.....	600
<i>Guillermo Tamburini Beliveau</i> -----	600
Amazônia, uma proposta de interação socioambiental.....	602
<i>Arlindo M. Esteves Rodrigues</i> -----	602
Ética Ecosocialista, uma proposta pós-capitalista.....	604
<i>Arlindo M. Esteves Rodrigues</i> -----	604

Mesa 39

Mesa 39: Movimentos socioterritoriais, narrativas e lutas dois povos originários contra o agronegócio megaprojetos na América Latina: entre autonomias e tensões.....	607
<i>Coordinadoras/es: Gislotti, L., Wayna Kambeba, M., Duran, K., Lima, G., Monfort, G.</i> -----	607
Impacto do garimpo no espaço geográfico do estado de Roraima, Brasil: demandas do tempo presente ...	608
<i>Garzoni, Elionete de Castro Falcão, Márcia Teixeira</i> -----	608
Juventudes Guarani Kaiowá, auto-organização e resistências nas retomadas	610
<i>Germano Lima Alziro</i> -----	610
Direitos territoriais indígenas em disputa no Brasil.....	612
<i>Maíra Taquithi Ribeiro</i> -----	612
Saberes tradicionais Kaiowá, resistências e autonomias territoriais	614
<i>Helbia da Silva Ortiz, Gislaine Monfort, Laura Gislotti</i> -----	614

Mesa 40

Mesa 40: Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina	617
<i>Coordinadores: Azamar, A., Becerra, M.J. , Díaz, I.</i> -----	617
Tema 1: conflictos socio-ambientales y conflictos territoriales	618
Procesos de ocupación territorial: la explotación de energía eólica en México	619
<i>Azamar Alonso, Aleida, García Beltrán, Yolanda Mexicalxóchitl</i> -----	619
Tema 2: desposesión, despojo, extactivismo	621
La territorialización de las sociedades anónimas y el acaparamiento de tierras en Uruguay.....	622
<i>Díaz, Ismael, Sum, Thiago</i> -----	622
La amazonia venezolana como expresión del espacio mercantilizado	624
<i>Becerra, Melgris José</i> -----	624
Nuevas geometrías de poder en el sector de hidrocarburos: proyectos extractivos por fracking en México	626
<i>Vázquez Morales, Carla</i> -----	626
Os novos e velhos agentes do controle de terras em Minas Gerais: uma análise pós 2000.....	628
<i>Santos, Patrícia</i> -----	628
Multiplicidad de actores y procesos en el conflicto territorial por un proyecto minero en Morelos, México ..	630
<i>Tomasini Padilla, Fernanda</i> -----	630
El proyecto de corredor bioceánico Coquimbo-Porto Alegre y la nueva dependencia Argentina-China.....	632
<i>Féiz, Mariano, Sotiru, Martín</i> -----	632
Las emergencias del buen vivir en territorios marcados por el despojo y el sacrificio: casos Huitotos (Perú) y Guaraní-Kaiowá (Brasil) en clave comparada.....	634
<i>Delgado Estrada, Juan Manuel, Larin, Letícia Platzeck Senra</i> -----	634

Tema 3: resistencia social - territorios - territorialidades	635
La resistencia en la gestión del agua en Uruguay, una visión desde la Hidrogeografía	636
<i>Domínguez, Ana Achkar, Marcel</i> -----	636
Territorialidades superpuestas en el Catatumbo colombiano	638
<i>Osorio, Yelitza</i> -----	638
Cartografías, trazos y territorialidades del grupo paramilitar Autodefensas Gaitanistas Unidas de Colombia (AGC) en el Nudo de Paramillo; municipios de Ituango, Dabeiba y Peque, Antioquia	640
<i>Ospina Torres, Alejandra</i> -----	640
Auge extractivo en Colombia: resistencias en el municipio de Cogua por el agua	641
<i>Pedraza, Sergio Alejandro</i> -----	641
 Mesa 41	
Mesa 41: Territorio, bienes comunes y conflictos socioambientales: resistencias y construcciones alternativas al modelo dominante.....	645
<i>Coordinadores: Pohl Schnake, V., Carmona Londoño, L. S., Coppiarolo, L., Santos, C., Zamponi, A.</i> -----	645
Conflictos socioterritoriales y apropiación diferencial de los recursos naturales en la provincia de Córdoba (Argentina).	646
<i>Díaz María Guillermina Lucero Franco Gastón</i> -----	646
Produção agrícola, estrutura fundiária e resistências: o caso da Região Metropolitana de Campinas	648
<i>Campos Matheus de, Bordignon Isabela Magalhães, Seixas Lucas Pinto</i> -----	648
Conflictos por fumigaciones en el periurbano marplatense: dos formas contrapuestas de entender al territorio.....	650
<i>Vieira Vanina Araceli Galeotti Pablo José</i> -----	650
Producción forestal y producción energética en Patagonia norte: disputas entramadas por bienes naturales.....	652
<i>Iñigo Carrera Valeria</i> -----	652
La asamblea de vecinos autoconvocados de Hudson y la lucha por el humedal en pandemia.....	654
<i>Iglesias Facundo</i> -----	654
Diálogos entre Geografía y Ecología Política. El conflicto socio-ambiental por el río Atuel.....	656
<i>Pérez Gustavo Gastón</i> -----	656
O crime-desastre da Samarco na bacia do rio Doce: discursos, poder e gestão da barbárie	658
<i>Grossi Bastos, Lucas Pereira Doralice Barros</i> -----	658
Risco e Violência Socioambiental: Rompimento de barragem, flexibilização das leis e perseguição da “lama invisível”	660
<i>Costa de Paula Alves Saldanha Lorena Luiza</i> -----	660
Conflito socioambiental e acumulação via espoliação, resistência e articulações do povoado pesqueiro de Zacarias – Maricá – Rio de Janeiro – Brasil.....	662
<i>Freire Désirée Guichard</i> -----	662
El desecamiento de las lagunas de Guanacache, con la instalación de la empresa ceramista Chirimo	664
<i>Quiroz Gladys Beatriz</i> -----	664

El río Colorado como eje de integración: entre la construcción de territorialidades, aprovechamientos y conflictos	666
<i>Herlein Micaela Anahí; Diharce María Carolina; Dillon Beatriz</i> -----	666
Gás de folhelho e conflitos socioambientais no Brasil	668
<i>Donaire de Santana Alessandro Rodrigues Nunes João Osvaldo</i> -----	668
Estrategias de Gestión Socioambiental para Ejecutar Exploraciones Sísmicas que Presentan Conflictos con Comunidades, Colombia.....	670
<i>Álvarez Ospino Juan Manuel Redondo Johan Manuel</i> -----	670
O neoextrativismo e a expansão da mineração de ouro na Amazônia brasileira	673
<i>Costa Júlia Jacomini</i> -----	673
Agronegócio e Impactos nas Práticas de Uso Comum de Bens Naturais na Fronteira Agrícola Brasileira ..	675
<i>Alves Vicente Eudes Lemos</i> -----	675
Sapping como expresión del Antropoceno: ríos emergentes en las estribaciones australes de las Sierras Pampeanas	677
<i>Roggiero Martha Florencia; Zamponi Analía; Zilio María Cristina y Aranda Álvarez María del Carmen</i> -----	677
Territórios livres de mineração no Brasil.....	680
<i>Vieira Luiz Henrique</i> -----	680
Gobernanza comunitaria en los territorios de páramo del Ecuador: acción colectiva y resiliencia cultural ..	682
<i>López-Sandoval María Fernanda Maldonado Paola</i> -----	682
Conflictos socioambientales y procesos de configuración territorial en el Santuario de Fauna y Flora Guantá Alto Río Fonce – Colombia.....	684
<i>Rosales Carlos Alberto</i> -----	684
Pampa azul (Argentina). Biodiversidad y conservación vs extractivismo y mercantilización de la naturaleza	686
<i>Guerrero Ana Lía; Gutiérrez Moiola Leandro</i> -----	686
Percepções caiçaras: histórias de resistência pela permanência no território da Praia do Sono (RJ).....	688
<i>Simão Larissa Gândara; Rizzo Luciene Cristina</i> -----	688
Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e turismo: comunidades tradicionais frente a novos processos de ameaças.....	690
<i>Pereira Regis Vercauteren de Souza Castro, Mariano Neusa de Fátima</i> -----	690
¿Cómo se protegen los humedales? Percepciones ambientales en un Área Protegida.....	692
<i>López Collazo Clara</i> -----	692
Humedal: territorio en conservación y tensiones. El caso de los Esteros del Iberá, Corrientes, Argentina..	694
<i>Acosta Felquer María Abelina</i> -----	694
Expansión de áreas naturales protegidas en Argentina 1990-2021: ¿un modelo de acaparamiento verde de tierras?.....	696
<i>Pohl Schnake Verónica</i> -----	696
“¿Un área protegida o un parque de diversiones?” El caso del Parque Nacional Los Glaciares, provincia de Santa Cruz.	698
<i>Ponzi Brenda</i> -----	698

Alternativas al desarrollo y re-existencias indígenas campesinas para la sustentabilidad integral del sureste veracruzano (México).....	700
<i>Moreno Arriba Jesús</i> -----	700
Conflictos socioambientales: resistencias y alternativas como horizonte- Caminando hacia el buen vivir -703	
<i>Coppiarolo Lorena; Maraggi Inés; Díaz Matías; Mantegna Sebastián; del Llano Tatiana.</i> -----	703
Transformaciones territoriales y emprendimientos agroecológicos en el periurbano platense -un abordaje desde su dimensión ambiental-	705
<i>del Llano Tatiana</i> -----	705
La productividad del conflicto ambiental: el caso de la comunidad rural de Puerto Piray km 18, Misiones frente a Arauco S.A (ex Alto Paraná S.A).....	707
<i>López Beneitez Manuel, Zurueta Alfonsina, Papasodaro Federico</i> -----	707
Resignificando la Biogeografía: diálogos posibles desde una Geografía Crítica y Ecología Política Latinoamericana	709
<i>Coppiarolo Lorena; Pérez Ballari Andrea; Pohl Schnake Verónica; Vallejos Víctor Hugo y Zamponi Analía</i> -----	709
A mineração de sal-gema na cidade de Maceió e seus impactos socioeconômicos e ambientais	711
<i>José Roberto Galdino de Barros Filho Marta da Silveira Luedemann</i> -----	711
 Mesa 44	
Mesa 44: Ecofeminismos e transgressões: mulheres, saberes tradicionais e luta anticapitalista por um mundo sustentável	714
<i>Coordinadores: Zuim, Larissa; Nascimento Silva, Maria das Graças Silva; Alves, Hellen Virgínia da Silva³; Nespolo, Eugenia</i> -----	714
Elas Estão em Cena: A Resistência de Mulheres Camponesas No Ceará (Brasil)	715
<i>Autoras: Alexandra Maria de Oliveira; Maria Aline da Silva Batista; Adeliene Vieira de Oliveira; Thaysslorranny Batista Reinaldo; Marcilio Batista Magalhães Moura; Claudinei do Nascimento; José Ricardo de Oliveira Cassundé</i> -----	715
A representação feminina nos espaços de gestão dos recursos hídricos	718
<i>Silva, Thais Salgado; Bernardes, Maria Beatriz Junqueira</i> -----	718
 Mesa 42	
Mesa 42: Plurigeografías y diversidad de saberes y haceres de los territorios en defensa de los bienes comunes.....	721
<i>Coordinadoras: Martins Fonseca, V., Costa, M.A.M., Torrez Gallardo, M., Langhoff, M.L.</i> -----	721
Aplicación de las técnicas valuatorias colombianas a las viviendas palafíticas de Buenaventura, Valle del Cauca	722
<i>Bermudez, Maria Alejandra Castro, Juan Camilo</i> -----	722
O enfoque da Geografia Ambiental desvelando os efeitos nocivos da siderurgia em Santa Cruz (RJ).....	724
<i>Tavares, Thiago Roniere Rebouças</i> -----	724
Água: bem de uso comum fundamental para conter a pandemia da COVID-19	726
<i>Costa, Maria Angélica Maciel</i> -----	726
Parque Nacional Lanín y San Martín de los Andes: conservación, uso público y territorial.....	728
<i>Martins Fonseca, Virginia</i> -----	728

Mesa 43

Mesa 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas	731
<i>Coordinadores: Mara Duer; Debora Lima; Andrea Patricia Sosa; Juan Wahren</i> -----	731
Sesión 1: Conflictividad y acaparamiento de tierras rurales y urbanas disputas agrarias y resistencias territoriales.....	732
Acaparamiento y regulaciones. Las provincias argentinas frente a la extranjerización de las tierras	733
<i>Vazquez Alberto Daniel</i> -----	733
Acaparamiento de tierra y agua en la silvicultura del Uruguay.....	735
<i>Mauricio Bruno Ceroni Acosta</i> -----	735
Cultivos GM en Uruguay: cambios en la tenencia de la tierra.....	737
<i>Liliana Terradas; Ofelia Gutiérrez; Carlos Céspedes-Payret</i> -----	737
Agronegocio y acaparamiento de tierras en Argentina	739
<i>Lopez Emanuel Alberto Picón Grisel Emilse</i> -----	739
Sesión 2: Disputas agrarias y resistencias territoriales.....	741
Extrativismo na Floresta Estadual do Paru Políticas territoriais, acumulação por conservação e crise.....	742
<i>Leal, Daniel Nunes</i> -----	742
Crise do capital e conflitos socioambientais: avanços do agronegócio e resistências dos povos e comunidades do cerrado.....	744
<i>Lima, Debora</i> -----	744
Experiencias micropolíticas: lo comunitario en la sostenibilidad de la vida	746
<i>Lorena Angélica Higuera María Belén Alvaro Fara Macsad</i> -----	746
Modificaciones territoriales y geopolíticas extractivas en Bolivia durante el siglo XX y XXI.....	748
<i>Carla Virginia Rodas Arano</i> -----	748
Sesión 3: Disputas ambientales, minería e hidrocarburos.....	750
Disputas territoriales y extractivismo en Vaca Muerta (Neuquén, Argentina): Empresas de hidrocarburos, campesinos y comunidades Mapuche en tensión.	751
<i>Juan Wahren</i> -----	751
Vivir en una Nube de Humo: Normalización de la violencia ambiental en San Salvador.....	752
<i>Mara Duer</i> -----	752
Conflictividad minera en Chubut: una lectura en torno a resistencias socioterritoriales	753
<i>Cristian Hermosilla Rivera</i> -----	753
La construcción política de las zonas de sacrificio en la provincia de Chubut, Argentina.....	755
<i>Adrián Monteleone</i> -----	755
Sustentabilidad en la construcción social del hábitat en Argentina.....	757
<i>Baulo Darhanpé Hernán, Español Ariel Omar</i> -----	757

O crescimento da avicultura no estado do Paraná	759
<i>Azevedo, Suelen Terre de. Malysz, Sandra Terezinha.</i> -----	759

Mesa 45

Mesa 45: Ecología política e produção do espaço urbano: um diálogo necessário	763
<i>Coordinadores: Montezuma,R., Martins,F., Giannella,L., Díez,M., Cervantes,D.</i> -----	763

Metabolismo social e ruptura metabólica: natureza dos conflitos socioambientais urbanos à luz do marxismo	764
<i>Machado, Gabriela da Silva Assumpção, Thaís Lourenço</i> -----	764

Aproximaciones desde el metabolismo urbano para pensar la metropolización en la región Bogotá-Occidente	766
<i>Soler Osuna, Diana Zambrano Gómez, Brandon Stiven García Bobadilla, Nicolás</i> -----	766

Luta de classes na Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Tijuca	768
<i>Chaves, Rafael Luiz Leite Lessa</i> -----	768

Políticas de intervenção urbana na Região Portuária do Rio de Janeiro: racismo e injustiça ambiental	770
<i>Tostes, Flávia Fontes de Andrade Porto, Larissa Drummond de Moura De Paula, Jean Carlos Sambonha Moysés, Yana dos Santos</i> -----	770

Preservação do patrimônio natural e empreendimentos imobiliários – as contradições da justiça socioambiental no território urbano	772
<i>Paes, Maria Tereza Duarte Eichenberger, Vitória</i> -----	772

Gestão Costeira e Território: o Zoneamento Ecológico-Econômico - São Sebastião/SP	774
<i>Campos, Fábio Luis</i> -----	774

A produção da degradação ambiental nas cidades capitalistas: um estudo em Londrina-PR.....	776
<i>Cocato, Guilherme Pereira</i> -----	776

Novas conformações urbanas: a expansão do Eixo-Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG)....	778
<i>Sales, Bárbara Marques Sales, Denise Marques</i> -----	778

Política Ambiental Urbana: arborização como indicador do direito à cidade.....	781
<i>Oliveira, Renata Campos</i> -----	781

Análise socioespacial da população atingida por movimentos de massa na periferia da região metropolitana fluminense	785
<i>Letícia Espíndola Moussa Cristiane Nunes Francisco Filipe Brito da Rosa</i> -----	785

Proyectos ecológicos educativos autoorganizados y divisiones socio-espaciales urbanas(Ciudad-de-México,Bogotá, NuevaYork y Atenas-Grecia)	788
<i>Petropoulou, Christy (Chryssanthi), Mavrogiorgou, Stella</i> -----	788

Mesa 46

Mesa 46: Lo común: problematizaciones, definiciones y experiencias políticas en torno al territorio y la naturaleza	791
<i>Coordinadores: Rausch, G.A., Roldán, D., Astudillo Pizarro, F., Sandoval J.</i> -----	791
Los bienes comunes urbanos y el derecho a la ciudad: una revisión analítica.....	792
<i>Capdevielle, Julieta</i> -----	792
Resignificar la gestión del territorio desde el paisaje como bien común. El caso del piedemonte mendocino	794
<i>Tonda, María Marta Martín Uceda, Javier</i> -----	794
El litio: nueva frontera extractivista. Transición ecológica y conflictos socio-ambientales en el salar de Atacama	796
<i>Figuroa Sánchez, Johans</i> -----	796

Mesa 47

Mesa 47: Generación en transición: energías y territorios en América Latina	799
<i>Coordinadores: Nogar, Ada G., Jacinto, Guillermina P., Andrea Lampis</i> -----	799
Atlas Nacional Interactivo de Argentina (ANIDA) del Instituto Geográfico Nacional como herramienta básica para el conocimiento de la geografía energética del país.....	800
<i>Almirón, Analía López Calvo, Melina</i> -----	800
Análisis de la cadena eléctrica en Argentina desde el enfoque de sistemas regionales de Innovación	802
<i>Arditi, Belén; Hoyos Maldonado, Daniel</i> -----	802
Transição Energética na América Latina: o caso do Brasil	804
<i>Amaral, Leticia da Silva Martins, Maria Carla Barreto Santos</i> -----	804
De hidrocarburos y energías renovables en Argentina: consolidación de actores y expansión de redes	806
<i>Clementi, Luciana; Villalba, Sofía; Ise, Alejandra Carrizo, Silvina.</i> -----	806
Barreras y oportunidades de la producción de bioenergía en Argentina. Estudio de caso.....	808
<i>Decunto, Elías Valentin</i> -----	808
Teledetección aplicada a la valoración de zonas para la producción de biomasa de Arundo Donax.....	810
<i>Valania, María Paula</i> -----	810
Conflictos asociados al desarrollo de megaproyectos hidroeléctricos en América Latina, estudio comparativo México-Colombia	812
<i>Llamas, Ricardo M. Ali, Saleem</i> -----	812



**MESA 23: MUNDO CULTURAL COMO MOTIVAÇÕES DE RESISTÊNCIAS
E RESILIÊNCIAS CONTEMPORANEAS: PRÁTICAS E IDENTIDADES NA
PRODUÇÃO DE DOIS LUGARES E CONTRA-CULTURAS TERRITORIAIS**

Coordinadores Menezes, S. S.M, Almeida, M.G, Pantano, J. P., Moretti, E.C., Romancini, S.R, Moreira, J. F.R, Alves, F.D.

MESA 23: MUNDO CULTURAL COMO MOTIVAÇÕES DE RESISTÊNCIAS E RESILIÊNCIAS CONTEMPORANEAS: PRÁTICAS E IDENTIDADES NA PRODUÇÃO DE DOIS LUGARES E CONTRA-CULTURAS TERRITORIAIS

*Coordinadores Menezes, S. S.M¹,
Almeida, M.G²,
Pantano, J. P³,
Moretti, E.C⁴,
Romancini, S.R⁵,
Moreira, J. F.R.,
Alves, F.D⁶.*

Esta Mesa constitui-se em espaço de discussão com o intuito de promover o intercâmbio acadêmico e profissional entre as geografias latinoamericanas desde suas experiências de investigação, ensino e dialogo sobre as dinâmicas vivenciadas em uma diversidade e praticas culturais vinculadas as identidades. Temos por objetivos: Discutir as expressões consideradas como (contra) culturais na contemporaneidade; Debater as resistências e resiliências das manifestações culturais alicersadas nas identidades diversas de grupos sociais. Discutir as praticas, trajetoria e identidades da produção de alimentos pautadas por saberes e fazeres para a reprodução social dos grupos sociais nos territorios rurais e urbanos. Ao mesmo tempo, em formas de resistência e resiliência a partir de praticas que constroem territorios de expressões a partir de diferentes formas da vida cotidiana. Nesse sentido, serão considerados trabalhos que abordem diferentes manifestações culturais, sociais e micropoliticas que geram e constroem, a partir do cotidiano, alternativas às relações de poder hegemônicas. Nessa direção, serão discutidos os resultados de pesquisas concluidas ou que estejam em andamento, os aportes teoricos, as metodologias e a abrangência dessa tematica. A Mesa tematica estabelece, portanto, um espaço de discussão sobre olhar plural acerca das praticas culturais invisibilizadas e subalternizadas, expressões (contra) resistências e resiliências contemporâneas nos territorios rurais e urbanos como objeto de estudo essencial nas ultimas decadas nas escalas local, regional e global.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS) Brasil

² Universidade Federal de Goiás(UFG) Brasil

³ Universidad Nacional de Córdoba (UNC) Argentina

⁴ Universidade Federal da Grande Dourados(UFGD) Brasil

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT) Brasil

⁶ Universidade Federal de Alfenas-Minas Gerais (UNIFAL) Brasil



TEMA: GEOGRAFÍA RURAL E A DECOLONIALIDADE

RESUMEN 1: N°4069: EL PAISAJE RURAL DEL DISTRITO DE SÃO JOÃO DO OESTE, EN CASCAVEL-PR Y LAS REPRESENTACIONES SOCIOCULTURALES DE LOS UCRANIANOS EN EL PAISAJE

Tipo de presentación: Poster

Pinto, Sergio Ricardo Aurélio⁷

Brumes, Karla Rosário⁸

Este artículo presenta una breve discusión sobre la teoría de las representaciones sociales concebida por Serge Moscovici y, para que así se cumpliera, asociando este debate, a partir de estudios realizados con un grupo de descendientes de ucranianos residentes en el distrito rural de “São João do Oeste”, en el municipio de Cascavel-PR.

Las manifestaciones culturales de este grupo revelan que, a partir de este autor, individual y colectivamente, estos sujetos construyen sus representaciones sociales, las cuales tienen como génesis, sus elementos socioculturales e identitarios.

Una vez comprendido este fenómeno social, el trabajo avanza hacia la materialización de estas representaciones en el paisaje, entre las que se encuentran la presencia de iglesias, en las lápidas en cementerios, en las zonas residenciales y en diversas exposiciones culturales.

Al observar el paisaje rural del distrito de “São João do Oeste”, podemos ver que las representaciones sociales de sujetos descendientes de ucranianos, son la base de su identidad social, así como, sirvieron de soporte para las diversas materializaciones de representaciones identitarias. de inmigrantes ucranianos, que ocuparon y se apropiaron de este lugar a principios del siglo XX.

En las entrevistas realizadas a los sujetos mayores de este grupo de descendientes de inmigrantes, se puede constatar que a principios del siglo XX, en la comunidad rural “Rio das Antas” (perteneciente al distrito de “São João do Oeste”), fueron conventos de hermanas ucranianas, colegio donde ellas enseñaban, hospital, farmacia, comercio de mercería y tiendas de abarrotes, que con el tiempo, debido a los violentos procesos de expropiación de la tierra, se produjo un vaciamiento demográfico y, en la actualidad, restos de algunos de los estos edificios, aún manteniendo la antigua y primera iglesia construida por estos inmigrantes.

Entre los lugares analizados, el cementerio local es muy importante, porque además de contar con las lápidas de familiares ucranianos, también se convierte en un espacio de memoria y representación socio-identitaria de este grupo, que en determinadas fechas, sus descendientes que aún son residan o que ya no vivan en este distrito, se unan.

En la ocasión de estas reuniones, hay espectáculos culturales religiosos ucranianos, así como, es posible encontrar sujetos que hablen el idioma de origen de sus antepasados.

Fue en una de estas ceremonias donde se pudo identificar a los sujetos que fueron asesinados por los pistoleros, por orden de las familias terratenientes y por motivos de tenencia de la tierra.

El pasado revelado en estas representaciones también denota violentos procesos de expropiación agrícola, en los que muchos de estos campesinos fueron asesinados y expulsados de sus tierras, obligándolos a migrar hacia el casco urbano de Cascavel.

⁷ Estudiante de doctorado en Geografía a través de la Universidade Estadual do Centro-Oeste –UNICENTRO, sergiollau@hotmail.com;

⁸ Profesora doctora vinculada en la Universidade Estadual do Centro-Oeste –UNICENTRO, kbrumes@hotmail.com;

En cuanto a los descendientes de ucranianos que hoy residen predominantemente en el barrio de “São Cristóvão” en el área urbana de Cascavel, además de tener la iglesia como un espacio para socializar y representar sus elementos de identidad, también tienen una escuela privada, cuya escuela El plan de estudios tiene prácticas artísticas y artesanales y la enseñanza del idioma de origen. También organizan un calendario anual, con fechas programadas para diversas actividades socioculturales, en las que sus grupos folclóricos de música, danza y gastronomía ofrecen espectáculos culturales a toda la comunidad.

Cabe recordar que la mayoría de estos sujetos que residen en el área urbana, tienen familiares que aún viven en la comunidad rural del distrito de “São João do Oeste” y que tanto en las actividades religiosas que tienen lugar en la iglesia principal, ubicada en el barrio “São Cristóvão”, en cómo, en las fiestas de los muertos en el cementerio de la comunidad “São Pedro” del distrito “São João do Oeste”, estos descendientes se encuentran, cuyos momentos, reviven hechos pasados, cuentan historias, comparten sentimientos y emociones, lo que refuerza aún más el sentido de identidad grupal de estos sujetos.

Otro elemento importante es que incluso las más jóvenes (principalmente del género femenino) continúan realizando prácticas aprendidas, las cuales fueron enseñadas por el país, tíos y abuelos, tanto en la cocina (como producción de alimentos típicos), como en la artesanía de pinturas, bordados y producción de “*pêssankas*”.

Para desarrollarnos este trabajo, la investigación también se basó en Berger y Luckmann (1985), Castells (1990), Sauer (1998), Claval (2001) y Bonnemaïson (2002). Es importante señalar que estas materializaciones también se pueden encontrar en los municipios de Braganey, Corbélia, Catanduvas, ya que la presencia de ucranianos en esta extensión geográfica, es anterior a la creación de estos municipios y, por tanto, a partir de los análisis documental e icnográfico. encontrados en los departamentos públicos de Cascavel, así como, a partir de entrevistas con miembros de las familias Chastalo, Zdebisk y Cachuba, se concluye que tales materializaciones en el paisaje, las representaciones identitarias y las representaciones sociales de estas temáticas fueron históricamente construidas para los descendientes de inmigrantes ucranianos, mostrando importantes fuentes de análisis socioespacial.

Podemos considerar, por tanto, que el paisaje rural del distrito rural de “São João do Oeste” está inundado de representaciones socioculturales de estos inmigrantes, ya sea en las construcciones de casas, templos, en los nombres de lugares y que sirven como un testimonio histórico de la construcción social de estos inmigrantes.

Palabras clave: ucranianos, paisaje, representaciones culturales, identidad

RESUMEN 2: N°1400- PAMPA GAÚCHO E URUGUAIO: AS RESISTÊNCIAS AGROECOLÓGICAS FRENTE AO AGRONEGÓCIO

Tipo de presentación: Ponencia

Cunha, Alecsandra Santos⁹

Sandova, Ana Dominguez¹⁰

O modelo hegemônico do agronegócio, blindado pelo Estado Neoliberal, influencia a economia mundial e atua diretamente nos territórios rurais, baseado em pacotes tecnológicos, torna-se econômica e ambientalmente insustentável. Assim, a Agroecologia ocupa um lugar de enfrentamento ao agronegócio, pois as experiências de resistências agroecológicas forjam territórios rurais na busca por outra forma de produzir e viver no campo, tornando-as protagonistas na luta pelo direito de se reproduzirem socialmente, mesmo e apesar da inviabilização da agricultura familiar.

Uma família brasileira (Campanha Gaúcha), uma família uruguaia (Canelones), e seus modos de vida foram o cerne desse trabalho. Tradicionalmente produtoras familiares, andam na contramão do mercado hegemônico de produção alimentar. Dessa forma, perguntamos: quais as práticas utilizadas pelas duas famílias que as levam à resistência? O objetivo da pesquisa foi compreender as experiências de resistência na transformação da realidade, fundamentada nos preceitos da Agroecologia como alternativa ao agronegócio.

A pesquisa primou pela abordagem qualitativa, por entender que se baseia em subjetividades, empregou o Tipo Ideal de Weber, que se caracteriza como um meio metodológico no qual são criadas tipologias puras, analíticas, baseadas em conceitos. Nesse caso, foi construída uma Família Camponesa Agroecológica ideal, base de confrontação com a realidade das famílias envolvidas, para serem feitas as aproximações e distanciamentos, a partir de características que apresentam em sua organização. Para isso, fizemos campos de imersão com participação ativa nas atividades familiares, técnicas de metodologias participativas, caderno de campo, cartografia social etc.

A formação socio-histórica e o avanço do neoliberalismo sobre os territórios rurais contextualizam a pesquisa, garantindo o aporte teórico acerca da formação do espaço agrário das áreas estudadas. É um contexto diverso de produção e vida em que o neoliberalismo atua causando conflitos territoriais, subsidiando os modelos hegemônicos de produção e invisibilizando as outras formas de reprodução social.

Nesse cenário, a Agroecologia, meandrando pela construção conceitual, campo de conhecimento e práxis, mostra-se como alternativa possível aos modelos hegemônicos de produção impelidos pelo neoliberalismo. Sua relação com a Soberania Alimentar e Movimentos Sociais está intrinsecamente ligada à tradição camponesa e à resistência, elementos fundamentais na construção dessa realidade alternativa.

A discussão desse aporte teórico e as experiências empíricas culminaram na construção do Tipo Ideal de Família Camponesa Agroecológica, representado por uma flor (Figura 01), simbolizando a complexidade das relações. Elencamos quatro dimensões (primeira camada de pétalas), variáveis (segunda camada de pétalas) e indicadores (folhagens). Essa sistematização guia analiticamente as aproximações

⁹ Universidade Federal de Santa Maria/RS – alecsandrascunha@gmail.com

¹⁰ Universidad de la República Uruguay – dominguezana68@gmail.com

e distanciamentos das duas famílias pesquisadas com o Tipo Ideal teórico construído, possibilitando a compreensão da organização de cada uma delas no universo agroecológico, em constante conflito com a hegemonia do agronegócio.

A família Chirca Silva é brasileira, assentada pela Reforma Agrária há mais de 30 anos, uma das fundadoras da Bionatur (Cooperativa ligada ao MST), produtora de sementes agroecológicas para comercialização, além da produção diversificada para autoconsumo. Apresentou diversos aspectos de aproximações com o Tipo Ideal, sobretudo nas dimensões política – como parte de movimentos sociais, cooperativas etc. – e, sociocultural – como alimentação regional e diversificada, relações comunitárias, relação com a terra para além da produção etc. –, corroborando suas tradições camponesas. Contudo, a família mostrou muitos distanciamentos nas dimensões econômica – como falta de integração ao mercado, ausência de cadeias curtas de comercialização, acesso à crédito limitado etc. – e ambiental – como produção em larga escala, insumos externos etc.

Os distanciamentos observados estão profundamente relacionados à estrutura agrária brasileira, elitista e concentradora, que pressiona a agricultura familiar de diversas formas. O avanço de monoculturas no Pampa Gaúcho causou danos irreversíveis na produção de sementes agroecológicas da família, obrigando-a a converter parte da terra em arrendamento temporário para produção de soja, como meio de manutenção da base material familiar. Além disso, os distanciamentos foram aprofundados pelas políticas austeras do Governo Temer com relação à agricultura familiar. Enquanto as aproximações estão mais ligadas às tradições enraizadas, à crença de que um outro mundo é possível, alimentando a esperança por dias melhores.

As folhagens referentes aos indicadores, que permanecem claras, sustentam as aproximações e aquelas sobrepostas com manchas verdes, identificam os distanciamentos, entre a realidade e o ideal. Ou seja, quanto menos manchas, mais próximo ao Tipo Ideal (Figura 02).

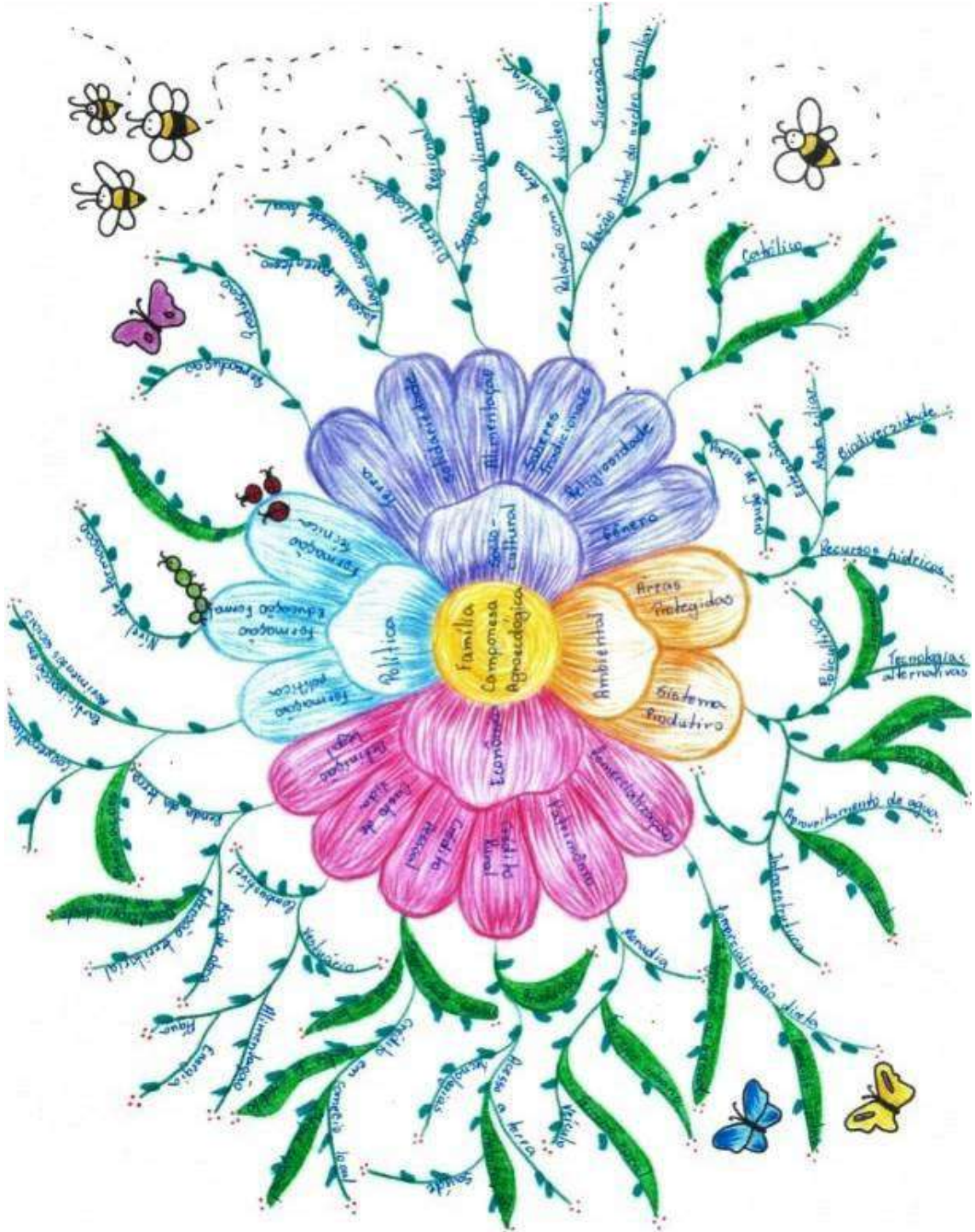
A Família Chirca Pérez é uruguaia, colona há mais de 30 anos, produtora de hortaliças frescas e ervas aromáticas secas, fundadora da cooperativa que organiza a produção e comercialização desses produtos, além da produção diversificada para autoconsumo. Apresentou poucos distanciamentos na dimensão sociocultural, ao contrário do que geralmente se encontra no universo camponês, não há ligações religiosas e a família funciona dentro de um sistema matriarcal, além da dimensão econômica como créditos rural e urbano limitados.

Por outro lado, as aproximações foram muitas. A maior parte dos aspectos do modo de vida camponês é mantida, a tradição camponesa é essência nessa realidade. O engajamento em movimentos sociais e coletivos de mulheres garantiu formação política, que possibilitou uma boa organização financeira, levando à fundação de uma cooperativa, consolidada e garantidora da base material familiar. A reflexão acerca do tema ambiental manteve áreas de proteção ambiental no terreno e manejo do sistema produtivo 100% agroecológico, mesmo não havendo legislação específica. (Figura 03).

O cenário vislumbrado é de luta e resistência contínua, que hora avança e hora retrocede, constituindo territórios contra-hegemônicos. A resistência camponesa agroecológica forja suas lutas com estratégias diversas, centradas na reprodução social, contudo, necessita de políticas públicas que intervenham no avanço do agronegócio sobre os territórios camponeses, devido, sobretudo, ao seu poder político e econômico.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura Familiar Camponesa. Resistência.

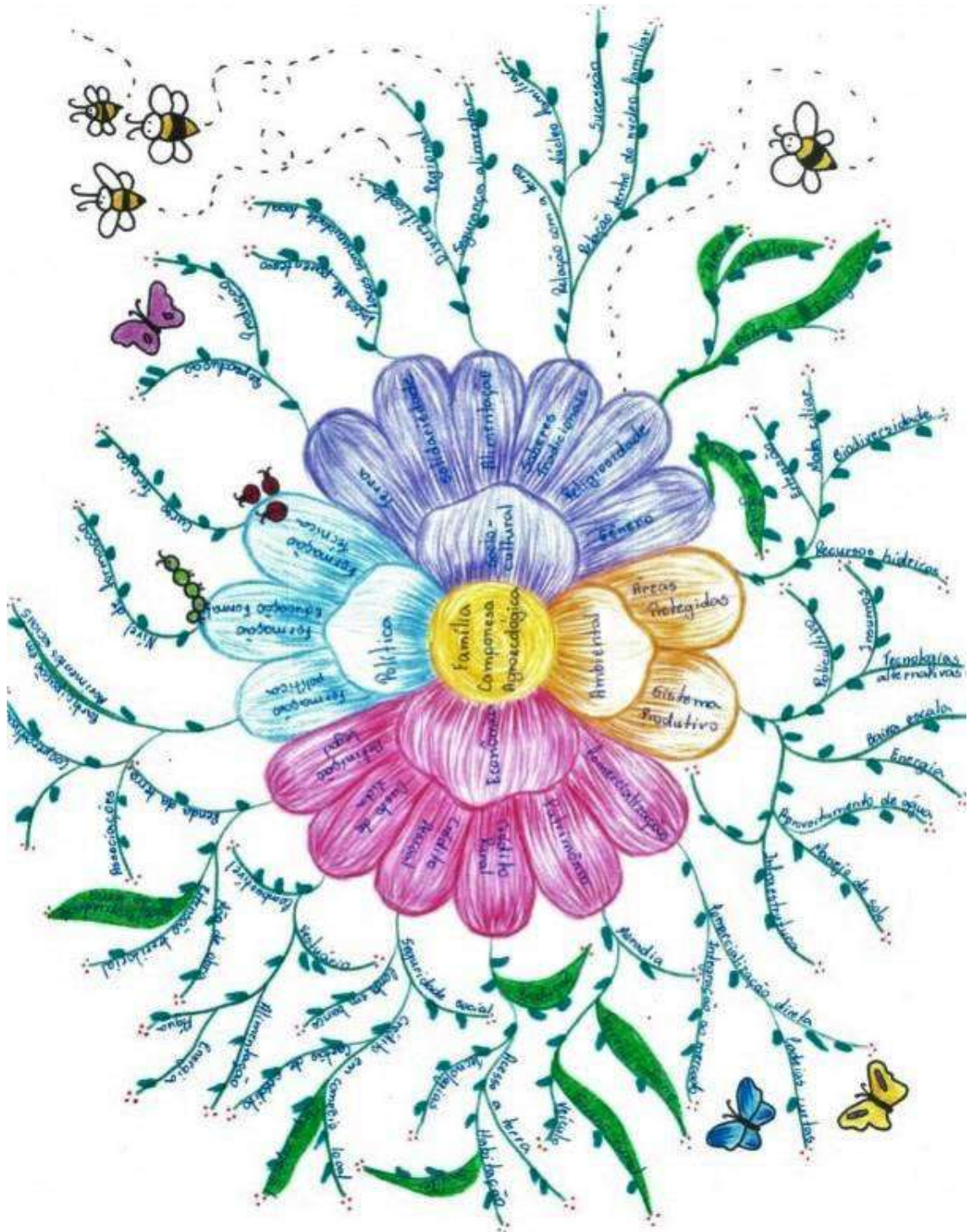
Figura 02 - Sistematización Analítica da Família Camponesa Agroecológica Chirca Silva.



Criação e org.: Alecsandra Cunha – mar./2018.



Figura 03 – Sistematización Analítica da Família Camponesa Agroecológica Chirca Pérez.



Criação e org.: Alecsandra Cunha – mar./2018.

RESUMEN 3: Nº 1245 - A TERRITORIALIDADE DO BAIRRO RURAL NA MANUTENÇÃO DE MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CAIPIRA

Marcelino, Denise de Camargo¹¹

Mariano, Neusa de Fátima¹²

Resumo

O seguinte trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento no programa de pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos, tendo como enfoque as manifestações culturais como produtoras do espaço. É cada vez mais crescente o movimento dialético de resistência e coexistência de diferentes temporalidades na disputa de apropriação/dominação do território. Para apreender o fenômeno, partimos da análise realizada no bairro rural dos Camargos, para identificar as mudanças da vida moderna em seu meio, considerando que a área pertenceu ao antigo cinturão caipira do Estado de São Paulo no século XIX e hoje se insere na Região Metropolitana de São Paulo, sofrendo influências da expansão urbana através da mobilidade do trabalho, da disposição de serviços urbanos e do avanço do setor terciário no turismo, modificando a dinâmica espacial nas áreas rurais. Atualmente é possível encontrar a valorização do espaço remodelando as atividades econômicas e relações sociais no mundo rural, ao mesmo tempo em que é possível encontrar permanências de temporalidades provenientes de formações anteriores, refletindo-se através do aspecto cultural.

Tendo em vista que a área de pesquisa é predominantemente rural, o estudo buscou registrar o processo de expansão da vida urbana e como os elementos da vida moderna estão sendo incorporados na produção espacial, alterando a perspectiva das práticas culturais de uma comunidade na vida de bairro. Portanto, o estudo tem como objetivo identificar quais práticas culturais provenientes da cultura caipira se fazem presentes diante da reorganização espacial e quais permanências podem ser registradas quanto ao espaço simbólico, na manutenção de territorialidades através da organização do bairro rural, sendo o bairro rural estritamente vinculado ao desenvolvimento da cultura caipira. As contradições do uso do espaço nas áreas periféricas fornecem meios para repensar o planejamento e intervenções como ferramentas valiosas para um reconhecimento de práticas culturais na produção de territorialidades como essenciais na apropriação do território pelo seu valor de uso. Levando em consideração que a área de estudo é composta por áreas ambientalmente protegidas, requer suscitar o aspecto cultural que permeia a produção do espaço, afirmando a importância de determinados grupos na sua conservação, bem como a necessidade de garantir a sua permanência nesses territórios.

A partir de uma abordagem dialética, utilizamos o método regressivo-progressivo a fim de compreender a historicidade da área de estudo e seu desenvolvimento nos dias atuais frente às transformações espaciais, delineando as mudanças e permanências. O recorte espacial partiu da análise do bairro rural Camargos inserido no município de Jujuitiba-SP e na Região Metropolitana de São Paulo para considerar as influências regionais sobre o local e de novas demandas que se espraiam para as áreas

¹¹ Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos. Contato: denisedcmarcelino@gmail.com.

¹² Professora Doutora do curso de Licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos. Contato: neusa@ufscar.br.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

rurais. Realizamos um levantamento bibliográfico sobre a temática e sobre a área de estudo para complementar os dados recolhidos sobre habitação, rendimento, disposição de infraestrutura urbana. Em outro momento foram realizadas visitas de campo para acompanhar o bairro durante os anos de 2017 a 2020, lançando mão da técnica de história oral registrando as falas dos moradores do bairro a fim de recuperar a história pela memória, para entender como o lugar é visto em função da identidade e de pertencimento. Para embasar o estudo, utilizamos do conceito de territorialidade que expressa o território simbólico-cultural enquanto recurso de identificação de determinado grupo, servindo de mediação nos vínculos que os sujeitos criam com o lugar, revelando disputas pelo domínio do território. A especificidade da configuração socioespacial do bairro rural, ao não ser atingido totalmente pela urbanização, é um testemunho de uma temporalidade diversa, sendo dialeticamente, produto direto das desigualdades da vida moderna. A sociabilidade encontrada no bairro traz elementos de uma antiga organização sociocultural através de manifestações culturais vinculadas à religiosidade popular expressa na Festa de Santos Reis. Adaptando-se de forma singular aos movimentos globais, a festa insere elementos da vida urbana para perpetuar suas práticas culturais. Ainda que reduzida, as manifestações culturais se fazem presentes, amparadas sobretudo, a partir da comunidade organizada na vida de bairro, sendo essa espacialidade crucial para a manutenção de relações sociais e do modo de vida. A tendência de dissolução das antigas organizações socioespaciais encontra barreiras no próprio sistema globalizante: a modernização por ser incompleta, não consegue capturar todas as dimensões da vida, espaço e tempo, sendo assim, os lugares são marcados por especificidades refletindo sua identidade cultural e histórica, que não é passível de ser assimilada em sua totalidade. Portanto, temos o bairro rural caracterizado pelo sentimento de pertencimento, de auxílio mútuo e reuniões periódicas para atividades lúdico-religiosas com base na cultura caipira resistindo e se adaptando em um processo de transformação do tempo-espaço. A discussão sobre a criação de territorialidades pautadas em usos contra hegemônicos do espaço que fogem à racionalidade de controle do espaço por uma lógica de reprodução capitalista e o reconhecimento da existência das práticas culturais como produtoras de espacialidades, é essencial para promover justiça social e possibilitar aos indivíduos a coexistência de diferentes temporalidades no espaço.

Palavras-chave: Bairro rural, Territorialidades, Cultura caipira, Cultura popular

RESUMEN 4: Nº 3302 - AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR PARA O FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA

Tipo de presentación: Ponencia

Ferro, Josefa Adriana Cavalcante¹³

Resumo

O escrito versa sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), cujo objetivo é analisar as contribuições do Programa Nacional de Alimentação Escolar para o fortalecimento da agricultura familiar camponesa, no município de Palmeira dos Índios/Alagoas/Nordeste brasileiro. A mesma se apoiará na metodologia de cunho qualitativa, utilizar-se-á das categorias agricultura familiar camponesa, políticas públicas e o território como categorias de análise na Geografia, que bem expressa a sociedade e a complexidade das relações sociais, assim como as relações de poder. Para auxiliar na compreensão da realidade empírica, os estudos de Haesbaert (2004) e Raffestin (1993) como aporte teórico para contribuir com a realização de uma leitura analítica sobre as relações de poder vivenciadas pelos agricultores familiares camponeses em seus territórios no espaço rural.

O PNAE é uma das políticas públicas mais antigas do Brasil, com mais de 60 anos de existência, tendo o objetivo de suprir as necessidades nutricionais e contribuir no desempenho educacional dos alunos. Mantido pelo Ministério da Educação, com execução e gerência do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), ao longo de sua história acumulou avanços relevantes e tornou-se referência para outros países. Atualmente, é considerado um dos maiores programas na área de alimentação escolar no mundo e é o único com atendimento universalizado (FNDE, 2020).

Em seu contexto histórico o programa tem seu nascedouro, nos anos de 1920, com as discussões sobre alimentação escolar (merenda escolar). Peixinho (2011), ressalta que nesse período inicial dos debates, é relevante mencionar a atuação do “Instituto de Hygiene”, os diálogos vão se fortalecendo, com eventos, apresentações de pesquisas, como o trabalho do geógrafo e médico Josué de Castro, “A Geografia da Fome”, em 1946, que apresenta um diagnóstico do mapa da fome no Brasil.

Ocorreram várias alterações no Programa durante as sucessivas décadas de execução e, para além da preocupação com a suplementação alimentar, surgem novas problemáticas relacionadas às questões de obesidade e sobrepeso, presentes entre crianças e adolescentes. Triches (2010), ressalta que o PNAE procura equacionar tais questões por meio de esforços e acompanhamento da oferta de alimentos saudáveis, com vistas a Segurança Alimentar e Nutricional dos discentes, seguindo as diretrizes de uma alimentação saudável e valorizar os hábitos alimentares enraizados na cultura local.

Considerando as diversas mudanças, reformulações em que o programa passou, o PNAE também promoveu uma importante reforma que veio beneficiar, os agricultores familiares camponeses, fato ocorrido em 2009, com a promulgação da Lei 11.947, que em seu Art. 14, estabelece as diretrizes que garante, no mínimo 30% dos recursos repassados pelo FNDE, para a compra de gêneros alimentícios oriundos da agricultura familiar camponesa e assentados da reforma agrária, priorizando as comunidades tradicionais e suas organizações sociais.

¹³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: josefaadriana40@gmail.com

A Lei também prescreve sobre uma alimentação que respeite a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis. Assim, a produção e consumo dos gêneros alimentícios produzidos localmente, a princípio, estão conectados ao contexto sociocultural dos alunos. Nesse diálogo vem a colaboração de Menezes (2013, p. 124) ao enfatizar que “[...] a produção [deve] está entrelaçada pelas relações de proximidade entre os produtores e os consumidores em relação ao produto, fruto de apreciação e valorização [...]”.

Estudar esse programa nos impulsiona para compreender a repercussão no modo de vida e na reprodução social dos agricultores familiares camponeses, assim como qual é o rebatimento na economia local. Neste interim, a pesquisa advém de observâncias realizadas no município de Palmeira dos Índios/Alagoas/Nordeste brasileiro, no qual há o predomínio da agricultura familiar camponesa, que em seu contexto histórico produz para o autoconsumo e também direciona parte da produção para a comercialização nos circuitos curtos como a venda nas feiras livres.

A implementação desta política pública inseri os agricultores familiares no processo de produção de alimentos saudáveis e também aproxima os discentes de sua realidade identitária, pois os alimentos produzidos possuem uma relação com o território no qual estão inseridos. Também contribui com a geração de renda para esses atores sociais, bem como o fortalecimento em suas lutas pela permanência na terra.

O PNAE, sempre vislumbrando mudanças para a melhoria da alimentação escolar e a preservação de hábitos alimentares por está consolidada a descentralização, traz em seu arcabouço o incentivo ao comércio local e a produção de alimentos oriundos da agricultura familiar camponesa, para tal traz-se a corroboração de Coca (2016, p.105), ao considerar que “as compras públicas podem contribuir para a correção de algumas das desigualdades econômicas e sociais geradas pela economia de mercado, beneficiando grupos de produtores que não possuem condições de competir em igualdade com as grandes empresas capitalistas”. Dessa forma, respalda o respeito para com a cultura, as tradições e os hábitos alimentares.

Palavras-chave: Política Pública, Agricultura familiar camponesa, Hábitos alimentares.

RESUMEN 5: Nº 3855 - O RURAL E O URBANO: RESILIÊNCIAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

Tipo de presentación: Ponencia

França, Cristiane Ferreira de Souza¹⁴

A Região Metropolitana de Fortaleza – RMF, destaca-se entre as principais concentrações urbanas do Brasil, e foi criada em 1973 no contexto de institucionalização das primeiras regiões metropolitanas em território nacional. Conta atualmente com 19 municípios: Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Eusébio, São Gonçalo do Amarante, Horizonte, Maranguape, Aquiraz, Pacatuba, Pacajus, Cascavel, Itaitinga, Guaiúba, Chorozinho, Pindoretama, Paracuru, Paraipaba, Trairi e São Luiz do Curu. A RMF, é no Ceará, o principal *locus* de acumulação de capital, produção de riquezas, concentração populacional, mas também nela se acumulam desigualdades sociais. Destaca-se que seus municípios estão inseridos no processo de metropolização de maneira diferenciada, guardando distintos graus de integração, e levando-se em conta os efeitos da globalização no espaço cearense e suas variadas características de ordem natural, social, econômica e cultural. De um modo geral, podemos afirmar que ocorrem diferenciações estruturais no desenvolvimento socioeconômico que envolve a consolidação das regiões metropolitanas. Isto porque estas guardam, por um lado, especificidades vinculadas ao seu lugar na divisão do trabalho na contextura global, e, por outro lado, mesmo em nível interno, elas não são homogêneas, exprimindo distintos graus de integração metropolitana, como é o caso dos municípios que compõem a RMF. Destacamos os municípios metropolitanos de Aquiraz e Pindoretama que guardam especificidades tanto ao nível de integração alcançado por cada um no contexto desta Região Metropolitana, quanto no que diz respeito aos processos históricos que os configuraram. Historicamente, destacam-se na produção canavieira no litoral leste cearense, o que pode ser constatado pelas marcas deixadas na paisagem que datam de um período de maior dinamismo vinculado à produção de rapaduras e aguardente, mas que ainda hoje apresentam-se no cotidiano da população. Ambos municípios, guardam, ainda hoje, características rurais em meio ao avanço das atividades ligadas aos setores da economia urbana, não se enquadrando na perspectiva de uma agricultura modernizada, propriamente dita, predominando, sobretudo, atividades agrícolas familiares que convivem ao mesmo tempo com as transformações decorrentes das dinâmicas engendradas com o avanço da urbanização oriundas da metrópole, Fortaleza. Dessa forma, são espaços que se caracterizam por mostrarem, por um lado, a presença de atividades agropecuárias, com tradição na produção agrícola de subsistência, como, por exemplo, as culturas de mandioca, feijão e, ainda, a de cana-de-açúcar. Por outro lado, são espaços que se caracterizam também por comportarem uma dinâmica socioespacial com a mercantilização de antigas terras agrícolas pela especulação imobiliária vinculadas à implantação crescente de serviços vinculados ao lazer e ao turismo, de tal modo que se visualiza uma marcante transformação no uso do solo, com a produção de segundas residências e condomínios residenciais, que, cada vez mais, ocupam os espaços anteriormente voltados para atividades agropecuárias. Se observa, ainda, no cotidiano da população que habita os referidos municípios, hábitos que os coadunam, ao mesmo tempo, com modos de vida rural e urbano, e que possivelmente estão vinculados à proximidade da Metrópole. Culturas como a da cana-de-açúcar, e também do caju, que historicamente ocuparam parte da zona

¹⁴ Universidade Estadual do Ceará – UECE; cristiane.franca@uece.br.

litorânea, que hoje integra a RMF, estiveram diretamente vinculadas à reprodução da vida dos sertanejos e à produção do espaço cearense, constituindo um desafio no sentido de se entender o que representaram e ainda representam nesse novo contexto marcado pelo processo de urbanização em sua vertente metropolitana. Esse resumo tem por objetivo destacar as resiliências da cultura agrícola existente nos Municípios metropolitanos de Aquiraz e Pindoretama, com foco na produção da cana-de-açúcar. Como procedimentos metodológicos realizamos revisão de literatura, concomitantemente a produção de um banco de dados estatísticos sobre a produção agrícola dos Municípios elegidos para nossa pesquisa e trabalhos de campo nos anos de 2014 e 2016. Constatamos que em Aquiraz e em Pindoretama, ainda é expressiva a área produtiva vinculada a essa cultura. Não obstante esta constatação, no entanto, Aquiraz, em especial, se caracteriza também por ser um dos municípios metropolitanos mais urbanizados, denotando um grau de urbanização de 92,37%, o que é procedente, em parte, da valorização do litoral cearense, como espaço de turismo e de lazer, e sua proximidade com Fortaleza, local de trabalho de muitos de seus moradores. Não é à toa que esse Município estabelece um nível de integração médio no ranque dos municípios da RMF, inserindo-se em termos político, econômico e financeiro em distintas escalas contando com equipamentos e serviços voltados ao lazer e ao turismo que foram para ele atraídos. A existência desses fixos desencadeou, também, relações mais intensas com Fortaleza, estabelecendo-se um processo de mobilidade cotidiana. Pindoretama, por sua vez, expressa um grau de urbanização considerado baixo, 60,38%, e, por consequência, um grau de integração metropolitano também baixo. Ao contrário de Aquiraz, que integra a RMF desde 1973, Pindoretama só foi incluído em 2009. Embora se caracterizando como um município menos urbanizado, foi possível constatar transformações no uso da terra, pois espaços antes usados para a produção de cana-de-açúcar hoje dão lugar a empreendimentos imobiliários. A transformação do uso da terra e a igualização do espaço parecem constituir uma consequência desse processo. Em Pindoretama, apesar de menor quantidade em relação a Aquiraz, é possível se constatar, ainda a edificação de casas de veraneio. Em trabalhos de campo realizado em Pindoretama observamos casas modernas ao lado de antigas residências rurais e que remontam ao período do apogeu da cana-de-açúcar. A coexistência de uma dinâmica rural-urbana não se expressa apenas na paisagem, mas também no cotidiano dos moradores de Aquiraz e Pindoretama, porquanto as comunidades dos municípios estudados já expressam esse fenômeno, a exemplo da presença em suas casas do velho fogão de lenha ao lado do fogão elétrico e do uso do pote (para armazenar água de beber) do lado da geladeira, hábitos que guardam certo hibridismo. A cana-de-açúcar ocupou historicamente papel de destaque no processo de conformação socioespacial dos municípios metropolitanos aqui enfocados. Ainda hoje, essa relevância pode ser comprovada pela resistência e resiliência dessa cultura em ambas as localidades, mesmo que, em menor escala, fato constatado pela permanência das chamadas engenhocas, em grande parte localizadas na CE-040 e que assumiram outros conteúdos contemporaneamente.

Palavras-chave: Resiliência da agricultura; Urbano-Rural; RMF; Cana-de-açúcar; Hibridismo.

RESUMEN 6: N° 1804 - AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E A FEIRA DE MUCUGÊ: TERRITORIALIDADES E SABERES

Tipo de presentación: Ponencia

Oliveira, Débora Paula de Andrade¹⁵
Menezes, Sônia de Souza Mendonça¹⁶

Introdução

As reflexões acerca da alimentação na atualidade podem ser empreendidas no âmbito de diversos campos do saber. Quando esse diálogo é feito no contexto geográfico, é possível pensá-la como um fenômeno político, sociocultural e identitário enraizado no território.

Em face disso, o estudo aborda uma reflexão sobre a agricultura familiar camponesa e a feira semanal de Mucugê, Chapada Diamantina – Bahia. As mulheres e homens do campo constroem em suas práticas cotidianas, territorialidades que viabilizam o trabalho e a produção de alimentos na terra, lida como condição fundamental da existência e reprodução desses coletivos.

Na feira, realizada semanalmente na cidade, os alimentos da lavoura camponesa, tais como hortaliças, feijão, arroz, mandioca, frutas são comercializados nas barracas, pelos agricultores familiares camponeses locais junto com os comerciantes de outros municípios para aproveitar o fluxo e o movimento originado na realização da feira dessa cidade.

A pesquisa pauta-se numa perspectiva qualitativa de análise que se aproxima da fenomenologia. Buscou-se analisar, à luz das tessituras teóricas acerca das territorialidades (HAESBAERT, 1997; ALMEIDA, 2018), feiras (MENEZES, 2009; ZANINE; SANTOS, 2017) e agricultura familiar camponesa os conteúdos sociais presentes na comercialização de alimentos.

Territorialidades e saberes da agricultura familiar camponesa na feira

A diversidade da lavoura camponesa pode ser celebrada no contexto da feira semanal realizada na cidade, onde se realizam as trocas, pautadas no comércio e no encontro, pois a feira anima o cotidiano da cidade. Trata-se de um espaço pleno de significações e sociabilidades diversas: das relações de pertencimento e compadrio entre os sujeitos das comunidades rurais do município, que trabalham diretamente com a produção dos alimentos que comercializam em suas barracas, até as relações de estranhamento e desconfiança em relação aos sujeitos das barracas dos ‘de fora’, comerciantes que cumprem o papel de atravessadores ou que vem de municípios vizinhos.

Apesar da feira ser convencional, observa-se uma preferência dos consumidores por aquelas barracas dos agricultores locais, de “[...] gente que é do conhecimento da gente, porque a gente sabe que é outra qualidade, que é melhor do que esses produtos que vem de fora” (Informação verbal).

Exemplo disso, são as barracas de venda de refeições tradicionais na feira, que alimentam os trabalhadores e consumidores da cidade e do campo. Para a elaboração do godó, por exemplo, as bananas verdes e os temperos frescos utilizados como ingredientes desse alimento tradicional da Chapada Diamantina, são adquiridos na própria feira local. Nos dizeres de uma entrevistada: “É tudo fresquinho, tudo do dia, que é para a comida ficar melhor!” (Informação verbal).

A feira configura-se como um espaço alheio ao território da unidade familiar camponesa, repleto de estra-

¹⁵ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Geografia PPGeo-UFSdeborapaulageografia@gmail.com

¹⁶ Profa do Programa de Pós Graduação em Geografia –PPGeo-UFS soniamendoncamenezes@gmail.com

tégias e simbologias tácitas. Heredia (2013) tece uma análise pautada no gênero a respeito da organização da produção familiar no momento da comercialização. Considerado como um espaço público, a feira é, conseqüentemente, um espaço masculinizado, onde se priorizam as negociações, geralmente conduzidas pela figura masculina. Um aspecto que chama atenção, é que durante as realizações das pesquisas *in lócus*, observou-se que mesmo quando a conversa era direcionada à mulher, o homem, que estava próximo, geralmente o marido ou filho, atravessava a fala feminina.

Tais questões de gênero estão presentes em diversos contextos sociais. Além do trabalho familiar na feira, as atividades desenvolvidas pelo grupo familiar no sítio garante “[...] o sustento da gente” (Informação verbal) como bem disse uma feirante e agricultora familiar camponesa entrevistada. Além da manutenção das necessidades do grupo familiar, essa forma de produzir e viver da terra que constituem a campesinidade (WOORTMANN, 1990) assume relevância também para as sociedades urbanas que tem acesso a alimentos locais, produzidos de forma limpa e saudável.

O comércio da produção familiar na feira se torna um canal de diálogo entre as famílias produtoras e consumidoras dos alimentos, o que, com o passar do tempo, permite a criação de laços de confiança e amizade.

Embora em pequena escala, a maneira como esses sujeitos sociais produzem alimentos em suas propriedades expressa confiança e qualidade, tendo em vista que o agricultor e a agricultora familiar camponês/a conhece e si reconhece em cada etapa do cultivo: do preparo da terra, ao plantio, abrange da colheita até o comércio na feira.

A garantia de qualidade no alimento adquirido na feira é balizada pela relação de confiança e amizade entre agricultores/as e a os/as consumidores/as urbanos. Trata-se de um elo firmado espontaneamente ao longo das trajetórias de vida e encontro de sujeitos sociais do campo e da cidade, que se aproximam no dia de feira. Apesar dos tensionamentos estruturais do campo, dominado pelo agrohídronegócio no município, a produção de alimentos nas lavouras camponesas têm, cotidianamente evidenciado sua relevância ao alimentar, com comida de verdade, a população.

As práticas de trabalho na terra são orientadas por saberes transmitidos no âmbito familiar. Além de ser benéfica para a família que trabalha diretamente no roçado, essa forma de produzir precisa ser multiplicada pois tem uma relevância significativa para a toda a sociedade.

Esse é o sentido da comida de verdade, aquela em que se conhece e confia em quem produz e na forma como é produzida, muito distante dos compostos e processos agroindustriais, provenientes da modernização da agricultura, estranhos aos ciclos da natureza e cada vez mais presentes na alimentação cotidiana, considerada moderna.

Palavras-chaves: Agricultura familiar camponesa. Alimento. Feira. Territorialidade.

RESUMEN 7N ° 652 - ASSENTADOS, SUBALTERNOS. QUAL A VIA PARA A DECOLONIALIDADE?

Almeida, Maria Geralda de¹⁷

Tipo de presentación: Ponencia

Nesta comunicação, pretende-se analisar a condição dos assentados dos Projetos da Reforma Agrária no Nordeste de Goiás. Interessa-nos, sobremaneira, a contextualização dos assentados, isto é, a existência das identidades subalternas, com o intuito de entender como elas foram e são silenciadas. Além disso, discutiremos alguns casos das manipulações empregadas pelo Estado com políticas insuficientes e insatisfatórias para os assentamentos e as alternativas de resistências criadas pelos subalternos. De acordo com Benjamin (1994), fica claro que a tradição dos oprimidos não tem registro, e ele provoca a discussão no intuito de trazer à tona o ponto de vista dos vencidos, ou seja, aqueles invisibilizados pela história oficial. Na perspectiva decolonial se procura a reafirmação do potencial emancipatório dos movimentos sociais pelas demandas materiais, como a redistribuição de terras, e também a dimensão social, cultural e étnica, bem como em suas formas diferenciadas e coletivas de uso dos bens naturais comuns. Em se tratando do assentado ele é subalterno; ele é o “outro”, por sua exclusão que se revela na ausência de políticas sociais para todos e/ou exclusão dos planos desenvolvimentistas. No caso do sujeito, Giddens (2002) afirma que a identidade é formada e transformada continuamente. A identidade pode ser um instrumento da exclusão como discutiremos aqui, por ser “assentado” e/ou “um agricultor”. Questões de identidade são a chave para entender as condições sociais dos assentados. Para Dube (2009, p. 256), “a noção do subalterno podia adquirir os atributos de uma entidade singular e homogênea, e por outro lado, expressado como uma categoria crítica, o subalterno. Identidade, segundo Castells (1999), é definida historicamente. Isso vale ser posto para se entender os assentados constituídos de uma massa de agricultores desterritorializada, a qual impõe uma parcela de terra para sua reterritorialização, embora desprovida de todos recursos e subalternizados. Como subalternos e pobres os assentados estão inseridos na mesma classe social, nos espaços de subalternização em que se inserem para sobreviverem, e aí encontram o cerceamento de suas vozes. A não visibilidade do subalterno torna-o desprovido de qualquer aceção de direitos, afirma Cantalice Neto (2015). Para os assentamentos rurais, vários Ministérios estão envolvidos nas propostas das políticas, planos e programas com fins econômicos, sociais e ambientais. A maioria deles é ofertada de cima para baixo, desconhecendo as necessidades prioritárias dos assentamentos, porém, ajustada aos desejos políticos. Em tal contexto, a imposição conduz a uma sujeição, na qual os assentados aceitam passivamente o Programa proposto, a política de dominação. Para a maioria deles a submissão e a resignação são as formas de sobreviver nos assentamentos. Portanto, a ação do Estado por intermédio de suas políticas públicas merece nossa atenção. As políticas mais frequentes para assentados e comunidades tradicionais são o Pronaf – Fomento Mulher, Bolsa Família e, por um curto período de duração o Programa Bolsa Verde. No entanto, cabe contextualizar que tais políticas de inclusão social, representando um esforço de lutas sociais acumuladas ao longo de muitos anos, foram interrompidas com o governo Temer e sepultadas com Bolsonaro. Cabe repetir que os assentados foram, e são “lembrados” por políticas que não

¹⁷ Professora no Instituto de Estudos Socio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás- Goiânia, Brasil. galmeida@ufg.br

contemplam a totalidade dos assentados dos Projetos, por Programas que atendem parcialmente suas necessidades. Eles são sujeitados ao que o Estado estabelece, dadas as relações assimétricas em suas políticas. Que direito eles tinham à voz? Uma via alternativa encontrada por eles foi a sua associação. A associação é um movimento social que fortalece o assentado, que antes era individualista, criando por intermédio dela o hábito de colaboração e solidariedade. Graças à Associação, os assentados têm uma resistência e persistência no viver. Quando os subalternos lutam politicamente para criar suas próprias organizações estão, também, defendendo suas identidades, fortalecendo-se contra as formas políticas dominantes. Usar a identidade por meio de uma associação, é uma estratégia de resistência, permite o fortalecimento para que os assentados rejeitem a dominação e busquem autonomia social e econômica. Contudo, de acordo com Almeida (2019) dos 24 municípios do Norte goiano, cinco deles não possuem associações, apesar de haver neles Assentamentos e outros produtores rurais. Dois municípios se destacam pelo maior número de associações existentes, acima de 17 em cada. A quantidade maior não significa, todavia, expressiva eficiência e combatividade por parte de produtores rurais em seus municípios. Esta é uma contradição a investigar.

Palavras-chave: políticas públicas, norte de Goiás, identidade, associação.



TEMA: GEOGRAFÍA GÉNERO

RESUMEN 8: N° 4235 - ARTICULACIÓN DE ESPACIOS ALTERNOS DE PARTICIPACIÓN POLÍTICA EN LA COTIDIANIDAD

Estudio de caso: El diseño de las relaciones de género a partir de la experiencia de reuso de prendas de segunda mano en la práctica de la reutilización, en los San Alejos del centro de Bogotá.

Tipo de presentación: Ponencia

Castro, Catalina Sánchez¹⁸

Resumen:

-¿Qué teje un vestido, qué narra...qué trama?

En el intento por comprender el acto de vestir como una actividad cotidiana asociada a la necesidad de proteger el cuerpo, surgen otras aproximaciones orientadas al entendimiento del uso y des/uso de las prendas de vestir, y sus trayectorias en la reutilización del vestuario. Una inspección al interior de los indumentos que cubren y adornan nuestros cuerpos, da lugar a otras lecturas de los artefactos en uso que, como signo, propician la reproducción de otros significados a lo largo de su transformación. Las configuraciones de estas prendas que en el cuerpo se manifiestan, articulan en él nuevos relatos vinculados a formas de experimentar el mundo, donde la intervención en el cuerpo se legitima a través de la acción, a medida que se alteran, intervienen, re-confeccionan y modelan objetos indumentarios en este espacio, que constituye la definición del “yo” (Merleau-Ponty, 1985)¹⁹.

Una mirada general sobre la situación del mercado informal en el centro de Bogotá, da cuenta de los modos como recolectores resuelven hacer de la reutilización su sustento, mientras en los tratos, narran sus relaciones entre las prendas y la labor. Aunque el oficio del ropavejero no es reciente, ni la compraventa exclusivamente contemporánea y atribuible a la globalización; el fast fashion y el consumo estacional tienen mucho que ver con la obsolescencia que de las prendas se percibe, previo a su uso y utilización. Una necesidad vertiginosa por diferenciar esa imagen homogeneizadora del cuerpo (Di Bella, 2017) incentiva el constante cambio de apariencia, llevando a acortar los tiempos de vida de las prendas, que siguiendo la teoría de Entwistle²⁰, se podría interpretar como una ruptura entre la imagen del cuerpo y su contexto (2002, p. 16-18). Los conceptos de lugar e identidad son básicos para entender las formas como se construye la experiencia de uso indumentario con respecto a los modos de habitar el cuerpo, y definir las configuraciones de las relaciones de género, derivadas de la apariencia y la ideación, a través de la incidencia del sujeto en el oficio de la reutilización.

Este tipo de comercio informal, cada vez es más cotidiano en el mercado de la 7ma en el centro de Bogotá, deja entrever un porcentaje del desecho local de accesorios, donde prendas recuperadas son expuestas de nuevo para su reventa, como prendas “ligeramente usadas”, y que por encima del precepto moda, desconocen el lugar del objeto y el autor. De tal manera que, en algunos lugares residuales, consecuentes de la gentrificación urbana, surgen otras formas de representación narradas en el

¹⁸ Universidad Nacional de Colombia. catsanchezcaastro@gmail.com

¹⁹ “Merleau-Ponty defends that the individual, by the fact that is an inhabitant of the world, searches for a meaning to the existence; a meaning that cannot be separated from the meaning that is attributed to things (...) Thinking is, therefore, making that an experience is converted in something with meaning for a bodily incarnated subject “ En Calvera, A. & Pombo, F. (2011) Design Discourse Blank Meaning as Design Affordance. Memory and Fictions (a dialogue between Anna Calvera and Fátima Pombo). Revista KEPES Año 8 No. 7 enerodiciembre 2011, p. 46.

²⁰ Entwistle sugiere el vestir como una práctica corporal en contexto, condicionada por la presentación dentro de una situación social. En Entwistle, J. (2002). El cuerpo y la moda. Una visión sociológica. Barcelona: Paidós, Contextos.

cuerpo a través del vestuario, como manifestaciones de identidades alternas a las descritas desde otras fronteras. Las cuales a su vez, des/usan, adaptan y reproducen símbolos, correspondientes a creencias urbanas, y otras veces, a “signos, que emergen desde diferentes lugares del planeta y que, gracias a la operatoriedad de la moda, pierden referencia, ideología y autor (Fernández, 2012)”, dando paso al diseño después del diseño, con la intervención de prendas usadas en proceso de reutilización. Los retos asumidos desde la labor proyectual del espacio, abren una oportunidad al momento de definir la relación con nosotros mismos, con nuestro entorno y nuestros hábitos. Por lo que se invita al diseño a “ser relacional, participativo, diverso y plural (Escobar, 2016)”, apelando a la reivindicación de la experiencia de uso del vestuario, centrado en las problemáticas situadas de una sociedad. De modo que, ante las consecuencias y efectos de la creación del mundo material humano se articulen soluciones con la participación de las personas, quienes dueñas su historia, son llamadas a ser agentes de transformación, ante las diversas formas de usar, utilizar y reutilizar el mundo que habitamos.

Ante este panorama de degradación ambiental, homogeneización cultural y desarraigo territorial (Cardona, 2018, p. 100), desde el diseño, se abre una oportunidad de resolver las distancias entre las personas y los lugares, que en la producción de vestuario, han correspondido más al fenómeno del consumo, que a motivar la construcción de relaciones sostenibles en el tiempo. Es así como la relación cuerpo vestido y territorio se centra en situaciones en las que las prendas son intervenidas por personas que adquieren ropa de segunda mano en los San Alejos del centro de Bogotá; y a partir de estas, se estudia la presencia de pensamientos de cambio para afianzar los vínculos entre el cuerpo vestido y la experiencia de uso del lugar, fundamentado en las relaciones de género en contexto.

El uso del vestuario se puede pensar desde distintos niveles, pero para el caso de estudio que acá compete, se sitúa particularmente en el uso de prendas de segunda mano, aludiendo a los vínculos emocionales y la participación de las personas en los cambios de un producto; de modo que se plantea entender cómo la participación puede desencadenar la generación de alternativas, que connoten otros sentidos de uso, significando el posible cierre del ciclo del desuso, en consideración del cuerpo como lugar construido social y culturalmente.

De esta investigación vale rescatar la forma en que se diferencia la práctica del reuso, de la reutilización y el reciclaje, dando mayor importancia al “reuso”, toda vez que se le atribuirle a ésta la capacidad de resignificación y reinterpretación del objeto, distinto al proceso de reutilización y reciclaje. Pues, acorde a la matriz de CVP, la reutilización implica una adquisición de bienes formales, estéticos y funcionales, que son expuestos a la configuración de su forma con el fin de suplir otro tipo de necesidades. Razón por la cual, en esta investigación, se usaron parámetros de exclusión relacionados a la compra, transferencia mercantil e intercambio de valor tangible. Incluyendo, por el contrario, objetos donados, heredados, regalados, cedidos o prestados.

Palabras clave: diseño centrado en las relaciones, cuerpo vestido, relación de género, identidad

RESUMEN 9: N°4084 - AS GUARDIÁS DOS SABERES NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO NORDESTE GOIANO, BRASIL: AS RAIZEIRAS COMO RESISTÊNCIA FEMININA NO TERRITÓRIO KALUNGA

Tipo de presentación: Ponencia

Moreira, Jorgeanny de Fátima Rodrigues²¹

A proposta refere-se aos resultados preliminares de pesquisas realizadas nas comunidades quilombolas Kalunga do nordeste goiano em Goiás, Brasil no período entre novembro de 2016 e novembro de 2019; além de encontros virtuais que ocorreram no mês de março de 2021 em razão da pandemia do novo coronavírus, uma vez que o distanciamento social é o protocolo recomendado pelos órgãos sanitários brasileiros e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para evitar o rápido contágio do vírus. Como requisitos necessários para subsidiar a coleta de dados na construção de relatórios de pesquisa desenvolvidas neste território, utilizou-se às observações e entrevistas semiestruturadas em trabalhos de campos. Com os objetivos inicialmente voltados para a análise e estudos do desenvolvimento do turismo, da agroecologia e dos quintais ecológicos naquele território houve fatos que propiciaram uma análise acerca da organização social das comunidades. Sobre isso observou-se a função social das mulheres na reprodução da vida e do trabalho neste espaço. Atividades como a administração financeira, os cuidados com os filhos e com o lar, e também de parte da produção de alimentos são prontamente atendidos pelas mulheres Kalunga. Com base nestas observações, debruçamos em revisão bibliográfica nos estudos de gênero e na geografia feminista com o objetivo de compreender a totalidade das espacialidades a partir da categoria de gênero. Assim sendo, a geografia feminista possibilitou ampliar a interpretação dos fatos geográficos do território e sujeitos Kalunga pelo viés de gênero. Esta categoria nos permitiu ainda realizar um estudo sobre a construção do território engendrada por desigualdades e diferenças entre homens e mulheres, pois as tarefas do plantio, colheita e a comercialização do excedente cabem às pessoas do sexo masculino. Ao delegarem para as mulheres o papel de administração dos recursos financeiros, àquela sociedade transfere a responsabilidade dos cuidados do lar e da família à figura feminina. Ainda que as mulheres contribuam na plantação das roças e no cuidado com as hortas dos quintais, são os homens considerados capazes de negociar a produção nas áreas urbanas. Mesmo que este território seja marcado pelas questões de gênero, as mulheres Kalunga são detentoras dos saberes locais, são responsáveis por ensinar as danças, as rezas e também a manipulação das plantas medicinais. Assim transformam, por meio de seus saberes tradicionais, a paisagem natural em uma paisagem cultural, ou imbricam estes elementos como forma de resistirem aos produtos farmacêuticos inseridos nas comunidades pelos mais jovens. Plantas encontradas no bioma Cerrado como *Bowdichea martius*, *Aeschynomene rudis*, *Vernonia polyanthes*, *Stryphnodendro martius* – conhecidas pelos Kalunga como Sucupira Branca, Curriola, Assa-peixe e Barbatimão, são recursos encontrados pelas mulheres para curarem enfermidades como infecção na garganta, cólicas, bronquite, úlceras estomacais, respectivamente. A manipulação destas plantas é transmitida de geração em geração, por meio da oralidade representando, assim, uma tradição, conforme nos ensina Eric Hobsbawm. Além de uma inculcação de ideias observamos um conjunto de valores da comunidade: curar-se por meio da natureza e pelos saberes ancestrais. Os saberes das mulheres na comunidade são

²¹ Professora na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: jorgeanny.moreira@uft.edu.br

compreendidos pela sociedade quilombola como elementos necessários para a reprodução da cultura, já que são elas quem transmitem parte do conhecimento advindo da ancestralidade afro-brasileira. Fato este observado na última conversa com alguns líderes da comunidade Tinguizal, Monte Alegre de Goiás, quando um deles afirma que se curou da Covid-19 apenas com os “remédios caseiros” feitos por sua companheira. Questionado se ele confiava nas raízes e plantas utilizadas pela raizeira na cura de uma doença desconhecida naquele território, o homem garante que todas as gerações Kalunga utilizam deste recurso para o tratamento de diferentes enfermidades, e a natureza tem tudo o que o indivíduo precisa para a sobrevivência. Tendo em vista, ao resistirem em suas práticas cotidianas como na fabricação de alimentos, plantação de hortaliças, manipulação das plantas encontradas nas matas e nas rezas do catolicismo popular, as mulheres Kalunga mostram-se defensoras da reprodução cultural quilombola. Não obstante, as informações e práticas da medicina moderna chegaram ao território Kalunga. Os mais jovens migram constantemente para as cidades, o acesso à rede de *internet* e aos telefones celulares tornaram-se comuns, bem como o acesso ao espaço urbano é facilitado pelos meios de transporte. Todavia, as mulheres Kalunga, em sua resiliência, fortalecem-se, defendem e impõem os seus saberes como práticas necessárias para a produção e reprodução do território Kalunga. É com base em relatos de experiências, além da metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa, que compreendemos as práticas sociais e culturais das mulheres das comunidades quilombolas como importantes elementos na produção do território-lugar Kalunga.

Palavras-Chave: Saberes Populares; Mulheres; Gênero; Cultura.

RESUMEN 10: Nº 4143 - TÍTULO: PRACTICAS DE TERRITORIALIZACIÓN DE MUJERES CAMPESINAS COMO ESCENARIOS DE RESISTENCIA.

Tipo de presentación: Ponencia.

Martínez, Decssy Jackeline Cuspoca²²

Resumen:

El presente es un avance de tesis doctoral, cuyo tema plantea el estudio de las prácticas de territorialización realizadas por mujeres campesinas como escenario de enfrentamiento de las conflictividades y tensiones que la sociedad le plantan, no solo como mujeres, sino como campesinas. Tensiones que se plantean como respuesta a las constantes tensiones y conflictos que generan el enfrentamiento de poderes en el territorio, que han impactado y cruzado la vida de las mujeres campesinas y sus dinámicas cotidianas; provocado una reconfiguración, mutación, extinción o contracción de los espacios de las mujeres campesinas y la generación de nuevas configuraciones socio espaciales, prácticas y temporalidades individuales y colectivas. Dentro de los factores que han generado este cambio se encuentran: uno, las cargas culturales y de género que han subordinado a la mujer con referencia a los hombres, menoscabando su desarrollo como sujeto, su calidad de vida y su papel en la sociedad (Facio & Fries, 2005) (Hincapie García, 2015) (Ariza, 2000); dos, con el espacio de las disputas del campesinado en diferentes escalas y registros, uno a nivel de la cotidianidad con el sostenimiento de la vida, y otro con las estrategias de organización comunitaria, los procesos de movilización política y la incidencia de organismos multilaterales (Devine, Ojeda, & Yie Garzón, 2020); tres, el desarrollo de políticas y marcos legales de carácter internacional, nacional y local, enfocado hacia las mujeres y las poblaciones rural y campesinas, las cuales han impactado los territorios y han presionado y agenciado la creación de espacios, políticas y acciones encaminadas para mujeres (Alta consejería presidencial para la equidad de la mujer, 2012); Cuatro, el impacto de la globalización, que ha devenido en graves consecuencias para la economía campesina y el sector agro productivo (TLC, desprotección de cultivos, debilidad en el acceso a tecnología y asistencia técnica), y que ha traído graves consecuencias a la economía campesina (Calderón Navarrete, 2017) (Agencia de Desarrollo Rural, FAO, & Gobernación de Boyacá, 2019), así como pobreza desigualdad e inequidad, impactando las geografías y las estructuras familiares y de género (Valdivieso, 2009). Evidenciándose un juego de poderes que pasa sobre los sujetos y sus cotidianidades y exacerba las inequidades (Massey, Globalización espacio y poder, 2012). Escenarios desde los cuales han tenido impactado el espacio político, enfrentarse a poderes culturales, económicos y organizativos, diferentes formas de ver su lugar y proponer formas y espacios para ser escuchadas por medio de la creación de las políticas propias de sus lugares (Jiménez & Novoa, 2014). Estos cambios se evidencian desde los más íntimos, o de la vida cotidiana, hasta escenarios más públicos y colectivos configurados por prácticas de territorialización. Problema es de relevancia en tanto actualmente las mujeres campesinas y con ellas las mujeres rurales han planteado sus luchas desde sus escenarios locales nacionales y regionales, evidenciándose como sujetos de derechos y en la defensa de su territorio y de su identidad. Su objetivo es estudiar el territorio que configuran las prácticas de territorialización por medio de las cuales han hecho frente a las tensiones y conflictividades de organización del territorio las mujeres campesinas de 4 veredas de los municipios de Duitama y Paipa en

²² Universidad De Caldas. decssy.25116110527@ucaldas.edu.co

el departamento de Boyacá- Colombia, entre los años 1980 y 2020 y sus objetivos específicos son: Analizar el contexto socio histórico en el que se han desarrollado las prácticas de territorialización de las mujeres campesinas entre 1980 y 2020; Caracterizar las prácticas de territorialización tanto individuales como colectivas y el contexto social en el que se desarrollado, que han sido parte de la configuración del territorio de las mujeres campesinas; E identificar las configuraciones espaciales producto de las prácticas de territorialización de las mujeres campesinas, desde el enfoque de las redes topológicas. Esta investigación se abordará desde la teoría postestructuralista, en tanto plantea desde una postura crítica develar los conflictos de poder, las tensiones y las rupturas que dan paso a nuevos espacios desde el espacio de las mujeres campesinas. Se abordará el método cualitativo desde su marco interpretativo, con perspectiva de género, se recurrirá a la etnografía como método, en específico una etnografía multisituada, dentro de los métodos a utilizar se encuentran recolección de la información bibliográfica, virtual y de archivo local, nacional e internacional; elaboración de línea o curva de tiempo; identificación y realización de charlas y entrevistas y trayectorias de vida y realización de cartografías y fotografías de los lugares de las mujeres campesinas. Se concluye que las mujeres campesinas de esta zona han hecho frente y resistido a un conjunto de condiciones de género, económicas, de clase, movimiento social y políticas, que han generado a lo largo del tiempo un territorio particular de acuerdo a cada vereda, a cada historia local y condiciones sociales vividas, desde donde emergen prácticas de las cuales enfrentan las relaciones de poder a las cuales se enfrentan cotidianamente como mujeres del campo, que se reconocen, y defienden su lugar y su territorio.

Palabras clave: Mujer Campesina, Territorio, Espacio, Territorialización.

RESUMEN 11: N° 1180 - “NASCI E ME CRIEI FAZENDO QUEIJO”: IDENTIDADE E GÊNERO NA DINÂMICA TERRITORIAL DO SERTÃO ALAGOANO-BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

Silva, José Natan Gonçalves da²³
Menezes, Sônia de Souza Mendonça²⁴

Resumo

No sertão do estado de Alagoas-Brasil a produção e a comercialização de derivados de leite refletem as interfaces de atividades econômicas, sociais e culturalmente territorializadas. A expressão “*nasci e me criei fazendo queijo*” é recorrente nas narrativas das produtoras desse alimento, demonstrando que, embora essas atividades apresentem processos de resignificação, elas estão assentadas em saberes e experiências tradicionais propagadas por diferentes gerações familiares.

A elaboração dos derivados de leite é realizada, sobremaneira, no Território da Bacia Leiteira – TBL, formado pelos municípios de Major Izidoro, Batalha, Jacaré dos Homens, Pão de Açúcar, Belo Monte, Jaramataia, Palestina, Olho d’Água das Flores, Monteirópolis, Cacimbinhas e Minador do Negrão. A vocação histórica no desenvolvimento da pecuária (ANDRADE, 2011 [1968]) justifica a relevância, que a produção de leite e derivados exerce na dinâmica econômica, social e cultural desse território, razão, pela qual, substancia a definição desse recorte empírico na realização da pesquisa²⁵. As discussões que sucedem têm como objetivo analisar o impacto exercido pelas atividades da produção do queijo de coalho caseiro na configuração de territórios identitários e de gênero dominados pelas mulheres. Durante as pesquisas de campo, realizadas entre 2019 e 2020²⁶, foram identificadas 50 queijarias caseiras mantidas por produtoras rurais da agricultura familiar camponesa.

Menezes (2009) reporta que em diferentes temporalidades a elaboração do queijo artesanal restringiu-se ao interior da residência ou ao pequeno cômodo situado no quintal da casa, que, não raro, configura uma extensão da cozinha. Ao se limitar aos ambientes de manipulação e cozimento dos alimentos, território não controlado pelo homem, o trabalho nas queijarias historicamente consistiu em uma incumbência das mulheres. Esse cenário reporta para o que Poulain e Proença (2003, p.252) discute como dimensão social da cozinha, formada por “ações técnicas, de operações simbólicas e de rituais”, onde se projetam relações estruturadas, que também denotam a repartição de gênero nas atividades. Cruz (2020) ressalta que o processamento alimentar realizado pelas mulheres por muito tempo foi interpretado, exclusivamente, como um afazer doméstico. Para a autora, no Brasil foram identificados movimentos de formalização dessas práticas, que desencadearam no deslocamento da produção da cozinha doméstica para a agroindústria. Apesar de invisíveis ante a supremacia do mercado formal, nos territórios queijeiros de Alagoas verificou-se que essas atividades agregaram valor de uso e valor de

²³ Doutor em geografia pelo PPGEU/UFS/Brasil. E-mail: natanufs@gmail.com

²⁴ Professora associada do PPGEU/UFS/Brasil. E-mail: soniamendoncamenezes@gmail.com

²⁵ A pesquisa está atrelada a tese de doutorado: “Territórios queijeiros: tradição e resignificação no Sistema Agroalimentar Localizado do leite em Alagoas”, que foi defendida em fevereiro de 2021 no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe.

²⁶ Em função da pandemia da Covid-19, no ano de 2020 a pesquisa de campo foi interrompida entre os meses de março e agosto, sendo retomada entre setembro e dezembro de 2020 após redução dos casos de contaminação no Brasil. Na ocasião, foram tomadas medidas de biossegurança como o uso de máscara, álcool gel 70 e distanciamento de 1,5 m em relação aos entrevistados.

troca aos seus produtos, passando a desempenhar relevância econômica.

Embora sejam identificados homens na produção do queijo caseiro, esse cenário é uma exceção à regra. Do mesmo modo, raramente são identificadas mulheres que conduzem atividades atreladas ao manejo do gado. As referências à esposa/companheira, filhas, mãe, irmã e sogra no processo produtivo sobressai em relação à participação do proprietário do estabelecimento rural e dos filhos. Também são relevantes os discursos sobre quem às ensinou fazer o queijo, destacando-se novamente figuras femininas como as mães, avós e sogras. Por se restringir ao território imediato da casa, a produção desse alimento está entremeada ao cotidiano da residência e das primeiras experiências do indivíduo com o seu entorno. Para Collignon (2010, p.207), tal fato reforça que “el espacio doméstico es, a la vez, un lugar privilegiado de la reproducción social, y también de la producción y la invención social”. Os saberes na elaboração do queijo, associados às dinâmicas funcionais da casa, são preservados, reinventados e transmitidos mediante regras sociais e culturais situadas na dimensão do cotidiano.

As atividades queijeiras contribuem na configuração da identidade e na distinção de territórios dominados por relações de gênero. Para Almeida (2019), as identidades fundamentadas em bases culturais sólidas contribuem na construção do ser social. No processo de definição das identidades, a autora (ALMEIDA, 2009) também considera que a soma das experiências configura uma pluralidade particular, que reforçam a multiplicidade de relações de pertencimento.

Palavras-chave: queijo coalho caseiro, identidade, gênero e território.

RESUMEN 12: Nº 1963 - PANORAMA DAS TERRITORIALIZAÇÕES DE GRUPOS DE TORCIDAS LGBTQIA+ DO FUTEBOL BRASILEIRO NO INSTAGRAM

Tipo de presentación: Ponencia

Ramos, Matheus Severo²⁷

Cosme, Bruno Ulysses dos Santos²⁸

Atualmente, se questiona cada vez mais atos preconceituosos no meio do futebol, mesmo que por muito, tempo fosse considerado normal. Dentre possibilidades que justificam esta realidade, uma, é de que a prática do futebol historicamente foi entendida como algo destinado apenas a um imaginário de “homem viril” (Anjos, 2020). Isto provocou as exclusões de pessoas que não se encaixassem no perfil do “homem viril”, dos espaços de práticas futebolísticas, construindo assim, um meio heterocis-normativo, que foi apoiado em muitos países, pelo Estado (Silva, 2021). Dentre grupos afetados por isto, a comunidade LGBTQIA+ pode estar entre um dos que mais sofrem. Afinal, pessoas identificadas com a causa LGBTQIA+ são forçadas a conviver com o preconceito nos estádios, que é presente em ações, como cantos homofóbicos (Junior, 2019).

É possível pensar que para estas pessoas, estar presente no estádio de futebol para acompanhar um jogo seja uma disputa territorial, visto que o estádio se torna um espaço de disputas, um território (Souza, 2016). No entanto, no momento atual de pandemia, em que estádios estão inacessíveis em diversos países, o ciberespaço (Lévy, 1999), através das redes sociais, assume um protagonismo enquanto espaço das relações entre torcidas e clubes, mesmo que já fosse utilizado, inclusive, por torcedores vinculados a comunidade LGBTQIA+ (Junior, 2019). Pensando no fomento de estudos a respeito da relação destas pessoas com o futebol, através do ciberespaço, este trabalho tem como objetivo, apresentar um panorama das territorializações de torcidas LGBTQIA+ dos clubes do campeonato brasileiro de futebol das divisões A, B e C em 2021, na rede social Instagram.

A escolha pela rede Instagram ocorreu devido a sua acessibilidade, onde se observou a presença de um quantitativo relevante de torcidas de futebol LGBTQIA+. Para realização desta proposta, os procedimentos de pesquisa realizados foram a revisão bibliográfica e o levantamento de dados acerca das torcidas LGBTQIA+ na rede social Instagram. A revisão bibliográfica se debruçou a respeito dos conceitos de território e do ciberespaço, além de se utilizar de referenciais que contribuíssem para um entendimento do histórico de lutas da população LGBTQIA+ para se fazer presente nos espaços do futebol.

Com relação ao levantamento de dados, a partir do conhecimento dos autores sobre a existência de torcidas LGBTQIA+ de alguns clubes, se buscou com base nas listas de quais páginas os perfis no Instagram destas torcidas seguiam, constatar a existência de torcidas LGBTQIA+ dos clubes da primeira, segunda e terceira divisões do futebol brasileiro em 2021. Além deste primeiro levantamento, também se investigou os posicionamentos dos clubes em datas consideradas relevantes para a comunidade. As datas em questão foram os dias 17 de Maio de 2020 (Dia Internacional contra a Homofobia), 28 de Junho de 2020 (Dia Internacional do Orgulho LGBT), 29 de Janeiro de 2021 (Dia da Visibilidade Trans) e 25 de Março de 2021 (Dia Nacional do Orgulho LGBTQIA+). A escolha

²⁷ Universidade Federal do Paraná; Programa de Pós-Graduação em Geografia. Email: severormatheus@gmail.com.

²⁸ Universidade Federal de Pernambuco; Programa de Pós-Graduação em Geografia. Email: brunorecifeulysses@gmail.com.

das datas se deve por todas terem ocorrido durante a pandemia, onde os espaços virtuais ganharam ainda mais importância no meio do futebol. Assim se acredita que é possível realizar um panorama das territorializações destas torcidas, pois haverá conhecimento de quais torcidas já existem e como os clubes através de manifestações de apoio em datas marcantes, demonstram abertura e contribuem para visibilidade destas torcidas.

Dos vinte clubes que fazem parte da primeira divisão do futebol brasileiro, oito clubes possuem torcidas LGBTQIA+. Com relação, aos vinte clubes pertencentes a segunda divisão nacional, apenas seis possuem torcidas mobilizadas virtualmente com uma identidade LGBTQIA+. Por fim, dentre os vinte clubes da terceira divisão, apenas em dois se constatou a presença na rede social Instagram, de torcidas vinculadas a causa em questão. Ou seja, de um universo dos sessenta principais clubes do futebol brasileiro em 2021, apenas dezesseis possuem torcidas LGBTQIA+, o que corresponde 26,6% deste universo. Este número que pode ser considerado baixo, de certa forma, é estimulado pelo baixo apoio dos clubes, visto que, 43,3% de um universo de sessenta clubes participantes das três primeiras divisões não se manifestaram em apoio a causa em nenhuma das datas levantadas.

Por isto, é importante a constituição destes grupos, pois os mesmos contribuem com territorializações de torcedores pertencentes a comunidade LGBTQIA+, visto que a mobilização de pessoas no ciberespaço pode facilitar territorializações (Haesbaert, 2016). Isto também se pôde constatar com a pesquisa, pelo fato que as torcidas LGBTQIA+ vinculadas a clubes diferentes costumam se seguir na rede Instagram, em um movimento que demonstra o potencial de trocas de informações e comunicações, no ciberespaço (Lévy, 1999). Neste sentido, é possível pensar que as existências dessas torcidas e suas articulações revelam um uso do ciberespaço, como um espaço que pode ser apropriado de modos particulares (Graham, 1998).

Estas apropriações, podem ser entendidas também, enquanto utilizações de meios midiáticos para promoções de movimentos e espaços contraculturais (Serpa, 2011). Isso é positivo, visto que, possibilita pessoas a realizarem trocas que fortaleçam as realidades de cada grupo nos desafios de torcer para um clube. Assim, por mais que ainda haja um longo caminho para uma integração harmônica das torcidas LGBTQIA+ no meio do futebol, este trabalho se encerra com a percepção de que um movimento cada mais integrado de pessoas que querem participar do futebol está sendo construído. Através das articulações no ciberespaço que contribuem para territorializações, as torcidas LGBTQIA+ avançam, mesmo contra dificuldades impostas, para participarem efetivamente do meio do futebol.

Palabras clave: território, ciberespaço, LGBTQIA+, futebol.

RESUMEN 13: N° 3591 - MULHERES AGRICULTORAS E QUINTAIS PRODUTIVOS: TERRITORIALIDADES E REPRODUÇÃO DA FAMÍLIA.

Tipo de presentación: Ponencia

Lacerda, Fernanda Ramos²⁹

Resumo

A relevância do estudo das mulheres agricultoras e dos seus espaços, seja ele privado como os quintais produtivos ou público como as feiras livres, onde “os territórios são criados através de uma simbiose entre o mundo agrícola e o mundo urbano” (RAFFESTIN, 2009, p.19) tem importância para a compreensão da construção das suas identidades e territorialidades nas relações desenvolvidas social e culturalmente, e também para dar visibilidade à mulher nas pesquisas que envolvem a ciência geográfica. A divisão social do trabalho, atribui tarefas diferentes a homens e mulheres, esta divisão contribui para uma efetiva desvalorização do trabalho que as mulheres concretizam em seus espaços, “ a desvalorização e o não reconhecimento do trabalho da mulher no quintal, influenciam nas relações de poder, na forma como a mulher delinea suas territorialidades nesses espaços e também na construção da sua identidade enquanto agricultora” (MESQUITA, 2019, p.27). Socialmente é conferido as mulheres, e sobretudo, às mulheres agricultoras, o trabalho de educar, alimentar, cuidar da casa, do quintal, dos filhos e dos afazeres domésticos, além da comercialização nas feiras livres, diferentes tipos de trabalho com vistas a reprodução social da família. Essas evidências do trabalho das mulheres agricultoras associados ao cultivo e comercialização dos alimentos, confere a estes espaços a categoria de territórios. Na verdade, há uma sobreposição dos territórios de produção e reprodução quando homens e mulheres não se deslocam de casa para trabalhar em outros espaços, “[...] dependendo da natureza da atividade, as mulheres tampouco se deslocam do espaço doméstico para realizar as atividades produtivas” (HERRERA, 2019, p.60), sobretudo nas atividades desenvolvidas nos quintais produtivos. O fato das mulheres agricultoras terem em suas moradias os seus espaços de produção, pode contribuir para a visão de um não reconhecimento das suas atividades diárias como trabalho.

Tais territorialidades, criadas por essas mulheres “ao apropriarem os recursos nos seus territórios, transformam estes em alternativas geradoras de renda e trabalho, a exemplo da produção de alimentos artesanais, culturais, identitários” (MENEZES, 2013, p.123), em seus quintais, elas cultivam diversos alimentos, com destaque para as ervas medicinais e os condimentos/temperos. Em concordância com Almeida, “o quintal, para aqueles que vivem no meio rural, é o espaço dos saberes. É nele que a mulher reproduz seus conhecimentos sobre as plantas, sejam plantas medicinais ou de alimentos” (ALMEIDA, 2016). Além dos alimentos identitários produzidos nos quintais, as mulheres agricultoras também são responsáveis por selecionar, armazenar, e guardar as sementes da última colheita para serem utilizadas para semear a plantação seguinte.

A seleção de sementes executada pelas mulheres recebe atenção, no que tange a uma atividade de responsabilidade feminina, isso pelo fato de ser uma atividade também ligada ao espaço da cozinha e voltar-se para a elaboração da comida. Para além dos quintais, as feiras também exercem papel importante no retorno econômico familiar, uma vez que parte dos alimentos são destinados ao consumo doméstico outra parte tem como destino a comercialização nas feiras.

²⁹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Email: nandarlacerda@gmail.com

A comercialização dos alimentos cultivados nos quintais produtivos confere as mulheres agricultoras a possibilidade de autonomia econômica e manutenção da reprodução familiar, daí a importância da pesquisa sobre as territorialidades que envolve a produção desse espaço com o objetivo de analisar as territorialidades das mulheres agricultoras e as relações presentes entre os quintais produtivos e as feiras livres no município de Vitória da Conquista na Bahia.

Por meio de abordagem da geografia cultural com análise da categoria território e os conceitos de territorialidade, relações de gênero e identidade, permite particularizar os estudos das mulheres agricultoras nos quintais produtivos e nas feiras livres. Essa escolha permite pensar as mulheres agricultoras enquanto sujeitos de produção e reprodução do espaço, levando em conta também as relações sociais presentes no cotidiano dos quintais produtivos e das feiras livres.

A pesquisa justifica-se socialmente pela análise das territorialidades das mulheres agricultoras numa contribuição para a compreensão da produção e reprodução social da família, para entender como ocorre o processo de circulação econômica da produção agrícola local e compreender como se configura social, cultural e economicamente os espaços apropriados como territórios pelas mulheres agricultoras.

Palavras chave: Mulheres agricultoras, quintais, territorialidades.



**TEMA: GEOGRAFÍA CULTURAL, TERRITORIALIDADE E
IDENTIDADE**

RESUMEN 14: N° 1991 - SKATEBOARDING, LUGARES TERRITORIALES Y CULTURA DE LA RESISTENCIA Y RESILIENCIA EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Tipo de presentación: Ponencia

García Ayala José Antonio³⁰

Resumen

El *skateboarding* es un deporte extremo esencialmente urbano de origen estadounidense basado en las habilidades y destrezas desarrolladas en una tabla sobre ruedas, el cual se derivó del *surfing*, al igual que otras disciplinas deportivas sobre tabla como el *snowboard*, con las cuales comparte además de la similitud en el vehículo que utilizan para practicarlas, su carácter irreverente y su espíritu libertario de las normas socialmente establecidas.

Estas cualidades han permitido al *skateboarding* conformar diversas identidades juveniles con características semejantes y a la vez propias de los distintos países a nivel mundial que han logrado territorializar desde que surgió a mediados del siglo XX, producto de las complicaciones para practicar el *surfing* en las playas de California, que propiciaron el uso de las calles para simular el surfear sobre el asfalto.

Estas territorializaciones emocionales y con sentido están ancladas a lugares territoriales a partir de los cuales se han arraigado en diversas ciudades a nivel mundial, que funcionan como lugares de socialización imaginados desde donde se forma el paisaje urbano que caracteriza la escena multiescalar de este deporte en el planeta, y que condensan como si fueran hipertextos a la cultura de resistencia y resiliencia que ha caracterizado al *skateboarding* por generaciones.

Así es como *skateparks* (parques de patinetas), *skateshops* (tiendas de patinetas) y sobre todo *spots* que son lugares adaptados tradicionalmente para practicar este deporte, se han convertido en geo-símbolos con un alto poder de convocatoria principalmente de jóvenes, a traídos por la irreverencia, la esencia callejera y la adrenalina de sus prácticas urbanas producidas por esta cultura juvenil propia de las clases subalternas de las sociedades con una esencia contracultural de los cánones establecidos por las clases dominantes.

Unas clases dominantes con diversos intereses económicos que han logrado convertir al *skateboarding* en una disciplina que formara parte de los juegos olímpicos de Tokio, París y Los Ángeles, al encontrar una forma de organizar este deporte a nivel global basada en la estructura más consolidada del *rolling* o patinaje sobre patines, que cuenta con orígenes y trayectorias distintas pero también con vertientes donde la calle es su escenario principal, al igual que en el *skateboarding*, logrando con ello la rápida institucionalización de este que se había organizado desde sus orígenes fundamentalmente a través de *crews*, colectivos y asociaciones que funcionaban de forma independiente y alejadas del deporte federado, a excepción de los casos de países como España y Brasil, donde ya se habían formado federaciones.

El hecho de convertir al *skateboarding* en un deporte olímpico a pesar de no contar con una organización mundial que lo respaldara, habla del alto poder de convocatoria de este a nivel internacional, sobre todo si se considera que otras disciplinas deportivas como el beisbol batallan por permanecer

³⁰ Profesor e investigador de la Escuela Superior de Ingeniería y Arquitectura del Instituto Politécnico Nacional, correo electrónico: joangara76@yahoo.com.mx

en el programa olímpico, y esta es una de las razones que dan cuenta de su importancia y de la necesidad de entender como territorializa a una de las urbes donde se ha arraigado, así como de analizar los lugares territoriales donde conforma una cultura juvenil de la resistencia y resiliencia, mediante un abordaje teórico-metodológico basado en las concepciones de la urbanización sociocultural de Ricardo Antonio Tena Núñez y de la cultura de John B. Thompson, de quien también se toma el Método de la Hermenéutica Profunda para estructurar la metodología de análisis.

De forma que las escenas nacionales del *skateboarding* se están adaptando a esta y otras circunstancias, la mayor parte de estas adversas como las crisis económicas que las han afectado seriamente al ser un deporte que demanda una gran cantidad de recursos económicos para su práctica, sobre todo por el desgaste de las patinetas y tenis necesarios para desarrollarlo, y que se ha visto perjudicado por las condiciones de distanciamiento social e higiene condicionadas por la Pandemia del COVID-19.

La escena de la Ciudad de México, la más importante en la República Mexicana, no es la excepción, y muchos de sus *skateparks*, *skateshops* y *spots* productores de su cultura de la resistencia y resiliencia, están feneciendo, sino es que ya lo hicieron ante los estragos de esta pandemia, lo cual no es nada nuevo para su comunidad, ya que anteriormente ha pasado por diferentes periodos de auge, caída y renacimiento desde la llegada de este deporte a esta a finales de los años setenta del siglo XX, cuando pasaron los patinadores de practicar en parques de patinetas a ser expulsados a la calle a principio de los ochenta, donde se reconstruyó su identidad colectiva, para adoptar una más contracultural con la cual se apropiaron de nuevos *skateparks* en los noventa, que tras la crisis económica de 1995 tuvieron que dejar ante su cierre, volviendo a la calle, para por fin consolidar su redes de sociabilidad complejas en el siglo XXI.

Actualmente, la escena del *skateboarding* de la Ciudad de México está ocupando la capacidad resiliente de su comunidad que históricamente le ha permitido reconvertirse ante distintas perturbaciones que la han desestabilizado, pasando de periodos de relativa calma a periodos de mayor inestabilidad, donde esta escena ha cambiado drásticamente, y donde varios de sus lugares territoriales representativos han fenecido, mientras otros han subsistido y renacido, para competir con otros nuevos producidos por las colectividades de patinadores, así como por distintas instituciones públicas y privadas.

Por lo anterior se concluye que estos sitios practicados física y simbólicamente son responsables de reproducir su cultura de resistencia y resiliencia, en conjunto con aquellos lugares de alta significación legendarios que aunque han desaparecido físicamente o se han transformado radicalmente, siguen siendo parte de la memoria colectiva que integran sus imaginarios urbanos, que dan cuenta del modo de pensar de esta comunidad, así como de la manera en que construye sus territorios de expresión identitaria a través de sus formas de resistencia y resiliencia basadas en las prácticas con las que esta asociada en su vida cotidiana, que manifiestan la relaciones de poder subalternas presentadas como alternativas a las hegemónicas que en tiempos recientes han cimentados sus intereses sobre este deporte.

Palabras clave: *skateboarding*, lugares territoriales, cultura de la resistencia y resiliencia

RESUMEN 15:4014 -TRADICIÓN CULTURAL: LA RESISTENCIA COMUNITARIA DEL PUEBLO BONAVERENSE CONTRA EL CONFLICTO ARMADO.

Tipo de presentación: Ponencia.

Sinisterra Rodríguez Angélica María³¹

Buenaventura, ciudad ubicada en el Valle del Cauca, su población mayoritaria es afrodescendiente. Se le denomina como Distrito Especial, debido a que es el principal puerto marítimo de Colombia, además tiene potencial turístico, industrial, es biodiverso y maneja el ecoturismo, características necesarias para la economía regional y por supuesto para el país. Pero también no se puede pasar por alto la problemática de violencia la cual atraviesa esta ciudad, desde su fundación hasta la actualidad. El propósito de este tema es mostrar cómo se han logrado llevar a cabo acciones y estrategias culturales por medio de colectivos sociales y la comunidad misma, con el fin de modificar de alguna manera el dominio que ejercen los actores armados en Buenaventura, aunque esta ha sido violentado de muchas maneras; al conflicto armado se le debe atribuir el cambio estructural que han tenido los habitantes de este territorio en sus vidas, ya que lugares cotidianos para ellos, se han convertido en zonas geográficamente terroríficas. Con esto se pretende evidenciar cómo la comunidad no se rinde y resiste con acciones culturales como: la música, las comidas tradicionales, los instrumentos folclóricos y la oralidad que los caracteriza, manifestando una figura de oposición, desobediencia y un gran cuestionamiento al orden social que han pretendido implementar tanto los actores armados, como la cultura occidental que quiere invisibilizar de a pocos sus formas de vida.

Objetivo general

Comprender los diferentes mecanismos culturales que se han llevado a cabo, por el pueblo Bonaverense para poder resistir y oponerse a las consecuencias estructurales que se sufren a causa del conflicto armado, la cual pretende la dominación por medio de actos violentos contra el pueblo.

Objetivos específicos

- Describir los diferentes mecanismos de resistencia que ha adoptado el pueblo Bonaverense para sobrellevar esta situación.
- Determinar por qué siguen existiendo estos mecanismos de resistencia y como la era contemporánea no ha podido arrasar con ellos.
- Identificar el papel que han tenido los colectivos sociales en la resistencia comunitaria contra el conflicto armado.

Abordaje teórico-metodológico

Para llevar a cabo el abordaje de este tema, me basare en la geografía del terror, ya que esta se define como un elemento para poder estudiar el terrorismo como un fenómeno del terror y las múltiples manifestaciones que pueden percibir las personas que lo viven. Luego la geografía de la violencia, ya que esta estudia la lógica de la imposición, hacia otro individuo; analizando las formas, y estructuras espaciales que dan un orden jerárquico negativo, y por último las características de la resistencia; con esto nos podemos acercar a las formas cotidianas de la tradición oral en comunidades negras, como

³¹ Estudiante de Geografía -Universidad del Valle. sinisterra.angelica@correounivalle.edu.co

expresión de resistencia a percepciones dominantes sobre el territorio y espacio que habitan en el pacífico colombiano; a este se le llaman las resistencias “ocultas”, no parecen constituir un desafío abierto al poder dominante, pero sí dejan un espacio de oposición social, refiriéndose entonces no solo a las articulaciones ya formadas a espaldas del poder dominante, sino también al potencial aún no claramente visible. Estos términos son importantes y adecuados para la temática, aquí presente ya que aborda gran cantidad de elementos, que nos pueden ayudar a dimensionar los problemas sociales, de seguridad, religiosos y culturales; que acontecen en Buenaventura. Con el fin de poder abordar adecuadamente este tema de investigación, recurrí a entrevistas, tesis, diferentes artículos, periódicos e investigaciones previas que pudieran dar más claridad al tema y cómo plantearlo.

Reflexiones y conclusiones

Es necesario resignificar este territorio y no dejar que estas tradiciones culturales de los afrodescendientes mueran, ya que son formas de resistencia ante una realidad triste y desgarradora que los acobija. Es necesario un mayor apoyo estatal, con los colectivos sociales y la comunidad en general ya que ha sido olvidada a pesar de su gran importancia para el buen funcionamiento de la economía nacional. Aunque estas tradiciones y formas de ser del pueblo Bonaverense para otras personas que no son propiamente de este territorio le pueden parecer “exóticas”, no podemos invisibilizar esto y más bien debemos darle más importancia y relevancia ya que no nos podemos olvidar que este país es como una colcha de retazos donde cada elemento es y debe ser relevante, puntos tales como : color, forma, tradición, etnia y demás, son parte indispensable en nuestra riqueza cultural y lastimosamente las prácticas occidentales han ido debilitando de a pocos cada uno de los aspectos y lo que busca es homogeneizar todo lo ya existente.

La conciencia que se nota como resistencia en esta comunidad es ancestral, y su fin principal es mantenerse como sujetos sociales y políticos en su territorio, y este lo entiende como un espacio para ser, en medio de todos los conflictos que esta población ha sufrido, históricamente y que en la actualidad impera como actor principal el conflicto armado, y lo único que el pueblo espera a la hora de hacer esto es que sean visibilizados y consolidar los derechos, que por tanto tiempo han sido negados.

Palabras claves: Resistencia cultural, actores sociales, territorio, conflicto armado.

RESUMEN 16: N° 1389 - UNDERGROUND BELO-HORIZONTINO: INTERFACES ENTRE AS CULTURAS DO HEAVY-METAL E DO HIP-HOP

Tipo de presentación: Ponencia

*Silva, Gleyber Eustáquio Calaça
Andrade e Silva, Glaycon de Souza
Cruz, Ewerton Ferreira*

Resumo

Este trabalho, de caráter exploratório, articula aspectos territoriais de dois grupos culturais de Belo Horizonte - MG na elaboração de cenas musicais que operam no underground local. Tratam-se dos headbangers, adeptos do gênero musical Heavy Metal, e dos rappers, que integram a cultura do Hip-Hop. Entende-se por underground as manifestações culturais que fogem às normatizações impostas pelo capital, possuindo pouca ou nenhuma aceitabilidade da mídia de massa, operando, assim, no “subterrâneo” citadino. Neste trabalho, é dada ênfase a duas tipologias de eventos undergrounds, os shows de Heavy Metal promovidos por coletivos musicais e as batalhas de rima organizadas por coletivos e grupos formados, prioritariamente, por DJs (Disc Jockeys) e MCs (Mestre de Cerimônia). A pergunta norteadora da pesquisa indaga: existe correlação entre os territórios e as estratégias de territorialização das apresentações de Heavy Metal e das batalhas de rima do Hip-Hop da cidade de Belo Horizonte?

Justifica-se a pesquisa pela escassez de referências geográficas que articulem as cenas musicais supracitadas, assim como a inerente carência de metodologias direcionadas para o mapeamento territorial de culturas musicais urbanas que expressam-se às margens das instâncias de decisão e liderança da sociedade. Os marcos teóricos da pesquisa ancoram-se na acepção de Geografia Musical de Carney (2003; 2007); na noção de cena musical proposta por Straw (1991; 2006); valendo-se ainda dos conceitos de território e territorialização de acordo com Haesbaert (2004), Costa (2005), e Souza (2014).

Metodologicamente, subsidiaram a presente pesquisa as dissertações elaboradas por Calaça (2021) e Silva (2021), que, respectivamente, cartografaram o Heavy Metal e o Hip-Hop belo-horizontino. Ambas as pesquisas valeram-se de levantamentos documentais na internet (busca de cartazes) e da história oral de músicos (entrevistas semi-estruturadas) como fontes para o mapeamento que realizaram. A partir destas investigações foi possível estabelecer laços e diferenciações entre as duas culturas assinaladas, conforme uma análise comparativa.

A cultura headbanger passou a ter representatividade musical em Belo Horizonte com a pioneira banda Sagrado Inferno, fundada no ano de 1983. Desde então, contabilizam-se mais de duzentas bandas de Heavy Metal criadas na cidade (ENCYCLOPAEDIA METALLUM, 2021), perpassando diferentes subgêneros do segmento e compondo uma sólida cena musical. Deste cenário, foram reveladas ao mundo bandas que tornaram-se renomadas internacionalmente, tais quais o Sepultura, o Sarcófago e o Eminence. Por sua vez, o Hip-Hop emerge no cenário cultural belo-horizontino no final de 1980 atrelado aos grupos de break dance conhecidos como crews, que faziam suas performances em locais públicos valendo-se do ritmo de Prefixo T, Divisão de Apoio, Processo Hip-Hop, dentre outros. No início dos anos 2000 a cena rap local cresceu consideravelmente graças às articulações feitas por membros da cultura de rua, promovendo diversos eventos. O protagonismo atual volta-se para nomes

como Hot e Oreia, Djonga, FBC e o grupo Fenda, conhecidos, inclusive, internacionalmente. Mesmo os artistas locais que alcançaram o cenário mundial tiveram o início de suas carreiras musicais associadas a espaços de convívio na própria cidade, onde concentram-se as coletividades de cada cena. Estes espaços, convertidos em verdadeiros territórios, formulam a base identitária das cenas, propiciando para os seus frequentadores processos de educação musical, estética, linguística e, no caso dos músicos, performática. Os locais de convívio, conforme Calaça (2021) e Silva (2021), variam entre lojas de artigos especializados, bares, praças, estúdios de gravação e casas de shows, além da própria área de origem de cada banda, DJ ou MC.

Verificando os shows de Heavy Metal e as batalhas de rima do Hip-Hop, nota-se que ambos são espaços de iniciação e aperfeiçoamento para os jovens que estão se inserindo em meio aos dois gêneros musicais. Entretanto, a territorialidade de cada estilo musical manifesta-se de modo distinto na cidade, a começar pela localização: enquanto a cena Hip-Hop se estabeleceu primeiramente nas periferias de Belo Horizonte para depois ocupar o Centro (delimitado pela Avenida do Contorno), a cena headbanger fez o caminho inverso, originando-se em bairros centrais e pericentrais para posteriormente se distribuir nas regiões periféricas. Apesar desta distinção, as batalhas de rima e os shows de Metal foram e, ainda, são ferramentas importantes para estas duas culturas elaborarem territórios identitários, para além de seus espaços de origem, na cidade. Mencionam-se como exemplos destes movimentos de territorialização, o renomado Duelo de MCs que ocorre embaixo do Viaduto Santa Tereza, um dos marcos arquitetônicos da capital mineira, atraindo público e artistas oriundos de diversas “quebradas” para o Centro. Enquanto no Metal verificou-se um uso recorrente da casa de shows Azuz-In Bar, na regional Pampulha, e o galpão adaptado para eventos undergrounds localizado na Avenida Amazonas, 9340, já no limite municipal com Contagem, em uma área industrial. Assim, apesar da gênese das duas cenas estar atrelada a territórios distintos, hoje seus membros são vistos ocupando toda a cidade. No caso do Hip-Hop, observa-se nas batalhas a tendência de realizá-las em espaços públicos, como praças e áreas de lazer, demonstrando que o gênero negocia sua (re)existência com outros grupos e transeuntes que perpassam estes territórios. Em algumas oportunidades, há a sobreposição destes territórios por grupos que estimam o mesmo espaço, como é o caso dos grafiteiros e skatistas. Na vivência headbanger, observa-se nos últimos anos os eventos musicais acontecendo tanto em espaços públicos quanto em locais privados. Portanto, os headbangers também passam por momentos de contato e choque com outros grupos culturais, à exemplo da conflituosa relação com Skinheads.

Finalmente, destacando as práticas culturais comuns nos eventos do Hip-Hop e Heavy Metal, vistas como exercícios de territorialização, são habituais os usos de pixações (principalmente dentre os hip-hoppers), divulgação de material underground (como fanzines impressos, flyers e poesias marginais), saraus e venda de material autoral dos músicos. Tudo isto remonta ao modo de (re)existência comum aos cenários undergrounds de Belo Horizonte que, apesar de operarem longe de holofotes, aproximam milhares de pessoas. Pontua-se que este trabalho é apenas um primeiro ensaio a fim de conciliar as culturas rapper e headbanger, cabendo pesquisas futuras que atentem-se aos circuitos destas cenas como um todo e não somente às batalhas e shows.

Palavras-Chave: Território; Cena; Underground; Hip-Hop; Heavy Metal.

RESUMEN 17: Nº 3331 - O SAMBA E A PERIFERIA: MORROS E SUBÚRBIOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Tipo de presentación: Ponencia

*Pizotti, Alexandre Moura*³²

O samba, corruptela da palavra semba, “a umbigada com que se transmite a vez de dançar no jongo e batuques” (FERNANDES, 2001, p. 42) era uma denominação genérica, em meados do século XIX no Brasil, para diversas manifestações rítmicas de origem negras que podiam ser encontrados desde o estado do Maranhão até o estado de São Paulo, formando uma espécie de grande região do samba. Como gênero musical, sua gênese ocorre da mistura de influências africanas com ritmos europeus que o antecederam, como o lundu, a polca e a modinha, tendo na cidade do Rio de Janeiro o seu locus. Durante o início de sua fixação como gênero musical na paisagem urbana carioca, o samba era um gênero musical reprimido e estava restrito a determinados grupos sociais, majoritariamente negros, e áreas da cidade, como os bairros da Cidade Nova, Estácio e adjacências, batizado pelo compositor e pintor Heitor dos Prazeres (1898-1966) como a “pequena África” da Praça Onze, área central do Rio de Janeiro. A partir deste núcleo ou “área core”, essa expressão cultural se dispersou para alguns morros e subúrbios cariocas.

Discutir os processos, atores e lugares envolvidos na espacialização do samba moderno na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, do samba como gênero musical a partir do registro formal da canção “Pelo Telefone”, em 1917, pelo sambista Donga, além de analisar a transição de ritmo marginalizado para sinônimo de música popular no Brasil e expressão de identidade nacional, se constitui como propostas disparadoras desta comunicação. Desta forma, trazemos para o debate alguns pontos relativos à interface entre geografia e música, que podem contribuir para a ampliação do entendimento da relação que une os indivíduos aos seus ambientes, além de novas formas de experiência dos lugares, a partir de duas localidades de grande expressividade cultural no Rio de Janeiro: o Morro da Mangueira, na zona norte da cidade, e a “grande Madureira”, ou seja, o bairro suburbano de Madureira, Oswaldo Cruz e adjacências. Acredito que tal empreendimento se justifica tendo em vista a simbologia emanada por essas duas localidades, notadamente através da música popular, em particular, o samba, tendo como principal agente suas respectivas agremiações carnavalescas, entre as primeiras fundadas na cidade do Rio de Janeiro.

Em uma grande metrópole como o Rio de Janeiro, onde estacamos inextricavelmente imersos e atados a uma “ecologia tecnológica” (WASIAK, 2017), que atua na construção de um espaço urbano cada vez mais permeado por diversas formas de mídias, a música popular, nos seus mais diversos gêneros, se faz praticamente onipresente em nosso cotidiano. Neste contexto, aponto dois eixos de discussão. Em um deles, me proponho a descortinar, apoiado no aporte teórico e conceitual da corrente humanista dentro da geografia, as múltiplas dimensões do mundo vivido relacionado aos recortes espaciais em tela, a partir de alguns sambas, entre eles sambas-enredo, sambas de terreiro ou quadra, testemunhos das vivências e experiências de seus compositores. Pretendemos trazer à luz a genialidade e a militância de diversos sambistas residentes ou frequentadores destes bairros e morro cariocas, lo-

³² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: ampizotti@yahoo.com.br

calidades de forte tradição negra e historicamente negligenciados pelo poder público. Foi a partir das ações intencionais e conscientes de “bambas” ou “mestres”, como Zé Espinguela, Cartola, Nelson Sargento, Carlos Cachça, Hélio Turco, Padeirinho, Marcelino José Claudino, Paulo da Portela, Antônio Rufino, Antônio da Silva Caetano, Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira, entre outros, que o samba venceu preconceitos e consolidou estas localidades apontadas acima como verdadeiras centralidades e símbolos culturais no Rio de Janeiro. Para se atingir o universo das canções selecionadas e seus versos posteriormente analisados, recorri a canções de meu próprio acervo, de terceiros e sites especializados. Como a literatura musicada relativa à Mangueira e à grande Madureira é bastante rica e extensa, buscamos selecionar aquelas canções que entendemos carregar e transmitir as dimensões espaciais e simbólicas do “habitar” que pretendemos destacar, a saber: os laços topofílicos (TUAN, 2012), as experiências vividas dos compositores ou intérpretes, na condição de moradores, simpatizantes ou frequentadores, e a especificidade da geografia e história das duas localidades.

A outra discussão trata da adequação ou não das questões levantadas por Curtis e Rose (1983), relacionadas ao que chamam de “*place-specific-music*”, assim como de outros autores, relacionados aos processos de espacialização do samba nos mesmos recortes. No Rio de Janeiro, ambas as localidades, o Morro da Mangueira quanto a grande Madureira, são notoriamente conhecidos como “lugares do samba”, cuja expressiva tradição musical de sambas de terreiro, sambas de quadra e sambas enredo os tornam verdadeiras centralidades culturais na cidade. Que fatores teriam contribuindo para isso? Toda esta musicalidade simplesmente “emana” destas localidades, ou há outros processos a serem considerados quando analisamos a complexa relação entre música e espaço? Assim, ao “dar voz aos compositores” a partir de suas canções, sejam esses compositores e/ou intérpretes moradores, frequentadores ou simpatizantes dessas localidades, pretendemos oferecer novas possibilidades de interpretação destes simbólicos lugares de nossa sociedade, reorientando a visão da cidade sobre o morro e os subúrbios. Concluindo, letras, melodias, sons, ritmos e batuques do samba carioca podem atuar na criação de imagens dessas localidades que negociam e até mesmo desafiam outras imagens e interpretações comumente associadas às favelas e bairros suburbanos cariocas, como o lugar do atraso, da pobreza e até mesmo de certos hábitos, valores, comportamentos e “cultura” apartada do restante da vida urbana. Além disso, por outro lado, entendo também que a música possui uma dimensão “material”, contribuindo para a incorporação de certos “ativos” nessas localidades, por exemplo, na intervenção pública e privada em áreas como lazer, infraestrutura, educação e cultura, além de diversas outras iniciativas, que atuam no aprofundamento e reinterpretção do convívio comunitário, além da construção de uma identidade de seus moradores, mediada pela música, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras chave: Música, Geografia Humanista, Rio de Janeiro

RESUMEN 18: Nº 3942 - UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O PLANEJAMENTO E A GESTÃO CULTURAL NO MUNICÍPIO DE BARCARENA/PA

Tipo de presentación: Pôster

*Oliveira, Jhonata Américo de*³³
*Machado, Brena Regina Lopes*³⁴
*Silva, Hyngrid Athe Conceição*³⁵
*Lira, Jônatha Rodrigo de Oliveira*³⁶

Comprender o contexto em que se encontram as relações, práticas e manifestações, pertencentes a identidade cultural de forma geral requer uma maior compreensão das suas manifestações na sociedade. Tais reflexões estão atreladas ao espaço da vivência cotidiana dos indivíduos, em que as “políticas públicas de cultura são ações advindas do poder dirigente de estado (..)” (MIRANDA, 2014, p. 26), e estas entidades são legalmente responsáveis por implementar projetos, e gerir tais subsídios. No município de Barcarena-PA, essas relações se expressam entre os seguimentos do setor cultural e a gestão, em suas escalas deliberativas de poder, que impactam nas relações estabelecidas entre os fazedores de cultura e o lugar.

Para compreender tais relações culturais do município, objetiva-se de forma geral analisar as manifestações culturais da realidade do município Barcarena, considerando suas relações sociais, mobilizações e estratégias de organização sócio-política, presentes na cultura local. De forma específica busca-se regatar a formação histórico-cultural de forma geral, e os processos de formulação e gestão cultural no Brasil; ressaltar a estruturação da gestão cultural e seus desdobramentos nas três escalas de poder entre os anos 2010 a 2020; apresentar a diversidade histórico-cultural do município Barcarena; e evidenciar um possível processo de desvalorização dos aspectos e manifestações culturais em Barcarena.

Pauta-se em sustentar a hipótese de um processo de “desvalorização cultural” com os artistas (fazedores de cultura), grupos e manifestações, considerando relatos de uma relação conflituosa, entre o cultural e o político local durante os anos de 2013 a 2020, período em questão marcado por um lapso de mobilizações em decorrência da implementação de políticas de cultura a exemplo, a implantação do SMC-Sistema Municipal de Cultura de Barcarena.

Para confirmar tal concepção a partir de um olhar geográfico busca-se investigar como se dá a gestão cultural em Barcarena, e de que forma ela pode refletir no cotidiano dos fazedores culturais do lugar? A geografia pode subsidiar um universo de interpretações e análises permitindo apresentar novos olhares e embasamento teórico, que relacionam-se com a concepção de Claval (1995) quando diz que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 1995, p. 63).

A categoria Lugar foi utilizado como análise deste trabalho, devido ao objeto de estudo ser as relações do setor cultural do Município de Barcarena/PA, e desta forma, estabelecerem forte vínculo e sentido de pertença com os ambientes e as práticas culturais. Esse vínculo, se fortalece nas relações de vivência

³³ Licenciatura Plena em Geografia; Universidade do Estado do Pará - UEPA; jhonataamerico@gmail.com

³⁴ Licenciatura Plena em Geografia; Universidade do Estado do Pará - UEPA; blopmach@hotmail.com

³⁵ Licenciatura Plena em Geografia; Universidade do Estado do Pará - UEPA; hyngridathe2402@gmail.com

³⁶ Pós Doutor em sociedade e Fronteira pela Universidade Federal de Roraima – UFRR; rodrigao@hotmail.com

dos fazedores de cultura que se familiarizam com os ambientes onde recebem e promovem a arte, mesmo que estes sejam locais públicos ou privados e que estejam em situação estrutural inadequada, reconhece-os como parte de suas identidades.

A relação geografia e cultura nesse trabalho “assumiu como interesse de análise os diferentes modos de vida (...) sobre as dimensões materiais da cultura, as características do habitat, de vestuário, utensílios e técnicas” (Claval, 1999, 2012; Corrêa, 1997, 1999; Mitchell, 2000 *apud* BENATTI, 2016, p. 05). A escolha da temática se justifica pela interação com os segmentos culturais em Barcarena, as quais despertaram questões e interesse em contribuir academicamente para responde-las. Para tal agregou-se um olhar geográfico para compreender as manifestações culturais no lugar.

Como metodologia de desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado um estudo de caso da cultura no município de Barcarena, para evidenciar os aspectos, costumes, tradições e artistas do setor cultural, através de uma pesquisa bibliográfica acerca da temática discutida. Utilizou-se ainda uma pesquisa documental, produção de um balanço de dados estatísticos, elaboração de mapas, tabelas, e quadros, a fim de demonstrar com maior apropriação uma análise da realidade cultural no lugar.

Realizou-se ainda, uma pesquisa de campo com aplicação de questionário semiestruturado (conteúdo dez perguntas relacionadas a temática cultural e o cotidiano dos fazedores de cultura) com agentes da gestão, e principalmente os fazedores de cultural (dois membros de cada seguimento ex: dança, teatro, música, artesanato), que participaram das articulações culturais (2ª Conferencia de Cultura, aprovação do projeto de lei SMC, e a aprovação da CCJEL) entre os anos 2013 a 2020. A pesquisa de campo foi aplicada de maneira remota (via WhatsApp) e presencial (quando possível).

A sistematização deste trabalho foi desenvolvida em 4 capítulos, estruturados da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresenta-se o panorama histórico nacional do setor cultural e sua gestão, passando por vários formatos de governo. No segundo capítulo, é evidenciado um processo de desarticulação de políticas de cultura e do próprio Minc com recorte a 2010 a 2020. No terceiro capítulo, apresenta-se sobre Barcarena e seu contexto histórico cultural, e de forma geral seus aspectos culturais, geográficos, identitários e sua organização coletiva. O quarto e último capítulo, discute junto aos fazedores culturais de Barcarena, sobre a estrutura de gestão, a participação dos seguimentos, e a relação de resistência dos aspectos culturais do município.

Palavras-chave: Fazedores de cultura, Barcarena, Desvalorização cultural, Políticas Culturais.

RESUMEN N°19: N° 2009 - TERRITÓRIO, COMUNICAÇÃO E CULTURA: AS RADIOLAS E OS ESTÚDIOS FONOGRAFICOS EM SÃO LUÍS-MA (BRASIL)

Tipo de presentación: Ponência

Durans, Clara Beatriz Silva³⁷

Santos, Milena Boaes dos³⁸

Alves, Cristiano Nunes³⁹

A diáspora africana, amplo processo de imigração forçada de povos negros do continente africano tornados escravos alhures, implicou em uma série de ações de resistência - contra a opressão, a desigualdade e o racismo - expressas em diversas dimensões da vida cotidiana, dentre elas, por meio da arte. Assim, em distintos contextos de precariedade, no final dos anos 1960, surgiram o *reggae* e o *hip hop*, manifestações culturais urbanas pautadas no imbricamento entre estética e política. O *reggae*, propondo o olhar para a África e conhecido como o som da revolta negra e periférica, surge em Kingston (capital da Jamaica), o *hip hop* tem sua gênese em Nova Iorque, resultado das ações de jovens negros suburbanos questionando o contexto de segregação socioterritorial no qual viviam.

Atualmente mundializadas, tais manifestações diaspóricas se tornaram aglutinadoras de sujeitos periféricos de São Luís (Brasil), capital do estado do Maranhão e núcleo de uma região que abriga 1.621.102 pessoas. Nessa metrópole essencialmente negra, desigual e rica culturalmente, ao mesmo tempo em que predomina o *reggae*, lhe conferindo a denominação de “Jamaica Brasileira”, consolidou-se uma das mais pulsantes movimentações do *hip hop* no país.

No presente trabalho, investigamos o *reggae* e o *hip hop* baseados na noção de *território usado* proposta por Milton Santos, fundamento reflexivo e prático a nos colocar frente aos sujeitos, materialidades, cooperações e conflitos abrigados nos lugares. Substanciando igualmente a nossa proposta, operacionalizamos a noção de *circuito cultural*, ferramenta teórico-metodológica da qual temos lançado mão para investigar a dinâmica de materialidades e relações sociais em torno de uma determinada manifestação cultural.

Como os circuitos culturais fazem circular a variável informação na metrópole contemporânea? Seria a partir da cultura urbana, o meio pelo qual a informação se metamorfoseia em comunicação - um processo de troca necessariamente atachado à vida de relações - cotidianas - dos sujeitos nos lugares? Tais questões além de guiar a delimitação do tema e o próprio processo de pesquisa, fazem com que passemos a definir a tipologia-topologia dos sistemas-técnicos sonoros ligados a tais circuitos negros e periféricos, destacando: (i) as radiolas, sistemas difusores característicos do circuito *reggae* no Maranhão; (ii) os estúdios fonográficos produtores do *rap*, a música da cultura *hip hop*.

Fundamentando nossa metodologia de pesquisa realizamos levantamento bibliográfico e documental sobre a temática, bem como uma série de trabalhos de campo (entre os anos de 2019 e 2020), con-

³⁷ Graduanda em geografia (Universidade Estadual do Maranhão -UEMA, Brasil), bolsista de iniciação científica - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Correo eletrônico: claradurans15@gmail.com

³⁸ Graduanda em geografia (Universidade Estadual do Maranhão -UEMA, Brasil), bolsista de iniciação científica - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Correo eletrônico: milenaboaesd.s@gmail.com

³⁹ Professor Adjunto do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, Brasil), coordenador do Núcleo de Estudos em Território, Cultura e Planejamento (MARIELLE). Correo eletrônico: cris7cris7@yahoo.com.br

sistindo em (i) visitas técnicas, realizadas junto a locais, lugares e eventos implicados na temática, tais quais: clubes e bares de *reggae*, festivais de música, oficinas de radiolas, Museu do Reggae de São Luís, apresentações de *rap*, estúdios fonográficos, entre outros; (ii) entrevistas, via questionários (quantitativos e qualitativos) e roteiros semiestruturados - diálogos - junto a agentes do circuito, tais quais DJs (disc jóqueis), MCs (mestres de cerimônia), gestores públicos, músicos, agitadores culturais, produtores culturais, comerciantes fonográficos, aficionados, entre outros.

Com relação à produção de informações no circuito hip hop, sublinhamos a dinâmica em torno dos 19 estúdios fonográficos caseiros especializados no rap inventariados na Região de São Luís. Associados a tais agentes tem-se uma produção realizada majoritariamente sem relação com a grande mídia, divulgada, sobretudo em plataformas e redes sociais digitais da internet, tais quais canais e aplicativos como WhatsApp, Facebook, Youtube, Instagram, Spotify, entre outros. Observa-se uma concentração de estúdios em bairros periféricos de formação mais recente, abrigo para catorze deles: revelando uma capilarização por meio do rap acompanhando o próprio processo de metropolização da capital maranhense. Por sua vez, em torno desses estúdios a ideia de um mercado fonográfico se mostra residual: boa parte dos trabalhos envolvidos gera pouca ou nenhuma renda para os agentes implicados, sendo esses impulsionados mais pelo comprometimento com a arte em sua forma política, do que pelo alinhamento a uma economia política da cidade.

Inventariamos a ação de 28 radiolas na Região de São Luís. Em torno desses sistemas técnicos constitui-se um mercado pautado na repartição do território de acordo com a demanda por eventos musicais de distintas abrangências, movimentando a economia política da cidade. A considerável base das radiolas em periferias mais antigas sinaliza para um momento do circuito consolidado, constituído, pois, por um mercado em torno de sistemas sonoros que confundem-se com a própria história do reggae ludovicense, tendo se tornado verdadeiras marcas.

Tais circuitos diaspóricos ludovicenses evidenciam o modo como o tecido social se articula mais como criação coletiva do que como imposição externa aos lugares. A esse termo, do ponto de vista cultural, inverte-se uma lógica geográfica consagrada: a periferia parece ser o centro – uma vez entendido como o lugar onde predomina a concretização das inovações do período contemporâneo. A periferia olhada pelo prisma estético-político, um lugar no qual a singularidade se impõe em que pese toda a precariedade, base e produto de uma vida pautada na luta cotidiana pela sobrevivência. Tratar-se-ia, logo, de uma empiria à busca de uma definição de metrópole capaz de dar conta das diversas esferas da vida urbana: para além da esfera econômica, os circuitos diaspóricos significam ações de resistência contra a fragmentação planejada para a metrópole de São Luís, articulando os lugares, por meio, especialmente, da comunicação entre as pessoas.

Palavras-chave: Comunicação, Cultura, Território

RESUMEN 20: N° 3388 -PRÁTICAS CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE COLETIVA NO LUGAR

Tipo de presentación: Pôster

Dias, Letícia de Matos⁴⁰

Souza, Edevaldo Aparecido⁴¹

RESUMO: O presente trabalho discorre sobre noções teóricas correlacionadas ao espaço vivido e suas relações com o lugar, de acordo com a cultura local, e para esta análise específica, esmiuda-se sobre uma tradição no município de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. A pesquisa pautada no método fenomenológico, consiste na compreensão das práticas tradicionais da Dança do Congo, visando entender como elas instituem identidades coletivas e relações nas formas de organização do espaço. Para isto, foram pautadas algumas finalidades complementares, como a elaboração de um arcabouço teórico da tradição supracitada, bem como a posterior análise in loco sobre as práticas religiosas/culturais a partir dos sujeitos, para assim entender suas influências sobre a identidade local numa escala espaço-temporal. Parte-se do pressuposto que a cultura é dinâmica e peculiar, apropriamo-nos dos princípios metodológicos de Brandão (1985); Schmidt (2006) e Chizzotti (1995) como pontos orientadores para o desenvolvimento da pesquisa. Tais princípios se resumem na compreensão das relações entre o espaço percebido e o vivido, o subjetivo e o humanismo, tendo a percepção das coisas como vetor principal. Assim posto, pode-se dizer que a Dança do Congo possui múltiplas práticas, interpretações e vivências, resultantes de uma hibridização entre as práticas religiosas de origem africana, com influências indígenas e europeia. Apesar do subjugo europeu sobre as comunidades e práticas religiosas africanas desde o período colonial, atualmente há um forte movimento de (re)existência cultural relacionado ao processo de hibridização entre as matrizes negras e o catolicismo oficial herdado dos colonizadores. Alguns resíduos deste comportamento ainda persistem na cultura brasileira, como forma de exclusão social. Vale ressaltar que o sincretismo religioso é de grande valia para a perpetuação da cultura tradicional do lugar, visto que o catolicismo popular é a base para as manifestações culturais desde os tempos mais antigos do cristianismo. A Festa para São Benedito, que contempla a realização da Dança do Congo, são representações materiais da fé, mediante os agradecimentos, preces e promessas dos fiéis, sendo que os dias que antecedem a festa são marcados por ensaios dos passos de dança e cânticos pelos Dançantes do Congo. A parte gastronômica também se mantém sempre movimentada durante este período, com elaboração de pratos típicos com antecedência (MOURA, 2005). Outro momento importante na representação e construção identitária do lugar, tendo como referência a Dança do Congo, se dá a partir da madrugada da segunda-feira após a Alvorada. Aos primeiros raios de sol no horizonte, ainda na escuridão das ruas, pode se ouvir os batuques. São os bumbos de dois soldados anunciando a efervescência cultural a ser realizada nos dias, vindouros a cada passo do trajeto. Este conjunto de práticas e representações é empregado por Claval (2001) ao definir cultura, tendo em vista que este termo molda os indivíduos de determinado lugar, de acordo com suas vivências. As experiências instituem os modos de dominação e organização do território, seja ele simbólico

⁴⁰ Pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso e Docente Interina na Rede Estadual de Mato Grosso. E-mail: matos.leticia@unemat.br

⁴¹ Doutor em Geografia. Docente Titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Quirinópolis, Docente no Mestrado em Geografia da UEG/Campus Cora Coralina e da UNEMAT/Campus Cáceres. E-mail: edieueg@gmail.com

ou físico, de modo que as práticas e saberes resultam em marcas exteriores que definem a paisagem cultural do lugar. A dramatização consiste na encenação de uma luta simbólica entre dois reinados africanos, incluindo dança, música ritmada, dialeto de raízes africanas, instrumentos e vestimentas específicas que dão um caráter único ao lugar. Após as simbologias e representações expressas nas vozes, danças, cantorias e ritos deste primeiro dia, há o descanso e preparo para o próximo dia, com novos ritos de passagens, inclusive os relacionados aos cortejos para os festeiros da Festa do próximo ano. Principia-se sempre pelo raiar do dia, com a mesma rotina, acrescentada a presença dos novos festeiros, que posteriormente são conduzidos a Igreja Matriz para a realização de uma missa solene por volta das 9h da manhã, seguido de almoço comunitário para a população e visitantes. A Dança do Congo no município de Vila Bela da Santíssima Trindade constitui-se em um exemplo genuíno das definições tuaninas sobre lugar, bem como para Buttimer (1982), Rocha (2007), pois tanto a cultura tradicional, quanto o lugar, foram lapidados sobre um conjunto de dominações e significâncias. Ao falar sobre tais abstrações nas definições do lugar tal como é hoje, remetemo-nos a períodos seculares da nossa história, desde do domínio da Coroa Portuguesa e a escravidão dos africanos ali ludibriados. O lugar como espaço vivido, segundo relato dos próprios moradores vilabelenses, foi construído por mãos negras, que por séculos tiveram suas culturas e tradições interpeladas, em situações desumanas. Porém essa estruturação dos tempos, também foi marco de lutas e resistências culturais, de modo que resistiu às intempéries e dominações das elites desde o período colonial, e hoje resiste frente a homogeneização e revolução técnico-científica informacional que tende a massificar as culturas elitistas em detrimento das tradições populares.

Esta especificidade do local, segundo Santos (2015), reside em sua história, pois “as relações que ali se estabeleceram, ao passo que a articulação com as influências do mundial se descortina por influência de processos mais amplos de espetacularização da cultura.” (SANTOS, 2015. p. 11). Esta organização do espaço e do lugar é sistêmica e metódica, onde se desenvolvem os grupos e conseqüentemente, os líderes, ou pessoas que tenham a responsabilidade de manter determinada ordem interna e a sequência de práticas e costumes. Para que se tenha essa configuração do lugar, é imprescindível a vivência dos sujeitos, o pensar do espaço vivido entre a geração atual e a ancestralidade, pois são fatores que possibilitam o desenvolvimento de uma cultura tão única e admirável.

Palavras-chave: Tradição. Dança do Congo. Práticas culturais. Vila Bela da Santíssima Trindade. Mato Grosso.

RESUMEN 21: Nº 1747 - A (RE) PRODUÇÃO DO VIVIDO NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO -NORDESTE/BRASIL: NOVAS CONFIGURAÇÕES, OUTRAS IDENTIDADES

Tipo de presentación: Ponencia.

*Silva, Cícero Bezerra da*⁴²

*Vargas, Maria Augusta Mundim*⁴³

Com esse escrito propõe-se analisar a (re) produção do vivido e as novas configurações espaciais e identitárias constituintes das espacialidades ribeirinhas no baixo rio São Francisco, entre os estados de Alagoas e Sergipe, no Nordeste brasileiro. Para tanto, parte-se da ideia de mundo vivido e da consideração de existência de lugares-territórios que fundamentam a interpretação da realidade sociocultural ribeirinha e interpretação dos valores associados às manifestações territoriais circunscritas a relação dialética do domínio e apropriação.

Trata-se de uma pesquisa em fase de desenvolvimento cujo escopo metodológico assenta-se nas primeiras incursões teóricas e empíricas do projeto de doutoramento em curso. A leitura é dimensionada pela compreensão de que a produção da espacialidade ribeirinha ocorre em circunstâncias em que se entremeiam a apropriação cultural-simbólica e a apropriação material, funcional-estratégica. Ambas, em suas configurações, abrigam a existência de modos de usos e de significações do espaço associados aos modos de vida tradicionais e aos modos funcionais de apropriação do rio e das terras adjacentes. Mediante isso, são criados (novos) valores que passam a integrar os sentidos constituintes das próprias identidades.

As novas significações inseridas nos espaços de vivência pela apropriação funcional-estratégica têm inferido na fragmentação e fragilização das territorialidades tradicionais e no rompimento de práticas associadas à água e à terra. A primazia dos grandes projetos de influência regional, a chamada “modernização do vale do São Francisco” em seu baixo curso, bem como a redução deste ao nível técnico de operação da vazão, efetivou a fragilização das espacialidades ribeirinhas e suas áreas de atuação, criando rupturas nos modos de ser dessas gentes. A esse respeito, Vargas (2020, p. 73) assinala que “A cada mudança de seu nível no baixo curso, dada pela ação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, amplia-se o espaço-lugar do não cidadão e as novas territorialidades ressignificam o cotidiano”.

Ao contextualizar a sujeição do rio São Francisco ao nível técnico, Chagas (2014, p. 50) mostra que “O ribeirão perdeu parte substancial de sua disponibilidade alimentar, pois houve uma redução do pescado e a lavoura de vazante praticamente desapareceu”. Essas transformações acontecem encadeadas às mudanças de hábitos alimentares e aos modos de acesso ao alimento outrora produzido nas lagoas marginais ao rio e nas vazantes cultiváveis, que desapareceram, na medida em que as intervenções tecnológicas não garantiram uma vazão ecológica suficiente para manter o ecossistema em condições próximas ao natural (ARAÚJO; AGUIAR NETTO; GOMES, 2015).

Sob essas circunstâncias, as dimensões do vivido, do intangível e das condições materiais de existência foram amplamente impactadas e, como evidenciado, fragilizaram o campo de atuação das gentes

⁴² Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociedade e Cultura – PPGeo/UFS/CNPq. E-mail:cicerogeografia016@gmail.com.

⁴³ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociedade e Cultura – PPGeo/UFS/CNPq. E-mail: guta98@hotmail.com.br

do rio São Francisco. Territorialmente, as implicações se manifestam no campo do trabalho, não tão somente nas atividades, mas, muito mais nas condições de reprodução social dos ribeirinhos em seus respectivos grupos familiares, no cerceamento ao acesso às águas, pela territorialização de empreendimentos turísticos e de lazer e, pela surgência de conflitos entre usos das terras e das águas.

É plausível considerar os discursos associados às demandas sociais do lugar. Estes, em graus diferenciados, fundamentam a legitimam identidades e territórios. Segundo Medeiros (2009, p. 219), essa configuração “é de caráter político, social e cultural, mas se redimensiona como territorialidade com a implementação de novas relações sociais, econômicas e culturais”. Seja de caráter cultural ou político, a legitimação das identidades contribui para a afirmação e permanência dos vínculos territoriais.

No cerne dessas implicações territoriais, advêm os modos de afirmação identitária e de apropriação do rio São Francisco como espaço de vivência, ocorrendo a existência de uma consciência socioespacial de pertencimento. O processo de afirmação identitária como processo de identificação se dá pelas práticas e representações espaciais características das vivências. A esse respeito, Cruz (2006, p. 41) corrobora enfatizando que “É na relação dialética entre domínio e apropriação, entre vivido e concebido que é construída a consciência socioespacial do pertencimento”.

Assim, é pela consciência socioespacial do pertencimento e das condições materiais da existência que se delineiam as estratégias de permanência e manutenção das vivências. Em movimento, essas gentes produzem seus símbolos, introduzem elementos na paisagem e criam suas próprias significações. A reprodução da cultura e do modo de vida, portanto, associa-se à própria condição do pertencimento e das manifestações territoriais circunscritas à realidade vivenciada.

Ressignificadas, as vivências não dizem apenas sobre os modos tradicionais de vida, muito embora sejam pujantes. Como assinalado, ocorre a incorporação de novos sentidos e valores que em associação passam a fundamentar a manutenção da vida e, por extensão, a permanência ao lugar-rio que também é território, ou seja, um lugar-território.

Com isso, a garantia das condições materiais de permanência dos ribeirinhos em seus lugares-territórios passa pelo acesso à água e à terra, bandeiras levantadas como condição de existência, de ser e estar do/no rio São Francisco. Esses são os princípios que fundamentam a identidade ribeirinha posto que encadeiam a reprodução das gentes e dos grupos familiares. Destarte, ainda que a manutenção da cultura e das identidades perpassa pela manutenção e sustentabilidade dos espaços de vivência, ou seja, dos lugares-territórios do rio e do acesso aos recursos, são as condições materiais da existência que atribuem sentido às identidades e que substantivam a cultura no baixo rio São Francisco.

De caráter cultural e político, a legitimação das identidades contribui para a afirmação e permanência dos vínculos territoriais e para a manutenção da consciência socioespacial do pertencimento pelas redes de sociabilidade e das reivindicações necessárias à manutenção da vida no lugar. A (re)existência ribeirinho, assim, se caracteriza na busca pela manutenção dos vínculos territoriais com o lugar-rio e pela própria manutenção das condições materiais de existência e de permanência nas espacialidades culturalmente afeiçoadas no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Vivido territorial. Identidades. Permanências. Lugar-território.

RESUMEN 22: N° 2787 - UMA ANÁLISE TOPONÍMICA DA CIDADE DE UBÁ, MINAS GERAIS, BRASIL, SOB O VIÉS DA MEMÓRIA

Tipo de presentación: Ponencia

Santos e Silva, Ana Carolina

Resumo:

O texto traz reflexões sobre a paisagem cultural da cidade de Ubá, situada na Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil, decorrentes de pesquisa realizada para obtenção do título de Mestre concluído na Universidade Federal de Viçosa. Por meio da apreciação do contexto histórico-geográfico da cidade foram desenvolvidas indagações sobre a toponímia de logradouros do centro da cidade. Entendendo a paisagem como reveladora de dominações e subjugações, os referentes toponímicos da zona central do município propiciaram problematizar o estudo pela memória social no âmbito da sua representação legitimada. À luz disso, também procurou colocar em evidência os sujeitos que ao exercerem influência política e econômica locais, grafaram seus nomes assim como de seus entes na área central. A noção de memória, enquanto produto socialmente construído permite analisar as relações de poder concebidas no espaço, sendo traduzidas na paisagem por meio de símbolos e signos que representam os conflitos ali existentes. Os diferentes “discursos de memória” podem ser explicados, segundo BURKE (2006), por diversos fatores, dentre eles o fato de que na maioria das vezes a história é escrita por “vencedores”, os quais podem se dar ao luxo de esquecer, ao passo que para os “perdedores” é muito mais complexo ocultar os fatos, remoendo-os, revivendo-os, e refletindo como poderia ter sido diferente. Memória assim é instrumento e objeto de disputa sendo algo valorizado pelo qual e através do qual se luta. Deste modo, a pesquisa contribuiu para os estudos de paisagem cultural, ao proporcionar uma nova perspectiva na sua interpretação, posto que a correlaciona aos estudos de construção e reprodução de memória. O estudo privilegiou assim, a categoria geográfica de paisagem e os procedimentos metodológicos adotados compreenderam pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental, inventário toponímico, sistematização e interpretação crítica dos temas investigados. Foram analisadas as denominações de vinte e sete nomes de logradouros na Zona Central da cidade, delimitada segundo a Lei complementar 030 de 1997. Para compor o aporte teórico que discute a temática da composição de memórias sociais, procedeu-se a contextualização do município de Ubá analisando os aspectos geohistóricos de sua evolução até firmar-se como pólo moveleiro regional, o que ocorreu no processo de urbanização geral após a década de 1960. O inventário das nomenclaturas dos logradouros canalizou este capital para a análise de determinadas narrativas expressas na paisagem cultural, responsáveis pela constituição das normas de conduta e exercício de poder. A investigação propôs um novo olhar sobre a paisagem cultural ubaense, realçando as toponímias como importantes meios de apropriação e poder na sociedade, que podem representar os aspectos sociais no espaço. Enquanto local nomeado, ele traz alguma significância de identidade e, conseqüente a motivação relacionada ao corpo social que a adotou. Esse significado assume aspectos diferenciados em que pese os jogos de poder intrínsecos em suas múltiplas dimensões políticas, sentimentais, históricas, culturais e/ou econômicas. Foi possível compreender que a referência ao passado é essencial para manter o sentido de coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade, fornecendo um quadro de referências à mesma, os símbolos de alusão são manifestados através da linguagem, rituais, comidas, símbolos religiosos e comportamentos

os quais reproduzidos consciente ou inconscientemente, em nossas ações diárias, tornam possíveis a construção da memória coletiva. Compreender a paisagem como fruto de relações sociais em que ela pode ser uma marca, que revela a passagem de civilizações é um dos pressupostos da Geografia Cultural, mas ela também pode ser enxergada como matriz que participa dos esquemas de percepção, concepção e ação. Sendo uma marca ela pode e deve ser inventada (BERQUE, 1998). Logo, a cidade como palco de significados é um dos meios utilizados para o exercício de poder político e econômico, no momento em que nomeia-se uma rua com um sobrenome ou nome de uma pessoa, é atribuída à ela um sentido de poder, visto que aquele nome ganha destaque no espaço. Observou-se que a maioria dos nomes de homenageados são de pessoas com grande influência política na cidade até a década de 1950. Desta forma, é imprescindível relacionar isto com o momento socioeconômico local, já que tais aspectos estão diretamente ligados ao plano cultural da cidade. Até a década de 1960, Ubá ainda era bastante dependente do setor agrícola, produzindo gêneros de subsistência e artigos agrícolas para vendas em feiras que ocorriam na própria cidade. As áreas agrícolas do município tinham extremo valor econômico no passado e os donos das terras, pessoas de prestígio social nos moldes de sociedade daquele momento. Em Ubá como nos demais municípios seguiam-se os modelos firmados em bases patriarcais e princípios conservadores. Constatou-se a influência do prestígio político na nomeação dos logradouros identificando nomes de pessoas de destaque social e político impulsionado pela economia agrícola da região. Ou seja, é evidente como os grupos dominantes locais valorizam este momento para estruturação local, ao passo que, as culturas anteriores à colonização e mesmo a classe trabalhadora da cidade foi colocada a margem desta representatividade cultural na área central. Diante disso, a nomeação de lugares como forma de enquadramento de memória a qual demonstra o poder político de alguns grupos sociais, revelou que a cultura dominante exerce de fato um impacto efetivo na construção de memórias sociais, obscurecendo os efeitos das demais culturas, subterrâneas, na paisagem.

Palavras chave: Memória Social, Toponímia; Paisagem; Narrativas urbanas

RESUMEN 23: N° 3778 - CENTRO CULTURAL ESTRELA DE LIA: TERRITÓRIO DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA ILHA DE ITAMARACÁ

Tipo de presentación: Ponencia

Barbosa, Romulo Rodrigues

Com o avanço do processo dominante de globalização desenvolveu-se um discurso de mundo mais fluido, digital, desenraizado. Nesse contexto, diversas populações no Brasil enfrentam desafios à reprodução de suas culturas em um mundo em que o desenvolvimento econômico, hegemonicamente capitalista, não dialoga com outras formas de existência, provocando uma despersonalização que, segundo Haesbaert e Limonad (2007), tenderia a uma dissolução das identidades locais, econômicas e culturais, resultando em um espaço despersonalizado.

O recorte espacial para a pesquisa proposta está localizado no litoral norte pernambucano, a Ilha de Itamaracá que está inserida como Região Metropolitana do Recife (RMR) e vem passando por um processo de urbanização, fazendo com que, segundo Haesbaert (2013) as relações sejam mais imateriais que materiais, e que a perspectiva cultural vá perdendo sentido e se transformando em não-lugar. É na Ilha de Itamaracá que nasceu e criou-se, Maria Madalena Correia do Nascimento, uma das maiores artistas do cenário musical pernambucano. Ficou conhecida como Lia de Itamaracá a partir dos versos “Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá”, escritos pela compositora Teca Calazans na década de 1960. Lançou seu primeiro LP intitulado “Rainha da Ciranda” em 1977, no entanto, não recebeu nenhum centavo pela obra. Os passos iniciais de sua carreira foram difíceis. “Lia também ficou esquecida, apesar do sucesso dos primeiros anos” (ANDRADE, 2008, p.63). Alguns anos depois foi redescoberta pelo seu atual produtor Beto Hees, com isso, sua carreira deslanchou e Lia começou a realizar apresentações no Brasil e pelo mundo.

Mesmo após o sucesso nacional e internacional, Lia se preocupava com o momento em que não pudesse mais cirandar, e tinha como sonho a construção de um espaço para cirandar na Ilha de Itamaracá, um local que pudesse preservar a cultura da ciranda e que oferecesse conhecimentos dos mais variados, entre arte e educação para os conterrâneos. Em 2004, na beira mar da praia de Jaguaribe, a artista fundou o Centro Cultural Estrela de Lia, que oferecia além dos shows, oficinas de cerâmica, cabelo, culinária, fotografia e percussão, dando início a rodas de cirandas frequentes, onde reunia um público diverso de ilhéus e turistas.

O Centro Cultural Estrela de Lia funcionou por alguns anos, com suas atividades sendo custeadas pela própria artista e com patrocínio de alguns amigos, porém, sem auxílio das políticas públicas culturais do município. Na década de 2010, devido aos problemas financeiros, o centro foi perdendo força, ficando sem atividades e fechou. Em 2014, devido a fortes chuvas o centro cultural feito de madeira e palha desabou, e permaneceu inativo por anos. Foram realizadas inúmeras petições ao Governo para que fosse realizada uma requalificação do espaço de Lia, e em 2017 começaram a reconstrução, no entanto, a obra permanece inacabada até os dias atuais.

Devido à falta de políticas culturais para a Ilha De Itamaracá, a ciranda foi perdendo força e a multiplicidade de relações vem diminuindo. Haesbaert (2010) acrescenta que, com isso, as manifestações culturais que ali existiam com grande parte da comunidade, e que formava o “território simbólico” vão enfraquecendo.

Lia de Itamaracá luta atualmente pela requalificação do Centro Cultural Estrela de Lia, espaço esse que os órgãos governamentais abandonaram com as obras inacabadas e sem projetos futuros. Em virtude disso, as rodas de cirandas são raridades, e quando ocorrem são custeadas por Lia e sua equipe, sem apoio da gestão do município ou qualquer outro órgão público. Além disso, é importante salientar que em Itamaracá além do Estrela de Lia, há pouquíssima movimentação em torno da ciranda, e não há movimentos que auxiliem Lia e a preservação dessa marca, já que há um desinteresse pela ciranda, de grande parte da população, em sua maioria jovem, dificultando ainda mais a sua perpetuação.

Para Claval (1995, apud ALMEIDA, 2008), a cultura é um importante meio de interação com a natureza e é a partir desta relação que o homem cria um modo de vida particular, uma identidade. Identidade esta que se define por um conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele (WARNIER, 2008, apud PANITZ, 2010).

Desenvolvem-se, a partir da formação da ciranda, os costumes, as manifestações culturais e relações sociais. Por consequência, surge uma territorialidade, pois reflete uma multidimensionalidade do “vivido” territorial dos membros de uma coletividade (RAFFESTIN, 1993). É na representação da territorialidade da ciranda que Lia de Itamaracá cria a sua identidade territorial a partir dos sentimentos coletivos de pertencimento, mobilidades, valor e comportamento dos agentes sociais que vivenciam este ambiente.

Nesse contexto, o presente estudo busca compreender a importância do Centro Cultural Estrela de Lia no fortalecimento de uma das identidades territoriais da Ilha de Itamaracá. Assim como analisar a trajetória e resistência de Lia de Itamaracá na luta pela valorização do seu espaço da ciranda. O método utilizado foi o dialético para construir uma pesquisa descritiva e qualitativa, afiliado do ponto de vista epistemológico à geografia cultural. De início foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre o tema, incluindo trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas e documentos oficiais. Também foi realizada visitas ao bairro de Jaguaribe, onde se encontra o Centro Cultural Estrela de Lia e onde a cirandeira reside, onde foram feitas entrevistas abertas e semiestruturadas com a Lia de Itamaracá, alguns moradores da comunidade, vizinhos de Lia, músicos e artistas que a acompanha.

Palavras-chave: Lia de Itamaracá, ciranda, identidade territorial, território.

RESUMEN 24: Nº 3946 -IDENTIDADE LATINO-AMERICANA SOB O VIÉS DE CHE GUEVARA

Almeida, Bruna Eduarda de⁴⁴
Fest, Guilherme Augusto Lemos⁴⁵
Firmino, Luceli Anita Costa Pova⁴⁶

Ponencia

Resumo:

Os estudos acerca da América Latina são frutos de luta, de uma conjuntura intelectual e política, portanto é essencial destacar o papel de Ernesto Guevara de La Serna não só sua contribuição para a Revolução cubana como para o desenvolvimento da identidade latino-americana a partir da sua trajetória de vida e de suas viagens de motocicleta no período de 1952 a 1956. A análise e compreensão acerca da identidade latino-americana mostra que o nascer da Revolução é a concretização dessa identidade política, cultural e social. Desta forma, O presente trabalho busca compreender e rastrear a construção da identidade latino-americana relacionada também à Cuba pós revolução a partir da perspectiva de Ernesto Guevara de La Serna.

O pensar na identidade latino americana é pensar numa construção histórica, pessoal e ao mesmo tempo coletiva, das bases de um sentimento que aparenta ser natural e que é relativo ao pertencimento a um determinado local, povo e cultura. A identidade latino-americana parece particularmente sui generis pois não se funda unicamente ao pertencimento a uma história ancestral comum (já que a ancestralidade dos povos originários foi dizimada), mas sim na oposição a um invasor estrangeiro.

Mapa 1: Itinerário de Viagem de Guevara e Alberto Granado.



Fonte: Próprios autores, 2021.

⁴⁴ Graduanda em Geografia – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – e-mail: brunaeduardavalenca@hotmail.com

⁴⁵ Mestrando em Sociologia – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – e-mail: galf_fest@hotmail.com

⁴⁶ Graduada em Geografia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC CAMP) – e-mail: luh.pova@gmail.com

Guevara inicia sua busca por entender os preceitos revolucionários em sua totalidade, entender o quão a América Latina foi e é menosprezada, oprimida e usurpada pelo opressor mundo capitalista e suas grandes potenciais fazendo com que o mesmo entenda a importância da identidade latino-americana como uma afluente fundamental para uma transformação social (GALEANO, 2020; SILVA; 2011, BONFIM, 2008).

A passagem de Che pelo Peru fez com o mesmo amadurece-se a ideal de que a América Latina tinha sua própria identidade baseada nos aspectos culturais, no território e na diversidade de línguas dos povos indígenas, fazendo com que a ideia de identidade que o mesmo conhecia fosse apenas uma construção dos povos invasores que ofuscaram o que os povos originais das terras latino-americanas tinham a oferecer (GALEANO, 2020; SILVA; 2011, BONFIM, 2008).

Mapa 2: Representação cartográfica das ex-colônias na América.



Fonte: Próprios autores, 2021.

Para Guevara a passagem pela América Central acabou sendo um novo marco em sua vida visto que o mesmo pode melhor compreender o imperialismo Yanke e a situação da América Latina diante da grande potência imperialista da época, os Estados Unidos da América, em que em meados do século XX, as companhias norte-americanas eram umas das principais influenciadoras políticas das diversas nações caribenhas, derrubando governos democráticos e favorecendo ditaduras rígidas que lhe favoreciam nos negócios (ANDERSON, 2012).

Através dos contatos que teve, Ernesto se aprofundou mais em história e pensamento latino americano. Os textos e as histórias de José Martí, Simon Bolívar e José Carlos Mariátegui foram fundamentais para moldar o pensamento anti-imperialista dele. Entretanto, curiosamente, no início desse período Che ainda se considerava como anticomunista. Provavelmente seu pouco contato com o pensamento marxista, devido a toda a conjuntura da região que impedia a difusão em massa dessas ideias, se somaram a ideia de que uma ideologia soviética seria outra fonte de imperialismo.

Foi no marxismo que Che encontrou uma teoria coerente que explicasse as misérias da América Latina, mas que precisava de uma experiência histórica própria. Não se tratava de copiar a solução de Lênin, mas sim de construir os caminhos do marxismo na América Latina. Para isso, era preciso repensar o sistema capitalista a partir da periferia. Considerar os efeitos da escravidão, da dependência econômica e como a modernidade europeia foi custeada pela exploração americana e africana (GALEANO, 2020).

Portanto, a crítica marxista criou, na mente de Guevara e de muitos de seus companheiros, uma corrente de pensamento própria que passou a pensar a identidade latino-americana como resistência a dominação estrangeira. Assim, uma ideia que a princípio era vista como exógena passou a ser ao argumento principal da crítica e, portanto, da resistência a dominação imperialista.

Sua visão sobre o que é ser latino americano configura uma identidade na medida em que estabelece uma definição sobre o que une os povos que habitam essa parcela do continente. Visão essa que é partilhada por diversos autores e que se materializa na obra *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, é a de que ser latino americano implica ter uma história em comum e estar inserido na mesma parcela na divisão do mundo em capitalismo central e periférico. É entender que a riqueza das grandes potências, com foco na Europa até meados do século XX e nos EUA a partir desse momento, é gerada pela miséria e pela exploração tanto presente quanto histórica da América Latina e outras regiões periféricas do globo. Ser latino americano é pertencer a uma periferia em específico, a periferia do mundo em especial a periferia das grandes potências e essencialmente dos Estados Unidos da América.

A identidade latino-americana que surge é de uma luta e uma opressão em comum. De alguma forma ela continua se relacionando com um elemento estrangeiro. Existe para contrapor uma opressão externa, portanto, ainda existe para o outro. O novo homem, o revolucionário, não é exatamente um elemento exclusivo dessa identidade. Mas de alguma forma ele se relaciona com ela. O revolucionário é quem reconhece sua identidade latino-americana e luta pela criação de uma nova identidade, que exista para si mesma.

Portanto, podemos concluir que o ser latino americano, para Che Guevara, é uma identidade que existe para a criação de outra, isto é, um continente que existe, se organiza e vive para si mesmo. Por fim, para La Serna o ser latino americano deve ser viver e não sobreviver.

Palavras-chave: Guevara-Identidade- Construção.

RESUMEN 25: Nº 3938 - A TERRITORIALIDADE ASSÍRIA EM MEIO À GUERRA CIVIL DA SÍRIA

Tipo de presentación: Ponencia

Franca, Gilberto Cunha⁴⁷

Holtz, Mateus Felipe⁴⁸

Resumen: Desde 2011 a Síria enfrenta una guerra civil, a complejidad del conflicto posee más que una dimensión nacional o civil; en el país, cuestiones étnicas y religiosas son entrelazadas a la guerra. Há, además, una fuerte cuestión territorial en disputa, involucrando diversos intereses y actores locales, regionales y globales visando conquistar una posición más favorable en el territorio sirio.

Este estudio busca comprender el contexto territorial y político de los asirios, minoría que enfrenta los problemas de la proposición de sus proyectos políticos y de la mantención de identidades no-hegemónicas, en el noreste de Síria, relacionando a su condición de minoría etnorreligiosa entre el Estado Sirio y la ascensión curda de la Federación Democrática del Norte. Así, buscamos también apuntar: a) el contexto político estructural de Síria; b) los conflictos políticos multilaterales ocurridos en Síria después del año 2000; c) la estructura social, política y militar de los asirios; d) reivindicaciones políticas de los asirios.

Los asirios ocupan históricamente las zonas rurales de Síria, de modo más concentrado en el valle del Río Khabour, en el noreste del país y también en barrios periféricos de Al Qamishli, donde forman una clase de comerciantes. (COSTA, 2016; ACN, 2016; ULLOA, 2017)

Con la emergencia de Hafez al-Assad a la presidencia del país, la ideología difundida por su Partido Baath rescatava el intuïto de la edificación de una nación legítima y únicamente árabe, uniendo-o a ideales socialistas y nacionalistas (SOUZA et al, 2017). De este modo, asirios y demás minorías pasaron a ser incorporados artificialmente por el gobierno a una identidad unitaria.

Damasco estatizó empresas e industrias privadas que poseían dueños asirios, además de confiscar tierras e producciones agrícolas de estas comunidades, a través de políticas públicas respaldadas por el discurso de un nacionalista, lo que, por su vez, ganaba aceptación por sectores más radicales dentro de las comunidades musulmanas, mayoría absoluta de los sirios. (DIARBAKERLI, 2018)

En 2000, con la subida de Bashar al Assad al poder, fue construida una frente amplia opositora al Partido Baath. Entre los partidarios, se destacaron los curdos, que galgaron importancia política en el cuadro sirio hasta la Primavera Árabe, momento importante para evidenciar. Multitudes protestaron en las calles de Damasc, utilizando la misma pauta presentada en otros países; entretanto, la mala calculada represión de Assad intensificó la onda de protestos, siendo en este momento reclamada la renuncia de Bashar (SOUZA et al, 2017).

Los curdos formaron la Federación Democrática del Norte de Síria - FDNS, instancia política paralela al Estado sirio. Para comprender como se configuran actualmente las fuerzas políticas curdas, necesitamos retomar la virada ideológica propuesta dentro de su comunidad política, principalmente a partir de Abdullah Öcalan⁴⁹, intelectual e líder kurdo de Turquía. Recluso en Síria, durante las décadas

⁴⁷ Doctor en Geografía Humana por la Universidad de São Paulo; Profesor Asociado I de la Universidad Federal de São Carlos campus Sorocaba. Contacto: stoianicunha@gmail.com

⁴⁸ Mestrando en Geografía e bolsista CAPES por el Programa de Pós-Graduação en Geografía Universidad Federal de São Carlos campus Sorocaba. Contacto: holtz.mateus@hotmail.com

⁴⁹ Öcalan fue secuestrado en Nairobi en 1999 por la Agencia Nacional de Inteligencia de Turquía (MIT), con el apoyo de la CIA

de 1980 e 1990, Öcalan teceu críticas às políticas socialistas ortodoxas, voltadas à centralização do poder político no Estado. Assim, ele traçou um sistema político alternativo baseado na antítese dos pilares do modelo político-econômico hegemônico, isto é: a libertação feminina em face do patriarcalismo, a ecologia contra o capitalismo industrial e a democracia de base em contrapartida ao Estado. (FERRAZ, 2016)

Os assírios mantiveram-se reconhecedores de Bashar al-Assad, apesar das críticas e reivindicações, porém, reduzidos às vilas rurais, passaram a se reportar à FDNS, tendo seus territórios sobrepostos por duas esferas políticas. A FDNS difundiu largamente a colaboração de outros grupos minoritários. A principal “milícia mista” da Síria é o Conselho Militar Siríaco, um braço armado do Partido da União Siríaca. (ULLOA, 2017)

Externamente, os curdos receberam apoio militar e político dos EUA, além do apelo midiático ocidental por seus encontros ao EI e ao regime baathista, aliados à proposta política multicultural e progressista – porém, a Anistia Internacional relatou abusos por parte dos Federados (BENENSON, 2015): os curdos obrigaram os assírios a um duplo recrutamento militar e à dupla taxação; através de lei, os curdos obtiveram primazia total sobre propriedades domésticas, comerciais e industriais de assírios deixadas para trás por ocasião do avanço do EI; os curdos regeram o ensino público e privado da FDNS, promovendo a língua própria e proibindo o ensino do neo-aramaico, falado pelos assírios. (ULLOA, 2017)

Em resposta à ofensiva curda e à passividade de Damasco em função da lealdade dos assírios, essa minoria se conjurou em duas milícias no Vale do Rio Khabour, província de Al Hasakah: Guarda de Khabour e Forças de Proteção de Gozarto; e em um partido unificador – Organização Democrática Assíria. Os assírios, organizados civilmente na Síria, em contraponto aos compatriotas iraquianos, não reclamam um estado soberano e nem uma região autônoma. Seus pedidos se resumem ao reconhecimento étnico e liberdade de expressão cultural, e aos direitos de participação e representação políticas. Compreendendo o território como o controle social e espacial efetivado por diversos atores, que estabelecessem territórios sobrepostos, com hierarquias e regras distintas, podemos pensar que os assírios, apesar de estarem presentes dentro de outros Estados, em suas localidades constituem seus respectivos territórios. É, porém, problemático afirmar isto categoricamente, já que as fontes e referências utilizadas na pesquisa, apontam para um sistemático sobrepujo da autoridade dos assírios em suas cidades na Síria. (RAFFESTIN, 1993)

É possível apontar para a existência concreta de uma territorialidade assíria, uma vez que se refira à expressão sociocultural, através de um ente ou de setores da sociedade, de poderes territoriais consolidados ou em conflito (SOJA, 1971; HAESBAERTH, 2004), expressa pela formação de vilas assírias, onde predomina a língua neo-aramaico, ensino religioso católico e escolas privadas com currículo próprio; isso significa que a cultura dos assírios representa uma vontade política e territorial, possui força para marcar na paisagem e permear a sociedade de seus traços.

e dos serviços secretos israelenses, e levado para a Turquia, onde foi preso, julgado e condenado à morte por terrorismo nos termos do artigo 125 do Código Penal Turco, que diz respeito à formação de organizações armadas. No entanto, a sentença foi comutada para prisão perpétua quando a Turquia aboliu a pena de morte. De 1999 a 2009, ele foi o único prisioneiro na ilha de İmralı, no mar de Marmara.

RESUMEN 26: N° 1785 - QUADROS GEOGRÁFICOS DO NORDESTE DO BRASIL PELO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Tipo de presentación: Ponencia

Queiroz, Pietro Renato Félix de⁵⁰

Os sentidos geográficos podem ser mobilizados, com grande frequência, à medida em que nos relacionamos com as imagens. Ao abrir um aplicativo de fotos, por exemplo, podemos estimular o sentido geográfico do observador a partir do lugar supostamente marcado na fotografia. Nossa reação imediata está em reconhecer o lugar da foto e tecer algum comentário sobre e, se mais estimulados, buscar conhecer outras informações sobre o lugar. A partir do encontro entre observador e objeto constata-se a construção imagética de um sujeito acerca daquilo que fora observado, ampliando o campo referencial do sujeito espacialmente e imagetivamente. Partilhada essa experiência com outros sujeitos ou grupos, supomos o desenvolvimento de uma ideia sobre aquele lugar visto na fotografia, instituindo um imaginário sobre aquele lugar. Tomada essa premissa, podemos entender que o imaginário é fonte de tudo aquilo que não seja fonte da razão (DURAND, 1999), uma vez que a partilha da experiência imagética trata de suposições acerca de algo que ainda não fora percebida no campo da razão. Neste sentido, é factual a produção de sistemas de significação sobre os lugares ao compormos enquadramentos sobre dada porção do espaço. De acordo com Paulo César da Costa Gomes (2017), a geografia é uma ciência que nos permite pensar através de estruturas visuais, ampliando o escopo de possibilidades para a compreensão de um dado fenômeno sob um respectivo recorte espacial.

O cinema, podemos afirmar, é objeto artístico que atrai grande número de atenções por seu caráter comercial e reflexivo. Não obstante, a chamada *sétima arte* pode ser entendida como uma construção mental acerca de determinada configuração de mundo, influenciada pelo seu próprio entorno. Contudo, as imagens do cinema também podem produzir discursos e regimes de visibilidade sobre uma porção da natureza, determinando construções narrativas sobre um grupo, população ou área. Aqui, projetamos um fenômeno muito caro à cultura brasileira que fora construído ao longo do séc. XX, o imaginário sobre o nordeste brasileiro. É comum ver imagens associadas à região que remetam o sertão como sinônimo da pobreza e o litoral como o horizonte a ser conquistado. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) nos provoca refletir sobre o Nordeste como identidade espacial construída sob um regime de visibilidade e dizibilidade em um sistema de poder pelos intelectuais e oligarquias da região. Ao mesmo tempo, a paisagem é instrumento de síntese na construção deste imaginário como resultado das experiências sensíveis (BESSE, 2014), direcionando formas de olhar sobre a região a partir de sistemas de significação.

Evocado no discurso regional, o Nordeste surge como tema de constante discussão por incitar reflexões acerca de novos arranjos na dinâmica espacial. Compreender a região, aqui, é buscar entender como um dado legitimador relacionado ao campo do poder, como lembra Haesbaert (2014), por compreendermos que o discurso imagético sobre o Nordeste é construído das experiências sensíveis dos grupos da elite regional como instrumento de exposição da região para as demais partes do país afim de obtenção de recursos, como a retórica da miséria implantada durante o combate às secas e que per-

⁵⁰ Doutorando em geografia na Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO-UFPE). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Espaço Cultura e Política (LECgeo), da Universidade Federal de Pernambuco, e do Grupo de Pesquisa em Geografias Negras e Indígenas (GENÍ), da Universidade Federal de Pernambuco. Email: queirozdepietro@gmail.com

dura até os dias atuais. Seguindo esta linha de pensamento, a articulação entre a produção de discursos e visibilidades sobre a região produz enquadramentos da natureza, no mesmo sentido empregado por La Blache (2007), vinculada aos processos espaciais desenvolvidos pelos grupos sociais. Uma imagem associada a uma região, todavia, é entendida por outra como contrária aos modos de viver e pensar sobre aquele espaço. É esta causa que favorece o reforço (ou enaltecimento) dos regionalismos.

Os dispositivos produtores de imagem, conforme a evolução técnica, estabelecem novas relações entre sociedade e a natureza ampliando, assim, o campo de problemáticas na contemporaneidade. Algumas formas de reflexão por meio de imagens permanecem conectadas com estruturas já existentes que são ressignificadas, sobreviventes de “...uma dinâmica e uma sedimentação antropológicas tornadas parciais, virtuais, por terem sido, em larga medida, destruídas pelo tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 35). Seria temerário afirmar que o olho espacializa tudo aquilo que é observado à primeira ordem segundo a gama de valores que compõem a sua cultura (BERDOULAY, 2012)? Como exercício, faz-se necessário refletir sobre o que se vê, como é visto e como a configuração espacial influencia nesse processo. A força das imagens está entre o espaço que conseguimos refletir por meio delas, um meio de entender seus processos de construção e o seu fazer geográfico. Inserido neste debate, o cinema brasileiro contemporâneo traz à tona imagens invisibilizadas do imaginário social e geográfico comum produzido ao longo dos tempos. É comum no imaginário do Nordeste brasileiro a premente imagem da miséria e dos seus sujeitos fadados ao fracasso. São imagens carregadas forte simbolismo que se perpetuam até o presente, calcadas em uma construção da centralidade do capital nos eixos econômicos do país. Nesse sentido, as imagens do cinema brasileiro recorrem a estruturas existentes como recurso para enfatizar na narrativa algo que ainda sobrevive, fantasmagoricamente no presente⁵¹.

Desta forma, de forma preliminar, compreendemos que as dinâmicas em torno da região Nordeste brasileira têm em seus processos simbólicos ancorados nos regimes de dizibilidade e visibilidade, como nos lembra Albuquerque Jr. (2011), propiciam a reflexão sobre este espaço compreendendo a região como arte-fato (HAESBAERT, 2014), um processo de regionalização ao mesmo tempo teórico e prático ao considerar tanto o campo das representações quanto o campo das práticas situadas no espaço e no tempo. O cinema produzido sobre o Nordeste ao longo da história do cinema brasileiro construiu imaginários que mobilizam a região até o presente como sinônimo do atraso, tendo o litoral como horizonte a ser alcançado e vivido pelas elites, condição até hoje transformada com o crescimento das cidades, mas não modificada por suas formas de controle do poder, cujas imagens contemporâneas refletem sobrevivências de uma história que permanece viva nas práticas materiais e simbólicas. Desta forma, refletir a região por meio de suas imagens de cinema torna este texto um pequeno extrato de nossa investigação de doutoramento.

Palavras-chave: Região, Cinema Brasileiro, Nordeste, Paisagem.

⁵¹ Por exemplo, no filme Bacurau, dos diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dorneles, lançado em 2019, a cena onde Lunga, personagem vivido por Silvério Pereira, enfileira as cabeças dos estrangeiros mortos, uma clara referência à fotografia da morte de Lampião e seu bando em 1938.



TEMA: CULTURA Y BIODIVERSIDAD

RESUMEN 27: N° 2133 - INTERFAZ CULTURA-BIODIVERSIDAD EN LA GEOGRAFÍA: CONTRIBUCIONES DE LA ANTROPOGEOGRAFÍA Y DE LA GEOGRAFÍA CULTURAL

Tipo de presentación: Ponencia

Santos, Rodrigo Martins dos⁵²

Este texto se desarrolla en torno a la noción de *diversidad biocultural*, probable correlación entre biodiversidad y diversidad cultural, incluso a escala global, donde existen descubrimientos que indican similitudes en sus distribuciones geográficas. En Brasil, algunos autores prefieren utilizar los términos sociobiodiversidad o biosociodiversidad. Por tanto, nuestro objetivo es presentar algunos aportes de la Geografía a la comprensión de esta noción.

La principal justificación viene en el sentido de contribuir al desarrollo de la geografía biocultural, emprendiendo caminos que promuevan la conexión entre los dos principales aspectos geográficos: el humano y el físico, especialmente mediante la biogeografía y la geografía cultural. Presente desde la concepción de la disciplina, la comprensión del espacio geográfico se ha ido especializando paulatinamente, dando lugar al surgimiento de sectores disciplinares comunicables. Conciliar escuelas geográficas es un gran desafío, pero es necesario evitar que las subáreas de la disciplina se vuelvan cada vez más distantes e irreconocibles.

Así, presentamos de manera sucinta dos escuelas geográficas que abordan este tema: Antropogeografía y Geografía Cultural. Luego, discutimos algunas categorías de análisis y conceptos desarrollados por ellos que pueden ayudarnos a comprender mejor la diversidad biocultural en el espacio geográfico.

La principal preocupación de la antropogeografía, propuesto por Ratzel, es plantear explicaciones plausibles para la distribución de los grupos humanos en la superficie del planeta. Para eso hay que identificar sus lugares de origen, rutas migratorias, lugares de aparición de nuevas sedes... Identificar los espacios de dominación de una determinada población humana (grupos sociales, culturales, económicos, políticos...), es decir, sus territorios. Así como las formas/procesos de uso/dominación territorial de estos grupos: territorialidad/territorialización, que forjan paisajes antrópicos (o culturales). Además, las subdivisiones de estos espacios en regiones y los procesos que conducen a estas regionalizaciones también se pueden rastrear a través de la Antropogeografía.

El hecho de que la Antropogeografía esté ligada umbilicalmente a la Biogeografía (así como a la Fito-geografía y la Zoogeografía) respalda la afiliación de una Geografía Biocultural a ella, ya que entiende a la Tierra como la gran proveedora de recursos para la alimentación, la vivienda, la continuación de la especie y el apoyo a la vida y de todas las creaciones humanas.

La antropogeografía influyó en varias escuelas geográficas y geógrafos, como la Geografía Cultural de Sauer, basada en una propuesta metodológica titulada Morfología del Paisaje, inspirada en las ideas ratzelianas, que le presentó un colega en Berkeley, también geógrafo y profesor de Antropología, Franz Boas.

La Morfología del Paisaje es una metodología para, básicamente, analizar los fenómenos de la realidad percibidos en el paisaje, un tipo de geografía ecológica humana, teniendo el mapa como símbolo inmemorial.

⁵² Doutorando em Geografia na Universidade de São Paulo, pesquisador no grupo Cauim da Universidade de Brasília, contato: <http://popygua.blogspot.com/p/contato.html>.

Para Sauer, cualquier ciencia que busque conocer los fenómenos y sus conexiones puede considerarse fenomenológica. Afirma esto a partir de la filosofía de la naturaleza, basada en el método morfológico de Goethe.

Ratzel presentó la noción de *área de origen y difusión cultural* como una explicación de la similitud entre idiomas, religión, comida y otras ideas con personas de diferentes orígenes étnico-raciales. Consiste en la identificación de los *centros de evolución* (o emergencia) de una determinada innovación que se ha extendido en el espacio geográfico, siendo posible delimitar las áreas donde se han extendido. Una de las formas de identificar un *área cultural* es a través de la observación del paisaje, o mejor dicho, el paisaje cultural.

El *paisaje cultural* es una derivación del paisaje natural u original. Es el resultado de la acción humana en este último o en un paisaje cultural más antiguo. Para comprender un paisaje cultural, es importante conocer el número, la densidad de habitantes, así como los grupos étnicos establecidos y migrantes. Además, las formas en que se utilizan los recursos para la alimentación y la vivienda también son factores importantes, al igual que los medios de producción y comunicación. Prestando atención a que todos estos elementos se ubican en la historia, con momentos de emergencia, desarrollo y desaparición, vinculados a la historia social de los pueblos y sus territorios.

El concepto de *territorio* propuesto por la Antropogeografía proviene de su conexión con la Biogeografía. El territorio es, por tanto, el suelo, la tierra donde un determinado grupo social domina para beneficiarse de él económicamente, espiritualmente, culturalmente etc. Tiene una connotación explícita de poder, política, pero ligada al comportamiento humano, que es biocultural, es decir, al mismo tiempo que tiene aspectos biológicos y psicológicos, está condicionado por elementos sociales y culturales.

A partir de este concepto de territorio, que presenta cierta similitud con la noción de *área de vida* en Biogeografía, surge la idea de *territorialidad*, es decir, cómo los sujetos (y sus colectivos) se relacionan con el entorno para la realización de sus existencias. La diferencia está principalmente en la defensa, es decir, mientras la primera noción se refiere al espacio de existencia de una determinada especie, grupo o individuo, la última trata de la protección del espacio ejercido por los sujetos. Es decir, cómo producen, delimitan y defienden su territorio. Cómo los sujetos ejercen su poder, su dominio sobre el espacio. Así, no se restringe a la observación de las técnicas de apropiación de recursos con fines económicos, como tradicionalmente se enfoca el concepto de *modo de vida*, sino de las instituciones políticas y culturales que posibilitan el control espacial. Raffestin establece un vínculo entre territorialidad y paisaje. Para él, el paisaje de hoy es el resultado de las territorialidades del pasado, y la territorialidad de hoy dará como resultado el paisaje del futuro.

Como hemos visto, las propuestas metodológicas y conceptuales en Antropogeografía y Geografía Cultural son de esencia ambientalista y culturalista, simultáneamente. Y, por tanto, presentan instrumentos relevantes para los estudios de la diversidad biocultural en el espacio. Es necesario rescatar el rol holístico y sintético que originalmente propusieron estas escuelas geográficas, para comprender mejor el espacio humano, especialmente las relaciones intrínsecas naturaleza-humanidad.

Palabras-clave: geografía biocultural, antropogeografía, geografía cultural, territorialidad, paisaje cultural

RESUMEN 28: N° 3380 - TURISMO COMUNITÁRIO E RESISTÊNCIAS. RELAÇÃO ENTRE CULTURA E PRODUÇÃO DA SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL.

Tipo de presentación: Ponencia.

Moretti, Edvaldo Cesar⁵³

O objetivo desta apresentação é refletir sobre o turismo comunitário como resistência a produção privada dos lugares e a relação da prática turística com a cultura.

O texto é resultado de pesquisas realizadas pelo autor no Grupo de Pesquisa Território e Ambiente no Mato Grosso do Sul, (Pantanal e Serra da Bodoquena), em Moçambique (Marracuene) e em Cuba (Parque Viñales).

Turismo na pesquisa é entendido como uma prática social que produz geografias a partir das relações entre sujeitos diferentes pelas suas condições sociais e culturais.

O turismo mercantil, dominado por grandes empresas mundiais, tem como prática a homogeneização dos lugares, atendendo aos interesses e necessidades da sociedade urbana.

A leitura do turismo, enquanto fenômeno mundial com impactos e atuações nos locais é, no geral, apresentado na perspectiva econômica e desenvolvimentista, pelas organizações empresariais, estatais e muitas vezes pelas técnico/científicas, como uma atividade econômica capaz de aliar o desenvolvimento com a preservação de ambientes naturais e culturais. Mas, as pesquisas a partir do diálogo com as comunidades, indica que no concreto ocorre o processo de apropriação do público pelo privado, gerando renda e possibilidades de acúmulo de riqueza para uma pequena parcela da sociedade.

Com a perspectiva de compreender a prática turística e seu significado no mundo moderno, propomos pensar nas possibilidades reais e concretas de produzirmos turismo comunitário, ou seja, o controle das práticas turísticas pelas comunidades que vivenciam e produziram o lugar, modernamente apropriado como destino turístico.

O turismo comunitário, entendido como capaz de participar da emancipação das comunidades locais organizadas, é uma proposta de constituição destes territórios-destinos inteligentes. O controle e a gestão da atividade, na perspectiva comunitária, pode ser realizada pelas comunidades que participaram da construção da atividade. A meta é a apropriação das condições materiais e imateriais, por eles produzidas, e valorizadas pelo mercado turístico.

A associação entre atividade produzida pelo turismo e as possibilidades de distribuição do trabalho e renda para quem produz o lugar, constitui indicação de alguns sinais de formas diferenciadas de produção do território, configura em um caminho para pensar na produção do turismo comunitário associado a valorização cultural.

Na pesquisa o turismo comunitário foi compreendido como a busca de novas práticas sociais de relação com o lugar e com os sujeitos. Estas práticas incluem o gerenciamento da atividade turística pela comunidade e relações diferenciadas entre turistas e comunidade receptora. Essa relação considera como fundamental a valorização das culturas locais, não apenas no sentido de espetacularização, mas também e principalmente, na sua permanência enquanto cultura.

Os lugares pesquisados apresentam características diferenciadas no processo de produção de práticas turísticas comunitárias. No Brasil, especificamente no Pantanal e na Serra da Bodoquena, as práticas

⁵³ Docente Universidade Federal da Grande Dourados edvaldomoretti@ufgd.edu.br

comunitárias estão concentradas em comunidades rurais de pequenos proprietários de terras, que com a prática turística procuram se manter na terra e valorizar o modo de vida rural. Especificamente na Serra da Bodoquena, o turismo é focado nas paisagens de natureza, com destaque para Grutas e rios de águas cristalinas.

Em Moçambique, especificamente em Marracuene, ocorre a produção de artesanato com o uso de madeira, do barro e a pesca. A mercantilização destes produtos pelas comunidades locais esta vinculado as feiras urbanas em Maputo, com a participação de intermediários no processo de comercialização, provocando distanciamento cultural entre os produtores de artesanado e pescadores com os turistas.

Por fim, nas pesquisa realizada em Cuba, destaca a relação entre os pequenos produtores do Parque de Viñales com a prática turística, com a valorização da produção de alimentos orgânicos, do plantio do fumo e produção artesanal de charutos e de práticas associadas a vida rural. Destaca em Viñales a relação direta com os moradores urbanos com os turistas, com a hospedagem em residências familiares. A centralidade das pesquisas é contribuir para a apropriação por parte das comunidades pesquisadas de conhecimento que potencialize a possibilidade da prática turística como geradora de emprego e renda. A tese central é o entendimento do turismo como uma prática social que normalmente é implantada nos lugares por empresas que transformam o lugar e distanciam o lugar das comunidades, criando territórios de estranhamentos e (des)pertencimento.

Durante as pesquisas concluímos que para as comunidades o primordial é o entendimento e a apropriação da prática turística como uma possibilidade de construção de territórios-destinos sustentáveis, com a valorização das identidades produzidas e que geram o lugar como atrativo. Para tanto é necessário a construção de metodologias de pesquisa que permitam estabelecer critérios de acordo com cada situação local (histórica, social, econômica, ambiental, cultural).

A definição das metodologias e técnicas de pesquisas adequadas para cada situação pesquisada foi o principal desafio para os participantes das pesquisas. A partir de princípios gerais, dialogo com as comunidades e base teórica consistente, definimos como central considerar os processos locais e globais que participam dos fenômenos analisados.

Essa perspectiva metodológica geral indicou que as pesquisas e ações no Grupo de Pesquisa Território e Ambiente possibilitam a produção do conhecimento baseado na troca de experiências e valorização das práticas locais associadas aos avanços do intercambio com práticas inseridas no mundo da informação e tecnológico, com a busca do pertencimento, da emancipação social e da sustentabilidade social.

A apresentação pretende relacionar essas práticas turísticas com a produção dos lugares turísticos e a valorização das culturas produzidas pelos homens e mulheres de cada recorte espacial.

Palavras chaves: turismo; ambiente; cultura

RESUMEN N°29: N° 1583 - “O PARQUE INVADIU A MINHA CASA”: EM DIREÇÃO AOS SENTIDOS POLÍTICOS DE LUGAR NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA – RJ

Tipo de presentación: Ponencia

*Brum, Jean Lucas da Silva*⁵⁴

O objetivo deste trabalho é analisar as implicações do estabelecimento do Parque Estadual da Pedra Branca, uma Unidade de Conservação localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, nas estratégias de reconfiguração identitária e na edificação de sentidos políticos de lugar por parte da população residente dentro dos limites do parque, a fim de interpretar a constante negociação de significados produzidos por meio de relações afetivas e de poder que são tecidas no cotidiano desta UC.

Localizado na zona Oeste do município do Rio de Janeiro, compreendendo, mais especificamente, todas as áreas situadas acima da cota altimétrica de 100 metros do Maciço da Pedra Branca, o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) se destaca como uma importante Unidade de Conservação (UC) no contexto carioca, sendo foco de interesse, tensão e conflito entre agentes do poder público, instituições e grupos sociais diversos.

No processo de implementação do PEPB, instituído oficialmente pela Lei Estadual N° 2.377, de 28 de junho de 1974, é possível observar uma forte influência dos ideais preservacionistas que guiaram a criação dos primeiros Parques Nacionais norte-americanos, ainda na segunda metade do século XIX, como locais de grande beleza cênica destinados, principalmente, ao desfrute de uma população urbana (DIEGUES, 2001; FERNANDEZ, 2016). Este modelo parte do princípio de que toda relação entre sociedade e natureza é potencialmente “degradadora”, não permitindo, portanto, a presença de residentes no interior da área protegida (DIEGUES, 2001). Tal fato é corroborado pela própria classificação do PEPB enquanto uma

UC de Proteção Integral, categoria presente no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), principal instrumento legal acerca da criação, implantação e gestão das UCs no Brasil, definida, entre outros termos, como uma área que visa à proteção de recursos naturais e da biodiversidade admitindo a presença humana apenas indiretamente, para fins de visitação ou pesquisa científica (FERNANDEZ, 2016).

A criação do parque, entretanto, acabou incluindo uma parcela significativa da região outrora conhecida como “Sertão Carioca”, termo cunhado pelo cronista Armando Magalhães Corrêa (1936) para designar a zona de produção agrícola do Rio de Janeiro no início do século passado, marcada, conseqüentemente, pela presença de uma população “com forte relação de dependência dos recursos naturais locais na garantia de seu sustento e reprodução social” (FERNANDEZ, 2016, p. 132).

Como ocorrido em muitas outras UCs no Brasil, no processo de transição de parte do “Sertão” em parque, muitas das formas de ocupação prévias ao estabelecimento da área protegida não foram consideradas, sequer foram regularizadas suas condições fundiárias, especialmente no que tange aos processos de desapropriação.

Assim, muito embora passados quatro décadas de criação do parque, ainda existem dezenas de famílias

⁵⁴ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ/ jeanbrum@id.uff.br.

estabelecidas na localidade que sobrevivem, integralmente ou parcialmente, de atividades agrícolas, resistindo, de um lado, à pressão exercida pela forte especulação imobiliária nos bairros do entorno do parque e, de outro, das restrições legais impostas quanto do estabelecimento do PEPB enquanto uma UC de Proteção Integral.

Isto posto, é importante ressaltar que, ainda que do ponto de vista de seu enquadramento legal, esta população local residente dentro dos limites do parque seja compreendida como em uma situação de irregularidade, até mesmo, em seu extremo, enquanto “invasora”, estes sujeitos seguem resistindo e existindo no lugar, reproduzindo práticas sociais históricas. Tais práticas, longe de apenas expressarem relevância para a reprodução econômica e social desta população local, apresenta também um indispensável papel simbólico/cultural, revelando uma profunda relação de afeição e pertencimento ao PEPB enquanto lugar de vivência.

Em meio a este cenário, a defesa do mundo vivido das populações locais estabelecidas no PEPB parte da construção de um forte sentimento de pertencimento e enraizamento, ancorado, entre outras referências, na memória e herança quanto de uma identidade ligada a um passado rural. Neste contexto, é possível destacar a construção de profundos e conflitantes sentidos de lugar, entendido aqui, a partir da perspectiva cultural-humanista em geografia, como centro de significado (RELPH, 1976; TUAN, 2011, 2013), tornando-se a base dos processos de apropriação simbólica do espaço e resistência política dos agricultores do PEPB.

Nosso objetivo é interpretar a construção de sentidos de lugar por parte da população local do PEPB a luz de um olhar cultural-humanista, procurando enfatizar como a construção destes sentidos se encontra articulada a um contexto político mais amplo, expresso pelo processo de resistência e luta das populações locais em busca do reconhecimento e garantia de sua identidade e direito ao lugar. Para tanto, recorreremos a uma revisão bibliográfica a respeito da legislação de áreas protegidas no Brasil, em especial o SNUC, e o que fica determinado quanto da presença de populações residentes em unidades de proteção integral, além de recorrer a pesquisas que versam sobre a criação e implementação do PEPB e suas consequências para os modos de vida locais, bem como por dados primários, obtidos através de entrevistas com alguns residentes da localidade e trabalhos de campo, onde foram realizadas observações diretas do contexto vivido por estes sujeitos.

Palavras-chave: Parque Estadual da Pedra Branca, sentidos políticos de lugar, Unidades de Conservação.

RESUMEN N°30 N° 2653 - EXPANSÃO URBANA NOS TERRITÓRIOS DO EXTRATIVISMO: FRONTEIRAS, CONFLITOS CULTURAIS NO LITORAL DE SERGIPE, BRASIL.

Tipo de presentación: Ponencia

*Silva, Heberly Ruan da Conceição*⁵⁵

*Almeida, Maria Geralda de*⁵⁶

O processo de ocupação do homem no litoral do Estado de Sergipe, no Brasil, é composto por marcas históricas que revelam o encontro de grupos étnicos distintos. Neste espaço da alteridade e de encontro com o outro, os embates etnocêntricos, econômicos e territoriais se tornaram inevitáveis, principalmente quando os povos originários da etnia tupinambá estabeleceram os primeiros contatos com povos exteriores no processo de colonização. Desde então, o litoral, tornou-se um espaço de contrastes sociais com povos heterogêneos não somente no âmbito da cultura e identidade, mas também nas intencionalidades e racionalidades econômicas e sociais.

As singularidades das estruturas sociais de cada etnia, fomentou a apropriação do litoral de maneiras distintas. De lado, populações se aglomeravam nos centros urbanos e metropolitanos organizando-se um estilo de vida cidadão. Por outro lado, grupos humanos se estabeleciam e organizava os modos de vida associados a práticas tradicionais associados a caça, pesca, extrativismo nos abundantes estuários e ecossistemas litorâneos.

A prática extrativista no litoral de Sergipe é secular e consolidou-se não somente como importante estratégia de sobrevivência, pois também faz parte da tradição, cultura, identidade (JESUS, 2016) e territorialidades dos povos tradicionais. A cata da mangaba no ecossistema restinga, por exemplo, é realizada por grupos étnicos específicos e envolve um conjunto de técnicas e saberes sociais em todas as etapas do manejo do fruto, além disso, contribui no processo de identificação social, individual e territorial, pois os sujeitos se auto denominam como catadoras de mangaba, estabelecem territorialidades por meio das relações de convivência e práticas de manejo

A apropriação do espaço litorâneo por meio de racionalidades distintas continua a estabelecer conflitos ao longo do século XXI. A expansão da malha urbana dos municípios costeiros aos moldes do capital imobiliário, da financeirização da habitação urbana e do consumo da paisagem e elementos da natureza, tem ameaçado os territórios de vida das populações tradicionais. Diante da problemática apresentada, o objetivo deste trabalho é refletir como o território e a identidade das catadoras de mangaba do município de Barra dos Coqueiros, tem sido afetada pela expansão urbana e implantação de empreendimentos imobiliários exclusivo.

Para estabelecer uma análise mais interpretativa da realidade debruçamos nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, entre as quais, foi realizada revisão de literatura sobre os conceitos e temas do estudo. Na pesquisa de campo utilizamos instrumentais como roteiro de observação para reconhecimento do território, entrevistas semiestruturadas para analisar a percepção dos sujeitos e os rebatimentos da expansão urbana na cultura e identidade local. Além disso, realizou-se registro fotográfico para constatar as características do fenômeno estudado e auxiliar na discussão e elaboração das

⁵⁵ Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe

⁵⁶ Docente da Universidade Federal de Goiás

produções científicas.

A metodologia apresentada nos permitiu constatar que a construção da Ponte entre os municípios de Aracaju e Barra dos Coqueiros possibilitou a integração entre a capital do estado e o litoral Norte, aumentando o fluxo de pessoas, mercadorias e fomento da especulação imobiliária. Esse cenário tem provocado transformações significativas nas áreas destinadas a vida da coleta da cata da mangaba.

Os empreendimentos apropriam-se da restinga, promovendo alterações drásticas nas paisagens, evidenciadas pela movimentação intensa de maquinários que fazem a remoção da vegetação e terraplanagem do solo arenoso. Os sons emitidos pela fauna e flora são substituídos pelos sons e ruídos dos canteiros de obras. Caminhões de grande porte realizam o transporte de entulhos e materiais de construção e se movimentam pelas ruas, assim como os automóveis importados de luxo dos novos moradores. As cercas dão lugar a muros, a restinga e as dunas a casas de alto padrão e apartamentos para a classe C. As praias antes desertas, frequentada apenas por grupos nativos, passam a os receber novos moradores e turistas.

A pressão urbana sob o território extrativista tem comprometido a base material do território em decorrência do desmatamento das mangabeiras e redução das áreas destinadas a coleta, e, conseqüentemente, a dimensão simbólica/cultural, no momento em que a redução do fruto dificulta a reprodução da vida cotidiana, diminui a renda das famílias pois destrutura as práticas produtivas no processo de coleta, produção de derivados e comércio nas feiras e acostamento das estradas.

Ao aprofundar nos impactos associado a cultura e a identidade local, observamos que a instalação dos empreendimentos imobiliários está estabelecendo fronteiras culturais e identitárias. O assunto nos recorda os estudos de Almeida (2005) e Haesbaert (2001) ao concordarem que a fronteira é o lugar do encontro da diferença, da alteridade e desraizamento das identidades territoriais. Logo, a vida em condomínios exclusivos e de alto padrão, representa um modelo de vida, identidade e racionalidade econômica distinta quando comparado com as convivialidades dos grupos étnicos tradicionais.

Em Barra dos Coqueiros, os muros dos condomínios representam a disparidade cultural e étnica de povos distintos que compartilham o espaço semelhante. Os que estão dentro vive um modelo de vida recluso, mantendo o distanciamento social dos de fora. Já os de fora, são obrigados a se adaptar a redução drásticas do território e as ameaças a continuidade das práticas tradicionais. Para os de fora, a insatisfação com a chegada do outro tornou-se crônica, e os conflitos tornaram-se cada vez mais simbólico pois não há como lutar contra muros e cercas elétricas, sobretudo quando se é julga como inferiores diante do modelo de reprodução econômica hegemônica.



**TEMA: GEOGRAFÍA, CIUDADE, EDUCACIÓN,
LITERATURA E ARTE**

RESUMEN N°31: N° 4310 - EXPERIENCIAS ESPACIALES JÓVENES DE SANTIAGO, CHILE ¿FABRICANDO TECNOLOGÍAS DEL YO PARA LA DESIGUALDAD EDUCATIVA?

Tipo de presentación: Ponencia

Sepúlveda, Ulises Mario Sepúlveda⁵⁷

¿Tienen importancia las formas de las relaciones experiencias espaciales o topológicas en el desarrollo de los niños y jóvenes? Hay instituciones con intereses creados sobre las experiencias espaciales de los sujetos que ingresan a sus aulas, como la escuela. Sin embargo, saber lo que los estudiantes han integrado en sus experiencias personales respecto del espacio es prácticamente imposible con la información disponible el contexto nacional (Chile). Los principales datos están relacionados con resultados en los exámenes estandarizados de ingreso a universidad, que tienen a reflejar, de manera prácticamente lineal la repetición de contenidos desarrollada en planes de preparación de dichas pruebas, y que están muy lejos de dar cuenta de aquellas experiencias vinculadas con el espacio que han sido relevantes en la trayectoria experiencial de los niños y jóvenes.

Los resultados de las evaluaciones estandarizadas, en el contexto nacional e internacional, se han impuesto como la principal valoración de los aprendizajes escolares. Sin embargo estos elementos corresponden a la punta del iceberg de la experiencia de los sujetos en esta institución y otros dispositivos, ya que además de los contenidos y las intenciones de la escuela se están desarrollando relaciones con el entorno que están más allá de la escuela, el barrio, amigos, familia. Estos procesos ontológicos que desarrollan los estudiantes son múltiples y no son tan evidentes para docentes, investigadores, directivos o elaboradores de política pública. Donde en general quedan sumidos a culturas negadas que requieren de visibilización para comprender las formas en que los sujetos se relacionan con el entorno. Entonces, la pregunta que queda en el aire es ¿qué tipo experiencias espaciales desarrollan los jóvenes que se encuentran terminado la enseñanza media? Para responder a esta pregunta la presente investigación recupera esa experiencia espacial mediante un modelo de análisis topológico (Sepúlveda, 2016), usando una pregunta referida al espacio y a las tecnologías que se pueden desarrollar en él, sea este espacio referido a la familia, el barrio o la escuela: ¿cómo los estudiantes generan tecnologías del yo en los espacios que transitan? La perspectiva espacial asumida en este trabajo está vinculada a diferentes líneas investigativas relacionadas con el sujeto y la escuela, que vinculan el espacio con diversos aspectos del aprendizaje, la enseñanza y los lugares (Kullman, 2010, 2015; Morojel & Muthukrishna, 2013; Somerville, Davies, Power, Gannon, & de Carteret, 2012). De esta forma, se realiza una conexión con las geografías de los niños y jóvenes, que se han transformado en la posibilidad de visibilización de lo que sucede con estos sujetos (Holloway, Hubbard, Jöns, & Pimlott-Wilson, 2010; Holloway & Pimlott-Wilson, 2014; Horton, Kraftl, & Tucker, 2008; Skelton, 2013). En sus perspectivas de trabajo, estos autores han considerado las posibilidades de nuevas concepciones de espacio vinculadas a cómo los sujetos experimentan las relaciones con el mismo. Para dar visibilidad a sujetos inconsultos que se consideran y se observan en la diferencia de sí, en sus particularidades, se puede observar la naturaleza procesual de los espacios, que se relaciona con un sujeto creador, político, con influencias del entorno y de las micro geografías que le tocó vivir. La escuela es un espacio donde estos

⁵⁷ Departamento de Geografía Universidad Alberto Hurtado, Santiago de Chile usepulve@uahurtado.cl

jóvenes han pasado y pasarán gran parte de sus vidas, un espacio que se vincula con otros espacios. Sobre la base de la conceptualización de dispositivo y tecnologías de sí, el presente trabajo analiza, desde una perspectiva cualitativa, entrevistas realizadas a un grupo de 14 estudiantes de diferentes establecimientos educacionales de la Región Metropolitana de Santiago de Chile. El problema de investigación abordado en el trabajo original de doctorado (Sepúlveda2016) de tesis señala las formas en que los estudiantes construyen sentidos y practicas de sí mismos, el concepto de tecnologías del yo (Foucault, 1990) sirvió para abordar esta interrogante al poner la atención en qué tipo de tecnologías desarrollan los estudiantes en su transito de vida escolar y extraescolar, mediante la reconstrucción de una microfísica del espacio de su experiencia.

Se seleccionó estudiantes que presentaran diferencias contextuales y de trayectoria académica que permitieran observar las máximas diferencias entre ellos de modo de tener una perspectiva amplia respecto de lo que sucede en los distintos entornos y trayectorias de los estudiantes, también así evitando sesgos relacionados con la homogeneidad de la muestra. A estos se les aplicó una entrevista denominada Topológica rescatando espacios y formas de construcción ontológica sobre este.

Se implementó una estrategia metodológica de análisis espacial basado en los topos transitados por los estudiantes, a partir de los cuales se construyeron “politopos de experiencia espacial”, que permiten comprender la experiencia escolar. Se puede observar la emergencia de dos tipos de resultados: de primer orden, correspondientes a los paisajes de interiorización, y de segundo orden, asociados a un modelo de producción de tecnologías de sí desarrolladas por los estudiantes.

Específicamente, los resultados refieren a la existencia de cinco tipos de paisajes relevantes que determinan las posibilidades de construcción de tecnologías: topos (espacios), enunciados, emociones, simbólicos, y sujetos y roles. Desde la interacción entre estos paisajes emergen las principales tecnologías desarrolladas por los estudiantes, entre las cuales se encuentran las de altruismo, solución de conflictos, mutilación de sí, obediencia, relaciones sociales, entre otras. Estas tecnologías reflejan formas culturales que van a relacionarse con el mundo adulto como tecnologías que va a repercutir en como los sujetos entienden lo que se espera de ellos. El trabajo permite reconstruir una geografía de las tecnologías producidas por los estudiantes, las cuales reflejan la relación de ellos con la escuela más allá de los resultados escolares.

Palabras Clave: experiencia espacial, politopos, tecnologías de sí

RESUMEN 32: N° 2825 - A CIDADE E OS ESPAÇOS INFORMAIS DE EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA BATALHA DO VALE NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP.

Tipo de presentación: Ponencia

Salvi, Bruno Fantin⁵⁸

Resumo: Este texto resume e expõe o desenrolar e resultados de um estudo onde foram identificados e analisados processos educativos acionados a partir das práticas espaciais urbanas de jovens moradores de periferias pobres de Presidente Prudente. Além disso a pesquisa buscou relacionar saberes adquiridos informalmente pelos jovens ao viverem o espaço urbano com os conteúdos escolares, a fim de aproximar o que se aprende fora da escola, em espaços informais de educação, com o que se aprende dentro da escola, nos espaços formais de educação. Para isso abordamos os jovens que estão envolvidos com o Movimento Hip Hop, especificamente com o Coletivo Batalha do Vale, que atua neste Movimento através de atividades culturais voltadas para a juventude negra e periférica.

Pressupomos que a cidade é um espaço educativo, incluindo seus espaços institucionais educação e também espaços de lazer, cultura e política (BERNET, 1997). Sendo assim a juventude ao viver a/cidade está adquirindo conhecimentos que são relevantes para a formação social, intelectual e política e que podem ser abordados pelo ensino escolar, para que a aproximação entre os conteúdos e a realidade do aluno seja uma das pontes para uma aprendizagem que faça sentido e desperte interesse pelo conhecimento na vida dos jovens moradores de periferias pobres das cidades (CAVALCANTI, 2015). Nesse sentido de aproximação da realidade do aluno com os conteúdos escolares, Paulo Freire (1996) nos mostra que mesmo diante da difícil e limitadora realidade da educação escolar, o professor pode buscar nesta aproximação estratégias de ensino que estimulem a criatividade e a curiosidade dos alunos, levando assim os jovens escolares a uma reflexão a respeito da própria realidade, incluindo os bairros e as cidades em que vivem.

O envolvimento da juventude com coletivos culturais coloca essas pessoas frente a situações de lazer, diversão, responsabilidade e também de tensões e disputas, sendo que estas podem estar contribuindo para a formação política, de identidade e também intelectual dos jovens envolvidos (CARRANO, 2011) (DAYRELL, 2011) (TURRA NETO, 2008). Para realização desta pesquisa abordamos os jovens, negros e moradores de periferias pobres da cidade que estão envolvidos com o Coletivo Batalha do Vale. Este coletivo juvenil atua em diversos espaços da cidade promovendo eventos culturais ligados a Cultura Hip Hop, sendo sua principal atividade a batalha de mc's, que acontece semanalmente na praça pública "Oscar Figueiredo Filho" mais conhecida como Praça do Vale para a juventude prudentina, reunindo jovens de diversas periferias pobres e distantes em um espaço e urbano consolidado e privilegiado com centralidades de lazer e de consumo, dito que a praça se localiza entre o principal shopping center e o Parque do Povo, principal espaço público de lazer de Presidente Prudente, dando outros significados para a praça, desde a presença física de jovens que vestem, falam e vivem a cultura periférica até os grafites e pixos nos muros e estruturas, transformando então esta praça em um local onde se faz, segundo Magnani (1996) periferia no centro. Além de eventos culturais realizados em espaços públicos da cidade, o Coletivo Batalha do Vale realiza atividades em escolas públicas de Presidente Prudente, como rodas de conversa e de convívio, oficinas de rima e palestras voltadas para a relação do Hip Hop com a educação, buscando incentivar os jovens aos estudos através da leitura e da

⁵⁸ Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: bruno.salvi@unesp.br.

literatura marginal. A pesquisa objetiva neste contexto identificar e analisar os processos educativos que são acionados na vida dos jovens ao se envolverem com o Movimento Hip Hop, especificamente com o Coletivo Batalha do Vale. Para que a pesquisa se realizasse utilizamos como principal metodologia a Observação Participante, na qual o pesquisador se envolve diretamente com o grupo estudado, participando ativamente de atividades e assumindo funções, sendo acompanhado por um diário de campo que, posteriormente, vem a ser a fonte da coleta de dados para a análise dos fenômenos sociais investigados (WHITE, 1975)(MAY, 2004). As atividades culturais e educativas, as reuniões do coletivo, conversas e vivências informais realizadas junto aos membros do coletivo Batalha do Vale foram os principais trabalhos de campo, onde ocorreram as mais produtivas coletas de dados a respeito dos processos educativos acionados pelo Hip Hop na vida dos jovens. Para além da Observação Participante, a pesquisa foi construída e guiada através da proposta de pesquisa etnográfica participativa (RAPPAPORT, 2007) na qual o pesquisador preza pelo constante diálogo com os sujeitos que participam da construção da pesquisa, evitando então tomar decisões teóricas e metodológicas que entrem em contradição com as ideias e objetivos do grupo estudado.

Com o desenrolar da pesquisa e do conhecimento a respeito do coletivo juvenil estudado, separamos o nível de envolvimento dos jovens com o coletivo em três categorias: organizadores, Mc's (rimadores) e público (frequentadores dos eventos). Desta maneira, com os jovens que “fazem acontecer”, os organizadores e também os Mc's, foram realizadas entrevistas focalizadas, com um roteiro preestabelecido. Com as pessoas que são público dos eventos da Batalha do Vale foram aplicados questionários para que fosse possível traçar um perfil das pessoas que acompanham as ações do coletivo.

Para a melhor compreensão da relação da educação informal que acontece nos espaços da cidade e a educação formal praticada dentro da escola, o pesquisador participou ativamente nas ações do Coletivo Batalha do Vale nas escolas estaduais de Presidente Prudente, isso fez com que em diversas situações fosse possível expor os objetivos da pesquisa que estava sendo realizada, e ouvir estudantes a respeito de seus projetos de vida e o que pensavam do Movimento Hip Hop. Além do registro desta vivência no diário de campo, entrevistamos a coordenadora da Escola Estadual Omar Barreto, no bairro periférico Parque Shiraiwa em Presidente Prudente. Após terem sido realizadas foi feito o tratamento das entrevistas, organizando estas em quadros objetivos, para que pudéssemos ter uma visão do conjunto e identificar semelhanças, diferenças nas trajetórias dos sujeitos entrevistados. Os resultados da aplicação dos questionários com o público da Batalha do Vale foram organizados em gráficos.

Percebemos com a análise das falas dos sujeitos entrevistados que, em comum, os jovens mostraram que sua trajetória de vida mudou após o seu envolvimento com o Movimento Hip Hop. Com a vivência proporcionada pelo Hip Hop, seja em um evento cultural ou cumprindo responsabilidades do coletivo, os jovens se veem frente a situações que os fazem refletir a respeito da própria realidade, seja através de uma vivência agradável ou não. Notamos que muitas vezes quando os jovens aumentam suas perspectivas de futuro e refletem a respeito da própria vida através do Hip Hop, eles projetam nos estudos uma possibilidade de melhoria. Jovens entrevistados no decorrer desta pesquisa mostraram que depois que aderiram a Cultura Hip Hop começaram a refletir a respeito das dinâmicas da sociedade, e buscaram nos estudos superar os limites impostos por tais dinâmicas e ingressaram em universidades. Das escolas em que participamos e da entrevista com a coordenadora, percebemos que ao longo do ano letivo, poucas são as atividades culturais originárias de fora da escola que acontecem no espaço escolar, nos indicando uma dificuldade de abordagem da realidade do aluno dentro dos muros da escola.

Palavras-chave: Juventudes; Hip Hop; Educação.

RESUMEN N°33: N° 751 O ESTUDO DA ARTE DE RUA COMO UM FENÔMENO URBANO E PRÁTICA ESPACIAL NA GEOGRAFIA⁵⁹

Tipo de presentación: Ponencia

Lima, Carolina Maria Soares⁶⁰

Desde 2020, no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolvo uma pesquisa de mestrado buscando compreender e aprofundar os estudos sobre a arte de rua na geografia. A pergunta central é “Como se relacionam as obras de graffiti, mural e pixo à (re) produção social do espaço em diferentes contextos urbanos?”. Além das demonstrações do argumento através da análise de casos situados em Medellín, na Colômbia, e em Belo Horizonte e São Paulo, no Brasil, foi realizada uma profunda revisão bibliográfica acerca do espaço público e da arte de rua. A proposta do presente resumo é apresentar e divulgar excertos da revisão que relaciona a arte de rua e o espaço público e a necessidade de estudá-los na geografia.

Durante a pesquisa, evidenciei que a relação entre a arte de rua e o espaço público é íntima e importante para compreendermos o espaço público enquanto categoria sociológica e um espaço de poder. Isso se justifica pelo fato de que a arte de rua é uma prática espacial capaz de atribuir diferentes sentidos e constituir lugares. O espaço de produção da arte de rua também é considerado um espaço de poder pela evidência da presença de desigualdades, assimetrias e embates políticos em torno de sua (re) produção. A arte de rua não é apenas exposta na rua: sua produção também se dá nela fazendo com que o processo de produção dessas obras é relacionado à dinâmica das cidades. A arte de rua, então, constitui formas de ocupar o espaço público e reivindicar as ruas 1) com o corpo, durante a produção; 2) com a obra, nos muros e 3) com as ideologias e narrativas, através da percepção dos espectadores. Na busca pelo domínio do espaço público e da arte de rua, estes são convertidos em um território estratégico de manipulações e resistências. As obras de arte de rua são perigosas porque geram discussões, apresentam identidades, narram o contexto da sociedade, dialogam com as massas, subvertem (ou buscam subverter a ordem) e são produzidas em espaços de amplo consumo. Por conta deste perigo e do alto interesse no controle da paisagem e dos espaços públicos, um campo de tensões se estabelece ao redor da arte de rua nas cidades contemporâneas.

Também foi verificado, ao longo da revisão teórico-conceitual da pesquisa, que os processos de apropriação do espaço público mediam processos de territorialização de diferentes grupos sociais. Justifica-se a necessidade de avaliar as possibilidades e a forma com a qual a arte de rua se apropria do espaço para estabelecer uma importante análise sobre os processos de territorialização e da própria produção do espaço. A arte ocupa o espaço de diferentes formas que compõem a paisagem urbana e, conseqüentemente, um escopo de movimentos de territorialização, atravessados por relações de poder, resistência e dominação.

Desde o início do século passado, a arte de rua, que era uma prática ilegal mas vem ganhando popularidade e aceitação, compõe a paisagem urbana em diferentes cidades ao redor do mundo. Esta manifestação confronta a institucionalidade hegemônica na qual a arte e a política se inserem e a

⁵⁹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) –Código de Financiamento 001.

⁶⁰ Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Pós Graduação em Geografia da FMG:Estudante de mestrado; Observatório da Diversidade Cultural: Pesquisadora.carolmsoares98@gmail.com

lógica de produção capitalista do espaço urbano. Devido a este enfrentamento, a arte de rua pode ser compreendida como uma contra cultura e está constantemente exposta a riscos como marginalização, apagamento e condenação aos seus executores, os artistas.

Nas periferias das metrópoles há movimentações da ordem da cultura que reescrevem o que se considera à margem. Considerando isto, deve-se delinear que as culturas marginalizadas, ou as subculturas, são responsáveis pela ressignificação da subalternidade imposta a determinados grupos marginalizados nas cidades contemporâneas. Estas subculturas compõem comportamentos que se apropriam do meio urbano e do espaço público, gerando um agenciamento coletivo dos sentidos e do imaginário sobre a própria margem. Estas manifestações acabam por denunciar a exclusão da qual resulta a produção do espaço urbano para grupos das classes médias e das elites, que acabam por ser atingidos por tais narrativas através da fruição cultural na metrópole.

Para estudar estas subculturas é fundamental admitir que o poder é expresso e mantido na (re)produção destas e do próprio espaço, gerando culturas dominantes e dominadas: a dominação cultural se faz intimamente ligada às relações de dominação expressas nas relações sociais de produção que atuam na reprodução do espaço urbano.

Os grupos subalternizados e marginalizados são aqueles que produzem as culturas dominadas. Sobre as subculturas, ainda, a partir de Serpa, é fundamental destacar que há as subculturas residuais, que restam do passado, as emergentes, que antecipam o futuro, e, finalmente, as excluídas: que são ativa ou passivamente suprimidas. Nesse sentido, as culturas periféricas são suprimidas mas muitas delas produzem narrativas na ordem da utopia, antecipando reformas e revoluções políticas a partir da denúncia que realizam.

Considerando a margem e a ordem, de acordo com Dunker, há agentes que estão fora da ordem por serem expulsos dela, de forma a serem excluídos e marginalizados. Contudo, há os que estão contra a ordem. Esses não necessariamente foram expulsos mas se colocam de forma contrária à ordem e, no caso da arte de rua, estes agentes, os artistas, se colocam contra a ordem política, econômica, social e cultural. Conclui-se que a arte da rua reforça e denuncia as mazelas sociais presentes na produção e na reprodução do espaço urbano.

Além disso, algumas das conclusões prévias da pesquisa são, de que a arte de rua:

É um fenômeno fundamentalmente urbano; Contesta a lógica imposta na produção do espaço na cidade neoliberal e configura um campo de tensão ao seu redor, no qual os agentes articulam-se por meio de conflitos e cooperações que agem na (re)produção do espaço urbano.

Palavras-chave: Arte de rua; espaço, público; marginalização; contra cultura.

RESUMEN 34: N° 3916 - FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHADORES DE ARTE NA AMÉRICA LATINA A PARTIR DOS ANOS 2000

Tipo de presentación: ponencia.

Lima, Fábio de Castilhos⁶¹

Resumo: Proposições de arte contemporânea a partir dos anos 2000 apresentam, em contexto global, um retorno à vontade de participação ativa no meio social como um de seus elementos. Quando a prática social é o aspecto central da produção de arte, o espaço urbano figura como suporte para a arte. Dentre as diversas estratégias e abordagens adotadas para expressar as questões acerca da urbe e propor situações de interação e reflexão, torna-se imprescindível analisar a relação da arte com o polissêmico conceito de cultura, contemplando para tanto também os aspectos econômicos e políticos. Em contexto latino-americano, a necessidade de revisão e de aprimoramento das condições de trabalho no campo da arte tem como uma de suas consequências a geração de formas alternativas de organização e atuação, se comparadas com o sistema de arte de países desenvolvidos.

A produção e a circulação de arte contemporânea, em contexto latino-americano operam em uma dinâmica diferente dos grandes centros mundiais de arte, nos países considerados desenvolvidos. Problemas como a falta de formação, de incentivo, de políticas públicas adequadas, somados à dicotomização entre a cultura erudita e a popular são recorrentes em nossa realidade, o que gera dificuldades essenciais aos trabalhadores de arte. A necessidade de expressão e subsistência em um cenário desfavorável gerou formas alternativas de organização e atuação, se compararmos com as lógicas tradicionais que regem os meios de produção e circulação de arte em países desenvolvidos. O curador de arte e crítico independente Justo Pastor Mellado, denuncia essa diferença elementar ao refletir sobre o papel do curador como produtor de infraestrutura. O autor comenta as diferenças entre os dois cenários, o que chama de reconhecimento básico: “no es lo mismo trabajar de curador en una sociedad de primer mundo, de musealidad satisfecha, completa, que en una sociedad de musealidad frágil, incompleta.” (MELLADO, 2015, p.16). Diante da ausência de condições ideais de trabalho, diferentes atores do campo da arte e de áreas afins dedicam-se a participar da geração de meios (infraestrutura) para fomentar as cenas locais.

Dentre outros aspectos que denotam a transformação da compreensão do fazer artístico a partir dos anos 2000, destaca-se em contexto latino-americano uma crescente tendência de organização dos trabalhadores de arte contemporânea em coletivos autônomos e espaços autogestionados em busca de mais autonomia e profissionalismo. Através da organização de trabalho de caráter coletivo, politizado e baseado no conceito de participação, artistas se reúnem em torno de causas referentes ao interesse público e ao bem-estar social. Além disso, buscam o desenvolvimento de alternativas às práticas institucionais oferecidas pelas políticas públicas para arte e cultura. Uma infinidade de coletivos de artistas se utilizou, e se utiliza de estratégias que questionam as regras de circulação de arte, sem, contudo, deixar de usufruir das políticas públicas para arte e cultura. Essa busca dos trabalhadores de arte por formas de organização autônomas pôde ser observada em grande parte da América Latina, e vem sendo investigada por pesquisadores que se propõem a catalogar os espaços autônomos, investigar suas origens, seus potenciais, suas fragilidades e as possibilidades de fortalecimento através do com-

⁶¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. fabio.castilhos@ufpr.br

partilhamento de experiências.

A necessidade de aprimoramentos em relação à produção, veiculação e circulação de arte foi o ponto de partida para o grupo de trabalho multidisciplinar Curatoría Forense. Inicialmente baseados no Chile e na Argentina, o grupo começou a registrar dados relevantes do sistema latino-americano de arte contemporânea em 2005, buscando identificar as condições básicas das cenas locais. Desde então ampliaram seu raio de atuação, e, de maneira crescente, registram e observam as similaridades das cenas locais de arte, com o objetivo de fortalecer as redes de atuação dos trabalhadores de arte e gerar maior autonomia para cada agente envolvido neste processo. Dentre as observações da equipe, constatou-se que as cenas locais de arte contemporânea na América Latina possuem entre si mais semelhanças que as aproximam do que diferenças que poderiam distinguir umas das outras. Dentre essas semelhanças, observa-se por exemplo, as dificuldades encontradas em subsistir fora do sistema de institucionalização cultural no qual a arte se encontra em nosso continente e uma tendência de crítica social. “Noções como ‘cena local’ e ‘gestão independente’ vêm organizando e potencializando os esforços de artistas e gestores”. (PETRONI e SEPÚLVEDA, 2014, p.15). A fim de priorizar e fortalecer as articulações internas e entre as cenas locais, a Curatoría Forense conceitualiza e desenvolve a partir de 2009, de maneira colaborativa, uma base de dados de artes visuais on-line, a Visual Arts Data Base. A VADB, como é também chamada, consiste em uma base de dados de artes visuais fundamentada por um modelo de arquivamento e vinculação de conteúdo que mapeia práticas institucionais e não-institucionais, baseando-as em categorias referentes às cenas locais. Participam da construção dessa base de dados artistas visuais contemporâneos, curadores, críticos, gestores, docentes e discentes de arte, funcionários públicos, galeristas, colecionadores e outros agentes culturais, mas também pesquisadores de áreas afins. Segundo dados da plataforma, desde sua fase experimental até o presente momento (abril de 2021) são mais de 2700 membros ativos, que indexaram e vincularam mais de 5000 eventos de arte, envolvendo mais de 16 mil pessoas em mais de 4000 organizações da América Latina. Gerada de forma colaborativa, suas ferramentas permitem arquivar, reunir e vincular informações referentes às ações do campo da arte contemporânea, dentro de cinco diferentes categorias: obras, pessoas, organizações, eventos e publicações. A proposta da plataforma é que a inserção de dados seja feita pelos próprios agentes atuantes nas cenas locais. A popularização do uso da plataforma VADB pode contribuir para mapear as cenas locais de arte da América Latina, assim como levantar especificidades relacionadas às formas de organização em coletivos de artistas.

Palavras-chave: arte contemporânea, trabalhadores de arte, formas de organização, coletivos de artistas, visual arts data-base.

RESUMEN 35: Nº 3468 - CONTINGÊNCIA DO LUGAR NAS GEOPOÉTICAS EM “DE LAMA LÂMINA” E “BEAM DROP INHOTIM”: GEOGRAFIAS DE DESOLAÇÃO NO INSTITUTO INHOTIM

Souza Júnior, Carlos Roberto Bernardes de⁶²
Almeida, Maria Geralda de⁶³

Resumo

O Instituto Inhotim de Arte Contemporânea é maior museu a céu aberto da América Latina, localizado em Brumadinho no estado de Minas Gerais, Brasil. Na condição de museu-parque, as instalações expostas conformam situações de aglutinação entre arte e ambiente. Em 2019, a região onde se localiza o museu sofreu um dos maiores desastres ambientais do país: rompimento da barragem de dejetos minerais da Vale na bacia hidrográfica do rio Paraopeba, resultando em 259 mortos e 11 desaparecidos.

Por conta da proximidade da instituição de arte, assim como da presença de obras que abordam questões concernentes ao ambientalismo, é possível afirmar que houve uma resignificação contingencial dos lugares experienciais de algumas instalações presentes no museu. Desse modo, objetiva-se desvelar as geopoéticas contingenciais da relação arte-lugar nas obras “De Lama Lâmina” (Matthew Barry, 2009) e “Beam Drop Inhotim” (Chris Burden, 2008) no Instituto Inhotim por meio de suas ambivalências e resignificações pós-ecocídio. Para tanto, recorre-se à abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty e em seus desdobramentos na eco-fenomenologia de Abram. Associados ao referencial teórico-metodológico da Geografia Humanista, esse posicionamento permite explorar as expressões de geograficidade das instalações de arte nas suas dimensões de lugar e horizonte de mundo.

Foram realizadas visitas no Instituto Inhotim entre 2018-2020 em que se buscou efetivar observação imersiva em cada uma das obras. Baseada nas teorias das Geografias Criativas, esse procedimento resultou em registros no *sketchbook* de campo. Esses consistem em ilustrações, poesias e outras expressões autorais que abordam condições, emoções e experiências vivenciadas no contato corporal com cada obra. Aproximações entre Geografia e Arte, possibilitam explorar ecologias afetivas, relacionais e contingenciais referentes a diferentes condições de emergência dos lugares. Desse modo, procede-se com a investigação que considera as dinâmicas espaciais de cada obra como um lugar com nexos experienciais a serem desvelados pelos geógrafos.

Decifrar as vulnerabilidades do lugar, conforme verificadas nas expressões das duas obras de arte contemporânea implica em expor as suas entranhas e relações intercorporificadas. As geografias de desolação resultantes do ecocídio são consideradas como criadoras de uma situação experiencial de precariedade que é sentida por sujeitos imergentes em contato corporal com a instalação. A circunstância de cada lugar-obra, portanto, determina nexos experienciais de geopoéticas que perpassam por sentimentos de lembrança, luto e sofrimento.

Em *De Lama Lamina* há a arquitetura de um lugar-obra composto pela tensão “congelada” de um conflito entre uma árvore que levanta e arrasta um trator. É como se um impelisse o outro, máquina

⁶² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/UFG, carlosroberto2094@gmail.com

⁶³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/UFG, mgdealmeida10@gmail.com

e natureza em seus estados ideais, rumo a destruição mútua garantida. Tal qual a extração mineral da Vale nos entornos do museu, a força humana que desequilibra a relação, também é alvo da resistência daquilo que ela tenta extrair. A obra de Matthew Barry constrói um arranjo que evidencia a condição de vulnerabilidade e reciprocidade de ser-da-Terra. Ressignificada contingencialmente após o ecocídio, ela imerge o sujeito em um mundo de reversibilidade entre modos de precariedade relacionados à dimensão primal de habitar a Terra.

No âmago da espacialidade de *Beam Drop Inhotim*, o *memento mori* mineral conflui para a sensação de desconforto. A geograficidade desse lugar-obra visceralmente se associa à desolação da mineração. Postas em 2008, as colunas de aço eretas no topo do morro se ressignificam como fantasmas que assombram a contínua memória acerca da potência e violência material desdobrada em Brumadinho. Nesse sentido, ressignificar a instalação é fundamental para não permitir que o desastre seja esquecido. Em sua dimensão geopoética, ela consubstancia uma expressão mórbida da vulnerabilidade humana e ambiental concernente à extração e retorno mineral. Como ser-no-mundo, o corpo-sujeito que a experiencia no cosmo de seu lugar-obra é levado a associa-la com as condições precárias da exploração mineral do período contemporâneo.

Ambas obras evidenciam componentes da finitude e precariedade inerente às situações efetivas da realidade geográfica de desolação na contingência do Instituto Inhotim de Arte Contemporânea. Como expressões geopoéticas, essas obras-lugares, dimensionam que a conexão de sujeitos com lugares ocorre em uma correlação de forças em que a reciprocidade ambiental no horizonte de mundo se desdobra como co-vulnerabilidade. Da mesma forma em que os sujeitos são parte dos lugares em que habitam, eles são habitados pelos lugares, cujos resultam em afetividades, sentimentos ou marcas corporificadas.

Considera-se que cada lugar possui seus pulsos particulares, suas dimensões rítmicas associadas às dobras e horizontes de mundo. A expressão poético-artísticas das duas obras exploradas convergem na emergência de sentidos geográficos telúricos que se relacionam contingencialmente ao local de sua exposição. Essa relação faz com que elas se ressignifiquem como *lugares significativos* da dor, vulnerabilidade e precariedade experienciada no ecocídio da Vale em Brumadinho. Os lugares-obras desvelados dimensionam contra-geografias sensíveis de nexos intercorporificados do desastre, indicando modos afetivos de pensar e expressar a condição de clivagem do habitar.

Os horizontes de ser-na-Terra das instalações abordadas demonstram a capacidade artística para provocar um outro olhar sobre as imbricações e condições de geografias de desolação. Isso resulta na criação de um lugar geopoético de contato com os desarranjos ambientais do presente que pode ofertar vislumbres em práticas criativas de enfrentamento a tal situação. O sentido de geograficidade inerente a cada uma dessas obras indica uma teia de sentidos que alertam para transgressões em curso na tênue reciprocidade de entes que coabitam a Terra.

Palavras-chaves: Habitar, Lugar, Vulnerabilidade, Geografia e Arte.

RESUMEN 36: N° 3010 - A PERMANÊNCIA DO SISTEMA ESCRAVISTA COLONIAL NA SOCIEDADE E ESTRUTURA EVIDENCIADAS PELOS GEOSÍMBOLOS NO BAIRRO DE CASA FORTE EM RECIFE-PE, BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

*Ribeiro, Omena Gabriel
Anjos, Souza Brígida Jaqueline*

O bairro de Casa Forte, localizado na cidade de Recife em Pernambuco, Brasil, é um bairro que surgiu a partir do Engenho Casa Forte, criado no século XVI, durante o período das capitâncias hereditárias, mais conhecido como período colonial, que se deu até o ano de 1822, quando o Brasil proclamou a independência de Portugal. Período este que na realidade perdura desde a independência, e a abolição da escravidão pela Lei áurea, estando presente até hoje nas relações sociais, políticas e estruturais do país. O povo negro e indígenas, ainda sofrem na pele diariamente a desumanização que sofriram durante o período colonial. Por mais que existam leis que protejam nossos direitos, na prática o racismo velado, estrutural, ainda se faz presente no cotidiano.

Esse bairro é fortemente marcado por sua herança colonial, desde os casarões antigos aos prédios altos e diversos outros locais com nomes que recordam esse período como “senzala”, “canavial”, “quilombo”, “engenho casa forte” e entre outros. Sempre inseridos em um contexto saudosista ao serem recordados a partir desses geossímbolos, conceituados como marcas identitárias que individualizam uma certa porção do espaço ou um grupo humano (BONNEMAISON, 2003). Geossímbolos esses presentes no bairro, de característica hegemônica saudosista de um sistema escravista, apenas a representar a memória social dessa maioria hegemônica. Nota-se então a falta de geossímbolos a representar toda memória social e cultural da população afro-brasileira que ali se encontra. A partir dessa pesquisa se faz importante ter como objetivo evidenciar a hegemonia e o saudosismo dos geossímbolos do período de escravidão, mas também evidenciar a falta de geossímbolos afro-brasileiros no bairro de Casa Forte. Sendo apenas 1,87% da percentagem da população negra do bairro, e cerca de 20% de pardos segundo último censo do IBGE em 2010, o bairro tem uma maioria de população branca com 77,41 %, o que nos faz refletir sobre a dinâmica racial desse espaço e sobre o reflexo que a herança colonial, e os geossímbolos tem sobre a sociedade do bairro.

Portanto será utilizado para realização da pesquisa o método hipotético-dedutivo para se alcançar os objetivos e obter os resultados esperados. Para isto então foram realizadas visitas na área de estudo para obtenção de dados empíricos pela observação e registros de imagens fotográficas dos geossímbolos e da dinâmica do bairro, além do uso de imagens foi realizada uma pesquisa bibliográfica para obtenção de dados históricos sobre o bairro em bibliotecas públicas e em periódicos acadêmicos online. Será feita uma observação participativa com questionários semiestruturados com moradores do bairro tanto online quanto pessoalmente durante pesquisa de campo, mas também a elaboração de mapeamentos a partir de dados socioeconômicos da população. Outra dinâmica a ser entendida é a urbanização, de como o espaço ali presente, no caso, o bairro estudado foi transformado ao decorrer dos anos, sendo assim um fator chave para descrever as transformações ocorridas no espaço e seu reflexo na sociedade que ali habita. Em que será realizado a partir de comparativos de mapas antigos e dados censitários do local estudado para assim obter os processos que ocorreram no espaço.

A partir de análise das imagens atuais foi possível perceber a hegemonia de geossímbolos do sistema escravista ali existentes no bairro de Casa Forte. Imagens de casarões antigos onde eram antigos engenhos e feitorias, imagens atuais de edifícios que possuem nomes saudosistas ao período colonial como exemplo: Canavial, Casa Grande, Senzala. Mas também locais comerciais como: Padaria Engenho Casa Forte e Quilombo. Sendo este primeiro um estabelecimento antigo e o segundo estabelecimento, um restaurante que foi aberto há poucos anos. Percebemos assim como a dinâmica saudosista ainda está presente na atualidade e se retroalimenta com o passar dos anos por já está inerte no imaginário social do bairro em si.

Poder-se-á entender mais acerca da dinâmica social e estrutural a partir dos questionários semiestruturados ainda a serem aplicados à população residente do bairro, e a partir da obtenção de dados em campo e mapeamento comparativo entre mapas antigos e recentes para entender toda transformação que o bairro passou durante os anos.

Com os resultados parciais obtidos na pesquisa pode-se perceber o quanto o bairro de Casa Forte ainda está inserido em uma dinâmica saudosista do período escravista. Outro ponto que se foi possível perceber foi a falta de geossímbolos de memórias afro-brasileiras, no bairro. Percebendo então a permanência de memória social, colonial e saudosista presente na localidade e inerte à dinâmica socio-estrutural até a atualidade, sem haver representação da memória social e cultural da população afro-brasileira que ali viveu e vive até os dias de hoje.

RESUMEN 37: N° 3017 - CENTROS CULTURAIS NA CIDADE DE SOROCABA (SP) COMO LOCAIS DE MANIFESTAÇÃO SIMBÓLICA E RESISTÊNCIA

Tipo de presentación: Pôster

Mariano, Neusa de Fátima ⁶⁴

Silva, Beatriz Davida da ⁶⁵

Introdução

O presente ensaio é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Uma análise sobre centros culturais na cidade de Sorocaba (SP): SESC, FUNDEC e Quilombinho”, o qual buscou compreender a cultura institucionalizada no espaço urbano, investigando o acesso da população aos centros culturais. Os centros culturais em foco aqui, são o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Quilombinho, os quais divergem muito quando se verifica a sua localização, instalações físicas, as formas de funcionamento e as suas relações com o território, entretanto, podem ser considerados como locais de resistência popular no espaço urbano, uma vez que suas atividades podem ser lidas como contrárias ao que sustenta a globalização. Esta que tende a homogeneizar as relações socioespaciais e, portanto, também as manifestações culturais.

O Centro Cultural Quilombinho localiza-se na zona norte de Sorocaba, onde se encontra a maior concentração da população. A instituição foi fundada no ano de 2003, por duas professoras e militantes negras, Rosângela Cecília da Silva Alves e Marilda Aparecida Corrêa. Possui como essência o resgate, a manutenção e a valorização das tradições africanas e afro-brasileiras, assim, se caracteriza como um fomentador das manifestações da cultura popular. Atua através de uma educação informal, no atendimento a crianças e adolescentes, principalmente aqueles que são mais vulneráveis socioeconomicamente. Por estar presente no cotidiano das pessoas, através de suas atividades educativas que buscam a afirmação dessas tradições, compreende-se como um local repleto de significado para os seus frequentadores, o que demonstra laços íntegros com o espaço no qual se estabelece. Nesse sentido, destaca-se a importância da dimensão simbólico-cultural como componente de apropriação desse espaço, constituindo assim uma territorialidade da população que o frequenta.

Em contrapartida, o SESC está localizado na região sul do município, a qual se distingue daquela onde se encontra o Quilombinho, por apresentar um valor do metro quadrado mais elevado. É uma instituição brasileira privada, com atuação em todo âmbito nacional, localizada em inúmeros municípios. Em Sorocaba está presente desde a década de 1950, com sua atuação transformada ao longo dos anos. Através de sua programação diversificada, visa atender diferentes públicos, pois há uma extensa agenda de atividades voltada às crianças e idosos, além de outras direcionadas aos grupos sociais mais vulneráveis como os negros, as mulheres, os indígenas e a população LGBTQI+. Assim, a instituição atua como um difusor das diferentes identidades culturais, e se constitui como um espaço aberto a essas manifestações, compreendendo também as da cultura popular, de forma a abrir possibilidades e oportunidades de outros espaços poderem se expressar, incluindo o Quilombinho.

⁶⁴ Docente do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba, neusa@ufscar.br

⁶⁵ Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba, beatrizdavidas@gmail.com

Abordagem teórico-metodológica

O reconhecimento da multiplicidade e os diferentes segmentos culturais existentes é de extrema importância. Alfredo Bosi (1992) afirma que muito se fala na cultura brasileira em sentido único, porém essa uniformidade não se confirma em uma sociedade moderna e dividida em classes sociais. Marilena Chauí (2008, p. 58), nessa mesma lógica, afirma a impossibilidade de “[...] manter o conceito tão generoso e tão abrangente de cultura como expressão da comunidade indivisa [...] pois a sociedade de classes institui a divisão cultural”.

Segundo Bosi (1992) há quatro divisões culturais, a erudita e a popular e outras duas que se amplificaram devido ao desenvolvimento da sociedade urbano-capitalista, a cultura criadora individualizada e a de massas. É importante destacar que apesar da existência dessas variadas formas culturais não há uma manifestação de maneira isolada, existe uma plasticidade entre elas, ou seja, estão em interferência e em uma constante variação, sendo que uma forma interpenetra na outra.

Para a reflexão aqui proposta foi evidenciado apenas a cultura popular e a cultura de massas. A primeira, “corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna” (BOSI, 1992, p. 308). Já a segunda, é uma formação institucionalizada que está diretamente ligada aos interesses do mercado, ou seja, é conduzida pela indústria cultural. Essa faixa da cultura, “corta verticalmente todos os estratos da sociedade, crescendo mais significativamente no interior das classes médias.” (BOSI, 1992, p. 326).

Para o desenvolvimento da pesquisa e considerando a pandemia da Covid-19, foram utilizadas ferramentas virtuais como o levantamento de dados junto ao acervo do Jornal Cruzeiro do Sul. Além disso, foi aplicado questionário pelas redes sociais sobre o uso dos centros culturais. Foi também realizada entrevista com uma representante do SESC, o que já não foi possível com o Quilombinho, devido, provavelmente à sua falta de estrutura e de pessoal.

Conclusões

Na perspectiva dos tipos de cultura (popular e de massas), é possível perceber essa plasticidade no SESC, pois ele atua na espetacularização da cultura popular com a promoção de apresentações ao mesmo tempo em que a fortalece com a divulgação e visibilidade de suas manifestações. O Quilombinho, por ser um centro cultural de bairro periférico e de caráter popular pode ser compreendido como resistência aos processos hegemônicos trazidos pela globalização. Neste sentido, é resistência porque contribui, por meio das suas atividades, para a manutenção e perpetuação de valores morais, das relações próximas, da ancestralidade etc. Para tanto, pode trilhar por caminhos também que levem às apresentações que buscam a espetacularização do popular, portanto, a cultura vista como mercadoria. Esse é o movimento dialético que se instaura, pois tais momentos de espetáculo em outros centros culturais (como o próprio SESC) acabam por contribuir para a sua difusão, mas o seu caráter de educação informal o mantém em sua fundamentação de popular e, portanto, de resistência.

Ao analisar o histórico das políticas culturais brasileiras, constata-se que nem sempre a diversidade cultural existente foi reconhecida, fato que apresenta as deficiências na garantia do direito à cultura a toda a comunidade em sua diversidade do ponto de vista socioespacial. Por isso, por esses centros culturais permitirem a manifestação e valorização dessa diversidade cultural, se apresentam como espaços de resistência, de forma a contrariar a visão limitada de cultura expressa em muitos momentos pelas diversas escalas de atuação dos governos.

Palavras-chave: Diversidade cultural, Cultura popular, Cultura de mas

RESUMEN 38: Nº 2682 - O COLETIVO RAP DA PONTE COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E DISPUTA DE TERRITÓRIOS EM MACAÉ

Tipo de presentación: Ponencia

Lima, Juliana Simões de⁶⁶

O início dessa pesquisa se ampara na análise das relações socioculturais e territoriais do movimento Rap na cidade de Macaé, situada na Região Norte do estado do Rio de Janeiro. Os estudos possuem como ponto de partida a interpretação de como o coletivo atua como vetor de cidadania, instrumento no processo de resistência, ressignificação de territórios e na busca de nova cultura política para juventude macaense, que seja mais inclusiva e valorize as identidades e características individuais. Objetiva-se abordar, como esse movimento cultural caracterizado respectivamente como um coletivo de Hip-hop, se apresenta enquanto vetor de cidadania e experiência social para a juventude periférica local. Assim, o foco principal é analisá-lo para além de um fenômeno de resistência, mas também como uma ferramenta importante na disputa de territórios, entendendo-o como um instrumento de contribuição para formação de um pensamento crítico e de representação regional.

Desta maneira, as discussões teóricas apresentadas, servirão de arcabouço teórico para elaboração da pesquisa, analisando o Hip-hop como um movimento de ativismo cultural, com papel primordial na ressignificação de territórios e no pensar de uma nova cultura política na cidade de Macaé/RJ.

De acordo com Ribeiro (2012) a necessidade da disputa de territórios (re) organiza os espaços e impõem dinâmicas distintas a cada grupo social. Nesse sentido, Chauí (1995) também traz contribuições que discute esse contexto quando aborda a resistência do “homem lento” (SEVALHO, 2012, p. 10) frente ao processo de globalização em curso.

Junto disso, compreende-se sobre a necessidade de se pensar em uma escala que abarque a complexidade da diferenciação sócio-espacial ocorrida nas relações, a exemplo do Coletivo Rap da Ponte, apresentado nesta pesquisa. De acordo com Ribeiro (2012) a necessidade da disputa de territórios (re) organiza os espaços e impõem dinâmicas distintas a cada grupo social. Na visão de Souza (1997), não há como negar a manifestação que os sujeitos terão sobre a cidade, ao apresentarem técnicas de resistência a uma organização espacial hegemônica que ignora a sensibilidade, aqui podendo ser entendida como a arte do Hip-hop macaense.

Na visão de Souza (1997), não há como negar a manifestação que os sujeitos terão sobre a cidade, ao apresentarem técnicas de resistência a uma organização espacial hegemônica que ignora a sensibilidade, aqui podendo ser entendida como a arte do Hip-hop na cidade de Macaé.

Desde seu início, o Hip-hop traz consigo características de ser um movimento politizado e de protesto, tornando-se porta voz dos anseios das classes desfavorecidas e ferramenta de manifestação política e social, seja em Kingston (capital da Jamaica) nos anos 1960, no Bronx (bairro de Nova York) dos anos 1980, ou em Macaé atualmente. Mesmo sem uma precisão histórica, de como e onde esse movimento começou, segundo Souza (2008) pode-se demarcar seu início na imigração de jamaicanos de Kingston para os Estados Unidos da América. Para o autor, isto se deu em razão que já no início da década de 1970, muitos jamaicanos, em sua maioria jovens, emigraram para os EUA devido a

⁶⁶ Mestranda em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense UFF - CAMPOS. E-mail: julianasimoes@id.uff.br

uma crise econômica e social que se abateu sobre a ilha de Kingston. Percebe-se, nesse sentido, que o Hip-hop desde seu início passou a ser entendido como um movimento social, que por meio das suas manifestações expressa toda sua insatisfação de forma incisiva.

Depois de quatro décadas do surgimento do Hip-hop, o movimento mantém um caráter de luta na busca de igualdade através da cultura, onde percebe-se nitidamente o questionamento das desigualdades urbanas presentes nas ações executadas por seus agentes. Um diálogo possível de ser realizado é com Souza (1997), ao indicar que espaços como o que o movimento do Hip-hop podem gerar são possíveis de serem entendidos como processos de convivialidade, ao instituírem territórios e redes de resistência contra a falta de liberdade e a desigualdade que a organização da cidade moderna coloca para seus habitantes.

Além disso, segundo Rodrigues (2015), o movimento Hip-hop atua como instrumento de cidadania cultural. Entende-se o mesmo como ferramenta de ativismo político-cultural urbano, o que caracteriza o movimento como forma de representação integrando política, cultura e cidadania.

A partir desse arcabouço teórico-metodológico, a pesquisa se dividirá em três respectivos procedimentos; num primeiro momento a revisão de literatura técnica sobre o tema, na qual serão consultados teorias e conceitos primordiais de abordagem; o desenvolvimento de entrevistas online com público e com os idealizadores do movimento buscando identificar e analisar o coletivo Rap da Ponte como vetor de resistência e desenvolvimento socioespacial local; além disso, serão aplicados questionários remotos, realizando uma coleta de dados como renda, escolaridade, idade, distância da moradia, realidade das ações afirmativas, visando uma análise mais completa em relação a esses participantes que acompanham o movimento,.

Como resultado preliminar da pesquisa, ressalta-se o caráter político cultural do coletivo Rap da Ponte e de seus atores. Espera-se que o trabalho concluído sirva para dar visibilidade ao movimento cultural Hip-hop e suas disputas territoriais em Macaé-RJ, salientando que a geografia tem muito a contribuir nesta análise.

Palavras-chave: Coletivo; território; movimento cultural;

RESUMEN N°39: N° 1960 - ESPAÇOS DE LAZER NA (RE)PRODUÇÃO DO URBANO: A PRAÇA IRCA VICTÓRIA DA FONSECA EM CATALÃO – GOIAS

Tipo de presentación: Apresentação

*Costa, Carmem,
Lúcia Vilar, Mariana*

O presente trabalho analisa as diversas interações que são formadas entre jovens e a cidade, a partir da centralidade das relações de lazer na reprodução do urbano em Catalão. Neste movimento, os espaços são ressignificados, agregando-se valor de uso e de troca a determinados lugares, produzindo relações de consumo e de afetividade. Neste sentido, propõe-se pensar o uso e apropriação da praça Irca Victória da Fonseca - no Setor Universitário, enquanto território de diversas manifestações da produção na sociedade capitalista, de mercadorias e da vida. Carlos (1996, p.21) aponta, que o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade “habitante, identidade, lugar”.

Assim, a pesquisa analisará o uso e a apropriação da praça, movimento que acontece principalmente pela juventude, através das diversas práticas nesta de construção de identidades do jovem com o seu lugar. A praça em questão está localizada nas proximidades da UFCAT e possui uma infraestrutura precária, mas é muito usada como lugar de encontro e práticas culturais pela comunidade acadêmica e de outros espaços da cidade, onde a juventude, geralmente excluída de políticas públicas de lazer, usa e se apropria do lugar produzindo ali uma identidade diferente de outras praças da cidade, revelando a contradição entre como se produz o espaço, escasso de recursos estatais, e sua apropriação pelos diferentes atores sociais, no caso em questão jovens.

Palavras-chave: Jovens, Lazer, Identidade, Praça.

RESUMEN N°40: N°2290 - AS INTERSECCIONALIDADES DE SUJEITOS CEGOS AO VIVER A CIDADE: UM ESTUDO EM PRESIDENTE PRUDENTE, SÃO PAULO, BRASIL.

Tipo de presentación: Ponencia

Guimarães, Leandro Buzzo Mourão⁶⁷

Guimarães, Raul Borges⁶⁸

Este trabalho tem a intenção de evidenciar as manifestações espaciais dos sujeitos que compõem a pesquisa - “as marcas do corpo” através das interseccionalidades e cursos de vida. As vivências espaciais destes sujeitos estão intimamente imbricadas com o modo de vida social e sua reprodução espacial, mas também tencionando através de lutas, sejam elas em qualquer escala, não apenas nos locais e lugares, mas também ao se movimentarem pela cidade.

A análise das interseccionalidades tem como objetivo destacar que a cegueira não é o único aspecto que modifica as relações com o espaço geográfico, pois assim como os sujeitos não são apenas indivíduos cegos e o corpo não é somente um atributo biológico. Há outros aspectos que engendram a vida desses cidadãos, carregando consigo diversas interseccionalidades que precisam ser evidenciadas e que causam assimetrias nas relações destes indivíduos.

Um corpo marcado pelas espacialidades da vida, faz dele um corpo como espaço, alterando e resignificando seus cursos da vida cotidiana. É através destas relações e das interseccionalidades construídas no espaço que evidenciamos a cotidianidade de sujeitos cegos referentes a esta pesquisa.

Os papéis de gênero, limitações biológicas, classes sociais e étnicas são (re) significados pela sociedade prevalecendo os papéis de empobrecimento e desvalorização daqueles que não são homens heterossexuais brancos e sem limitações patológicas aparentes. Por isto, é necessária uma compreensão da interseccionalidade destes sujeitos e seus cursos de vida para que possamos pensar políticas de enfrentamento para todos aqueles que de alguma forma sofrem preconceito da sociedade.

Em toda ação, há consigo tensionamentos que geram geometrias de poder. A conjuntura social, cultural e espacial que estes sujeitos estão submetidos renega sua condição enquanto sujeitos participantes da vida pública, sofrendo visíveis ações constantes, pois o poder está contido no espaço em todos os níveis, e contém espacialidades pelo seu caráter relacional (PRZYBYSZ & J. SILVA, 2017).

Assim, deve-se desmistificar que os cientistas que se reconhecem em suas identidades sejam elas de gênero, sexuais, classe ou étnicas são gênios, pois, na verdade, são pessoas que apesar de todas suas dificuldades, invisibilidades de sua existência, se colocaram como um outro pensar geográfico, contestando o que está universalmente imposto na sociedade, ou seja de um conhecimento difundido como “neutro” (sob o ponto de vista das relações sociais), mas que na verdade carrega consigo uma concepção científica majoritariamente feitos por corpos masculino (SILVA; ORNAT; CHIMIN JÚNIOR, 2017, p. 13)

Em vista do exposto acima, fica evidente que o estudo dos cursos de vida destes sujeitos é fundamental para a Geografia, pois o espaço como palco de relações deixa marcas (sejam elas boas ou ruins). A relação do sujeito com local em que ele está inserido é dada por diferentes fatores e quando estas

⁶⁷ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia UNESP/FCT, São Paulo, Brasil

⁶⁸ Professor Titular do Departamento de Geografia, UNESP/FCT, São Paulo, Brasil

relações introjetam e se mesclam no psiquismo humano, produzem uma maneira única do indivíduo de se relacionar com o mundo (CORRÊA DA SILVA, 2000). Essas relações vão estabelecendo fluxos subjetivos e participam ativamente da construção de novos espaços e lugares

Os caminhos metodológicos adotados neste trabalho e suas práticas foram cuidadosamente descritas para que possam auxiliar trabalhos futuros e críticas construtivas referentes aos processos empregados. Foram escolhidas a observação participante e a entrevista com roteiro semiestruturado como aportes qualitativos para o entendimento da realidade na vida cotidiana, além da realização de dois diferentes tipos de mapas, elucidando os pontos fixos e movimentos dos sujeitos na apropriação do espaço urbano.

Para isto, entrevistas três sujeitos e suas vivências na cidade de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, compreendendo como diferentes vivências afetam diretamente como essas pessoas se deslocam e vivem a cidade: A garota Dinamarquesa, Dom Quixote de La Mancha e o Evangelista.

Ao observarmos os deslocamentos diários dos sujeitos, há grandes diferenças no deslocamento de cada um, evidenciando uma mobilidade plural destes indivíduos. A Garota Dinamarquesa, por realizar diversos afazeres no seu dia-a-dia, opta pelo uso dos aplicativos de transporte urbano individual e uso de mototaxis, ou carona de amigos. Raramente utiliza um transporte público coletivo pois, segundo ela, muitas vezes está sozinha no ponto, não sabe qual ônibus poderia pegar pelos diferentes trajetos que faz, já que não existe nenhuma sinalização sonora. Além disso, ela conta com o desrespeito de alguns motoristas que não param ou reclamam de ter que ajudar porque seguem um horário da linha e isto acaba atrapalhando, o que justifica a sua preferência por andar nas menores distâncias e fazer uso do aplicativo de celular que demora apenas alguns minutos, estão cada vez mais acessíveis e te deixam na porta no lugar desejado.

Diferente da Garota Dinamarquesa e de Dom Quixote, o Evangelista utiliza majoritariamente o transporte coletivo interurbano e urbano na grande parte dos seus trajetos. Pela sua rotina diária e pelo fato de quase sempre seguir um mesmo ritmo, o Evangelista foi se adequando aos horários dos transportes que o leva da sua cidade Santo Anastácio/SP até Presidente Prudente/SP até um determinado ponto da faculdade e depois por já conhecer os motoristas do ônibus e pelas pessoas que o ajudam pega o ônibus até a universidade, repetindo o mesmo trajeto na volta. Dos poucos locais que se descola na sua cidade caminhando, sempre está sendo auxiliado por uma pessoa de sua confiança, principalmente pela sua Mãe e alguns parentes. Por não ter um celular com sistema operacional Android ou IOS e não conseguir se adequar aos aparelhos mais novos, sua rotina é dependente quase exclusivamente do transporte público para se locomover pela cidade de Presidente Prudente/SP ou até sua casa em Santo Anastácio/SP.

RESUMEN N°41: N° 3070 TRAJETÓRIAS DE SOFRIMENTO: MOBILIDADE DO TRABALHO, EXPLORAÇÃO DO CORPO DE JOVENS QUILOMBOLAS E TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL.

Tipo de presentación: Ponencia

Calado, Walter Daniel Silva

Dentro de um cenário no qual tudo e todos são mercadorias, o corpo negro racializado, num país colonizado como Brasil, encontram-se sob domínio de uma supremacia branca politicamente e que estão presente nos espaços de poder e prestígio social. A formulação da problemática desse artigo fundamenta-se na análise dos nexos entre mobilidade do trabalho (GAUDEMAR, 1977) e territorialização do capital (LEITE, 2015) e, no interior dela, a leitura que evidencia a metropolização, e suas contradições e a extrema precarização da reprodução das “catharsis coletiva” (FANON, 1952) sobre as comunidades tradicionais, sobretudo os jovens quilombolas que por sua vez são em sua maioria sujeitos racialmente identificados e diferenciados por tal condição.

Nesse sentido, os corpos no processo de objetificação são os alvos primeiro das violências da estrutura racista, tanto no sentido físico como psíquico, no contexto de um governo que através de seus mecanismos discriminatórios amplia a estratificação social (GIDDENS, 1984) e viabiliza práticas discriminatórias e racistas em seus diversos âmbitos, social e ambiental que compõe o racismo institucional, fruto do colonialismo presente no Brasil. Ainda assim, essa estrutura de acumulação capitalista se territorializa e ocupa a cidade compondo o espaço de encontro entre os capitalistas e os expropriados (GAUDEMAR, 1977). A necropolítica (Mbembe, 2018) concretiza o lema do capital, formando sujeitos expropriados de modos de vida, conhecimento e sanidade à serviço do capital, onde os que não servem são descartáveis para a grande acumulação capitalistas

Diante disso, a reflexão sobre a mobilidade do trabalho torna-se necessária, pois o sistema social racista adoce os corpos racializados de jovens quilombolas, na qual são desprovidos de terra, saúde e educação. Hoje no contexto de covid-19 ase encontra dentro de uma estrutura inviabilizadora e como também viabilizadora de violências como preconceito, racismo e discriminação (ALMEIDA, 2018). Para tanto, o objetivo geral é compreender melhor a relação da mobilidade do trabalho de jovens quilombolas com as violências sofridas pelos corpos racializados. E ainda assim, com o COVID novas determinações sociais e econômicas do funcionamento do capitalismo trazem consigo novas formas de enfrentamento e ao processo de exploração do corpo negro na venda de força do trabalho.

Palavras-Chaves: Mobilidade-Corpo-Trabalho-Racismo-Violência.

RESUMEN N°42N ° 1011 - COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO AGLOMERADO DE BAIROS NORDESTE DE AMARALINA

Tipo de presentación: ponencia

Santos, Naiane da Silva⁶⁹

Resumo:

O presente trabalho deriva de uma pesquisa desenvolvida sobre a comunicação e a resistência no Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina. Tem por objeto identificar os processos de resistências que os moradores dos bairros populares fazem uso para subverterem a lógica hegemônica das metrópoles e existem dentro das mesmas ante o avanço cada vez mais forte da parte perversa da globalização. As práticas populares e alternativas de comunicação mostram que os agentes populares são capazes de encarar a hegemonia do mundo globalizado e produzir seu próprio espaço de atuação, enunciação e resistência.

Introdução e justificativa:

Os bairros populares são áreas de constante crescimento dentro das cidades e das metrópoles ao redor do mundo, sobretudo nos países subdesenvolvidos. São espaços urbanos que apesar do crescimento exponencial ao longo dos anos, continuam marginalizados e “esquecidos” pelo Estado, tendo suas vozes negligenciadas, abafadas e até mesmo silenciadas dentro da metrópole, ficando praticamente a cargo dos próprios indivíduos as ações que são fundamentalmente de competência dos órgãos governamentais.

Analisando as relações e dinâmicas cotidianas estabelecidas entre os moradores do Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina, este trabalho busca evidenciar as práticas de resistências usadas por eles. Por ser um conceito novo, proposto recentemente por Dias (2017), o Aglomerado de Bairros ainda não se popularizou, no entanto, trata-se de um conceito que exprime muito bem a teia de relações presente no cotidiano de muitos bairros populares, possibilitando pensar esses lugares como espaços da mudança.

Objetivos:

Identificar os processos de resistências que os moradores dos bairros populares fazem uso, através da comunicação, para subverterem a lógica hegemônica das metrópoles e existem dentro das mesmas ante o avanço cada vez mais forte da parte perversa da globalização. Para tanto, analisa as formas de comunicação existentes nesses lugares mostrando como a comunicação desempenha um papel fundamental na manutenção das dinâmicas sociais e contribui para o fortalecimento das relações, das questões identitárias, e culturais, uma vez que ela tem o poder de difundir ideias e unir objetivos em comum.

Referencial teórico-metodológico:

Primeiramente, realizou-se pesquisas bibliográficas, seguidas de pesquisas de campo e entrevistas feitas aos moradores do Aglomerado de Bairro. Tomou-se por base as formas de comunicação popular e alternativas, presentes nos bairros populares em que se tenha uma forte relação interpessoal entre seus moradores, que forjam um sentimento de pertencimento ao lugar, possibilitando assim o uso de

⁶⁹ Universidade Federal da Bahia naianehp2@gmail.com

estratégias de resistência aos domínios que tentam se impor nessas localidades.

O conceito de Aglomerado de Bairro foi proposto pelo professor Clímaco Dias, que se inspirou na geologia e na astronomia e diz ter partido do princípio da união nas diferenças, seja nas diferenças internas dos bairros ou nas diferenças entre eles, onde tais bairros podem formar um Aglomerado, baseado em história comum, contiguidade física, centros comerciais e de lazer e rotas de mobilidade em comum que intensificam as comunicações entre eles (DIAS 2017). Apesar do conceito de Aglomerado ainda nem existir, Milton Santos já falava sobre as relações existentes entre os indivíduos pertencentes ao mesmo lugar:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma função própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organizações e espontaneidade. (SANTOS, 2009, p. 322). Nota-se que, entre outros, é através das relações horizontais existentes nos bairros

populares, concretizadas sobretudo através da vizinhança, que os pobres, ocupantes desses espaços marginalizados, subvertem a lógica hegemônica do capitalismo e resistem dentro da metrópole. Santos (2009) também considera a cidade como o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros e que este movimento é potencializado nos países subdesenvolvidos devido as diversas situações pessoais de renda, ao tamanho das metrópoles e ao menor coeficiente de racionalidade no gerenciamento da máquina urbana.

Dentro da geografia, o conceito de lugar é entendido e trabalho a partir de diferentes correntes do pensamento geográfico, desde o marxista que pensa os lugares a partir das distintas versões dos processos de reprodução do capital ao redor do mundo, ao fenomenológico e humanista, entendendo os lugares como o centro da reprodução da vida cotidiana, da cultura e das distintas visões de mundo. (SERPA, 2011). É a partir das experiências humanas que um lugar pode ser entendido como histórico, como cultural e como identitário. Nesse sentido, Serpa diz: Apropriar-se – taticamente – dos meios de comunicação em uma escala local significa, para os grupos e iniciativas envolvidos nesses processos, enunciar um lugar a partir da ação e do discurso, “fabricando” lugares nas mais diversas escalas espaciais, para a reprodução de novas ideias de cultura a partir da criatividade e da subversão, marcando a emergência, como pressupomos aqui, de uma esfera pública urbana renovada. (Serpa, 2011, p. 24). Assim, os meios de comunicação alternativos, adotados nos bairros populares são uma forma de resistência e enunciação dos lugares a partir do discurso.

Reflexões e conclusão:

Por ser um conceito novo, proposto recentemente por Dias (2018), o Aglomerado de Bairros ainda não se popularizou, no entanto, trata-se de um conceito que exprime muito bem a teia de relações presente no cotidiano de muitos bairros populares, possibilitando pensar esses lugares como espaços da mudança.

As manifestações culturais, que resistem às tendências homogeneizantes da globalização e da cultura de massa são o combustível para a resistência dos bairros populares, que tem nelas a obstinação necessária para não se renderem totalmente, existindo assim sob constante pressão. Quando Milton Santos propôs o Período Popular da História, era sobre isso que ele se referia, sobre as mudanças nas lógicas hegemônicas produzidas pelos agentes populares, mudanças capazes de subverterem a lógica dominante e se fazer (re)existir.

Palavras-chave: Comunicação, Resistência, Aglomerado de Bairros

RESUMEN N°43 N°2824 - AS PRÁTICAS ESPACIAIS DAS JUVENTUDES EM UMA CIDADE PEQUENA: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA CENTRAL EM POMPEIA - SP

Ponencia.

Moreno, Karin Gabriel⁷⁰.

Resumo:

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa de Mestrado onde analisamos as práticas espaciais juvenis e a sociabilidade em cidades pequenas, na elaboração deste artigo em especial, elaboramos um estudo que tem como objetivo analisar as formas de sociabilidade e as práticas espaciais de jovens de diferentes gerações na praça central de Pompeia-SP, que refletem em apropriações sobre a praça central da cidade, nos momentos do lazer e entretenimento em diferentes dias e horários do cotidiano da pequena cidade. Assim, observamos a juventude em uma cidade pequena do interior paulista, mais especificamente na região administrativa de Marília, destacando que dentre as muitas questões que as pequenas cidades do interior enfrentam está a falta de inovações no lazer jovens em particular, o que faz com que o tempo livre seja vivido como um tempo de ausência. Dessa maneira, evidenciamos questões sobre as especificidades dessa cidade pequena no que tange às suas interações espaciais, seus ritmos de vida e seus conteúdos em termos de espaços de encontro e sociabilidade juvenil em diferentes tempos, destacando que a proximidade desta cidade com a cidade média de Marília-SP, certamente nos levou a considerar também as relações interurbanas nas práticas espaciais e na sociabilidade no tempo livre dos jovens. Compreendemos que o conjunto das práticas espaciais está também envolvido na produção do espaço e da vida social da cidade pequena.

O estudo das práticas espaciais dos jovens pode demonstrar a relação que estes estabelecem com a cidade em que vivem, com o mundo, a partir dela e com seu tempo histórico. A pesquisa sobre o cotidiano juvenil em cidades pequenas pode contribuir para explorar uma dimensão da urbanização brasileira ainda não totalmente explorada pela ciência geográfica – aquela da difusão de culturas juvenis e de diversas outras referências culturais urbanas, a partir das metrópoles, e sua territorialização em cidades com diferentes densidades e tamanhos. Esta proposta se situa numa linha de continuidade em relação à questão apontada por Turra Neto (2008) em sua tese de doutorado. Inspirado em Giddens (1991), Turra Neto (2008) afirmou que, a experiência juvenil de cidades médias, articulada em torno de culturas juvenis transterritoriais, é uma experiência desencaixada, na medida em que as referências são de culturas urbanas metropolitanas, mas a rede de sociabilidade precisa se realizar no espaço-tempo concreto de cidades do interior, com densidade urbana bastante diferente. Próximo a este sentido, também Carrano (2001) afirma que os jovens dos mais diversos contextos urbanos têm na metrópole suas principais referências. Portanto, o modo como as práticas espaciais do tempo livre se realizam no contexto das cidades pequenas, nos seus espaços públicos, nas suas margens e/ou naqueles estabelecimentos que são referência de encontro e diversão, podem revelar tanto as tendências das suas conexões globais, quanto o acontecer da vida local.

A centralidade que a praça principal das cidades pequenas ainda exerce sobre a vida social, dada a exiguidade da oferta de consumo, segundo Corneli (2013), faz com que ela constantemente recep-

⁷⁰ Mestre em Geografia – Universidade Estadual Paulista (Campus de Presidente Prudente/SP - Brasil). Membro do GAsPERR (Grupo de Pesquisa “Produção do Espaço e Redefinições Regionais”). Contato: karingabrielmoreno@gmail.com

ción diferentes indivíduos, num encontro em que os presentes se reconhecem. Sendo esse aspecto uma evidência de que as praças das cidades pequenas e, os espaços públicos, num sentido mais amplo, possuem sentidos que permaneceram com o tempo – o que pode ser qualitativamente diferente de espaços públicos das áreas centrais das cidades médias e grandes. O espaço público é observado como aquele que, possibilita uso comum e posse coletiva.

A cidade que é analisada, se constituiu como município durante o século XX, no ano de 1928, analisamos neste trabalho as relações socioespaciais que estão contextualizadas no passado (décadas de 1980 e 1990), e também às que ocorrem momento presente de globalização da sociedade, que nesse estudo correspondem ao período de 2000 à 2020. Dessa forma, buscamos investigar as antigas e também as novas práticas espaciais entre os jovens locais no tempo livre. Consideramos a possibilidade de abordar questões como consumo de álcool, bem como relações de trânsitos entre as cidades próximas e da cidade estudada, na conformação de espaços e práticas de diversão plurais. De acordo com Turra Neto (2008), é possível identificar na sociedade que, ao longo das gerações, houve um aumento do consumo de álcool entre os jovens, este fator não era presente na vida social dos jovens e na sociabilidade durante até pelo menos o final da década de 80, quando este aspecto passou a ser observado e introduzido nas análises do tempo livre juvenil.

Vale explicitar, também, que partimos de uma análise pautada na existência de distintas classes sociais, pretendendo analisar as diferenças de lazer entre elas. A ciência geográfica tem o papel de analisar, de forma crítica, os processos contemporâneos de transformação cultural e urbana.

Palavras-chave: Práticas Espaciais; Juventudes; Cidades Pequenas.

RESUMEN N°44 N° 3927 TERRITÓRIO E PAISAGEM NO URBANO: UMA DISPUTA ENTRE CULTURA DOMINANTE E ALTERNATIVA.

Tipo de presentación: Ponencia

Ferreira, Ingrid Gomes⁷¹

Resumo:

Entre os anos de 2012 e 2021, a cidade do Rio de Janeiro recebeu dois títulos provenientes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) referentes, respectivamente, à eleição de paisagem cultural urbana, em 2012, e a capital mundial da arquitetura no ano de 2019. Enquanto, que no ano de 2021 será a cidade-sede do 27º Congresso Mundial de Arquitetos (UIA 2021 Rio). Dessa forma, a relação entre paisagem e a noção de patrimônio, em suas dimensões material e imaterial, se estreitou de maneira notória.

Considerando as formulações do geógrafo Denis Cosgrove (2012) a respeito da imbricação entre paisagem, cultura e poder, entendendo que as paisagens expressam culturas dominantes e alternativas, o que se pretende realizar neste trabalho é uma contraposição das imagens referentes à construção hegemônica da visualidade sobre a cidade do Rio de Janeiro, tomando como ponto de partida as fotografias disponibilizadas por portais oficiais do Estado que representam o patrimônio mundial, com as imagens, alternando entre fotos e obras arte, produzidas por artistas periféricos, como as imagens capturadas pelo fotógrafo Bira Carvalho no Complexo da Maré e o circuito Casas-Tela do Museu de Favela (MUF) localizado no morro do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, e que retratam a paisagens dos seus territórios e as experiências cotidianas dos corpos que as modificam ao longo do tempo.

Visto que, como aponta Beatriz Piccolotto (2012), dentro da perspectiva cara à história da urbanização a cidade e o território são forjados como artefato social atrelados a diversos elementos sociais que o formam historicamente. O conceito de território, aqui utilizado é o desenvolvido pelo geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2013), que o define pelas relações de poder que se dão sobre a espacialidade, ou seja, os tensionamentos e conflitos se fazem presentes com frequência, visto que forças distintas estão numa posição de disputa nas relações de poder. Adicionalmente, vale destacar que de acordo com Haesbaert (2004, pp. 20-21) “em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação”. O território tem a sua dimensão material/física e simbólica, ligadas ao substrato material, nesse caso a terra, e as formas de dominação, que podem se fazer presentes também no campo do imaginário social.

Portanto, dentro do campo dos objetivos, o que se pretende realizar neste trabalho é uma reflexão acerca do conceito de paisagem e suas categorias analíticas interiores, como paisagem cultural e a paisagem alternativa excluída, além de problematizar o seu enquadramento no que está definido como patrimônio e a imbricação dessas diferentes representações na construção histórica da imagem de cidade e território, aproximando História com fotografia (MAUAD, 1996). Justificando-se a realização desta breve pesquisa no âmbito social, ao possibilitar a construção de uma contranarrativa vinda dos grupos sociais subdominantes por meio da produção cultural independente, já levando essa discussão

⁷¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). E-mail: igomes020@gmail.com.

para o ambiente acadêmico, destacando a sua dimensão empírica ao analisar documentos derivados de diferentes atores sociais e posterior material que contenha a sistematização e conclusão dos dados e discussão levantada.

Para isso, a metodologia utilizada estará alicerçada numa análise do material disponibilizado nos sítios eletrônicos oficiais do IPHAN, UNESCO, UIA 2021 e Rio Capital Mundial da Arquitetura, a saber: Publicações oriundas do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, como as revistas eletrônicas, relatório de gestão, livros e guias;

Mapas, iconografias e documento de candidatura;

Notícias veiculadas pelos sítios eletrônicos dessas instituições e pela mídia hegemônica, que atuaram na construção do discurso de apoio ao reconhecimento e valorização de determinado patrimônio;

Decretos e leis sobre reconhecimento de preservação do patrimônio no Brasil;

Além da produção independente advinda do fotógrafo Bira Carvalho, sobretudo com as fotografias disponibilizadas no sítio eletrônico do Instituto PIPA que está ligado a promoção e desenvolvimento da arte contemporânea brasileira, e da museologia social, a partir do circuito Casas-Tela do Museu de Favela (MUF), onde o território, a cultura e a memória da comunidade é o principal acervo, que conta com a curadoria do artista urbano Carlos Esquivel ACME, sendo composto por vinte e sete (27) telas de arte grafite nesse museu a “céu aberto”.

As conclusões ainda estão sendo traçadas, visto que o material imagético e os dados/informações dos documentos ainda estão sendo analisados, a fim de identificar e traçar um contraponto entre as diferentes paisagens culturais e seus respectivos patrimônios, que não estão inseridos na lógica das instituições oficiais.

Palavras-chave: patrimônio, paisagem, memória, território, cidade.

RESUMEN Nº45 Nº1996 - A PRODUÇÃO DOS LUGARES NO MUNDO CULTURAL DE BERNARDO ÉLIS: PRIMEIRA CHUVA

Tipo de presentación: Ponencia

*Curado, João Guilherme da Trindade*⁷²

*Lôbo, Tereza Caroline*⁷³

O presente texto é uma proposta de discussão sobre Bernardo Élis, que através de contos, crônicas, discursos, ensaios, novelas, poesias e romances produziu lugares literários que retratam aspectos importantes da cultura goiana. Optamos por uma poesia: “Primeira Chuva” — título da obra publicada em 1955, aqui utilizaremos a segunda edição de 1971.

A escolha de um poema, na vasta produção bibliográfica Bernardiana ocorreu pelas relações de resistência e resiliência advindas dos versos de Primeira Chuva, que aponta para a íntima associação entre Chuva e Cerrado, que abordaremos em seguida. Antes, porém, revelaremos os caminhos seguidos.

Para melhor compreensão apresentamos o contexto em que viveu o autor e os reflexos do Cerrado, natural e cultural, presentes em suas obras, para tanto recorreremos a parte da significativa produção de Bernardo Élis e a autores que discutem o espaço goiano, especialmente pelos aspectos culturais (ALMEIDA, 2018), buscando assim, entender o lugar de vida do autor, inspiração para sua produção literária em que expõe as vivências e as experiências goianas.

Em seguida, reproduzimos parte do poema “Primeira Chuva”, que condensa as resiliências do Homo Cerratensis (BERTRAN, 2000) diante das resistências impostas pelo lugar de vida, em que saberes e fazeres se constituem trajetórias e identidades dos habitantes do Cerrado, possibilitando estudos diversos, inclusive pela estrutura poética de versos e estrofes que afloram parte dos sentimentos de quem escreveu ou de quem lê o poema.

Entre o rio e a capela surgiu o Arraial de Nossa Senhora da Penha de França (CURADO, 1997), povoado que foi rico em ouro depositado pelas chuvas na “erosão profunda e larga provocada no planalto pelo rio Corumbá no seu multimilenar trabalho geológico” (ÉLIS, 2000, p. 85). Antes do findar do século XVIII estava pobre e esquecida, sobrevivendo da lavoura de subsistência, da criação de gado e das memórias que coabitavam os casarões coloniais e as ruas ladeiradas por onde transitavam escravos, poucos índios, muitos mestiços e uma oligarquia culta descendente dos bandeirantes. Fleury Curado é uma dessas famílias que em meio à pobreza geral evitou ao máximo o entrelaçamento familiar com outros grupos, casavam-se entre si, e por isso mantinham as poucas riquezas gotejadas ainda pelo comércio intercambiado com o litoral e pelas ocupações nas funções públicas, assim dominavam e mantinham as tradições culturais. “Foi nesse ambiente de relativo conforto físico e moral que eu nasci e me criei, num mundo de parente, todos amigos entre si” (ÉLIS, 2000, p. 20), com uma boa cultura literária e enaltecimento aos escritores, músicos, filósofos e cientistas.

Bernardo Élis nasceu a 15 de novembro de 1915, passou a infância junto aos pais, um comerciante que achava ganhar mais lucro não vendendo as mercadorias da loja (ÉLIS, 2000) e que era poeta. O pai de família tradicional (JAIME, 2020), era desprovido de terra, portanto, dos meios de produção

⁷² SEDUC/GO. E-mail: joaoguilherme@gmail.com. Membro correspondente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe)

⁷³ SEDUC/GO. E-mail: terezacarolinelobo@gmail.com - Membro correspondente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe).

daquele contexto. No entanto, o menino Bernardo desde pequeno se mostrava um astuto observador e leitor voraz, inclusive dos jornais que demoravam semanas para chegarem ao interior de Goiás.

É neste ermo, fixado num buraco e circundado por encostas que ocultam o horizonte que Bernardo Élis vai ser instigado a escrever, pois, necessitava descrever a natureza vista e a ocultada, seus mistérios e encantos perpassados por outra natureza, a humana, com suas mazelas e proibições. Na sua obra, a imaginação e a realidade se imbricam na expressão de um mundo próximo e um outro mundo dos gerais, próprio das relações humanas. Élis exagera no uso dos termos regionais e das figuras de linguagem para inverter os papéis das personagens, destarte, a natureza se humaniza e o homem se naturaliza. Seu material telúrico e polissêmico é rico de símbolos, sentidos e significados, o que poetiza sua obra, que transcorre para além das fronteiras goianas.

As águas sempre estiveram presentes na vida do escritor, inicialmente o Rio Corumbá que denomina o lugar de origem. Ainda “menino de calça curta” foi morar na antiga capital, a Cidade de Goiás, banhada pelo Rio Vermelho, lugar de decisões políticas e de vida cultural mais agitada. Adulto, muda-se para a nascente Goiânia, nova capital estadual, construída e planejada, nas proximidades do Rio Meia Ponte e considerada símbolo de modernidade (CHAUL, 2018). Foi a entremeio a tempestades como a Revolução de 1930, mudança da capital, diminuição do poder das oligarquias rurais, o Estado Novo imposto por Vargas e ainda a Segunda Guerra Mundial que Bernardo Élis publica suas obras em livro, inicialmente o premiado, “Ermos e Gerais” (ÉLIS, 1944), de contos e o segundo, de poemas, “Primeira Chuva” (ÉLIS, 1955).

Concordamos com Almeida (2018, p. 25), para quem “a realidade não é apenas o que se vê. Aos geógrafos culturais cabe desvendar este dom: saber olhar o que não se vê”, e buscamos tal empreitada diante de versos que compõe parte da segunda estrofe de Primeira Chuva” (ÉLIS, 1971, p. 11):

“Depois a chuva em grossos pingos
Sobre os telhados,
Na poeira ressequida das estradas,
Na terra requeimada das queimadas,
Desprendendo um cheiro forte de gestação”
É a vida no Cerrado!

RESUMEN N°46 N° 2239 - NARRADOR DE GEOGRAFÍAS: SOBRE CONTAR HISTÓRIAS E O FAZER GEOGRÁFICO

Tipo de presentación: (Ponencia)

Campos, Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de⁷⁴

A constante presença dos contadores de histórias em diferentes históricos e contextos culturais pelo globo terrestre é uma marca. Ao longo da história, desde que a linguagem oral começa a ser desenvolvida, as narrativas, como forma de se inventariar a própria experiência da existência, também se consolida como uma prática cultural frequente. Como uma maneira recorrente de nos lembrarmos que somos humanos, nos inventariando a nós mesmos o que estamos fazendo, ou o que fizemos, ou o que iremos fazer aqui nessa vida e nesse mundo. As formas de como essa manifestação têm sido expressas ao longo dos milênios são inúmeras: desde tempos primordiais dentro de cavernas; ao redor de fogueiras em comunidades; ou com alguém mais velho contando para crianças debaixo de uma árvore na roça, ou dentro de teatros e bibliotecas na nossa contemporaneidade em que um artista profissional conta uma história que ele trabalhou previamente. O contar histórias, profissionalmente ou não, se torna parte do rol daquelas performances do cotidiano que irrompem o tempo presente para evocar o passado ou mesmo o futuro. Diante daquela pessoa que nos narra um fato, um conto, uma lenda, uma simples história, suspendemos espaço e tempo, e somos convidados a adentrar pelos processos imaginativos nas espacialidades e tempos materializados pelas palavras que nos são ditas revelando a história contada.

Mas como fazer uma ponte com os estudos geográficos? E se ao pensar no contador de histórias pudéssemos também fazer uma analogia com esse alguém que também possa contar/narrar geografias? Não seria possível considerar que as histórias contadas cartografam paisagens imaginadas por aqueles que contam, assim como por aqueles que as escutam? A partir dessas indagações o trabalho a ser apresentado traz em seu cerne parte do processo de pesquisa de doutoramento de um contador de histórias imbuído do seu fazer geográfico, em que é levada em conta a narração de histórias como metodologia, caminho, percurso epistemológico artístico e geográfico. Trazer a narração de histórias para a geografia é fazer um deslocamento de perspectivas valorizando aquelas que relacionadas à pessoa que conta a história e àquelas que a escutam. Essas perspectivas estarão conectadas as experiências de mundo, repertórios de vida e realidades distintas, conformando em geografias mais conectadas à essas pessoas. Neste sentido, uma *geografia das histórias contadas* se torna uma forma ampliadora e provocadora de fazer geografia(s), que considera subjetividades, processos imaginativos e afetividades, e é claro, sem perder as conexões nas particularidades e coletividades socioculturais que também que estão inseridas. No caso deste trabalho as histórias e geografias a serem trabalhadas, não serão contos de fada, narrativas das tradições orais, ou mesmo de algum texto literário. Sem quaisquer desmerecimento ou diminuição desses tipos de narrativas, não é este o caminho que está se seguindo, e mais pelo interesse de se rever o papel na contemporaneidade daquela pessoa contadora. Será apresentado as narrações das geografias experienciadas ao longo do trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2021 pelo pesquisador/*contador de geografias*. Essas narrativas têm como personagens principais ciclo entre-

⁷⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR; Especialista em Psicologia Junguiana, Arte e Imaginário PUC RIO e Bacharel em Artes Cênicas Habilitação em Interpretação Teatral pela UNIRIO. Email: cecinelli@homail.com

gadores, suas histórias de vidas, suas cartografias afetivas e sensíveis pela cidade de Curitiba enquanto trabalham. O trabalho de campo tem na bicicleta um modo de acompanhar, escutar e dialogar com esses personagens que conforme as horas e distâncias nos seus percursos, entre uma pedalada e outra contam sobre suas vidas. O *contador de geografias*, que é o pesquisador também por trazer consigo essa perspectiva da experiência de quem conta histórias, traz para a pesquisa uma narrativa a ser apresentada, com aspectos e elementos desse ser narrador – que na tentativa de observar a sua própria *geograficidade*, amplia a possibilidade de acompanhar a *geograficidade* de uma outra pessoa, podendo desta forma compartilhá-la através de suas *narrativas geográficas*. Os cicloentregadores, os personagens, são pessoas que trabalham no funcionamento da cidade, dos serviços de entrega e coleta de objetos, documentos, comida, água, gás, encomendas de um modo geral. São pessoas, que estão na rua, pedalando, usando a própria energia física para se deslocar. São pessoas que são o símbolo da precarização extrema de um trabalho sem vínculos empregatícios, e que ganharam uma grande visibilidade pelas problemáticas emergidas por causa da pandemia da Covid-19. Suas perspectivas, por estarem de bicicleta, entram em confronto com cidades que são planejadas para carros, que excluem ciclistas e pedestres de um modo geral. Seus deslocamentos são marcados intensamente por confrontos de inúmeras ordens: raciais, de classe, de localização, com seus clientes, com as pessoas nas ruas, com os carros, com os ônibus, com a polícia, com os olhares que os negligenciam, desmerecem e insultam. Mesmo assim, seguem trabalhando, pedalando em favorecimento às máquinas de lucros dos grandes aplicativos, ou de seus patrões, ao carregarem suas marcas, em nome de supostas autonomias e liberdades. Pedalam por suas sobrevivências seguindo uma analogia com a imagem de corredores ciclistas de campeonatos, só que no caso destes trabalhadores o prêmio é o ínfimo que monetizam no fim do dia, da semana ou da quinzena... Ao pedalar, enquanto as paisagens se configuram e reconfiguram porque os caminhos são marcados pelos enfrentamentos, há em complexidade a permanência dos sonhos, as artes e os desejos dessas pessoas, compartilhados em esquinas, travessas, num sinal fechado que permite parar para respirar um pouco: um poema que um dia foi escrito, uma música que embala a vontade de voltar logo para casa, um sonho compartilhado ou o desejo de estar em outro lugar fazendo uma outra coisa da vida. As perspectivas trazidas por essas pessoas são deflagrações dos problemas das narrativizações, das narrativas hegemônicas, e o quanto as cidades podem ser repensadas a partir das suas produções espaciais, portanto das suas geografias. E para isso é preciso contar essas geografias, trazê-las imbuídas do envolvimento dos afetos concomitantemente com o olhar pesquisador.

Palavras chaves: Narração, Contação de Histórias, Paisagem, Ciclo-entrega, Bicicleta

RESUMEN N°47 N° 3708 - GEOGRAFIA E LITERATURA: O TOTALITARISMO SOB A ÓTICA DA DISTOPIA 1984, DE GEORGE ORWELL

Tipo de presentación: Ponencia

Santos, Alexander Neves dos⁷⁵
Belizário, Maria Aletheia Stedile⁷⁶

Resumo

A relação entre a Geografia e a literatura não é uma novidade. No início do século XX os escritos literários já eram usados como instrumento de descrição dos lugares. Paul Vidal de La Blache citou *A odisseia*, de Homero, e Alexander Von Humboldt fez menção a dois capítulos do *Cosmos*. Ainda assim, o uso de fontes literárias para o estudo geográfico foi escasso até a década de 1970 (BROSSEAU, 2013, p. 265). Segundo Belizário, Oliveira, Vilar (2019, p. 3), “na literatura encontramos o imaginado, sonhos, pesadelos, desejos, vivências e percepções de recortes temporais em determinados momentos históricos. A literatura mescla uma idealização, com pano de fundo histórico, conduzindo-nos a um universo simbólico de (re)criação de eventos já ocorridos”. Mesmo nas obras ficcionais é possível perceber traços que nos remetem à nossa realidade. Belizário, Oliveira, Vilar (2019, p. 3) ainda apontam que “não podemos compreender de forma efetiva as geografias que se constituem, se negligenciarmos a qualidade estética dos ambientes, inclusive sua literatura”. Temas como regimes de governo, economia, religião, globalização, organização espacial, segregação racial e social, entre outros, são objetos de estudo da Geografia. Na literatura, encontramos obras que abordam as mais diversas temáticas, sendo relevante para o entendimento geográfico a partir do imaginário. As distopias, antiutopias ou utopias negativas são excelentes fontes literárias que contribuem para a construção do entendimento geográfico sobre regimes totalitários de governo. Conforme aponta Fernandez (2013, p. 35), entre o fim do século XIX e meados do século XX, a mistura entre consciência política, romantismo e conflitos sociais culminaram no aparecimento da distopia na literatura anglo-saxã. Os livros distópicos serviram como resposta aos utópicos. Estes últimos idealizavam ambientes perfeitos e não conflituosos. Já a distopia apresenta um futuro desanimador para a sociedade. Sendo assim, a justificativa para este trabalho é baseada na possibilidade de unir a ciência geográfica à literatura. Diversos temas relevantes à pesquisa na área da Geografia são comumente abordados na literatura clássica e contemporânea. Especificamente, é o caso do livro *1984*, escrito por George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, e publicado em 1949. Ele é considerado uma das distopias clássicas, ao lado de *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury e *Nós*, de Ievguêni Zamiátin. Na obra, o mundo é dividido em três grandes Estados: Oceânia, Lestásia e Eurásia. A estória se passa em Oceânia, um Estado governado pelo *Socing* (Socialismo Inglês), em um regime unipartidário. Seu líder supremo é chamado de *Grande Irmão*. Ele nunca foi visto de fato, mas seu rosto é estampado em cartazes, com o *slogan* “O Grande Irmão está de olho em você”. A população é dividida em classes: os membros do Núcleo Interno do Partido, os do Partido Externo e os proletas. Estes últimos representam a grande maioria e são considerados insignificantes para o regime. A liberdade individual e de pensamento são restringidas pelo sistema político vigente. A sociedade é controlada pelo medo. São vigiadas por

⁷⁵ Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, Brasil. Pesquisador bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: alexsanderneves.001@gmail.com.

⁷⁶ Docente da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil. E-mail: geostedile@gmail.com.

teletelas, instaladas em todos os lugares, inclusive em suas casas. Fazer qualquer tipo de oposição ao Partido, chamado pensamento-crime, acarretam sérias consequências a quem for flagrado. Para que um criminoso do pensamento seja descoberto é apenas uma questão de tempo. Até mesmo o idioma é controlado e cada vez mais limitado, desde a implementação da *Novilíngua*, que promete reformular o vocabulário, excluindo palavras e restringindo os limites do pensamento (ORWELL, 2009, p. 349). Diante deste pano de fundo, a obra apresenta Winston Smith, membro do Partido Externo e funcionário do Ministério da Verdade. Ele carrega consigo um segredo: é um opositor secreto do Partido. Ao conhecer Julia e O'Brien, seu anseio em se rebelar contra a supremacia do Grande Irmão toma proporções mais concretas. A distopia orwelliana foi escrita em um contexto conturbado, em que regimes totalitários se levantavam, como na antiga União Soviética, na Alemanha Nazista e na China Comunista. É nesse ponto que os escritos literários se mostram fundamentais para a análise geográfica, pois através das obras ficcionais pode-se traçar um paralelo com acontecimentos verídicos. Muitos governos que se tornaram totalitários já se travestiram de supostos movimentos revolucionários. O próprio Orwell sintetizou a real intenção por trás de revoluções que prometem liberdade e igualdade: “Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura” (ORWELL, 2009, p. 308). Diante disso, propõe-se analisar o conceito de totalitarismo sob a ótica da distopia orwelliana. Esta temática ainda é pouco estudada pela Geografia. Por isso, a relevância desta pesquisa consiste em ampliar o arcabouço teórico em análises geográfico-literárias. Os objetivos propostos são: interligar a geografia e a literatura, ampliando as abordagens geográficas; entender a percepção geográfica de totalitarismo, relacionando-a com os fatos históricos e sociais vivenciados no passado e presente; e contribuir para a divulgação do tema, que ainda é escasso no âmbito acadêmico. A metodologia será de base fenomenológica. O conteúdo proposto irá mesclar a fenomenologia com a literatura clássica e a abordagem do conceito de totalitarismo. Para tanto, é necessário um levantamento bibliográfico pertinente ao tema, bem como a análise da obra literária proposta. Ao analisar o arcabouço literário do século passado, em especial a distopia e a ficção científica, percebe-se que, intencionalmente ou não, os autores projetaram um futuro não tão distante, onde a tecnologia é o principal agente aliado a governos totalitários ou à sociedade. Em 1984, um dos principais meios de controle são as teletelas. Nos dias de hoje, boa parte do que foi escrito por Orwell está em vigor. O tema é atual pelo fato de ainda na atualidade existir países governados por pessoas e/ou partidos autoritários, que praticam o cerceamento de sua população, restringindo as liberdades individuais e o direito à informação. Por fim, a relação entre a Geografia e a literatura é uma temática pouco valorizada, mas que nos últimos anos está chamando a atenção de estudantes e professores do meio acadêmico.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Totalitarismo, Distopia, George Orwell.

RESUMEN N°48 N° 1849 - LITERATURA MARGINAL E GEOPOÉTICA: ESPAÇOS PERIFÉRICOS DE RECIFE/PE SOB A PERSPECTIVA DOS POETAS MARGINAIS

Tipo de presentación: Ponencia

Anjos, Jaqueline Brígida Souza⁷⁷

Ribeiro, Gabriel Omena⁷⁸

A Literatura Marginal abrange diversas formas de expressão, concedendo lugar de fala aos que se encontram à beira da sociedade e da comunidade literária em geral. Essa posição se consolida nas bases de uma literatura sem as características das escolas literárias tradicionais, ou seja, faz parte do movimento de contracultura que, no Brasil, ocorreu no contexto da ditadura militar, sendo uma representação da resistência artística da época. Com isso, é de se esperar que a retratação de temas que incomodam, escancarando por meio das palavras o que muitos não querem enxergar seja uma das características centrais do movimento, recitando as cidades e seus lugares baseados nas vivências pessoais e coletivas. Nessa perspectiva, os poetas marginais são porta voz daqueles que estão sempre às margens da formalidade, da centralidade e da sociedade. O poeta marginal denuncia a partir seus versos os contrastes que encontra no mundo, sabendo que nessas diferenças espaciais existem aqueles que são marginalizados em diversos âmbitos, seja social, econômico ou político.

Atualmente, a visibilidade dos poetas marginais cresceu em relação ao passado, assim como sua representação de determinados grupos dentro da sociedade. No entanto, a falta de maior visibilidade e espaço literário desse movimento continua sendo um fator que contribui para mantê-los no mesmo lugar de origem: longe dos centros e dos focos de atenção. Dentro desse contexto, o papel e representativo de resistência dos poetas marginais, tanto na questão de sair da estrutura literária tradicional quanto nas suas práticas sociais, nos leva a questionamentos como: Qual é o papel do poeta marginal nos espaços periféricos? Ou ainda, como os poetas marginais retratam os espaços periféricos da cidade do Recife? Existe uma geopoética na poesia marginal? É esse o caminho que esta pesquisa pretende seguir.

Assim, o presente trabalho busca viabilizar a relação entre Geopoética (BOUVET, 2012) e a Literatura Marginal, partindo da perspectiva da poesia marginal como uma forma de expressão das espacialidades, das vivências no espaço geográfico e como meio de resistência das cidades, dando ênfase nas poesias que retratam os espaços periféricos do Recife. Além disso, entender o papel do poeta marginal nas práticas de resistência nos espaços periféricos recifenses, desde os menores becos da cidade até as grandes comunidades. Desta forma, a partir da concepção da Geopoética do Habitar (BOUVET, 2012) serão analisadas de que formas essa habitação poética no/do espaço podem ser encontradas nas poesias marginais, destacando, em termos gerais, seu papel e lugar de fala nos movimentos de resistência social e política.

Consequentemente, o uso do método fenomenológico-hermenêutico (SPOSITO, 2004) se torna essencial para a análise geográfica e as técnicas de análise do discurso serão direcionadas para a interpretação dos textos de forma que sejam evidenciadas as espacialidades retratadas nas poesias selecionadas.

⁷⁷ Graduanda em bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Ciências Geográficas. E-mail: jaqueline.anjos@ufpe.br

⁷⁸ Graduando em bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Ciências Geográficas. E-mail: gabriel.omena@ufpe.br

Ciente disto, a importância da poesia marginal vai além de seu caráter artístico, visto que tal é, entre tantas coisas, expressão das vivências, usando sua influência para fortalecer as identidades territoriais (HAESBAERT, 2013) e trazer à tona as formas de resistência no espaço geográfico. Dessa forma, para alcançar os objetivos propostos anteriormente serão aplicadas tais etapas: 1) selecionar as poesias marginais que retratam a cidade do Recife a partir de perspectivas periféricas; 2) analisar as poesias de forma que sejam evidenciadas as formas de representação dos espaços periféricos e das vivências em tal espaço; 3) fazer uma análise do discurso construído nos versos dos poetas de forma que fiquem claras as intenções por trás do texto; e 4) relacionar as poesias com as questões de representatividade, resistências e outras questões de cunho social e político, quando for o caso.

Portanto, espera-se que a análise das poesias consiga abarcar a visão Geopoética que as compõem, mesmo que de forma não intencional, por meio das descrições da cidade do Recife contida nos versos, ressaltando o caráter das vivências espaciais enquanto formas de resistir no espaço. É importante ressaltar que essa pesquisa fomenta as pesquisas na área de Geografia Cultural dentro da Geografia, trazendo novas perspectivas do espaço geográfico para as discussões geográficas. Além de fazer uma ponte entre Geografia e Literatura, evidenciando o caráter interdisciplinar que é possível ter dentro das pesquisas geográficas.

Em síntese, essa pesquisa terá a função de ser mais uma abertura para os caminhos das novas perspectivas acerca do espaço geográfico dentro da Geografia, mais especificamente da Geografia Cultural, afinal entender a poesia como forma de resistência, de experiência e de existência no espaço é por si só um ato geopoético. Portanto, a poesia marginal nesse trabalho é expressão de vivências espaciais, culturais, sociais, políticas, econômicas, entre tantas outras. Habitar o mundo de maneira geopoética (BOUVET, 2012) é dar voz aos que não conseguem ser ouvidos, é enxergar os elementos positivos, mas também não ter medo de mostrar todas as possíveis falhas que existem no mundo. Podemos afirmar que não é sobre apenas apontar os contrastes, mas também sobre como criar e praticar estratégias de luta que busquem afirmar as identidades, os territórios, os lugares e seus habitantes, na tentativa de possíveis mudanças concretas a partir da arte, do discurso, das poesias, da afirmação.

Palavras-chaves: Geopoética, Literatura Marginal, Recife, Resistência, Espaços Periféricos

RESUMEN Nº49 Nº 4108 - EM CENA, O POETRY SLAM: O OLHAR ACADÊMICO SOBRE AS BATALHAS DE POESIA NO BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

Souza, Lilian Aparecida de⁷⁹

Este trabalho pretende apresentar o *poetry slam* como objeto de interesse da Geografia e um breve panorama das pesquisas realizadas sobre o tema no Brasil. Ele é parte da revisão bibliográfica que está sendo feita para a pesquisa de doutoramento, cujo interesse é compreender em que medida o espaço torna-se importante elemento nas práticas da juventude contemporânea, através da reflexão sobre as mudanças na apropriação e uso da cidade pelos jovens poetas de uma periferia brasileira. Para tanto, parte-se das experiências desses sujeitos no *poetry slam*.

De forma simplificada, o slam é uma batalha de poesia na qual os poetas declamam poemas autorais e são avaliados pelo público. Esta competição poética foi criada na década de 1980 nos Estados Unidos, e teve rápida disseminação espacial. Se popularizou a nível mundial, despontando como uma democrática e inventiva prática poética dotada de aspectos estéticos, sociais, políticos e artísticos. Em nosso país, chegou primeiro em São Paulo, em 2008, a partir de um grupo de teatro ligado à cultura hip hop. Logo se enraíza na terra já fértil pelos saraus, pela literatura marginal e por outras expressões artístico-culturais periféricas, que desde os anos 1990 vem tensionando a compreensão do que é a periferia e as imagens atribuídas seus moradores.

A partir de 2013, o slam ganha visibilidade e se espalha pelos distintos centros urbanos brasileiros devido às possibilidades abertas pela postagem das performances poéticas nas mídias virtuais. Mobiliza, sobretudo, jovens oriundos dos distintos territórios populares, que passam a ocupar espaços públicos com seus corpos em performance e suas estéticas, ressignificando a si, seus territórios e a cidade.

Estrela D’Alva (2014), poeta e pesquisadora do tema, identifica que o slam se configura como uma das cenas culturais mais potente na atualidade, sendo objeto de estudos e elaborações teóricas em várias partes do mundo. No Brasil, mesmo com sua intensa reverberação socioespacial, o slam como interesse acadêmico ainda é muito recente. Buscando entender qual o enfoque dado pela ciência geográfica aos poetas periféricos que declamam no slam, essa prática poética e política, foi que se realizou um levantamento da produção teórica realizada.

Definida como de caráter bibliográfico, esta forma de estudo é denominado por Norma Ferreira (2002), Marília Pontes Spósito (2009) e outros como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, e consiste no inventário ou balanço de uma produção acadêmica realizada em determinado período de tempo. De acordo com as autoras, trabalhos desta natureza permitem identificar os aspectos e dimensões destacados, os principais resultados da investigação, quais sujeitos estão produzindo, as lacunas deixadas, e campos inexplorados para futuras pesquisas.

Diante da gama de possibilidades abertas por este tipo de estudo, e da necessidade de acessar pesquisas que articulem slam, juventudes e cidade, foi que surgiu a ideia de reunir trabalhos que tratem da temática. Para tanto, foi feito um levantamento das teses, dissertações e artigos publicados utilizando como palavras-chave as expressões “poetry slam”, “slam” e “batalha de poesia” nas seguintes bases de

⁷⁹ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Possui bolsa CAPES. Contato: liliansouzageo@gmail.com.

dados digitais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos Capes, Scielo e Google Scholar. Devido à novidade do tema, visto que o slam chegou ao Brasil em 2008, os trabalhos foram examinados e selecionados sem recorte temporal e com apenas dois critérios de inclusão: estudos em que o slam ou os sujeitos envolvidos com as batalhas tenham centralidade.

Esta pesquisa ainda está em desenvolvimento e os resultados encontrados nesse processo de sistematização estão sendo analisados, mas já é possível perceber que os trabalhos estão concentrados nas áreas de linguagens, artes e educação, e associam o slam universo da literatura marginal-periférica⁸⁰ e aos estudos da performance. Como temas principais estão as relações do slam com práticas educativas e com questões identitárias. Também é importante ressaltar que se observou a escassez de pesquisas acadêmicas sobre o assunto e sujeitos em foco, embora o número de publicações esteja crescendo. Isso fica mais evidente quando se olha no âmbito da Geografia, o que reforça a importância da elaboração da tese, pois através do slam e de outras estéticas, os jovens das periferias estão ocupando espaços públicos ecoando vozes que em geral são silenciadas pela sociedade.

Partindo do entendimento de Doreen Massey, o espaço deve ser concebido como um “produto de inter-relações” (2008, p.29) sempre aberto e inacabado. A autora coloca para a ciência geográfica a compreensão do espaço como “esfera da possibilidade de existência da multiplicidade” (MASSEY, 2008, p.29), trazendo para a discussão espacial um leque de possibilidades de olhares e sujeitos. Segundo Massey, é preciso reconhecer a coexistência dos outros, cada qual com sua história de vida, cujas trajetórias vão se cruzando, produzindo o espaço e abrindo possibilidades de abertura do futuro. Não estariam os jovens poetas periféricos tencionando o futuro a eles estabelecido, e o da cidade, quando a partir de sua produção artístico-cultural têm pautado um outro imaginário simbólico de si e das periferias? Essa é uma das questões que movem a pesquisa de doutoramento. Em cena, o *poetry slam*.

Palavras-chave: slam, juventude da periferia, estado da arte.

⁸⁰ A obra de escritores como Sérgio Vaz, Ferréz, Sacolinha, entre outros e outras, e mais a tese de doutorado de Érica Peçanha do Nascimento (2011) contribuem no entendimento desse universo literário cujo projeto estético está em retratar a vida e o cotidiano dos sujeitos e espaços marginais.



TEMA: GEOGRAFIA DO SAGRADO E FESTAS

RESUMEN N°50: N° 779- O ESPAÇO SAGRADO DA DEVOÇÃO MARIANA NA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO RIO CUIABÁ, EM MATO GROSSO – BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

Romancini, Sônia Regina⁸¹

Este estudo tem como objeto central investigar o espaço sagrado da devoção mariana na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC). Apresenta os resultados parciais da pesquisa intitulada “O espaço sagrado da devoção mariana na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá: representações simbólicas, templos e festividades”, em desenvolvimento junto ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso. A Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC) foi reconhecida legalmente pela Lei Complementar N. 359/2009/MT, que apresenta inicialmente quatro municípios que compõem o Núcleo da RMVRC: Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio de Leverger. Os Municípios de Acorizal e Chapada dos Guimarães passaram a compor legalmente o Núcleo da RMVRC a partir da Lei Complementar N. 577/2016/MT. A pesquisa está pautada na geografia humanista, que, para estudar a intencionalidade da ação humana, tendo em vista compreender o significado social do mundo vivido, centra parte de suas investigações nos laços entre os indivíduos e o meio material, expressados nos lugares, insistindo na construção social deles e tendo em conta aspectos como sua carga emotiva, estética e simbólica. A bibliografia consultada propõe uma maneira de se olhar as cidades em relação a seu contexto cultural, estabelecendo um elo entre religião, a gênese da cidade e uma de suas funções. No contexto da cidade e religião, o templo situa-se como atributo forte de conexão entre o urbano e o sagrado, espaço este cuja presença é evidenciada de diferentes formas nas cidades da RMVRC. Assim, a pesquisa, que considera o sagrado como elemento de produção do espaço, busca interpretar as características dos templos e festas Marianas na RMVRC, com base nos estudos culturais e simbólicos dos eventos religiosos, capazes de relacionar ritos religiosos ao patrimônio imaterial das cidades.

A origem de Cuiabá remonta à 1ª Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – Brasil. mineração no início do século XVIII e a primeira igreja erigida foi no Coxipó-Mirim, no arraial denominado Forquilha, fundado em 1719, por Pascoal Moreira Cabral e outros bandeirantes, que levantaram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França. Posteriormente, em outubro de 1722, no córrego da Prainha, abaixo do outeiro onde se situa a Igreja do Rosário, o sorocabano Miguel Sutil, juntamente com dois índios e o companheiro português chamado Barbado, descobriu as minas de ouro denominadas Lavras do Sutil, em torno das quais se formou a cidade de Cuiabá. Este veio aurífero, devido à sua importância, atraiu a população da Forquilha.

Nos registros históricos realizados pelo secretário do governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes, que chegou em Cuiabá em novembro de 1726, está evidenciada a existência de uma capela a Nossa Senhora do Bom Despacho, na colina de mesmo nome. No Plano da Vila do Cuiabá na Capitania de Mato Grosso, 1770/1780, são destacados como formadores da então vila de Cuiabá a matriz, dedicada ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho e a capela do Rosário. Em consonância com esse quadro de devoção, atualmente, entre as 28

⁸¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: soniaromancini@ufmt.br

paróquias existentes na Arquidiocese de Cuiabá, 16 são dedicadas à Nossa Senhora e uma à Sagrada Família.

O título predominante é o de Nossa Senhora da Guia, com três paróquias, seguido pelos de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário, ambos com duas paróquias. Entre as mais de 400 comunidades, consolidadas ou em formação, que compõem as paróquias, destacam-se as homenagens a Nossa Senhora (da Conceição) Aparecida, seguida por Nossa Senhora de Fátima, Imaculada Conceição, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora (Rainha) da Paz. Nessa perspectiva, foram selecionadas 14 festas de igrejas e santuários marianos, como campo de observação da identidade das festas, subdivididos em dois grupos: O critério utilizado para essa seleção foi a origem portuguesa da devoção (ou devoções propagadas pelos portugueses): Cuiabá: Nossa Senhora da Penha de França - Distrito do Coxipó do Ouro (origem espanhola, devoção trazida pelos portugueses); Nossa Senhora do Rosário e São Benedito – Bairro Baú (origem irlandesa, devoção trazida pelos portugueses); Santuário Eucarístico Nossa Senhora do Bom Despacho – Bairro Dom Aquino; Nossa Senhora Mãe dos Homens – Bairro Quilombo (devoção proveniente de Lisboa); Nossa Senhora Aparecida – Coxipó (Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Portugal).

A imagem desta santa, encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul, foi denominada Aparecida e ele-gida como a padroeira do Brasil); Coração Imaculado de Maria e São João Batista – Bairro Morada da Serra; Nossa Senhora da Guia - Bairro Jardim Shangri-la (origem ortodoxa, devoção trazida pelos portugueses); Matriz Nossa Senhora da Guia – Distrito da Guia; Comunidade Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória (culto mariano mais antigo de tradição oriental, trazido pelos portugueses). Acorizal: Matriz Nossa Senhora de Brotas (proveniente do alto Alentejo).

Nossa Senhora do Livramento: Matriz Nossa Senhora do Livramento (proveniente da Arquidiocese de Braga).

Várzea Grande – Comunidades: Capela Nossa Senhora da Guia (Padroeira de Várzea Grande); Capela Nossa Senhora da Conceição – Passagem da Conceição.

Origem italiana da devoção, disseminada em Cuiabá pelos padres salesianos, desde o final do século XIX:

Cuiabá: Nossa Senhora Auxiliadora – Bairro Dom Aquino.

Entre os procedimentos metodológicos adotados, destacam-se o levantamento bibliográfico e documental, trabalhos de campo com a realização de entrevistas e registro fotográfico.

Palavras chave: Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, devoção mariana, templos, festividades.

RESUMEN 51: Nº 3779 - A UTOPIA DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL

Tipo de presentación: Ponência

Mariano, Neusa de Fátima⁸²

Pesquisas relativas às Festas do Divino Espírito Santo têm chegado timidamente ao campo geográfico. Mas aos poucos, vários de seus aspectos têm sido abordados, seja a partir do território como categoria central, seja do espaço urbano e/ou rural e suas representações, seja na perspectiva da indústria cultural e a globalização etc. O que move esta pequena reflexão é o fato de a Festa do Divino Espírito Santo apontar para o futuro e se constituir como expressão da tradição popular na reivindicação da utopia. Neste sentido o sagrado pode se perpetuar como resistência do povo, tendo como base registros bíblicos, históricos, metafóricos e até mesmo enigmáticos. Na perspectiva geográfica, vislumbra-se uma variação do saber fazer a festa em diálogo com cada territorialidade onde ela acontece e suas conexões com Portugal onde a homenagem ao Divino teria se originado.

Resultado de pesquisas etnográficas de longa data, pois a temática tem sido foco desde o período do doutorado (defendido em 2007), o material coletado por meio de trabalhos de campo para entrevistas, fotografias, mapeamentos, investigação documental em Arquivos Públicos, reúne um acervo que permite olhar para as Festas do Divino no Brasil na perspectiva da utopia.

Como consta na Bíblia, Jesus Cristo anuncia a descida do Espírito Santo na Terra após cinquenta dias da sua ressurreição, ou seja, após a Páscoa cristã. Com esta representação, há uma compreensão de que o Espírito Santo passaria a atingir a todos os que Nele cressem. Trata-se aqui de um aspecto mais democrático, sem que houvesse uma seleção entre “bons” e “maus”, “pobres” e “ricos” - todos podem ser tocados pelo Espírito Santo, sendo dignos Dele.

O abade italiano Joaquim Di Fiori (1135-1202), embora não fosse revolucionário, causou polêmica na Igreja ao conceber o mundo em três Eras: a do Pai (o tempo da Lei), a do Filho (o tempo da Fé), e a que estaria por vir, a do Espírito Santo (o tempo do Júbilo), conforme Lefebvre (1983). De forma dialética e, portanto, contraditória, cada Era passaria por um processo de transformação, transcendência e evolução ao passo que a antecedente não se esgotaria plenamente. Seria a chegada do Novo a partir de algo e não um Novo isolado e sem ligações com o tempo pretérito. As rupturas na História não são absolutas, são processos em que a ancestralidade é mantida em expressões e representações, nas formas materializadas, na memória e no saber fazer. Conforme Fiori, encerrar-se-iam os processos de transição para se viver plenamente todos os elementos do passado, mas num grau mais elevado, mais compreendido e aceito, numa interação com o Novo Mundo. O Brasil seria, conforme Pacheco (2012) o local profetizado para a realização da utopia e, para tanto, festas em homenagem ao Espírito Santo tornaram-se tradicionais, trazidas pelo processo de colonização portuguesa. Portanto, representações da corte e o forte apelo do Império do Divino estão maiormente presentes nas festas brasileiras, que, tal como em Portugal, reivindicam amor, fraternidade, saúde, caridade, paz, fartura, dentre outros momentos significativos para cada localidade.

Compreende-se, portanto, a Festa do Divino Espírito Santo na sua diversidade que dialoga com re-

⁸² Profa. Dra. do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: neusa@ufscar.br .

ligiões de orixás, como ocorre no Maranhão, e aquela que envolve santos católicos como a realizada no bairro da Penha, em São Paulo, em que há também a coroação de Nossa Senhora de Fátima. Pelo Vale do Paraíba em São Paulo, tem-se um prato típico, o “afogado” que é um ensopado de carne, distribuído à população. Pela região do Médio Tietê em São Paulo, tem-se a participação do Rio Tietê e a cura da febre amarela, momento histórico e importante na identidade territorial da sua população. As Festas de Paraty (RJ) e de Pirenópolis (GO) tornaram-se patrimônio nacional imaterial e são reconhecidas, respectivamente, como a mais tradicional realizada nos moldes daquelas dos Açores e, pela Cavahada (luta entre cristãos e mouros).

Embora haja essa diversidade do saber fazer, no respeito à sua territorialidade que envolve os motivos para a realização da Festa (promessa e graça alcançada, por exemplo), o seu fundamento figura-se na imagem da pomba branca numa bandeira vermelha representando o Espírito Santo. Este é chamado à Terra para trazer paz sendo que, nas suas formas de festejar, as resistências são afloradas: a solidariedade com a distribuição de alimentos; a ocupação das ruas sacralizando-as nas procissões; a manutenção da memória cantada em versos para que a história local não seja esquecida; o protagonismo feminino em algumas delas, a exemplo das Caixeiros do Divino do Maranhão; a afronta da classe subalterna ao adentrar a igreja com seus cantos populares, entre tantos outros momentos e elementos significativos. Mas, além de tudo, há o fortalecimento das coletividades que se materializa em seus trajetos de peregrinação e de procissão, de visitas nas residências levando bênçãos com a bandeira. Há o fortalecimento da vontade de mudar o mundo e da negação de uma cultura “pasteurizada” com elementos artificiais e produtos do mercado cultural. Há que se dizer que, em movimento contraditório, os diálogos estão presentes neste universo, numa relação dialética entre a tendência a uma espetacularização da festa (DEBORD, 1997) e a manutenção do popular, e da sua esperança expressa como espaços de representação.

Palavras-chave: Cultura popular, Tradição, Espaço de Representação

RESUMEN 52: N° 1757 - FESTEJANDO O TERRITÓRIO: MARAMBIRÉ E A RESISTÊNCIA CULTURAL NA AMAZÔNIA PARAENSE

Tipo de presentación: Ponencia

Portela, Leide Joice Pontes⁸³

Silva, Josué da Costa⁸⁴

Resumo:

Introduzo aqui os territórios de força, luta e resistência: os quilombos no Brasil. Descritos na historiografia brasileira como grupos rebeldes que criavam reveses ao governo e a sociedade escravista, é fundamental colocá-los para além disso. Esses grupos se tornaram agentes transformadores na trajetória da escravidão, construindo territórios autônomos e livres (GOMES, 2005; MALCHER, 2017). Funes (1996) menciona que uma das formas de amenizar os infortúnios vividos pelos escravizados, foi a partir da autonomia proporcionada pelos momentos de festa, principalmente de festas religiosas, o que causava certo enfurecimento nos representantes eclesiásticos formais na “sociedade civilizada” em geral. Eram esses espaços festivos que os negros e as negras se cruzavam culturalmente, onde a contra-ordem ao sistema escravista não era falada, mas sim dançada e cantada. Aqui introduzo a manifestação popular que pretendo imprimir neste trabalho: A festa do Marambiré. (R) existindo há séculos na comunidade quilombola de Pacoval, município de Alenquer, Pará, Brasil. Marambiré é uma festa de congada afro-brasileira que consiste na representação de uma corte real de Congo, onde os personagens reais são organizados hierarquicamente. Também chamada de ‘brincadeira’ pelos moradores, a festa acompanhada de rituais religiosos, performances musicais, corporais e linguísticas representa a resistência étnica dos quilombolas de Pacoval, é o “lugar onde a tríade batucar – dançar – cantar é constituída a partir do fenômeno da ancestralidade” (SILVA e ROSA, 2017, p. 254). Expressando uma majestosa territorialidade, o Marambiré fortifica o sentimento de pertencimento a partir do acionamento de uma identidade negra.

O sofrimento vivido pela cor e etnia dos seus antepassados é representado na dramaturgia corporal produzida a partir de memórias e identidades coletivas. Apesar da diáspora e a perda do território de origem, houve-se a construção de um território que pudesse abrigar as (novas) formas culturais atadas a africanidade, sendo um momento de retomada e ressignificações de práticas rompidas pelo cativo. Tendo um papel central na vida dos quilombolas de Pacoval, as experiências coletivas que a festa proporciona a comunidade é o que vai criar liga ou cimento ao território, seus elementos postos com o objetivo de consolidar a unidade social e, consequentemente, promover a identidade territorial (D’ABADIA e SILVA, 2014). Estes laços identitários formados e mantidos a partir da festividade do Marambiré são constituídos por elementos territoriais e culturais, produzindo uma dimensionalidade simbólica de pertencimento. Conforme (DEUS et al, 2016) através dos festivais e rituais, os segmentos sociais expressam seus valores, e simultaneamente, se instrumentalizam para construir, organizar e se apropriar de territórios. As novas formas de festejar o Marambiré trazem consigo formas de resistências incorporadas das gerações anteriores que se materializam na performance, na corporalidade e nos modos batucados. Sendo

⁸³ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. E-mail de contato: joice.portela13@gmail.com

⁸⁴ Professor Doutor em Geografia na Universidade Federal de Rondônia. E-mail de contato: jcosta1709@gmail.com

adimensão cultural presente na ressignificação do processo de luta pela terra e pelo território (ANDRADE, 2019) é necessário que haja uma atenção maior a geografias latinoamericanas que se dedicam aos estudos culturais. D'abadia e Silva (2014) expressam que se tratando dos campos simbólicos produzidos pelas representações espaciais e pelas subjetividades, as festas assumiram na geografia cultural espaços investigativos que promovem enriquecedoras análises. Corroboro com Almeida (2011) ao assumir que as festas podem incorporar uma forma política nas comunidades rurais, o que não é dessemelhante no caso do Marambiré, que se qualifica enquanto um instrumento político-cultural concedendo autonomia sob a terra e aos corpos que sofreram com as mais diversas formas de controle, sendo “cultura que resiste e subverte os padrões estéticos hegemônicos pautados na invisibilidade” (SILVA e ROSA, 2017, p.255). Diante do grito de dor e liberdade que a festa do Marambiré reverbera, decidi poder contribuir com a visibilidade da cultura popular, identificando suas formas de festejar as tradições na contemporaneidade e como isso está intimamente ligado ao modo de vida local e a relação com o território gestado na ancestralidade. Sendo a cultura popular uma forma simbólica de resistência (SCOTT, 2013) destaco um Brasil e uma geografia aptos a romperem a barreira colonialista que perpetua a marginalização e as invisibilidades das manifestações populares afro-brasileiras.

Palavras-chave: Marambiré, Pacoval, território, cultura.

RESUMEN 53: Nº 2131 - FESTAS SILENCIOSAS: FORMAS DE CULTUAR PERANTE À PANDEMIA

Tipo de presentación: Ponencia

Corrêa, Jhonatan Silva⁸⁵

A presente pesquisa surgiu com o intuito de mostrar a reatualização das festividades situadas no Sul de Minas Gerais pertencentes ao catolicismo popular em tempos de pandemia. As festividades estudadas são tradicionais sendo elas: a Festa de São Benedito em Machado-MG com 106 anos e a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis-MG com 240 anos. A cidade de Machado no último censo demográfico em 2010 tinha uma população de 38.638 habitantes e uma estimativa de 42.413 habitantes para o ano de 2020. Já em Silvianópolis, no último censo havia uma população de 6.027 e uma estimativa de 6.248 habitantes para o ano de 2020 (IBGE, 2020).

Ambas festividades possuem como santos padroeiros São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Sendo São Benedito o principal santo em Machado e Nossa Senhora do Rosário a principal santa em Silvianópolis, no entanto é importante destacar a importância dos três santos para os ternos de congadas, caiapós e maçambiques nas manifestações culturais. Em Machado o primeiro registro histórico escrito é do ano de 1914, onde uma festividade foi realizada graças a população preta (REBELLO, 2006).

A Festa de São Benedito em Machado-MG começou de formas simples, não possuindo elementos que a destacasse e a colocasse como a principal festividade do município, era destinada a uma população mais simples e marginalizada socialmente. Em Silvianópolis a Festa de Nossa Senhora do Rosário possui sua gênese por volta do ano de 1780, no dia 13 junho. De início, a festividade foi introduzida por um membro eclesiástico com o intuito de catequizar os escravizados que havia no local. Com o decorrer do processo histórico a festividade desvincilhou-se do catolicismo romanizado, adentrando nas práticas populares sendo hoje organizada pela população do município (DOMINGUES, 2017; CORRÊA, 2019).

A metodologia utilizada foi dividida da seguinte forma: primeiramente houve a realização de estudos de gabinetes com diferentes fontes e revisões bibliográficas e documentais. Em seguida, houve participação observante nos meios virtuais, trabalho de campo tanto presenciais como virtuais e entrevistas abertas. Portanto, abrangendo tanto o campo etnográfico como netnográfico para alcançar o objetivo esperado, sendo ele: a compreensão das estratégias utilizadas para a reatualização nas festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; e concomitantemente acompanhar e retomada das organizações populares nas cidades onde o estudo acontece.

As festividades em seu período cosmológico e em sua forma convencional possuem aglomerações de públicos em seu tempo e espaço, por isso, tiveram que se reinventar, passaram por modificações para garantir a ocorrência festiva e seu cumprimento ritualístico de reatualização. Para tanto, duas novas formas de cultuar foram necessárias sendo uma delas às mídias sociais e o cyber espaço tornaram-se uma forma de fazer com que o sagrado e seus ritos chegassem às pessoas que não podem mais se aglomerar nas cidades para participarem dos momentos institutivos e tradicionais das festas. A outra estratégia utilizada foi a dos itinerários simbólicos, onde através de uma programação o espaço

⁸⁵ Jhonatan.correa@sou.unifal-mg.edu.br

sagrado móvel se deslocava até as pessoas passando perto dos terreiros dos ternos de congadas e em espacialidades importantes por onde o reinado segue seu séquito em tempos de festas convencionais. (CORRÊA, 2012, CORRÊA, 2020).

O catolicismo popular possui na oralidade uma de suas bases para a perpetuação cultural, pouco utilizava da internet para divulgação, o uso das lives como forma de manifestação era escasso. Com a nova realidade das festividades houve a necessidade da informatização cultural no cerne dos ternos de congadas e caipó existentes nos municípios estudados. Essa informatização aconteceu de forma não planejada e desigual onde alguns ternos conseguiram se adaptar melhor a essa realidade outros nem tanto. Durante os ciclos cosmológicos de reatualização houve nas cidades maneiras diferentes de instituírem as rupturas temporais e espaciais culminando na catarse e inversão social, o que de fato representa uma festa (CLAVAL, 2014).

Essas manifestações podem ocorrer em temporalidades diferentes onde seus momentos hierofânicos deleitam sobre um tempo Kairológico, também podendo ter manifestações que estejam associadas ao tempo Cronológico. Sendo assim, as reatualizações festivas aconteceram de formas díspares, em Machado houve uma live em homenagem à Festa de São Benedito com todos os ternos e itinerário simbólico na cidade. Já em Silvianópolis houve lives e também itinerários simbólicos fazendo o percurso do reinado. Com isso, o cenário virtual passou a ser o principal meio de divulgação dos momentos festivos pelos meios oficiais ou postagens de populares.

O Ritual de inicialização festiva, o levantamento do mastro foi divulgado por meio de diversas gravações e lives disponibilizadas em redes virtuais como facebook, Instagram, WhatsApp, entre outros. As lives foram realizadas em grande parte através dos itinerários simbólicos, foi perceptível que no ano pandêmico o espaço sagrado móvel se destacou e foi mais utilizado representando uma modificação estratégica na forma organizacional para que seja possível a instauração festiva com suas catarses e rupturas sociais. As versões festivas realizadas em um ano pandêmico se constituíram de forma mais triste, o sagrado manifestou, mas as pessoas destacaram por meio de comentários e imagens o sentimento que para além do caráter hierofânico expõem a tristeza de uma população impedida por força maior de manifestar-se de forma habitual. Sendo assim, há um composto de emoções: entre o poder celebrar a festividade e o não poder fazer isso de forma presencial.

Para mais, cabe ressaltar a organização popular e suas insistências e resistências perante toda adversidade se organizaram e trabalharam suas existências. Em ambos os municípios, apesar de não ocorrer na forma presencial, a inversão social, a catarse e o processo hierofânico se constituíram. As festas aconteceram e mostraram sua importância social, o rompimento espacial e temporal na vida do homem religioso foi realizado, sendo compreensível esta mutação como uma forma de resistir. Embora a apropriação dos meios midiáticos por parte das culturas populares de agora em diante devem se constituir mais rotineiras como elementos estratégicos.

Palavras-chaves: Cultura. Religião. Territorialidade. Universidade Federal de Alfenas-MG.

RESUMEN 54: Nº 779 - CAVALHADA EM POCONÉ: CULTURA E IDENTIDADE NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

Tipo de presentación: Poster

Vicente, Denize Gonçalves Valéria⁸⁶

Romancini, Sônia Regina⁸⁷

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a cultura e identidade dos moradores e participantes da Cavallhada de Poconé, município localizado no Pantanal mato-grossense. A Cavallhada, que representa a luta entre mouros e cristãos, foi incorporada às manifestações culturais do município, há mais de 200 anos, por constituir uma região pantaneira de criação de gado, onde há significativo número de hábeis cavaleiros. Assim, a prática do exercício hípico constitui uma necessidade econômica e um entretenimento.

A Cavallhada compõe a programação oficial da festa de São Benedito, que ocorre no mês de junho, sendo considerada, pelos moradores, como uma das mais importantes manifestações culturais do município. Entre os fatores da dimensão duradoura da Cavallhada estão o envolvimento das famílias tradicionais do município, o empenho da Irmandade de São Benedito e a aproximação de diferentes classes sociais. Mostra-se evidente nesta festividade o lúdico e o profano em que ocorre o encontro das diferentes camadas sociais em um mesmo espaço físico, tornando-se a cada ano um espetáculo mais atrativo tanto para a população local quanto para turistas das outras regiões do Estado e do Brasil.

A Cavallhada consiste em uma encenação de luta entre mouros e cristãos, influenciada pelo catolicismo. Os rituais da festividade evidenciam sentidos sociais e simbólicos contidos na sua realização, sendo: o envolvimento familiar no processo festivo, o sentimento de pertencimento e significados contidos na encenação da Cavallhada. Essas constatações nasceram a partir de uma experiência inicial realizada nas festas de 2010 e 2011 da primeira autora do trabalho. Posteriormente, ambas as pesquisadoras participaram da festa de 2019, com novos olhares.

Para o desenvolvimento da pesquisa, que tem uma abordagem qualitativa, realizou-se um levantamento bibliográfico e documental, bem como pesquisa de campo, com registro fotográfico no ambiente da Cavallhada. Foram realizadas seis entrevistas aos representantes dos exércitos mouro e cristão. A arena da Cavallhada é montada no Clube Cidade Rosa, que possui amplo espaço aberto, onde é demarcado o campo de batalha. Composto o cenário, estão os camarotes do lado direito do castelo, uma base em alvenaria onde os familiares dos cavaleiros instalam tendas e decoram-nas para acomodar parentes, amigos e a própria família. A arquibancada para o público em geral fica do lado esquerdo do castelo, durante a evolução das provas, ela permanece lotada. O palanque é de exclusividade das autoridades políticas, civis e religiosas. Os cavaleiros ostentam trajes em cetim, bem como os cavalos são enfeitados com as cores de cada equipe, sendo os mouros em vermelho e os cristãos em azul. As equipes também possuem um hino próprio para a Cavallhada.

No decorrer do dia, há intensa movimentação entre os camarotes. A festividade oportuniza as pessoas realizarem visitas a amigos e parentes, especialmente aquelas que saem da Capital e da área rural. Já os espectadores que se encontram nas arquibancadas deslocam-se com outro propósito. Isso mostra

⁸⁶ Professora da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. E-mail: denize.valeria@hotmail.com

⁸⁷ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: soniaromancini@ufmt.br

marcas distintas na apropriação social do espaço, no dia de Cavahada. A maior parte do público da arquibancada desloca-se com o objetivo de se dirigir à área de consumo e comprar algo para comer, beber e algumas peças de artesanato. Nos camarotes, ao contrário, os alimentos são trazidos de casa ou preparados ali mesmo, como o churrasco, da tradição gaúcha e bastante apreciado no estado de Mato Grosso.

O fato de ter um espaço privado para assistir ao evento e acondicionar o que é levado à arena, certamente, é um dos motivos da comodidade para os que podem usufruir dos camarotes. No entanto, as pessoas que ficam nas arquibancadas não contam com tais privilégios. Ressalta-se que, nos camarotes, o alimento é um bem importante, sendo próprio do costume local servir ao visitante algo para beber ou comer. Essa ação de receber todo visitante com cortesia, com um tipo de serventia, é um dentre os vários indícios da transposição das noções e das práticas do espaço privado da casa para o espaço público da arena.

Para que os homens brilhem na festa requer-se muito trabalho feminino. Mulheres como as costureiras e bordadeiras desempenham atividades importantes, são elas que confeccionam as vestimentas e chapéus dos cavaleiros e pajens, bem como os ornamentos para os cavalos. Algumas mulheres, artesanalmente, fazem os bonecos de pano que enfeitam a arena, produzem os objetos que são usados no torneio, como as cabeças de Judas, encapam as argolinhas com fitas de cetim, decoram os camarotes, assim como preparam os alimentos que são servidos aos cavaleiros, aos pajens, aos convidados e à população. A encenação da Cavahada em Poconé é uma festa de cunho religioso que vai além da religiosidade, evidenciando as representações sociais dos moradores de Poconé. Ela consiste em uma representação simbólica a céu aberto da luta entre os exércitos mouro e cristão.

A Cavahada em Poconé possibilita a seus participantes momentos de fé, interação, agradecimento pelas graças recebidas, em especial a São Benedito. As famílias participantes de ambos os exércitos, bem como a população e o poder público demonstram dedicação e interesse em manter esse patrimônio cultural imaterial, herdado dos seus antepassados, ensejando a cada ano dar continuidade na realização do evento.

A Cavahada em Poconé proporciona a interação dos mais diversos grupos sociais da cidade, seja pela devoção a São Benedito nos momentos religiosos ou pela tradição que representa o passado e o presente na encenação da batalha medieval entre os exércitos mouros e cristãos. O envolvimento familiar é evidenciado nas diferentes etapas de preparação da festividade e na participação do evento, demonstrando o sentimento de pertencimento ao lugar.

O espetáculo da Cavahada propicia um espaço de diversão e confraternização, atrai turistas de diferentes lugares, interfere na dinâmica da economia do município de forma positiva e, ainda, traz visibilidade a Poconé, no Pantanal mato-grossense. O estudo realizado evidencia que a Cavahada constitui um dos traços principais da identidade dos moradores de Poconé, um patrimônio que revela sua história, sua cultura e memória.

RESUMEN 55: N° 2833 - “MAS SE ESTA FESTA SE ACABAR, AÍ MEU DEUS O QUE SERÁ DE MIM”: OS FESTEJOS DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS-GO, EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Tipo de presentación: Ponencia

Oliveira, Alexandre Francisco de⁸⁸

D'Abadia, Maria Idelma Vieira⁸⁹

Celebrado desde 1819 em Pirenópolis, uma das primeiras cidades do estado de Goiás. A festa do Divino Espírito Santo é conhecida nacionalmente e fora dos limites do país, pela festividade que acontece neste município goiano por meio de ações promovidas pelo estado, pela divulgação em jornais, revistas, novelas e programas de televisão. Os festejos e manifestações culturais aglutinadas a esta, representam a maior celebração religiosa na cidade. Os eventos ocorrem com pompa, devoção e elevada participação da comunidade. Essa comunidade local se envolve nos festejos dispondo seus saberes em prol do sagrado e assumindo ofícios e papéis próprios da Festa, muitos destes antes já exercidos por seus antepassados, evidenciando uma rede de transmissão de conhecimento. Reconhecida em 2010 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo IPHAN, é a segunda manifestação registrada no Livro das Celebrações, antecedida apenas pelo Círio de Nazaré em Belém no Pará. Acontece de forma cíclica, ou seja, o encerramento de uma Festa é também o início dos festejos do ano vindouro. Em Pirenópolis, a festa, se destaca pela característica de aglutinar outras manifestações da cultura às atividades religiosas, num misto intercalado de simbolismos e tradição. Os festejos acontecem com mais intensidade por cerca de 65 dias, iniciando na Páscoa e indo até Pentecostes, quando tem seu ápice, estendendo até o Corpus Christi. Aqui apresentamos a Festa a partir da divisão proposta por estudiosos da festa, cuja compreensão se dá pela tríade: *Folia*, *Império* e *Cavalhadas*. Embora essas etapas aconteçam simultaneamente é possível pensá-las de forma distinta e a partir de suas características; as Folias como a fase inicial possuindo atividades rurais e urbanas, mescla campo e cidade. Nelas os devotos foliões portando insígnias que representam o sagrado (a bandeira vermelha estampada com uma pomba branca), saem da cidade cerca de duas semanas antes do Pentecostes montados em seus cavalos, trajando uniformes característicos em direção ao campo: Folias Tradicional e da Renovação Cristã, e na Cidade a Folia da Rua, com o intuito de anunciar e arrecadar donativos para a festa que se aproxima. Essas folias realizam o “*giro*” durante cerca de 9 dias e se estabelecem em diferentes propriedades onde dramatizam rituais de fé e devoção, exercitam a sociabilidade e propagam a devoção ao Divino, agradecendo o pouso e a farta alimentação com cantos, danças e orações. No Império, fase central dos festejos e com elo com as outras etapas, um Imperador é escolhido por sorteio na antiga igreja matriz do município, uma das mais antigas do estado, para representar o escolhido do Divino, e como um soberano portando coroa (insígnia que representa o sagrado nesta etapa) e cetro, acompanhado da Banda Phoênix nos dias de maior importância, faz lembrar a corte portuguesa responsável pela instituição e difusão dos festejos no Brasil. A ele cabe cuidar da organização da igreja no período da Festa, arrecadar donativos, receber os devotos e acompanhar as demais atividades. Seu império é

⁸⁸ Doutorando em Geografia – PPGeo/UFS (xandepiri_95@hotmail.com)

⁸⁹ Doutora em Geografia – TECCER/UEG (maria.dabadia@ueg.br)

marcado pela distribuição de alimentos ao povo e pela hospitalidade oferecida em sua casa, palco para ações e decisões acerca da Festa. São acrescentadas nesta etapa o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito, festejos negros com coroas e cetro próprios, retirados de suas datas originais e associados as atividades do Divino, também marcados pela ampla destruição de alimentos, especialmente os doces. As cavalcadas, encerramento dos festejos possui característica de confraternização, enquanto dois grupos, mouros (trajando vermelho) e cristãos (trajando azul), formados por 12 cavaleiros cada, encena no cavalcódromo, construção local para este fim específico a batalha cavaleiresca do batalhão de Carlos Magno. Esses cavaleiros travam uma batalha depois transformada em jogo quando os mulçumanos (mouros) se convertem ao cristianismo. Enquanto o enredo é desenvolvido no campo de batalha, o público assiste o espetáculo em seus camarotes bebendo e comendo uma extensa variedade de alimentos produzidos em seus núcleos familiares. Devido a pandemia do novo Corona vírus que assola o mundo desde o final de 2019, os festejos de 2020 e 2021 deixaram de acontecer de forma presencial e tiveram suas muitas atividades limitadas a celebrações sem a presença do público ou ações transmitidas por meio de redes sociais como o Instagram e o Youtube da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, responsável pela Festa, que criou inclusive ações para divulgar e manter a memória da comunidade a respeito da Festa viva. O texto propõe apresentar as atividades desenvolvidas localmente para garantir que os festejos continuem a acontecer mesmo que de forma midiática. Como procedimento metodológico será aplicado um questionário virtual nos períodos em que ocorreria a festa de 2021 para compreender quais ações a população local, envolvida na Festa, tem realizado para amenizar a ausência de tais festividades, também serão acompanhadas as atividades propostas pela igreja, município e Imperador para os festejos do ano em questão. Novas informações serão vislumbradas à medida que a pesquisa avance.

RESUMEN 56: N° 3661 - A TRADIÇÃO DA PRODUÇÃO DE FOGOS JUNINOS EM ESTÂNCIA/SE

Tipo de presentación: Ponencia

Gomes, Robertta de Jesus

O Nordeste brasileiro é conhecido pela força das festividades juninas. Esse trabalho irá evidenciar uma das tradições presentes nessas festas: a cultura da produção de fogos juninos em Estância, cidade localizada no estado de Sergipe, que é conhecida popularmente como a “terra do Barco de Fogo”. Tal pesquisa tem por objetivo analisar o papel dos produtores de fogos juninos na manutenção de práticas tradicionais em Sergipe. Essa análise é resultado da dissertação intitulada: *Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e resignificação em Estância/Se*, defendida em 2017 na Universidade Federal de Sergipe. Diante desse contexto, os caminhos metodológicos traçados para a elaboração desse trabalho partiram de pesquisa bibliográfica vinculada às temáticas: identidade, festas juninas, patrimônio, saberes, fazeres, relações de proximidade e o conceito de paisagem cultural. Também foi realizada a coleta de informações através de trabalho de campo, partindo de entrevistas semiestruturadas realizadas com os fogueteiros, ajudantes, comerciantes de fogos, representantes de instituições públicas e população local. Os produtores de fogos são chamados de “fogueteiros” e repassam todos os saberes fazeres das gerações mais velhas para as mais novas. Para Menezes (2015, p.174) “essas conexões familiares estimulam e alicerçam a construção de alternativas de trabalho e renda a partir do apoio que lhe dá sustentação e do repasse do saber-fazer”. Essa tradição identitária fortalece os laços entre esses sujeitos, demonstra a relevância das manifestações tradicionais para a reprodução de vida dessas pessoas e constituição de uma paisagem cultural. Nesse contexto Almeida, Vargas e Mendes (2011) salientam a relevância dos estudos sobre Paisagem Cultural na geografia por meio das análises das simbologias e de elementos de caráter psicológico, como a emoção, as sensações e as noções de pertencimento. Deste modo a referida pesquisa inter-relaciona cultura, tradição e geração de renda, uma vez que o município apresenta os festejos juninos como potencialidade turística e que a produção de fogos que envolve grupos familiares. Menezes e Almeida (2008, p.184), ao discutirem a vaquejada no sertão sergipano, consideram que “o trabalho torna-se festa; a seriedade do trabalho como cumprimento da obrigação torna-se alegria, que se reveste no encontro com os amigos, na demonstração de habilidade, de destreza, de vigor físico”. De modo similar, na festa junina de Estância, a população local reitera que no período festivo e na produção dos fogos, o trabalho é uma diversão. Como resultados constatou-se que os denominados fogueteiros são homens com faixa etária entre 18 anos e 70 anos. Trabalham com atividades artesanais e manuais, utilizam a criatividade e exercem durante o período de maio a junho uma jornada de trabalho que ultrapassa as 12 horas diárias. Eles residem no centro da cidade de Estância e nos bairros Porto D’Areia, Alecrim e Cidade Nova (Povoado Dilsilena). Nessas localidades, os saberes fazeres e cheiros se misturam ao cotidiano. Esses trabalhadores artesanais sobrevivem do fabrico de espada, busca-pé, pitu, chavinha, bombinhas e do barco de fogo. A produção desses fogos é realizada em barracões organizados pelas associações dos fogueteiros. A pólvora faz parte da reprodução do modo de vida dos fogueteiros de modo tão intenso, de modo que o odor fica enraizado nos corpos desses sujeitos durante todo o ano. Claval (1999, p.84), embora em um contexto diferente do de Estância, afirma que “a lembrança mais tenaz que guardamos dos lugares

está, frequentemente, associada aos odores dos quais eles são portadores”. O cheiro dos fogos é uma marca das festividades juninas de Estância. No que se refere ao barco de fogo, este é considerado como um bem simbólico para os municípios. Além de abrilhantar as noites durante os festejos juninos, esse elemento cultural também constitui fonte de renda para os grupos familiares que o produzem. Ao discutir as festas sergipanas, Vargas e Neves (2011, p. 5) salientam a importância das manifestações culturais, como os “barcos de fogo, arraiais, batalhões, pisa pólvora e produção de fogos tradicionais em Estância”. Ainda segundo os autores, esses elementos demonstram a singularidade local. O barco de fogo foi criado por Antônio Francisco da Silva Cardoso. A princípio, ele fez o barco deslizar em um arame estendido sobre o Rio Piauitinga no bairro Porto D’Areia. Nos barracões de fogos foram identificadas as etapas, os materiais e processos da produção bem como as relações de proximidade entre os fogueteiros. Embora a produção tenha se modernizado em alguns aspectos, com a inserção de algumas máquinas e equipamentos, a essência da tradição continua, já que a fabricação de fogos e de barcos de fogo aponta que os modos tradicional e moderno coexistem. Conclui-se a produção de fogos em Estância-Se é uma atividade enraizada na cultura local, e a festa junina não acontece sem os fogos, uma vez que esses são o principal atrativo, observou-se a força da cultura, a transformação da paisagem geográfica em uma paisagem cultural, a valorização de um patrimônio cultural imaterial fundamentado nos saberes fazeres, nos laços de proximidade e na identidade territorial.

Palavras-chave: Fogueteiros, Paisagem Cultural, Barco de fogo, Manifestações tradicionais, Estância/Se.

RESUMEN 57: N° 4147 - AS PRÁTICAS CULTURAIS RURAIS: OS DESAFIOS DA PANDEMIA DA COVID -19

Tipo de presentación: Ponencia

Jesus, Priscila Barbosa de⁹⁰

O presente trabalho discute as práticas culturais do campo diante dos desafios impostos pela pandemia da COVID-19. Tem como principal objetivo ressaltar a importância das práticas culturais rurais em meio ao processo de modernização do campo. O recorte espacial se dá em Novo Brasil, município de 3.400 habitantes (IBGE, 2010), localizado no interior do estado de Goiás-Brasil.

A metodologia de cunho qualitativo pautou-se na revisão bibliográfica e diálogos com sujeitos habitantes do município em destaque. O contexto discutido trata-se da pandemia da doença COVID-1, causada pelo SARS⁹¹-CoV-2. Pesquisas identificaram que o ponto inicial de contágio do vírus foi localizado no continente asiático, na cidade de Wuhan – China (FILHO, 2021). Os efeitos ocorreram em diversas escalas, afetando países e povos distintos revelando a fluidez do contágio amplificado pelo processo de globalização.

Nesse contexto, a sociedade precisou adaptar-se à nova realidade, cuja característica maior se resumiu no distanciamento social. Diante da realidade imposta pela pandemia, questões emergenciais tomam frente. A preocupação com a expansão da desigualdade social, do desemprego e da miséria. Questões relacionadas a saúde também são preocupantes, não só aquelas relacionadas com o contágio, como também relacionadas a ingestão de drogas e saúde mental.

Outro fator de relevância equivalente diz respeito aos aspectos culturais e de lazer. Esses fatores são os que geralmente demandam aglomerações, reunião entre pessoas ou convívio em ambientes povoados. A situação afeta principalmente os centros urbanos, no entanto, como será discutido, também tem seus efeitos no campo.

O território goiano vem passando por um processo de modernização que acontece em diversas escalas. Desse modo, municípios do interior como Novo Brasil são cada vez mais alcançados por esse processo que altera os modos de vida, de trabalho e as práticas culturais que tradicionalmente estiveram vinculadas ao campo.

Conforme destaca Costa (2008) as tradições manifestas em práticas culturais, como as festas, são de extrema importância para a construção de identidades e, apesar do processo de modernização, que envolve a expansão do capital industrial e financeiro, essas persistem no território goiano.

Mesmo fora do contexto da pandemia, a ocorrência de festas no campo reduziram-se muito nos últimos tempos. Fraga e Fiúza (2019) associam esse fato com as mudanças nas dinâmicas de trabalhos dos sujeitos do campo que fazem com que as atividades de sociabilidade fiquem em segundo plano.

O isolamento social evidencia o quanto essas práticas são importantes para mulheres e homens rurais. Isso porque, além de serem importantes para o processo de construção de identidades, também são fundamentais para a complementação de renda de muitas famílias rurais.

É necessário ressaltar que essas nem sempre ocorrem no espaço rural. No entanto, conforme Fraga e Fiúza (2019) essa interação entre campo e cidade não descaracteriza as especificidades das socieda-

⁹⁰ Mestranda em geografia pelo Programa de Pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Goiás

⁹¹ SARS - Síndrome Respiratória aguda grave

des rurais. Portanto, deve-se ressaltar o caráter rural dessas práticas. Essas, geralmente, se dão com o acontecimento de festas de cunho religioso ou confraternizações envolvendo a colheita de alimentos produzidos no campo.

Assim como ocorre na maioria dos municípios goianos, as práticas culturais em Novo Brasil estão vinculadas ao aspecto religioso, sobretudo ao catolicismo, religião da maioria da população. Desse modo, grande parte das festas é promovida pela igreja católica, como as folias e as festas juninas. Para Almeida (2019, p.87) “as festas religiosas no território brasileiro são heranças do período colonial provenientes das comunidades européias que conservavam um credo religioso cristão.”

Em Novo Brasil, são diversas tradições que acontecem anualmente. Essas vão desde a realização de festas como, as folias, as festas juninas e as cavalgadas, até a confecção de pamonhada que, em Novo Brasil, trata-se de uma das práticas mais enraizadas.

A tradição de fazer pamonha é antiga no município. Reúne famílias, vizinhos e amigos para a fabricação de alimentos oriundos do milho. Este é plantado entre os meses de setembro e outubro, visando o aproveitamento do período chuvoso, característico do clima tropical presente no bioma Cerrado. A colheita acontece cerca de três meses após o plantio.

Para aqueles que não dispõem de terra para plantar o milho, opta-se por comprar as sacadas de milho daqueles que produzem no campo. Com isso, em contextos normais, a venda do milho aumenta significativamente nesse período. Além disso, a pamonhada, assim como as folias, envolve o compartilhamento dos alimentos produzidos entre os sujeitos.

Essas práticas culturais que acontecem repetidamente a cada ano tiveram que cessar durante o período da pandemia. A inviabilidade de eventos como esses, causa efeitos não só na economia, mas no cotidiano dos sujeitos que vivem no campo.

Oliveira (2020) menciona que, no sentido geral, o isolamento teve como objetivo o afastamento corporal, mas o contato entre as pessoas foi viabilizado pelos meios de comunicação. Devido a indisponibilidade de sinais de internet na maioria das propriedades rurais, esse isolamento é ainda maior para aquelas e aqueles que vivem no campo.

Por fim, é preciso destacar a relevância das práticas culturais rurais, uma vez que, diante das alterações das últimas décadas no cotidiano, causadas pela modernização e pelo advento de novas redes, essas são o que, possivelmente, representam a resiliência da cultura local, uma vez que, demonstram o forte vínculo ainda existente com o espaço rural.

Palavras-Chave: Práticas culturais, geografia cultural, espaço rural, COVID-19.



**TEMA: GEOGRAFIA DOS ALIMENTOS IDENTITÁRIOS,
BEBIDAS E FEIRAS**

RESUMEN N°58 N° 1700 - ALIMENTO E RURALIDADE: DO ENCONTRO IDENTITÁRIO À MANUTENÇÃO FAMILIAR E O INTERESSE MERCADOLÓGICO

Tipo de presentación: Ponencia

*Baticini, Camila Turmina*⁹²

*Alves, Flamarion Dutra*⁹³

A ruralidade pode ser identificada a partir de diversos aspectos, como a música, a dança, o modo de falar ou de alimentar. Ela parte da reorganização individual e/ou coletiva do imaginário do rural no urbano, assim, o rural entendido enquanto origem cultural de sujeitas e sujeitos pode ser um fator primordial para a escolha de objetos e práticas pautados nos aspectos que vão de encontro às nossas identidades.

Tais escolhas são orientadas a partir da disponibilidade do recurso no cotidiano, portanto, se as práticas do rural chegam ao urbano (e vice-versa) há essa possibilidade por uma identificação cultural. As feiras livres, por exemplo, sobretudo em cidade médias, além de serem o elo entre a cidade e o campo em setores produtivos e econômicos, também o são pela ruralidade culturalmente manifestada, através dos alimentos identitários.

Do ponto de vista estrutural, estas feiras possibilitam a manutenção da agricultura familiar, entretanto, a agroindústria rural, que produz a partir do aproveitamento de excedentes e também para a manutenção da renda, é paralelamente imbricada pela produção do “alimento da roça” pela agroindústria urbana que, por uma oportunidade de renda identificada, produz para além de seus modos de vida e cultura originárias.

A problemática aqui destacada permeia as ramificações da relação entre alimento e ruralidade, enquanto orientadora de práticas originárias ao rural, ressignificadas no urbano e apropriadas pelo capital. Como surge a ruralidade nos alimentos? Como pode ser formulado o processo de identificação das atoras e atores, das sujeitas e dos sujeitos com os alimentos rurais? A ruralidade é diversamente configurada em diferentes escalas de cidade? De que maneira estas configurações estão associadas economicamente? E culturalmente?

Buscar respostas a essas questões sugere compreender as possibilidades, potencialidades e detrimentos desta relação entre alimento e ruralidade em diversos espaços. Trata-se de pensar sobre o quanto uma identidade inata, resgatada ou produzida, pode ser desenvolvida em um sistema econômico que permite valorizar o comércio local e os processos tradicionais de produção de alimentos, guiando práticas mais conscientes às sujeitas e sujeitos quanto ao que estamos consumindo, e às atoras e atores quanto ao que enfrentam para produzir.

Abordagem Teórico-Methodológica

A fenomenologia orienta-se pela reaproximação das ciências com as nossas vidas, ações e projetos, a partir das experiências relativas à percepção do mundo e de seus objetos enquanto fundamentos dos conceitos (HOLZER, 1997). Com base na fenomenologia e em uma leitura crítica sobre a relação alimento e ruralidade, esta pesquisa foi elaborada por de três principais etapas:

⁹² Geógrafa, Universidade Federal de Alfenas - MG/Brasil

⁹³ Prof. Dr. da Universidade Federal de Alfenas – MG/Brasil

A revisão bibliográfica de conceitos culturais como identidade, lugar e ruralidade; seguida por uma associação ao estudo de caso realizado na Feira Livre de Domingo na cidade média de Alfenas – MG, baseado em entrevistas às sujeitas e sujeitos e às atoras e atores que dialogam a partir de suas experiências de produção, comercialização ou consumo dos alimentos identitários da feira (BATICINI, 2019); e, por fim, a revisão bibliográfica de temas mais concretos como produção artesanal e mercado e consumo, alimento e ruralidade em cidade pequena, média e grande, feiras livres, culinária regional e agricultura familiar.

De acordo com Carneiro (1998), há um movimento de atribuição de valor à natureza e aos produtos “naturais”, expressado pelo consumo urbano a bens simbólicos e materiais, em que essa ruralidade orienta práticas sociais distintas, integrando economia e a sociedade urbano-industrial.

Menezes (2013) aponta que processo de produção destes alimentos vem sendo cientificamente debatido, em especial, com uma ênfase culturalista, preocupada com a preservação do alimento, porém é necessário discutir um contraponto, que é uma territorialidade criada como estratégia de reprodução dos grupos familiares, visto que a cultura do lugar pode ser afetada por paradigmas externos fomentados pelo capital.

Claval (2014) pontua que ao fim da Segunda Guerra Mundial, os modos de vida foram transformados e que, em especial a alimentação, foi influenciada pela alta produtividade da agricultura e da pecuária, trazendo uma padronização, cujos produtos com rendimentos “fracos” foram abandonados (p. 292) “A cozinha de massa mata a cozinha popular”, pois a padronização evidenciada acaba com o que é tradicional. O processo de globalização, ainda que com o ideal homogeneizador, desperta resistências tradicionais e, pela lógica de mercado, cria os nichos de consumo.

Conclusões

A busca por um alimento tradicional, rural, e artesanal, permite um reencontro a lugares, paisagens, conversas e momentos que são preservados na memória e ativados a cada encontro. Há o consumo correspondente à uma alimentação saudável, cuja procedência da produção é conhecida. Há o consumo que busca conhecer uma cultura. Também há aquele que é despretensioso, pelo sabor.

A relação entre produção e consumo configura-se de diferentes maneiras em diferentes escalas de cidade. Em geral, nas cidades médias, os alimentos manifestados pela ruralidade são conectados pela feira e assim desempenham uma alternativa à renda de agricultores e agricultoras familiares, mesmo havendo uma produção urbana, como principal renda, destes alimentos.

Nas cidades pequenas, os alimentos normalmente já fazem parte do cotidiano das sujeitas e sujeitos, muitas vezes são trocados por outros alimentos entre a vizinhança ou até mesmo vendidos, mas o comércio de fato só é desempenhado pela “exportação” dos produtos, para cidades maiores, onde é mais valorizado pela pouca disponibilidade de oferta.

Enquanto que nas cidades grandes é possível encontrar uma maior quantidade de alimentos, provenientes de agroindústrias registradas e inspecionadas, nas prateleiras de mercados, distanciadas do modo mais artesanal de produção que comumente compunham algum nicho de mercado, por entre produtos caseiros, saudáveis ou regionais.

Em contraponto, as inúmeras casas do norte ou do nordeste no sudeste, por exemplo, se consolidam enquanto uma venda de produtos mais tradicionais, de fato.

RESUMEN N°59 N° 645 - PAMONHA: ALIMENTO IDENTITÁRIO E TERRITORIALIDADE NA METRÓPOLE GOIÂNIA-BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

Menezes, Sônia de Souza Mendonça⁹⁴

Almeida, Maria Geralda de⁹⁵

Os alimentos tradicionais, culturais, artesanais ou aqui denominados identitários (Menezes, 2013) continuam sendo demandados e consumidos em metrópoles, embora tenha ocorrido transformações nos hábitos alimentares diante da oferta de produtos processados e ultraprocessados, vinculados aos estilos de vida e aos valores comportamentais no mundo moderno. Arraigados na identidade cultural da população, observam-se de forma contraditória o crescimento do consumo e a expansão da transformação tradicional do alimento impulsionada pela valorização dos saberes e fazeres. Como assevera Woortmann (2013, p. 6), nas “mais diferentes sociedades, os alimentos são não apenas comidos, mas também pensados; quer dizer, a comida possui um significado simbólico – ela expressa algo mais que os nutrientes que a compõem”. Os alimentos transformados em comida estão relacionados, para além da dimensão fisiológica, aos motes culturais e sociais, que influenciam o processo de escolha. Conforme enfatiza Claval (1995), é pela cultura ou por meio de atributos culturais que as populações fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território.

No espaço da metrópole Goiânia, iniciamos uma pesquisa vinculada à Geografia dos alimentos incutidos na cultura local. Nessa investigação surgiram várias indagações: Quais são os alimentos identitários, demandados pela população de Goiânia? Como o mercado consumidor legitima e cotiza para manter viva a produção dos alimentos identitários? Em que medida um alimento identitário pode ser considerado como um componente da territorialidade por grupos familiares urbanos para sua manutenção e reprodução social na metrópole?

Na busca das respostas para estas perquisições, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica com a leitura de teses, dissertações, artigos; entrevista com técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; procedemos a incursões pela metrópole, visitando feiras livres, fazendo observações *in loco*, conversando com feirantes, consumidores e nas pamonharias. Constatamos uma fartura de alimentos identitários na culinária do estado de Goiás: as pamonhas, o empadão goiano, as comidas elaboradas com o pequi, o arroz maria-isabel, a chica doida, o arroz com suã, as quitandas, os doces caseiros, o melado, a rapadura. Esses alimentos compõem o cardápio variado e traduz a relação rural-urbano nas diferentes estações do ano.

Escolhemos a pamonha para esta discussão dada a sua forte espacialização com a presença das pamonharias nos diferentes bairros e sua comercialização nas feiras livres. Também, há o seu consumo por todas as classes sociais, além da diversidade de sabores, formas de produzir, comercializar, representação material e simbólica. Ademais, ela denota uma contraposição à modernização e ao avanço da massificação de alimentos.

Trazer esta discussão sobre estratégia da elaboração e comercialização de alimentos identitários signi-

⁹⁴ Profª do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. soniamendoncamenezes@gmail.com

⁹⁵ Profª do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás; mgdealmeida10@gmail.com

fica descortinar o sentido dessa produção para a vida de homens e mulheres, identificando as relações entre eles, o território e os seus desdobramentos com o surgimento de outras atividades. Como nos lembra Almeida (2005, p. 323), trata-se de “interpretar o valor social a elas agregadas”. Pelo seu valor socioeconômico, esse alimento destaca-se, pois, seu consumo alicerça atualmente uma territorialidade utilizada para geração de renda e postos de trabalho no espaço urbano.

Ao analisarem a relevância da produção e consumo dos alimentos identitários como uma manifestação cultural no espaço geográfico, Menezes e Cruz (2017, p. 26) assertam que “essas estratégias ou (re)conversões aliam práticas culturais fundamentadas no saber-fazer difundido localmente com o objetivo de gerar renda e permitir que esses grupos ou famílias possam continuar no seu lugar de vida e trabalho”. Trata-se de estratégias que conformam uma territorialidade diante da expansão do desemprego e das crises econômicas que assolam o país na atualidade. Ao mesmo tempo, ressaltamos que a produção, a comercialização e o consumo da pamonha invertem a crença de que, com o domínio dos alimentos industrializados, os produtos tradicionais culturais constituiriam um vestígio de uma sociedade pré-científica e estariam fadados ao desaparecimento.

Os consumidores frequentam estabelecimentos comerciais, as feiras livres, mas também adquirem a pamonha comercializada pelos ambulantes que residem nas regiões limítrofes da cidade ou mesmo de cidades da região metropolitana. Existe a conformação de relações de proximidade e laços e amizades entre os produtores e consumidores. Em síntese, os consumidores buscam no consumo da pamonha uma relação saudosista que conduz parte dos consumidores à valorização de produtos impregnados de ruralidade e associados à imagem do território.

Estudar os alimentos torna-se um meio eficaz para o entendimento da identidade, modos de vida e da cultura de determinados grupos sociais. Investigar a respeito dessa temática permite apontar a relevância dos alimentos identitários como produtores de uma territorialidade na geração de postos de trabalho e renda no território da metrópole. Diante do avanço dos produtos massificados, ultraprocessados, ratificar a dinâmica da produção de pamonhas de forma artesanal na metrópole confirma uma contracorrente alicerçada na demanda do mercado consumidor que a legitima. Este é fundamentado na confiança e nas relações de proximidade e que contribui para a reprodução de grupos familiares. Portanto, a pamonha constitui um alimento identitário eivado de valor cultural, social e econômico.

Palavras-chave: alimento, renda, reprodução social, bem cultural

RESUMEN N°60 N° 2491 GÔÛT DU TERROIR: A ORIGEM GEOGRÁFICA DO SABOR DO VINHO

Tipo de presentación: Ponencia

Gabardo, Wagner Otávio⁹⁶

Aprender sobre vinhos é adentrar no saber geográfico. O vinho é alimento identitário de um território e parte da dieta cotidiana de seus autóctones, cujo consumo pressupõe a comensalidade e tempera a ideia de lugar de um viticultor. O cultivo de sua matéria-prima, a uva, é celebrado pelas comunidades rurais nas festas da colheita, enfatizando o valor de se trabalhar a terra. A bebida, sacralizada pelo cristianismo e possuidora de deuses próprios em mitologias antigas, é considerada alimento essencial da dieta mediterrânea e constitui produto agroalimentar de alto valor agregado entre os ocidentais. As paisagens do vinho têm sido contempladas em ações patrimoniais que evidenciam seus valores materiais e imateriais (Elias, 2008).

Diálogos entre vinho e geografia podem ser inebriantes. Um ponto de partida é o estudo de mapas cartográficos que permitem localizar e distinguir vinhedos ao redor do mundo, suas distâncias e escalas. Flertamos com a Geografia Física ao atentar à topografia do terreno, o perfil de solo e o clima que caracterizam o espaço telúrico da viticultura. Em seguida, a Geografia Cultural nos abre às territorialidades que descrevem saberes-fazeres do cultivo de uvas, elaboração e consumo de vinhos. Cada paisagem é única e reveladora de conhecimentos, técnicas e crenças que falam sobre os modos de cultivo de uvas e vinhos com identidade e tipicidade próprias. Neste bojo emerge uma expressão central na compreensão desta relação ser humano-natureza: o terroir.

Terroir é um conceito chave para pensar o sabor como saber geográfico. O termo, de origem francesa, foi cunhado no universo vinícola para referir-se à uma porção limitada de terra com aptidões para agricultura, enfatizando o papel do solo onde é plantada a vinha.

Como o passar do tempo, terroir ganha abrangência ao contemplar as dimensões naturais e socioculturais que definem a identidade dos vinhos em um território demarcado (Garcia & Jacquet, 2020). Ao narrar o terroir, o viticultor se converte em intérprete da paisagem e, por meio da linguagem, transmite experiências do mundo vivido que buscam elucidar o sabor do vinho atrelado à sua origem. O enredo do terroir entrelaça concomitantemente saberes tradicionais e científicos, subjetivos e objetivos, emoção e razão.

Reconhecer a identidade de um terroir impressa no vinho nos leva à etapa crucial da com aprendizagem da bebida: sua degustação. Degustar é um fenômeno que envolve a percepção dos aromas e sabores e, por meio destes, reconhecer a qualidade, tipicidade e originalidade de um vinho frente a outros. Vinhos são feitos nos quatro cantos do mundo, do nível do mar às alturas da montanha, da fria Patagônia ao caloroso semiárido brasileiro, em planícies ou encostas, e a vinha - planta trepadeira - pode ser podada, conduzida e adubada de várias maneiras. A cada vinho provado experimentamos novas percepções sensoriais que expressam as formas como ele foi feito e, sobretudo, onde foi feito. Se a base de um vinho são uvas, por que seus aromas e sabores são distintos? Porque cada porção de terra conjuga aspectos naturais e culturais particulares que impactam a qualidade das uvas e vinhos ali cultivados. O terroir importa e transmite sabor à bebida, em uma espécie de filosofia localizada

⁹⁶ Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Brasil.wgabardo@gmail.

do gosto (Trubek, 2008). Da necessidade de atribuir as qualidades percebidas no vinho à sua origem, surge a expressão consagrada no mundo vínico, o *gôut du terroir*. Dita expressão revela o gosto como dimensão espacializadora de culturas. O sabor é um traço de ligação do homem com a Terra, versa Gratão (2012).

No fenômeno da degustação de vinhos somos convocados não apenas a perceber suas nuances gustativas mas também a imaginar a origem geográfica do seu sabor, seu *terroir*. A experiência do gosto flui em situação. A cada vinho provado se renovam nossas percepções e emergem, a partir da bebida, narrativas do *terroir* que nos conduzem a uma imaginação intuitiva e estética de suas paisagens (Wright, 1947). Se provamos o vinho de um lugar que nos é familiar, reconstruímos à luz da consciência experiências passadas de forte vínculo espacial. Somos capazes de recordar, com riqueza de detalhes, paisagens do vinho vivenciadas (Gabardo, 2019). Se o vinho provado remete a uma paisagem ainda por desbravar, damos asas à imaginação em busca de compreender de que maneira o sabor que brota da terra transcende das vinhas às uvas e aos vinhos. Nos permite vivenciar imaginariamente geograficidades viticultoras. Degustar um vinho ao embalo de uma narrativa de *terroir* é um fenômeno tanto de percepção (Merleau-Ponty, 2011), quanto de imaginação (Bachelard, 2019). Revela a potência evocativa do sabor para o pensar geográfico.

O objetivo deste trabalho é investigar a gênese do *gôut du terroir* com intenção de contribuir às discussões do sabor na geografia. A partir da análise de conteúdo de entrevistas com viticultores publicadas em meios especializados no tema, reflito sobre as origens do sabor na vitivinicultura: este advém do solo, do clima, de elementos da paisagem e/ou das práticas culturais que norteiam o cultivo de uvas e a elaboração de vinhos? Desta forma, analiso como o caminho percorrido pelo sabor do vinhedo à taça é regido, ao mesmo tempo, por uma lógica racional e objetiva - típicos da Geografia Física/ Agronomia - e de matrizesensível, simbólica e emotiva oriunda das subjetividades, como pressupõe a geografia de base fenomenológica (Relph, 1979).

Palavras chave: Vinho, *Terroir*, Geografia do Sabor, Fenomenologia.

RESUMEN N°61 N° 3569 - COMIDA DE RUA COMO RESISTÊNCIA: TAPIOCA, ACARAJÉ E MINGAU

Tipo de presentación: Ponencia

Queiroz, Greiziene Araujo⁹⁷

Menezes, Sônia de Souza Mendonça⁹⁸

O comer na rua não é uma prática nova, no entanto, é uma demanda crescente no modo de vida urbano. O tradicional e o moderno estão imbrincados nas praças, ruas, avenidas e logradouros das cidades e a comida não está a parte deste contexto. Portanto, objetiva-se discutir a comida de rua tradicional como expressão de resistência. Esta proposta tem como aporte teórico metodológico pesquisadores da alimentação como também informações obtidas em trabalho de campo, realizado na pesquisa de doutorado, em curso, esta tem como recorte territorial de análise os municípios de Ilhéus e Itabuna na Bahia, Brasil.

Segundo Garcia “O comportamento alimentar é complexo, incluindo determinantes externos e internos ao sujeito” (2003, p.484). Notadamente, as preferencias e gostos são introjetadas pela cultura, situação socioeconômica (BOURDIEU, 2007), como também são moldadas por um padrão alimentar mercadológico sem história, sem memória, fruto de uma modernidade impregnada de signos e significados de *status* sociais que “não nos fornece a realidade, mas a vertigem da realidade” (BAUDRILLARD, 1995, p. 24). Na alimentação, essa vertigem se manifesta pelas ações dos impérios alimentares (PLOEG, 2008) para direcionar o gosto a produtos alimentares das redes de *fast foods*, *símbolo de modernidade e jovialidade*. Por outro lado, a comida de rua representa a face mais popular da alimentação no urbano, se caracteriza também pela resistência desde a sua origem histórica ligada a escravidão até os dias atuais de opressão pelo poder público e normas sanitárias. Atualmente passa por ressignificações, dos habituais tabuleiros aos modernos *food trucks*. Os primeiros escravizados comercializavam doces e refeições em tabuleiros, que aos poucos, transformaram-se em barracas, quiosques de alvenaria e madeira para se abrigar do sol e da chuva. Em alguns momentos é a estrutura material da comercialização que se modifica, em outros, é a comida que cria novas territorialidades. A exemplo da mandioca, alimento tradicional indígena, sedimentada no rural, foi incorporada na alimentação urbana e nas dietas da moda, na forma de tapioca ela se espalha nas ruas, em carrinhos, barracas e bicicletas. No trabalho de campo foram catalogados recheios tradicionais da alimentação nordestina como a banana da terra, o coco e a carne seca como também produtos industrializados, tais como o leite condensado e o creme de avelã.

O acarajé, bolinho de feijão frito em azeite de dendê, de origem africana se enraizou na Bahia, é exemplo de resistência da mulher negra, das religiões afro e de uma comida tradicionalmente de rua. É de fato um alimento identitário para os baianos, é acessível no preço e na localização, está presente nas praças, ruas, praias e estacionamentos de supermercados. Ainda se construiu numa refeição completa pela presença do camarão, como proteína, o feijão, fonte de carboidrato, a salada e o vatapá como acompanhamento, na classificação de Brandão (1981) seria denominado de comida forte, que sustenta. É bem vindo a qualquer hora do dia, no entanto, o consumo é mais frequente a tarde até o final da noite. O acarajé é também uma comida tradicional que segundo Menezes e Almeida (2021) são

⁹⁷ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Endereço eletrônico: greiziene@gmail.com .

⁹⁸ Doutora em Geografia, professora da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Endereço eletrônico: soniamendoncamenezes@gmail.com .

aqueles alimentos que superam o tempo e permanecem no espaço.

Outra comida de rua que resiste a passagem do tempo é o mingau relatado Vilhena (1969) que narra sua comercialização pelos escravizados na Bahia do século XVIII. Embora não seja tão abundante como no passado, observou-se no trabalho de campo bancas e barracas de mingau nos municípios estudados. Os sabores mais comuns são o de tapioca e milho, ou a junção dos dois quando solicitado pelo cliente, no mesmo copo, para assim degustá-los juntos, servidos com bolo ou pão e finalizado com o café. A comercialização acontece pela manhã, nas proximidades dos pontos de ônibus, onde o fluxo de trabalhadores é maior. É comum se formar uma roda de conversa em torno do mingau com pessoas idosas, como também os mais jovens fardados para o trabalho no comércio.

A comida de rua é adjetivada como rápida pela praticidade de comer em pé, a caminho de casa ou do trabalho, com as mãos, sem a necessidade de uma variedade utensílios (CONTRERAS, 2017). No entanto, é também comida lenta como ponto de encontro dos amigos ou dos desconhecidos que discutem os acontecimentos da cidade, da política e do futebol como ocorre nas barracas de acarajé ou nas bancas de mingau o que favorece a comensalidade, mesmo que não seja em torno da mesa, é comer com outros, como lembra Fischler (2011), onde o alimento ocupa o lugar de centralidade. A comida de rua como resistência é a que se mantém no tempo e no espaço mesmo com reinvenções. É também aquela que na sua composição possui, em grande parte, a comida de verdade como o feijão no acarajé e a mandioca na tapioca e no mingau. Estes alimentos falam dos povos, indígenas, negros, evoca tradição e ancestralidade. A comida de rua é cultura materializada, elemento fundante de qualquer sociedade.

Palavras chave: Comida de rua, resistência, tradição.

RESUMEN N°62 N. 2859 - O QUEIJO CANASTRA E O TERRITÓRIO

Tipo de presentación: Ponencia

Giácomo Leonardo⁹⁹

Introdução

A atual conjuntura causada pela pandemia continua afetando os trabalhadores e trabalhadoras, do campo e da cidade, em toda a América Latina. Com isso, necessita-se de sentimentos de união, empatia e solidariedade, porém, não se deve permitir que nossa vulnerabilidade seja aproveitada pelo imperialismo estrangeiro. Portanto, o reconhecimento e valorização das culturas locais e regionais devem ser instrumentos para a luta nesses momentos de grandes transformações.

O presente texto discorrerá sobre a representação da identidade e resistência no território de famílias camponesas em algumas comunidades no município de São Roque de Minas/MG, através do Queijo Canastra, que é produzido numa das microrregiões certificadas como produtoras do Queijo Minas Artesanal, no estado.

O Queijo Minas Artesanal foi reconhecido como Patrimônio Histórico e é consumido em diversos países, todavia, nas últimas décadas, os agentes da dinâmica territorial ligados ao capital – agronegócio, critérios sanitários, políticas públicas, entre outros - ganharam força e muitos pequenos produtores estão com dificuldades para permanecerem em suas terras, dentro dessa situação dialética.

Objetivos

Reconhecer o Queijo Canastra como um produto de uma territorialidade única, que carrega elementos materiais e imateriais.

Exemplificar algumas dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores do Queijo Canastra.

Abordagem teórico-metodológica

Para construir as reflexões, o texto fará uma revisão da literatura mais recente em relação ao objeto - Barbosa (2007); Borelli (2002); Nogueira (2014) - E, com o apoio de pesquisas feitas em outras regiões - Coelho, M. (2006, 2009); de Souza Mendonça Menezes (2011); Netto (2011) - criará um diálogo com alguns com autores e conceitos da Geografia Agrária, como: Território/Territorialidade - Haesbaert (2002, 2007); Saquet (2002); Sposito (2009) - Ruralidades - Carneiro (1998); Wanderley (2009) -.

As pesquisas sobre as famílias camponesas analisadas por Barbosa (2007) e Nogueira (2014), no município de São Roque de Minas/MG, apresentaram algumas dificuldades vividas pelos pequenos produtores de Queijo Artesanal da Canastra, que pode inserir-se nas reflexões do referencial teórico. As dificuldades possuem bases estruturais como a concentração da forma de uso e ocupação do solo pelo capital, mas, também, dificuldades regionais, como exigências sanitárias e da estrutura física das propriedades, a concorrência com os grandes produtores e o baixo valor agregado ao produto final, fazendo com que muitos queijeiros passem a vender o leite direto para grandes laticínios.

A Lei Federal N° 13.860/2019 e a Portaria estadual N° 2051/2021, que atualizou a Lei Estadual Lei Estadual n° 14.185/2002, flexibilizaram a produção do queijo, mas ainda é exigido mudanças estruturais, que exclui os que não possuem o capital para transformar o espaço. Muitos produtores, mesmo

⁹⁹ UFU, IG, Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, MG, Brasil. leonardogi@hotmail.com

que, hipoteticamente, tivessem o dinheiro não gostariam de alterar algumas práticas tradicionais pelas modernas (NOGUEIRA, 2014).

Atualmente existem cerca de 30.000 produtores em Minas Gerais e apenas 210 carregam o selo de comercialização, ou seja, que atende aos critérios sanitários e estruturais. Na microrregião da Canastra 47 produtores, e no município de São Roque de Minas/MG apenas 5 (IMA, 2021).

A atual situação pode ser analisada a partir de sua dinâmica territorial. O território produz relações de poder, trabalho, modo de produção, organização social, mas, também, crenças, costumes, tradições, sonhos, sentimentos e ocorre por um dinamismo de diversos fatores e grupos que influenciam no território. (SAQUET, 2002).

Deve-se compreender a existência de territorialidades distintas agindo no mesmo espaço, ou seja, diversas concepções de território para pessoas ou grupos com diferentes formas de coesão. – multi-territorialidade - A territorialidade, desterritorialidade, reterritorialidade (T-D-R), reflete, portanto, a dinamicidade dos agentes que atuam no espaço. Todavia, é importante ressaltar que a identidade se torna territorialidade quando é construído dentro uma significação histórica do grupo com o território. (HAESBAERT, 2002.)

O Queijo Artesanal Canastra é repleto de aspectos materiais e imateriais que passa do produtor para o consumidor, pois é produzido num espaço constituído a partir de relações peculiares entre os agentes do espaço. Sendo assim, é o produto de uma territorialidade única e carrega elementos que ultrapassam os limites do aspecto econômico, como identidades, tradições, costumes e um saber-fazer transmitido por gerações.

Considerações Finais

As dificuldades enfrentadas pelos camponeses produtores de Queijo Artesanal Canastra devem ser contornadas para que consigam manter uma tradição centenária do saber-fazer transmitido por gerações, que está intimamente ligada ao território. Esse texto deve servir como base para a compreensão que, apesar da atuação de órgãos, ligados ou não ao Estado, para atender os pequenos produtores, ainda há um enorme abismo entre os produtores certificados e os informais, o que cria uma pressão sobre o território - desterritorialidade -.

Apesar de todas as dificuldades, muitos camponeses resistem na terra e continuarão resistindo. A ruralidade desses camponeses e a relação com a terra fazem com que se reinventem para a manutenção de seus territórios – reterritorialidade. Barbosa apresentou o aspecto de refuncionalização ligado ao ecoturismo, visto que grande parte das terras ficam nos entornos, algumas dentro dos limites, do Parque Nacional da Serra da Canastra e, com isso, muitos produtores estão abrindo a porteira de suas terras para receber turistas como forma de complementação da renda. Relevante destacar o interesse estrangeiro nas terras da Serra da Canastra que são extremamente ricas em diamante e a manutenção dos camponeses mantém uma relação harmônica entre o ser humano e o meio ambiente (BARBOSA, 2007).

As formas de reinvenção dos camponeses não os descaracterizam enquanto classe, pois a base de sua estrutura ainda se assenta na autonomia em relação ao mercado (bolsa de valores), a reciprocidade com a natureza e, principalmente, as relações sociais constituídas no território. Com isso fica claro, a importância da permanência dos camponeses de São Roque de Minas/MG em suas terras.

Palavras-chave: Queijo Canastra, Territorialidades, Ruralidades.

RESUMEN N°63 N° 3760 - BOA VISTA DA TAPERA: UM LUGAR MARCADO POR TERRITÓRIOS DA FARINHA

Tipo de presentación: Ponencia

Silva, Nádia de Sousa¹⁰⁰

Resumo

As casas de farinha do Povoado de Boa Vista da Tapera mantêm a prática do saber-fazer que é repassado de pais para filhos, é nesse território que ocorre o processo do saber-fazer farinha, e é nele que se cristaliza os saberes e fazeres que são socializados e mantidos pelos grupos familiares e/ou vizinhos que também estão engajados nessas práticas, mantendo as relações de convivências entre os familiares e as pessoas que trabalham nesse lugar, é ali que se dão também as relações de cooperação e colaboração. Destaca-se que é por meio da produção da farinha de mandioca que esses sujeitos sociais retiram o seu próprio sustento. Dessa forma, a pesquisa tem por objetivo analisar as casas de farinha e o processo de beneficiamento da raiz da mandioca. Entender o modo como ocorre a produção nas casas de farinha do povoado e tentar compreender a sua essência ao abordar o significado da produção da farinha de mandioca para os sujeitos sociais envolvidos neste processo. Pressupõe-se apontar as permanências e rupturas existentes nesse território, o que corrobora para a afirmação dessas casas de farinha no espaço rural do Povoado de Boa Vista da Tapera no município de Encruzilhada, Bahia.

A atividade artesanal da produção de farinha de mandioca é desempenhada por diversos moradores Taperenses tanto homens quanto mulheres, também podem se observar a participação de crianças no processo de produção, em geral as famílias. Por isso é válido mostrar que o estudo da atividade artesanal da produção da farinha de mandioca não se limita somente à prática produtiva (produção e comercialização), pois compreende-se a importância de contemplar a produção de significados, sentidos e simbologias que a abarcam.

A produção da farinha de mandioca insere os sujeitos sociais, que estão envolvidos na produção, no contexto da relação de afetividade, pertencimento e no exercício da prática de produzir e também de consumir. Na contemporaneidade, diversos autores enfatizam que a alimentação vem se constituindo como um dos traços identitários mais significativos.

Diante dessas discussões, Menezes afirma que “[...] tais territorialidades, criadas por esses atores ao apropriarem os recursos nos seus territórios, transformam estes em alternativas geradoras de renda e trabalho, a exemplo da produção de alimentos artesanais, culturais, identitários” (2013, p.123), em concordância com Menezes, é possível apontar que a prática que envolve os saberes e fazeres na produção de farinha, também são fundamentais para a reprodução das famílias e a apropriação das territorialidades que as envolve.

A (re)configuração dos estabelecimentos desses grupos familiares e a demanda por parte do mercado urbano vão repercutir na ampliação dessa produção de farinha e também de seus derivados, com o passar dos anos o que proporcionava somente valor de uso altera-se em valor de troca. Nessa direção, o saber-fazer se repassa e essa produção deixa de estar geograficamente concentrada tão somente às resi-

¹⁰⁰ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. naddiasousa@hotmail.com

dências, ou de casas que foram desocupadas para se tornarem também uma farinheira. Assim, ao pensar as casas de farinha e a sua produção, entende-se que também é por meio das memórias dos sujeitos sociais que vivenciam os espaços das farinheiras que se compreende o seu processo de saber-fazer.

Desse modo, tanto no passado quanto nas últimas décadas, a prática da produção da mandioca se constitui em uma atividade que vem se mantendo como uma tática de reprodução social cunhada em um modelo de vida que se tornou autônomo. Nessa perspectiva, compreende-se que as táticas e técnicas utilizadas na produção da farinha de mandioca constituem-se em significados e territorialidades que marcam as vivências cotidianas dos sujeitos sociais que estão engajados nessa produção e que não se deixaram capturar pelos novos sujeitos que também estão inseridos no território. É, portanto, uma relação de produção carregada de simbologias e significados que se materializam também na luta pela manutenção de seus territórios.

Apesar da farinha e de seus derivados terem conquistado o mercado é importante destacar que esses produtos não perderam a sua essência e continuam cristalizados na memória social dando continuidade a esse processo de produção tradicional por meio do saber-fazer e do conhecimento repassado de geração para geração, atividade esta que se tornou/torna enraizada nos grupos familiares do povoado. Considerar essa lógica da produção artesanal significa atentar-se para os processos de territorialização presentes nas diferentes escalas de produção, bem como as suas particularidades e/ou heterogeneidades que resultam em produções características de determinados territórios.

É de fundamental importância compreender a forma como esses sujeitos vivenciam essas territorialidades, como produzem esses alimentos, como experienciam no seu cotidiano a comercialização desses alimentos e compartilham as relações e os traços que estão entrelaçados naquele território. Tudo isso corrobora para entender o sentimento de pertencimento e os significados que esses alimentos têm para esses sujeitos sociais.

Palavras chave: Casas de farinha, alimentos tradicionais, territorialidades.

RESUMEN N°64 N° 3993 - GEOGRAFÍAS FEIRANTES: TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA ENTRE PANDEMIAS NA FEIRA LIVRE DE GUIA LOPES DA LAGUNA – MATO GROSSO DO SUL

Tipo de presentación: ponencia.

Rodrigues, Luiz Felipe¹⁰¹

Leal, Greisse Quintino¹⁰²

Franco, Renata Brasileiro¹⁰³

A feira livre do município de Guia Lopes da Laguna/MS é um importante ponto de encontro e reprodução da vida de diversas pessoas que vivem na região. A feira, que acontece aos sábados no período noturno, reúne camponeses, ambulantes, *food trucks* itinerantes e demais trabalhadores urbanos e rurais que comercializam diversos itens como hortaliças, comidas prontas e caseiras, galinhas vivas, e demais produtos da agricultura e produção familiar.

No ano de 2019, surgiam no mundo os primeiros casos da COVID-19 que se tornou uma pandemia que perdura até os dias atuais. No Brasil, o Governo Federal adotou uma política negligente e negacionista que permitiu a propagação do vírus e o aprofundamento das desigualdades inerentes à realidade socioespacial brasileira. Dentre as medidas iniciais, adotou-se o *lockdown* em que diversos serviços e atividades foram paralisados, mantendo-se, com restrições, apenas os considerados essenciais. Posteriormente, o Governo implantou, por meio de pressão social, uma política de auxílio emergencial. Porém, esta foi tardia e irrisória, fazendo com que muitas famílias ficassem sem fonte de renda. As medidas, desse modo, foram omissas com a preservação da vida da população.

Esse contexto modificou a dinâmica da feira, considerada serviço não essencial, ainda que forneça alimentos para a comunidade, como os supermercados que foram incluídos entre os essenciais. A feira ficou fechada entre os meses de março e junho de 2020. Nesse período, muitas famílias que viviam da feira, ficaram desamparadas. Algumas recorreram ao auxílio emergencial, porém, este é insuficiente para as demandas básicas, o que forçou a criação de estratégias, por algumas famílias, para comercializar seus produtos. Uma das feirantes com as quais conversamos, contou que passou a vender seus produtos na praça e a utilizar o *whatsapp* para informar a sua clientela sobre a mudança ocorrida.

Após o *lockdown*, a feira foi reaberta adotando protocolos de segurança, porém, com menos da metade dos feirantes. Muitos optaram por não voltar no período de pandemia para seguir os protocolos de segurança e por medo do contágio pela COVID-19, ainda mais que a maioria é idosa ou pertence ao grupo de risco. Conforme a conversa que tivemos com alguns feirantes que continuam trabalhando na feira, muitos dos que permaneceram são os que não possuem outras alternativas de sobrevivência. Um deles, aposentado, reclamou que toda a aposentadoria é usada para a compra de medicamentos e que a feira é a fonte da qual precisa para a alimentação e outras necessidades. Tudo isso também acarretou em implicações na organização entre os feirantes.

Durante um período, a feira deixou de funcionar no período noturno (entre as 16h e 22h) devido ao

¹⁰¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados; luiz.felipe.r@outlook.com

¹⁰² Docente no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; greissequintino@hotmail.com.

¹⁰³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados; renatabrasileirofranco@hotmail.com

toque de recolher, passando a ocorrer no período diurno. Conforme os feirantes, isso contribuiu para uma redução drástica de clientes. Uma feirante nos disse, por exemplo, que, além do calor da tarde, muitas mulheres no sábado costumam realizar atividades domésticas durante o dia, o que as impossibilita de frequentarem a feira no novo horário estabelecido. Atualmente, a feira passou a iniciar às 15h e terminar por cerca das 20h pela falta de movimentação.

Dentre os serviços que foram considerados essenciais, como mercados e farmácias, as feiras não foram incluídas num primeiro momento. Entretanto, a feira fornece alimentos assim como o mercado, e ocorre num espaço aberto com livre circulação do ar. Considera-se que a feira é um espaço de auto-consumo local que satisfaz as necessidades de trabalhadoras/es e consumidoras/es, portanto deveria ser considerada serviço essencial tal qual o mercado. Nessa perspectiva, pretende-se construir uma reflexão acerca das implicações da pandemia da COVID-19 e das medidas adotadas pelos órgãos governamentais em suas rotinas e organização do trabalho, e associar tais implicações com o processo de precarização do trabalho em curso, que tem se tornado ainda mais perversa nesse período de calamidade social. Nisso, almeja-se identificar as estratégias e alternativas de sobrevivência e resistência diante das dificuldades enfrentadas nesse contexto, e reforçar a importância das feiras e da economia popular para a reprodução de relações solidárias e coletivas no âmbito local.

Para isso, nos debruçamos sobre diálogos com feirantes e frequentadores da feira em trabalhos de campo, sob os protocolos de segurança, durante os meses de abril e maio de 2021, a fim de recolher narrativas das trajetórias de vida das pessoas que trabalham na feira e compreender as iniciativas locais. A partir delas, revelam-se geografias construídas nos espaços de reprodução da feira que gestam sociabilidades emergentes (COLECTIVO ACySE, 2012) e prefigurações políticas (OUVIÑA, 2013) alternativas para a sustentação da vida em uma sociedade em crise.

Não constituindo atividades hegemônicas, as feiras são espaços abertos e públicos e representam uma contra racionalidade/finalidade do espaço total capitalista, pois, prevalecem horizontalidades do lugar (SANTOS, 2017, p. 49). Desse modo, pensamos as geografias feirantes como espaços cotidianos prenhes da diferença, da multiplicidade e seus encontros, que, em resistência, fecundam relações coletivas, afetivas, solidárias, libertárias e plurais, cruciais frente a um contexto pandêmico de precarização da vida e do coletivo.

Palavras-chave: feira livre; economia popular; trabalho; pandemia.



MESA 24

MESA 24: TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO NO CONTEXTO “PÓS-PANDÊMICO” NA AMÉRICA LATINA

Coordenadores: Silva, C.A., Burgos, R., Raimundo, S.L., Urban, S.P., Pos, Cristian

MESA 24: TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO NO CONTEXTO “PÓS-PANDÊMICO” NA AMÉRICA LATINA

*Coordinadores: Silva, C.A.¹,
Burgos, R.²,
Raimundo, S.L.³,
Urban, S.P.⁴,
Pos, Cristian⁵*

Propõe-se o debate acerca das manifestações sociais, políticas e culturais de sujeitos sociais coletivos na produção, uso e apropriação de territórios periféricos na cidade e para além dela (a anticidade e o não-urbano) no contexto “pós-pandêmico” latino-americano. Com base nessa proposição, a mesa abordará as estratégias de articulação e fortalecimento de práticas socioespaciais em diferentes escalas (local-global e vice-versa) e em rede, incluindo o ambiente virtual, as quais articulem sujeitos coletivos e comunidades, com suas agendas, repertórios de luta, formas de (r)existência socioculturais e políticas: estratégias de sobrevivência no campo da economia solidária e criativa; cooperativas de trabalho; ações que envolvem as experiências socioespaciais de comunidades urbanas e não-urbanas (moradores, artesãos, ribeirinhos, pescadores, dentre outros) inclusive sob o impacto das transformações ao redor do turismo (em seus aspectos positivos e negativos), na luta pela identidade e por seus territórios. Nessa trama densa, complexa e solidária, destacam-se ações que oferecem possibilidades de emancipação social a partir da ação coletiva, como convergências de interesses comuns, com destaque para processos educativos diversos, sobretudo em seu caráter popular, reflexões e produção de saberes e representações sobre o lugar e o mundo nas estratégias de enfrentamento à opressão, no horizonte de transformação da realidade contemporânea.

Palavras-chave: territórios periféricos; práticas socioespaciais; resistência; emancipação; educação popular.

1 UERJ/Brasil

2 UFSCar/Brasil

3 Unifesp/Brasil

4 UERN/Brasil

5 UDELAR/Uruguai

JUVENTUDE, CIDADE E PANDEMIA DE COVID-19: UMA APROXIMAÇÃO DOS DESDOBRAMENTOS NAS VIDAS DOS JOVENS COTISTAS

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina
Apresentação Oral

Souza, Aline de Vieira⁶

São muitas as juventudes e as formas de ser jovem. Dayrell aponta que a juventude deve ser entendida como “parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um” (DAYRELL, 2003, p.42). Muito mais que um estilo de vida ou uma fase passageira e transitória da vida, a juventude se apresenta como um momento crucial na formação dos sujeitos. Através de um processo totalizante de constituição da vida social, o compartilhar de experiências e trocas com outros sujeitos vai acontecer em diversos espaços que os influenciam material e simbolicamente. Dessa forma, o espaço se revela como um importante mediador, produto e condição da vida desses jovens, e a constituição das juventudes na relação com a produção de suas espacialidades se torna uma questão relevante para a geografia. Propomos neste trabalho, que parte das nossas pesquisas iniciais do mestrado, traçar uma primeira aproximação da temática juventude-cidade tendo como centralidade a pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos nas práticas espaciais dos jovens da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) ingressantes pelo sistema de Cotas. Faremos aqui, em um primeiro momento, uma revisão bibliográfica que nos permite alcançar tal objetivo.

Como uns dos espaços que assumem centralidade na formação dos sujeitos, a universidade proporciona uma série de encontros, trocas e vivências que produzem significado. Ela proporciona aos jovens o acesso a signos e símbolos que os permitem ler a cidade que habitam e refletirem sobre o seu papel nela, além de possibilitar uma melhor localização posterior no mercado de trabalho. Durante muito tempo o acesso às universidades públicas brasileiras foi extremamente restrito aos jovens oriundos dos estratos economicamente mais abastados da sociedade, se apresentando como um patrimônio de direito quase exclusivo dessa camada social (BEZERRA, GURGEL, 2012). Entretanto, depois de muita mobilização social, em 29 de agosto de 2012 é promulgada a Lei Nº 12.711, conhecida popularmente como Lei de Cotas. Tal instrumento jurídico estabelece que 50% das vagas das universidades e institutos federais devem ser destinadas a alunos que integralizaram o ensino médio nas escolas da rede pública, oriundos de famílias com renda per capita igual ou inferior a um salário-mínimo e meio e autodeclarados pretos, pardos ou indígenas (BRASIL, 2012).

A partir dessa lei, toda uma nova geração de jovens filhos das camadas populares ingressa nas universidades via sistemas de cotas. Esses jovens pretos, pobres, periféricos e indígenas furam o bloqueio educacional e se tornam, em grande parte das vezes, os primeiros membros de suas famílias a cursarem uma graduação, carregando consigo grandes expectativas de construção de um futuro melhor para si e para os seus. Entretanto, mesmo depois de se matricularem em um curso de uma universidade pública, as dificuldades e obstáculos impostos pela situação socioeconômica não se dissolvem. Para conseguirem se graduar, estes sujeitos terão de enfrentar as dificuldades financeiras e barreiras con-

⁶ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora e-mail: uff.aline.vieira@gmail.com

cretas e simbólicas para a permanência na faculdade. Além disso, os jovens cotistas precisarão, neste momento, lidar com os múltiplos impactos da Pandemia de Covid-19 na sua formação, sociabilidade, vida financeira, subjetivação e na sua relação com a cidade.

Forrachi (2018) enfatiza que na relação nos grupos de socialização secundária há uma forte enraização da experiência comum, da identificação mútua que vincula estreitamente os jovens à vida grupal, entretanto, durante a pandemia, os espaços antes frequentados corriqueiramente pelos jovens que eram destinados ao encontro com os seus amigos ficam interditados. A rua, a faculdade, o estágio, o shopping, as praças passam a ser lugares de medo, de possível contágio. A casa, por sua vez, se apresenta como sinônimo de segurança e proteção. Os limites impostos pelas paredes da casa significam não somente um contingenciamento da mobilidade na cidade, representam, muitas vezes, uma espécie de retorno a tutela da família. Sob o teto e o olhar dos pais e longe fisicamente dos amigos, o cotidiano desses jovens é redesenhado, assim como a escala das suas práticas socioespaciais.

Além das implicações na sociabilidade dos jovens, a Pandemia tece contornos dramáticos quando se desdobra em uma crise financeira que afeta, sobretudo, àqueles que já são mais vulneráveis economicamente. A Pandemia agudiza a grave crise urbana das cidades brasileiras e aprofunda nossas grandes desigualdades sociais. “E apesar do discurso, já recorrente, sobre a pandemia atingir a todos, independente da condição das pessoas, não resta dúvida de que as possibilidades de enfrentamento e superação do problema não são e não serão as mesmas para todos e todas” (SIMÃO, 2020: 51). Nesse sentido, os jovens que ingressaram pelo sistema de cotas ficam, mais uma vez, em posição de desigualdade em relação aos demais universitários. O desemprego que atingiu 13,9% dos brasileiros no quarto trimestre de 2020 (IBGE, 2020), a retração da economia informal, a carestia do custo de vida com a inflação dos produtos da cesta básica, afeta frontalmente estes jovens e seus familiares, podendo encurtar suas possibilidades de futuro.

O ingresso na Universidade se desdobra em uma remodelação das espacialidades juvenis. Em vista disso, a trajetória desses jovens será constituída na relação com as oportunidades que a cidade os oferece de educação, emprego e lazer, e as suas condições materiais de reprodução da existência. É nessa relação com a cidade, o bairro, a casa, a escola, com as suas diferentes territorialidades, que esses jovens tomam consciência de si e do mundo, atribuindo significado e sentido às suas vidas. Dessa maneira, a Pandemia de Covid-19 se apresenta como um momento importante de inflexão no cotidiano, causando impactos econômicos, sociais e psicológicos ainda não completamente compreendidos. Neste retorno ao espaço privado, essa experiência que é individual, mas, sobretudo, coletiva, marca as trajetórias dos jovens e seus desdobramentos se tornam um importante elemento de investigação.

Palavras-chave: juventude, cidade, cotas, pandemia de Covid-19.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO À PANDEMIA NA CENA CULTURAL PERIFÉRICA EM SÃO PAULO: PROCESSOS ARTÍSTICOS E AÇÕES SOCIAIS

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina
Apresentação Oral

Pereira, Raquel de Padua⁷

Resumo

Os coletivos culturais que atuam de forma independente e em rede nas periferias das grandes metrópoles da América Latina vem enfrentando novos desafios no contexto da pandemia de Covid – 19. Uma vez que sua principal forma de atuação é essencialmente atrelada ao fazer artístico e cultural, se fez inevitável a interrupção de suas principais atividades, baseadas em reuniões e eventos onde a aglomeração do público era uma das principais características. Durante o presente atravessamento da crise sanitária, estes sujeitos coletivos estão em franco processo de experimentação de novas estratégias visando a manutenção de suas atividades, que vão desde a adaptação de processos de criação artística à novas formas de ação social e práticas socioespaciais.

As técnicas e tecnologias virtuais disponíveis vem sendo exploradas para a adaptação de linguagens relativas aos fazeres e processos anteriores à pandemia, como por exemplo: a criação de espetáculos teatrais encenados sem presença de público em apresentações ao vivo ou em filmagens; saraus online; apresentações musicais (lives); debates políticos e formações diversas em eventos webinar; entre outras possibilidades. Seguindo em consonância com a realidade dos territórios em que atuam, estas estratégias dialogam também com as urgências relativas ao agravamento da crise econômica decorrente da pandemia e, neste sentido, muitos coletivos culturais tem promovido arrecadações em dinheiro e organizado doações de alimentos para as comunidades locais.

O objetivo deste trabalho é analisar como vêm sendo elaboradas as estratégias de alguns coletivos culturais que operam em rede na zona leste da cidade de São Paulo, tanto no contexto do presente pandêmico, quanto no que concerne à ensejos de futuro e elaborações de devires possíveis. Diante disto, objetiva-se, especificamente, refletir sobre: de que maneira, diante de severas dificuldades e impedimentos de ordem objetiva, as ações sociais e a programação cultural dos coletivos vêm se mantendo durante a pandemia; quais são os principais desafios em relação à adaptação das linguagens artísticas a novos formatos, sobretudo o virtual; quais são as maiores urgências para a manutenção da produção cultural em termos de realização de novos eventos; como os ativistas e artistas têm conseguido manter suas condições objetivas de existência; com vêm sendo realizada a articulação política com os agentes estatais e privados e como isso vêm impactando as atividades nos territórios; como se pensa o cenário pós-pandemia.

A análise se dará a partir da premissa de que a conformação da cena cultural periférica nas metrópoles latino-americanas é um fenômeno de ordem contra-hegemônica, posto que realizado horizontalmente e de forma independente pelos coletivos culturais. Assim, tanto suas ações sociais quanto sua produção artística contém uma dimensão política e cidadã que ser revelam partir da arte, da cultura e de suas geografias da existência (SANTOS, 1996; SILVA, 2014). Os impactos da pandemia de COVID

⁷ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

-19 na metrópole de São Paulo - situação geográfica recortada para a análise- serão considerados em seus nexos com a crise da urbanização corporativa (SANTOS, 1993), deflagrados com muita força nos espaços periféricos. A produção cultural nas periferias, por sua vez, é analisada através do uso do território (SANTOS, 1996), em seus circuitos e suas redes, redimensionando as ações sociais em seus alcances culturais e políticos (RIBEIRO, 2012) para o contexto pandêmico. E, diante desta nova realidade, repleta de imposições à população periférica e ao ativismo periférico em torno da produção cultural, serão mobilizadas as categorias analíticas propostas por Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro, como *homens lentos* (1996), *período popular da história* (1999), *sujeitos corporificados* (2005) e *arte de resolver a vida* (2009).

A produção cultural periférica vem se destacado politicamente na cidade de São Paulo na última década, sobretudo através do fortalecimento das redes de coletivos que se organizou e construiu a luta para a distribuição de recursos públicos para a cultura através da lógica territorial. Vitórias como a criação da Lei de Fomento à Cultura Periférica, de 2016, e a eleição do mandato coletivo do Quilombo Periférico em 2020 são exemplos disso. Estes processos são constituídos por um ideário de cidade mais justa, que é pensada a partir da periferia (D'ANDREA, 2013; RAIMUNDO, 2017). Incorporando essa trajetória, mesmo diante da maior crise sanitária dos últimos séculos estes sujeitos continuam agindo em seu propósito, qual seja o de pensar e propor a uma prática socioespacial onde a cidade e as existências periféricas possam ser ressignificadas a partir do paradigma da potência, e não da escassez. Assim, parece haver, nestas novas formas e métodos de criação artística dos coletivos, ações sociais que continuam dinamizando os lugares, reinaugurando laços de cooperação tanto com as comunidades locais quanto com a rede de coletivos em escala mais ampla. Nesse sentido, é interessante direcionar o olhar para estes novos arranjos, buscando valorizar as estratégias de resistência e de re-existência dos coletivos culturais nos espaços periféricos, para o fortalecimento da teia de relações sociais no território.

Palavras chave: produção cultural, ação social, periferias, coletivos artísticos.

O *BEAT* É FINO: A REPRESENTAÇÃO DOS BAILES FUNK NA GRANDE MÍDIA DE VITÓRIA (ES)

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Tipo de apresentação: pôster.

Silva, Yuri Costa Moraes da⁸

Santos, Lucas Silva dos⁹

Miranda, Elis de Araújo¹⁰

Resumo

Do global ao local, como podemos pensar a manifestação *funkeira* nos espaços periféricos das cidades brasileiras em geral e da região metropolitana da Grande Vitória (ES) em particular? E como essas manifestações se tornam alvo de críticas por parte da mídia local em tempos de pandemia do SARs Cov 2 - COVID19? Partimos do princípio que o funk é ao mesmo tempo uma produção cultural e um produto da indústria cultural de massa. O funk é de massas e gera renda, mas para quem e como? E como produto, podemos associar ao que Milton Santos denomina de práticas associadas ao circuito inferior da economia urbana? Sendo o Brasil um país onde a cidadania - direitos e seguridade social - é cerceada e excludente, como pensar a atuação da indústria *funkeira* na escala inferior da economia? E por estarem associadas ao circuito inferior da economia urbana, são consideradas ações marginalizadas pela grande mídia que divulga os bailes funk como ações clandestinas e que põem em risco a saúde pública em tempos de pandemia. E antes da pandemia, os bailes funk foram analisados como lugares de práticas sexuais livres e consumo de álcool e substâncias ilícitas, ou seja, a partir de valores morais, pois sabemos que as festas *rave's* organizadas pelos filhos da classe média ou das elites não são alvos de críticas das grandes mídias. O período da pandemia do SARs Cov 2 - COVID19 - colocou em discussão diversas questões sociais que até então já aconteciam, mas que passavam despercebidas pela maior parte da população. Temas como relações de trabalho e renda; socialização em espaços públicos; fechamento de espaços artísticos e culturais; condições de saneamento, moradia e habitação, entraram na ordem do dia em diversos canais de comunicação. E questões associadas a necessidade de isolamento social, fechamento de estabelecimentos comerciais, instalações de barreiras sanitárias em limites estaduais e nacionais ou de fechamento de fronteiras nacionais tem provocado reflexões sobre os modos de vidas em qualquer que seja a escala da cidade. No que se referem às atividades artísticas e culturais, os sistemas de comunicação continuam a apontar esses movimentos como responsáveis pela disseminação do vírus, sem considerar, contudo, que se tratam de atividades econômicas que sustentam inúmeras famílias que se encontram desassistidas de qualquer programa de seguridade social. É neste contexto que apresentamos os bailes funk organizados na região metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, estado do sudeste que, a nível nacional, tem uma ínfima repercussão midiática na mídia nacional. Mas regionalmente, as

⁸ Mestrando em Desenvolvimento Regional, ambiente e Políticas Públicas, PPGDAP, Universidade Federal Fluminense/ESR. yuricosta@id.uff.br

⁹ Graduando em Geografia bacharelado, Universidade Federal do Espírito Santo. ldsantos@id.uff.br

¹⁰ Professora do departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense/ESR e professora titular do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas, PPGDAP, UFF/ESR. elismiranda@id.uff.br

mídias produzem impactos significativos e movem a opinião pública a opinarem sobre os bailes que acontecem nas periferias da Grande Vitória. Com pouco mais de 4 milhões de habitantes, o estado do Espírito Santo divide-se em quatro mesorregiões: Central Espírito-santense, Litoral Norte Espírito-santense, Noroeste Espírito-santense e Sul Espírito-santense. Sendo a região metropolitana a região que concentram os bailes funk realizados no Estado. Este trabalho busca, portanto, analisar a trajetória dos agentes culturais envolvidos com o funk no estado do Espírito Santo e analisar como os bailes são noticiados no jornal veiculado nos folhetins online (Folha Vitória, A Gazeta, UOL Notícias e G1 Espírito Santo). Consideramos a atuação dos artistas, do público, dos produtores e técnicos envolvidos na organização dos bailes funk como práticas de “errâncias” por entendermos que são formas de buscar sobrevivências no modelo de sociedade excludente, de uma urbanização que tem como projeto a segregação do povo pobre através da inexistência de serviços essenciais nessas localidades periféricas. Nesse contexto pandêmico, que requer o isolamento social, o uso de equipamentos de proteção individual e a higienização constante das mãos, por exemplo, a mídia se furta de fazer um debate responsável sobre o ‘porquê ainda há aglomerações’, relevando a ineficiência das políticas federais e estaduais sobre os cuidados necessários, continua apresentando uma discussão que reafirma uma falsa simetria entre funk, violência e comércio varejista de substâncias ilegais. Segundo pesquisa desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada durante a pandemia, mostra-se que a taxa de desocupados no Espírito Santo é de 12,3%, um pouco abaixo dos índices nacionais. Com isso, podemos perceber como a necessidade de buscar renda é iminente, sendo o baile funk uma forma dessa aquisição para a população pobre, de baixa formação profissional, imersa no setor informal de serviços, inserida no trabalho autônomo, de renda mensal incerta. Portanto, não caberá a nós - e talvez a ninguém - a responsabilização individualizada deste problema. O que pretendemos neste trabalho é pensar, a partir de uma discussão particularizada - o caso dos bailes na região da Grande Vitória, no Espírito Santo - uma dimensão mais geral sobre o projeto de sociedade atual a partir da análise das representações desses bailes na mídia, adiantando que os organizadores e frequentadores dos bailes não são escutados pelos agentes midiáticos e só isso já se constitui em um silenciamento e na invisibilização de sujeitos periféricos.

Palavras-chave: Baile funk. Circuito inferior da economia urbana. Periferia. Mídia. Grande Vitória.

(RE)EXISTÊNCIA DOS COLETIVOS CULTURAIS E SOBREVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM SANTOS.

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Kurka, Anita Burth¹¹

Raimundo, Sílvia Lopes¹²

Macedo, Nathalia Franco¹³

França, Guilherme Jhuann da Silva¹⁴

Chagas, Ítallo Franco¹⁵

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido a partir do encontro de pesquisadoras da pós-graduação e graduação do curso de Serviço Social e Geografia, reunidos no Núcleo de Políticas Públicas Sociais (NPPS) do Instituto Saúde e Sociedade - Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP- Campus Baixada Santista, na cidade de Santos no Estado de São Paulo. Tem como objetivo compreender, a partir de narrativas, levantamento documental, os fatores preponderantes acerca da impermanência, sazonalidade e descontinuidade de coletivos e espaços culturais independentes, bem como o processo de construção das estratégias de sobrevivência alimentar de pessoas que vivem nas ruas nos lugares da área central de Santos, na perspectiva do território usado. Constituída pelos bairros do Centro, Paquetá, Valongo, Vila Mathias e Vila Nova, a área central é historicamente ocupada por migrantes, trabalhadores que encontram nas moradias coletivas (cortiços) espaço de habitação e pessoas que vivem nas ruas. Nos lugares encontramos processos de resistência e sobrevivência, na perspectiva do território como abrigo, diante da desigualdade socioespacial e pobreza, com a presença de coletivos culturais e pessoas que vivem e sobrevivem nas ruas. A pesquisa envolveu levantamento documental, revisão bibliográfica, cartografia da ação social concebida por Ana Clara Torres Ribeiro com a observação cotidiana de pessoas que vivem nas ruas e outros sujeitos que criam diversas estratégias de sobrevivência na busca por alimentos, assim como a produção de atividades artísticas e culturais com recorrente apropriação dos espaços públicos. A adoção da estratégia da narrativa enquanto aporte teórico metodológico para produção dos dados colocou-se como ferramenta possível de análise das dinâmicas sociais, políticas e econômicas que envolvem tanto as práticas dos agentes culturais e das pessoas em situação de rua.

Arte, cultura e sobrevivência

Através dos conceitos de “território usado” do contraste entre “espaço opaco e espaço luminoso”, de-

¹¹ Docente e Coordenadora do Núcleo de Políticas Públicas Sociais (NPPS) do Instituto Saúde e Sociedade do Campus Baixada Santista - UNIFESP. E-mail: anita.kurka@unifesp.br

¹² Docente do Instituto das Cidades - Universidade Federal de São Paulo, e membro do Centro de Estudos Periféricos. E-mail: silvia.lopes@unifesp.br

¹³ Assistente Social e mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: nframacedo@gmail.com

¹⁴ Bacharel em Serviço Social e ativista do Coletivo Primavesi. E-mail: guilhermejhuannfranca@gmail.com

¹⁵ Graduando em Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo, produtor cultural e membro do Movimento Cultural da Baixada Santista. E-mail: ifchagas@hotmail.com

envolvidos pelo geógrafo Milton Santos, realizamos uma análise que tornou evidente a constituição de uma variedade de redes socioterritoriais que são “a teia” de relações, ora verticalizadas, ora horizontalizadas, que envolvem os coletivos culturais na produção de atividades artísticas e as pessoas que vivem nas ruas na busca pela sobrevivência alimentar.

Os coletivos culturais independentes de Santos se organizam de forma autônoma, com a finalidade de realizar trabalhos artísticos caracterizados pela contra hegemonia e a autogestão, além de atuar por meio de ações territorializadas. São também atravessados pela economia solidária, tendo em vista a criação de um solo fértil para a emergência de uma outra sociabilidade que reconheça interesses comunitários. Trata-se de uma ação que possibilita e manifesta novos vínculos comunitários, seja com os espaços e ações culturais e seus realizadores ou entre a própria comunidade.

Essas relações ficam explicitadas, por exemplo, na relação do movimento cultural e de alguns coletivos com a Associação de Moradores de Cortiços na área central de Santos, ou com movimentos sociais de direitos humanos, como as Mães de Maio. A inserção comunitária destes coletivos culturais, possibilita a aproximação com grupos mencionados anteriormente e também com populações consideradas vulneráveis. Dentre elas, as pessoas que vivem nas ruas merecem um destaque, dada a concentração populacional nesta área da cidade. Além de fazer das ruas o seu espaço de moradia, é através do uso do território que se obtém os recursos necessários para sobrevivência. É possível citar desde doação de alimentos até pequenos trabalhos informais junto aos comerciantes do setor alimentício, como parte do processo de sobrevivência.

O modelo de organização dos coletivos culturais supõe o estabelecimento de uma estratégia de comunicação que construa relações e organizações entre uma ou diversas linguagens artísticas aliadas ao desenvolvimento de práticas de consumo e modelos de autogestão de espaço. Mobilizando recursos para manutenção, infra-estrutura e continuidade através de trocas, trabalhos, bazares, feiras ou pequenas atividades de comércio de bebidas, comidas e artesanato que sustentam as atividades que são realizadas em espaços abertos ou vias públicas e acesso gratuito, como atividades que envolvem música, dança, performance, teatro, poesia, cinema e tecnologia.

As vias públicas são também locais de acesso à alimentação por parte das pessoas que vivem nas ruas, conforme apontam as narrativas, pois diversos grupos socioassistenciais realizam em área livre suas atividades de doação de alimentos. Há em comum, portanto, a utilização do espaço público como meio de garantia da sobrevivência de ambos os grupos.

Desdobram-se, portanto, narrativas comuns criadas a partir da alteridade implícita na relação de mutualidade construída com a população e o desenvolvimento de redes de afetos - que são a via pela qual são construídas as relações entre os sujeitos no espectro de sua subjetividade - e que contribuem para a expansão de campos que fortalecem o pertencimento, a troca de experiências e a coletivização de necessidades a partir do acesso à arte, a cultura e a sobrevivência. Trata-se de uma ação que possibilita outras sociabilidades e manifesta novos vínculos comunitários, seja com os espaços e ações culturais e seus realizadores ou entre a própria comunidade.

Considerações finais

Os bairros históricos e centrais de Santos aglutinam diferentes formas de sociabilidade, contrastantes com relação às demais localidades da cidade, resistindo aos movimentos hegemônicos a partir de ações presentes no cotidiano. É a “arte da viração” praticada em espaços de opacidade, como elaborado por Ana Clara Torres Ribeiro, que explica a dinâmica socioterritorial em questão, o que possibilita reconhecer uma outra vitalidade do espaço urbano, pois o uso do território como abrigo coloca-se como catalisador de circuitos próprios que através das redes constituídas, criam condições para o surgimen-

to e permanência dos coletivos culturais e a sobrevivência humana dos moradores em situação de rua.

Palavras-chaves: coletivos, cultura, território, alimentação, sobrevivência

POLÍTICAS LOCALES-POPULARES FRENTE A LA PANDEMIA Y AL NEOLIBERALISMO. SITUACIÓN DE VALPARAÍSO, CHILE.

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

*Mancilla, Rodrigo Cortés¹⁶,
Urquieta, Carolina Quinteros¹⁷*

Pensar la crisis sanitaria en Chile, y dar cuenta de las distintas prácticas que han emergido desde los territorios o desde lo local, implica por un lado un gesto político, histórico y teórico-práctico frente a las políticas gubernamentales de carácter neoliberal y a los acontecimientos sociopolíticos y económicos que condicionan las relaciones de sujetos individuales y colectivos con el Estado en la actualidad. La propuesta de esta ponencia es dar cuenta de las condiciones configuradas por la crisis sanitaria en Chile, sus implicancias, sus develaciones, las políticas de gobierno y las prácticas políticas ‘desde abajo’, desde los territorios y lo local, que han resistido a la crisis y a las políticas de corte neoliberal. Chile, como Latinoamérica y el mundo, se disloca por el acontecimiento de la pandemia, lo que ha generado una concurrencia de conexiones, tensiones, estrategias, apoyos, bloqueos y juegos de fuerzas que han dado una emergencia singular y rizomática en la historia y que se ha constituido legítimamente en una evidencia universal y necesaria. Es una red multidimensional, aflorando un terreno intenso de fuerzas y contrafuerzas donde lo múltiple se entrelaza, se acerca, se distancia, se mezcla, se superpone, cede y se despliega.

Chile representa un caso muy particular en cuanto a la trayectoria de las condiciones políticas, sociales y económicas en las últimas tres décadas. Luego de la crisis política y cultural generada por la dictadura cívico-militar, junto a la instalación a fuego y sangre del modelo neoliberal, el país inició en los años noventa un proceso de transición a un sistema democrático. Pese a las expectativas de transformación, este proceso significó la consolidación y profundización del modelo. Junto con la mercantilización del bienestar, donde el Estado adquirió un papel totalmente privatizador, subsidiario y focalizado, se privatizó el sistema de salud, la previsión social, la educación, la vivienda y el transporte, entre otros, lo que no hizo más que consolidar la desigualdad de condiciones sociales y económicas de la población frente al acceso a estos derechos y servicios básicos. Esta desigualdad estructural de la sociedad chilena, junto con la acumulación de abusos, las alzas en los servicios públicos privatizados, la disminución de los derechos sociales y el endeudamiento de la población llevó a la revolución social de octubre del 2019. Condiciones de precarización, que incluso se agudizaron y profundizaron desde marzo de 2020 cuando llegó el COVID-19 a Chile.

La estrategia metodológica utilizada implicó un análisis de contenidos de fuentes secundarias, documentos oficiales y páginas gubernamentales que daban cuenta de las medidas para enfrentar la pandemia. Así también se analizaron fuentes primarias desde entrevistas realizadas a diez representantes de ollas comunes de la provincia de Valparaíso, como a la entrevista realizada a la Directora de Desarrollo

¹⁶ Trabajador Social. Dr. Trabajo Social. Escuela de Trabajo Social, Facultad de Educación y Ciencias Sociales, Universidad Andres Bello. rcortes@unab.cl

¹⁷ Arquitecta. Escuela de Trabajo Social, Facultad de Educación y Ciencias Sociales, Universidad Andres Bello. Candidata a Doctora en Doctorado Interdisciplinario en Ciencias Ambientales, UPLA. ca.quinteros@uandresbello.edu

Comunitario de la Ilustre Municipalidad de Valparaíso. El trabajo propuesto en primer lugar aborda la configuración del impacto de la crisis, desde un análisis del proceso político-económico chileno y cómo se fueron configurando las frágiles condiciones de vida del pueblo. En segundo lugar, se dará cuenta de los profundos impactos de la pandemia en los sectores populares, como consecuencia de la política económica del país. A continuación, se exponen los intentos del gobierno por enfrentar la crisis, con análisis de las acciones, programas y/o beneficios generados frente a la pandemia. Finalmente, profundizamos en lo que podríamos llamar políticas emergentes locales-populares, con un análisis de la propuesta de la intervención del gobierno local de Valparaíso, y la propuesta autogestionada de las comunidades de los territorios más afectados por la crisis.

Lo anterior permite relevar primero, que el enfrentamiento de la crisis se ha dado desde lo normativo sanitario y el control poblacional, con una masiva promulgación de leyes y normas, fuertemente centralizadas, las que no han sido coherentes con la realidad de chilenos y chilenas, y menos aún con la población que se ha visto pauperizada históricamente. En segundo lugar, se dará cuenta de la perspectiva neoliberal de las medidas económicas, que, más que resolver situaciones generaron la agudización de precarizaciones de la vida, vulnerando derechos como: la salud, lo laboral, derecho a un mínimo vital para sobrevivir, entre otros.

Las estrategias territorialmente descentralizadas y en resistencia, son algo que ha cobrado importancia a nivel nacional durante esta crisis. A nivel municipal, el Modelo de Confinamientos Comunitarios de la Municipalidad de Valparaíso, es una política desde un pensar situado, el que ha implicado el reconocimiento histórico de las subalternidades que componen la escena territorial lo cual el gobierno local ha configurado.

Las ollas comunes por su parte son sólo un ejemplo en este periodo, donde la articulación colectiva permite subsistir y de generar una política de seguridad alimentaria. Así la creación de las prácticas territoriales permite luchar no sólo contra la pandemia, sino frente a todas las crisis.

El reconocimiento de estas políticas emergentes, tanto municipales como territoriales, es un gesto crítico como conocimiento situado, que implica revisitar las prácticas desde lo local- popular con nociones críticas y contemporáneas, reconociendo lo indispensable que es conjugar en plural las posibilidades y desafíos de resistir, transformar e interpelar lo político, y desde nuestro lugar lo académico, lo disciplinar e interdisciplinar. Lo anterior plantea además el desafío de generar nuevos modelos de relación, gobernanza, que articulen y reconozcan la relevancia del territorio y sus actores.

Palabras clave: Pandemia, Políticas Locales, Territorios, Valparaíso.

MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL: LUTA PELO RECONHECIMENTO DE PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS E TERRITORIALIDADES HUMANAS

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Silva, Ana Beatriz da¹⁸

Barrozo, Monique Bonifácio¹⁹

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as configurações socioespaciais das ações políticas, organizacionais e mobilizadoras do Movimento de Mulheres Negras nesse caso, “há de se considerar, qualquer estrutura social, para que possa existir precisa não só do movimento, mas das relações espaços-temporais” (CAMPOS, 2014). Consideramos os movimentos sociais como um dos princípios básicos de toda e qualquer estrutura social, representados pelas relações sócio-espaciais constituídas e constituidoras dos espaços e territórios que podem ser pensados em diferentes escalas.

Dessa forma, um dos princípios básicos de toda e qualquer estrutura social é o movimento, como vem pontuando alguns autores sobre as tensões nas suas lutas antirracistas, antimachistas e antihomofóbicas destes movimentos sociais emancipatórios (SOUZA, 2017) nas suas disputas políticas em desenvolver justiça social, cognitiva e a liberdade, contribuindo para o desenvolvimento das configurações socioespaciais e políticas em seu território.

Especificamente, tratar do Movimento de Mulheres Negras do Brasil, num contexto recente de luta política na construção da agenda antirracista num contexto pós-pandêmico tal movimento estar envolvido por processos de lutas de resistências e r-existência (GONÇALVES, 2002) das populações afrodiáspóricas, que se articulam a partir de suas inserções sociopolíticas provocadas por suas ações multi e inter-escalares, em arenas de disputas políticas, sociais, raciais, econômicas e de poder. Supomos que tal movimento social desenha ações políticas e se desdobra em projetos, pautado por suas práticas socioespaciais e por seus antagonistas que configuram as arenas de sentidos, da política e de poder, provocando uma política de escalas. Estes processos escalares se dão por meio de estratégias, intervenções e experiências de resistência e r-existência, mobilizadas pela agenda política e de sentidos, desenvolvida desde década de 1988 até os dias atuais, a fim de posicionar pautas de combate ao racismo, o sexismo, a pobreza e mais atualmente pela pandemia da COVID19 em território brasileiro. Diante dessa construção que se funda em ações que provocam um deslocamento analítico acerca da compreensão das espacializações e territorialidades de tal movimento, tanto no campo das dimensões raciais no espaço como no campo político.

Há uma dimensão racial no espaço (GUIMARÃES, 2015) que não se resume simplesmente à ocupação física de indivíduos no espaço, mas perpassa pelas construções simbólicas presentes nas relações intersubjetivas com ele. Com isso, o racismo define clivagens sociais e hierarquiza indivíduos, grupos, a partir de suas identidades raciais e de gênero, provocando processos de resistências e r-existências, por meio de lutas grafadas no espaço (SANTOS, 2011; RATTS, 2014) com antagonistas que se configuram nas arenas de disputas, de sentidos e de poder.

¹⁸ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal Fluminense an_silva@id.uff.br e Ativista do Movimento de Mulheres Negras no Brasil.

¹⁹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal Fluminense. moniquebonifacio@id.uff.br

Nesse cenário, sugeriram outros sujeitos sociais, políticos e econômicos em face à emergência da luta por uma política pública antirracista e antissexista, no Brasil, que, por sua vez, exerce forte impacto nas políticas públicas direcionadas à população negra de nosso país. Consideramos o Movimento de Mulheres Negras apontarem configurações sócio-espaciais atravessadas por raça, gênero, classe, sexualidade cujo entendimento interseccional (CRENSHAW, 2001) é indispensável à conjuntura sociopolítica de lutas sociais e territoriais (ZIBECHI, 2015). Pois, são travadas por corpos políticos em diferentes frentes, e que se organizam a partir de grupos e/ou coletivos, enquanto movimento social emancipatório em defesa das novas lutas sociais / territoriais, capilarizando sujeitos políticos para suas reivindicações e proposições políticas, nas instâncias de poder, em benefício da população negra, sobretudo, para as mulheres negras.

Desse modo, o Movimento de Mulheres Negras, ganha força e visibilidade, por meio de novas práxis, que não só enfrentam a desigualdade, mas também, o reconhecimento das diferenças, intensificando outros “quadros teóricos e analíticos para incluí-los como fatores relevantes para a compreensão da realidade socioespacial e sociopolítica” (CRUZ, 2014).

O território é essencial para se compreender as relações socioespaciais, já que a apropriação do espaço consiste na criação de territórios, em duplo sentido de posse e adequação, de acordo com Haesbaert (2014). A utilização da noção de território se dá aqui no sentido de identidade, que é incorporado como categoria política dos grupos sociais, transformando-se em um marcador discursivo central nas retóricas dos chamados “novos” movimentos sociais, elemento definidor de suas agendas de lutas (CRUZ, 2017; HAESBAERT, 2014). Compreender esses novos movimentos sociais é também entender como se estabelecem no espaço, emergindo as suas territorialidades humanas.

Nesse giro epistêmico, espacial, racial, de gênero e político, neste trabalho, nos ancoramos nas muitas possibilidades e formas de mobilizações do Movimento de Mulheres Negras, pois “as questões negras, são questões espaciais, [a partir] do deslocamento da diferença” (MCKITTRICK, 2006), sem perder de vista outros movimentos sociais emancipatórios. Dessa forma, pensar em uma nova geo-grafia, via diferentes movimentos sociais, como propõe Porto- Gonçalves (2006), é ressignificar o espaço, através de novos signos e símbolos que grafam espacialidade e reinventam a sociedade. Importante ressaltar que os movimentos sociais constroem estruturas desenvolvem processos, organizam e dominam territórios das mais diversas formas (FERNANDES, 2000). Partindo das dimensões raciais do espaço, da política, do gênero e do poder, este trabalho propõe trazer uma contribuição de possibilidades de compreensão mais ampla e relacional, ancorando-se nas teorias antirracistas e do pensamento decolonial, sobre a importância das articulações dos movimentos sociais, sobretudo de mulheres negras frente às relações de poder dominantes, e no atual momento, de promoção da vida dos grupos historicamente marginalizados em contexto pandêmico.

Palavras-chave: Movimentos sociais, Território, Mulheres negras, Políticas de escalas e Interseccionalidade.

POPULAÇÃO E GEOGRAFIA POLÍTICA: DEBATE SOBRE PODER E SUJEITOS SOCIAIS

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Karol, Eduardo²⁰

Este trabalho objetiva uma análise dos conceitos centrais da Geografia Política (Estado, Sociedade, Nacionalismo e Espaço [território]) e suas implicações para o tema da População. Nossas primeiras perguntas são: é possível apresentar a população relacionada com os contextos socioespaciais nos quais se produz? Como tratar o tema da população articulado aos processos que a produz e ao mesmo tempo produz o espaço? Como explicitar a população como sujeito de processos em que é tornada invisível e apresenta identidades diversas, por exemplo, refugiados, clandestinos, além de “comunidades urbanas e não-urbanas (moradores, artesãos, ribeirinhos, pescadores)” etc.? O que observamos é que a abordagem geográfica da população, já criticada por vários autores (DAMIANI, RUA, SANTOS etc.), considerou os métodos da demografia, o que possibilitou que essa ciência ganhasse autonomia na Geografia. Estudar o tema da população tem sido seguir um receituário demográfico do fenômeno. Por exemplo, na escola básica discutir o tema é apresentar uma imagem estatística da população. Santos (1988) fez a seguinte observação sobre o tratamento dado ao tema: “*Quase sempre se trata de comentários estatísticos e dos mais ociosos, apresentando a população como um dado homogêneo ou ensinando-a segundo uma classificação não dinâmica*”. Imputamos essa situação ao fato de os geógrafos privilegiarem a escala estatal na política. Claude Raffestin chama atenção para um movimento que caminha de uma Geografia Política para uma Geografia do Estado. A Geografia do Estado tem uma linguagem própria que apresenta a população com uma especificidade de números, distribuição, estrutura, composição, entre outras. (RAFFESTIN, 1996, pág. 26). A ideia de homens e mulheres, ou qualquer outra identidade que daí resulta, como nos diz Ruy Moreira, é chamada de “Homem Estatístico”. No entanto, o mesmo Raffestin nos alerta que a “*empresa do poder corresponde a resistência ao poder, e talvez aí resida o caráter ambivalente da população. A população é concebida como um recurso, um trunfo, portanto, mas também como um elemento atuante*”. Assim há um entrave no jogo relacional entre os atores, pois a população também atua como um sujeito nas relações de poder. Desse modo, buscamos superar construções discursivas que só privilegiam o Estado como sujeito principal e tornam invisível o papel de outros atores, como a própria população que compõe os movimentos sociais, ongs etc. Propomos, ainda, analisar a partir da geografia política os discursos veiculados sobre a população e apresentar como novas formas discursivas vêm sendo debatidas na ciência geográfica e que identificam o papel de vários atores na produção do espaço na contemporaneidade. Atualizar o debate sobre o tema da população, incorporando leitura proposta por FOUCAULT, MBEMBE, VAINER, BECKER, BACCI, entre tantos outros citados na bibliografia.

²⁰ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores; karol@uerj.br

OS OLHOS DE OJUOBÁ: EXPERIÊNCIAS DOCENTES PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Cavalheiro, Adilene Ferreira Carvalho²¹

Pinheiro, Rosa Aparecida²²

Resumo

O trabalho apresenta experiências docentes no contexto da Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) como estratégia de articulação e fortalecimento de práticas socioespaciais que, a despeito de serem muitas vezes invisibilizadas, contribuem em sua potência com uma Educação antirracista e de (re)existência sociocultural e política, sobretudo em relação aos conhecimentos de matrizes africanas e dos povos das diásporas. É importante considerar que dados do IBGE,²³ 2019, apontam que no Brasil 50,3% dos estudantes do ensino superior da rede pública são pretos e pardos.²⁴ No entanto, como os negros constituem maioria da

população brasileira (55,8%), a desigualdade permanece em relação aos brancos. No mercado de trabalho, pretos e pardos representavam 64,2% da população desocupada e 66,1% da população subutilizada. Quanto à distribuição de renda do grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos, os pretos e pardos representam 75,2% e apenas 27,7% dos 10% com os maiores rendimentos. As desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil, se recrudescem no contexto pandêmico apontando para um número maior de mortes da população negra proporcionalmente aos infectados pela COVID -19, na capital paulista,²⁵ por exemplo.

Permanecendo visíveis também no campo educacional, em especial no âmbito do currículo da Educação Básica composto em grande parte por conhecimentos eurocêtricos. Reconhecemos, como afirma Renato Nogueira, que perfilhar o status de humanização dos povos indígenas e da população negra se constitui na sociedade brasileira como um compromisso ético e de (re)existência sociocultural e política. Entendemos também na perspectiva trazida por Paulo Freire em diálogo com Milton Santos, que a luta antirracista será eficaz quando todos e todas estiverem envolvidos, pois se na perspectiva freiriana a educação por si só não transforma a sociedade, mas é um propulsor para esta mudança, na ótica de Santos a luta por transformações não cabe só aos negros, mas deve ser feita por todos. Nesse sentido, a pesquisa em realização procura identificar as professoras, suas narrativas, como pensam o

²¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (PPGED) na linha de pesquisa 1: Formação de professores e práticas educativas, membro do ETNS - Grupo de Pesquisa Educação, Territórios Negros e Saúde, Orientadora Pedagógica de escola do Sistema Municipal de Ensino de Sorocaba-SP. E-mail: adilenecavalheiro@gmail.com

²² Doutora em Educação, Professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do PPGED da UFSCar – Campus Sorocaba. E-mail: rosapinheiro@ufscar.br

²³ Dados do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

²⁴ Segundo IBGE, no aspecto econômico a combinação entre os grupos de pessoas pardas e negras, forma a classificação negra.

²⁵ Instituto Pólis. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-populacao-negra-em-sao-paulo>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

fazer docente e como se percebem no processo de constituição profissional em suas itinerâncias formativas sobre a EREER nas escolas, levando em consideração o contexto contrário às expectativas de sucesso de uma educação antirracista. Experiência que é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos, como aponta Jorge Larrosa, e que implicam *Àwọn nńkan to ń şeşè láyé wa*.²⁶ Esses acontecimentos que em nossas vidas se constituem em dispositivos que nos impulsionam para a luta e a (re)existência nas brechas que encontramos no caminho da emancipação social. Depreender o significado e o lugar no sistema de relevância que a EREER ocupa no mundo de vida pessoal e profissional²⁷ dos professores e como se conectam com os propósitos de uma educação antirracista a partir dos sujeitos que a vivenciam no âmbito da Educação Básica é o que se pretende apresentar nesta pesquisa qualitativa. No trabalho em tela assumimos uma postura tal qual Ojuobá,²⁸ ouvindo os sujeitos da experiência, observando, perscrutando e analisando por meio das entrevistas narrativas, as contradições e consensos sobre a EREER, considerando as orientações descritas por Jovchelovitch e Bauer no que diz respeito a esta metodologia, assumindo às fases da Entrevista Narrativa: iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. Optamos em focalizar a narrativa de sete professoras que atuam na Educação Básica, com tempo de experiência docente distinto e que no ano de 2019 trabalharam em duas Instituições Educacionais da rede pública municipal, situadas no município de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo que atende do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental – Educação Básica e aderiram ao Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No processo de análise temática dos dados construídos pelas entrevistas narrativas procuramos compreender como as experiências docentes sobre a Educação para as relações étnico-raciais positivas se constituem em aprendizagens, numa co-relação com o conhecimento incorporado e produzido na própria experiência docente ou seja, não pretendemos pôr em julgamento as experiências docentes, mas analisar o processo, interpretando os dados construídos com vistas a visibilizar as aprendizagens que emergem do saber que se conecta com a Educação para as Relações Étnico-raciais positivas e que a despeito de serem muitas vezes invisibilizadas, contribuindo em sua potência com uma Educação antirracista. A partir destes resultados, poderemos no contexto pós-pandêmico, cujo impacto social e econômico do coronavírus explicita ainda mais o racismo estrutural da sociedade e do Estado brasileiro, vislumbrar como as experiências compartilhadas nesta pesquisa podem contribuir para reversão deste quadro. Como exemplo, temos a “Mancala”, jogo de tabuleiro de origem africana, que foi desenvolvido com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, inicialmente por meio de diálogos em roda de conversa sobre culturas, conhecimentos africanos e suas práticas de cultivo. Passando-se a confecção de tabuleiros e realização do jogo em sala de aula, como dinâmica que oportunizou ampla participação e aceitação do jogo pelos (as) estudantes de outras turmas, resultando na inclusão da “Mancala” como umas das modalidades dos jogos interclasses da escola. Na pesquisa em andamento acreditamos que a existência de experiências docentes para as relações étnico-raciais positivas resulta em contribuição potente com uma Educação antirracista e que estas se constituem como dispositivo para o desfazimento dos preconceitos existentes acerca dos conhecimentos africanos e dos povos das diásporas. Confiamos que a base educativa, já constituída, pode ser ampliada em contextos híbridos assim como em estratégia de articulação e fortalecimento de práticas socioespaciais pós-pandêmicas com vistas a construção de uma sociedade justa e democrática.

Palavras-chave: Experiências docentes, Educação para as Relações Étnico-raciais. Educação Antirracista.

²⁶ Em Yorubá: “*Àwọn nńkan to ń şeşè láyé wa*” significa “as coisas que acontecem em nossas vidas”.

²⁷ Nóvoa, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1992.

²⁸ Em Yorubá, Ojuobá significa “Os olhos de Xangô”, o Orixá da Justiça.

EM YORUBÁ, OJUOBÁ SIGNIFICA “OS OLHOS DE XANGÔ”, O ORIXÁ DA JUSTIÇA. TECNOLOGIA SOCIAL, EDUCAÇÃO E A LUTA CAMPONESA EM APODI/RN

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Moura, Tamara Miranda²⁹
Urban, Samuel Penteado³⁰

Introdução/Apresentação

O desenvolvimento do modo de produção capitalista tem provocado transformações sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e ambientais, que agudizou a desigualdade e a vulnerabilidade das camadas mais pobres da sociedade, em destaque para os sujeitos que lutam pelo acesso a terra e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento econômico local.

Nesse sentido, diversas comunidades que vivem da terra desenvolvem tecnologias a partir de saberes populares e consuetudinários. Essas manifestações tecnológicas estão inseridas no que se denomina como Tecnologia Social (TS) que se contrapõe ao ideário capitalista da Tecnologia Convencional (TC).

No entendimento construído na dinâmica capitalista, a TC, está diretamente associada a seus efeitos sobre o trabalho, ao desenvolvimento de maquinários, atrelada a uma hierarquização mercadológica, ao aumento da produtividade, segmentação produtiva, e que se padroniza pelas orientações do mercado externo, que visa à maximização dos lucros. (DAGNINO, 2014, p. 21; NOVAES E DIAS, 2009, p. 18).

Ou seja, é aquela aplicada nos processos de produção capitalista e que é definida “a partir de um conjunto de características que a difere da TS”. (DAGNINO, 2009, p.18).

A TS nasce como uma forma de resistência e se baseia no princípio da construção social da tecnologia, por meio do protagonismo das comunidades, numa lógica de solidariedade e valorização dos saberes, fundamentada na relação dos saberes populares e da ciência, de modo que atenda as reais demandas da comunidade, sejam elas econômicas, sociais e culturais. (DAGNINO, 2009)

De acordo com Soffner (2014), a tecnologia deve ser compreendida como todas as invenções humanas que tem como objetivo “tornar a vida do homem mais fácil ou mais agradável.” (SOFFNER, 2014, p. 58). Portanto, trata-se de um “conjunto de ações (cognitivas, artefatuais e práticas) realizadas conscientemente pelos humanos para alterar ou prolongar o estado das coisas (naturais ou sociais) [...] E essas ações englobam desde a transformação da matéria prima até a organização política de qualquer sociedade”. (THOMAS; SANTOS, 2016, p.16).

Juntamente a produção e utilização a TS, destaca-se a educação popular, que não necessariamente insere-se numa educação formalizada, mas que está intimamente associada à valorização dos saberes populares, permitindo a autonomia cultural e a valorização desta na construção de novos conheci-

²⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tamaramiranda.uern@gmail.com.

³⁰ Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), samuelurban@uern.br.

mentos junto à prática social.

Assim, este estudo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica que vem sendo desenvolvida junto a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Nesse sentido, há dois questionamentos principais: como se dá a relação existente entre Tecnologia Social e Educação? E como é possível pensar esse processo no contexto do assentamento Popular de Apodi/RN? Nesse sentido, o trabalho visa compreender o processo educativo ligado à produção/utilização tecnológica no assentamento popular de Apodi/RN, ligado ao Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Metodologicamente, a presente pesquisa tem sido realizada através de um levantamento e aprofundamento teórico em temas como: Tecnologia Social, Educação CTS, Práxis pedagógica, Agricultura Familiar, Educação Popular e Movimento camponês, com destaque para o MST, bem como tendo como ponto de partida experiências ativistas juntos ao assentamento do MST em questão.

Resultados e discussão

Diante das leituras realizadas a TS tem inúmeras características que difere da TC, mas destacamos o seu caráter emancipador, participativo e solidário. De modo que “pertence a uma dimensão externa ao mercado e distante lucro”. (NOVAES e DIAS, 2009, p.58). O que não significar dizer que nos assentamentos rurais não se desenvolvem estratégias mercadológicas, ou que não existe uma preocupação com o produto, até porque faz-se necessária a comercialização dos produtos para a própria sobrevivência da comunidade.

No caso do assentamento popular de Apodi/RN, o conhecimento é produzido através da prática e da experiência social. Estas, muitas vezes tem o intuito de suprir a escassez de recursos ou de acesso a instrumentos da TC, como tratores, fertilizantes, etc. Sendo práticas que visam o desenvolvimento da agricultura local.

Constata-se que na comunidade de Apodi/RN, que essa construção tecnológica, que perpassa pela educação não escolarizada ligada às reais necessidades da comunidade, se manifesta por meio de ferramentas e sistemas de produção agroecológica. Constatou-se até mesmo, a construção de casas na comunidade com materiais locais, e que tem como origem os saberes da própria prática

Nas palavras de Freire (1977, p. 30), esse processo perpassa por uma educação baseada na prática, isto é, fundada “sempre na prática de pensar a prática, com que a prática se aperfeiçoa”. Essa prática, portanto, seria a forma de validação desses conhecimentos populares, como um dos meios para o desenvolvimento da agricultura local. (NUNES, 2009).

Esses saberes populares produzidos e utilizados acabam por ser uma forma de (Re) existência e de reafirmação cultural. Que em outras palavras, representam o anseio de criar espaços independentes nos quais a condução do poder se realize na coletividade, no intercambio dos saberes e no fortalecimento popular, “dentro de uma crescente relação entre iguais” (BRANDÃO e ASSUMPCÃO, 2009, p. 35). E é nesse sentido que com o desenvolvimento dessas tecnologias sociais, sob a orientação da agroecologia “como fundadora de uma práxis comprometida com a ‘reconstrução ecológica’ da agricultura’, priorizam a soberania alimentar.” (TARDIN, 2012, p. 185).

Nas palavras de Fernandes, Cerioli e Caldart (2011, p. 31), tem-se nessa relação, “a formulação de uma tecnologia voltada para uma agricultura alternativa é uma realidade em construção”.

Portanto, os desenvolvimentos das TS, nas pequenas comunidades rurais cumprem um papel fundamental frente à expropriação e exploração do capital, contribuindo fortemente para o desenvolvimento político, social, cultural e ambiental da sociedade.

Considerações Finais

Neste estudo refletimos sobre a TS e sua relação com a educação na perspectiva da construção tecnológica na dimensão da luta camponesa, com intuito de promover uma primeira reflexão, pois, assim como Brandão e Assumpção (2009, p. 101) afirmam “a decodificação e problematização da realidade em sua diversidade requerem uma cisão e uma reorganização dos saberes e práticas”.

É preciso compreender que o conhecimento produzido ligado à emancipação das comunidades surge dos saberes populares, e assim, tem-se desenvolvimento de tecnologias alternativas na busca pela cidadania sociotécnica.

Palavras-chave: Educação Popular; Tecnologia Social; luta camponesa.

UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA SOBRE O SAMBÓDROMO DA MARQUÊS DE SAPUCAÍ (1983 A 2019)

Mesa 24: Territórios periféricos e práticas socioespaciais: resistência e emancipação no contexto “pós-pandêmico” na América Latina.

Apresentação Oral

Vidal, Lucas Felipe Gomes Cunha³¹

No início da década de 1980, ganhava força o debate sobre a necessidade da construção de um local permanente para a realização dos desfiles das escolas de samba que até o momento tinham sido realizados em ruas e avenidas da cidade (região da extinta Praça Onze de Junho 1932, 1933 e 1935-1942; Avenida Rio Branco 1943, 1944 e 1957-1962; Avenida Presidente Antônio Carlos 1974 e 1975; etc). O sistema de “monta-desmonta” das arquibancadas móveis causava transtornos na região da cidade onde ocorriam o espetáculo, gerava um alto custo para os cofres do governo do estado e os desfiles alcançavam proporções cada vez maiores/reunia cada vez mais espectadores. Após o carnaval de 1983 ficava claro que uma decisão para solucionar este problema tinha que ser tomada. Esta decisão ficou sob responsabilidade de Leonel Brizola – governador do estado do Rio de Janeiro na época – que no dia 11 de setembro do mesmo ano anunciou e apresentou a imprensa um projeto idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para dar um desfecho à situação (CABRAL, 2011, p. 242). O anúncio de Brizola gerou entre outros debates a oposição dos moradores dos bairros do entorno (bairros do Catumbi, Cidade Nova e Estácio de Sá) que um dia após o pronunciamento do governador também procuraram a imprensa e se posicionaram contrários ao local escolhido pelas autoridades.

Inicialmente batizado com o nome oficial de “Avenida dos desfiles” passou a se chamar “Passarela Professor Darcy Ribeiro” a partir de 1987 em homenagem ao antropólogo que na época era secretário de cultura do estado do Rio de Janeiro. Construído na Rua Marquês de Sapucaí em um período de apenas quatro meses com a participação de 2.690 operários que trabalhavam 24 horas por dia este novo local já receberia os desfiles de 1984 (CABRAL, 2011, p. 242). Mudando permanentemente a paisagem urbana da região aonde ele foi instado, o monumento que hoje é um patrimônio cultural brasileiro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tombamento realizado no ano de 2007, o Sambódromo será pensado do ponto de vista geográfico.

Desta maneira, o objetivo geral do presente trabalho é analisar os impactos deixados pela Passarela do Samba na paisagem da Rua Marquês de Sapucaí. De modo a alcançar este objetivo geral os objetivos específicos são: analisar como ocorreram e quem participou dos debates sobre a construção do Sambódromo; compreender de que maneira a chegada dos desfiles na Rua Marquês de Sapucaí impactou nos imóveis desta localidade; e entender quais foram as funções que a rua passou a ter após a instalação da Passarela do Samba. A justificativa para a realização da presente pesquisa se deu através da importância para entender: quais foram os interesses governamentais por trás da realização da obra e o que realmente pretendia ser construído; quais foram os setores envolvidos nas discussões sobre a instalação deste projeto tão importante e de destaque para a cidade do Rio de Janeiro; e como se deram as

³¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Programa de Educação Tutorial (membro bolsista sob orientação do Professor Doutor Eduardo José Pereira Maia. Agência de fomento pagadora da bolsa: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE) - lucas_felipe101@hotmail.com.

alterações na paisagem da Rua Marquês de Sapucaí a partir da chegada dos desfiles. A fundamentação teórica está baseada no conceito de *Espaço Urbano* de Roberto Lobato Corrêa (CORRÊA, 1989) que define este conceito da seguinte maneira

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. (CORRÊA, 1989, p. 11)

A metodologia está baseada na análise das etapas de instalação do Sambódromo (construção e reformas); no levantamento de um material iconográfico realizado em acervos de jornais e nos acervos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (principal fonte de pesquisa) do período e recentes para que seja possível analisar o antes e o depois das obras; na avaliação de depoimentos e narrativas presentes em documentários/reportagens jornalísticas de relevância para o tema para entender o que foi dito/noticiado; na identificação das funções que a Rua Marquês de Sapucaí passou a ter após a instalação do Sambódromo fora do período carnavalesco (funcionamento de escolas normais, visita de turistas, etc.). Com os resultados, foi possível compreender: como as obras foram conduzidas pelo governo do estado; como os moradores e comerciantes do local reagiram ao processo de remoções dos imóveis; e as alterações ocorridas na paisagem da Rua Marquês de Sapucaí ao longo dos anos (antes era um local de moradia/comércio e depois passou a ter uma grande arquibancada fixa).

Portanto, o estudo realizado para a presente pesquisa busca preencher uma lacuna e estimular o trabalho de outros pesquisadores no que diz respeito aos impactos trazidos/deixados pela instalação deste grande equipamento urbano na cidade do Rio de Janeiro que é o Sambódromo da Marquês de Sapucaí. A Passarela do Samba além de causar impactos não tão positivos para alguns moradores do seu entorno é, por um outro lado, um símbolo de resistência e conquista para os sambistas. Estes são fatos que precisam ser melhor explorados pela geografia.

Palavras-chaves: Sambódromo; Marquês de Sapucaí; Espaço Urbano.



MESA 25

MESA 25: EDUCAÇÃO DO CAMPO E RURAL E RELAÇÕES COM A GEOGRAFIA NA AMÉRICA LATINA: CONCEPÇÕES, PRÁTICAS, IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES.

Coordenadores: Martins, M.F.A, Leal, A. A.A, Freitas, E. S.M, Justino, E. F, Centurion, H.

MESA 25: EDUCAÇÃO DO CAMPO E RURAL E RELAÇÕES COM A GEOGRAFIA NA AMÉRICA LATINA: CONCEPÇÕES, PRÁTICAS, IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES.

*Coordinadores: Martins, M.F.A¹,
Leal, A. A.A²,
Freitas, E. S.M³,
Justino, E. F⁴,
Centurion, H.⁵*

A história da Educação do campo/rural na América Latina foi marcada por diversas compreensões sobre essas populações, dentre as quais a da secularização e da subalternização desses povos, que os tornaram (e ainda tornam) invisibilizados no pensamento político, econômico, educacional e social. Tal compreensão implicou em uma oferta educativa inadequada para estes sujeitos, com várias precariedades, tais como o fechamento de escolas do campo/rurais, ausência de formação docente adequada às especificidades destes sujeitos e, também, apresentando, não raro, as escolas urbanas como única possibilidade de formação escolar.

Diante deste contexto, tornou-se necessária a luta desses povos pela criação, garantia, acesso e permanência de uma escola que respeite os modos de vida destes sujeitos e seja pautada em uma identidade socioterritorial camponesa, para fortalecer o vínculo entre a escola e o contexto local. Como parte da luta, vivenciamos, nos últimos 30 anos, na América Latina, a realização de pesquisas e práticas capazes de dar visibilidade aos anseios desses povos em suas diferentes realidades.

Nesse sentido, insere-se a proposta dessa mesa temática, que tem como centralidade refletir sobre a Educação do campo e rural na América Latina, discutindo a relação estabelecida pela/com a Geografia nesta construção. A mesma visa abarcar trabalhos que discutem: práticas docentes na educação do campo/rural e quais as repercussões dessas práticas para a (re)produção dos territórios; concepções de Educação do campo/rural existentes e em disputa nos espaços pesquisados; identidades (des)construídas nos processos educativos dos povos do campo/rurais, seja em espaços escolares e não escolares, dentre outras temáticas correlatas.

¹ Professora da Faculdade de Educação /Universidade Federal de Minas Gerais,

² Professora da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais

³ Professor do Colégio Técnico/Universidade Federal de Minas Gerais

⁴ Professora da escola básica do Estado de Minas Gerais

⁵ Professor Associação ProRural

A ESCOLA DO CAMPO COMO TERRITORIALIDADE DE R-EXISTÊNCIA NA ENCRUZILHADA

*Iranilde Tavares da Câmara⁶
José Vandério Cirqueira Pinto⁷*

Esse trabalho traz reflexões acerca dos desafios que a educação do campo enfrenta no Brasil, no contexto desta segunda década do século XXI, marcada por ascensão de projeto produtivista agrário-exportador, urbano-industrial das redes e circuitos globais mercadológicos. Neste caso, tomamos educação do campo e a escola camponesa através da conflitualidade da questão agrária, no sentido dado por Fernandes (2008), enquanto territorialidade em resistência (ZIBECHI, 2007) de luta pela terra, água, alimentação e educação libertadora. Essa proposta de escola r-existe (PORTO-GONÇALVES, 2016) ao avassalador modelo dominante de produção do espaço. A escola libertadora do campo combate a territorialização monológica operada por setores reacionários que visam homogeneização de imaginários educativos e experiências escolares autonomistas, com cosmologias, saber/fazer e poder/saber diversos, a partir dos debaixo. Com a expansão do agronegócio e a modernização do território agrícola no bioma cerrado, no planalto central brasileiro, desde os anos de 1970, ocorreu a ampliação da rede urbana nesta região, sobretudo entre as metrópoles Goiânia e Brasília. Nas últimas décadas, ocorreu intenso espraiamento do tecido urbano da metrópole Brasília, incorporando a cidade de São Sebastião, de trabalhadores urbanos e rurais, neste limiar da zona de expansão urbana com a franja periurbana e zona rural. A escola Centro Educacional (CEF) Nova Betânia se localiza nesta encruzilhada de conflitos de interesses. Diante deste modelo, a escola popular do campo perdeu seu significado de resistência territorial frente a lógica agrária e urbano-regional. Segundo Molina (2015), a Educação do Campo é promovida pelos sujeitos coletivos do campo, na luta pela realização de outro modelo de desenvolvimento de agricultura com base agroecológica, na soberania alimentar, na justiça social, antagonica ao modelo hegemônico vigente. Desse modo, a escola pode assumir práticas pedagógicas que dialoguem com estes atores sociais e o seu território e que lutam por territorialidades da dignidade. O estudo de caso tem como intuito reconhecer neste espaço de saber instrumentos político-pedagógicos de r-existir à escola do opressor (FREIRE, 2011). Nos questionamos se ela atende a uma demanda político-pedagógica dos movimentos de luta pela terra, ou se ela é uma escola que somente cumpre exigências curriculares estatais, governamentais; ou contempla as duas coisas? Assim, relacionamos como objetivo, compreender os elementos político-pedagógicos e institucionais que constituem a escola Nova Betânia como espaço de conhecimento no campo ou do/no campo. Caldart (2015, 2009, 2000) argumenta que a Educação do Campo tem uma história de luta e construção, apesar de ser recente no cenário brasileiro, e que precisa ser considerada e pensada quando se quer entender esta realidade, a partir do olhar dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas organizações. Para Camacho (2014), o debate que incorpora a educação do campo envolve discussões entre duas representações de desenvolvimento territoriais opostas: a agricultura capitalista versus a agricultura camponesa.

⁶ Graduação Letras/Português, estudante da pós-graduação (lato sensu) do Instituto Federal de Brasília – campus Riacho Fundo, faz parte do GEOTECER (Grupo de Pesquisa Geografia, Território, Ensino e Cerrado). e-mail: iranildetavares@gmail.com

⁷ Professor doutor em geografia – orientador – do Instituto Federal de Brasília – campus Riacho Fundo. Membro do GEOTECER (Grupo de Pesquisa Geografia, Território, Ensino e Cerrado). e-mail: jose.vanderio@ifb.edu.br

No âmbito teórico da educação do oprimido, Pistrak (2000) argumenta que a pedagogia crítico-social do trabalhador visa estudar o contexto atual dentro de uma perspectiva de construção de uma nova educação, para poder afastar com as formas dominantes do capitalismo. Seguindo essa premissa, Freire (2011) defende que a educação modificaria os dispositivos de formação, de defesa para construções de novos processos educativos a partir da realidade do educando. O percurso metodológico utilizado neste estudo compõe-se de uma pesquisa bibliográfica, documentos oficiais, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e pesquisa *in loco*, como entrevistas com gestores, gestoras, professores, professoras, alunos, alunas e observações de aulas. A partir das análises, foi possível verificar que a escola não dispõe de elementos que caracterizam o fortalecimento da identidade territorial camponesa. Na referida escola o projeto pedagógico não dialoga com os sujeitos do campo, não há propostas que consideram essa realidade dos movimentos sociais de uma educação do campo para trabalhadores e trabalhadoras. Desse modo, exclui-se a realidade do campo neste espaço de saber, acentuando a desterritorialização dos sujeitos, desconsiderando sua identidade/diferença territorial. Os resultados da pesquisa demonstram que os princípios norteadores da instituição estão baseados no imaginário e no conhecimento urbano, anulando a identidade camponesa. No currículo da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEEDF (Currículo em Movimento, 2013), há propostas para a Educação do Campo, mas o que fundamenta o PPP (2020) da escola são as partes que privilegiam o ensino urbano, mesmo estando no campo, por isso é a escola da encruzilhada. A pesquisa demonstrou que a escola cumpre os documentos estatais, governamentais sem participação dos atores sociais dessa realidade do campo que são os trabalhadores e trabalhadoras. É necessário pensar a escola como espaço para o debate e a construção de redes de lutas. Molina (2015), a discussão da Educação do Campo tem uma base historicamente nas desigualdades sociais de ingresso aos direitos dos camponeses, uma vez que, essas lutas estabelecem diálogos para a promoção de políticas públicas, com objetivo de reparar esses danos históricos das desigualdades sociais. Dessa forma, a fim de que a luta continue, homens e mulheres que, por meio da educação popular, podem lutar para r-existir a esse projeto hegemônico de desterritorialização e implosão da identidade camponesa no nosso país.

Palavras-chave: Educação no/do Campo, CEF Nova Betânia, Identidade, Territorialidade.

AS ÁGUAS DOS GERAIS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Tipo de apresentação: Ponencia.

Sousa, Tânia Cássia Ferreira⁸
Freitas, Eliano de Souza Martins⁹

Resumo

A proposta de trabalho parte do projeto de pesquisa “*As águas dos Gerais: uma proposta de ensino que articula tema gerador e Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*”, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Educação e Docência (PROMESTRE), na linha de pesquisa Educação do Campo, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tal projeto objetiva elaborar um material didático interdisciplinar, entre Ciências e Geografia, abordando as especificidades do Cerrado, no município de Rio Pardo de Minas, localizado em Minas Gerais.

Esse tema surgiu a partir de algumas reflexões e inquietações sobre o ensino e aprendizagem na educação do campo e da minha prática docente. Por isso, uma questão central norteia essa pesquisa: como planejar e trabalhar de forma interdisciplinar e contextualizada a realidade do campo, utilizando objetos do conhecimento propostos na BNCC, para ciências e geografia?

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual utilizaremos a pesquisa bibliográfica para compreender melhor a temática da água de maneira geral e conhecer as especificidades desse tema no contexto dos gerais, bem como para fazer um estudo teórico sobre a interdisciplinaridade, o ensino de ciências e de geografia, para ampliar as abordagens didáticas na Educação do Campo. Além disso, outro procedimento será a pesquisa documental por meio de livros didáticos de ciências e geografia e a BNCC a fim de analisar o conteúdo desses documentos para verificar como a questão da água aparece.

Para entender a importância do tema gerador *as águas dos gerais* é preciso compreender de que contexto ele surge. Conforme aponta Nogueira (2009), “Gerais é a denominação no Norte de Minas Gerais, dada pela gente local aos topos de serra, planaltos, encostas e vales denominados por Cerrado”. Os Geraizeiros são pessoas reconhecidas tradicionalmente por esse nome com uma forte ligação com o extrativismo de frutos do Cerrado e que possuem um jeito próprio de manejar e cultivar a terra e criar animais em terras comunais: as chapadas.

Os geraizeiros têm uma relação muito especial com a água. Deste modo, a relevância desse tema nas aulas de ciências e geografia está relacionada à importância do mesmo para a vida das pessoas das comunidades onde os estudantes residem, sendo que a disponibilidade e qualidade da água é determinante para a manutenção do trabalho e da cultura dos geraizeiros, seja na irrigação de pequenas áreas (roças, hortas e quintais) seja no beneficiamento de produtos nas pequenas agroindústrias.

Os geraizeiros possuem amplo conhecimento sobre o Cerrado, a identificação e interação de suas espécies com a água e o solo e “é com base no conhecimento sobre a aptidão de cada ambiente que o grupo seleciona e organiza as atividades produtivas a serem desenvolvidas, ordenando e combinan-

⁸ Mestranda do Programa de Pós graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação (Fae) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Linha de pesquisa Educação do Campo. E-mail: taniacassiaferreira@yahoo.com.br

⁹ Professor de Geografia do Colégio Técnico da UFMG (COLTEC) e colaborador do PROMESTRE/FAE/UFMG na linha de pesquisa Educação do Campo. E-mail: elianofreitas@gmail.com

do-as no tempo e no espaço”. (NOGUEIRA, 2009, p. 85). Assim, o modo de viver do geraizeiro é totalmente influenciado pela ligação com a água. A perda da biodiversidade, a seca e as mudanças climáticas ameaçam a permanência a médio prazo dessa população em seu ambiente o que eles próprios já tem percebido de forma concreta sem articular com conhecimentos científicos disponíveis atualmente. Nesse sentido, a escola tem o papel de unir esses conhecimentos tradicionais aos conhecimentos científicos, concordando com Paulo Freire quando ele diz: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. (FREIRE, 1996, p.17).

Articular a Base Nacional Curricular Comum com um Tema Gerador, possibilitará trabalhar essas especificidades de maneira interdisciplinar favorecendo o diálogo entre os saberes escolares e não escolares e uma visão crítica e ampliada da realidade, sendo que esse é um dos desafios da Educação do Campo. Além disso, essa é uma forma de abordagem importante para a atuação docente na perspectiva de uma educação transformadora e da visão do conhecimento em sua totalidade possibilitando a superação da fragmentação do conhecimento.

Para fazer a Educação do Campo na prática faz se necessário que as práticas de ensino dialoguem com o contexto político, social, ambiental e cultural do campo, incorporando conteúdos e metodologias que se relacionem com a realidade e que valorizem o modo de viver, a cultura, os anseios e os saberes dos sujeitos no qual está inserido. É nessa perspectiva que essa pesquisa pretende contribuir com a Educação do Campo. Assim, ao final de todo o percurso de pesquisa teremos um material didático que parte de um tema gerador significativo, com uma abordagem interdisciplinar e estruturado de maneira a contemplar a BNCC.

Nesse momento, nos dedicamos a analisar como a temática da água aparece no principal documento oficial dos governos – a BNCC – tanto no componente curricular geografia, quanto no de ciências. Desse modo, realizamos análises de quais unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades relacionadas à água devem ser trabalhados nos anos finais do ensino fundamental, para, futuramente, elaborar propostas de intervenção em sala de aula, por meio do diálogo dos dois componentes curriculares.

Palavras-chave: Tema Gerador, Educação do Campo, BNCC

AS ESCOLAS FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFAS), AGROECOLOGIA E CAMPESINATO NO CEARÁ (BRASIL)

The Family Agricultural Schools (EFAS), Agroecology and Peasantry in Ceará (Brazil)
Apresentação/Ponencia

*Adeliane Vieira de Oliveira*¹⁰
*Alexandra Maria de Oliveira*¹¹
*Maria Aline da Silva Batista*¹²
*Marcilio Batista Magalhães Moura*¹³
*Thaysllorranny Batista Reinaldo*¹⁴
*Claudinei do Nascimento*¹⁵
*José Ricardo de Oliveira Cassundé*¹⁶

Resumo

O presente trabalho analisa o papel desempenhado pelas Escolas Família Agrícola (EFAs) no fortalecimento do campesinato a partir da disseminação da Agroecologia no estado Ceará (Brasil). As estratégias desenvolvidas pelos camponeses, a fim de conquistarem mais qualidade de vida no campo, a partir do uso racional e sustentável dos territórios foram as mais variadas. As iniciativas partiram dos anseios das comunidades, levando-se em conta as condições materiais de cada uma delas. Assim, destacamos o papel das Escolas Família Agrícola (EFAs) na busca de soluções efetivas, com base na Agroecologia, para os problemas enfrentados pelos camponeses na convivência com o semiárido no estado do Ceará.

As Escolas Família Agrícola (EFAs) são experiências de Educação no/do campo que visam aproximar a escola do contexto camponês, de modo a favorecer e promover a vivência no e do campo. Ou seja, a escola deve ser um ponto de partida para o fortalecimento do campo e da permanência digna, nesse espaço, dos sujeitos que nele habitam por meio de uma educação contextualizada. Do ponto de vista de Caldart (2009, p. 39) “A Educação do Campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade (...)”.

Apoiada na metodologia da Pedagogia da alternância, as EFAs possuem um caráter particular no sentido de reconhecer os diversos espaços e tempos educativos, o que consiste em alternar a permanência do aluno na escola e nas comunidades, geralmente em ciclos quinzenais. Nesse sentido “a educação em alternância nasce no contexto da educação brasileira com a finalidade imediata de fazer cumprir os princípios da lei e para criar novas possibilidades de interação com o conhecimento em diferentes espaços de vivência dos educandos” (SOUZA, 2015, p.88).

Diante disso, é notório a importância e adequação da Pedagogia da Alternância aos princípios agroecológicos. A Agroecologia tem por premissa a imitação da natureza, ou seja, desenhar e manejar os

¹⁰ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - adelianeoliveira19@gmail.com

¹¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará - alexandra.oliveira@ufc.br

¹² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - geolinebatista@gmail.com

¹³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - marcilio.mmouraa@gmail.com

¹⁴ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - thayssoft@gmail.com

¹⁵ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - claudinei@catolicaorione.edu.br

¹⁶ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - ricktec2@hotmail.com

agroecossistemas de forma a propiciar que as interações ecológicas aconteçam o mais parecido possível com o que aconteceria em um ambiente natural, o que é muito particular de cada lugar. Conforme explica Altieri (2012, p. 105): “A Agroecologia vai mais além do uso de práticas alternativas e do desenvolvimento de agroecossistemas com baixa dependência de agroquímicos e de aportes externos de energia”.

A autossuficiência dos cultivos é uma situação que deriva de um longo processo de cuidados especiais com o agroecossistema e demorará tanto mais quanto mais a área estiver degradada. Por isso, os agroecólogos falam em transição agroecológica, porque entendem que é um processo gradual e parte da concepção de mundo do camponês, ou seja, parte da mudança de pensamento. É justamente nesse sentido que os jovens estudantes das EFAs trazem inovações para a família e a comunidade, tornando-se multiplicadores da Agroecologia nos diversos territórios.

Daí a necessidade do diálogo de saberes proposto pela Pedagogia da Alternância nas EFAs entendendo que “as espécies e a diversidade genética dos sistemas de agricultura tradicional não são resultado de um processo adaptativo aleatório. Esses agroecossistemas são fruto de um processo coevolutivo complexo entre sistemas naturais e sociais, que originou estratégias engenhosas de apropriação dos ecossistemas (ALTIERI, 2012, p. 164).

Esses elementos afirmam a dinâmica das EFAs e a devida adequação do que é estudado à vida dos educandos. Entendemos que a proposta dessas escolas é aproximar ao máximo a vivência escolar do aluno com sua realidade, por meio de um processo de contextualização, a partir da construção de práticas pedagógicas que alcancem tal intento. Nessa perspectiva: “respeitar o modo de vida dos formandos e fortalecer o papel das comunidades na definição e no funcionamento do tipo de escola que eles almejam é uma das prioridades da Escola Família Agrícola (OLIVEIRA, 2013, p. 180).

Nesse sentido, consta-se que a Pedagogia da Alternância, adotada pelas Escolas Família Agrícola, propicia um contexto adequado para o desenvolvimento científico, crítico e humano do educando ao mesmo tempo em que reforça os saberes práticos necessários ao fortalecimento da produção agrícola e do campesinato como modo de vida. Assim, conclui-se que o elo que une a Agroecologia às Escolas Família Agrícola é a busca por autonomia.

Palavras-chaves: Escola Família Agrícola; Agroecologia; Campesinato.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA NO FORTALECIMENTO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS

Tipo de apresentação: Ponencia

Santos, Ligieria Alves dos¹⁷
Rodrigues, Sávio José Dias¹⁸

A Educação do Campo vem se constituindo como um paradigma que abarca questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem nos territórios rurais, bem como sociabilidades e disputas, construindo seu percurso a partir de conflitos de um projeto de escola que envolve os movimentos sociais e os sujeitos camponeses como protagonistas. Ela apresenta processo contínuo de desenvolvimento enquanto conceito, apresentando aos educadores novos elementos para auxiliar a repensarmos a educação de forma geral com um viés fincado no trabalho associado a produção capitalista. Diante desse cenário buscamos apontar os desafios e possibilidades do campo da disciplina de geografia no que diz respeito ao papel da educação do campo nos assentamentos de reforma agrária e seu território. Esses espaços necessitam de uma perspectiva de educação que leve em conta as lutas diárias das comunidades camponesas e suas experiências de vida e de trabalho na sua reprodução social. Dessa forma, a relação campo-cidade, compreendida dentro do pensamento geográfico pode ser discutida a partir de diferentes perspectivas teórico-conceituais, dentre elas, a Educação do Campo e sua proposta dialética de currículo. Ao tratarmos do ensino de Geografia na Educação do Campo, especificamente refletindo sobre a relação campo-cidade e a formação do sujeito no espaço agrário, deve-se levar em conta estudos acerca do conceito de território e do território camponês. Onde as lutas diárias dos grupos camponeses em busca de sua reprodução material e simbólica é o centro desse paradigma. Nesse sentido, é imprescindível a inserção de um currículo que contemple questões peculiares ao cotidiano camponês, que sejam capazes de formar o sujeito do campo na sua totalidade, respeitando as particularidades dos lugares “A Geografia compõe o currículo do ensino fundamental e médio e deve preparar o aluno para: localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação.” (BRASIL, 2006, p. 43), essa premissa nos permite refletir as peculiaridades dos territórios para se pensar o que se ensina de geografia. Deve-se pensar o ensino de Geografia como expressão de liberdade frente à realidade que se enfrenta no meio social, buscando compreender que “a prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade” (LUCKESI, 2002, p. 28). A discussão sobre Educação do Campo passou a fazer parte das inquietações que remetem ao tema proposto neste trabalho pelo fato de observar a proposta de ensino em classes multisseriadas nas escolas inseridas nos espaços agrários, onde se percebe que o ensino de Geografia necessita tomar dimensões maiores na formação do sujeito de forma a consolidar a luta pela valorização do território como local de resistência. Estudos que levam em consideração a educação do campo tornam-se de grande relevância no atual cenário brasileiro, sobretudo, pensando a educação

¹⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO – Mestrado) na Universidade Federal do Maranhão – UFMA. ligieria.alves@discente.ufma.br

¹⁸ Professor da Licenciatura em Estudos Africanos e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) Universidade Federal do Maranhão – UFMA. savio.jose@ufma.br

do campo no âmbito da totalidade dos problemas agrários do país, em que concentração fundiária, conflitos territoriais e reforma agrária se constituem enquanto problemas centrais. Nesse sentido, o ensino de Geografia promovido no âmbito da educação do campo em assentamentos de reforma agrária é um caminho para se perceber o papel dessa disciplina na produção desse território camponês, buscando as possibilidades de uma educação que leve em consideração os saberes camponeses, bem como as lutas de classes, e nesse sentido, a disputa hegemônica. Apresenta-se como objetivo geral deste trabalho a necessidade de compreender o papel do ensino de geografia na educação do campo e sua contribuição no fortalecimento do território camponês. Vale destacar que o movimento da Educação do Campo traz em si a intencionalidade de afirmar a identidade do território dos grupos camponeses que vivem no e do campo num aspecto classista, onde a afirmação dessa identidade se dá a partir da contraposição ao capital, sobretudo, na sua forma do latifúndio e do agronegócio condenando sua lógica exploratória, excludente e hegemônica que expropria o campesinato ou subjuga a sua renda (CAMACHO, 2012). Destarte, ao se fazer presença de forma mais ampla e mais específica aos saberes do campo, do espaço e do território, o ensino de geografia pode contribuir significativamente no fortalecimento do território camponês, valorizando as lutas de classes que venham a favorecer um ensino que esteja ligado às práticas de vivências do campo, afirmando cada vez mais a identidade do sujeito que vive no espaço agrário. Corroborando com essa ideia, Batista (2007, p.181) diz que o movimento de Educação do Campo “[...] afirma uma identidade dos povos que vivem no e do campo, compondo uma categoria ampla de camponeses, entendidos na sua complexidade e multiplicidade que, numa perspectiva histórica estrutural e classista, afirma-se na contraditoriedade do latifúndio e do agronegócio, modelo social hegemônico direcionador de relações sociais de produção impositivas, exploradoras, excludentes, que busca subjugar todos os povos do campo que não têm a propriedade ou são pequenos proprietários à sua lógica.” Percebe-se que a relação entre educação do campo e ensino de geografia deve fortalecer a luta de classes que está presente no território camponês, gerando neste a identidade do grupo e dos sujeitos que vivem o dia-a-dia da luta por terra, trabalho e uma proposta de educação que abarque o cotidiano de quem vive no espaço agrário, onde a geografia possa contribuir de forma significativa para o reconhecimento e fortalecimento do território camponês.

Palavras-chave: Geografia, Educação do Campo, Território Camponês, Espaço Agrário.

INTERRELAÇÕES ENTRE PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR (PNAE), AGRICULTURA FAMILIAR E VIGILÂNCIA SANITÁRIA: EXPERIÊNCIA EM NOVA LIMA/MINAS GERAIS/BRASIL

Tipo de presentación: Ponencia

Guilherme, Vanessa Luísa Ferreira¹⁹

Resumen

Este trabalho apresenta parte da pesquisa realizada no mestrado e aborda o histórico no Brasil do PNAE e sua interrelação com agricultura familiar, dialogando com a perspectiva da Educação do Campo. Apresenta repercussões entre o PNAE com os agricultores familiares, sob o olhar da Vigilância Sanitária Municipal de Nova Lima/MG. Os agricultores familiares são contemplados pela Lei do PNAE de N°11.947/2009, que garante a destinação de recursos para compra da alimentação escolar advinda da agricultura familiar. Buscou-se explicitar como é o PNAE no Brasil, destacando o município de Nova Lima e os desafios dos agricultores familiares para participarem deste Programa governamental. Desde a criação oficial do Programa, em 1955, o combate ao fracasso escolar figurava entre os seus principais objetivos. Nesse contexto, Bezerra (2002) destaca as ideias higienistas e eugênicas da época, em que a nutrição das crianças era vista como uma possibilidade de incutir novos hábitos alimentares no povo brasileiro. Nesse mesmo ano, foi criada a campanha da Merenda Escolar (ME). Essa campanha sofreu alterações e, segundo Chaves; Brito (2006), em 1979, foi denominado o Programa Nacional de Alimentação Escolar, visando garantir a alimentação escolar dos alunos de toda educação básica, cujos estudantes deveriam ser matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias (conveniadas com o poder público). O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação gerencia tal Programa e transfere os recursos financeiros aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios. Destaca-se que o PNAE passou de uma gestão centralizada, em que se distribuíam os produtos industrializados para uma gestão descentralizada, delegando aos governos municipais e estaduais a organização, controle e distribuição da alimentação escolar. Em 1998, o Programa passou a contar com atuação dos Conselhos de Alimentação Escolar (CAE), formados por membros da comunidade, professores, pais de alunos, representantes do poder executivo. O CAE é um órgão deliberativo, fiscalizador e de assessoramento para execução do programa. Em 2006, começou a ser exigida a presença de um nutricionista como responsável técnica pelo Programa e em todas as entidades executoras, permitindo uma melhoria significativa no PNAE, visando alcançar seus objetivos. Com a implementação da Lei 11947/2009, criou-se um elo institucional entre a alimentação escolar e a agricultura familiar local ou regional, por meio de alguns artigos que fazem parte da referida legislação. Em 2020, o PNAE completou sessenta e quatro anos com alguns avanços e persistências em práticas infrutíferas para a alimentação dos estudantes, pois alguns centros de distribuição armazenam os alimentos em lugares impróprios, sem respeitar condições de higiene/salubridade para os seus trabalhadores etc. Partindo da realidade do município de Nova Lima, percebe-se que a agricultura familiar não é predominante na cidade, em função das atividades mineradoras e, também, imobiliárias. No entanto, segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMA-

¹⁹ Mestranda da Linha de Pesquisa Educação do Campo. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: afrodelos@gmail.com

TER/MG), no município, existem agricultores familiares, embora não exista mapeamento de todos. Há dois agricultores familiares com a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Agricultura Familiar (DAP-PRONAF) e mais cinco em processo de regularização documental para atendimento às exigências legais. Observamos, também, que o PNAE se encontra diante de alguns desafios e dificuldades para contemplar de forma efetiva a aquisição de alimentos da agricultura familiar na merenda escolar. No entanto, verifica-se a importância que essa prática possui frente ao fornecimento de alimentos para o Programa, visto que os alimentos ofertados, especialmente os orgânicos, favorecem uma diversidade de produtos na alimentação escolar. Dessa forma a dissertação objetiva analisar, sob o olhar da Vigilância Sanitária, como acontece a compra e venda dos produtos da agricultura familiar para o PNAE, pretende-se verificar como os agricultores da cidade se envolvem com PNAE; caracterizar a ação municipal e escolar na compra de alimentos advindos da agricultura familiar; verificar se a compra dos produtos da agricultura familiar para escola tem contemplado a cultura alimentar local e regional e o desenvolvimento das ações de educação alimentar e nutricional; compreender as repercussões do PNAE em Nova Lima quanto ao cumprimento da legislação e refletir nos resultados da pesquisa e propor alternativas para fortalecimento da agricultura familiar local e regional. Ao longo da pesquisa, observa-se a necessidade e reflexão de maior diálogo entre os atores sociais do PNAE e um olhar mais cuidadoso sobre a educação e inserção do agricultor familiar no programa, bem como fazer reflexões sobre a urgência da implementação e fortalecimento de políticas públicas ligadas ao campo, estando este sujeito no campo ou na cidade, como modo de atender a realidade das famílias que vivem e trabalham com a utilização da terra na agricultura familiar, fator que impõe a necessidade de Educação do Campo voltada para esse sujeito de pesquisa. Se por um lado as políticas públicas como PNAE estimulam a produção de alimentos saudáveis, gera renda para as famílias agrícolas e acesso aos alimentos de qualidade nas escolas, precisamos aprimorar e ampliar os diálogos com esses sujeitos como modo de assegurar vida plena, cidadania e acesso ao saber àquelas pessoas que aí vivem. Assim, se insere parte da presente pesquisa: conhecer a realidade da PNAE em Nova Lima e construir, junto com os agricultores familiares e outras entidades, possibilidades de ampliar a participação dos camponeses no referido Programa.

Palabras clave: Educação do Campo; Agricultura Familiar; PNAE; Vigilância Sanitária.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFA) NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO RURAL NO MUNICÍPIO DE ANAGÉ-BA

Apresentação

Oliveira, Crislane da Silva²⁰

Alcantara, Fernanda Viana de²¹

No debate sobre a Educação do Campo, as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) apresentam-se como importantes no que tange à existência e ao desenvolvimento da agricultura familiar e da dinâmica do campo. As EFAs denotam uma configuração no espaço e mostram sua relevância na vida dos sujeitos sociais que produzem e reproduzem o espaço rural.

Estas discussões são demasiadamente valiosas para a ciência geográfica, de modo especial por abordar o espaço social produzido no Brasil, em que por muito tempo houve pouco investimento direcionado à população rural, em especial a educação do campo. Nas escolas do campo, por vezes, registra-se um ensino descontextualizado e distante da realidade dos estudantes, mesmo porque o campo era visto como um lugar atrasado em relação ao urbano, o que resulta em elevados índices de analfabetismo.

E, com o intuito de aproximar o ensino à realidade do aluno que vive no campo, foram criadas as EFAs. A Escola Família Agrícola (EFA) é direcionada essencialmente para filhos de agricultores, visto que oferece uma educação voltada para a realidade do espaço rural.

Neste contexto, foi desenvolvida a investigação na EFA do município de Anagé-BA, pertencente ao Território de Identidade Sudoeste Baiano que atende o público do ensino fundamental. Buscou-se analisar os processos formativos por meio da Pedagogia da Alternância, metodologia adotada pela EFA, bem como estudar o processo de produção do espaço rural, uma vez que a agricultura familiar é uma atividade predominante no município, além de avaliar como as técnicas alternativas desenvolvidas na escola são utilizadas na prática pelos estudantes e por suas famílias.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a experiência da Escola Família Agrícola na produção do espaço rural no município de Anagé-BA. Acrescenta-se que as EFAs, por meio da sua proposta pedagógica, valorizam as experiências cotidianas dos estudantes e de seus familiares, motiva a implementação de propostas voltadas para o trabalho no campo, em que se destaca a importância da identidade cultural e do modo de vida das pessoas que vivem neste lugar.

Para realizar este estudo, foram adotados alguns procedimentos metodológicos, *a priori*, realizou-se uma pesquisa bibliográfica contextualizada sobre as temáticas: espaço geográfico, espaço rural, educação do campo, agricultura familiar e Escolas Famílias Agrícolas, além da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da EFA de Anagé. A coleta de dados sobre a EFA de Anagé ocorreu por meio de questionários, entrevistas e das visitas realizadas na instituição. Também foram analisados dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) e do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) para caracterizar o município de Anagé quanto aos seus aspectos históricos, socioeconômicos e ambientais. Os sujeitos participantes do estudo foram estudantes, agricultores (pais desses estudantes), professores,

²⁰ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: crislanegeografa@gmail.com

²¹ Professora Doutora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEO-UESB). E-mail: fernanda.alcantara@uesb.edu.br

direção escolar e representantes de associações dos produtores rurais de Anagé. Após o processo de seleção das amostras, elaboração dos instrumentos de pesquisa e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa UESB realizou-se o desenvolvimento das atividades de campo. Com o intuito de compreender a dinâmica da escola, foram realizadas visitas tanto nos horários de aula, quanto nos momentos de descanso dos educandos, sob a orientação dos docentes da escola. Nessa direção, a coleta de dados sobre a Escola Família Agrícola de Anagé ocorreu por meio de questionários e das visitas realizadas na instituição, além do diário de campo como instrumento de pesquisa.

Para as análises, fez-se necessário compreender como a experiência da Escola Família Agrícola de Anagé interfere na produção do espaço rural do município, através da sua Pedagogia de Alternância, metodologia criada na França em 1935, adotada pelas EFAs no Brasil em 1969. Assim, observa-se que a luta pela Educação do Campo tem encontrado grande repercussão nos movimentos sociais rurais no Brasil, sendo visto por muitos como a única forma de garantir autonomia, emancipação e liberdade para a população rural. Para isso, é necessária uma educação que seja realizada no campo e que seja exclusivamente voltada para essa população.

Desse modo, a pesquisa mostra que no decorrer da história surgiram propostas educacionais que buscaram melhorar a qualidade de vida daqueles que residem no espaço rural. Além disso, compreende-se que o rural é carregado de significados, é o espaço da vida, que necessita de uma educação que respeite e valorize o modo de vida dos seus habitantes. Conclui-se, também, que para a agricultura familiar do município de Anagé a Escola Família Agrícola é de fundamental importância e tem apresentado resultados positivos, ao desenvolver técnicas que contribuem para o desenvolvimento da propriedade rural da família do estudante.

A EFA em parceria com as associações promove momentos de formação para as famílias, com espaços que propiciam discussões acerca da produção agrícola, das políticas públicas, do cooperativismo e, sobretudo da agricultura familiar no âmbito geral e municipal. Desse modo, a agricultura familiar é fortalecida mediante as ações realizadas junto aos familiares dos educandos e a comunidade como um todo, ao passo que se valoriza o agricultor familiar, e este por sua vez, sente mais valorizado e capaz para enfrentar as dificuldades impostas ao homem do campo.

Palavras-chave: Espaço Rural, Agricultura Familiar, Escola Família Agrícola.

EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: MAPEANDO DESAFIOS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Tipo de apresentação: Ponencia

Leal, Álda Angélica Alves²²

Ramos, Cynthia Souza²³

Caetano, Sylvania Marques²⁴

Luiz, Raquel Matias²⁵

Santos e Campos, Marina Berezusky dos²⁶

Sousa, Adriana da Mata²⁷

O estudo teve como objetivo geral mapear alguns desafios da Educação do Campo em tempos de pandemia a partir de experiências de uma turma de estágio supervisionado da Área de Ciências Sociais e Humanidades do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (LECampo FaE/UFMG – Minas Gerais/Brasil). A disciplina de Análise da Prática Pedagógica III, vinculada ao estágio, foi ministrada entre dezembro/2020 e março/2021 no formato do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Os estágios foram realizados junto a 10 (dez) docentes da Educação Básica (anos finais do ensino fundamental/ ensino médio), em 09 (nove) escolas do campo da rede pública estadual localizadas em 07 (sete) municípios de 04 (quatro) regiões do estado de Minas Gerais: Norte, Vale do Jequitinhonha, Nordeste e Centro.

Quanto à metodologia, o corpus documental foi produzido por 30 (trinta) estudantes na disciplina supramencionada, que autorizaram formalmente seu uso para fins desta pesquisa. Selecionamos os seguintes materiais para análise: inventários/diagnósticos de realidade – questionário composto por 07 (sete) questões – e pareceres sobre os Planos de Estudos Tutorados (PETs) – material do tipo apostilado produzido pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais para o Regime Especial de Atividades Não Presenciais (REANP)²⁸ –, sendo nosso foco o material referente à Geografia. Os dados foram submetidos à análise categorial e a pesquisa envolveu estudo de bibliografia pertinente ao tema. A Educação do Campo no Brasil, movimento que ganha força a partir do final da década de 1990, “tem revelado muitas situações que há tempos vêm sendo denunciadas pelos estudiosos e pesquisadores, pelos movimentos sociais, e ainda por aqueles que acompanham de perto o movimento da realidade”, mas que se encontram invisibilizadas no país (SILVA et al., 2020, p.49). Salientamos a ausência de atenção e poucos investimentos em políticas públicas voltadas para os povos do campo; altas taxas de analfabetismo; precariedade e dificuldades de acesso e permanência dos estudantes nas escolas do campo (fechamento e nucleação de escolas); formação inicial e continuada de professores não voltadas para especificidades do campo etc. Isto se tornou mais evidente em tempos de pandemia. Na pesquisa, quanto aos principais desafios em relação à escolarização dos estudantes do campo neste

²² Universidade Federal de Minas Gerais, email alidaufmg@gmail.com

²³ Universidade Federal de Minas Gerais, email cynthiaufmg@gmail.com

²⁴ Universidade Federal de Minas Gerais, email vania.markes@yahoo.com.br

²⁵ Universidade Federal de Minas Gerais, email raquelluiz715@gmail.com

²⁶ Universidade Federal de Minas Gerais, email marscky@gmail.com

²⁷ Universidade Federal de Minas Gerais, email adrianasousarpm@gmail.com

²⁸ <https://estudeemcasa.educacao.mg.gov.br/>, Acesso em: 19 abr. 2021

período de pandemia e modos de enfrentamento por diversos sujeitos nas comunidades rurais, as respostas dos participantes apontam três categorias centrais de análise: a) **espaços** (relação campo-cidade, escola, casa, comunidade), b) **sujeitos** (estudantes/filhos, pais, professores) e c) **mediações** (internet e materiais de estudos – PETs).

Os resultados demonstram que a opção pelo ERE, como analisa Matijascic (apud ALVES et al., 2021, p.01), demanda maior suporte da família/responsáveis aos estudantes e estreitamento das relações com a escola (especialmente com professores). Tal aspecto, mencionado por participantes de todas as regiões investigadas, ganha contornos específicos no meio rural, a exemplo: “[...] ainda temos pais analfabetos ou semianalfabetos que não conseguem ajudar os filhos nas atividades escolares e estes não podem também procurar ajuda fora” (Região Vale do Jequitinhonha/MG) e “[...] também é perceptível que muitos pais de alunos, principalmente que estão nos anos iniciais do ensino fundamental, têm inúmeras dificuldades de ensinar e ajudar seus filhos com as atividades. Muitos desses pais são analfabetos” (Região Norte/MG).

A este respeito, Pereira e Castro (2019, p.65) apontam que “a taxa de analfabetismo agregada do Brasil em 2010 foi de 10,2%, com 7,54% de analfabetos no meio urbano e 24,64% no meio rural”. Conforme os autores, se considerarmos os estados das três regiões país que apresentam as menores taxas em relação à média nacional (Centro-Oeste, Sudeste e Sul), Minas Gerais apresenta maior discrepância, com 19,3% de analfabetos no meio rural e 7% nas áreas urbanas.

Quanto ao acesso à internet, dados do INEP (2021, p.14) sobre a estimativa do número de estudantes de instituições públicas sem acesso domiciliar à internet (banda larga ou 3G/4G) em 2018 apontam que Minas Gerais possuía o 7º pior índice do país nos anos finais do ensino fundamental (55‰) e o 6º pior índice no ensino médio (125‰), dentre os 27 estados da federação. Ainda conforme o estudo, no país, “os dados indicam [...] que a falta de acesso é mais marcante no meio rural do que no meio urbano, mais no interior do que nas capitais, mais entre pessoas negras do que entre as brancas e muito mais entre estudantes de baixa renda [...]”. Ademais, sobre a transmissão de videoaulas pela internet e rede de televisão pública estatal, Alves (et al., 2021, p.01) aponta que, “atualmente, a exibição das aulas não alcança nem metade dos municípios mineiros – das 853 cidades, 389 sintonizam no canal público”, sendo prejudicadas localidades de menor porte e afastadas dos grandes centros urbanos. Quanto aos materiais disponibilizados aos discentes para continuidade dos estudos, ao analisar o PET 3/ 6º ano de Geografia, por exemplo, nota-se que o tema Reforma Agrária desconsidera a luta e o reconhecimento do direito à terra como território de vida e de trabalho das populações camponesas, que compete os princípios da Educação do Campo e da Geografia. Tendo em vista que tal disciplina é propulsora de reflexões dos direitos dos cidadãos, incluindo os camponeses, considera-se que o material está na contramão do que se espera para um projeto educativo plural e democrático, capaz de reforçar a função social das escolas do campo.

De modo geral, o estudo evidenciou que a situação da pandemia escancarou e aprofundou desigualdades socioterritoriais antes existentes e já bastante acentuadas em Minas Gerais no que tange à educação dos povos do campo. Isto reforça a necessidade da luta para que o Estado garanta este e outros direitos à população camponesa.

Palavras-chave: Educação do Campo, Pandemia, Ensino Remoto Emergencial

ESCOLA DE BENTO RODRIGUES: DESAFIOS DA DESTERRITORIZAÇÃO APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO.

Tipo de Apresentação: apresentação (Ponencia)

Adriane Cristina de Melo Hunzicker²⁹

Maria Isabel Antunes-Rocha³⁰

Este texto tem como objetivo refletir sobre os deslocamentos da Escola Municipal Bento Rodrigues (EMBR) após o rompimento da Barragem de Fundão (RBF). Para tanto, assumimos como referência a abordagem da Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (T-D-R) a partir das contribuições de Haesbaert (2020, 2021) e de Fernandes (2008, 2020). Para este trabalho focalizaremos no processo de desterritorialização, mas ancorando na territorialização e nos desafios da reterritorialização.

A Barragem de Fundão pertencente à empresa Samarco Mineração S. A armazenava 55 milhões de m³ de rejeitos de minério de ferro e se rompeu no dia 05 de novembro de 2015. Aproximadamente 34 milhões de m³ foram lançados no meio ambiente no momento do rompimento, provocaram danos socioambientais ao longo dos territórios de dois estados interligados pelos cursos hídricos da bacia hidrográfica do Rio Doce, de Mariana, em Minas Gerais, à Regência, município do Espírito Santo, onde se localiza a foz do rio que deságua no oceano Atlântico.

Bento Rodrigues, o primeiro povoado a ser atingido, foi destruído e os moradores instalados na área urbana do município de Mariana. A EMBR passou a funcionar de forma agregada a uma escola localizada na área urbana. As dificuldades de adaptação levaram a comunidade escolar a demandar um local que possibilitasse maior autonomia administrativa e pedagógica. Dessa forma, a instituição transferiu-se para um segundo endereço, uma residência adaptada, onde aguarda a construção do reassentamento.

Esse processo tem sido permeado de desafios. Um deles diz respeito ao significado que a escola assumia desde sua fundação, há mais de 60 anos. Era identificada como rural, assim como o povoado. As formas de produzir e reproduzir a vida no povoado eram determinadas pelas práticas minerárias, agricultura, fruticultura, criação de animais e funcionamento de pequenas agroindústrias. As práticas pedagógicas e objetivos educacionais estavam vinculados a um contexto econômico, político, social e cultural marcado pela ruralidade. O rompimento destruiu essas formas de reprodução da vida e provocou o deslocamento das pessoas e da escola para um modo de vida urbano. O reassentamento em construção foi aprovado pelo Plano Diretor Municipal de Mariana como área urbana, como especifica o Projeto de Lei N° 170, de 21 de dezembro de 2017 (MARIANA, 2017).

Em 2019, realizamos uma pesquisa sobre como os professores estavam vivenciando este processo, com apoio da abordagem teórica das Representações Sociais em Movimento (HUNZICKER, 2019). Identificamos que os sucessivos deslocamentos da escola e a condição de provisoriedade prolongada se constituía como um dos principais tensionamentos que os docentes passavam, como afirma um dos entrevistados: “Mudou radicalmente minha vida. [...] no início foi muito mais difícil, porque ficamos sem escola, tivemos que aglomerar em uma escola do bairro Rosário [...]. Ficamos lá [...] quase dois anos até batalharmos depois um cantinho que hoje é da gente.” (Professor C. HUNZICKER, 2019, p. 101).

Nesse contexto de provisoriedade no ambiente urbano, a escola foi demandada a reconstruir sua con-

²⁹ Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: adrianegeo@yahoo.com.br

³⁰ Professora titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, na FaE/UFMG. E-mail: isabelantunes@fae.ufmg.br

dição identitária, função e formas de funcionamento. Leva-nos a entender que a EMBR passa por um processo de desterritorialização há mais de 5 anos. Essa desterritorialização relaciona-se não só com a estrutura física, mas com os conhecimentos produzidos, subjetividades das pessoas e mudanças nas práticas pedagógicas. Nessa trajetória, os docentes vivenciam dificuldades para organizar suas práticas devido às mudanças na rotina escolar, gestão, estrutura física, Projeto Político Pedagógico, e até mesmo, na identidade da instituição.

Os dados de Hunzicker (2019) evidenciam que alguns professores estão se esforçando para manter a territorialidade e a identidade da escola, porque há um movimento de resistência, como exemplo, as práticas da professora D que busca locais próximos à escola, que remetem à identidade socioterritorial camponesa do antigo povoado: “Eu gostava muito de levá-los pra passear naqueles matos. Porque eles ficavam com saudade do lugar onde eles moravam, [...]. Tem uma trilha ali, aí quando viam cavalo e bichos eles ficavam doidos [...].” “[...] na pista eu levo semente, a gente planta.” (HUNZICKER, 2019, p. 133).

Sendo assim, encontramos na abordagem da T-D-R com Haesbaert (1997, 2020) e a interlocução com a Educação do Campo discutida por Fernandes (2008, 2020) uma referência que ampliou a compreensão do processo que a escola vivenciava após o RBF. Segundo Fernandes (2020): “A educação do campo é por sua própria natureza uma educação territorial”. Para Fernandes (2020), a escola, o conhecimento produzido nela e as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos da escola e comunidade podem ser entendidos como territórios, e, como produtores de territorialidades.

Haesbaert (2020, p. 251) cita: “Muitos grupos sociais podem estar “desterritorializados” sem deslocamento físico, [...] bastando para isto que vivenciem uma precarização das suas condições básicas da vida e/ou negação de sua expressão simbólica-cultural.” Por outro lado, nem sempre que há a desterritorialização do espaço geográfico, o sujeito é desenraizado de sua identidade.

A fim de dar continuidade ao estudo do mestrado, investigamos no doutorado o processo de reterritorialização da EMBR. Esta investigação está vinculada à linha de pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social na FaE/UFMG.

Palavras-chave: Escola Bento Rodrigues. Rompimento da Barragem de Fundão. Territorialização. Desterritorialização. Reterritorialização.

NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO RURAL: A POLÍTICA DA NUCLEAÇÃO ESCOLAR EM BARBACENA/MG

Tipo de Apresentação: Oral

Santa Rosa, Igor Piazzzi³¹

Freitas, Eliano de Souza Martins³²

Resumo

A segunda metade do século XX foi fortemente marcada por grandes transformações políticas, sociais e econômicas no mundo. Nesse escopo, emergiu o neoliberalismo, que, segundo Harvey (2005), é uma doutrina que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido através de estruturas que promovam o livre comércio, livre mercado e impulsionem o empreendedorismo individual. O neoliberalismo se apropria do Estado para promoção dessa estrutura institucional destinada ao capital privado. No Brasil, o governo Collor (1990 a 1992) foi o promotor das primeiras políticas neoliberais. O breve governo de Itamar Franco e os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso endossaram a submissão brasileira aos interesses do chamado “Consenso de Washington” e várias reformas para atender ao “mercado” foram implantadas (arrocho salarial, desvalorização da moeda, privatizações em massa etc.).

Sob a ótica neoliberal, baseados em diretrizes expedidas pelo Banco Mundial, a política educacional do país também passou por modificações. Conforme Frigotto e Ciavatta (2003) passaram a estar presentes a visão produtivista, concebendo a educação como preparação dos indivíduos para o mercado de trabalho, além da otimização de recursos para haver os menores gastos públicos possíveis. Nesse contexto, sob a ótica de otimização de recursos e melhor eficiência dos sistemas de ensino, tivemos altos índices de nucleação e fechamento de escolas do campo no Brasil. Entre os anos de 1977 e 2009, foram fechadas 65 mil escolas rurais no Brasil, somente no ensino fundamental, significando uma redução de 46% do total (PINTO, 2012). Já os dados apresentados em 2017, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), demonstram que das mais de 100 mil escolas rurais que existiam em 2002 no Brasil, 17 mil foram fechadas. Neste mesmo período, o número de matrículas reduziu de 7,9 para 6,6 milhões de educandos, o que representa mais de 1,2 milhão de pessoas sem escola ou obrigadas a estudar nas cidades. Para Oliveira (2018) a nucleação das escolas do meio rural, constituiu-se em alternativa visando ao aumento da eficiência da máquina estatal e à melhoria da qualidade do ensino fundamental, o que inclui um discurso (vazio) de modernização do atendimento escolar.

No que se refere à história e geografia da educação rural no município de Barbacena, podemos afirmar que, nos primeiros sessenta anos do século XX, existiram experiências particulares em fazendas e comunidades, apresentando lacunas e incongruências nas práticas de ensino-aprendizagem. Somente na década de 70 é que houve forte intervenção por parte da prefeitura municipal ao regulamentar todo o ensino rural no município. Os registros oficiais da criação da maioria das escolas rurais de Barbacena/MG é, justamente, da década de 1970.

Com a chegada e o avanço das políticas educacionais economicistas, ocorreu na década de 1990 e

³¹ Mestrando da Linha de Pesquisa Educação do Campo. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: igorpiazzzi@hotmail.com

³² Professor COLTEC UFMG/ Pesquisador do Programa de Pós-Graduação da FAE/ UFMG. E-mail: elianofreitas@gmail.com

início dos anos 2000 várias alterações na estrutura de educação no município com o fechamento e a nucleação de treze escolas rurais. Os arquivos não apresentam quaisquer motivos e/ ou justificativas que nortearam tais atos. Nossa hipótese é de que a macropolítica neoliberal que começava a ganhar espaço no Brasil influenciou diretamente no fechamento e conseqüente transferência dos educandos e servidores para as escola-núcleo (uma “ordem distante” atuando na “ordem próxima”).

Posteriormente, em 2015, uma nova política de nucleações ocorreu com o fechamento de mais seis escolas rurais. De acordo com a prefeitura de Barbacena, o objetivo foi a racionalização de recursos financeiros, bem como de promoção de eficiência e racionalização de serviços educacionais, além da melhoria na gestão municipal das escolas. A temporalidade e as justificativas levadas em consideração para promover o fechamento de escolas rurais nos leva a considerar a hipótese de fortes influências de implementação de políticas de cunho neoliberal. Portanto, no nosso entendimento, além da não valorização das especificidades e territorialidades camponesas, a nucleação de escolas rurais faz parte de um modelo de educação pensado pelas classes dominantes para manter sua hegemonia e restringir a escola a formação de uma massa de trabalhadores acríticas a perversidade do modelo neoliberal de desenvolvimento.

Nesse sentido, é que apresenta a proposta do presente trabalho: apresentar como se deram os processos de fechamento das escolas rurais em Barbacena e as etapas de nucleação, com ênfase na década de 90, correlacionando-os com as políticas nacionais contemporâneas buscando entender seus fundamentos e ideais norteadores e quais os desdobramentos desses movimentos. Para tanto, como metodologia, usamos a análise documental ampla e a técnica de entrevistas semi estruturadas, junto aos sujeitos que, de alguma maneira, participaram, desse processo em diferentes momentos históricos. No que se refere aos documentos, analisaremos materiais de caráter público, como leis, marcos e decretos e outros documentos oficiais da Prefeitura de Barbacena que ajudam a resgatar esse histórico da educação rural do município. É importante destacar, também, que lançaremos mão da História Oral, objetivando realizar um resgate mais fiel possível de todos esses processos.

Palavras Chave: Educação do Campo; Neoliberalismo; nucleação escolar, Barbacena

A FORMAÇÃO DOCENTE, AS ESCOLAS EM ESPAÇOS RURAIS E A EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO

Tipo de apresentação: Ponencia

Sandra de Castro de Azevedo³³,
Abigail Bruna da Cruz³⁴.

Resumo

A educação para a população rural no Brasil, apesar de apresentar alguns resultados positivos ainda possui muitos desafios, como a implementação da modalidade de educação do campo em todas as escolas rurais e nas escolas urbanas que atendem alunos do espaço rural. Para vencer este desafio é necessário repensar os cursos de licenciaturas, colocando como obrigatoriedade a discussão sobre o espaço rural, o campo e a educação para essa população.

O objetivo deste trabalho é compreender a importância da abordagem da Educação do Campo para todos os cursos de licenciaturas, pois apesar da população brasileira se concentrar predominantemente em espaços urbanos, cerca de 15,28% desta população, segundo IBGE (2010), vive no campo e precisa urgentemente de políticas que atenda sua necessidade e a educação é uma delas. Para alcançar este objetivo foi realizada análise das leis referentes a educação do campo e a formação de professores, e a reflexão crítica do processo de organização e desenvolvimento de uma disciplina de educação do campo para cursos de licenciaturas.

Entendendo a especificidade dos espaços rurais a Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica de 1996 em seu artigo 28 afirma que os sistemas de ensino promoverão adaptações da escola ao modo de vida rural, considerando os conteúdos didáticos, as metodologias, a organização da escola e do calendário escolar considerando a natureza do trabalho deste espaço.

As Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, aprovada em 2002, normatizou vários elementos e explicitou a obrigatoriedade das escolas do campo adequarem seus projetos institucionais atendendo as especificidades de onde a escola está localizada. No entanto ressalta-se que uma parte da população rural estuda em escolas urbanas e a diretriz em sua redação leva a entender que a obrigatoriedade é somente para as escolas localizadas no campo. O documento também aponta questões relacionadas a formação complementar do professor para atuar nesse espaço afirmando a necessidade de: “I - estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;” (Ministério da Educação, 2002, p.3).

Somando a este movimento em 2010 as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica estabeleceu a Educação Básica do Campo como uma Modalidade de Ensino, afirmando no Art. 36. “A identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia” (Ministério da Educação, 2010, p.12).

No entanto muitas escolas localizadas em espaços rurais possuem currículo urbano e a maioria dos

³³ Professora Associada da Universidade Federal de Alfenas – sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

³⁴ Mestranda do PPGEU/UNIFAL-MG – abigail.cruz@sou.unifal-mg.edu.br

professores não possuem formação adequada para desenvolver uma educação do campo, diante desta preocupação a Resolução N° 2, de 1° de julho de 2015, aponta em seis momentos diferentes do texto a educação do campo, destaca-se aqui o artigo 3, parágrafo 7, “ II – a formação inicial e continuada de profissionais do magistério para a educação básica da educação escolar do campo e da educação escolar quilombola, nos termos desta Resolução, deverá considerar a diversidade étnico-cultural de cada comunidade“. (Ministério da Educação, 2015, p.5), ou seja, existia uma preocupação com a formação dos profissionais que vão atuar na educação escolar do campo, mas na maioria das universidades que formam professores essa possibilidade não foi consolidada. Supõe-se que devido a pequena quantidade de escolas nos espaços rurais esse posicionamento de não adesão é reforçado mesmo em universidades que estão localizadas em áreas onde o espaço rural é expressivo.

A Resolução CNE/CP 2/2015 foi revogada pela Resolução CNE/CP N° 2/2019, a qual somente no artigo 16 aborda Educação do Campo, onde restringe às licenciaturas especificamente voltada para a modalidade de Educação do Campo, fato que limita a abordagem dessa temática nas demais licenciaturas.

Neste contexto no segundo semestre do ano de 2020 foi ofertada para os cursos de licenciatura da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) uma disciplina optativa livre sobre a Educação do Campo, com objetivo de inserir os alunos desses cursos em um processo reflexivo sobre o espaço rural, sua população e educação, contribuindo para o aprofundamento teórico sobre o tema nos cursos de formação professores, óbvio que essa disciplina não se compara a organização dos cursos de Licenciaturas do Campo do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo) ou aos cursos que preparam para a Pedagogia da Alternância, mas entende-se que a oferta da disciplina é um movimento necessário.

A disciplina ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2020 em formato remoto, contabilizando 30 hora e com onze alunos matriculados e realizou discussões teorizadas sobre: educação rural e do campo no Brasil, Pedagogia da Alternância, processo histórico do movimento da Educação do Campo no país, nucleação escolar, influência do agronegócio na educação da população rural, ensino de geografia nas escolas do campo, licenciaturas do campo e livros didáticos do PNLDCampo.

Entre os resultados da oferta dessa disciplina, pode-se citar que a) grande parte desses alunos não tinham conhecimento teórico sobre as diferenciações entre a Educação Rural e a Educação do e no Campo, concebiam ambos os termos como sendo análogos, desconsiderando os aspectos históricos e ideológicos de cada um, b) os discentes traziam saberes prévios do seu cotidiano e se manifestavam sobretudo nos assuntos referentes as condições materiais e imateriais vivenciadas no espaço rural para terem acesso e se manterem estudando e também sobre os embates entre agentes do Estado, movimentos sociais e as políticas públicas tanto para o espaço rural quanto para a educação para os sujeitos do campo.

Conclui-se que a oferta de disciplinas que reflitam o tema da Educação do Campo é fundamental para a formação inicial docente, afinal, é urgente combater os preconceitos com o espaço rural e romper com as ideias romantizadas e idealizadas sobre estes espaços. Acredita-se que uma formação docente realizada de forma crítica e reflexiva possibilita a valorização desse espaço e incentiva políticas para este meio.

Palavras-chaves: Formação docente, Educação do Campo, Geografia.

DESAFIOS DA ESCOLA ESTADUAL PADRE JOSÉ EPIFÂNIO NO CONTEXTO DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO

Mesa temática a la aspira participar: 25 – Educação do Campo e Rural e Relações com a Geografia na América Latina: concepções, práticas, identidades e territorialidades

Tipo de presentación: Ponencia

Oliveira Carvalho, Cilésia Maria de³⁵

Antunes-Rocha, Maria Isabel³⁶

Resumén

Este trabalho, parte de uma pesquisa em andamento, teve como motivação o impacto que o rompimento da barragem de rejeitos de minério de Fundão causou na Escola Estadual Padre José Epifânio Gonçalves – EEPJEG. Ocorrido em 05 de novembro de 2015 em Mariana, Minas Gerais, Brasil, sob a responsabilidade da empresa mineradora Samarco S/A, o rompimento foi considerado crime pelo Conselho Nacional dos Direitos Humanos em 2019 (Oliveira e Ferreira, 2020). “O rompimento causou devassamento ao longo da Bacia do Rio Doce, onde 19 pessoas morreram engolidas pela lama, além do impacto ambiental, social, cultural, econômico a saúde e a educação também foram atingidas. “O rompimento da barragem de Fundão (RBF), operada pela Samarco, em Mariana - MG, provocou a liberação de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos. O material formou uma onda de aproximadamente 10 metros de altura, que deixou um rastro de destruição e morte por onde passou. Dezenove pessoas faleceram e milhares de outras pessoas foram atingidas direta e indiretamente. Trabalhadores da Samarco e de empresas terceirizadas estão entre as vítimas desta tragédia. Houve destruição total de comunidades rurais, de terras férteis da agricultura familiar, além da contaminação de cursos d’água da região, atingindo toda a extensão do rio Doce e provocando danos a cerca de 500 quilômetros de distância do epicentro do rompimento” (Pinheiro, Polignano, Goulart, Procópio, 2019). Nesse trajeto encontramos atingida pelo RBF, a Escola Estadual Padre José Epifânio Gonçalves, localizada à margem do rio Gualaxo do Norte na cidade de Barra Longa, Minas Gerais. A escola atende majoritariamente estudantes pertencentes à população campesina que ao ser atingida pela lama de rejeitos, sofreu drasticamente danos no aspecto físico e pedagógico. No aspecto físico a escola teve o campinho de futebol; a horta; a quadra de esportes; o salão nobre; a biblioteca; os laboratórios de informática, química, física, matemática e ciências/biologia, completamente destruídos, bem como parte do arquivado da Secretaria, equipamentos diversos e todos os instrumentos musicais que estavam na parte baixa da escola e parte da rampa que dá acesso à parte baixa também foi atingida. O aspecto pedagógico foi afetado com o comprometimento do atendimento pedagógico, que teve as aulas suspensas por apenas uma semana, assim os professores e estudantes tiveram que conviver situações estranhas como o próprio espaço e ambiente da escola modificado em decorrência ao barulho; à grande movimentação de pessoas, veículos, máquinas pesadas, que se instalaram na escola e, até mesmo, de helicópteros que sobrevoaram a área após a chegada da lama, a queda do resultado da escola pode ser comprovada

³⁵ Mestranda da Linha de Pesquisa Educação do Campo. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Docência – PROMESTRE. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: cilesia.carvalho@educacao.mg.gov.br

³⁶ Professora Titular na Faculdade de Educação/UFMG Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo - NEPCampo/UFMG. E-mail: isabelantunes@fae.ufmg.br

quando comparamos os resultados do IDEB de 2015 com resultados de 2016, por exemplo.

Assim, essa pesquisa busca conhecer o que pensam, sentem e como agem os professores dessa escola em relação ao rompimento e suas práticas pedagógicas; identificar como aconteceu a relação do rompimento da barragem de Fundão com a oferta escolar, uma vez que muitos dos estudantes e funcionários foram atingidos mais de uma vez: uma em suas propriedades e residências e outra na própria escola; buscou também identificar se há um diálogo sobre o crime e a relação da mineração com a Educação do Campo e como acontece na escola, uma vez que a escola é uma escola do campo. A fim de analisar essas dimensões, utilizamos como base teórica dois eixos que amparam a discussão da pesquisa: Educação do Campo – Representações Sociais no contexto da mineração.

Com o propósito de compreendermos a Educação do Campo utilizamos três princípios da Educação do Campo (Oliveira, 2019): Projeto de Campo e de Sociedade; Escola de direitos e Protagonismo do povo e do contexto campestre. Esses princípios serão utilizados como indicadores para analisarmos as representações sociais apresentadas pelos professores da escola. Reconhecemos que o cerne destes princípios se baseia na compreensão do Projeto de desenvolvimento de Campo, a partir da Reforma Agrária, a fim de que a Educação seja um direito dos sujeitos do Campo, juntamente com o acesso e produção na terra, trabalho e justiça social (Carvalho, 2017). Buscamos aporte nas Representações Sociais (Moscovici, 1978; 2015) que nos oferece elementos para nos aprofundar no desenvolvimento desta investigação na qual evidenciamos nosso problema. Apoiamo-nos em Jodelet (2001) quando reconhece as Representações Sociais como sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros. Encontramos as Representações Sociais em Movimento (RSM) em Ribeiro e Antunes-Rocha (2018) que ressaltam que “uma representação social pode ser compreendida como conhecimento em movimento, dado que é produzida em um contexto também em movimento”. O amparo teórico sobre mineração vem baseado em Hunzicker (2019) quando afirma que “depois do RBF os professores são impelidos a alterar seus conhecimentos e práticas educativas, tornaram-se mais críticos sobre as práticas de extrativismo mineral, passaram a discutir esta temática em suas aulas”. A metodologia utilizada é a Análise Documental por meio das Atas de reuniões de Módulo II ou para complementação obrigatória da carga horária pelo professor de educação básica conforme previsto no Decreto Nº 46.125, de 4 de janeiro de 2013. Essas reuniões são realizadas semanalmente ou quinzenalmente com os professores. A Análise das Atas foi utilizada por ser considerada a maneira mais adequada para entender o lugar que a escola ocupa nesse processo de reconstrução e reconhecimento da vida e de como ela se relaciona com a mineração são motivos que justificam a importância da pesquisa proposta. Assim, podemos afirmar que os resultados a serem apresentados a partir dessa pesquisa, contribuirão para a discussão sobre a mineração e a Educação do Campo dentro dos espaços escolares bem como, entender quais representações sociais os professores apresentam sobre a escola e sua relação sobre a temática apresentada e quais movimentos foram identificados.

Palavras Chaves: Rompimento da Barragem de Fundão, Educação do Campo, Representações Sociais, escola, Barra Longa.

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: REPERCUSSÕES DAS PRÁTICAS DE EGRESSOS NO TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES GERAIZEIRAS

Tipo de apresentação: Ponencia

Martins, Maria de Fátima Almeida³⁷;
Leal, Álda Angélica Alves³⁸

A proposta apresenta resultados da pesquisa “Territórios, comunidades tradicionais do campo e desenvolvimento sustentável: repercussões das ações dos sujeitos formados pela licenciatura em Educação do Campo da UFMG no Norte de Minas”³⁹. A investigação tratou das repercussões das ações dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo - LECampo/UFMG, que atuam no município de Rio Pardo de Minas, tendo como objetivos identificar, sistematizar, mapear e analisar como estas são desenvolvidas no seu espaço de moradia, visando identificar quais repercussões são refletidas no território.

A metodologia da pesquisa consistiu em duas etapas: a primeira com pesquisa e leituras orientadas a partir do materialismo histórico dialético (FRIGOTO, 1989; GRAMSCI, 1991), sobre questões que envolvem a formação de professores, o desenvolvimento local e o território, trabalho e egressos como conceitos estruturadores da investigação. A segunda etapa foi dedicada às repercussões da formação, tendo como foco a experiência pessoal e profissional dos egressos da licenciatura em Educação do Campo de Rio Pardo de Minas (MG). Para isso, foram utilizados os seguintes procedimentos: rodas de conversa com egressos e estudantes da supracitada licenciatura, além de entrevistas narrativas com 12 egressos.

O propósito consistiu em pesquisar sobre repercussões das ações dos egressos do referido curso em seus territórios, compreendendo como repercussão ou reverberação a ação (individual e/ou coletiva) desenvolvida pelos sujeitos nos seus territórios. O sentido foi de também identificar qual ou quais dessas passam a ser consideradas como importantes e reconhecidas pela comunidade.

A fim de contextualizar a pesquisa, faz-se necessário indicar que o estado de Minas Gerais, um importante ente federado no contexto brasileiro, abrange uma área de 586.528 Km², com população total estimada, em 2021, de 21.292.666 habitantes, com uma densidade demográfica de 33,41 hab./km² (BRASIL/IBGE, 2020). É o 4º maior estado em extensão, o 2º maior em população e o 1º em quantidade de municípios (853) do Brasil.

O território do estado, além de abrigar uma parte significativa da produção agrícola mineira e brasileira – associada à modernização dos meios de produção na perspectiva da acumulação do capital, com o uso intenso dos bens naturais e da mão de obra assalariada –, é, também, espaço de diversos processos de lutas e Movimentos Sociais e Sindicais, que, por sua vez, produzem demandas por terra e, conseqüentemente, pela ampliação dos seus direitos, dentre eles, à Educação. Segundo Cleps Júnior (2007, p. 897), “registra-se em Minas Gerais atuação de cerca de vinte Movimentos Sociais e Sindicais organizados em torno de luta pela terra e água”, mesmo que, “alguns movimentos [tenham] atuação mais regionalizada, mas a maioria tem presença em todas as regiões do Estado”.

As movimentações em torno da conquista de direitos por parte dos camponeses nas últimas décadas

³⁷ Universidade Federal de Minas Gerais, email falmartins.ufmg@gmail.com

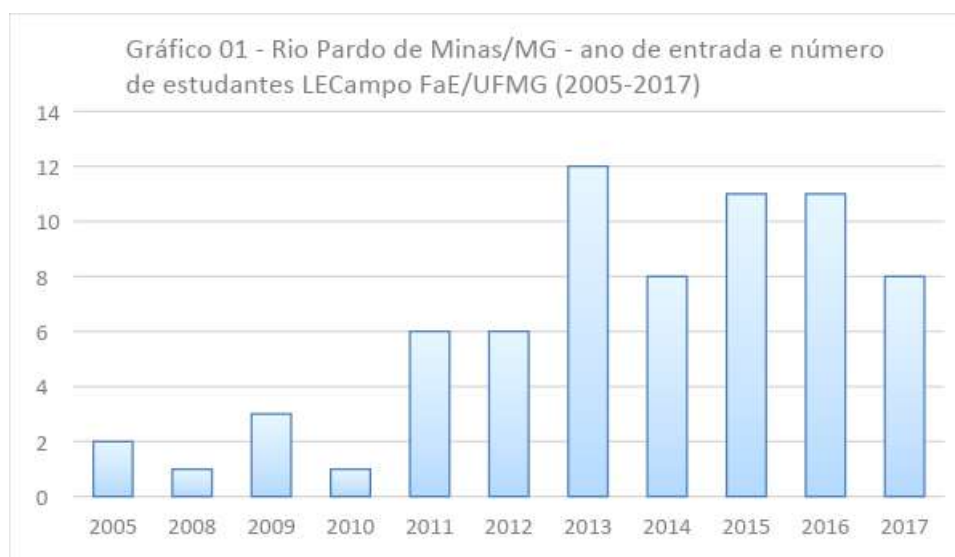
³⁸ Universidade Federal de Minas Gerais, email alidaufmg@gmail.com

³⁹ Esta pesquisa teve financiamento da FAPEMIG, por meio do processo APQ-01079-16

vêm se constituindo em ganhos na esfera da política pública quanto à conquista de terra, de moradia, de crédito, de acesso a equipamentos sociais como luz, água e tecnologia. Contudo, é consenso que o acesso à educação é condição estruturante, pois sem ela as demais ações ficam comprometidas em sua efetividade. Em Minas Gerais, em 2016 havia em 2015, 295 escolas do campo sendo que, 21 destas são EFAs (Escola Família Agrícola). Mesmo com esse quantitativo ainda há uma situação de não cumprimento do direito básico de acesso à escolarização por parte da população camponesa.

Rio Pardo de Minas, município mineiro com população estimada, em 2020, de 31.045 habitantes e que congrega questões antes explicitadas para o estado, com destaque para a presença de comunidades tradicionais que vem intensificando a luta por reconhecimento de seu território e modo de vida, vem se destacando quanto à inserção de estudantes nas licenciaturas em Educação do Campo – motivo pelo qual foi escolhido para investigação.

Os dados levantados pela pesquisa evidenciaram que há estudantes oriundos deste município cursando licenciatura em Educação do Campo em 04 universidades Federais mineiras (UFJM, UFMG, UFTM e UFV). Na UFMG, por exemplo, egressos e licenciandos estão distribuídos conforme Gráfico 01, totalizando 56 alunos entre 2005 e 2017.



Fonte: Dados da pesquisa

É importante destacar que, enquanto a UFMG realiza tal oferta desde 2005, as demais instituições passaram a receber alunos somente a partir de 2009, quando houve abertura de seus cursos com os editais do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PRO-NACAMPO), entre 2009 e 2012.

Esse movimento de formação para a docência do campo no município cria, conseqüentemente, um quantitativo de novos professores com qualidade na formação voltada para o ensino nas escolas do campo. Segundo dados do IBGE (2018), o quadro dos profissionais da educação no município é a seguinte: 239 docentes atuando no ensino fundamental, distribuídos em 22 escolas, e 90 docentes no ensino médio, em cinco escolas. Isso não significou imediatamente a entrada no quadro de profissionais da docência municipal. Esse é um dado importante revelado na pesquisa, indicando que as atuações dos egressos vão ocorrer em diferentes campos de trabalho, seja nas escolas ou fora delas, a exemplo dos sindicatos, autarquias do governo federal, associação de moradores, cooperativas, entre outros.

Ademais, como resultado da pesquisa, dois campos de atuação foram evidenciados: um referido às

práticas escolares, com egressos atuando como professores em escolas do campo (efetivos ou com contratos temporários), e outro constituído por práticas não escolares, com egressos atuando em associações comunitárias e sindicato, por exemplo. Neste sentido, as repercussões das ações dos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG em seus territórios, no caso em estudo, no município de Rio Pardo de Minas, particularmente nas comunidades tradicionais Geraizeiras, evidenciam presenças qualificadas, por meio de ações (individuais e coletivas) em espaços escolares ou não, na perspectiva da Educação do Campo entendida como luta por garantia de direitos dos povos camponeses aos seus territórios de vida, respeitando suas especificidades.

Palavras- chaves – Educação do Campo, Egressos, práticas, territorialidades.

MOVIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CAMPO DE PROFESSORES QUE ATUAM NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO BRASIL

Tipo de Apresentação: Apresentação Oral (Ponencia)

Érica Fernanda Justino⁴⁰

Maria Isabel Antunes-Rocha⁴¹

Este texto tem como objetivo apresentar parte dos resultados da pesquisa de doutoramento vinculada ao Programa de Doutorado Latino Americano da FAE/UFMG. Tal pesquisa buscou compreender a partir das Representações Sociais em Movimento (RSM), as formas de pensar, sentir e agir sobre o campo de professores que atuam na Formação por Alternância no Brasil e no Peru. As RSM configuram uma perspectiva de análise da Teoria das Representações Sociais (TRS). Jodelet (2001, p. 21-22) afirma que as Representações Sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Nessa direção, Antunes-Rocha, Carvalho e Ribeiro (2016) sinalizam que ao analisar as Representações Sociais na perspectiva do movimento, busca-se observar a dinâmica vivenciada pelos sujeitos em relação ao objeto pesquisado e o seu contexto social, considerados os tempos passado e presente, buscando apreender a construção das formas de pensar, sentir e agir e suas possíveis alterações. Tal apreensão busca localizar os movimentos representacionais gerados a partir da reestruturação dos processos simbólicos e relacionais dos sujeitos.

A escola vinculada à Pedagogia da Alternância possui um projeto de escola contra hegemônico que se compromete com as questões do universo camponês e tensiona os professores a posicionarem-se. Dessa forma, o estudo foi orientado pela seguinte questão: quais são os desafios vivenciados pelos professores ao terem que lidar com o universo camponês em uma perspectiva de fortalecimento dos modos de produção e reprodução para manter a agricultura e o modo de vida camponês?

O Brasil possui uma estrutura fundiária desigual, com uma disputa de projetos antagônicos para o campo, mas com características em comum, pois ambas são marcadas pela concentração de terras e pela negação de direitos. A disputa se faz porque são dois projetos que estão em tensão, criando propostas diferentes de acesso e uso da terra, empreendendo diferenciadas formas de luta, sendo que uma delas se relaciona à escola. Os camponeses reivindicam esse direito no lugar onde vivem e defendem um projeto de escola vinculado aos modos de produção e reprodução da vida no campo.

Como resultado dessa luta emerge a Pedagogia da Alternância como alternativa concreta de vinculação entre o projeto de escola e o projeto de campo e de sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa dialogou com os referenciais da questão Agrária, com os paradigmas da PA e da Educação do Campo e com a Teoria das Representações Sociais - TRS, a partir do conceito de Representações Sociais em Movimento, que vem sendo discutido pelo Grupo de Pesquisa em Representações Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais. As análises estão centradas na apreensão e compreensão do movimento presente nas formas de pensar, sentir e agir dos professores a partir de suas experiências profissionais, pessoais e das suas relações, tanto com o objeto analisado, quanto com seus contextos sociais. A pesquisa foi realizada com 06 professores que atuam na Escola Família Agrícola localizada no município

⁴⁰ Professora da Educação Básica, Mestre e Doutora em Educação pela FAE/UFMG. E-mail: ericafernanda28@yahoo.com.br

⁴¹ Professora titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, na FaE/UFMG. E-mail: isabelantunes@fae.ufmg.br

de Veredinha/MG. A metodologia utilizada foi de base contrastiva, os dados foram coletados a partir de questionários semiestruturados e entrevistas narrativas.

Os resultados contrastivos apontam para movimentos representacionais de reelaboração, de manutenção e de recusa. Assim sendo, o grupo que altera sua representação social sobre campo transita de um campo fadado ao fracasso para o reconhecimento do Campesinato enquanto projeto de campo pautado em direitos. Esse grupo de professores desenvolve práticas que fortalecem a Agricultura Familiar e os modos de viver e reproduzir a vida camponesa, demonstrando preocupação com o presente e o futuro do campo e da sociedade de maneira geral. Ademais, tem pressionado a matriz original da PA no contexto brasileiro expondo as contradições que cercam este contexto.

Outro grupo é composto por professores que se movimentam mantendo sua representação sobre campo. Este movimento acontece fundamentado em um campo vulnerável e conformado com sua situação histórica. Um terceiro grupo é composto por professores que se movimentam no sentido de recusar a novidade, mantendo sua representação social e, portanto, desenvolvendo uma prática que enfraquece o modo de vida e as lutas camponesas.

Os movimentos representacionais são construídos a partir das diferentes inserções desses sujeitos que lhes permite construir formas de pensar, sentir e agir em relação ao campo. O movimento das Representações Sociais se dá frente a elementos estranhos à sua compreensão, exterior ao cotidiano que provoca para mudanças por meio de uma necessidade de “tornar o insólito familiar” (MOSCOVICI, 2012, p.55).

O texto contribui teoricamente com a compreensão da TRS a partir da perspectiva do movimento, a partir da análise de experiências sobre objetos comuns em um contexto educativo geradores de mudança. Ademais, aponta informações que podem subsidiar políticas públicas de educação para o campo no contexto na Pedagogia da Alternância e em outros contextos educativos camponeses.

POBLACIÓN SHAWI Y EDUCACIÓN SECUNDARIA EN ALTERNANCIA, UN LUSTRO DE COMPARTIR EN BALSAPUERTO (PERÚ).

Tipo de presentación: Ponencia

Centurión Cárdenas Hugo Vidal⁴².

Resumen:

Los líderes Shawi del distrito de Balsapuerto (Loreto), promovieron la creación de escuelas secundarias para que sus jóvenes accedieran a ellas, hasta ese entonces solo el 3% había egresado del nivel secundario (INEI, 2016). El Centro de Formación Rural en Alternancia -CRFA-, llamados en el mundo Centros educativos familiares de formación por alternancia (CEFFA), llegó a cuatro comunidades del distrito de Balsapuerto en el año 2016, trayendo un modelo pedagógico nuevo para las familias, docentes y funcionarios educativos locales, quienes lo acogieron con entusiasmo en precaria infraestructura y equipamiento.

El modelo escolar de los Centros educativos familiares de formación por alternancia (CEFFA), prevé tanto la formación integral de las personas como el desarrollo de las comunidades en términos de finalidades, enfocándose en dos medios para lograr esto: la alternancia trabajo-estudio como enfoque pedagógico y la asociación local (García-Marirrodriga y Puig-Calvo, 2011).

La etnia Shawi, es una sociedad con una larga historia de contacto más o menos permanente con diversos otros actores de la sociedad peruana. No obstante esto, según Fuentes (1988), son una nación que ha logrado mantener, adaptándolas y redefiniéndolas, su identidad étnica y organización social. Percepción que es sostenida por Regan, J. (en Fuentes, 1988), cuando expresa que los Chayahuitas (Shawi) "... no perdieron su cultura autóctona; más bien han sido capaces de conservarla e incorporar elementos de su experiencia misional para reforzar su identidad y así sobrevivir como etnia". En momentos recientes, Gonzáles (2013), expresa sobre los Shawi "...pueblo de chamanes camuflados en el bosque, un pueblo emboscado"; Álvarez (2014), complementa que son la expresión de conexiones del período prehispánico con los pueblos indígenas actuales.

El territorio de la etnia Shawi, está vertiginosamente siendo incidida por cambios no vistos con anterioridad en el paisaje, costumbres e integración social intercomunal y con el espacio urbano. Signos del cambio son los siguientes: a) La conexión vial conformada por el uso de la quebrada, a través de balsa y canoa a remo, y precario camino peatonal, que implicaban organización social intensa y recíproca para el tránsito hacia mercados y centros de servicios; fue trastocada por botes impulsados a motor (1980), y por la precaria carretera hacia el mercado y los centros de servicios (2019), que no demandan organización social alguna en dos de las zonas atendidas por CEFFA; b) Agrupamiento poblacional para ser reconocida como comunidad indígena (1996), que favoreció servicios de agua entubada y panel solar como energía en las viviendas (2019); ha sido trastocado por la pandemia del COVID 19 (2020-21), que dispersa a las familias en el bosque para el no contagio y la provisión de remedios naturales; el COVID 19 también ha explicitado el conocimiento medicinal propio, oculto a raíz de la matanza de curanderos en el año 2011; y c) el servicio educativo: En la década de los 80's se instalan las escuelas primarias, y en el año 2016 se inicia el servicio educativo secundario, que debe

⁴² Doctorando en Doctorado en Humanidades con Mención en Estudios sobre Cultura - III Edición, Universidad de Piura - Perú, e Investigador en Grupo Internacional de Investigación y Reflexión sobre Alternancia (GIIRA) de la Universidad de Sherbrooke, AIMFR y Fundación ONDJYLA. hugo.centurion@alum.udep.edu.pe

proveer una formación productiva empresarial con gestión ambiental que permita sostener los recursos naturales del territorio.

Aunque existen varios estudios en relación con la pedagogía de alternancia, pocos estudios científicos se han centrado en los CEFFA; generalmente son descriptivos y se relacionan con un CEFFA o un territorio limitado, con énfasis en uno u otro componente del sistema. La ponencia a presentar es el resultado de un proyecto de investigación original destinado a identificar los aportes de los cuatro CEFFA de Balsapuerto, a través de todas las dimensiones de este modelo (formación integral, alternancia, asociación local y desarrollo local) a la etnia Shawi que lo ha acogido, generando una promoción de egresados en el primer lustro de convivencia (2016-2020), y a la satisfacción que la comunidad educativa de este pueblo indígena amazónico tiene en relación a la educación en alternancia.

La investigación se hizo a través de dos fases. La primera, en el período 2019 – 2020, con acercamiento a las percepciones de los diferentes actores mediante técnica de entrevistas informales y observación participante; y la segunda, en el período 2020 – 2021, de aplicación de una encuesta a diversos actores y sobre todas las dimensiones del modelo CEFFA.

La finalidad de esta ponencia, en el marco de una investigación doctoral, es describir la incidencia e impacto de los CEFFA en el distrito de Balsapuerto. La pregunta que tratamos de responder es: ¿Cómo la aplicación del Modelo Educativo en Alternancia creado para las zonas rurales, permite educar a los jóvenes y adolescentes y procurar el desarrollo sostenible de la etnia Shawi?

Asimismo, diferenciar el nivel de aplicación considerando contextos territoriales diferenciados desde variables de conectividad vial e incidencia intercultural; configurándose cuatro territorios distintos, cada uno incidido por un CEFFA: 1. Territorio incidido significativamente por carretera y relaciones fluidas de mercado; 2. Territorio indígena incidido por carretera y migrantes mestizos; 3. Territorio con conectividad fluvial precaria; y 4. Territorio con precaria conectividad fluvial y terrestre, adentrada en el bosque.

Palabras clave: Alternancia educativa, indígena, territorio e impacto.



MESA 26

MESA 26: GEOGRAFÍAS INDÍGENAS: MOVILIZACIONES, TENSIONES Y LUCHAS TERRITORIALES EN LATINOAMÉRICA

Coordinadores: Cardozo, L.; Palladino, L.; Mansilla Quiñonez, P.; nAlkmin, F. M.; Tulián, M.

MESA 26: GEOGRAFÍAS INDÍGENAS: MOVILIZACIONES, TENSIONES Y LUCHAS TERRITORIALES EN LATINOAMÉRICA

Coordinadores: Cardozo, L.¹;

Palladino, L.²;

Mansilla Quiñonez, P.³;

Alkmin, F. M.⁴;

Tulián, M.⁵

Desde las últimas décadas del siglo XX se observa una creciente movilización política y territorial indígena en América Latina. Estas movilizaciones expresan procesos de luchas por la ampliación de la autonomía y la construcción identitaria en escenarios de invisibilización, reivindicaciones por los derechos territoriales ancestrales, tanto en espacios urbanos como rurales. En este marco, las geografías indígenas latinoamericanas vienen siendo un campo en construcción y expansión. De esta manera, el eje de trabajo que deseamos abordar se nutre de las siguientes temáticas que se encuentran (de) marcando una nueva espacialidad conflictiva y a la vez creativa para la disciplina. Desde el punto de vista teórico proponemos reflexionar sobre los enfoques inter/transdisciplinarios de la cuestión indígena en América Latina, tomando como referencia la amplitud de perspectivas y abordajes: estudios decoloniales, históricos, marxistas, libertarios, feministas y de la ecología política, entre otros. Desde el punto de vista metodológico, abogamos por una reflexión de las metodologías participativas, cartografías sociales, estudios biográficos, etnografías dialógicas, historia oral, la relación y tensión entre la academia y las comunidades que surgen desde las diversas intervenciones y el trabajo de campo. Desde el punto de vista pedagógico, proponemos reflexionar sobre la enseñanza de la Geografía, la crítica a los abordajes geográficos tradicionales y el rol de la formación escolar indígena. En cuanto a la modalidad de presentación de trabajos, además de los estipulados, se aceptan diversos formatos y performances.

¹ Instituto de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional del Litoral - CONICET (Argentina). E-mail: cardozo.lucas@gmail.com

² IDACOR/CONICET Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). E-mail: zpalladino@hotmail.com

³ Instituto de Geografía - Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (Chile). E-mail: pablo.mansilla@pucv.cl

⁴ Universidade de São Paulo (Brasil). E-mail: fabiogeo@usp.br

⁵ Comunidad Indígena Tulián San Marcos Sierras - Proyecto de Extensión “Tierra de Comechingones”, Universidad Nacional de Córdoba (Argentina).

AUTONOMIAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: ATUALIDADE E IMPORTÂNCIA DO FENÔMENO PARA A GEOGRAFIA

Fábio Márcio Alkmin⁶

Identifica-se, desde o final da década de 1970, uma emergência étnica em grande parte dos países latino-americanos (BENGOA, 2007). Tal fenômeno – cultural, econômico e sobretudo político – impulsionou o fortalecimento de diversas identidades indígenas que estavam até então invisibilizadas pela hegemonia da identidade nacional, diga-se de passagem, forjada a duras penas pelos Estados Nacionais ao longo do século XIX e boa parte do XX.

Se nas décadas anteriores os atores indígenas amparavam suas demandas políticas na lógica da tutela e do indigenismo estatal, hoje, quarenta anos depois, seus discursos reivindicatórios questionam a representatividade indígena no sistema partidário e disputam os mais variados campos de poder. Utilizando-se de conceitos como *território*, *autodeterminação* e *autogestão*, presenciamos na atualidade a criação e o fortalecimento de diversas estratégias autonômicas por parte dos povos indígenas latino-americanos. Frente à incorporação, por parte do sistema capitalista, de novas áreas para a exploração de recursos naturais e a expansão do agronegócio, estas estratégias vêm sendo cada vez mais utilizadas como forma de defesa identitária e territorial.

De maneira sintética, podemos entender a autonomia como uma estratégia de resistência aos processos de colonização contemporânea. Para Raul Zibéchi, a autonomia vem sendo a forma que os povos indígenas encontraram para continuar sendo povos, enfrentando a tendência do capital em homogeneizar culturas e paisagens, em prol de sua reprodução ampliada (ZIBECHI, 2021). A autonomia diz respeito, assim, à capacidade de um grupo estatuir e deliberar sobre sua vida social – o que inclui suas formas de governo, seus dispositivos de reprodução material e simbólica, seus regimes de intercâmbio e, claro, o uso e ocupação de seu território – opondo-se, portanto às políticas de cunho integracionistas e/ou tutelares heterônomas (ALKMIN, 2017).

Não há um modelo único de autonomia para todos os povos, pois esta estratégia se manifesta de inúmeras formas e com variados graus de profundidade. Utilizando uma metáfora do antropólogo Gilberto López y Rivas (2020), a autonomia é como um tecido que toma o contorno do corpo social a qual o recebe, isto é, sua forma sempre dependerá das particularidades dos sujeitos envolvidos. A retomada de aspectos da cultura, da saúde, do idioma, de grafismos, a comunicação, a educação, a alimentação, a vigilância territorial, a segurança e justiça das comunidades, entre muitas outras formas, são manifestações que podem ser lidas pela ótica da autonomia, isto é, processo autogestionados, comunitários e territorializados.

É importante mencionar que ainda que os povos indígenas no Brasil possuam direitos territoriais assegurados constitucionalmente, veem-se na atualidade praticamente desamparados pelo Estado brasileiro. No ano de 2020, o Centro de Documentação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) registrou 178 ocorrências de invasões de territórios indígenas no Brasil, atingindo 55.821 famílias. Para se ter ideia do aumento desse fenômeno, em 2019 a CPT havia registrado 9 ocorrências de invasões, en-

⁶ Fábio Márcio Alkmin é geógrafo e doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, na Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisa sobre autonomias indígenas na América Latina, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, processo nº 2018/22226-4. É membro do Grupo de Trabalho da CLACSO “Pueblos Indígenas, Autonomías y Derechos Colectivos”. E-mail: fabioge@usp.br

volvendo 39.697 famílias. Portanto, o aumento do número de ocorrências de 2019 para 2020, ano da pandemia, foi de mais de 1800% (CPT, 2020). Conforme a organização internacional Global Witness, o Brasil é o terceiro país mais letal do mundo para ativistas ambientais, só atrás de Filipinas e Colômbia, sendo que 90% dos casos ocorreram na Amazônia, onde a destruição de terras indígenas vem se acelerando⁷.

Como é sabido, a expansão do capital na região amazônica a partir da ditadura civil-militar brasileira trouxe consigo transformações socioespaciais de grande magnitude, sobretudo pela expansão do agronegócio, das atividades de mineração (legais e ilegais) e pelo desenvolvimento de megaprojetos de infraestrutura e reordenação territorial, como a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA) (PORTO-GONÇALVES, 2017). Tais projetos vêm sendo impulsionados pelo atual governo federal brasileiro, mediante a militarização da região e do paulatino desmonte das instituições indigenistas e ambientais, bem como mudanças na legislação por parte da chamada “bancada ruralista”, no Congresso Federal⁸.

Nosso objetivo na exposição é demonstrar que embora muitas vezes invisibilizada, a práxis autonômica vem se fortalecendo entre os povos indígenas amazônicos nas últimas duas décadas. Em nossa pesquisa sobre o tema identificamos diversas estratégias autonômicas de territorialização ainda pouco estudadas pela Geografia, embora sejam completamente “geográficas”. A título de exemplo podemos citar, entre outros, a realização de autodemarcações e retomadas territoriais, a criação de grupos de vigilância comunitários, o autofinanciamento territorial, a elaboração de programas educacionais autogestionados e a construção de Protocolos Autônomos de Consulta (para uso no âmbito da Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho). Buscaremos traçar um breve panorama destes mecanismos de territorialização indígena em nossa apresentação, trazendo experiências contemporâneas na Amazônia Legal brasileira. Além disso, como forma de aproximar a audiência a tais processos, apresentaremos uma parte do minidocumentário “Autonomia Maró”, gravado em março de 2020, em nosso trabalho de campo na Terra Indígena Maró (Pará, Amazônia brasileira). Disponível em: <https://youtu.be/AjvQp6VYB4c>.

Palavras-chave: Autonomia, Povos Indígenas, Território, Amazônia, Geografia.

⁷ Conferir reportagem do El País: “Brasil é o terceiro país mais letal do mundo para ativistas ambientais, só atrás de Filipinas e Colômbia”. Publicada em 28.jul.2020. Disponível em: <https://bit.ly/32rdjA6> Acesso em 14.fev.2021.

⁸ A bancada ruralista, como ficou conhecida a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), é um grupo temático e suprapartidário que representa e defende os interesses do agronegócio e, de modo geral, dos grandes proprietários de terra. Atualmente a bancada ruralista é uma das mais influentes no Congresso Nacional brasileiro, contando na atual Legislatura (2019-2022) com 195 Deputados Federais (38% do total) e 32 Senadores (28% do total).

A REDE DE COMUNICADORES INDÍGENAS WAYURI: VALORIZAÇÃO DA CULTURA E LÍNGUAS INDÍGENAS NO AMAZONAS

Jéssica Cristina Lozovei⁹

Cultura e comunicação estão intimamente ligadas, seja quando tratamos de culturas de massa ou mesmo aquelas utilizadas pelas minorias para representar as suas vivências. De acordo com Claval (2001, p. 63) a cultura não se apresenta como algo fechado e imutável, mas “transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio”. Ela é também o acúmulo dos valores adquiridos ao longo da vida dos indivíduos, transmitida por gerações.

Há tempos os meios de comunicação têm sido utilizados por sujeitos invisibilizados (movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais e aos moradores de regiões periféricas das cidades). Dessa forma, esses indivíduos precisam buscar alternativas e meios para fazer com que suas vozes sejam ouvidas, e a comunicação popular e comunitária se mostra como aquela que “defende valores que são opostos aos valores do capital” (GIANNOTTI, 2016, p. 27).

Quando se trata dos povos indígenas há alguns princípios que também fazem parte dessa motivação por trás da comunicação popular e comunitária: o fortalecimento de suas diferentes culturas, falar sobre conflitos e gestão territorial, demonstrar invisibilidades que o Estado gera, organização de atividades, entre outros. No Brasil os meios de comunicação começaram a ser mais usados pelos indígenas no final do século XX, apesar de não haver dados sobre a quantidade de rádios, web rádios ou *podcasts* que são produzidos no país, houve uma expansão das mídias indígenas devido a um barateamento dos equipamentos usados, concomitante ao surgimento de novas conexões via satélite para as áreas mais distantes (FIGUEIREDO, 2015).

Nessa perspectiva, cita-se a criação, em novembro de 2017, da Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro Wayuri, com sede no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, a qual foi o alvo deste estudo. O município localizado no Alto Rio Negro possui indígenas de 22 etnias (ISA e FOIRN, 2005), sete Terras Indígenas e uma população estimada de 45.564 em 2019 (IBGE, 2019), sendo considerada a cidade mais indígena do Brasil.

Assim, delimitam-se os sujeitos deste trabalho, que visou compreender e sistematizar o uso da comunicação popular indígena, a partir da experiência do boletim de áudio Wayuri (produzido pela Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro com o apoio do Instituto Socioambiental). Para isso, foram ouvidas 12 edições de *podcasts*, disponíveis na *SoundCloud*, entre novembro de 2017 e dezembro de 2018. Desta forma, dando atenção aos temas compartilhados pelas comunicadoras e comunicadores, quais os idiomas falados, a quais etnias pertenciam, entre outros aspectos. Para este trabalho, se dará ênfase somente ao que refere às etnias e idiomas retratados no boletim de áudio, para explanar a diversidade encontrada ali.

Como resultados, foi percebida uma maioria significativa de comunicadores e comunicadoras oriundos da etnia Baré, que apareceram em notícias 19 vezes ao longo do período estudado (2017-2018). Também houveram indígenas pertencentes a outras etnias do Alto Rio Negro, tais como: Tariano (16), Baniwa (13), Tuyuka (10), Wanano (9), Yanomami (7), Tukano (7), Desano (4), Dow (1), Lanawa (1), Miraña (1), Pira Tupuya (1) e não identificados/não indígenas (11).

⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), jessicalozovei@gmail.com

Enquanto há mais de 12 etnias de comunicadores e comunicadoras integrantes da Rede Wayuri, somente foram observados 7 idiomas indígenas usados durante as edições estudadas. O português ainda é abundante na programação do boletim Wayuri, sendo utilizado ao menos 91 vezes, seguido pelo idioma Yanomami (6), Espanhol (3), Tuyuka (2), e os demais Baniwa (1), Dow (1), Nheengatu (1), Tukano (1), Tuyuka (1), vários idiomas e/ou não citados (1).

Comparando os dois dados, percebe-se que nenhum indígena comunicador da etnia Baré falava o seu idioma, mesmo sendo a maioria entre todos os comunicadores e comunicadoras da Rede Wayuri. Da mesma maneira, praticamente todas as sete notícias faladas sobre os Yanomami foram faladas em seu idioma, com exceção de uma. De acordo com o Atlas Mundial das Línguas em Perigo (Atlas of the World's Languages in Danger) produzido pela UNESCO, há 190 no Brasil que estão em perigo de extinção, das 274 existentes (IBGE, 2019). Assim, nota-se a partir dos dados obtidos a homogeneização para o português, ao menos nesse meio de comunicação.

A experiência da Rede de Comunicadores Indígenas Wayuri demonstra uma diversidade étnica no que se refere à apropriação dos meios de comunicação comunitários no Alto Rio Negro. A multiplicidade de comunicadores e comunicadoras é grande, o que denota também a relevância do uso dessa ferramenta pela população. Em uma entrevista realizada com A. (identidade preservada), um dos fundadores da Rede Wayuri, ele comentou sobre a importância dessa experiência de comunicação, que entre muitas ações, é uma forma de existência, de comunicar, valorizar a cultura e principalmente a língua, pois há comunicadores que não falam mais a própria língua mãe, sendo importante esse resgate. Evidencia-se assim o uso dos meios de comunicação comunitários para se chegar a diferentes Terras Indígenas, públicos de diversas idades, e assim, contribuir para esse resgate da ancestralidade. Assim, entende-se parte do processo de retomada dos idiomas indígenas, que tem sido pauta entre a juventude indígena, e que é incentivada a partir da comunicação comunitária em espaços coletivos. Experiências como o Boletim Wayuri são uma importante ferramenta de resistência e existência, mostrando como os povos do Alto Rio Negro mantêm as suas culturas, costumes e vivências.

Palavras-chave: comunicação popular, movimentos indígenas, Rede Wayuri, línguas indígenas.

PENSAR LA SUSTENTABILIDAD DESDE LA AUTONOMÍA INDÍGENA: EL CASO DE LA REAPROPIACIÓN TERRITORIAL Y EL MANEJO FORESTAL COMUNITARIO EN CHERÁN, MICHOACÁN, MÉXICO

Mónica Piceno Hernández¹⁰

Cherán es una comunidad purépecha del estado de Michoacán, en México, que desde el año 2012 se rige mediante un gobierno por usos y costumbres. Por medio de esta forma de gobierno se ha vuelto un referente político que apunta a la realización de una autonomía indígena a nivel regional. Esta particular situación política fue posible luego del movimiento de defensa de sus bosques comunitarios, que estalló el 15 de abril de 2011, en un enfrentamiento entre habitantes locales y talamontes. El conflicto socioambiental derivó del incremento de la tala clandestina acompañada de un despliegue territorial violento del crimen organizado que, entre los años 2007 y 2011, dañara aproximadamente 9 000 hectáreas forestales, incluyendo lugares de alto valor cultural y ambiental, cobrando incluso la vida de comuneros y comuneras que reorganizaron la defensa de los bosques. Tras dicho enfrentamiento y varios meses de organización popular, Cherán logró retomar el control de su territorio y de sus bosques, mediante un proceso de subjetivación política que retomara la reivindicación de la autonomía indígena en respuesta a la violencia y el extractivismo forestal de largo historial en la región purépecha. Al deshacerse de los partidos políticos e instituir el *Gobierno K'eri*, la comunidad retomó e innovó la tradición indígena de los gobiernos regidos por medio de consejos, reorganizando con ello la estructura política a escala local. En este contexto se visualizan algunos términos en los que se puede desarrollar un manejo forestal sustentable en conjunto con el cuestionamiento al tipo de desarrollo que la comunidad desea. Este trabajo aborda la dimensión espacial y socioecológica del conflicto en Cherán, mediante el análisis de la reapropiación territorial lograda a partir de la autonomía indígena y su relación con una conceptualización comunitaria de la sustentabilidad. Para ello, analizaré el modelo comunitario de manejo forestal de Cherán, haciendo énfasis en las transformaciones que ocurrieron desde la instauración del gobierno comunitario. Me enfocaré en el entendimiento de las relaciones de género y poder en torno al manejo forestal, así como de las conceptualizaciones de sustentabilidad enlazadas con la territorialidad y la identidad purépecha. El presente escrito reúne reflexiones surgidas a lo interno de dos talleres de cartografía participativa realizados en los años 2014 y 2015, así como entrevistas semiestructuradas, historias de vida y bitácoras de observación participante realizadas de manera intermitente entre 2014 y 2020. También retomo los análisis de imágenes de satélite disponibles, que dan cuenta de algunos cambios en el estatus de la cobertura forestal de la región.

Palabras clave: autonomía indígena, manejo forestal comunitario, reapropiación territorial, sustentabilidad

¹⁰ Alumna del Doctorado en Ciencias de la Sustentabilidad, UNAM, Campus Morelia, México; Contacto: mpiceno@iies.unam.mx

EL EXILIO DE JUYÁ: GEONARRATIVAS DEL AGUA EN LA MEMORIA INDÍGENA FRENTE AL CAMBIO CLIMÁTICO, EN LA GUAJIRA VENEZOLANA

José Ángel Quintero Weir¹¹

Pablo Mansilla-Quñones¹²

Andrés Moreira-Muñoz¹³

El antropoceno anuncia la crisis ambiental contemporánea como el síntoma del horizonte agotado de la retórica de la modernidad frente a la relación dicotómica entre naturaleza/cultura. Sus consecuencias se evidencian especialmente en territorios indígenas, donde el capitalismo intenta imponer una forma de uso y visión hegemónica de la naturaleza como objeto de conquista, afectando las formas de ser, saber y estar con/en el territorio, para justificar el epistemicidio y el ecocidio de los saberes, haceres y senti-pensares ambientales (Escobar, 2014). El momento actual exige la búsqueda de otras epistemologías y geonarrativas sobre la relación naturaleza/cultura para construir territorialidades alternativas frente a un horizonte marcado por la desesperanza. En este trabajo enfrentamos este desafío desde una perspectiva cultural crítica basada en el conocimiento indígena Wayúu y su relación con el territorio hidrosocial en la Guajira venezolana. A partir de un largo proceso de investigación acción participativa que hemos desarrollado desde el año 2014 junto a organizaciones jóvenes indígenas, con quienes hemos llevado a cabo talleres de producción cartográfica indígena, y con quienes hemos desarrollado trabajos de campo en los territorios ancestrales. Para estas experiencias hemos utilizado metodologías de investigación acción participativa, registros de oralituras apoyados en cartografía indígena. Los resultados nos permiten describir las geonarrativas Wayuu frente al cambio climático a partir de las oralituras de sus ancianos, trazando un camino en la búsqueda del pluriverso que se articula desde los bordes de la modernidad en la perspectiva indígena (Blaser y De la Cadena, 2018). Además de los resultados específicos que hemos logrado obtener desde la perspectiva Wayuu, en esta presentación nos proponemos discutir y proponer las ideas de “geonarrativas” indígenas, como un modelo comprensivo de la relación que emerge entre oralidad, memoria, territorio y territorialidad de los pueblos originarios. Para lo cual partimos de la idea de que territorializar un espacio geográfico implica, de entrada, la visualización del mismo en virtud de imágenes colectivamente significativas, queremos decir, las imágenes que vemos o creamos acerca del espacio son valoradas con una significación que es el resultado de nuestra interacción con los elementos que constituyen la imagen; Así, imagen y experiencia se constituyen en cuerpo imaginario con el que el grupo humano va tejiendo su memoria territorial.

Esta relación entre imagen y experiencia en el proceso de territorialización se contextualiza en el lugar/tiempo donde la experiencia/imagen ocurre, de tal manera que experiencia-imagen-lugar/tiempo se torna una relación indisoluble en tanto significación para los sujetos y, por esa vía, en marca territorial

¹¹ Dr. j qarostomba@gmail.com Profesor de la Universidad de Zulía. Proyecto ANID MEC 80190104 “Cartografías de la memoria: desplazamientos territoriales, reconfiguración de territorialidades y memoria oral de las comunidades”.

¹² Dr. pablo.mansilla@pucv.cl Instituto de Geografía, Pontificia Universidad Católica de Chile. Director Grupo Territorios Alternativos www.territoriosalternativos.cl

¹³ Dr. Andres.moreira@pucv.cl Instituto de Geografía, Pontificia Universidad Católica de Chile. Director Grupo BIOGEOART www.biogeoart.cl

del grupo que la incorpora a su memoria, ya por sus implicaciones materiales o simbólicas para el hacer de la comunidad.

El proceso de registro de las imágenes-experiencias como memoria territorial de un grupo se procesan mediante la elaboración de una narrativa de la experiencia simbólicamente construida, en la que los elementos simbólicos se encargan de fijar en el relato el proceso de apropiación del lugar/tiempo y su importancia material o simbólica del mismo para el despliegue o ejercicio de la territorialidad del grupo. Así, la narración va a dar cuenta de la epifanía de la imagen en el contexto de la experiencia y es esta relación lo que orienta su significación colectivamente acogida o asumida al tiempo que el lugar/tiempo del suceso es incorporado, narrativamente cartografiado ya como parte del territorio de un grupo social. Así, creemos que desde la perspectiva de los pueblos indígenas el mapa de sus territorios cobra cuerpo en la saga narrativa de sus experiencias territoriales generalmente condensadas en los nombres otorgados a los lugares/tiempo que en su expresión generalmente resumen la relación entre imagen y experiencia durante el proceso de territorialización. Así, el mapa, la cartografía del territorio de los pueblos está no sólo en su toponimia, sino en la narrativa que tal toponimia contiene como cuerpo de la memoria territorial de los pueblos; por tanto, del cuerpo mismo de los sujetos de tal manera que la memoria va más allá del “recuerdo” pues se trata de la relación sujeto-territorio condensado en la imagen-experiencia originaria expresada en un nombre y un relato como cartografía.

De estas oralidades enraizadas en el territorio, se abre el camino para pensar la preservación tanto del relato como de la comunidad en el cual este se pronuncia, abriendo la posibilidad para que el agua vuelva a fluir y el paisaje biocultural se mantenga para las futuras generaciones. Pensamos que estas otras narrativas pueden ayudar a diseñar caminos alternativos al antropoceno, y también un camino hacia una geografía transdisciplinaria. Como señala Donna Haraway (2015), “necesitamos historias (y teorías) que sean lo suficientemente grandes para recoger las complejidades y mantener los bordes abiertos y ávidos de conexiones nuevas y antiguas sorprendentes”. Llamamos a estas “otras historias” sobre la relación naturaleza-cultura desde la perspectiva de metodologías descoloniales como la geonarrativa y oralidades descoloniales, construidas a partir de otras cosmovisiones y sentimientos sobre el mundo para actuar sobre el desafío ambiental contemporáneo.

Palabras clave: Geonarrativas; Cartografía indígena; Memoria Territorial; Oralidad.

GEOGRAFÍA INDÍGENA ARGENTINA. DEBATES EN TORNO A LA INVISIBILIZACIÓN, LA POBREZA Y EL AUTORRECONOCIMIENTO

Rosso, Inés¹⁴

Resumen

Existe un amplio consenso en el marco de investigaciones indígenas latinoamericanas sobre la fuerte correlación observada entre indigenismo y pobreza, cuyas explicaciones están sin dudas ancladas en los procesos históricos y políticos que desvincularon a los pueblos originarios del control de sus territorios, los sometieron a situaciones de explotación inconmensurables, desmembraron a sus comunidades masacrando a sus poblaciones y los relegaron a los márgenes de la sociedad en el marco de la consolidación de los estados nacionales.

En Argentina, el proceso de génesis y creación del Estado nación, evidencia una intencionalidad de exterminio e invisibilización perpetuada por diferentes dispositivos, no solo a través de las matanzas, sino también por medio de procesos de sometimiento, concentración, deportación, distribución y explotación de los pueblos indígenas (Delrio et al, 2018). Situaciones que lejos de terminar hacia fines del siglo XIX, se condensan en el esfuerzo por construir y difundir un estereotipo de lo indígena que le permita al Estado naciente perseguir, reprimir y violentar a la supuesta potencial amenaza que los pueblos originarios significaban contra la integridad nacional y el anunciado progreso civilizatorio de los territorios nacionales.

El siglo XX no transformó esta situación. Hechos como la brutal matanza ocurrida en Santa Cruz en el marco de las huelgas rurales en los establecimientos ganaderos de 1920-1921, difundido como la Patagonia Rebelde (Bayer, 1972), los episodios de San Javier, en el Chaco santafesino hacia 1905, la Matanza de Napalpí en 1924 y las violentas represiones en Pampa del Indio y El Zapallar en 1933, en la actual provincia de Chaco sufridos por los pueblos Qom y Mocoví (Ubertali, 2013 [1987]), constituyen hitos de los crímenes ejecutados contra los originarios argentinos que se negaban a seguir siendo explotados del modo más grosero. Incluso mediando ya el siglo XX el pueblo Pilagá tuvo su violenta correlación en 1947 al perpetrarse la Masacre de Rincón Bomba en el entonces Territorio Nacional de Formosa (Mapelman, 2015), como una muestra más de la práctica genocida sostenida, cuyas salvajes matanzas se extendieron aún más allá de la etapa de las campañas militares, cuando desde el Estado ya se presumía una supuesta integración pacífica (Mapelpan y Musante, 2010).

Estos procesos se fueron acuciando y haciéndose cada vez más devastadores hasta el día de hoy, confirmando la premisa de que fue el Estado argentino en formación el que decidió borrar unilateralmente la experiencia de conocimiento y trato mutuo que lo precedió (Lenton, 2005).

El factor común de estos avasallamientos fue el despojo territorial. A medida que se realizaban las mensuras y se entregaban a la oligarquía local y al capital extranjero las tierras más valiosas, la población indígena era desplazada, exterminada u obligada a incorporarse al trabajo asalariado en las estancias, obrajes e ingenios. Así, se fortalecía la invisibilización de las poblaciones indígenas que dejaban de ser nombradas como tales para transformarse en pequeños productores de subsistencia o en trabajadores rurales. Más tarde, la expulsión de la población del campo a las ciudades, continuó construyendo la idea de desaparición de lo indígena, imponiendo una visión de incompatibilidad de

¹⁴ CIG - IGEHCS FCH/CONICET UNCPBA, Argentina; irosso@fch.unicen.edu.ar

reproducción de la cultura originaria en el contexto urbano. Habitar las ciudades pasó a ser una condición asumida forzosamente y en desigualdad de oportunidades, lo cual determinó la configuración de un patrón que vincula de manera compleja a pueblos indígenas y pobreza, producto de este trato diferencial, discriminatorio y de disciplinamiento social ejercido por siglos.

No cabe dudas que la población indígena no ha tenido ni tiene las mismas oportunidades de empleo y acceso a los servicios públicos, a la protección de la salud, a la educación y a la administración de justicia que otros grupos sociales (Cimadamore et al, 2006). Sin embargo, esta afirmación no implica que toda persona que se reconoce indígena sea pobre. Esta historia de sometimiento y violencias ha fomentado la creación de un imaginario que refuerza concepciones y prácticas discriminatorias, creando generalizaciones que entranpan hasta las mismas luchas y reivindicaciones indígenas. La compasión que genera el reconocer el genocidio indígena y la situación de exclusión y vulnerabilidad en la que el Estado nacional posicionó a los pueblos, muchas veces se contraponen a la fuerza emancipatoria de los pueblos y con la imposibilidad de reconocer y valorar procesos de resistencia y lucha que se traducen en reclamos de autonomía, autodeterminación y reformulación de las relaciones de los pueblos indígenas con el Estado.

Si bien los estudios sobre la pobreza nos ayudan a comprender las consecuencias del despojo de los territorios ancestrales y la condición de desventaja en la que se los ha posicionado a los pueblos indígenas en la construcción de los Estados nacionales, no alcanza para comprender la complejidad del mundo indígena e incluso nos ubica en el lugar de perpetuadores de esta situación, alentando la idea de inferioridad y de jerarquización de los grupos sociales, e incluso fortaleciendo el imaginario de invisibilización frente a la incompatibilidad aparente de ser indígena y habitar dignamente las ciudades, acceder a estudios superiores, ejercer como profesionales, etc. El riesgo de caer en esa estigmatización en el intento por reivindicar los derechos indígenas, nos aleja del anhelo de una sociedad que se autoreconozca indígena, que se defina en función de sus raíces y construya un horizonte menos hostil y que cobije igualitariamente la multiplicidad de naciones.

Se presenta entonces en este trabajo un estudio preliminar sobre la relación entre la pobreza y el autorreconocimiento indígena, en el que se evidencia por un lado que la vulneración de los derechos territoriales de los pueblos indígenas constituye la matriz de una historia de despojo sobre la que se construyó el Estado nacional, lo cual está directamente vinculado a las situaciones de desventaja que estos padecen. Por otro lado, se pone a consideración el hecho de que no hay una correlación cuantitativa entre la variable de pobreza crónica propuesta por Gasparini et al (2019) y la población que se reconoce miembro o descendiente de pueblos indígenas (INDEC, 2010), lo cual, más allá de las consideraciones metodológicas del último Censo que serán tenidas en cuenta, puede evidenciar que la eventual estigmatización producto de una asociación lineal entre indígenas y pobreza, refuerza el proceso de invisibilización y obstaculiza el autoreconocimiento.

Bajo esta hipótesis de trabajo, que continúa siendo explorada más allá de los resultados que aquí se presentan, la cuestión de la autodeterminación de los pueblos emerge como un aspecto central para entender el desafío socioeconómico de la reducción de la pobreza. Se sugiere que uno de los principales obstáculos en la construcción de sociedades más justas es, precisamente, la falta de reconocimiento y los niveles concretos de autodeterminación indígena, lo cual permitiría concretizar otras formas posibles de existir y habitar, posicionando a la territorialidad como un aspecto fundamental del debate contemporáneo acerca del destino de nuestras sociedades y la pobreza.

Palabras clave: población indígena, pobreza crónica, territorialidad.

SOCIOESPACIALIDAD DEL TERRITORIO MALEKU DEMARCADO EN LA REGIÓN NORTE DE COSTA RICA.

Solís Aguilar, David A.¹⁵

En Costa Rica los pueblos originarios están conformados 104,143 personas que representan el 2,4% de la población nacional¹⁶, de quienes tan solo su 34,5% habitan en alguno de los 24 territorios indígenas delimitados oficialmente como “reservas indígenas” por el Estado¹⁷ entre 1956 y el 2001. Estas demarcaciones representan el 6,4% de la superficie nacional o 329,802 Ha, pero la posesión de la tierra por parte de los indígenas no supera el 60% de la superficie de las “reservas indígenas”¹⁸. Es entonces, que los pueblos, comunidades y personas originarias enfrentan desigualdades históricas con implicaciones para la realización efectiva de sus derechos, a pesar de la mejoría relativa en acceso a la educación, la salud y la justicia, desde la aprobación del Convenio 169 de la OIT en 1992.

El pueblo originario Maleku Maráma habita desde tiempos inmemoriales en la cuenca del río Frío, o *Ucúrinh*, que forma su territorio ancestral, en la región norte de Costa Rica, pero actualmente los maleku habitan un territorio demarcado en 1976 con una superficie de 294 Ha entre los ríos Sol, La Muerte y Cucaracha, afluentes del río Frío; esta demarcación fue ratificada en la vigente Ley Indígena de 1977, que consolidó el carácter inalienable, imprescriptibles e intransferible de las tierras indígenas a favor de las comunidades originarias del país. Para 2011 los maleku eran 478 personas habitantes en las comunidades Palenque El Sol, Palenque Margarita y Palenque Tonjibe, que representan apenas el 35% de población total en el territorio demarcado, frente al resto de habitantes no indígenas.

En el territorio demarcado maleku se encuentra su lugar sagrado *Tójifa Facára*, o catarata de la nacimiento del río Sol, que suple de agua potable a la población. Además, se encuentran 4 antiguos asentamientos habitados entre 1896 y 1950, donde hay presencia de enterramientos de antepasados convertidos en “espíritus de Dios” o *Toco Lhón maráma*; además los maleku identifican 4 sitios de entierro con prohibición cosmológica de visita. Persisten 3 sitios de pesca históricos sobre los ríos *Ucúrinh* y *Onáfinh* (Cucaracha) y el sitio de caza *Muerra Ú* a orillas del riachuelo *Tójifa Cutn*.

El territorio demarcado maleku fue censado por el Estado en 2018, llegando a establecer la superficie real de 2934 Ha de tierra, de las cuales en la actualidad solo el 29% se encuentran bajo posesión indígena. Esta desigualdad en la posesión de la tierra ha implicado una conflictividad agraria intensificada desde julio de 2020, con la irrupción del proceso autónomo maleku de recuperación de tierra, a través de la ocupación pacífica de 9 predios agropecuarios antes en manos de poseedores ilegales no indígenas; que permitió la recuperación de 245 Ha.

Estas condiciones han complejizado la gobernanza territorial autónoma del pueblo Maleku Maráma desde la demarcación su 1976 y hasta la actualidad, imposibilitando por ejemplo la ejecución de

¹⁵ Politólogo costarricense y Mtro. en Geografía Humana por El Colegio de Michoacán, México. Miembro de la Colectiva Cartográfica de los Sures Globales. Docente del curso “Cartografías críticas para la investigación social” de FLACSO Guatemala. Email: david.solis@colmich.edu.mx

¹⁶ Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (Ed.). (2013). Territorio Indígenas. Principales indicadores demográficos y socioeconómicos: X Censo Nacional de Población y Vivienda 2011. San José: INEC.

¹⁷ Guevara Berger, M. y Chacón Castro, R. (1992). Territorios indios en Costa Rica: Orígenes, situación actual y perspectivas. San José, Costa Rica: García Hermanos S.A.

¹⁸ Mackay, M. y Morales, A. (2014). Violaciones de los derechos territoriales ed los indígenas: el ejemplo de Costa Rica. Forest Peoples Programme. Moreton-in-Marsh, UK.

programas de conservación ambiental, debido a que tan solo el 5.2% de la superficie de los predios agropecuarios en el territorio demarcado maleku posee cobertura boscosa¹⁹.

El tejido histórico de relaciones socioespaciales del pueblo Maleku Maráma permitió durante la investigación de maestría un diálogo sobre sus prácticas, saberes y creencias que son vividas y recordadas, en lucha por el reconocimiento efectivo de sus derechos territoriales. Lo cual nos llevó a preguntarnos: ¿cómo se configura el territorio para el pueblo originario Maleku Maráma a través de las relaciones socioespaciales con sus lugares sagrados y sitios culturales?

En seguimiento nuestro diseño metodológico se integraron producciones cartográficas que fueron revisadas, corregidas y relaboradas con la integración de datos cuantitativos y cualitativos, tanto de fuentes primarias como secundarias. Las informaciones fueron seleccionadas a partir de un índice temático, junto a las redes temáticas cualitativas y categorizaciones documentales, integrados por datos cualitativos recogidos en observaciones participantes junto a colaboradores maleku, realizadas entre abril de 2019 y marzo de 2020 para el reconocimiento de lugares sagrados. Además, para el procesamiento cartográfico de las relaciones socioespaciales se colectaron datos a través de la etnografía del espacio levantados en recorridos de campo, que se integraron con datos de fuentes secundarias para su validación.

Sobre el estudio de la tenencia de la tierra en el territorio demarcado maleku, se elaboró una base de datos sobre 422 predios censados por Estado en 2018, posteriormente se determinó la etnicidad de los poseedores de los predios, mediante el diálogo etnográfico con colaboradores maleku. Se integraron datos de la etnografía del espacio sobre los sitios de pesca, sitios de caza, de los sitios culturales y de los lugares sagrados con sus nombres, así como los topónimos de los predios en recuperación autónoma maleku, y los asentamientos o palenques históricos de los que fueron desplazados los maleku a partir de 1860 por el avance de colonos nicaragüenses primero y de costarricenses desde 1900.

Nuestras trayectorias de investigación con el pueblo originario Maleku Maráma nos invitan a discutir sobre enfoques cualitativos-cuantitativos para abonar al estudio de las territorialidades de comunidades y pueblos originarios en los contextos latinoamericanos. Esto con base en las etnografías de los espacios, para la producción colaborativa y crítica de cartografías con utilidad en la reivindicación de sus derechos territoriales.

Palabras clave: Pueblos originarios, cartografía colaborativa, etnografía del espacio, estudio agrario, Maleku

¹⁹ Instituto Nacional de Estadísticas y Censos. (2015). *VI Censo Nacional Agropecuario: Resultados Generales*. San José, Costa Rica: INEC.

A LUTA DAS MULHERES INDÍGENAS EM TERRITÓRIO MATOGROSSENSE: REFLEXÕES A PARTIR DE EPISTEMOLOGIAS OUTRAS.

Viegas, Luciana Pinheiro²⁰

Galindo, Dolores Cristina Gomes²¹

O artigo traz reflexão sobre reivindicações do movimento de luta das mulheres indígenas do estado de Mato Grosso num contexto de banalização política das mais diversas formas de desigualdades e discriminação sociais contra povos indígenas agravadas pela pandemia de COVID-19.

Tecemos reflexões a partir de um olhar orientado pelas Epistemologias feministas do Sul, inspiradas no feminismo comunitário indígena e nas proposições dos estudos críticos indígenas sobre o ato da pesquisa, na tentativa de desprendimento de olhares e análises a partir de leituras de epistemologias do “Norte”. De acordo com Santos (2020), Epistemologias do Sul concorrem para conhecimentos a experiências de resistências de grupos e movimentos sociais às mais diversas formas de violência e violações de direitos decorrentes do colonialismo e patriarcado.

Importante destacar, como fazem as feministas em Abya Yala, que as políticas públicas não são neutras, estão sempre a favor de interesses econômicos, políticos, religiosos, culturais de determinados grupos específicos e são, fundamentalmente, “campo de disputa entre as autoridades e o povo organizado.” (Feministas Comunitárias de Abya Yala, p. 1).

Lorena Cabnal, como feminista comunitária xinka-maya da Guatemala, nos faz pensar e chama para si a vida em um corpo e espaço territorial, exposto às opressões históricas estruturais, causadas pelo patriarcado sobre a vida das mulheres no mundo e isso a faz pensar em sua cotidianidade e no feminismo comunitário como processo ainda em construção epistêmica em rede desde o território histórico, seu corpo e sua relação com a terra.

Faz-nos pensar ainda, na reconexão, mesmo que de maneira pontual, de alguns conceitos e categorias de análise que temos construído, pelo qual unicamente se apresentam de maneira declarada, alguns dos elementos, para que no espaço de debate, diálogo e reflexão das organizações, comunidades e cooperação se possam ampliar e compartilhar. Cabnal concebe o movimento comunitário indígena de mulheres como uma recriação e criação do pensamento político ideológico feminista e cosmológico surgido para reinterpretar as realidades da vida histórica e cotidiana das mulheres indígenas dentro do mundo indígena. Em Mato Grosso, mulheres indígenas, lideranças Xinguanas, Bororo, Xavante diferenciam sua atuação do feminismo branco. Delimitam que as lutas das mulheres indígenas do Mato Grosso estão voltadas ao coletivo e à vivência que, não necessariamente corresponde às pautas feministas não indígenas. Admitem que há necessidade de debates para que seja construído algo em torno de um “feminismo” que desconhece a realidade cotidiana e a singularidade dos mais de 43 povos indígenas de Mato Grosso.

No Brasil, de acordo com dados apresentados pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade – ANMIGA, a população indígena é formada por 305 Povos, são aproximadamente, 900 mil pessoas, sendo 448 mil mulheres que lutam pelos direitos dos povos originários e contra a violência da política de devastação e genocídio. No Mato Grosso, de acordo com informações recentes da Fundação Nacional do Índio – FUNAI /MT (2020), resistem 48 etnias, com

²⁰ Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e-mail: lucianapinheiroviegas17@gmail.com

²¹ Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e-mail: dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

pouco mais de 42 mil indígenas no estado, representam 43 povos indígenas.

Linda Smith (2018, p. 11), como mulher indígena Maori, relata os afetos despertados, entre indígenas, ao ouvir a palavra “pesquisa”, “provoca silêncio, evoca memórias ruins, desperta um sorriso de conhecimento e de desconfiança, é uma história que fere.” A pesquisa científica sempre esteve implicada nos excessos do colonialismo.

A pesquisa que realizamos junto ao movimento de mulheres de Mato Grosso parte do arquivo virtual produzido durante a Pandemia de COVID-19 composto por falas de mulheres indígenas e entrevistas realizadas a partir de questões suscitadas baseadas no acervo.

Para analisar os depoimentos levantados nesta pesquisa em andamento, em sua maioria coletados por meio de exposições de falas e participações em eventos virtuais em tempo real, a todo tempo respaldado por instituições e organizações oficiais devido ao contexto de pandemia em que estamos acometidos. Essa análise está sendo realizada por meio de uma agenda de pesquisa que se vale da metáfora das ondas do oceano, elaborada por Linda Smith (2018, p. 138) em que as “ondas representam movimento, mudança, processo, vida, fluxos de ideias que entram e saem, reflexões e ações” a partir de quatro direções, sendo elas, “descolonização, cura, transformação e mobilização”, que representam os processos que explicam as tensões entre o local, o regional e o global.

As quatro maiores ondas são: **sobrevivência**, práticas sociais, culturais, visibilidade e participação entendendo o processo de forma dialógica e igualitária na luta do feminismo comunitário, no Mato Grosso, as organizações sociais como TAKINÁ, organização de apoio e construção da resistência das mulheres indígenas de diferentes etnias e Federação dos Povos Indígenas de MT – FEPOIMT, instituição política do estado para “atender” demandas dessas mulheres na esfera política.; **recuperação**, dos territórios e dos direitos dos povos originários, na pauta das lutas feministas, são lutas que extrapolam limites políticos administrativos em concentração de esforços; **desenvolvimento**, de epistemologias outras que potencializem feminismos comunitários e suas lutas por igualdade social e política, sobretudo de suas práticas culturais como rituais, grafismos e artesanatos, todos eles fortemente carregados de ancestralidade em sua cosmovisão. No Mato Grosso, essas discussões ocorrem à partir da inserção dessas mulheres nas universidades, como vem ocorrendo; e, por fim, **autodeterminação**, com objetivo de justiça social, envolvendo terrenos psicológicos, sociais, culturais e econômicos. A autodeterminação como luta coletiva, leva mulheres indígenas de MT à construção coletiva partindo do local para o global.

Afirma uma das lideranças indígenas, durante fala pública no Acampamento Terra Livre, encontro organizado pelo movimento social indígena, em 2020, que as mulheres se veem numa encruzilhada frente aos projetos colonialistas desenvolvimentistas: “estamos numa encruzilhada onde se cruzam desenvolvimento, desmatamento, inclusive do que é feminino, sempre tido como algo mais fraco. A força da mulher está na descoberta de caminhos alternativos para o modelo de desenvolvimento posto pelo capitalismo.”

É o corpo como território e o território como corpo que entram em cena nas falas públicas das mulheres indígenas em Mato Grosso que, junto aos seus povos, convivem com o desmonte das políticas de proteção aos povos e violação dos direitos territoriais com atrasos e tensionamentos referentes à demarcação e/ou permanência nos territórios.

Palavras-chave: Feminismo Comunitário, Mulheres Indígenas, Mato Grosso.

EL ROL DE LAS MUJERES “QOM ALPHI” EN ESPACIOS DE REPRESENTACIÓN Y NEGOCIACIÓN EXTRACOMUNITARIOS

Pilar Guadalupe Cabre²²

En el municipio de Santa Fe conviven, en barrios lindantes, dos comunidades indígenas correspondientes a la etnia qom²³. Las mujeres qom, en su mayoría, intercalan tareas de producción artesanal con tareas de cuidado, mientras que, un grupo minoritario ofrece servicios como traductoras de la comunidad o maestras bilingües u ocupan puestos en la administración pública.

Algunas mujeres artesanas se nuclean en pequeños grupos, organizados para la producción y comercialización, uno de ellos es el denominado Proyecto Qom Alphi. Éste está integrado por más de cincuenta y cinco mujeres artesanas qom y seis “criollas”²⁴. Surgió, en primera instancia, con el objetivo de reivindicar el valor de la artesanía qom en el municipio de Santa Fe. A medida que la organización ha ido tomando fuerza, se ha focalizado en otros aspectos para mejorar las condiciones de vida de las trabajadoras qom. Durante los tres años que lleva funcionando, han desarrollado propuestas vinculadas a la participación política de las mujeres en espacios comunitarios, en sus barrios y en talleres de alfabetización. Recientemente, se han conformado como cooperativa de trabajo artesanal.

La presente ponencia tiene como objetivo principal poder reconstruir los procesos de participación de las mujeres artesanas de Qom Alphi en espacios extracomunitarios, identificando cambios y continuidades en las formas organizativas y de representación del proyecto a partir del análisis de encuentros desarrollados entre las mujeres y diferentes actores externos. Nos centramos, específicamente, en aquellos espacios de negociación que las artesanas han ido construyendo y conquistando, en particular, en el ámbito provincial y municipal, ya que, en representación de Qom Alphi las mujeres han sido parte de diferentes eventos, programas y proyectos. Este proceso contribuyó a que, actualmente, algunas de ellas sean consideradas por el gobierno provincial como “voceras qom”.

Corresponde aclarar que esta ponencia forma parte de una propuesta de trabajo más amplia, donde se piensa la construcción de territorios de las mujeres artesanas qom a partir de tres esferas: la doméstica, la comunitaria y la extracomunitaria. Entendemos el territorio desde la noción integradora de Rogério Haesbaert (2011) quien sostiene que el mismo se construye a partir de las relaciones de poder vinculadas a dominación (prácticas materiales) y apropiación (prácticas simbólicas). El autor afirma: *“el territorio implica siempre, al mismo tiempo (...), una dimensión simbólica, cultural a través de una identidad territorial atribuida por los grupos sociales, como forma de “control simbólico” sobre el espacio donde viven (...) y una dimensión más concreta, de carácter político disciplinario (y político-económico)”* (Haesbaert, 2011:80).

Lo extracomunitario comprende espacios de negociación a partir de los cuales las mujeres configuran nuevas prácticas espaciales materiales, entre las que podrían mencionarse: una disminución de la venta ambulante (casa por casa) por parte de algunas de ellas, la elección de comercialización de manera

²² Instituto de Humanidades y Ciencias Sociales (IHUCSO), Universidad Nacional del Litoral (UNL). Email: pilargcabre@hotmail.com

²³ Las comunidades qom residentes en el municipio de Santa Fe son la Comunidad Qom Las Lomas y la Comunidad Qom Lashi Lma Nam Qom.

²⁴ Esta es la forma en la que denominan las mujeres artesanas a quienes no son qom.

online o en ferias²⁵, la participación sostenida en reuniones con diferentes funcionarios del gobierno (municipal y provincial), la participación de eventos públicos en diferentes espacios del municipio y la construcción de alianzas con ONGs.

A su vez, desde un plano simbólico, las mujeres han consolidado su identidad como artesanas en un proceso más amplio de reafirmación de su etnicidad²⁶. Entendemos que la artesanía se configura como un elemento que permite construir una representación identitaria frente al otro (Cardini, 2017) y, a su vez, habilita espacios de negociación desde los cuales resuelven diversos tipos de demandas.

En este sentido, es importante considerar como el proyecto Qom Alphi ha ampliado sus horizontes de acción desde estos nuevos espacios de negociación que las mujeres están ocupando. A partir de la participación en el proyecto y de las decisiones tomadas desde que el mismo se encuentra en vigencia, se observa como la sociedad santafesina y las gestiones del gobierno (en sus diversos niveles) han ido reivindicando el rol de las mismas. En este sentido, el trabajo también da cuenta de las relaciones de poder que configuran la territorialidad extracomunitaria de las mujeres qom. Relaciones que están mediadas no solo por las decisiones que ellas mismas toman, sino también por las negociaciones desarrolladas con diferentes actores externos y con las mujeres “criollas” que conforman el proyecto. El enfoque metodológico del trabajo es cualitativo de tipo etnográfico. Se utilizó la observación participante en diferentes reuniones del proyecto y reuniones de las mujeres qom con diferentes funcionarios públicos. Para poder dar cuenta de la visibilidad que han adquirido las mujeres artesanas qom en la sociedad santafesina, se recurrió al trabajo con fuentes hemerográficas (consultas en diarios locales). La reconstrucción del proceso de participación en espacios extracomunitarios se llevó a cabo a través de entrevistas a informantes claves y del análisis de documentos de Qom Alphi disponibles.

Palabras claves: artesanas qom – extracomunitario – territorio – Santa Fe

²⁵ Estas prácticas de venta y comercialización, junto con el ingreso por transferencias monetarias no condicionadas conforman los ingresos mensuales de sus grupos familiares.

²⁶ La etnicidad es entendida como “la manipulación por los distintos grupos-individuos del conjunto de atributos étnicos” (Cardoso de Olivera en Bari, 2002:159).

MAPU CHILLKANTUKUN ZUNGU: DESCOLONIZANDO EL MAPA DEL WALLMAPU, CONSTRUYENDO CARTOGRAFÍA CULTURAL EN TERRITORIO MAPUCHE

Pablo Mansilla-Quiñones²⁷

Miguel Melín Pehuén²⁸

Resumen

Los mapas han jugado un rol fundamental en la construcción de imaginarios geográficos, ordenamientos territoriales, y estrategias de desarrollo extractivista que recaen sobre los territorios de los pueblos indígenas. Como bien señala David Harley (2006) *“La cartografía se sostiene como parte de un saber poder, y el mapa como dispositivo sobre el cual se construye la representación del otro y su territorio”*. Así, los territorios de los pueblos originarios comúnmente han sido considerados anomalías en el mapa que desafían el poder del Estado Nación y su dimensión territorial, tal como señalaba un periódico chileno durante el proceso de colonización de tierras mapuche: *“Tenemos fe y confianza en los hombres que dirigen los destinos de la Frontera, a su celo, a su patriotismo apelamos para que reduzcan de una vez un territorio que hasta ahora no es sino una anomalía en nuestro mapa”* (Diario El Meteor, agosto 17 de 1867, citado en: Gajardo, 2014)

El colonialismo interno sobre el territorio y territorialidades mapuche ha tenido continuidad desde fines del siglo XIX hasta el tiempo presente a partir de múltiples formas de desposesión. Sin embargo, estas han tendido a agravarse durante las últimas cuatro décadas, en el contexto de auge del desarrollo neoliberal, y de la intensificación de los procesos extractivos de recursos naturales de carácter forestal, minero, energético, entre otros, que han generado consecuencias directas sobre el medio ambiente y sobre la vida mapuche.

Una lectura geográfica de las políticas neoliberales instauradas en la dictadura militar permite entender la complejidad espacial que adquieren las disputas territoriales mapuche contemporáneas. Durante este periodo se crearon nuevos ordenamientos territoriales que facilitaron la expansión del modelo capitalista de acumulación por desposesión. Un hito relevante de estos procesos de reorganización territorial tiene relación con la ley indígena 1979 que eliminó la propiedad comunitaria de la tierra. El decreto con fuerza de Ley 701 de desarrollo Forestal, que extiende la frontera forestal con plantaciones de Pino y Eucalipto de forma intensiva. A esto se suman las políticas de cosificación de la naturaleza y privatización de los bienes comunes, mediante el código de aguas del año 1981, que i) eliminó la condición del agua como un bien común, ii) separó la propiedad del agua del dominio de la tierra, y iii) fortaleció la propiedad privada del agua, entregando derechos de agua gratuitos y a perpetuidad, que promovieron un mercado del agua donde se transan estos derechos. Las consecuencias visibles de este proceso se traducen en la falta de acceso al agua por comunidades mapuches, que deben ser abastecidas mediante camiones aljibes; transformaciones profundas de los paisajes del agua; transgresiones a la espiritualidad mapuche; afectaciones a otras formas de vida presentes en la naturaleza; criminalización de dirigentes mapuches general vulneración de los derechos humanos; entre otras consecuencias. De esta forma, a la lucha histórica que el pueblo mapuche ha desplegado por la

²⁷ Dr. pablo.mansilla@pucv.cl Instituto de Geografía, Pontificia Universidad Católica de Chile. Director Grupo Territorios Alternativos www.territoriosalternativos.cl

²⁸ miguelmelin@yahoo.es Werkén (vocero) Alianza Territorial Mapuche. Profesor Intercultural Mapuche.

tierra, se sumó la lucha por el agua.

La lucha contra la desterritorialización no solo implica reconstruir el territorio en cuanto recurso agua para la subsistencia de las comunidades, sino que implica ante todo reconstruir la territorialidad – es decir, la forma en que constituimos nuestras relaciones cotidianas con el territorio - que han sido quebrantadas por la racionalidad colonialista, occidental, moderna y capitalista que ha despojado a nuestros territorios del sentido que desde el saber mapuche les ha otorgado y que se busca retomar desde nuestras propias bases epistemológicas depositada en la memoria colectiva de las personas ancianas de cada territorio o lof.

De esta forma, comprendemos que la lucha por el territorio es también la lucha por recuperar el sentido y el significado de los lugares ancestralmente construidos. De aquí que sea fundamental rescatar la palabra de nuestros ancianos sabios y autoridades tradicionales del pueblo mapuche que mantienen a través de la oralidad el conocimiento de nuestra nación. El territorio es por sobre todo fuente de nuestra memoria colectiva, que remarca nuestro sentido de pertenencia e identidad a nuestro pueblo, y es por ello que el poder ha visto en la práctica de la desterritorialización un medio para eliminar la diferencia y asimilarse a la cultura dominante.

En la actualidad diversas experiencias de pueblos originarios en diferentes partes del mundo vienen redefiniendo teorías y metodologías en prácticas de descolonización epistémica. A partir de esto se han generado diversas experiencias de nuevas cartografías sociales, cartografías indígenas, cartografías críticas, que desafían las representaciones territoriales tradicionales, y promueven un horizonte post representacional que vaya más allá de los límites del mapa como un objeto estático, planteando como un proceso.

En este contexto, presentamos los resultados del trabajo conjunto, colaborativo e intercultural entre diferentes actores, principalmente, los dirigentes de las comunidades Quilape Lopez, Benancio Huenchupan y Pancho Curamil de la comuna de Kurakautin, y la Alianza Territorial Mapuche, quienes, en un esfuerzo e interés por la reconstrucción y defensa territorial frente al extractivismo de recursos naturales desde la perspectiva de su propio pueblo. Experiencia que ha sido compilada en el libro “Mapu Chillkantukun Zungu: Descolonizando el Mapa del Wallmapu, Construyendo Cartografía Cultural en Territorio Mapuche”.

En este trabajo el territorio adquiere un giro semántico cargado, que no solo señala el reclamo frente al despojo de tierra, sino a una ontología territorial, que se expresan en una forma de ser y estar con/en el territorio que ha sido desterritorializada en el contexto de la colonialidad. Este saber, se encuentra contenido en las toponimias o formas de nombrar el territorio en mapuchezugun – lengua mapuche – y en las historias de los ancianos, se encuentra contenido en gran parte el conocimiento que se ha perdido de nuestros ancestros, de aquí que sea fundamental levantar los nombres y significados de nuestro territorio.

El presente trabajo ya cuenta con elementos de aplicabilidad y resultados concretos en la defensa del territorio natural de Kurakautín, pues, al menos tres centrales hidroeléctricas –Pintoresco, Río Blanco y doña Alicia respectivamente- han podido ser detenidas por la comunidad haciendo uso de los informes levantados acompañando el relato de las comunidades a través de argumentos jurídicos, geográfico-territoriales y socioculturales-antropológico. Con este proyecto, se pretende profundizar y ampliar el conocimiento territorial y cultural de la zona, orientado a la búsqueda de un modelo de construcción cartográfica para la reconstrucción territorial ancestral mapuche, con los dispositivos y la información disponible de hoy.

Finalmente, en lo metodológico se intenta generar una aproximación desde la perspectiva de la Investigación Acción Participativa que, no sólo se enfoca y aborda problemáticas y alternativas de solución

desde lo local sino también, permite dialogar con las perspectivas culturales y de conocimiento propias del pueblo mapuche; haciendo de este trabajo un esfuerzo por la construcción de interculturalidad desde la práctica y la acción. Así, es claro que la participación comunitaria de jóvenes y adultos, hombres y mujeres de las respectivas comunidades, tanto para el trabajo en los xawün como en las movilizaciones de defensa de su propio territorio fue fundamental para concretar este trabajo.

Palabras Clave: Cartografía Cultural; Mapuche; Territorio; Territorialidad.

TERRITORIOS SUSTENTABLES PARA LA VIDA: R-EXISTENCIA DE LAS TERRITORIALIDADES DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS EN LATINOAMÉRICA

Duquino-Rojas Luis Gabriel²⁹

“...un llamado a una mayor atención a los marcos teóricos que utilizamos para entender el mundo y que hacer al respecto. Es el resultado de la idea de que siempre hay una estrecha conexión entre la realidad social, los marcos teóricos que utilizamos para interpretarla, y el sentido de política y esperanza que emerge de tal aproximación. Esta conexión muchas veces se pasa por alto. No es exagerado afirmar que nuestra esperanza y sentido de la política son en gran parte el resultado de un marco conceptual dado. Es particularmente importante que reflexionemos sobre este hecho, en tiempos de profunda transformación como el actual” (Escobar, 2013:147).

En la anterior cita, se plantea una enunciación que sirve para evidenciar el objetivo de la presente ponencia, el cual se organiza en torno a indagar sobre esa estrecha relación (si se quiere articulación) entre la realidad social (y complementando la realidad territorial –primer mundo enunciado-), los marcos teóricos que se utilizan para interpretar dicha realidad –segundo mundo enunciado- (en este caso el abandono a los marcos tradicionales venidos del paradigma moderno y la irrupción de los paradigmas emergentes) y el sentido de política y esperanza –tercer mundo enunciado- (si se quiere sentido de vida) que surge de la aproximación al entendimiento de estos fenómenos.

Tal indagación encuentra alcance en construir una reflexión teórica, metodológica y práctica basada en los preceptos de una perspectiva geográfica decolonial de Abya Yala, inscrita en la discursiva de la epistemología del sur, que se nutre y alimenta de los diálogos entre los saberes ancestrales y raizales (en la praxis de los movimientos sociales de resistencia por la vida), con el fin de poner en valor las formas de saberes silenciadas en los procesos de modernización colonial occidental, y de impulsar alternativas para una construcción solidaria del conocimiento que coadyuve al re empoderamiento de un sentido de vida en protección de la biodiversidad y la multiculturalidad que aún resiste.

Para tal fin se toma como espacio de visibilización de las enunciadas luchas el Proceso de Liberación de la Madre Tierra.

El PLMT se reconoce a sí mismo como una comunidad perteneciente al Consejo Regional Indígena del Cauca (CRIC), compuesta principalmente por el pueblo Nasa, aun cuando en un principio el PLMT intento unir sus luchas a las comunidades negras del Pacífico caucano, tal acercamiento no prosperó y se ha mantenido un contenido identitario con la etnia tradicional Nasa. El PLMT fundamenta sus luchas en el reconocimiento histórico de un proceso de invasión, usurpación y despojo, que inicia con la invasión europea del norte del Cauca en 1538, que continúa con la implantación del régimen republicano del Estado colombiano sobre estos territorios y que continúa en medio de la globalización neoliberal contemporánea.

El proceso se cimienta sobre una plataforma de lucha constituida por la acción principal de liberar la tierra; acción de recuperación de los territorios originales del resguardo Nasa, asignado en principio por la corona española, y vulnerado durante casi cinco siglos por los virreinos y los diferentes gobiernos de la república. Ampliar el territorio, superar el sistema de terraje; una relación de carácter feudal de pagar trabajo gratuito en la hacienda para tener derecho a vivir y usufructuar una pequeña

²⁹ Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia y el Instituto Geográfico Agustín Codazzi, Bogotá, Colombia

parcela, y dedicar las tierras liberadas al cuidado de los repositorios de agua y a la agricultura para la alimentación de los pueblos que la poseen, sin ánimo de acumulación, con intenciones de compartir con otras comunidades en diferentes lugares de la geografía colombiana.

Con este escenario de unas territorialidades indígenas y las intenciones investigativas se pretende presentar un acercamiento y alimento de los debates asociados a construir una geografía decolonial, de Abya Yala, inscrita en los derroteros de la epistemología del sur.

Palabras Clave: Diálogo de saberes, epistemología del sur, geografía emergente de Abya Yala, decolonización cognitiva

LAS “MEMORIAS DE MARCHA” EN LA RECONFIGURACIÓN DE LAS TERRITORIALIDADES MAPUCHE

Cañuqueo, Lorena³⁰

Tras las campañas militares de ocupación, las redes territoriales mapuche fueron condicionadas, eliminadas o su acceso fue restringido como producto de la entrega de tierras a terceros. El espacio Norpatagónico en Argentina fue construido en estrecha relación con concepciones etnicizadas y racializadas, por lo que la producción del espacio no puede ser abordado sin incorporar el proceso de violencia estatal ejercida hacia los indígenas. Entre los efectos de ese proceso genocida se encuentra el de los desplazamientos forzados, además de los confinamientos y los procesos de fragmentación social. Como resultado, la experiencia común del desplazamiento como consecuencia del avance estatal sobre el territorio patagónico constituye uno de los más significativos eventos estructurantes de las memorias sociales mapuche en el *Puelmapu* -territorio mapuche al este de la cordillera de los Andes-. En esa dirección, cobra importancia la transmisión y recreación de lo que denominamos las “memorias de marcha” sobre lugares de origen, desplazamientos y arribos resultantes del traslado forzado y el sobreviniente como consecuencia de la ocupación del territorio indígena, para la actualización y producción de sentidos de pertenencia y de territorialidad.

La noción de “memorias de marcha” (Cañuqueo, 2021) surge en diálogo con posiciones teóricas antropológicas que han subrayado la importancia del movimiento –p.e. la “metáfora del camino” (Abercrombie 1998) o la noción de “memorias de ruta” (Rumsey 2001)- para pensar las nociones alternativas de territorio entre aquellos grupos que fueron obligados al desplazamiento. Estas memorias de marcha, socioculturalmente significativas, se manifiestan en expresiones materiales y corporales, prácticas rituales y lúdicas en el espacio, eventos comunicativos cotidianos y prácticas discursivas. Entre estas últimas, el *güttxam* –género discursivo mapuche sobre episodios ocurridos en tiempos de las campañas militares (Malvestitti 2008) o relatos orales verosímiles sobre la vida social mapuche (Golluscio 2006)-, es donde las trayectorias emprendidas por los antiguos se amplían hasta llegar al presente. De esta manera, no sólo se transmiten consejos sobre el comportamiento (Llamín, Llancaqueo y Salazar, 2015) o modos de orientar el curso de la historia (Benjamin, 1999; McCole, 1993), sino que se configuran territorialidades al conectar lugares que forman parte de la construcción de la historia mapuche (Cañuqueo, 2004). A su vez, esas memorias sociales devienen un marco de interpretación específico en relación a la propia historia que afecta el entramado de las pertenencias colectivas y las formas de territorialización indígena mapuche. Ese marco y esas memorias sociales se actualizan en el devenir de arenas de disputas políticas donde la identidad, la pertenencia indígena, los modos de organización colectiva y las trayectorias sobre el espacio devienen tópicos en disputa con efectos materiales concretos.

Teniendo en cuenta estos procesos, el objetivo de este trabajo es compartir algunas reflexiones provenientes de otros campos del conocimiento, incluido el mapuche, para dialogar con la propuesta de las “geografías indígenas”. Tomando como punto de partida ese diálogo de saberes, nos interesa ahondar en cómo diferentes formas de recreación y transmisión de memorias sociales producen lugares de

³⁰ Universidad Nacional de Río Negro. Integrante del Grupo de investigación sobre Territorializaciones, Alteridades y Agencia colectiva en Nor-Patagonia (GITAAC) y del Lof Mariano Epulef. lcanuqueo@unrn.edu.ar

apego, instalaciones estratégicas y espacio social. A través del *güttxam*, nos interesa analizar cómo las conexiones espaciales establecidas en las memorias heredadas de movilidad convierten los lugares en procesos (Massey, 2005) y descentran un único lugar de pertenencia mapuche. Desde el proceso de “marcha” –entendido como negociaciones, resistencias o luchas-, nos interesa pensar cómo se plantea la generación de sentido de lugar y se transforma una extensión de tierras en territorio de pertenencia y afecto (Ingold 2000, Massey 2000), incluyendo en ese territorio las experiencias traumáticas (Feldman 1991; Ramos y Delrio 2008). Asimismo, nos interesa compartir algunas de las formas en que esas espacializaciones de la memoria producen tensiones con otras geografías en el marco de procesos de demandas de comunidades mapuche en el presente. Indagar en estas memorias es trascendente en tanto contienen mecanismos de recordar y olvidar –sobre trayectorias antiguas, pasadas y contemporáneas- que entran territorializaciones y subjetivaciones que aún resultan indecibles en el marco de los dispositivos que operan sobre las concepciones del “otro” indígena en Argentina.

Palabras clave: “memorias de marcha” – territorialidades mapuche - Norpatagonia argentina

TERRITORIOS COMECHINGONES: UN DEBATE ONTOLÓGICO EN UNA EXPERIENCIA EXTENSIONISTA

*Pilatti Camila*³¹

*Bazán Santiago*³²

*Manes Agustín Esteban*³³

*Carolina Álvarez Ávila*³⁴

Esta presentación se desprende de un trabajo colectivo realizado, desde el año 2016, en una localidad del interior de Córdoba llamada San Marcos Sierras y alrededores. En el marco de dos Proyectos de Extensión financiados por la Secretaría de Extensión (SEU) de la UNC docentes, estudiantes y egresados de la Universidad Nacional de Córdoba, de diversos campos disciplinares, trabajamos junto a miembros de distintas comunidades comechingonas para construir un registro de sitios patrimoniales, ceremoniales y sagrados³⁵ del territorio reivindicado por las mismas. Los proyectos se titularon: “Tierra de Comechingones. Reconstrucción territorial y mapeo colaborativo de sitios patrimoniales comechingones en San Marcos Sierras” (2016-2018) y “Mapeando el territorio ancestral Memorias y lugares comechingones en San Marcos Sierras y alrededores” (2018-2020) y fueron dirigidos por Lucas Palladino y Carolina Álvarez Ávila. Además de propiciar un proceso de reconocimiento territorial de sitios patrimoniales de las comunidades comechingonas, nuestra búsqueda se centró en la construcción de espacios de diálogo y colaboración, que permitieran conocer y ahondar en aquellas categorías nativas de tierra y territorio, así como en las memorias familiares y comunitarias sobre esos sitios y recorridos.

El grupo de trabajo presenta una trayectoria de formación interdisciplinaria diversa signada por docentes, estudiantes y egresados de geografía, antropología y ciencias de la comunicación. Sigue una metodología principalmente cualitativa, nutriéndose de diversas estrategias para la recolección de información y la construcción de datos. Estas son: la interpretación de documentos histórico/cartográficos, el mapeo social, la georeferenciación de sitios patrimoniales y sagrados, la observación participante y las entrevistas en profundidad. Para tal fin, se vuelve central el abordaje etnográfico, pues en todo el trabajo nos guía la pregunta antropológica sobre la interpretación de sentidos otorgados por los nativos a los espacios disputados.

En el sentido anteriormente mencionado el trabajo parte de observar que para las comunidades indígenas de San Marcos Sierras existen reclamos históricos sobre sus territorios. Los mismos vienen siendo negados y silenciados desde la época colonial a esta parte. Diversos gobiernos y discursos han abonado sistemáticamente a la invisibilización de estos pueblos y, consecuente a la apropiación y dominación de sus territorios. En la provincia de Córdoba el reconocimiento identitario indígena no es

³¹ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: camila.pilatti@mi.unc.edu.ar

³² Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: santibazan@mi.unc.edu.ar

³³ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: agustinmanes@yahoo.com.ar

³⁴ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: carito_alvarez79@yahoo.com

³⁵ Procurando evitar un uso sexista de la lengua optamos por emplear pronombres neutros cuando las personas mencionadas no se identifican todas con el mismo género. Así, las generalizaciones no se realizan en masculino, sino que autoras mujeres con “a”, autores varones con “o” y grupos mixtos con “e”. También se emplea la “e” para identidades no binarias (masculino-femenino). Entendemos el uso inclusivo de la lengua como una práctica que favorece el respeto a la diversidad sexo-genérica y combate el machismo de nuestra lengua.

tuvo acompañado al diseño de políticas de respeto por los modos ancestrales de concebir, vivir, habitar y estar en el territorio indígena. En la localidad de San Marcos Sierras, Departamento de Cruz del Eje, y alrededores habitan adscriptes comechingones que reivindican sus lazos con las antiguas familias ancestrales. Desde hace algunos años en esta zona encontramos comunidades indígenas que son reconocidas por el Estado Nacional como pueblos y culturas vivas. No obstante, sus derechos territoriales aún no son reconocidos. En ese marco reclaman contra los sucesivos procesos de ocupación territorial por parte del Estado, en sus diversos niveles. Cuentan con mapas, catastros, mensuras y loteamientos oficiales que dan cuenta de una historia de expropiación, despojo y desalojo. Y lo que es más, hasta el presente, muchas veces se los desconoce y/o invisibiliza por parte de instituciones provinciales y locales. El voraz avance de explotaciones mineras, el desarrollo inmobiliario y las actividades turísticas sobre estos territorios ancestrales conlleva no solo la expropiación para estas comunidades, sino también la destrucción de sitios sagrados y patrimoniales. Estos daños irreversibles también afectan a espacios de recolección de hierbas y frutos, valorados no solamente por las comunidades, que son de suma importancia arqueológica y natural para la protección de la fauna y flora regional.

En este contexto nace la urgencia de construir espacios colaborativos de reflexión, investigación y discusión que puedan aportar herramientas para la lectura crítica de esta historia de expropiaciones. Entendemos la extensión como un pilar fundamental de la educación superior, y nos paramos desde la perspectiva del “diálogo de saberes” (De Sousa Santos, 2009) por lo que reivindicamos este espacio de construcción de conocimientos con y para las comunidades. En el marco de este proyecto procuramos expandir nuestro entendimiento incorporando maneras “otras” de entender, apropiarse y estar en el territorio.

En esta instancia nos proponemos reflexionar en torno a las categorías territorio y territorialidad que emergen frecuentemente en el diálogo con estas comunidades. A sabiendas de que se trata de nociones muy empleadas en distintos campos disciplinares y con diversas acepciones, aunque negadas como saber en las perspectivas nativas (Haesbaert, 2020), nos interesa conocer cómo piensan el territorio las comunidades comechingonas de San Marcos Sierras y qué derivaciones prácticas, políticas y epistémicas resultan. De partida, no buscamos una definición acabada, ni un discurso unívoco al respecto, sino que procuramos recoger las diversas formas de entender el territorio que se entrecruzan en estas comunidades y otros procesos de territorialización locales. Asimismo, queremos analizar tensiones y conflictos que suceden y se negocian con otras territorialidades locales. De esta perspectiva, emergen diversos sentidos como memorias y relatos del pasado, expresiones cosmológicas o inspirados en la relacionalidad del territorio (Escobar, 2014) y el monte nativo, que entran en tensión con procesos actuales de expropiación y extracción vinculados a actividades productivas como el desarrollo inmobiliario, el turismo, la minería o las mismas miradas de las agencias gubernamentales locales y regionales.

Palabras claves: ontología, territorio, territorialidad, saberes, etnografía

CONSTRUYENDO COLECTIVAMENTE MAPAS Y TERRITORIOS COMECHINGONES: LA PLURIVERSALIDAD EPISTÉMICA A PARTIR DE LA CARTOGRAFÍA INTERACTIVA

Asis Maleh Yazmin Alexandra³⁶,
Dalbes Gonzalo³⁷,
Nehme Abril Lucía³⁸,
Saldaño Diego Federico³⁹,
Palladino Lucas⁴⁰.

El trabajo que aquí presentamos parte de dos proyectos de extensión en los que estamos involucrados como equipo universitario interdisciplinar en conjunto con las comunidades Tulián y Tay Pichín de San Marcos Sierras, Córdoba, Argentina. Ambos proyectos fueron financiados por la Secretaría de Extensión Universitaria de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC). El primero de ellos, “Tierra de Comechingones. Reconstrucción territorial y mapeo colaborativo de sitios patrimoniales comechingones en San Marcos Sierras”, fue desarrollado entre los años 2016 y 2018. El segundo, “Mapeando el territorio ancestral. Memorias y lugares comechingones en San Marcos Sierras y alrededores”, comenzó en 2018 y se desarrolla hasta la actualidad.

La metodología empleada nuclea la formación interdisciplinar del equipo, articulando técnicas y enfoques de la antropología (etnografía) y la geografía (mapeos colaborativos-participativos y relevamientos), siendo el común denominador en la perspectiva extensionista del “diálogo de saberes” (De Souza, 2009), que propicia la construcción de conocimientos de manera conjunta y colectiva con las dos comunidades de manera que se busca propiciar el encuentro o pluriversidad epistémica (Walsh, 2007) entre perspectivas académicas e indígenas. En ese marco, comenzamos a trabajar haciendo salidas de campo y realizando diversos registros (fotográficos, audiovisuales, información georeferenciada y registros de notas de campo orales) en conjunto con la comunidad, para concluir con una sistematización de la información relevada- dicha información recolectada sobre los sitios y recorridos respetó los términos de confidencialidad pactados con las comunidades. Así, nuestro trabajo de reflexividad en la última etapa tuvo en cuenta el análisis y la problematización de las instancias de trabajo para realizar el producto final: la Cartografía Interactiva.

Partimos de entender que la construcción de mapas son siempre una representación ideológica y su confección es uno de los principales instrumentos que el poder dominante ha utilizado históricamente para la apropiación instrumental del territorio (Harley, 2005; Ascerald, 2003). Este modo de operar supone una sola forma de representar y ordenar el espacio, de esta manera, los mapas que circulan son resultado de una mirada que produce representaciones hegemónicas funcionales, decodificando el territorio de manera racional. En cambio, la de los mapeos colaborativos y la cartografía social (Ares y Risler, 2003) tiene como horizonte generar instancias de intercambios colectivos para la elaboración de otras narrativas y representaciones sobre el territorio, algunas de las cuales buscan disputar las ins-

³⁶ Universidad Nacional de Córdoba yazminasis3@gmail.com

³⁷ Universidad Nacional de Córdoba gondalbes28@gmail.com

³⁸ Universidad Nacional de Córdoba abrilnehme@mi.unc.edu.ar

³⁹ Universidad Nacional de Córdoba fede.saldano@gmail.com

⁴⁰ IDACOR/CONICET Universidad Nacional de Córdoba zpalladino@hotmail.com

taladas hegemónicamente.

En este caso, el mapeo colectivo como herramienta metodológica permitió hacer visible, comprender y materializar la complejidad de saberes y sentidos de los sitios-lugares que tienen las comunidades. Como profundizaremos en este trabajo, entender el territorio como una mera área administrable con límites claros (Elden, 2010) invisibiliza las nociones y prácticas en y sobre los territorio(s) como las que construyen las comunidades. La forma bidimensional planteada en las definiciones modernas-occidentales, deja al margen las diversas formas de vivir/entender/sentir/construir el territorio de las comunidades Tulián y Tay Pichín. Estas formas de construcción y comprensión abordan la territorialidad desde lo que algunos autores denominan ontologías relacionales, en las cuales “los mundos biofísicos, humanos y sobrenaturales no se consideran como entidades separadas, sino que se establecen vínculos de continuidad entre ellos” (Escobar 2012: 7). Estas ontologías subyacen a los reclamos y demandas de varios movimientos y comunidades indígenas tanto en Argentina. En nuestro caso, la familia Tulián expresa parte de esta concepción: “Para nosotros el territorio es un ser vivo, es imposible dividirlo. El territorio, a la vez, como es un ser especial, puede haber varios cerebros, varios corazones, varios pies”.

A lo largo del proceso de los proyectos mencionados hemos buscado problematizar algunas dimensiones epistemológicas y sentidos nativos de las comunidades indígenas recolectados en y sobre el territorio, así como las dimensiones metodológicas. Gracias a este proceso colectivo, mediante el trabajo extensionista, fue posible adecuar las herramientas metodológicas y técnicas para lograr visibilizar y comprender la complejidad de los sentidos y saberes proveniente de las comunidades. Es así como, el producto final de este trabajo, que es la cartografía interactiva, favorece la reflexión sobre formas renovadas de producir el territorio, en este caso con comunidades indígenas comechingonas.

Para concluir, este trabajo busca dar cuenta como la instancia de mapeo no fue un fin en sí, sino un medio para dar lugar a un proceso mayor que tiene que ver con los sentidos nativos sobre el territorio en la construcción de estrategias de defensa y amparo sobre el mismo. Es decir que el mismo proceso de mapeo explora también los sentires y padecimientos vividos por los mismos territorios y cuerpos de las comunidades en sus procesos de defensa, reclamo y reivindicación. A su vez, cuando la problemática que está en cuestión es también la identidad indígena. Así, dicho proceso de construcción colectiva permite, desde la adecuación de las herramientas metodológicas con finalidad de un mapeo interactivo, la visibilización de disputas y conflictos de un pueblo históricamente silenciado e invisibilizado por diversas prácticas y discursos de aculturamiento y borramiento en el marco de estrategias de alterización emprendidas por los el estado provincial y nacional en la larga duración.

Ante este panorama, en el presente trabajo buscamos exponer las diferentes etapas en la que se trabajó con los mapeos colectivos y colaborativos y la cartografía interactiva con las comunidades indígenas. ¿De qué manera estos procesos de mapeo retractaron estas disputas?, ¿Qué diálogos y tensiones aparecen con otras maneras de producir territorios y representarlos?, ¿Qué aperturas o diálogos epistémicos, ontológicos y políticos son posibles a partir del diálogo de saberes y los mapeos colectivos con comunidades comechingonas?

Palabras claves: Diálogo de saberes, pluriversalidad epistémica, mapeos colaborativos, Cartografía Interactiva, Territorio.

UN PASEO POR LA CARTOGRAFÍA INTERACTIVA DEL TERRITORIO INDÍGENA DE TAY PICHIN, SAN MARCOS SIERRAS, CÓRDOBA.

Poster

*Pilatti Camila*⁴¹
*Bazán Santiago*⁴²
*Manes Agustín Esteban*⁴³
*Asis Maleh Yazmin Alexandra*⁴⁴
*Dalbes Gonzalo*⁴⁵
*Nehme Abril Lucía*⁴⁶
*Saldaño Diego Federico*⁴⁷
*Bofelli Sofía*⁴⁸
*Tulián Mariela*⁴⁹
*Tulián Juan Carlos "Capicua"*⁵⁰
*Tulián Elías*⁵¹
*Palladino Lucas*⁵²
*Álvarez Ávila Carolina*⁵³

Presentamos una serie de posters donde nos proponemos dos objetivos. Por un lado, exponer el proceso de trabajo llevado a cabo en el marco de dos Proyectos de Extensión financiados por Secretaría de Extensión (SEU) de la Universidad Nacional de Córdoba (UNC) y de un trabajo de campo colaborativo con las comunidades comechingonas Tulián y Tay Pichín de San Marcos Sierras (departamento Cruz del Eje, provincia de Córdoba). Por el otro, presentar la cartografía interactiva/web como el desarrollo del producto resultante de dicho proceso en el/con el/a partir del territorio. Este trabajo parte de dos experiencias previas donde docentes, estudiantes y egresados de la Universidad Nacional de Córdoba, de diversos campos disciplinares, trabajamos junto a las comunidades para construir una cartografía colaborativa de sitios patrimoniales, ceremoniales y sagrados del territorio reivindicado por ellas mismas. Los proyectos se titularon “Tierra de Comechingones. Reconstrucción territorial y mapeo colaborativo de sitios patrimoniales comechingones en San Marcos Sierras” (2016-2018) y “Mapeando el territorio ancestral Memorias y lugares comechingones en San Marcos Sierras y alrededores” (2018-2020). En estos, buscamos construir y fortalecer espacios de diálogo y

⁴¹ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: camila.pilatti@mi.unc.edu.ar

⁴² Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: santibazan@mi.unc.edu.ar

⁴³ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: agustinmanes@yahoo.com.ar

⁴⁴ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: yazminasis3@gmail.com

⁴⁵ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: gondalbes28@gmail.com

⁴⁶ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: abrilnehme@mi.unc.edu.ar

⁴⁷ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: fede.saldano@gmail.com

⁴⁸ Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: sofiboff@gmail.com

⁴⁹ Comunidad comechingona sanavirona Tulián. Correo de contacto: tulianm@hotmail.com

⁵⁰ Comunidad Tay Pichin. Correo de contacto: tulianj@yahoo.com

⁵¹ Comunidad comechingona sanavirona Tulián. ejtulian@gmail.com

⁵² IDACOR/CONICET, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: zpalladino@hotmail.com

⁵³ IDACOR/CONICET, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba. Correo de contacto: carito_alvarez79@yahoo.com

colaboración sobre las nociones y metodologías que trabajan con las categorías de tierra y territorio de estas comunidades.

El grupo de trabajo presenta una diversidad de trayectorias de formación disciplinar y está compuesto de docentes, estudiantes y egresados de geografía, antropología y ciencias de la comunicación. Los proyectos eligieron una metodología principalmente cualitativa y se nutrió de diversas estrategias para la recolección de información y la construcción de datos. Estos fueron la interpretación de documentos histórico/cartográficos, el mapeo social-colectivo y colaborativo y la georreferenciación de sitios patrimoniales y sagrados. Este trabajo triangula, así, las técnicas geográficas, históricas con la mirada o enfoque de la etnografía, utilizando también las técnicas de la observación participante en conversaciones, charlas, registros en caminatas y recorridos de sitios y entrevistas en profundidad.

El poster describe esta diversidad de etapas que transitó el equipo desde el año 2016 hasta la elaboración final de la Cartografía Interactiva web en la actualidad, y se basa en dos partes con diferentes momentos. La primera parte titulada “Diálogo de saberes comechingones y extensionistas” consta de una instancia introductoria que define el trabajo extensionista a partir de la propuesta del “diálogo de saberes” (De Sousa Santos, 2009). Luego, se describen los momentos o procesos de investigación extensionista que estuvieron pautados colectivamente (reuniones grupales para la definición de sitios a recorrer, pauta colectiva de las técnicas y enfoques metodológicos de relevamiento; entrevistas a comuneros, calendarios de sitios recorridos, elaboración de notas de campo, registro fotográfico, registro o notas de campo, relevamiento con GPS, sistematización). La descripción se complementa con fotografías de estas herramientas utilizadas y de las situaciones etnográficas. Finalmente, se exponen las fuentes históricas y catastrales utilizadas en la sistematización de información histórica y territorial. Por ejemplo, el acervo cartográfico del siglo XIX –utilizado por las comunidades en la actualidad para dar cuenta del proceso de expropiación, despojo y desarticulación de tierras, pueblos de indios y comunidades indígenas en el pasado–, así como también el registro de un expediente judicial de un litigio por tierras, iniciado por el pueblo de indios de Tay Pichin en 1803 y finalizado en 1809.

La segunda parte se titula “Bienvenidos al territorio Tay Pichin” y retrata la producción cartográfica llevada a cabo en los talleres de mapeos colectivos en San Marcos Sierras. Se trata de un conjunto de mapas de tres recorridos donde se relevaron sitios sagrados, espirituales y afectivos: Casa de Piedra, La Aguadita y Mojón-Yastay-Uturuco. Estos recorridos y sitios fueron registrados y trabajados en su complejidad histórica y desde la multidimensionalidad de sentidos que expresaban las comunidades. Esta sección del poster expone las diferentes partes en la que se estructura la página web donde se expresa la cartografía interactiva, entendida ésta como un proceso dinámico y multivocal que permite expresar diferentes dimensiones de los sentidos nativos sobre el territorio. La cartografía interactiva permite jugar con la multidimensionalidad de cada sitio, favoreciendo la observación, las diversas capas e incluso la temporalidad. Cabe aclarar que la cartografía interactiva retrata una de las pocas o quizás únicas experiencias de este tipo con comunidades indígenas en Argentina.

Finalmente, en la sección “No olvide llevarse su basura...y sus prenociones” se desprende un mapa de algunas discusiones epistemológicas. ¿Qué es sitio, lugar, territorio, patrimonio para las comunidades y para los distintos actores sociales involucrados en el territorio indígena de San Marcos Sierras? ¿Qué acciones son todavía necesario propiciar, como colectivo extensionista, para fomentar las nociones nativas de territorio y un entendimiento intercultural de las mismas en efecto de las devastaciones producidas por otras nociones y procesos de territorialización locales/regionales? Esto emerge de las tensiones ontológicas, epistemológicas y territoriales inscriptas en los conflictos entre saberes nativos, normativos y analíticos (Haesbaert, 2014).



MESA 27

MESA 27: GEOGRAFÍAS DE LA ARQUITECTURA Y SUS DISIDENCIAS

Coordinadores: Tomasi, J., Nuñez, A., Comerci, M.E., Barada, J.

MESA 27: GEOGRAFÍAS DE LA ARQUITECTURA Y SUS DISIDENCIAS

*Coordinadores: Tomasi, J.¹,
Nuñez, A.²,
Comerci, M.E.³,
Barada, J.¹*

A comienzos del siglo XX la arquitectura se constituyó como un objeto de estudio de la Geografía, tanto desde el proyecto de la Antropogeografía como de la Geografía Humana. Estas investigaciones se acercaron a las arquitecturas consideradas alejadas de los cánones de la arquitectura europea, con un cierto exotismo propio de su etnocentrismo. La falta de continuidad en estas tradiciones no habilitó una reflexión crítica y la arquitectura se alejó del interés de los/as geógrafos/as. Sin embargo, un pensamiento geográfico crítico puede aportar nuevas miradas sobre estas arquitecturas, abandonando la perspectiva conservadora que las asociaba con expresiones del pasado, para mirarlas en su contemporaneidad y en su condición contestataria y disidente. Esto implica repensar las espacialidades, el rol de los objetos y sujetos, las prácticas y saberes, la construcción de los lugares y las movilidades. Esta mesa propone intercambiar y discutir distintos abordajes desde la Geografía hacia estas arquitecturas disidentes. Esto implica aproximarse a toda producción arquitectónica que emerge de las prácticas de colectivos sociales que subvierten las lógicas hegemónicas de la producción capitalista, sin tener que ser plenamente ajenas a sus dinámicas y lógicas. Una mirada desde la disidencia requiere de una reflexión crítica sobre las propias prácticas académicas y disciplinares en la articulación y trabajo conjunto con estos colectivos sociales. Son relevantes para esta mesa todos aquellos trabajos que piensen la disidencia desde el estudio de la materialidad y espacialidad, así como desde el repensar el rol de los y las profesionales en otras formas de producción arquitectónica.

¹ CONICET – Laboratorio de Arquitecturas Andinas y Construcción con Tierra, Instituto de Investigaciones sobre la Naturaleza y la Cultura “Rodolfo Kusch”, Universidad Nacional de Jujuy

² Instituto de Geografía, Facultad de Historia, Geografía y Ciencia Política, Pontificia Universidad Católica de Chile

³ CONICET – Departamento de Geografía, Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de La Pampa

VIVIR EN LA FRONTERA: PASTOREO, VIVIENDA Y CONFLICTOS EN LOS BORDES PAMPEANOS

María Eugenia Comerci⁴

Resumen

Las fronteras se encuentran en el centro del debate social contemporáneo. Concebir a las fronteras como espacios relacionales, de cruce, de contacto, de intercambio y tensiones, con dinámicas complejas, requiere inevitablemente, además de estar en los bordes, de una reflexión crítica que problematice los espacios de frontera, que ponga a la luz las conflictividades y múltiples dimensiones desde perspectivas interdisciplinarias.

Como todo espacio de vida, la vivienda rural, supone límites y fronteras entre lo doméstico (interior), lo peridoméstico y el espacio de pastoreo (asociado con el mundo exterior). Las fronteras son también objeto de disputa inmaterial por los sentidos y sus significaciones. En este marco, en primer lugar, buscamos reflexionar en torno a cómo mirar las fronteras y en contextos de avance del capital en espacios de borde. En segundo lugar, pretendemos abordar un caso en el centro de Argentina, en que las fronteras entran en tensión y se manifiestan distintas lógicas y sentidos. De este modo nos interesa analizar, en el puesto rural “Jahuel de Rosas”, ubicado en las cercanías del paraje rural pampeano llamado Chos Malal, en el límite con la provincia de Mendoza, cómo se expresa la expansión de la frontera productiva –simbólica, su proceso de territorialización y conflictividad.

Abordaremos la ponencia desde la mirada de las geografías disidentes, críticas y de contestación. Asimismo, es necesario que recuperemos diferentes materiales empíricos guiados por la metodología cualitativa. Es fundamental el análisis situado que reconstruya la vida cotidiana en estos espacios, pero también la mirada estructural y contextualizada que dé cuenta y reconstruya el entramado de relaciones en las que se desarrollan esas fronteras, con sus solidaridades y tensiones. En este marco hemos puesto en acción observaciones participantes y entrevistas en profundidad realizadas en distintas oportunidades en el paraje Chos Malal (durante los años 2009, 2010, 2013 y 2016) a crianceros/ras, docentes y técnicos territoriales que trabajan en la zona de estudio. Ese material empírico será triangulado con informes oficiales, cartografía histórica, mapas catastrales, mapas cognitivos de pobladores, imágenes satelitales y datos estadísticos.

La localización de familias de estudio, junto con las tramas sociales, comerciales y vinculares exceden los límites del territorio provincial. Desde hace más cien años existen prácticas de movilidad y tramas sociales más articuladas con el este de Mendoza que con el oeste pampeano. De hecho, esta comunidad se encuentra en un espacio de frontera interprovincial. Algunos puestos, como Jahuel de Rosas, están ubicados al otro lado del límite de la Provincia de La Pampa. En el paraje Chos Malal es una práctica habitual el uso de espacios comunes entre familias para el pastoreo caprinos y equinos. Si bien los límites entre un espacio y otro carecen de delimitaciones materiales (cercado), a menudo, se suele usar huellas, lagunas, salitrales y formaciones rocosas como límites. Esta particular distribución de los campos y forma de apropiación de hecho y colectiva del espacio, desarrollada desde hace más de un siglo, gestó una territorialidad campesina se está desarticulando ante el avance de un alambrado y la emergencia de los conflictos por la tierra. En este marco algunos puestos se encuentran puestos

⁴ CONICET-UNLPam, Argentina. Email: eugeniacomerci@gmail.com

ubicados en el área del límite o dentro del territorio mendocino. Ese es el caso del puesto de estudio que ha tenido un proceso de conflicto por la titularidad de las tierras. A pesar de estar ubicado el espacio doméstico y peridoméstico de la vivienda en la Provincia de Mendoza, la familia pastorea sus tierras de monte abierto muy salitroso en el territorio pampeano. De este modo, han construido una territorialidad campesina que desconoce las fronteras políticas y los límites interprovinciales. En el año 2013, en plena expansión de la frontera productiva, se inició el conflicto por la titularidad de las tierras. De este modo, la territorialidad campesina se puso en tensión con la legal, abstracta y jurídica y emergió el conflicto por la tierra. Se puede diferenciar una territorialidad registral y legal y otra menos visible en los papeles pero que tiene expresión material y simbólica en el lugar y que configura, sin dudas, una geografía disidente.

El estudio pone a la luz la multidimensión de las fronteras (social, económica, política, jurídica) y su complejidad, tanto material como simbólica. A través de los relatos y el mapa mental emergieron las fronteras invisibles que actúan y condicionan a los sujetos y a sus prácticas productivas, relacionales, laborales, etc. Más allá del conflicto, el caso permite repensar los espacios de vida y las fronteras, sus tensiones y sentidos. Junto con la frontera interprovincial, se suma la frontera productiva de comienzos del siglo XXI con la valorización de los campos de pastoreo para la ganadería y la emergencia de una nueva frontera simbólica expresada en el lugar.

Para la concreción del estudio fue imprescindible alejarnos del ámbito de confort de los científicos y tomar un posicionamiento activo con las problemáticas estudiadas. En este sentido, la propuesta de las geografías disidentes posibilita poner a la luz el cuestionamiento de cómo participamos los y las geógrafos/as, en tanto que intelectuales con y en las reivindicaciones de los sectores populares, haciendo de nuestro conocimiento un instrumento y, también, un medio para alimentar las prácticas políticas.

Palabras clave: Fronteras; pastoreo, espacio doméstico, vivienda, conflictos.

LA NUEVA ARQUITECTURA GEOGRÁFICA DE PATAGONIA CHILENA: INTERACCIONES ENTRE NATURALEZA, CAPITAL Y DESEOS

Andrés Núñez⁶
Enrique Aliste⁷

En el interés de descolonizar la idea de arquitectura, con demasiada autocontemplación siempre anclada en una espacialidad tan estática, inmóvil como organizada, proponemos sacarla de tal raíz para en conjunto con el concepto de geografía proyectarla como paisajes en movimiento cuyas arquitecturas siempre son líneas de/en fuga o, para expresarlo de otro modo, arquitecturas geográficas = “paisajes en fuga” (Núñez, 2017, Potestá, 2021). Por lo mismo, la pregunta “¿Qué es al arquitectura?” tendría que ser reemplazada por otras como ¿Cómo? ¿Cuándo? ¿Quién? ¿Dónde?, todas las cuales colaboran a redemarcar los límites de la arquitectura para aterrizarla en su propio límite: el espacio-tiempo (Deleuze, 2005). Instalarla aquí es hablar de fragilidad, discontinuidad, acontecimiento y devenir como, a su vez, pensarla como “potencia”, como constante bifurcación.

Ahora bien, junto con constatar tal “constante huida”, es posible observar arquitecturas geográficas que se afanan por proyectar no la discontinuidad sino precisamente lo contrario, es decir, la estabilidad o como ha dicho Deleuze, la meseta o plano (Deleuze, 2015). Proponemos reflexionar en una de estas nuevas mesetas o estabilidades que en los últimos años es posible observar en la Patagonia chilena. Hay allí una interacción entre naturaleza, capital y deseo que es poco visible y pareciera esar en los cimientos de tal arquitectura geográfica. En efecto, como toda arquitectura geográfica que requiere ser estática o fija, inicia su proceso de territorialización (o captura de la desterritorialización) desde una producción de subjetividad en torno a determinados comportamientos, sensibilidades, percepciones, memorias, relaciones sociales, todos los cuales se pueden agrupar para el caso de Patagonia en el marco de “lo ambiental” (Guattari, 2000, 2013; Datta, 2016). En consecuencia, el proceso de control territorial de Patagonia comienza, antes que todo, desde los trabajos de subjetivación que son indispensables para fijar nuevas arquitecturas geográficas para esas australes tierras: “La producción de subjetividad se encuentra...en un trabajo de formación previa de las fuerzas productivas y de las fuerzas de consumo, sin un trabajo sobre todos los medios de semiotización económica, comercial, industrial, las realidades sociales locales no podrían ser controladas” (Guattari, 2013:31). Así, conceptos que antes (todo el siglo XX) reflejaban el elemento a reprimir hoy son el centro del deseo: “fin de mundo”, “virginidad” o “tierras salvajes”. Desde la lógica de nuestra propuesta, tales “capturas” sociales o nuevas codificaciones reflejarían procesos de control territorial no evidenciados. De esta suerte, una tarea clave en el marco de una renovada colonización cultural o producción de una nueva arquitectura geográfica de carácter estable para esta suerte de “nueva Patagonia”, será indispensable articularla bajo los parámetros de un nuevo sujeto que se diferencie de los otros sujetos que, menos conscientes, explotaban la naturaleza de manera indiscriminada (por ejemplo, el sujeto-patria o el sujeto-colono, cuerpos indispensables para construir la territorialidad de la soberanía chilena en el siglo XX). Es decir, un tipo de humano cuyas nuevas características lo hacen sensible a los aspectos de

⁵ Investigación realizada en el marco de los Proyectos FONDECYT N°1210944 y N°1190855

⁶ Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago; Instituto de Geografía, Santiago. Correo electrónico: andresnunezg@gmail.com

⁷ Universidad de Chile, Santiago; Departamento de Geografía. Correo electrónico: ealiste@uchilefau.cl

la administración de la naturaleza. La “entidad” Patagonia, por lo mismo, como espacio ahora reconocido como “fin de mundo” o “paraíso en la tierra” es un enunciado que convoca múltiples intereses y deseos (Mellado, 2015), los que en la práctica no son ajenos a la movilidad y ecosistema capitalista (Boltanski et al, 2002; Harvey, 2014) como tampoco a la máquina de deseos que fabrica tales imágenes/materialidades. En efecto, la conservación de la naturaleza -y no la explotación- aparece en el centro de un renovado valor cultural que implica nuevas complejidades y nuevos acoplamientos. Patagonia es muy simbólico como caso de estudio, porque es allí precisamente donde el ensamblaje capital-naturaleza promueve una nueva asociación en la actual economía-mundo. La naturaleza en tal proceso de reterritorialización se transforma en un “excedente ecológico del mundo” (Moore, 2016), vale decir, ante la cada vez mayor carencia de naturaleza, menos aún en lo que se asocia a un “estado puro”, ésta se vuelve escasa y, por tanto, exclusiva (Núñez et al, 2020; Aliste et al, 2018). En consecuencia, Patagonia ya no es una periferia de Chile sino que ahora lo es del mundo y su escala de valor de cambio se instala en tal dimensión global, transformándose en un centro al proyectar la puerta desde donde el propio mundo puede salvarse de la crisis ambiental. Esa es la nueva arquitectura geográfica de Patagonia: el ideal de una identidad fija inamovible. En tal contexto, el capital como modo de organización social, por un lado, se moviliza hacia la rentabilidad monopólica que supone administrar aquella exclusividad/especificidad y, por otro lado, gatilla lo que Deleuze ha llamado la “máquina territorial” o el deseo como producción, con el fin de transformar el territorio en necesidad (Deleuze et al, 2014). El primer aspecto es el que ha concitado mayor atención investigativa (Tecklin et al, 2014; Dauvergne 2016; Dempsey 2016; Hora et al 2018; De Matheus et al 2018; Núñez, et al, 2019 a y b; Aliste, 2018). Sin embargo, el segundo, sustentado en las investigaciones posthumanas, resulta toda una apuesta en los estudios geográficos en la medida que, como es nuestro interés mostrar, la naturaleza se empalma con el deseo y desde ese reensamblaje requiere ser consumida, pero ahora como experiencia territorial única y exclusiva, quedando nuevamente como escenario fijo de humanos que la exponen para el mundo (como antes fue la arquitectura geográfica de una Patagonia-patria o Patagonia-soberanía). Esta arquitectura geográfica será meseta por un tiempo básicamente porque el deseo produce la necesidad de “consumir lo verde”: “El deseo produce lo real...en tanto autoproducción del inconsciente...(de este modo)...no es la necesidad la que produce el deseo sino que es el deseo el que produce la necesidad” (Deleuze et al, 2014:33). Así, la exclusividad Patagonia es un modo “en que el deseo está ya de entrada en lo económico” (Guattari, 2013). La arquitectura geográfica “verde” en Patagonia es una forma de actualización de un capitalismo que entiende que la “naturaleza barata”, siendo aún una alternativa en otros lugares, pierde rentabilidad. Hay, por tanto, en esta nueva arquitectura geográfica un afán de sacarla de la huida y como otras veces apenar aquella imagen “para siempre” (como un ideal). Sin embargo, desde la perspectiva de esta propuesta, las prácticas conservacionistas hegemónicas o todo el verdor de la renovada arquitectura geográfica de Patagonia lejos de ser revolucionarias, como desea proyectarlas un específico sujeto ambiental, fundarían su poder en aquella desterritorialización o ruina que significa comprender que la naturaleza ya no es infinita y, por tanto, lo que hace es capturar o gerenciar los flujos de deseos que requieren observar y comprender a la naturaleza de otro modo (Deleuze, et al 2014; Guattari, 2013).

Palabras clave: arquitectura geográfica; naturaleza; Patagonia; capitalismo; deseo

TRABAJO INTERDISCIPLINARIO Y SABERES POPULARES: LA COMISIÓN DE URBANISMO DE LA RECUPERACIÓN DE TIERRAS DE GUERNICA

*Durante, Maria Eugenia;
Breide, Jose Manuel;
Pedro, Beatriz;
Contreras, Mauricio;
Ferlicca, Francesca;
Venturini, Juan Pablo;
Apaolaza, Ricardo⁸*

Resumen

La presente ponencia tiene como objetivo reflexionar sobre el proceso de trabajo y diálogo de saberes que se configuró a través de la Comisión de Urbanismo de la Recuperación de Tierras de Guernica en el año 2020. Se trató de una experiencia en la cual se formuló un proyecto de urbanización en conjunto entre el ámbito profesional y académico y los espacios organizativos de base. Se conformó un equipo de trabajadorxs de distintas profesiones, fundamentalmente arquitectxs y geografxs, que incluyó integrantes de proyectos de investigación y extensión universitaria, cátedras docentes, técnicos de organizaciones políticas y agrupaciones estudiantiles. El conflicto a partir del cual emergió la Comisión fue la “recuperación de tierras” en la localidad de Guernica (municipio de Presidente Perón, zona sur del Área Metropolitana de Buenos Aires), que involucró a más de dos mil familias que lucharon por el acceso al suelo y a la vivienda mediante la ocupación de 98 ha de tierras durante más de tres meses, entre julio y octubre de 2020.

El acompañamiento técnico-político se dio, en primer lugar, desde la necesidad inmediata de contar con un plano de amanzanamiento y loteo que permitiera prefigurar el horizonte de regularización dominial que todo proceso de ocupación conlleva. Se realizaron relevamientos de terreno con herramientas de GPS y de mensura para conocer la situación inicial de emplazamiento de las familias dentro de las tierras ocupadas. Esto permitió reconocer y poner el foco colectivamente en el problema del desorden y la discontinuidad de la trama, la falta de espacios verdes y equipamientos y la ocupación de zonas cercanas a los arroyos que atravesaban la zona. A partir de allí, se mejoró la disposición espacial de las familias y comenzó a generarse una importante interrelación y sinergia con el equipo técnico. Las demandas se complejizaron cuando se postergó la primera fecha de desalojo dictada por el juez y se conformó un dispositivo interministerial a través del cual comenzó a gestarse el diálogo y la negociación con distintas instancias del Poder Ejecutivo de la Provincia de Buenos Aires. Frente a este escenario, se decidió formular una propuesta de urbanización que integrase las diversas dimensiones de la problemática y se articulara con distintos instrumentos legislativos, políticas públicas y programas en funcionamiento. En ese sentido, la principal referencia fue la Ley Provincial 14.449 de Acceso Justo

⁸ Comisión de Urbanismo de la Recuperación de Tierras de Guernica: 1) Centro Interdisciplinario de Estudios Complejos, FAU, UNLP. durantemariaeugenia@gmail.com; 2) Centro Interdisciplinario de Estudios Complejos, FAU, UNLP. jose.breide@gmail.com; 3) Taller Libre de Proyecto Social, Centro de Investigaciones en Vivienda y Hábitat, FADU, UBA. arqbeatrizp@gmail.com; 4) Taller Libre de Proyecto Social, Centro de Investigaciones en Vivienda y Hábitat, FADU, UBA. arq.mauricio.contreras@gmail.com; 5) IUAV, Università di Venezia f.ferlicca@stud.iuav.it; 6) Instituto de Geografía “Romualdo Ardissonne”, FFyL, UBA. venturinijuanpablo@gmail.com; 7) Instituto de Geografía “Romualdo Ardissonne”, FFyL, UBA ricardoapaolaza@yahoo.com.ar

al Hábitat, en la cual se basaron las medidas mínimas de los lotes (200 m²), la propuesta de declaración de utilidad social y edificación obligatoria de terrenos baldíos, y la exigencia de cesión del 10% de superficie por parte de grandes emprendimientos inmobiliarios para proyectos urbanos de interés social. Esto último debido a que una parte de la ocupación (unas 57 ha) se desarrolló sobre un sector de un predio, de unas 360 ha en total, sobre el cual la firma El Bellaco S.A., uno de los demandantes, estaba construyendo un complejo de barrios cerrados.

Se llegó finalmente a la formulación del Proyecto Nuevo Barrio Guernica Unido, que contemplaba no sólo la disposición de los lotes, sino también la integración a la trama urbana existente, con las redes de infraestructura y la conexión a servicios correspondientes, la entrada de transporte público, con equipamientos de salud y educación, espacios socio-comunitarios, espacios verdes, un paseo ribereño, espacios productivos (incluyendo zonas destinadas a huertas) y lugares de capacitación. A su vez, se contemplaba el desarrollo progresivo de las viviendas y de las redes de servicios generando posibilidades de empleo para las familias, con subsidios públicos y articulación con programas nacionales como Agua + Trabajo y Cloacas + Trabajo.

La propuesta permitía articular tres objetivos. En primer lugar, la organización interna del proceso de recuperación de tierras. Lxs delegadxs y vecinxs podían discutir y consensuar desde la base, en asambleas, un proyecto concreto y técnicamente posible que contemplara sus necesidades. A partir de allí, el proyecto se transformó también en una herramienta de reclamo, en una de las “banderas” de la lucha. En segundo lugar, el proyecto era una herramienta sobre la cual desarrollar la negociación con las instancias de gobierno correspondientes, que permitía que las organizaciones de base se sentaran a la mesa con el “dispositivo interministerial” con una posición activa y propositiva. Por último, el proyecto funcionó como una herramienta de difusión hacia el resto de la sociedad y de batalla cultural, donde el hecho de que lxs pobladores contaran con una propuesta propia permitía configurar otros sentidos en la opinión pública. Se apuntaba a fortalecer la idea de una lucha legítima, con organización de base, sincera y propositiva, que pudiera combatir el discurso punitivista dominante que pedía mano dura frente a la “usurpación de la propiedad privada”. Frente a eso, se buscaba plantear la discusión más amplia sobre el derecho a la ciudad de los sectores populares y la “función social de la propiedad”, idea expresada por leyes como la de Acceso Justo al Hábitat de la Provincia de Buenos Aires, pero muy pocas veces territorializada.

Cabe destacar que luego del desalojo de los terrenos de Guernica (el 29 de octubre de 2020), la Comisión de Urbanismo siguió funcionando en conjunto. A la fecha, continúa brindando asesoramiento en el marco de las negociaciones que se han vuelto a abrir para brindar lotes con servicios a una parte de las familias que participaron del conflicto. Además, el equipo ha participado de otros procesos de lucha en otros barrios populares.

La experiencia de la Comisión de Urbanismo de Guernica se inscribió en las amplias trayectorias de trabajo socio-territorial de sus diversos integrantes, desarrolladas en lugares y de formas distintas. El principal resultado de esta confluencia de experiencias fue la profundización del diálogo entre los saberes de arquitectxs y geógrafxs en el marco de prácticas de asistencia técnico-política en conflictos urbanos, y en permanente intercambio con las prácticas y saberes de las organizaciones sociales y las familias involucradas. En ese sentido, se ha fortalecido la reflexión y el compromiso en torno al rol que lxs profesionales universitarios, y la misma Universidad pública como institución, pueden cumplir en estos procesos.

Palabras clave: recuperación de tierras de Guernica; trabajo interdisciplinario; organizaciones sociales; urbanismo; acompañamiento técnico-político

EN CONTRA DEL DETERMINISMO DEL ESPACIO CARCELARIO Y SU ARQUITECTURA: ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS COTIDIANAS

Lauren Isach⁹

Resumen

Aisladas del resto de la ciudad, atrás de altos muros, las cárceles se ubican en gran mayoría en las periferias, alejadas de los centros de circulación y residencias, materializando la voluntad de invisibilizar y mantener alejados a algunos cuya peligrosidad necesita ser “neutralizada”. La cárcel se ubica en esa paradoja entre un mandato de rehabilitar y recomponer los vínculos de aquellos encarcelados con lo social en sentido amplio, y el de neutralizar a quienes, a partir de sus actos delictivos, son visualizados como no habilitados para la convivencia con el resto de la sociedad.

La cárcel despoja a las personas de su libertad espacial, imponiendo un espacio cerrado y limitado donde todo parece estar controlado. La cárcel como pena, y a través de ella su concepción del espacio, se presenta en nuestras sociedades occidentales como la solución a la delincuencia. Se trata de un dispositivo donde el espacio se torna el concepto central, por ser un lugar suficientemente punitivo para castigar, y a la vez suficientemente terapéutico para rehabilitar a la persona. Se le atribuyen así cualidades intrínsecas al espacio carcelario de poder castigar, pero también disuadir, rehabilitar y neutralizar a quienes fueron condenados a vivir por un tiempo en este lugar. La arquitectura penitenciaria se transforma en el soporte de esta ideología. La materialidad arquitectónica guía así los funcionamientos y ordena los usos del espacio carcelario. A través de diferentes dispositivos materiales (rejas, cámaras, muros de separación) y desde la concepción misma de la estructura, la institución busca regular y limitar la circulación, con el objetivo de controlar la vida de sus internos y así garantizar el mantenimiento del orden. Sin embargo, más allá de las ideas y mandatos que guían la concepción de una estructura para responder a determinada problemática, las realidades de las prácticas cotidianas pueden modificar los usos y las utopías de su origen.

A través de este trabajo nos interesa problematizar esta concepción del espacio material o construido como determinante en la organización y las prácticas sociales, que conlleva la idea de cárcel en nuestras sociedades. Para eso proponemos indagar sobre los diferentes usos, percepciones y prácticas cotidianas que afectan y modifican el espacio de una cárcel de Montevideo, planteando así una lectura crítica de diferentes realidades carcelarias. Más allá de las ideas y funciones que en un primer tiempo sostuvieron la concepción de un dispositivo, entendemos que los usos y percepción de este último no son inmutables, pueden variar a lo largo del tiempo o según sus usuarios. Lo concebido no se corresponde necesariamente con lo vivido y lo cotidiano de quienes lo habitan, pudiendo resultar en unos conflictos que responden a unos juegos de poderes entre los diferentes actores que viven en estos espacios.

Para desarrollar esta investigación optamos por un enfoque etnográfico que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus actores. Como metodología, la etnografía propone acceder al mundo de sentidos de aquellos con los que se lleva adelante el proceso de investigación. El trabajo de campo se realizó en una unidad penitenciaria para población masculina de Montevideo: la

⁹ Lauren Isach, Programa Integral Metropolitano (PIM), Universidad de la República (UdelAR), Uruguay. Email: laurenisach@gmail.com

Unidad Penitenciaria nro 6 de Punta de Rieles, implicando observación directa y entrevistas a actores de esta Unidad (equipo directivo, funcionarios, personas privadas de libertad). Tomamos como caso la Unidad nro 6, que ha sido considerada como una experiencia modelo dentro del sistema carcelario uruguayo. Durante el día, las personas privadas de libertad pueden circular dentro del predio de la Unidad, trabajar, estudiar y/o realizar actividades culturales y deportivas con relativa autonomía. El proyecto institucional habilita cierta flexibilidad en la negociación entre personas privadas de libertad y la dirección para la construcción de nuevos dispositivos. A través de la autoconstrucción y con el objetivo de mejorar la calidad de vida, las personas privadas de libertad han desarrollado varios equipamientos y dispositivos que se pueden considerar como disidentes dentro del ámbito carcelario, ya sea por las técnicas y materiales de construcción o por la función de estos dispositivos, como por ejemplo la construcción de espacios más íntimos para recibir la visita. Sin embargo, en 2020 hubo un cambio en el equipo de Dirección de la Unidad, que cuestionó este modelo de gestión espacial, generando conflictos y nuevas negociaciones en torno a la organización del espacio. A través de este caso que ha puesto el foco en una gestión alternativa del espacio carcelario, nos interesa analizar y problematizar los determinismos con los cuales carga la arquitectura y el espacio carcelario. Se trata de entender así las diferentes realidades cotidianas de dicho espacio y sus disidencias, que son ante todo los resultados de procesos de negociación y conflictos que surgen entre los diferentes actores que lo habitan, y que no son tan distintos a lo que sucede en otros territorios de la ciudad.

Nuestro trabajo se focalizó específicamente en los espacios públicos de la Unidad 6, en las calles y plazas que se van formando a través de los encuentros que ahí suceden entre las personas privadas de libertad, sus familiares y los funcionarios penitenciarios, y en los espacios a priori vacíos, abandonados, y sin función oficial. Se trata de analizar cómo estos espacios a priori vacíos se van modificando a través de los usos cotidianos de sus residentes o de las decisiones institucionales. Se conquistan y disputan así nuevos espacios como resultado de los conflictos y negociaciones que emergen entre los diferentes actores de este espacio carcelario.

De nuestra investigación sobre los usos y prácticas cotidianas en la Unidad 6 emergieron también múltiples similitudes con otros territorios de la ciudad, como por ejemplo la reproducción de una cierta segregación territorial entre las diferentes poblaciones que habitan el espacio. Observamos incluso en estas prácticas espaciales una fuerte semejanza con la vida cotidiana en los barrios considerados como margen de la ciudad, de donde proviene la mayoría de los reclusos, dando cuenta de una cierta concepción y experiencia de lo que entendemos como ciudad para ciertos sectores de la población.

Palabras clave: Arquitectura carcelaria, determinismo espacial, conflictos, prácticas cotidianas

MARCADORES URBANOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES EM ERECHIM

Marvin Davi Rojas¹⁰

Marcos Sardá Vieira¹¹

Neste trabalho apresentamos nossas análises da relação entre gênero, espaço e sexualidades com base na urbanidade de Erechim, cidade localizada ao norte do Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil. Esta investigação é parte do projeto de pesquisa “Gênero e sexualidades em urbanidades periféricas” institucionalizado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Com base nas teorias de gênero e sexualidades e pelo levantamento de campo desta média cidade, analisamos a presença de corpos e desejos dissidentes diante da condição hegemônica cis-heteropatriarcal desta cultura e geografia interiorana. Através de abordagem interdisciplinar e qualitativa, nos baseamos em autores e autoras das Ciências Humanas e da subárea de Arquitetura e Urbanismo.

Nosso objetivo é apresentar alguns aspectos de urbanidade de Erechim quanto as performatividades e representações dissidentes, envolvendo a acessibilidade social e o uso dos espaços públicos para o lazer. Através de abordagem interdisciplinar e qualitativa, procuramos compreender as relações sociais permeadas pelo biopoder, pela teoria queer e as representações discriminatórias pautadas pela performatividade identitária LGBTQ, ao sofrerem restrições, injúrias e violências diante do uso dos espaços públicos e dos estabelecimentos de atendimento coletivo erechinenses. Assim, utilizamos as referências básicas de Michael Foucault (2014, 2008), Judith Butler (2018, 2015), Richard Miscolci (2014, 2009), Pierre Bourdier (2012) e Elizabeth Lewis (2017) para compreender as estruturas sociais de exclusão na configuração da cultura material e urbana. Utilizamos também as referências de autores/as que abordam as relações do espaço com as relações de gênero e sexualidades no âmbito da sociedade contemporânea, como Dorren Massey (2008), Joseli Silva (2009) e Alan Collins (2006).

Na pesquisa de campo, utilizamos o método do mapeamento espacial para localizar espaços públicos como ruas, praças e pontos de encontro, além de estabelecimentos voltados ao lazer e ao hedonismo em dinâmicas sociais muitas vezes clandestinas. Também Utilizamos o método de observação não participante para descobrir as representações de sexualidades e dissidências nos subterfúgios urbanos, no âmbito da clandestinidade periférica ou na negociação incerta da presença de pessoas LGBTQ nas áreas centrais. Enfim, o levantamento destas informações possibilita compreender a constituição de lugares e urbanidades pela relação das pessoas com a cultura urbana local (AGUIAR e NETTO, 2012; CORTÉS, 2008; RASMUSSEN, 1998).

Todo o levantamento de informações desde as teorias até o levantamento de campo define a cartografia enquanto estratégia de investigação de desejos e dissidências que permeiam a urbanidade erechinense. Para além dos mapas, esta cartografia define-se como estratégia de pesquisa-intervenção para compreender as relações sociais e materiais sem vincular-se a ordem de entendimento da cidade pelo planejamento urbano.

Esse trabalho apresenta os resultados parciais de análise referente à cartografia dos prazeres sexuais na urbanidade de Erechim. Assim, com base nas teorias de gênero e sexualidades e no levantamento de campo pelo espaço urbano dessa média cidade interiorana, analisamos a recorrência de desejos

¹⁰ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), marvinrojeski@outlook.com

¹¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), marcos.vieira@uffs.edu.br

e dissidências onde a cultura cis-heteropatriarcal é predominante. Primeiramente, consideramos o conceito de centralidade, transitoriedade e periferia entre diferentes escalas, tanto pela referência de polaridades entre cidades de diferentes portes, na escala regional, quanto para destacar os fenômenos intraurbanos do mesmo município na caracterização de espaços urbanos (central, transitório e periférico) na escala local. Por essa última noção, observamos que as medidas de controle moral, de base cis-heteropatriarcal, tendem a invisibilizar as práticas e representações coletivas de lésbicas, gays e transexuais na cidade. Entretanto, nas áreas centrais as regulamentações e disciplinas para a expressão de identidades heterossexuais binárias é mais intensa, principalmente, no entorno marcado pelo eixo da Avenida Sete de Setembro e Maurício Cardoso em Erechim; enquanto em áreas transitórias e periféricas, como nos bairros Progresso e Industrial (localizados à margem da BR-153), a vulnerabilidade de corpos e expressões dissidentes está submetida a menos controle moral e mais violência. Em nossas observações, foi possível notar que os espaços e as práticas ligadas ao prazer sexual são bastante recorrentes enquanto estímulos de interações sociais e comerciais, envolvendo estabelecimentos formais e atividades clandestinas. Essas atividades costumam estar presentes em diferentes localidades urbanas de Erechim. Contudo, a permissividade de práticas voltadas ao prazer sexual em áreas centrais costuma privilegiar o público masculino, no sentido de naturalizar o fator superlativo do desejo sexual de homens cis-heterossexual, em associação direta com o grau de apropriação das áreas mais valorizadas da cidade. Esta ordem e hierarquia de corpos e desejos reforçados pelos espaços centrais permanecem válidas para outras áreas da cidade, entretanto, as atividades menos formais e dissidentes das áreas mais periféricas e os espaços transitórios (além dos espaços privados) costumam servir de subterfúgio para os desejos indisciplinados e não regulamentados.

Por fim, a cidade apresenta-se conformada pela força de valores cis-heteropatriarcais consolidados pela cultural material de relações sociais no uso do espaço central como referência de onde partem outros subterfúgios espaciais. Tais subterfúgios se caracterizam-se por carências de infraestrutura urbana que abrem precedentes para as vivências clandestinas de desejos e representações mais criativas, ainda que precarizadas.

Palavras-chave: Controle social; Gênero; Sexualidades; Urbanidade; Erechim

CASAS CAMPESINAS EN EL OESTE DE LA PAMPA: MOVILIDADES Y FORMAS DE PRODUCCIÓN

Mostacero, Antonela Lucía¹²

Resumen

En la producción de la arquitectura doméstica intervienen numerosos actores que poseen diferentes saberes, experiencias e historias de vida y representaciones individuales y colectivas sobre el habitar. Las prácticas de movilidad realizadas por las personas que construyen y que habitan las arquitecturas inciden en las formas de percibir e interpretar las técnicas, las materialidades y los espacios. En el transcurso de esta ponencia se trabajará sobre la relación entre las diferentes prácticas de movilidad territorial realizadas por los grupos campesinos del oeste de La Pampa (Argentina) y las formas de producción de sus arquitecturas domésticas. Para ello se realizará un estudio de caso conformado por las unidades domésticas localizadas sobre el tramo inferior de la cuenca del río Atuel, a partir del cual se analizará cómo los cambios observados en las prácticas de movilidad de los actores locales y extra locales influyeron en las formas de producir las casas campesinas del sector.

Para este trabajo se utilizará una metodología cualitativa de diseño flexible que integrará diferentes técnicas: se seleccionará un estudio de caso y se combinará con el análisis de documentos escritos y registros audiovisuales desde 1929 a la actualidad, cartografía provista por la Dirección Provincial de Catastro, estadísticas, entrevistas semiabiertas realizadas a funcionarios y habitantes de la cuenca inferior del Atuel y observación participante en el sector de estudio. Además, se sumará una revisión bibliográfica de antecedentes publicados que contribuyan al planteo teórico utilizado. El caso incluirá más de treinta unidades domésticas asentadas sobre el tramo inferior de la cuenca del río Atuel (La Pampa, Argentina). La información primaria será seleccionada de los registros de salidas de campo que se vienen realizando desde 2018, donde se usaron técnicas mixtas de observación.

Los resultados exhiben que, en el sector de estudio, la mayoría de los grupos domésticos han tenido al menos dos casas campesinas durante su ciclo de vida. Algunas de ellas continúan formando parte del espacio de vida del grupo, mientras que otras fueron abandonadas, vendidas o cedidas a algún miembro de la familia para establecer la residencia base de su consiguiente nuevo núcleo. Las múltiples casas que conforman el espacio de vida de los grupos coexisten, son adaptadas y refuncionalizadas para satisfacer los requerimientos de las personas que las habitan, incluso aquellos que tienen que ver con los desplazamientos de sus miembros. De la misma manera, las prácticas de movilidad, que permiten a sus miembros aumentar las estrategias necesarias para la persistencia y resistencia en el sector, posibilitan intercambios tecnológicos, sociales y económicos entre los diferentes actores que participan directa o indirectamente de la producción de las casas. Analizar las dinámicas de desplazamiento y permanencia de los miembros de estos grupos es fundamental para comprender los cambios y continuidades en las arquitecturas domésticas del sector.

En semejanza con otras poblaciones campesino-pastoriles del resto de Argentina, los puesteros y puesteras que habitan sobre el tramo inferior de la cuenca del río Atuel han llevado a cabo diferentes prácticas de movilidad territorial para poder ampliar y asegurar la obtención de recursos necesarios para su reproducción y persistencia en este espacio geográfico. Estas dinámicas comprendieron la relo-

¹² Departamento de Geografía-Facultad de Ciencias Humanas-UNLPam-Conicet. antonelamostacero@gmail.com

calización de la residencia base, la migración, los viajes, la movilidad cotidiana y la doble residencia de casi todos los miembros de los grupos en más de una oportunidad a lo largo de su trayectoria doméstica. En este trabajo fue posible visualizar cómo las formas de producir el habitar se vieron vinculadas a las prácticas de movilidad de los agentes involucrados en este proceso.

Así, se identifica una etapa de relocalización de casas y redefinición de espacios de vida en un contexto de indefinición de posesión de tierras con campos de pastoreo libre, que estuvo signada por la búsqueda de mejores recursos en un ambiente semiárido que fue despojado del río Atuel en forma repentina. Durante esta época las técnicas más utilizadas fueron la quincha, el chorizo y en menor medida el adobe y la producción de las casas era efectuada por todo el grupo familiar. En una segunda instancia, observamos cómo la mayor interacción con agentes institucionalizadores, las movilidades temporarias y los viajes por trabajo a las localidades cercanas influyeron en el ingreso de otras tecnologías y formas de construir al espectro de formas constructivas posibles en el sector. A la construcción por autogestión de las casas se suman los agentes de los gobiernos provincial, local y nacional, a través de sus intervenciones directas e indirectas. En los últimos treinta años, junto a la percepción del acortamiento de las distancias y los tiempos, fue posible identificar la incorporación de constructores y delegación de las tareas propias de la gestión y construcción de las casas a terceros que se dedican a esta tarea en modo profesional. Con el nuevo siglo sobrevino, asimismo, la necesidad de poseer una casa urbana, ya que la dinámica de doble residencia permite a los grupos ampliar su espacio de vida y acceder a ventajas comparativas en ambos lugares: el campo y el pueblo (Comerci y Mostacero, 2021). Esta mayor interacción urbana trajo consigo la incorporación de técnicas por vía seca y de nuevas formas de gestionar la construcción de los espacios domésticos, como también de los espacios peridomésticos. Avanzar en el estudio de los cambios y las continuidades de la producción arquitectónica en un espacio geográfico específico implica comprender cómo las técnicas se ponen en práctica en un complejo entramado social que ha cambiado por motivaciones internas y externas a los grupos sociales. La producción de la casa está íntimamente vinculada con los intercambios realizados entre los diferentes actores que influyen en este proceso a lo largo de la trayectoria individual y colectiva de las unidades domésticas, una historia que sin dudas está signada por múltiples desplazamientos en el área de estudio.

Palabras clave: Movilidad, Oeste de La Pampa, Casa campesina, río Atuel

FORMACIÓN DEL ARQUITECTO EN LA UNIVERSIDAD MAYOR DE SAN ANDRÉS, APORTES A LA CONSTRUCCIÓN DEL LUGAR

Salcedo Zazanda¹³

El capital social puede entenderse como la capacidad efectiva de movilizar productivamente y en beneficio del conjunto, los recursos asociativos que radican en las distintas redes sociales a las que tienen acceso los miembros del grupo; asimismo, para Durston el capital social abarca las normas, instituciones y organizaciones que promueven la confianza y la cooperación entre las personas.

Por otro lado, a partir del año 2006 la Carrera de Arquitectura de la Universidad Mayor de San Andrés ha implementado una nueva modalidad de titulación: Trabajo Dirigido, que se entiende como el conjunto de aplicaciones prácticas de los conocimientos adquiridos en los ámbitos disciplinares de la carrera, vinculándose a una realidad concreta. Asimismo, una de las condicionantes para el desarrollo de esta actividad está en relación a las instituciones vinculadas al programa, gobiernos municipales -categorías A, B y C- municipios que en su mayoría son considerados por el Instituto Nacional de Estadística como rurales, de esta manera, desde el inicio del programa se han establecido acciones comunes a partir de las relaciones institucionalizadas de colaboración.

En este escenario, la universidad a través de esta modalidad de titulación aporta en los procesos de desarrollo de las comunidades y en la materialización de sus aspiraciones de interés individual y colectivo, por lo tanto, la emergencia de la noción de capital social es inseparable de un nuevo concepto de desarrollo local. En concordancia con Pretty son cuatro características que deben ser consideradas en esta interrelación de capital social y desarrollo local: las relaciones de confianza que facilitan la cooperación; reciprocidad como un intercambio de bienes y conocimientos; reglas comunes, normas y sanciones que son factores de conducta mutuamente acordados o transmitidos y aseguran que los intereses colectivos sean complementarios con los intereses individuales; y la conectividad en redes y grupos.

El desarrollo local es un proceso de múltiples dimensiones, estos procesos acontecen en un territorio determinado, que necesita de un entorno económico y social favorable, que permita el aprovechamiento de los recursos endógenos. En este punto identificamos un factor que permite reflexionar sobre los “procesos de diseño arquitectónico” desde la academia, y el impacto en el uso o desuso de los conocimientos tradicionales y ancestrales vinculados a las formas, actividades y materialización del “hecho arquitectónico” en realidades concretas; así como la identificación de las externalidades sujetas en cada territorio. Estas externalidades pueden ser positivas y negativas; en el primer escenario estas facilitan los procesos de transformación, organización e innovación y se constituyen en factores de crecimiento y desarrollo. En el segundo escenario, cuando las externalidades son negativas es necesario plantear estrategias de internalización que reviertan los impactos negativos.

En el año 2006, de ocho municipios -siete en el departamento de La Paz- en la gestión 2019 el programa abarcó 75 municipios -en siete de los nueve departamentos de Bolivia- con más de ochenta estudiantes realizando proyectos, supervisión de obras y actividades de gestión por un periodo de diez meses, esta actividad cuenta con el seguimiento académico por parte de un equipo de docentes asesores distribuidos por regiones, cuyo trabajo se desarrolla manera virtual y con desplazamientos a

¹³ Facultad de Arquitectura, Artes, Diseño y Urbanismo – Universidad Mayor de San Andrés zsalcedo@umsa.bo

los municipios en cuatro oportunidades al año.

Durante el proceso de inducción -primer viaje de seguimiento- los estudiantes identifican los requerimientos que forman parte de diferentes herramientas de planificación como los planes Territoriales Desarrollo Integral – PTDI o los planes operativos anuales - POA, elaborando un plan de actividades que es aprobado por la institución y validado por los docentes asesores; cada estudiante elabora de siete a diez proyectos de diseño, apoya en la supervisión de cinco a diez obras, y realiza diversas actividades de gestión.

Estos datos han sido revisados y analizados durante la gestión 2020, y actualmente está siendo validada, sin embargo, es posible identificar las siguientes tendencias: en relación al tipo de equipamiento el 30% se relaciona con el sector educativo, el 15% son de carácter urbano, el 10% a equipamientos de carácter cultural, y tan solo el 5% son proyectos de vivienda para estudiantes, profesores o personal de salud. Por otro lado, en el 97% de los proyectos las propuestas constructivas están en relación al uso de materiales industrializados, identificándose el 1% al uso de materiales y sistemas constructivos tradicionales; siendo muy similares los datos vinculados a la supervisión de obras.

Si bien, es evidente que desde las políticas públicas se promueven el uso e internalización de nuevas formas constructivas, funcionales y morfológicas, donde por ejemplo, el incremento en el uso de materiales industriales es una tendencia comprobada en los censos del 2001 y 2012; desde la academia también se promueve esta tendencia, ya que en los procesos de enseñanza y aprendizaje así como las actividades complementarias referidas a la arquitectura tradicional, son muy limitadas. Por lo tanto, en esta realidad concreta, los estudiantes durante los procesos de diseño -que en algunos contextos involucran actividades de socialización- no cuentan con los argumentos que permitan revertir esta tendencia, que implican procesos de desvalorización de estos conocimientos y saberes, aspecto que deberá ser analizado y considerado en la nueva propuesta curricular del Arquitecto que es formado en la Universidad Mayor de San Andrés, una universidad pública.

Se busca que desde la academia se promuevan procesos para la cooperación, reciprocidad como un intercambio de bienes y conocimientos; en el marco reglas comunes mutuamente acordados o transmitidos y que aseguran que los intereses colectivos sean complementarios con los intereses individuales, aportando de esta manera a la revalorización de los conocimientos y formas de vivir, así como el uso sostenible de los recursos.

Palabras clave: Capital social, procesos de formación, arquitectura, revalorización

LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO SOCIAL EN NOR-PATAGONIA A PARTIR DE LOS LOCALES POLICIALES

Pilar Perez¹⁴

Resumen

En la producción del espacio social de la nor-Patagonia luego de las campañas de ocupación militar del siglo XIX las policías jugaron un papel decisivo. A partir de sus patrullajes, su asistencia a particulares y sus prácticas de construcción de autoridad definieron y vigilaron circulaciones, ocupación y hábitos permitidos y perseguidos dentro del territorio. Al mismo tiempo, a partir de la defensa de algunos pobladores y sus bienes trazaron un ejercicio discriminatorio de las políticas de seguridad informado por supuestos hegemónicos en donde los colonos, estancieros y casas comerciales fueron respaldados en sus actividades mientras los indígenas -entre otros grupos- fueron marcados como potenciales criminales.

Para comprender el alcance del ejercicio policial en el marco de “sociedades de colonos” -estas son las sociedades resultantes de procesos de ocupación violenta de territorios indígenas- la construcción de comisarías y destacamentos, así como su localización se vuelven significativos. ¿Cómo se definían los lugares de asentamiento de locales para la policía? ¿Cómo se financiaba la construcción de los mismos? ¿Qué diferentes tipos de construcción podemos identificar?

Los locales para la policía fueron eje de los reclamos de esta institución frente al Poder Ejecutivo Nacional aunque la construcción de los mismos no siempre fue producto de una decisión de estado, sino más bien estos locales se construyeron en espacios cedidos o definidos por “vecinos”. Los edificios varían entonces en su calidad e importancia en la zona donde fueron construidos. Al punto que en algunos pueblos y parajes del interior rural se convierten en la arquitectura más destacada y antigua y son entendidos como verdaderos patrimonios del lugar. Al mismo tiempo, las comisarías son espacios sociales complejos de convergencia y conflicto que entrañan múltiples experiencias, ya sean laborales o de vida o de la historia comunitaria y nacional.

Con este punto de partida nos interesa, en primer lugar, comprender cómo se espacializaron las políticas de seguridad, bajo qué criterios y en función de qué problemas. En segundo lugar, apuntamos a indagar en las formas de concebir el espacio social que a partir de la territorialización estatal en la agencia policial jerarquizó y discriminó a la población. Finalmente, nos detendremos en las trayectorias de algunos de estos edificios que mirados en la larga duración han ido modificando sus perfiles, tanto en la concepción social que se tiene de los mismos, como en los usos que la propia policía les da. El trabajo estará documentado a partir de fuentes de archivo, artículos de prensa, fotografías (históricas y contemporáneas) vinculados a debates, proyectos y conflictos ligados al emplazamiento, uso, y mantenimiento de comisarías y otros locales policiales. El objetivo será dimensionar la importancia social de estos locales en diferentes momentos históricos para aventurarnos en sus efectos sociales.

Palabras clave: Comisarías; territorialización estatal; (in)seguridad; sociedad de colonos

¹⁴ Universidad Nacional de Río Negro – Instituto de Investigaciones en Diversidad Cultural y Procesos de Cambio. CONICET- Instituto de Investigaciones en Diversidad Cultural y Procesos de Cambio

PUESTOS MONTEÑOS Y CERREÑOS, Y SU PRODUCCIÓN TERRITORIAL EN LA CORDILLERA ORIENTAL SALTEÑA

Natalia Veliz¹⁵

La territorialidad es un constructo complejo que puede ser definida desde varios abordajes. Cada uno de ellos emplea diferentes instrumentos o estrategias para su definición. Desde el pensamiento geográfico crítico, el rol que tienen la arquitectura es de importancia, precisamente en relación con las prácticas que se configuran alrededor de ella y desde allí la interacción que tienen con el territorio. De esta manera, donde las arquitecturas y prácticas son elementos configuradores de la territorialidad presentaremos un caso de estudio.

El objetivo de este trabajo, que se enmarca en nuestra tesis doctoral, es observar las arquitecturas domésticas como lo son los puestos de pastoreo tanto cerreños como monteños, y comprender la importancia que estos tienen en la configuración de la territorialidad doméstica y de toda área. A partir de este análisis se busca, reconocer en qué medida las arquitecturas y las prácticas pastoriles nazareneces son dinamizadoras y productoras de territorialidad.

La metodología empleada se basó por un lado el trabajo bibliográfico sobre la temática y por otro lado el trabajo de campo con un enfoque etnográfico. Estas dos maneras de acercamiento nos permitieron llegar al entendimiento de la conformación de la territorialidad surgida a partir de la arquitectura y la actividad pastoril de las comunidades nazareneces. La dinámica que se llevó a cabo, a partir del trabajo etnográfico fue la realización de estadías en diferentes puestos de pastoreo tanto monteños como cerreños en diferentes momentos del año. Además de la realización de relevamientos arquitectónicos y fotográficos. Por otra parte, se realizó trabajo de archivo sobre la temática y el área de estudio.

Las comunidades de Nazareno, ubicadas al noroeste de la provincia de Salta con mayor exactitud en la Alta Cuenta del Río Bermejo, históricamente se han abocado a la producción agro-pastoril. En este trabajo nos concentraremos particularmente en las actividades pastoriles y las arquitecturas que se desarrollan alrededor de estas, tal que nos permiten ver un dinamismo en la producción territorial. Los puestos, lugares de refugio y vivienda temporal de los y las pastoras son arquitecturas centrales en la configuración territorial, así como también lo son las actividades de trashumancia, o movimientos de invernada o veranada que realizan los pastores en conjunto con las diferentes haciendas.

El área donde se localizan las más de veinte comunidades de Nazareno, se encuentra conformada por una variabilidad de pisos ambientales, la que tiene una relación directa con implantación de estos puestos, tanto monteños como cerreños. Por esta diferenciación ambiental, los lugareños denominan de diferentes modos a los puestos y con ello los grupos de hacienda según sea la localización de estos. Son las unidades domésticas o familias las que se encargan del cuidado de los diferentes grupos de rebaños o majadas.

Los puestos monteños se localizan en el sector occidental, en plena Cordillera Oriental. En su mayoría estos puestos forman parte de unidades domésticas que tienen a cargo la producción caprina, camélica y ovina. Mientras que los puestos cerreños se sitúan en la zona oriental y de selva montana, lugar reconocido por los nazareneces como monte y donde se encuentra la mayor producción vacuna de la

¹⁵ CONICET – Laboratorio de Arquitecturas Andinas y Construcción con Tierra, Universidad Nacional de Jujuy – natyveliz_10@hotmail.com

mayoría de las comunidades. Tanto los puestos monteños como cerreños tienen características morfológicas similares, aunque de materialidades diferentes. Los puestos se configuran a partir de pequeños recintos que cumplen diferentes funciones (descanso, depósito y concina), más el lugar de corrales. Desde la materialidad, los puestos cerreños se desarrollan con pircas simples o dobles y cubiertas de madera de cardón, lajas y pajas, mientras que los puestos monteños además de incorporar la piedra, emplean la madera como material estructural, de relleno y en la cubierta, así como también en el armado de los corrales de las haciendas.

Si bien se plantean diferencias en las materialidades, tanto los puestos monteños como los cerreños, son elementos dinamizadores en las territorialidades casi desde una misma lógica de control. Los puestos se encuentran localizados en zonas estratégicas respecto al resguardo del viento, al acceso al agua y cuentan con una localización que les permita observar el área y de esa manera manejar la hacienda. Estas arquitecturas son un nodo central en la definición de las territorialidades domésticas, tal que sus bordes son reconocidos por todas las familias, aunque estos no tengan una delimitación material. Desde este punto se propone discutir cómo estas arquitecturas, además de formar parte de las prácticas locales, también son intervinientes en la conformación de la territorialidad de la comunidad. En conclusión el trabajo realizado, permite ver la complejidad de la configuración territorialidad, surgida a partir de las materialidades arquitectónicas, puestos monteños y cerreños, y la actividad de pastoreo de la hacienda las comunidades de Nazareno. Por un lado, se reconoce que estas arquitecturas y su territorialidad tienen un reconocimiento por parte de las unidades domésticas y de la comunidad. Así también se observa que las territorialidades que se conforman a partir de estos movimientos de trashumancia son temporales y elásticos, es decir que se encuentran en una constante redefinición, y no con ello deja de ser una configuración territorial válida y reconocida por los mismos habitantes. Finalmente se rescata que es una construcción social tal que surge en respuesta a las trayectorias cotidianas que realizan los sujetos entre los poblados, los puestos y los territorios de pastoreo. Desde este sentido se evidencia la potencialidad que tienen las arquitecturas y prácticas en la configuración del territorio y de la territorialidad.

Palabras clave: Puestos de pastoreo, trashumancia, pisos ambientales, Nazareno.

RELAÇÕES EMOCIONAIS E AFETIVAS COM O AMBIENTE: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E ARQUITETURA

Augusto Rodrigo Bezerra da Silva¹⁶

Anneleise Paes Leme¹⁷

José Rogério Severino Júnior¹⁸

O espaço (geográfico e arquitetônico)¹⁹ é construído, percebido e vivido sobre mediação dos emaranhados emocionais, de modo que ao apropriar-se dele o habitante deixa rastros de subjetividade, agregando e compartilhando experiências. As inter-relações entre pessoas e ambientes passam pela dimensão das significações afetivas e emocionais dos lugares. O presente trabalho tem como objetivo identificar diálogos entre a Geografia e a Arquitetura a respeito das relações emocionais e afetivas com o ambiente. Consideramos que as maneiras de viver e significar os ambientes variam conforme as particularidades dos sujeitos sociais.

Os temas aqui discutidos preparam-nos, primeiramente, à compreensão de nós mesmos enquanto sujeitos e sociedade. Por muito tempo tais temas sensíveis foram minimizados pela ciência que ao assumir unicamente a racionalidade enxerga nas emoções o seu oposto. Com o avanço na aceitação das subjetividades e o entendimento de que razão e emoção não estão em lados opostos os estudos começam a aparecer, todavia, tardiamente. De modo que há muito a se avançar.

A metodologia adotada consiste em revisão bibliográfica. Foram levantados artigos, livros e capítulos de livros nos campos da Arquitetura e da Geografia que aproximam os objetos de estudos dessas ciências das reflexões sobre as relações afetivas e emocionais com o ambiente. Assim foi realizado um pequeno estado da arte que nos levou a novos caminhos dentro da temática.

As reflexões nos apontam que as questões espaciais na Arquitetura e na Geografia são atravessadas pelas emocionais e afetivas. Todavia, a apreensão dos sentimentos e emoções de habitantes da cidade é um processo difícil de ser operacionalizado, porque emotividade e sensibilidade não são expressas e identificadas com facilidade. O caminho que vai da sensação à enunciação é um processo complexo, salienta Bondi et al. (2005). Nossa relação com o espaço supera a racionalidade porque somos seres emocionais e damos significados principalmente aos nossos espaços vividos (SERPA, 2019).

As pesquisas sobre a inter-relação pessoa-ambiente em nível arquitetônico surgem principalmente no âmbito das instituições (prédios, escritórios, escolas, hospitais, etc.) e seguindo os princípios de espaço pessoal, territorialidade, privacidade e percepção do ambiente em relação aos aspectos físicos (ruídos, temperaturas, circulação do ar, etc.), como salienta Melo (1991). A autora ainda ressalta que os interesses das pesquisas consistiram, inicialmente, no aumento de produtividade nos ambientes, posteriormente chegando ao sentido de investigar se a configuração do espaço resultava numa relação social desejável.

¹⁶ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: augustorodrigo96@gmail.com

¹⁷ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: anneleme@gmail.com

¹⁸ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: junior.rogerio3828@gmail.com

¹⁹ O espaço geográfico compreende uma dimensão analítica, ou seja, é interpretativo e crítico, mas não projetado. Já o espaço da arquitetura é necessariamente projetual, ele não se confunde com o espaço preexistente que dá suporte físico-ambiental a essa ação projetual, tampouco se confunde com o espaço social – essencialmente analítico – promotor dessa ação, ressalta Leitão e Lacerda (2016). Sendo assim, eles não podem ser confundidos, no entanto, devem ser pensados em conjunto para uma melhor compreensão espacial.

Uma das propostas mais claras para operacionalizar conceitualmente os laços das pessoas com os espaços ainda repousa na contribuição de Yi-Fu Tuan (1980) a partir da ideia de topofilia. Os estudos sobre emoção, espaço e sociedade têm produzido não somente teorizações sobre afeto, emoções e sentimentos, mas também inúmeros trabalhos empíricos, notadamente qualitativos, com foco no corpo, na relação e no lugar das experiências emocionais. Apesar das diferenças relacionadas à discussão, há alguns pontos em comum nas pesquisas que discutem as emoções: o fato de que eles são um tipo de estado afetivo; a sua capacidade para exteriorizar; a relativa curta temporalidade; a capacidade para criar uma ação; e o seu caráter contextual, como aponta SILVA (2018).

Todavia, Canter (1970) argumenta que seria fundamental para os estudos dessa área a análise de como o indivíduo entende e experiencia o meio ambiente. Nesse caminho, o sentir e o perceber o espaço são dimensões que compreendem o experienciar ambiental, eles expressam o ser afetado pelo ambiente e as dinâmicas por trás dessa relação. Cordeiro (2016) avança no entendimento de que o uso que se faz do ambiente construído é a dimensão na qual e pela qual o sentido que se dá ao espaço se atualiza, sendo a apreensão de significados notadamente relacionada a esses usos e à sua dinâmica na experiência humana. O sujeito do espaço é autônomo e está sempre se desenvolvendo, está sempre interagindo com o ambiente, podendo modificá-lo e ser modificado por ele. Nessa dinâmica entre sujeito e espaço os “argumentos arquiteturais” também são modificados.

Essas relações sensíveis (lê-se emocionais e afetivas) com os ambientes são dinâmicas e transformadas com o passar da vida pela infância, juventude, meia-idade e velhice, além das transformações causadas por eventos desestabilizadores mais imediatos, afirmam Davidson e Milligan (2004). De modo que, em hipótese, os diferentes grupos etários se relacionam emocionalmente com o lugar de formas particulares. Os habitantes são agentes que participam e atuam nas dinâmicas da vida urbana, tomando esses lugares como seus espaços de vivência e expressão, além de produzir sentido: “Quando um espaço é utilizado – visto que o mesmo é usufruído por mais de uma maneira e por diferentes pessoas e em tempos diferentes – ele torna-se um produtor de sentido” (BESSA, 2019, p. 42).

Em síntese, o espaço arquitetônico e o espaço geográfico são distintos, mas ambos são permeados por significações emocionais e afetivas. As investigações sobre as relações entre pessoas e ambientes têm muito a avançar e são diversas as possibilidades de diálogos entre as áreas de estudos que se propõem a refletir sobre tais questões, todavia, é necessária uma perspectiva interdisciplinar. Não se pode perder de vista que espaço construído está a todo momento (re)produzindo discursos e mediando as experiências espaciais e que os sentimentos devem ser considerados em conexão com estruturas sociais e culturais.

LA ARQUITECTURA PATRIMONIAL VERNÁCULA EN LA CONFIGURACIÓN DEL TERRITORIO RURAL DEL DISTRITO METROPOLITANO DE QUITO

Guerrero-Miranda Paulina²⁰

Resumen

El avance de las construcciones “modernas”, ha calado significativamente en la configuración del territorio, al transformar los paisajes de manera abrupta. Este es el caso de los territorios o paisajes rurales del Distrito Metropolitano de Quito, que han sido víctimas del diseño, tipo de materiales utilizados y la misma tecnología constructiva de la arquitectura actual; que han reemplazado a las arquitecturas ancestrales vernáculas que combinaban armoniosamente con el paisaje rural.

Pero, no solo los paisajes transformados son consecuencia de estas formas de construcción de lugares para habitar y convivir, sino también el abandono paulatino del sentimiento de territorialidad por el desarraigo de una vivienda que fue construida bajo conocimientos ancestrales y de forma masiva por la comunidad; además de otras consecuencias de índole económica, social y ambiental. De todas maneras, lo que a primera vista resalta en las parroquias rurales, es el crecimiento urbano desordenado, carente de planificación y de una normativa de uso de suelo que motive un crecimiento bajo un modelo de territorio que le de valor a las viviendas patrimoniales vernáculas, que son testigos fidedignos de la historia y de los procesos de resistencia colonial.

Esta investigación, tomó como base un análisis bibliográfico sobre las dinámicas del paisaje rural, poniendo como enfoque los criterios de manejo y conservación de las viviendas patrimoniales vernáculas que forman parte de la configuración del territorio rural. El análisis consideró a las viviendas patrimoniales vernáculas que constan en el registro del Instituto Metropolitano de Patrimonio, de las cuales se tomó el metadato que tiene una serie de información, entre ellas el estado de las viviendas y sus coordenadas geográficas, lo que permitió obtener la georreferenciación de cada una de estas y su colocación dentro de un Sistema de Información Geográfico, para una lectura territorial más amplia, que se apoyó con salidas de campo.

En el análisis se hizo una comparación entre la gestión y manejo que se realiza al Centro Histórico, ubicado en el área urbana de Quito –considerado como el mayor atractivo turístico– en contraste con la gestión que se realiza a las viviendas vernáculas del territorio rural del Distrito Metropolitano de Quito

La gestión patrimonial y turística del Centro Histórico de Quito, sirvió de base para indicar que los centros históricos “rurales”, no han tenido la misma gestión, pese a tener similares características. Para llegar a esta consideración se tomó como referencia investigaciones de autores que dan la importancia correspondiente al área rural; entre ellos: Capello (2004), que habla de la herencia española de arte y cultura en el territorio quiteño, incluida el área rural; lo dicho por Cuesta, Villagómez, & Sili (2017), quienes consideran que la mejor forma de conservar la historia y cultura de un país, es desde la valoración del espacio rural; y lo sostenido por Andrade (2016), sobre los procesos históricos de resistencia de los kitus, y evidencia de manifestaciones culturales indígenas que persisten en zonas rurales; entre otros autores.

El análisis concluye mostrando la riqueza del sector rural y la necesidad de reconstruir nuevas formas

²⁰ Universidad de Alicante – Universidad Central del Ecuador

de gestión del territorio donde el crecimiento urbano debe considerar la arquitectura patrimonial vernácula desde una mirada más amplia, integral y multidisciplinaria, que incluya –entre otros aspectos– el rescate de la historia.

Palabras clave: Patrimonio arquitectónico, viviendas vernáculas, paisaje rural

CONJUNTO RURAL DE RIO DA LUZ - JARAGUÁ DO SUL/SC: DESAFIOS DA PATRIMONIALIZAÇÃO

Gonçalves, Bruno Luiz²¹

Abrahão, Cinthia Maria de Sena²²

Alves, Alan Ripoll²³

O planejamento e posterior desenvolvimento deste estudo partiu de indagações acerca da valorização e proteção das culturas, com ênfase na paisagem cultural como representação para a proteção e manutenção dessas culturas. O tema abordado relaciona-se ao processo de patrimonialização de um conjunto rural situado no município de Jaraguá do Sul, estado de Santa Catarina, região sul brasileira, considerando as peculiaridades do processo de proteção desse território. As discussões acerca da valorização e proteção das culturas brasileiras e sua identidade nacional apontam para processos históricos de ocupação que envolvem uma grande diversidade cultural. Na sociedade brasileira, a diversidade ganhou maior evidência nas políticas públicas a partir da primeira década do século XXI, sobretudo pelo intuito de revelar a pluralidade dos brasis, trabalhando com as muitas manifestações culturais (BARBALHO, 2007). Ainda nos anos 2000, uma ação conjunta entre o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estabeleceu ações para a valorização das diversidades responsáveis pela formação das identidades brasileiras, na qual surgiu o Projeto Roteiros Nacionais da Imigração, iniciado no estado de Santa Catarina, com intenção de posteriormente abranger outros estados brasileiros. A proposta buscou salvaguardar como patrimônio, conhecimentos, práticas e manifestações de imigrantes por meio da chancela da paisagem cultural brasileira em Santa Catarina, de modo que a gestão compartilhada do patrimônio histórico e cultural entre União, estados e municípios fosse o cerne da questão para a efetivação da proteção. Essas ações de salvaguarda são decorrentes da expressividade e representatividade dentro do processo de formação socioespacial da região onde o núcleo rural se localiza, referente à imigração em Santa Catarina. O conjunto rural é contíguo à localidade de Testo Alto, no município vizinho de Pomerode, sendo divididos pela configuração geográfica do vale, a Serra Pomerode-Jaraguá, que também representa a divisa dos municípios. Ao Sul, o relevo montanhoso, com paisagens naturais de vale e ocupação dispersa, com alguma concentração em pontos próximos às margens do Rio Jaraguá, caracteriza o bairro. Apesar de parte do bairro (ao Norte) situar-se dentro zona urbana, o IPHAN classifica o bairro como rural, considerando que em decorrência de sua matriz germânica, as atividades se configuram dentro de um contexto majoritariamente rural (CAMARGO, 2013). A parte urbana definida por lei municipal aproxima-se em classificação ao que o IBGE vem discutindo recentemente como rural-urbano, e que pretende divulgar no Censo Demográfico 2020. Essa classificação tem sido feita por meio das características demográficas, levando em conta concentração e dispersão populacional, morfologia, modo de vida, inter-relações urbanas, etc. (IBGE, 2017). Trata-se, em resumo, de um espaço de transição e transposição de atividades entre o urbano e o rural. Dentre as áreas de interesse de proteção, o Conjunto Rural de Rio da Luz (CRRL), em Jaraguá do Sul-SC, definido como recorte espacial e objeto de pesquisa deste estudo, foi tombado em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histó-

²¹ PPGDTS/UFPR - Universidade Federal do Paraná. Email: bruno.contatos@gmail.com

²² PPGDTS/UFPR - Universidade Federal do Paraná. Email: cisena01@gmail.com

²³ PPGDTS/UFPR - Universidade Federal do Paraná. Email: alanripoll@gmail.com

co e Artístico Nacional (IPHAN), em 2007, como patrimônio paisagístico. Concomitantemente ao processo de tombamento, cogitava-se a aplicação do instrumento de Chancela da Paisagem Cultural Brasileira ao núcleo rural de Rio da Luz, junto com o núcleo rural de Testo Alto, situado no município vizinho, Pomerode-SC. A chancela trata-se de um Instrumento de regulamentação e proteção adotado pelo IPHAN, na qual descreve a chancela de Paisagem Cultural Brasileira como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (IPHAN, 2020), porém este instrumento somente veio a ser oficializado no Brasil no ano de 2009, posteriormente ao reconhecimento do título concedido ao CRRL, não o abrangendo (GEMENTE & CARVALHO, 2014). Após o processo de tombamento do CRRL, o IPHAN, com o intuito de preservar a história e cultura da região, estabeleceu legislação específica relativa ao uso e ocupação do solo. Desde então, em decorrência da dinâmica socioespacial, tal legislação vem sofrendo alterações, refletindo em alguma medida os conflitos relativos à política de patrimonialização. No ano de 2013 passou a vigorar a Portaria N° 69 de 22 de fevereiro, que dispõe sobre a regulamentação de diretrizes para a preservação do Conjunto Rural de Rio da Luz. Em 2017, iniciou-se uma revisão desta regulamentação, após um período de mudanças no contexto político nacional, reforçando certa contrariedade a algumas ações no âmbito da preservação cultural. O processo de revisão da Portaria do Conjunto Rural de Rio da Luz foi encerrado no final do ano de 2019, estabelecendo a Portaria N° 318 de 07 de novembro de 2019 (BRASIL, 2019), porque altera a primeira Portaria de 2013, dispondo sobre a regulamentação de diretrizes para a preservação do CRRL. O que trouxe considerável mudança no recorte espacial da área tombada, retirando parte do perímetro de proteção nas bordas que tocam a área urbana. Neste recorte, o objetivo da investigação consistiu em interpretar o movimento tenso decorrente da patrimonialização, por meio da análise documental legal, cujos resultados preliminares reforçam a relevância de que as políticas de preservação de patrimônio considerem estas dinâmicas como parte integrante da gestão territorial.

Palavras-chave: Patrimônio, tombamento, paisagem cultural



MESA 28

MESA 28: ¿CÓMO VIVENCIAMOS NUESTRAS GEOGRAFÍAS A PARTIR DE LAS INTERSECCIONES ENTRE GÉNERO/SEXUALIDAD, CLASE Y ETNIA/RAZA?

Coordinadores: Rocha, Heder; Ornat, Marcio J.; Oliveira, Anita L.

MESA 28: ¿CÓMO VIVENCIAMOS NUESTRAS GEOGRAFÍAS A PARTIR DE LAS INTERSECCIONES ENTRE GÉNERO/SEXUALIDAD, CLASE Y ETNIA/RAZA?

*Coordinadores: Rocha, Heder¹;
Ornat, Marcio J.²;
Oliveira, Anita L.³*

El objetivo de la presente mesa temática es pensar como el cruce entre género, sexualidad, clase y etnia/raza configura la vivencia de las personas a partir de sus cuerpos. Los distintos ensambles de estos tres marcadores ubican a las personas en relaciones de poder y se vinculan directamente con las formas de vivir las opresiones en diversas escalas geográficas. Les invitamos a pensar juntas estas diversas geofraticidades, ya que el desafío de la interseccionalidad también se inserta en la producción de conocimiento geográfico, lo que implica la posibilidad de que el cuerpo sea considerado en sus relaciones con el espacio, valorando las existencias espaciales interceptadas por varios ejes de opresión. Reflexionar sobre nuestras posiciones como sujetos de conocimiento requiere repensar críticamente nuestras formas de hacer geografía, los conceptos y referencias utilizadas, finalmente, implica una nueva epistemología. Acreditamos que así es posible repositionar el pensamiento descolonial feminista y el feminismo negro en la estructura académico-científica, para hacer visible un movimiento emergente y poderoso, que se ha notado más claramente en los últimos años. Incentivamos el envío de contribuciones que reflexionen sobre estos puntos, pero también aquellas que nos hagan pensar sobre cómo la blancura interfiere en la vida, incluidos los intelectuales. Nos interesa poner en escena otras geografías, aquellas invisibilidades por el discurso científico.

¹ Centro de Investigaciones Geográficas (CIG) - Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales (IGEHCs) - UNICEN/ CONICET

² Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa

³ Professora Associada do Departamento de Geografia da UFRRJ/IM (campus Nova Iguaçu), Docente do quadro permanente do PPGGEO/UFRRJ. Tutora do Programa de Educação Tutorial PET-GEOGRAFIA e bolsista PET/MEC



CUERPO

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO COTIDIANA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Mesa temática 28: Como experimentamos nossas geografias baseadas nas interseções entre gênero / sexualidade, classe e etnia / raça?

Modalidade: Ponencia

Costa, Eduardo Cesar da⁴

Lindo, Paula⁵

Este resumo resulta de pesquisa em desenvolvimento para trabalho de conclusão do curso de Geografia, na Universidade Federal da Fronteira Sul, que se embasa em metodologias qualitativas como entrevistas e análise textual discursiva, e em referenciais teóricos da Geografia e de Estudos de Gênero. A pesquisa, busca compreender como o padrão binário de performatividade de gênero em uma perspectiva interseccional influencia as vivências cotidianas dos sujeitos nos espaços públicos e privados urbanos de Chapecó - Santa Catarina. Neste resumo, buscamos compreender especificamente como os padrões de gênero e sexualidade atuam na regulação das inter-relações entre corpos generificados e a produção dos espaços da vivência cotidiana a partir da concepção de tríade da produção do espaço de Henri Lefebvre (2006).

Quando Massey e Keynes (2004, p. 08) conceituam espaço geográfico como “[...] a esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem [...]”, referem para além da diversidade de lugares e elementos geográficos em interação, também à multiplicidade de sujeitos e corpos constituintes e (des/re)construtores deste espaço. Essa multiplicidade multiescalar intrínseca ao conceito de espaço geográfico se manifesta sobretudo na dimensão espacial das vivências cotidianas dos sujeitos, o lugar geográfico. No lugar cotidiano, os sujeitos interagem, relacionam-se, e negociam cotidianamente com “[...] o humano e o não humano” (MASSEY, 2008, p. 203), satisfazendo suas necessidades por meio de ações pautada em razão e emoção (SANTOS, 2020), e assim modificando, e produzindo o espaço (LEFEBVRE, 2006).

Paralelamente, podemos considerar a convergência conceitual existente entre as escalas geográficas do corpo e do lugar cotidiano. Isto pois, sendo o corpo uma “[...] escala geográfica elementar”, por meio da qual “[...] estabelecemos nossa individualidade e a sociabilidade, prática que se dá no cotidiano a partir das mais variadas formas de experiências no espaço vivido” (NUNES, REGO, 2011, p. 87); o lugar geográfico sendo a dimensão espacial em que se concretizam essas vivências cotidianas dos sujeitos, com a qual criam elos afetivos, interagem com outros sujeitos e lugares, interpretam e assimilam o mundo (MASSEY, 2008); e considerando que inexistente espaço geográfico (nem lugar) sem o humano (SANTOS, 2020) e sujeito sem corpo (BUTLER, 2016); estas noções conceituais abarcam-se cotidianamente na produção do espaço.

Produção do espaço compreendida aqui a partir da concepção de Lefebvre (2006), em um sentido de produção do espaço social que extrapola a produção de bens, e abarca, como argumenta Catalão (2010) um “[...] sentido ampliado de construção histórica da vida, da consciência e do mundo, e das relações sociais [...]” (p. 22), e que “[...] se faz cotidiana e historicamente e, assim, está passível aos

⁴ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó - SC. eduardo.costa@estudante.uffs.edu.br.

⁵ Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim - RS. paula.lindo@uffs.edu.br

inúmeros acontecimentos aleatórios que atingem a vida em sociedade” (p. 26). Lefebvre neste sentido propõe a compreensão de espaço como uma tríade: espaço percebido, concebido e vivido. A dimensão do espaço percebido compete às percepções sensoriais à materialidade espacial, o que o sujeito percebe sensorialmente do espaço (visão, audição, tato, paladar). O espaço concebido é o que se representa ou compreende destes espaços, que tendem rumo a um sistema de signos verbais assim elaborados intelectualmente, o que se apreende por meio das percepções do espaço. Já o espaço vivido, Lefebvre refere como sendo a conjunção espaço-temporal das dimensões percebida e concebida fazendo-se cotidianamente no espaço, a vida espacial propriamente dita. O espaço percebido é concebido e assim vivido.

A produção de signos, significados, e performatividades deste modo também compreendem a noção de produção espacial. Portanto seriam o gênero e a sexualidade elementos ativos da produção do espaço geográfico? Isto é, seriam capazes de modular ou regular as interações espaciais dos sujeitos? Podemos compreender gênero a partir de Butler (2020) como “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, uma aparência natural de ser” (p.69), baseado em uma lógica binária. Assim o gênero é performativo, uma performatividade cotidiana do corpo no espaço-tempo. Butler destaca ainda que “[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado como [...] tendo sido gênero desde o começo” (p. 09), logo, todo sujeito performa gênero em concordância ou não com o padrão de performatividade de gênero do contexto em que o sujeito está inserido. Para além de delimitar as fronteiras de como agir, o padrão binário de performatividade de gênero impõe uma regulação da sexualidade, o modo correto de sentir e desejar, a heterossexualidade compulsória. Nesta lógica binária, todo corpo que destoa da norma é ininteligibilizado. Assim o gênero se concretiza por meio da performatividade de corpos generificados que percebem, concebem e vivem o gênero e os discursos que o rondam no espaço das vivências cotidianas.

Podemos inferir deste modo que “[...] o gênero é [...] uma categoria útil de análise geográfica” (SILVA, 1998, p. 108), pois se percebe nas relações com outros sujeitos e com o espaço, de modo que a concepção do espaço e a concepção do padrão de gênero deste espaço se entrecruzam, e se manifestam na vida performativa cotidiana dos sujeitos. Os sujeitos, se aprendem a performar gênero em acordo com o padrão socialmente estabelecido, essa performance se realiza pelo corpo no espaço. Assim, o sujeito percebe em sua vida cotidiana os significados generificantes do espaço e concebe esse espaço a partir destes significados. Como resultado, o comportamento deste corpo a partir do percebido e concebido, a performatividade de gênero deste sujeito, torna-se a ação da dimensão vivida do espaço. Desta maneira, podemos identificar a dualidade relacional, em que a ação humana produz o espaço concomitantemente o espaço modula as cosmologias estruturantes do espaço nos sujeitos influenciando a ação destes corpos (MASSEY, 2008).

LITERATURA FEMININA NEGRA E SUAS NARRATIVAS SOBRE A CIDADE: UMA ANÁLISE ENTRE MEMÓRIA, CORPO E ESPAÇO.

Mesa Temática 28 - Como experimentamos nossas geografias baseadas nas interseções entre gênero / sexualidade, classe e étnica / raça?

Tipo de apresentação: Ponencia

Autora: Monique Bonifácio Barrozo⁶

Coautora: Ana Beatriz da Silva⁷

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar formas de leitura da cidade tendo como base a produção literária de Carolina Maria de Jesus e de Maria da Conceição Evaristo de Brito, a partir dos livros *Quarto de Despejo* e *Becos da Memória*, respectivamente. A escolha por estas autoras se faz no sentido de nos apresentarem uma leitura da cidade nas quais ambas narram um processo de desfavelamento. Cada uma em seu tempo e em cidades distintas, entretanto o processo de remoção compreende-se com determinados elementos semelhantes e recorrentes.

Podemos aqui observar e analisar que estes processos ocorrem em periferias brasileiras a partir de projetos de higienização e branqueamento/modernidade dos espaços da cidade e, atingem de forma negativa direta ao grupo que habita esses espaços, pobres e negros em sua maioria.

Tomando como ponto de análise as narrativas produzidas pelas autoras, observamos uma relação direta de pertencimento com o espaço vivido pelos seus personagens que desdobram em significativas e particulares experiências individuais e coletivas. Apresentar a representação de cidade por elas relatada é o ponto de partida desta análise. Debruçando-nos nas abordagens da geografia humanista para investigação e compreensão da produção do espaço e os seus significados apresentados na literatura. Compreendendo o que estas produções literárias escolhidas querem nos dizer enquanto lócus de enunciação, enquanto produtora do lugar da descrição, da representação, e da percepção, sobre os elementos de organização do espaço e ordenadores da paisagem urbana.

Podemos encontrar em seus escritos, além dos brevemente citados, elementos que devem ser compreendidos e debatidos na geografia. Se nos é dada a ideia de que o espaço é complexo e constituído de processos simultâneos, é de bom grado buscar novas possibilidades e perspectivas de compreensão desse espaço. Porque é na geografia que encontramos possibilidades de romper com invisibilidades do processo de formação e construção das sociedades, da população, do conhecimento e do matriarcado na construção e nas organizações do espaço propriamente dito. Vemos assim, a importância da presença feminina na pesquisa/atuação em geografia para buscar novas formas do pensar e fazer geografia. O tema vem sendo desenvolvido no âmbito da geografia, por pesquisadoras (es) do país inteiro, a exemplo dos trabalhos de Marandola (2006), trazendo o debate sobre o quanto a literatura e as artes têm a contribuir no fazer geográfico debruçando-se sobre a cidade, lugares, paisagens e pessoas. Em Nascimento (2014) encontramos como suporte a questão de marcas e/ou identidade espacial de construção de narrativa de escritoras negras, no qual ocorre um novo processo de pertencimento a partir da escrita. Queiroz (2017) elucida-nos a discussão a respeito da relação corpo e espaço, dentro

⁶ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal Fluminense. moniquebonifacio@id.uff.br

⁷ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal Fluminense an_silva@id.uff.br

da perspectiva interseccional através da trajetória e da escrevivência desenvolvida por Evaristo. Partindo da ideia de cidade racializada utilizamos como base teórica os trabalhos desenvolvidos por Campos (2005), apresentando-nos um debate acerca da produção dos espaços urbanos racializados de caráter segregador, não visto pelos agentes produtores do grupo dominante como um problema mas sim uma forma de manter seu controle sobre os corpos racializados. Campos chama de “estigmatização do espaço” (p.63), aqueles espaços/lugares periféricos que se desenvolvem na cidade, que abrigam o que o autor denomina de “classes perigosas” (p.64). Sendo esta população controlada totalmente pelo poder do Estado através da violência, visando a manutenção desses corpos nas periferias e favelas, de maneira que possam habitar apenas os espaços da cidade através da força de trabalho.

Guimarães (2015) elucida-nos um debate sobre a maneira que as transformações urbanas se desenvolveram, e criaram legitimizações de determinadas áreas que podem ou não ser consideradas patrimônio, locais de memória. Entretanto dentro dos moldes coloniais, a escolha de determinados locais invisibiliza a herança e a contribuição da população negra na construção das cidades, sendo destinado a este grupo o local do esquecimento, da ausência, da invisibilidade e subordinação na cidade.

Oliveira (2020) encontramos suporte sobre os dispositivos espaciais que geram necropolítica, através da cidade estruturada no racismo que é estruturante do sistema capitalista. Santos (2012) nos convida ao debate sobre a dimensão espacial das relações raciais, defendendo que é papel da geografia revelar estas relações que marcam e constituem o espaço.

Consideramos fundamental a realização de uma leitura pautada na produção feminina na ciência geográfica, pois temos a convicção que ao longo do tempo muitas foram as tentativas de invisibilizar e silenciar o processo de formação e construção das sociedades, da população, de saberes e do ser feminino na construção, nas organizações do espaço. Visando sustentar este diálogo evocamos aqui o trabalho de geógrafas brasileiras como Silva (2003) e Guimarães (2015). Pois compreendemos que o processo de produção do espaço e a dispersão da população negra feminina são engendrados a partir das relações de poder implementados e estruturados pela “economia colonial”, uma vez que esta é responsável pela criação de estigmas e estereótipos, que resultam em representações reais e simbólicas, oficiais e culturais que podem ser observadas mais de perto em Ratts (2006 e 2009), Carneiro (2003) e Gomes (2005).

Desse modo, se faz necessário uma nova perspectiva dos diálogos entre a geografia e a literatura propondo um olhar crítico acerca das relações entre centro e periferia, a fim de visibilizar as trajetórias, experiências, vivências contidas nas obras literárias destacando o transitar principalmente dos corpos das mulheres negras nestes espaços segregados.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Mulheres negras; Narrativa; Cidade.



EDUCACIÓN/ENSEÑANZA

ESPACIALIDADES E CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES: ENTRE CONFLITOS E AFETIVIDADES O SUJEITO SE CONSTITUI COM A ESCOLA

Mesa Temática: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Nº: 28.

Tipo de presentación: ponencia.

Rossetto, Maria Júlia Buck⁸

A instituição escolar em sua concepção e desenvolvimento tem origem através de uma perspectiva elitista e excludente, agindo na reprodução de privilégios. Como instrumento de dominação de classes, em diferentes contextos históricos e espaciais, a escola possui características punitivistas, patriarcais e autoritárias em sua organização. Da forma como é vista e praticada, com um currículo tecnicista, tende a promover a violência simbólica, sendo um instrumento de poder, de uma classe social para a outra.

Contudo, a escola também preserva a transformação pelo sujeito, uma vez que carrega o protagonismo daqueles que constituem sua existência: os estudantes. Embora fundada em um desejo de segurança, punitivismo e segregação, a escola possui em seu interior elementos de subversão, o que, ainda que paradoxal, não é contraditório, dado que reproduzir o humano é reproduzir a capacidade humana de se recriar (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2007). O prazer de vigiar, controlar e fiscalizar, mas também o de criar mecanismos de fuga desse poder, de revelar-se, ou mesmo de tentar esconder o que não deveria ser visto demonstram a dialética da construção das espacialidades.

Retomando o pensamento de Massey (2008) acerca da constituição do espaço, é possível associarmos a escola não apenas a sua estrutura física, mas como um espaço construído cotidianamente através das inter-relações entre os sujeitos, onde trajetórias distintas coexistem em um processo de eterno devir. Logo, a percepção geográfica relaciona-se diretamente com as representações associadas à concepção do espaço escolar, uma vez que a escola enquanto lugar de significação, como constituidora e constituinte de relações sociais e identidades, atua como lócus de produção espacial através dos corpos que a compõem.

Dessa forma, é possível assumir que as construções objetivas e subjetivas das relações na escola serão múltiplas, abertas e em permanente manutenção. Portanto, no espaço escolar o encontro das diferenças é inevitável, visto que este espaço é produzido através das interações de sujeitos heterogêneos com diferenças que marcam seus corpos de forma interseccionada (MORETTI, 2019).

A escola, conseqüentemente, é o espaço da possibilidade da juventude: o mesmo espaço que exclui, ignora e discrimina, acaba por ser o lugar de vivência e constituição das identidades individuais coletivas. A ressignificação por parte dos estudantes sobrepõem a hierarquização de poder imposta pelo projeto político de constituição da instituição escolar, reafirmando que o espaço está sempre em tensão, em constante possibilidade de ser outro, sendo constituído através dos corpos em um intenso processo de luta, com significações diversas.

Como iniciativa de ilustrar e discutir as espacialidades escolares dos jovens através de um olhar geográfico, este trabalho traz uma breve reflexão através de relatos de estudantes do Ensino Médio no

⁸ Universidade de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas: majubr21@gmail.com

Colégio Técnico de Limeira (COTIL- UNICAMP)⁹ no que diz respeito às suas vivências com relação à constituição e manutenção das identidades espaciais na escola. Para tanto, estarão descritos fragmentos de entrevistas realizadas com quatro alunos da instituição (todos jovens entre 17 e 18 anos, estudantes do 3º ano do Ensino Médio em 2020), pautadas no intuito de reconhecimento das dinâmicas afetivas construídas no cotidiano da escola. As perguntas que nortearam a pesquisa buscavam promover a compreensão das amplitudes de relações estabelecidas individual e coletivamente entre os estudantes no que diz respeito à vivência no cotidiano escolar, bem como as transformações decorrentes da emergência do Ensino Remoto como consequência da pandemia de Covid-19 durante o ano de 2020. Logo, as questões orientadoras foram: 1- *Qual é a sua relação com a escola? Você gosta do ambiente? Por quê?*; 2- *Você se sente confortável para ser quem você é na escola? Com relação ao seu gênero, sexualidade, etc?*; 3 - *Você se sente confortável para ser quem você é em outros espaços além da escola? Quais? Por quê?*; 4- *Durante 2020, você se sentiu mais confortável estando em casa ou preferiria estar na escola? Por que?*; 5- *Do que mais você sentiu falta da escola? E do que menos sentiu saudade? Por quê?*

É necessário pontuar que um dos incômodos propulsores para este trabalho foi a problemática das mudanças recorrentes da imposição do Ensino Remoto em um contexto de gravíssima crise sanitária. No decorrer do ano de 2020, o projeto de integração capitalista imposto à organização de um Sistema-Mundo global, proporcionou a eclosão e o desenvolvimento violento da pandemia de Covid-19, afetando diferentes escalas das relações sociais, dentre elas, a concepção e manutenção da instituição escolar, bem como a relação do estudantes na formação e organização deste espaço e de suas identidades individuais e coletivas.

Além disso, reitera-se que o processo de entrevistas qualitativas não foi realizado isoladamente. Todo o percurso deste trabalho está diretamente influenciado pelas vivências e experiências não somente dos estudantes em questão, mas da pesquisadora que escreve este texto, uma vez que ela foi professora de Geografia da instituição. Reafirma-se que não é possível se descolar de um objeto de estudo. Nenhuma posição ou ato reflete neutralidade. Todas as decisões e posicionamentos fazem parte de uma escolha e como educadora, elas estão claras e coerentes no desenvolver da prática e das relações no espaço escolar. Neste breve ensaio, propõe-se a discussão através de distintas formas de percepção espacial que representam transformações no que diz respeito ao culto ao movimento, às ações, às oportunidades e às incorporações de novos elementos ao sujeito transformado e transformador do espaço escolar. Rompendo com a estruturação de poder burguesa que confere à escola um instrumento de manutenção social através do controle dos corpos, a resistência daqueles que conferem vida ao espaço rompe com a hierarquização da vigilância, punição e seguridade e traz à tona a multidimensão de um espaço posto da possibilidade, da transformação. Afirmando Paulo Freire (1979), o indivíduo está no espaço, com o espaço e é o espaço. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si, de projetar-se nos outros.

Palavras-chave: Escola; Espacialidades; Identidades.

⁹ O Colégio Técnico de Limeira (COTIL) foi fundado em meados da década de 1970, concomitante com a expansão da Universidade Estadual de Campinas em outras localidades além do município de Campinas. Em um contexto de intenso avanço de uma Pedagogia Técnica, no auge da Ditadura Militar no Brasil.

LEI 10.639/03 E AS INTERSECCIONALIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID

MESA TEMÁTICA N° 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia

*Brenda Leticia de Paula Muniz*¹⁰

*José Luiz Alves Neto*¹¹

*Flávia Vieira Lourenço*¹²

*Sandra de Castro de Azevedo*¹³

O ambiente escolar possui forte influência na constituição dos sujeitos, no entanto a vivencia de educação básica, seja como aluno ou como professores em formação, indicam que o ambiente escolar e o currículo pouco consideram as interseccionalidades que as permeiam.

Historicamente, o Brasil, tem escamoteado questões no âmbito racial e de gênero. A complexidade inerente nessas questões resvala em todos os segmentos da sociedade brasileira, haja vista que a própria constituição de nossa sociedade foi por meio de violências de raça e, conseqüentemente, de gênero. A Lei 10.639/2003 que insere em todas escolas do país o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira torna-se instrumento fundamental para quebra de estigmas e estereótipos vinculados a população 'negra'. É importante ressaltar que a questão étnico-racial já está presente como obrigatoriedade legal na educação básica, já a questão de gênero na educação ainda é objeto de intensos conflitos. A interseccionalidade é um dos caminhos para ampliar a conquista nesta questão.

O que incide no repensar sobre as relações de gênero e raça, ao qual torna-se pertinente na (des)construção do imaginário social atrelado às mulheres negras. A escola como *locus* central-primário na formação de sujeitos. Assume, ao mesmo tempo, o papel de reprodutora dos estigmas sociais e o papel de resistência frente às mesmas. Com isso, se faz necessário pautar um ensino de Geografia que considere as intersecções identitárias na formação do conhecimento. Pois, à medida que a apreensão do lugar e do espaço só se dá por intermédio do corpo (Claval, 2002), a formação do pensamento geográfico na escola deve considerar as múltiplas formas de ser e viver o espaço.

O objetivo da atividade foi apresentar uma leitura socioespacial das mulheres negras a partir dos letamentos interseccionais. Para isso, é necessário concebe-las como sujeitos históricos imersas em processos sociais e constituintes de suas próprias espacialidades, como afirma Santos (2015). A atividade foi realizada através Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na Geografia da UNIFAL-MG com alunos/as do 2º e 3º ano do Ensino Médio da escola parceira. A dinâmica consistia na elaboração de um texto ficcional retratando de forma breve e contextualizada a experiência de mulheres afro-brasileiras e afro-americanas reais, a partir dos entrecruzamentos de suas identidades de gênero, étnico-raciais, regionais e

¹⁰ Graduanda em Geografia Licenciatura na Universidade Federal de Alfenas - MG (UNIFAL-MG). Bolsista CAPES do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: brenda.muniz@sou.unifal-mg.edu.br

¹¹ Graduando em Geografia Licenciatura na Universidade Federal de Alfenas - MG (UNIFAL-MG). Bolsista CAPES do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: jose.alves@sou.unifal-mg.edu.br

¹² Graduanda em Geografia Licenciatura a Universidade Federal de Alfenas – MG (UNIFAL-MG). E-mail: flavia.lourenco@sou.unifal-mg.edu.br

¹³ Professora Doutora de Geografia Associada da Universidade Federal de Alfenas – MG (UNIFAL-MG). E-mail: sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

de classe. A concepção de interseccionalidade de Crenshaw (2002) foi ampliada para também dar conta das resistências e tensionamentos produzidos pelos sujeitos em suas encruzilhadas identitárias. Para Silva e Silva (2011) a interseccionalidade pode evidenciar de forma combinada, as resistências e negociações no espaço geográfico produzido pelos sujeitos.

Como base para a atividade, foi usado o livro “*O perigo de uma história única*” da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2009). A autora, em seu livro, aborda a partir de sua vivência étnica racial e de gênero, como as referências do continente africano são cooptadas a partir de uma lógica colonial moderna. Nesse sentido, optou-se pela escrita de um texto ficcional que trouxesse tanto as indagações e provocações feitas pela autora, como também, outras reflexões que tivessem como foco as múltiplas realidades das mulheres negras afro-brasileiras e afro-americanas, ou seja, procuramos nos atentar às realidades regionais, de classe, de gênero, de ciclo geracional, entre outras. Nesse sentido, a diferença alocada nas identidades interseccionais também é sinônimo de ‘agência’ para a desconstrução das possíveis desigualdades (Henning, 2015). Pensar a partir das lentes interseccionais significa assumir uma posição em que os problemas relativos às diferenças sejam pensados, simultaneamente e contraditoriamente, em interação.

Nesse sentido, a interseccionalidade questiona tantos os sistemas discriminatórios como as identidades fixas e acometidas pelo padrão colonial moderno (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2018). Dessa forma, a questão racial, tão comumente discutida no mês da Consciência Negra, ganha outros contornos através da intersecção das relações de gênero, classistas, regionais e geracionais, levando em consideração as espacialidades e temporalidades. Assim, a interseccionalidade amplia a luta dos movimentos sociais (Movimento Negro e Feminismos), desalojando certas lógicas e desmistificando pretensos papéis de gênero, para que outras realidades socioespaciais possam vir a toma, ou seja, dar ouvidos às subjetividades subalternizadas.

É importante ressaltar que a atividade foi desenvolvida e apresentada no contexto pandêmico, que por si só coloca desafios em vários sentidos, como por exemplo, baixa participação das turmas em que a atividade foi apresentada. Em uma dessas apresentações, uma aluna da escola parceira relatou como foi importante em seu processo de transição capilar a representação de mulheres negras, como forma de espelho e apoio frente a sua identidade que estava em construção, outro ponto importante de ressaltar foi que o professor da escola parceira a qual a atividade foi realizada, relatou que a mesma teve um impacto positivo para os alunos e alunas. Mostrando que mesmo com baixa participação na atividade, ela de alguma forma chegou aos demais alunos e alunas assim como nos professores e professoras.

De forma breve e sucinta, chegamos à conclusão que um trabalho que leve em conta as identidades interseccionais em seu processo de estruturação, pode contribuir de forma crítica e positiva na compreensão dos fenômenos socioespaciais. Onde o corpo como escala de análise, é resistência e desobediência frente às estruturas coloniais que, também de forma interseccional, geram desigualdades mínimas a grupos subalternizados (Crenshaw, 2002). Inserir gênero e outros marcadores da diferença no ensino de Geografia Escolar torna-se uma tarefa difícil – *vide* as próprias políticas educacionais que pouco ou quase nada consideram as diferenças – mas, não é algo impossível de se propor. Pode ser, que o caminho para propor saberes espaciais que levem em conta as diferenças, seja aquele, o (des)caminho. Onde o corpo, espaço e práticas, são entendidos como elementos fundadores de distintas espacialidades. O corpo como símbolo da identidade e diferença, também é espaço da singularidade, e na medida que certas intersecções acontecem. O corpo, tornar-se-ia, arma frente as desigualdades mínimas e estruturais. Na mesma medida que coloque em xeque as identidades fixas, questionando o papel das identidades subalternizadas e colocando em perspectiva o papel das mesmas frente as políticas de ações afirmativas.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Ensino de Geografia; Lei 10.639/2003

A INTERSECCIONALIDADE NO CURRÍCULO ESCOLAR DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO DE MATO GROSSO DO SUL

Mesa temática 28: Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, classe y etnia/raza?

Tipo de participação: apresentação

Pereira, Alessandra Alves¹⁴

Pereira, Valéria Rodrigues¹⁵

Este trabalho trata-se de parte de um projeto de pesquisa desenvolvido no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, no qual se prevê, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, no Referencial Curricular do estado de Mato Grosso do Sul (2018), para identificar em quais anos escolares da disciplina de geografia há conteúdos que auxiliam no ensino interseccional de gênero, raça e classe.

Propomos neste trabalho uma contribuição aos estudos de interseccionalidade no ensino de geografia, analisando abordagens de gênero, raça e classe no documento que guia o ensino no estado de Mato Grosso do Sul de 2018, correspondente ao ensino médio.

O conceito interseccionalidade (AKOTIRENE, 2020) vem ganhando visibilidade, e tem como cerne a indissociabilidade de estruturas opressivas, com origem nas pautas das feministas negras, que tinham invisibilidade em meio as feministas brancas que não admitiam seus privilégios raciais, além a dificuldade frente ao movimento negro, visto que os homens já haviam conquistado o sufrágio(-DAVIS, 2016), havendo portanto a necessidade de pontuar suas necessidades visto a articulação de gênero, raça e classe social. A partir de então, consideramos o espaço escolar, um ambiente propício a intervenções que visem uma modificação estrutural (CÁSSIO, 2019), a educação é a ferramenta mais útil para que o processo seja emancipador, e para que realmente possamos dar um passo mais efetivo para a erradicação das discriminações, por isso a geografia não pode estar distante dessa luta constante, com um objeto de estudo tão rico quanto o espaço geográfico, e um olhar tão apurado para a dialética de processos sociais. Nesse sentido, Oliveira (1989, p.143)

argumenta que o ensino deve “[...] incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta [...]”.

Desse modo, a partir da análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe nos conteúdos escolares, objetivamos compreender a organização e disposição dos temas no currículo escolar. Assim, temos a análise da interseccionalidade de gênero, raça e classe nos conteúdos de geografia no Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul(2018), identificando no documento em quais anos escolares há conteúdos que auxiliam no ensino interseccional, como está a organização e disposição dos temas no currículo escolar.

Nessa perspectiva, procuraremos pontuar as dificuldades e as potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem e, em seguida, propor possíveis intervenções de ensino na tentativa de que os temas sejam trabalhados no ambiente escolar, viabilizando a emancipação e formação social dos alunos.

¹⁴ Aluna de graduação do curso de Geografia- Licenciatura CPTL/UFMS, integrante do Programa de Educação Tutorial, Grupo PET Geografia. Email: alee_h_pereira@outlook.com.br

¹⁵ .Profª. Dra. Curso Geografia CPTL/UFMS. Email: valeriauufms@gmail.com

Visto que este trabalho se trata de uma pesquisa em andamento, ainda estamos em processo de construção do trabalho, porém, de modo preliminar, supomos que a interseccionalidade de gênero, raça e classe nos conteúdos de geografia na orientação curricular do estado de Mato Grosso do Sul, para o Ensino Médio ainda não se apresenta bem evidenciada ou articulada. Por fim, a expectativa é de que o estudo, por intermédio da análise de conteúdos escolares, possibilite vislumbrar e construir as contribuições para o ensino de geografia na discussão da interseccionalidade.

Palavras - chave: Ensino, interseccional, referencial curricular.



ÉPISTEMOLOGÍA

O LEGADO DE LÉLIA GONZALEZ: UM BREVE DEBATE SOBRE AS MULHERES NEGRAS E AS HERANÇAS DA MODERNIDADE

Mesa 28- Como experimentamos nossas geografias baseadas nas interseções entre gênero/ sexualidade, classe e étnica/ raça?

Ponencia

Laís Gabriela da Silva¹⁶

Ivan Ignacio Pimentel¹⁷

Neste artigo buscamos [re]significar o cheiro da mulher negra a partir do “lixo” sexualizado abordado por Lélia Gonzales desde a década de 1980. Ao fazer a “voz do lixo ser ouvida”, de forma paradoxal, a autora aborda como os corpos negros, desde o Brasil Colônia, vêm sendo desejados e ao mesmo tempo rejeitados. Inspirados em debates que envolvem racismo e sexualidade contemplados, no presente trabalho, questionamos a perspectiva do corpo animalizado e hipersexualizado e, a partir do “cheiro”, buscamos contemplar o real sentido do corpo da mulher negra no atual contexto da sociedade.

No atual contexto da sociedade, em pleno século XXI, apesar das inúmeras conquistas dos movimentos negros, diversas feridas criadas pelo binômio colonialidade/modernidade permanecem abertas e sangram a todo instante que instrumentos hierárquicos são usados para se referir a nós. Esses instrumentos que ora nos animalizam, ora nos tratam como infantilizados sempre são utilizados como armas que nos inferiorizam e tentam naturalizar espacialidades específicas para os nossos corpos.

A modernidade opera em nossos corpos nos inferiorizando, nos destituindo de beleza, nos violentando, desprezando a nossa arte e nossos sentimentos. Fomos tratados como lixo e obrigados a sentir o cheiro que nos foi destinado. Este longo processo, provocou feridas, que expostas ou não, continuam doendo e volta ou outra ainda sangram. Por isso consideramos relevante dar continuidade ao trabalho proposto por Lélia Gonzales e rompermos com heranças que ainda hoje assolam diversas mulheres negras, pois ao afirmar que estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, qual o cheiro da mulher negra pobre?

A partir da questão central, ao longo do trabalho [re]significaremos o cheiro sexualizado que ainda cria feridas, pois observa-se intelectuais negras do passado e do presente que o cheiro da mulher negra vai muito do corpo sexualizado. O corpo feminino negro hoje ocupa espaços de destaque na academia e em movimentos sociais. Como diz a nossa grande referência: “o lixo agora vai falar” e “numa boa”, de forma crítica irá “denaturalizar” a lógicas de dominação e tentativas de domesticação do corpo da mulher, mostrando o verdadeiro cheiro da mulher negra.

Para a elaboração do trabalho, além da necessidade de dialogar com uma bibliografia pertinente, realizamos um roteiro de entrevistas semiestruturadas que foi respondido por dez mulheres negras. Grande parte dessas mulheres estão inseridas no ambiente acadêmico, como professoras e alunas e apenas uma interlocutora trabalha no setor terciário, mais especificamente na atividade de comércio. Contudo, não foi possível realizar as entrevistas pessoalmente devido à pandemia do Covid-19 e a necessidade do distanciamento social. Desse modo, as perguntas foram reconfiguradas em formato de

¹⁶ Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana Aplicada (GHAP), Universidade Federal de São João del-Rei, lais.gabriela@hotmail.com

¹⁷ Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana Aplicada (GHAP), Universidade Federal de São João del-Rei, ivanpimentel@ufsj.edu.br

formulário para que elas pudessem ser respondidas de forma virtual.

Para analisar as respostas obtidas foi aplicado o método análise de conteúdo que nos permite uma objetividade maior e direciona o caminho que desejo relacionar à teoria e aos discursos obtidos. A elaboração de gráficos também se configura nessa metodologia de análise de conteúdo, pois com eles, mais uma vez, consigo informações da realidade das interlocutoras. Desse modo, consigo ir além do olhar imediato, pois considero as experiências expostas, e confirmar de certa forma a hipótese aqui levantada. Sabendo que a centralidade da proposta é o cheiro da mulher negra, a apresentação do trabalho se dividirá em três momentos. Na primeira parte do trabalho, realizamos uma abordagem sobre o binômio colonialidade/modernidade, ressignificando o corpo da mulher negra. Se o “Século das Luzes” para nós foi um momento que delegou a nossos corpos a escuridão e o mal cheiro, delegando espacialidades marginais, hoje começamos a vislumbrar a desconstrução de uma verdade única que através da linguística determinava o cheiro dos corpos negros de modo a considerá-los primitivos, animalizados ou até um lixo passível de eliminação para não contaminar o ambiente dito “civilizado”. No segundo momento, que tem por subtítulo, consideramos relevante a realização de um debate que contemple a dualidade presente no corpo negro, pois o mesmo corpo que é excluído de diversas espacialidades é constantemente desejado para a realização de desejos e fetiches. A modernidade/colonialidade que subalterniza os corpos a partir do cheiro também os hipersexualiza e os transforma em objetos de desejo, visto como uma espécie de “atrativo sexual”. Fato este, que através de diálogos com nossas interlocutoras, nos conduz a refletirmos sobre a vulnerabilidade do corpo da mulher negra. Por último e não menos importante, para [re]significarmos o cheiro da mulher negra, contemplaremos brevemente o verdadeiro cheiro da mulher negra e suas espacialidades no atual contexto da sociedade, pois apesar de todo desprazer e racismo cotidiano vivenciado por diversas mulheres negras ao longo dos seus anos de vida, o corpo negro possui o cheiro da inteligência, da capacidade de ocupar espaços anteriormente negados, demonstrando que o cheiro da mulher negra se faz presente em espacialidades antes inimagináveis.

Assim, ao propormos falar sobre o nosso próprio cheiro, o encaramos como algo íntimo, que exala inteligência e criatividade, algo paradoxal em relação aos padrões e modelos que regeram nosso cheiro e o associaram somente à hipersexualidade da “mulata do carnaval”, que muitas vezes ainda ocupa espaços subalternizados no seu cotidiano. Sabendo que diversas feridas ainda fazem parte do nosso cotidiano, ao propormos um trabalho que busca [re]significar o nosso cheiro, entramos em contato direto com nossas feridas e marcas que ainda sangram e estão longe de cicatrizar. Por isso, somos categóricos em afirmar que as marcas do nosso sangue estão presentes em cada página, afinal de contas o lixo resolveu falar sobre seu cheiro e suas espacialidades.

Palavras- chaves: Cheiro; Colonialidade; Espaço; Gênero; Poder.



INTERSECCIONALIDADES

MATERNIDADE, DOCÊNCIA E SOBRECARGA DE TRABALHO: INTERSECCIONALIDADE NA ANÁLISE GEOGRÁFICA

Mesa 28 - ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponência

Anita Loureiro de Oliveira¹⁸

Comprender o impacto da maternidade na carreira docente significa visibilizar o sexismo e o racismo da cultura brasileira, que concentra nas mulheres, em especial nas negras, o papel de cuidadoras. O tema ganha relevância neste momento histórico em que o isolamento social tem sido utilizado como forma de contenção do avanço da pandemia de Covid-19, fazendo com que a vida escolar e universitária fosse adaptada ao funcionamento remoto das atividades, evidenciando o caráter aberto e relacional do lar, enquanto espacialidade potencialmente conflitiva e, mais ainda, diante das incertezas do presente (Oliveira, 2020). Para mães docentes, a sobrecarga de trabalho (doméstico, de cuidado, da educação das crianças, somadas à adaptação da docência ao modo remoto) tem sido um evidente fator de exaustão e adoecimento.

A pesquisa trata do desafio de visibilizar a parentalidade e o trabalho reprodutivo com políticas que garantam a equidade de gênero e raça, em um cenário em que os trabalhos de cuidado e domésticos são marcados por desiguais relações de poder. Se está evidente o impacto desta sobrecarga de trabalho sobre mulheres-mães cientistas e docentes, é preciso reconhecer que hoje o debate tem se ampliado, oportunizando reflexões e ações direcionadas a visibilizar a experiência da maternidade, para que se possa pensar o cuidado como ação coletiva, horizontal e compartilhada. Ainda que estejamos longe do que podemos em termos de reconhecimento social e institucional frente aos desafios da conciliação do trabalho docente remoto com as exigências desse tempo em que a maior parte das crianças está sem escola presencial há pelo menos um ano, a oportunidade para o debate foi ampliada nesta conjuntura. Cabe aprofundar estudos que destacam a relevância do entrecruzamento de gênero, raça, sexualidade, classe, tipo de parentalidade, para a compreensão da maternidade/maternagem de modo complexo. Nessa leitura, a interseccionalidade não é apenas conceito, mas ferramenta metodológica que rasura a ciência asséptica ainda dominante. Ressaltar esta contribuição epistemológica é reconhecer o racismo epistêmico e confrontá-lo com o valor da mulher negra enquanto sujeita do conhecimento. As formas de opressão se entrecruzam e causam novos tipos de desafios e a interseccionalidade aparece como “instrumentalidade teórico-metodológica [necessária] à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e o cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2019, p.19).

Para uma interpretação geográfica da maternidade, reconhecer o impacto do trabalho reprodutivo e do cuidado na vida cotidiana das mulheres é particularmente importante quando pesquisas apontam que as mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos, (principalmente com idade até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia, enquanto a produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi a menos afetada (*Parent In Science*, 2020). O estudo “Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero,

¹⁸ Professora Associada do Departamento de Geografia da UFRRJ/IM (campus Nova Iguaçu), Docente do quadro permanente do PPGGEO/UFRRJ. Tutora do Programa de Educação Tutorial PET-GEOGRAFIA e bolsista PET/MEC anitaloureiro@yahoo.com.br

raça e parentalidade” realizou um levantamento no Brasil, durante os meses de abril e maio de 2020, com questionários respondidos por quase 15 mil cientistas, entre docentes/pesquisadoras(es), discentes de pós-graduação e pós-doutorandas(os) e revelou que enquanto apenas 49,8% das mulheres conseguiram submeter artigos conforme planejado (com uma significativa diferença entre mulheres docentes sem filhos, dentre as quais 56,4% submeteram artigos como planejado, enquanto apenas 47,4% das docentes com filhos conseguiram o mesmo), entre os homens 68,7% continuam seguindo sua rotina de submissão.

Pensar sobre a experiência docente e refletir sobre o impacto da maternidade nesta carreira nos conduz a uma reflexão sobre as razões da maternidade multiplicar as exigências relativas aos cuidados reprodutivos, mas sobretudo como diferentes modos de matinar podem evidenciar relações desiguais ou apontar formas de cuidado compartilhado. Mulheres negras são e foram fundamentais, não apenas criando seus próprios filhos, como são e foram a base da criação de crianças brancas. O feminismo negro nos cobra com razão uma ruptura das relações hierárquicas intragênero como parte da necessária autocrítica da branquitude.

A crítica de feministas negras às assimetrias intragênero e seu impacto no cuidado reprodutivo cotidiano nos permite reconhecer a posição de privilégio que mulheres brancas costumam ocupar em relação às negras. Como pesquisadora, me situar enquanto branca e reconhecer o lugar de privilégio que ocupo na estrutura socio-racial é uma parte importante do desafio analítico. Isto porque repensar as relações entre gêneros e intragênero tem sido proveitoso à análise espacial do matinar. Há avanços interpretativos significativos ao próprio feminismo ao se perceber que para além das desigualdades entre os gêneros, persistem relações desiguais intragênero que acabam por perpetuar a pouca responsabilização dos homens pela própria paternidade e pelo trabalho reprodutivo e de cuidado. Os trabalhos reprodutivos, domésticos e de cuidado são marcados por relações de poder e desiguais relações de gênero e raça e o lar, enquanto espacialidade relacional precisa ser analisado considerando essas intersecções.

A base teórica negro-feminista que articula esta reflexão associa-se a um interesse analítico que busca capturar a relação corpo-espaco identificando as relações paradoxais que constituem a espacialidade da maternagem, em seu aspecto relacional, em que a mãe negra encontra desafios maiores em relação à mãe branca. Esta, por vezes em uma posição de classe superior, é frequentemente apoiada pela mulher negra que, contrariamente, não usufrui da solidariedade das brancas, que seja condizente ao que oferece ao se encarregar dos cuidados a ela terceirizados.

Desse modo, a pesquisa propõe racializar o cuidado para pensar práticas comumente associadas à maternagem, e a contribuição de intelectuais negras se destaca ao refletirmos de modo interseccional sobre as condições sociais, políticas e culturais das práticas socialmente referenciadas à maternidade. Podemos compreender que enquanto experiência performativa, múltipla e espacialmente vivida, a maternagem na leitura negro-feminista tende a alcançar o status de ação política que tensiona as formas patriarcais e racistas de cuidado e parentalidade socialmente atribuídos às mães e às mulheres negras. Para tanto, faz-se necessário subverter o saber branco e androcêntrico para refletir sobre as corpo-espacialidades maternas, considerando a escrita feminista do corpo e as contribuições das intelectuais negras que alertam que o próprio feminismo esteve prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante (Carneiro, 2003).

Considerando a enorme contribuição de intelectuais negras como Lélia Gonzalez (2019 [1980]), Sueli Carneiro (2003), Maria Aparecida Bento (2002), entre outras intérpretes do pensamento social e da cultura brasileira, para pensar as condições das mulheres negras enquanto figuras predominantes nas funções de cuidados domésticos, especialmente as empregadas domésticas, é preciso destacar o peso desse imagi-

nário para o legado da mulher negra na formação da sociedade brasileira.

Além de reconhecer a mulher negra como base da sociedade, é preciso reconhecer a vitalidade do pensamento de intelectuais negras para a interpretação da vida cotidiana. É preciso estar atenta às críticas levantadas pelas autoras do pensamento feminista negro; pois, por vezes elas são bem diretas e exigem mais do que indignação, nos convidando para uma ação cotidiana e que nos coloque frente à branquitude, de modo que a crítica possa nos servir ao debate institucional capaz de remover barreiras que secularmente dificultaram a vida de mulheres negras enquanto intelectuais.

Diante de uma ciência marcadamente androcêntrica e embranquecida, que invisibilizou temas como maternidade/maternagem e o trabalho reprodutivo do cuidado, a perspectiva descolonizante das mulheres negras e latino-americanas traz para o debate a potência reflexiva de um ‘corpo-político’, que deixa de ser *objeto* para torna-se *sujeito* do conhecimento científico. O movimento de enegrecimento do feminismo tem sido realizado pelo feminismo negro há décadas (Carneiro, 2003) e feministas latino-americanas inspiradas no movimento de mulheres indígenas e no feminismo decolonial propõem descolonizar o gênero e tratar o corpo como político. Autoras como Maria Lugones (2014) nos alertam para a colonialidade de gênero enquanto opressão racializada e capitalista. Spinosa-Miñoso, Gómez, Lugones e Ochoa (2013) destacam que esta opressão está ligada ao controle sobre as vidas das mulheres e tem uma história de racialização cruzada pela negação da humanidade das mulheres não-brancas, indígenas e negras.

Estas referências compõem a base de uma Geografia Corporificada, de bases anticoloniais (Oliveira, 2019) que se respalda na subversão viabilizada pelas Geografias Feministas (Silva, 2009) e Malditas (Silva; Ornat; Chimim Junior, 2013) que há mais de uma década tenta superar a impermeabilidade da perspectiva de gênero na geografia brasileira (Silva, 2009). Trata-se de destacar as desigualdades na geometria do poder (Massey, 2008) e como “as geografias feministas devem estar atentas para encontrar as lacunas e as razões das ausências, reinventando formas de conceber a realidade espacial por meio do tensionamento dos conceitos e métodos já concebidos” (Silva; Ornat; Chimim Junior, 2017, p. 15).

Pesquisas que trazem o tema da maternidade/maternagem para o debate geográfico brasileiro de modo interseccional são fundamentais, por afirmarem que “o privado também é político” reforçando “subversividades identitárias, escalares, espaciais e temporais que são tão reais quanto a própria materialização do gênero” (Przybysz, 2017, p. 137). Além disso, a própria “construção intelectual que separa e invisibiliza a relação pública/privada da dinâmica espacial é uma concepção androcêntrica que precisa ser desafiada, para dar visibilidade àqueles grupos que são negados pelo campo científico, como é o caso das mulheres (Mcdowell, 1999)” (Przybysz e Silva, 2017, p.112).

Maternar remete à parceria, apoio com afeto, cuidado (com a mãe e a criança), mas essa não é uma perspectiva amplamente investigada na geografia e a maternidade segue sendo um tema de pouca visibilidade em nossa ciência. A coletivização da experiência do maternar tem a ver com pensar o espaço enquanto esfera da possibilidade de existência da multiplicidade (Massey, 2008), o que significa ver também o corpo como espacialidade em disputa, inclusive com pensá-lo como entidade geopolítica. Isto porque a reprodução é um tema que atravessa a análise dos modos como o sistema patriarcal capitalista racista faz uso do corpo feminino. Para Sarah Holloway, “longe de ser uma experiência simplesmente natural, a maternagem é um fenômeno social complexo: varia ao longo do tempo e no espaço, e está intimamente ligado a ideias normativas sobre a feminilidade” (Holloway, 1999: 91, apud Longhurst, 2008, p. 2).

Essas referências nos ajudam a consolidar a base de uma *geografia das existências*, cuja postura metodológica defendida por várias das autoras citadas, propõe uma escrita em primeira pessoa, por vezes costurados a relatos pessoais e à luta política transescalar, que tecidos com teorias, conceitos e categorias de análise nos amparam na criação de um pensamento sobre existência e cotidiano que é fundamental para a Geografia que nos interessa fazer.



O desafio teórico-prático de pensar geograficamente em bases interseccionais o impacto da maternidade na carreira docente, destacando o sexismo e o racismo da cultura brasileira e visibilizando questões e metodologias comumente desprezadas pelos modos coloniais de fazer ciência compõe o quadro de questões que a pesquisa articula. Espera-se com isso aprofundar o pensamento geográfico sobre a maternidade, visibilizando os desafios vividos no cotidiano por mulheres que fazem Geografia no tempo presente, de modo que nossa ciência possa dar contribuições concretas para viabilizar ações que amparem a existência de mães e crianças e para que o espaço possa ser vivido e pensado considerando essas existências.

TRABAJADORAS DA PRAIA: MULHERES NEGRAS E O TURISMO EM ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL – APA DE GUADALUPE

Mesa 28, cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia

*Silva, Vitória Regina Caetano da*¹⁹

*Vasconcelos, Priscila Batista*²⁰

*Souza, Tiane Araújo de Paiva e*²¹

O presente estudo é desenvolvido na Região do Estuário do Rio Formoso/Área de Proteção - APA de Guadalupe, em Pernambuco, nordeste do Brasil, no qual apresenta em anos recentes um aumento significativo de visitação turística. Em alta temporada chega a receber cerca de 3000 a 5000 mil pessoas por dia, tornando-a um pólo de concentração da prática náutica turística regional. A partir dos resultados da realização do Zoneamento Territorial e Ambiental das Atividades Náuticas – ZATAN na região, de 2018 a 2019, identificou-se que a população trabalhadora se apresenta majoritariamente masculina e negra, para o caso dos marinheiros operadores das embarcações de turismo e recreio ligadas às marinas e à rede hoteleira, dos barqueiros, dos jangadeiros e lancheiros.

Diante da predominância do trabalhador masculino negro, chamou a atenção o caso das barracas de alimentação da praia da Argila lideradas, majoritariamente, por mulheres negras do município de Rio Formoso. Um território praial, inserido dentro de uma APA, tipificada como uma praia de densidade urbana com 7,5 p/m² e uma das principais atrações do destino turístico, segundo estudo do ZATAN (2018). Assim, o presente trabalho tem por objetivo discutir resultados preliminares sobre o sujeito mulher negra trabalhadora da praia em um contexto turístico. Uma reflexão atrelada ao projeto em andamento financiado pelo Edital Propesqi N° 10/2020 (Edital Institucional de Apoio à Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais UFPE) “População negra e turismo náutico na Área de Proteção Ambiental -APA de Guadalupe: território, natureza e cultura”.

De acordo com os resultados dos últimos censos e pesquisas populacionais houve avanços no quesito representação racial no corpos geral de caracterização da população brasileira, fruto em grande medida da luta do movimento negro em busca do descortinamento da situação negra num território que participou do processo de escravização atlântica. Para além do panorama populacional, trazer à tona a temática da cor/fenótipo ou raça interfere no campo dos embates de ordem do imaginário, por uma sede de representação e visibilidade, segundo Rosane Borges, em prefácio da edição brasileiro do livro de Bell Hooks (HOOKS, 2019). Ela considera que o século XXI trouxe como umas das pautas principais a indissociabilidade entre políticas e representação. Quando se provoca a visibilização como estratégia política se mexe nas estruturas de poder, que se utilizam da produção de ausências e silenciamentos, como nos traz Achille Mbembe (2018).

Na Série de Estudos e pesquisas do IBGE (2019) sobre Informação demográfica e socioeconômica, intitulada Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil, em 2018, os resultados alcançados para o mundo do trabalho apontam para a desocupação, a subutilização da força de trabalho e a proporção

¹⁹ Universidade Federal de Pernambuco, vitoria.caetano@ufpe.br

²⁰ Universidade Federal de Pernambuco, priscila.vasconcelos@ufpe.br

²¹ Universidade Federal de Pernambuco, souzatiiane@gmail.com

de trabalhadores sem vínculos formais atingem mais fortemente a população preta ou parda. Indicadores de rendimento confirmaram que a desigualdade se mantém independentemente do nível de instrução das pessoas ocupadas. (IBGE, 2019). Neste sentido, ressalta-se que dentre todos os dados de desigualdades sociais da população, a mulher negra é a categoria comprovadamente pelas estatísticas a mais penalizada (CARNEIRO, 2011;2018; IBGE, 2019; ONU, s.n.).

Seguindo na esteira da desigualdade social, percebeu-se nos trabalhos de campo a inserção precarizada no turismo náutico das mulheres trabalhadoras da Praia da Argila, situação que corrobora com os resultados obtidos pelo estudo do IBGE (2019). Neste cenário não há “como separar os problemas ambientais da forma como se distribui desigualmente o poder sobre os recursos políticos, materiais e simbólicos: formas simultâneas de opressão seriam responsáveis por injustiças ambientais decorrentes da natureza inseparável das opressões de classe, raça e gênero. (ACSERALD, 2009).

No exercício de escapar das ausências históricas inerentes ao sistema socioespacial em questão, cabe ampliar a análise de partida das sujeitas foco dessa proposta de pesquisa. Por este caminho, a função de mulheres empreendedoras das barracas de praia soma-se a outras identidades produtivas realizadas historicamente por essas sujeitas negras, como marisqueiras e catadoras de siri. Em pesquisa de mestrado sobre a comunidade remanescente de quilombo do Engenho Siqueira, Araújo (2011) retrata essa população como os e as agricultoras-pescadoras, num modo de vida híbrida, na qual a história com relação a terra remonta uma ancestralidade africana-indígena entremeada pela plantation na condição de moradoras e moradores descendentes de pessoas escravizadas. O mangue que chega na porta envolve as sujeitas numa relação intensa desde a primeira infância, segundo entrevistas realizadas por Araújo (2011), e daí nasce a sujeita que transita pelas terras e águas as quais emergem como profundas conhecedoras da natureza e mantenedoras de uma memória biocultural. (BARRERA-BASSOLS, 2008)

Nesse contexto, as mulheres trabalhadoras da Praia da Argila têm uma rotina de chegada e saída de barco diariamente, numa dinâmica de montagem e desmontagem de todo aparato utilizado ao longo do dia. As condições de trabalho são precárias como a falta de banheiros e água potável. O cenário apresentado faz com que essa pequena parte do estuário esteja em constante instabilidade ambiental e territorial aprofundado nos últimos 10 anos pelo incentivo ao turismo de massa por parte de grandes agentes econômicos.

Nessas imbricações de escalas que se realizam no local, a partir das observações participante, percebeu-se a utilização do discurso do dano ambiental, como erosão da encosta ocasionada pela extração da argila e movimentação das embarcações, para justificar a interdição do trabalho desenvolvido por uma parte da gestão local que vem apoiando a instalação de grande empreendimento turístico em área adjacente. Entre disputas e interesses, ocorrem pressões e instabilidades no plano psicossocial territorial das trabalhadoras através da sensação generalizada da incerteza, do estar na iminência da expulsão/relocação, mesmo elas desempenhando papel de centralidade no arranjo turístico local.

Para essas mulheres, esse trabalho tem representado o esteio das famílias que historicamente têm o ambiente estuarino como território de vida através da pesca e coleta de fauna estuarina, é uma terra tradicionalmente ocupada (ALMEIDA, 2004). No intuito de compreendê-las é fundamental considerar, tal como concepção de Alfredo Wagner de Almeida (2004), que “a noção de “tradicional” não se reduz à história e incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada, assinalando que as unidades sociais em jogo podem ser interpretadas como unidades de mobilização. (2004, p 9). Neste caso, num movimento de mobilização, essas mulheres encontraram no trabalho do comércio alimentício oportunidade de suprir as demandas de manutenção da família. Uma oportunidade permeada pela constante ameaça de despejo, embora esse trabalho faça parte de

um dos mais importantes atrativos do complexo náutico turístico, em que pese toda problemática relatada. Para elas trabalhar na praia de Argila é estar em constante estado de alerta e defesa do território de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Turismo; Área de Proteção Ambiental – APA Guadalupe.

BARQUEIROS DE RIO FORMOSO: ENTRE ASPECTOS SÓCIO ESPACIAIS E A BUSCA POR JUSTIÇA AMBIENTAL

Mesa 28, cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia

Ferreira, Franciele Maria Costa²²;

Vasconcelos, Priscila Batista²³;

Paula, Elvira de²⁴

O presente trabalho tem por objetivo discutir resultados preliminares sobre o contexto sócio espacial vivido pelos sujeitos autodenominados de Barqueiros do município de Rio Formoso. Nome homônimo ao Rio, cujas águas e manguezais compõe a paisagem predominante de seu estuário, no litoral sul do estado de Pernambuco, nordeste brasileiro. Uma reflexão atrelada ao projeto em andamento financiado pelo Edital Propeqsi Nº 10/2020 (Edital Institucional de Apoio à Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais UFPE) “População negra e turismo náutico na Área de Proteção Ambiental -APA de Guadalupe: território, natureza e cultura”, pensado a partir da experiência desenvolvida pelo Zoneamento Ambiental e Territorial das Atividades Náuticas - ZATAN da Região do Estuário do Rio Formoso/APA de Guadalupe, em 2018/2019.

O contexto sócio espacial dos barqueiros em tela, constituído majoritariamente por uma população negra, releva um modo de vida e trabalho com forte ligação com a terra, através da agricultura; e com as águas do estuário do rio Formoso, nas atividades de pesca e turismo náutico. Corroborando a existência de uma carga cultural historicamente acumulada em relação profunda com a natureza.

Essa região estuarina e marinha reveste-se de característica especial por apresentar uma riqueza em biodiversidade e práticas espaciais de populações tradicionais, abrigando não apenas o território institucionalizado da APA de Guadalupe, como também a Área de Proteção Ambiental – APA Costa dos Corais, o Parque Natural Municipal de Tamandaré e a Comunidade Remanescente de Quilombo do Engenho Siqueira. Para além da institucionalidade e não menos importante, é território da pesca artesanal de algumas comunidades pesqueiras que usam diretamente o estuário do rio Formoso e a área do complexo recifal (INSTITUTO OCEANÁRIO, 2010).

Nacionalmente essa região é conhecida pela propalada divulgação turística, intensificada nos últimos anos a partir da implementação, pelo Estado, do sistema viário do Complexo Turístico – Guadalupe. Cabe mencionar que essa área foi alvo de política de expansão turística do Estado, desde a década 1990, com projetos como Costa Dourada e PRODETUR. Atrelado ao complexo turístico surgiram tensionamentos territoriais ao longo dos anos, os quais foram mapeados em dissertação sobre os conflitos socioambientais na APA. SILVA (2011) destacou a poluição sonora e alta velocidade das embarcações, disputa entre barqueiros e donos de catamarãs para realização de passeios turísticos e a promoção de shows na área protegida.

Para SILVA (2011), apoiada em estudos sobre justiça ambiental (ACSERALD, 2004), esses projetos não contemplaram a fragilidade e vulnerabilidade dos ecossistemas costeiros da APA e os impactos

²² Universidade Federal de Pernambuco, franciele.costa@ufpe.br

²³ Universidade Federal de Pernambuco, priscila.vasconcelos@ufpe.br

²⁴ Universidade Federal de Pernambuco, elvira.cpaula@ufpe.br

ambientais, resultado disso são distribuídos assimetricamente entre a população usuária do espaço, cabendo aos menos capitalizados o ônus prevalecente. Em nossa pesquisa identificamos a mesma tendência para as práticas turísticas náuticas, pois o acesso e uso dos recursos ambientais e os benefícios econômicos gerados da atividade contém a lógica de desigualdade social e racial da sociedade brasileira. Neste âmbito quem seriam os sujeitos menos capitalizados que angariam majoritariamente os ônus do avanço turísticos? Diante disso registra-se que o debate sobre injustiça ambiental nasceu nos E.U.A., nos anos 70, como parte das observações e luta da sociedade civil (sindicatos, grupos ambientalistas e outros) em apontar que existia uma distribuição espacialmente desigual da poluição segundo a raça das populações a ela mais expostas. Segundo Acserald (2009), apoiado em estudo de Dorceta Taylor sobre a ascensão do paradigma da justiça ambiental, destaca que “não haveria como separar os problemas ambientais da forma como se distribui desigualmente o poder sobre os recursos políticos, materiais e simbólicos: formas simultâneas de opressão seriam responsáveis por injustiças ambientais decorrentes da natureza inseparável das opressões de classe, raça e gênero. (ACSERALD, 2009).

Diante do paradigma da justiça ambiental, o uso do espaço estuarino e marinho na constituição do polo náutico turístico e de recreação, na área em tela, gera a ascensão de conflitos de ordem ambiental e territorial com danos incalculáveis para a natureza e para a população tradicional local, como perda de território pesqueiro. Ainda que, parte dessa população venha participando do esquema de turismo náutico, a sua inserção se demonstrou precarizada em termos de ganhos pecuniários e regime de trabalho.

Ao tratar da ‘Comunidade Remanescente de Quilombo do Engenho Siqueira’, Araújo (2011) considerou que os sujeitos participantes dessa comunidade são portadores de um modo de vida híbrido entre agricultura e pesca, no qual a história de relação com a terra remonta uma ancestralidade africana-indígena entremeada pela plantation na condição de moradores descendentes de pessoas escravizadas. Em que pese as diferenciações internas da população negra da APA, em termos do contexto do turismo náutico vê-se uma amplificação do modo de vida híbrido ao constatar-se que o turismo é fonte de renda de muitas famílias.

Para o caso de Rio Formoso, o Diagnóstico da Pesca identificou alguns pescadores envolvidos com o turismo, por eles classificado como de base ecológica e utilizando barco de pequeno porte. Na época do citado estudo, chegou-se à conclusão que o número de pescadores envolvidos na atividade era muito baixo. Contudo, nos trabalhos de campo do ZATAN, através de observação direta da paisagem e entrevistas com pescadores e representantes da Prefeitura de Rio Formoso, percebeu-se uma considerável participação desses sujeitos locais na oferta do serviço turístico, eram quase 100 barqueiros envolvidos no trabalho e, ligados à Associação dos Canoeiros e Barqueiros Náuticos de Turismo do Rio Formoso - ACABANTURF.

Sendo assim, conhecer essa população em seus aspectos sócio-espaciais por cor ou raça e gênero, suas práticas territoriais e de relação com a natureza, avançará no descortinamento e visibilização (HOOKS, 2019; MBEMBE, 2018) da situação negra num território que participou do processo de escravização atlântica. Reconhecer que as injustiças ambientais, resquícios das estruturas de poder historicamente construídas, decorrem da natureza inseparável das opressões de classe, raça e gênero é condição sine qua non para uma análise coerente com a realidade em foco.

Palavras-chave: Barqueiros; Espaço social vivido; Justiça ambiental; APA de Guadalupe

ESPACIALIDADES Y MOVILIDADES DE LAS CATEGORÍAS IDENTITARIAS SOCIO-RACIALES: HISTORIAS NO CONTADAS DE UNA CHOLA-NEGRA AFEMINADA EN TUMACO-NARIÑO

Mesa 28, cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia

Juan David Macuacé Torres (MACU)²⁵

En este trabajo pretendo ubicarme a mí mismo como sujeto de investigación con el objetivo de explorar y analizar desde mi propia historia de vida, la necesidad de blanquearse que experimentan muchas personas no blancas como resultado de los discursos históricos de blanqueamiento que han estado presentes de manera estructural en toda Latinoamérica. Al ser una persona negra proveniente de Tumaco-Nariño, un territorio predominantemente negro, ubicado en el suroccidente de Colombia en la costa pacífica, he experimentado como han sido desplazadas mis categorías identitarias raciales en los distintos espacios sociales que he habitado, ya que al poseer un cabello rizado no “tan afro” socialmente más aceptado, además de ser considerado como una persona negra “clara”, he sido asumido con distintas identidades raciales en distintos momentos y lugares. Un punto de discusión importante en esta propuesta, es que se intenta comprender el rol que ocupa mi diversidad sexual y de género en mis procesos identitarios en un territorio de población mayoritariamente afrodescendiente, en donde se sostienen imaginarios que refuerzan la idea de que la única forma de vivir la sexualidad siendo una persona negra es en el marco de la heterosexualidad, por lo que un punto relevante en esta investigación está en escudriñar en mi propia experiencia de vida como la sexualidad al verse imbricada con la raza pueden diluir o reforzar determinados estereotipos que configuran el cómo somos percibidos desde la racialidad. Para este trabajo en concreto, me dispongo a situarme desde una metodología autoetnográfica para poder teorizar desde mi corporalidad como asimilaba, muchas veces con felicidad, los discursos raciales que me otorgaban ventajas socio-raciales sobre otras personas que sí eran consideradas negras cuando vivía en Tumaco entre los años 2005 y 2010. Aprovechando que desde hace ya 8 años he abanderado un activismo por la comunidad negra-LGBT+ el cual se ha desarrollado principalmente en Facebook en donde he ido consignando historias y reflexiones por años sobre los temas en cuestión, me dispondré a utilizar esa red social como un diario de campo que me permitirá extraer elementos relevantes para el análisis, por lo que la etnografía virtual toma importancia también en este estudio, porque mis publicaciones sirven como una fuente de información útil porque sirvió como un lugar político, íntimo y emancipatorio para hablar de lo que en otros lugares no hubiera podido; por tanto, dichas publicaciones son necesarias para hacer la inflexión entre mis vivencias, el territorio y la movilidad de mis categorías raciales.

Palabras clave: Categorías raciales identitarias, Movilidad socio-racial, Chola-negra, Autoetnografía, Espacio social.

²⁵ Estudiante de Historia y Geografía de la Universidad del Valle, Cali-Colombia. Activista. Marica-Negra.

CORPOS INTERDITOS E O DIREITO À CIDADE: REFLEXÕES INTERSECCIONAIS E PRÁTICAS CULTURAIS NO URBANO

Mesa 28 ¿cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Apresentação

Andréia Ribeiro Cunha²⁶

O contexto urbano brasileiro constituído pela lógica seletiva e segregacionista dos espaços afeta diretamente o desenvolvimento de vivências plenas e plurais, principalmente em áreas tidas como periféricas. Tal fato tem estabelecido uma hierarquia dos lugares, impondo normas e regras de viver e vivenciar os espaços, tentando impedir outros modos de pensar a cidade. A região metropolitana do Rio de Janeiro, caracterizada pela ausência e negação ao direito à cidade, reflete a urgência da construção de cidades mais democráticas, que valorize a multiplicidade de grupos e experiências no cotidiano.

Quando tratamos das vivências desiguais no urbano não se pode ignorar o impacto que a divisão sexual do trabalho tem sobre a produção do espaço urbano. Tal fato se origina mediante a hierarquização entre trabalho produtivo e reprodutivo. No qual o primeiro é historicamente atribuído aos homens, enquanto o segundo, tradicionalmente, é destinado às mulheres. O que acarreta no surgimento de espaços interditos aos corpos femininos e seu destino aos espaços invisíveis.

O urbano se caracteriza como espaço atroz e inóspito para os corpos femininos. As mulheres estão susceptíveis a assédios e a várias formas de violência. A cidade, além de não ser pensada para mulheres, gera insegurança nos seus percursos cotidianos. Tal problemática é acentuada quando tratamos de mulheres periféricas. Estas se tornam alvos constantes da violência doméstica, dificuldades com a mobilidade, precariedade do trabalho, e problemas no âmbito da saúde e moradia, entre outros.

As vivências desiguais instituídas sobre as cidades ligadas as relações de gênero são aprofundadas quando atravessadas pelas questões de raça e classe, o que resulta em diferentes formas de discriminação e violência sobre os diferentes corpos que habitam e circulam nas cidades. A inferioridade destinada as mulheres pobres e negras gera a construção de corpos ainda mais passíveis de violações. Diante disso, evidenciamos a polissemia e pluralidade territorial que insurge das favelas e periferias metropolitanas por meio da resignificação de espaços urbanos, destacando o cotidiano urbano, o contraste sócio-espacial e as resistências geradas por mulheres em situações periféricas a partir dessas condições.

A utilização da cultura por sujeitos de origem periférica surge como forma de apropriação e uso corporificado da cidade. Mediante a produção político-cultural construída por meio de artes de resistência das periferias, é possível distinguir elementos da sua geograficidade e as problemáticas dos seus discursos. A música, em específico o funk, é utilizada aqui como articuladora de discussões sobre o espaço urbano brasileiro, entre o conhecimento científico e a arte para pensar a vida urbana nas últimas décadas, demonstrando alguns dos diálogos e encontros que são possíveis nas cidades.

Esta proposta tem como objetivo central aprofundar o debate acerca da problematização do direito à cidade da mulher e o lugar destinado ao corpo feminino, diante de um espaço urbano marcado pelas desigualdades ligadas a questões de raça, gênero e classe na região metropolitana do Rio de Janeiro.

²⁶ Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: deia2cunha@gmail.com

Nosso primeiro objetivo específico é reconhecer as problemáticas resultantes das hierarquizações e interdições estabelecidas no urbano com base no gênero. O segundo objetivo, é estabelecer reflexões acerca dos diálogos que o urbano estabelece com a tríade gênero-raça-classe. Por último, nosso terceiro objetivo, é provocar a reflexão mediante o reconhecimento de modos plurais de viver e resistir as imposições urbanas via musicalidades insurgentes constituídas por mulheres periféricas e negras.

Nossa pesquisa se justifica mediante a importância do reconhecimento do cotidiano urbano das mulheres periféricas e negras. Assim como, a reflexão sobre o uso da cultura como uma ferramenta de consumo das cidades, sobre a construção de identidades territoriais e a relação de pertencimento do indivíduo ao lugar, que desvendam as novas formas de uso da cidade.

Na busca salientar a realidades e vivências plurais das mulheres no espaço urbano, utilizamos como metodologia a análise de fontes, incluindo bibliografias referente às temáticas a serem trabalhadas, material áudio-visual, letras de músicas, ações culturais, shows, notícias e entrevistas de jornais, revistas e blogs acerca da temática.

No que se refere a base teórica, buscamos realizar o levantamento de autores acerca das dificuldades femininas de elaborarem seus esquemas corporais e vivenciarem de forma plena a cidade, baseado em uma perspectiva interseccional. Para tal utilizamos: Lefebvre (2001 e 2008), Santos (1993), Amorim (2009), Crenshaw (2002), Federici (2019), Davis (2016), Collins (2015), entre outras leituras que sejam pertinentes e auxiliem na fundamentação do debate aqui proposto.

Acreditamos que esta proposta pode auxiliar nos debates sobre direito à cidade e a urgência na construção de novos e plurais rearranjos urbanos, na configuração da cidade a partir de novas estéticas que integram gênero, raça e classe e práticas culturais. A fim de construirmos novos horizontes urbanos a partir dos sujeitos que vivem e existem nas cidades.

Palavras-chave: Direito à cidade, gênero, raça, classe, práticas culturais.



MASCULINIDADES

DESANDAR MASCULINIDADES PARA CREAR NUEVAS REALIDADES: LA EXPERIENCIA DE UN COLECTIVO DE VARONES EN TANDIL, ARGENTINA

MESA 28 Como vivenciamos nossas geografías a partir das interseções entre gênero / sexualidade, classe e etnia / raça?

Ponencia

Heder Rocha²⁷

Espacio de Varones de Patria Grande – Tandil Asamblea de Varones Tandil

Aprendimos de la teoría feminista que el género es performativo, que es una especie de esfuerzo de encaje a partir de prácticas corporales que son cotidianamente e históricamente repetidas socialmente (Butler, 2007). Como varones blancos cis sabemos que ubicamos un lugar de privilegiado en las relaciones sociales por el simple hecho de nos auto-identificarnos así y que este privilegio fue forjado históricamente a partir del patriarcado, del racismo y de la colonialidad. Ahora bien, si entendemos el género desde este marco, sabemos que no es algo definitivo o inmutable, al contrario, reconocemos que todo y cualquier cambio social pasará inevitablemente por repensar nuestras formas de “ser varones”, nuestras masculinidades. Ya ha pasado la hora de reconocer nuestra posicionalidad (Hartsock, 2003; Rose, 1997) en el patriarcado, de asumir el lugar privilegiado de dónde estamos hablando (Ribeiro, 2017) socialmente y hacernos algo positivo con tanto privilegio.

El objetivo del presente trabajo es presentar las experiencias desarrolladas por el colectivo denominado hasta ahora como Espacio de Varones de Patria Grande – Tandil y de la Asamblea de Varones de Tandil. Estas experiencias nos interpelan a reflexionar sobre los procesos de construcción de las masculinidades a partir de dos dimensiones que implican espacialidades distintas. La primera relaciona las representaciones sociales del grupo de varones sobre lo que significa la masculinidad, con dos temporalidades distintas: el inicio del colectivo en Noviembre de 2020 y el primer encuentro de la asamblea de varones²⁸ en Abril de 2021. La segunda presenta las principales motivaciones de los integrantes del grupo vinculadas con la entrada para un espacio de reflexión acerca de las masculinidades. Estas dos dimensiones revelan espacialidades específicas con fisuras importantes para el proceso de mapear y reflexionar sobre los elementos que configuran las masculinidades.

Las representaciones relacionadas con la masculinidad para el primer encuentro del colectivo en noviembre de 2020 fueron registradas utilizando un formulario online con la siguiente sentencia: “Para vos, ser hombre significa ser ...”. Como resultado del encuentro fueron obtenidas 11 respuestas que están ordenadas de la siguiente manera: Privilegiado (4), Tranquilidad (1), Impenetrable (1), Masculino (1), Varón (1), Totalidad (1), Comodidad (1), Ser (1). Ya en la asamblea realizada en el mes de abril de 2021 los integrantes respondieron la siguiente pregunta “Masculinidad es...”. Obtuvimos 17 respuestas: Construcción social (5), Privilegio (1), Opresión (1), Incomodidad (1), Práctica cotidiana (1), Protagonismo (1), Violencia (1), Cuestionarse (1), Invento (1), Estereotipo (1), Diversidad masculina (1), Imposición (1), Una forma de ver y relacionarse con el mundo (1).

Es notable el carácter polifónico asumido por la masculinidad que parece ser la característica más

²⁷ Centro de Investigaciones Geográficas (CIG), Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales (IGEHCs-CONICET-UNICEN).

²⁸ Cabe aclarar que la asamblea de varones despliega del colectivo de varones como un espacio abierto y más amplio, ya el propio colectivo de varones surge vinculado con el colectivo feminista Mala Junta, que integra el movimiento popular del frente Patria Grande.

importante a se destacar, aunque con preguntas distintas (una sobre ser hombre y otra sobre masculinidad). Las centralidades discursivas son ejercidas por los términos relacionados con el privilegio (5 en total) y la masculinidad entendida como una construcción social (5). Aunque nos parezca que hay que mirar estos términos con cuidado ya que estamos hablando de varones que presentan interés en hacer parte de un colectivo para reflexionar sobre las masculinidades, lo que implica cierto grado de compromiso político y apertura. Se destacan las espacialidades vinculadas con cada pregunta, ya que las respuestas sobre “ser hombre” están bastante relacionadas al cuerpo y cuando preguntamos sobre la masculinidad, las respuestas se vinculan más con el cuerpo social o con una otredad.

Los principales motivos relacionados con la búsqueda por formar parte del colectivo de varones están vinculados con la incomodidad. Lo que puede expresar una disputa por otras hegemonías en la construcción social de la masculinidad (Connel, 1995), ya que la incomodidad relatada en los encuentros del colectivo surge primeramente del interpelamiento de las compañeras/esposas/amigas/hijas sobre nuestras actitudes o prácticas machistas, como expresa el siguiente fragmento textual del relato de un integrante de la asamblea de varones:

“Tengo una hija de 21 años que milita en el feminismo y me plantea varias cosas en todo momento. Yo aprendo mucho. Esta es la razón por la cuál estoy participando hoy” (Integrante X de la Asamblea de Varones de Tandil, 14 de Abril de 2021)

Por otro lado, para muchos integrantes del colectivo la complicidad y la paralización frente a situaciones machistas o de violencia de género ejercidas por otros hombres también genera incomodidad, lo que configura un avance en lo definido por Connel (1995) como masculinidades cómplices del patriarcado o aún marginales, cómo demuestran los siguientes fragmentos textuales del primer encuentro de la asamblea de varones de Tandil,

“La complicidad genera incomodidad y a su vez la paralización también incomoda. El no poder delimitar el que está bien y el qué está mal, el no saber cómo actuar frente a un varón que está siendo machista o violento genera mucha incomodidad. Debemos pensar el prácticas de intervención. No hacernos los boludos.” (Integrante Y de la Asamblea de Varones de Tandil, 14 de Abril de 2021)

“El tema de la masculinidad lo sufrí con mi hijo de 19 años. Lo padeció durante toda la primaria y secundaria. Por suerte siempre estuvimos atentos tratando de ayudarlo. Ahora estudia en Bs As y se relaciona con otro tipo de gente . En el interior la masculinidad es insoportable” (Integrante X de la Asamblea de Varones de Tandil, 14 de Abril de 2021)

Si el espacio geográfico compone la matriz heteronormativa (capitalista, patriarcal y colonialista/racista- agregado nuestro) que vivimos, al mismo tiempo tiene la capacidad de subvertir esta matriz en la medida que es socialmente construido, como nos alienta Browne (2004). Las motivaciones vinculadas con la búsqueda de integrar un espacio de reflexión acerca de las masculinidades parece estar asentada en la construcción de una espacialidad específica, que es el propio colectivo de varones y la asamblea, ya que en estos espacios existe la posibilidad de la construcción colectiva de nuevas realidades y posibilidades para las masculinidades. Nuestra apuesta reside justamente en este carácter abierto e inacabado del espacio geográfico, en celebrar la “esfera de posibilidad de existencia de la multiplicidad” (Massey, 2008) sea de cuerpos o de relaciones, al paso que buscamos cambiar nuestras formas de concebir el mundo y de relacionarnos con nosotros mismos y con otras personas para otras más sanas.

Palabras clave: Masculinidades, Espacio, Movimientos Sociales

LA IMPLICANCIA DEL ESPACIO SOCIAL EN LOS PROCESOS DE CONFIGURACIÓN DE MASCULINIDADES

Mesa temática N°28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia.

Rodríguez Díaz, Juan Cruz²⁹

El siguiente trabajo se desliga de un estudio de caso más amplio respecto al entendimiento de los procesos de configuración de masculinidades en la Biblioteca Popular de Cultura LGBT+ Ayelén, ubicada en el área central del municipio San Miguel de Tucumán. En el mismo, la mirada estaba focalizada en indagar sobre aquellos aspectos que se involucran al momento de pensar las masculinidades como una tecnología, parte del dispositivo de sexualidad propuesto por Foucault en *Historia de la Sexualidad*. De esta forma, destacamos que dichos procesos se configuran a partir de una serie de aspectos que producen inteligibilidades respecto al significante de la tecnología, y entendemos que, para la plena disposición de ésta, la misma se arraiga en la producción subjetiva de los actores en los que opera, corporeizándose y legitimando su reproducción.

Siguiendo esta visión, en este artículo se propone como objetivo central indagar sobre las fugas y discontinuidades que se producen respecto a lo que se entiende como masculinidades, de qué manera se producen, que contextos interfieren y cuáles son aquellos discursos que se ven involucrados en dicho proceso. Para ello, realizamos en el año 2019, un abordaje etnográfico sobre una actividad propuesta por la misma biblioteca, denominada “Conversatorios de masculinidades”; allí, además de participar en cada encuentro (un total de 7), identificamos, a través de entrevistas informales y un proceso de observación participante, la configuración del espacio social como aspecto fundante en la posibilidad de encarar los discursos que impactan en la producción de la masculinidad de los/as participantes de la actividad. Es a partir de esta premisa que se articula el siguiente trabajo, a modo de ahondar en la analítica del espacio habitado como una simbolización espontánea del espacio social (Bourdieu, 2007), su incidencia en la producción del género de las personas con las que trabajamos. Proponemos indagar en este aspecto respecto a la forma en la que los procesos de configuración de la masculinidad se ven anclados a una producción espacial, y de qué manera dichas elaboraciones encuentran su límite al momento de pensar hacia quienes se dirigen.

Destacar de esta forma el lugar de la biblioteca en tanto espacio social que legitima un hilo discursivo en relación a las concepciones sobre el género y el lugar de las masculinidades dentro del mismo, nos permite rever los posicionamientos y las actividades mismas, como la de los conversatorios, en un mismo discurso que se legitima a través de la imposición de una postura sustentada en el valor simbólico ocupado por la biblioteca en la provincia.

Pensar las masculinidades en la Biblioteca Popular de Cultura LGBT+, Ayelén, un lugar marcado desde su nombre por las formas en que la violencia machista se recrudece en su cénit deshumanizante, objetivando los cuerpos, sometiéndolas/os y desechándolas/os, tiene una forma discursiva compleja, distinta a otros encuentros en dónde se discute la masculinidad. Aquí, el espacio social representado impone una forma y marca un hilo discursivo alrededor del tema que otorga coherencia y a la vez

²⁹ juancruz.rodriguezdiaz@gmail.com

impone restricciones en las discusiones que se llevan a cabo.

Encontramos en la configuración del espacio social de la biblioteca un fenómeno destacable de analizar. Los procesos de territorialización, reterritorialización y desterritorialización (Deleuze y Guattari, 2002) que suceden allí son dinámicos y fluctuantes; permiten, en cierta manera, el abordaje de la tecnología junto con su cuestionamiento en aquellos aspectos que atañen a su construcción como dispositivo. Por ejemplo, la puja sobre el binarismo que se juega en los talleres, configurando un discurso que permite entender formas masculinas como aspectos loables de ser utilizados en la construcción de vidas posibles de ser vividas (Butler, 2017). Poner en jaque la crítica binaria en las construcciones de género permeabiliza la construcción de subjetividades que adoptan nuevos criterios de demarcación respecto a la masculinidad.

Sin embargo, entendemos que la configuración de estos espacios sociales que irrumpen en la cotidianidad del territorio se ven atravesados por limitaciones del orden de la desigualdad, e imposibilita un abordaje pleno respecto a de qué manera influyen estas discursividades en lo respectivo a una problemática que lejos esta de ser abordada en su totalidad. Invitando de esta forma a reflexionar sobre el lugar que ocupamos como investigadorxs a la hora de plantear este tipo de análisis, y la necesidad de una construcción interseccional del género que no solo aborde experiencias deslocalizadas, sino que nos permitan generar puntos de anclaje respecto a las posibilidades de cada elaboración y el impacto que éstas tienen en los contextos en los que se presentan.

De esta forma, nos proponemos en el siguiente trabajo un abordaje de tipo cualitativo que nos permita dar cuenta tanto del espacio social y su importancia en procesos de configuración de masculinidades como los ocurridos en la biblioteca, para así, indagar también respecto a cuál es el lugar desde donde dichos criterios de demarcación se ubican como representaciones sociales limitadas en su accesibilidad y porqué.

Palabras clave: Masculinidades, espacio social, tecnología.

DISPUTA DE TERRAS, VERDADES JURÍDICAS E MASCULINIDADES EM CONFRONTO NA INSTITUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

MESA 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/ sexualidad, clas y etnia / raza?

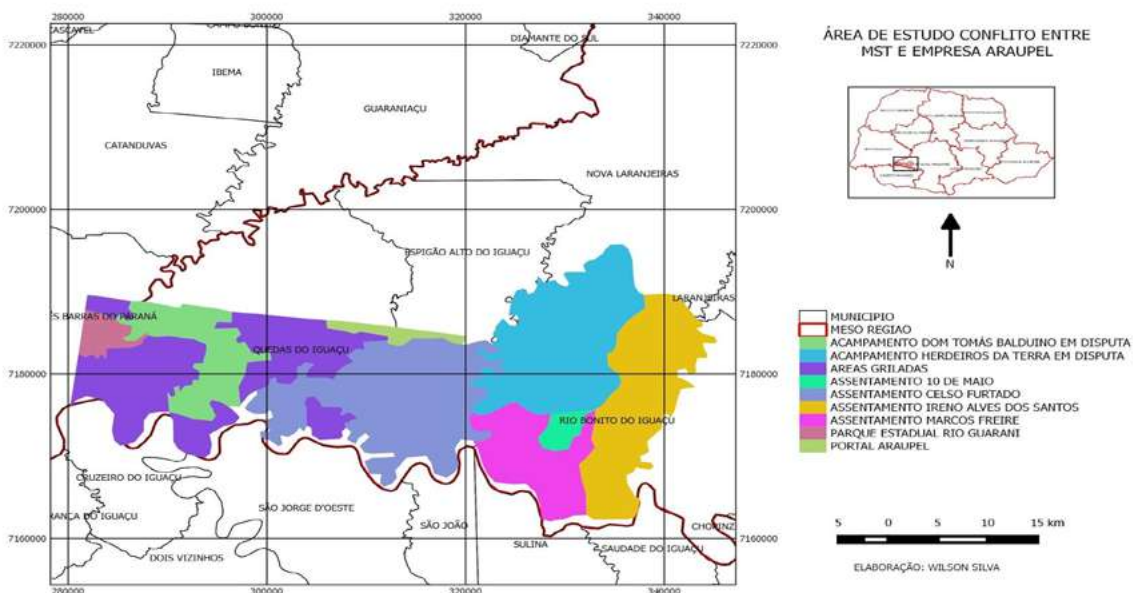
Ponencia

Silva Júnior, Wilson³⁰

Ornat, Marcio Jose³¹

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção das masculinidades nos discursos jurídicos na disputa de terras entre a empresa madeireira Araupel S. A. e o Movimento dos Trabalhadores Sem terra (MST) no Sudoeste do Paraná como importantes componentes do espaço geográfico. A área de disputa em questão pode ser visualizada na figura a seguir.

Os conflitos de ocupação da área são antigos e remontam o período colonial em que as elites foram contempladas com a posse de terras no Brasil e se institui a propriedade privada da terra como um importante componente de poder econômico, social e político. Contudo, o conflito em tela envolve a ação da organização do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra que passam a reivindicar a terra para o trabalho e a produção de sua existência que chega ao ápice nos anos 1990, com o processo de redemocratização do Brasil. Essa dinâmica de disputa pela terra é um importante elemento a ser compreendido na organização espacial da sociedade brasileira.



³⁰ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - wilsonsilvajr13@gmail.com

³¹ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - geogenero@gmail.com

O espaço geográfico, conforme Santos (1996) tem sido concebido como produto das relações sociais de produção e reprodução da sociedade capitalista. O espaço nesse sentido é produto de relações de exploração econômica que se sustenta apenas alicerçado em determinadas ordens de saber e de conceber o ordenamento social. O ordenamento de gênero, conforme argumenta Butler (2003) é um importante ordenamento social que categoriza corpos de diferentes anatomias e lhes atribui determinadas possibilidades de ser no mundo. Corpos masculinos vivem determinadas estruturas sociais que produzem espaço geográfico, como já afirmado por McDowell (1999) e Longhurst (2000) e Silva, Ornat e Chimin Junior (2014).

O poder sobre a terra, recurso natural para a existência humana, é da ordem do masculino. O direito às terras, heranças e o controle por meio da violência física está pautado pela ordem generificada da sociedade ocidental. Entretanto, a terra não é de ‘todos os homens’, mas possível para determinadas masculinidades e não para outras. Portanto, os significados, a ordem moral, econômica, política e cultural também estão em jogo quando se considera os conflitos fundiários em torno da terra que além da violência física, se enfrentam em uma esfera estatal jurídica. Nessa esfera jurídica em que se decide o direito à terra há um jogo discursivo que define hierarquias, poderes e se justifica determinadas decisões sobre a posse da terra. Foucault (2005) quando discute o discurso jurídico em sua obra ‘A verdade e as formas jurídicas’ traz o inquérito como um fenômeno a ser explorado porque ele é em si uma forma política, de gestão, de exercício de poder que é exercido por meio das instituições jurídicas. O inquérito para ele conduz uma análise das relações entre os conflitos de conhecimento e as estruturas de dominação econômicas e políticas. Para o campo da geografia, o inquérito também é um elemento de produção de espacialidades, adotando aqui a perspectiva relacional de Massey (2008).

Para esta pesquisa foram tomados por base sete inquéritos que versam sobre o conflito fundiário entre a empresa Araupel S.A e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, após 1995 que estão disponibilizados no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), constituindo um volume de 4614 páginas. Para sistematizar o conteúdo dos inquéritos foi elaborada uma planilha com determinadas variáveis a serem coletadas, a fim de empreender a análise. Além dos dados formais como número de processo, tipo, foi fundamental levantar o objeto do conflito, só agentes envolvidos e as alegações e narrativas jurídicas. As narrativas foram sistematizadas com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2002) e na metodologia de análise de redes semânticas proposta por Silva e Silva (2016). A partir delas foi possível identificar os valores morais e significados que constituem as masculinidades em conflito por meio do discurso jurídico.

Como resultados do discurso analisado é a constituição discursiva de distintas masculinidades que estão confrontadas na área jurídica. De um lado se constrói uma masculinidade considerada benéfica socialmente, do homem de negócios honrado e que contribui para o desenvolvimento social e econômico do município em que se encontra deflagrado o conflito. Do outro lado, o discurso jurídico constitui uma masculinidade marginal, perigosa para a ordem social e econômica que deve ser contida e disciplinada para não causar danos sociais e econômicos ao município.

Enfim, o espaço geográfico que se institui no conflito de terras entre a empresa Araupel S.A e o MST no sudoeste do Paraná é instituído por vários feixes de relações de poder que vai além das relações de classe, envolvendo gênero e hierarquias sociais que são instituídas pela disputa de verdades na esfera jurídica estatal.

Palavras-chave: Conflito de terras; Discurso Jurídico; Masculinidades; Espaço Geográfico



MOVIMIENTOS SOCIOESPACIALES LGBTQIA+

ANÁLISE DO USO E REPRESENTATIVIDADE LGBTQIA+ NOS ESPAÇOS PÚBLICOS EM CHAPECÓ/SC

MESA 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/ sexualidad, clas y etnia / raza?

Ponencia

Bruna Keschner³²

Vinicios Nalin³³

O espaço, e a análise dele, fundamentam grande parte dos estudos geográficos. Sendo assim, entender como se desenvolve a dinâmica sociedade-natureza sobre o espaço se configura no cerne da ciência geográfica. A análise espacial é relevante e ampla, pois podemos separar o espaço em diferentes extratos – de concepção e de uso (LEFEBVRE, 2013) – neste caso, propomos uma análise voltada aos espaços públicos e seus usos por comunidades LGBTQIA+ na cidade de Chapecó/SC. O espaço público, por essência, é um espaço que convive com a heterogeneidade (DELGADO, 2011), contudo, sua formação como palco fez com que historicamente o espaço público fosse tratado com certa teatralidade (SENNET, 1999) e em muitos casos, de forma conservadora. Sennet (1999), diz que o homem privado é um animal, e o homem público é corrigido dessa falha da natureza. É inegável que vivemos em uma sociedade ainda enraizada em preconceitos, que padroniza corpos e comportamentos, excluindo do convívio social os que saem deste padrão. Partindo de vivências, consideramos relevante espacializar e entender como a comunidade LGBTQIA+ de Chapecó usa, se expressa e se sente dentro da cidade, e se o espaço público cumpre seu papel de propiciar um espaço de sociabilidade a todos os cidadãos.

Chapecó é uma cidade média (MATIELLO et al., 2016), classificada como Capital Regional B (REGIC, 2018), localizada na região Oeste do estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil. Segundo dados do IBGE, a cidade de Chapecó hoje tem uma população estimada em 224.013 habitantes (2020). Cerca de 91,6% da população chapecoense vive em áreas urbanas do município (2010), caracterizando Chapecó como um município muito urbanizado. A região de Chapecó, mesmo antes de sua fundação, é marcada pela invisibilização de populações consideradas atualmente como minorias. O processo de colonização, impulsionado pela iniciativa privada não facilitou as coisas, e os novos colonos, que carregavam consigo a ideia de supremacia europeia, fortaleceram o preconceito e a marginalização dos indígenas e caboclos em toda a região (ALBA, 1998). Sendo o espaço produto e condição das transformações sociais (SANTOS, 1988; LEFEBVRE, 2013) é essencial que seja considerado o processo de formação do lugar de análise, com as atenções voltadas para as dimensões da espacialidade e da temporalidade, estas articuladas, já que as práticas espaciais da atualidade em Chapecó – contraditórias e excludentes – são resultado da geo-história de reocupação territorial do Oeste de Santa Catarina, também ligada a uma miríade de contradições (ALBA, 1998). Neste sentido, dialogar com determinados grupos sociais requer, inicialmente, uma aproximação afetiva, seja ela por pertencimento ou simpatização. Quando um grupo se designa como movimento LGBTQIA+³⁴ estão associadas

³² Mestranda em geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGGeo-UFFS). bruna.keschner@gmail.com

³³ Mestrando em geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGGeo-UFFS). vininalin45@gmail.com

³⁴ LGBTQIA+: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queers, intersexuais, assexuais, + outras identidades e simpatizantes.

determinadas formas de organização e pautas de reivindicações que mesmo com variações de grupo para grupo seguem, de maneira geral, alguns pressupostos e compreensões da realidade política, social e subjetiva. O cenário LGBTQIA+ de Chapecó vem se constituindo ao longo dos anos através de lutas e conquistas. Segundo Cattani (2020), o surgimento dos primeiros debates relacionados ao assunto aconteceu na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), através da criação do grupo de estudos “Fogueira - Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero”, em 2001, sendo que, desde sua criação, aliou a academia à militância. O grupo Fogueira foi aos poucos marcando a sua presença na universidade e fora dela, tornando-se referência regional para os debates de gênero e sexualidade e constituindo alianças a demais instituições para ampliação do debate, inclusive para constituir a UNA LGBT+ (União Nacional LGBT+) em Chapecó.

Atualmente, o único – e expressivo – evento em espaços públicos da comunidade LGBTQIA+ em Chapecó é a Parada do Orgulho LGBT do Oeste de Santa Catarina, com organização da UNA. (CATTANI, 2020). Para realizar a análise do uso dos espaços urbanos de Chapecó pela comunidade LGBTQIA+, nos baseamos em questionários³⁵ com membros da comunidade de Chapecó e adjacências e a partir delas conseguimos entender como o uso dos espaços públicos exclui dele uma parcela da população (LGBTQIA+), pois segundo os entrevistados, os espaços de Chapecó não proporcionam a eles, a sensação de pertencimento, segurança e menos ainda de representatividade. A sociedade heterocisnormativa (PRECIADO, 2014), dentro de seu conservadorismo, age como elemento opressor, fazendo com que poucos espaços sejam considerados “seguros” e de representatividade para esses grupos, e a maioria absoluta deles não se encontra no conjunto de espaços públicos da cidade. Em aproximação com o público, pode-se perceber como negatória a existência de uma representação nos espaços sociais de Chapecó, sendo citado por alguns que o conservadorismo existente na cidade seja um dos motivos que impeça esse sentimento de representação. Além disso, muitos membros da comunidade LGBTQIA+ já se sentiram de alguma forma marginalizados pela sociedade por sua identidade de gênero e/ou sexualidade.

A cidade de Chapecó é formada a partir da marginalização e exclusão de minorias, criando um cenário conservador que prioriza e edifica os opressores. As práticas espaciais da formação do espaço urbano e regional, alicerçada em ações oficiais desde 1917, se perpetuam na sociedade atual. Talvez os alvos tenham mudado, ou então alvos foram acrescentados, mas a marginalização segue sendo reproduzida. Os espaços públicos de Chapecó, além de serem insuficientes em um contexto geral, não são seguros para que toda a sociedade use, obrigando a comunidade LGBTQIA+ a ficar em casa ou pagar para se reunir em espaços privados, e quando o fazem em outros espaços, precisam agir de acordo com a heterocisnormatividade, ou aguentar olhares julgadores. Desta forma, pode-se observar com clareza a seletividade do “direito” de uso dos espaços de Chapecó, pondo em xeque tanto a concepção de espaço público como espaço de convivência e uso coletivo, quanto o princípio de direito à cidade descrito por Lefebvre (2013).

Palavras-chave: Espaços públicos. LGBTQIA+. Direito à Cidade. Representatividade.

³⁵ Os questionários foram realizados de forma online devido as regras sanitárias de prevenção à COVID-19.

MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS DE LESBIANIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS

Mesa 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Ponencia

*Thais Domingos dos Santos Rodrigues*³⁶

No dia 19 de Agosto de 1983 em mais uma noite fria no centro de São Paulo, um bar localizado na rua Martinho Prado próximo à Avenida 9 de Julho, passa a ser o cenário de uma das manifestações mais importantes para o movimento de lésbicas brasileiras. Mulheres organizadas pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) adentraram no Ferro's Bar, desta vez não para consumir ou socializar, mas para exigir que fossem respeitadas e que tivessem liberdade para vender o seu boletim “ChanaComChana”. Fazia semanas que elas estavam proibidas de comercializar o jornal pelos donos heterossexuais do bar, que colocavam os seguranças e chegaram a chamar a polícia para evitar as vendas. Essa data, que passaria a fazer parte do calendário de mobilizações como o “Dia nacional do orgulho Lésbico” e que de tanta relevância ficou conhecida como “Stonewall brasileiro”³⁷ (PEREIRA, 2019), é um exemplo da luta pelo uso do espaço pelas mulheres lésbicas brasileiras, que é o objetivo desse trabalho.

Como pontua a geógrafa anglófona Gil Valentine (1993), a heterossexualidade é a sexualidade dominante na sociedade ocidental e isso não tem só a ver com a forma como as pessoas se relacionam sexualmente, mas também com os arranjos de poder que operam todos os dias em todos os espaços. A heterossexualidade que atravessa o cotidiano expulsa as lésbicas de certos espaços, seja pela violência simbólica que legitima uma existência apenas heterossexual, seja pela violência física propriamente dita.

Para Jules Falquet (2012), assim como para Valentine (1993), não basta compreender a existência lésbica como uma categoria exclusiva a um conjunto de práticas e desejos sexuais individuais, é necessário situá-la em um contexto cuja estrutura material e política naturaliza e normatiza uma falsa natureza heterossexual como destino automático dos seres humanos, e assim, servindo como um facilitador de controle dos corpos femininos. Nesta perspectiva, a existência das mulheres lésbicas foi historicamente silenciada e invisibilizada assegurando uma estrutura desigual entre homens e mulheres. Voltando ao exemplo do Ferro's Bar e caminhando para as mobilizações atuais, o que se nota é um forte apelo das mulheres lésbicas ao uso dos espaços através das festas. Érica Sarmet (2018) relata que foi da ausência de um espaço coletivo onde lésbicas pudessem se reunir que Yohanan Barros junto com outras mulheres criou para o dia 10 de janeiro de 2015 um evento público chamado “Isorporzinho de Verão das Sapatão” na praça São Salvador no Rio de Janeiro. A diferença do ato de 1983, é que agora a reivindicação não era sobre o uso de um espaço privatizado – o bar, mas sim, de locais públicos. Do encontro nas praças e nas praias cariocas, a ideia se espalhou pelo Brasil (idem, p.257), e essas mulheres passaram a se auto-organizar para criar espaços nos quais pudessem se sentir seguras. A espacialidade para as mulheres lésbicas é, desta forma, fundamental para que possam (re)existir

³⁶ Doutoranda pelo programa de pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo – USP, thaisdsr@usp.br.

³⁷ A Revolta de Stonewall, foi como ficou conhecido o acontecimento do dia 29 de junho de 1969, no qual lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais que frequentavam o bar Stonewall In em Nova York se revoltaram contra as batidas policiais. (PEREIRA, 2019)

enquanto sexualidade dissonante da norma criada pela heterossexualidade enquanto regime de poder. Em suas casas, vivendo a sua sexualidade apenas como indivíduos, elas ficam sujeitas ao isolamento, e se individualmente vão frequentar espaços públicos, poderão 1- não ser reconhecidas enquanto lésbicas, e 2- se reconhecidas, sofrer violências. É com os movimentos sociais e com as auto-organizações, que elas podem construir as suas territorialidades, que, como escreve Martin (1997) se dá através da reinvenção do local. A praça estava ali antes dessas mulheres chegarem, assim como o bar, mas ao ocuparem esses espaços com seus corpos, as relações ao redor se transformam, assim como elas mesmas são transformadas ao se reconhecerem enquanto sujeito coletivo e político. Compartilhamos do argumento de Carlos (2018), quando ela defende que:

A apropriação traz consigo a dimensão do corpo, isto é, do espaço-tempo apropriado pelo corpo, pelos gestos e pela linguagem que envolve a ação, por sua vez, a ação traz em si a ideia de espaço público da vida coletiva, as formas de comunicação pública, em síntese, os usos dos espaços como mediação necessária ao encontro, à troca, à sociabilidade que supera a ideia de solidariedade para construir a de cidadania. (CARLOS, 2018, p.45)

As mulheres do cenário paulistano em 1983 e as cariocas de 2015 se encontravam em uma posição na qual a sua própria existência enquanto lésbicas passou a ser legitimada no encontro umas com as outras e na criação de espaços através do uso por esses corpos. Elas não passam a ser proprietárias do bar, mas garantem a liberdade de, ao estarem ali, poderem falar e discutir quem são. Também não passam a morar na praia ou na praça, ou reivindicam a propriedade daquelas áreas, mas transformam esses mesmos espaços em potencialidades da diversidade – e sobretudo, um espaço que se coletivizado passa a ser seguro para as suas existências individuais.

Palavras-chave: Lésbicas. Movimentos socioespaciais. Geografia.



POLÍTICAS PÚBLICAS CON ENFOQUE INTERSECCIONAL

MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: ANÁLISE DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR MEIO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

Mesa 28 – ¿Cómo vivenciamos nuestras Geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Poster

Stefania Luiza Marques Tieppo³⁸

A escravidão acabou no Brasil há mais de cento e trinta anos, mesmo assim, os negros e as negras permanecem como a parcela mais excluída da sociedade brasileira. As relações sociais, econômicas e políticas do passado escravagista se perpetuam em hábitos racistas e excludentes da sociedade atual, percebidos na favelização e o genocídio do povo negro, por exemplo (MONTEIRO, 2014). O processo escravagista serviu para solidificar a população negra como a maior parcela da sociedade a ocupar cargos de subalternidade, sobretudo as mulheres negras, que sofrem, conjuntamente, com o racismo e o sexismo (CARNEIRO, 2011).

A mulher negra, é marcada por um contexto histórico de exploração, violência e não permissão do exercício de sua liberdade plena, e por isso mesmo, acaba vivendo uma situação de dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e negra em uma sociedade racista (SILVA, 2018, p. 34). De acordo com IPEA (2019), em 10 anos (2007-2017) a taxa de homicídio de mulheres brancas cresceu 1,6% enquanto de mulheres negras cresceu 29,9%. Uma alternativa para enfrentar essa problemática foi com a criação de Políticas de Ação Afirmativa, com o intuito de combater as discriminações sofridas pela população negra no Brasil. Essas Ações têm por objetivo criar um ambiente com maior diversidade racial, a fim da representatividade das minorias, sobretudo das negras e negros, além de alterar a mentalidade discriminatória que as instituições reproduzem (ALMEIDA, 2018).

A lei nº 12.711 e a lei nº 12.990, referente às Ações Afirmativas dispõem, consecutivamente, sobre o ingresso de discentes em instituições de ensino superior que venham de instituições educacionais públicas; e reserva 20% das vagas fornecidas em concursos públicos aos negros e negras. Em 2000 a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) torna-se a pioneira a conceder cota de 50% das vagas dos cursos de graduação para estudantes de escola pública, no entanto, é em 2012 que a questão de cotas para estudantes negros e negras chega ao Supremo Tribunal Federal. (LOPES, 2007).

As universidades passam adotar ações afirmativas no acesso discente para que houvesse maior representação de pessoas excluídas historicamente, em especial a população negra. A intenção era que a presença de negros e negras fossem capazes de dissociar os brancos e as brancas de cargos de liderança como, por exemplo, docentes, reitores e reitoras das universidades. Esta dissociação é fundamental, sobretudo para as mulheres negras, pois, por exemplo, o cargo de empregada doméstica continua sendo a principal ocupação delas, que inclusive cresceu 12% em vinte anos (1995-2015). Ainda assim, a pirâmide social permanece na mesma ordem: homens brancos; mulheres brancas; homens negros; mulheres negras (SILVA et al. 2019).

As Políticas de Ação Afirmativa visam a ascensão da população negra, pois é importante que se rompa com a lógica racista e colonial de que negros e negras ocupem apenas cargos subalternos. Essas políticas buscam alcançar uma mudança estrutural à antiga e conservadora desigualdade no acesso ao ensino

³⁸ Mestranda de Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ). stefanatieppo@gmail.com

no superior. Silva et al. (2019) salientam que as mulheres negras, dentre os outros grupos sociais, são as que mais sofrem por “existir evidências da desigualdade de gênero somada à racial [...] acrescentada da negação cotidiana, pelo racismo e sexismo”. Para além, afirma que no Brasil, além do racismo social, as mulheres negras sofrem com o racismo institucional, que inviabiliza o acesso aos instrumentos do Estado e dificulta o combate ao preconceito no país. Além disso, elas têm o pior acesso aos serviços públicos, tais como saúde, trabalho e educação. (SANTOS, 2014, apud SILVA, 2019, p. 9)

Diante das necessidades e da escassez de políticas públicas específicas para a mulher negra, o objetivo da pesquisa é avaliar se as políticas de cotas nas universidades, vem sendo suficiente para contemplar as mulheres negras, facilitando assim, sua trajetória até os cargos de liderança nas universidades federais, sobretudo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Pretende-se desenvolver esta pesquisa por meio de uma análise do perfil docente, com ênfase na pós-graduação, da UFRRJ e entender a trajetória das mulheres negras, além de tentar entender se as Ações Afirmativas foram parte dessa trajetória e de que maneira a questão racial impacta a carreira docente. Pretende-se evidenciar que o quantitativo de mulheres negras que compõem o quadro de docentes desta Universidade, a fim de entender os desafios da carreira docente para mulheres negras, especialmente o acesso aos cargos de liderança (pró-reitoras, bolsistas de produtividade).

Palavras-chaves: mulheres negras, política de Ação Afirmativa, população negra.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: RETRATOS DOS MUNICÍPIOS POLOS DO TERRITÓRIO SUDOESTE BAIANO/BAHIA/BRASIL

Mesa 28 – ¿Cómo vivenciamos nuestras Geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza?

Lucas Aguiar Tomaz Ferreira³⁹

Fernanda Viana de Alcantara⁴⁰

Mateus Costa Santos⁴¹

A pesquisa tem o intuito de realizar uma análise sobre as políticas públicas de gênero e sexualidade, no recorte espacial dos municípios polos do Território de Identidade Sudoeste Baiano – TSB. Nos últimos anos, o debate sobre os assuntos dissidentes, em particular, acontece uma ascensão relevante acerca da discussão dessa temática, assim, caracteriza um aspecto inovador na ciência geográfica. A categoria território entra no referido estudo como unidade de planejamento e gestão do Estado para amenizar as disparidades sociais existente no Brasil por meio de implementação de políticas públicas com a participação social da sociedade. Neste formato são consideradas algumas variáveis, tais como: cultura, clima e aspetos socioeconômicos de cada município. No caso da Bahia/Brasil uma organização do espaço pela Superintendência de Estudo Socioeconômicos da Bahia - SEI que regionalizou o território baiano em vinte sete territórios de identidade desde 2007. O TSB, composto por 24 municípios, e os demais territórios de identidade do estado possuem espaços para diálogo, estes são denominados de colegiados territoriais. Os colegiados são formados por representantes de diferentes segmentos dos municípios e são caracterizados como espaço de discussão e participação social. Os representantes da sociedade civil e do poder público têm importante papel para o desenvolvimento dos territórios, por meio das discussões das demandas e políticas públicas a serem implementadas pelo Estado. O Território de Identidade Sudoeste Baiano possui uma dimensão territorial de 26.809,99 km², com a 4^a maior população entre os territórios baianos, 695.302 hab., densidade demográfica de 25,9 hab/km², por conta desta dimensão territorial significativa e com isso, para melhor articulação da gestão dos espaços de diálogo e que alcançasse maior número de pessoas foi decidido em plenária a criação das Cidades Pólos ao dividir o território em sub-regiões, sendo: Polo 1 Vitória da Conquista – BA, Polo 2 Condeúba – BA e Polo 3 Poções – BA. A pesquisa adota como procedimentos metodológicos, levantamento bibliográfico sobre a temática das políticas públicas territoriais, gênero, espaço de participação e da categoria território, posteriormente realização de entrevistas com a Coordenadora do Colegiado do TSB e Coordenadores do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS de cada cidade Polo; a Coordenação de Amparo aos Direitos a Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer e Assexuados – LGBTIQA+ da cidade de Vitória da Conquista – BA, visto que é a única cidade do Território Sudoeste Baiano a ter um órgão específico para à implementação das políticas de Gênero e Sexualidade. Vale ressaltar que as demais cidades do território possuem órgãos de po-

³⁹ Graduado em Geografia, Especialista em Análise do Espaço Geográfico e Mestrando Geografia da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia - UESB lucasaguiar04@hotmail.com

⁴⁰ Professora Doutora do núcleo de Pós-Graduação PPGeo/UESB lotada no departamento de Geografia da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia - UESB Nandanpgeo@yahoo.com.br

⁴¹ Graduado em Geografia, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS mateuscosta83@hotmail.com

de-se determinar genéricos, pois não se trata apenas de políticas públicas de mulheres e LGBTIQ+, e sim, de outros grupos ditos e concebidos como minorias imposta pela sociedade brasileira, ainda contemplando os aspectos metodológicos, realizou-se consultas de documentos que calçam essas políticas como o Plano Territorial Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PTDRSS que consiste em uma promoção da participação dos sujeitos sociais do TSB e também possui metas e estratégias para implementação de políticas públicas para o público alvo desta pesquisa: Mulheres e LGBTIQ+. Ao averiguar a articulação TSB, verificou-se a existência da câmara temática de mulheres, tendo participação significativa de representantes dos municípios. No entanto, por ser algo novo a ser implementado, ainda não houve nesta câmara discussões sobre políticas voltadas para a população Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer e Assexuados - LGBTIQ+, pois, existem algumas dificuldades que são enfrentadas, tais como: a participação de alguns membros na câmara temática por falta de recurso financeiro e não ter às vezes subsídios das prefeituras. Mas há articulações de movimentos sociais que pretende-se agregar o certame da sexualidade e gênero de forma mais abrangente nas discussões do colegiado territorial, pois o Território de Identidade Sudoeste Baiano tem um elevado índice de violências sofridas pela população LGBTIQ+, tendo um destaque maior para população desta violências a Trans. A articulação das políticas públicas sobre este território dentro dos municípios como um todo ainda pode-se dizer que é tímida, mas já se tem um avanço significativo quando ao analisar essas articulações nos municípios pólos do TSB. Uma vez que, por se tratar-se de cidades que já tem mecanismo maior em serviços, bem como, populacional se tem mais políticas para esta referida população. As discussões de Gênero e Sexualidade no contexto do desenvolvimento territorial no TSB também se dá de um forma acanhada e neste sentido recai o pensamento de Alcantara (2013) que se tem os colegiados de participação como um campo de forças, e este pensamento corrobora com o de Leite et al (2010) diz que os colegiados territoriais são como arenas. Pode-se afirmar que esses conceitos sobre os colegiados recaem sobre o conceito do território para a Geografia que é a disputa de poder tanto abordada por Raffestin (1983), Souza (1995 e 2013), Haesbaert (2004) e demais pensadores que discutir o conceito. E ao se tratar o território nas para abordar a disputa de poder entre os corpos e sexualidade traz o pensamento de Silva e Ornat (2014) que têm a concepção ligada ao poder e a soberania das relações sociais materiais e imateriais e não apenas as relações de poder que vão configurar por si só, mas as reflexões desta relação se configura um território. Assim sendo, ao apontar os preconceitos estabelecidos por muito tempo na sociedade ao se falar em gênero, sobre tudo da sexualidade, é importante reverberar conceitos e condutas para tentar alcançar em uma sociedade igualitária e justa em diversas esferas tais como econômica, social, racial e sexual. Neste sentido, o Território de Identidade Sudoeste Baiano necessita de mais espaços de diálogos e participação social destes sujeitos para que de fato aconteça a emancipação social. Destarte, é sabido que a questão de Gênero e Sexualidade merece requer análises, acredita-se que por meio do dialogo e outras ações tornam-se possível amenizar as disparidades sociais, na busca do desenvolvimento, não só o econômico, mas principalmente o social.

Palavras - Chave: Desenvolvimento Territorial, Política Públicas, Gênero, Sexualidade e Participação Social

A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NOS COMITÊS DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DO NORTE E NORDESTE BRASILEIRO: VIESES DA (DES) GOVERNANÇA DAS ÁGUAS NO BRASIL.

Mesa 28 - “Como experimentamos nossas geografias baseadas nas interseções entre gênero / sexualidade, classe e etnia / raça?”

Ponencia

Aline Lima Pinheiro Machado⁴²

Carlos Alexandre Leão Bordalo⁴³

Avaní Terezinha Gonçalves Torres⁴⁴

Ao longo do processo civilizatório existe um paradoxo do papel da mulher na gestão das águas em diferentes escalas. Ao pensar na perspectiva da divisão sexual do trabalho, as mulheres são maioria desde a gerência da água no lar ou na comunidade, definindo funcionalidades e reutilização para um completo aproveitamento. Até o papel da representação feminina nas esferas políticas/sociais de gestão hídrica, seja enquanto representação institucional, de classe ou representação coletiva. Temos assim, existências representativas que não são distantes, nem diferentes enquanto sentido de cuidado, responsabilidades no trato e participação social de forma eficiente para com os usos da água. O paradoxo da desigualdade de gênero se faz presente quando apontamos a baixa presença de mulheres em instâncias representativas de poder, neste caso, para os Comitês de Bacia Hidrográfica (CBH's). A construção histórica da participação das mulheres nas tomadas de decisão perpassa por movimentos de luta pela igualdade e equidade de gênero. O acesso à água em diferentes perspectivas e necessidades humanas, impacta o desenvolvimento socioambiental, principalmente na contemporaneidade, e para o recorte de gênero, as mulheres são as mais impactadas. Esta relação que reflete escalas de poder, torna desigual o alcance e a promoção aos movimentos e ações em prol da justiça social e ambiental. As problemáticas envolvendo as águas, levam a sociedade a buscar e desenvolver espaços participativos de decisão, sejam institucionalizados ou não. A governança das águas no Brasil é estruturada por uma construção legal de mecanismos de gestão do Estado em articulação com demandas sociais para a gestão e criação de políticas públicas, como a Política Nacional de Recursos Hídricos – PNRH (Lei 9.433 de 8 de janeiro de 1997). Inseridos nos processos de organização para gestão das águas no Brasil, os CBH's que estão formalizados nestas instâncias de governança, cumprem um papel de mediação entre o poder público e sociedade civil nos interesses de diferentes atores sociais. Os atores desse cenário entre eles, organização civil, usuários e poder público constituem uma instância de participação conjunta na gestão dos recursos hídricos, no qual possibilita representatividade no desenvolvimento de uma gestão integrada e participativa da bacia hidrográfica. E a organização de ocupação dos cargos decisórios nos CBH's sugere pluralidade e integração democrática em suas categorias de membros, os quais são escolhidos pelos representantes do CBH. Porém, quanto a igualdade/equidade

⁴² Mestranda no Programa de Pós graduação em Geografia na Universidade Federal do Pará(UFPA)/ E-mail:alinelima87@hotmail.com;

⁴³ Professor adjunto da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Geografia e Cartografia/ E-mail: carlosalbordalo@gmail.com.

⁴⁴ Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada/ E-mail: avani.torres@ufrpe.br;

de gênero as disparidades e relações (i) materiais de poder podem configurar de forma mais ou menos presente dentro destes espaços que necessitam de representação e representatividade às demandas de gestão coletiva das águas.

É relevante na construção desses processos formadores da gestão das águas, a participação social como voz ativa e reconhecida para interferências e manejo do espaço, logo, a interferência antropológica na dinâmica dos usos da água. Assim, os espaços democraticamente e coletivamente instaurados para a gestão das águas, no caso dos CBH's, cumprem e promovem igualdade de gênero e equidade interseccional? A mulher está como coadjuvante nos espaços deliberativos da gestão? Como podemos perceber estas relações ao comparar os CBH's das regiões Norte e Nordeste, diante de seus diferentes aspectos geográficos relacionados às águas?

Provocamos nesta proposta uma leitura em duas regiões geográficas do Brasil que estão historicamente mergulhadas na desigualdade do acesso à água: a Região Norte e Nordeste brasileira. A região norte do Brasil que compreende os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, possui comitês estaduais de bacia hidrográfica apenas nos estados do Amazonas, Rondônia, Tocantins e Pará, contabilizando oito (8) CBH's. O Nordeste brasileiro compreende os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, possuindo cinquenta e um (51) CBH's estaduais e três (3) interestaduais. Nessa perspectiva pretende-se perceber também a desigualdade das particularidades, já que são extremos em estoques hídricos, em quantitativos populacionais e na formação de comitês dada a hidrografia de cada região aqui comparada.

A partir dos CBH's existentes nestas duas regiões geográficas, busca-se analisar a relação de gênero, a representação simbólica/identitária de mulheres em relação aos homens nas categorias das comissões gestoras, e do quantum de poder que lhe são destinados. Pretende-se assim, a partir da espacialização cartográfica e indicação quali quantitativa apontar as disparidades de gênero nos comitês na região norte e nordeste brasileira.

A pesquisa proposta abrangerá caráter quali quantitativo e semi estruturado, compreendendo investigação teórica e seu rebatimento empírico que proporcionem a análise da provocação levantada. Com isso parte-se para uma exploração inicial de consulta / catalogação digital (sites) dos CBH's e membros (titulares e suplentes) registrados na vigência atual (2021). Após esta etapa é possível a imersão na análise documental e de estatística das amostragens, podendo, então, caracterizar e identificar os atores por gênero. Será aplicado, também, questionários digitais aos membros dos CBH's, a fim de obter informações acerca de raça, escolaridade, idade e atuações locais de representação. Com a construção da base de dados obtidos teremos como resultado e os produtos cartográficos de localização e informação conjunta dos dados catalogados nos CBH's.

Temos com esta proposta de investigação e leitura, a relação entre dois extremos da água no Brasil. A região Norte e sua vasta rede hidrográfica onde se encontram os maiores volumes de de água doce do país, com os piores índices de saneamento básico e acesso à água potável. E a região Nordeste, e sua grande porção semiárida, menores índices de disposição hídrica, ambas perpassando por um histórico processo de conflitos pela água. A lógica de governança das águas no Brasil pressupõe que as instâncias de gestão contemplem todas as regiões do país em escala democrática de participação e acesso à água. Contudo buscaremos identificar e apontar possíveis relações díspares entre estas duas regiões, no que tange as relações de gênero nos / dos CBH's.



TRABAJO

AS RELAÇÕES DE TRABALHO DE MULHERES QUE MIGRARAM DO CAMPO PARA CIDADE EM MUZAMBINHO-MG, BRASIL

Mesa 28: ¿Cómo vivenciamos nuestras Geografías a partir de las intersecciones entre género/sexualidad, clase y etnia/raza

Ponencia

Araújo, Leticia Almeida ⁴⁵

Vale, Ana Rute ⁴⁶

Introdução: O trabalho da mulher no campo muitas vezes é considerado como ajuda, se restringe à esfera reprodutiva, não possibilitando a autonomia financeira e a valorização profissional, sobretudo nas atividades agrícolas. Em cidades pequenas e com estreita ligação do campo com a cidade esse comportamento não se difere. Muitas delas, vislumbram na cidade a oportunidade de conquistar sua independência e oportunidades de trabalhos remunerados. Assim, essa pesquisa busca compreender se as relações de trabalho se alteram para as mulheres que migram do campo para cidade no município de Muzambinho, localizado no Sul do estado de Minas Gerais, Brasil.

Metodologia: A partir da definição da temática do trabalho, realizou-se o levantamento bibliográfico. Como esse trabalho se trata de um recorte de uma pesquisa mais abrangente de mestrado, inicialmente, foram feitas leituras referentes à questão de gênero na Geografia e como o patriarcado e as relações capitalistas atuam na divisão sexual do trabalho. E depois, ao processo migratório com destaque ao êxodo rural feminino, as características das cidades pequenas e as relações campo-cidade. Por fim, os aspectos entre o espaço público e o privado ocupado pelas mulheres, as relações de trabalho no urbano e às formas de produção e reprodução de espaços por meio dos trabalhos produtivo e reprodutivo feminino. Nesse trabalho, o enfoque são as relações de trabalho das mulheres quando chegam à cidade, vindas do campo. Entrevistas foram realizadas com vinte mulheres que, em algum momento da vida viveram no campo, e depois migram para cidade em Muzambinho. A última etapa correspondeu à transcrição e análise dos resultados.

Referencial teórico: Seja por razões familiares ou individuais, quando a mulher migra para cidade, mesmo que seja no caso de uma cidade pequena, é natural a ânsia por encontrar melhores condições financeiras, oportunidades de trabalho e valorização que não possuía quando vivia no campo. Porém, nem sempre isso acontece. Mais do que um novo espaço, ela continua inserida em um sistema patriarcal que justifica a exploração através das diferenças biológicas que, de acordo com Calió (1997, p. 2), reforça a ideia de “uma natureza e de uma essência feminina, limitando a criatividade das mulheres, e dirigindo-as para atividades que mais se adaptem às suas prioridades enquanto mulheres: esposas, mães, donas de casa”.

De acordo com Araújo (2015, p. 300), essa não é uma situação nova, pois as mulheres de modo geral, “sempre estiveram na informalidade no mercado de trabalho, caracterizado por suas formas precárias de realização da atividade laboral, sendo trabalhos desvalorizados, muitas vezes que mantêm resquícios do ambiente privado, doméstico”. Essa situação se agrava se a mulher que migra vem de uma condição financeira instável no campo, sem apoio familiar, sem estudos, e sem uma rede de acolhimento

⁴⁵ Mestranda do PPGEU- UNIFAL-MG. E-mail: araujo.leticia.almeida@gmail.com

⁴⁶ Docente do curso de graduação e pós-graduação em Geografia- UNIFAL-MG. E-mail: ana.vale@unifal-mg.edu.br

na cidade, fazendo com que aceite trabalhos árduos e desvalorizados, como trabalhos domésticos. Em relação ao trabalho remunerado, quando as mulheres migram para cidade, os serviços de faxineira e empregada doméstica acabam exercendo um papel importante na sua incorporação ao mercado de trabalho, por ser considerado culturalmente o lugar da mulher e exigir pouca qualificação profissional. Muitas migrantes acabam tendo nessa atividade um caminho para a socialização. Em toda a América Latina, “dois terços das mulheres que migraram do campo para a cidade na década de 1990, em busca de melhores condições de vida, são atualmente trabalhadoras domésticas” (LISBOA, 2006, p. 158). A realidade das mulheres trabalhadoras, produtoras, reprodutoras da força de trabalho pode ser ainda mais dificultada pela sua condição de classe, gênero, raça/etnia, orientação sexual, idade, religião e outros aspectos de identidade que intensificam a assimetria das relações de gênero, já controladas pelo capital (SERPA, 2010). Essas e outras questões serão abordadas por todo trabalho, evidenciando se as mulheres encontram melhores oportunidades na cidade em Muzambinho.

Conclusão: As principais razões pelas quais as mulheres migraram para cidade no município de Muzambinho, seja com as famílias, como na maioria dos casos da pesquisa, seja individualmente, foram a busca por oportunidades de trabalho e estudo. Na cidade, a maioria das entrevistadas conseguiu se inserir no mercado de trabalho, principalmente no comércio, no trabalho doméstico, em confecção de roupas e, ainda, como autônomas. Como ocorre em grande parte do país, os serviços mais subvalorizados são responsáveis por absorver aquelas pessoas que não possuem um alto nível de escolaridade e estão em busca de emprego. No caso das mulheres que conseguiram abrir seu próprio negócio, verificou-se tratar-se daquelas que tiveram maior oportunidade de continuarem seus estudos do as demais, conseqüentemente porque já migraram com uma condição financeira melhor. Muitas relataram preconceitos que sofreram quando chegaram na cidade, além de medos e inseguranças, embora esses não superasse a vontade de melhorar a vida delas. Todavia, na cidade a responsabilidade sobre as tarefas domésticas não se alterou. Aquelas que mudaram com suas famílias continuaram sendo as principais responsáveis pelo trabalho de casa e organização do lar, mesmo sendo inseridas no mercado de trabalho urbano.



VIOLENCIA DE GÉNERO

DO LUTO À LUTA: A RESISTÊNCIA DE MULHERES MÃES DA BAIXADA FLUMINENSE FRENTE A VIOLÊNCIA DE ESTADO.

Mesa 28: Como vivenciamos nossas geografias a partir das intersecções entre gênero/sexualidade, classe e etnia/raça?

Ponencia

Fernanda Santos de Lima⁴⁷

A Baixada Fluminense do Rio de Janeiro (Brasil), de acordo com sua divisão político-administrativa, é uma região constituída por dezenove municípios, que apesar de cada um ter suas especificidades, as representações hegemônicas acerca da Baixada Fluminense os permeiam de uma forma abrangente. Essas representações são construídas e reproduzidas socialmente, Rocha (2020) nos mostra que essas representações hegemônicas colocam a Baixada Fluminense como uma região violenta – diante da ação dos grupos de extermínio – desde a década de XX, vem sendo incorporada pela lógica imobiliária, marca pela implementação de grandes condomínios. Entretanto, essas duas representações hegemônicas não são as únicas possíveis. Podemos analisar a região também, por meio das ações das pessoas, que buscam ressignificar a realidade marcada pela violência histórica, nesse sentido, tecemos no presente trabalho uma análise acerca do espaço da Baixada Fluminense por meio da apropriação das sujeitas residentes nessa região, em específico, as ações das mulheres da Rede de mães e familiares da Baixada Fluminense.

A Rede de mães e familiares da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro é um coletivo construído por mães de familiares após o infeliz acontecimento conhecido como Chacina da Baixada. A chacina ocorreu em 2005, no dia 31 de março e pode ser considerada uma das maiores chacinas do país e a maior do Estado do Rio de Janeiro. Policiais saíram a paisana e saíram atirando por bairros do município de Nova Iguaçu e Queimados e executaram 29 jovens, conseqüentemente, deixando marcas dolorosas em nas 29 famílias desses jovens. Luciene Silva é mãe de Rafael Silva Couto, um dos jovens assassinados, e tem sua existência marcada pela violência de perder seu filho.

Vale ressaltar que o presente trabalho é um desdobramento de uma análise mais abrangente realizada no âmbito de minha graduação em licenciatura de Geografia, na qual teci uma cartografia das ações das mulheres da Baixada Fluminense, aqui, buscamos analisar em específico a ação da Rede de Mulheres, diante das questões que não conseguimos dar devida atenção previamente. No mais, pontuamos que nossa análise leva em consideração que ser mulher não é uma categoria universal, não podemos colocar as mulheres cis, mulheres negras, mulheres brancas, mulheres lésbicas e bissexuais, mulheres lésbicas e bissexuais negras, mulheres trans negras, na mesma categoria, pois essas relações encontram-se num sistema de opressões perpetuado pelo racismo capitalista cis-hetero-patriarcal (AKOTIRENE, 2019), onde, quanto mais as sujeitas se afastam do padrão imposto por essas estruturas, terão seus corpos marcados por opressões distintas, dessa forma, consideramos o aparato metodológico da interseccionalidade para análise espacial das ações de uma rede protagonizada por mulheres mães – em sua maioria mulheres cis negras (AKOTIRENE, 2019).

O objetivo do presente trabalho é a reflexão acerca da necessidade de uma compreensão do espaço que esteja pautada numa crítica epistemológica (KILOMBA, 2019) acerca do campo teórico cienífi-

⁴⁷ Mestranda em Geografia pelo PPGEU/UFRRJ e-mail: santosfernandalima96@gmail.com

co, identificando-o enquanto um campo de construção de conhecimento permeado por relações de poder marcadas pela colonialidade (QUIJANO, 2010), e pela colonialidade de gênero (LUGONES, 2014). Tal reflexão torna-se necessária, pois, a epistemológica hegemônica ocidental que nos é imposta enquanto universal (SHIVA, 2003), não contempla uma relação de pesquisa que aborda uma realidade espacial e um diálogo realizado com sujeitas que são historicamente colocada às margens pela ciência ocidental. Optamos por tecer uma pesquisa corporificada, situada e crítica (HARAWAY, 1995), que é proposto pelas geografias feministas (SILVA, 2017), Para Massey (apud SILVA, 2017), que partem do princípio de que a produção científica está associada ao contexto de sua produção; a realidade (espacial e corporal) do/a cientista, em que espaço-tempo as produções foram cometidas.

A justificativa de tal pesquisa está pautada no anseio pela construção de uma representação espacial não hegemônica acerca da região da Baixada Fluminense, que já vem sendo construída por sujeitos e sujeitas dessa região, que não para na violência. É importante ressaltar que não estamos realizando o movimento de romantizar a margem ao trazer a dimensão da possibilidade de resistência que esse lugar oferece (HOOKS, 1990 apud KILOMBA, 2019), entretanto, evidenciamos que apesar da dor causada pelo contexto de guerra (MARCHESE, 2019) perpetrada por agentes do Estado em regiões periféricas, como a Baixada Fluminense, não é aceita pelas mulheres da região.

A análise espacial que realizamos compreende a importância de se considerar o corpo e suas potencialidades de produzir espaço a partir de uma releitura de Silva et al (2019) acerca das contribuições de Lefebvre. Contamos com a contribuição dos conceitos de corporeidade (SANTOS, 1996) e corpo-geografia (JACQUES, 2008), alicerçada pela compreensão do espaço enquanto vivo, aberto e relacional (MASSEY, 2004). As contribuições de Doreen Massey e suas proposições nos fazem ler o espaço por meio do: a) reconhecimento do espaço como produto de inter-relações desde a dimensão global à local; b) compreensão do espaço enquanto esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, ou seja, plural e heterogêneo; c) o espaço como vivo e aberto, algo num constante processo de construção (MASSEY, 2008). Nosso olhar sensível às ações e aos atos de resistência, é inspirado profundamente na socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2012).

A GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ANÁLISE DA CIDADE DE MARINGÁ, ESTADO DO PARANÁ, BRASIL

Mesa n.º 28: Como experimentamos nossas geografias com base nas interseções entre gênero / sexualidade, classe e étnica / raça?

Ponencia

Bruna Laís Bertolini⁴⁸

A Geografia da violência contra a mulher demanda cada vez mais estudos e pesquisas na direção de contenção da violência e mitigação dos danos às vítimas. Ainda que seja um tema de âmbito jurídico e de atuação policial, estudos de mapeamento, diagnóstico e problematização dessa violência contra as mulheres no Brasil e no mundo podem contribuir de maneira significativa para as políticas públicas relacionadas.

A violência doméstica contra mulheres é um fenômeno complexo, pois percebe-se a ampliação dos casos nos últimos anos no Brasil. A compreensão dessa trágica realidade necessita de olhares em diferentes esferas. É necessário uma análise apurada dos casos de violência contra a mulher na cidade de Maringá (PR), no âmbito da geografia, para compreender sua complexidade, causas e consequências, tendo em vista que identificamos o aumento dos casos na cidade objeto de estudo, fruto do isolamento social e de outras variáveis que precisam ser levantadas e estudadas.

Para adentrarmos na temática, é necessário compreender e analisar o contexto em que a violência doméstica está inserida. Apenas com uma análise apurada poderemos verificar a possível associação da violência a elementos específicos, tais como o alcoolismo, o uso de drogas ilícitas, o desemprego, a pobreza e, mais recentemente, ao isolamento social provocado pela pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19).

Conforme pesquisas e notícias, os índices de violência doméstica cresceram consideravelmente durante o período de isolamento social desencadeado pela pandemia da Covid-19. Desse modo, torna-se urgente a realização de pesquisas científicas para o diagnóstico e compreensão dessa problemática.

Embora a violência doméstica esteja associada a determinados fatos, é importante ressaltar que ela não está limitada a tais com condicionantes, permeando todas as classes, períodos históricos, atingindo diferentes grupos sociais. No entanto, é possível, por meio da realização da pesquisa científica, enquadrar os principais fatores geradores da violência e conectá-los à realidade social por meio do entendimento de sua geografia.

A violência doméstica, enquanto resultados de ações humanas, tem como palco territórios determinados. Ao analisarmos a cidade de Maringá (PR) e seus respectivos bairros, consideraremos que todas as ações perpetradas pelos indivíduos agressores decorrem da interação entre o homem e o espaço, conforme ressaltam os autores Melo e Matias (2015).

O presente trabalho aborda a violência sob a perspectiva geográfica, buscando dados acerca da formação de territórios violentos na cidade de Maringá (PR). Para tanto, localizaremos as ocorrências de violência doméstica no espaço urbano e correlacionaremos os índices às condições do local onde aconteceram.

Para melhor entendermos o fenômeno da violência doméstica é essencial entendermos a divisão de

⁴⁸ Mestranda em Geografia (PGE/UEM); e-mail: pg403299@urm.br

gêneros – histórica a atual, e suas implicações.

Utilizando a afirmação de que a Geografia está em toda parte, as discussões sobre discriminação de gênero se destacam para melhor compreensão do mundo atual e seus impasses.

A pesquisa, então, busca compreender o perfil de vítimas e seus agressores, considerando (i) a relação de similaridade da violência: física, moral, patrimonial, psicológica ou sexual; (ii) a relação de proximidade e idade da vítima: parente, desconhecido, conhecido da família, companheiro(a)/esposo(a)/namorado(a), vizinho etc.; estado civil; faixa etária; grau de instrução; profissão; relato de violência anterior; (iii) razão pela qual levou os agressores ao ato de violência; (iv) se houve procura pela polícia após a agressão; (v) se o agressor estava alcoolizado ou sob efeito de drogas no ato da agressão; (vi) se houve rompimento do relacionamento após a agressão, dentre demais critérios.

Em se tratando de números, frisa-se os dados do Mapa de violência contra a mulher, obtidos em 2018, o qual trouxera números e aspectos relevantes.

Ao confrontarmos os dados obtidos pelo Mapa de Violência Contra a Mulher com os números obtidos pela Secretaria de Assistência Social e Cidadania Diretoria de Assistência Social de Maringá, é perceptível que grande parte da violência sofrida pelas pessoas inseridas na Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI) em 2017 é cometida contra crianças e adolescentes nas seguintes modalidades: violência intrafamiliar totaliza um percentual de 26%; negligência ou abandono corresponde a 57%; abuso sexual perfaz 15% e exploração sexual 1%.

A Central Brasileira de Notícias (CBN), divulgou um levantamento feito pela Prefeitura de Maringá (PR) que elencou os bairros com maiores índices de violência doméstica

Com base nessa pesquisa, elaboramos um mapa preliminar para espacializar essas informações. Com isso, já é possível visualizar com mais propriedade algumas hipóteses, sobretudo em relação à localização das denúncias nas áreas mais periféricas ou em regiões populares. Evidentemente que não é possível afirmar que esse fator condiciona a análise, pois, eventualmente, outros casos de violência não divulgados ou denunciados podem ter ocorridos em outras partes da cidade, o que justifica a necessidade de aprofundamento da pesquisa.

Para a realização da pesquisa, estão sendo realizados os seguintes passos metodológicos: (i) levantamento teórico sobre as categorias escolhidas para a pesquisa: Geografia da violência no país e no caso estudado; Estado e seu papel na formulação das leis e das medidas; análise sobre o território, entre outros; (ii) levantamento técnico e de dados: busca de informações sobre os casos de violência contra a mulher no Brasil e em Maringá nos últimos 10 anos e levantamento de dados censitários para compreensão da base socioeconômica e socioespacial da cidade de Maringá; busca de estudos sobre temas correlatos; (iii) levantamento de campo/empírico: formulação e aplicação de entrevistas/ questionários com pessoas envolvidas, tanto vítimas como servidores diretamente vinculados aos casos, para compreensão das particularidades, fluxos, rotinas, problemas e necessidades de melhorias; por fim, (iv) elaboração de mapas, tabelas, gráficos e demais formas de representação da geografia da violência na cidade de Maringá (PR).

PENSAR A CIDADE DE SÃO LUÍS NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO PLANEJAMENTO URBANO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS CONTEMPORÂNEOS

Mesa 28: Como experimentamos nossas geografias a partir das intersecções entre gênero/sexualidade, classe e etnia/raça?

Apresentação oral

Reis, Eloina Maria Moura⁴⁹

Resumo: Por muito tempo, os espaços públicos foram pensados apenas levando em consideração normas técnicas, legislação urbanística e os usos, transmitindo a falsa segurança de que o planejamento está sendo realizado de forma isenta e racional e atenderá a todas e todos. Porém, é importante atentar que podemos não estar atendendo totalmente as necessidades dos indivíduos em sua diversidade, sendo fundamental considerar as relações sociais e as interações entre as pessoas. Nos estudos acadêmicos chamamos as interações entre os diferentes aspectos sociais: gênero, raça, classe, sexualidade, religião, idade entre outros, de interseccionalidade. Essas interações acabam influenciando a maneira de viver em sociedade e de vivenciar as cidades. É importante refletir sobre esses marcadores sociais na formação de políticas públicas, atentando para a complexidade das relações que criam desigualdades e vulnerabilidades entre as pessoas. Desta forma pode-se contribuir para a construção de um espaço urbano mais democrático. No planejamento urbano, as questões de gênero começaram a fazer parte das discussões recentemente. Trata-se de uma ideia desenvolvida a partir da década de 1970, onde gênero não é considerado sexo e sim uma construção sociocultural e está relacionada aos papéis atribuídos aos homens e as mulheres. As mulheres foram destinadas sóciohistoricamente às tarefas reprodutivas e de cuidado, tarefas não remuneradas e consideradas invisíveis. Aos homens foi designada a tarefa do público, do produtivo, do espaço público, atividades visíveis e remuneradas. Apesar das mulheres também terem trabalhos remunerados, seguem com as piores remunerações, permanecendo invisíveis. “[...] a cidade reproduz uma divisão dada por natural. Existe um ‘fora’ e um ‘dentro’. O fora da cidade é o espaço dos homens. Com o espaço de dentro, o lar, julga-se que as mulheres tenham segurança.” (ENGEU, 1974 apud: CALIÓ, 1992). Segundo Calió (1992), assumir a categoria de gênero significa identificá-lo a partir dos vários espaços onde ele se constrói: na cidade, na família, no mercado de trabalho, nas instituições, na subjetividade. Significa também trazer à tona a relação de gênero como relação de poder - uma relação impossível de ser explicada pela biologia da mesma forma que a dominação racial. Fernández Pérez (2012), afirma que os espaços urbanos não são neutros em termos de gênero. Homens e mulheres não vivenciam os diferentes espaços públicos da mesma forma. Mulheres em geral, e principalmente aquelas que estão mais conscientes de sua situação particular, não se sentem igualmente representadas nos espaços, nem identificadas e nem possuem sentimento de pertencimento ao lugar. A maioria dos espaços públicos, sejam simbólicos ou materiais são vistos como espaços “masculinos”, onde algumas mulheres têm a sensação de estarem sofrendo uma colonização espacial por parte dos homens, sendo conscientes de sua invisibilidade, de sua exclusão no âmbito público em sua utilização e ocupação, o que se torna mais evidente em alguns horários do dia, quando a presença da mulher nos espaços é menor. A sociedade deve combater não só as desigual-

⁴⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, eloinareis@yahoo.com.br

dades socioespaciais fruto das diferenças sociais, mas também as relações de poder entre os gêneros, ou seja, as relações sociais entre os sexos em relação à evolução do espaço rural e urbano. De acordo com Calió (1992), a sociedade deve se preocupar em incorporar perspectivas não-sexistas e não-patriarcais, estimulando a igualdade e a diversidade, tanto para o homem como para a mulher, e que procure integrar campos de conhecimento que no dia-a-dia da vida não se separam. Na cidade de São Luís, os espaços públicos seguem os conceitos patriarcais tradicionais da grande maioria das cidades, que em geral desconsidera a diversidade dos usuários destes espaços. Nas últimas décadas, o centro histórico de São Luís recebeu um volume grandioso de recursos, oriundos de diversos programas nos âmbitos federal, estadual e municipal para requalificação de espaços públicos, reabilitação de imóveis e geração de atrativos econômicos e turísticos na área. Entende-se esta área como poligonal, delimitada pelo anel viário, onde encontram-se as áreas de tombamento federal, tombamento estadual, área reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1997, e área de interesse à preservação pelo município de São Luís. Estas intervenções seguiram orientações específicas de acordo com o seu respectivo agente executor e financiador, sendo realizadas em locais próximos a áreas residenciais tradicionais da cidade e de concentração de comércio popular com o objetivo de melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas. Foram implantados equipamentos urbanos para atender as demandas de crianças, de acessibilidade e mobilidade. Mas de que forma essas intervenções contribuíram para o empoderamento das mulheres das comunidades diretamente afetadas? O direito à cidade para as mulheres, em sua diversidade de experiências, deve garantir a sua segurança e participação nas tomadas de decisão, a partir do seu planejamento. Uma vez que as mulheres em sua maioria, continuam assumindo o papel de responsáveis pelas atividades de cuidado na sociedade. Ideologia imposta pelo patriarcado que afeta a relação da mulher com os espaços das cidades, onde as possibilidades de deslocamento podem ser limitadas, em função da falta de acesso ao carro de bebê, por exemplo. Os trajetos a serem feitos e até a escolha da moradia, podem ser definidos em função da proximidade de escolas, creche e equipamentos destinados a rotina dos filhos. Espaços públicos não sensíveis às necessidades de gênero, contribuem com a manutenção de um ciclo de opressão que dificulta à mulher a ocupar de fato seu papel na sociedade de forma igualitária. Segundo Gamrani e Tribouillard (2021), se as decisões de políticas públicas são estatisticamente tomadas por um grupo homogêneo de pessoas, geralmente homens, brancos e de classe média alta, com seus próprios padrões de pensamento e representações sociais, como criar políticas públicas adaptadas às situações reais de outras pessoas nas cidades, como mulheres ou outros grupos específicos? Quais estruturas permitem ser mais sensíveis às necessidades das mulheres nas cidades, e ao mesmo tempo dar para elas um espaço de fala, aprendizagem e empoderamento? Atender a essas demandas no planejamento urbano não implica em fazer espaços especializados, excluindo as necessidades dos outros cidadãos, mas garantir uma abordagem de inclusão do olhar, da opinião e da contribuição da mulher na construção da cidade contemporânea.

Palavras-chave: Gênero; inclusão de gênero; espaço urbano.



MESA 29

MESA 29: GÉNEROS: BRECHAS, DESIGUALDADES, RESISTENCIAS Y POLÍTICAS PÚBLICAS EN TERRITORIOS URBANOS Y RURALES EN TIEMPOS DE PANDEMIA.

Coordinadoras: García, L. Varela, V. Ibarra García, V. Soto, P

MESA 29: GÉNEROS: BRECHAS, DESIGUALDADES, RESISTENCIAS Y POLÍTICAS PÚBLICAS EN TERRITORIOS URBANOS Y RURALES EN TIEMPOS DE PANDEMIA.

Coordinadoras: García, L.¹

Varela, V.²

Ibarra García, V.³

Soto, P.⁴

En América Latina, las condiciones de desigualdad de millones de mujeres, y disidencias sexuales e identitarias están presentes desde antes de la pandemia. Las brechas se dan en el acceso a la salud, a las oportunidades económicas, educativas, culturales y laborales. Cuando esas desigualdades se cruzan con etnia, raza, edad, condición migratoria, discapacidad u origen socioeconómico, las brechas se multiplican.

La pandemia ha radicalizado las dificultades poniendo en riesgo las frágiles estrategias que emplean para enfrentar sus formas de vida diarias. Las políticas públicas integran el campo de esas desigualdades, por un lado promueven acciones referidas a garantías universales pero al mismo tiempo muestran debilidades u omisiones en su aplicación como: barreras a los servicios de salud (general, sexual reproductiva, no reproductiva, ILE,) al derecho a la educación (a la ESI entre ellos) como también a la movilidad no solo en el campo sino en las ciudades. Estas situaciones afectan más a las poblaciones pobres y especialmente a cuerpos feminizados, adolescentes, jóvenes y niños. Nos preguntamos entonces ¿cómo ha impactado en las mujeres la enfermedad y las condiciones de confinamiento en términos de su actividad laboral, trabajo de cuidados, afectos, deseos, relaciones (comunitarias, de pareja y familiares), maternidad, violencia de género? ¿Qué oportunidades (o no) se abren para visibilizar-aminorar-comprender las relaciones de poder entre los géneros?

¿Cómo se puede comprender la relación entre inmovilidad y movilidad durante la contingencia y la vida cotidiana de las mujeres y disidencias? ¿Cuáles son las prácticas de resistencia y formas organizativas en el continuo espacial material-virtual? Desde las geografías Feministas ¿cómo abordamos, cómo producimos nuevos conocimientos, como nos incluimos en aportes colectivos?

¹ Universidad Nacional de La Pampa (FCHumanas) Argentina

² Universidad Nacional de Luján. Argentina

³ Geografía - UNAM. México

⁴ Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa. México

CONSTRUIR EN EL FIN DEL MUNDO: LAS MUJERES COOPERATIVISTAS DE USHUAIA DURANTE EL COVID 19

Mesa 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Tipo de presentación: Ponencia

Martínez Ortiz, Tamara⁵

Resumen ampliado

El presente trabajo se propone analizar la conformación de la Cooperativa Textil “Mujeres Cooperativistas”, en la ciudad de Ushuaia, Tierra Del Fuego, en el contexto de la pandemia del COVID 19 (Coronavirus). Este análisis se realiza desde la perspectiva de la geografía feminista (prestando especial atención a la idea del espacio “público y privado” y la división sexual del trabajo en el mismo), la geografía social (pensando al territorio como un producto de las dinámicas sociales, así como la idea de “fronteras”), y la economía social y solidaria (entendiendo que esta Cooperativa forma parte de un proyecto mucho mayor de construcción colectiva, y la cuarentena pone en jaque la organización de las economías del cuidado tal como las llevaban a cabo hasta entonces en el sistema capitalista).

Esta ponencia analiza las vinculaciones que existen entre las distintas áreas de conocimiento propuestas, a partir de un estudio de caso que, a nuestro entender, representa explícitamente las condiciones, desafíos y problemáticas a las que nos hemos tenido que adaptar durante el aislamiento social, preventivo y obligatorio del año 2020 en todo el mundo. Este trabajo surge a partir de la necesidad de dar respuesta a una serie de inquietudes o preguntas acerca del rol que cumplimos las mujeres en la economía durante un período constantemente dinámico mundialmente, que plantea nuevos escenarios pero con viejas preguntas. La pandemia, y su consecuente cuarentena, ha dejado en evidencia que las feminidades llevamos sobre nuestras espaldas la carga de los hogares, cuestión no nueva para nosotras, pero que se ve agudizada en este contexto.

Objetivos

La ponencia tiene como objetivo general analizar el impacto de la pandemia por COVID 19, en el desarrollo económico de las mujeres cooperativistas de Ushuaia, y sus vinculaciones con el territorio desde una perspectiva de género.

Entendemos que debemos priorizar ciertas problemáticas, ya que un análisis extensivo sería difícil de llevar a la distancia, pero es por eso que hemos pensado en algunos objetivos específicos que orientarán nuestra investigación. Por un lado, indagar el origen de la Cooperativa Textil “Mujeres Cooperativistas” en el contexto de la pandemia, tanto en lo que refiere al proceso legal, como a su composición social. En este sentido, pretendemos prestar especial atención al lugar que ocupe este espacio en la conformación de sus identidades como mujeres, a la construcción de autonomía y empoderamiento. Es importante para esta investigación poder explicar qué ha sucedido en sus hogares durante el aislamiento social, preventivo y obligatorio en lo que refiere a las economías del cuidado y el trabajo cooperativista. En este sentido, resulta imperativo examinar al heterocispatriarcado, y al capitalismo como factores que determinan la manera en que las mujeres, o feminidades en general, se vinculan

⁵ Universidad Nacional de General Sarmiento, Correos Electrónicos: tamara.martinez.ortiz18@gmail.com - tmortiz@ungs.edu.ar

con el espacio. Por otro lado, creemos que es importante analizar cómo varían las concepciones sobre el concepto de “frontera” y cómo influyen las dinámicas sociales y económicas en él.

Abordaje teórico-metodológico

Para poder realizar esta investigación, hemos hecho una recopilación bibliográfica de las distintas Leyes y Decretos (sintetizados en el informe de Políticas del gobierno nacional en el marco de la emergencia COVID-19 para Organizaciones asociativas de la Economía Social, Solidaria y Popular). La Resolución 7/2020: Trámite de emergencia para la constitución de Cooperativas y Mutuales plantea la asistencia a distancia de un funcionario de la Dirección Nacional de Desarrollo y Promoción Cooperativa y Mutual del INAES para la conformación de nuevas entidades por medios electrónicos. La presentación del trámite deberá tener el patrocinio de por lo menos una organización del sector de la economía social o de la comuna o municipio o del órgano local competente.

Otros documentos utilizados son el Acta N°1 del Consejo de Administración y el Informe de los iniciadores de la Cooperativa de trabajo “Las mujeres cooperativistas” Ltda. (e/f). Por último, utilizamos el ACTA CONSTITUTIVA DE LA COOPERATIVA DE TRABAJO “LAS MUJERES COOPERATIVISTAS LIMITADA.

El campo de la geografía feminista, resulta de suma importancia en el análisis de la geografía social particularmente, y permite sumar una perspectiva diferente de aquellas teorías a las que estamos acostumbrados y acostumbradas. La relación que se da entre los espacios y las personas se desarrolla de acuerdo a la organización de la sociedad y a su lógica de funcionamiento: el patriarcado (con todas sus normas heterosexuales, binarias, cisgénero, etc), así como el capitalismo (pensando en sus rasgos más explotadores y colonialistas) no son ajenos a estas lógicas, y claramente se expresan en la sociedad determinando la manera en que las mujeres, las feminidades en general, las identidades sexo-disidentes, como así también las diferentes masculinidades, se organizan en el espacio (Martínez Ortiz, 2019).

La geografía posee un papel fundamental como formadora de ciudadanos/as conscientes de su rol en la producción, modificación y usos del espacio, de sus derechos, de sus prácticas espaciales y de las relaciones entre hombres y mujeres (Costa, 2011). Resulta importante entonces entender que el espacio siempre fue calificado como un soporte neutro, homogéneo y asexuado; y no se consideraba al género como una variable que, junto con otras, fuera capaz de explicar los desequilibrios en el territorio y la reproducción/perpetuación de los mismos en las sociedades.

Conclusiones

Hemos podido constatar que las mujeres cooperativistas han logrado sortear una serie de dificultades que se han presentado con la pandemia, y transformarlas en oportunidades para el crecimiento. La creación de una nueva Cooperativa en este contexto (mediante los DNU y resoluciones ya mencionadas) ha puesto en marcha un proyecto de salida laboral, de construcción colectiva y solidaridad para poder colaborar con la salud comunitaria y el Estado. La intervención en territorio, y la ruptura de las concepciones patriarcales del hogar como espacio privado y reproductivo solo designado a las mujeres, sin poder realizar otras tareas, es lo que hemos querido demostrar en esta investigación.

Sin duda, las Cooperativas forman parte de la identidad de quienes la conforman, y sirven de sustento económico pero también emocional en una ciudad alejada del resto del país, de sus afectos y familias. El colectivo de personas que conforman las cooperativas se guían por la solidaridad, por el bienestar común y la idea de progreso colectivo.

Palabras clave: Mujeres, Cooperativismo, Geografía Feminista y Social, COVID 19.

CUERPOS RESTRINGIDOS, CASAS EXTENDIDAS Y TERRITORIALIDADES MÓVILES. PENSAR LA IN (MOVILIDAD) DURANTE LA PANDEMIA

Mesa temática 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Ponencia

Paula Soto Villagrán⁶

Los efectos sobre la salud, la economía, los viajes, la interacción social y casi cualquier ámbito de vida imaginable por la pandemia mundial de Covid-19 ha sido inmensa. No cabe duda de que se trata de una profunda crisis con profundos repercusiones.

En este contexto con esta ponencia presento algunos hallazgos obtenidos en una investigación realizada con mujeres durante el año 2020, a través de la realización de Diarios de Actividad Cotidiana, acompañados del uso de fotografías y una entrevista. Buscamos leer los efectos que la pandemia ha hecho visibles de nuestros mundos móviles normales, dados por sentado y nunca cuestionados, es decir la pandemia da la posibilidad de que se cuestione los regímenes de género al interior del hogar. Durante la pandemia por Covid-19 y ante las medidas para prevenir el contagio, se combinan diversos factores que impactan de manera diferenciada la realidad de las mujeres, entre ellas la cuestión de la inmovilidad. En efecto, en las últimas décadas la cuestión de la inmovilidad aparece con fuerza en el contexto del “nuevo paradigma de las movilidades” paradigma examina diferentes modos de movilidades y sus complejas combinaciones: desplazamientos de cuerpos de personas; movimientos físicos de objetos; viajes virtuales a menudo en tiempo real trascendiendo las distancias; circulación comunicativa a través de mensajes entre personas; y viajes imaginarios.

Desde mi perspectiva hay tres formas de entender la relación movilidad-inmovilidad desde una mirada teórica feminista. En primer lugar, la política de la movilidad que tal como lo ha propuesto Cresswell (2010) se expresa en las diversas formas en que las personas se mueven y las relaciones que las personas establecen con el movimiento, es decir, la política de la movilidad define quién se mueve y quién no, quien tiene la obligación de moverse y quien no lo hace y por tanto quién elige, cuándo y cómo moverse.

En segundo lugar, el alcance de la investigación sobre movilidades se ha orientado más allá” del desplazamiento físico, para mapear y dar seguimiento a los territorios físicos y virtuales de sistemas interconectados de movilidades e inmovilidades desiguales y de distinto tipo. Por lo tanto, el concepto de inmovilidad pone atención sobre la relevancia de la fijación, de la quietud y la estasis como categorías autónomas y no necesariamente limitadas a la movilidad (Miglierina y Pereyra, 2018), y al mismo tiempo enfatiza en el desigual acceso a la movilidad desde una perspectiva de género. En tercer lugar, la inmovilidad asociada a ciertas espacialidades desde una perspectiva feminista pone a la casa-hogar en el centro la relación movilidad/inmovilidad, en tanto la casa se ha entendido como una infraestructura codificada como fija y acotada, estable y permanente como si se congelaran las formas, experiencias y los objetos se inmovilizarán. En este sentido el tratamiento de la casa como un lugar, en el contexto pandémico, ha demostrado ser más que un simple contenedor o localización, planteamos entenderla como extensión y fluidez relacional.

⁶Depto. Sociología, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa

Cuerpos restringidos

El cuerpo, sin duda, es una pieza clave para comprender los efectos de la pandemia desde una mirada de género. Cada transformación que sucedió en la vida cotidiana producto del confinamiento se registra en el cuerpo. En este contexto es importante indicar que una de las aportaciones importantes de las geografías feministas es que abrió nuevas y renovadoras formas de conceptualizar el espacio a partir del cuerpo. Así, además de concebir el cuerpo como un lugar o como una primera escala geográfica (McDowell, 2000; Soja, 2008), algunos debates de feminismos comunitarios, indígenas y descoloniales en América Latina han ido más allá, proponiendo que la relación entre territorio y encarnación tienen una implicación profunda de manera que el concepto de “cuerpo-territorio” sostiene una relación ontológica inseparable entre el cuerpo y el territorio”, de tal forma que lo que es experimentado por el cuerpo es simultáneamente experimentado por el territorio en una relación de codependencia (Zaragocín y Caretta, 2021).

Mi argumento aquí es que el vaciamiento del espacio público, la disminución de la movilidad, el teletrabajo, la escuela en casa, y con ello la experiencia del confinamiento doméstico han trastocado los límites corporales de las mujeres y ha implicado una existencia corporal reducida, acotada que estar fuera de lugar incluso en el propio cuerpo, el cuerpo entonces se muestra encarnado en relación compleja con el entorno (Soja, 2008)

Espacios extendidos

Ver el cuerpo y su entorno inmediato como un ensamblaje de material y elementos inmateriales (Jensen, 2021), abre la reflexión sobre la espacialidad doméstica, en tanto que la escuela de los niños/as, adolescentes y jóvenes, el trabajo de los adultos, así como el descanso y la recreación han recaído de improvisto en la vivienda que habitamos (Giglia, 2020). Esto nos ha hecho muy conscientes de algo que se da por sentado como es la importancia del entorno doméstico en nuestra vida diaria. Las casas para muchos, nuestros hogares se han convertido en nuestro espacio físico total, solo complementado por interacciones virtuales y pocas salidas permitidas en tiempos de pandemia. Para una buena parte de las mujeres participantes en este estudio la casa se ha transformado en el espacio físico-social total, parafraseando a Mauss. Lo que resulta interesante desde la perspectiva de que la casa suele ser una espacialidad ignorada dentro de los estudios urbanos y territoriales. Es por esto por lo que en este apartado buscamos representar y comprender la interacción entre el espacio, el tiempo y su cotidianidad, a través de la idea de espacios extendidos, haciendo referencia a la elasticidad que pueden tener los espacios domésticos, que incluso para quienes viven en ellos resultan novedoso.

Palabras Claves: In (movilidades)- espacios domésticos- geografías- cuidados

CONTRIBUYENDO A LA DISCUSIÓN CONSTITUCIONAL EN CHILE DESDE LA GEOGRAFÍA FEMINISTA Y LA INTERSECCIONALIDAD

Mesa temática 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Tipo de presentación: ponencia.

Patricia Daniela Retamal⁷

Resumen:

A partir del 18 de octubre de 2019, los movimientos sociales urbanos y rurales se levantaron en contra de la precarización de la vida provocada por el sistema neoliberal en Chile. El llamado «estallido social» permitió que la organización territorial fuese retomada con fuerza, a través de asambleas de discusión y debate territorial autoconvocado a nivel comunal y nacional. Este fortalecimiento del tejido social y los activismos feministas locales fueron claves para enfrentar el posterior escenario de pandemia y la ausencia del Estado en la garantía de derechos esenciales (agua, salud, vivienda, educación, por mencionar algunos). Actualmente nos encontramos en medio de un Proceso Constituyente, donde la población chilena decidió en las urnas, el pasado 25 de octubre de 2020, redactar una nueva Constitución dejando atrás la escrita en 1980 en plena dictadura militar.

Este escenario abre el debate por la participación de mujeres en los diversos territorios, la coordinación en red y la necesidad de levantar demandas desde los territorios desde una perspectiva feminista. Para lo anterior, creemos que es central preguntarnos cuáles son los desafíos de las mujeres organizadas a nivel territorial en el proceso constituyente. A partir de los talleres aplicados e iniciativas de articulación en red de organizaciones feministas y territoriales en miras al proceso constituyente, analizando dichos procesos a partir de las voces de las participantes, las teorías de geografía feminista, la perspectiva interseccional y la técnica del metálogo

Este trabajo reflexiona sobre la discusión por una nueva constitución en Chile y los aportes teóricos y metodológicos de la geografía feminista e interseccional para robustecer diagnósticos y trabajo de aprendizajes colectivos con mujeres dirigentas de diversos territorios del país. Esto lo hacemos enfatizando en los activismos feministas bajo contextos de organización popular urbana-rural, y la incidencia en la elaboración de una nueva carta magna.

Nos apoyamos también en los resultados de los talleres para mujeres dirigentas y proceso constituyente desarrollados con ayuda de la Fundación Friedrich Ebert y la iniciativa «Ahora Nos Toca Participar» 2 entre los meses de septiembre y octubre del año 2020, los que tuvieron como objetivo promover la discusión constitucional, y fortalecer las demandas de mujeres en diversos territorios. Actualmente nos encontramos realizando la segunda etapa del proyecto, el que espera contribuir al fortalecimiento de demandas e incidencia desde los mismos territorios.

Las conclusiones del trabajo permiten conocer las i) el impacto del proceso constituyente para las mujeres a nivel de barrios o comunas periféricas, ii) el bajo alcance del movimiento feminista en los territorios iii) la desconfianza hacia los partidos políticos, y iv) la dificultad para lograr una participación alta y diversa de mujeres. Identificando las limitaciones de su actuar político a partir de las labores de la reproducción social.

⁷ Estudiante Doctorado Territorio Espacios y sociedad, Universidad de Chile. Co-fundadora www.ciudadfeminista.cl

Finalmente, surge la necesidad de fortalecer los espacios de educación cívica, feminista o de género para avanzar a nivel local, en diálogo con las demandas globales. Para lo anterior, es clave la correcta elección de herramientas teórico-metodológicas para la co-construcción de definiciones locales. Y la propuesta aquí planteada entrega elementos concretos para aportar a visibilizar las voces y las demandas de mujeres organizadas en sus respectivos territorios.

Palabras claves: geografía feminista, interseccionalidad, organización urbana y rural y co-construcción.

TIEMPO ESPACIO DE PANDEMIA, TIEMPO ESPACIO DE SORORIDAD A TRAVÉS DEL ACTIVISMO CIBERNÉTICO EN MÉXICO

Mesa 29. Género, brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios rurales y urbanos en tiempos de pandemia

Ponencia

María Verónica Ibarra García⁸

El movimiento feminista es de larga data y pretende transformaciones profundas, en los últimos diez años ha tenido un crecimiento imprecendente en México, ha seguido dos caminos el jurídico por un lado y el activista por el otro, ambos de gran importancia, atendiendo problemáticas a veces diferentes pero complementarios y todos necesarios para producir espacios más justos, democráticos y libres para todas, tanto en lugares urbanos como rurales, en ellos se han visto procesos de resistencia, en el campo y las ciudades, se ha desplegado un gran activismo que tiene como resultado una mayor cantidad de leyes, reglamentos y normatividad, que resulta de la mayor importancia, no obstante con gran frecuencia esto no se refleja en juicios justos y expeditos, políticas públicas, comprensión de servidores públicos y voluntad política.

Por ello a pesar de los avances en leyes de protección a las mujeres: Ley a una vida libre de violencia, Ley Olimpia (para prevenir la violencia en redes), entre otras, el movimiento ha crecido y se manifiesta en espacios que antes parecían fuera de la violencia feminicida (universidades, instituciones de gobierno, ONGs entre otras), es decir ante la desnaturalización de la violencia feminicida, las movilizaciones no se hicieron esperar, por ejemplo, un grupo autodenominado, Mujeres Organizadas de la Facultad de Filosofía y Letras (moffyl), el 4 de noviembre de 2019, tomaron la Facultad de Filosofía y Letras, de la UNAM, a partir de ese momento se llevaron a cabo otras tomas; las Facultades de Ciencias Políticas y Sociales, Arquitectura, Economía, Artes Visuales entre otras.

Así como escuelas de Nivel Medio Superior, como Preparatorias y Colegios de Ciencia y Humanidades, estas tomas dentro de la UNAM, marcaron un referente para la toma de otras Universidades por ejemplo en Guanajuato o Chiapas, ante la violencia de Género que se desarrolla en estos espacios. Simultáneamente, el movimiento feminista estaba cada vez más presente en las calles, el 8 de marzo de 2020 se presentó la mayor manifestación feminista del país, no solo por la magna concentración en la Ciudad de México, sino porque tuvo grandes concentraciones en capitales de las entidades federativas, ello es muestra de como el movimiento se ha desplegado por todas las entidades, llegando a municipios identificados de alta violencia feminicida como Ecatepec y Nezahualcóyotl en el Estado de México, y en el municipio de Benito Juárez donde se localiza el espacio turístico de Cancún, en el Caribe mexicano.

Así, mientras el movimiento feminista iba en incremento, llegó la pandemia de Covid-19, todas y todos nos tuvimos que resguardar para tratar de ponernos a salvo del contagio de este virus, y mucha de la violencia que se vivía en las calles se relocalizó en los hogares, sin embargo se abrieron nuevos frentes de resistencia ante el desplazamiento de la violencia feminicida al espacio doméstico, y de manera muy rápida el movimiento feminista lanzó alarmas a través del activismo cibernético, es decir la resistencia tomó el espacio cibernético y ha desplegado un gran potencial.

⁸ Colegio de Geografía SUAyED Facultad de Filosofía y Letras UNAM. mariaibarra@filos.unam.mx

Aquí se va a problematizar sobre los retos que esto implicó, pero también observaremos las resistencias que se han fortalecido y ampliado gracias al activismo cibernético, como ejemplo de ello tomaremos a la Coordinadora Nacional de Mujeres Indígenas (CONAMI), organización constituida en 1997, que inicio el activismo cibernético en 2013 pero que hora es de gran presencia en las redes feministas, y por paradójico que parezca bajo ésta pandemia han impulsado una mayor presencia de esta organización en las redes con casos emblemáticos como el de la indígena Ernestina Ascencio quien fue violada en febrero de 2007 por militares, y se llevó a la Corte Interamericana de los Derechos Humanos, sesión que fue transmitida en vivo, en diciembre de 2020 en plena pandemia.

Otro caso emblemático se dio el 7 de marzo de 2021, frente a la organización del 8 de marzo, y las manifestaciones que se esperaban en la capital del país, el gobierno federal y de la Ciudad de México colocaron vallas alrededor del Palacio Nacional, sede desde donde despacha y vive el Presidente de la República, situación que trataba de impedir “daños” al patrimonio, sin embargo, el movimiento feminista realizó una convocatoria para llevar flores y los nombres de las mujeres víctimas de la violencia feminicida o desaparecidas, lo que resultó en un nuevo espacio, aunque efímero pero, de gran significación política y social al convertir el muro que rodeaba al Palacio Nacional en un espacio de recuerdo a las víctimas de la violencia feminicida y la desaparición forzada. La convocatoria se realizó a través a través de redes, el activismo cibernético del espacio virtual lo llevo a un lugar concreto de alta significación política. Así a pesar de estar en pandemia el movimiento no se ha detenido, por el contrario, ha dado muestras de gran creatividad, al dominar la tecnología sin perder los objetivos de visibilizar las violencias hacia las mujeres y en la medida de lo posible contribuir en generar mejores condiciones de vida para las mujeres, erradicando la violencia feminicida.

El objetivo de esta ponencia es valorar las resistencias del feminismo en los espacio rurales y urbanos, en tiempos de Pandemia en México través de activismo cibernético que tiene un gran dinamismo a pesar de las condiciones de pandemia. Lo que demostrará que a pesar de la brecha cibernética y educativa de las mujeres la sororidad se ha fortalecido y ahora forma parte de un espacio que parece efímero pero es cada vez más estructural.

Palabras clave: activismo cibernético, sororidad, espacio, pandemia, feminismo

GEOGRAFÍAS FEMINISTAS PARA BARRIOS LIBRES DE VIOLENCIA DE GÉNERO EN LA ZONA SUR DE SANTIAGO DE CHILE.

Geanina Zagal Ehrenfeld⁹

Esta comunicación analiza los mecanismos de prevención de la violencia de género en las comunas pericentrales de San Miguel y Pedro Aguirre Cerda, Región Metropolitana, Chile, bajo el contexto de crisis político social iniciada tras la revuelta popular del 18 de octubre de 2018 y la posterior experiencia de seguridad/inseguridad del espacio urbano tras del confinamiento por la pandemia del Covid 19.

El interés está puesto en las prácticas espaciales feministas, quienes concentran sus esfuerzos en potenciar procesos de autoeducación y fortalecimiento de redes de mujeres dentro de la ciudad. Así la reflexión metodológica de realizar trabajo de campo bajo contextos de agudización de la violencia político sexual conduce este trabajo a reflexionar sobre los límites de la investigación geográfica latinoamericana en condiciones de inestabilidad política y restricciones horarias y de desplazamiento. Identificando las estructuras de la violencia de género vividas por mujeres en el espacio público de ambas comunas en el contexto del desarrollo urbano neoliberal chileno, el cual se caracteriza por promover la densificación a través de construcciones en altura concentradas desde la década de 1970 en una creciente financiarización de la tierra y de la vivienda, cuyo proceso de construcción daña profundamente la experiencia urbana de las mujeres. Así, esta investigación busca reconocer de manera colectiva, a través de la experiencia y relato de las habitantes de San Miguel y Pedro Aguirre Cerda, los lugares donde la violencia ocurre. Espacializar las agresiones a mujeres en el espacio público y reconocer a través de la voz de las propias mujeres los focos de inseguridad en las comunas de San Miguel y Pedro Aguirre Cerda en los últimos cinco años (2015 -2020). De esta manera distinguir los elementos de la planificación urbana, ordenamiento local y la producción de lugar que realiza el estado y que posibilitan el ejercicio de la violencia de género.

De esta manera, contribuir a una planificación urbana y gestión territorial que repiense los espacios y ciudades, incluyendo y tomando en cuenta las reflexiones y experiencias de las propias mujeres y su acción política. Entonces la pregunta ¿Cómo se relacionan el género y la geografía?, planteada por Linda McDowell (1999) hace más de dos décadas, sigue siendo vigente para explicar los procesos de constitución de los lugares y la experiencia encarnada que las mujeres articulan en torno a su seguridad y el goce y disfrute de la ciudad.

Palabras claves: Activismo feminista, mercado inmobiliario, violencia de género.

⁹ Docente y activista feminista. Estudiante del programa de Doctorado en Geografía de la Universidad Autónoma de Barcelona, gracias a la Agencia Nacional de Investigación y Desarrollo (ANID), Subdirección de Capital Humano. Doctorado Becas Chile/2019- 72200154. Gobierno de Chile. Magister en estudios de género por la Universidad de Chile y Diplomada en Desarrollo urbano sustentable por la Pontificia Universidad Católica de Chile. geanina.zagal@e-campus.uab.cat

DESIGUALDADES DE GÉNERO EN TIEMPOS PANDÉMICOS Y LA GEOGRAFÍA COMO GARANTE DEL DERECHO A LA EDUCACIÓN SEXUAL INTEGRAL

Mesa temática: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Tipo de presentación: ponencia

Moreno, Magdalena¹⁰

Resumen ampliado

La pandemia provocada por la expansión a escala global del virus que causa la COVID-19 está generando consecuencias extremas en todos los países del mundo. Aún más, aquellos que se encontraban en situaciones de mayor desigualdad, han profundizado las desigualdades sociales, políticas, económicas y de género. En consecuencia, se produjo una expansión de la brecha en el acceso a las políticas públicas en términos de género, entre otras vulneraciones de derechos. Es decir, las mujeres hetero-cis y la comunidad LGBTTIQ+ constituyen las poblaciones que se vieron más afectadas por las consecuencias sociales, económicas y sanitarias de la pandemia.

Entre los derechos vulnerados se encuentra el del acceso a la educación y, específicamente, al derecho de recibir educación sexual desde una mirada integral. Por este motivo, en la presente ponencia se reflexionará sobre la necesidad de incorporar la Educación Sexual Integral (ESI) a la enseñanza de la Geografía, como una de las condiciones de posibilidad para habilitar los espacios de reflexión sobre las brechas de género así como una forma de garantizar, en sí misma, el derecho a la educación. A su vez, la incorporación de la perspectiva de la Educación Sexual Integral a las clases escolares de Geografía permiten comprender los fenómenos espaciales y territoriales centrados en las diferencias de género y aportar para su transformación.

En los últimos años, en América Latina, se produjo la masificación de los reclamos de los colectivos de mujeres hereto-cis y del colectivo LGBTTIQ+, lo que ha reavivado el debate sobre la importancia de la implementación de la Educación Sexual Integral. La escuela, como lugar de socialización atravesada por la agenda social, representa el ámbito en donde resuenan dichos debates por lo que resulta necesario contar con herramientas renovadas.

Considerando que desde las escuelas surge la demanda de propuestas pedagógicas que dialoguen con los debates del contexto social contemporáneo, en esta ponencia se reflexionará sobre la contribución que puede hacer la Geografía escolar a la Educación Sexual Integral.

Particularmente, en Argentina, a partir de la sanción de la Ley No 26.150 en el año 2006, se estableció el derecho de niñas, niños y jóvenes a recibir Educación Sexual Integral en todos los niveles educativos, ya que la sexualidad, aspecto fundante de la constitución subjetiva. La integralidad está dada por la articulación entre los aspectos biológicos, psicológicos, sociales, afectivos y ético de la sexualidad. Considerando que la Geografía es una Ciencia Social, resulta pertinente que la misma aborde la dimensión espacial de la sexualidad, ya que ésta se constituye como una instancia más de la totalidad social. En consecuencia, la Geografía escolar puede desempeñar un papel importante y específico en la educación sexual integral, en su dimensión socio-cultural. Uno de los ejes que propone la Ley de ESI de Argentina para desarrollar propuestas pedagógicas es el de la incorporación de la pers-

¹⁰ Pertenencia institucional: CIG/IGEHCs/UNCPBA-CONICET Correo electrónico: magdalenamorenoivan@gmail.com

pectiva de género, a través de conocimientos validados. En consecuencia, la Geografía escolar puede garantizar el derecho a recibir ESI propiciando la generación de ciertos diálogos entre el conocimiento científico producido en la disciplina y su enseñanza. En este sentido, se vuelve necesario recuperar los aportes científicos de la Geografía feminista y de los aportes desarrollados por colectivos de geógrafas y geógrafos que tienen por objetivo la reflexión espacial sobre las desigualdades de género. Analizar la sociedad desde una perspectiva de género requiere considerar que dichas relaciones se constituyen como vínculos de poder y, en consecuencia, están históricamente contruidos, jerarquizados y sostenidos por el patriarcado -como sistema social e histórico específico.

Sumado a lo anterior y vinculado a la garantía de derechos, la presencia de la ESI en los ámbitos educativos desde el nivel inicial permite fortalecer la prevención así como la búsqueda de respuestas eficaces a situaciones de vulneración de derechos como pueden ser el ejercicio de la violencia de género, el abuso y el maltrato hacia niños, niñas y jóvenes, e implementar medidas de protección y reparación. En la ponencia se recuperarán los datos que evidencian que todas estas formas de violencias se han visto incrementadas en el desarrollo de la pandemia. En términos de organización de la ponencia, en un comienzo se realizará una presentación de los principales datos y estadísticas elaboradas sobre las desigualdades de género profundizadas durante la pandemia actual, haciendo foco en el acceso a la educación.

Luego, se analizarán los aportes y posicionamientos políticos de la Ley de Educación Sexual Integral de Argentina y el rol que cumple la escuela en relación a ella. Luego, se llevará a cabo un breve recorrido histórico sobre los principales desarrollos académicos de las Geografías de género y de las sexualidades. En un tercer momento, el escrito recuperará la tradición de la Geografía escolar y su renovación a finales del siglo XX. También se analiza el estado actual de la implementación de la ESI en la enseñanza de la Geografía, en tiempos de pandemia, mostrando las estadísticas producidas por organismos nacionales e internacionales sobre la brecha de género en el acceso a la educación. Para concluir, se plantearán los desafíos que presentan los cruces posibles, y también necesarios, entre la Geografía y la Educación Sexual Integral, especialmente en tiempos pandémicos y de escolaridad virtual. Para llevar esta ponencia a cabo, en términos metodológicos, se hará una revisión bibliográfica acerca de los saberes científicos y escolares producidos desde las Geografías de género y de las sexualidades. A su vez, se recuperarán la información estadística producida por organismos estatales de carácter nacional y por organizaciones internacionales que han venido generando datos sobre las brechas aumentadas por la pandemia actual.

Palabras clave: Geografía de las sexualidades - Derecho a la Educación Sexual Integral -Pandemia

EMBARAZO ADOLESCENTE EN EL DEPARTAMENTO RIVADAVIA. ABORDAJE DESDE LA GEOGRAFÍA DE LA SALUD Y GÉNERO

Mesa Temática N° 29

Géneros: brechas, desigualdades resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Ponencia

Integrantes¹¹:
Guirado López, Silvana
Vasquez, Marcelo Javier
Oviedo, Gabriela
Cerdera, Rocío
Alanís, Yohana

Justificación

El embarazo adolescente es una problemática estructural que deja al descubierto la falta de política públicas acordes para su abordaje y prevención.

Según UNICEF (2017) y la UNFPA (Fondo de Población de las Naciones Unidas):

-En Argentina el promedio de edad de iniciación sexual es de 14 años para varones y 15 años para mujeres, hay 300 nacimientos por día de madres adolescentes (1 de cada 6 nacimientos).

La mayoría no usó ningún método anticonceptivo y no conoce el funcionamiento de su cuerpo.

El 69% de estas mujeres no planearon un embarazo y en esta situación 6 de cada 10 adolescentes dejan la escuela y un porcentaje mínimo vuelve a retomarla.

Los embarazos no planificados en la adolescencia aumentan el riesgo de abortos inseguros y limita el acceso al mercado laboral.¹²

A su vez, la UNFPA sostiene:

Los adolescentes tienen derechos a recibir información clara, atención médica y métodos anticonceptivos de forma gratuita en centros de salud y hospitales de todo el país.

Los adolescentes pueden decidir con quién ir a la consulta médica: con padres, amigos, pareja o solos, y deben ser atendidos en un espacio de confidencialidad.

Todos tenemos derecho a vivir la sexualidad sin violencia, coacción, explotación o acoso. Las relaciones sexuales voluntarias permiten el libre desarrollo de cada persona y de esta manera el disfrute de la relación sexual.

En Argentina, existen leyes que otorgan a los adolescentes derechos esenciales que deben ser garantizados, las más relevantes para este trabajo fueron: la Ley de Procreación Responsable y Salud Reproductiva N°25673 (año 2002), la Ley de Educación Sexual Integral N°26150 (año 2006) y la Ley de Identidad de Género N°26743 (año 2012), entre otras.

Particularmente, la Ley Nacional N°25.673 de creación del Programa Nacional de Salud Sexual y Procreación Responsable, es de relevancia, debido a que el desarrollo del trabajo se enmarca en el cumplimiento de esta en los centros de salud del área de estudio especificado, menciona la importan-

¹¹ Programa de Geografía de la Salud. Instituto de Geografía Aplicada. Facultad de Filosofía Humanidades y Artes. UNSJ

¹² UNICEF (2017). Fondo de Naciones Unidas para la Infancia. El acceso a la salud del los y las adolescentes en Argentina.

cia y el deber del Estado y las instituciones de prevenir embarazos no deseados y promover la salud sexual de los adolescentes, como así también garantizar a toda la población el acceso a la información y orientación.

Los datos de organismos internacionales y numerosos estudios realizados a nivel nacional y provincial evidencian dificultades y distancias entre lo que establecen las leyes y su efectivo cumplimiento.

La falta de garantías en el cumplimiento de estos derechos trae aparejadas consecuencias que afectan a los jóvenes y a las jóvenes principalmente por ser cuerpos gestantes. De esta manera, se generan trayectos educativos dificultosos e irregulares, abandono escolar, problemas en la salud, infecciones de transmisión sexual y el embarazo adolescente que profundiza la inequidad de género.

Marco Teórico

En lo que atañe al proyecto de investigación planteado, la Geografía, interesa en la medida que se comporte como ciencia holística, en la que el conjunto de fenómenos espaciales que estudia y constituye una totalidad sistémica que es más que la suma de las parcialidades. Si bien no existe una única definición de Geografía a los efectos de este trabajo se adoptará la de Federico Daus (1982) expresada que esta disciplina, “trata de poner en claro las relaciones de interdependencia que denotan entre sí los objetos y fenómenos coexistentes en un espacio de la superficie terrestre, y que, en virtud de su concomitancia en ese espacio, se influyen mutuamente”.¹³

Inmerso en esta visión totalizadora de la Geografía, el proyecto se desarrolla en la confluencia de dos enfoques: la Geografía de la Salud y la Geografía del Género.

Con respecto a la Geografía de la Salud, “especialidad geográfica que realiza un diagnóstico del estado de salud de una región o país (...), analiza la desigual distribución de las enfermedades en el espacio y establece correlaciones espaciales con elementos geográficos que puedan explicar esta distribución. Curto Susana (1985).¹⁴

Por otro lado, la Geografía, como ciencia que estudia la relación del hombre con su medio, se compromete a dar respuestas a las diversas demandas que imponen movimientos sociales y políticos de gran importancia como lo es el movimiento feminista, nuevas teorías, conceptos y perspectivas metodológicas desafían la ciencia geográfica y esta está dando importantes respuestas desde hace algunas décadas, así lo señala María Dolors García Ramon (2008).

En este sentido, se ha definido la Geografía del Género como la que “examina las formas en que los procesos socioeconómicos, políticos y ambientales crean, reproducen y transforman, no sólo los lugares donde vivimos, sino también las relaciones sociales entre los hombres y las mujeres que viven allí y, a la vez, también estudia cómo las relaciones de género afectan a estos procesos y sus manifestaciones en el espacio y en el medio”.¹⁵

Por su parte, Ana Sabaté (1992), define la geografía feminista como “aquella que incorpora las aportaciones teóricas del feminismo a la explicación e interpretación de los hechos geográficos”.¹⁶

Objetivo General

Analizar las políticas de salud, vinculadas al embarazo adolescente, del sistema de salud pública del departamento Rivadavia, con el propósito de identificar deficiencias en su aplicación y detectar rela-

¹³ DAUS, Federico (1982) ¿Qué es la Geografía?

¹⁴ CURTO, Susana (1985). Geografía y Salud Humana. N° ISBN 950-674-015-1. Ed. SENOC.

¹⁵ LITTLE, J., Peake, L., y Richardson, P. (1988). Women in cities: geography and gender in the urban environment. Basingstoke: McMillan.

¹⁶ SABATÉ, Ana & Tulla, Antoni (1992): “Geografía y género en España: una aproximación a la situación actual” en Bosque Maurel J. et al. La geografía en España (1970-1990), Madrid: Fundación BBV, pp. 277-283.

ciones espaciales con las condiciones socioeconómicas de la población.

Metodología

El abordaje del estudio analizó los aspectos espaciales y territoriales de esta problemática y permitió definir áreas con mayor dificultad para la efectiva aplicación de los marcos legales que buscan prevenir los embarazos adolescentes. Además, posibilitó definir causas y relaciones con condiciones socioeconómicas que facilitaron el diseño de estrategias de intervención y mitigación la problemática.

La metodología utilizada consistió en un trabajo de campo realizado a partir de entrevistas focalizadas a informantes claves del área personal de los centros de salud y del Ministerio de Salud de la provincia de San Juan. Dicha entrevista abarcó: registros de embarazo adolescente, líneas de trabajo, protocolos de acción y articulación con otras instituciones.

Posteriormente se realizó el trabajo de gabinete para analizar la información obtenida y se elaboró la cartografía temática mediante el software AcrGis®, luego se desarrolló el análisis espacial de los resultados y la elaboración de las conclusiones finales.

Palabras claves: Adolescencia, embarazo, salud, espacio, socioeconómico

GEOGRAFIA FEMINISTA: UM ENSAIO SOBRE O LUGAR DA MULHER BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mesa temática 29 - Géneros: Brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia

Tipo de apresentação: Artigo

Bruna Alves Lorena da Silva¹⁷

Um cotidiano incomum, marcado pelo isolamento, privações do ir e vir e interação social nos foi imposta com a pandemia do Covid-19. No contexto brasileiro, do ponto de vista de gênero, a mulher tem sido uma das mais afetadas durante a pandemia. A sobrecarga de trabalho, diminuição na produtividade, tripla jornada, aumento nos casos de violência doméstica são alguns dos segmentos que revelam a condição feminina que tem sido dramática. A desigualdade de gênero, quanto à divisão sexual do trabalho doméstico, do espaço social de convivência familiar, de espaço de trabalho e fonte de renda, do ser individual que está em constante movimento no coletivo se consolida em significativas representações, que se constrói, se desconstrói e se reconstrói. O objetivo geral é discutir o lugar da mulher brasileira e o enraizamento dos diversos setores de suas vidas afetadas com a pandemia. Os objetivos específicos se dividem em: apontar a situação dessas mulheres na atualidade; relacionar os campos da atuação/vivência feminina com a luta feminista conquistada até hoje; compreender como a análise espacial pode colaborar e direcionar a mitigação a longo e médio prazo da crise pandêmica gerada. Se pretende uma revisão bibliográfica e uma aproximação com base fenomenológica e o sentido do lugar é um convite sobre as experiências dessas mulheres em diversos campos, que em diferentes escalas estão vivenciando um cotidiano incomum com o isolamento. Uma contribuição teórica-metodológica com a visão dos campos da Geografia Feminista e Geografia Cultural, que permite abranger conceitos como emoções, singularidades e experiência no retrato de como tem sido a realidade das mulheres brasileiras na atualidade.

Os escritos de Rose (1993) ao trabalhar o “espaço paradoxal” entrelaçam raça, classe, gênero e sexualidade será relevante ao tratar da múltipla identidade e plurilocalização socioespacial do sujeito feminino, que constantemente reflete sobre as identidades fluidas e sua relação com o espaço, sendo inseparáveis e (re) criados constantemente.

Palavras-chave: Feminismo; Lugar; Covid-19; Desigualdades.

¹⁷ Graduanda em Geografia pela Universidade de Brasília. Email: brunalorenunb@gmail.com

LA ESI COMO POLÍTICA PÚBLICA EN TIEMPOS DE PANDEMIA: UNA EXPERIENCIA DESDE EL MAPEO CUERPO-TERRITORIO.

Mesa 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Tipo de presentación: ponencia.

Bidauri, Luciana¹⁸

Leguizamón, Anabela¹⁹

Vera, Sonia²⁰

Resumen

La pandemia desatada por el COVID-19 a nivel global trastocó por completo nuestras formas de vivir y el transitar cotidiano por los distintos ámbitos de inserción, obligándonos a adoptar nuevas formas de relacionarnos, de vincularnos, de trabajar, de educar, de aprender, de desplazarnos espacial y temporalmente, de encontrarnos.

En el ámbito educativo la emergencia sanitaria dejó al descubierto e incrementó las desigualdades socioeconómicas y tecnológicas ya existentes, haciendo necesario discutir y reflexionar acerca del rol de la escuela en este contexto de excepcionalidad. Garantizar el derecho a la educación constituyó un reacomodamiento de los procesos de enseñanza y aprendizaje al nuevo contexto, donde el escenario de la virtualidad asumió un rol protagónico. La educación a distancia nos desafió y demandó como docentes re-pensar nuestras propias prácticas e idear nuevas estrategias didáctico-pedagógicas que posibiliten no solo sostener el vínculo con los estudiantes, mediante los lineamientos prescriptos en el Currículum Prioritario, sino también habilitar espacios de diálogo, escucha, encuentros que atendieran a la integridad física, emocional y afectiva. En este sentido, la Educación Sexual Integral, como política pública educativa brinda el marco normativo para que esos espacios sean habilitados y para que los derechos de los estudiantes sean garantizados y respetados. Si bien dicha ley fue sancionada en el año 2006 y reglamentada en 2010, su implementación en la actualidad es parcial y fragmentada. No obstante, a pesar de ello, la ESI logró atravesar los muros de las escuelas, aunque hoy la pandemia atraviesa los muros de la ESI. Entonces, bajo esta nueva configuración, donde los cuerpos no están en la escuela, como educadoras nos preguntamos:

¿Cómo garantizamos que la ESI no entre en cuarentena? ¿Cómo la ESI puede acompañar a los estudiantes en este contexto de excepcionalidad? ¿Cómo habilitamos la escucha, la palabra, la afectividad y el cuidado de los estudiantes? ¿Cómo des-armamos esas fronteras que impone el aislamiento obligatorio? ¿Es posible la ESI en un contexto donde las vulnerabilidades se han acrecentado? En este sentido, los lineamientos propuestos por la ESI se presentan como una gran oportunidad para reflexionar profundamente en el advenimiento de formas más justas, más dignas y más distributivas en cuanto a construir una nueva ética del cuidado, *“porque a cuidar también se aprende habiendo sido cuidades”*. Es por ello que el presente artículo desarrolla una experiencia de trabajo, llevada a cabo mediante un taller virtual denominado *“¿Qué siente un cuerpo encerrado en su propio territorio?”* realizado entre las Escuelas Nacionales Ernesto Sábató y Pérez Esquivel de la UNCPBA, en el marco de la jornada por

¹⁸ ENAPE-UNCPBA. lucianabidauri1@hotmail.com

¹⁹ ENES-UNCPBA. anabela_geo@yahoo.com.ar

²⁰ FCH- UNCPBA. soniaverlf@gmail.com

la semana de la ESI durante el año 2020. La actividad tuvo como finalidad reconocer al cuerpo como nuestro primer territorio, visibilizando en él las huellas, cambios, efectos y transformaciones producidas por el ASPO desde la cartografía social.

El mapeo del cuerpo-territorio, constituyó una apuesta teórico-metodológica que permitió poner en práctica la articulación de las categorías Territorio y Cuerpo de manera conjunta y analizar cómo los cuerpos se encuentran situados en el espacio y, cómo este último configura al propio cuerpo.

La localización corporal de las vivencias, afectos, sentimientos, emociones, experiencias, percepciones y/o representaciones de lo “vivido” durante el ASPO generó un espacio de escucha, auto-reflexión e intercambio donde pudo re-conocerse a escala micro aquellas transformaciones y dinámicas acaecidas en un contexto más amplio.

La propuesta en sí constituyó el inicio de nuevos interrogantes e inquietudes entre les estudiantes, dado que la pregunta *¿cómo habitamos nuestro cuerpo-territorio en el contexto de aislamiento?* derivó en el desafío personal de pensar que nuestros cuerpos no son solo racionalidad, y que las emociones, afectos, sentimientos, percepciones y sociabilidad nos constituyen como sujetos. En consecuencia, la construcción de un conocimiento situado en función de lo que les pasaba les permitió identificar aquellas dimensiones que cotidianamente estructuran al cuerpo y/o definen, y visualizarlo como agente de transformación y producción del espacio cotidiano.

Los mapeos resultantes referencian, como principales cambios producidos por el ASPO, la limitación de la movilidad espacial hacia aquellos ámbitos de socialización (escuela, clubes deportivos, espacios recreativos y de entretenimiento, etc.) y, en lo que respecta a los vínculos afectivos, se observó una re-definición al interior de los hogares y/o una adaptación en función de la virtualidad. La cabeza, los brazos, el pecho, el corazón y los pies constituyen los lugares del cuerpo que con mayor frecuencia y significatividad reflejan los impactos de la situación de aislamiento.

La vigilancia, el control constante, la culpa por la transgresión de las normas de cuidado, la tristeza, la soledad, angustia y la ansiedad aparecen como aspectos negativos del aislamiento, al igual que el incremento de tareas de cuidado y domésticas en el hogar; y en relación a la vinculación con la escuela generó estrés, agobio, presión y cansancio. En lo que respecta a los aspectos positivos se hace referencia a un mayor progreso personal, organización, de pensarse y pasar más tiempo consigo mismo. También se observa una notable redefinición en la percepción y experiencia del tiempo, *“los días se pasan lentos, los meses se pasan rápido”*.

El taller, si bien se erigió como una instancia para garantizar el derecho a la ESI en un contexto de excepcionalidad, resultó ser una invitación y contribución a re-pensar la geografía en el nivel secundario, a diseñar nuevas prácticas que habiliten la de-construcción de ese saber-hacer de la geografía tradicional desde una geografía personal, generando nuevos sentidos en la enseñanza y el aprendizaje de la misma donde la ESI se garantice como derecho.

Palabras claves: ESI, Política Pública, Pandemia, Cuerpo-territorio, Geografía.

CONDIÇÕES DOS JOVENS REASSENTADOS EM ALTAMIRA-PA: INTENSIFICAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS URBANAS NO CONTEXTO DE PANDEMIA

Mesa temática: Gêneros: lacunas, desigualdades, resistências e políticas públicas nos territórios urbanos e rurais em tempos de pandemia. N° 29

Tipo de apresentação: Apresentação

*Souza, Samara do Nascimento*²¹

*Conceição, Ronicleici*²²

*Herrera, José Antônio*²³

*Barroso, Gleiciely Carvalho*²⁴

*Neves, Italla Alves*²⁵

Introdução

A pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) tornou-se o centro dos discursos políticos e econômicos nos últimos dois anos. A disseminação do vírus em escala global, afetou diretamente diversas classes sociais, sobremaneira, as populações dos países subdesenvolvidos, onde foram intensificadas as desigualdades sociais, com altos índices de desemprego devido a necessidade de isolamento social, como forma combater a disseminação do vírus (DAVIS, 2020).

Castro (2020) chama atenção quanto ao desafio que a sociedade brasileira enfrenta, sobretudo das populações carentes que se encontram num arranjo socioespacial, no qual as desigualdades tornaram-se ainda mais acentuadas. Com o aumento de casos da Covid-19, intensificou-se as tensões nos espaços sociais de vulnerabilidade, tal como, afirma Castro (2020, p. 73): “A desigualdade sempre se mostrou um problema no Brasil, e com o efeito da pandemia esse cenário tenderá a se agravar(…)”

Não diferente ocorreu, nos Reassentamentos Urbanos Coletivos, a intensificação dos problemas com o agravamento dos casos de COVID-19 no município de Altamira. Assim, justifica-se a importância de analisar os impactos socioespaciais que foram intensificados nos Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs) durante o contexto pandêmico, tendo em vista, que os RUCs de Altamira-PA, são objetos espaciais da reestruturação urbana (MIRANDA NETO, 2016), condicionada por um Grande Projeto Econômico (GPE), a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que reorganizou o espaço urbano de Altamira-PA, com conseqüente segregação socioespacial das famílias que residiam nas Áreas Diretamente Afetadas (ADAs).

Para Correa (1996, p.66) a segregação socioespacial/residencial diz respeito a intencionalidade dos agentes hegemônicos sob a organização espacial da cidade: “A segregação residencial implica necessariamente em separação espacial de diferentes classes sociais fragmentadas.” Neste sentido, é possível identificar a fragmentação do espaço urbano de Altamira-PA em decorrência da segregação socioespacial que já existia antes mesmo de serem reassentados, no entanto, a segregação nos RUCs foi tomada

²¹ samaracazemiro999@gmail.com | Universidade Federal do Pará | Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais da Amazonia.

²² ronicleicesantos@gmail.com | Universidade Federal do Pará | Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais da Amazonia.

²³ herreraxingu@gmail.com | Universidade Federal do Pará | Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais da Amazonia.

²⁴ tiely_atm@hotmail.com | Universidade Federal do Pará | Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais da Amazonia.

²⁵ Italla.neves1605@gmail.com | Universidade Federal do Pará | Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais da Amazonia.

por uma “roupagem” da infraestrutura, de saneamento que o reassentamento contém, mesmo que defasada.

Neste ensaio, o objetivo está em analisar os impactos socioespaciais, aprofundados em função da situação pandêmica do vírus (SARS-CoV-2), no cotidiano dos jovens residentes do RUCs em Altamira, Pará.

Método e Metodologia

A execução da pesquisa e a elaboração deste ensaio foram norteados pelo método materialismo histórico dialético, considerando as contradições inerentes nas relações socioespaciais estabelecidas com a interferência da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte no espaço urbano de Altamira.

Neste sentido, primou-se por entender o espaço produzido como totalidade e para isso, buscou dialogar/entrevistar os jovens residentes dos RUCs, por meio do uso de entrevistas semiestruturadas com cento e oitenta (180) jovens, observações de campo sobre as condições de vida dos jovens, bem como, análise documental e revisão bibliográfica acerca dos Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs), como: dissertações, teses e artigos científicos e a literatura recente sobre as implicações da pandemia e o reflexo dos grandes projetos econômicos na região amazônica.

Resultados e Discussões

O processo de remanejamento compulsório das famílias para os RUC, localizados em sua maioria nas bordas da cidade, intensificou a segregação socioespacial, mediado pela reprodução do capital, conforme destaca Neves et al (2016, p. 99): “(...)um dos principais impactos/consequência da implantação de um grande projeto é a segregação socioespacial, sendo este intensificado pelas novas lógicas de uso e produção do espaço.”

A segregação socioespacial é vista como problemática urbana e social, na qual difundiu a desigualdade social, impactando as populações mais carentes, sendo estas, negligenciadas pelas esferas de poder.

Neste sentido, a condição da categoria juvenil, sujeitos sociais ativos, tem sofrido os efeitos do deslocamento compulsório em virtude da UHE Belo Monte (HERRERA e CONCEIÇÃO, 2020) e subsequente a isso, a reorganização urbana, somado aos impactos sociais da COVID-19 com influências múltiplas, no não uso e apropriação dos espaços, e na ausência de construção de novas relações imateriais (subjetivas), implicando diretamente na formação social de tal categoria.

Mediante o tratamento dos dados e observações em campo, identifica-se que o perfil socioeconômico das famílias, marca de forma expressiva os impactos sociais, com reflexos diretos na alimentação, saúde, educação e lazer. Contudo, no atual contexto pandêmico essas famílias sofrem demasiadamente com a precariedade econômica, por não poderem trabalhar devido as medidas restritivas da Organização Mundial de Saúde (OMS) e soma-se a essa situação a não oferta de emprego, especificamente, ao público jovem.

Notadamente, as condições de vida dos jovens reassentados, em função da pandemia, atravessa momentos ainda mais delicados quanto seus impasses sociais. Arelados aos fatores já mencionados, além da mobilidade espacial urbana, tendo em vista, a localização distante do sítio e/ou centro de bens e serviços da cidade, intensificando a segregação socioespacial, com tensões econômicas e sociais.

Infelizmente, os jovens ficaram mais expostos a pobreza e a desigualdade social, tornando-se mais latente as precariedades preexistentes que corroboram negativamente para a inserção desses sujeitos na sociedade, conduzindo esta população marginalizada a uma incerteza do futuro. De acordo com Acioli (2011, p. 2) “O grupo mais atingido por representações estereotipadas e negativas em torno da pobreza é o dos jovens”. A este ponto, está inclusa a questão socioeconômica que norteia a base

familiar dos indivíduos, traçando marcas de uma juventude empobrecida em decorrência de diversos fatores, dentre eles a desigualdade social.

Considerações Finais

Análise feita até o momento remete a máxima sobre a dinâmica excludente da lógica capitalista. E neste aspecto os impactos socioespaciais foram agravados no contexto pandêmico, reflexo da vulnerabilidade social dos sujeitos reassentados, sobretudo, dos mais jovens que foram excluídos das políticas compensatórias.

Assim, concorda-se com Abromo (1997) quando ressalta que este público é diretamente afetado pela ausência de políticas públicas específicas, neste caso, com o distanciamento prévio do seu lugar, o rio, e posteriormente com o contexto pandêmico, a imobilidade espacial que foram submetidos, a impossibilidade de novos laços, o não uso das áreas públicas dos RUCs, intensificou-se a segregação socioespacial, conseqüentemente as desigualdades e os problemas de adoecimento mental.

Faz-se urgente políticas e ações que primem pelos jovens remanejados compulsoriamente, caso contrário a doença mental e o crime podem se tornar os únicos caminhos vividos por um número expressivo de jovens do espaço urbano de Altamira.

Palavras- chave: segregação socioespacial, jovens, pandemia.

TERRITORIALIDAD DE TRABAJADORAS SEXUALES EN BOGOTÁ: ENTRE LA CONDENA DE LA ANORMALIDAD Y LA APROPIACIÓN DE LA DIFERENCIA

Mesa temática 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pospandemia

Presentación: Ponencia

Autora: Valeria Parra González²⁶

Resumen:

En diferentes geografías y desde la institucionalidad, se han creado figuras territoriales especiales para el comercio sexual y separar estos espacios. Por ejemplo, en Zurich y Amsterdam se establecieron los Distritos de Luces Rojas -RDL- (Van, Liempt y Chimienti, 2017); la calle Sullivan en Ciudad de México que brinda servicios de la Secretaría de Seguridad (Lamas, 2017); o la Zona de Alto Impacto (ZAI) de Bogotá, antes denominada Zona de Tolerancia ubicada en el centro de la ciudad. Éste último espacio, constituido por Derecho en 2001 debido a una sentencia judicial que le daba la razón al denunciante: exigir el cercamiento de las trabajadoras sexuales a solo un punto de la ciudad.

Aunque en la actualidad esta zona no es la única en Bogotá en donde se desarrolla, con cierto grado de aceptación, el trabajo sexual; sí es un punto de referencia para encontrar actividades sexuales pagas en la ciudad y, 20 años después, los efectos de tal zonificación son variados: su creación legal, al no enmarcarse dentro de principios de democracia e igualdad de ciudadanías hace que sea un espacio totalmente estereotipado y desconectado de las dinámicas sociales del centro de Bogotá. Por otra parte las trabajadoras sexuales han sabido apropiarse de tal espacio al habitarlo, movilizarse y acceder de forma estratégica y diferencial a este espacio público.

La pregunta es entonces cómo se desenvuelve este proceso de territorialización en el que las trabajadoras sexuales se han apropiado y habitado un espacio fragmentado, segregado y anormalizado a partir de diferentes dicotomías, como lo es la Zona de Alto Impacto del barrio Santafé de Bogotá. Más que nada, el objetivo está comprender los mecanismos y formas de apropiación de quienes están estereotipadas para habitar un espacio.

Así, la metodología que se utiliza plural en tanto que los métodos utilizados por separado y que no se interrelacionan pierden cierta riqueza pues no hay una técnica de recolección de información perfecta y totalmente integradora de la realidad social; y también ya que la coyuntura mundial de bioseguridad por causa del virus Covid-19, hizo que durante la investigación se replantearan ciertas metodologías ya establecidas que requerían una cercanía y contacto directo entre grupos amplios de personas. Así, los métodos escogidos fueron las encuestas con carácter cualitativo, realizadas a 12 trabajadoras sexuales y 5 entrevistas en profundidad a esta misma población.

Entre los resultados preliminares se tiene que el espacio de la ZAI en Bogotá efectivamente ha sido constituido como un lugar de excepción para la anormalidad que no solo ha provocado diferentes estigmas sobre las mujeres trabajadoras sexuales en la ciudad, sino que ha enfatizado otros – sucias, enfermas, víctimas. Sin embargo, este espacio también ha sido resignificado por parte de esta población para dotar de otro sentido dicho lugar, a través de las experiencias y negociaciones del y con el

²⁶ Socióloga, estudiante de la Especialización en Análisis Espacial, con énfasis en Gestión Urbana y Gobernanza Metropolitana de la Universidad Nacional de Colombia. Estudiante en seminario anual de intercambio en la Universidad Lyon 2 – Francia. Ciudad y país de residencia: Bogotá D.C. – Colombia. Correo electrónico: cyparrag@unal.edu.co

espacio tanto entre ellas como con otros sectores sociales que recorren la ZAI. Tal resignificación, está vinculada precisamente a esa *tolerancia* que les brinda la ley escrita y la legítima pues se trata del único espacio en donde pueden ser, aunque sea, *las putas*.

PANDEMIA Y POLÍTICAS PÚBLICAS EN EL OESTE PAMPEANO, LECTURAS DESDE GEOGRAFÍAS FEMINISTAS

Mesa temática N°29 “Géneros: Brechas, Desigualdades, Resistencias Y Políticas Públicas en Territorios Urbanos Y Rurales en tiempos de pandemia.

Tipo de presentación: ponencia

García, Leticia Nora²⁷

Resumen:

El contexto actual, sintetizado en la palabra “Pandemia” exagera por un lado los problemas que ya existían, como: las desigualdades en el sentido amplio, inequidades, aislamientos. Aunque también, las batallas para decidir qué red de significaciones, discursos y acciones se instalan para enfrentarla. Las reflexiones que aportamos en este trabajo se acotan a un recorte territorial en el extremo oeste de la Provincia de La Pampa (Argentina) donde crianceras y trabajadoras de la economía popular resisten situaciones de marginalidad territorial intersectadas por las condiciones de géneros.

Las mujeres que viven cotidianamente en puestos del Oeste pampeano lo hacen en contextos que en cierta forma condicionan su autonomía: sea por las distancias y calidad de acceso con otros puestos o localidades; por el recortado acceso a la información; por la movilidad exigida para acceder a servicios básicos como educación y salud; por la responsabilidad asumida del cuidado de la familia y el rodeo y con ello la limitación de ausentarse del puesto por mucho tiempo, entre otras. Estos condicionamientos se suman a los naturalizados lugares sociales que posicionan a las mujeres en tareas de cuidado, sujetas en muchos casos a silencios sociales que también naturalizan abusos y violencias sobre sus cuerpos. Estos son los variados escenarios en los que impacta la ASPO y DISPO en el territorio nacional. Al mismo tiempo algunos de estos condicionamientos han sido y son problemas que han disputado y disputan la agenda de demandas hacia el Estado o se plantean como horizonte en el campo de la acción colectiva. Es el caso de la participación de las mujeres en las-ya extinguidas- Asociaciones de pequeñxs productorxs, y en el colectivo actual de la Cooperativa La Comunitaria vinculada al Movimiento de Trabajadorxs Excluidxs.

El Oeste pampeano es un espacio intervenido por el Estado y también es muestra de los disloques en las cuestiones prácticas de las políticas públicas. No es objeto de este trabajo identificar toda la acción pública en el territorio del Oeste pampeano pero la entrada al mismo da cuenta de ausencias continuas, presencias recortadas, fragmentadas y discontinuas por parte del Estado en sus distintas jurisdicciones.

En el área estudiada se presenta un panorama que agrava la situación: las personas envejecieron, las mujeres sobreviven a los varones y quedan en los puestos, las enfermedades no se atienden debidamente y no disponen de recursos en dinero entre muchos otros problemas. Seguimos encontrando en los relevamientos de información en campo a mujeres sin acceso a jubilaciones o pensiones por enfermedades. La imposibilidad de acceder a esos derechos va desde la desinformación a la imposibilidad de afrontar viajes a los centros de salud o al propio ANSES en Santa Rosa por los costos de movilidad. Las condiciones de ASPO incluyeron situaciones que sin ser nuevas se anteponen como

²⁷ Departamento e Instituto de Geografía de la Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa. Leticia. garcia092@gmail.com

limitaciones, como: no disponer de señal en los puestos para acompañar la escolaridad de lxs jóvenes, la movilidad a los centros urbanos para la asistencia escolar ya que los internados se cerraron, movilizarse a caballo para conseguir insumos en localidades cercanas, rectificar los lugares de residencia de los puestos para que conseguir que otro municipio pudiera asistirlos con agua potable, no estar alfabetizadxs, son algunas cuestiones planteadas. También en contexto de DISPO surgen otras rutinas y estrategias como la venta ambulante por los puestos, las reuniones protocolizadas que canalizan las demandas de atención en lo productivo y en la comercialización.

En este territorio se desarrollan acciones de lo público en dos esferas que no interactúan y donde las y los sujetos son quienes se encuentran entre ellas: la Cooperativa inserta en la economía popular y las políticas del ámbito provincial. Se da por un lado el cambio paradigmático de reconocer la economía popular, a las y los trabajadores en ella y la inclusión a través del financiamiento del Salario Social Complementario. Por otro lado, acciones desde las políticas de la Provincia que siguen sosteniendo a la población como vulnerable, con políticas fragmentadas, discontinuas y que no llegan a la población en igualdad de condiciones. De aquí la necesidad de abordar el territorio desde la política pública; de observar que pasa al interior de una política con perspectiva de derechos, de pensar nuevas posibilidades de construir problema e incorporarlo en la agenda pública, de mirar nuevos sujetxs políticxs emergentes, de ligar reconocimiento y redistribución, como también habilitar otras construcciones desde el derecho y desde el Estado. El problema nace entonces en el reconocimiento de la persistencia de condiciones de exclusión territorial en el tiempo, a pesar de las actuaciones del Estado en el Oeste pampeano. El interrogante es cómo actúa -si revirtieron esas acciones fragmentadas- en el contexto actual que demanda reconocimiento y distribución en un marco de integralidad.

Como antecedentes identificamos dos momentos cruciales en los cuales la política pública involucra a las mujeres. La primera a mediados de la primera década de este siglo con la promoción de las Asociaciones y la segunda en el año 2018 con la conformación de la Cooperativa La Comunitaria perteneciente a la rama rural del MTE. Esto viene a cuentas de que son esferas que componen experiencias en la vida de las mujeres, las relaciones en el campo y sus estrategias. Estos dos casos se toman a partir del reconocimiento de las y los propios crianceros y crianceras en el área de estudio focalizada en tres ejidos municipales: Algarrobo del Águila (Departamento Chicalco) Santa Isabel (Departamento Chalileo) y Limay Mahuida (Departamento homónimo) donde residen alrededor de 80 productores y productoras nucleados en la Cooperativa La Comunitaria.

Este trabajo es parte de una línea de análisis desde las Geografías Feministas enmarcada en el proyecto “Tramas sociales, estrategias y políticas públicas en los márgenes pampeanos (2000-2020)”. Desde esa línea analizamos las estrategias sociales, productivas y reproductivas, que las mujeres rurales del Oeste pampeano desarrollan en su vida cotidiana y exploramos las estrategias desplegadas por las políticas públicas y su impacto en los contextos familiares y sociales donde interactúan las mujeres. En esta ponencia centramos la atención en las estrategias desarrolladas en este particular contexto de pandemia. En esta instancia recurrimos a entrevistas en profundidad de crianceras y representantes del movimiento y de la SAFCI. Triangulamos con información secundaria provista por datos estadísticos, páginas oficiales y recursos comunicacionales oficiales.

Palabras clave: Géneros, Territorio, Política Pública, Pandemia.

EL ACOSO SEXUAL CALLEJERO COMO CONFLICTO URBANO

Almendra Aladro²⁸

Sofía Cardozo Delgado²⁹

Valentina Torre³⁰

La ciudad es movimiento. Esta afirmación se encuentra anudada al origen del derecho a la ciudad. Desde la tríada dialéctica espacio-tiempo-energía planteado por Henri Lefebvre al ritmo-análisis repensado por Dhan Zunino Singh para el estudio de la movilidad desde una mirada fenomenológica, la ciudad contemporánea se define por la circulación abstracta – productiva – que se desarrolla en su seno – por oposición al ritmo cíclico de la naturaleza y la cultura –. (Zunino Singh, 2018). Así vista, la movilidad social constituye una práctica moldeada por las relaciones capitalistas que supone un uso del cuerpo, un cuerpo que también es representado – por la ciencia, la ideología y la cultura – y es vivido – en tanto experiencia corporizada – (Lefebvre, 1974 [2013]).

El espacio abstracto es producido como consecuencia de las necesidades emergentes de la transición del modo de producción feudal al capitalista, donde el trabajo productivo se separó del trabajo reproductivo y esto requirió de un espacio social diferente y conllevó a una escisión del valor de los mismos. Al explicar la acumulación primitiva precapitalista desde una perspectiva de género, Silvia Federici (2010) da cuenta del lugar de las mujeres en las ciudades europeas del siglo XV, momento histórico en el que se llevó adelante una contrarrevolución que buscó aplacar al proletariado consolidado y organizado tras la escasez de mano de obra producida por la peste negra en todo el continente. La política sexual desplegada incluyó el cese de la persecución de las violaciones contra las mujeres proletarias como delito y la institucionalización de la prostitución. Así, con el despojo del propio cuerpo, el territorio-cuerpo percibido como disponible – en palabras de Ana Falú –, se buscó disciplinar a las proletarias urbanas a la par que se obtenía como resultado la degradación social de todas las mujeres y insensibilización de la población en general frente a la violencia contra ellas ejercida. Como explica Leslie Kern (2020), en la actualidad estas barreras

-físicas, sociales, económicas y simbólicas- que moldean la experiencia urbana y la vida cotidiana de las mujeres, son en la mayoría de los casos, invisibles para los varones, puesto que rara vez las identifican en sus propias experiencias.

El objetivo de esta ponencia es repensar el fenómeno del acoso sexual callejero (ASC) desde la óptica de los conflictos urbanos. Se afirma aquí que las nociones de apropiación, desposesión y desviación (Lefebvre, 2013[1974]) no logran dar cuenta suficientemente de la experiencia urbana de las mujeres por haber sido pensadas dentro de un paradigma de producción del conocimiento sobre los fenómenos sociales con un sesgo androcéntrico (Skeggs, 2019). De allí que se comprende que la extensión

²⁸ Abogada (UNMDP). Becaria doctoral (CONICET). Directora del proyecto “Economía popular para la autonomía de mujeres de Nuevo Golf (UNMDP). Aspirante al título de doctora en derecho (UNMDP). Docente de la carrera de trabajo social (UNMDP). Correo electrónico: aaladro@mdp.edu.ar

²⁹ Socióloga (UDELAR). Maestranda en Estudios Contemporáneos de América Latina (FCS-UCM, España). Docente e investigadora integrante del equipo de Sociología Urbana y Ciudadanía sexual y sexualidades del Departamento de Sociología (FCS, Udelar). Correo electrónico: tnvalentina@gmail.com

³⁰ Socióloga (UDELAR) y Magíster en Estudios de Género y Políticas Públicas (FLACSO México). Docente e investigadora del Departamento de Sociología (FCS, UDELAR) e integrante del equipo de Sociología Urbana y Ciudadanía sexual y sexualidades del Departamento de Sociología (FCS, Udelar). Correo electrónico: s.cardozodelgado@gmail.com

y prevalencia del ASC como forma generalizada de violencia contra las mujeres habilita una vía para la comprensión de los usos de la ciudad y los bienes urbanos tanto desde una perspectiva de género como desde una perspectiva feminista de producción del conocimiento.

A partir de estrategias metodológicas mixtas, principalmente de análisis de material empírico de primera y segunda mano, se presenta un enfoque interpretativo particular para abordar el ASC. Se incorporan los datos provenientes de distintos países de Latinoamérica que han acumulado información sobre la temática. Son fuentes cualitativas de grupos de discusión realizados entre 2018 y 2019 por el Equipo de Sociología Urbana de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de la República con mujeres habitantes de la ciudad de Montevideo, de distintas edades, áreas y nivel educativo³¹. Por su parte, los datos cuantitativos provienen principalmente de relevamientos realizados por organizaciones civiles, instituciones gubernamentales y académicas. También fundamentalmente se analizan algunos resultados de la Encuesta Habitar Urbano de Montevideo y su área metropolitana (EHUM), realizada en 2019. Se destaca que esta estrategia metodológica apunta a una comprensión del fenómeno bajo estudio desde un giro epistemológico que pretende desjerarquizar las desigualdades urbanas de género y poner en el centro de la discusión la vida cotidiana de las mujeres en las ciudades.

Se concluye que las características del ASC como forma de violencia de género permiten definirlo en primera instancia como un conflicto urbano producto de la exclusión de las mujeres del espacio urbano capitalista desde sus inicios como tal. El cuerpo de la mujer trabajadora es un cuerpo en movimiento condicionado por la desposesión material y por el miedo a la violencia extrema, cuyo principal recordatorio es el ASC. Las prácticas sociales de las mujeres se encuentran condicionadas por esa amenaza latente: se esconden, corren, enfrentan, responden, temen, huyen.

El ASC puede entenderse como una de las consecuencias de la contradicción que implica que las mujeres ocupen el espacio público que ha sido producido por y para varones implicados en la producción de mercancías (Aladro, 2020a). Desde esta perspectiva, es un conflicto urbano por partida doble: se comete en el espacio urbano y se comete contra el cuerpo-territorio (McDowell, 2000) inserto en ese espacio urbano, transgrediendo las fronteras entre cuerpos/territorios. Como cuerpo vivido (Lefebvre, 1974 [2013], el espacio social asigna a la mujer su lugar apropiado y la encorseta a través del miedo que genera el ASC en tanto práctica territorializada (Román, 2016).

Las estrategias de las mujeres frente al ASC pueden ser consideradas desviaciones en términos lefebvrianos. El espacio urbano excluye por origen y definición a las mujeres quienes, tras insertarse a actividades de carácter productivo, irrumpen en la ciudad, generando una contradicción espacial que redundará en una práctica social violenta de dominación, como el ASC. El enfrentamiento de las mujeres a esas prácticas – ignorar el acto, seguir caminando, correr para alejarse, cambiar de estrategia de movilidad, enfrentar al agresor – es un acto de desviación porque reapropia el espacio para un uso diferente del original (Lefebvre, 1974 [2013]) y se constituye como un paso previo para la producción de nuevos espacios con permanencia. Incluso, las desviaciones, en conjunto, pueden tener mayor impacto que las estrategias de reapropiación – en términos revolucionarios – en períodos de profunda crisis del modo de producción, como el que atraviesa el capitalismo en su fase financiera en la actualidad.

Palabras clave: ciudad, desigualdad urbana, relaciones de género, violencia de género, acoso sexual callejero.

Keywords: city, urban inequity, gendered relations, gender violence, street sexual arrestment.

³¹ JOHNSON, Niki. et al. (2018) Diagnóstico sobre la violencia hacia las mujeres en espacios públicos en Montevideo. Montevideo: Intendencia de Montevideo. CARDOZO, Sofía et al. (2019) “Abordaje feminista de una ciudad para ellos”. En: Sebastián Aguiar, et al. (coord.) En Habitar Montevideo: 21 miradas sobre la ciudad. Montevideo: La Diaria, pp. 373-390

ESPAÇOS DE VIVÊNCIA LGBTQIA+ NO BAIRRO DA BOA VISTA EM RECIFE: TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E ESPACIAIS.

Ponencia

Ítalo D'Artagnan Almeida³²

A contemporaneidade fomenta diversas transformações dentro dos espaços urbanos propiciados por inúmeros fatores de ordem social, cultural, natural e também espacial (CORRÊA, 1993). E é na urbanidade dos grandes centros que o viver o *queer* é enraizado em situações de bem-estar, e também, desconforto. De acordo com Bell e Binnie (2000) é nas cidades que ocorrem a materialização da identidade política, sexual e comunitária, caracterizando a cidade-sexual, sendo um espaço de encontros, visibilidade e liberdade às relações sociais.

Em dimensões de inúmeras escalas espaciais é sabido que o homossexual contemporâneo, sente-se melhor recebido e acolhido nos espaços destinados a comunidade LGBTQIA+ pela presença de seus semelhantes, estando mais seguro, sem sofrer críticas, olhares intensos desconfiados e/ou represálias pela moral e conduta cis-heteronormativa. Nisso, em um caráter da Geografia da Sexualidade, a concentração de homossexuais nos espaços urbanos acontece por dois motivos, proteção e visibilidade. Sendo estes, fatores preponderantes dentro de uma sociedade violenta e hostil que impõe uma conduta de virilidade e de patriarcalismo (COLETTI, 2011, pg. 08).

Além disso, a cidade trata-se de um cenário para as relações sociais de diversos grupos apresentando uma diversidade complexa de relações e sujeitos. É verossímil afirmar que a sociedade é vista e ordenada pela ordem hegemônica heteronormativa, onde a presença dos corpos dissidentes que transcendem o binarismo imposto, são duramente criticados e fadados às severas punições (SILVA, 2008).

Perante a isso, a cidade do Recife, trata-se de um espaço urbano plural, imerso também na diversidade cultural. No entanto, quando falamos sobre a comunidade *queer* na cidade do Recife, um espaço em específico torna-se exemplo de lazer e comunhão, - a Avenida Manoel Borba no bairro da Boa Vista -, concentrando o maior polo de entretenimento LGBTQIA+ do estado de Pernambuco atraindo os fluxos de pessoas em caráter inter e intraestadual. É neste ambiente que a comunidade *queer*, unem-se para a expressão homoafetiva em coletivo buscando segurança e novas interações (SILVA, 2008).

Contudo, a pandemia do coronavírus 2019, COVID 19 (*coronavirus disease 2019*) identificada e reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 modificou as relações socioeconômicas e espaciais no mundo. No Brasil, inúmeras medidas foram adotadas pelos municípios e estados, afetando a vivência urbana, as relações sociais, de trabalho, educação, lazer, comércio e saúde. Nisso, adaptações foram realizadas afim de enfrentar a crise pandêmica, como o fechamento de escolas e serviços não essenciais, *lockdown*, além de punições aos indivíduos e aos estabelecimentos comerciais que não se adequassem as medidas tomadas pelo governo (MALTA *et al*, 2020).

A Avenida Manoel Borba e ruas circunvizinhas, proporcionam diversos tipos de entretenimento a comunidade *queer*, como bares, boates, cinemas privês, saunas, *pubs* entre outros. De acordo com Johnson (2011, s/n) *apud* Vela (pg. 2015, p.02), “*El fenómeno de las desidencias sexuales em las ciudades latinoamericanas está haciéndose cada vez más visible, principalmente com relación al mercado gay.*”. Entende-se assim, o estabelecimento e a diversificação dos negócios voltados a comunidade *queer* como

³² Doutorando em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: italo.dalmeida@ufpe.br.

espaços de interação, de militância e performidades das diversas identidades sexuais existentes. Tendo em vista, o novo contexto social emerso num ambiente pandêmico observamos a relevância deste estudo e a relação entre os espaços urbanos, a comunidade *queer* e as transformações socioespaciais. A partir dessa discussão, temos como questionamento principal: Como a pandemia do COVID-19 afetou o centro de entretenimento LGBTQIA+ e os sujeitos dissidentes na Avenida Manoel Borba e ruas circunvizinhas? Para auxiliar ao escopo da pesquisa, é importante frisar outros questionamentos: Como os empreendimentos reagiram ao novo contexto social e econômico? Houve falência de empreendimentos? Novos empreendimentos surgiram alterando o contraste urbano e modificando a paisagem?

Com o intento de analisar a correlação entre o espaço urbano *queer* e as transformações socioeconômicas na lógica do capital, a metodologia deste trabalho configurou-se em um estudo descritivo e de campo que envolve variáveis qualitativas e quantitativas com base em entrevistas semiestruturadas com os empresários presentes na Avenida Manoel Borba e ruas circunvizinhas e análise espacial e paisagística. Ainda nesse sentido, fomentou-se a caracterização do centro de lazer LGTQIA+ do bairro da Boa Vista; a identificação das transformações espaciais e sociais durante o período pandêmico; e o reconhecimento de novos empreendimentos e mudança na paisagem.

De acordo com o observado, a pandemia do COVID-19, impactou severamente o centro de lazer LGBTQIA+ no bairro da Boa Vista. Alguns comércios entraram em falência por falta de público, outros modificaram a estrutura de funcionamento adaptando-se ao sistema de *delivery* para venda de alimentos e bebidas alterando a mobilidade urbana em seu entorno para evitar a falência. Demais mudanças configuraram-se na falência de alguns estabelecimentos comerciais, e também, a abertura de novos empreendimentos e reformas estruturais modificando a paisagem da região. Além disso, muitos estabelecimentos privilegiaram o seu público desenvolvendo *lives* e festas virtuais para criarem interatividade e aumentarem os pedidos de *deliverys* afim de sobreviver a crise econômica, incorporando novos ambientes como o do ciberespaço.

Contudo, as transformações urbanas e espaciais acompanharam as várias fases de adaptação das medidas frente a pandemia impactando diretamente aos empresários do entretenimento *queer* que reduziram e controlaram a entrada de clientes no local. Além disso, houve redução da frequência dos corpos dissidentes nesses espaços de socialização e entretenimento, que outrora, utilizados como válvula de escape das adversidades de seu cotidiano, agora demonstra preocupação referente a aglomeração, o que reflete em comprometimento com as medidas de segurança por uma parte do público.

Portanto, as mudanças espaciais urbanas foram fomentadas pela pandemia, tornando um espaço urbano já fragmentado, porém ocupado por corpos dissidentes, em espaços nulos causando grande perda econômica para os empresários do entretenimento *queer* que tiveram que se adaptar, bem como o afastamento das relações sociais homoafetivas que davam dinamismo à região.

Palavras-chave: Recife, LGBTQIA+, pandemia, Geografia da Sexualidade

EN PANDEMIA, LA ESI SIGUE SIENDO UN DERECHO. EXPERIENCIAS DE ABORDAJE EN LA FORMACIÓN DOCENTE

Mesa 29: Géneros: brechas, desigualdades, resistencias y políticas públicas en territorios urbanos y rurales en tiempos de pandemia.

Palabras claves: Geografía, descolonial, pandemia, ESI Ponencia.

*Prof. Melina Luján Arduzzo*³³

*Esp. Leticia Nora García*³⁴

*Dra. Silvia Siderac*³⁵

Resumen

La enseñanza de la ESI en contexto de confinamiento producto de la pandemia por el Covid-19 no se detiene. A pesar de que nos invaden las incertidumbres, estamos convencidas de que no se renuncia a la Educación Sexual Integral pese a la situación actual, ya que no se resigna todo el camino construido de derechos conquistados.

¿Qué efectos produce la actual situación de pandemia en la formación de los y las estudiantes universitarios? ¿Cómo pensamos y organizamos una cátedra que se transformó en virtual, que siga priorizando el debate y la construcción de saberes críticos? ¿Cómo articulamos la sexualidad y el género, de manera virtual, en las propuestas de formación? ¿De qué modo nos resituamos? ¿Cómo incluimos el papel de las tecnologías en la formación?

El presente trabajo se enmarca dentro del proyecto de investigación denominado “Diseño de materiales de enseñanza de educación sexual integral en clave descolonial y feminista desde las Ciencias Humanas”. El objetivo principal de esta ponencia, es compartir propuestas y experiencias realizadas desde la Cátedra de Geografía de América Latina (perteneciente al cuarto año de las carreras de Profesorado y Licenciatura en Geografía) por los estudiantes universitarios en tiempos de pandemia. Nos situamos en una geografía que nos permitan abordar los contenidos mínimos del plan de estudios en clave descolonial, feminista y crítico. Por lo tanto, no solo lo pensamos desde los nuevos saberes, sino también desde las acciones, organizaciones, decisiones, discursos, sentires, propuestas y diálogos. Para ello, Aníbal Quijano (2001) y Boaventura de Souza Santos (2011) nos permiten pensar otras aristas en las relaciones con el Estado y las perspectivas de Desarrollo latinoamericano vinculadas a modos alternativos que interpelan la idea de la monocultura de la producción capitalista y abren posibilidades otras. A su vez, los aportes de las feministas latinoamericanas nos ayudan a interpelar al campo geográfico desde lugares propios: pensar a los cuerpos como territorios. En este sentido, nos resulta crucial el aporte de Lorena Cabnal (2016) quien afirma que escribe a partir de las vivencias que le genera vivir, desde el espacio de su cuerpo y el del territorio comunitario, opresiones históricas estructurales creadas por el patriarcado sobre ella y las mujeres de su comunidad. También, a la luz de los relatos de Claudia Korol (2017), recuperamos la historia de lucha del COPINH (Consejo Cívico

³³ Departamento e Instituto de Geografía. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa. Melinaardusso@hotmail.com / melinaardusso@gmail.com

³⁴ Departamento e Instituto de Geografía. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa. Leticia.garcia092@gmail.com

³⁵ Departamento de Formación Docente. ICEI. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa. ssiderac@hotmail.com

de Organizaciones Populares), del pueblo Lenca y la figura emblemática de Berta Cáceres en Honduras. Relacionado con otro de los ejes temáticos, visibilizamos las conexiones sistémicas existentes entre capitalismo, explotación laboral y sexual (Fontenla 2008, García, 2015) que reactualizan los procesos de despojo histórico planteados por Harvey (2004). De ahí la necesidad de comprender los circuitos alternativos como expresión de los territorios, y a su vez, a los territorios como expresión de los circuitos alternativos. En estas tramas espaciales, también recuperamos de Maffia (2009) y Segato (2006) los aportes acerca de “frontera” y su dimensión simbólica. Por su parte Zibechi (2012) nos invita a pensar a los movimientos sociales como “sociedades en movimiento”, ampliando ese campo de los sentidos. En este contexto, se recupera el movimiento LGTTBIQ y la lucha por sus derechos y espacios que le son obturados, como también la marea verde que lucha por el derecho al aborto y su abordaje desde el indicador demográfico de la mortalidad materna (Siderac, Arduso y Gacía, 2020). Tal como se expresa en el programa de estudios, la Cátedra se propone contribuir al conocimiento de los territorios desde perspectivas consideradas subalternas, provocar, generar dilemas y correr el velo de las yuxtaposiciones pasadas y presentes. Como en todo acto pedagógico y político es constitutiva la intencionalidad, proponemos generar autonomía en las decisiones de inclusión de nuevas temáticas respaldadas y fundadas teórica y epistémicamente (desde el Sur). Esto se convierte en propuesta central de la cátedra y las transversaliza ofreciendo nuevos sentidos y nuevas miradas epistemológicas integradas a la formación de lxs futurxs graduadxs. La larga historia de proscripción, silenciamiento y negación de contenidos vinculados con sexualidades y géneros en la educación argentina, en Geografía en particular, es coherente con construcciones de ciencia enunciadas desde occidente, y que han sido caracterizadas por autorxs descoloniales como capitalistas, hegemónicas, patriarcales y heteronormativas. Estas epistemologías con que hemos sido formadxs se enuncian desde las potencias que ejercen su dominio colonizante sobre Latinoamérica.

Por tal motivo, se propone con énfasis la producción de nuevos materiales y herramientas renovadas por parte de les estudiantes que les permitirá construir nuevos significados y saberes los cuales enriquecerán sus prácticas docentes y profesionales. Las producciones promovidas desde la cátedra y realizadas en el año 2020 propias de les estudiantes fueron:

“Tipnis y derecho a la naturaleza”; “La feminización de la migración”; “Migración femenina en la Frontera Norte de México”; “Movimientos sociales-Géneros y Estado”; “¿Por qué la situación actual de aislamiento social profundiza aún más la situación de violencia de género?”; “Maquilas en Tijuana (México)”; “Trata de personas en América Latina”; “Estereotipos y condiciones de vida de la población migrante latinoamericana”; “Las Maquilas en el área de frontera entre México y Estados Unidos”; “Feminicidios en América Latina”.

Por lo tanto, implementar la ESI en la formación profesional y como dimensión constitutiva de los territorios, forma parte de la democratización, de la justicia social y del plan pedagógico, en la que es decisiva para romper con las bases estructurales violentas del patriarcado. Es por ello, que el sistema educativo es fundamental para desautorizar los valores patriarcales y para poner en funcionamiento todas las dimensiones de la ESI, apostando a una renovación en la formación de profesionales y de les planteles docentes (Dora Barrancos, 2020). Hoy más que nunca las aulas virtuales, los territorios, las políticas públicas demandan una enseñanza emancipadora reconociendo las diferencias y apelando a la ética y al derecho.

PONIENDO EN DIÁLOGO LAS GEOGRAFÍAS A PARTIR DEL MAPEO MENTAL DE LOS LUGARES DEL MIEDO

Tipo de presentación: ponencia

Mauri, Antonella³⁶
Nieto, María Belén³⁷

Resumen: Bahía Blanca es una ciudad intermedia y un importante nodo regional que atrae población por su oferta laboral y educativa. Sin embargo, y como ocurre en todo el mundo, las vivencias que se producen en el espacio urbano no son iguales para hombres y mujeres. Si bien la inseguridad es un tema que acapara a toda la población, sin distinción de género, muchos de los hechos violentos derivados de la sexualización de los cuerpos sí distinguen según el género, siendo las mujeres o los cuerpos feminizados quienes ven cotidianamente vulnerado su derecho a la ciudad. La presente ponencia busca dar a conocer una experiencia participativa para la construcción de mapas mentales que permitió visibilizar y reflexionar acerca de aquellos lugares y trayectos percibidos como del miedo, inseguros, peligrosos o violentos para las mujeres. La actividad fue titulada “taller de mapeo para visibilizar los lugares del miedo” y se realizó en el contexto del mes de la mujer, organizado por quienes participan del Centro Interdisciplinario de Estudios de Género y Geografía (CIEGeF) de la Universidad Nacional del Sur (UNS) en Bahía Blanca, Argentina, como una extensión de la beca de investigación y futura tesis de grado de una de sus integrantes en conjunto con su directora.

El taller se desarrolló con inscripción previa y protocolos de ingreso-permanencia debido al contexto de COVID-19. La actividad constó de cuatro etapas: una introducción desde los marcos teóricos de la Geografía, una reflexión personal, el esbozo de mapas mentales propios y una reflexión colectiva. En relación a la primer etapa, la planificación del taller nos permitió poner a dialogar las Geografías urbana, de la percepción y de género. Desde la Geografía Urbana, tomamos su objeto de análisis al seleccionar un sector del espacio urbano bahiense aledaño a la Universidad Nacional del Sur, junto a herramientas conceptuales y técnicas derivadas de su vínculo con la Geografía de la Percepción y del Género. Esto nos permitió dar cuenta de que existe una territorialización del miedo, la violencia, la inseguridad y/o el peligro que se perciben en trayectos y lugares, funcionando como filtros para la imagen mental que cada persona tiene de la ciudad y determinando sus recorridos cotidianos, los mismos difieren en términos de género.

La segunda etapa apuntó a la lectura y reflexión personal a partir de una serie de preguntas disparadoras que permitieron identificar y recordar aquellos lugares y trayectos generadores de miedo, inseguridad, peligro y/o donde hayan experimentado algún hecho de violencia, percepciones que, como ya mencionamos, funcionan como filtros para su imagen mental y que luego, en la tercer etapa, plasmaron en una hoja al momento del ejercicio cartográfico propiamente dicho, es decir, del esbozo del mapa mental. En esa última etapa, se sugirió a quienes participaron colocar su edad, género y motivos por los que circulan por el recorte espacial analizado, debido a que todas esas variables influyen en su

³⁶ Estudiante avanzada de Profesorado y Licenciatura en Geografía en la Universidad Nacional del Sur (UNS); Becaria Estímulo a la Vocación Científica por el Consejo Interuniversitario Nacional (EVC-CIN) 2020 – 2021 y miembro del Centro Interdisciplinario de Estudios de Género y Feminismos (CIEGeF - UNS). Correo electrónico: antonellamauri1@mail.com

³⁷ Docente investigadora de la Universidad Nacional del Sur (UNS). Miembro del Centro Interdisciplinario de Estudios de Género y Feminismos (CIEGeF - UNS). Correo electrónico: mbelen_nieto@hotmail.com

percepción de los lugares y trayectos.

En la última etapa, el taller nos permitió llevar adelante una discusión reflexiva y crítica en torno a las desigualdades de género producidas por el miedo a usar y transitar el espacio urbano. Dicho sentimiento, subyace de las características materiales y/o inmateriales del entorno urbano y de la percepción del miedo derivado de distintos hechos de violencia vivenciados o no por las propias mujeres que participaron del taller. En este sentido, el temor puede calificarse como una violencia más hacia la mujer, sumado a las otras violencias reconocidas, o no, en el espacio público, como pueden ser el acoso sexual callejero, el abuso sexual, agresiones, robos, etc. Ante las narrativas colectivas que reproducen los miedos y las experiencias personales de transitar por la ciudad, las mujeres desarrollan estrategias para hacer más ameno su desplazamiento por el espacio urbano, como puede ser el modificar sus recorridos cotidianos eligiendo trayectos donde no se sienten tan inseguras o tener en cuenta el horario en el que transitan.

Por último, es importante destacar la repercusión que tuvo la realización del taller y la temática abordada los días previos y siguientes al desarrollo de la actividad en los medios de comunicación locales (Radio UNS, La Brújula, Apepe, La Nueva Provincia, BVC Noticias, Telefe noticias, Siete Mundo, Somos Bahía). Las y los periodistas consideraron el tema como relevante, y más allá del taller, se interesaron por la presentación de resultados, debido a que el tema propuesto puede ser un insumo para prever la identificación desde un marco propositivo de líneas de intervención para la acción pública que permitan responder a las demandas planteadas por las mujeres en relación a la problemática abordada y lograr una mejora en la gestión territorial; aspectos que pueden darse a conocer a partir de los mapas mentales en vínculo con otras técnicas.

Además de lo mencionado párrafos arriba, se llega a la conclusión de que existe un *miedo globalizado* ante el cual debemos luchar, por eso es esencial promover las prácticas participativas para lograr el pleno derecho a la ciudad y que las mujeres puedan involucrarse y apropiarse del espacio público, teniendo en cuenta sus demandas a partir del aporte que ellas mismas pueden realizar desde sus propias experiencias para promover los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS 2030) en los que se está trabajando en la agenda local, específicamente aportar a los objetivos N°5 para lograr la igualdad de género y N°11 para lograr que las ciudades y los asentamientos humanos sean inclusivos, seguros y resilientes.

Palabras clave: espacio urbano, percepción, mujer, miedo, mapa mental



MESA 30

MESA 30: PRÁCTICAS, DISCURSOS, DEBATES Y REFLEXIONES DESDE LOS FEMINISMOS EN DIÁLOGOS CON LAS GEOGRAFÍAS (MESA 30).

Coordinadores: Lan, D.; Colombara, M.; Silveira, M.m.m.; Falcón, V.L.

MESA 30: PRÁCTICAS, DISCURSOS, DEBATES Y REFLEXIONES DESDE LOS FEMINISMOS EN DIÁLOGOS CON LAS GEOGRAFÍAS (MESA 30).

*Coordinadores: Lan, D.¹;
Colombara, M.²;
Silveira, M.m.m.³;
Falcón, V.l.⁴*

En Geografía, los aportes culturales propiciaron las discusiones de Género y en cierta forma le dieron legitimidad a la inclusión de la diferencia, los significados y el discurso, que llamó a repensar y reelaborar posiciones teóricas, categorías y temas de la propia geografía de género. Las cuestiones que afectan a los cuerpos aún hoy son campo de disputa y no suelen considerarse relacionadas con la investigación geográfica, ya que la tradición sitúa a la disciplina en el terreno público, con total exclusión de lo privado; el cuerpo con sus atributos, su conducta y su sexualidad siempre se lo ha tenido por un interés estrictamente privado. El camino recorrido en este campo, desde las primeras geografías de las mujeres a la geografía de Género y Geografías Feministas, se multiplica a modo de rizoma con abordajes de los Feminismos Populares, Comunitarios, Villeros, Aborígenes, Cimarrones, Estudios de masculinidades entre otros. En estas otras fuentes, en estas otras metodologías y formas de producir está el gran desafío académico de su legitimación, hasta ahora un tanto desoídas como muchas voces en la historia longeva y global del patriarcado.

¹ CIG-IGEHCS-FCH-UNICEN/CONICET, Argentina. Email: dlan@fch.unicen.edu.ar

² ISFD41 A. Brown Buenos Aires, Argentina. Email: monica.colombara@gmail.com

³ Colectivo de Geografía Crítica del Ecuador y Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Email: manuelamms@hotmail.com

⁴ Universidad Nacional del Nordeste, Argentina. Email: vfalcon_1609@hotmail.com

IMPACTO DEL GÉNERO EN EL ESTILO DE VIDA DE LAS BECARIAS Y LOS BECARIOS DE CONICET

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las geografías

Tipo de presentación: Ponencia

Duarte, Daiana Soledad⁵

La sociedad contemporánea se encuentra frente a nuevos sujetos demográficos, especialmente en contextos urbanos, lo que representa un reto para los estudios demográficos cuantificables. Las personas conforman colectivos que poseen un comportamiento espacial en función de sus características socio-demográficas y que, en la mayoría de los casos, disponen de espacios sociales limitados o restringidos por el hecho de ser mujer, niño o anciano. Desde la segunda etapa de la transición demográfica, se observan cambios en los patrones de nupcialidad, separación y divorcio y longevidad que dan lugar a la creación de hogares más reducidos a partir de la relación entre eventos demográficos y estilos de vida variados, que reflejan su impacto en la estructura social de las poblaciones.

De este modo, los estudios de género dentro del ámbito de la sociología, la demografía y la geografía, posibilitan el estudio de las nuevas construcciones sociales de género en diferentes espacios, como el laboral y el científico. Abordar este estudio a partir de la geografía del género contribuye a analizar el rol del género desde los comportamientos que deben tener los hombres y las mujeres, dando lugar a las diferencias culturales y sociales entre lo que se considera femenino y lo masculino en los diversos ámbitos de la sociedad.

En este sentido, las cuestiones de género se posicionan como un tema emergente en la sociedad del siglo XXI, a lo que la ciencia no le es ajena, ni mucho menos la geografía. Las mujeres científicas todavía se encuentran condicionadas en múltiples aspectos, por lo que sus decisiones en la vida privada se han visto influenciada por pertenecer a este género, debiendo aplazar su decisión de tener hijos para continuar su formación profesional.

Este trabajo plantea la necesidad de abordar cuál es el impacto del género en la edad en que tienen hijos los becarios y las becarias del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina (CONICET) de la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad de Río Cuarto (UNRC) en el año 2020, evaluando si dentro de uno de los organismos científicos más importantes del país aún presiden las diferencias de género.

De este modo, se plantea como objetivo general de esta investigación analizar el impacto del género en el estilo de vida que desarrollan los becarios y las becarias de CONICET de la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de Río Cuarto para comprender el rol que juega el género en las decisiones que toman los profesionales. Para ello se caracteriza el estilo de vida que poseen los becarios y las becarias de CONICET, se compara la manera de vivir de los distintos géneros para determinar las diferencias que se producen entre ellos y se identifican los factores que influyen en las decisiones tomadas sobre el estilo de vida que poseen los becarios y las becarias de CONICET de la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad para comprender la relevancia del género dentro de las decisio-

⁵ Estudiante avanzada de la Licenciatura en Geografía. Departamento de Geografía, Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Río Cuarto. Correo electrónico: daianasd97@gmail.com

nes en relación a la planificación familiar.

Esta investigación se aborda desde una metodología cualitativa, basada en un enfoque etnográfico en el que se enfatiza la descripción e inducción en el proceso de análisis de datos. La información se recolecta por medio de entrevistas semiestructuradas, las cuales se consideran relevantes para la investigación social y cultural ya que permiten obtener información provista por los propios sujetos, y con ello se obtiene un acceso más directo a los significados que éstos le otorgan a su realidad.

Como conclusión no quedan dudas de que pertenecer a CONICET produce un fuerte impacto en la vida de las becarias y los becarios, contribuyendo a que sus metas personales y profesionales cambien. En este sentido, se observan ciertas diferencias con relación al género: el prestigio que sienten las mujeres por pertenecer a esta entidad científica y el retraso de la edad a la que deciden ser madres. El deseo que poseen las becarias entrevistadas de desarrollarse en el campo de la ciencia está más allá de sus metas personales, tanto que no dudan en modificar sus planes para poder seguir sosteniendo la competitividad que el sistema exige para continuar en la carrera de formación. Por ello, vale considerar que el principal cuestionamiento reside en ¿por qué las mujeres no pueden decidir tener hijos y dedicarse a la ciencia al mismo tiempo? ¿qué sucede con aquellas mujeres que deciden (o no) ser madres? ¿no deberían tener igualdad de condiciones frente al resto? ¿los hombres no pueden decidir poseer un rol paterno activo? Y en una alternativa superadora de la problemática se debe pensar en políticas que beneficien a la formación de la mujer científica que pueda gozar de la maternidad si así lo prefiere, sin quedar rezagada por esa elección, y políticas inclusivas para los hombres que deciden tener un rol paterno activo.

Palabras claves: género, ciencia, planificación familiar, becarios/as doctorales.

ESPAÇOS PARADOXAIS NA UNIVERSIDADE: PROCESSOS INTERSECCIONAIS BASEADOS NOS MAPAS DE RELEVO DA GEOGRAFIA UERJ MARACANÁ

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Oral

Martins, Luisa Pilar Marques⁶

Almeida, Rafaela Torres de⁷

A presente pesquisa surgiu a partir da matéria obrigatória “Geografia Cultural”, através de um contato inicial com leituras voltadas para a Geografia Feminista. A disciplina em questão, ofertada no 5º período do curso de Geografia da UERJ, é uma das primeiras disciplinas, dentre poucas, que apresenta leituras sobre as abordagens feministas nos estudos geográficos. Sendo assim, se faz necessária uma discussão das causas que orientam a invisibilidade do sujeito feminino no meio científico.

Silva (2005) aponta para uma revisão de conceitos e metodologias geográficas dentro da universidade que não sejam feitas por e para homens, mas sim com uma visão feminista do espaço. Com as transformações da sociedade em diversos âmbitos, torna-se importante a investigação e inserção de novos grupos sociais nesses ambientes. Tal fato é apontado pelas autoras Bondi & Domosh (1992) relacionando-o ao “androcentrismo” - conceito que denomina a dominação do patriarcado, tornando a visão do homem e suas experiências como certas, deslegitimando a sabedoria das mulheres.

Para isso, a pesquisa apresenta processos interseccionais dentro do espaço acadêmico, a partir da vivência de alunos do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisa foi fruto da aplicação da metodologia pedagógica desenvolvida pela autora Maria Rodó-de-Zárate, denominada “Mapas de Relevos das Experiências Espaciais”, que buscou compreender diferentes experiências espaciais em espaços escolares com base em eixos identitários como: gênero, raça, idade e sexualidade. (SILVA, 2014).

O conhecimento dessa metodologia se deu a partir da disciplina eletiva de Movimentos Sociais ministrada na UERJ no semestre de 2020.1 e através do aprofundamento em leituras feministas e de geógrafas que abordam a temática. Além de um processo pessoal de compreensão do gênero como meio explicativo para a formação do espaço, com o questionamento da invisibilidade feminina como agente produtor e modificador do mesmo, analisando também a incapacidade do instrumental teórico metodológico, que até então é usado pela ciência geográfica.

Foi aplicada a metodologia dos mapas de relevo no espaço do 4º andar da UERJ Maracanã, que corresponde ao andar da Geografia. Para isso foram escolhidos lugares que são frequentados pelos estudantes, que, por sua vez, foram divididos em grupos focais de acordo com marcadores previamente estabelecidos, sendo a atividade realizada de forma remota através da plataforma do Google Meet, via email e WhatsApp.

Os locais foram dispostos em uma tabela com os marcadores de gênero, raça, classe e sexualidade em linha. Em seguida o aluno precisaria preencher a tabela de acordo com os sentimentos de: alívio, neutralidade e mal estar de acordo com os marcadores sugeridos e os locais determinados. Por fim, foi

⁶ Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: luisapilar.m@gmail.com

⁷ Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: almeida.rafaela@graduacao.uerj.br

feita a análise dos resultados e formulação de gráficos.

O objetivo central da pesquisa foi apresentar de forma visual, a partir de gráficos, diferentes formas em que o espaço é vivido e experienciado, de modo que determinados lugares podem ser seguros para algumas pessoas enquanto para outras simbolizam perigo. Além disso, diferentes formas de opressão podem ocorrer no dia a dia e ao mesmo tempo, assumindo assim um sentido interseccional de espaço e de vivências.

Demonstra-se com isso que a abordagem do espaço a partir do olhar interseccional apresenta enorme importância e riqueza conceitual, deixando de assumir “verdades universais” que não contemplam todas as realidades.

Baseado nos resultados foi possível perceber diferenças nas experiências vividas dentro dos mesmos lugares, evidenciando processos de opressões e privilégios entre os grupos e tornando mais nítidas as formas como vivemos o espaço. Sendo assim, é possível concluir que existe uma diversidade nas experiências de cada indivíduo, demonstrando um entrecruzamento entre espaço e identidade. (SILVA, 2014).

Como forma de minimizar tais problemáticas, a aplicação do conceito de espaço paradoxal pode contribuir, indicando a viabilidade de possíveis projetos. Além disso, há potencial na tentativa da institucionalização de conceitos feministas a partir da conscientização de docentes e discentes. Reconhecemos, porém, alguns impedimentos no estabelecimento de disciplinas nas faculdades; aceitação por parte dos institutos; e o não convencimento da importância sobre o assunto.

De fato, foi observado que existem grandes desconfortos dentro de sala de aula, por parte dos estudantes, algo que foi levado para debate no meio discente e docente e se materializou na forma de uma proposta estudantil de ampliação bibliográfica apresentada no instituto de Geografia. Nosso objetivo é ampliar o acesso, a produção de textos e a perspectiva acadêmica, pessoal, territorial, ambiental e social dos alunos e futuros profissionais que são/serão formados pela nossa universidade. Sabemos que uma percepção de mundo limitada, também limita nossas ações para a construção coletiva de uma estrutura universitária menos excludente.

A relevância de se entender e se disseminar outras visões de geografias, principalmente as que nunca são faladas, é colocada para contemplar o maior número de pessoas que fazem, estudam e vivem o espaço geográfico.

Palavras-chaves: Feminismo Interseccional, Espaço Paradoxal, Geografia Feminista

DE PRINCESAS A GUERREIRAS: O FEMINISMO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Oral

Menezes, Natália Araújo de⁸

Considerando a história brasileira e o contexto em que vivemos, podemos observar uma sociedade em que prevalece o interesse de grupos com tendências conservadoras nos mais distintos aspectos, dentre eles, a manutenção de privilégios, os quais estão refletidos claramente na organização do espaço e na promoção da cidadania entre os diferentes estratos sociais. Ao longo de nossas pesquisas, percebemos que a construção de uma sociedade mais igualitária nunca esteve no centro do debate. Mesmo quando este tema é colocado em tela, prevalecem aspectos econômicos e culturais dos grupos ligados às classes dirigentes do país em detrimento do combate à disparidade social. Em seu livro *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*, Boaventura de Souza Santos (2016) questiona se há futuro num mundo dominado pelo capitalismo financeiro, pelo colonialismo e pelo patriarcado nas relações sociais. Assim percebemos que as relações sociais, econômicas e culturais se estruturaram historicamente em nossa sociedade a partir desse tripé. Cada um dos pilares desempenha um papel, o qual se complementa, formando uma sociedade voltada para atender os interesses de uma minoria e transformando-a num padrão, deixando à margem aqueles que não se enquadram no molde. No campo geográfico, apoiados nas contribuições de Sack (1983) sobre a apropriação do espaço pelos seres humanos, identificamos que através da territorialidade são exercidas influências e controle sobre a sociedade. Podemos observar essa apropriação na emergência de comportamentos e violências que surgem, os quais estimulam e ratificam inúmeras situações que põem em cheque a gama de direitos de que um indivíduo deveria poder usufruir. No decorrer de nossa história foi-nos imposta uma dominação, que definiu os dominantes e os dominados e, a partir desta, se concretizou todo tipo de atrocidade e desrespeito ao ser humano, gerando inúmeras situações de desigualdade. Acreditamos que é essencial transformar essa realidade. É inadmissível que, ainda hoje, existam bases em nossa sociedade que permitam desigualdades, injustiças e violências. E, apesar destas bases se ramificarem para todos os lados, é perceptível o quanto a mulher, principalmente pobre e preta, permanece sendo muito afetada neste processo. Assim, julgamos que os estudos feministas, sobretudo de viés decolonial e interseccional, sejam capazes de auxiliar na transformação que necessitamos. Para tal, nos ancoramos nos estudos de autoras como Audre Lorde, Angela Davis, Bell Hooks, Patricia Hill Collins, Maria Lugones e Ochy Curiel, as quais discorrem sobre um feminismo que dialoga com a realidade vivenciada pelas mulheres pretas e latino-americanas. É a partir dessa realidade que reconhecemos a relevância de discorrer sobre esta temática na escola. O objetivo deste artigo é demonstrar como o feminismo pode ser trabalhado na escola, sendo construído a partir das geografias feministas e de conceitos como território e territorialidade com o intuito de empoderar as mulheres. Realizamos uma atividade em uma escola estadual do Rio de Janeiro. Optamos por desenvolvê-la como projeto, pois pudemos dialogar e interagir com diferentes faixas etárias concomitantemente. Conhecendo a realidade de violências contra as mulheres

⁸ Doutoranda em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: nataliaamenezes@gmail.com

no bairro, optamos por realizar o projeto somente com o gênero feminino, na tentativa de deixá-las mais receptivas e confortáveis com o diálogo. Ressaltamos, inclusive, que isso foi sugerido pelas alunas que auxiliaram na montagem do projeto. A partir do planejamento e, sobretudo, da construção de como o feminismo pode ser abordado através de um viés geográfico, o projeto foi realizado com a organização do Grêmio Estudantil e com a condução da professora de Geografia. A professora trabalhou em sala de aula os conceitos de território e territorialidades, demonstrando como as relações de poder são capazes de influenciar os indivíduos. Foram mencionadas algumas territorialidades, entretanto em momento algum uma se sobrepôs a outra. A questão de gênero foi mencionada, entretanto abordada como outras. A intenção foi apresentar os conceitos para todos os alunos, já preparando-os para as atividades que seriam realizadas posteriormente. Foi a partir desta base que nos preparamos para tratar sobre o feminismo com aqueles que nunca estudaram sobre a temática e, que em geral, se baseiam no senso comum. O projeto ocorreu a partir da aplicação de um questionário sobre posicionamentos e comportamentos das mulheres e da sociedade e após houve um debate acerca do tema, o qual, a partir da participação das alunas, podemos dizer que atingiu o objetivo proposto. No contexto da comunidade na qual a escola está inserida, é importante a abordagem constante acerca das lutas feministas. A partir de discussões preliminares acerca dos conceitos de território e territorialidades nas aulas de Geografia, foi sendo construída a noção de que as relações de poder são desiguais e repletas de intencionalidade, que a forma como estas relações e os padrões impostos socialmente são colocados não são mero acaso, mas algo muito bem construído, disseminado e ratificado na sociedade. A realidade de quem foge aos padrões estabelecidos e socialmente aceitos é muito difícil. Entretanto, as desigualdades de gênero nos chamam a atenção pelas situações vividas na comunidade escolar e por um macrocenário, por estarem tão enraizadas que às vezes se tornam invisíveis, apesar das consequências serem bastante consideráveis e sólidas. A realidade é que as meninas, em geral, são criadas para seguir o padrão de feminilidade que se espera socialmente delas. Uma feminilidade que é construída e não é inerente às mulheres (BUTLER, 2003). Elas são criadas para se comportarem com a compostura de “princesas”, quando na realidade deveriam ser guerreiras, pois têm que lutar todos os dias por respeito e dignidade somente pelo fato de serem mulheres. Em função disso, consideramos que estudo é importante, pois é capaz de estimular a discussão da temática na ciência geográfica e, além disso, pode contribuir no (re)pensar da atuação do professor de geografia, compreendendo o seu papel na formação cidadã de alunos da educação básica.

Palavras-chaves: Feminismo, Escola, Empoderamento.

A AMBIGUIDADE DAS EXPERIÊNCIAS: UMA PROPOSTA DE OLHAR O CORPO-LUGAR A PARTIR DAS MULHERES LATINO-AMERICANAS

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Oral

Nogueira, Fernanda de Faria Viana⁹

Ao mesmo passo em que ocorre se calcam os caminhos que determinam o controle do pensamento e da fundação de estruturas que até hoje reverberam de forma latente na humanidade, a Europa se estabeleceu por meio do domínio dos territórios (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2005). A “conquista”, ou, como nos coloca Dussel (2005), o *ego conquiro* é aquele que precede o *ego cogito* colocado por Descartes, que coroa a modernidade como projeto estabelecido pela Europa. Com a exploração e o domínio dos povos e de suas terras, que, posteriormente foram nomeadas de Américas, a história do mundo começa a se deslocar. É, dessa maneira, com a invasão e o extermínio cultural, religioso, e intelectual dos povos indígenas, africanos e todos outros que se encontravam fora do contexto europeu é que a modernidade – e a Europa – começam a se estabelecer (DUSSEL, 2005). A “nova” história do mundo se constrói a partir de uma “história única”, assumindo todas as assimetrias que essa postura pode ter. Dessa maneira, o modo como pensamos e construímos o espaço – e também fazemos e pensamos a Geografia – aqui na América Latina, mais especificamente no Brasil – também está atravessada por essas formas de opressão, seguindo o padrão das narrativas dos “vencedores e conquistadores”, ou seja, o homem branco, heterossexual, cristão, rico, e, sobretudo, que se assemelha ao europeu (LUGONES, 2008). A visão de uma história unilinear não é o que acontece, mas, em verdade, é o que reverbera pela imposição de um projeto de modernidade cuja única função é pensar o centro, isto é, a Europa. Faz-se, inclusive, sob a perspectiva de um paradoxo constante, pois para se estabelecer como centro, a Europa usa os conhecimentos dos povos subalternizados contra eles mesmos (GROSFUGUEL, 2008). A história em que se funda o que entendemos hoje como América Latina é estabelecida por uma ordem que potencializa as narrativas coloniais, marginalizando e invisibilizando o que se coloca em contradição a esses saberes. É nesse momento que também se intenta a ruptura e dicotomia entre subjetividade e objetividade, deixando do que é subjetivo no campo da deslegitimação, do não-científico (HAESBAERT, PORTO-GONÇALVES, 2008). Assim, a narrativa europeia e suas violências materializadas se esforçam em separar o corpo do lugar, da terra, objetivando a universalização do ser e também do saber (QUIJANO, 2005). As nossas concepções, como por exemplo, do que se entende como progresso, desenvolvimento, e sucesso são construídas a partir de um norte de um espelho europeu, consolidando das perspectivas e expectativas de um caminho que nos levaria a sermos iguais ao que eles eram e são. No entanto, juntamente ao incentivo a esse movimento, também se impõe uma alteridade, um enclausuramento de sermos somente e continuamente os Outros: aqueles que nunca serão os Mesmos que os europeus (BEAUVOIR, 2005). É também sobre essa mesma tessitura que podemos olhar para situacionalidade das mulheres latino-americanas. São múltiplas as formas em que se fundam os mitos e também as realidades das mulheres latino-americanas. Mes-

⁹Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Email: f262924@dac.unicamp.br

mo com as diferenças e complexidades nas quais cada país latino- americano se encontra, é possível fazer alguns movimentos de aproximação ao mirar para a história de tomada dessas terras por povos europeus (QUIJANO, 2005). Sob o bojo da colonialidade que não fora encerrada com a conquista da independência dos países da América Latina, as mulheres situadas nesse contexto se localizam em narrativas que são atravessadas não tão somente por uma opressão de gênero, mas também pela alteridade que lhes é forjada ao serem mulheres que tem sua corporeidade norteadada por essas narrativas coloniais. No entanto, encerrar as múltiplas narrativas e experiências do que é ser mulher latino-americana somente nas opressões e violências vividas é, mais uma vez, reificar que não existe nada para além dessa clausura em que somos postas. Por esse motivo, o trabalho busca pensar a experiência em ser mulher a partir de uma existência encarnada, que também se pauta no vir-a-ser de possibilidades que se abrem com as resiliências que podem ser vistas nos tensionamentos de suas experiências e trajetórias de vida (DE PAULA, 2017; BEAUVOIR, 2005). O movimento de olhar para a experiência das mulheres de forma a ressaltar as ambiguidades que as atravessam faz parte da busca de situar seus corpos e narrativas, que também nos apresentam possibilidades e enredamentos que dão força para outros caminhos que se localizam para além da colonialidade, sem com que com isso se descole a experiência da história e da estrutura social em que se encontram (BEAUVOIR, 2005). Ao nos deslocarmos para ambiguidade em que se tecem as experiências do que é ser mulher na América Latina, é possível admitir não tão somente os diferentes corpos e experiências que constituem (n)esse território, mas também as singularidades de subversões que ultrapassam e que dão outras camadas as suas vidas, como exemplo, a resiliência dos corpos-lugares das mulheres negras, agriculturas, indígenas, dentre outras, que se delineiam individualmente ao mesmo tempo que coletivamente, colocando em evidência seus saberes e experiências encarnadas no lugar, que subvertem a lógica do projeto colonial que até hoje se faz presente. Coloco nesse trabalho, portanto, a urgência do exercício desse olhar, que busca a situacionalidade desse corpo-lugar como tentativa de abertura para as possibilidades de experiências das mulheres latino-americanas.

Palavras-chaves: Mulheres, América-Latina, Ambiguidade, Corpo-Lugar, Experiência.

FOLKLORE DEL FÚTBOL: ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS DEPORTIVAS DESDE UN ENFOQUE GEOGRÁFICO Y DE GÉNERO

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Vazquez, Santiago

A lo largo de los años, las prácticas que se desarrollaron (y se desarrollan actualmente) en torno al fútbol contribuyeron a la conformación de lo que hasta el día de hoy se conoce como el “folklore del fútbol”. Esto envuelve un conjunto de imaginarios e ideas que se instauraron como tradiciones y que determinan ciertas expresiones en el espacio. Dentro de este conjunto de ideas, se encuentran pensamientos o expresiones homofóbicas, xenofóbicas y machistas las cuáles serán analizadas con mayor énfasis en este trabajo, dejando de lado otros ideales en torno al fútbol. Si bien este fenómeno se extiende internacionalmente, voy a poner el foco en cómo se desarrolla en Argentina y, más precisamente, en Córdoba.

Mi propuesta es, entonces, analizar la cancha desde el concepto de lugar. Entiendo que la temática me permite cuestionar los supuestos tradicionales del concepto y, al mismo tiempo, considero que la perspectiva de Doreen Massey brinda los instrumentos necesarios para pensar la cancha como lugar. La propuesta de Doreen Massey consiste en pensar el lugar como un “nodo abierto de relaciones que articula de manera particular lo global y lo local” (Aichino, L. et al; 2013; 4). Massey considera fundamental entender el lugar desde una concepción diferente de comprensión espacio-temporal, allí es donde trae el concepto de “geometrías del poder” ya que considera que “los diferentes grupos sociales y los diferentes individuos están situados de maneras muy distintas en esos flujos e interconexiones” ([1991] 2012; 117). Desde esta perspectiva, es imposible pensar el lugar como un “concepto estático” como lo pensaba Tuan ([1977] 1983; 198) o como estabilizaciones o permanencias como lo plantea Harvey. El lugar debe ser planteado como “un punto de encuentro” (Massey, D.; [1991] 2012; 126), no puede entenderse separado de lo global. En el libro “Un sentido global de lugar”, Massey concluye que “un sentido del lugar [...] solo puede construirse vinculando un lugar determinado a los lugares que están más allá” (129)

Es por esto que no podemos entender a la problemática del fútbol como exenta del contexto global que la enmarca. Las relaciones entre el fútbol a nivel local y a nivel global se construyen y condicionan mutuamente.

Massey propone también, en “El carácter esquivo del lugar” (2008), una comprensión de los lugares “no como puntos o áreas en mapas, sino como integraciones de espacio y tiempo, como *eventualidades espacio-temporales*” (191, traducción propia). Aquí, entonces, se propone pensar lugar como proceso, “como un tejer de historias en proceso, como un momento dentro de las geometrías del poder” (191, traducción propia).

Este es el punto con el que quiero pensar a “la cancha” como lugar, como una eventualidad. La cancha no puede ser pensada, únicamente, como un área física tangible donde todos los fines de semana un equipo, y por lo tanto sus admiradores, se reúnen a practicar y observar un deporte, sino que responde a aquel “tejer de historias en proceso”, un lugar donde se hacen presentes distintos tipos de sentidos.

Se produce dentro de la cancha un sentido de pertenencia que es común en la mayoría de los clubes (por lo menos en Argentina), podríamos retomar aquí la idea de un sentido global del lugar.

El sentido de lugar se confunde en la cancha entre un amor hacia el club y un discurso violento para/ con el resto de los equipos, proveniente de una masculinidad hegemónica. El rival pasa a ser un enemigo que debe ser desestimado no en relación al juego en sí, sino a través de insultos relacionados a nociones machistas, homofóbicas o xenofóbicas, entre otras. El rival es un “puto”, la madre/hermana/hija del rival es una “puta”. Esto puede generar, desde mi perspectiva, un sentido de identidad que se vuelve excluyente para todas aquellas entidades que no respondan a una masculinidad hegemónica. Si bien el “folklore del fútbol” no pretende ser excluyente, dejada sentadas las bases para que entren en juego prácticas y sentires reaccionarios.

Aunque la problemática de la cancha puede ser analizada desde etnia, clase o raza, mi análisis pone el foco con respecto al género y, dentro del género, a la masculinidad. Para llevar a cabo este análisis tuve en cuenta la perspectiva feminista principalmente a través de las propuestas Gillian Rose, pero teniendo en cuenta a otrxs autores.

Rose va a señalar que su perspectiva feminista se basa en la premisa de que “la identidad es relacional. [...] Nos posicionamos en relación a otros” (1993; 5). De este modo, apoyándose en la propuesta de Marilyn Frye, argumenta que “aunque no lo admita explícitamente, la masculinidad depende de la feminidad para su existencia” (5), pensando aquí la feminidad no ciertamente relacionada a la mujer, sino, a lo no masculino.

La idea de masculinidad presente en la cancha responde a este concepto de marcar la diferenciación con un otro femenino o no-masculino. Del mismo modo, Provenzano y Fornessi, realizando un análisis de las consignas futboleras en La Plata, consideran que “Cualquier aspecto feminizado configura un reto a partir del cual un varón puede perder su condición de tal” por lo tanto “la huida frente a lo femenino, debe ser manifestada de manera permanente, ante cada situación que lo amerite, lo que marca también el carácter frágil de la masculinidad” (2019; 5-6).

Considero muy acertado para la temática propuesta pensar la masculinidad como validación homosocial (Kimmel, M.; 1997) ya que podemos pensar en las constantes ratificaciones que se vivencian en la cancha de esta masculinidad hegemónica. El otro equipo es “puto”, al otro equipo “lo cojimos”. A fin de cuentas este afán por determinar una valía como hombre masculino espera la validación de otros hombres.

A modo de cierre, considero que estos bagajes teóricos y epistemológicos me aportan una base sólida para trabajar la temática a futuro. La violencia en el fútbol, en clave de género en este caso, representa un problema muy serio en la actualidad debido al alcance que tiene este deporte en nuestro país.

Palabras clave: Fútbol, cancha, masculinidad/es, lugar, violencia

GEOGRAFÍAS FEMINISTAS PARA VISIBILIZAR PROBLEMÁTICAS: DE LAS “REDES GLOBALES” A LAS “TRAMAS ESPACIALES” DE LA TRATA DE PERSONAS CON FINES DE EXPLOTACIÓN SEXUAL

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Moreno, Magdalena¹⁰

El desarrollo de los feminismos tanto en ámbitos de activismo político como en la producción científico-académica ha permitido visibilizar problemáticas que venían siendo invisibilizadas. En el caso de la Geografía, el espacio fue considerado, al menos hasta la década del '70, como un conjunto homogéneo en términos de género y la experiencia espacial de un determinado sujeto hegemónico (varón, cisgénero, blanco, heterosexual, occidental, propietario, adulto, flaco, entre otras características) fue presentada como representativa de toda la sociedad. Con los aportes de las Geografías feministas comenzó a visibilizarse que no todos los sujetos se relacionan con el espacio de la misma manera y se empezaron a desarrollar estudios sobre las problemáticas espaciales considerando la estructura de sexo-género en la que se organizan las sociedades. Es en este marco y desde esta perspectiva que se propone esta ponencia en la que se realizará un análisis de género y geográfico de la trata de personas con fines de explotación sexual en Argentina.

Para poder estudiar el entramado geográfico de la trata de personas, se considerará que el espacio es relacional, modificable y dependiente de las relaciones sociales. El espacio, al entenderse como constituido por las relaciones sociales siempre se está haciendo, no es un producto acabado. Dichas relaciones socio-espaciales heterogéneas son también relaciones de género. Así como el espacio y la sociedad se producen dialécticamente entre sí, el género también presenta esta característica: las prácticas espaciales y de género cotidianas son las que construyen al espacio y a las identidades. Es en este marco que se insertan las prácticas de violencia de género, como lo es la trata de personas con fines de explotación sexual, que se configura como una de sus formas más extremas: en Argentina, más del 99% de las personas tratadas para su explotación sexual son mujeres y niñas cisgénero.

A su vez, la trata de personas con fines de explotación sexual se constituye como un delito y, en consecuencia, se practica de manera clandestina. Esto constituye una dificultad importante para comprender su desarrollo en el plano material a escala nacional. Ante este condicionamiento, se repondrán las representaciones sobre la trata y sus articulaciones ya que habilitan cierto conocimiento sobre el tema, que no es acabado pero que busca la mayor exhaustividad posible. Para esto, es necesario considerar las diferentes voces involucradas en la trata de personas y, por ende, las diferentes representaciones que diversos actores sociales tienen sobre la problemática. Ante las interpretaciones y explicaciones totalizadoras de este fenómeno social se vuelve necesario reconocer que cada actor social presenta una mirada parcial y que todo conocimiento es particular y situado, tal como se plantea desde la teoría de género y de la decolonialidad.

En términos metodológicos, se implementará el análisis documental como técnica de investigación. De esta manera, se relevarán, sistematizarán y analizarán las sentencias judiciales dictadas por la justi-

¹⁰ Pertenencia institucional: CIG/IGEHC/S/UNCPBA-CONICET. Correo electrónico: magdalenamorenoivan@gmail.com

cia penal argentina para los casos de la trata de personas con fines de explotación sexual. Las sentencias judiciales constituyen la manera en que se expresa el Poder Judicial, en rigor, los jueces de los Juzgados Federales de Argentina. Las sentencias mencionadas constituyen un total de 161, dictadas entre los dieciséis Juzgados Federales de Argentina. Para complementar la información brindada por los documentos mencionados sobre la trata de personas, también se relevarán las noticias periodísticas de la prensa escrita que mencionen la problemática estudiada, para el período 2008-2018. Se realizará una recopilación y posterior análisis de las noticias periodísticas publicadas. Esto se llevará a cabo a través de la revisión de los sitios *web* de cada diario y de las publicaciones realizadas entre 2008-2018. Por la masividad y por su carácter de circulación nacional se ha elegido trabajar con los siguientes medios: *Página 12*, *Clarín* y *La Nación*.

La ponencia estará organizada en cinco momentos. En el primero se desarrollará brevemente el marco teórico desde el cual se aborda la problemática: las Geografías feministas. En un segundo momento, se presentará la definición internacional de *trata de personas* y una reflexión acerca de la posibilidad de la existencia de diferentes interpretaciones sobre la misma. A continuación, se describirán las dinámicas globales en las que se enmarca el fenómeno de la trata de personas para luego analizar las políticas públicas propuestas por la campaña contra la trata a escala global, en relación con la importación de políticas que se producen en países hegemónicos del Norte global, en los países latinoamericanos. En un cuarto momento se mostrarán las características espaciales que adquiere la trata de personas con fines de explotación sexual en Argentina, a través del análisis de los casos de trata relevados por las causas judiciales nacionales y los medios periodísticos de tirada masiva. Posteriormente a este análisis, y para concluir, se plantearán algunos interrogantes en torno a los discursos producidos por organismos internacionales sobre la trata de personas en torno a su magnitud y grado de organización; en contraste con lo que se ha denominado “las tramas espaciales” de la trata que podría ser un concepto más cercano a la realidad de la trata en Argentina.

Palabras clave: Trata de personas - Tramas espaciales - Geografías feministas

ELEIÇÕES 2020 NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE VALE DO JQUIRIÇÁ BAHIA-BRASIL: DESIGUALDADE DE GÊNERO NA POLÍTICA

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Oral

Assaritti, Dolores Setuval¹¹

Lima, Aline dos Santos¹²

Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 658 prefeitas mulheres foram eleitas (13%), contra 4.800 prefeitos homens (87%) nas eleições municipais de 2020 no Brasil. Diversos aspectos contribuem para a sub-representação feminina na política. Em 1932 as mulheres conquistaram o direito ao voto e, desde então, a efetiva participação das mulheres na política é historicamente dificultada pela função social atribuída ao gênero feminino. Conforme os estudos de Silvia Federici, enquanto os homens ocupam o espaço público, os cargos de poder e o trabalho produtivo, às mulheres é destinado o trabalho reprodutivo, as ocupações com a família e com o cuidado doméstico. O Estado apropria-se dessa construção social do gênero feminino para justificar a exploração das mulheres no trabalho doméstico (FEDERICI, 2019). A Geografia debruça-se sobre a transformação do espaço pelo trabalho mediante a interação entre grupos sociais que coexistem no tempo-espaço. Nesse sentido, a reflexão sobre as questões de gênero na Geografia consiste na análise das diferenças, desigualdades e opressões intrínsecas à relação de gênero presente no tempo-espaço. Pode-se afirmar também que o espaço é político. Ou seja, o espaço tanto é uma “arena” de conflitos quanto de normas que permitem o seu controle graças a organização institucional da representação política, que atinge seu ápice no direito ao voto e que consiste na relação entre o conjunto de cidadãos que integram a comunidade política e os seus representantes (CASTRO, 2005). Para compreensão dos sistemas eleitorais e de como se dá a sub-representação feminina nesses cenários, faz-se necessário que as instituições que ofertam ensino-pesquisa-extensão promovam ações a fim de fomentar a educação para a democracia como ato contínuo, favorecendo além da busca pela igualdade de gênero, a construção de espaços políticos que ultrapassem o dia das eleições e as campanhas eleitorais, como tão bem colocou Santos (2012). Neste sentido, o Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias do IF Baiano – NEQA/CNPq propôs que seus integrantes desenvolvessem um projeto articulado de ensino-pesquisa-extensão que abordasse as eleições 2020 nos municípios do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, recorte espacial onde está localizado o IF Baiano Santa Inês. Em articulação com esse projeto, o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade do IF Baiano *campus* Santa Inês (GENI) propôs a análise dos dados sistematizados pelo NEQA sob a luz dos estudos de gênero. Deste modo, o presente trabalho, resultante da articulação entre os dois grupos, tem como objetivo analisar as eleições municipais 2020 do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá sob o olhar da Geografia e dos estudos de gênero. Foi realizado um levantamento bibliográfico seguido de leitura e discussão de textos buscando articular estudos de gênero, estudos geográficos e acerca da trajetória das mulheres em busca por representação na política nacio-

¹¹ Professora de Educação Física do IF Baiano *campus* Santa Inês e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade do IF Baiano (GENI). E-mail: dolores.assaritti@ifbaiano.edu.br

¹² Professora de Geografia do IF Baiano *campus* Santa Inês, Líder do Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias do IF Baiano – NEQA/CNPq e pesquisadora do Projeto GeografAR/POSGEO/UFBA. E-mail: aline.lima@ifbaiano.edu.br

nal. A discrepância entre o número de homens e mulheres eleitos tanto para os cargos do legislativo quanto para as prefeituras revela que, em consonância com a política nacional, a política do Vale do Jiquiriçá constitui-se como um campo de desigualdade de gênero. Considerando os 20 municípios que compõem o território, foram eleitos para o executivo 17 homens (85%) e 3 mulheres (15%). Para além da desigualdade de representação política entre homens e mulheres expressa na comparação entre esses dados, faz-se necessário atentar para a caracterização dessas mulheres que alcançaram a frente do executivo de seus municípios (Cravolândia, Itirizuru e Jaguaquara). Das três mulheres eleitas, duas declaram-se brancas e uma parda. Todas as três, ou seja, 100% das mulheres eleitas no Território do Vale do Jiquiriçá possuem nível superior completo. As eleições de 2020 foram marcadas por programas e campanhas de incentivo à participação feminina na política, apoiaram-se candidaturas e o voto em mulheres, principalmente mulheres de grupos minoritários, mulheres negras, mulheres trans, mulheres do campo. Faz-se necessário considerar que a categoria mulher não é singular, a pluralidade do gênero feminino abarca diferenças que tornam-se desigualdades no âmbito político. As poucas mulheres eleitas são, ainda, mulheres brancas com alto grau de escolaridade. Em estudo recente acerca da representação feminina nas eleições de 2020, Maria do Socorro Braga, Cinthia Dalcin e Maria Boni (2021) afirmam que tais iniciativas, assim como as novas regras eleitorais que passaram a vigorar nos últimos anos, não surtiram efeito em termos de representação. A complexidade do sistema eleitoral nacional atua no sentido de anular todas as tentativas de incentivo à participação feminina na política. Sendo assim, apesar do debate levantado em 2020, das cotas de gênero, das cotas de recursos para candidaturas de mulheres pretas e demais leis criadas com intensão de estabelecer uma mínima igualdade de gênero, o Brasil segue entre os países com menos participação de mulheres na política como revela o *ranking* mundial de representação feminina divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e a União Interparlamentar (Inter-Parliamentary Union - IPU), em que Brasil ocupa a posição 143 de 192 países.

Palavras-chave: Gênero, Participação política feminina, Eleições 2020, Vale do Jiquiriçá.

GREVE INTERNACIONAL DE MULHERES: COORDENAÇÃO DE FEMINISMOS EM ESCALA GLOBAL EM TEMPOS DE CRISE CAPITALISTA?

Mesa temática: 30 - Práticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Oral

Cardia, Rita Helena Miranda

Queremos abordar a importância da produção da escala global do movimento feminista a partir da nova onda feminista e a greve internacional de mulheres de 2017. E para isso adotaremos a exploração esquemática elaborada pelo geógrafo Neil Smith (2000). O geógrafo fala numa hierarquia entre escalas que explora as fronteiras entre uma sequência de escalas específicas que se concentrou em analisar; *corpo, casa, comunidade, cidade, região, nação, globo*. Ele usa quatro aspectos para a analisar cada escala. *A identidade*, que torna cada escala coerente; *as diferenças internas, as fronteiras com outras escalas; as possibilidades políticas de resistência inerentes à produção de escalas específicas, a revogação de fronteiras e o “saltar escalar”*.

Quando Smith (2000) fala que “é justamente a conexão social ativa das escalas que é vital”, nos faz pensar que a esfera da produção e reprodução da vida no sistema capitalista é o que determina a produção das escalas e a relação entre ambas, e a resistência das lutas feministas e por direitos das mulheres da classe trabalhadora, pobres, periféricas e das favelas é o que permite o saltar escalar. A questão do “salto escalar” também está relacionada aos objetivos estratégicos da luta das mulheres nacional e internacionalmente, e esse seria um grande debate para se fazer entre as diferentes vertentes feministas pois corresponde não apenas à uma escala espacial ou social, mas também à estratégia adotada para o objetivo comum no feminismo, a emancipação verdadeira das mulheres.

A escala global também é por si uma construção social e com o modo de produção capitalista ela é primariamente uma construção da circulação do capital. O global não seria apenas dividido segundo as divisões políticas do estado-nação mas também de acordo com os níveis diferenciais de desenvolvimento e subdesenvolvimento que o Estado experimentam e alcançam no mercado mundial. Segundo Smith (2000) a oposição ao poder global contemporâneo emerge de várias lutas de base nacional e internacional e também seriam evidentes em movimentos feminista e ecológico, que podem ter inspiração mais local, mas um potencial global.

A ideia da greve internacional de mulheres de 2017 abordava pautas nacionais, mas com um grande potencial global a partir da articulação internacional pelo Manifesto dos 99%, e o chamado da greve extrapolou o chamado de coletivos feministas e sindicatos, entidades estudantis, resultando em milhares de mulheres nas ruas em diversos países, sejam organizadas ou as que não eram parte de nenhum coletivo de militância.

As enormes demonstrações das mulheres nas ruas em grandes protestos de vários continentes tiveram antecedência com várias manifestações de mulheres de grandes magnitudes que tiveram repercussão internacional como as mobilizações “Ni Una Menos” na Argentina, que exigiam do Estado o aumento do orçamento e políticas públicas efetivas para prevenir os feminicídios, as greves da Islândia e França que exigiam o fim da diferença salarial entre homens e mulheres, a luta das mulheres na Polônia para que não retrocedesse o direito ao aborto (já restrito no país) e as inúmeras manifestações

contra o Trump nos Estados Unidos.

A greve internacional de mulheres significou a possibilidade de enfrentamento com a visão de mundo da classe dominante, que segundo Smith (2000, p.156) ao tentar reproduzir sua visão de mundo, “busca estabelecer uma definição do global lado a lado com a cidadania nacional”. O apagamento da diferença implicado no “sujeito universal” é uma insinuação dessa cidadania global, mas também assume formas mais populares. O geógrafo também afirma que a crítica do sujeito universal também se tornou ela mesma universal e coloca como um dos grandes desafios como um sujeito político ou a coalização de sujeitos políticos “pode ser reconstruída sem, de um lado, repetir a pressuposição de um sujeito branco, masculino, de classe dominante, e, de outro, sem voltar para um individualismo radical”.

A tentativa do manifesto para os 99% assinado por intelectuais e ativistas de diversos países demonstrou a possibilidade de um movimento, que chegou a ser questionado se surgia uma nova onda do movimento de mulheres, que extrapolasse as barreiras nacionais e tivesse a dimensão e articulação em uma escala internacional. Smith diz que é necessário “pensar globalmente e agir globalmente também”. Obviamente que a ação é feita em uma escala nacional com as devidas particularidades das realidades nacionais, mas os temas e pautas que tocam as mulheres também podem ser definidas em escala internacional, assim como a atuação coordenada que teve a greve internacional de mulheres de 2017. Isso porque o sistema capitalista patriarcal não tem barreiras nacionais quando seu objetivo central é a dominação global de territórios e exploração da classe trabalhadora mundial se apoiando na opressão de gênero, raça, sexualidade, para extrair maior quantidade de mais-valia.

O objetivo desse artigo é refletir se é possível ter uma coordenação de diferentes tipos dos feminismos em escala internacional levando em consideração as potencialidades que se expressaram na Greve Internacional de Mulheres de 2017 à partir do Manifesto dos 99% e quais potencialidades dos diferentes feminismos na produção do espaço.

Palavras-chave: Escala global, Feminismo, Greve Internacional de Mulheres

LA CONSTRUCCIÓN FEMENINA DE LOS CONCEPTOS DE TERRITORIO Y RURALIDAD. EL CASO DE PRODUCTORAS DE LA AGRICULTURA FAMILIAR EN LOS INTERSTICIOS URBANOS DEL GRAN RESISTENCIA, CHACO

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Falcon, Vilma L.¹³

El presente trabajo tiene el propósito de contribuir a la reflexión y discusión acerca del modo en que algunas productoras de la agricultura familiar construyen conceptos que refieren al modo de vida que desarrollan cotidianamente y que, en general, suelen ser discutidos y definidos desde las miradas masculinas o, en el mejor de los casos, desde una perspectiva neutra. Si a lo anterior sumamos la particularidad del contexto geográfico en el que desarrollan su actividad productiva, se agregan elementos destacables que se ponen en juego al definir sus roles y definirse a sí mismas ya que, desarrollar una vida rural en ámbitos urbanos otorga una singularidad que no se debe desconocer. En ese contexto, territorio y ruralidad son categorías analíticas que merecen una revisión desde esa mirada femenina. La particularidad del sitio sobre el cual se asienta el conglomerado del Gran Resistencia (AMGR) destaca por la presencia del río Negro que lo atraviesa; este elemento natural refleja en la actualidad el pasado activo de un recorrido que buscaba a su gran colector, el Paraná. Las sinuosidades, claramente definidas por los meandros abandonados configuran un espacio potencialmente apto y rico para el desarrollo de la agricultura, aunque la dinámica poblacional ha ido ganando terreno y ocupando densamente estos lugares. No obstante, en algunos intersticios, quedan hoy parcelas y personas que reivindicán con sus prácticas una forma de vida rural en un entorno urbanizado y es allí donde se sitúan las experiencias que comento en este trabajo.

Sin dudas, la agricultura familiar se configura alrededor de una compleja trama de elementos o aspectos que vienen siendo estudiados desde diferentes disciplinas y en este sentido, la Geografía y la geografía económica en particular también pueden contribuir al respecto. Al entender, junto con Ramillo y Prividera (2013:2) que “la Agricultura Familiar es una forma de vida y una cuestión cultural que tiene como principal objetivo la reproducción social de la familia en condiciones dignas”, se nos plantea una serie de interrogantes que abren un campo muy rico para explorar, especialmente porque se trata de prácticas agrícolas que desarrollan las familias que viven en la ciudad y esa dualidad de vivencia urbano-rural tiene significados particulares, propios, identitarios, que distan de otras experiencias campesinas, aún de aquellas familias que habitan en los bordes urbanos. En este contexto, el rol de las mujeres es fundamental para el desarrollo y sostenimiento de las tareas que requiere la agricultura familiar, especialmente las que responden a prácticas agroecológicas porque suma un mayor grado de compromiso social y ambiental pero también las dota de beneficios –materiales y no materiales- que las empodera y sitúa en un grupo social que está siendo cada vez más valorado y reconocido por la comunidad, dado su carácter de actividad sustentable. En el marco de la pandemia, las mujeres con quienes venimos trabajando, reforzaron el vínculo comunitario a través de redes solidarias, otras se

¹³ Departamento de Geografía. Facultad de Humanidades. Universidad Nacional del Nordeste. Argentina. Email: vfalcon_1609@hotmail.com

enfocaron con mayor énfasis en el trabajo predial y en algunos grupos específicos diseñaron estrategias no solo para sostener sus huertas o parcelas de producción sino para garantizar el alimento para sus familias. Todas estas experiencias pretenden ser recuperadas como una manera de hacer visible a las mujeres protagonistas de la agricultura familiar, auto reconocidas como tales, activas pero también conscientes de su rol en un entorno patriarcal en el cual se enfrentan a posturas que llevan a restricciones económicas, políticas y sociales, cuestiones que también intentamos destacar en los resultados del trabajo.

En ese contexto, al tener como centro de estudio y análisis a un hecho social, se trabajó en el marco de una investigación social de corte cualitativo entendiendo, como lo señala Vasilachis (2009:28), que desde ese marco “la investigadora o el investigador cualitativos se aproximan a situaciones, acciones, a procesos, a acontecimientos reales, concretos, a interacciones espontáneas (...). Los investigadores observan, analizan esas situaciones, esos procesos, sucesos y/o sus consecuencias y tratan de captarlos tan completamente como les sea posible...”, aspectos que forman parte de los objetivos del trabajo.

En el caso particular de la investigación que vengo desarrollando la metodología de trabajo se propone como una construcción cooperativa del conocimiento (vasilachis, 2009), es decir, que se basa en las experiencias de las mujeres que llevan adelante las prácticas agrícolas y mi propia experiencia personal y académica. Las técnicas más relevantes son las entrevistas en profundidad, en primer lugar a informantes claves que son mujeres que trabajan y promueven acciones desde uno de los municipios del AMGR y la observación participante como un proceso que permite nuestra interacción en las huertas o parcelas productivas. En ese sentido, en esta presentación expongo las principales ideas surgidas en momentos y charlas compartidas con algunas mujeres no solamente entrevistadas sino acompañadas en su cotidianidad porque entiendo que es el método más apropiado para descubrir y entender como construye su identidad personal y colectiva y como da sentido a *su ruralidad* y a *su urbanidad*, es decir como asume y se asume territorialmente en ese proceso de doble pertenencia. En ese dialogo se nutren las intersubjetividades, las percepciones y convicciones a la vez que aparecen también las tensiones que operan en ese mundo de pequeñas agricultoras, mundo en el que también son madres, esposas o compañeras, abuelas, productoras, comerciantes, cocineras, socias cooperativista, entre otras tantas formas de esa vida particular que la agricultura familiar propone.

Referencias de las citas:

Ramillo D. y Prividera G. (2013). Compiladores. La agricultura familiar en la Argentina. Diferentes abordajes para su estudio. Ediciones INTA N° 20. Buenos Aires. Argentina. En: https://inta.gov.ar/sites/default/files/script-tmp-la_agricultura_familiar_en_la_argentina_diferentes_a.pdf

Vasilachis de Gialdino, I. (2009). Estrategias de investigación cualitativa. Editorial Gedisa, Barcelona, España.

Palabras claves: Agricultura Familiar; Territorio y ruralidad; Mujer rural; intersticios urbanos, AMGR

DESHACER EL GÉNERO EN UNA CIUDAD PETROLERA A TRAVÉS DEL TIEMPO

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Pacheco, Mariel¹⁴

A través de esta ponencia propongo recorrer las diversas olas por las que ha atravesado el feminismo para luego discutir el concepto de género y mirarlo desde diversas teorías sociales; en forma particular considerar cómo y cuándo se incorpora y empieza a visibilizarse en el campo geográfico.

Realizado este recorrido teórico a fin de aclarar y tener una misma lectura con respecto al género (s) y al feminismo (s), propongo mirar “mi ciudad”: la ciudad de Comodoro Rivadavia en la Provincia del Chubut, República Argentina. Esta ciudad, una de las ciudades más importantes de la Patagonia Central, es una urbe cabecera de la denominada “Cuenca del Golfo San Jorge”, productora de petróleo. Desde que se halló petróleo en el año 1907, la ciudad vio cambiar drásticamente su destino; dejó de ser un “pueblo” por el que se sacaban productos pastoriles de zonas más alejadas para transformarse en un “lugar” en el mundo. Esa importancia derivó en cambios sustanciales a nivel geográfico, económico, productivo, social y cultural. La instalación de trabajadores petroleros y posteriormente de familias, configuró un entramado de relaciones asimétricas a través del tiempo entre quienes pertenecían al ámbito petrolero y quienes no formaban parte de esa lógica productiva.

Me interesa deshacer y visibilizar el rol que las mujeres han tenido en la ciudad a través del tiempo, para finalmente analizar un artículo periodístico que tuvo un alto impacto en la ciudad por ser considerado como un texto revelador de las ideas que muchos hombres sostienen en cuanto al rol que la mujer debe tener aún hoy, confinándola a la esfera doméstica bajo ciertos parámetros estéticos.

Propongo pensar la ciudad, desde y en la ciudad a partir de tres momentos en los que diferentes claves teóricas nos llevarán a conocer y analizar el lugar del género a través del tiempo. Confío en que las gafas violetas iluminen el recorrido que haremos, estoy convencida que nos asomamos a una ciudad nueva y diferente en la que las mujeres y los hombres estamos deshaciendo el género instituido. Bienvenidas y bienvenidos a estos incipientes, temerosos y necesarios cambios....

Palabras claves: Comodoro Rivadavia, petróleo, género, estereotipos.

¹⁴ Docente de la Universidad Nacional de la Patagonia “San Juan Bosco” sede: Comodoro Rivadavia. Docente del Instituto Superior de Formación Docente Número (ISFD) 802 Comodoro Rivadavia. Chubut.

URBANIZACIÓN CORPORATIVA E INTERSECCIONALIZADA EN BRASIL (SÃO PAULO): ESPECULACIÓN INMOBILIARIA, SEGREGACIÓN RACIAL Y ESPACIO URBANO GENERIFICADO

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Rizzatti, Helena¹⁵

Se propone analizar el proceso de urbanización brasileño, con énfasis en la provincia de São Paulo, desde la perspectiva de la interseccionalidad. Concepto desarrollado por el feminismo negro desde los años 1980 con destaque para Lelia Gonzalez, Angela Davis y acuñado por Kimberle Crenshaw. La propuesta es comprender las desigualdades socioespaciales de la población de bajos ingresos, de mayoría negra y con jefas de hogar. Una mirada desde tres pilares: la raza (como el movimiento negro brasileño lo nombra), el género y la clase social. Es decir, el proceso de urbanización se basa en atender a los intereses corporativos, en gran medida, por medio de la especulación inmobiliaria que expande los perímetros urbanos y construye conjuntos habitacionales para la población de menores ingresos ubicados aún más lejanos que los terrenos baldíos. Además, en esos conjuntos habitacionales se concentra la población negra que es la que recibe los sueldos más reducidos en el país. De esa manera, se mantiene y se profundiza la segregación racial en el espacio urbano.

Sin embargo, la ubicación de los conjuntos habitacionales, construidos por el Estado juntamente con las constructoras privadas, sostiene y profundiza, en gran medida, el espacio urbano generificado. Dimensión que problematiza la producción del espacio urbano a partir de una comprensión dicotómica entre el trabajo doméstico-reproductivo del trabajo productivo y una asociación de estos con el espacio público y de aquellos con el espacio doméstico igualmente de manera dicotómica. Así, los conjuntos habitacionales se ubican lejanos a los locales de trabajo de las mujeres derechohabientes dificultando aún más la sobrecarga de los trabajos productivos. Y, muchas veces, también lejanos a los servicios públicos necesarios al trabajo doméstico-reproductivo. En ese sentido, es importante situar que la desventaja en el caso de las mujeres negras, pardas e indígenas se coloca de manera más profunda, porque están sometidas a la lógica patriarcal y racista.

A esa intersección de la lógica corporativa, con la segregación racial y con la generificación del espacio urbano llamamos urbanización corporativa e interseccionalizada. Es una manera de comprender la reproducción del sistema capitalista-racista-patriarcal desde el espacio urbano. Para hacer ese estudio nos basamos en fuentes de datos primarias y secundarias a través de revisiones bibliográficas, entrevistas en instituciones públicas de las ciudades y trabajos de campos en las ocupaciones urbanas con la realización de talleres junto a la población que vive en ellas a lo que nombramos trabajos de campo interactivos.

A partir de esa propuesta teórico-metodológica se hizo el análisis de dos de las ciudades más grandes del interior del estado de São Paulo: Campinas y Ribeirão Preto, con alrededor de 1,210,000 y 710,000 habitantes respectivamente (IBGE/2020/estimativa). Esas ciudades mantienen por todo su

¹⁵ Professora do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas, Ciências e Artes (CCH) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – helenarizzattifonseca@gmail.com

proceso de urbanización la segregación socioespacial interseccionalizada que profundiza las desigualdades vividas principalmente por las mujeres negras, jefas del hogar de viviendas de bajos ingresos. Así, evaluamos algunas de las políticas urbanas desde el principio del siglo XX hasta hoy en cuatro importantes momentos: i. en la nombrada “planeación higienista” que intentó remover y controlar la presencia de la población pobre y negra de los centros urbanos (1900-1930); ii. con el impulso a la expansión urbana y periferización por medio de las autopistas y carreteras (1940-1960); iii. con los grandes conjuntos habitacionales construidos, principalmente, por medio del Banco Nacional de Habitación (1970-1980); iii. y desde el ingreso en las políticas-económicas neoliberales a través de la “planeación estratégica” para producir las ciudades-mercadorías justificando inúmeras acciones de remoción de la población de bajos ingresos y, en las últimas dos décadas, con el Programa Federal “Minha Casa, Minha Vida” (1990-2020). La construcción de esas viviendas sociales lejanas a los empleos y servicios utilizados por las mujeres derechohabientes profundiza el fenómeno del espacio urbano generificado constituyéndose uno de los pilares del sistema capitalista-racista-patriarcal.

En Brasil, los datos del *Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos* (DIEESE, 2019)¹⁶ apuntan que las mujeres gastan 95% más tiempo que los hombres en quehaceres domésticos, con una media de horas semanales dedicadas a esa actividad de 21 horas y 18 minutos para las mujeres, y 10 horas y 54 minutos para los hombres. Y, por último, un elemento que auxilia directamente para entender porque el proceso de urbanización amplía las desigualdades de género es la relación de la cantidad de mujeres que dejan de realizar trabajo remunerado debido a la ausencia o imposibilidad de contar con las estancias infantiles para los dependientes menores de edad. Entre las mujeres que consiguieron acceder a estancias infantiles 67% realizaban trabajo remunerado, de las mujeres cuyos hijos no tuvieron acceso solo 41% ejercían una actividad remunerada. Entonces, la localización de las vecindades, tugurios, *favelas*, conjuntos habitacionales y ocupaciones urbanas cercanas o distantes de ese tipo de servicios afecta directamente a las mujeres pobres.

Sin embargo, hay diversas formas de resistencias a ese proceso. Para comprenderlas, se estudió las ocupaciones en terrenos urbanos baldíos en las dos ciudades (Menino Chorão en Campinas y Cidade Locomotiva en Ribeirão Preto). Esos lugares enseñan como la población se organiza cotidianamente para tensionar y disputar los rumbos del proceso de urbanización. Ubicadas más cercanas al centro, con relación a muchos conjuntos habitacionales, y construyendo sus propias casas donde, en muchos casos, se realizan los trabajos doméstico-reproductivos y productivos en las casas, es decir, en espacio doméstico. También poseen el liderazgo de mujeres negras de gran importancia para la organización y el sostenimiento de esos lugares.

Así, consideramos que la urbanización corporativa e interseccionalizada en Brasil sigue, pero no sin la disputa de las/los pobres urbanos, negras/negros y mujeres. Esa investigación desarrolla el potencial teórico y epistemológico de los estudios del género desde la mirada al espacio urbano.

Palabras claves: interseccionalidad; género; raza; clase social; espacio urbano

¹⁶ Departamento Intersindical de Estudos Econômicos. Véase: <https://www.dieese.org.br>

HACIA UNA GEOGRAFÍA DEL CUIDADO PARA LA INTEGRACIÓN SOCIO URBANA DE LOS BARRIOS POPULARES.

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de presentación: Ponencia

Massa, Natalia¹⁷

La configuración espacial característica de las ciudades capitalistas privilegia la esfera productiva desplazando el cuidado de la vida del centro de la planificación urbana. En este sentido, las ciudades actuales representan un espacio socialmente construido que perjudica especialmente a las mujeres. Esta situación se ve agudizada en los barrios populares, donde la vulnerabilidad social, la pobreza y la marginalidad, pero también las redes solidarias que surgen como estrategias comunitarias ante las dificultades, otorgan rasgos particulares a la sostenibilidad de la vida en esos territorios..

Este trabajo busca iniciar una aproximación teórica y metodológica a partir de dos experiencias impulsadas desde la Universidad Popular del movimiento social Barrios de Pie que nos permitan reflexionar en torno a las tareas de cuidado en el contexto de los barrios populares de la Argentina, y construir un conocimiento situado anclado en las redes comunitarias de cuidado como clave para planificar la integración socio urbana.

División sexo-género del trabajo y del espacio

La división sexo-género del trabajo organiza la asignación de tareas y responsabilidades en función del género. Esta distribución también supone de manera errónea un uso diferenciado del espacio, ubicando a las tareas reproductivas en el ámbito privado y a las tareas productivas en el espacio público. En consecuencia, la Geografía de Género sostiene que la forma en que se produce y reproduce el espacio urbano no es neutral, es capitalista y patriarcal. La planificación urbana se basa en la experiencia excluyente del género masculino, y por ello reproduce las desigualdades y los roles de género, incidiendo en la vida cotidiana de las mujeres cuidadoras, dejándolas en desventaja antes otros actores sociales debido a que los espacios públicos están pensados poniendo el acento en la producción, el individuo y el consumo.

Los cuidados en los barrios populares

La pandemia de COVID-19, puso de relieve nuevos argumentos para afirmar que los cuidados son fundamentales para garantizar el bienestar de las personas. Esto, por supuesto, es mucho más evidente en los barrios populares, donde las marcas de exclusión se multiplican y operan en todos los aspectos de la vida cotidiana. Estos cuidados comprenden un amplio espectro de iniciativas: desde las ollas populares que garantizan alimento allí donde la suspensión sanitaria de las actividades laborales lo impiden, hasta apoyos escolares de emergencia que acompañen los intentos de continuidad pedagógica; desde campañas de vacunación contra la gripe a personas adultas mayores, a campañas de limpieza y desinfección en los pasillos y espacios comunitarios de barrios populares.

En este marco, las organizaciones sociales de base territorial desempeñan un rol fundamental puesto

¹⁷ Universidad Popular Barrios de Pie - Equipo de coordinación académica. nataliamassa1981@gmail.com

que la diversidad de situaciones en la que se encuentran los barrios populares de nuestro país imposibilitan la aplicación de planes de acción y políticas estandarizadas que sostengan la vida de lxs vecinxs, y por eso, se vuelve imprescindible obtener información de primera mano que permita elaborar diagnósticos que contemplen las particularidades de la vida en cada territorio.

Algunas experiencias impulsadas desde la educación popular

Desde la Universidad Popular de Barrios de Pie nos encontramos ante el desafío de repensar estrategias que permitan, en conjunto con los vecinxs, técnicos y profesionales de distintas áreas, construir conocimientos colectivos en torno a las tareas de cuidado en el ámbito comunitario con el fin de promover acciones certeras que puedan mejorar la calidad de vida de los barrios más postergados y aporten soluciones significativas a largo plazo.

La Diplomatura en Cuidados

La Diplomatura en Cuidados es una propuesta pedagógica que propone un acercamiento a esta temática desde una mirada amplia e integradora, sustentada en los conocimientos y las prácticas construidas en los barrios populares a través del trabajo llevado a cabo por lxs compañerxs de la organización social Barrios de Pie.

El recorrido formativo se organiza en torno a tres tramos (teórico-orientado- metodológico) que tienen como eje vertebral la perspectiva específica de diversas áreas temáticas (salud, educación, consumo problemático, ambiente, violencias de género, Hábitat Popular) y su especificidad en relación a los cuidados. Teniendo en cuenta estas orientaciones, para el último tramo se realiza un mapeo de espacios comunitarios de cuidado en algunos barrios populares.

El área de Hábitat Popular

En el marco de los convenios celebrados entre las Organizaciones Sociales y la Secretaría de Integración Socio Urbana del Ministerio de Desarrollo Social para la urbanización de los Barrios Populares, se gesta dentro de la Universidad el área de Hábitat Popular, un espacio interdisciplinario desde el cual nos proponemos aportar a los barrios populares una mirada comunitaria y feminista, poniendo la sostenibilidad de la vida y las redes comunitarias de cuidado en el centro de la planificación urbana. Para ello, estamos trabajando en tres líneas de acción:

INVESTIGACIÓN Y DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO para la construcción de un marco teórico alternativo al paradigma de planificación urbana tradicional.

FORMACIÓN teórica y técnica para formalizar y profesionalizar los conocimientos experienciales de lxs vecinxs en relación a la planificación urbana y los conocimientos técnicos requeridos por las cuadrillas de obra, especialmente destinados a las mujeres y disidencias que forman parte de las cooperativas de trabajo.

INTERVENCIÓN EN EL TERRITORIO mediante proyectos de obras concretas: construcción de centros comunitarios, espacios deportivos, veredas y arbolado, conexiones domiciliarias a servicios y otros.

De esta manera, ponderamos a las redes comunitarias de cuidado como un elemento clave para repensar la integración socio urbana, y generar espacios que potencien y fortalezcan las redes de cuidado. Nos encontramos ante la necesidad de buscar estrategias que permitieran a los movimientos sociales construir diagnósticos participativos desde un paradigma que rompa con la mirada capitalista y patriarcal de la planificación urbana para poder avanzar con los programas de urbanización de las villas



a nivel nacional pero desde una propuesta que genere trabajo de calidad, apunte combatir la feminización de la pobreza y no reproduzca espacios desiguales, centrados en el consumo y la productividad.

Palabras clave: cuidados, redes comunitarias, integración socio urbana, barrios populares, movimientos sociales.

O QUE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA TEM A VER COM A GEOGRAFIA E O FEMINISMO?

Mesa temática: 30 - Prácticas, discursos, debates y reflexiones desde los feminismos en diálogos con las Geografías.

Tipo de apresentação: Poster

*Silva, Noelma Dutra da¹⁸
Medeiros, Rafael Marrocos¹⁹*

Nos últimos anos com a globalização estando cada vez mais presente em cada parte do planeta e o meio-técnico-científico-informacional avançando, temos ainda mais acesso a outras culturas, o que antes só era possível para os viajantes, antropólogos, etc. Sendo assim, estamos cada vez mais conhecendo e tendo acesso a outras culturas, direta e indiretamente. O objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão no diálogo que existe entre os Direitos Humanos e a geografia e para essa reflexão é enfatizado o caso específico da mutilação genital feminina (MGF). Uma vez que existem grupos voltados para os direitos humanos totalmente a favor de interferir nessas culturas e logo, interferir nessas práticas. Destaca-se como principais referenciais teóricos, Harvey (2004), Palhares e Squinca (2013) e Gomes et al (2018). A mutilação genital feminina (MGF), que será vista neste trabalho, como podemos ver em Palhares e Squinca (2013), incide num conjunto de práticas feitas por alguns grupos culturais, apresentando diferenciadas técnicas, estando sempre envolto de práticas bem antigas (datando de mais de seis mil anos) e também oriundas de religiosidades variadas. A prática é realizada em povos distintos e em diversos países. E perpetua até hoje, como salientam Palhares e Squinca (2013). Segundo uma reportagem na ONU News, de fevereiro do ano passado, a Mutilação Genital Feminina (MGF), é considerada uma violação aos direitos humanos. Contemporaneamente, sendo praticada em mais ou menos trinta países no mundo todo. O continente africano é onde se concentra grande parte de tribos e comunidades rurais praticantes dessa ação. Porém, existem relatos também em países da Europa, América Latina entre outros. A situação é tão grave que se marcou 6 de fevereiro como o “Dia Internacional da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina”, com a intenção de chamar a atenção sobre os problemas da prática e buscar apoio para seu fim. Ademais é evidente na prática da MGF a questão de desigualdade de gênero. Ainda segundo a reportagem da ONU News, por vezes a prática é efetuada para controlar a sexualidade feminina. Há casos que é uma condição para o casamento e ainda pode estar ligada ao casamento infantil. Percebe-se, desse modo que ao se falar de Mutilação Genital Feminina, vemos muitos elementos da geografia envolvida nesse tema, com os conceitos de lugar, com práticas culturais que marcam identidades locais; espaço, como as culturas mudam de acordo com cada espaço geográfico; como migração, cada vez mais comum no mundo globalizado; território, como certas práticas culturais marcam os territórios; etc. E também muitos elementos do feminismo, pois aborda as questões de linguagem, religião, governo, tradição, símbolos, significados. Ademais, além de abordar a cultura, trata também da espacialidade. Cada parte desse mundo tem sua própria história e geografia, algumas ainda ocultas e muitas sendo nos reveladas, principalmente

¹⁸ Mestranda em geografia cultural na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), licenciada em geografia com ênfase em Meio Ambiente (UERJ). noelmadutra@gmail.com

¹⁹ Licenciado em geografia com ênfase em Meio Ambiente (UERJ). Professor da rede de ensino privada de Duque de Caxias. marrrocos@hotmail.com

com o avanço da globalização. E a geografia tem também essa tarefa de apreender e compreender as dimensões da diversidade humana no espaço. Na geografia esses lugares são a pausa do espaço segundo Tuan (2013). Por conseguinte, é irrefutável que todo o corpo seja de qualquer lugar ou tempo, sempre mostra de uma forma ou de outra a cultura a qual o indivíduo está inserido e principalmente a mulher. Mulheres que não tem voz onde a MGF acontece, onde seu corpo todo também é silenciado. Vemos a todo instante que o corpo feminino é onde mais está evidente essas questões. A MGF é defendida pelas comunidades que as praticam como tradição, ritual e até cultura. Mas, se trata de uma violência contra o corpo e a vida de milhares de meninas e mulheres, há séculos. Que ficou oculta para o resto do mundo, por muito tempo. Em alguns casos a mulher não tem escolha, o ato é praticado quando ela ainda é criança, como a MGF e o furo para o brinco. Em outros casos, a pessoa é moldada pela cultura em que está inserida é como o pé de lótus. E por vezes a mulher é cobrada pela sociedade como o pescoço de girafa. Direta e indiretamente a mulher é posta para seguir uma cultura imposta, como a cultura da beleza, que a coloca a fazer procedimentos, que podem pôr em risco sua própria vida como a lipoaspiração. Em algumas mentes, um ato não pode ser comparado a outro. A cultura do outro é um absurdo, já a que estamos inseridos é totalmente normal. Porém as formas, os casos, os rituais estão postos em todos os lugares e muitos colocando em risco a saúde e a vida humana. Já que a globalização também contribuiu para que a MGF se espalhasse pelo mundo, seguindo esses povos em suas migrações. A globalização, também precisa ser usada para combater essa prática violenta. Principalmente a tornando visível, para todos, por meio das redes sociais, programas de televisão, o tema necessidade ser publicado e discutido em livros, artigos, teses, etc. Nós produzimos o espaço que nos reproduz, ou seja, se torna uma dialética, pois a MGF é uma prática de séculos, baseada em explicações que decorrem dos mitos, que acabam se tornando um meio para formalizar a dominação, a imposição, a subordinação ao corpo do outro e que nos dias atuais devido a globalização da informação possibilita o encontrando com outras culturas e gêneros de vida e que provocam a indignação com relação a essa prática, pois não deixa de ser uma atividade vista como cultural, porém baseado na violência como meio para a realização. E lembrando sempre que a nossa maior guerra é contra os discursos fanáticos que nos pregam desde que nascemos.

Palavras-chaves: Feminismo, Geografia, Mutilação Genital Feminina.



MESA 31

MESA 31: GEOGRAFÍAS TRANS, TRAVESTIS Y NO BINARIES

Coordinadorxs: Fernández Romero, F., Butierrez, M. y Torres Rodríguez, M.

MESA 31: GEOGRAFÍAS TRANS, TRAVESTIS Y NO BINARIES

*Coordinadorxs: Fernández Romero, F.¹,
Butierrez, M.² y
Torres Rodríguez, M.³*

Desde mediados del siglo XX las personas trans, travestis y no binaries han sostenido procesos de organización y demanda política que permitieron problematizar la presunta naturaleza biológica de la identidad sexual. Paralelamente estas demandas dinamizaron el campo académico dando lugar a los Estudios Trans, cuyo desarrollo producido por científicxs y activistas trans destaca hace tres décadas en la región. Sin embargo, desde la Geografía han sido poco abordados los modos de vida, activismos y desarrollos teóricos del colectivo, en comparación con la proliferación de investigaciones que incorporan las teorías feministas, queer o gay-lesbianas en el estudio de las vidas y organizaciones políticas de gays, lesbianas y/o mujeres cis.

Invitamos a la presentación de ponencias que aborden espacialmente las vidas y prácticas de personas trans; la producción de comunidad y transformaciones sociales; procesos de exclusión/inclusión; prácticas de movilidad; etc. También se consideraran aquellos trabajos que exploren los modos en que el espacio participa de (re)producir o cuestionar la transfobia y el cissexismo. Considerando la relevancia que ha tenido en este campo el encuentro entre las perspectivas militantes y académicas, alentamos especialmente la presentación de propuestas realizadas desde o con personas, colectivos o teorizaciones trans, travestis y no binaries.

¹ Universidad de Buenos Aires y CONICET, Argentina

² Universidad Nacional de Salta, Argentina

³ Universidad de Chile

GEOGRAFÍA, ESTADO Y EXISTENCIAS TRANS EN ALGUNAS NOVELAS Y CUENTOS DE LA LITERATURA ARGENTINA Y BRASILEÑA. SIGLOS XIX-XXI

I Acevedo⁴

¿Es la errancia una condición de posibilidad para la existencia de personas trans? ¿Cómo las dinámicas de biopoder arbitradas por el estado nación se relacionan con la geografía y qué efectos tiene esto para la existencia de las personas trans? Estas preguntas guiarán el recorrido a través de las novelas *Gran Sertón: Veredas*, de Guimarães Rosa, *Río de las Congojas*, de Beatriz Demitrópulos, *El beso de la mujer araña*, de Manuel Puig, *Las malas*, de Camila Sosa Villada y “*Saco de huesos*”, (cuento) de Eduardo Holmberg, a través de los siglos XIX a XXI. En cada uno de estos textos, tanto el argumento del relato como las vidas de las personas trans están fuertemente ligadas a territorios y espacios urbanos y rurales cuya configuración se relaciona con biopolíticas específicas.

Este trabajo será la oportunidad de dar revisión a un eje largamente trabajado en la historia de la literatura argentina, el eje “campo-ciudad”, tradicionalmente asociado a los problemas de la representación de la otredad (orquestada en Argentina en la tríada indixs, gauchxs y clase obrera). Incorporaremos entonces las identidades trans a este eje campo-ciudad para aportar la siguiente hipótesis: el problema de la representación, es decir, el hecho de que ninguna otra persona debería hablar por otra que porta una identidad diferente, tal como lo planteamos en estos días respecto de nuestras identidades, es una inquietud que ha sido una constante a lo largo de la historia de la literatura argentina. Sin embargo, recién en la actualidad, es decir, a comienzos del siglo XXI serán las minorías las que tomen la voz en este debate, que hasta el momento había sido dado, dentro del campo literario, por sujetos con mayores privilegios que los representados.

Dado que el origen nacional de la literatura argentina escrita se da en un contexto en que el romanticismo se inserta como la estética capaz de garantizar la autonomía de una literatura, nacional a partir de la descripción de un paisaje nacional, el trabajo con la “naturaleza” ha venido a conformar un eje a través del cual se establecen parámetros críticos en un incipiente campo literario en donde la literatura aún no es autónoma. Es así que a lo largo de la historia, será el trato que se le da en un texto a la naturaleza (o no) es uno de las zonas en las que se detendrá la crítica para valorar a unx autorx, y es por eso que también la zona de “la naturaleza” y la zona de “la ciudad” son aquellos espacios sensibles a la estéticas, estéticas entendidas como espacios donde las apuestas estéticas se relacionan con ideologías y luchan por imponerse. Por tal motivo, el trabajo con los espacios naturales y urbanos es de suma productividad en nuestra literatura, pero esta productividad estará puesta en esta oportunidad en relación con las identidades trans que aparecen en estas novelas.

Durante el siglo XIX, el territorio conceptualizado como “desierto” tanto en Argentina como Brasil, aparece en las novelas como un espacio desarticulado e inestable, donde el Estado moderno representado por los ejércitos ha hecho ya su aparición totalizante a la hora de exterminar población indígena, pero no así el resto de las instituciones modernas: escuela, hospital, y discursos científicos. Es allí donde buscaremos el florecimiento de lxs personajes que transicionan en *Gran Sertón Veredas* y *Río de las congojas*. ¿De qué manera la errancia en un espacio donde la violencia propicia los movimientos de los personajes permite que pueda subsistir su identidad? ¿Cuáles son los refugios que amparan y

⁴ Él. Contacto: iacevedoba@gmail.com. Área de estudio: Literatura

posibilitan esa identidad?

Un poco más adelante, en 1896, el primer cuento policial de la literatura argentina, “Saco de huesos”, escrito por Eduardo Holmberg, nos presentará ya, en pleno espacio urbano de la Ciudad de Buenos Aires, en la Facultad de Medicina, a Clara, una travesti asesina serial, que se dedica a seducir y a asesinar a estudiantes de medicina, inoculándoles una droga ecuatoriana que los seda, y luego de muertos, les roba un hueso de su costilla. Holmberg, quien ha disertado acerca de la teoría de la evolución de Darwin causando conmoción en la época, inaugura así el género que trabaja con el espacio urbano donde la ley y la justicia del sistema capitalista están en cuestión. Es en un espacio urbano, y en un contexto del discurso médico donde aparece esta travesti en la literatura policial.

Hacia 1960, junto con el boom, el espacio de la “naturaleza”, ya ligado a lo latinoamericano y su exotismo, vuelve a ponerse en el centro de la escena. Es en aquella época que Beatriz Demitrópulos escribe *Ríos de las congojas*, una novela de estilo faulkneriano que se ambienta en el siglo XVII y nos traerá también la fuga de un personaje trans que, tras una larga deriva por el río Paraná se refugia en el ejército para no ser encontrado.

Es también, durante los años cincuenta en Brasil que Guimarães Rosa ambientará su inmortal obra *Gran Sertón Veredas* en los sertones, el espacio agreste y virgen, cuasi utópico en que encontramos a Riobaldo, el jagunzo que le cuenta a un letrado de sus andanzas por el sertón y allí aparecerá Diadorim, el joven jagunzo trans.

Gran Sertón Veredas pone en escena un mundo en la naturaleza donde existen una serie de leyes paralelas a las del mundo civilizado. Es oportuno que se analice desde la crítica las implicancias de este sistema de leyes paralelas en este entorno natural en relación a la identidad trans de Diadorim.

Poco después, en 1976, Manuel Puig publica en México *El beso de la mujer araña*, novela que invierte por completo el mandato “de la naturaleza” del boom: localizada en un cuarto cerrado de una celda, la novela es un diálogo entre un militante de izquierda preso por sus ideas políticas y una marica presa por homosexual. Al final de la novela la marica asumirá su identidad femenina, pero paga el costo de enamorarse del militante, y muere acerbillada en una acción que el militante le había solicitado, en el centro de la ciudad, a poco de salir de prisión. Esta fuga de la moral cisheterosexual en el centro de una prisión es una de las grandes novelas argentinas que es preciso releer en esa clave: en qué medida la cárcel, como “no lugar”, la cárcel como lugar negado a la circulación, la cárcel como lugar privado, posibilitaba esa fuga?

Ya en el siglo XXI asistimos por fin, al leer *Las malas*, de Camila Sosa Villada, a una novela sobre travestis escrita por una persona trans. Allí la relación entre el espacio y la posibilidad de vivir está muy clara desde las primeras líneas. Cuando el encuentro en comunidad de las travestis que hacen la ronda en un parque de Córdoba, y por ende, su trabajo sexual, se ve interrumpido por los edictos policiales, el drama se volverá aún más crudo. Encerrada entonces entre cuatro paredes, en un cuarto alquilado, la narradora comenzará a escribir la historia, como si estuviera replicando una vida que ya no podía vivirse en tanto y en cuanto las calles, y el espacio público no se podían transitar.

Si el género novela comienza con *Don Quijote* y *Sancho* y con las caballerías, es decir, con personajes que transitan, que deambulan por fuera del pueblo, si la estructura prototípica de la novela es el viaje, es decir, un ir, un salir de casa y volver para contarlo, ¿cuál es el volver a casa de las vidas trans que transitan en estos espacios? Si la progresión prototípica de una novela es también la del ascenso social, la del desarrollo de un personaje que se mueve de lugar (a través del territorio, a través de la clase social, también, en ascenso), cuál es el ascenso de los personajes trans de estas novelas, o mejor dicho, cuál es su fuga y qué relación hay entre esa fuga y el espacio?

Centrarnos en estos personajes trans y en los espacios que habitan, a través de estas preguntas, nos

permitirá aportar un conocimiento particular no solo a la historia de la literatura argentina y también a la investigación acerca de nuestras identidades.

Palabras clave: travestis, trans, geografía, estado, literatura argentina del siglo XIX, XX y XXI, literatura brasileña del siglo XX, novela, cuento policial.

TRAVESÍAS ATRAVESADAS: PRÁCTICAS DE MOVILIDAD DE TRAVESTIS EN LOS VALLES CALCHAQUÍES (SALTA, ARGENTINA)

Marce Butierrez⁵

En el campo de las representaciones toda población está inscrita en un paisaje, adherida a ese escenario en donde sus vidas son imaginadas como naturales, homogéneas y al margen de la historia. Las travestis han sido siempre pensadas allí, en las fronteras, apartadas de los procesos sociales de la Argentina, desprendidas de sus regiones, tradiciones y relatos. Cuando se las piensa, se las inscribe en la noche, a la vera de las rutas, en los parques oscuros, dedicadas a aquellas tareas que ninguna otra mujer aceptaría, habitando cuerpos fantásticos pero insostenibles. Cualquiera que haya salido en busca de una travesti, conoce donde es más probable oír sus aguardentosas voces y sus estridentes desnudeces: las márgenes de las ciudades, las horas olvidadas de la noche.

De igual modo, ciertas regiones se piensan como un cúmulo de objetos y personajes. Los escudos y banderas de las ciudades condensan aquellas representaciones: los colores típicos del horizonte recorridos por la fauna del lugar, los productos característicos de su agricultura e industria y una franja de laureles que representa su historia política reciente. Los discursos elaborados desde el turismo producen visual y narrativamente formas de pensar y transmitir los paisajes en cuyo enfoque determinados elementos del entorno social, natural y cultural son convertidos en patrimonio de una región. Los Valles Calchaquíes son pintados con los tonos ocres de una tierra rojiza de accidentada geografía, son decorados con los estilos geométricos y zoomorfos de las cerámicas precolombinas e iluminados con el intenso sol que pinta de morado sus vides. Tierra del sol y vino, territorio de tradiciones y costumbres, paisaje colonial de casitas bajas y blancas como la cal. Un valle donde el tiempo se ha quedado dormido. ¿Qué lugar habitan entonces las travestis?

En la constitución de estos espacios como unidades cerradas y discontinuas han intervenido de modo activo las disciplinas dedicadas al estudio de lo social. Las experiencias de las ciudades y las zonas rurales han sido problematizadas como claramente distintas, signadas por procesos productivos, históricos y políticos de diferentes dimensiones y características. Campo y ciudad son pensadas como unidades con valor explicativo, que guardan una relación de reciprocidad entre sí, que son continente o contenido, enclaves de diferentes dimensiones. Las disciplinas han pensado sus límites y fronteras, han dibujado en mapas sus contornos y determinado las vías a través de las cuales estas se conectan, sin fundirse. De igual modo, los límites entre la identidades cis y trans, la heterosexualidad y la homosexualidad, lo normal y lo patológico, se ha construido como territorios infranqueables que guardan entre si una distancia que las define. ¿Qué hay entre medio?

En esta ponencia la apuesta es por convertir estas categorías en un territorio fluído y pensar las experiencias trans* de los contextos no metropolitanos desde una nueva óptica que incluya el tránsito, desplazamiento, migración y movimiento de objetos, discursos y personas entre las categorías espaciales tradicionalmente delimitadas como campo y ciudad. Desde la perspectiva de los mobility studies, la propuesta es revisar al menos dos aspecto problemáticos de los estudios trans* de la última década: la concepción teleológica que se tiene sobre los modos en que las travestis han habitado y transitado una amplia diversidad de espacios que van desde sus localidades de origen hasta los principales centros

⁵ Universidad Nacional de Salta - butierrezmarce@gmail.com

urbanos europeos y el escaso análisis sobre la forma en que esta experiencia diaspórica (aunque no necesariamente unilineal) se materializa en sus cuerpos y biografías.

La perspectiva sobre la movilidad nos permite reconstruir todos estos aspectos existentes entre medio de dos puntos distanciados en la geografía y la experiencia corporal y social de las travestis. Los estudios sobre la movilidad se han constituido en las últimas décadas como un campo de indagaciones que lejos de detenerse a observar la forma en que las personas se desplazan entre distintos lugares, se interesa por los modos en que se produce una experiencia de lugarización durante estos desplazamientos. Es decir, que la experiencia de trasladarse de un punto a otro que siempre había sido pensada como el viaje o el tránsito entre lugares - por ejemplo, el lugar de trabajo y el lugar de residencia- empieza a conceptualizarse como una experiencia en sí misma, en donde se produce espacialidad, en donde se encarnan historias y por sobre todo donde se producen modos sociales, económicos y culturales con que cada sociedad se entiende a sí misma.

El giro de la movilidad llama la atención sobre la necesidad de abordar y conceptualizar qué sucede durante los viajes, los modos de pensar, hacer y sentir que se disputan en esas experiencias. De este modo, los estudios sobre la movilidad permiten reconstruir en el viaje una experiencia social, que llena de sentidos espacios y narrativas que habían sido pensadas como vacías, como escenario de la alienación y la despersonalización. El concepto de “no-lugar” con el que fueron pensadas las autopistas, las estaciones de transportes, las aduanas y distintos sitios de paso impide captar la forma en que estos intervienen de modo activo en la vida social de las comunidades.

Un punto de particular importancia a los efectos de este trabajo será comprender el modo en que los estudios sobre la movilidad incorporan a la corporalidad dentro de sus análisis. Las prácticas de movilidad se encarnan en los cuerpos, generan una disposición especial, la experiencia de viajar trastoca los límites de la privacidad, genera una intimidad y cercanía entre quienes experimentan esas experiencias, abre nuevas fronteras y pautas. Los traslados constantes, la trashumancia, las condiciones en las que se producen las migraciones tienen efectos distintos en los varones, las mujeres y en las corporalidades sexo-disidentes.

Movilizarse es un modo de habitar el mundo, es una experiencia particular por la cual se discurre, pero a la vez se está inmerso. La comprensión de esta experiencia hace posible mirar como ese espacio considerado marginal, secundario y relegado a una cápsula dentro de los estudios sociales, es un sitio de enorme complejidad que pueda darnos pistas sobre múltiples sentidos. En las cuestiones de género, el giro de la movilidad hace posible comprender cómo nuestra sexualidad y nuestro cuerpo habitan los desplazamientos espaciales de modo distinto, ya no sólo reflexionando sobre los privilegios de los varones en el uso del espacio público, sino además evidenciando cómo las distintas experiencias sexo-genéricas utilizan la experiencia del viaje, el desplazamiento, las mudanzas y los traslados espaciales de un modo particular en donde se entrelazan sentidos sobre las libertades, la conquista de derechos, las luchas sociales, la independencia, etc.

Aunque los estudios sobre movilidades han centrado sus análisis en la experiencia urbana y en las formas en que la ciudad se produce en los desplazamientos que dentro de ella se realizan, es importante considerar como un análisis de la movilidad nos permite permear fronteras entre espacios y romper las barreras que disciplinariamente se han creado para pensar el campo y la ciudad. Si para las ciencias sociales estos espacios se han pensado como claramente distintos y distantes, o al menos interconectados por prácticas regulares y específicas, la movilidad nos permite observar devenires que dan fluidez a esa fronteras y nos permiten entender los modos en que campo y ciudad se conjugan en una sola materialidad porosa.

Palabras clave: movilidades, travestis, sexualidad, fronteras sexuales, espacialidad.

EN CANDOMBLÉ, ¿QUIÉN ES HOMBRE Y QUIÉN NO? PRÁCTICAS DISCURSIVAS DE HOMBRES TRANS

Dan Kaio Lemos⁶

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender el encuentro y la relación entre la religión afrobrasileña Candomblé y las prácticas y vivencias de los hombres trans que frecuentan o son seguidores de esa religión. También busco narrar estas prácticas y vivencias religiosas de hombres trans en candomblé y señalar la posible discriminación que experimentan estas personas en estos espacios - y, aquí, hablo de territorio -, que muchas veces se reproducen en sus narrativas de heteronormativo, cisnormativo y posiciones biologizantes. ¿Es posible ser un hombre trans en candomblé? Siendo un hombre trans, ¿es posible experimentar y transitar en espacios masculinos? ¿Es posible ser un hombre trans y ser un babalorixá? ¿Es ogã o ekédi?

Resumo: Este artigo tem por objetivo entender o encontro e o relacionamento entre a religião afro-brasileira do candomblé e as práticas e experiências dos homens trans que frequentam ou são adeptos dessa religião. Busco também narrar essas práticas e experiências religiosas de homens trans no candomblé e apontar possíveis discriminações vivenciadas por essas pessoas nesses espaços – e, aqui, falo de território –, que muitas vezes são reproduzidas em suas narrativas de posições heteronormativas, cisnormativas e biologizantes. É possível ser um homem trans no candomblé? Sendo um homem trans, é possível vivenciar e transitar nos espaços masculinos? É possível ser um homem trans e ser um babalorixá? Será ogã ou ekédi?

Enití ó tó aiyé wó – Uno que vino a experimentar el mundo

El presente estudio analiza la identidad de los hombres trans en candomblé para comprender la subversión de las normas de género y la construcción y / o deconstrucción de la normatividad. Intento entenderlos como una construcción histórica y cultural, correlacionando comportamientos, lenguajes, performances, performatividades, creencias y normas. Dentro de este escenario, traigo hechos relacionados con la historia de mis amigos / interlocutores, así como mi propia experiencia de vida, que considero importante para entender las definiciones y explicaciones que se tejieron en las artes de vivir. Algunos nombres de los interlocutores son reales; en algunos casos, sin embargo, se han adoptado seudónimos, debido a que no es posible exponer la identidad y la vida de algunos encuestados, debido a cuestiones íntimas que presentan durante la recolección de datos.

“No entras candomblé, el candomblé que te entra” - Akéré finú sogbón

La frase con la que comienzo este apartado es una frase muy hablada y ampliamente escuchada entre los seguidores del Candomblé como fuente de inspiración y convicción para este encuentro religioso. Quisiera empezar por problematizarlo y presentarlo a la luz del psicoanálisis, que habla de una motivación humana ejercida a través de la fe. Lo pregunto así: si es candomblé lo que te entra, y cuando ese

⁶ Homem transativista dos Direitos Humanos, Consultor do Instituto de Raça, Igualdade e Direitos Humanos (AMÉRICA LATINA), Mestrando em Antropologia pela UFC UNILAB/CE, Professor, Especialista em Estudos de Gênero, Sexualidades e Direitos Humanos pela UFC/CE, Bacharel em Humanidades (UNILAB), Bacharel em Antropologia (UNILAB), Presidente da ATRANSCE (Associação Transmasculina do Ceará) e Coordenador Nacional do IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades). E-mail: kaiolemosunilab@gmail.com

“tú” es una persona trans - específicamente un hombre trans, el tema de este estudio - ¿entonces está entrando candomblé en este hombre trans? En otras palabras, por esta lógica -que es el candomblé el que te entra y no tú el que entra el candomblé-, ¿quién debería adaptarse a la situación? ¿Sería la religión la que tendría que adaptarse a las prácticas y experiencias de los hombres trans o los hombres trans que tendrían que adaptarse a las prácticas y vivencias religiosas del candomblé? ¿O ambos?

Ante este escenario, me gustaría entrar en la discusión relacionada con los procesos de performatividades (BUTLER, 2003a) planteando que los hombres trans presentan performatividades de género masculino, y que, incluso dentro de este binarismo, son desplazados del modelo normativo binario, mejor conocido como “masculino”. Según Butler (2003a), existe una construcción social y cultural instituida por el poder normativo tanto de las sexualidades como del binarismo biológico relacionado con las identidades de género.

En los límites de la medida cautelar y / o en el umbral de la medida cautelar

Arnold Van Gennep (2018), en *Os ritos de pasaje*, presenta el escenario de liminalidad o procesos de reintegración social, así como Victor Turner (2005), en *Forest of Symbols: Aspects of Ritual Ndembu*, también habla de liminalidad, sus características experimentado por los ritos y lo que él entiende como posibilidades de transformación social. Los enfoques teóricos buscan comprender esta lógica, estas realidades marcadas por los procesos de dualidades o dicotomías a través de las relaciones sociales, que siempre están en conflicto dentro de las estructuras. Sin embargo, según la observación de Turner, también se analizan procesos contradictorios. También según el autor, el concepto de liminalidad busca comprender características evidenciadas por los ritos establecidos dentro de las estructuras, que se oponen a las realidades sociales, pero generan procesos de “transformación social”, provocando “crisis” en las prácticas discursivas. Las performances y performatividades son parte de estos conflictos evidenciados por la liminalidad, y van en contra de la ruptura del “ser natural” social, modificando las estructuras.

“Soy de candomblé y candomblé está en mí”: interpretando símbolos a través de la etnografía

Como pretendo comprender el encuentro y la relación vivida entre candomblé y las prácticas y vivencias de los hombres trans, entiendo que, para este trabajo, es necesario un método de investigación etnográfica que tenga características específicas. Decidí analizar, en medio de la gran diversidad de temas relacionados con la religión, esta relación religioso / identitaria participando en encuentros, viviendo y compartiendo estos procesos, realizando visitas domiciliarias y visitas a los terreiros momentos en los que, sentado en una cama o tomando un café en la cocina, yo y mis amigos / interlocutores para compartir estas experiencias.

Conclusión

El intento de comprender el funcionamiento de las prácticas de sociabilidad de los hombres trans en las relaciones espirituales dentro del Candomblé terreiros con las deidades e iniciados, producido en esta investigación, muestra que estamos insertos en una compleja red de sociabilidad vivida constantemente en torno a la normatividad biológica de género. y la normatividad heterosexual de las sexualidades, y la gran dificultad de mantenerse en el sistema social y religioso.

Palabras clave: hombres trans; Religión afrobrasileña; Candomblé; Performatividad

Palavras-chave: Homens trans; Religião afro-brasileira; Candomblé; Performatividade.

APROXIMACIÓN A LAS ESPACIALIDADES DE LAS IDENTIDADES TRANSMASCULINAS NO BINARIAS EN AMÉRICA LATINA

Ovi-Laura Oviedo Castrillón⁷

La producción de contenido audiovisual y de imágenes en la red social de Instagram como en la plataforma de YouTube ha posibilitado que hombres trans de América y Europa, especialmente, produzcan unas memorias corporales de sus tránsitos, a partir de la producción de lo que denomino geografías para existir en la diferencia. Este concepto alude, primero al acto político de nombrarse públicamente como hombre trans o persona No Binaria (NB, de ahora en adelante), y señalar la posibilidad de su existencia. Segundo, es recorrer visualmente sus formas, volúmenes y zonas de generización donde se llevan a cabo las marcas del poder en el cuerpo, y finalmente, porque es una manera de desencarnar lo digital como algo externo a la materialidad de los cuerpos y nuestras experiencias cotidianas. Lo anterior, implica reflexionar sobre las relaciones entre cuerpos-espacios, tecnologías y políticas públicas en la construcción de sus devenires identitarios y corporales. Estos han implicado cuestionar la cisheteronormatividad, incluso de las instituciones del Estado por el reconocimiento y autonomía de sus cuerpos, según el contexto geopolítico que habitan, aunque tengan alcance global.

En este trabajo se analizará la participación en los espacios de Instagram, especialmente, y de YouTube, a partir de la experiencia de dos hombres trans colombianos y dos personas transmasculinas NB, unx en México y otrx en Argentina. Para el caso de Colombia, son Martín Transmutante y Hugo Martín, ellos emergieron casualmente, en el contexto de una oleada de antiderechos por el proceso de la firma del Acuerdo de Paz entre el gobierno del ex presidente Juan Manuel Santos y las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo (Farc-EP)⁸ y la implementación de las cartillas de educación sobre población con orientaciones sexuales e identidades de género no normativas ordenado por la Corte Constitucional. Para el caso de la mexicana, Tefy inició haciendo vídeos en YouTube desde su posicionamiento como mujer lesbiana y ha devenido en persona no binaria, con amplio reconocimiento en la población LGBT de México y por fuera, y en Argentina, SaSa Testa como académica y activista quien lidera y es una voz relevante en el proceso por la exigibilidad del Documento Nacional de Identificación (DNI, de ahora en adelante) en el marco de la aplicación de la Ley de Identidad de género 26.743 de 2012. En todos los perfiles son personas que desde sus redes sociales digitales difunden, comparten y activan procesos políticos y estético-corporales de lo que va siendo la transmasculinidad No binaria en América Latina.

Por ello, formulo estas preguntas que orientan la investigación: ¿De qué manera los hombres trans y personas NB configuran espacios de activismo político en Internet? ¿cómo la infraestructura de Internet posibilita o censura espacios de visibilización y reconocimiento de los cuerpos transmasculinos y no binarios? ¿cuál es la relación entre espacios, subjetividades Transmasculinas y NB, y políticas públicas? Estas preguntas se abordarán desde la perspectiva de las geografías queer y de las disidencias sexuales y de género en América Latina, que implica entender cómo los cuerpos, que disienten de la cisheteronormatividad, y los espacios digitales se constituyen mutuamente, y de qué manera las experiencias en tránsito de las identidades de género, producen otros espacios en los contextos urbanos de

⁷ Universidad de Antioquia. Integrante del colectivo Red Popular Trans de Medellín, Colombia.

⁸ Ahora denominada Fuerza Alternativa Revolucionaria del Común (Farc), luego de su constitución como partido político legal.

las ciudades principales de América Latina.

Justamente, estos espacios de visibilización que están produciéndose en Internet no están al margen de la sociedad, sino que emergen y buscan hacerse públicos y representativos de una población que se va nombrando y organizando políticamente desde lo trans como desde lo NB, para una mayor incidencia en otros espacios como en las calles, instituciones educativas, laborales y judiciales. No obstante, hay que señalar que las experiencias de tres países Colombia, México, y Argentina, son diferentes por solo señalar el contexto jurídico en el cuál emergen las preguntas y acciones desde la población transmasculina y NB, pero la incidencia desde las redes sociales afecta la manera en cómo se producen las subjetividades y el activismo a nivel latinoamericano. Por ello, es clave una mirada multiescalar que va desde el cuerpo, las redes sociales digitales, las ciudades y la estructura de los Estados, al exigir el reconocimiento de la identidad de personas trans y de género diverso en sus documentos de identificación (CIDH, 2020).

Entre las demandas situadas geopolíticamente, el activismo digital, y las subjetividades de 4 sujetxs en particular, se llevará a cabo una etnografía móvil, que permita dar cuenta de las conversaciones establecidas con los hombres trans colombianos, y de la revisión de las publicaciones en sus plataformas de Internet. Esta presentación se dividirá en 3 momentos. Primero, se reseñará el contexto en el cuál emergen los discursos y la producción audiovisual de hombres trans en Colombia y las apuestas por acercarse a otras vivencias no normativas de sus tránsitos. Segundo, se buscará entender la co-constitución entre las identidades Transmasculinas y NB y los espacios de Internet, especialmente Instagram y YouTube como espacios de producción identitaria y de activismo. Tercero, se identificarán las implicaciones institucionales del activismo Trans y NB desde y en Internet, en el contexto político de sus respectivos países.

Se plantea que la producción de contenidos audiovisuales genera espacios de formación e identificación entre la población con identidades de género no normativas, que permiten crear geografías para existir en la diferencia, abriendo debates y haciendo cumplir las legislaciones vigentes en los países. A la vez, su activismo ha llevado a tener un alcance fuera de sus ciudades, lo que lleva a una solidaridad compartida de cuestionar y vivenciar sus cuerpos como primera geografía que se desea ajustar, ya sea a través del vestuario, de intervenciones biofísicas o lo que deviene en el reconocimiento y reivindicación de sus formas que permiten también criticar las normatividades sobre lo que “debe ser” un cuerpo trans y/o NB. Finalmente, la apuesta del tránsito del género interpela a la sociedad en su construcción binaria, no solo en el aspecto individual y subjetivo, sino cómo construir espacios y una infraestructura estatal que vea más allá del binario, pero que sigue anquilosada en tener el componente sexo como categoría que caracteriza a los individuos en las sociedades democráticas, por ejemplo.

Palabras Clave: Geografías queer, Activismo, identidades de género, Instagram

PROTOCOLOS DE PREVENCIÓN DE VIOLENCIA DE GÉNERO E IDENTIDADES TRANS TRAVESTIS EN ESCUELAS SECUNDARIAS

Mai Slipczuk⁹

En la siguiente ponencia abordaré los avances del trabajo de investigación “Protocolos de violencia de género en escuelas secundarias e identidades trans travestis” dirigido por Roberto Montenegro y co-dirigido por Ana Laura García que comencé a realizar en Mayo del 2018 como estudiante de la Lic. en Educación en la UNQ en el marco de la beca CiN.

Durante este primer período que duró hasta Mayo del 2020, formulé el problema de investigación de forma tal de poder acercarme a través de un abordaje comparativo de los protocolos existentes de prevención de violencia o discriminación por motivos de género en escuelas secundarias de CABA para luego realizar entrevistas en profundidad a protagonistas de la comunidad educativa de dos escuelas secundarias desde un enfoque etnográfico.

Las preguntas que buscaba contestar fueron:

¿Se implementan protocolos de acción contra la violencia de género y la discriminación por identidad de género u orientación sexual en las escuelas secundarias?

De ser así, ¿cómo fueron elaborados y de qué forma se implementan?

¿Contemplan estos protocolos las problemáticas de estudiantes trans travestis? ¿De qué modo lo hacen?

En una primera etapa, logré rastrear los protocolos existentes para escuelas secundarias en CABA, identificar de qué decreto nace cada uno, ordenarlos cronológicamente y analizar su contenido. Inicé el pedido de realización de entrevistas con dos escuelas secundarias y pude realizar algunas entrevistas dentro de la comunidad educativa. Sin embargo, en pleno proceso de entrevistar estudiantes y docentes comenzó el aislamiento preventivo y las escuelas pasaron a modalidad virtual.

Como docente, pasé a sentirme sumamente incómodo ante la idea de pedirle entrevista a las autoridades, a equipos docentes, a estudiantes, en medio de un contexto de tal incertidumbre que requirió en muchos casos la reinención de los espacios educativos y de contención.

Esto dio lugar a la segunda etapa de la investigación, ahora en FLACSO como miembro del núcleo “Vida cotidiana y escuelas” coordinado por Dora Niedzwiecki, y como estudiante de la Diplomatura “Políticas e Instituciones Educativas con Enfoque de Género” en febrero de este año.

La propuesta ante la situación de alerta que sigue atravesando la cotidianeidad escolar a raíz de la pandemia, es entrevistar a actores que acompañan e intervienen en el sistema escolar sin ser necesariamente comunidad educativa de una institución particular: referentes de programas socioeducativos, de espacios de defensa de la ESI, profesionales que trabajan con situaciones de violencia de género en adolescentes, capacitadorxs docentes, etc.

El camino recorrido

De lo trabajado hasta aquí puedo compartir algunas reflexiones. En principio, la urgencia de abor-

⁹ Comienzo esta investigación como estudiante de la Lic en Educación de la Universidad Nacional de Quilmes y becarix CiN por el Departamento de Ciencias Sociales. La continúo como parte del núcleo de investigación “Vida cotidiana y escuelas” del área de Educación de FLACSO, donde también soy estudiante de la Diplomatura “Políticas públicas e instituciones con perspectiva de género”.

dar la discriminación y la deserción del estudiantado trans travesti en las escuelas secundarias desde políticas educativas. La preocupación por el hecho de que aún con todos los avances en materia de Derechos (Ley de Educación Sexual Integral, Ley de Identidad de Género, acceso a hormonización) las escuelas secundarias aún no sean un espacio habitable para la comunidad trans travesti es el motor de esta investigación.

En segundo lugar, no me parece posible realizar un trabajo que aborde esta temática sin un marco teórico travesti trans que de cuenta no solo de las problemáticas que atraviesa la comunidad si no también de las soluciones, los conceptos, los relatos con que se construye, se nombra, se defiende. Buscando contrarrestar el flujo de violencia epistémica de la que ha sido objeto el colectivo históricamente, se proponen desde este trabajo como productoras con el presagio de que “travar el saber” implica una revolución educativa. Que debemos construir, como propone Marlene Wayar, un “nosotros” donde el pensamiento heterosexual, y binario no sea la norma.

El rastreo de protocolos, el abordaje comparativo de dichos documentos y las entrevistas que pude realizar me permiten acercar algunas reflexiones:

El reclamo de los protocolos comienza luego del primer “Ni una menos” en contexto de gran movilización y efervescencia en las escuelas secundarias ante la preocupación por la violencia machista. En diciembre del 2015 la UBA sanciona un primer protocolo donde se estipula que cada institución dependiente de la misma deberá generar su propia reglamentación para accionar ante “denuncias por violencia de género, acoso sexual y discriminación de género.”

Durante el 2018 se sancionan los protocolos los colegios universitarios y luego, los dependientes del GCBA. Aún habiendo logrado que los protocolos existan, el contenido de los mismos no estuvo exento de tensiones. Lo relevado en las entrevistas anticipa que la prevención de la violencia por motivos de género mueve fibras sensibles para las escuelas secundarias, sobre todo cuando son los adultos que la conforman quienes son puestos en la mira por tener actitudes violentas o discriminatorias.

El protocolo es un piso de acuerdos desde el cual partir, marca los límites de lo que no puede ser tolerado dentro de las instituciones educativa. Sin embargo, en los casos en los que se ha tomado como única medida parece haber habilitado el corrimiento de las autoridades junto a nuevas situaciones de violencia institucional. ¿Qué sucede cuando un docente es denunciado y se decide no activar el protocolo para “preservar su carrera”? La falta de formación (y en muchos casos de criterio) de las autoridades parece demostrar que no alcanza con la existencia de los protocolos, más aún si luego no van a ser respetados.

Las identidades trans y travestis están contempladas dentro de los títulos de estos documentos. Sin embargo, en ninguno de ellos son nombradas específicamente ni se contempla la particularidad de las situaciones que atraviesan, con un esquema de violencia que suele ser más institucional que individual.

Cómo seguir

Este recorrido aún se encuentra en construcción. A lo largo de este año avanzaré con las entrevistas que espero, puedan brindar un panorama más completo de cómo se ponen en juego los protocolos en las escuelas secundarias de la Ciudad de Buenos Aires. Terminada esa etapa de trabajo, me interesa poder dialogar con referentes trans travestis en lo educativo para pensar (en caso de que no sean estos protocolos) qué políticas públicas podrían acompañar la trayectoria escolar de la comunidad y evitar la deserción.

Palabras claves: protocolos, secundaria, trans, travesti, violencia.

“CARTOGRAFÍAS DE LA (DES)ATENCIÓN A LA SALUD DE TRANSMASCULINIDADES GESTANTES”

Andrés Mendieta¹⁰

La presente ponencia se escribe sobre la base del trabajo de investigación que realicé en el marco de mi tesis de maestría, en la que abordé las representaciones que la prensa digital argentina puso a circular en relación a la gestación de varones trans* entre los años 2008 y 2019. Es así, que a partir del análisis de un corpus compuesto por publicaciones de medios digitales entre los periodos antes nombrados, me propongo problematizar la violencia normativa y la (des) atención a la que se enfrentan los varones trans* que deciden llevar a cabo una gestación o la planifican.

El periodo seleccionado recoge una peculiaridad, el 14 de marzo del 2008, Thomas Beatie, quien es considerado como “el primer hombre embarazado” publicaba en la revista norteamericana LGBTI+ “The Advocate” la nota *The labour of love* (La labor del amor) en la que daba a conocer internacionalmente su embarazo. Asimismo, en el año 2012 se aprueba en Argentina la Ley de Identidad de Género No 26.743, que en materia legislativa es considerada una ley pionera y de vanguardia mundial, por concebir la identidad de género en el marco de los Derechos Humanos. La muestra finaliza en el año 2019, puesto que luego del debate por la Interrupción Voluntaria del Embarazo (2018) surgieron nuevos discursos en torno a la posibilidad de gestar de otras corporalidades por fuera del espectro femenino, lo que dio como resultado que el año siguiente (2019) los medios visibilizaran más gestaciones transmasculinas y las dificultades que tienen en el acceso a derechos sexuales, reproductivos y (no) reproductivos.

Recuperando las tesis de Walks (2018), Cabral (2008, 2011), Cano (2019) y Sues (2014), problematizare el modo en el que el dispositivo médico – principalmente el ginecológico – opera desde su matriz hetero – cis – normativa, disciplinando y produciendo una distribución diferencial de la precariedad en el acceso a la salud para las transmasculinidades gestantes, poniendo énfasis no solo en la (des)atención por parte de lxs profesionales de salud, sino también, en como operan otros dispositivos/mecanismos que han sido poco explorados y que también se presentan como barreras a la hora de acceder a la salud reproductiva de manera integral: (des)tratos en salas de espera, dificultades y prácticas cissexistas/patologizantes al momento de registrarse para acceder a un turno y/o falta de acceso a políticas públicas vinculadas a la planificación familiar.

Al mismo tiempo sostendré que, a pesar de que la Ley de Identidad de Género Argentina (2012) no exige modificaciones biotecnológicastransicionales como condición para el reconocimiento de la identidad de género, como así tampoco intervención judicial, las instituciones médicas continúan estableciendo mecanismos que organizan y disciplinan los cuerpos trans* desde una perspectiva binarista, cissexista y patologizante. Si bien esto se traduce en un incumplimiento de la normativa vigente, y por lo tanto una práctica ilegal, un importante número de varones trans* gestantes manifestaron que lxs profesionales de la salud les han solicitado que declaren malestares sobre sus propios cuerpos, les han señalado la “incongruencia” entre la gestación y la masculinidad, como así también, les han remarcado que como personas trans* deben rechazar sus genitalidades y/o deben negarse al placer físico y/o sexual. Estos discursos que se establecen como un “marco regulatorio de la transexualidad” (Radi,

¹⁰ IDAES-UNSAM/UNTREF - amendieta@untref.edu.ar

2007) no sólo vulneran y dificultan el acceso a la salud reproductiva como un derecho humano, sino que busca eliminar cualquier “espacio intermedio” una vez que la identidad ha sido asumida. En otras palabras, intima a las personas trans* a responder a la matriz de inteligibilidad sexo genérica (Butler, 1999) que insiste en establecer una “coherencia” (claramente cisheterosexual) entre sexo – género – cuerpo y deseo. Por lo tanto, desde esta perspectiva, un varón trans* debería – debe - renunciar a sus capacidades de gestar.

Estos discursos y prácticas normalizadoras/normalizantes/disciplinantes, avalados por una historia de patologización inaugurada por la medicina hegemónica, tienen un fuerte impacto en las subjetividades trans* gestantes y en las que deciden gestar. No sólo porque dificultan y/o imposibilitan el acceso a los servicios de salud y/o en ocasiones hasta lo impiden, amparándose en que el deseo de gestar es incongruente con el “diagnóstico de transexualidad”. Sino también, porque gestar o desear hacerlo como una subjetividad transmasculina en una sociedad heterocisnormada y cissexista que te invisibiliza, castiga, disciplina o niega el derecho a la planificación familiar genera una enorme frustración y angustia.

Palabras clave: transmasculinidades, gestación, justicia reproductiva

¿CISEXISMO, ESTÁS AHÍ? UNA REVISIÓN CARTOGRÁFICA DEL NIVEL INICIAL

Julieta Repetto¹¹

Entrar al jardín. Esa felicidad de saberse con pares con quienes jugar, charlar, construir, discutir, abrazar, invitar. Una maestra que mira, cuida, enseña, propone, invita, nombra.

Llegar a la sala. La maestra pide que saquen el cuaderno de la mochila y se sienten en la ronda. Van llegando niñeces. Se sientan en ese ritual del saludo. La maestra empieza a cantar “En un barco de melones van llegando los varones y los voy a saludar, hola chicos, ¿Cómo les va?”. Algunas niñeces responden con entusiasmo “Bieeen”. Entre ellas está Mar. La maestra le dice “A vos todavía no te saludé. Esperá que ahora viene el saludo a las nenas”. Sigue la maestra: “En un barco de florcitas van llegando las nenitas y las voy a saludar, hola nenas, ¿Cómo les va?”. Quienes no habían respondido antes, lo hacen ahora “bieeeeeeen”.

La maestra cuenta que hoy es un día especial. Hay un festejo doble. Invita a mirar la cartelera. Hay doce globos, uno por cada mes. Los globos tienen distintos colores. Dentro de cada globo, están los nombres de quien cumple. Señala el globo de marzo: Hoy cumplen Joaco y Guada. Son mellis. Joaco tiene su nombre escrito en celeste, como los varones. Guada, su nombre en rosa, como las nenas. Les cantan el feliz cumpleaños. La maestra les dice que espera tengan un hermoso día.

¿Alguien quiere contar algo antes de que llegue el profe de ed. física? Amalia dice que ella tiene una noticia para compartir. Su mamá tiene un bebé en la panza. La maestra la abraza y la felicita. ¡Va a ser hermana mayor! Le pregunta cómo se siente. Amalia dice que está muy contenta y que ya le hizo un dibujo para cuando nazca. La maestra le pregunta si sabe si será nena o varón. Amalia le dice que su mamá no le dijo. Bueno, habrá que esperar a que “se vea” en la ecografía. Juan dice que él quiere un bebé en la panza cuando sea grande. La maestra le dice que él no puede tener un bebé en la panza, sólo las mujeres pueden quedar embarazadas. Las mamás se embarazan, los papás acompañan.

Llega el profe de ed. física. “¡¡¡Hola sala roja!!! Vamos que se nos hace tarde. Hagan dos filas, una de nenas y una de varones para ir al salón”. La maestra pregunta “¿Por qué hay nenas en la fila de nenas? Vamos, rápido cada uno en su fila y vamos cantando... Viajar en tren... es de lo mejor...”

En la clase, juegan con aros y pelotas. El profe reparte aleatoriamente los elementos, uno para cada uno. Empiezan a jugar. Le dice a Estrella que no patee la pelota tan fuerte, que puede lastimar a alguien. Que trate de ser más delicada. Se le acerca Martín para pedirle un aro, alegando que no quiere jugar con la pelota que le tocó. El profe se lo cambia diciéndole “Ay tincho, ¡qué raro que no te guste jugar a la pelota! ¿A qué vas a jugar con tus amigos cuando seas más grande? Tomá el aro”.

Otra vez en la sala, están las mesas dispuestas para merendar. Mientras sirve la leche, le dice a Leonel “Leo, pedile a tu mamá que te corte el pelo, ¡lo tenés muy largo!”. Otro nene acota “las nenas tienen pelo largo, no nosotros”. Leo mira su vaso lleno y no responde.

Terminan la merienda, y la maestra les propone ir al espacio que más quieran: dramatización, con la cocina, comida, ropa de disfraces. Espacio de construcciones, con bloques y animales de madera. Espacio de arte, donde hay témperas, hojas, pinceles. Espacio de juegos tranquilos, con rompecabezas y memotest.

En el espacio de dramatización se escuchan gritos. Marcos y Manu discuten con Micaela. Ellos alegan

¹¹ Docente de Nivel Inicial y Nivel Superior. Especialista superior en Educación Sexual Integral.

que ella no puede usar corbata porque es de nenes. Micaela les dice que agarró primero la corbata. Ellos le dicen que se ponga el vestido y se la dejen. Que ellos la necesitan para ir a la oficina. Ella les responde que quiere la corbata y empiezan a tironear. La docente interviene diciendo qué cosa fea verlos pelear así. Que Micaela les deje la corbata porque hay poquitas, y que se ponga otra cosa, habiendo un canasto lleno de ropa. Micaela se va del espacio de dramatización manifestando su enojo con pisadas fuertes, y se sienta en una de las mesas a pintar.

La maestra les dice que vayan guardado. Quienes tengan el espacio ordenado, pueden salir al patio. La maestra lleva unos bebetes de plástico con palanganas y las deja en un rincón a la sombra. Se acerca Juanita y agarra un bebé. Le dice a la maestra que le va a cambiar el pañal. La maestra le pregunta si ese bebé tiene nombre. Juanita le dice que se llama Bebu. La maestra le dice que primero, ese no es nombre para una persona, y segundo, que mire que tiene vulva, entonces el bebé es la bebé. Que piense un nombre de nena para ponerle. Juanita levanta sus hombros.

En el patio, después de mucho correr, Jazmín le pide a la maestra sacarse el delantal, porque es de manga larga y tiene mucho calor. La maestra le dice que se lo saque un ratito para refrescarse. Al sacárselo, se ve que tiene una remera de Messi. La maestra le pregunta si es del hermano y en el apuro para no llegar tarde al jardín, su mamá se confundió y se la puso equivocadamente. Ella le responde que no, que es suya. Que se la regaló su padrino para el cumpleaños. Que ella se la pidió. Jazmín le dice que mejor prefiere dejarse el delantal puesto, y sólo pide ir a tomar agua a la sala.

Revisar el cisexismo en el Nivel Inicial es una tarea que se viene dando en los últimos tiempos en algunos jardines, pero a paso lento. En algunas salas, en algunas carteleras, en algunas reuniones de familias algo se está modificando. Sin embargo, nos debemos un trabajo exhaustivo para reconocer dónde está, qué formatos asume, en qué se basa, y, principalmente, cómo lo podemos desarmar. Las personas cis que trabajamos en él, debemos transversalizar los ejes de la ESI: reconocer la perspectiva de género, ejercer el enfoque de derechos, respetar la diversidad, valorar la afectividad y enseñar a cuidar del cuerpo. Seguir abordando la temática sólo cuando una niñez trans irrumpe en el espacio, sin revisar previamente el ambiente y las prácticas cisexistas, es caer en un acto que para nada está anclado en la perspectiva de derechos humanos, ni en la LIG ni en la ESI. El problema nunca son las niñeces, sus deseos, identidades ni expresiones. El problema son los sistemas de opresión.

Palabras clave: Nivel Inicial - Cisexismo – Niñeces

MANIFIESTO TRAVESTI: ¿QUIÉNES TE CONVIRTIERON EN EL CENTRO DEL UNIVERSO? ENSAYO SOBRE EL HOMBRE CISGÉNERO COMO SUJETO UNIVERSAL

Sorrequia, Uma Reis¹²

El presente trabajo está orientado hacia el Sur global, postulándose como un conocimiento sudaca. A modo de ensayo, discute la posición del hombre cisgénero en la estructura social moderna de Occidente, especialmente en el contexto brasileño y latinoamericano. Tiene como objetivos principales destacar los mecanismos que ubicaron y mantienen al hombre cisgénero como el centro del universo, el sujeto universal; relegando las identidades y cuerpos trans a la marginalidad en el sistema biopolítico de control y poder social, en un régimen sexo-político de la cisgeneridad. Así como, resaltar las disputas y tensiones para romper con los paradigmas que lo sustentan. Para ello se utiliza el concepto de cuerpo-territorio y constructos relacionados. El trabajo aspira rescatar una sabiduría memorial capaz de cuestionar el estado de las cosas, es decir, contextualizar el cuerpo como esa maraña de nudos, provocando la desestabilización necesaria para la invención de otras formas de ser y estar en el mundo. Y gestando una producción corporificada y encarnada – teórico-epistemológica y metodológico-práctica – donde el cuerpo asume un carácter central; corpocentrismo, corpósfera.

El trabajo propone (1) analizar los impactos de la construcción de un sujeto universal para la ciudadanía de la población trans desde (2) los espacios situacionales y contextuales en los que el hombre cisgénero es tomado como sujeto universal en detrimento de las identidades y cuerpos trans en la sociedad brasileña, (3) considerando las desigualdades, violaciones de derechos y violencia transfóbica en Brasil y (4) demostrando cómo travestis, hombres y mujeres transexuales y personas transgénero no logran el ideal de un sujeto universal.

Como otras mujeres y geógrafas feministas latinoamericanas y caribeñas, aquí comparto mi ser y estar en el mundo. Y, en base a esta premisa, de “compartición”, quiero contarles a otras personas los procesos y articulaciones de este cuerpo-territorio travesti, internamente al movimiento travesti y al contacto afectivo con quiénes considero mis hermanas de “culo” y corazón, desde 2014 cuando ingresé a la educación superior.

En una metodología como sujeto-sujeto, de participación activa en el proceso de investigación, con el objetivo de explorar temas relacionados con lo colectivo. Entendiendo que no hay neutralidad/parcialidad en la ciencia y que esto significa ser y estar en el mundo, en las relaciones que se forman a partir del otro, el hombre cisgénero.

De modo que la investigación, por lo tanto, se caracteriza por ser cualitativa frente a las narrativas del ser y el devenir, mover las estructuras, relatar las disparidades entre las identidades y cuerpos cis y trans etc. Desde una amplia revisión bibliográfica capaz de contestar las indagaciones e hipótesis que surgieron durante el desarrollo de la investigación de iniciación científica, la realización de dos intercambios y la actuación en un proyecto de extensión por parte de Uma.¹³

¹² Titulada en Profesorado Pleno en Geografía por la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba. uma.sorrequia@estudante.ufscar.br

¹³ Uma fue becaria de iniciación científica (PIBIC/CNPq/UFSCar) en el año 2016-2017 con la investigación titulada “Género y sexualidad desde una perspectiva territorial de la escuela”; realizó movilidad académica internacional por AUGM, becaria del Programa ESCALA Estudiantes de Grado, en la Universidad Nacional de Córdoba (UNC), vinculada a la Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH) en el primer semestre de 2018; y movilidad académica nacional por ANDIFES, becaria del Programa

Para ello, el trabajo se divide en cuatro secciones: en la Introducción, a través de referencias (trans) feministas, cuir, sudaca y decolonial, se presentan y discuten datos sobre la situación de la población trans en Brasil en diálogo con el concepto de sujeto universal.

En la sección 2, “Cuerpo-territorio travesti”, el objetivo es establecer una comprensión del cuerpo como un territorio, con enfoque en el cuerpo travesti, siendo el cuerpo este territorio marcado por disputas políticas, sociales, culturales, ambientales etc. Desde la geografía latinoamericana y caribeña, se pretende caracterizar el cuerpo-territorio travesti como un espacio de dominación/exploración/conflicto de la cisgeneridad.

En la sección 3, “Mitología cis”, entendiendo el mito como una representación, una forma de interpretar algo, se narran tres mitos para explicar la génesis y universalización del hombre cisgénero como norma para pensar la existencia de las personas trans.

Y finalmente, en la sección 4, “Humanidad, civilidad y ciudadanía del sujeto travesti”, buscamos interpretar la condición humana de las travestis en Brasil, tomando como parámetros de análisis conceptos como: humanidad, civilidad y ciudadanía. Y como referente de estos conceptos, el hombre cisgénero, heterosexual, blanco, clase media, europeo o de ascendencia europea, pleno y capaz física y psicológicamente, casado, con hijos, entre otras características que les son propias, y que los convierten en el centro del universo, en sujeto universal.

En ese trabajo intentamos señalar quiénes hicieron del hombre cisgénero el centro del universo, el sujeto universal, en perspectiva del lugar donde se ubica la travesti en esta trama. La población trans sigue luchando por expandir y democratizar - para hackear - los espacios reservados para ellas, históricamente, en el proceso de acumulación primitiva de capital y en las sociedades capitalistas. Las travestis nunca estuvieron totalmente calladas y/o sumisa a imposiciones externas en detrimento de sus aspiraciones individuales y colectivas, reclamando protagonismo en lugares que durante siglos no han estado abiertos a sus historias de vida, como el arte, la ciencia, la fábrica, entre otros. Las historias paralelas que se debe narrar también se refieren a las historias de travestis, hombres y mujeres transexuales y personas transgénero. La historia del eurocentrismo debe leerse desde la óptica de la masacre de las identidades femeninas en su interior.

Palabras clave: Sujeto universal, Cuerpo-territorio, Humanidad, Civilidad, Ciudadanía, Travesti.

Santander Carreras de Grado - Becas de Estudios Nacionales, en la Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), vinculada al Centro de Filosofía y Ciencias Humanas (CFCH) en el segundo semestre de 2018; y recibió una beca de la Pro-Rectoría de Extensión (ProEx/UFSCar) como coautora, educadora y monitorea del curso “Geografía y géneros: territorialidades (trans) femeninas y disidentes”.



MESA 32

MESA 32: IMPACTOS SOCIOTERRITORIAIS E GEOPOLÍTICOS DA MOBILIDADE DOS REFUGIADOS, APÁTRIDAS E TRABALHADORES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Coordinadores: Souza, E. B. C. De. Rascovan, A.

MESA 32: IMPACTOS SOCIOTERRITORIAIS E GEOPOLÍTICOS DA MOBILIDADE DOS REFUGIADOS, APÁTRIDAS E TRABALHADORES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Coordinadores: Souza, E. B. C. De¹.

Rascovan, A.²

O objetivo desta mesa temática é debater as diversas formas de mobilidade de refugiados, apátridas e trabalhadores em situação de pobreza e suas repercussões socioterritoriais e fronteiriças. Fronteiras são redefinidas no sentido de dificultar a ingresso e inclusão, com normas rígidas e reações extremadas das populações locais. Contudo, algumas ações institucionais criam mecanismos de inclusão em educação, saúde, trabalho, cultura e moradia, porém não tem sido suficientes em face de uma forte onda neoliberal e de ações políticas de extrema-direita de grupos étnicos e nacionalistas. A crise econômica dos Estados também é um fator que prepondera na resistência a inclusão de imigrantes. Conforme dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), agência da ONU para refugiados, existe aproximadamente 22 milhões de refugiados e apátridas pelo mundo. Quais são suas origens e seus destinos? Quais são seus mecanismos de mobilidade e suas estratégias de sobrevivência? Quais são os mecanismos de proteção e integração dos Estados? Quais são os atores envolvidos à causa dos refugiados, apátridas e trabalhadores vulneráveis, no sentido de contribuir para o fortalecimento de uma grande rede de apoio? Quais efeitos geopolíticos? Quais as barreiras enfrentadas diante da atual crise do capital e de reações nacionalistas? São questões que permeiam esta mesa, pois as adversidades enfrentadas por aquelas pessoas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos se agravam em diferentes tempos históricos e em diferentes territórios da sociedade atual.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa/Brasil

² Facultad de Ciencias Sociales, UBA/Argentina

LA RELEVANCIA DEL REFUGIO ANTE LA CRISIS HUMANITARIA EN EL NORTE DE CHILE

Martina, Cociña-Cholaky,³

Resumo

A fines de enero pasado, 1.800 migrantes llegaron al norte de Chile, particularmente a Colchane, una pequeña localidad fronteriza de 300 habitantes. Este masivo arribo de venezolanos/as despertó la preocupación de pobladores y autoridades, debido no sólo a las frágiles condiciones de la localidad en un contexto de crisis sanitaria, sino también debido al constante abandono que han recibido del gobierno. El alcalde de Colchane sostuvo que no estaba dispuesto a construir un “campamento de refugiados”, así establecía uno de los temas que no ha ocupado el lugar que debería en la agenda político-migratoria del gobierno: el refugio.

Resulta llamativa la falta de atención que ha recibido de parte del gobierno, por dos motivos. Por una parte, porque el Estado ha suscrito diversos tratados internacionales que le obligan a dar refugio cuando las circunstancias así lo ameriten (Convención sobre el Estatuto de los Refugiados y su Protocolo). Es más, desde hace una década, Chile cuenta con la Ley 20.430, la que en línea con la Declaración de Cartagena de 1984 asume una noción amplia de refugio, además, obliga al Estado a orientar sus actuaciones en función de ciertos principios fundamentales, como: no devolución, prohibición de rechazo en frontera, no sanción por el ingreso o residencia irregular y trato más favorable posible.

No obstante, la literatura especializada observa que lo que está sucediendo en la práctica es diametralmente opuesto a lo garantizado. Así también lo señaló el Informe Anual de Derechos Humanos de la Universidad Diego Portales del 2014, que constata que rechazos arbitrarios en frontera, falta de intérpretes y falta de fundamentación de las resoluciones que deniegan la calidad de refugiado/a, son sólo algunas de las dificultades que han tenido que sortear los/as migrantes que solicitan refugio.

Asimismo, estas prácticas han sido denunciadas por colectivos de migrantes, y así también lo evidenció la Contraloría en su informe 828 de 2019 que constata que los/as migrantes no han podido formalizar sus solicitudes de refugio debido a que funcionarios de la Policía de Investigaciones realizan un análisis previo que no está configurado, rechazando la solicitud sin mayor fundamento e imposibilitando la presentación de nuevas solicitudes.

Lo segundo que llama la atención es que esta normativa no se haya considerado para efectos de abordar especialmente el flujo venezolano. De hecho, fue el propio presidente Piñera quien el 2018 declaró ante la ONU que lo que estaba ocurriendo en Venezuela era una auténtica crisis humanitaria, en la que “muchos, demasiados, están perdiendo literalmente sus vidas por falta de alimentos y por falta de medicamentos”. En ese momento, el Mandatario solidarizaba con el pueblo venezolano y los llamaba a “recorrer los caminos hacia un país libre, próspero y en paz”.

³ Profesora de la Universidad Austral de Chile, martina.cocina@uach.cl

Sin embargo, en vez de aplicar la normativa sobre refugio, el gobierno optó por implementar un modelo de gestión de la crisis basado en la criminalización del flujo y en su expedita expulsión y un proceso de deportación masiva de extranjeros, medida prohibida por la Convención Americana de Derechos Humanos y la Convención sobre el Estatuto de los Refugiados.

Esta denegación de facto del proceso de refugio ha tratado de revertirse mediante la interposición de recursos constitucionales destinados a proteger la libertad y seguridad individual de los/as migrantes. Sin embargo, estos esfuerzos no han sido suficientes debido a la celeridad con la cual se han ejecutado las expulsiones. Al parecer, esta mayor eficiencia en la ejecución de las deportaciones se debe a las medidas implementadas por el gobierno para gestionar, desde un punto de vista sanitario, la llegada de extranjeros por pasos fronterizos no habilitados. En este sentido, el gobierno estaría condicionando el acceso a residencias sanitarias al hecho de que el/la migrante denuncie su ingreso irregular al país. Esta “autodenuncia”, junto con permitir el registro y localización de la persona controlada, ha facilitado al gobierno su expulsión, la “que ha pretendido ser ejecutado de manera compulsiva a tan solo horas de su notificación, y en algunos casos materializado de manera efectiva”.

Así, el Estado chileno no sólo incumple la obligación de realizar un análisis caso a caso respecto de la procedencia de la expulsión, sino que, además, dificulta -cuando no impide- el ejercicio de la tutela judicial efectiva. Así lo ha reconocido el máximo tribunal del país, el que amparándose en la Resolución 2/18 de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos sobre migración forzada de personas venezolanas, manifestó que “es un antecedente internacional suficiente para entregar el reconocimiento del principio universal de acoger a los amparados en Chile”. Así, al menos para efectos de asegurar la expulsión, se ha utilizado las residencias sanitarias como si fueran centros de internamiento para extranjeros.

Con lo anterior, queda en evidencia que las medidas que ha adoptado el gobierno en materia de refugio son coherentes con la política migratoria que ha venido implementando durante las últimas décadas, centrada en la securitización de las fronteras y en la criminalización de la migración. No en vano, pese a los miles de venezolanos/as que han llegado al país, el Estado ha reconocido la calidad de refugiados/as a apenas 17 venezolano/as. Una cifra muy baja, especialmente si se considera, por una parte, que 16.933 personas el 2019 declararon necesidades de refugio al ingresar al país (el 99% correspondía a venezolanos/as) y, por otra, que durante ese año fueron decretadas más de 2.000 órdenes de expulsión en contra de ciudadanos/as de dicha nacionalidad.

El Estado chileno más que sancionar y expulsar, debiese brindar protección a quienes vienen huyendo de una de las crisis humanitarias más relevantes de América Latina observadas durante el último tiempo. Sabido es ya que el control fronterizo no detiene los flujos y que sólo los precariza. Luego, el desafío está en cómo concretar lo que dispone la ley vigente en materia de refugio.

Palabras clave: refugio, crisis humanitaria, migración.

MIGRAÇÃO E SEGREGAÇÃO ESPACIAL: O CASO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM CURITIBA

Pierre, Dieugo ⁴

Resumo

A migração é um ato que parece pessoal, quando uma pessoa decide deixar seu país para viver em outro país. Porém, existe toda uma série de fatores que contribuem para a tomada dessa decisão, muitas vezes esquecida nos debates sobre a imigração e que podem ser remetidos, entre outros, à mobilidade do trabalho (Gaudemar, 1976). No que diz respeito ao país de acolhimento, a integração do imigrante é um processo que depende, entre outras coisas, do nível de recepção dessa própria sociedade. Isso, no entanto, pode ser comprometido, quando a sociedade em questão já vivencia diversos problemas sociais de desigualdade. Refletindo sobre isso, esta comunicação abordará as desigualdades socioeconômicas e territoriais em que se encontram os imigrantes haitianos no centro urbano de Curitiba, discutindo as produções teóricas e empíricas em torno do tema no momento atual. Em primeiro lugar, exploraremos as noções de segregação espacial e desigualdade debatidas por André Souza de Carvalho e Maria Inês Sugai (2014), Aldo Paviani (2007) que nos ajudará na discussão e análise desta população imigrante no contexto atual. Depois, observando os dados coletados em entrevistas com imigrantes haitianos, apresentaremos uma análise crítica da realidade atual que os mesmos vivenciam. Nos últimos anos, o Brasil se tornou o destino de vários imigrantes, entre eles os haitianos, que principalmente após o terremoto no Haiti em 2010 e o fortalecimento na relação entre os dois países tem se deslocado em busca de melhores condições de vida. Segundo a reportagem de Amanda Fernandes et al. (2017) em julho de 2017, somente em 2015, cerca de 120 mil estrangeiros migraram para terras brasileiras, a maioria haitianos, muitos deles escolhem Curitiba como o seu novo lar. O que torna Curitiba uma das cidades que tem uma grande comunidade de imigrantes haitianos.

As dificuldades que os imigrantes enfrentam por estarem “fora de seu país” são um importante aspecto a considerar nos estudos migratórios. Em nosso entendimento, essas dificuldades também se devem ao fato de que a sociedade brasileira é uma sociedade, como Rosana Baeninger e Roberta Peres (2017) afirmam que está mal preparada e desatualizada em termos de sua legislação, pois denotam uma quase ausência de políticas de acolhimento, existindo bastante preconceito, racismo e manifestações de xenofobia com esta população imigrante, o que torna a sua inserção cada vez mais difícil. Conforme Cainã Domit Vieira (2016), num sentido parecido, alguns segmentos do Estado e da sociedade brasileira ainda carregam a marca da escravidão em seu funcionamento, em suas políticas e em sua ideologia de branqueamento e seletividade de imigrantes, colaborando para que o preconceito e a discriminação racial dificultem ainda mais o acolhimento e a integração dos imigrantes haitianos.

Refletindo sobre isso, apresentaremos nesta comunicação, uma análise da situação dos imigrantes haitianos em Curitiba, neste novo contexto social, a partir de dados primários resultantes de trabalho de campo e entrevistas realizadas com imigrantes haitianos entre 2019 e 2021. O conjunto de dados mostra que os entrevistados evocam as várias dificuldades que encontram ligadas à sua origem étnica e racial. Nossa análise será guiada por diversos trabalhos e visões de autores que abordam a questão da desigualdade e da segregação racial, e como isso se mostra também no espaço. Entre eles, destacamos

⁴ Universidade Federal do Paraná (UFPR). pdone1708@gmail.com

Cainá Domit Vieira (2016), Vainer B. Carlos (1999), Safi Mira (2013) que debatem as questões de desigualdade e segregação, que são as diferentes formas em que a violência social se manifesta sobre essa população de imigrantes haitiano em Curitiba e a complexidade do processo de sua integração. Para Laëthier Maud (2013), no seu estudo sobre a migração haitiana em Guyana de seu livro “Être migrant et Haïtien en Guyane” se destacam dois aspectos importantes na compreensão da comunidade imigrante haitiana, o primeiro, é o forte movimento do comunitarismo, no qual os imigrantes tentam ao máximo manter relações próximas com seus conterrâneos em migração, o que por vezes gera a impressão de que estão se isolando ou afastando da sociedade de acolhida; o segundo, é que esse o comunitarismo, longe de provocar um afastamento, é um recurso nos esforços dos imigrantes para se tornarem membro da sociedade, como um horizonte de espera para a maioria desses imigrantes. Esses dois aspectos são muitas vezes percebidos como contraditórios, mas justamente pelo caráter profundo de análise que eles permitem alcançar é que o comunitarismo torna-se um elemento importante na compreensão do problema também no Brasil. Por fim, discutiremos também uma abordagem da mobilidade espacial dos haitianos a partir da discussão de Jean Paul De Gaudemar (1976) da mobilidade do trabalho e acumulação do capital e como tudo isso ajuda a entender a questão da desigualdade e da segregação espacial enfrentada pelos imigrantes haitianos em Curitiba.

Palavras-chave: Desigualdade. Mobilidade do trabalho. Segregação espacial



MESA 33

MESA 33: CARTOGRAFÍAS DE LA MIGRACIÓN Y LAS FRONTERAS EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

Coordinadores: Domenech, E., Basualdo, L., Dias, G., Prieto Díaz, S.

MESA 33: CARTOGRAFÍAS DE LA MIGRACIÓN Y LAS FRONTERAS EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

*Coordinadores: Domenech, E.¹,
Basualdo, L.²,
Dias, G.³,
Prieto Díaz, S.⁴.*

La mesa se propone como un espacio de intercambio sobre las cartografías críticas de la migración y las fronteras en América Latina y el Caribe. Tiene como propósito reunir ensayos teóricos y trabajos empíricos que permitan profundizar la discusión crítica y plural sobre el control y la libertad de movimiento en un contexto de significativas transformaciones de los regímenes de control migratorio y fronterizo, así como de las prácticas de movilidad y las luchas migrantes relacionadas con procesos de racialización, irregularización y criminalización. Interesan especialmente contribuciones que exploren y reflexionen sobre la dimensión espacial y temporal de las políticas y prácticas de control migratorio o fronterizo, las rutas o itinerarios migrantes, las tácticas y negociaciones de sujetos en situación de (in)movilidad, las luchas por el movimiento y el conocimiento experto en la producción de datos y mapas. La consideración de las coyunturas hemisféricas desde los sures globales (cuestionamiento y redefinición de las fronteras, proyectos geoestratégicos regionales de reordenamiento territorial y sus impactos en las inmovilidades) amerita una reconstrucción epistémica, histórica, conceptual y metodológica de las nociones de mapeo y cartografía (cartopolítica, contramapeo, mapeos migrantes, mapeos colectivos, entre otros). En esta dirección, la mesa busca articular miradas teóricas, estudios de caso y propuestas emergentes sobre formas múltiples, innovadoras, decoloniales, antirracistas y críticas de representar los territorios (imaginarios, políticas, proyectos, dinámicas, resistencias), abonando a una mayor comprensión de la inherente complejidad y multidimensionalidad de las movilidades.

¹ CONICET-UNC, Argentina.

² CIECS (CONICET y UNC), Argentina.

³ UNIMONTES, Brasil.

⁴ CONACYT-ECOSUR, México.

CARTOGRAFÍAS FEMINISTAS: REESCRIBIR LAS EXPERIENCIAS DE MOVILIDAD DE MUJERES MIGRANTES LATINOAMERICANAS

Tipo de presentación: Ponencia

Biondini, Valentina⁵

La geografía crítica ha transformado la manera de conceptualizar el espacio. En contraposición a las nociones cartesianas, euclidianas y kantianas que lo comprendían como absoluto, inerte, previo a toda vida social, las perspectivas críticas lo han reconceptualizado como una dimensión abierta y política, construida a partir de la multiplicidad de las escalas que operan a través de relaciones de poder. En el marco de este giro onto-epistemológico, la dimensión del género -como campo primario, más no único, dentro del cual o por medio del cual se articula el poder- ha cobrado particular relevancia, puesto que autoras como Doreen Massey (1994) han demostrado que el espacio, y los sentidos sobre este, se estructuran recurrentemente sobre la base del género, de maneras diversas y variables. A partir de ello, las mujeres y sus experiencias espaciales se convirtieron en objeto de la investigación social y geográfica. Específicamente, un conjunto de investigadorxs se han interesado por analizar y representar de manera cartográfica los espacios y las experiencias humanas desde un punto de vista del género en relación con la clase, la raza, la sexualidad, nacionalidad, entre otros (Font-Casaseca 2020).

La presente ponencia asume como punto de partida el conjunto de postulados generados por la geografía crítica feminista. Asimismo, se inscribe en el inicio de una investigación doctoral que tiene por objetivo comprender las experiencias de (in)movilidad internacional de mujeres migrantes sudamericanas, que residen en la Ciudad de Córdoba desde la década del noventa en adelante, en vinculación con las políticas de control migratorio. Mediante un enfoque etnográfico, una de los instrumentos propuestos son los “talleres de mapeo” en vistas a reconstruir, graficar y visualizar las trayectorias espaciales en sus diversas escalas, mapear los actores e instituciones que fueron relevantes durante sus trayectorias; y pensar de manera crítica las cartografías oficiales, reescribiendo las experiencias migratorias en nuevos mapas. En este marco, el objetivo de la ponencia es reflexionar acerca de las prácticas cartográficas, propias y ajenas al proceso de investigación, en su dimensión metodológica y política, desde una perspectiva feminista. Para ello, en primer lugar, se reconstruirán las producciones científicas y políticas que han contribuido a la problematización de las prácticas cartográficas tomando como eje la dimensión del género en las experiencias de movilidad. En segundo lugar, se presentarán las cartografías resultantes de entrevistas y talleres de mapeo con mujeres migrantes sudamericanas.

Las cartografías oficiales (o cartopolítica) se encuentran ligadas a nociones occidentales del espacio, en tanto comprenden la migración como un movimiento susceptible de ser plasmado mediante puntos, líneas y polígonos, y categorizado, social y geográficamente, en escalas estables y fijas. En otras palabras, no toman en cuenta ni las disputas de poder por el control del espacio y sus estrategias para influir, afectar y asegurar la movilidad; su dimensión subjetiva y heterogénea; los desplazamientos circulares; las estancias transitorias y, finalmente, las temporalidades de estos movimientos (Basualdo, Domenech, Pérez, 2019). Es por ello que resulta relevante incorporar al estudio sobre migraciones y fronteras la cartografía crítica, en tanto permite capturar la complejidad de las experiencias de (in)movilidad de las personas migrantes.

⁵ UNVM - biondinivalentina71@gmail.com

Las cartografías oficiales no resultan problemáticas por presentar una visión parcial del movimiento - puesto que el conocimiento científico es parcial en sí mismo- sino por su carácter (re) productivo del orden establecido mediante sus pretensiones de objetividad. Este carácter radica, en primer lugar, en ser efecto del “pensamiento de Estado” (Basualdo, Domenech, Pérez, 2019). La cartopolítica reproduce el orden nacional-estatal, como manifestación concreta del pensamiento oficial, como representación estatal de la frontera y como modo convencional de visualizar las migraciones. En segundo lugar, su carácter productivo se fundamenta en ser, y haber sido, un dispositivo de control. Inicialmente, se constituyó como un conocimiento explotable por las autoridades coloniales, más adelante, pasó a formar parte del discurso del nacionalismo para justificar la existencia de las fronteras, es así que forman parte de las políticas y regímenes de control de la movilidad. En último lugar, las cartografías oficiales han tenido un papel central en la consolidación de una perspectiva masculina del espacio y de la disciplina geográfica, en tanto los dispositivos visuales, ocultan su ideología, sus intereses y su responsabilidad (Rose, 2003).

Las herramientas visuales presentes en la cartopolítica han sido implementadas para la reproducción de múltiples relaciones de poder, donde las experiencias de las mujeres y otros colectivos han sido sistemáticamente silenciadas o ignoradas en las representaciones espaciales. Sin embargo, la producción de la geografía crítica ha reconfigurado las prácticas cartográficas construyéndolas como un instrumento de investigación compatibles con los principios y preocupaciones feministas. Estas reflexiones han dado lugar al desarrollo de la denominada “visualización feminista” (Kwan, 2002; Pavlovskaya, 2009; Font-Casaseca 2020) entendida como un conjunto de estrategias, metodologías y reflexiones que tratan de desestabilizar las prácticas cartográficas dominantes, identificar los sesgos y silencios que existen en las metodologías convencionales y considerarlas como prácticas situadas y subjetivas. Ello ha supuesto incorporar a las mujeres más como sujetos cartográficos que como objetos de estudio (Pavlovskaya, Martin, 2007). De ello se desprende que las cartografías pueden ser re-apropiadas por las mujeres como herramientas para generar y modificar las experiencias de movilidad. Es así que las prácticas cartográficas tienen, más allá de su dimensión metodológica, un carácter eminentemente político de resistencia y transformación social.

La posibilidad de generar cartografías feministas en vistas a comprender las experiencias de (in)movilidad internacional de mujeres migrantes sudamericanas requiere de adoptar una actitud reflexiva ante los procesos de selección y simbolización cartográfica que produzca conocimiento de manera situada, atendiendo a los intereses, disputas y tecnologías implicadas en la producción y utilización de mapas (Font-Casaseca 2020). En este marco, la reconstrucción de producciones científicas y políticas que problematicen las prácticas cartográficas, en articulación con la reflexión sobre los talleres de mapeo y las entrevistas a mujeres migrantes, permitirá desnaturalizar las concepciones hegemónicas sobre el espacio y repensar las potencialidades y limitaciones de las prácticas cartográficas por fuera de discursos oficiales.

Palabras clave: prácticas cartográficas, feminismo, experiencias de movilidad, mujeres migrantes

EL MAPA DE MI VIDA. NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS, JÓVENES Y MIGRACIÓN

Tipo de presentación: Ponencia

Hendel, Verónica⁶

En esta ponencia nos interesa analizar el potencial y los límites de la cartografía social, y específicamente de las cartografías narrativas, pensar cómo los propios jóvenes que forman parte de familias migrantes se conciben y narran a sí mismos en relación con el proyecto migratorio familiar. Para ello analizaremos un conjunto de relatos de viajes (narrativas cartográficas) realizados por los propios jóvenes en contextos escolares, recogidos o producidos en el marco del trabajo de campo etnográfico que estamos desarrollando en un barrio ubicado al noroeste del conurbano bonaerense, caracterizado por una importante presencia de familias que han migrado desde Bolivia, y en menor medida desde Paraguay y Perú. A partir del mismo, observamos que las experiencias del territorio (o los territorios), narradas, en este caso, fundamentalmente a través de los viajes tienen múltiples implicancias en sus trayectorias de vida y en los modos en que se piensan a sí mismos y en relación con sus familias.

En la escuela a la que asisten los jóvenes que protagonizan esta investigación suele decirse que el barrio donde está ubicada constituye “un lugar olvidado del distrito”, del que “nadie se preocupa desde hace muchas décadas”. También es conocido como una “Bolivia en chiquito” por su proximidad con el barrio porteño de Liniers y por el alto porcentaje de población migrante que lo habita. Los jóvenes no dudan en señalar que se trata de un territorio peligroso. Lugar de paso, de circulación, de comercio e intercambio. Ubicada a pocas cuadras de la estación de tren y la terminal de ómnibus de Liniers, Ciudadela se despliega diversa, heterogénea, desigual e insegura. Un territorio que alberga muchos otros: Ciudadela Norte, Ciudadela Sur, Villa de los Paraguayos, Fuerte Apache, Villa de los Rusos y Villa Matienzo, entre otros. Barrios que llevan en el nombre marcas étnicas, nacionales y de clase.

En este trabajo nos proponemos analizar cómo los propios jóvenes que asisten a una escuela secundaria estatal de Ciudadela, partido de Tres de Febrero (Prov. de Buenos Aires) se conciben y narran a sí mismos en relación con sus experiencias del territorio. Experiencias que se encuentran fuertemente vinculadas a los proyectos migratorios familiares y en las cuales se expresan aspectos relevantes de las relaciones intergeneracionales y, particularmente, de las formas en las que los jóvenes las viven. Para ello analizaremos un conjunto de relatos de viajes que han adoptado la forma de narrativas escritas y narrativas cartográficas (Cacquard, Cartwright, 2014) realizados por los jóvenes en contextos escolares, así como también registros y entrevistas biográficas realizadas en el marco del trabajo de campo etnográfico que realizamos en los años 2018 y 2019 a partir del cual hemos podido convivir con estos jóvenes en la escuela y también fuera de ella.

Este escrito se inscribe en un debate de límites difusos acerca de aquello que podríamos denominar como los modos de producir, apropiarse y experimentar el territorio de los jóvenes y, específicamente, de los y las jóvenes que forman parte de familias que han migrado. La centralidad otorgada a la experiencia del territorio en este escrito no es un punto de partida. Se trata de una categoría construida a la luz del trabajo etnográfico que venimos desarrollando, en diálogo con aquellos estudios que señalan que la relación que los migrantes (y no migrantes) entablan con su(s) territorio(s) permite entenderlo

⁶ CONICET-UNLu-UBA, vero_hendel@yahoo.com

como un elemento clave en la construcción del sentido que ellos le dan al mundo que habitan (Lazo, 2012; Reyes Tovar, Martínez Ruiz, 2015). En este escrito, además, asumimos el desafío de pensar esta problemática desde una perspectiva generacional., partiendo de la premisa de que aquello que configura una generación no es compartir una fecha de nacimiento sino esa parte del proceso histórico que los jóvenes de igual edad-clase comparten (la generación en sí). En ese compartir hay dos elementos fundamentales de los cuales podría surgir el vínculo generacional: la presencia de acontecimientos que rompen la continuidad histórica y marcan un antes y un después en la vida colectiva; y, el hecho de que estas discontinuidades sean experimentadas por miembros de un grupo de edad en un punto formativo en el que el proceso de socialización no ha concluido, por lo menos en sus fases más cruciales, y cuando los esquemas utilizados para interpretar la realidad todavía no son rígidos o, cuando esas experiencias históricas son primeras impresiones, o experiencias juveniles (Mannheim, 1952; Leccardi/Feixa, 2010). Por otra parte, si la noción de generación ha estado fuertemente enlazada a la de temporalidad, en este escrito intentaremos poner el foco en la espacialidad al postular que la experiencia del territorio (y de la movilidad) resulta fundamental para pensar junto con los jóvenes en una clave generacional. No se trata de priorizar una dimensión sobre la otra, sino de pensar ambas dimensiones en conjunto. Pensar junto con ellos supone un esfuerzo por tratar de ubicar en el centro del análisis sus experiencias y sus formas de narrarlas.

En el campo de los estudios sobre jóvenes migrantes el hito de la migración entre países (y naciones) ha tendido a ser considerado como aquello que define a estos jóvenes en tanto generación, incluso cuando muchos de ellos pueden no haber migrado. “Descendientes” y “segunda generación” son dos modos de nombrarlos que aluden a formas específicas de pensar a estos sujetos, en las cuales prevalece la perspectiva adulta. Diversos estudios han comenzado a poner la mirada en los jóvenes y en las formas en que ellos elaboran e inciden en las relaciones intergeneracionales y en sus formas de apropiarse de la experiencia migrante (Sayad, 2003; García Borrego, 2003; Moscoso, 2015). Teniendo en cuenta las nociones de hito generacional desarrollada por Mannheim y la importancia otorgada a la migración transnacional por gran parte de la bibliografía quisieramos preguntándonos por los modos en que los jóvenes de Ciudadela que forman parte de familias que han migrado dan cuenta de sus primeros viajes (en su mayoría, entre Bolivia y Argentina) y de sus formas de apropiarse de los territorios narrados y del proyecto migratorio familiar que motoriza ese primer viaje. En esta investigación, las narrativas cartográficas no constituyen una mera técnica de investigación sino que suponen un intento por subvertir el lugar de enunciación y crear espacios de producción de conocimiento crítico acerca de las trayectorias de movilidad de lxs jóvenes que forman parte de familias migrantes.

Palabras clave: narrativas cartográficas, juventud, migración, territorios.

CARTOGRAFÍAS DE LO COTIDIANO: PRÁCTICAS SOCIOESPACIALES DE LOS VENEZOLANOS EN CURITIBA

Tipo de presentación: Ponencia

González García, Madison⁷

Venezuela que durante el siglo XX destacó como país receptor de migrantes provenientes de distintas partes del globo, hoy se encuentra inmersa en un grave deterioro económico, político y social, que ocasionó un intenso movimiento migratorio de su población hacia otros países. Estas personas, que migran/se desplazan América Latina, por ejemplo, a Brasil, buscan establecerse e integrarse en estos espacios que ofrecen una mejor condición de vida que el territorio de origen. Pensando la importancia de las trayectorias migratorias de este grupo, esta investigación desarrolló cartografías de la cotidianidad de la migración venezolana en la ciudad de Curitiba a través de las prácticas socioespaciales y las estrategias para integrarse en el espacio de acogida. Para ello, se aplicaron durante los meses de noviembre de 2019 a agosto de 2020 entrevistas en profundidad a 19 personas venezolanas, residentes en la ciudad. Con los con las experiencias y testimonios de los propios migrantes se obtuvieron un mapa de rutinas cotidianas donde se encontró que, pese a que los venezolanos en Curitiba, tienen una relación “armónica” con la ciudad, las actividades se ciñen a la rutinización por producción económica y de generación de capital cultural (educación, capacitación) y las relaciones sociales son precarias y limitadas sea con los brasileños o entre connacionales de diversas clases sociales. Cabría preguntarse si esta situación tiene que ver con el tiempo, con cambios en la subjetividad, o con la neoliberalización de las estrategias migratorias, puesto a que se obtuvo que, la migración está siendo pensada y ejecutada acriticamente y sin una perspectiva más profunda o rica de la vida. Situación que también puede ser asociada con la filosofía de Han (2019) donde el rendimiento y la producción para los sujetos actuales es su proyecto de vida. Así, a través de los mapas de rutinas y trayectorias cotidianas plasmados, se observaron brechas en los intentos de adaptación e integración local de los venezolanos en la ciudad donde residen.

Palabras clave: Venezolanos, Prácticas socioespaciales, Cartografías de lo cotidiano.

⁷ Este escrito es un subcapítulo de la investigación titulada “Migración venezolana en Curitiba: una visión de los procesos cotidianos de integración local”, presentada como disertación de Maestría en Geografía (línea de investigación Producción del Espacio y Cultura) de la Universidad Federal de Paraná. Magíster en Geografía, Universidad Federal de Paraná. Doctoranda en la Universidad Federal de Paraná. Contacto: madison.gonzalez2104@gmail.com / madison@ufpr.br

MIGRACIÓN HAITIANA, ESPERA E ILEGALIZACIÓN. INVERSIÓN Y PÉRDIDA DEL «TIEMPO VITAL» EN Y A TRAVÉS DE LAS FRONTERAS ARGENTINAS

Tipo de presentación: Ponencia

Trabalón, Carina⁸

Desde inicios de los 2010, nuevos movimientos –principalmente, de migrantes extrarregionales y venezolanos– irrumpen y redefinen la geografía del mapa migratorio argentino y sudamericano. Nuevas rutas, nuevos grupos y nuevas estrategias de movilidad van transformando los esquemas de control existentes, reactualizando o resiniendo viejos dispositivos y categorías, produciendo otros. Situar estos movimientos en el marco de la conformación del “régimen sudamericano de migraciones y fronteras” (Domenech, 2019) permite advertir la articulación que se produce entre determinados dispositivos históricos de regulación del movimiento, y la emergencia de nuevas prácticas, categorías y narrativas que conectan la configuración de las políticas nacionales, con diferentes lineamientos sobre el control de las migraciones internacionales que circulan a escala global. A través de gobiernos de diferente signo político –de la alternancia entre el “progresismo” y la “derecha” – la intensidad y/o espectacularidad del control varía, así como también es más o menos visibilizada. En Argentina, la ampliación progresiva de las redes migratorias de haitianos y haitianas trastoca espacialmente los diferentes paisajes urbanos y pone de manifiesto las tensiones existentes entre sus estrategias de movilidad, la producción racializada –histórica y actual– de las fronteras nacionales y los procesos de estratificación de la movilidad humana que se configuran en el actual contexto de la “globalización del control” (Duvell, 2003). Estas transformaciones se expresan y “localizan” de múltiples maneras en las ciudades argentinas que pasan a formar parte de los nuevos circuitos migratorios nacionales y transnacionales. En Córdoba y Rosario, más allá de la heterogeneidad social que caracteriza a la población haitiana en el país, una de sus particularidades remite a la importancia que revisten las redes de jóvenes que, desde mediados del 2000, han definido familiarmente sus proyectos migratorios con el objetivo de realizar sus estudios universitarios en Argentina.

En la última década, la migración haitiana ha generado reconfiguraciones específicas en los esquemas de control del marco nacional argentino: rechazos sistemáticos en sus cruces de frontera en aeropuertos en 2018, la imposición de un visado de turismo como mecanismo explícito de disuasión y contención en el mismo año, y la activación de diferentes regulaciones burocráticas y políticas –en las universidades, la Embajada Argentina en Haití y la Dirección Nacional de Migraciones (DNM)– que, a través de su ilegalización, han terminado por limitar su acceso a espacios universitarios y laborales. En este marco, uno de los efectos políticos más relevantes que ha tenido la intensificación de estos movimientos migratorios –junto a otros recientes, como los de personas dominicanas y senegalesas– es haber expuesto de manera indiscutible el carácter desigual de los criterios de residencia que se establecen entre migrantes Mercosur y extra-Mercosur y, como correlato, afianzar el control a través de los planes de regularización como parte de procesos actuales de estratificación, jerarquización y racialización de diferentes grupos de migrantes en Argentina. Las experiencias de control de migrantes haitianos y haitianas muestran que el miedo y la violencia estatal pero también la disuasión y el desgaste burocrático forman parte de las prácticas de control que vienen atravesando sus proyectos migratorios

⁸ CONICET/Universidad Nacional de Villa María. Correo carinatrabalon522@gmail.com

y de vida en la última década, en los que el tiempo aparece como dimensión central –estructurante y disputada– de su cotidianidad.

Así, en este trabajo –inscripto teóricamente en el campo de los estudios críticos sobre migraciones y fronteras– propongo analizar las dinámicas de transformación política que disputan –de hecho– las prácticas y sentidos hegemónicos establecidos en torno a las posibilidades y condiciones en las que se produce la movilidad (Mezzadra y Neilson, 2017). Tomando como punto de partida el análisis de las estrategias y experiencias de los sujetos, me interesa reparar en lo que significa ser social, legal y políticamente producidos como «migrantes» (De Genova, 2021) y, desde allí, iluminar sobre algunas de dimensiones relevantes presentes en la configuración de las actuales lógicas de securitización, criminalización, ilegalización y racialización del control en Argentina. En esta presentación intento responder ¿Cuáles son las temporalidades que se ponen en juego a través de los procesos de ilegalización de migrantes extra-Mercosur –y de personas haitianas en particular– a través de los criterios de residencia? ¿Cómo se experimenta la espera y la incertidumbre, y qué estrategias se movilizan para transformar la pérdida del tiempo vital en tiempo productivo?

Para analizar la relación entre estrategias, ilegalización y temporalidades en disputa, muestro algunas articulaciones específicas que se establecen entre estructuras legales y vida cotidiana en el desarrollo de los proyectos migratorios de haitianos y haitianas, y destaco la centralidad que adquiere la negociación con el régimen migratorio y fronterizo argentino. Desde esta óptica, busco complejizar la mirada sobre los planes de regularización y los estatus migratorios considerados según distintos momentos, espacios y acciones: observar no solo el carácter temporal del estatus «legal» y su sujeción a interrupciones continuas (Calavita, 2005) sino también las porosidades existentes entre la «legalidad» e «ilegalidad». Es decir, sus límites difusos, áreas grises de incertidumbre y efectos diversos que tiene esta situación de precariedad producida legalmente en las diferentes esferas de la vida cotidiana (Menjívar, 2006). Metodológicamente, adopto un enfoque cualitativo, basado en entrevistas en profundidad, observación participante y análisis documental. El trabajo de campo fue efectuado entre noviembre de 2017 y octubre de 2019 y desarrollado en el marco de mi tesis doctoral sobre control, racialización y estrategias de movilidad de haitianos y haitianas hacia, en y a través de la Argentina durante el periodo 2007-2019. En esta presentación recupero el análisis documental de diferentes normativas vinculadas a los criterios de residencia, entrevistas en profundidad (realizadas a treinta y ocho personas de nacionalidad haitiana, la mayoría de entre 20 y 32 años), y observación participante en diferentes eventos, espacios y encuentros en las ciudades de Rosario y Córdoba.

Palabras clave: control migratorio y fronterizo, temporalidad, ilegalización, racialización, migración haitiana.

ITINERANCIAS EN EL CONTEXTO COLOMBIANO: FRONTERAS EN MOVIMIENTO Y ESTRATEGIAS MIGRATORIAS DE PRESERVACIÓN

Tipo de presentación: Ponencia.

Clavijo, Janneth⁹
Ceballos, Marcela¹⁰
González, Adriana¹¹

Las transformaciones recientes de las dinámicas migratorias regionales, nos presenta una geografía en la que Colombia se evidencia como un lugar socioespacial clave, donde confluyen múltiples movili- dades y procesos de la migración sur-sur. El territorio colombiano como lugar de tránsito está deter- minado por su localización geográfica de país fronterizo (comparte fronteras terrestres con Venezuela, Ecuador, Panamá, Perú, Brasil), se constituye en frontera continental abierta y como puerto de acceso al océano Pacífico por el occidente y, al océano Atlántico a través del mar Caribe como frontera ma- rítima con Centroamérica, en una ruta hacia Estados Unidos y Canadá.

En la compleja geografía migratoria regional, Colombia se ha venido posicionando como país de tránsito y destino de una diversa migración extracontinental en ruta hacia Centro y Norteamérica principalmente. Entendemos que, aunque el tránsito implica el paso provisorio por lugares en los que se establecen conexiones con vista a un destino proyectado como permanente, estos lugares no son exclusivamente puertos de paso, sino que, con frecuencia, se consolidan como espacios de asen- tamiento, sin que los términos temporales y socio-espaciales de la provisionalidad en esas trayectorias migratorias sean muy claros (en muchos casos la espera puede llegar a ser de 2 años o más).

Ahora bien, las lecturas y representaciones, en torno a las dinámicas migratorias en el escenario co- lombiano han estado asociadas a los discursos y datos difundidos por diversos organismos. Para el año 2018 se constituía como el país de origen de mayor número de refugiados en la región, con una cifra que ascendía a 300 mil refugiados reconocidos (ACNUR, 2018). En el contexto reciente la atención ha estado centrada en la migración de origen venezolano: en mayo de 2019, la Plataforma de Coordi- nación para Refugiados y Migrantes R4V, planteaba que en el territorio colombiano se encontraban 5.303 solicitantes de asilo de origen venezolano, y 140 refugiados reconocidos de la misma naciona- lidad para diciembre del mismo año. Según información de la Cancillería reportada por el proyecto Migración Venezuela, en 2019 Colombia recibió 10.479 nuevas solicitudes de refugio de ciudadanos venezolanos; mientras que, Perú y Brasil agruparon cerca del 70% de estas nuevas solicitudes de ve- nezolanos, para ese mismo año con 482.571 y 129.988, respectivamente.

Para marzo de 2020 -mes en el que cerraron los pasos fronterizos y se prohibió el ingreso al país de personas extranjeras, como parte de las medidas implementadas en el marco de la emergencia sanitaria por COVID-19- la Plataforma R4V publicó que, la cifra aproximada de migrantes, refugiados y solicitantes de asilo de origen venezolano en Colombia era de 1,809,872 personas. Mientras que Migración Colombia planteaba en abril de 2020 que, la cifra ascendía a 1,825,000 personas vengo- lanas radicadas en el país. Para enero de 2021, la Plataforma R4v actualiza el número aproximado de migrantes, refugiados y solicitantes de asilo de origen venezolano estimando 1,742,927 personas en

⁹ CONICET-Universidad Provincial de Córdoba (UPC). Córdoba- Argentina. jannethclavijopadilla@gmail.com

¹⁰ Instituto Pensar- Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá- Colombia. ceballos.marcela@javeriana.edu.co

¹¹ Universidad de Antioquia. Medellín – Colombia. amaria.gonzalez@udea.edu.co

territorio colombiano, de las cuales se calculaba que 759,584 se les había concedido algún permiso de residencia o estancia regular.

La interpretación de estas dinámicas en el contexto geopolítico de la región implica develar las relaciones entre las distintas movilidades y el régimen de control regional de las migraciones. En particular, entender el asilo como parte del régimen de control de la movilidad (De Genova, Garelli y Tazzioli, 2018; Domenech, 2017), y a las migraciones catalogadas como forzadas en el marco del ejercicio de la autonomía y la libertad de movimiento, en tensión permanente con las normas, los procedimientos y los mecanismos de control estatales y supraestatales sobre estas formas de migración.

La pandemia por el Covid-19 ha tenido impactos diferenciales sobre la población, acentuando condiciones de vulnerabilidad, precariedad y desigualdad, particularmente en los países latinoamericanos, aunque no exclusivamente. La población migrante que transita a pie en un cruce permanente por los corredores fronterizos, se encuentra en un proceso de errancia o itinerancia que implica una mayor precarización y producción de vulnerabilidades. En este contexto, las fronteras y los corredores fronterizos (entre ellos la frontera colombo-panameña, colombo-venezolana y colombo-ecuatoriana), se han reconfigurado no solo por el incremento de las restricciones al movimiento, la progresiva militarización, y el aumento de personas retenidas en las zonas fronterizas, también, la frontera se presenta de modo itinerante, rastreando, vigilando y atajando a las poblaciones que se desplazan.

Esto, se articula con el despliegue de dispositivos de necropolítica (Estévez, 2018; Varela, 2019), sobre la población migrante -con mayor visibilidad sobre la población de procedencia venezolana- que ha transitado desde antes de la pandemia por las trochas que algunos han nombrado como la “ruta de la infamia” (Red Humanitaria, 2020). Un flujo permanente de caminantes, por más de cuatro años, pone en evidencia la tensión entre la ambigüedad de las medidas de los gobiernos nacionales y locales y la hospitalidad/cooperación de organizaciones sociales y/o comunidades que asumen prácticas de acogida. En uno de los pasos (entre Patios, una localidad de Norte de Santander en la frontera colombo-venezolana y Bucaramanga, capital de Santander) se registraba un promedio de 500 caminantes por día, disminuyendo a 80 a partir del confinamiento decretado por la emergencia sanitaria (Red Humanitaria, 2020). Frente a esta reconfiguración del control a la movilidad sostenemos que las poblaciones migrantes generan estrategias de preservación vital, donde el cuerpo adquiere una especial relevancia para el ejercicio de la movilidad, frente a las condiciones de miseria, terror y exterminio que implican detenerse o permanecer en el lugar de origen.

Proponemos en este trabajo avanzar con el análisis sobre las migraciones en el contexto colombiano actual, en particular, aquellas asociadas con las itinerancias y los corredores fronterizos. Entre los objetivos buscamos identificar aquellos aspectos y categorías que se han priorizado en la producción de diagnósticos y de discursos gráficos sobre estas itinerancias, a la vez, qué actores han estado involucrados en esa construcción y de qué forma. Algunas preguntas que guían esta propuesta se enfocan en: ¿Cómo se han (in)visibilizado las itinerancias y cómo se articulan con la configuración de las fronteras en el territorio? ¿Cómo han sido caracterizadas y reconstruidas las trayectorias de los caminantes por parte de los Estados, organismos intergubernamentales y organizaciones de la sociedad civil? ¿Qué miradas alternativas se han producido?

Palabras clave: desplazamientos, fronterización, itinerancias, preservación y Colombia.

POLÍTICAS DE (IN)MOVILIDAD (TRANSFRONTERIZA), PRODUCCIÓN DE FRONTERAS Y GRUPOS MIGRANTES MIGRACIÓN CENTROAMERICANA EN MÉXICO

Tipo de presentación: ponencia

Castillo Ramírez, Guillermo¹²

La migración centroamericana irregularizada y en tránsito por México tiene un carácter histórico, es masiva en términos demográficos y acontece en diferentes contextos nacionales y regionales de procesos de exclusión y violencia. Durante los últimos años esta movilidad transfronteriza ha tenido diferentes procesos de cambio (las “caravanas migrantes”, la acentuación del cierre de fronteras y las dinámicas de criminalización del migrantes). Desde México, el estudio de dicha migración ha sido más bien de corte mono disciplinar (demografía, historia, sociología, antropología, sociología, etc.) y centrada en el análisis de ámbitos específicos de la misma (el perfil y rasgos demográficos de los migrantes, las causas de la migración, los países de tránsito y destino, entre otros). En esta ponencia, y mediante la consulta de diferentes fuentes y bibliografía especializada, planteamos hacer un abordaje inicial y más de carácter reflexivo (en términos de ciertas conjeturas) sobre las relaciones entre la producción de fronteras, las políticas de la movilidad (transfronteriza) y los grupos migrantes para el caso de la migración forzada centroamericana contemporánea en tránsito irregularizado por México. Más que una investigación acabada y muy bien estructurada de argumentos probados y evidencia abundante, el texto trata de abrir la posibilidad de un espacio para explorar diversas ideas y conexiones entre diversos procesos.

¹² IGg UNAM. Correo: saudadegriss@yahoo.com e gcastillo@igg.unam.mx

MIGRANTES Y CONDICIONES HABITACIONALES EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES: UN ESTUDIO COMPARATIVO DE CASOS

Tipo de presentación: Ponencia

*Cruel Natalia Rocío*¹³

La historia de la Argentina está altamente influida por las diferentes corrientes migratorias que la fueron atravesando. El escenario protagonista por excelencia de este proceso es la Ciudad de Buenos Aires. En este estudio se busca comprender determinados componentes que configuran la heterogeneidad de la población migrante que habita dicho territorio. Se hace hincapié en el imaginario etnocéntrico que jerarquizó a la población migrante, repercutiendo en un proceso histórico de discriminación y segregación hacia los sectores proveniente de países latinoamericanos. Para un abordaje específico de la problemática, se delimita el análisis a cinco países considerando el papel significativo que representan en el estudio: Paraguay, Bolivia, Perú, Italia y España. Las grandes inequidades que estructuran la heterogeneidad de estos grupos migrantes, determinadas ampliamente por los componentes discriminatorios que predominan en el imaginario social, se ve reflejada en la calidad de vida desigual que experimentan estas poblaciones. El abordaje histórico que configura las condiciones estructurales de desigualdad hacia el interior de los grupos migrantes en la Ciudad de Buenos Aires es acompañado de un análisis pormenorizado acerca de la evolución de la problemática durante la primera década del siglo XXI, extrayendo información disponible en los Censos Nacionales de Población, Hogares y Viviendas de los años 2001 y 2010. Para comprender las condiciones habitacionales que determinan la desigualdad en el acceso a la vida urbana digna se hace un estudio comparativo de los niveles de necesidades básicas insatisfechas (NBI) por país de origen y se examina su evolución a lo largo del periodo que comprende la primera década del siglo XXI.

Palabras clave: población migrante, condiciones socio-habitacionales, imaginario etnocéntrico, desigualdad urbana

¹³ Universidad Nacional de General Sarmiento – Instituto del Conurbano. Natycruel@gmail.com

UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA SOBRE EL PATROCINIO DE REFUGIADOS

Tipo de presentación: Ponencia

Rovetta Cortés, Ana Irene¹⁴

Cada vez son más los países occidentales que afirman implementar “esquemas o programas de patrocinio de refugiados” como respuesta a la denominada “crisis de los refugiados”.

En muchos contextos se proclama que el esquema adoptado está basado en el modelo canadiense (vigente en la legislación desde el año 1976); en otros casos, se afirma que éste surge de manera espontánea ante una “emergencia humanitaria” concreta. En algunos escenarios, las iniciativas han tenido una duración muy limitada; en otros, han durado años. En escasas ocasiones, éstas se han dirigido a personas con necesidad de protección internacional de cualquier parte del mundo. En la mayoría, no obstante, se han destinado a personas de países concretos, sobre todo, de Siria. Los nombres que estas estrategias público-privadas de intervención adquieren también han sufrido modificaciones: a veces se ha hablado de patrocinio privado, a veces de patrocinio comunitario y, eventualmente, también, de corredores humanitarios. En todos los casos, con independencia del nombre, la duración, el modelo inspirador o el país de origen de la población admitida, se ha argumentado, no obstante, que la principal ventaja de los esquemas de patrocinio es que éstos permiten involucrar a distintos integrantes de la sociedad civil (ciudadanos, organizaciones no gubernamentales, instituciones eclesiásticas...) en la búsqueda de “soluciones” ante el “problema” que supone que hayan aumentado los desplazamientos forzados a escala global.

En este encuentro deseo presentar una revisión sistemática de la literatura publicada en los últimos veinte años sobre iniciativas que han recibido el rótulo de patrocinio de refugiados. Con ello, mi intención es ofrecer una panorámica que permita distinguir: qué se entiende por patrocinio de refugiados; dónde y cómo surge este tipo de estrategias de intervención; en qué momento se expande por Occidente; de qué modo; y con qué fundamento.

A partir de la revisión y sistematización de 43 textos publicados sobre tales iniciativas se examinan las experiencias de patrocinio de: Argentina, Canadá, Australia, Nueva Zelanda, Alemania, Reino Unido, Polonia, Eslovaquia, Francia, Irlanda, República Checa, Bélgica, España, Suiza, Portugal e Italia.¹⁵ A partir del contraste entre estas iniciativas, se detectan importantes diferencias en el diseño y alcance de las mismas, aunque ciertas similitudes cuando éstas se cotejan a escala regional (entendiendo por región: Norteamérica, Oceanía, Europa y América Latina). Entre las discrepancias principales, se identifican como relevantes aspectos tales como: los permisos de entrada concedidos a la población desplazada, el perfil de los actores involucrados en destino, y los criterios de admisibilidad de población (en términos de nacionalidad, religión, vulnerabilidades y/o destrezas). Se advierte, asimismo, que, con independencia de la región del mundo a la que se haga referencia (y de las consiguientes diferencias detectadas), son más los autores partidarios de este tipo de propuestas que

¹⁴ Investigadora asistente de CONICET (Unidad Ejecutora en Ciencias Sociales y Regionales / Universidad Nacional de Jujuy). Correo electrónico de contacto: anairene.rovetta@gmail.com

¹⁵ La revisión sistemática diseñada es de carácter descriptivo. En total, esta revisión incluye 43 textos: 23 artículos científicos, 4 libros o secciones de libro y 13 documentos “grises”. 35 publicaciones están en inglés, 5 en español y 1 en portugués. Su examen permite ofrecer una descripción de las características de las distintas iniciativas englobadas bajo la categoría de patrocinio de refugiados.

aquellos que lo cuestionan. En otras palabras, ya se entienda que el patrocinio de refugiados es una vía privatizada de reasentamiento, un mecanismo de reunificación familiar, un canal de admisión humanitaria y/o, simplemente, un proyecto de acompañamiento lego, la literatura al respecto tiende a examinar estos esquemas bajo una luz favorable: como mecanismos que favorecen el compromiso o la participación cívica, y el “reasentamiento” de “refugiados”.

La revisión sistemática de la literatura especializada permite identificar, además, dos principios diferentes al principio de adicionalidad que caracteriza el modelo original de patrocinio canadiense: el principio de substracción y el principio de sustitución. Si el primero implica que el patrocinio de refugiados complemente la cuota anual de refugiados reasentados que recibe un país (algo que ocurre en países como Canadá, Nueva Zelanda y Australia), el segundo supone que los “refugiados” admitidos por esta vía se descuenten de las cuotas anuales de reasentamiento o reubicación (algo que sucede sobre todo en los países europeos), y el tercero que el esquema de patrocinio suplante a los programas de reasentamiento (lo que habría venido ocurriendo en Argentina). La no problematización de estos principios parece sugerir que las lecturas economicistas y/o humanitarias en la literatura especializada sobre los esquemas o programas de patrocinio de refugiados estarían eclipsando interpretaciones políticas y/o centradas en un enfoque de derechos.

Palabras clave: Patrocinio de refugiados – Patrocinio privado – Patrocinio comunitario – Corredores humanitarios.

ANÁLISIS DEL CAMBIO CLIMÁTICO Y LA GESTIÓN DEL RIESGO EN EL CORREDOR SECO MESOAMERICANO. HACIA LA COMPRENSIÓN DE LOS FACTORES MIGRATORIOS

Tipo de presentación: ponencia

Rejas Ayuga, Juan Gregorio¹⁶

Vallejos Mihotek, Mara Luana¹⁷

El principal objetivo de la presente investigación es avanzar en la comprensión de las causas que implican a los procesos migratorios producidos en las últimas décadas en el Corredor Seco Mesoamericano. El cambio climático viene evidenciando la alta vulnerabilidad de los países de América Central y Caribe con eventos climáticos extremos cada vez más reiterados y próximos en el tiempo produciendo efectos devastadores de manera inmediata, así como en el medio y largo plazo. Se analiza en esta búsqueda de causas potenciales migratorias una variable estrechamente relacionada como es el cambio de la cobertura del terreno y de los usos del suelo, agudizado por los efectos del cambio climático en esta región, una de las más vulnerables de la Tierra según se recoge en el último informe *del Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC) de 2019. Se han utilizado con este objeto datos espaciales del Programa Europeo Copernicus y registros históricos de la NASA junto con información recabada sobre el terreno, estudiando la relación entre los cambios del territorio producidos directamente o indirectamente por el cambio climático y la capacidad de adaptación humana junto al hecho migratorio tanto interno nacional como transnacional. Se discuten los resultados fruto de la labor de diversos grupos de cooperación universitaria y se exponen conclusiones alineadas con las debatidas al respecto en el 1º y 2º Foro Mesoamericano sobre Cambio Climático celebrados en Antigua, Guatemala y Chiapas, México, respectivamente.

Palabras Clave: Cambio Climático, Migraciones, Análisis Geospacial, Cobertura del Terreno, Programa Copernicus.

¹⁶ Universidad Politécnica de Madrid (UPM), España. Juangregorio.rejas@upm.es

¹⁷ Universidad Politécnica de Madrid (UPM), España. mara.vallejos@gmail.com

MONOCULTIVOS DE PIÑA EN REGIONES FRONTERIZAS Y MERCADOS LABORALES CIRCULARES EN COSTA RICA. DOS PROPUESTAS CARTOGRÁFICAS CRUZADAS

Tipo de presentación: Ponencia

Prunier, Delphine¹⁸

Rodríguez, Tania¹⁹

Montoya, Valeria²⁰

Nuestra propuesta para el simposio se inscribe en el marco del proyecto PAPIIT “Extractivismo agrícola, cadenas productivas y mercados laborales en Centroamérica. Acercamiento desde la frontera Costa Rica-Nicaragua”, cuyo objetivo es estudiar las dinámicas actuales de fronteras y las desigualdades dentro del sistema agroalimentario global, así como los fenómenos de asimetría, expulsión y movilidad en región centroamericana. Nos enfocamos en particular en el caso de la frontera Costa Rica / Nicaragua, en su dimensión territorial, rural y migratoria.

A través de la noción de extractivismo agrícola, se cuestionarán las dinámicas de enclave y de monocultivos orientados hacia la exportación, como un modelo de desarrollo que descansa en la asimetría espacial fronteriza, generando a su vez formas de despojo y relaciones de dominación que se expresan a nivel tanto social como territorial. Para indagar sobre los efectos de la agricultura extractiva y de la frontera en la construcción de territorialidades desiguales, recurrimos a dos hipótesis: 1) existe una geopolítica de la agricultura intensiva que vincula lógicas productivas globales con dinámicas de movilidad temporal y circulatoria (especialmente de jornaleros nicaragüense hacia Costa Rica); 2) las relaciones de dominación características del sector del agro global son productoras de espacios y de desigualdades territoriales, sobre todo a través de la explotación de recursos agrarios y laborales.

El proyecto tiene como objetivo demostrar que las situaciones de pobreza y violencia socioeconómica en los países centroamericanos tienen raíces profundas en los modelos de desarrollo y de producción que afectan históricamente a los territorios de la región. También busca establecer una cartografía de las desigualdades territoriales en el medio rural, enfocándose en particular en el control de los recursos por parte del sector agrícola global, en los impactos socioambientales locales y en la conformación de un mercado laboral transfronterizo alimentado por trabajadores migrantes que se desplazan desde Nicaragua.

En el marco de esta reflexión colectiva que involucra académica/os de México y Costa Rica, buscamos alimentar los debates de esta mesa de EGAL dedicada a las cartografías críticas latinoamericanas, con la presentación de dos metodologías cruzadas que se encuentran en el centro de nuestro esfuerzo por analizar las problemáticas sociales y territoriales alrededor de la producción intensiva de piña en la región fronteriza del norte de Costa Rica. Se trata de dos perspectivas (o dos lentes) que se complementan y dialogan una con la otra. Por un lado, en colaboración con el MOCUPP (sistema de Monitoreo de cambio de uso en paisajes productivos), programa sostenido por el Sistema Nacional de Información Territorial de Costa Rica y por el PNUD, realizamos un análisis de la expansión del cultivo de piña en la zona fronteriza desde los últimos 20 años, a partir de imágenes satelitales y técnicas

¹⁸ Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, México. CORREO

¹⁹ Escuela de Geografía, Centro de Investigación y Estudios Políticos – UCR, Costa Rica. CORREO

²⁰ Programa Kioscos Socioambientales- UCR, Costa Rica. CORREO

de teledetección. Esta cartografía convencional permite representar en mapas la transformación del territorio en términos de lógicas productivas, expansión de monocultivos e impactos en las estructuras agrarias (relacionando los datos con la información del catastro). La calificamos de “cartografía desde arriba”, tanto por su modalidad técnica, como por su carácter institucional y cuantitativo. Un primer objetivo de la contribución es subrayar los aportes de este tipo de metodología y sus alcances en términos de rol de diversos actores y de difusión de la información para el conocimiento de la problemática del extractivismo agrícola en zona fronteriza hacia ámbitos amplios de la sociedad.

Por otro lado, nuestra investigación se desarrolla a través de un acercamiento al campo de tipo etnográfico y de la realización de cartografías participativas con las comunidades directamente impactadas por el megaproyecto piñero. Nos apoyamos en la larga experiencia del Programa Kioscos Socioambientales para la Organización Comunitaria de la UCR para establecer metodologías de “cartografía desde abajo” que permitan la expresión de los actores e interpretar las reconfiguraciones territoriales relacionadas con la agricultura global a la luz de las experiencias socioespaciales de los pequeños productores, de los habitantes de la región que sufren del deterioro ambiental y de la/os trabajadora/es migrantes que se insertan en el mercado laboral agrícola transfronterizo. El segundo objetivo de esta contribución es visibilizar las trayectorias circulatorias y dinámicas de anclaje multiterritoriales de esta población migrante temporal, como pieza clave en la lógica capitalista de aprovechamiento de las desigualdades y asimetrías socioespaciales. Esta parte del proyecto se basa en la experiencia de trabajo en las comunidades de Santa Fe y Medio Queso de la Zona Norte del país, en las cuales se ha trabajado alrededor del tema tranfronterizo, trabajo asalariado y expansión piñera, desde un enfoque que prioriza el vínculo con las personas de organizaciones comunitarias y laborales, la educación popular y las pedagogías críticas.

Esta ponencia busca así generar una reflexión sobre el uso complementario de dos métodos que muchas veces se han visto como contradictorios. El EGAL representa una oportunidad de exponer estas dos facetas del acercamiento cartográfico que proponemos, hacia una mejor comprensión de la articulación entre frontera y movilidad en el contexto de la agricultura global contemporánea, reflexionando acerca de las representaciones e imaginarios de los actores tanto institucionales como locales. Además, nuestra propuesta pretende integrar la discusión sobre el reto de la realización de las actividades proyectadas y la gestión de las mismas en medio de un contexto de pandemia a nivel global.

Palabras clave: piña; regiones fronterizas y mercados laborales circulares



MESA 34

MESA 34: CORREDORES MIGRATORIOS EN AMÉRICA LATINA: NUEVOS FLUJOS MIGRATORIOS, NUEVAS TERRITORIALIDADES, NUEVAS RESTRICCIONES

Coordinadores/as: Claudia Pedone, Bruno Miranda y Soledad Álvarez Velasco

MESA 34: CORREDORES MIGRATORIOS EN AMÉRICA LATINA: NUEVOS FLUJOS MIGRATORIOS, NUEVAS TERRITORIALIDADES, NUEVAS RESTRICCIONES

Coordinadores/as: Claudia Pedone¹,
Bruno Miranda² y
Soledad Álvarez Velasco³

Frente a los procesos de securitización de las migraciones a nivel global y a la externalización de las fronteras de los países del Norte hacia el Sur, los sistemas migratorios transatlántico entre Europa y América Latina, y el de la región con Estados Unidos y Canadá se han modificado y complejizado. Actualmente, tanto países emisores como países de destino, cumplen varias condicionalidades migratorias siendo a la vez, países emisores, de destino, de tránsito, de espera, de retorno voluntario o forzado, y de atascamiento de flujos migratorios no sólo regionales, sino también extra-continetales, tanto de migrantes como de solicitantes de asilo/refugio. En este sentido, estas dinámicas migratorias están redefiniendo las geografías de las moviidades en varios corredores migratorios en toda la región latinoamericana que durante la pandemia exacerba las ya complejas situaciones de violencia e injusticia social, económica y legal que afectan desproporcionadamente a migrantes y solicitantes de asilo/refugio en las Américas. Esta mesa temática llama a ponencias que planteen críticas a las miradas académicas y políticas dominantes sobre las siguientes temáticas:

- Externalización de la frontera de Estados Unidos y sus efectos espaciales en la región.
- Corredores migratorios regionales: entre la violencia, la organización social y la (in)movilidad.
- Trayectorias y estrategias migratorias, socioeconómicas, jurídicas, laborales y digitales en el cruce de las fronteras en América Latina, atendiendo a la interseccionalidad.
- Cierre de fronteras, deportaciones, mecanismos de control en tiempos de pandemia en América Latina.

¹ CONICET-IIIEGE, Universidad de Buenos Aires, Argentina

² IISUNAM, Instituto de Investigaciones Sociales, México

³ Colectivo de Geografía Crítica, Ecuador- Universidad de Houston, Estados Unidos

A ROTA PARA O BRASIL E AS TRANSFORMAÇÕES NA MOBILIDADE MIGRATÓRIA HAITIANA

Thauany Freire⁴

“Porque você veio aos Estados Unidos?” Essa é a primeira pergunta que consta no questionário aplicado à crianças que atravessam sozinhas a fronteira do México para o Estados Unidos. Em *Tell me How it Ends: an essay in 40 questions*, a escritora Valeria Luiselli analisa como as bases da política migratória atual dos Estados Unidos subjazem a cada uma das perguntas às quais as crianças mexicanas são submetidas nos seus primeiros encontros com a *migra*. Com os testemunhos de crianças ameaçadas de deportação em mãos durante seu trabalho de intérprete na Corte Federal da Imigração, no ano de 2014, a autora conclui: *A motivação dessas crianças não é tanto o sonho americano em abstrato, e sim a mais modesta porém urgente, aspiração a acordar do pesadelo em que muitas delas nasceram.*

No mesmo ano de 2014, um grupo de aproximadamente 400 pessoas que haviam partido do Haiti, estava agora alojado no Pátio da Igreja Missão Paz, no centro da cidade de São Paulo. Trabalhando como tradutora-voluntária, me deparei com a mesma pergunta, agora na versão “Porque você veio ao Brasil?”, constando nos questionários direcionados às/aos solicitantes de visto humanitário no país. “Porque você veio ao Brasil?” se tornaria, dali em diante, a pergunta mantra que toda pessoa haitiana estaria submetida a responder nos mais variados contextos da sua vida na nova sociedade de destino. A mais ligeira aproximação com a história do Haiti nos leva a notar como a emigração persiste, do início do século XX até os dias mais recentes, na trajetória de trabalhadores e trabalhadoras que ali nasceram. Mas, o que há de novo e específico na forma atual da mobilidade migratória de trabalhadores/as haitianos/as? O que mudou ao longo do tempo? Como a migração haitiana para o Brasil integra uma qualidade nova da emigração haitiana? Como captar essas transformações? O objetivo deste artigo é perseguir estas interrogações junto de entrevistas com imigrantes haitianxs presentes no Brasil e revisão bibliográfica sobre o assunto.

Nossa orientação teórico-metodológico parte da ideia de que o capitalismo é uma totalidade social que, buscando seguir a sua própria lógica, produz as alterações que redefinem a si própria continuamente, numa dinâmica prehe de revolucionamentos e rupturas históricas moduladas pela necessidade de sustentar os mesmos fundamentos que a edificam.

Diz Carlos Vainer (1984), no seu ensaio *Trabalho, espaço e Estado: questionando a questão migratória*, que um estudo crítico sobre processos migratórios deve estar atento, antes de tudo, às *condições de existência da migração*. As respostas que revelam as razões mais imediatas pelas quais se migra podem sim nos ajudar a compreender o que é que vem mudando nas experiências migratórias ao longo do tempo, mas não são suficientes para entendermos a violência produtora de corpos e espaços envolvidos nos movimentos migratórios que se processam no interior da formação social capitalista.

Perguntar sobre as *condições de existência da migração* equivale, portanto, a traçar um percurso de investigação interessado em compreender como os corpos adquiriram a mobilidade que lhes move entre espaços que, ao mesmo tempo, também se transformam e se produzem com a migração. Com a intenção de desnaturalizar o movimento de corpos convertidos em mercadoria força de trabalho na

⁴ Doutoranda em Geografia Humana na USP (Universidade de São Paulo) e bolsista da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)

busca por lugares onde possam ser vendidos, lemos a migração como parte da dinâmica histórica do capitalismo que engendra a *mobilidade do trabalho* (GAUDEMAR, 1977).

Marx chama de “acumulação primitiva” o movimento lógico e histórico de criação das condições iniciais para a produção e reprodução do capital, dentre as quais figura a disponibilidade de força de trabalho a ser consumida produtivamente. Trata-se, assim, da expropriação dos povos de suas terras e demais condições autônomas de reprodução, e logo, da produção de sujeitos que sejam possuidores tão somente da força de trabalho que venderão para assegurar suas sobrevivências.

Sendo o Haiti produto da colonização, nosso estudo exige uma compreensão firmada no processo colonial. Diferente daquilo que é apresentado por Marx na sua análise do caso inglês dos cercamentos, a “acumulação primitiva” no espaço que dali em diante será chamado de Haiti não será gerar á trabalho livre, mas escravo, fato que merece atenção, pois determinante para a forma das relações sociais que estruturaram a moderna sociedade haitiana. Sob as mesmas considerações, investigaremos também como após a abolição e independência, a posição periférica do país no mercado mundial condiciona as particularidades da despossessão e da formação da superpopulação relativa que alimentará as rotas migratórias das/dos trabalhadores/as haitianos/as.

Em resumo, este artigo procura captar o processo de formação e transformação da *mobilidade do trabalho* no Haiti e suas conseqüências migratórias, tal como se iniciou com o sistema colonial-escravista, passando por modificações no curso do processo de modernização até integrar o que aqui chamaremos de *crise do trabalho*. Por fim, concluiremos que as transformações recentes na migração haitiana são representativas de como as novas configurações da imigração internacional são produzidas por um cenário contemporâneo mundial de agravamento da racialização da crise social. Cenário este revelado tanto nas causas construídas nos países de origem, quanto nas experiências vividas pelas pessoas migrantes nas cidades de recepção.

Palavras-chave: migração haitiana; crise do trabalho; racialização.

INMOVILIDADES CARIBEÑAS Y AFRICANAS EN ESPACIOS DE ESPERA FRONTERIZOS EN LAS AMÉRICAS

Bruno Miranda⁵

A través de la identificación de espacios fronterizos que articulan corredores migratorios en las Américas, pretendo analizar los efectos del cierre de fronteras y del ordenamiento migratorio implementado por diferentes Estados latinoamericanos a partir de 2016 y en lo que va de la pandemia de coronavirus, sobre las movilidades caribeñas y africanas. Demuestro cómo el control migratorio y la gestión securitista de las fronteras en el corredor Sur- Centroamérica-México-EEUU, basados en el discurso de combate a la migración “irregular”, a la trata y al tráfico de personas, produce situaciones de espera y estrategias de cruce riesgosas, dadas las imposibilidades del tránsito regular para llegar a solicitar asilo en EEUU en los puertos de la frontera norte de México.

Palabras clave: espacio fronterizo; espera; corredor migratorio

⁵ IISUNAM, Instituto de Investigaciones Sociales, México

INMOVILIDADES EN TORNO A LAS CIRCULACIONES DOMÉSTICAS Y INTERNACIONALES. UN ANÁLISIS SOBRE LOS EFECTOS DE LA PANDEMIA Y EL ASPO EN LOS TRABAJADORES TEMPORARIOS SALTEÑES Y BOLIVIANOS

Soraya Ataide⁶

En esta ponencia analizamos los efectos de la pandemia del COVID-19 y el Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio – ASPO- (Decreto 297/2020) entre marzo y noviembre de 2020 sobre ciertas movilidades históricas cíclicas. Aquellas que despliegan anualmente trabajadores temporarios para articularse en mercados de trabajo generalmente precarizados e informalizados del sector agrícola. Planteamos cómo las dinámicas de fronterización (Grimson, 2012) que emergieron en el contexto pandémico incidieron sobre las inmovilidades (Glick Schiller y Salazar, 2013; Domenech, 2020) y en las condiciones de retorno de estos trabajadores.

Por un lado, observamos los efectos de la restricción a la movilidad en los trabajadores “norteños” (Trpin, 2020) de origen salteño, que al momento de decretarse el ASPO se encontraban en provincias como Mendoza, Río Negro, Neuquén, entre otras, levantando cosechas de diversos cultivos (Trpin, Ataide y Moreno, 2020). Sobre ellos el ASPO operó reforzando los límites provinciales, concebidos como fronteras por su función de control a la movilidad (Benedetti, 2018). Por otro lado, indagamos en la incidencia del ASPO y del cierre e hipervisibilización de la frontera internacional argentino-boliviana, sobre las movilidades de los trabajadores procedentes de Bolivia a quienes la medida de aislamiento les encontró realizando trabajos de cosecha y poscosecha en fincas tabacaleras del valle de Lerma en la provincia de Salta.

Una mirada puesta en los procesos de movilidad e inmovilidad (Glick Schiller y Salazar, 2013) articulada con la de territorio circulatorio (Tarrius, 2000) nos permite incorporar las dos dimensiones guías de la producción de territorios: el espacio y el tiempo, y particularmente esta última, dando cuenta de la relevancia de los “ritmos” de la vida social. El territorio para Tarrius (2000), es esencialmente una construcción social, reflejo de las relaciones de poder, pero además, es memoria compartida. Esa memoria permite afirmar una identidad circulatoria, que responde a un saber específico: el “saber circular” (Tarrius, 2000). Asimismo, estas nociones permiten atender a los mecanismos de inclusión/exclusión que operan sobre las experiencias de circulación.

Los hallazgos que presentamos se basan en el registro de entrevistas realizadas durante el 2020 y el 2021, a salteños y bolivianos afectados, a referentes de organizaciones sociales y a funcionarios públicos de la provincia de Salta como también de Bolivia. Asimismo incorporamos el relevamiento de artículos periodísticos realizados en Diarios provinciales, nacionales y portales web de noticias como también decretos y resoluciones vinculados a las actividades agrícolas en cuestión. También incluimos resultados de investigación previos al momento pandémico, basados en entrevistas y observaciones (Ataide, 2019 y Benencia y Ataide, 2016).

“La consigna del Estado Nacional expresada en el “#Quedateencasa”, demuestra que lo que para algunos supuso una cuarentena segura, un confinamiento temporal, para otros se trató de un destino: quedar in-movilizados” y lejos de sus lugares de origen (Trpin, Ataide y Moreno, 2020). En el caso de los trabajadores domésticos, (nacionales argentinos) históricamente invisibilizados y despojados de sus

⁶ Instituto de Investigaciones en Ciencias Sociales y Humanidades –ICSOH- Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONICET- Universidad Nacional de Salta –UNSa- soraya.ataide@gmail.com

derechos como trabajadores, fueron estigmatizadas al momento de querer retornar a sus provincias de origen. Culpabilizados de poner en riesgo a la población salteña fueron al mismo tiempo, señalados como ciudadanos de menor valor y por lo tanto no merecedores del cuidado estatal.

Asimismo, identificamos el peso de la frontera internacional para el caso de los trabajadores bolivianos que tuvieron que permanecer durante meses en las fincas tabacaleras, en una situación de incertidumbre, sin ningún tipo de contención estatal. A la situación sanitaria en Bolivia se sumó el contexto político presente en este país, a partir del golpe de Estado que destituyó al presidente Evo Morales en noviembre de 2019. En marzo del 2020 tanto Argentina como Bolivia cerraban sus fronteras, en un clima de tensión que se dirimía también en los medios de comunicación. En ese marco, en la provincia de Salta, se evidenció una intensificación de discursos racializantes y xenófobos que incidieron no sólo en la población migrante temporaria, sino también a aquellos residentes en Salta y a sus familias.

Palabras clave: trabajadores temporarios, pandemia, circulaciones migratorias.

JÓVENES MIGRANTES VENEZOLANAS Y EL AUTOEMPLEO EN EL PERÚ: ENTRE LA PRECARIEDAD, LA INVISIBILIDAD Y LA AUTONOMÍA

Stéphanie Borios⁷

Cécile Blouin⁸

En esta ponencia buscamos analizar cómo jóvenes migrantes venezolanas recientemente llegadas y asentadas en el Perú ingresan a un mercado laboral en su mayor parte informal. Mediante el análisis de historias de vida de estas migrantes, exploramos la interconexión entre la evolución de las políticas migratorias y de asilo y las trayectorias laborales de estas mujeres. Estas trayectorias revelan que, al momento de buscar empleo, las migrantes no solamente enfrentan restricciones legales, sino que también tienen que lidiar con barreras sociales de todo tipo: presión del cuidado de familiares y del envío de remesas, prejuicios y discriminaciones por su género y/o nacionalidad, y condiciones de trabajo difíciles (horarios restrictivos y bajos salarios). Argumentamos que, en un contexto muy incierto y predominantemente informal y precario, el autoempleo a menudo se presenta para las migrantes como la mejor manera de asegurar un ingreso para mantener a sus familias y seguir adelante. Si bien el trabajo por cuenta propia forma parte de una dinámica de precariedad e invisibilidad frente al Otro y a las autoridades, les da a estas mujeres una cierta autonomía.

Palabras claves: migrantes venezolanas, auto-empleo, precariedad, invisibilidad, Perú.

⁷ Profesora Auxiliar, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú.

⁸ Doctoranda en Geografía Humana, Universidad de Durham, Inglaterra

FRONTERAS DIFUSAS, MIGRANTES EN RIESGO. CASO: VENEZOLANOS EN BRASIL

Madison González García⁹

Desde inicios del siglo XXI, Brasil viene recibiendo grupos de migrantes y refugiados haitianos y venezolanos por su frontera norte. Esta región considerada como un espacio periférico, con escaso desarrollo económico, grandes desigualdades sociales y una marcada dificultad de su población para acceder a los bienes y servicios públicos ha sido el escenario para albergar a grupos vulnerables. Hoy, la región norte, en este caso el estado de Roraima, concentra el mayor número de venezolanos, por la proximidad con Venezuela y por ser la puerta de entrada a Brasil. La dinámica de estos sujetos migrantes en esta región ha sido precarizada, cargada de xenofobia y prejuicios lo que imposibilita que las personas puedan establecerse y situaciones que requieren la intervención del Estado. El ingreso de venezolanos desde marzo de 2020, como consecuencia del cierre de fronteras y el cese de actividades asociados a la Pandemia de la COVID-19 ha tenido un descenso considerable debido al cierre de fronteras, sin embargo, no significa que los ingresos de venezolanos a Brasil hayan mermado, sino más bien que ha caído el registro estadístico de dichos movimientos. Los venezolanos en Brasil frente a la pandemia, se han visto afectados no solamente por la enfermedad, sino por las diversas restricciones como cierre de fronteras y la xenofobia institucionalizada. El 17 de marzo de 2020, Brasil decretó a través de la Portaria n°120 el cierre de la frontera norte, colocando “una restricción excepcional y temporal al ingreso de extranjeros de la República Bolivariana de Venezuela al país” (BRASIL, 2020). Esta medida fue justificada por la necesidad de enfrentar el COVID-19, inicialmente llegó a Venezuela y hoy se extiende a otros países limítrofes del territorio brasileño, restringiendo el ingreso de personas de cualquier país. Dada la extensión del límite territorial y la dificultad de control, la gente todavía se movía de un lado a otro. Pero, hasta marzo de 2021, se ha prorrogado el cierre total de fronteras, usando ordenanzas que se publican cada 30 días, todas las cuales tienen un punto común de sanción: prevén la deportación, la inhabilitación para las solicitudes de asilo y la responsabilidad civil, administrativa y penal de extranjeros que ingresen al país sin autorización. Con ello, se tiene que a pesar de que la portaría antes mencionada, fue publicada y organizada en el contexto de una pandemia, deja claro que la Soberanía Nacional y las decisiones del Poder Ejecutivo encuentran límites en la ley y en los compromisos asumidos en los tratados internacionales. En ese sentido, se propone en esta investigación analizar de qué forma las normativas del Ejecutivo brasileño han afectado la movilidad e inclusive los Derechos Humanos de los migrantes y refugiados venezolanos; entendiendo que esta forma de trato fronterizo, permite a los gobiernos imponer un estado de constante vigilancia y vulneración de los Derechos Humanos, teniendo en la pandemia un nuevo argumento para la reducción de libertades y derechos, en este caso, el derecho a buscar refugio.

Palabras clave: Venezolanos; cierre de fronteras; migrantes y refugiados; Derechos Humanos

⁹ Estudiante de doctorado del Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Rio de Janeiro, en la línea de investigación de Organización y Gestión del Territorio. Contacto: madison.gonzalez2104@gmail.com / madison@ufpr.br

CHILE FRENTE A LA CRISIS HUMANITARIA-MIGRATORIA VENEZOLANA: MILITARIZACIÓN Y AUSENCIA DEL ENFOQUE DE DERECHOS

Cociña-Cholaky, Martina¹⁰
Andrade-Moreno, Marcos¹¹

En el norte de Chile se está viviendo una grave crisis humanitaria a la que el gobierno ha respondido militarizando la frontera y expulsando migrantes. Desde septiembre del 2020 venían aumentando las llegadas de extranjeros, las que se agudizaron el último fin de semana de enero, cuando ingresaron 1.800 personas por Colchane, una localidad de 300 residentes, que no cuenta con servicios básicos. El incremento de venezolanos ingresando a Chile responde a una crisis humanitaria de proporciones, que según ACNUR ha afectado a casi cinco millones y medio de personas, quienes se han visto obligadas a desplazarse a otras naciones. Chile se ha erigido en uno de los tantos destinos dentro de la región, luego de Colombia y Perú, que triplican y duplican las llegadas.

La respuesta a esta crisis por parte del gobierno chileno no solo ha sido deficiente, sino que su propio actuar ha contribuido a agravarla. El presidente Piñera en febrero de 2019 les aseguró a los venezolanos que en Chile encontrarían refugio. No obstante, en vez de facilitar su ingreso, la política que se ha implementado ha dificultado el mismo. En 2018 el gobierno estableció la “visa de responsabilidad democrática” y en 2019 una visa consular de turismo, las que han operado como barreras a la entrada regular, pues apenas un cuarto de las visas solicitadas han sido otorgadas. Lo que ha generado un aumento en los ingresos clandestinos, los que en 2019 superaron los 8 mil, donde los venezolanos representan más de la mitad. De este modo el Estado se ha erigido en productor de irregularidad. Además, por la pandemia se cerraron las fronteras para el tránsito de personas, manteniéndose abiertas para las mercancías, y luego de unos meses se pausó la visa de responsabilidad democrática.

El gobierno de Chile se ha validado de estos instrumentos para conducir convenientemente la discusión, reduciéndola a la simple ecuación: regular/irregular. Utilizando una astuta y eficiente táctica, la Administración plantea que mientras los extranjeros en situación regular serían bienvenidos, quienes ingresan irregularmente serían excluidos. Como si ante tales medidas, los migrantes tuvieran posibilidad de entrar por pasos habilitados, siendo que precisamente su ingreso clandestino responde a que no se han facilitado los mecanismos institucionales para entrar regularmente.

Asimismo, la iniciativa del gobierno de licitar 15 aviones para la expulsión de migrantes conducirá al incumplimiento de las obligaciones asumidas, en tanto anticipa una respuesta jurídica equivocada, ya que los estándares de derechos humanos exigen a los estados indagar las solicitudes de refugio. Por ende, el gobierno debería promover la protección de quienes solicitan refugio, ya que, al respecto, las cifras son elocuentes: al 31 de diciembre del 2019 sólo 17 venezolanos han sido reconocidos como refugiados, mientras que ese mismo año ingresaron a Chile 16.933 personas declarando solicitud de refugio, de las que el 99% eran venezolanos.

El objetivo de esta ponencia consiste en articular tres críticas al manejo que el gobierno chileno ha tenido de la crisis humanitaria. En primer lugar, que la toma de decisiones y la implementación de medidas ha ignorado la evidencia académica y las recomendaciones de organismos especializados. El

¹⁰ Profesora de la Universidad Austral de Chile, martina.cociña@uach.cl

¹¹ Profesor e investigador del Instituto de Derecho Privado y Ciencias del Derecho de la Universidad Austral de Chile, marcos.andrade@uach.cl

gobierno ha abordado la migración asumiendo que, al imponer más trabas, los flujos de personas disminuirán o se frenarán. Por el contrario, los estudios dan cuenta que, estableciendo mayores barreras, los desplazamientos no se detienen, sino más bien se agudizan. Como resultado de la militarización de la frontera, los venezolanos que desean entrar a Chile siguen llegando por Bolivia, cambiando su ruta de ingreso.

Lo anterior nos conduce a la segunda crítica: el tratamiento jurídico de la movilidad humana desde el estado de excepción. El gobierno ha insistido en adoptar medidas excepcionales al gestionar la migración, esta vez ampliando las facultades de las Fuerzas Armadas, aumentando la presencia militar en la zona y expulsando a migrantes. El 10 de febrero pasado, según el ministro del Interior, se realizó la expulsión administrativa más masiva de migrantes, cuidadosamente escenificada por el gobierno: migrantes vestidos con overoles blancos subiendo al avión que los llevaría de regreso en fila. Estas expulsiones no se atuvieron alas normas del debido proceso ni a los estándares del derecho internacional de los derechos humanos, ya que el gobierno fomentó la autodenuncia de los migrantes, en vez de ofrecerles refugio, con el objeto de ser trasladarlos a residencias sanitarias y, una vez allí, notificarles la expulsión de madrugada, sin posibilidad de ejercer eficazmente la tutela judicial.

Por último, una tercera crítica a la respuesta del gobierno chileno a la crisis es la falta de una respuesta multilateral coordinada. Resulta incomprensible que uno de los países más ricos de América Latina, con un cuerpo diplomático con tradición de excelencia, no haya promovido y liderado esfuerzos conjuntos entre las naciones vecinas para enfrentar la crisis que la evidencia acumulada anticipaba. Los esfuerzos emprendidos por el gobierno son muy tibios y consisten en coordinaciones con las policías de algunos países vecinos, lo que devela la insistencia en la estrategia securitista y la estrechez de su abordaje: la Administración cree que la migración es un problema que debe abordarse exclusivamente desde el paradigma del Estado-nación.

Como se aprecia, la ponencia propuesta se inserta en la línea “Cierre de fronteras, deportaciones, mecanismos de control en tiempos de pandemia en América Latina”, esto pues, busca visibilizar cómo el gobierno chileno ha abordado la crisis venezolana, es decir, en vez de promover una acción regional concertada, continúa securitizando la migración, criminalizando a quienes se desplazan y realizando expulsiones masivas, sin cumplir los estándares del debido proceso. Por tanto, urge que la Administración implemente una política migratoria acorde a un enfoque de derechos humanos, que asegure efectivamente los derechos de las personas migrantes.

Palabras clave: migración, expulsión, militarización.

MIGRAÇÕES VENEZUELANAS, CRISE DA REPRODUÇÃO SOCIAL CAPITALISTA E NECROPOLÍTICAS DE FRONTEIRA

Ana Carolina Gonçalves Leite
Mariana Castro

Com nossa apresentação, desejamos discutir alguns aspectos das atuais migrações venezuelanas, chamadas também de diáspora venezuelana, relacionando-as com a crise da reprodução social capitalista e às necropolíticas engendradas com essa última. Para tanto, relacionamos tais fluxos migratórios com o estouro da bolha que caracterizou o fim do superciclo das commodities e a crise mundial de 2008 e seus desdobramentos na economia venezuelana a partir de um duplo aspecto de sua particularidade: por um lado, a histórica e estrutural dependência econômica da exportação petrolífera e, por outro, a instauração do bolivarianismo com a virada para o século XXI. Detendo-nos nomeadamente nos impactos da brusca queda dos preços do petróleo e das commodities e investigando quais aspectos suas repercussões tão graves revelam do modo de funcionamento da economia venezuelana e quiçá mundial para debater com o campo que problematiza se a origem das migrações está antes da crise, em função desta ou das sanções. Nosso objetivo é fazer uma revisão crítica dos pontos de vista em debate e caracterizar a brutal deterioração das condições de vida da população venezuelana, como também da ampliação da gestão armada da vida social no país, relacionando-os com a atual crise da reprodução social capitalista.

A reflexão sobre todo esse contexto em que se estabelecem as migrações venezuelanas, sobretudo pelos vínculos que possui com processos cuja escala é mundial, dá-nos a possibilidade, por sua vez, de discutir as condições contemporâneas em que se estabelecem as migrações e problematizar a divisão clássica entre migrações voluntárias e migrações forçadas. O caminho passa por identificar o caráter intrínseco e contraditoriamente forçado das migrações a partir do conceito de mobilidade do trabalho e a crítica da dupla liberdade que o fundamenta. Ser livre para ir e vir é necessariamente ser livre de tudo, de quaisquer outros meios de vida e de produção, de modo a ter de entregar-se à mobilidade como condição de reprodução social. No mesmo sentido, temos em conta a prevalência do caráter negativo ou forçado das migrações no início do desenvolvimento capitalista, com os diversos tipos de mobilização forçada que foram constitutivos da modernidade e que agora retornam com sua crise. Questionamo-nos, além disso, se a ideia de migrações voluntárias, cuja extração é eminentemente liberal, sempre associada ao migrante como agenciador de ganhos para si e para a circulação do capital, não opera em condições bastante restritas dos chamados de uma perspectiva ideológica de anos dourados do capitalismo ocidental no século XX e entra em derrocada logo em conjunto com o processo de crise. A reflexão se finaliza com um olhar debruçado sobre aspectos das migrações venezuelanas não somente para constatar-lhes o caráter forçado para além dos limites da Convenção de 1951 ou mesmo outras normatizações posteriores (como a Declaração de Cartagena de 1984, por exemplo), como também para averiguar uma tal generalização de base e sentido dos deslocamentos organizados pelo encastelamento securitários das aparentes ilhas de prosperidade num mundo que desaba, expulsando as populações do mercado de trabalho, do direito à cidade e à cidadania, da vida urbana em que elas foram arremessadas num longo processo de modernização que generalizou o trabalho assalariado no mundo e agora produz uma ampla superfluidade para aqueles que mediante muitas mobilizações e

remobilizações foram historicamente sujeitos ao trabalho.

Esse contexto em que ocorrem as migrações ajuda-nos, por sua vez, a refletir sobre a militarização ampliada da gestão da vida social que caracteriza a governamentalidade de populações na produção dessa diáspora como um “fluxo”, mas em nenhum momento fica restrita a ela. Para dar conta da abrangência dessa militarização analisaremos a Operação Acolhida e o que ela repercute da transformação institucional e da ascensão de determinado grupo de poder civil-militarizado ante o acirramento do conflito social no país. Nesse quadro, problematizamos também os interesses geopolíticos do Brasil em relação ao amplo reconhecimento dos venezuelanos como refugiados. Trata-se de colocar em paralelo duas formas contemporâneas de governo – Venezuela e Brasil – que só aparentemente são avessos. Para o encerramento dessa reflexão, propomos um olhar mais detido sobre como tais processos expressam-se na fronteira, aqui já num sentido mais amplo, que não se restringe a limites administrativos, mas sinalizam a progressiva expansão do estado de exceção mesmo em meio ao estabelecimento do estado de direito. São conflitos como a arregimentação de migrantes para o trabalho degradante, a inserção de organizações criminosas venezuelanas no garimpo ilegal, os massacres de povos indígenas estabelecidos na fronteira como os Pemón, os ataques xenofóbicos da população roraimense, o surgimento de ocupações e abrigos espontâneos promovidos por venezuelanos e indígenas Warao, onde as mulheres exercem um papel de protagonismo na construção de uma vida vivível, e também os processos de desocupações posteriormente arquitetados. O apanhado foi observado em trabalhos de campo feitos pelas autoras em junho de 2019 e janeiro de 2020 e apresenta indícios de uma reprodução social capitalista progressivamente marcada pela emergência de uma necropolítica de fronteira.

Palabras clave: migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista, gestão de populações, confinamento, necropolíticas de fronteira

A DINÂMICA MIGRATÓRIA DE TRABALHADORES QUALIFICADOS EM DUAS CAPITAIS BRASILEIRAS: FORTALEZA-CE E VITÓRIA-ES

Rodrigues, Rennan Moraes¹²

Dota, Ednelson Mariano¹³

Oliveira, Rachel Facundo Vasconcelos de¹⁴

Santos, Yago Oliveira dos¹⁵

A migração vem passando por transformações substanciais ao longo do tempo, estando relacionada com uma série de fatores explicativos distintos, dentre eles, a busca por melhores condições de vida. Dessa forma, o foco deste artigo explanatório gira em torno dos trabalhadores que possuem alta qualificação e renda, tendo como recorte espacial de análise as dinâmicas das migrações que ocorrem de maneira interestadual e intraestadual nas regiões metropolitanas de Vitória-ES e Fortaleza-CE, dentro de uma perspectiva comparativa, analisando os efeitos e os impactos gerados pelo processo migratório nos setores da economia no espaço urbano dessas duas capitais brasileiras. O objetivo do presente texto é analisar os efeitos da migração de trabalhadores com alta qualificação e remuneração na produção do espaço de duas capitais brasileiras, Vitória e Fortaleza, utilizando a variável de migração de data-fixa dos microdados do Censo Demográfico de 2010.

Diante da conjuntura exposta apresentamos os seguintes questionamentos norteadores: quais as semelhanças, diferenças dos perfis dos trabalhadores imigrantes qualificados que migram nas cidades de Fortaleza/CE e Vitória/ES? Quais as dinâmicas espaciais que ocasionam a migração desses trabalhadores? Como os processos observados nas cidades de Fortaleza e Vitória podem colaborar para as reflexões da migração em uma escala do Brasil e da América Latina?

Embora seja um fenômeno multifacetado, o presente trabalho tratará da migração relacionada com questões econômicas (HAAS, 2010; KING, 2012), bem como, na sua capacidade de transformação e criação de dinâmicas espaciais (HEAR et al., 2018), a partir do deslocamento de pessoas com alta qualificação (CZAIKA; PARSONS, 2017). Também se apoiará em questões relacionadas com os debates sobre produção do espaço (LEFEBVRE, 1974; CORRÊA, 1993; LENCIONI, 2003; HARVEY, 2005; BRENNER, 2013; HARVEY, 2018).

Revisão de literatura por meio de livros, sites e artigos científicos, análise e tabulação das seguintes base de dados: Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Nesse sentido, foram utilizadas as variáveis: migração de data Fixa (quando se pergunta o local de residência 5 anos antes da pesquisa do censo); renda; área de ponderação; preço do aluguel; outras variáveis de suporte, como número de filhos, estado civil, renda, escolaridade, profissão, etc. Utilizaremos também outras fontes de dados, como: o Censo imobiliário de Vitória, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC).

¹² Discente do Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: rmoraesrodrigues@gmail.com.

¹³ Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFES. E-mail: ednelsondota@gmail.com.

¹⁴ Discente do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFES. E-mail: rachel.olievira@edu.ufes.br.

¹⁵ Discente do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFES. E-mail: yago.o.santos@edu.ufes.br.

As indústrias localizadas em Fortaleza-CE e no seu entorno afirmam sofrer com a falta de mão-de-obra qualificada, enquanto os trabalhadores relacionados aos setores intelectuais como: professores e pesquisadores são uma mão-de-obra de alta qualificação acabam migrando em busca de melhores condições de trabalho (FIEC, 2020).

O Censo Demográfico (2010) apresenta que a mesorregião Metropolitana de Fortaleza-CE é a que mais passa pelo processo de emigração de sujeitos que buscam melhores oportunidades de trabalho a partir de suas capacitações profissionais. Essa qualificação está associada ao aumento das universidades e faculdades pelo estado, fazendo com que esses profissionais saiam em busca de melhores condições de vida e empregabilidade, migrando para as regiões sul e sudeste do Brasil (MORAES; QUEIROZ, 2016).

Segundo Guimarães (2002), a migração dos sujeitos altamente qualificados no Brasil vai em direção à localidades com os melhores níveis salariais, maiores oportunidades de emprego e melhores índices de qualidade de vida. Entre os anos de 2005 a 2010, segundo dados do IBGE (2010) a taxa de migração para Sul e Sudeste foi de 39,01% do total de emigração do estado para esse período.

Já no caso do Espírito Santo, Dota (2016) afirma que, de acordo com os dados Censo (2010), existe um contingente de trabalhadores de alta e média qualificação residindo na Região Metropolitana da Grande Vitória-ES (RMGV) e ressalta que: “há uma seletividade dos migrantes que se direcionam para os municípios da RMGV, mais escolarizados, nas duas modalidades e nos dois períodos considerados.” (DOTA, 2016, p. 151), tanto no que tange a migração a nível interestadual e intraestadual. Tal caráter, seletivo da migração para a RMGV, também pode ser vislumbrado pelo saldo migratório da região. Conforme apresentado por Dota, Coelho e Camargo (2017), o município de Vitória, diferente dos demais municípios metropolitanos, foi o único que apresentou perda populacional.

Os dados do censo de 2010 revelam ainda, aspectos que ajudam a fomentar tal hipótese, mais especificamente no cruzamento das variáveis de renda e migração. Observou-se, assim, que as pessoas que migraram para a capital Vitória, saindo dos demais municípios metropolitanos, possuíam rendimento médio domiciliar que variava em torno de 4,8 mil reais a 9,1 mil reais. Em contrapartida, aqueles que faziam o movimento contrário possuíam rendimentos significativamente menores (com exceção daqueles que saíram de Vitória para Vila Velha), variando em torno de 2,3 mil a 3,8 mil reais.

Procuraremos pontuar a migração de pessoas qualificadas que buscam por melhores condições de vida internamente no Brasil. A migração também está relacionada com a procura de maiores oportunidades de emprego em áreas mais tecnológicas e informacionais, porém, na medida em que o espaço urbano absorve tal grupo populacional, emergem efeitos que podem provocar uma nova dinamicidade socioespacial da produção do espaço relacionada ao processo de migração de mão de obra qualificada.

Palavras chaves: Fluxos Migratórios, Migração Qualificada, Produção do Espaço.



MESA 35

MESA 35: MOVILIDAD, MIGRACIÓN TRANSFRONTERIZA Y REDES DE MIGRANTES EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores: Bomtempo, D. C., Mondardo, M., A., Guizarde, M. L., Rivera, C. P., Albuquerque, J.L.C.

MESA 35: MOVILIDAD, MIGRACIÓN TRANSFRONTERIZA Y REDES DE MIGRANTES EN AMÉRICA LATINA

*Coordinadores: Bomtempo, D. C.¹,
Mondardo, M., A.²,
Guizarde, M.³,
L., Rivera, C. P.⁴,
Albuquerque, J.L.C.⁵.*

En el siglo XXI, constantes crisis y violaciones de los derechos humanos usualmente vinculadas al ascenso de gobiernos de extrema derecha imponen alteraciones en la configuración y en el contenido de la movilidad, de la migración y de las redes de migrantes. En América Latina, presenciamos una dialéctica en lo que concierne a las reorientaciones de los flujos migratorios. Por un lado, el notable cierre de fronteras que han dejado de permitir el ejercicio de la movilidad y de las migraciones como medio y condición para la reproducción social de la fuerza de trabajo. Por otro lado, tanto la reestructuración de las ciudades como del campo favorece la emergencia de flujos que interconectan sujetos en múltiples escalas. Así, experiencias heterogéneas de territorialidad hacen más compleja la figura contemporánea del migrante. Emerge, por lo tanto, la necesidad de fortalecer, en el ámbito latinoamericano, el diálogo interdisciplinar sobre la movilidad y la migración, con una perspectiva de decolonización del poder y del saber que nos oriente, consecuentemente, a la construcción de múltiples interpretaciones. ¿Cómo analizar la temática de la movilidad, de la migración y de las redes de migrantes frente a la vulnerabilidad y precariedad en que la población latinoamericana está inserta? ¿Cuáles son las estrategias que los y las migrantes desarrollan para enfrentar las limitaciones y aprovechar las potencialidades de este contexto latinoamericano? ¿Cuál el papel de las ciudades en la atracción de migrantes y de la consecuente segregación social (i-movilidad) intraurbana? ¿Cómo analizar las territorialidades de los migrantes en contextos transfronterizos? ¿Cuál el impacto de la crisis económica, social y de la Pandemia del Covid-19 para los flujos migratorios? Estas cuestiones demuestran la necesidad del debate respaldado en investigaciones vinculadas a la temática.

Palavras chave: migración transfronteriza, redes, América Latina, crisis, decolonización.

¹ Universidade Estadual do Ceará/Fortaleza/Brasil.

² Universidade Federal da Grande Dourados/Brasil.

³ IDES/UNSAM/Argentina.

⁴ Universidad de Tarapacá/Chile.

⁵ Universidade Federal de São Paulo/Brasil.

LA (RE) SIGNIFICACIÓN DE LA MATERNIDAD EN MADRES PERUANAS EN LA CIUDAD FRONTERIZA DE ARICA

María Francisca Lafferte Espejo⁶

María Elena Acuña⁷

Desde los años setenta del siglo XX -en tiempos de globalización- es posible apreciar la emergencia de nuevos patrones migratorios; estos muestran desplazamientos migratorios no solo desde países periféricos hacia el centro sino también entre los países latinoamericanos, lo que se ha denominado teóricamente migración sur-sur en América Latina (Landry, 2012). Dentro del ámbito de la intensificación de las migraciones intrarregionales en el marco de la globalización, fueron consolidándose la feminización de las migraciones (Sassen, 2003).

Ahora bien, el concepto de feminización de la migración, ha sido utilizado por varias(os) autoras(es) (Acuña et al, 2015) para señalar un cambio de paradigma en los patrones migratorios, vinculado directamente con las lógicas del capital global y la división sexual del trabajo. Asimismo, es un cambio de perspectiva teórica para observar los procesos y patrones migratorios.

En el contexto de la feminización de las migraciones este trabajo de investigación tuvo por objetivo analizar la (re)significación de la maternidad en mujeres inmigrantes peruanas que trabajan en la ciudad de Arica, frontera con Chile, considerando procesos migratorios fronterizos. Nos preguntamos cómo es vivida la maternidad en un contexto sociocultural de permanente tránsito, como lo demuestra Tacna y Arica, ciudades limítrofes entre el norte de Chile y sur de Perú.

En ese contexto cabe reflexionar cómo estas mujeres realizan la función considerada -históricamente- la más emblemática de la mujer; la de ser madre, considerando que la migración implica desplazamientos, transformaciones, readaptaciones al medio, nuevas configuraciones familiares, comunitarias y culturales.

Si bien durante las últimas décadas se han realizado diversos estudios migratorios enfocados a las maternidades transnacionales, son escasos los estudios asociados a las maternidades migratorias en espacios fronterizos (Carrasco, 1998; Gavilan, 2006; Guizardi y Garcés, 2012).

Según Ortner (1974), afirma que la maternidad ha sido considerada histórica y culturalmente una de las condiciones más sagradas de las mujeres, a partir de su capacidad biológica de la reproducción. No obstante, las feministas intelectuales afirman que la maternidad es cultural, tanto en su definición como en su ejercicio. En el camino de deconstruir la concepción clásica que se impone de la maternidad, se considera relevante los aportes de Elixabete Imaz (2015), quien hace referencia a reconocer la maternidad en su componente social, alejada de toda naturalización discerniendo a través de la diversidad de experiencias los sentidos culturalmente compartidos de ser madre.

Consideramos -para esta investigación- explorar los significados que estas mujeres dan a la maternidad en condiciones de migración, para ello, usamos las metodologías cualitativas propuestas por Ruiz y Ispizua (1989) quienes parten del supuesto básico de que el mundo social es un mundo construido con significados y símbolos, lo que determina el proceso de construcción de significados, donde cobran relevancia en la particularidad del estudio. En el marco de metodologías cualitativa se aplicaron

⁶ Universidad de Chile, Magíster en Estudios de Género y Cultura, mención Ciencias Sociales. Correo electrónico mariafrancisca.lafferte@gmail.com

⁷ Universidad de Chile, Magíster en Estudios de Género y Cultura, mención Ciencias Sociales.

entrevistas semi-estructuradas a 8 mujeres inmigrantes, todas madres, peruanas y trabajando en la ciudad limítrofe de Arica, generalmente en labores domésticas. Se realizó el análisis de los datos de forma inductiva definiéndose categorías a partir de los discursos de nuestras participantes.

Esos datos nos fueron mostrando lo heterogéneo de las experiencias de estas mujeres, que en base a los significados que les dan a sus vidas y desde las condiciones posibles re-significan la maternidad, como factor de potencialidad de acción transgrediendo la construcción patriarcal y dominadora de la subordinación y sometimiento histórico de los discursos tradicionales sobre maternidad.

A través de los relatos de estas mujeres, es importante diferenciar cómo se viven las maternidades migratorias en contextos geográficos transnacionales y transfronterizos. Según Glick-Shiller el fenómeno transnacional se da entre migrantes que desde fines del siglo XX transitan en contextos globalizados, referidas principalmente a migrantes del sur emigrados a las grandes ciudades del norte global, acompañados de una revolución tecnológica de transportes y comunicaciones que posibilita establecer contactos en tiempo real entre localidades a larga distancia. A diferencia de las migraciones transfronterizas provoca una experiencia de simultaneidad y de una movilidad circulatoria (de estar aquí y allá) y desplazamientos a corto plazo.

Las conclusiones de la investigación observan que a pesar de que los espacios entre las dos ciudades sean próximos, la dimensión transnacional no se disuelve por ello. La cercanía no impide que hijos sientan la distancia como una condición migratoria lejana. Distancias que se realizan en la definición de las fronteras por los Estados-Nación y también por las costumbres y valores enraizados desde sus familias de origen.

Es posible percibir en estas mujeres una doble moral, destacada por algunos autores como Gregorio Gil (2000), que se manifiesta en la condición impositiva de ser proveedoras de recursos materiales y por otro lado, por un sentimiento de abandono y culpa hacia sus hijos, su familia, sus comunidades. También es posible destacar la condición de ser la maternidad un factor preponderante relacionado con la migración de las mujeres en zonas fronterizas, la necesidad de ser proveedoras de sus hogares y dar el sustento a sus hijos impulsa el tránsito circular de estas mujeres, que, a pesar de que trabajen en otro país tienen la posibilidad de acompañar sus hijos de forma más próxima, lo que delimita la migración entre zonas fronterizas.

Palabras clave: maternidad, migración fronteriza, significaciones y teorías feministas.

LAS RUTAS DEL TRÁFICO DE MIGRANTES HACIA CHILE: IRREGULARIZACIÓN Y VULNERABILIZACIÓN DE MIGRANTES EN TRÁNSITO

Liberona Concha, Nanette⁸

Piñones Rivera, Carlos⁹

Según datos de la Fiscalía de Chile, el tráfico de migrantes hacia el país ha aumentado considerablemente los últimos años (465% entre 2013 y 2018), asimismo, la Fiscalía Regional de Arica y Parinacota detectó que el tráfico de migrantes (en adelante tráfico) aumentó un 53% entre enero y agosto de 2020 y, al mismo tiempo, creció el número de ingresos por pasos no habilitados o irregulares, llamados comúnmente ingresos “ilegales” (Entre 8 mil a 13 mil en 2020). Esto ha sido analizado como resultado de las medidas administrativas que generaron nuevas visas consulares de turismo para ciudadanos/as de Haití y Venezuela, que desde 2018 han venido restringiendo aún más la migración internacional (Stang, Lara y Andrade 2020; Liberona, 2020; Liberona et al., en prensa). Coincidentemente, las principales nacionalidades implicadas en casos de tráfico, son la venezolana y la haitiana. Estas restricciones su suman a la visa consular impuesta a los/as provenientes de República Dominicana desde 2012 y que existían con anterioridad para países como Cuba, entre otros. Esta situación se ha visto potenciada por situaciones específicas de los países de origen, como la crisis política y económica que vive Venezuela, que ha generado alrededor de 5 millones de emigrantes desde 2018, entre los cuales muchos/as se encuentran en calidad de refugiados/as o solicitantes de asilo.

A pesar de que la migración hacia Chile – y a nivel global - se volvió más dificultosa, esto no se tradujo en inmovilidad, sino en un incremento de la irregularización migratoria y en una mayor exposición al riesgo para quienes se encuentran forzados a migrar de esta manera. Las condiciones de la movilidad restringida por los marcos jurídicos, así como por las políticas promovidas por la gobernabilidad migratoria a nivel internacional (Domenech, 2017), han conducido al desarrollo de unas rutas del tráfico de migrantes, que autoras como Soledad Álvarez, Claudia Pedone y Bruno Miranda han asociado a *Corredores migratorios* (Revista Periplos, vol.5 n. 1, 2021). Estas rutas reflejan, por un lado, la violencia del contexto en el que la movilidad humana se convierte en tráfico desde el punto de vista de las oportunidades de todos/as los/as actores y actrices involucrados/as. Y, por otro lado, dan cuenta de la experiencia transfronteriza que conceptualizamos como *densidad del tránsito*, entendida como una experiencia densa, que consiste en una movilidad que es irregularizada, que recurre al tráfico de migrantes para moverse y concluir un proyecto migratorio. En este contexto, nos interesa establecer cuáles son las rutas del tráfico de migrantes hacia Chile, así como identificar sus principales componentes: la irregularización y la vulnerabilización de migrantes en tránsito.

Para esto, primero, describiremos cómo se construyen las rutas del tráfico, a partir de las condiciones en las que se despliega la migración en tránsito, señalando también cómo se expresan en el espacio del continente sudamericano; qué países atraviesan, qué ciudades y localidades se vuelven lugares claves, y cuáles son sus características. Luego, analizaremos las diferentes dimensiones identificadas, pues el tránsito está “constituido por dimensiones sociales, culturales, políticas y económicas, que se plasman

⁸ Departamento de Antropología, Universidad de Tarapacá, nliberonac@gmail.com

⁹ Escuela de Psicología y Filosofía, Universidad de Tarapacá, carlospinonesrivera@gmail.com

en estrategias de movilidad clandestina que requieren de una importante capacidad de agencia ante la pluralidad de actores que explotan la vulnerabilidad de los/as migrantes” (Liberona, Piñones y Dilla, en prensa). Enseguida, plantaremos específicamente de qué manera la irregularización producida por el tráfico de migrantes contribuye a la vulnerabilización de las personas migrantes, considerando que se trata de una población afectada por la vulnerabilidad estructural.

Básicamente, el concepto de vulnerabilidad estructural es un desarrollo teórico de la Antropología Médica Crítica anglosajona, que se nutre de las ideas de la Medicina Social latinoamericana, la Epidemiología Crítica y la Salud Pública, “que han mostrado cómo la estructura social (Stonington et al., 2018) impone riesgos y constricciones específicas a la salud individual y colectiva” (Piñones et al., 2021, p. 7) y define la vulnerabilidad desde una mirada exactamente opuesta a la concepción individual del fenómeno. Autores que han contribuido a su desarrollo plantean que la vulnerabilidad que afecta a la población migrante es “en gran parte y de forma importante, producida por estructuras de dominación, estructuras de extracción, estructuras de explotación, quién posee el capital, y cómo eso es racializado, generizado [gendered] y relacionado con el estatus ciudadano, en múltiples maneras” (Piñones, Quesada, Holmes, 2019, p. 4).

En el caso estudiado, observamos cómo la vulnerabilidad estructural afecta la salud de la migración en tránsito que se ha visto alterada, en gran medida, producto de las extenuantes caminatas y condiciones adversas del trayecto, como la falta de alimentos, la falta de abrigo suficiente en frías zonas del altiplano andino, la falta de oxígeno producida por la altura y, por último, la falta de dinero (como consecuencia del despojo en el tráfico), además de otras condiciones de violencia y especialmente de violencia de género (Liberona, Salinas, Veloso y Romero, en evaluación). Observamos, además, que el contexto de pandemia en este último año ha exacerbado esta vulnerabilidad, debido al cierre de fronteras en el continente y en Chile en particular, produciendo espacios de confinamiento que hemos catalogado como zonas de sacrificio humano. Las restricciones a la movilidad que venían dándose, se han reforzado con las medidas de contención sanitaria en las fronteras, es así como entre noviembre 2020 y marzo 2021, se ha contabilizado la muerte de seis personas por agotamiento e hipotermia en el ingreso a Chile por la frontera de Colchane. En algunos casos, se detectó la presencia del COVID 19, en otros, que las personas se encontraban perdidas, abandonadas por los coyotes que las guiaban. Concluimos señalando que las rutas del tráfico son atravesadas por migrantes que vienen huyendo de la miseria y la violencia y que se ven forzados/as a vincularse al tráfico, pues se presenta como la única oportunidad de migrar, ante las barreras impuestas por las políticas migratorias. Estas rutas, no obstante, son adversas y riesgosas, pues se van desplegando en función de los cierres y aperturas fronterizas de los países de tránsito, abriendo paso a una movilidad humana expuesta al despojo, al deterioro de su salud física y mental e incluso a la muerte.

Palabras clave: tráfico de migrantes, Chile, irregularización migratoria, vulnerabilidad estructural.

COLPAZ: ESTRATEGIA INMIGRANTE COLOMBIANA POR LA PAZ, DESDE MÉXICO

Gómez Rojas Ana Carolina¹⁰
Granada Cardona Juan Sebastián
Vargas Segura Raúl

La teoría de la inmigración, se ha basado históricamente en los fenómenos de movilidad social, por causas de pobreza y marginación, (Simmon, 1987). En esta investigación, se plantea explicar las causas de traspasar las fronteras geográficas, por motivos de violencia, control territorial y político selectivo, desde hace más de 6 décadas, como es el caso colombiano. Y en esta exposición, presentar la alternativa organizada por sus protagonistas, impulsada recientemente en México.

En 2017, se crea la organización Colectivo por la Paz en Colombia desde México (COLPAZ), integrado actualmente por 91 participantes, siendo mayoría colombianas/os radicados en México en calidad de inmigrantes por causas políticas y de seguridad personal, además de algunas y algunos como estudiantes en educación superior.

El propósito central de esta organización ha sido el de desarrollar acciones concretas desde México para impulsar el cumplimiento del acuerdo final firmado en 2016 en Colombia, hacia la terminación del conflicto, y la construcción de una paz estable y duradera.

Los diferentes integrantes de Colpaz se ubican en diversos estados mexicanos: Ciudad de México, Chiapas; Estado de México; Jalisco; Morelos, Nuevo León, Oaxaca; Tabasco y Tlaxcala. Muchos de ellos cuentan con un estatus de refugiados y asilados políticos, a causa de la violencia colombiana de los últimos treinta años, a lo que se suma la persistencia del conflicto en muchos territorios actualmente. El arribo a México, en calidad de inmigrantes con peligro de pérdida de vida o inseguridad personal, no deja de realizarse, más en estos últimos meses en que se han agudizado los hechos de violencia en las diferentes provincias de Colombia.

Al constituirse COLPAZ, ha significado para las y los colombianos radicados en México, un espacio de diálogo identitario de su cultura, de sus acciones de defensa de sus derechos como ciudadanos en el extranjero, una forma de potenciar su fuerza como conciencia política ante las condiciones presentes en los territorios afectados por la violencia en Colombia, así como, ha permitido expresarse ante los acontecimientos sociales y educativos, por ejemplo en la Declaración de 2018:

Celebramos y reivindicamos la fortaleza, la disciplina, el compromiso y sobre todo el carácter propositivo con el cual los y las juventudes del país han iniciado un camino por la defensa de la educación digna, pública y gratuita en Colombia. Ha sido un movimiento creativo, pacífico y esperanzador para la juventud latinoamericana (COLPAZ, 2018: 2)

Se plantea por tanto, mostrar en las actividades del *XVIII Encuentro de Geografías de América Latina – EGAL*, la estrategia alternativa de emancipación que representa COLPAZ, al aglutinar y encabezar las actividades de denuncia de los acontecimientos de múltiples masacres de líderes sociales, así como, secuestros y generando abandono de casas y propiedades de tierras, para evitar su eliminación física. Así mismo, se promueven actividades de denuncia ante la representación del gobierno colombiano en la Ciudad de México, así como, diálogo con organizaciones internacionales de derechos humanos en América Latina.

¹⁰ COLPAZ. anacrojas@gmail.com; granadacardona@yahoo.es; adinfinitclio_5@yahoo.com.mx

Justificación del problema

Teniendo en cuenta que el lema del *XVIII encuentro de Geografías de América Latina* es “Construir saberes emancipatorios desde y para los territorios”, consideramos pertinente compartir la experiencia concreta del colectivo Colpaz en su ejercicio de denuncia de la violencia, y de defensa de los acuerdos de paz, contribuye directamente a la comprensión de cómo se está desarrollando en América Latina, y concretamente en México, un proceso de emancipación de los saberes. Lo anterior ha sido posible a partir de la constitución de una red para potenciar un proceso de formación permanentemente en temas de derechos humanos, políticas de migración y violencia, así como a través del intercambio de saberes prácticos y académicos entre sus participantes. Es interesante descubrir de qué manera se tejen nuevos conocimientos, desde el extranjero, produciendo entonces nuevas territorialidades y formas de relación con el espacio.

Objetivos de la ponencia

- Identificar cómo se ha formado la red de Colpaz y su trascendencia en la situación de las colombianas y los colombianos en México.
- Explicar el alcance de las acciones de Colpaz en el contexto latinoamericano.
- Explicar la formación de una identidad política común entre colombianos y mexicanos a partir del Colectivo de Colpaz.

Metodología de Investigación

Esta investigación se realiza a partir de posicionarnos en la lógica crítico dialéctica, con base en el método inductivo y la metodología de investigación acción. Con el uso de técnicas relacionadas a la metodología cualitativa por ejemplo la Historia de Vida; Entrevista a profundidad; Análisis del Discurso Político. También efectuando procedimientos de Sistematización de la Información cualitativa. Como uso de cuadros de análisis. Utilizando como Fuentes de Información: Libros, Revistas, Periódicos, Informantes participantes. Videos.

Palabras clave: Colombia; México; Colpaz; Migración.

PRÁCTICAS COTIDIANAS DE CONSTRUCCIÓN DE LUGAR DE MIGRANTES HAITIANOS QUE HABITAN LA CIUDAD VALPARAÍSO, CHILE

Pérez Gallardo, Patricio Alfonso¹¹ Carmo, André¹²

La migración haitiana en Chile es un proceso que recientemente ha cumplido una década. Desde el año 2010, y tras el contexto de crisis humanitaria en Haití, agravado por el terremoto de ese mismo año, un grupo de habitantes haitianos decidió emprender viaje en búsqueda de posibilidades a nuevos territorios, distintos a sus clásicos destinos migratorios (Estados Unidos, Canadá y Francia), esta vez, la población haitiana visualizó el sur del continente, estableciendo puentes migratorios hacia ciudades como São Paulo, Buenos Aires o Santiago. Dentro del contexto chileno, la migración ocurrió en un primer momento principalmente a la capital nacional, Santiago de Chile, sin embargo, con el pasar de los años, la territorialidad migrante haitiana se expandió al norte y sur del país. Uno de los núcleos urbanos donde se reconoce mayor presencia es en el Área Metropolitana de Valparaíso, ciudad en la cual se les puede ver desarrollando diversas actividades tanto en espacios públicos como privados. Las investigaciones en esta temática son escasas, las existentes se centran mayoritariamente en el estudio del fenómeno en la ciudad Santiago de Chile, y debelan que la comunidad migrante enfrenta diversas barreras en la realidad chilena: racial, lingüística, climática, económica y habitacional. En ese contexto emerge la necesidad de indagar las territorialidades de este colectivo migrante en su condición de nuevo integrante de los paisajes humanos de la geografía chilena. Este escrito se encuadra dentro de una investigación doctoral en Geografía Humana realizada entre 2018 y 2021, donde el objetivo principal ha sido reconocer y analizar las prácticas cotidianas de inmigrantes haitianos/as que habitan la ciudad Valparaíso.

En una perspectiva metodológica, la investigación se ha posicionado desde la etnografía, comprendiendo sus tres dimensiones: como enfoque (ver la realidad desde los ojos de los sujetos involucrados), como instrumento (para acceder al campo y recoger datos), y como narración (forma de relatar los hallazgos y el análisis) (Rosana Guber). Desde una perspectiva teórica, la investigación ha profundizado los estudios de migración y ciudad mediante la perspectiva de la **Geografía Cotidiana** (Alicia Lindón), dando énfasis a la categoría de análisis del **Lugar** (Doreen Massey), desde ahí se profundiza en discusiones teóricas relacionadas a: 1) translocalidad y transnacionalismos de la migración, 2) trabajo, 3) cuidados y 4) vivienda y hábitat residencial.

Las visitas de campo iniciaron con una aproximación a los lugares donde se reconoció presencia haitiana en la ciudad de Valparaíso, principalmente en los alrededores del Mercado Cardonal del barrio Almendral, en el sector de Bellavista, y en los alrededores de Plaza Echaurren en Barrio Puerto. Paralelo se desarrollaron entrevistas a especialistas en temáticas de ciudad y migración. Además se entrevistó a informantes clave pertenecientes a instituciones y organizaciones con pertinencia en temas migratorios, así como a habitantes de la ciudad. En ese ejercicio se reconoció a una organización llamada Corporación La Matriz, emplazada en Barrio Puerto, donde efectuaban clases de español para migrantes. Desde esa organización se realizó un trabajo etnográfico más profundo, reconociendo a sus

¹¹ Doctor(c) en Geografía por la Universidad de Lisboa, Portugal. Profesor en Instituto de Geografía Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Correo institucional: patricio.perez@pucv.cl

¹² Doctor en Geografía por la Universidad de Lisboa, Portugal. Profesor en Universidad de Évora. Correo institucional: acarmo@uevora.pt

integrantes, todos migrantes haitianos y habitantes del mismo barrio u otros sectores próximos a él. En esa primera instancia, ocurrida entre agosto y octubre de 2019 se reconocieron cuatro principales aspectos de análisis, los tres primeros relacionados a prácticas desarrolladas por los/as inmigrantes, y un cuarto aspecto, relacionado a las condiciones del hábitat residencial, que atraviesan a las tres prácticas descritas. Estos aspectos son: 1) prácticas de trabajo: muchas de las migrantes que habitaban el barrio puerto trabajaban como vendedoras ambulantes en comercio informal callejero, a la vez que los hombres se ocupaban como vendedores en tiendas, como panaderos o guardias de seguridad; los trabajos eran mayoritariamente informales en términos legales y precarios en las condiciones para llevarlos a cabo. 2) prácticas de cuidados: principalmente enfocados al cuidado de los/las niñas por parte de las madres, las cuales, al estar mayoritariamente trabajando como vendedoras en las calles, desarrollaban parte de los cuidados en el espacio público, mientras sus hijos e hijas les acompañaban en las labores. 3) prácticas translocales: se reconoció que muchas dinámicas propias de la sociedad haitiana eran replicadas de una forma reterritorializada, específicamente se identificó la mantención de tradiciones (día de la bandera, día de Haití), la incorporación en la gastronomía haitiana, la incorporación de la música, y sobretodo, la incorporación de la lengua creole haitiano en el paisaje sonoro de la ciudad. 4) Desde una perspectiva habitacional, se reconoció que este grupo de inmigrantes haitianos que en 2019 residía en Barrio Puerto, específicamente en los alrededores de la iglesia La Matriz, mudó de residencia durante la pandemia, y pasó de la modalidad de arriendo de habitación a la modalidad de ocupación de terrenos en la periferia de la ciudad con autoconstrucción durante fines de 2020 – comienzos 2021; de esta forma se relocaliza la vivienda, mientras el trabajo se mantiene en los mismos lugares, negociando así los cuidados y translocalismos en las nuevas movilidades cotidianas urbanas. La finalidad de este trabajo es visibilizar algunas territorialidades y formas de vida de este colectivo migrante, para poder contribuir a un diálogo fructífero entre este grupo, la sociedad chilena y el resto de migrantes presentes en la ciudad.

Palabras Clave: Migración, Prácticas Cotidianas, Lugar, Translocalidad, Hábitat Residencial.

TRANSNACIONALISMO POLÍTICO DE LOS COLOMBIANOS EN ARGENTINA

Hernández Rodríguez Claudia Milena¹³

La migración colombiana y el transnacionalismo político de colombianos en Argentina son fenómenos relativamente nuevos, que han sido poco y nada estudiados; y en el panorama global, las investigaciones sobre la participación política de los migrantes, se han centrado en su condición de migrantes o en la participación en la vida electoral de la patria natal. Por tanto, esta investigación busca saldar esta vacancia con respecto a las prácticas políticas de los migrantes en el contexto argentino y a la participación política frente a la patria natal más allá de la participación electoral.

El flujo migratorio Colombia - Argentina inició su crecimiento acelerado a partir de los años de la “Seguridad Democrática” (2002-2010) y se ha sostenido con algunas bajas y altas en la última década. Durante los dos mandatos presidenciales de Álvaro Uribe, aumentaron drásticamente las violaciones a los derechos humanos por parte del Estado, siendo la migración y el exilio reflejo de esta situación. Según la OIM (2008), el número de colombianos en el exterior en el año 2000 era de 2.187.234 y en 2008 de 4.167.388. Con lo cual se presentó un aumento de casi el 40%. Igualmente, los altos índices de pobreza, desempleo y desigualdad social como consecuencia del modelo económico neoliberal, expulsaron del país a un número importante de colombianos.

En el 2003, con la llegada de Néstor Kirchner a la Presidencia, las banderas de memoria y justicia propias del movimiento de derechos humanos fueron asumidas como políticas de Estado. Se presentó un cambio importante en la tramitación de la justicia y la memoria, a través de las políticas de memoria como formas de gestionar el pasado. Es en este contexto que emerge el transnacionalismo política de los migrantes.

Si bien, existen razones de sobra para entender el quehacer de las organizaciones colombianas en defensa de los derechos humanos, es preciso reconocer la estructura de oportunidades políticas que habilita la emergencia y desarrollo del transnacionalismo político de colombianos en Argentina. La construcción social del «Nunca Más», que articula el trabajo arduo de las organizaciones de derechos humanos así como una serie de decisiones estatales alrededor de las políticas de memoria, constituyen una estructura de oportunidades políticas que influyen en los marcos interpretativos de los migrantes y la acción colectiva de la población colombiana. Entendiendo que la acción colectiva es posible gracias a las dimensiones congruentes del entorno político que ofrecen incentivos para que la gente participe en acciones colectivas (Tarrow, 1994).

En los quince años, que corren desde el nacimiento de la primera organización colombiana en Argentina hasta la fecha, el mapa organizativo ha cambiado: han surgido nuevas organizaciones y otras han desaparecido. El eje transversal ha sido el fin del conflicto armado interno más antiguo del mundo y pese a algunas diferenciaciones, se pueden distinguir tres etapas: la primera, la emergencia de la militancia humanitaria en el país del Nunca Más (2005-2012); la segunda, la militancia por una salida negociada al conflicto armado (2012-2016); y la tercera, la defensa de la paz firmada y el fin de toda forma de violencia política (2017- 2020).

Las organizaciones, las banderas y los repertorios de protesta han tenido algunas variaciones como

¹³ Docente de la Licenciatura en Educación Comunitaria de la Universidad Pedagógica Nacional (Colombia). Doctoranda en Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires. cmhernandez@pedagogica.edu.co.

producto de las interacciones con el contexto local y en respuesta a los cambios presentados en el contexto colombiano. La riqueza del movimiento de derechos humanos argentino y del movimiento social en general ha permeado a las organizaciones colombianas. Esto se manifiesta en tanto que: se amplían los marcos interpretativos para comprender la violencia estatal; y se incorporan nuevas consignas y repertorios que potencian las demandas de los colombianos frente al Estado del país expulsor.

Perspectiva teórica

Esta investigación propone un análisis de la participación política de los migrantes desde el enfoque transnacional, el cual supera el nacionalismo metodológico que ha caracterizado el campo de los estudios migratorios (Wimmer y Glick Schiller, 2002).

Østergaard-Nielsen distingue cuatro tipos de prácticas políticas transnacionales¹⁴. Para el caso interesan las prácticas de “Homeland politics”, que refieren a las actividades políticas de migrantes y refugiados dirigidas a la política interna o exterior del país de origen y “pueden ser de apoyo u oposición al régimen político del país de emigración” (Østergaard-Nielsen, 2009, 26). Por su parte, Calderón (2006) señala que no todas las prácticas políticas de los migrantes se son transnacionalismo político. Para la autora, el transnacionalismo político aborda solo la experiencia política con respecto al contexto de origen y lo cual revela circularidad inherente a todo proceso migratorio.

El enfoque transnacional ha puesto de relieve la vinculación de las asociaciones de migrantes con sus países de origen, entendiendo que es un fenómeno que condiciona y es condicionado por más de un contexto sociopolítico (Morales & Cutillas 2008). Una variedad de estudios han constatado la incidencia de los contextos de inmigración en la movilización de los grupos de migrantes. Koopmans y Statham (1999, 2000, 2001) se refieren a los regímenes de ciudadanía como *estructuras de oportunidades discursivas*. Este concepto se inscribe en el enfoque de la estructura de las oportunidades políticas (EOP) de la acción colectiva. En esta perspectiva, algunos autores defienden la relevancia del Estado en los procesos de participación política (Koopmans, 2004); otros advierten de la importancia de lo local y lo supranacional en la configuración de EOP (Vermeulen, 2005) y relacionan el lugar en el que se establecen los inmigrantes con los tipos de actividad política que ejercen (Martiniello & Lafleur, 2008) y las variables que influyen en el comportamiento electoral de los ciudadanos que votan en las elecciones del país de origen (Lafleur & Sánchez-Domínguez, 2015).

Metodología

Esta investigación se inscribe en paradigma histórico hermenéutico, la metodología cualitativa y el enfoque multimétodo. Dado el carácter ideográfico del paradigma es posible comprender e historizar el transnacionalismo político colombiano en Argentina como un fenómeno social. Con el enfoque metodológico cualitativo se abordan las cualidades profundas del objeto de estudio y, los criterios de flexibilidad y de apertura de este enfoque permiten ajustar la investigación en función de las dinámicas sociales encontradas. La producción de datos acude a: entrevistas semiestructuradas, análisis documental y observación participante.

¹⁴ “Immigrant politics” (política inmigrante), “homeland politics” (política hacia la patria natal), “emigrant politics” (política de emigrantes) y “local-local politics” (política local-local).

MIGRANTES EN PANDEMIA, ENTRE LA READAPTACIÓN Y EL CONFLICTO. ESTUDIO DE CASO: LOS VENEZOLANOS EN ARGENTINA

Fittipaldi, Rosa Ángela¹⁵

Adaro, Germán Daniel¹⁶

El gran desarrollo de la comunicación, el transporte, el comercio y las redes de información, resultante de la globalización, ha reforzado las conexiones que los migrantes establecen con los diferentes lugares que conforman su trayectoria migratoria. Hoy en día la migración puede ser de corta o larga duración, temporal o permanente, o consistir en una serie de itinerarios en múltiples etapas, incluido el retorno al punto de origen. Las cadenas migratorias y las redes, facilitan los desplazamientos, propiciando el transnacionalismo. A raíz de la pandemia de la COVID-19 se han cerrado fronteras, por ende disminuido la porosidad de las mismas, cuya mayor evidencia está en los vuelos comerciales cancelados, y las diversas medidas tomadas por los distintos estados a los fines de evitar la propagación de tamaña enfermedad. Argentina como el resto de los países actuó de manera individual en cuanto al dictado de sus normativas al no existir acuerdos regionales entre los distintos países (Brega, 2020). Como resultado, muchos turistas y migrantes han quedado varados sin muchas opciones, por ello resta preguntarnos si es posible hablar de prácticas transnacionales, pues las prácticas o movimientos de los migrantes no pueden ser fugaces, transitorias o excepcionales, sino que deben mostrar cierta estabilidad y resistencia a través del tiempo (Portes 1997).

El propósito del siguiente trabajo es el de analizar el impacto de la pandemia por COVID 19 sobre las estrategias de adaptación y prácticas transnacionales de los venezolanos en Argentina y, particularmente, aquellos que se encuentran radicados en la ciudad de Bahía Blanca.

Para llevar a cabo la investigación se aplicaron técnicas de análisis cualitativo para la comprensión e interpretación de los significados intersubjetivos de la acción social desplegados en el estudio de caso. También se cuantificaron algunos datos obtenidos de fuentes primarias (se aplicaron 49 encuestas semiestructuradas) y secundarias para lograr la mejor interpretación del fenómeno estudiado. La información proporcionada por los encuestados, fue complementada con información periódica (periodística y procedente de organismos públicos y organizaciones internacionales) para contextualizar, no solo las estrategias adoptadas por los inmigrantes frente a la grave situación provocada por el virus, sino las acciones llevadas a cabo por los estados para evitar la propagación de la pandemia y las evidentes consecuencias en la vida cotidiana, con fuerte impacto en los aspectos económicos y sociales, como son, el empleo y el acceso a la vivienda y a los servicios básicos esenciales.

Los resultados que aquí se exponen forman parte de un proceso de investigación iniciado en el año 2019, cuando en Argentina se produce el récord de ingresos de venezolanos, en el marco de la migración forzada que los mismos emprendieron como consecuencia de la crisis política y humanitaria en Venezuela. Según datos oficiales, el flujo migratorio de venezolanos hacia la Argentina creció en 1.600% en los últimos cinco años (Di Natale, 2018). Desde 2020 y hasta la actualidad, la situación de crisis a nivel global, centrada en las falencias de los sistemas de salud para absorber los efectos provocados por el virus, alude también al deterioro de la economía y de la calidad de vida de gran parte de la

¹⁵ Departamento de Geografía y Turismo. Universidad Nacional del Sur. fittipal@uns.edu.ar

¹⁶ Departamento de Geografía y Turismo. Universidad Nacional del Sur. adaro.german@gmail.com

población, lo que hace variar sustancialmente el escenario, conduciendo a los migrantes al desarrollo de diversas estrategias para afrontar la nueva situación caracterizada por el aumento del desempleo, la pobreza, la precariedad laboral y la falta de oportunidades.

Conceptualizaciones básicas sobre migraciones y transnacionalismo

Cuando se habla de transnacionalismo, se hace referencia al movimiento a través del espacio y cruzando fronteras. Tal es así, que los estudios de migración transnacional enfatizan la red de redes y las relaciones sociales a través de las fronteras, problematizando el excesivo énfasis en la fluidez y la porosidad de las fronteras. Como es posible pensar, este fenómeno ha existido a lo largo de la historia, sin embargo fue tomando mayor preponderancia en los últimos años debido a las transformaciones en comunicación y transportes, las cuales fomentan una densidad sin precedentes de los mencionados movimientos (Suarez Navaz, 2008)

La novedad en esta perspectiva, -que puede ser teórica o metodológica- es que tiene la capacidad de visibilizar la intensidad y extensión en los flujos circulares de personas, bienes, información alcanzados por las migraciones internacionales. Permite analizar cómo los migrantes construyen y reconstruyen sus vidas de forma simultánea en más de una sociedad. (Blanco 2007). Las personas involucradas, migrantes o visto de esta manera *transmigrantes*, son aquellas que cotidianamente viven dependiendo de las múltiples y constantes interconexiones a través de las fronteras nacionales y cuyas identidades están en relación con más de un estado – nación (Glick Schiller, 1992).

A raíz de estas transformaciones, los migrantes bien pueden estudiar en un país, trabajar y criar a sus hijos en otro, y jubilarse en un tercero, además de muchas otras variaciones más. (OIM, 2010). En este contexto se desarrollan distintas categorías de migrantes: por ejemplo, migrantes temporales o circulares, migrantes con carácter permanente, personas que se desplazan por motivos de estudios superiores, de transferencias dentro de una empresa, migrantes jubilados, migrantes menos calificados; lo cierto es que todos emprenderán actividades transnacionales, y deberán hacer frente a mayores o menores barreras que puedan, de alguna manera, facilitar sus contribuciones transfronterizas.

En escenarios de inestabilidad e incertidumbre como el impuesto por la pandemia del Covid-19 los venezolanos radicados en Argentina esgrimen diferentes estrategias para mantener la continuidad del proceso migratorio iniciado a partir del año 2014 en el que se desencadena la grave crisis humanitaria en Venezuela. A través del caso de estudio se intenta indagar, desde las estrategias y experiencias de movilidad de los migrantes, en algunas dimensiones y tendencias que den cuenta de las readaptaciones al nuevo espacio emergente.

El tiempo transcurrido desde los inicios del siglo XXI, ha sorprendido al mundo con una serie de crisis recurrentes que han marcado cambios importantes en el devenir de las movilidades humanas. Recientemente los debates sobre el significado de la movilidad en el contexto de las ciencias sociales contemporáneas, ha llevado al planteo del nuevo paradigma de la movilidad, cuyos creadores y defensores, sugieren que el mundo entró en una nueva época global que requiere atención sobre el modo en el cual la movilidad humana participa en la construcción de las sociedades contemporáneas.

El aporte de la Geografía de las movilidades puede abrir caminos hacia la reinterpretación de categorías conceptuales para analizar las transformaciones de la manera en que las personas experimentan y viven el espacio, derivadas de los procesos de movilidad. La movilidad humana es un proceso que involucra constantes transformaciones sociales y espaciales, de allí que abordar la misma desde una perspectiva geográfica permitirá entender que las personas se apropian del espacio y al hacerlo construyen territorios que están íntimamente vinculados con su identidad.

Venezolanos en Argentina: entre la inmovilidad y la readaptación al nuevo contexto

En la última década (2010-2020) la crisis política y económica que sufre Venezuela ha impactado fuertemente en la situación social y humanitaria de su población. Esto ha decantado en un importante éxodo hacia países vecinos y más lejanos del contexto intrarregional. Según informes oficiales (Pacceca, 2019)¹⁷, entre 2010 y 2015 hubo un flujo turístico o temporario desde el país caribeño hacia Argentina. En 2015, la inflación y las dificultades para conseguir alimentos más la crisis política en Venezuela, lograron que se observara un patrón hacia una permanencia más prolongada y un saldo migratorio positivo. De 2016 a 2018 se observó un incremento significativo de las solicitudes de asilo, al punto de convertirse en el mayor grupo de solicitantes.

Este flujo migratorio presenta la particularidad de que la mayoría de los migrantes son jóvenes profesionales de clase media afectados por la falta de empleo. La relevancia de estos datos permite afirmar que el desplazamiento forzado de venezolanos hacia la Argentina forma parte de los emergentes y dinámicos flujos de migración calificada. En este ámbito se incluyen, según Bermúdez Rico (2015), los migrantes calificados que se insertan en trabajos no cualificados en el país de destino, correspondiente, por lo general, a una migración de carácter individual, que por razones forzadas y de insuficiencia del mercado laboral, deciden dejar su país de origen. Es un flujo asociado con la existencia de redes sociales de amigos y /o familiares que apoyan y estimulan la migración (Fittipaldi, 2016). Algunos componentes y características de este flujo migratorio surgidos de los testimonios de los propios sujetos migrantes, revelan las especificidades que hacen a una migración por motivos laborales y de estudio, de tipo calificada, que encontró en la crisis de su país el puntapié inicial para los desplazamientos intrarregionales en América del Sur. Las experiencias del espacio en construcción así como las expectativas a futuro otorgan la característica de ser un movimiento temporario con elevada posibilidad de retorno y/o continuidad de la movilidad hacia otros destinos que acaben por satisfacer las demandas de una mejor calidad de vida, incluyendo a la Argentina dentro de esas opciones. Sin embargo los cambios operados en el mundo a raíz de las limitaciones a las movilidades y las restricciones al normal funcionamiento de la economía y de los sistemas sociales de contacto y socialización, obligan a los mismos a delinear nuevas estrategias de readaptación al nuevo contexto, modificando en un lapso muy corto de tiempo, su proyecto migratorio.

Reflexiones finales

En el caso de estudio, y pese a las limitaciones para la movilidad, dada la crisis a nivel regional, los migrantes pueden mantenerse fuertemente conectados con la sociedad de origen, y con los lugares de dispersión de los desplazamientos, siendo claros indicios de transnacionalismo por la intensidad de las conexiones y la importancia que éstas juegan en la vida diaria y los planes a futuro de la población analizada. Las expectativas y proyectos a futuro de los venezolanos en Argentina, revelan, como prácticas de transnacionalismo, que no se emigra necesariamente para quedarse, si no para establecer lazos diferentes y más complejos entre diversos espacios nodales, de los cuales se participa plenamente, y que incluyen varias alternativas, dentro de las cuales se contempla la posibilidad de retorno. Sin embargo, los efectos de la pandemia se hacen sentir fuertemente en el pilar fundamental de la continuidad del proyecto migratorio, como es el empleo. Alrededor del 28% de los encuestados cuenta con empleo, el 26% dice emplearse en trabajos informales, el 28% en trabajos esporádicos y el 17%, sin empleo, en medio de esta situación sumamente precarizada, el 60% de las personas indicó que al momento del aislamiento decretado por el gobierno nacional, dejó de percibir salario y el 77% afirmó no recibir ayuda social de ningún tipo. Estos datos permiten visualizar las características del

¹⁷ Pacceca, Maria Ines (2019) Venezolanos/as en Argentina: un panorama dinámico: 2014-2018.

nuevo espacio emergente de la situación planteado. Los migrantes se readaptan al nuevo escenario, entre la inestabilidad y la incertidumbre, lo cual exige la formulación de políticas que tengan en cuenta y encaucen las conexiones transnacionales como realidad que cobra mayor visibilidad en los tiempos que corren, más allá del factor de la movilidad y el desplazamiento de personas, hacia la gestión de las necesidades de mantener activo el espacio de vínculos y conexiones origen - destino.

Palabras clave: migración, procesos migratorios, transnacionalismo.

CORREDORES INTERNACIONAIS DE MOBILIDADE HUMANA: O CASO DO ESTADO DO ACRE

Dival Vieira de Araújo Neto¹⁸

José Alves¹⁹

O presente trabalho tem como objetivo compreender os corredores internacionais de mobilidade humana do qual o Estado do Acre, na região amazônica brasileira, está inserido e faz parte em decorrência, especialmente, das rodovias federais que o interliga ao restante do território nacional e aos Países vizinhos do continente americano. Este fluxo de migrantes pela fronteira do estado do Acre com a Bolívia e o Peru, intensificado no período de 2010 a 2016, foi palco de uma imensa mobilidade humana, advinda principalmente de haitianos e senegaleses. Neste momento de pandemia da Covid-19 (2020-2021) constatamos novos fluxos de retorno dos trabalhadores migrantes por essa fronteira. É a respeito deste tema que o presente texto busca refletir e apresentar elementos para o debate, considerando o levantamento bibliográfico, as observações *in loco*, o mapeamento das rotas por meio do programa Qgis, além do respaldo conceitual na Geografia do trabalho.

Introdução

O estado do Acre está localizado na Amazônia brasileira, na porção regional sul-ocidental, e tem limite fronteiro com os estados de Rondônia e Amazonas, no Brasil, e divisa internacional com o Peru e a Bolívia. A região é conhecida como de tríplice fronteira entre Brasil-Bolívia-Peru por meio das cidades de Brasileia e Epitaciolândia (AC) com Cobija (Bolívia), e Assis Brasil (AC) com Bolpebra (Pando - Bolívia) e Iñapari (Madre de Dios - Peru) (MAPA 1).

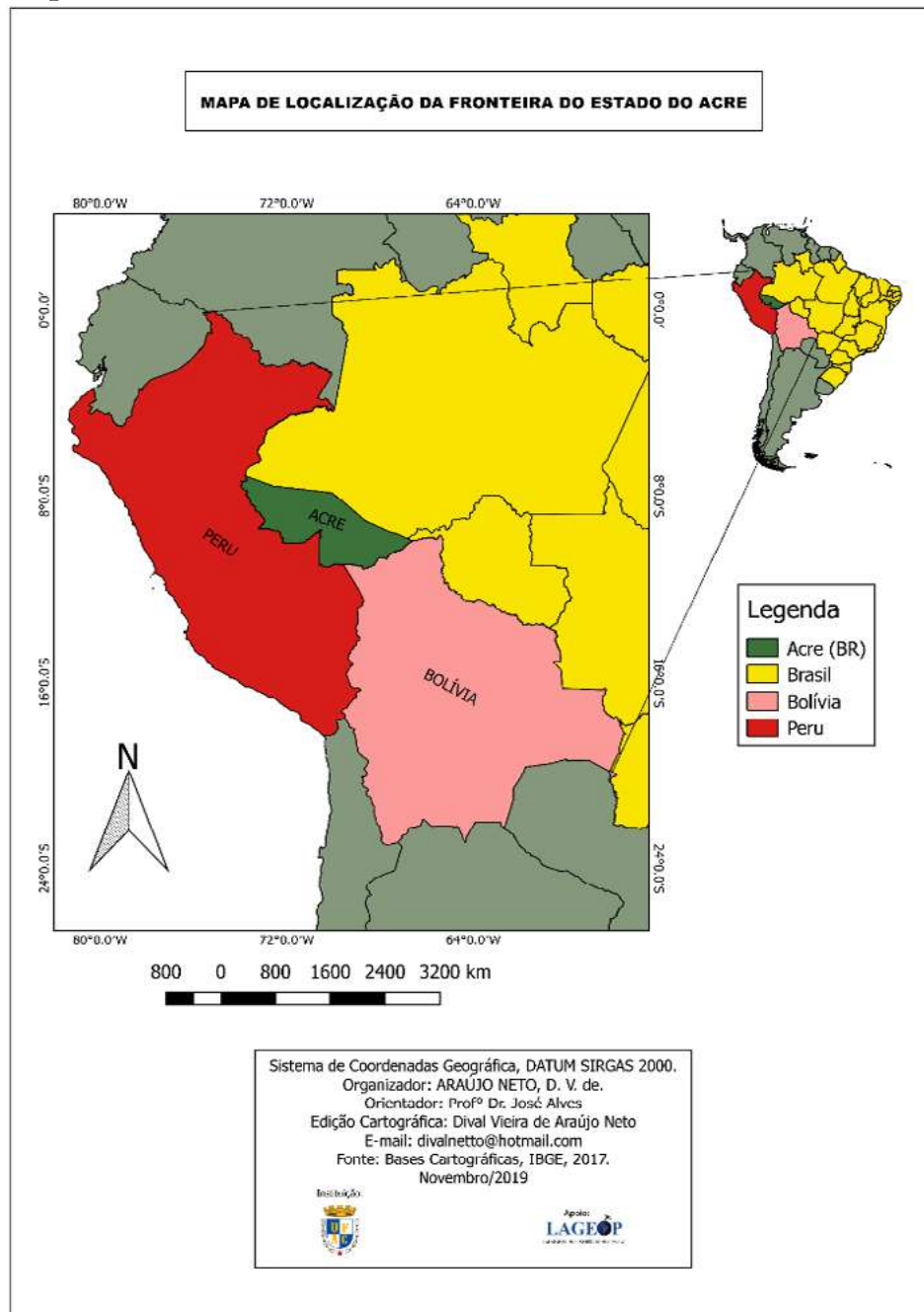
As rodovias federais ou *carreteras* têm um papel fundamental para o desenvolvimento regional. Entretanto, no estado do Acre, de 2010 a 2016, as rodovias ganharam destaque pelo seu uso como rota migratória, em especial a BR 317, conhecida como Estrada do Pacífico ou Interoceânica por causa mobilidade dos milhares imigrantes, principalmente de haitianos e senegaleses (MAPA 2).

Este texto tem como objetivo compreender os corredores internacionais de mobilidade humana do qual o estado do Acre (BR) está inserido e faz parte em decorrência das rodovias federais que o interliga ao restante do território nacional e aos Países vizinhos do continente americano.

¹⁸ Mestrando e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Acre – Brasil. E-mail: divalnetto@hotmail.com

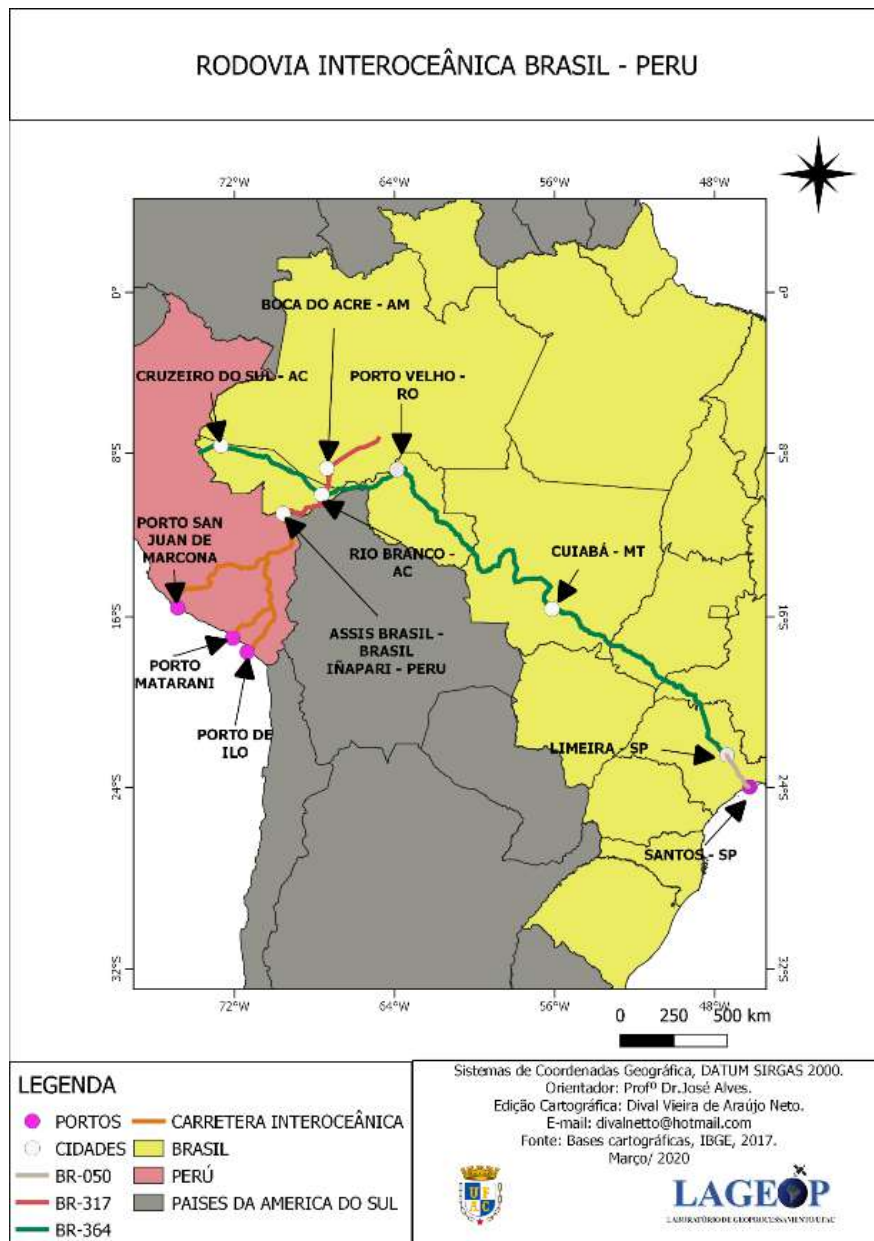
¹⁹ Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre - Brasil. E-mail: jose.alves@ufac.br

Mapa 1: Fronteira do estado do Acre



Fonte: ARAÚJO NETO (2019).

Mapa 2: Rodovia Interoceânica Brasil/Peru



Fonte: ARAÚJO NETO (2020).

Resultados e Discussões

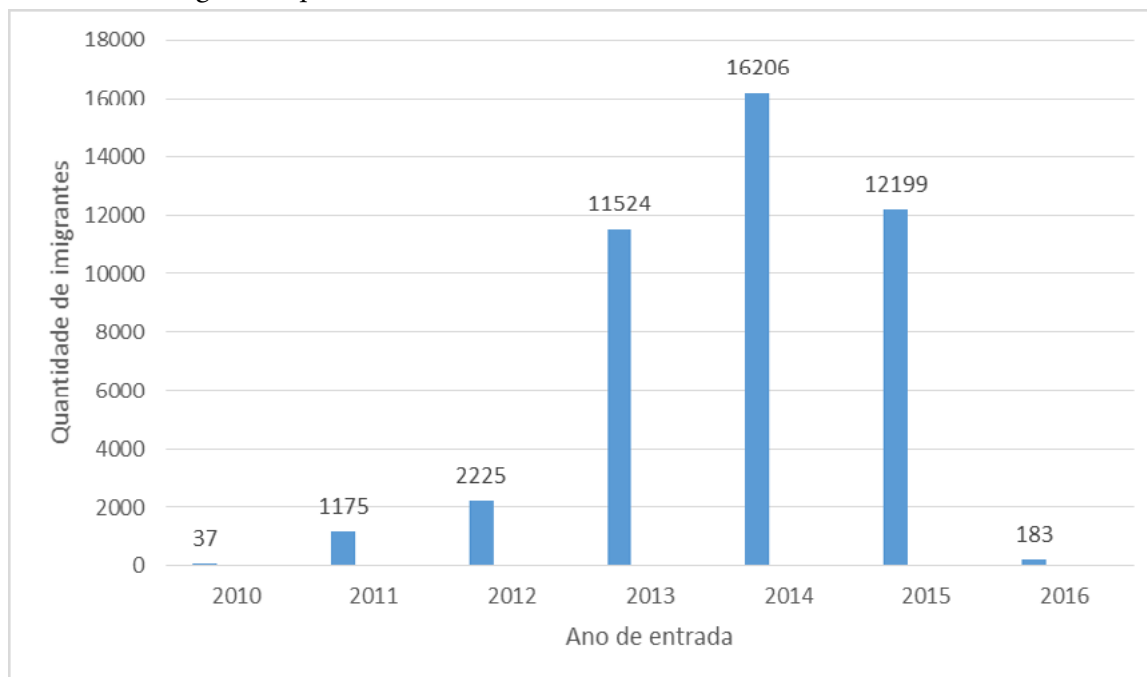
Entre os anos de 2010 a 2016 os haitianos e senegaleses acessaram o Brasil pela fronteira do estado do Acre na microrregião de Brasiléia (Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia e Xapuri), chegando até a capital Rio Branco. O apoio dos governos estadual e federal, quando realizado foi com deficiência e recebedor de muitas críticas; permitiu a alimentação, o pouso, o apoio para requisição de documentos, mas manteve homens e mulheres em condições precárias durante os meses em que estiveram alojados ou ao relento na fronteira. O suporte do governo estadual também ocorreu para que os imigrantes seguissem viagem a outros destinos nacionais.

O deslocamento internacional e interno teve, geralmente, o intuito de conseguir trabalho e o Brasil estava, naquele momento, como o lugar de oportunidades de renda e moradia. As rodovias federais BR 364 e 317 no estado do Acre demonstra como foi e é importante essas vias de transporte para essa

movilidade humana internacional, além do aeroporto internacional de Rio Branco, como fator de conexão dessa rede migratória internacional.

Dados do governo do estado do Acre (Gráfico 1) relevam que passaram pelo estado o quantitativo de quase 50 mil pessoas, distribuídas em 35 nacionalidades, em destaque, haitianos e senegaleses.

Gráfico 1: Imigrantes que entraram no estado do Acre, entre 2010 e 2016



Fonte: ACRE, novembro/2019. Elaborado por Araujo Neto (2021).

Com a crise brasileira, após 2016, o fluxo de retorno desses imigrantes para seus países de origem e os Estados Unidos da América se intensificou, retomando essa rota migratória. Neste momento de pandemia da Covid-19 constatamos novos fluxos de retorno dos trabalhadores migrantes por essa fronteira. Conforme um exemplo noticiado no site Agência AC.

Tentando deixar o Brasil com destino ao México e Estados Unidos, aproximadamente 600 imigrantes, a maioria de origem haitiana, deixaram seus abrigos e se concentraram na ponte de integração da fronteira com o Peru, em Assis Brasil, no dia 14 de fevereiro deste ano (2021). A fronteira com o país vizinho está fechada desde março de 2020, em razão da pandemia o que causou conflitos envolvendo forças militares.

Considerações finais

O estado do Acre se consolidou como um corredor internacional de mobilidade humana por causa dos deslocamentos de distintas nacionalidades, como haitianos e senegaleses, se firmando como rota de passagem no Brasil. Os haitianos “iniciaram” esse corredor e logo em seguida vieram outras nacionalidades, como os venezuelanos, caribenhos, africanos.

Nesse período de pandemia o fluxo de trabalhadores continua, porém com as fronteiras fechadas, torna a imigração mais complexa, pois essas pessoas ficam aglomeradas em locais inapropriados na cidade de Assis Brasil. Há o risco do contágio, ficam à mercê do sol e chuva e ações truculentas dos governos brasileiro e peruano. Essa dinâmica migratória é foco de nossa pesquisa em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Ufac.

Palavras-chaves: Migração internacional, estado do Acre, Amazônia.

A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL, REDE E CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM FORTALEZA/CE

Ferreira, Elidiane Silvia²⁰

Este trabalho é fruto de pesquisa realizada em nível de mestrado em Geografia na Universidade Estadual do Ceará e tem por objetivo analisar a migração chinesa no centro da cidade de Fortaleza (CE) e sua articulação com as atividades econômicas vinculadas aos circuitos da economia urbana. Ressaltamos que o trabalho desta temática é de grande importância para a Geografia das Migrações do século XXI que adquiriu novas formas, bem como para o entendimento de dinâmicas territoriais que entrelaçam o território brasileiro à uma economia globalizada. Para tanto, fez-se necessário investigar características dos movimentos migratórios desenhados no período atual, sobretudo as que se referem à migração dos chineses para as cidades brasileiras, em especial para Fortaleza. Entre os asiáticos pode-se pensar em dois grupos: um grupo mais antigo constituído de japoneses e libaneses que entrou no Brasil em sua maioria antes da década de 1970, e outro após, formado pelos chineses e coreanos para uma migração de caráter mais urbano. Entre os movimentos migratórios internacionais de maior intensidade, do ponto de vista da circulação de pessoas e dos impactos causados por tal fenômeno, destaca-se a migração de chineses, que adentraram ao país e se direcionaram principalmente para os centros urbanos das cidades brasileiras com o propósito de trabalhar em atividades comerciais vinculadas ao circuito inferior e superior da economia urbana. Estes circuitos surgiram da divisão que existe na sociedade urbana dos países em desenvolvimento onde estão inseridos diferentes circuitos de produção, distribuição e consumo e o que os diferencia são seus diversos graus de tecnologia, organização e capital. Entretanto, eles não se constituem como sistemas fechados, apresentam relações de subordinação, concorrência e complementaridade. Articulado a política econômica nacional do país, que estabeleceu laços diplomáticos, realizou acordos e implementou políticas internas com o objetivo de buscar investimentos do exterior, o Ceará passou a receber uma população de migrantes bastante significativa, principalmente europeus (portugueses, italianos e espanhóis) e asiáticos (chineses e coreanos). Atualmente encontrar um migrante de nacionalidade chinesa em Fortaleza não é difícil, seja como fornecedores, trabalhadores ou empreendedores, eles estão ocupando espaços e mudando a paisagem do centro fortalezense. Isso acontece porque ao abrigar os dois circuitos da economia urbana, o centro de Fortaleza é visado tanto por agentes que atuam em atividades do circuito inferior (desenvolve atividades de pequena dimensão, geralmente ligadas à população pobre, que nem sempre são reconhecidas pelo Estado, por serem, muitas vezes vinculadas ao comércio de rua e por possuírem baixo grau de capital e produtividade), como pelo circuito superior (representado por corporações globais, serviços de alta tecnologia e informações, sendo compostos por bancos, comércio, e indústria de exportação, bem como indústria e serviços modernos). De acordo com dados obtidos através da Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC), órgão responsável por efetuar o registro dos atos relativos às empresas, e confirmados em campo, no ano de 2000 existiam no Ceará apenas 13 empresas registradas por migrantes de nacionalidade chinesa, englobando 10 estabelecimentos em Fortaleza e 03 em Guaiúba. Em 2012 a quantidade desses estabelecimentos saltou para 268

²⁰ Mestre pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e vinculada ao Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais – LEAUP elidianesf@hotmail.com

englobando além de Fortaleza com 246 estabelecimentos e Guaiúba com 03, as cidades de Juazeiro do Norte com 10, Sobral 06, Crato, Iguatu e Maracanaú, ambos com 01. Através desses dados fica claro que a expansão das atividades comerciais atreladas à migração dos chineses se articula de maneira mais intensa com a metrópole. Em Fortaleza esses estabelecimentos estão localizados em bairros como a Aldeota, Maraponga, Papicu e Meireles, mas a maior parte se encontra no bairro Centro, principalmente em ruas e galerias onde se concentram o maior fluxo comercial, como a Floriano Peixoto, Major Facundo, Guilherme Rocha, Senador Pompeu, General Sampaio e Vinte Quatro de Maio. Do ponto de vista das atividades desenvolvidas foi comprovado empiricamente que os chineses se inserem no Centro de Fortaleza como proprietários de lojas de eletrônicos e acessórios femininos, tais como: bolsas, utensílios de bijuterias, maquiagem e adereços, donos de restaurantes, trabalhadores e até consumidores. Entre as características que atribuímos ao circuito superior marginal²¹ presente nos estabelecimentos comerciais dos migrantes chineses, destacam-se a estrutura organizacional do estabelecimento, a presença de funcionários, as formas de pagamento realizada em espécie, cheques ou através de cartões de créditos de várias financeiras, o oferecimento de notas fiscais e o recolhimento de impostos por serem empreendedores registrados na JUCEC. A presença dessa migração é evidenciada na organização de seus estabelecimentos, através da disposição dos produtos, do nome fantasia da empresa, dos artigos de decorações como a presença de símbolos vinculados à cultura oriental. Para responder ao objetivo deste trabalho, desenvolvemos uma metodologia que está fundamentada em um referencial teórico organizado a partir de nossas palavras chaves. Elencamos os trabalhos de Santos (2008), Silveira (2011) e Montenegro (2013) sobre economia urbana e Bomtempo (2003), Vilela (2008), Ouriques e Andrade (2009) que falam especificamente sobre a migração internacional. Posteriormente fizemos um levantamento de dados secundários que se realizou junto as páginas oficiais da internet disponibilizadas pelos órgãos públicos e privados e por último o campo quando fizemos visitas à área de estudo com o objetivo de efetuar o reconhecimento dos estabelecimentos comerciais pertencentes a estes migrantes. Após aplicarmos a metodologia podemos concluir que os migrantes chineses possuem um alto grau de mobilidade e chegam a Fortaleza não apenas como mão de obra barata, mas igualmente como fornecedores e empreendedores, se concentram no bairro Centro que apresenta em sua conjuntura, bancos, teatros, cinemas, lojas e uma grande parcela de órgãos da administração pública e onde podemos visualizar com mais presteza os diferentes circuitos da economia urbana.

²¹ O circuito superior se divide em dois: o circuito superior propriamente dito e o circuito superior marginal constituído de formas menos modernas que tem ao mesmo tempo um caráter residual e um caráter emergente (Santos 2008).

IMAGINARIOS GEOGRÁFICOS EN EL CAMPO MIGRATORIO DE LAS PERSONAS MIGRANTES EN TRÁNSITO POR MÉXICO

Martínez Arboleya, Héctor José²²

Núñez Jiménez, Edgar²³

En 2018, circuló en las redes sociales la noticia que lanzarían una app que ayudaría a los migrantes sin documentos a cruzar la frontera con Estados Unidos. Con un concepto similar a la conocida Waze, esta app permitiría a las personas alimentar de manera colectiva y en tiempo real mapas que alertarían de los peligros de la frontera georreferenciando diversas amenazas. La realidad es que los migrantes, desde antes de la existencia de los teléfonos llamados inteligentes, han compartido con otros migrantes sus conocimientos geográficos y otras estrategias en las rutas migratorias. Los geógrafos no han sido ajenos a estas prácticas individuales y colectivas.

El modelo pionero propuesto por el geógrafo nigeriano Mabogunje (1970) sobre las migraciones rural-urbano consideraba dentro de los componentes de su enfoque de sistemas la *retroalimentación* entre los migrantes, como las historias de éxito o fracaso que actúan para mantener, incrementar o disuadir los flujos migratorios a través del sistema.

Geógrafos contemporáneos han propuesto modelos como el de *contrainte et de connaissance* (restricciones y conocimiento) de la geografía de las poblaciones (Moriniaux *et al.*, 2010) y las nociones de campos y espacios migratorios (Simon, 2008).

De acuerdo al modelo de *contrainte et de connaissance*:

La decisión de migrar depende del estado de las informaciones que dispone la persona, y esta es, en definitiva, subjetiva, porque el individuo no tiene forzosamente conocimiento de todas las posibilidades existentes ni siquiera de un muestreo de posibilidades que permita tomar una decisión puramente racional (Moriniaux, 2010:22-23)²⁴.

Por el lado de la información, los geógrafos conductistas han profundizado en los aspectos espaciales de la *información incompleta*, identificando la experiencia migratoria como un componente del capital humano también llamada “competencia circulatoria” o el “saber circular”. Es decir, bajo este enfoque, la movilidad (o inmovilidad) se explica por la cantidad y calidad de información con que cuenta la persona así como su capacidad para utilizarla (Piguet, 2013). La historia migratoria individual y la propia red social del migrante le permiten tener acceso a la información que facilitará su proyecto migratorio.

En lo que concierne a la noción de espacio migratorio, según Simon (2008:14), se trata de un primer análisis que engloba el conjunto del espacio practicado por los migrantes (espacio de origen, de implantación, pero también de tránsito y de regreso) a diferentes escalas (regional, intercontinental, planetaria) así como “*el campo de percepción global e inmediata que generalmente tienen de éste los actores migrantes: aquel del interior de un vasto espacio de vida extendido entre el espacio de origen y el espacio de implantación* (Ídem)”. En efecto, el funcionamiento de este campo implica “*un conjunto de actores con sus lógicas propias, sus modos de funcionamiento, sus prácticas elementales y complejas, espacios de representaciones individuales y colectivas* (Ídem)”.

²² Centro Universitario Parral, Universidad Autónoma de Chihuahua, harboleya@uach.mx

²³ Universidad Autónoma de Chiapas, ekepjimenez@hotmail.com

²⁴ Traducido del francés por los autores.

En este sentido, la noción de imaginario geográfico de los geógrafos culturales permite captar de una manera diferente la complejidad de la toma de decisiones en cuanto a los motivos y los lugares de destino de los migrantes. Las imágenes interiorizadas y construidas por los migrantes, producto de la experiencia de otros migrantes de su comunidad, de la memoria de la migración enraizada en la historia o la familiaridad cultural complementan la información objetiva del proyecto migratorio personal (Piguet, 2013).

Un segundo nivel de análisis ligado a las espacialidades de las migraciones internacionales lo constituye la noción de campo migratorio o campo transnacional. Simon (*Ibid.*:15) lo define como:

El conjunto del espacio transnacional que une, sin importar la distancia, lugares de origen, de tránsito y de instalación; es decir, el espacio recorrido y estructurado por flujos estables y regulares de migraciones y por el conjunto de flujos (materiales, ideales) inducidos por la circulación de personas²⁵.

De la misma manera que el espacio migratorio, el campo migratorio es estructurado por los actores migrantes, principalmente las familias y las redes migratorias. Se trata de un espacio bajo tensión y cargado de sentido, de esperanzas, de utopías, de imaginarios individuales y colectivos, donde se afirma la idea de la autonomía del migrante y su rol de actor mayor en el funcionamiento migratorio (*Ibid.*:16). Esto sin desestimar la influencia de las estructuras y macro procesos sobre las decisiones de los migrantes. Tal rol es claramente resumido por Simon (*Ídem*) de la manera siguiente:

La idea de la autonomía del migrante...con su capacidad de iniciativas, sus potencialidades en recursos sociales, su capacidad de desplegar estrategias integrando variables en el conjunto del campo migratorio internacional, sin importar la extensión y alargamiento espacial de dicho campo. La rehabilitación del actor-migrante no disminuye la importancia del contexto (económico, reglamentario y geopolítico) que influencia más o menos fuertemente los comportamientos espaciales sin determinarlos sin embargo.

Esta comunicación tiene como objetivo reflexionar acerca del conocimiento y los imaginarios geográficos así como en la forma que estos se transmiten entre los migrantes como insumo para sus proyectos migratorios. Se realizaron 40 entrevistas en una Casa del Migrante en Chiapas, en la frontera sur de México entre los meses de noviembre de 2019 y enero de 2020 a personas provenientes de Honduras, Guatemala, Nicaragua, El Salvador, México y Cuba. Los resultados muestran a migrantes con un conocimiento importante de las rutas migratorias, que saben identificar perfectamente gran cantidad de objetos geográficos como ríos, lagunas, carreteras, ciudades, etc. Los migrantes no solamente identifican elementos del territorio, sino se orientan y se reconocen en él en función de los años de experiencia migratoria. Los resultados además dan cuenta de la apreciación estética que los migrantes pueden tener sobre la naturaleza y el paisaje mexicano. Aspecto poco reportado en los estudios migratorios.

²⁵ Traducido del francés por los autores.

ATENDIMENTO AOS MIGRANTES VENEZUELANOS URBANOS EM PERNAMBUCO: REFLEXÕES ATRAVÉS DO ESTÁGIO NA CÁRITAS NE²

Bruna Soares Farias²⁶

O presente trabalho, inserido no contexto de estágio em Serviço Social na Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2 — Cáritas NE2, busca analisar criticamente a atuação da instituição junto aos migrantes venezuelanos urbanos em Pernambuco, pautando-se nos resultados de um questionário socioeconômico realizado de forma remota entre fevereiro e março de 2021 com este público e nas respostas elaboradas pela instituição. Primeiramente, cabe observar que a população migrante possui demandas similares a quaisquer grupos de indivíduos em situação de vulnerabilidade, mas estas existem concomitantes à particularidade da experiência de deixar seu próprio país, ainda considerando a característica forçada da migração. A respeito desta visão quanto ao fenômeno, fundamenta-se a análise na concepção marxista de mobilidade do trabalho, no sentido observado por Gaudemar (1977). Somente seria a mobilidade uma opção de fato pessoal estando resguardado o direito de manter-se no local de escolha e neste poder encontrar boas condições de vida, seja ele o país de origem ou não, mas no atual modo de produção toda escolha nesse sentido está subordinada ao capital — e isto se aplica, dentre outras, à escolha de migrar ou ficar. Foi observado que a responsabilização do terceiro setor no atendimento a esta população, fato ligado à ausência de uma política pública específica quanto ao tema em Pernambuco, é uma tendência geral no enfrentamento às expressões da questão social em um contexto de intensificação neoliberal que reconfigura o papel do Estado nesse sentido desde a década de 1990 (ALENCAR, 2009). O estágio em Serviço Social no terceiro setor não confere a experiência da atuação na proteção social integral aos migrantes, já que instituições desta natureza funcionam através de editais de financiamento que não possuem caráter contínuo, muito menos universal, mas sim objetivos e procedimentos metodológicos próprios e iminente finalização. Nesse contexto, a Cáritas NE2, como parte da coordenação do Comitê Interinstitucional de Promoção dos Direitos das Pessoas em Situação de Migração, Refúgio e Apatridia — COMIGRAR/PE, toma parte na luta pela criação de uma política pública específica para os migrantes em Pernambuco. Cabe, todavia, ter em mente que se de um lado temos a objetividade (ou fenômeno) e, por outro, a subjetividade (ou política), neste caso de um lado a migração e de outro a política migratória, contrapõe-se um par de outra natureza quando se trata da questão migratória, a saber: a questão política a ser “enfrentada” e, por outro lado, as práticas políticas de “enfrentamento” (VAINER, 1984). Existe por trás da intenção de consenso quanto ao conceito de migração, assim como na formulação de políticas migratórias, a concepção de que pode ser contida, estimulada ou orientada, como posto por Póvoa-Neto (1997), já que os indivíduos não se distribuem geograficamente de acordo com o que é mais desejável pelo capital. Mesmo assim, é preciso reconhecer que a falta de um fluxo de atendimento bem delineado torna bastante turbulenta a atuação dos profissionais na instituição, prevalecendo sempre o caráter mais emergencial e imediato, algo que certamente foi intensificado pela pandemia da Covid-19. Nesse contexto, um conhecimento socioeconômico mais aprofundado deste público foi possibilitado apenas pelo supracitado questionário, intitulado Diagnóstico Rápido Urbano Participativo — DRUP. O que se pode notar com os resultados é uma mobilidade forçada em diversos âmbitos, desdobrando-se em expres-

²⁶ Cáritas Nordeste2/Pernambuco/Brasil.

sões da questão social — algumas das quais, como a violência de gênero, muito presentes também na realidade das migrantes, como observado no campo de estágio, mas não exploradas neste contexto do DRUP — e no que se considera como vulnerabilidade social no contexto da assistência social, e mesmo assim não está garantida a proteção do Estado à maioria destes indivíduos. Contudo, o que se focou na análise oficial da instituição quanto aos dados, para elaborar respostas, foram a empregabilidade e o empreendedorismo, apenas mencionando a necessidade de ação do poder público e de parcerias interinstitucionais sem esclarecer a participação da CBNE2 nessa mobilização. Foram relatadas as parcerias que estão sendo articuladas com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e com diversas instituições para, respectivamente, a realização de um curso de português “funcional”, voltado ao trabalho, e de oficinas de empreendimento nas áreas de Gastronomia, Beleza, Moda/Customização e Eletricista Residencial. Justifica-se, afinal, que estas são estratégias que também ajudam a promover a integração local dos venezuelanos, o que pode parecer verídico a curto prazo (conf. ZANFORLIN, 2021), mas é preciso que sejamos críticos quanto a esta forma de sociabilidade na qual se integram. Seguindo as possibilidades imediatas dentro da hegemonia neoliberal, submetidas à acumulação capitalista, sabemos que estas soluções não podem se sustentar a longo prazo coletivamente porque a causa principal do desemprego é ontológica a essa estrutura produtiva. Em conclusão, isto acaba por manter os trabalhadores no trabalho informal, sem quaisquer direitos trabalhistas e sem perspectiva de mudanças substanciais em suas vidas, o que só é possível, como sabemos, através de uma construção política dos trabalhadores que possibilite uma verdadeira emancipação coletiva.

Palavras-chave: Migração; Mobilidade; Política migratória; Serviço Social; Pernambuco.

REDES MIGRATÓRIAS E TERRITORIALIDADES MIGRANTES NO SÉCULO XXI: OS ITALIANOS INVESTIDORES NO CEARÁ

Gabriel de Sousa Araújo²⁷

No cenário da globalização atual, permeado pelos avanços técnicos no transporte e na comunicação, a informação se faz presente na multiplicidade dos fluxos populacionais, da mobilidade e da migração em escala interna e internacional. Essa intensidade das migrações congrega em volume os migrantes que coexistem nos territórios, em especial dos perfis e das motivações econômicas, uma delas, atreladas à natureza investidora. Assim, tem realçado no território brasileiro no início do século XXI, os italianos de caráter investidor na ocupação laboral, enquanto diretores, gerentes e proprietários, em especial, para Estados que não conheceram a migração histórica: Bahia, Pernambuco e Ceará. A migração de investidores italianos para o Ceará acontece de modo massivo, em Fortaleza, municípios da Região Metropolitana (RMF), municípios de faixa litorânea e do interior e refletem os programas de modernização, na esfera econômica imbricada à Região Nordeste. Vinculados à atração dos investimentos, desenhados na escala nacional, estes migrantes dinamizam a economia, o território e, por conseguinte, a população pelas redes migratórias e as territorialidades construídas nos espaços de vivência. Assim, ao longo do estudo, objetivamos compreender as territorialidades dos investidores italianos no Ceará nos locais de trabalho, moradia, lazer e consumo. De acordo com o objetivo em tela, a metodologia está alicerçada em diretrizes metodológicas de caracterização do objeto, vejamos: 1) levantamento de referenciais teóricos que permite compreender o objeto pelas temáticas e conceitos norteadores, quais sejam: a) Migração internacional, migração italiana e globalização; b) redes, territórios e territorialidades; c) dinâmicas econômicas e investimentos. 2) levantamento de dados secundários, que foram coletados por variáveis quantitativas: ano de registro, quantidade de investimentos, bem como a faixa etária dos migrantes. De ordem qualitativa, ressalta-se: nacionalidade, município de residência, endereço comercial, atividade, sexo, estado civil e cargo. Colhemos essas informações em plataformas institucionais, tais como: 1) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); na seção micro dados; Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (SINCRE); 2) Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC), assim como em sites de organizações italianas, a saber: Câmara Ítalo-Brasileira, Instituto de Cultura Italiana de Fortaleza (ICIF); Patronato Italiano de Fortaleza (PIF) e o Consulado Honorário de Fortaleza (CHF). 3) levantamento documental e jornalístico, em que coletaram-se informações jornalísticas, que consistiu na busca e armazenamento das notícias, possibilitado pela ferramenta *google alerts*, atrelados às palavras-chave: Migração internacional, migração italiana, investimentos italianos no Ceará, em jornais: Diário do Nordeste e O POVO. 4) A atividade empírica realizou-se entrevistas semiestruturadas em janeiro de 2020 em importadoras, restaurantes e pousadas italianas localizadas em Fortaleza e RMF. As indagações foram feitas aos italianos por meio de roteiro de campo organizados com elementos de investigação, a saber: trabalho, moradia, lazer e consumo, aqui também considerados enquanto espaços de vivência. Como resultados da pesquisa verificamos que dos entrevistados, do ponto de vista civil 62% eram casados; 23% divorciados; e 15% solteiros. Todos os italianos investi-

²⁷ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia (ProPGeo), da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Integrante do Laboratório de Estudos Agrários, Urbanos e Populacionais (LEAUP). E-mail: gabriel.sousa@aluno.uece.br

dores entrevistados são do sexo masculino e majoritariamente estão na faixa etária de 40 a 60 anos. No tocante aos investimentos, segundo os dados da JUCEC, até o ano de 2012, sobressaem às atividades econômicas, aquelas vinculadas ao setor imobiliário (27,97%), restaurantes (24,17%), comercial (12,78%), construção civil (10,98%), importação (1,2%). Essas movimentações, na fluidez do capital têm motivações atreladas aos investimentos, assim, os migrantes vinculam-se em redes, da partida à chegada. Nesse sentido, as redes fortalecem a existência nos países de migração, a continuidade dos negócios e a permanência e são agenciadas pelas relações de poder, ações de cooperação econômica e pelas instituições italianas presentes no território cearense, a saber: ICIF, CHN e PIF. Nos estabelecimentos, afloram articulações existentes entre: restaurantes e importadoras de alimentos. Essas relações são salientadas entre: 1) os investidores italianos, em especial o grupo “*amici* de Uruaú”; 2) os investidores e a população local com geração de empregos diretos. Ademais, as redes possibilitam a construção das territorialidades cotidianas nos locais de migração, a exemplo dos investidores italianos no Ceará, por intermédio do trabalho, da moradia, do consumo e do lazer. No tocante à moradia, os italianos entrevistados em Aquiraz (1), Beberibe (1), Caucaia (1) e Maranguape (1), destacam casas, prédios e propriedades rurais. A escolha dos municípios de residência atrela-se às questões cotidianas: segurança e menor trânsito. Em Fortaleza, os italianos entrevistados (9) residem em condomínios fechados e localizam-se em bairros de boa infraestrutura urbana: Aldeota, Praia de Iracema e Meireles. O consumo dos italianos entrevistados diz respeito, em sua maioria ao abastecimento dos restaurantes e importadoras de alimentos, mas agregam-se a estes estabelecimentos, as exportadoras italianas, os supermercados e os consumidores finais a constituir uma rede própria de consumo no território. Nesse sentido, o consumo dos italianos constrói-se em relações e escalas: a) diretas e indiretas; b) escalas de distribuição dos produtos, a saber: municipal, intermunicipal, intrarregional e inter-regional. Com ênfase às práticas de lazer, os italianos entrevistados em Fortaleza e RMF salientam que tais momentos são menos frequentes que a ocorrência das atividades econômicas, sendo assim, destacados: casa de shows (Kukucaia), cinema (Dragão do Mar de Arte e Cultura), estádio de futebol (Castelão), lago (Lago Jacarey), equipamento cultural (Mercado Cultural dos Pinhões), parque aquático (*Beach Park*) e praias (Praia do Futuro; Praia de Iracema). O lazer em municípios litorâneos investigados (Aquiraz, Caucaia e Beberibe) ressalta a prática de esportes, tais como: *Windsurf* e *Kitesurf*, embora reverberem a necessidade de se deslocar até Fortaleza. Assim, os migrantes italianos realizam o lazer também em municípios distintos às residências, e, portanto, suas experiências acontecem em escalas: 1) municipal; 2) intermunicipal. À guisa de conclusão, as práticas dos italianos investidores são consubstanciadas pelo exercício de poder em que migrantes permitem-se articular escalas por: a) não consumirem somente no município em que residem; b) não realizarem práticas de lazer apenas nos bairros de moradia; c) não só residirem nos municípios de investimento. Este estudo, por intermédio dos resultados apresentados, contribui para a leitura da migração internacional recente dos italianos, das configurações e coexistências das migrações, sobretudo no Ceará, além de proporcionar o debate acerca das redes e das territorialidades migrantes por meio dos investimentos italianos realizados.

Palavras-chave: Migração italiana, redes migratórias, territorialidades, investimentos italianos no Ceará, práticas cotidianas.

MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO NA AMÉRICA LATINA: O CASO DO ESTADO DO ACRE

Thirson Rodrigues de Medina²⁸

José Alves²⁹

A segunda década do século 21 interliga dupla conjuntura de crises em escala mundial, de ordem humano-sanitária como verificado nas migrações internacionais com o êxodo intercontinental e em biossegurança, decorrente da pandemia da Covid-19.

Esta análise objetiva caracterizar o estoque migratório internacional da América Latina e Caribe para a fronteira amazônica brasileira, fundamentando-se na Geografia do trabalho e sua contribuição para a leitura da dinâmica migratória do trabalho.

O Brasil, como receptor das redes migratórias internacionais provenientes do Sul global, detém nos seus limites internacionais com os países sulamericanos rotas de acesso das redes de migrantes transfronteiriços em busca do mercado de trabalho brasileiro.

Para essa análise adotamos a base de dados dos estoques migratórios internacionais disponibilizado pela Organização das Nações Unidas no período de primeiro de julho de 2019 a primeiro de julho de 2020, conforme idade, gênero, por região, país e dentre as áreas de destino a América Latina e Caribe. Nesse cenário, a geograficidade do trabalho migrante confere territorialidade ao vínculo empregatício formal, a informalidade laboral, o trabalho análogo ao escravo. Bem como, permite espacializar as estratégias do capital internacional para a absorção do respectivo contingente laboral. Enquanto força de trabalho inserida nas contradições estruturais de políticas econômicas neoliberais globalizantes adotadas pela ascensão de partidos de direita ao poder político alinhados ao ideário capitalista internacional os migrantes e refugiados internacionais vulnerabilizados sócio, política e ambientalmente, configuram na América Latina “processos de desterritorialização que só podem ser compreendidos quando associados à sua contraface indissociável, a (re)territorialização” (HAESBAERT, 2017), ou seja, essa mobilidade do trabalho deve ser analisada a partir dos territórios das redes migratórias internacionais.

Nossa pesquisa, em desenvolvimento no Mestrado em Geografia da Ufac, busca compreender e elucidar as migrações internacionais, que por conseguinte a deflagração de uma crise humanitária sem precedentes históricos, está sendo foco de um mapeamento dos fluxos de migrantes internacionais pelas fronteiras internacionais da América Latina com destino à Amazônia brasileira, em particular o estado do Acre.

No tocante a força de trabalho dos migrantes e refugiados internacionais, os mesmos são absorvidos nas novas (re)territorializações (HAESBAERT, 2014) da divisão internacional do trabalho.

Conforme reportado pelo *Department of Economic and Social Affairs* ao secretariado das Nações Unidas (*UNITED NATION; DESA*, 2019), até primeiro de julho de 2019 o “estoque migratório inter-

²⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre, Membro do Grupo de Pesquisa Centro de Estudo de Geografia do Trabalho (CEGeT/Unesp), Membro do Grupo de Estudo em Produção do Espaço na Amazônia (GEPEA/UFAC), medinatr272@gmail.com

²⁹ Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre (Brasil), do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Membro do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT/Unesp), Membro do Grupo de Estudo em Produção do Espaço na Amazônia (GEPEA/UFAC). jose.alves@ufac.br / bairral@hotmail.com

nacional, representado pelo total de migrantes internacionais presentes em determinado momento” (BILSBORROW, R. E. et al., 1997, p. 32) no âmbito mundial conforme idade, gênero, região, país ou área de destino (UNITED NATION; DESA, 2019) registrava o estoque de 271.642.105 migrantes, o equivalente a 3,52% da população mundial, estimada no ano de 2019 em 7.713.468.000 pessoas. Na região da América Latina e Caribe os registros de migrantes representaram 11.673.288 pessoas, ou seja, 4,3% do estoque migratório global de 2019. No Brasil, no ano de 2019 o estoque migratório internacional representou 807.006 imigrantes, 7,3% do total do estoque migratório internacional no contexto da América Latina e Caribe.

Em relação aos mesmos dados do estoque migratório internacional para o ano de 2020 (UNITED NATION; DESA, 2020), na escala mundial registrou-se 280.598.105, aumento percentual em relação a 2019 de 3,3%. Em 2020 a estimativa da população mundial foi de 7.794.799.000 pessoas, crescimento de 1,05% em relação a 2019. Na América Latina e Caribe o estoque migratório registrado foi de 14.794.623, aumento percentual de 26,75% em relação a 2019. Já no Brasil, o estoque registrado de 1.079.708, representou aumento percentual de 34% em relação ao ano de 2019.

O cenário de aumento no estoque migratório internacional nas escalas regionais e nacional indicam, por um lado, assimetria internacional nas medidas de vigilância sanitária contra o vírus Sars-Cov-2, representado pelas restrições de mobilidade adotadas por distintos países como o Brasil e nas fronteiras com o Peru e a Bolívia no estado do Acre, nos diferentes modais de transporte: aéreo, terrestre e marítimo. De outra maneira, evidência resiliência estratégica das redes de migrantes ao Sul global com transposição das limitações estruturais, como fechamento de fronteiras internacionais dos países, agravamento da crise venezuelana com o bloqueio de ajuda humanitária, êxodo migratório de imigrantes hondurenhos obstruídos em países da América Central concomitante a atual crise deflagrada pela pandemia do Covid-19. Conjuntura que consolida a América Latina como região de trânsito e estabelecimento dos estoques migratórios internacionais.

Conforme o antes exposto, os dados inerentes ao crescimento percentual dos estoques migratórios internacionais na América Latina e Caribe, entre 2019 e 2020, mesmo com o reconhecimento mundial da crise sanitária do Covid-19, confirma o Sul global como região de destino dos fluxos migratórios intra e internacional.

O trabalhador migrante pode ser caracterizado, na sua constituição ontológica mediada pelo trabalho enquanto trabalhador qualificado e não qualificado, conforme a classificação das ocupações em conformidade com a normalização da Organização Internacional do Trabalho, que disponibiliza a hierarquia das tipologias das ocupações laborais adotadas pelos países latino-americanos.

O mundo do trabalho testemunha, no caos da crise estrutural do capital e da crise pandêmica da Covid-19, a oportunidade de ressignificações das contradições capitalistas de apropriação dos meios de reprodução societal na busca do “sentido do trabalho” (ANTUNES, 2010).

Os sentidos da formulação das lógicas aplicadas e associadas à mobilidade do trabalho em suas distintas manifestações são guias explicativos para a configuração da migração da força de trabalho ao mercado de trabalho na América Latina, enquanto *locus* de nova perspectiva diante do pauperismo social, violações de direitos humanos e demais flagelos sociais desencadeados nessas décadas iniciais do século 21.

Diante das restrições estabelecidas pela pandemia da Covid-19, o desafio a ser superado na pesquisa de Mestrado em desenvolvimento significa abordar a totalidade do objeto de pesquisa para além da inferência quantitativa.

A natureza interdisciplinar do conceito de migração internacional o constitua como conceito aberto e implique nos debruçarmos na revisão teórica especializada, a emergência diante da vulnerabilização

imposta pelo descumprimento dos preceitos fundamentais dos direitos humanos internacionais, criminalização dos migrantes, injustiças, flagelos sociais e humanitários, implica apreensão qualitativa como contrapartida e sentido da reponsabilidade científica e social da pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Amazônia Migração. Geografia do Trabalho. América Latina.



MESA 36

**MESA 36: DIMENSIONES TERRITORIALES DE LA MOVILIDAD
HUMANA EN AMÉRICA LATINA.
ESCALAS, OPORTUNIDADES Y TENSIONES
EGAL 2021**

**MESA 36: DIMENSIONES TERRITORIALES DE LA
MOVILIDAD HUMANA EN AMÉRICA LATINA.
ESCALAS, OPORTUNIDADES Y TENSIONES
EGAL 2021
TERRITORIOS DE LA MIGRACIÓN VENEZOLANA-COLOMBIANA:
SUS FLUJOS, SUS ESCALAS, SUS TENDENCIAS.**

Johan Andrés Avendaño Arias

Diversos intereses académicos, investigativos e institucionales han surgido por la dinámica de migración poblacional Venezuela-Colombia en los últimos 5 años, por lo que cifras y caracterizaciones han proliferado. Aun así, la mirada territorial y geográfica en sus diversas escalas, flujos y tendencias es un terreno por caminar; por esta razón el propósito y objetivo de este artículo consiste en comprender y analizar las diversas dimensiones socio-espaciales que se han suscitado en este proceso de migración en el entendido que la migración es un hecho geográfico, con experiencia espacial, de características multiescalares (internacionales, binacionales, fronterizos, regionales, departamentales, municipales y locales).

Para ello, se ha construido un marco conceptual para evidenciar el puente entre geografía, demografía y migración, luego se realizó la graficación de cartografías con el fin de mostrar las diversas caras de la migración, sus patrones y tendencias. De ello se concluye que además de la necesidad de ampliar la mirada territorial y geográfica, el análisis de la migración implica la ampliación de perspectivas disciplinares que aporten en la comprensión dinámica y no solamente cuantitativa de los números que la caracterizan, pues por el contrario la construcción social de los espacios, de los territorios y los lugares se entretujan también ahora con las territorialidades preexistentes.

EFFECTOS TERRITORIALES DE LA MIGRACIÓN VENEZOLANA

Ponencia

Gloria Yulier Cadena Montero¹

Nubis Pulido²

Los movimientos migratorios son una constante en todos los capítulos de la historia de la humanidad, podríamos afirmar que son parte fundamental de ella y han sido un elemento clave en la conformación y estructuración de los territorios. Las motivaciones de la población para los desplazamientos hacia entornos, ambientes y territorios diferentes al de su procedencia, han sido variadas, y se basan esencialmente en la búsqueda de la satisfacción de necesidades y aspiraciones —también diversas y cambiantes— y en la incapacidad para compensarlas en los lugares de origen. Tales carencias y ambiciones son forjadas por un amplio abanico de causas como económicas, políticas, sociales, culturales y ambientales. Asimismo, el volumen y velocidad de los desplazamientos se asocia a la gravedad de las carencias y padecimientos que confronta la población en cada situación y a las capacidades técnicas que en cada momento hacen posible tales movilizaciones.

De esta manera, para cada corriente migratoria, es posible identificar, en su relación dicotómica, tanto los factores repulsivos, que apremian a la población a salir de los lugares originarios (*push*), como los atractivos (*pull*), que le inducen a desplazarse a los de acogida. Igualmente, es posible estimar los efectos -positivos y negativos- que se generan en los ámbitos geográficos objetos de tal movilización. La reciente corriente migratoria venezolana, posterior a los 90, constituye nuestro sujeto de estudio, especialmente, los impactos diferenciales que esta provoca en las dinámicas —de crecimiento y funcionalidad— de los territorios urbanos —tanto de partida, como de recepción, de la población venezolana desplazada.

La identificación de tales efectos, en función del volumen de desplazados y de sus características predominantes —perfil educativo y socioprofesional, rasgos en la estructura familiar, nivel socioeconómico, entre otros— permite establecer una clasificación de los territorios, en dos categorías principales que hemos querido nombrar, —parodiando las categorías conceptuales que usaran Benko y Lipietz, año— territorios urbanos ganadores y perdedores, en función de los posibles efectos asociados en su crecimiento, estructura y funcionalidad.

La migración en Venezuela. Época de crisis

Dentro del actual contexto de mayor complejidad del proceso migratorio generalizado, en los inicios de este siglo, se generaron en Venezuela unas transformaciones políticas y económicas con drásticas consecuencias sociales que impulsaron a este, un país antes receptor, a expulsar grandes contingentes de población.

Durante la mayor parte del siglo XX, el ambiente económico de Venezuela —gracias a sus ingentes ingresos petroleros—, político —con una de las democracias más estables de la región— y social —con una gran movilidad social— ofrecía magnas oportunidades para la población extranjera en busca de una mejor calidad de vida; ello lo convertía en un país receptor de inmigrantes.

¹ Instituto de Geografía y Conservación de Recursos Naturales. Facultad de Ciencias Forestales y Ambientales. Universidad de Los Andes. Correo electrónico: yuliercadena@gmail.com/yuliercadena@ula.ve

² Instituto de Geografía y Conservación de Recursos Naturales. Facultad de Ciencias Forestales y Ambientales. Universidad de Los Andes. Correo electrónico: nubispulido@gmail.com/npulido@ula.ve

Contrariamente, dentro de este contexto, los nacionales poco emigraban, sus desplazamientos al extranjero, con fines turísticos, académicos o laborales, tenían un carácter temporal; de allí que, a diferencia de otros pobladores latinoamericanos, el venezolano adoleciera de una cultura migratoria, y de las redes de apoyo de conciudadanos en otros países (Castillo y Reguant, 2017). No obstante, el que antes fuese un país referente de riqueza, prosperidad y estabilidad socioeconómica en la región, hoy se encuentra sumido en la mayor crisis estructural de su historia contemporánea, con el consecuente éxodo masivo de sus habitantes.

Podríamos ubicar los elementos causales de este proceso de expulsión de la población venezolana a inicios de la década de los 80, con la primera devaluación de la moneda nacional, a partir del conocido “viernes negro”, en 1983. A partir de allí, la crisis socioeconómica generalizada en que se sumió el país, y que desembocara en el movimiento popular conocido como “el Caracazo” en 1989, marcaron los inicios de la historia de la crisis político-económica social e institucional que, con importantes quiebres, predomina hasta ahora en Venezuela.

Un segundo periodo de crisis precedió a esos sucesos iniciales, en el que, paradójicamente, puesto que, a partir de entonces, los ingresos petroleros —base fundamental de la economía nacional— fueron más cuantiosos que nunca, los cambios en la orientación del rumbo político y económico, que había guiado al otrora país democrático, bajo un nuevo paradigma denominado *Socialismo del siglo XXI*, profundizaron la crisis precedente. Como resultado, la migración se convirtió en el mecanismo generalizado de búsqueda de alternativas de vida para todos los estratos de la población venezolana, alterando no solamente la geografía nacional, sino también la de los territorios de destino de la población migrante.

De acuerdo con las cifras actuales disponibles —a todas luces subestimadas—, 17% (5,4 millones) de su población total ha trasvasado las fronteras con destinos internacionales (ANCUR, 2020). La movilidad de esos contingentes de población lleva aparejada diversos efectos territoriales que exigen la intervención de los entes gubernamentales de las áreas de destino, a fin de regular, moderar o paliar, los impactos que, por demanda o déficits, en los diferentes ámbitos públicos —vivienda, empleo de mano de obra, servicios básicos, infraestructura, entre otros— afectan a los territorios bajo sus jurisdicciones. Tales efectos constituyen hoy lo que se ha dado en llamar por los medios una “*crisis humanitaria*” (EUROPA PRESS, 2019) que reclama del esfuerzo mancomunado de diferentes instancias, gobiernos de los países de la región e instituciones internacionales, tales como la Organización Mundial de Migraciones (OIM, 2018) y el Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados (ACNUR, 2019).

El objetivo de nuestro estudio es conocer la afectación diferencial de los territorios abarcados por la movilidad de la población venezolana, en procura de una categorización y caracterización. Apoyado en el conocimiento de las olas migratorias, perfiles de los migrantes, lugares de origen y salida, patrones de ocupación.

La estrategia metodológica se basa en un estudio cuali-cuantitativo. El abordaje cuantitativo será a través de indicadores que consienta medir las variables involucradas, se trabajará con datos de organizaciones oficiales como OIM, Acnur, DANE, Migración y otras no oficiales como los informes de la Encovi en Venezuela. Así mismo nos apoyaremos de estudios previos. La hibridación con el enfoque cualitativo busca vincular las mediciones con la observación y las historias de vida que permiten dar voz a los sujetos migrantes, según sus expectativas y dificultades, así como de sus dinámicas y modos de organización.

MARGINACIÓN EN EUROPA Y LATINOAMÉRICA VISTA DESDE LA MIGRACIÓN EN BOLONIA (ITALIA) Y BOGOTÁ (COLOMBIA)

Tipo de presentación: Ponencia

Masotti Lucia³ y Nohora Carvajal⁴

Resumen: La dinámica migratoria contemporánea tanto en Italia como en Colombia, presenta unas fases propias relacionadas con el contexto político, económico, socio-cultural y ambiental de cada uno de estos países. Así en Italia, desde las últimas décadas del siglo XIX y durante más de un siglo, se observa una migración masiva hacia Europa, Américas, Oceanía. Aunque estadísticamente se registre el cambio de país de emigración a país de inmigración ya al principio de los años setenta del siglo pasado, se da una percepción de este cambio, concretamente a partir de grandes flujos inmigratorios después de dos décadas, y cronológicamente en correspondencia con las guerras en Yugoslavia y las revoluciones en Europa Oriental y los Balcanes. Estos eventos determinaron al tiempo el fracaso de estados multiétnicos, flujos de desplazados, prófugos y refugiados y, posteriormente, el cambio de la naturaleza del confín. En los mismos años empezaron las llegadas desde el norte de África y, definitivamente, la marca étnica en el paisaje urbano. Particularmente, en Bolonia, frente a estas primeras importantes olas migratorias emerge un conjunto de respuestas identitarias y transformaciones concretas en los márgenes urbanos, donde se observa cambio de población residente. Por su parte, Colombia se ha caracterizado por la salida de población principalmente hacia Estados Unidos, en la década del sesenta del siglo pasado, Venezuela en los años ochenta, España en los noventa y más recientemente hacia Chile. La llegada de migrantes venezolanos a Colombia en los últimos cinco años, cambió este patrón de comportamiento.

El objetivo de esta ponencia es comparar las diferencias entre los flujos migratorios hacia las ciudades de Bolonia y Bogotá, para entender su impacto en la conformación socio-territorial urbana, principalmente de zonas marginales, y los patrones temporales de las fases de adaptación/transformación a la ciudad. Los referentes teóricos incluyen abordajes utilizados en geografía para el estudio de la migración. Para ello, se toma como texto base el de King (2012)⁵, quien presenta una retrospectiva de las referencias importantes que han contribuido a la teorización sobre la migración, tales como Ravenstein, quien propuso las leyes de la migración compuestas por once máximas, sin embargo, esta cifra varía en función de la evolución de diferentes estudios realizados hasta el momento. Ravenstein se concentró en los desplazamientos de corta distancia, no obstante, la investigación sobre las migraciones en geografía se interesa cada vez más en las migraciones internacionales. Otro referente teórico importante es Zelinsky y su hipótesis de la transición de la movilidad, que explica la movilidad de la población en función del nivel de desarrollo económico de las sociedades. El tercer geógrafo que destaca King es Mabogunje quien publicó un modelo de explicación del éxodo rural en África inspirado en la teoría general de sistemas, el cual denominó el sistema de migración. Este sistema considera un conjunto de espacios relacionados por un flujo y reflujo de personas, bienes, servicios e informaciones, susceptibles de facilitar los intercambios posteriores. Así mismo, se tiene en cuenta conceptos

³ Università di Verona; lucia.masotti@univr.it

⁴ Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia; nohora.carvajal@uptc.edu.co

⁵ King, Russell. 2012. *Geography and Migration Studies: Retrospect and Prospect*. Population, space and place, 18, 134-153.

desarrollados por Lussault⁶ quien asocia reflexiones de orden general a las espacialidades individuales, a partir de la geografía de las emociones. Un enfoque que considera la dimensión intrínsecamente emocional de nuestras relaciones con los lugares. El abordaje metodológico se hace a partir de un enfoque cualitativo, en el que el análisis comparativo tiene como fuente principal las entrevistas a personas clave (Bogotá), así como la revisión documental en diferentes fuentes (Bogotá y Bolonia). Lo anterior permite determinar en los dos casos, a dónde llegan los migrantes, cómo es el proceso de su integración y cuáles son las diferentes reacciones tanto de los pobladores como de los gobiernos respectivos. Las primeras conclusiones muestran que la guerra es un factor común en los dos casos estudiados. La firma del Acuerdo de Paz en Colombia en 2016, mostró a los venezolanos un panorama de fin de la violencia, lo cual motivó aún más su llegada a este país. En el caso de Bolonia, a partir de los citados conflictos, la llegada de migrantes a Italia (en descenso en los últimos años), se revela como parte de un fenómeno global, que caracteriza a Italia como una de las fronteras para ingresar al espacio Schengen y empuja, dependiendo de los gobiernos, hacia una mayor o menor actitud acogedora, que sigue caracterizando el contexto político cultural de la provincia y ciudad de Bolonia. Palabras clave: Bolonia, Bogotá, migración, paisaje étnico, identidad cultural.

⁶Lussault M., 2017. Hyper-lieux. Les nouvelles géographies politiques de la mondialisation. Paris, Seuil, 307 p.

RECONFIGURACIONES Y TOPOREPRESENTACIONES TERRITORIALES DE LA MIGRACIÓN VENEZOLANA EN EL AMPARO Y MARÍA PAZ (BOGOTÁ-COLOMBIA)

Tipo de presentación: Ponencia.

*Avendaño Arias Johan Andres⁷,
Trujillo Vanegas Maira Yesenia⁸.*

Resumen:

Las dinámicas de migración se han consolidado en la agenda actual de las ciencias sociales, como uno de los temas centrales de investigación, y la geografía, es una disciplina que no escapa de dicha tendencia. Desde esta perspectiva, las migraciones son leídas a la luz de las territorialidades que se configuran, entendiendo que, los patrones migratorios están constituidos por -y constituyen- flujos y nodos que caracterizan los espacios. Esta lectura relacional, permite entrever las tensiones y oportunidades que desencadenan las migraciones, en la planificación territorial.

Partiendo de esta premisa, las recientes migraciones de la población venezolana hacia Colombia, han configurado nuevas territorialidades, constituyéndose en un reto y factor adicional, para responder a los problemas de seguridad e injusticia socioespacial, que desde los ejercicios de planificación territorial son de especial interés. Es por esto que, en este trabajo analizamos las (re)configuraciones territoriales en los barrios María Paz y El Amparo, ubicados en la ciudad de Bogotá, siendo estos, dos de los principales lugares receptores de la migración venezolana. En este análisis, los discursos y visualidades que los medios de comunicación y el gobierno bogotano vigente han difundido sobre estas migraciones, son referentes centrales de reflexión. Esto, porque desde ambos lugares de enunciación, amparados bajo una ideología política dominante en el país, se ha recargado a la población migrante de imaginarios perniciosos, que se han convertido en un problema para su supervivencia en Colombia y en Bogotá, vulnerando gravemente sus derechos humanos.

Dichos imaginarios, hacen parte de un ciclo perverso, donde la población migrante es recargada de los valores que se han asignado históricamente a los territorios. Es decir, las toprepresentaciones que se han consolidado en la configuración geohistórica de los territorios, que entre persistencias y emergencias se van transformando y reforzando, y que en el caso de espacios del miedo como lo son María Paz y El Amparo, son el eje central de la continuidad de la inseguridad urbana. En este contexto, no podemos olvidar, que por las condiciones con las cuales las poblaciones venezolanas realizan su migración, entre ellas, la baja capacidad adquisitiva, los territorios que son receptáculos de las mismas se encuentran caracterizados por problemas de hábitat y seguridad.

De esta forma, a diferencia de los discursos xenófobos que promueven los medios de comunicación y el gobierno vigente, donde el problema es la población migrante, la tesis que aquí defendemos, es que estas poblaciones son un actor más, en las dinámicas de ciudades y territorios injustos, producto de las políticas neoliberales actuales, cuyo interés principal no es dar respuestas eficaces a las problemáticas existentes, sino que éstas, sean útiles a la continuidad de la circulación y acumulación de capital,

⁷ Geógrafo, docente de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Correo electrónico: jaavendanoa@correo.udistrital.edu.co

⁸ Geógrafa, estudiante de la especialización en Estudios feministas y de Género de la Universidad Nacional de Colombia, e integrante de la Colectiva de Género Francia Márquez. Correo electrónico: mytrujillov@unal.edu.co

haciendo que, las políticas públicas de planificación territorial tengan una obsolescencia programática definida.

Palabras clave: Imaginarios, justicia socio-espacial, migración venezolana, toporepresentaciones.

MARCAS Y TRAVESÍAS TRANS-TERRITORIALES EN MÉXICO: MOVILIDAD, SOBERANÍA E IMAGINARIOS NACIONALES EN CONFLICTO

Luis Manuel Cuevas Quintero⁹.

Liliana López-Levi¹⁰

En el marco de un sistema global que desestabiliza territorios, el fenómeno migratorio en América se ha incrementado durante los últimos años abriendo debates. En particular, las fronteras de México-Estados Unidos y la de México-Guatemala, (norte y sur del territorio nacional) se han instrumentado como barreras para frenar los flujos humanos; junto a estas, la frontera virtual de los aeropuertos. La conversión de estas fronteras en marcas territoriales refleja la exclusión y contraponen el libre tránsito con el derecho a la nación y con los imaginarios territoriales que sostienen el ideal de la soberanía. Las tensiones se hacen visibles cuando la estructura territorio/pueblo/soberanía se siente amenazada por la llegada de grupos de *otros* (migrantes, refugiados, exiliados, asilados). El temor a lo distinto se activa desde el dispositivo de exclusión que impone el imaginario nacionalista. En consecuencia, el conflicto entre el derecho soberano y el internacional o supranacional (sustentado en derechos humanos) confronta dos lógicas diversas: a) las percepciones de las personas y la de los Estados nación; b) la de los flujos territoriales y sus marcas de exclusión.

Pensar las implicaciones de la migración, desde los estudios territoriales, nos lleva a reconocer y a cuestionar los imaginarios desde los cuales se vive, produce e interpreta el fenómeno en términos de justicia o injusticia espacial y derechos. La situación migratoria transita entre lo individual y lo colectivo, lo nacional y lo transnacional; en este contexto, es difícil establecer los límites entre la experiencia personal, el fenómeno social y las implicaciones territoriales. Las microhistorias que resitúan la historia de la humanidad en planos concretos se materializan en múltiples territorialidades.

El destierro supone un dejar el lugar y sus mundos de la vida, pero vincula también y de forma vectorial la travesía trans-territorial y su narratividad: lugares de origen, de paso y destino. A los actores de la movilidad, “esos otros”, en el mejor de los casos se les reconocen ciertos derechos, en el peor se les trata como criminales o son víctimas de todo tipo de abusos incluida la expulsión nuevamente.

El presente trabajo busca reflexionar sobre la migración en México, tanto en términos de movilidad, como de sus representaciones territoriales. Desde el punto de vista teórico se recupera la idea de imaginarios, con base en Lacan (1977), que distingue entre el ámbito de lo simbólico, lo imaginario y lo real como registros de la experiencia humana que se encuentran vinculados en una forma indisoluble a la experiencia del espacio, los lugares y su cotidianidad (Tuan, 2008 y De Certeau, 1996), sus flujos y sus marcas territoriales que instituyen otra percepción geográfica en los marcos de la justicia espacial frente al ideal de soberanía.

Palabras Claves: migración, imaginarios nacionales, percepciones geográficas, trans-territorialidades.

⁹Dr. En Geografía por la UNAM. Investigador en el Grupo de Estudios Históricos Sudamericanos, Universidad de los Andes, Venezuela. Profesor en el Instituto Cultural Helénico, México.

¹⁰ Dra. En Geografía por la UNAM. Profesora investigadora del Departamento de Política y Cultura. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Xochimilco, México.

INMIGRACIÓN Y SUBARRIENDO DURANTE EL CONFINAMIENTO DOMICILIARIO EN EL ÁREA METROPOLITANA DE BARCELONA

Tipo de presentación: Ponencia

*Orozco-Martínez, Carolina*¹¹.

*Bayona-i-Carrasco, Jordi*¹².

*Gil-Alonso, Fernando*¹³

Resumen: El subarriendo es una forma común de acceso a la vivienda para la población inmigrante en España, situación hasta ahora muy poco analizada, que en las grandes ciudades se ha convertido en un actor relevante en la configuración de la actual estructura y dinámica de la población urbana y del sistema residencial. Gran parte del mercado de vivienda en alquiler actual se ofrece bajo la modalidad de alquiler de habitaciones, pisos compartidos o subarriendo y escapan muchas veces del recuento estadístico. Es por ello importante ahondar en estas problemáticas invisibles, protagonizadas muchas veces por inmigrantes extranjeros que son parte de la economía sumergida y a la vez, del mercado secundario de vivienda.

En el contexto de la coyuntura de la Covid-19, se examina el impacto del confinamiento domiciliario obligatorio decretado en toda España el 13 de marzo de 2020 y finalizando el 21 de junio de 2020, entre la población inmigrada residente en habitaciones en el Área Metropolitana de Barcelona, donde el porcentaje total de población residente nacida en el extranjero en 2020 ascendía al 23,6%, siendo esta proporción mayor en la ciudad central (27,8%) y en las vecinas L'Hospitalet de Llobregat (32,4%) y Santa Coloma de Gramenet (27,2%). Se evalúa cómo se han visto afectados por estas medidas, focalizando la atención en la posible agudización de las problemáticas habitacionales preexistentes como la sobreocupación, la explotación residencial, las carencias físicas de las viviendas y las dificultades de convivencia, así como el eventual surgimiento de nuevos conflictos a raíz de la pandemia. De igual manera se indaga acerca del alcance y cobertura de las ayudas extraordinarias del Gobierno español en materia de vivienda hacia dichos colectivos.

Mediante una metodología cualitativa se analizan 27 entrevistas semiestructuradas realizadas a inmigrantes residentes en habitaciones en el Área Metropolitana de Barcelona. La muestra se ha seleccionado de acuerdo con el casillero tipológico definido según sexo, nivel de estudios y origen continental de los participantes buscando el punto de saturación de las categorías.

El alquiler de una habitación es la única opción de vivienda para muchos inmigrantes y en la composición de sus hogares se evidencia una mayor complejidad que se corresponde con una prevalencia de situaciones de sobreocupación. Por ello, este colectivo es un grupo de alto riesgo epidemiológico en el contexto de la contingencia por la Covid-19 debido a factores como la precariedad habitacional, el compartir techo con otras personas sin vínculos familiares estrechos, con la imposibilidad de cumplir las medidas de distanciamiento físico y domiciliario que aumentan el riesgo de contagio.

Partiendo de una realidad residencial deficiente, se ha corroborado el empeoramiento de la condición habitacional de dicha comunidad a raíz del confinamiento como medida para controlar el contagio de la Covid-19, pues sus viviendas no cumplen con las características físicas y de ocupación idóneas para

¹¹ Universidad de Barcelona. carolinaorozcomartinez@gmail.com

¹² Universidad de Barcelona y Centre d'Estudis Demogràfics. jordibayona@ub.edu

¹³ Universidad de Barcelona. fgil@ub.edu

una cuarentena domiciliaria. La imposibilidad de hacer uso del espacio público agudizó la percepción de vivir en hacinamiento. Al tener que estar en la vivienda todo el tiempo, las deficiencias físicas se han hecho más palpables, al igual que la poca flexibilidad del reducido espacio disponible ante los cambios de rutina impuestos, generando situaciones de incomodidad, frustración y agobio, que han afectado la salud mental de algunos de los entrevistados.

Los problemas de convivencia son intrínsecos a las condiciones residenciales que ofrece el subarriendo. La convivencia constante forzada por el confinamiento ha propiciado situaciones de explotación residencial y violencia doméstica, demostrando que, en muchos casos, el subarriendo no garantiza una vivienda digna, adecuada y segura para el desarrollo de la vida ni para asumir un confinamiento domiciliario, pudiendo ser el desencadenante de problemas de salud física y psicológica.

La pandemia significó la pérdida de empleo e ingresos para muchas personas, afectando especialmente los sectores más frágiles de la población e incrementado su situación de precariedad. Es contradictorio que el Gobierno español genere medidas de emergencia como moratorias o ayudas para el pago de vivienda durante la cuarentena, sin tener en cuenta a las personas que se residen en habitaciones, siendo esta una de las secciones de la población con condiciones residenciales más deficientes, quedando desamparados por la administración, que ha cedido tácitamente la responsabilidad social de estos colectivos vulnerables al tercer sector y a entidades como Cáritas o Cruz Roja.

Finalmente, es necesario recalcar que la oferta residencial de alquiler del Área Metropolitana de Barcelona no responde a la demanda de los hogares de la población actual según su estructura, incluyendo el colectivo inmigrado. La poca oferta de vivienda unipersonal y el elevado coste de ésta, hace que esta población tenga que adaptarse a lo que puede pagar. En consecuencia, el subarriendo absorbe a sectores de la población residencialmente excluida, es la respuesta de la economía sumergida a las deficiencias del mercado inmobiliario primario. La contingencia de la Covid-19 abre la puerta a debates estructurales que deben estudiarse a fondo para reflexionar como puede mejorar el parque habitacional a futuro, el cambio de percepción en las necesidades que debe suplir una vivienda o como evaluar su dotación.

Palabras clave: inmigración, vivienda, subarriendo, realquiler, confinamiento domiciliario.

CAUSAS Y EFECTOS DE LA CRISIS ACTUAL DE MIGRACIÓN EN EL SALVADOR, C. A.

Marlon Eduardo Flores Alemán¹⁴

La mayor parte de Salvadoreños tenemos algún familiar, amigo o vecino que se vio en la necesidad de migrar buscando mejores oportunidades, aun que el presente resumen se centrara en la vida cotidiana Geografía local en El Salvador, las Causas y Efectos del aumento en las personas que emigran buscando el sueño americano, también daremos un vistazo a la Geografía regional al analizar los riesgos que enfrentan en su camino a lo que llaman “una vida mejor”.

En Centro América hay un rango del 10 – 12% de personas que deciden migrar en su mayoría a Estados Unidos de Norte América.

Analicemos algunas de las causas.

La Guerra Civil.

Fue un conflicto bélico interno ocurrido en el país centroamericano, en el que la Fuerza Armada de El Salvador (FAES) se enfrentó a las fuerzas insurgentes del Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN). El conflicto armado nunca fue declarado en forma oficial, pero se considera usualmente que se desarrolló entre 1979 y 1992,

La casus belli fue un Gobierno Oligarca, alta represión a la población civil y desigualdad social.

El día 24 de marzo de 1980, mientras oficiaba una misa en la capilla del Hospital La Divina Providencia, el arzobispo de San Salvador, monseñor Oscar Arnulfo Romero, fue abatido por el disparo de un francotirador. A monseñor Romero se le conocía con “La voz de los sin voz”, muchas personas al presenciar lo sucedido no soportaron mas la opresión lo que encendió aun mas el conflicto Civil, entre los militares y grupos llamados “los guerrilleros” salvadoreños organizados que estaban en contra del gobierno para aquella época.

Estados Unidos destinó 1,4 billones de dólares al año para combatir los movimientos de izquierda en Centro América. El número de víctimas de esta confrontación armada ha sido calculado en 75 000 muertos y desaparecidos, es por ello que podemos afirmar que la Guerra fue un factor clave para la Migración, ya que familias enteras de salvadoreños se vieron obligadas a dejar sus hogares en busca de una vida mejor.

La Guerra Civil termina cuando ambas partes implicadas dialogan y finalmente firman los Acuerdos de Paz de Chapultepec fueron un conjunto de acuerdos firmados el jueves 16 de enero de 1992 entre el Gobierno de El Salvador y el FMLN en el Castillo de Chapultepec, México.

Pese a que la Guerra había terminado surgieron otros factores que incrementaron la cantidad de migrantes.

La Violencia y la Desintegración Familiar.

En la década de los 70's migraron pocas personas, en los 80's la Migración aumenta pero no consi-

¹⁴ Secretario de Promoción de la Asociación Geográfica de El Salvador. San Salvador, Abril del 2021

derablemente... Los salvadoreños comenzaron a dejar el país buscando cumplir el sueño de una vida feliz teniendo lo necesario para mantenerse a si mismos y a sus familias después de la Guerra Civil, después de los Acuerdos de Paz, el punto de quiebre fue a mediados de la década de los 90's y en los años 2000, con el nuevo milenio vimos migrar un rango de 700 a 800 personas diarias para intentar cruzar la frontera con Estados Unidos sin importarles el dolor y sufrimiento que implica.

La razón la encontramos en el año 1994 en adelante, se abrieron en El Salvador Fabricas conocidas cómo "Pajarito" es decir que vinieron a debilitar la economía de salvadoreños solo estaban unos años y luego se van... Lamentablemente muchas mujeres se iban a trabajar a esas Fabricas desde antes de las 06:00 a.m. y dejaban solos a sus niños, dicha situación coincide con la llegada de cientos de Salvadoreños que fueron extraditados de Estados Unidos.

Los expulsaron de su territorio por que en Los Angeles pertenecían a grupos de criminales conocidos cómo "pandillas", estos salvadoreños conocidos como "pandilleros" encontraron las condiciones favorables para empezar a trabajar la mente de los niños, adolescentes y jóvenes de la clase media baja y baja del país, las pandillas con mayor influencia en el país tienen el concepto de "Control Territorial", por ello se establecen en barrios o colonias y controlan los negocios, tiendas pequeñas, Empresas, camiones repartidores por ejemplo de Agua o Bebidas carbonatadas, etc. Prácticamente todo lo que entra a su territorio de influencia tiene que pagar una extorsión, y quienes se niegan o pretenden denunciar a las autoridades competentes las pandillas los amenazan con quitarles la vida y hasta la de sus familiares.

Las personas al ver que la Policía no logra controlar dicha situación abandonan su país de origen por miedo a no tener la capacidad económica para pagar las extorsiones y terminar perdiendo sus vidas, deciden migrar a Estados Unidos y muchos Padres de Familia lo hacen en busca de mejores oportunidades de empleo para poder enviar remesas a sus esposas e hijos.

Los efectos del incremento en la Migración en El Salvador han sido graves.

Crimen Organizado.

Debido al incremento de Migrantes camino a la frontera de Estados Unidos, las Instituciones encargadas de los controles de Migración ha doblado esfuerzos para detener a las caravanas de migrantes tanto centroamericanos cómo mexicanos, es por ello que un Salvadoreño ya no tarda unos 15 a 20 días en intentar cruzar la frontera, ese viaje se alarga de 2 a 3 meses pues decide recorrer varios tramos a pie para poder eludir dichos controles de Migración. Lo cual expone la vida de los migrantes a muchos peligros.

Entre los peligros figuran morir o perder miembros de su cuerpo en las vías del tren que abordan en su viaje, los migrantes indocumentados, algunos con niños en brazos, cruzan día y noche el río Grande (conocido como río Bravo en su orilla sur) entre México y Estados Unidos con la esperanza de obtener asilo y corren el riesgo de morir ahogados. Pero desde el año 2008 fue notoria la desaparición de muchos Migrantes a través de los Secuestros.

El Crimen organizado en México focalizado geográficamente en la parte Norte y Nor- Este del País frontera con Estados Unidos, ocurren todo tipo de tragedias, los Criminales detienen a los migrantes y les piden entre \$5000 o \$6000 dólares para dejarlos cruzar la frontera, lógicamente al no contar con esa cantidad en efectivo, los criminales proceden a secuestrar a sus víctimas, torturarlos durante días y amenazarlos de muerte con la intención de obtener ganancias económicas por pedir un rescate. Para el año 2009, México registró 9,700 secuestros realizados por el crimen organizado con una ganancia de 25 millones de dólares.

Mientras el Instituto Nacional de Migración en México lucha por detener a los migrantes, el gobierno estadounidense seguía con la construcción de un gigantesco muro fronterizo. Aun así entre el 2013 y 2014 la niñez migrante aumento un 117%.

Los claros efectos negativos tanto en el migrante cómo en su familia sea que lo acompañe o se quede en su país de origen, demuestran que la vida no se transforma de la noche a la mañana, quienes si logran ingresar a Estados Unidos, lo hacen con poco o nada de dinero, y se encuentran lejos de su nación, implica que el Migrante trabaje largas jornadas laborales, deberá aprender el nuevo idioma, interpretar nuevos códigos culturales, vivir el racismo y no tener contacto físico con sus familiares en su país de origen.

Algunas personas se sienten motivadas a ayudar a los Migrantes, cubrir sus necesidades básicas, como por ejemplo “la casa del migrante” que es una empresa que en base a donaciones obtiene recursos para atender a los Migrantes que hospedan.

Se llega a la conclusión que la manera de contrarrestar el odio y el egoísmo es con amor y solidaridad, todos los salvadoreños tenemos la oportunidad de contribuir a la economía , educación, salud y calidad de vida de los ciudadanos en El Salvador.

DINÁMICAS TERRITORIALES, MIGRACIÓN Y CIRCUITOS LABORALES EN QUINTANA ROO.

Ponencia

Sierra Sosa Ligia Aurora¹⁵

Campos Cámara Bonnie Lucía¹⁶

Estudiar las dinámicas de los territorios, no pasa solo por examinar los cambios en la organización territorial, sino que también es necesario analizar las fuerzas que los provocan y que los obligan (Brunet y otros, 1992). Estudios previos revelan el carácter complejo y multidimensional de las dinámicas territoriales y la influencia decisiva que la disponibilidad de los cinco tipos de capital territorial (económico, humano, social, cultural y ambiental) ejerce sobre ellas (Agarwal y otros, 2009).

La migración intrarregional-local, para el caso de México, nos muestra el movimiento migratorio de personas de origen nacional que deciden prioritariamente buscar opciones de empleo y arraigo en regiones y ciudades en las que saben o reconocen la posibilidad de tener acceso a trabajo, vivienda y otros servicios sociales. Son desplazamientos que muestran temporalidades diversas dependiendo del tipo de trabajadores, es decir, aquí podríamos diferenciar dos aspectos: la migración permanente y el desplazamiento laboral temporal, la cual se refiere a población que no busca el arraigo familiar ni personal; se mueve en busca de empleo y éste define su residencia o temporalidad en el lugar de arribo. Mucha de esta población está constituida por trabajadores circulares que definen su movilidad dependiendo de la producción agrícola en sus lugares de origen: mientras la agricultura tradicional requiera de mano de obra, ellos permanecen en su comunidad; en la temporada de espera, en cambio, se mueven generalmente solos a los espacios de trabajo que en muchas ocasiones no son pueblos o ciudades, sino más bien campamentos o chabolas improvisadas para mantener accesible la mano de obra. Otro tipo de trabajador, relacionado con los contratistas, es el que se mueve en circuitos definidos por el mercado de trabajo -en donde se construye se contrata-, y depende de los vínculos que establezca con las personas encargadas de la contratación; incluso suelen verse vehículos que salen de comunidades específicas con rutas definidas de trabajo, básicamente hacia la construcción. Este esquema que se muestra para la Costa norte y sur de Quintana Roo, en las ciudades del estado de Yucatán y en la costera petrolera de Campeche en México, es posible que se replique en varios espacios del territorio nacional, que, aunque se reconoce que prioritariamente se vincula a un proceso migratorio hacia los polos de desarrollo, también podemos observar el desplazamiento temporal o en tránsito hacia otros espacios de arribo ya sean en el mismo país o en otros.

La migración en la región de estudio responde a cuando menos tres modalidades de traslado: a) *la individual* que busca el reagrupamiento familiar en el proceso de consolidación, b) *la familiar inmediata* que comprende estrategias que involucran a todos los miembros de la casa para su permanencia en el lugar de destino, y c) *la comunitaria* que podrá ser reconocida por los otros como existente por su continuidad y temporalidad, este último es el caso de la comunidad de mayas yucatecos en Cancún (Sierra, 2007, Sierra y Sorolla, 2016).

¹⁵ Universidad de Quintana Roo, México. ligiasie@uqroo.edu.mx

¹⁶ Universidad de Quintana Roo, México. bonnie@uqroo.edu.mx

A lo anterior debemos integrar algunos elementos explicativos de la migración señalados por Dolors Comas: la segregación laboral contempla indicadores de selección entre los que se encuentran el género, la edad, la etnia, la calificación laboral. Es decir, la división del trabajo estructura las diferencias y propicia la desigualdad entre las poblaciones (Comas, 1995:18). Como lo señala Augé, la movilidad sobre moderna se refleja en el movimiento de la población (migraciones, turismo y movilidad profesional), en la comunicación general instantánea y en la circulación de los productos, de las imágenes y de la información. Para el autor, la respuesta a esta movilidad la da la globalización, a la cual considera una ideología de la apariencia, de la evidencia y del presente (Augé, 2007:15-16).

Por el crecimiento económico y el desarrollo de ciertas actividades fundamentalmente del sector terciario, se genera un circuito de trabajadores que de forma diaria o semanal se desplazan a la comunidad y a la región para realizar los diversos trabajos, básicamente estamos hablando de hombres y mujeres jóvenes y solteros. Además, encontramos a migrantes que han decidido permanecer en la comunidad y establecer su vivienda, migrantes que ven en la actividad turística una forma de vida.

Por ello es necesario estudiar la conformación y las transformaciones estructurales que han propiciado reelaboraciones socioculturales y territoriales en las comunidades de la Costa norte y sur de Quintana Roo y su región de influencia. Mostrar a través de la cartografía social, de la investigación acción participativa, de forma cualitativa y cuantitativa, las dinámicas económicas, sociales que en los años recientes han generado nuevas formas de organización social, laboral y que han modificado la vida cotidiana. Las personas y las familias entretienen estrategias para la sobrevivencia y bienestar comunitario.

Palabras clave: Territorio, migración, circuitos, trabajo.

ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL

Tipo de presentación: Ponencia.

Almeida, Carlos Vinícius Castro de¹⁷.

Dados recentes do Observatório das Migrações Internacionais, vinculado ao Ministério da Justiça, apontam um significativo aumento de registros migratórios e solicitações de refúgio no Brasil entre os anos de 2010 e 2019. São imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados de diferentes nacionalidades, gêneros e idades que deixam seu país natal pelos mais diversos motivos, os quais no geral, estão associados às questões políticas, étnicas, religiosas, ambientais, conflitos internos, situações de violência, violação de direitos humanos, dentre outros, e que se fixam por todo o território nacional em busca de melhores condições de vida para suas respectivas famílias. Diante da infinitude e complexidade de abordagens que as migrações e refugiados no Brasil trazem, este resumo visa apresentar dados preliminares de uma pesquisa em desenvolvimento sobre os estudantes estrangeiros matriculados na Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, com o intuito de identificar, num primeiro momento, as nacionalidades, idades, modalidades de ensino e a localização da escola onde estão matriculados para traçar perfis e posteriormente compreender os processos de uso do território nas unidades escolares e como constituem lugares de resistências no espaço da escola. A legislação brasileira assegura o direito à educação a imigrantes e refugiados, mesmo em casos de falta de documentos. No entanto, até o momento não há nenhuma política pública nacional que contemple o ensino de estrangeiros, diferente do que já ocorre em alguns países da União Europeia, por exemplo. Na estrutura da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), há uma gerência responsável em atender este público: a Gerência de Educação em Direitos Humanos e Diversidade. Esta pasta está iniciando um processo de formulação de políticas públicas voltadas para o atendimento destes estudantes. Dados coletados no Censo Escolar da SEEDF mostram que, no ano de 2020, estiveram matriculados na rede pública 928 estudantes estrangeiros distribuídos em todas as modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Profissional, Ensino de Jovens e Adultos e Educação Especial. As Coordenações Regionais de Ensino¹⁸ com o maior número de estudantes imigrantes são: São Sebastião (312), Taguatinga (200) e Plano Piloto (181). Dentre estes estudantes, há nacionais da Venezuela, Colômbia, Bolívia, Argentina, Haiti, Síria, Bangladesh, China, Estados Unidos, Nigéria, Angola, Guiné Bissau, Indonésia e outras dezenas de países. Verifica-se que há um número considerável de imigrantes oriundos da América Latina, em especial venezuelanos e haitianos, bem como provenientes de correntes migratórias de países africanos e asiáticos, o que reforça novos fluxos migratórios nos últimos anos. Ao deixar seu território para ter contato com outro, o estudante estrangeiro conflua em situações complexas e subjetivas ligadas à sua identidade e aos sentidos. Na obra *Por Uma Outra Globalização*, Milton Santos aponta que “o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertencem.” (SANTOS, 2000, p. 96). Os estudantes lutam, em

¹⁷ Mestrando em Geografia UNIFAL-MG. carlos.almeida@sou.unifal-mg.edu.br

¹⁸ A SEEDF possui 14 Coordenações Regionais de Ensino: Brazlândia, Ceilândia, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Planaltina, Plano Piloto, Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Sobradinho e Taguatinga.

uma constante, contra a perda de sua identidade, mas acabam por se ressignificar, já que eles buscam tornar-se parte do local em que agora estão vivendo. No ambiente escolar, deparam-se com desafios diversos, que podem estar relacionados ao acolhimento, ao idioma, cultura e em alguns casos a ter que lidar com situações de hostilidade e xenofobia. Os paradoxos decorrentes dessa diversidade de referências identitárias no âmbito escolar serão objeto de estudo, buscando compreender como se dá o uso do território por esses estudantes nas unidades escolares e como eles formam lugares de resistência, integração, de ensino e aprendizagens. A partir dos dados obtidos sobre os estudantes matriculados na Educação Básica da SEEDF, podemos verificar que há presença de imigrantes e refugiados em todas as regionais de ensino, distribuídos espacialmente de forma irregular, onde as regiões centrais possuem o maior número de matrículas se comparada às regiões mais distantes do centro. A princípio, podem ser pontuadas duas hipóteses que justificam essa distribuição: é na região central de Brasília que estão situadas as casas de apoio e instituições de assistência a refugiados e imigrantes, e também é nesta região onde se concentra a maior parte das oportunidades de emprego formal e informal da capital. Estes estudantes estão majoritariamente cursando o Ensino Fundamental, seguido da Educação Infantil e Ensino Médio. Em relação a Educação de Jovens e Adultos, a pesquisa revela um número significativo de africanos, latino-americanos e asiáticos nesta modalidade. Este dado demonstra o baixo grau de escolaridade de jovens e adultos provenientes de países em desenvolvimento, cujas taxas econômicas e de desenvolvimento social são baixas. Este público busca conciliar o cumprimento da etapa escolar básica e emprego (ou a busca por ele). Quanto à Educação Técnica e profissional, destaca-se a presença de japoneses, venezuelanos e haitianos, o que revela a necessidade de se adequarem ao mercado de trabalho da região em que estão inseridos. A partir do número expressivo de estudantes estrangeiros em toda a rede pública de ensino, verifica-se a urgente necessidade em instituir políticas públicas que contemplem este público nas escolas do Distrito Federal, levando em consideração para além do acolhimento e idioma, deve-se também preocupar com as questões relativas às percepções voltadas à territorialidade e ressignificações subjetivas destes estudantes em suas respectivas escolas.

Palabras clave: Estudantes, Imigrantes, Território, Distrito Federal.

MOVILIDAD HUMANA EN AMÉRICA LATINA Y SU RELACIÓN CON LA VULNERABILIDAD SOCIAL

Ponencia

Maldonado, Rita Alejandra
Bettera, María Alejandra¹⁹

Resumen

La idea según la cual el proceso de desarrollo incide sobre la migración tiene larga data y se basa en hechos bastante conocidos y en mecanismos ampliamente documentados.

Esto guarda relación con el proceso histórico de desarrollo económico de los países y comunidades de América Latina que han transformado los condicionantes sociales, políticos y culturales y, a la vez, se han renovado las disparidades territoriales y han emergido nuevos riesgos socioeconómicos que ponen de manifiesto la situación de vulnerabilidad social en la que se encuentran partes de sus habitantes (Busso; 2017)

En este sentido, el proceso de desarrollo, a partir del enfoque de vulnerabilidad, está centrado en la probabilidad que las personas y comunidades sean afectadas negativamente en su bienestar, ya sea por shocks externos o por las dinámicas internas de su proceso de desarrollo. Involucra no solamente el crecimiento económico, sino la equitativa distribución de sus beneficios, el mejoramiento de las capacidades de las personas y comunidades y la ampliación sostenible de sus opciones de vida.

La posibilidad de migrar es una oportunidad para superar las situaciones de vulnerabilidad social por la que atraviesan algunas personas, como es el caso de aquellos que se encuentran en situación de pobreza y utilizan la migración como una estrategia para la movilidad social.

El movimiento migratorio que se produjo desde fines del siglo XIX hasta principios del siglo XX, donde decenas de millones de inmigrantes europeos hacia Latinoamérica, especialmente hacia la Argentina, fue de gran relevancia ya que influyó en el crecimiento de la población de estos países. Migraron en busca de mejores condiciones de vida y de trabajo que no les ofrecía su país de origen y aprovecharon la situación de los países latinoamericanos que justamente necesitaban mano de obra para aumentar la producción de productos primarios, que les permitiera solucionar los problemas de exportación.

El desarrollo de la industria y de los nuevos medios de transporte influyeron en el proceso de urbanización de los países latinoamericanos, con un gran crecimiento de población, pero no todos los centros urbanos estaban preparados estructuralmente, y la actividad industrial no pudo absorber a toda la masa laboral. Comienzan a visualizarse en el espacio urbano el surgimiento de áreas denominadas villas de emergencia, donde se asienta la población de menores recursos, algunos sin trabajo, viviendo en condiciones precarias, que los pone en una situación de mayor vulnerabilidad social con respecto al resto de los ciudadanos.

Desde 1945 hasta principios de la década de 1970 las economías de los países capitalistas tuvieron un gran crecimiento debido al nuevo rol del Estado, el desarrollo de la ciencia, la tecnología, el nacimiento de nuevas industrias y la extensión del mercado de consumo. A estos Estados se los llamo

¹⁹ Departamento de Geografía. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de Río Cuarto. ritale_07@yahoo.com.ar- mariaalejandrabettera@gmail.com

Estados de Bienestar, los cuales aplicaron políticas con beneficios socioeconómicos para cierta parte de la población de los países latinoamericanos. Pero a pesar de estas políticas, parte de la población de Latinoamérica, entre ellos los inmigrantes, no lograron superar la situación de riesgo y vulnerabilidad social.

La década de 1970 no solo es importante desde el punto de vista económico, sino también desde el punto de vista político y social, debido a la instauración de los gobiernos militares en los países latinoamericanos. Se observa una disminución de la inmigración de la población y es notable el fenómeno de un proceso de emigración.

En la década de 1990, debido a las políticas neoliberales, se observa un aumento del desempleo, de los niveles de pobreza, y a los conflictos sociales. Por este motivo la población migrante comenzó a ser visualizada como un problema por parte de la sociedad de los países receptores, porque teme que los nativos sean desplazados de su lugar de trabajo, o deterioren los servicios de salud y educación, o aumenten la delincuencia, o simplemente porque se trata de gente de una etnia, color o religión diferente.

En este sentido, el enfoque de vulnerabilidad ha permitido enfatizar dos aspectos importantes relacionados entre sí. Por un lado, el análisis en las capacidades internas de las comunidades y, por otro, las formas de vínculo con el entorno que definen y reproducen los tipos de riesgos a los que están expuestos.

En este contexto, el presente trabajo tiene como objetivo elaborar un diagnóstico sobre la situación de vulnerabilidad y exclusión social en la que vive la población migrante en el territorio de América Latina, tomando como estudio de caso a los migrantes bolivianos en la ciudad de Río Cuarto, Córdoba, Argentina. Para ello, se tiene en cuenta las capacidades internas de las comunidades y las formas de vínculo con el entorno, que definen y reproducen los riesgos a los que están expuestos.

Desde el punto de vista metodológico, se parte de la búsqueda y análisis de material bibliográfico y estadístico, salidas de campo para realizar entrevistas, para luego sistematizar la información recabada y elaborar las conclusiones correspondientes de acuerdo con el objetivo planteado.

Las comunidades de América Latina, en su dimensión territorial, han sido históricamente vulnerables a varios tipos de riesgos (crisis económicas, desastres naturales, epidemias, hambrunas, violencia institucional, etc.) y la contracara de ello ha sido la definición de políticas para aminorarlos o afrontarlos. En síntesis, la vulnerabilidad al subdesarrollo es el nexo que une la teoría del desarrollo económico y las políticas de desarrollo territorial y local. El enfoque de vulnerabilidad vincula el conjunto de riesgos y oportunidades que engloba el mercado, el Estado y la Sociedad Civil con los recursos, capacidades y estrategias que tienen los hogares, comunidades y territorios. En tanto que el enfoque del desarrollo económico rescata esta interrelación como los factores exógenos y endógenos que traban, dificultan o anulan la capacidad de respuesta en distintas unidades de análisis. Las relaciones entre desarrollo económico y vulnerabilidad se conectan en las políticas públicas como vulnerabilidad al subdesarrollo.

Palabras claves: Movilidad, Vulnerabilidad, Exclusión, Diagnóstico.

TERRITORIOS IMPOSIBLES Y SUJETOS SIN DERECHOS, DESPOJADOS EN EL PACÍFICO COLOMBIANO

Ponencia

Chávez Carlos Armando

Descripción del territorio.

El Pacífico Colombiano se extiende en sus límites territoriales desde la frontera con Panamá hasta la frontera con Ecuador, su borde costero tiene una extensión de 1.400 kilómetro lineales en los que se ubican como entes territoriales políticos administrativos cuatro departamentos: Chocó cuya capital es Quibdó; Valle cuya capitales Cali; Cauca cuya capital es Popayán y Nariño con su Capital Pasto, en los departamentos se encuentran los municipios y como parte de ellos los corregimientos. Cada departamento con sus capitales y municipios tienen como elemento de gestión fundamental y por ley los planes de ordenamiento territorial – POT que es el instrumento básico para desarrollar el proceso de ordenamiento del territorio y es el conjunto de objetivos, directrices, políticas, estrategias, metas, programas, actuaciones y normas adoptadas para orientar y administrar el desarrollo físico del territorio y la utilización del suelo; estos planes de ordenamiento territorial se clasifican de acuerdo al número de habitantes: los municipios que tengan una población superior a 100.000 habitantes de se denominan planes de ordenamiento territorial, los municipios que tengan entre 30.000 y 100.00 habitantes se denominan planes básicos de ordenamiento territorial y los municipios que tengan hasta 30.000 habitantes se denominan esquemas de ordenamiento territorial.

Lo que caracteriza estos planes de ordenamiento territorial – POT en sus diferentes escalas es que su desarrollo o aplicación se encuentran principalmente el suelo urbano y el suelo rural, dejando por fuera los territorios colectivos de los grupos étnicos que habitan allí. Los territorios colectivos en Colombia son de propiedad de las comunidades; es decir, tienen títulos colectivos de propiedad, que en general se denominan resguardos indígenas para esas comunidades y Consejos Comunitarios para las comunidades negras.

El territorio.

El territorio colectivos es inembargable, imprescriptible e inalienable, esto es que no su puede embarcar por sentencia judicial, no se puede adquirir por el paso del tiempo como la posesión y no está en el mercado, no se puede vender ni comprar.

El Municipio de Tumaco, se encuentran constituido además de sus corregimientos, por cuatro Consejos Comunitarios así:

- Veredas unidas con 229 familias
- La Nupa con 87 familias
- Río Gualajo con 147 familias
- Río Tablón Salado con 140 familias

Un Consejo Comunitario tiene una Junta que ejerce como autoridad de administración del territorio y sus funciones están contenidas en la Ley 70 de 1993

Hoy el territorio es una categoría jurídico política normativa y legal, que condiciona el acceso a derechos específicos no solo el derecho a la tierra sino también políticos y administrativos. (Hoffann,

2007), que hacen imposible el territorio.

Grupos étnicos y problemática.

Los grupos étnicos que habitan en las zonas costeras de Colombia tienen derecho al territorio tanto continental como a las aguas marinas como fundamento para su construcción como sujetos de derecho; esta tesis se propone vías conceptuales y prácticas para el ejercicio de este derecho hasta ahora existente en el papel.

Estas comunidades de negros, como seres humanos y que a través de la historia han sido tratados de manera cruel, con tratos inhumanos, prácticas de avasallamiento, esclavizados y cuyas prácticas aun se mantienen.

La historia y los valores de los afrocolombianos han sido ignorados por gran parte de la sociedad y el gobierno. Aún cuando existe una legislación para proteger sus derechos tanto humanos como al territorio, últimamente se han empeorado debido a la exclusión socio-económica y de pobreza, producto del abandono y la invisibilidad que han tenido que vivir estas comunidades por parte del Estado.

Sujetos de derecho.

Por otro lado el concepto de sujetos de derecho en Colombia se ha identificado con la definición que trae el código de Civil de 1887, cuyo código es una traducción del código civil francés por el venezolano don Andrés Bello y adoptado en América Latina por Chile y cuyo código lo copio Colombia, posterior a ese concepto se adiciona otro que es el de la dignidad humana que surge de la Declaración Universal de Derechos Humanos en de 1948.

Como lugar de estudio se tiene el municipio de Tumaco, en el que se encuentra un territorio rico en naturaleza, rico en cultura pero pobre en bienestar social, generado no solo por las malas prácticas políticas en la región, sino además se suma el problema de violencia producida por actores armados, narcotráfico, guerrilla, paramilitarismo y además la delincuencia común que han permitido el desplazamiento de las comunidades negras pertenecientes a los Consejos Comunitarios.

Las comunidades negras del pacífico colombiano tienen derechos en el papel, su territorio es otorgado por ley, se requiere otorgar derechos a las comunidades que habitan esos territorios ancestralmente en agua marítimas interiores adyacente a su territorio bajo los conceptos de prevalencia, prelación y pertenencia.

Objetivo.

El objetivo de esta ponencia se centra en demostrar que el territorio ancestral de los Consejos Comunitarios no se circunscribe al continente solamente sino que su territorio es también el mar donde realizan prácticas y territorializan el mismo y que pueden evitar desplazamientos de esas comunidades, en el agua como parte del territorio se desarrollan y construyen sus derechos.

Palabras claves. Territorio, sujetos, derechos y ancestral.

MOVILIDAD HUMANA Y CONSTRUCCIÓN DE RESILIENCIA ANTE FENÓMENOS HIDROMETEOROLÓGICOS EN LA COSTA NORTE DE QUINTANA ROO.

Ponencia

Xochitl Ballesteros Pérez²⁰ y
Ligia Aurora Sierra Sosa²¹

Resumen: Este ponencia aborda el vínculo entre la dimensión territorial de la movilidad humana, migración interna particularmente, en dos poblaciones de la zona costera de Quintana Roo, México: Tulum y Playa del Carmen. A través de dos aspectos: la dimensión de la cartografía social y la dimensión cualitativa mediante la etnografía y las entrevistas a los habitantes de ambas comunidades, así como su experiencia en torno a fenómenos como huracanes e inundaciones y la construcción de la resiliencia en el ámbito comunitario.

Los procesos migratorios derivados del acelerado crecimiento turístico han ocasionado que las relaciones sociales comunitarias que antes del boom del turismo que eran de proximidad y densidad ahora sean lejanas y endeble lo cual es un punto crítico en la construcción de sociedades resilientes. Como señalan Arroyo Et. Al. (2014) el desarrollo del turismo ha ocasionado modificaciones en la estructura urbana la cual se refleja en las desigualdades de los grupos sociales y ello supone un obstáculo al desarrollo local, al tiempo que genera una estructura laboral en la que los puestos destinados a la población nacional son de escasa cualificación y con ingresos bajos.

La resiliencia ante los fenómenos naturales se entiende de manera general como la capacidad de reaccionar con efectividad y rapidez ante los fenómenos naturales, en el caso de Playa del Carmen y Tulum debe entenderse que debido a su ubicación geográfica, la escasa planificación urbana, la composición de la población y los flujos de turistas tiene una mayor vulnerabilidad ante los fenómenos hidrometeorológicos y, en consecuencia, la resiliencia o la construcción de la misma depende no sólo de los actores sociales sino también de las instituciones involucradas en la gestión de los desastres. Es por ello que en esta ponencia se da cuenta de agentes involucrados ante una posible contingencia y como se construye la resiliencia en un sitio tan complejo por las características señaladas: “Entre algunas de las situaciones de vulnerabilidad que puede ocasionar que un fenómeno natural culmine en desastre son: la ubicación de los asentamientos humanos, por ejemplo, cerca de las costas y los ríos; el material de construcción de los hogares, como la madera y los palos (Schwartz, 2008 en: Murias, 2016: 92)”. Una parte fundamental de la resiliencia es la información y la toma de conciencia de las condiciones en las que vive y que tenga conocimiento de los recursos que tienen para amortiguar los daños

En ese sentido, uno de los principales retos para la protección civil y construcción comunitaria de la resiliencia es la movilidad espacial de la población: la migración generada a partir de la expansión de la industria turística en el denominada Riviera Maya. Como ya se señaló una parte fundamental en la construcción de sociedades resilientes es la concientización sobre los fenómenos meteorológicos así como del inventario de medios de vida y capitales con los que cuenta antes, durante y después de la emergencia. Es decir, en la medida en que todos los actores sociales tengan conocimiento del con-

²⁰ Universidad de Quintana Roo, México. perballes@uqroo.edu.mx

²¹ Universidad de Quintana Roo, México. ligiasie@uqroo.edu.mx

texto ambiental, político, económico, histórico, demográfico, religioso, económico en esa medida la sociedad tendrá una mayor resiliencia. Es por ello que como parte de la investigación, que da origen a este trabajo, se llevó a cabo un inventario de capitales mediante recorridos por las colonias mencionadas, por todos los rincones de la zona puesto que a través de ellos se podría ver la infraestructura y la situación de las familias. Con los recorridos se reconocieron los servicios, tipos de vivienda (madera, concreto, palos), existencia de escuelas, refugios, hospitales, farmacias, tiendas, entre otros.

La otra dimensión a abordar en esta ponencia es la experiencia desde los actores sociales, en torno a los fenómenos hidrometeorológicos a través de entrevistas en las cuales expresan cómo han vivido estos eventos y cuáles son tanto los recursos como los conocimientos que tienen. Del mismo modo la voz de los actores sociales permite establecer los vínculos entre el territorio, las migraciones y la construcción de resiliencia.



MESA 37

MESA 37: MIGRACIONES Y CIUDADES DE AMÉRICA LATINA: INTERSECCIONES, INTERROGANTES Y DESAFÍOS

Coordinadoras: Matossian, B. González, M.S., Pardo Montaña, A.M., Melella, C.E., Mera, G.

MESA 37: MIGRACIONES Y CIUDADES DE AMÉRICA LATINA: INTERSECCIONES, INTERROGANTES Y DESAFÍOS

*Coordinadoras: Matossian, B.¹
González, M.S.²,
Pardo Montaña, A.M.³,
Melella, C.E.⁴,
Mera, G.⁵*

Las ciudades son y han sido receptoras privilegiadas de los movimientos migratorios en América Latina, tanto en el marco de trayectorias de tipo rural- urbano como vinculados a movimientos entre urbes de distintos rangos. Asimismo, en las últimas décadas diversas transformaciones socioterritoriales han profundizado las desigualdades en su interior. En este proceso, las relaciones jerárquicas vinculadas con la clase, la adscripción étnica, el origen nacional, el género y la antigüedad de la migración, entre otras, condicionan las experiencias urbanas de las personas migrantes, recuperando la importancia de una mirada interseccional. Estas dinámicas implican también, desde una perspectiva territorial, la existencia de fronteras urbanas, materiales y simbólicas, que limitan espacialidades, construyen sentidos y definen criterios de inclusión-exclusión. Esta mesa propone un abordaje en la intersección entre los estudios migratorios y los urbanos, desde la interdisciplina y contemplando el rol de las políticas públicas en la inclusión de estos grupos sociales y la promoción de la diversidad en ciudades. Invitamos a enviar propuestas con estrategias metodológicas variadas, desde enfoques cuantitativos apoyados en el análisis espacial hasta etnografías urbanas, con la expectativa de estimular intercambios, triangulaciones y complementariedades. La interescalaridad será clave para debatir sobre los desafíos que nos propone la continua interrelación entre niveles. Proponemos los siguientes ejes temáticos: a) acceso diferencial a derechos y espacialidad de las políticas públicas de la diversidad, b) trayectorias migratorias y estrategias residenciales e inserciones informales, c) vida cotidiana, movilidades intraurbanas y acceso a la ciudad, d) representaciones sociales sobre la migración y construcción de identidades colectivas.

¹ CONICET - Argentina

² UNPSJB – Argentina

³ UNAM - México

⁴ CONICET / UBA – Argentina

⁵ IIGG, UBA, CONICET/ UNTREF – Argentina

REPRESENTACIONES SOCIALES Y POLÍTICAS DE DIVERSIDAD SOBRE MIGRACIÓN Y GÉNERO EN EL NOROESTE DEL CONURBANO BONAERENSE

Tipo de presentación: Ponencia

Melella, Cecilia⁶

Perret, Gimena⁷

Resumen

El objetivo de esta ponencia es abordar la diversidad desde tres dimensiones (diversidad cultural, migraciones y género) ancladas territorialmente en el conurbano bonaerense. Para dicho cometido planteamos dos tipos de abordaje. Nos enfocaremos en dos municipios del Oeste y del Norte del Gran Buenos Aires, que demográficamente concentra un porcentaje notorio de población extranjera (migraciones históricas y contemporáneas) considerable al tiempo que despliegan importantes heterogeneidades, contrastes y procesos de transformación: La Matanza y José C. Paz. En primer lugar, desde un plano teórico, desarrollaremos una breve genealogía del concepto de cultura y, especialmente, de diversidad cultural. En un segundo plano, realizaremos una caracterización del accionar de los municipios seleccionados a propósito de políticas sobre diversidad, género y migratorias a nivel local. Queremos identificar discursos de la narrativa jurídica (documentos oficiales, leyes, decretos, así como los materiales de divulgación o formación emitidos por el Estado nacional, provincial o municipal) que tiendan al reconocimiento de la diversidad cultural, género y migraciones. Por otra parte, nos interesa analizar (y contraponer con lo anterior) las representaciones de diversidad cultural que efectivamente circulan en distintos ámbitos en los que circulan los/las actores/as involucrados. Nos concentraremos en el análisis del punto de vista de los/as funcionarios/as públicos y de los actores sociales de la comunidad. La metodología de trabajo implica una construcción y mirada territorial basada en el análisis de contenido de las fuentes oficiales, trabajo con fuentes estadísticas y la realización de entrevistas en profundidad a informantes clave.

El conurbano bonaerense presenta una heterogeneidad basada en sus formas de poblamiento que incluye distintos tipos de migraciones como las transoceánicas, las regionales y de países limítrofes, así como internas. Los dos municipios seleccionados (La Matanza y José C. Paz) presentan, en distintas proporciones, una cantidad considerable de migrantes internacionales. No obstante, nuestro primer interrogante e hipótesis de trabajo supone que una característica de la estructura institucional del conurbano (y en particular de estos dos municipios) radica en que el tema migratorio no posee una línea autónoma de trabajo sino que se presenta a través de políticas y programas de forma trasversal a otras áreas como desarrollo social, género, cultura, etcétera. En segundo lugar, y como segunda hipótesis de trabajo, en el contexto de las medidas del Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO) promovido por el Estado nacional a partir del Covid 19, se ha producido un viraje en torno a la apropiación y uso de las tecnologías de la información y de la comunicación (TIC) por parte de los distintos niveles de la gestión estatal con el objetivo de sostener la institucionalidad. En este sentido, nos preguntamos por las posibilidades de uso desde las distintas esferas municipales, en especial,

⁶UBA-FSOC-IIGG y CONICET-IDES. E mail: cemelella@gmail.com

⁷UBA-UNGS E mail: gimenaperret@hotmail.com

aquellas que tienen injerencia con la diversidad cultural, el género y las migraciones.

La Provincia de Buenos Aires ha ido históricamente un punto de atracción para los flujos migratorios tanto internos como internacionales debido a diversas causas como el desarrollo de su infraestructura, el proceso de industrialización, su grado de urbanización y la dificultad de los inmigrantes para el acceso a la tierra rural, entre otras. Sin embargo, si bien el proceso migratorio en general ha mantenido cierta homogeneidad, las características demográficas de la población migrante difieren respecto del origen, la antigüedad y el asentamiento territorial de la misma. La Matanza posee una población total de 1.775.816 personas de las cuales 42.476 bolivianos/as (2,39%), 789 brasileños/as (0,04%), 3.533 chilenos (0,20%), 70.811 paraguayos/as (3,99%), 7.366 uruguayos/as (0,41%), 7.165 peruanos/as (0,40%) y 450 de otros países sudamericanos (0,03%) que suman 132.590 personas nacidas en el extranjero (INDEC, Censo 2010). Asimismo, los datos basados en el Censo de 2010 dan cuenta de que en La Matanza viven 80.835 varones nacidos en otro país y 90.847 mujeres, cuya suma total referencia 171.682 población extranjera, cifra que difiere un poco con la anterior debido al tiempo en que fueron procesados los datos, ya que en este caso se incluye la población de todo el mundo y amplía la categoría de sudamericanos. Sucede lo mismo en el caso de José C. Paz, que posee una población total de 265.981 personas de las cuales 665 son de origen boliviano (0,25%), 85 son brasileños/as (0,03%), 550 chilenos/as (0,21%), 8.162 paraguayos/as (3,07%), 1.092 uruguayos/as (0,41%), 452 peruanos/as (0,17%) 37 de otros países sudamericanos (0,01%). El total de población nacida en el extranjero es 11.043 (4,15%). Respecto de la diferenciación por sexo que establece el Censo 2010, se encuentra 6.225 varones nacidos en otro país y 7.288 mujeres, dando un total de 13.513 personas (Censo Nacional de Población, 2010). Tanto en La Matanza como en José C. Paz son más las mujeres migrantes que los hombres. Los inmigrantes de principios de siglo eran, por amplia mayoría, varones en edades activas (Lattes, 1973). El INDEC (1997) señala una tendencia hacia la feminización de las migraciones, fundamentalmente para el grupo de los internacionales limítrofes. En el año 1947 esta población es predominantemente masculina y en edades activas. Se observa la influencia de las migraciones de períodos anteriores por la proporción de los mayores de 65 años. El Censo 2001 muestra una estructura más equilibrada respecto a los sexos, con una leve tendencia a la feminización de los migrantes. Se advierte que aumenta la proporción de mujeres en edades fértiles en relación con las mujeres de todas las edades: casi la mitad (48,5%) de la población de mujeres de la provincia se encuentra entre los 15 y los 49 años, mientras que en 1991 representaban el 47,7%.

Con el objetivo de trabajar sobre las dimensiones propuestas se plantea una metodología cualitativa basada en el análisis de fuentes secundarias con un enfoque que recupera cuestiones del análisis de discurso. Entendemos que el discurso es una práctica social, histórica, política e ideológica, además de verbal, razón por la cual, las textualidades adquieren una relación compleja con la realidad al ser la práctica del discurso y materia difíciles de separar (van Dijk, 1990; Peña Ochoa, 2019). En primer lugar se trabajará de forma breve sobre la bibliografía relevante sobre el concepto de cultura. En segundo término nos abocaremos a trabajar sobre una dimensión semántica que pueda reconstruir los temas y tópicos principales respecto de la conformación de una narrativa jurídica que tiende al “reconocimiento” de la diversidad cultural, género y migraciones. Asimismo, se tendrán en cuenta las actividades realizadas o promovidas y la coordinación, abordaje y comunicación transversal/interseccional entre las distintas áreas de los municipios.

En tercer lugar, nos concentraremos en el análisis del punto de vista de los/as funcionarios/as públicos y de los actores sociales de la comunidad. Los interrogantes centrales son: ¿Cuál es la política municipal en relación con las poblaciones migrantes que habitan en el municipio? Y si en el accionar cotidiano de su área se establecen contacto con las organizaciones o referentes comunitarios/as de los

barrios. ¿Qué colectividades son las que más participan o se acercan al municipio? ¿Qué buscan o cuál es su objetivo? Hay algún programa, política o línea de acción con relación al género y a la migración, es decir, orientado a las mujeres y a las diversidades sexuales respecto de violencia, reconocimiento, etcétera? Sobre la dimensión socio-cultural. ¿Hay algún interés desde lo cultural respecto de las colectividades migrantes?

Palabras clave: migraciones internacionales, periferias, representaciones sociales, diversidad, género.

EL DERECHO SAGRADO A LA TIERRA. LUCHAS POR EL TERRITORIO Y COSMOVISIÓN INDÍGENA.

Tipo de presentación: Ponencia

Encino Carolina⁸

Resumen

En el presente trabajo desarrollaremos el conflicto histórico que atraviesa la ocupación material y simbólica del territorio americano. La tierra en tanto espacio vivido y sentipensado fue objeto de disputa por dos formas ontológicas de comprender el vínculo con la naturaleza. Por un lado, la lógica del capital colonial- moderno- extractivista que se despliega y expande por América a partir del siglo XV con las empresas de conquista y dominación, hegemonizando las formas de entender la relación cultura- naturaleza. Por el otro, la cosmovisión de los pueblos indígenas de América que junto con otras formas de organización socio-comunitaria plantean un horizonte de lucha hacia “el buen vivir”. Para el capitalismo la naturaleza es un Recurso a explotar, es un desierto sin entes, una selva exótica, una otredad radical (naturaleza= barbarie). Los elementos de la Tierra son subalternizados y racializados para ser transformados en los procesos de desarrollo industrial. El “desarrollo” niega otras formas de comprensión del mundo, otras ontologías que reconocen los derechos de la tierra y su valor espiritual y sagrado.

En contraposición, la teoría del “buen vivir” es una propuesta que plantea un nuevo horizonte, una salida al modelo capitalista colonial/ global. Esta propuesta, tiene como punto de partida la des/colonialidad del poder y la reproducción democrática de la existencia social (Quijano, 2012).

En Kichwa; *sumak kawsay*, en aimara: *suma qamaña*, en guaraní: *ñande reko*, el “buen vivir” es una expresión de diversas cosmovisiones indígenas. Este concepto cuestiona el desarrollo como crecimiento económico ilimitado y postula nuevas formas de relación del ser humano con la naturaleza y con otros seres (Svampa. 2019).

Es interesante observar como en la práctica este concepto puede resultar opaco y no compartido. Al respecto, en una experiencia de organización, que nos interesa particularmente en este trabajo, el Movimiento de Mujeres Indígenas por el buen vivir, en sus primeras reuniones en 2015 una mujer relata: “no sé de qué hablan ustedes cuando dicen buen vivir porque nosotros, en nuestra comunidad, siempre vivimos mal”. (Briones. 2020 P.89).

La vulneración de Derechos Sociales, Económicos y Culturales que sufren las comunidades de pueblos indígenas americanos hace que el buen vivir sea una expresión de un pasado remoto y desconocido lo que lleva a constituir una base común de reclamos y propuestas.

En los últimos tiempos muchas naciones de América Latina que promovieron en sus Constituciones Nacionales el reconocimiento a la diversidad étnico- cultural se debaten acerca de la viabilidad de un modelo de desarrollo que no atente contra los derechos de las comunidades y sus territorios.

Las teorías acerca de las prácticas descolonizadoras y de reconocimiento no están exentas de debates. Miradas como la de la Socióloga boliviana- aymara Silvia Rivera Cusicanqui nos proponen salir de los discursos estereotipados acerca de los pueblos indígenas de América. Critica el multiculturalismo “ornamental” de los gobiernos de América Latina, que partir de la década de 1990 provocó un reco-

⁸ Universidad Nacional De General Sarmiento. Instituto de Desarrollo Humano. Maestría en Interculturalidad y comunicación.

nocimiento territorial y cultural parcial y condicionado. Dirá al respecto, la noción de “pueblos originarios”, utilizada por el Estado en las políticas de reconocimiento en diversas constituciones, niega el carácter moderno de las poblaciones indígenas de América y las encasilla en la idea de buen salvaje y guardián de la naturaleza.

Por su parte Álvaro García Linera, describe la tensión entre el desarrollo industrial y la propuesta comunitaria del vivir bien. Esta tensión dirá, es propia del proceso revolucionario y requiere ser pensada. Abordaremos las tensiones que enfrentan a estas dos narrativas la del capital y la de los pueblos indígenas de América y su resistencia ancestral, apelando a la comprensión de su cosmovisión. Atendiendo a los debates epistemológicos y a las alianzas y disputas entre el Estado y los movimientos sociales relacionados con las demandas históricas de pueblos indígenas sobre la ocupación del territorio.

Particularmente del pueblo Mapuche- Tehuelche en la Patagonia Argentina y sus derechos sobre Ñuke Mapu. Una serie de demandas de este pueblo llevaron a un enfrentamiento desigual con el Estado- argentino, las empresas extractivistas y los medios de comunicación monopólicos. Frente al desalojo de los territorios ancestrales las comunidades reclaman su *derecho sagrado a la tierra*, en donde habitan distintas fuerzas (Pu- newen). Por su parte, el Estado dará una respuesta represiva apelando a las leyes de propiedad constituidas en el derecho occidental- moderno.

Paralelamente, daremos cuenta de un marco teórico- conceptual relacionado con el denominado *giroecoterritorial* de los movimientos sociales. Este cambio de paradigma, relaciona la actual crisis civilizatoria con el avance de los emprendimientos neoextractivistas. Provocando una transformación en las luchas territoriales y sus demandas.

A partir del concepto de Pluriverso (Escobar, 2016), inspirado en la propuesta zapatista de “mundos donde quepan muchos mundos” que implica una noción no dualista conocida como cosmovisión y un entendimiento relacional de la vida, proponemos pensar en un *Pluriterritorio*, intercultural, interlógico, móvil, anti patriarcal y resistente de la ocupación ontológica del capital a partir de diversas experiencias urbano-rurales alternativas al modelo de desarrollo hegemónico. Estas experiencias tienen como protagonistas a los pueblos indígenas de América Latina junto a otras organizaciones sociales no indígenas que acompañan las demandas históricas por el territorio y que se reconocen hermanadas en tanto habitantes de una “casa común”.

Palabras claves: Ontologías- Buen vivir- Desarrollo- Giroecoterritorial- Pluriterritorio.

MIGRACIÓN, SOSTENIBILIDAD DE LA VIDA Y RELEGACIÓN URBANA: UNA APROXIMACIÓN DESDE UN BARRIO CORDOBÉS

Tipo de presentación: Ponencia

Arrieta, Sofía⁹

Resumen

El objetivo de este trabajo es indagar acerca de las estrategias de sostenibilidad de la vida en un barrio de relegación urbana de la ciudad de Córdoba (Argentina) por parte de un grupo de mujeres migrantes peruanas. Para llevar adelante esta investigación, nos basamos en el trabajo de campo etnográfico iniciado a mediados de 2019 (se encuentra en curso) en un asentamiento ubicado en la periferia de la ciudad de Córdoba (Argentina), habitado en su mayor parte por migrantes de origen peruano que han llegado a la ciudad en el transcurso de las últimas dos décadas. El trabajo se desarrolló fundamentalmente en un merendero (comedor comunitario) gestionado por un grupo de mujeres peruanas. En cuanto a las estrategias metodológicas elegidas para desarrollar el trabajo de campo, nos basamos en observación participante y entrevistas informales. Tomando la idea de Rockwell (2009: 25), la etnografía comprende aquellas investigaciones que “parten de la experiencia prolongada del investigador en una localidad y de la interacción con quienes la habitan” y “producen, como resultado de un trabajo analítico, un documento descriptivo [...] en el cual se inscribe la realidad social no documentada y se integra el conocimiento local. Esta experiencia resulta más significativa si la acompaña un trabajo reflexivo”.

El hecho mismo de hablar de barrios de relegación urbana nos remite necesariamente a pensar la ciudad y la dimensión espacial. Las ciudades, desde nuestra perspectiva, se tornan actores claves en este proceso, en tanto desde comienzos de este nuevo siglo “resurgen como espacios estratégicos para entender tendencias críticas en la reconfiguración del orden social” (Sassen, 2007: 129). En el marco de los procesos de apertura económica, desregulación del uso del suelo y centralidad del espacio urbano en las estrategias de valorización del capital, las grandes ciudades latinoamericanas se reconfiguraron en términos estructurales, funcionales y territoriales (Segura, 2014). Una gran proporción de migrantes sudamericanos que viven en las grandes ciudades de Argentina experimentan formas de inserción habitacional deficitarias, lo que da cuenta de un proceso de vulneración de derechos hacia un amplio sector de la población. Es entonces necesario problematizar las relaciones entre espacio urbano y desigualdad, entendiendo a este último como dimensión constitutiva de la sociedad, en el proceso de reproducción de la desigualdad social. En este sentido, recogemos la propuesta de Segura, según quien la relación entre espacio y desigualdad remite a una doble dimensión: por un lado, el acceso desigual al espacio urbano y por otro el impacto de este espacio en la reproducción de la desigualdad (Segura, 2014).

Para las migrantes peruanas con las que trabajamos, la condición de no-nacionales se intersecta con el género, la condición de clase y la adscripción étnico-racial, dejándolas en una situación de gran desventaja y vulnerabilidad para el acceso a derechos, entre ellos, el de la vivienda. En la ciudad de Córdoba –así como sucede en otras ciudades– esto se traduce en su concentración en espacios urbanos

⁹ Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad CIECS (CONICET y UNC), Universidad Nacional de Córdoba. arrieta.sofi@gmail.com

periféricos y marginales que son “construidos” y habitados principalmente por población migrante a partir de procesos informales de tomas de tierras (Magliano y Perissinotti, 2020), dadas las serias dificultades por las que atraviesan los colectivos migratorios sudamericanos para acceder al mercado inmobiliario formal. Los barrios de relegación urbana se caracterizan por ser un tipo de asentamiento informal que surge en el transcurso de la década de 1940 en las ciudades de Argentina. Se trata especialmente de “ocupaciones de tierras deshabitadas que –entre otros aspectos– producen tramas urbanas irregulares; cuentan con una buena localización en relación con los centros de producción y consumo (Vaccotti 2017); están sobre todo localizadas sobre terrenos fiscales; no poseen servicios públicos básicos (electricidad, agua corriente y red cloacal); y están, en general, altamente pobladas” (Magliano y Perissinotti 2020, 6).

Dadas estas condiciones, las familias que habitan estos espacios, se interconectan a través de formas de organización comunitaria con una fuerte impronta territorial, como un modo de poder asegurar la reproducción de la vida (Magliano, 2019: 3). En este contexto, la categoría de sostenibilidad de la vida sobresale como un aporte de la economía feminista para ampliar la discusión sobre el rol de las mujeres en las estrategias de subsistencia familiares y barriales. La sostenibilidad de la vida representa, siguiendo a Carrasco (2009, 183), “un proceso histórico de reproducción social, dinámico y multidimensional de satisfacción de necesidades que requiere de recursos materiales pero también de contextos y relaciones de cuidado y afecto”.

Teniendo en cuenta las múltiples aristas de la desigualdad –clase social, actividad laboral, nivel de cualificación, edad, hábitat rural o urbano, estatus migratorio– el género ocupa un rol fundamental para entender la sostenibilidad de la vida: “son las mujeres las que, en línea con el rol de responsables últimas (o únicas) del bienestar familiar, multiplican e intensifican sus trabajos remunerados y no remunerados, para que la vida salga adelante” (Agenjo Calderón 2013: 25). En el caso de las mujeres migrantes que habitan las periferias urbanas en Argentina, la búsqueda de ese bienestar involucra al espacio familiar y barrial, convirtiéndose en lugares privilegiados desde donde se construyen identidades colectivas asociadas a las tareas de reproducción y sostenibilidad de la vida. El cuidado, la alimentación, la recreación comunitaria descansan en las capacidades prácticas de estas mujeres (Magliano y Arrieta, 2021). Recuperando las ideas de Gago (2019: 46), son ellas quienes ponen el cuerpo para que las crisis recurrentes se sientan lo menos posible sobre el cotidiano de los/as otros/as. De este modo, la sostenibilidad de la vida permite dar cuenta que en los espacios periféricos de las ciudades, en términos espaciales pero también sociales y políticos, la vida se sostiene comunitariamente.

Palabras clave: migración regional; relegación urbana; sostenibilidad de la vida; córdoba

DINÂMICAS MIGRATÓRIAS DOS TRABALHADORES HAITIANOS EM BELO HORIZONTE: PRECARIEDADE TRANSNACIONAL

Mesa 37: Migraciones y ciudades de América Latina: intersecciones, interrogantes y desafíos.

Tipo de presentación: Ponencia

Barros, Carolyne Reis¹⁰

Varges, Milena¹¹

Fiorenzano, Olívia Helena Cosme¹²

Jácome, Maryana Pereira¹³

Resumo

A temática migratória assumiu um papel prioritário nos debates sobre o futuro da sociedade e os direitos humanos. A migração humana, ou seja, a mobilidade de pessoas no espaço, revela-se como algo muito além de um problema, como vem sendo, equivocadamente, qualificada de forma genérica. Migrar é uma atividade humana transistórica que adquire formas de acordo com o modo de produção da época. Nesse sentido, existem atualmente movimentos migratórios que são gestados e geridos no sistema capitalista. Assim, é necessário interrogar em quais contextos e condições as migrações se tornam um problema.

Segundo dados mundiais apresentados no Relatório do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da Organização das Nações Unidas (OECD-UNDESA, 2013), estima-se que 232 milhões de pessoas deixaram seus países para viverem em território estrangeiro entre os anos 2000-2010. Destes, 96 milhões migraram para regiões dos países do sul global, como é o caso das recentes migrações (Haiti, Bangladesh e Venezuela) para o Brasil. Nesses exemplos, a esperança de uma vida melhor ou de possibilidades de vida é ancorada na ideia de conseguir um trabalho. Migrar em busca de trabalho tem sido um debate presente em algumas perspectivas teóricas situadas nas fronteiras entre a Geografia Humana, a Economia e as Ciências Sociais que, em grande parte, derivam dos trabalhos de Ravenstein (1885).

O presente resumo visa apresentar a pesquisa em curso intitulada *Dinâmicas migratórias dos trabalhadores haitianos em Belo Horizonte: precariedade transnacional*. O projeto integra o conjunto de pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais (LABTRAB/UFMG) e dá continuidade aos estudos sobre trabalho e território de haitianos no município de Contagem-MG, cidade vizinha da capital do estado de Minas Gerais (Brasil), Belo Horizonte (Barros, 2017). Assim, buscamos compreender as dinâmicas migratórias de trabalhadores haitianos em Belo Horizonte e região metropolitana, a partir da ideia de uma existência precária tanto no Haiti quanto no país de destino, compreendendo que essa precariedade possui qualidades e características diferentes, principalmente no que se refere ao mundo laboral (Villen, 2016) - pretendemos nos debruçar sobre essas diferenças.

Metodologicamente, estamos desenvolvendo uma revisão sistemática de literatura que visa, em um primeiro momento, compreender como a psicologia tem abordado o tema das migrações em seus

¹⁰ Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) - LabTrab/UFMG; reis-barros@ufmg.br

¹¹ LabTrab/UFMG; bolsista de iniciação científica, PRPq/CNPq; milenacsvarges@gmail.com

¹² LabTrab/UFMG; bolsista de iniciação científica, PRPq/CNPq; oliviahcfz@gmail.com

¹³ LabTrab/UFMG; maryana.jacome22@gmail.com

estudos e, em momento posterior, compreender como a Psicologia do Trabalho, nossa específica área de estudo, tem dialogado e construído propostas em relação a esse tema. Além disso, pretendemos realizar entrevistas em profundidade, inicialmente com três mulheres e três homens, a partir dos seguintes critérios: ser migrante haitiano (a) e falar e compreender em português. Utilizaremos a técnica amostral da bola de neve, em que um entrevistado(a) indica o(a) próximo(a).

Um dos espaços de divulgação da pesquisa será a Kore Aysien – Associação dos Haitianos da Região Metropolitana de Minas Gerais, o contato com esse coletivo já foi estabelecido na pesquisa anterior. É importante ressaltar que inicialmente a pesquisa foi pensada para ser realizada presencialmente, no entanto, com a pandemia da COVID-19, possivelmente teremos que adaptar as entrevistas para o modo virtual, o que constitui um novo desafio diante de processos de vulnerabilização de migrantes. As precariedades encontradas ao longo da pesquisa anterior, oriundas da falta de políticas públicas adequadas e da falta de reconhecimento de migrantes enquanto sujeitos de direitos, foram aprofundadas durante a pandemia, assim como discutido por Barros e Georges (2020).

Diversos migrantes perderam seus empregos devido à diminuição das atividades comerciais em diversos setores. A obtenção de documentos tornou-se mais demorada e burocrática, dificultando o acesso aos auxílios emergenciais disponibilizados pelo governo - que, por si só, mostraram-se insuficientes frente à situação do país. A movimentação entre as fronteiras também tornou-se ainda mais laboriosa, dificultando ainda mais a entrada e saída de migrantes dos países de maneira formal. A própria articulação com as organizações de migrantes e com o poder público se enfraqueceu, principalmente pela falta de recursos. Soma-se também a impossibilidade de circulação pela cidade, antes marcada por questões financeiras e no presente momento marcada também pela suspensão das atividades das instituições ou mudanças dos atendimentos para a modalidade online, tornando-se, neste último caso, um impedimento aos haitianos que não possuem acesso à internet.

As questões relatadas ampliam os desafios já existentes na vivência de haitianos que habitam não só na região metropolitana de Belo Horizonte, mas em todo o Brasil. A nova roupagem das dinâmicas migratórias exige, portanto, o aprofundamento de estudos e discussões que já estavam em processo de construção. Nesse sentido, as consequências da pandemia da COVID-19 também serão objeto de reflexão do nosso estudo. Compreendemos que o agravamento das vulnerabilidades parte de limitações já existentes nas redes atuais de acolhimento e que demandam novas estratégias para a diminuição dos danos causados a essas pessoas e famílias.

Compreendemos que a nossa proposta se articula com as reflexões da mesa temática 37 intitulada *Migraciones y ciudades de América Latina: intersecciones, interrogantes y desafíos*. Toda a dinâmica migratória dos haitianos que residem em Contagem está intrinsecamente relacionada com as questões que englobam a migração na América Latina: a nível micro - as políticas públicas de cada cidade, que organizações fazem parte daquele território, quem são as pessoas que ali vivem, suas trajetórias laborais e estratégias de resistência - e a nível macro - a construção de leis de acesso às cidades, estados e países, a história dos movimentos migratórios ao longo dos anos e a construção de identidades coletivas. A articulação interdisciplinar para discutir os estudos migratórios por diversas perspectivas é uma necessidade em tempos em que as vivências de migrantes são cada vez mais cerceadas pela vigilância nas fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas. Por assim ser, nossa pesquisa norteia-se por diálogos entre teorias que tratam da questão migratória para além da questão economicista, que ampliem e percebam os deslocamentos socioespaciais para o trabalho como produtores de sentido, de cotidiano e condições de existência, abarcando assim aspectos psicossociais da migração.

Palavras chaves: Migração; Trajetória Laboral; Migrantes; Psicologia do Trabalho

MODELOS DE INTERACCIÓN ESPACIAL Y MIGRACIÓN INTERNA EN URUGUAY

Tipo de presentación: Ponencia

D'Angelo, Guillermo¹⁴

Introducción

El presente trabajo deriva de mi tesis para la maestría en Demografía y Estudios de la Población (Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República). Desde la perspectiva de la Geografía de la Población, se propone como objetivo analizar la migración interna en Uruguay y generar escenarios de migración interna a futuro. Para realizarlo se utilizaron modelos de interacción espacial, aplicados sobre matrices de flujos migratorios construidas a partir de los datos de los censos 1996 y 2011. En este caso se presentan resultados preliminares descriptivos, que forman parte del proceso de investigación.

Marco teórico

El objeto de estudio de la Geografía de la Población se puede definir como la organización geográfica de los grupos humanos y sus conexiones entre sí (Gregory et al., 2009), o como la interacción entre las dinámicas demográficas y el espacio geográfico (López Trigal et al., 2015; Puyol et al., 1995). Dicho enfoque resulta pertinente en tanto las causas y consecuencias de las migraciones vinculan las relaciones sociales, económicas y espaciales, en particular las desigualdades territoriales (López Trigal et al., 2015). La migración, luego de la fecundidad y la mortalidad, es el tercer factor que afecta el cambio poblacional en un área determinada (Preston et al., 2000).

Las migraciones internas difieren de la *movilidad residencial* y la *movilidad pendular*. La movilidad residencial implica “mudanzas” de menor jerarquía en términos de la distancia entre la antigua y la nueva residencia, en comparación con la migración, permitiendo a la persona que se muda mantener el mismo trabajo y frecuentar los mismos grupos sociales (Dennett, 2018). La movilidad pendular es de frecuencia diaria o semanal, para asistir a lugares de trabajo o estudio. A pesar de las definiciones, la migración interna y la movilidad residencial forman un continuo, no existiendo un criterio unívoco de demarcación (Dennett, 2018). Vale destacar que tanto el concepto de residencia como la unidad espacial que se tome de referencia, alterarán el concepto de migración, y esta característica diferencia a las migraciones de otras variables demográficas: nacimientos y defunciones son fenómenos absolutos en tanto migrar es relativo (Macadar, 2009).

Para enmarcar teóricamente la migración desde la geografía de la población consideramos oportuno relacionarlo con el *espacio de los flujos*, que refiere a las conexiones que sustentan la interacción de eso que conocemos como “mundo” (Thrift, 2008). Dichos flujos cobran cada vez relevancia en tanto la “globalización” se profundiza. Al estar cada vez más interconectados, el concepto de “escala” permite detenerse sobre particularidades que quieran ser estudiadas o abarcar la globalidad si ese es el objetivo. En el presente trabajo se toma a las migraciones como parte de ese espacio de flujos.

Cambiando la escala de análisis, es posible relacionar el espacio de flujos con otros fenómenos que trascienden las dinámicas internas. Por ejemplo, la oferta de puestos de trabajo en determinada loca-

¹⁴ Departamento de Geografía, Facultad de Ciencias, Universidad de la República. E-mail: gdangelo@fcien.edu.uy

alidad puede ser un gran atractor, y generar migraciones de mano de obra desde localidades cercanas. Metodología y fuentes de datos

La metodología aplicada es cuantitativa, centrada en los modelos de interacción espacial, los cuales son representaciones matemáticas de la interacción entre dos entidades geográficas, permitiendo medir la importancia de las relaciones existentes entre ellas (Sanders, 2013).

Su formulación más básica corresponde al modelo sin restricciones (O'Kelly, 2009; Patuelli & Arbia, 2016):

$$M_{ij} = kV_iW_jd_{ij}^{-\beta}$$

Donde M_{ij} es la interacción esperada entre origen i y destino j ; y V_i y W_j representan las masas de origen y destino respectivamente; y $d_{ij}^{-\beta}$ es el efecto disuasorio de la distancia (O'Kelly, 2009). Los índices i y j refieren a entidades geográficas, que en conjunto forman una díada, y entre los cuales existe un flujo (O'Kelly, 2009). Luego se pueden aplicar restricciones en origen o destino y sumar variables que se consideran asociadas a determinados flujos que se quieran modelar, ya sean atractores o expulsores, por ejemplo la media de salarios en destino (Patuelli & Arbia, 2016).

La principal fuente de información para el presente trabajo fueron los censos 1996 y 2011 realizados por el Instituto Nacional de Estadística (INE, 2011). Estos relevamientos incorporaron preguntas relativas a la migración interna, en particular la pregunta “¿En qué localidad o paraje residía en hace cinco años?”, la cual es utilizada para operacionalizar la categoría de migrante interno reciente, por oposición al migrante interno absoluto (es decir aquel que viven una localidad diferente a la que nació).

Como capas de información geográfica, fueron empleadas las de departamentos y la de localidades del INE como información básica. Los departamentos son unidades geoestadísticas y político-administrativas de segundo nivel de gobierno, las localidades definidas por el INE son unidades geoestadísticas que, en general, corresponden a zonas urbanas. También se calculó de una matriz de distancias origen-destino entre los centros medios de población de cada departamento (Flowerdew, 2010; Poot et al., 2016).

Consideraciones finales

Dado que el trabajo aún no se encuentra concluido en su totalidad, se presentan algunas consideraciones finales preliminares.

Según los datos del Censo 2011 (INE, 2011) los migrantes internos recientes ascienden eran 148.759 personas. Es posible dividir este grupo en tres sub-grupos: aquellos que migran hacia Montevideo (la capital y principal centro económico y demográfico), los que migran desde Montevideo al interior y los que migran entre departamentos del interior.

El grupo de los migrantes hacia Montevideo es mucho más joven en promedio, y feminizado, hecho que se puede atribuir al rol central de la Universidad de la República y otros centros de estudio, que se concentran en la capital.

Quienes migran desde Montevideo al interior tienen como destino de preferencia es el área metropolitana en primer lugar, en particular la costa de Canelones, seguido de otras localidades costeras, fenómeno que asociamos al proceso de metropolización de la ciudad de Montevideo, tienen un perfil más envejecido y el número promedio de integrantes de cada hogar es mayor. En tanto que quienes lo hacen entre departamentos del interior tienen un perfil levemente más joven que el grupo anterior, menor nivel educativo promedio, mayor promedio de personas por hogar y un índice de masculinidad mayor.

Palabras clave: modelos de interacción espacial, geografía de la población, demografía

FAMÍLIA E MIGRAÇÃO NO BRASIL: AGÊNCIA E ESTRUTURA EM CONTEXTO DE INCERTEZAS E INSEGURANÇA

*Dota, Ednelson Mariano*¹⁵

*Dadalto, Maria Cristina*¹⁶

*Placido, Vera Lucia dos Santos*¹⁷

Resumo

A migração interna no Brasil tem histórico fortemente relacionado às desigualdades regionais e a configuração espacial dos fluxos migratórios apresenta origens e destinos muito bem consolidados ao longo do tempo, apesar das mudanças vislumbradas nas últimas décadas (PACHECO; PATARRA, 1998; CUNHA; BAENINGER, 2007).

Numa perspectiva histórica, na conformação tanto dos fatores macro quanto microeconômicos da migração, ganha destaque a falta de continuidade no direcionamento das políticas (OLIVEIRA, 2018): de um período militar nacional-desenvolvimentista, entre as décadas de 1960 a 1980, observou-se na década de 1990 a abertura econômica e as privatizações em larga escala. Na década de 2000, novas alterações, com Estado fortemente atuante na economia, com fortalecimento de políticas sociais, seguido pelo ultraliberalismo “seletivo” atual, em que há um aprofundamento das privatizações e uma intenção declarada de redução do Estado e da sua importância para a dinâmica econômica em nível nacional.

Essas mudanças, de âmbito macroestrutural, tem alterado decisivamente políticas e investimentos, surtindo efeito direto sobre a economia, o território e a vida da população, principalmente em se tratando da dinâmica espacial das atividades produtivas, que tem relação direta com as oportunidades e com o arrasto ou não de outras atividades (LENCIONI, 2003; 2007; PEREIRA JUNIOR, 2019), a depender do tipo de atividade econômica predominante em cada porção regional.

Além desses elementos estruturais, há também aqueles no nível individual e da família, esta última, aliás, que vem passando por grandes transformações nas últimas décadas (BILAC, 2003; MARCONDES; OLIVEIRA; VIEIRA, 2015). A queda da fecundidade, assim como o aumento da idade média de ter o filho, os casamentos também em idade média mais avançada constituem mudanças relevantes. Sendo a família um importante espaço de tomada de decisões para a migração (DE HAAS, 2010), não há dúvidas de que essas mudanças impactam também os elementos decisórios, transformando o contexto de tomada de decisão se comparado com famílias em décadas anteriores. Nesse sentido, algumas políticas, como as sociais, aquelas de promoção de investimentos, de expansão da oferta de ensino superior, de valorização do salário mínimo dentre outras repercutem diretamente nas condições de vida ou, em alguns casos, nas expectativas e, por fim, nas decisões individuais no contexto da família que incidem também na migração.

Um terceiro elemento que destacamos é a atual conjuntura de crise. No Brasil desse início de década de 2020 acumulam-se crises. Citamos especificamente as crises política, econômica, fiscal e sanitária que, juntas, formam um mosaico de incertezas e insegurança, de um lado, e de pobreza e carências, de outro.

¹⁵ Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. ednelson.dota@ufes.br

¹⁶ Programa de Pós-graduação em História e Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo. mcdadalto@gmail.com

¹⁷ Faculdade de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. verasplacido@gmail.com

A crise política brasileira está a completar quase uma década e teve como principal marco as grandes manifestações de 2013, que colocou instabilidade no cenário político e culminou no *impeachment* de 2015. Esse cenário, entretanto, foi gestado num contexto complexo, envolvendo investigações de corrupção através da operação Lava Jato e ações articuladas de grupos diversos e partidos políticos. Após esses eventos e mesmo diante de eleições presidenciais democráticas em 2018, persistem debates polarizados e falta de consenso em todos os temas, inclusive os mais desafiadores e relevantes atualmente. A crise econômica é parte essencial dessa crise política, e se aprofundou a partir de 2015 gerando aumento do desemprego, da pobreza e da desigualdade, com impactos diretos na migração (DOTA; QUEIROZ, 2019). Na mesma esteira, como resultado da redução da atividade econômica se observou também a crise fiscal, que tem levado ao endividamento do estado e a reformas socialmente duras com a retórica de resolvê-la.

Por fim, junto a isso, a crise sanitária da pandemia de COVID-19, que tem funcionado como um propulsor para as crises pré-existentes, elevando-as a um nível em que a sobrevivência das pessoas está em risco, seja pelo adoecimento, resultado da falta de políticas integradas em todos os níveis para o controle da doença (CASTRO et al., 2021), pela falta de estrutura de atendimento frente ao crescente número de casos, ou pela insegurança alimentar (RIBEIRO- SILVA et al., 2020) que resulta do aprofundamento da crise econômica e seus efeitos no emprego.

A proposição desde artigo é o de uma reflexão metodológica, neste contexto de inseguranças e incerteza, sobre como compreender, analisar, captar ou medir, no âmbito das famílias, (1) o papel da migração enquanto estratégia de vida; (2) como a família, diante das mudanças observadas, tem atuado frente as inseguranças e incertezas e (3) como essas crises tem modificado as decisões sobre migrar ou ficar.

Esta proposta, portanto, se assenta no entendimento do papel da família como unidade articuladora entre os elementos macroestruturais e os microestruturais, ambiente de vivência e decisão estratégica, que absorve os resultados sociais das políticas e ações e age efetivamente em prol da redução dos riscos (DE HAAS, 2010). Alguns conceitos, utilizados no debate da migração internacional, mostram-se com muito potencial para a análise aqui pretendida, como habilidade, aspiração e os *drivers of migration* (CARLING, 2019) e serão objetos de análise e reflexão.

Com essa proposta, pretendemos elaborar e refletir sobre meios de compreender essas distintas articulações nesse contexto de grande complexidade que marca o início do século XXI, em especial essa década de 2020, e que no nosso entender ressignifica a migração enquanto estratégia frente as incertezas e inseguranças.

Palavras-chave: migração, família, insegurança, incerteza.

ITINERARIOS Y EXPERIENCIAS DE JÓVENES LATINOAMERICANOS QUE MIGRAN HACIA ARGENTINA PARA HACER ESTUDIOS UNIVERSITARIOS

Tipo de presentación: Ponencia

Gómez Sandra María¹⁸

Resumen

En la presente ponencia queremos compartir algunos análisis relativos a una investigación, iniciada en el año 2016, sobre las experiencias de los jóvenes que han tenido que migrar desde otros países latinoamericanos (Colombia, Chile, Perú) para iniciar una carrera en universidades argentinas.

Dichos desplazamientos se generan como consecuencia, al menos en parte, de las políticas educativas de los distintos estados nacionales y las desigualdades sociales, demográficas, económicas y culturales que es lo que causan estos movimientos migratorios.

En diversos escritos académicos como en documentos producidos para distintos organismos se describe a América latina como una región fragmentada. Fernández Lamarra y Costa De Paula (2011) caracterizan a los sistemas de Educación Superior en América Latina, con diferencias significativas tanto en sus dimensiones como en la conformación de las poblaciones estudiantiles, en las formas de acceso a las instituciones, en la cantidad y distribución de lo público y lo privado. Desde el punto de vista económico la región también muestra pobreza creciente y concentración de la riqueza en unas minorías. La distribución de la renta genera francas desigualdades en términos de la cobertura de las necesidades básicas como del acceso a los bienes culturales, generando inequidades e injusticia social. Aun así, en esta mirada regional, para el caso Argentina las políticas educativas que se generaron en la década anterior permitieron un mayor acceso e incremento en la tasa de egreso universitario de los sectores menos favorecidos económicamente. Estas inequidades por país se vinculan a las políticas de Estado que en cada caso se van generando en relación con la educación superior. Esto interesa porque nos da contexto acerca de las formas en que opera la estatalidad con relación a las políticas educativas, en torno a las decisiones del gobierno, a los intereses y a los derechos y obligaciones; y la vinculación con los desplazamientos migratorios.

Migrar para estudiar en la Universidad implica un proceso decisorio en el cual se define qué, cómo, dónde, cuándo, con quiénes. Es una migración voluntaria (pero condicionada por aspectos ligados al origen, a las posibilidades socioeconómicas, a la edad y al género, entre otros) en el que existe un proceso de preparación y de concreción, hacia la búsqueda de nuevos desafíos. Las migraciones son procesos de movilidad geográfica. Para muchos jóvenes el deseo de estudiar implica el alejamiento de la familia y de su espacio nacional de pertenencia. Comienza su concreción en el momento de la partida, desde el lugar conocido (ya internalizado) hacia un nuevo espacio, en el que el sujeto irá haciendo-se lugar, ubicando- se en la ciudad de acogida.

Desde una mirada psicosocial, articulamos aportes de la sociología, la geografía, la semiótica, la psicología; para pensar lo espacial desde una triple dimensión: la materialidad, la sociabilidad y la subjetividad, inscriptos en una temporalidad. Desde este punto de vista interesa conocer el espacio habitual, construido en la cotidianeidad, a partir de las prácticas de los sujetos que lo habitan. Los espacios no se piensan como continentes, sino que se viven, se tienen experiencias espaciales en función de las modalidades en que la sociedad organiza las espacialidades y las maneras en que los sujetos lo vivencian.

¹⁸ Universidad Nacional de Córdoba, Universidad Católica de Córdoba, Universidad Siglo 21. sgomezvinales@gmail.com

De este modo, en la presente ponencia queremos compartir algunos análisis a las experiencias de los jóvenes que han tenido que migrar de otros países latinoamericanos para iniciar una carrera en la Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH), Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina. Como objetivo se ha buscado primero reconstruir los itinerarios de dichos estudiantes con relación a los procesos migratorios y a la integración al nuevo espacio social; y describir e interpretar las experiencias vividas desde la migración y los sentidos otorgados a dichas experiencias. Esta indagación se enfoca en el estudio las transformaciones que viven los jóvenes latinoamericanos por efecto de las migraciones, quienes vienen desde otros países de nuestra región hacia Argentina.

Para el estudio se optó por un enfoque cualitativo, utilizando la entrevista como modo de recuperar relatos de vida. Participaron ocho jóvenes, entre ellos, chilenos, peruanos y colombianos. Las interpretaciones permitieron reconocer distintos itinerarios dando cuenta de aspectos vinculados a: decisiones por lo que llegan a universidades argentinas-siendo la gratuidad y el ingreso irrestricto uno de los principales motivos, vida política y espacio democratizado en la universidad; cambios en las prácticas sociales; usos del lenguaje, clima, alimentos y formas diferenciadas de vinculación social; modificaciones en el espacio y adaptación al espacio urbano, en el uso del tiempo y en la vida cotidiana como consecuencia de la migración y del inicio de los estudios universitarios.

Palabras clave: migraciones, jóvenes, ciudad, universidad

HAITIANOS NAS CIDADES BRASILEIRAS: EXPERIÊNCIAS E LUGARES CONSTITUÍDOS

Tipo de presentación: Ponencia

*Porto Gil Carlos Silveira
Leal Letícia
Freitas João Vitor de
Santos Matheus Nadur dos*

Resumo

A migração é parte do modo de vida dos grupos humanos desde seu surgimento no continente africano. O deslocamento foi necessário para a manutenção da vida, uma vez que ainda não haviam descoberto o fogo e desenvolvido a agricultura. Somente a partir de então cria-se possibilidades de fixação na terra e construção dos primeiros assentamentos. De maneira geral, pode-se dizer que à medida que o meio natural se transforma em meio geográfico, que picadas se dentro de cada nação e entre elas, situação que tem induzido o deslocamento de homens e mulheres que migram em busca de melhores condições de vida e de trabalho. No caso das migrações internacionais, países pobres têm tradição de perdas populacionais para países ricos, territórios onde são absorvidos em atividades laborais normalmente desprezados transformam em estradas e ferrovias, rodovias e se desenvolve a navegação marítima e fluvial amplia-se a possibilidade de os deslocamentos se darem em menor espaço de tempo, ainda que em longas distâncias.

O desenvolvimento das relações capitalistas de produção e da divisão territorial e internacional do trabalho amplia as desigualdades pelos nacionais.

Esse contexto explica, de certa maneira, a migração de haitianos para o Brasil. O Haiti é um dos países mais pobres da América Latina, embora tenha se tornado a primeira nação livre da região, após processo de luta de negros escravizados na colônia francesa de São Domingos (final do século XVIII). A migração internacional tem sido uma prática ininterrupta na história do Haiti, sendo que a escolha do Brasil como território de chegada se relaciona de alguma maneira à destruição das Torre Gêmeas em 2001 (JESUS, 2020), ao terremoto que ocorreu no País em 2010 e ao papel econômico e geopolítico do Brasil entre 2003 e 2018.

O presente resumo é parte dos resultados iniciais de projeto de pesquisa em andamento, cujo objetivo geral é ampliar o conhecimento sobre as condições de vida e de trabalho e as formas de uso do território de cidades por haitianos no Brasil a partir de um estudo de caso na cidade de Andradadas, Minas Gerais (Brasil). No presente escrito serão apresentados relatos sobre trajetórias de uma haitiana e dois haitianos que residem em diferentes localidades no Brasil, discussão que será aprofundada no trabalho final. As experiências desses imigrantes foram obtidas em plataformas digitais, cuja análise é uma das etapas iniciais da pesquisa.

Começaremos por Eliette Jean Louis, mulher negra, haitiana, residente no Brasil há quatro anos. Em 2020, Eliette foi entrevistada pela Diretoria Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres do município de Paçandu-PR, cidade vizinha a Maringá-PR, onde reside. Na ocasião, Eliette destacou as dificuldades que encontrou ao chegar no Brasil. Segundo ela, após chegar no país, descobriu que estava grávida, mas teve enormes dificuldades em conseguir atendimento médico, uma vez que não era compreendida pelos profissionais que a atendiam. Precisou então recorrer a alguém que pudesse

acompanhá-la nas consultas para realizar a tradução. Além da dificuldade em se comunicar por conta da língua, Eliette relatou que tem sido vítima de preconceito em diferentes localidades: na rua, no trabalho e na faculdade, por conta de ser uma mulher negra e imigrante. Contudo, ela relata que há esperança em dias melhores e que atualmente já se comunica melhor via português. Sente-se mais integrada à sociedade local pelo convívio com brasileiros na faculdade e na Igreja.

David Ossanto é o segundo migrante haitiano cuja experiência migratória possibilitou ampliar a discussão sobre a totalidade e complexidade da situação desse grupo migratório na sociedade de destino. David é cofundador da Rádio JHP (Jovens Haitianos Progressistas Brasil), com sede na cidade de São Paulo, e se define como empreendedor. Segundo ele, a Rádio criada se tornou espaço relevante para que a voz de migrantes haitianos seja conhecida, auxiliando-os principalmente na inserção nos territórios onde estão inseridos. Ainda de acordo com David, que afirma nunca ter sido vítima de xenofobia no Brasil e que sempre foi muito bem acolhido, a Rádio também funciona como uma ponte entre os haitianos e as empresas que buscavam pessoas para trabalhar. Também afirma que a mesma tem viabilizado sessões culturais todos os domingos para promover a cultura haitiana no Brasil, por meio de música, teatro, entre outros elementos da cultura e da sociedade haitiana.

Por fim, destacamos aspectos da trajetória de Louis Delhomme Desinord, que reside em Andradadas (MG) e participou virtualmente do II Colóquio sobre migrações e espaço geográfico em 2020. Na mesa-redonda sobre –trajetórias socioespaciais de imigrantes internacionais ou refugiados no Brasil–, Louis relatou que teve seu visto norte americano negado, quando decidiu migrar para o Brasil em 2013. Para chegar ao Brasil, Louis atravessou o Equador, o Peru e desembarcou no Acre, onde permaneceu durante um mês em um refúgio. No refúgio, Louis obteve carteira de trabalho e CPF. Posteriormente, ele viajou até Campinas-SP e seguiu para Andradadas-MG, onde encontrou parentes, conseguiu emprego, auxiliou na migração de sua família e fundou a Associação de Haitianos de Andradadas-MG. Ao longo desse período, Louis passou por dificuldades financeiras e racismo.

A partir da síntese dos relatos apresentados, observa-se que de maneira geral a inserção de migrantes haitianos na sociedade brasileira é marcada pelo preconceito racial, embora um dos informantes esclareça que nunca tenha sido vítima de comportamento semelhante. Fica evidente também dificuldades ligadas ao gênero feminino, pois além da questão ligada à origem, a situação da mulher em geral e da mulher negra em especial é marcada por tratamento distinto numa sociedade patriarcal como a brasileira. Além desses aspectos, observa-se que os migrantes haitianos se organizam de maneira a fortalecerem sua cultura em território estrangeiro, seja por meio da criação de programas em rádio ou por meio da participação e/ou criação de igrejas. Por fim, observa-se que há necessidade de criação de políticas de governo específicas para atender as especificidades de cada grupo migratório. A disponibilidade de uma tradutora na consulta de Eliette, por exemplo, possibilitaria que tivessem seus direitos de cidadã assegurados.

Palavras-chave: haitianos, trajetórias de vida, lugar, cidades brasileiras.

EXPERIENCIAS DE DESIGUALDAD: INTERSECCIÓN CLASE, GÉNERO Y ORIGEN EN UN BARRIO PERIURBANO DE LA MATANZA

Mesa 37: Migraciones y ciudades de América Latina: intersecciones, interrogantes y desafíos. Tipo de presentación: Ponencia

Brenda Matossian¹⁹
Yamila Soledad Abal²⁰

Resumen

Entre las múltiples dimensiones a partir de las cuales se puede estudiar la incorporación de las/los migrantes en el espacio urbano, nos interesa concentrarnos en la particularidad que adquiere este proceso en los sectores populares y en barrios de reciente conformación en la periferia metropolitana. Se busca indagar de qué manera lo migratorio dialoga con otras dimensiones de la desigualdad, se intersecciona, potencia y se expresa en vulneraciones de derechos. Más precisamente, se intenta profundizar respecto del peso que tiene la condición migratoria en la experiencia de desigualdad.

Para ello esta ponencia se enfoca en un estudio de caso, un barrio periurbano de González Catán, partido de La Matanza dentro de la Región Metropolitana de Buenos Aires (provincia de Buenos Aires – Argentina). Este barrio, además de caracterizarse por una importante composición migratoria de sus habitantes, se encuentra emplazado en un área de uso residencial, alejada en términos de acceso material y simbólico de centralidades y subcentralidades urbanas. En este sector grandes conjuntos sociales no gozan de acceso a servicios públicos u otros equipamientos urbanos a los que tienen derecho. Se trata de una zona postergada, relegada de las políticas urbanas gubernamentales y atravesada por diversas informalidades que obligan a sus habitantes a desplegar múltiples estrategias para dar respuestas a dificultades cotidianas. La metodología se apoya en un enfoque cualitativo que, partiendo de la noción de interseccionalidad, analiza las narrativas de personas migrantes que habitan el barrio en estudio, reconociendo los modos en los que diversas desigualdades y ejes de dominación se yuxtaponen y se expresan.

Este análisis se enmarca en un contexto macro de consolidación de lo que Dubet (2015:38) llama economía moral del mérito, que pone en jaque la lógica universalista y legítima gran parte de las desigualdades a partir de la idea de esfuerzo individual. Así, las desigualdades no pueden ya ser comprendidas solo a partir de los mecanismos económicos que posibilitan la concentración de la riqueza. En el mundo actual las desigualdades tienden a multiplicarse y fraccionarse, ha cambiado es la experiencia de desigualdad. Lo más importante parecería ser diferenciarnos de quienes son construidos/as simbólicamente como los/las más desiguales, personas –peligrosas– y –extranjeras–, porque siempre estamos bajo la amenaza de ser desiguales y –despreciados– (Dubet, 2015:27). Como resultado, las víctimas de las desigualdades pasan a ser juzgadas como responsables de su suerte. En esto consiste la economía moral del mérito: las víctimas son culpabilizadas y se constituyen como chivos expiatorios, que ocultan el carácter sociohistóricamente construido de todas las desigualdades. Con estas consideraciones conceptuales presentes, se reconstruyeron las percepciones respecto a estas experiencias urbanas de habitar el barrio. En principio emergieron ciertas problemáticas comunes, íntimamente

¹⁹ IMHICIHU – CONICET bmatossian@gmail.com

²⁰ IMHICIHU – CONICET yamila.abal@gmail.com

vinculadas entre sí, que pueden agruparse según se trate de dificultades de acceso para: la movilidad espacial, la asistencia y los cuidados en salud, la vivienda digna y un ambiente saludable, y recursos sociales ofrecidos por la municipalidad. En este contexto se desplegaron diversas estrategias orientadas a sortear las dificultades y las violencias estructurales que permean la vida cotidiana de quienes allí habitan. Una de las continuidades identificadas, especialmente en los relatos de las mujeres del barrio, es su participación en lo que Magliano (2018) llama las formas de organización comunitaria del cuidado. La historia del barrio está marcada por el protagonismo de las mujeres desde su mismo origen. Las entrevistas dan cuenta, tanto del rol que cumplieron en la decisión y el proceso de toma de tierras y de viviendas como de las estrategias desarrolladas para enfrentar momentos económicamente críticos. Actividades como la organización de merenderos, ollas populares, juntas vecinales, roperos comunitarios son relatos recurrentes.

Luego del análisis de las experiencias urbanas vinculadas al acceso a derechos, se reconoce que la percepción sobre los problemas del barrio que predomina en los relatos no está relacionada directamente con la condición migratoria sino producida a partir de las modalidades de informalidad propias del barrio y del área en su conjunto. El impacto de las condiciones vinculadas a la informalidad urbana en la vida cotidiana de quienes habitan el barrio ayuda a comprender la importancia que toman estas problemáticas en la percepción de desigualdad. Por otra parte, la antigüedad de las migraciones también es un elemento que puede explicar el lugar que ocupa la condición migratoria en los relatos sobre experiencias de vulneración de derechos. Se trata de personas instaladas hace muchos años en el país, que cuentan con redes sociales amplias y han desplegado distintas estrategias familiares en la metrópolis. En este sentido, el barrio se constituye, aun considerando las grandes privaciones de sus residentes, en una oportunidad para acceder a una fase residencial de mayor estabilidad relativa y cierta consolidación.

Ahora bien, a pesar de que la condición migratoria parece ser ocultada o subordinada a otro tipo de desigualdades, es posible interpretar este tipo de operaciones narrativas, recuperando la idea de los silencios estratégicos. En este caso, en el marco de un complejo proceso de búsqueda de legitimidad de las y los habitantes de este barrio informal se prioriza la condición de mujeres, madres, –sin casas– de las referentes que borra o desdibuja, al menos parcialmente, la posición migratoria, la –paraguayidad–, con la que se suele describir, muchas veces en términos peyorativos, a esta porción del territorio matancero. Este silencio opera con más fuerza en la construcción de un relato barrial homogéneo dirigido –hacia afuera– que busca posicionar al barrio por fuera de los debates –de origen– de sus habitantes y cierta mirada estigmatizante, y hace énfasis en las necesidades de tierra y vivienda de las mujeres y sus familias. Simultáneamente, hacia el interior del barrio estas heterogeneidades son asumidas como un elemento de identificación en las trayectorias migratorias, que configura parte de las experiencias del pasado de las y los vecinos/as.

Palabras clave: desigualdades socio-territoriales, periurbano, migraciones, interseccionalidad, informalidad

PENSAR LAS MIGRACIONES EN CIUDADES INTERMEDIAS. UN ANÁLISIS EXPLORATORIO EN LA CIUDAD DE RAFAELA, ARGENTINA

Tipo de presentación: Ponencia

Villalba, María Laura²¹

Zenkhusen, Denise²²

Resumen

A nivel internacional, la mayoría de los estudios sobre los procesos migratorios en destino se situaron en las grandes metrópolis, en particular en aquellas ciudades denominadas globales (Pries, 1999; Portes, 2001; Sassen, 2006). Esto se explica en que la mayor parte de las poblaciones en movimiento se dirigen hacia esos destinos, dando lugar a lo que Balbo (2005) define como *urbanización de las migraciones*. En Argentina, y en consonancia con estos trabajos realizados en esos contextos, la mayor parte de los estudios sobre migraciones se localizan en las grandes urbes o capitales de provincias como Ciudad Autónoma de Buenos Aires, La Plata, Córdoba, Rosario, Mendoza, Salta y San Salvador de Jujuy y abordan específicamente la migración internacional. Encontramos una vasta trayectoria de investigaciones de corte cualitativo que reflexionan sobre los procesos migratorios internacionales en contextos urbanos (Caggiano y Segura, 2014; Canelo, 2013; Magliano, Perissinotti y Zenklusen, 2014; Mera, 2012; Sassone, 2007; Segura y Matossian, 2018; Vacotti, 2017, por nombrar solo algunas). En contraposición, lo que sucede con flujos migratorios internacionales hacia ciudades medianas o de menor escala se encuentra comparativamente menos estudiado (Gavazzo y Gerbaudo Suarez, 2020; Perren, 2011; Matossian, 2018).

Asimismo, las migraciones internas en Argentina, han sido objeto de investigación desde la década del sesenta, ante la movilidad de trabajadores hacia las grandes urbes desde la década del 40 en adelante (Trpin y Rodríguez, 2015). Los contingentes que se fueron estableciendo en las periferias de las grandes ciudades, movilizadas por la industrialización que alentaba el éxodo rural-urbano, despertaron el interés de las ciencias sociales como muestran las investigaciones de Jelin, 1976; Ratier, 1971.

Como sostiene Noel (2017), el interés de las ciencias sociales por lo urbano radica en la metrópoli moderna que llevó a que las investigaciones de la sociología y la antropología urbana –y también los estudios sobre migraciones– se enfocaran en las aglomeraciones de mayor tamaño en detrimento de los núcleos poblacionales medianos y pequeños. Siguiendo a Noel y Segura (2016), este –sesgo– tiene efectos en tanto producen una generalización indebida sobre la base de un caso: el de las grandes ciudades. En las últimas décadas, y como consecuencia de un proceso de transformación a nivel regional cuyas principales características incluyen el crecimiento relativamente rápido de centros secundarios y la emergencia de un sistema urbano más complejo; la atención comenzó a desplazarse en dirección a aglomeraciones de menor tamaño y en muchos casos relativamente alejadas de las correspondientes metrópolis (Noel y Segura, 2016).

Rafaela, originada como tantas otras colonias agrícolas de la provincia de Santa Fe, atravesó diversos procesos sociales y productivos que le permiten diferenciarse del resto de las localidades de la región. Uno de los rasgos específicos de la historia de la ciudad es que la composición de su población se

²¹ Universidad Nacional de Rafaela.

²² CIT de Rafaela (CONICET y UNRaf), FTS-Universidad Nacional de Entre Ríos y FCEC-Universidad Nacional de Rafaela.

fue configurando con el aporte migratorio; desde su formación, incrementó su población con migrantes europeos, especialmente italianos y españoles. Algunos estudios de corte histórico enmarcan a Rafaela y la región bajo la categoría de la –pampa gringa– (Gallo, 1983; Biagoni y Crolla, 2018), es decir, como la zona de la región pampeana que fue poblada por migrantes europeos –gringos– en el último tercio del siglo XIX como consecuencia de políticas estatales de fomento a la colonización agropecuaria. A mediados del siglo XX, y en concordancia con el proceso nacional, se le sumaron las dinámicas internas siendo receptora de migrantes provenientes de ciudades de otras provincias. Este proceso, que llevó a conformar el entramado social de Rafaela, fue estimulando un sentido de heterogeneidad que se presenta en el imaginario como un espacio sin identidad y que de alguna manera altera al –rafaelino/rafaelina–.

A comienzos del siglo XXI la ciudad comenzó a vivir otros procesos migratorios que difieren de aquellos del siglo pasado. Por un lado, la movilidad de nuevos pobladores/as de localidades más pequeñas y de otras provincias a la ciudad. Por el otro, la llegada de migrantes de países como Bolivia, Paraguay, Perú, Colombia y Senegal. Rafaela se constituye, así como un territorio en donde confluyen diferentes experiencias migratorias que comienzan a disputar aquella identidad definida sobre la migración europea. Particularmente, aún son escasos los trabajos que abordan las migraciones recientes a la ciudad desde una perspectiva que ponga especial atención a la complejidad de la escala intermedia de lo urbano. En este marco, este trabajo se propone abonar el cruce de dos campos de estudios: el de las migraciones y el de los estudios urbanos. Puntualmente, busca reflexionar sobre la articulación entre migraciones (internas e internacionales) y las ciudades intermedias. Para ello, en primer lugar, realiza un recorrido bibliográfico por diferentes estudios que desde América Latina y Argentina abordan este cruce. En segundo lugar, la ponencia recupera las potencialidades de la categoría teórica de –ciudades intermedias– para reflexionar sobre los procesos migratorios y la experiencia de los y las migrantes. Finalmente, y a partir de un trabajo de campo exploratorio de carácter cualitativo, indaga en los procesos migratorios en la ciudad de Rafaela, provincia de Santa Fe y la relación con las transformaciones urbanas.

La propuesta busca romper con las barreras que se han establecido, informalmente, dentro de las investigaciones sobre las migraciones que separan aquellas provenientes del exterior de las que se originan al interior del país. En muchos casos, presentan similitudes y experiencias compartidas que es necesario reconstruir. Atender a la localización de estos procesos ofrece un nuevo lenguaje que permite asociar actores, trayectorias y escenarios de maneras más flexibles, múltiples y sensibles a las complejidades empíricas. En esta línea, las preguntas que orientan esta ponencia se relacionan con la necesidad de reconstruir los procesos a través de los cuales los y las migrantes internos e internacionales se relacionan, interactúan y acceden a la ciudad.

La ausencia de estudios sobre las migraciones recientes en ciudades intermedias convierte en urgente la necesidad de visibilizar e investigar este fenómeno social con una mirada puesta en lo local y con miras a dialogar con el contexto nacional y regional, con el objetivo de abordarlo en su integralidad.

Palabras clave: migraciones, ciudades intermedias, Rafaela, estudios urbanos

TRAJETÓRIAS E CIDADANIA: O COTIDIANO DE MIGRANTES NO CENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO.

Tipo de presentación: Ponencia

Caio da Silveira Fernandes²³

Resumo

Desde o ano de 2010 o cenário migratório no Brasil tem apresentado profundas transformações, seja pelo aumento e pela diversificação de nacionalidades e rotas migratórias, como pelas novas reconfigurações no –regime fronteiriço e migratório de governabilidade– (DOMENECH, 2020). Como resultado, novos lugares passaram a conviver de maneira mais próxima com a migração e renovadas questões emergiram. Por outro lado, à despeito dessas novas espacialidades no país, algumas cidades mantiveram sua posição de centralidade dentro do quadro migratório brasileiro. É o caso da cidade de São Paulo, sudeste do Brasil. Destino de grande parte dos migrantes ao longo do século XIX e XX, a cidade e sua região metropolitana manteve-se como um dos principais locais de presença migratória no país. Somado a isso, o município tem sido reconhecido positivamente pela sua ampla e diversificada composição de atores que atuam em prol da migração, como: igrejas, ONGs, Universidades, coletivos, centros culturais, Defensorias Públicas, entidades internacionais, etc.

Entretanto, apesar de muitas iniciativas que possuem como objetivo a criação e promoção dos direitos migratórios, no cotidiano esses sujeitos continuam enfrentando muitos obstáculos, como: dificuldade em conseguir emprego (formal ou informal) e moradia, o preconceito e a xenofobia, as dificuldades de acesso aos recursos públicos e sociais do país. Dessa maneira, o que se apresenta é uma realidade em que não somente os migrantes transformam as cidades a partir de suas práticas diárias, mas também suas trajetórias de vida, identidades, projetos migratórios, são redefinidos a partir da relação com as hierarquias e desigualdades encontradas na cidade. Assim, o objetivo do trabalho é compreender as diferentes formas que a cidadania assume nesse contexto marcado por expansão dos direitos e a precariedade.

Metodologicamente, utilizo dados provindos de um trabalho de campo etnográfico realizado entre março de 2019 e março de 2020 em um bairro central da cidade chamado, –Baixada do Glicério–.

Mais especificamente, a observação participante foi realizada em dois locais: i)

–Missão Paz–, um dos principais centros de acolhida para migrantes do Brasil e que pertence à igreja católica. No local realizei a pesquisa na condição de voluntário em uma das atividades da instituição, denominada de –Eixo-Trabalho–. Ali atuava como mediador das entrevistas de emprego entre empresários e migrantes. ii) Centro Cultural da Guiné Conacri, criado por migrantes dessa nacionalidade. No local atuava como colaborador do centro em pequenas atividades, além de acompanhar os eventos realizados e a trajetória de Abou, criador do Centro.

Historicamente, desde o final do século XIX a –Baixada do Glicério– é um bairro marcado pela presença de grupos socialmente indesejados e marginalizados, como: escravos e ex-escravos, indígenas, migrantes (nacionais e internacionais) e que em sua maioria habitou e habitam cortiços e pequenos apartamentos antigos. Em sua configuração atual essa característica se mantém, mas com a soma de distintas igrejas, projetos sociais, o crime organizado e um processo de gentrificação imobiliária. Atualmente, também, o bairro é composto por migrantes de várias nacionalidades que, além de retrata-

²³ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: caio_fernandes1986@hotmail.com

rem o atual momento migratório no Brasil, negociam sua existência diária e sua condição migratória com os diversos processos em curso no local.

A partir do acompanhamento de algumas trajetórias desses atores na cidade e dos fragmentos da vida cotidiana captados em entrevistas e observações de campo, foi possível identificar não somente as formas pelas quais a condição migratória é mediada e interligada com a vida na cidade, mas também as diferentes expressões das formas concretas e desiguais de se viver a cidadania. Pra isso, parto de um conceito de cidadania no qual as normas, leis e direitos que compõem o princípio de igualdade política democrática, princípios básicos do ideal de cidadania, não podem prescindir das formas pelas quais esses princípios se entrelaçam com as práticas rotineiras e experiências cotidianas dos migrantes (STAEHELI, et. al. 2012). Em outras palavras, trata-se de compreender a cidadania como produto da *relação e tensão* entre os princípios de igualdade e as hierarquias e desigualdades sociais (HOLSTON 2008; FELTRAN, 2010). É nesse sentido que se torna fundamental atentar para as práticas cotidianas dos migrantes e para as formas pelas quais essa tensão é mediada. Para isso, parto do conceito de –social nonmovements– Bayat (2018) que enfatiza as lutas constantes na precariedade para a sobrevivência e melhora das condições de vida. Como característica principal, os –social nonmovements– não apresentam estrutura organizada, lideranças, ideologia, organização ou objetivos políticos definidos. Ao contrário, são sujeitos que se somam a indivíduos e pequenos coletivos atomizados, embora articulados em pequenas redes, que transitam entre o legal e ilegal, o formal e informal, organizam pequenas ações comunitárias, fazem uso temporário de ações promovidas por ONGs, coletivos políticos e políticas sociais. Dessa forma, a depender dos engajamentos dos migrantes e das condições concretas materiais dispostas na cidade, a relação entre direitos e desigualdades transitará por diversos caminhos, assim como a própria trajetória migrante.

Palavras-chave: Migração Internacional, Cotidiano, São Paulo, Cidadania, Desigualdade

PENDULARIDADE POR MOTIVO DE TRABALHO E ESTUDO NA REGIÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA (RMFS)

Tipo de presentación: Ponencia

Carvalho, Ricardo Monteiro de²⁴

Queiroz, Silvana Nunes de²⁵

Resumo

Os estudos sobre os movimentos pendulares são recentes na literatura brasileira, principalmente em relação ao Nordeste e em especial a Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS), instituída no ano de 2011. Assim, este artigo se propõe analisar e comparar as características da mobilidade pendular na RMFS. Para isso, a principal fonte de informações são os microdados da amostra do Censo Demográfico 2010. No tocante as características populacionais e socioeconômicas, observa-se disparidade entre o núcleo metropolitano (Feira de Santana) e os demais municípios no entorno da metrópole. Em relação ao movimento pendular, os resultados apontam Feira de Santana como principal polo de absorção de trabalhadores e estudantes, enquanto São Gonçalo dos Campos é o principal perdedor de pessoas diariamente, com principal destino Feira de Santana. Tal dinâmica está relacionada com os investimentos em Feira de Santana, que concentra oportunidades de trabalho e estudos. Contudo, uma das justificativas para a criação da RMFS seria a interação entre os municípios que a compõem, ao compartilhar serviços, diminuir a concentração das atividades e tornar os municípios periféricos menos dependentes do núcleo metropolitano.

Introdução

Os movimentos pendulares são importante instrumento para entendermos o processo de urbanização e metropolização. A necessidade desses deslocamentos evidencia a importância, no ambiente metropolitano, do acesso aos espaços que oferecem educação, saúde, trabalho, entre outros (NUNES, 2018).

No Brasil, a mobilidade pendular é um fenômeno relativamente recente, cresce significativamente a partir dos anos 1970, com as institucionalizações das Regiões Metropolitanas no país, em especial no Sudeste. (ARANHA, 2005). Em relação as Regiões Metropolitanas do Interior do Nordeste (RMINEs), a primeira metrópole criada foi em 2005. Desse modo, este trabalho tem como objetivo principal analisar, de maneira comparativa, a mobilidade pendular entre os seis municípios que fazem parte da Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS), criada em 2011, e localizada no interior do estado da Bahia, isto porque, até o momento não se conhece estudos sobre pendularidade nesta metrópole.

Metodologia

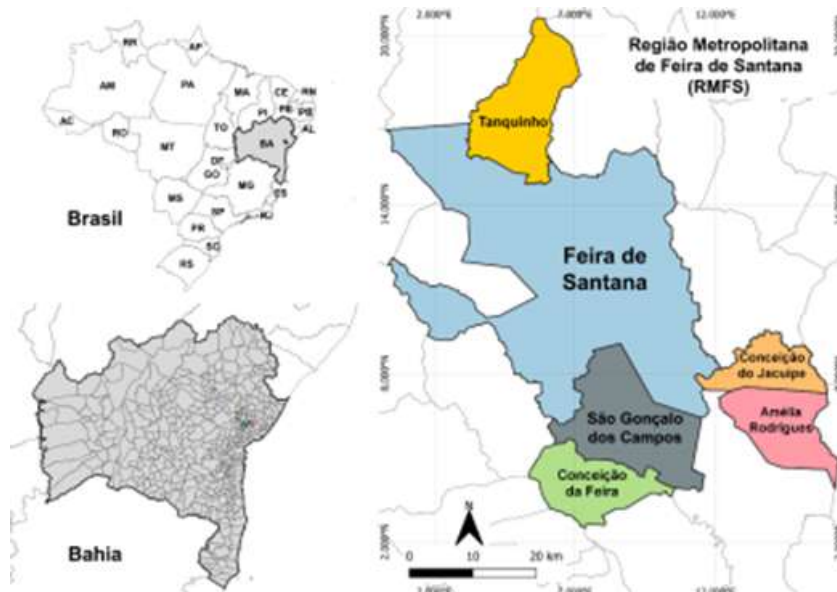
A RMFS é formada por seis municípios (Amélia Rodrigues, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos e Tanquinho), sendo a área de estudo deste trabalho. Por sua vez, os microdados da amostra do Censo Demográfico 2010, fornecidos pelo Instituto Brasi-

²⁴ Universidade Regional do Cariri, E-mail: ricardo.monteiro@urca.br

²⁵ Universidade Regional do Cariri, E-mail: silvana.queiroz@urca.br

leiro de Geografia e Estatística (IBGE), são a principal base de informação.

Mapa 1: Localização da Região Metropolitana de Feira de Santana



Fonte: Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMEC-CNPq-URCA).
Resultados

A Matriz 1 mostra que os deslocamentos rotineiros (casa – trabalho e casa – estudo) na RMFS, em 2010, envolve 8.116 pessoas. A metrópole, Feira de Santana, sozinha, recebeu 6.614 indivíduos, o equivalente a 76% de todo o fluxo pendular da RMFS. Isso, em parte, é devido Feira de Santana possuir grandes centros industriais, instituições de ensino, lazer e saúde. Em relação as saídas, 1.079 pessoas deixam Feira de Santana diariamente em direção aos demais municípios. Assim, na RMFS, Feira de Santana é o único município com saldo pendular positivo (5.085).

Matriz 1: Mobilidade pendular por motivo de trabalho e estudo – RMFS – 2010

		Município de trabalho e estudo							
		Conceição do Jacuípe	Feira de Santana	São Gonçalo dos Campos	Tanquinho	Total de saída			
Muni- cípio de resi- dência	Amélia Rodrigues	0	9	368	1.374	0	0	1.751	
	Conceição da Feira	10	0	6	540	128	0	684	
	Conc. do Jacuípe	163	23	0	1.055	0	0	1.241	
	Feira de Santana	166	186	216	0	405	106	1.079	
	São G dos Campos	0	163	0	2.765	0	0	2.928	
	Tanquinho	0	0	0	430	3	0	433	
	Total de chegada	339	381	590	6.164	536	106	8.116	
	Saldo pendular	-1.412	-303	-651	5.085	-2.392	-327	0	

Fonte: Microdados da amostra do Censo Demográfico 2010 (IBGE). Elaborado pelo Observatório das Migrações no Estado do Ceará (OMEC-CNPq-URCA).

Quando comparado a Feira de Santana, Conceição do Jacuípe é o segundo município ao receber diariamente 590 pessoas (7,3%), vindas principalmente de Amélia Rodrigues (368). Possivelmente, está ligado as suas atividades econômicas, pois o município detém o segundo maior PIB (8,8%) da RMFS. Por outro lado, 1.241 pessoas deixam o município, principalmente em direção a Feira de Santana (1.055), implicando em um saldo pendular negativo de 651 de pessoas.

Por sua vez, São Gonçalo dos Campos é o terceiro município a receber mais indivíduos na RMFS, com 536 pessoas (6,6%), provindas principalmente de Feira de Santana (405). Em contrapartida, São Gonçalo dos Campos é o município que mais perde pessoas na RMFS, pois diariamente 2.928 pendulares deixam o município, ficando com o maior saldo pendular negativo (-2.392 pessoas). Diante disto, por apresentar um volume acentuado de saídas, por estar próximo a metrópole Feira de Santana e fácil acesso aos demais municípios da RM, São Gonçalo dos Campos apresenta características de cidade-dormitório.

Conceição da Feira configura-se como o quarto município a receber mais indivíduos, com um volume de 381 (4,7%) pessoas, vindas principalmente de Feira de Santana (186). No tocante as saídas, perde diariamente 684 pessoas, assim, Conceição da Feira aponta um saldo pendular negativo de 303 pessoas. Por sua vez, Amélia Rodrigues recebe 339 (4,2%) pessoas provindas de Feira de Santana (166) e Conceição do Jacuípe (163), e apresenta uma saída de 1.751 indivíduos em direção a Feira de Santana (1.374) e Conceição do Jacuípe (368), ficando com um saldo pendular negativo de 1.412 pessoas. Por fim, Tanquinho recebeu apenas 106 (1,3%) pessoas, todas vindas de Feira de Santana e indica uma saída de 433 pessoas, por isso, Tanquinho mostra um saldo pendular negativo de 327 pessoas.

Conclusão

Os movimentos pendulares são um grande instrumento para decifarmos os processos de urbanização e metropolização das cidades, por isso, a pendularidade ganha força nos estudos. No Brasil, os movimentos pendulares ainda são recentes e passa a ter significância a partir dos anos de 1970, quando surgem as primeiras regiões metropolitanas no país.

Com relação a mobilidade pendular na RMFS, o município de Feira de Santana centraliza a atratividade populacional diária, que tem relação com o seu dinamismo econômico. Nesse sentido, é preciso colocar em prática os objetivos propostos durante a sua institucionalização, que seria descentralizar as atividades, melhorar a interação entre os seis municípios, além de apresentar estratégias de desenvolvimento em conjunto, para que não permaneça a concentração de trabalhadores e estudantes em apenas um município (Feira de Santana) da metrópole no interior da Bahia.

Palavras-chave: Pendularidade. RMFS. Trabalho. Estudo.

ENTRE LAS BURBUJAS DE LA CIUDAD...

Tipo de presentación: Ponencia

Elizabeth Rojas del R.²⁶

Resumen

El presente artículo tiene por objetivo visibilizar el retorno de vetustas prácticas laborales realizadas por parte de la población migrante que reside en la Ciudad de Buenos Aires, en la actual fase financiera global. Para esta tarea se apeló a un ejercicio de observación- participantes por diversos lugares de hospedajes, a los que se accedió a través de la web. Este nuevo escenario donde se mezclan turismo, migraciones y flexibilidades laborales, hace replantearnos las nuevas fuerzas sociales y las formas laborales que emergen en la modernidad. A través de entrevistas, sitios de internet, revistas, nos lleva a replantearnos

¿Hacia dónde vamos en materia laboral? El debate está abierto y en plena construcción...

El escenario actual está bombardeado por la promoción de viajes y el consumo a nivel global de servicios de hospedajes, acompañados por costos de traslados cada vez más accesibles producto de la alta competitividad. La vida nómada ha empezado a colarse entre quienes migran. Esto ha sido auspicioso para una parte de la población migrante, pero como todo tiene su contra-cara. Vale diferenciar entre las migraciones que buscan mejorar su calidad de vida, ya sea buscando otras oportunidades laborales, por estudios, por la vida misma en otros lugares, entre otras migraciones más esporádicas que van mutándose entre quienes toman la decisión de cruzar las fronteras. El espacio de las ciudades globales se ha convertido bajo esta lógica en el caldo de cultivo adecuado para las migraciones antes descriptas, entre quienes planifican a partir de algunos contactos ofrecidos por las propias páginas web de los lugares de destinos.

La Ciudad de Buenos Aires (Sassem, 2020) conforma parte de esas citys que conforman los denominados destinos globales tanto para la migración interna como externa, valga está última aclaración, como en otra hora lo fuera allá por los años 30', resurgiendo los modos de contratación de servicios laborales tienden a flexibilizarse y precarizar, reaparece la locación de servicios en su sentido más llano. Es dable considerar el punto de vista geopolítico, este nos indica que desde el 2008 en adelante muchas ciudades se han visto reconfiguradas por el avance de la línea financiera que disputa el poder no sólo en el plano económico, sino que tensiona y reconfigura estructuras no sólo físicas, es decir territoriales, sino también jurídicas- sociales, dando coletazos a otras líneas de proyectos políticos propios tanto en plano local como global (Diercksxsen & Formento, 2016)

Por su parte, podemos observar los distintos actores que promueven cada vez más la estandarización global financiera contractual en varios ámbitos de la vida cotidiana.

Desde los mass – media que tienen un rol de fomentar estos lugares mostrando sólo luces de colores. Emergen así nuevos actores, pequeños propietarios que van sumándose a la especulación de no pagar por servicios prestados, naturalizando luego lo que reprocha con moralinas. Se enmascara no sólo trabajo no pago ni registrado, sino una gama de evasiones en quien ya se ha vuelto perspicaz en el conocimiento de las reglas de este juego, el paraguas de lo comunitario se ve entretejido en redes

²⁶ Candidata a Magister en Estudios de las Mujeres y de Género de la U.N.Lu. Docente en Migraciones, Territorio y D.D.H.H. en tiempos de incertidumbre: una mirada desde los sistemas complejos. Abogada- Integrante de la Red Federal de Mediadoras con perspectiva de Género. Investigadora Independiente.

tecnológicas y base de datos no registrados que no se comunican (Félix Marteau, 2010)

Las narrativas de quienes migran logran engrandecer los pros más que contra, al parecer quedan eclipsados renunciado a sus derechos sociales y laborales, las oportunidades de permanecer en la ciudad global son muy apreciadas cada vez más entre las y los jóvenes. El intercambio laboral pasa a ser casi un cuasi –contrato de locación de servicios, una especie de trueque no podría configurarse porque no se intercambia cosa con cosa, sino servicio por cosa, por eso una cuasi locación en su versión neo-global, no apreciándose la asimetría existente entre quien detenta la propiedad del Hostal y la multifacética de actividades laborales, enmarcadas bajo servicio de *voluntariado*. El fomento de lo *nómada de la ciudadanía global* va aparejado con su aparente lado *performativo*, dejando cada vez de lado las prerrogativas de la *categoría de migrante*. (Rojas, 2020).

Lejos ha quedado la fotografía de los zaguanes y conventillos, sin embargo, muchas de estos hostales se despliegan en un espacio físico central en las principales comunas de la ciudad, con fachadas agnionardas eclécticamente. Los hostales a su interior, poseen habitaciones donde se mezcla el estilo vintage (decoración) con toques de optimización de cada metro cuadrado. Hay algunas que son más modernas, incluso cuentan con tecnología incorporada. Por momentos se cuele la imagen de literas que posan como nichos en sus cuartos, donde el aire está enraizado entre el silencio y los murmulos. La Ciudad global (Sassem, 2020) en este caso financiera como lo es la City porteña, ha hecho que se pase la voz entre los jóvenes y jóvenes, quienes se suman cada vez más eligiendo esta opción de vida. Sus narrativas varían, entre aquellos que quieren conocer más lugares y aceptan el voluntariado, y otras voces que interpelan; pero se ven dificultados por momento de poder acceder a un contrato laboral formal. Cabe tener presente que las diferencias con las migraciones internas parecen desdibujarse. Simplemente hay migrantes en transición y/o residentes.

IMIGRANTES LGBT+ EM FLORIANÓPOLIS/SC: O PAPEL DAS REDES SOCIAIS PARA (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL

Tipo de presentación: Ponencia

Lucas Matias da Silveira²⁷

Resumo

As cidades são destino da população migrante LGBT+²⁸, pois, por meio delas, conquista-se um anonimato que permite vivenciar toda a sexualidade e identidade do indivíduo, já que em seus locais de origem nem sempre há uma sociedade aberta ou redes de apoio que auxiliem no enfrentamento de fronteiras simbólicas e preconceitos existentes na sociedade local.

Além de migrantes LGBT+, as cidades recebem indivíduos que não se identificam como LGBT+ (ou que nunca se perguntaram quanto a sua sexualidade), que migram por diversos motivos: melhores condições de vida, de emprego, de estudo, entre outros. Quando estes sujeitos mudam de cidade, encontram uma sociedade diferente da qual convivia, assim, estas impactam nas ideias dos migrantes como sujeitos integrados a sociedade: o que antes era tomando como fixo, coerente e estável é levado a dúvida, incerteza, a uma crise de identidade (HALL, 2019).

Essa pesquisa, em andamento como dissertação de mestrado, objetiva identificar o papel das redes sociais da população imigrante LGBT+ em Florianópolis na (re)construção de uma identidade sexual, e, partir disso: (1) Identificar os motivos migratórios da população LGBT+ e o porquê da escolha de Florianópolis; (2) Caracterizar o perfil dos imigrantes LGBT+; (3) Identificar como se deu a construção das redes sociais migratórias; (4) Identificar os locais que fazem parte da subcultura LGBT+ de Florianópolis; (5) Relacionar os objetivos 3 e 4 com o processo de (re)construção da identidade de gênero e sexual dos imigrantes em questão.

Esta pesquisa justifica-se pela investigação, criação e divulgação, de novas práticas identitárias que perpassam pela sociedade, de modo que se compreenda como o processo de (re)construção da identidade sexual atravessa vários fatores nos quais os imigrantes da população LGBT+ do município de Florianópolis/SC, Brasil, enfrentam.

A pesquisa refere-se ao município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, Brasil. Pois acredita-se tratar de um local de imigrantes LGBT+. Segundo Censo de 2010 (IBGE²⁹), 15% da população do município são imigrantes, número este significativamente superior em comparação a outros grandes centros urbanos do Brasil. Além disso, há uma parcela considerável de casais que residem com cônjuge do mesmo sexo: 0,11%, maior que em outras capitais nacionais. Pode-se supor que muitos imigrantes de Florianópolis são LGBT+, constituindo assim uma cidade de imigrantes LGBT+, para qual os sujeitos migram com as identidades de gênero e sexual definidas ou alteram suas identidades após a migração.

Esta pesquisa, baseia-se na abordagem quantitativa-qualitativa são complementares (MINAYO, 2001). A partir da técnica de formulário, por meio de um *survey* (GIL, 2011), caracterizar-se-á o perfil dos imigrantes LGBT+, seus motivos migratórios e os locais que fazem parte do circuito de subcul-

²⁷ Mestrando Planejamento Urbano e desenvolvimento Socioambiental – PPGPLAN, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC lucasmatiass@hotmail.com

²⁸ Sigla para referir a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travesti, Transgênero ou outra identidade de gênero ou sexual que seja minoria.

²⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

tura LGBT+ em Florianópolis. Para a análise dos processos sociais existentes nesses locais, planeja-se realizar uma etnografia multi-situada (MARCUS, 1999), caso a condição da COVID-19 o permita; caso contrário, esta fase da pesquisa será anulada.

Após a inserção em campo, a pesquisa contará com informantes dispostos a serem entrevistados, projeta-se realizar uma entrevista na perspectiva de história de vida (BONI e QUARESMA, 2005) identificando como se deu a construção das redes sociais no processo migratório e relacionando-as os locais do circuito de subcultura LGBT+, se ocorreu uma (re)construção da identidade de gênero ou sexual por meio das redes ou por outros fatores.

Foram adotados conceitos norteadores a fim de embasar o arcabouço analítico sobre as questões levantadas.

O conceito de redes sociais migratórias justifica-se pela nova onda de migração, em que se foca o auxílio entre pessoas com poucos recursos, apontando para importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino (ASSIS, 2007). Verifica-se que as redes sociais são a primeira perceptiva do imigrante do novo local, facilitando sua instalação, acolhimento, interação, construção de sentimento de pertencimento. A identidade é moldável a partir, também, das relações construídas no decorrer das vidas. Assim, a identidade não é imposta e fixa, ela é (re)construída a todo momento a partir das relações sociais e do espaço-tempo em que o sujeito se encontra (HALL, 2019).

A cidade possibilita a liberdade sexual, por possuir espaços agregadores, nos quais a população LGBT+ possa vivenciar toda sua sexualidade e gênero. Essa população ganha importância pela comunicação, inter-relação no cotidiano e na construção dos modelos de vida urbana para sujeitos em questão e nas fases iniciais da construção de uma identidade LGBT+, formando um circuito de subcultura LGBT+. (VIEIRA, 2011; MENESES, 2000).

Palavras chaves: migração; redes sociais; (re)construção da identidade

NACIONALISMO, HOSPITALIDAD Y DISCRIMINACIÓN DE LA MIGRACIÓN EN MÉXICO. UNA MIRADA DESDE LA INTERSECCIONALIDAD

Tipo de presentación: Ponencia

Ana Melisa Pardo Montaña³⁰

Resumen

Aunque México ha sido tradicionalmente un país expulsor de población, también se ha caracterizado por la migración de retorno, la migración de tránsito y la recepción de migrantes de diferentes lugares del mundo. Sin embargo, recientemente se ha evidenciado en México cierta discrecionalidad en la recepción de algunos grupos de distintas nacionalidades, entre los que sobresalen colombianos, venezolanos y peruanos, entre otros, los cuales arriban al país sin el requerimiento de una visa, pero en ocasiones no se les autoriza el ingreso por parte de los funcionarios del Instituto Nacional de Migración (INM), quienes de acuerdo con su criterio deciden quién puede o no entrar al país, independientemente de que tenga un pasaporte de turista o cuente con algún permiso para residir o trabajar en México.

Como es sabido, el aumento de los flujos migratorios se genera, entre muchas otras causas por las desigualdades y los desequilibrios económicos, políticos y sociales que vive la población en distintos contextos internacionales: –El dispar reparto de la población entre las distintas partes del mundo, el injusto reparto de la riqueza y la desigual atribución de derechos y, por lo tanto, la desigualdad entre los tipos de vidas posibles en este mundo global, actúan como factores de dinamización del desplazamiento y como factores de producción de paradojas en el mundo– (Granado, 2012, p. 490). Este desplazamiento y dinamismo en las fronteras, si bien se había dado en general hacia países del primer mundo, las crisis económicas y políticas de años recientes en distintos lugares han originado movilidad entre contextos donde esto no era muy común.³¹

Uno elemento que ha destacado en el análisis de la expulsión de población, es lo que Granado (2012) denomina –paradoja demográfica–. Este término se refiere a la interacción entre la necesidad de los países ricos de –importar trabajadores– para sostener su igualdad económica con el cierre de fronteras a migrantes de menor nivel socioeconómico; es decir, favorecer el desplazamiento selectivo de las personas preparadas, las cuales no han logrado insertarse en el mercado laboral de su lugar de origen. Sin embargo, aunque Granado (2012) refiere al desplazamiento de países en desarrollo hacia aquellos con economías más desarrolladas, lo que se observa en la actualidad es que esta migración selectiva sucede también entre países con economías similares. Tal pasa con la migración intrarregional en América Latina.

A nivel general, esta preferencia por flujos migratorios con determinados perfiles pone de relieve la relativa facilidad para la libre circulación de capital y de personas con ciertas finalidades (el turismo, por ejemplo), pero que restringe la que tiene motivos económicos. Este es el caso de México, en el que existen desplazamientos que se restringen o facilitan de acuerdo con la raza, el género, la situación económica, el nivel educativo, entre otras características, lo que puede explicarse desde la perspectiva de la interseccionalidad.

³⁰ Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM analissa18@gmail.com

³¹ El incremento de la migración de españoles a países como México y Argentina; o la llegada a países latinoamericanos de migración africana.

En respuesta a este enfoque de criminalizar un tipo de migración, Mezzadra (2005) hace referencia al *derecho de fuga*, que aunque criticado porque podría ser una visión negativa desde el lugar de origen, donde se produce la partida, el autor lo defiende como una mirada que se origina en la subjetividad del migrante y en la ambigüedad de la condición migratoria con la idea de –poner en el centro de la discusión teórica y política la tensión entre la realidad de la opresión y la búsqueda de libertad, que es un rasgo característico de muchas experiencias migratorias– (Mezzadra, 2005, p. 16). De esta manera, se estarían confrontando las perspectivas del migrante en tanto víctima contra la del migrante que busca transitar y residir libremente, sin dar relevancia a las particularidades demográficas del individuo.

Un problema que encara esta perspectiva es la mirada que se le puede dar a la migración irregular (sea de tránsito o no), dado que desafía la soberanía de los Estados nación y rompe las fronteras, por lo que la discusión de libertad o libre circulación de Mezzadra la opaca el enfoque del migrante en su rol de sujeto subversivo (Granado, 2012) que traspasa el control territorial del Estado. Pero un matiz más que contiene el concepto de derecho de fuga se relaciona con el lugar de destino, donde el que llega es el extraño y que, dependiendo del contexto y de sus rasgos, puede invisibilizar o excluir al migrante. En México se observan distintos aspectos ligados al derecho de fuga, y a las dificultades que tiene la población para transitar libremente. Dichas dificultades pueden estar vinculadas con sus particularidades y a que en los últimos años ha aumentado considerablemente.

Considerando las implicaciones contenidas en el derecho al libre tránsito: pertenecer a una comunidad distinta y poder salir de ella sin miedo al desamparo (Mezzadra, 2005; Granado, 2012) —lo cual llevaría a considerar a todo ser humano como sujeto de derechos en los lugares de destino—, el objetivo de este trabajo es presentar un panorama general de la dinámica migratoria en México, además de la «aparición» de discursos enfocados en el nacionalismo, la hospitalidad y la discriminación que complejizan dicha dinámica. Se dará énfasis a las problemáticas relacionadas en particular con el derecho al libre tránsito y las dificultades recientes que enfrentan ciertos colectivos para ingresar y permanecer en el país, considerando la importancia que tiene la perspectiva de la interseccionalidad para entenderlas.

La información para llevar a cabo esta investigación proviene de los Censos de Población y Vivienda de México y de la Encuesta Intercensal del Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI) (1990-2020), la revisión hemerográfica de noticias sobre el tema, algunos testimonios de grupos de distintos colectivos en redes sociales, espacios virtuales en los que se han hecho distintas denuncias sobre el rechazo de esta población incluyendo el del INE y entrevistas semiestructuradas a migrantes de tránsito y residentes en México.

Palabras clave: Migración, discriminación, interseccionalidad, México.

GEOGRAFÍAS IMAGINARIAS DE LA MIGRACIÓN Y SU PAPEL EN LA LEGITIMIDAD DE LAS FRONTERAS TRANSNACIONALES

Tipo de presentación: Ponencia

Miriam Reyes Tovar³²

Isaías Daniel Hinojosa Flores³³

Resumen

A partir de una perspectiva colonial la visión que tenemos del mundo es el resultado de una condición que comenzó hace más de 500 años con el descubrimiento y su consecuente conquista sobre el –nuevo mundo–; así como el establecimiento de un sistema global de colonias, imperios, neo-colonias y estructuras postcoloniales. Esta perspectiva poscolonial, ha marcado un sistema global que divide el mundo en partes desiguales, se tiene un norte y sur, un tercer mundo y primer mundo, y también sociedades modernas y tradicionales. De acuerdo con Kozlarek (2007), estas dicotomías se refieren a –geografías imaginativas– que son producidas y reproducidas por una serie de discursos que siguen una epistemología hegemónica, y muestran que el propósito es la justificación de la concentración del poder político, económico y cultural en –el oeste‘, –el norte‘, –el primer mundo‘ o las –sociedades modernas‘.

Bajo esta perspectiva que Kozlarek destaca, se puede señalar la concentración de los discursos por legitimizar los territorios vía los Estado-Nación. A partir de una estructuración de los lugares de acuerdo con una perspectiva política que dicta las desigualdades entre los territorios y la interdependencia que se enmarca en las relaciones de poder, su inscripción en los territorios esta da en una concentración política, económica y cultural, tal como lo apunta Kozlarek, la cual ha sido el producto de un proceso histórico que ha dado como resultado la configuración de las geografías imaginarias que sustentan la forma en que estos discursos se han venido desarrollando y legitimizando.

En este sentido, el concepto de –geografías imaginarias– propuesto por Edward Said (1990), alude a los mecanismos imperialistas en la producción del –otro– y reflexiona en cómo debemos ser conscientes de hasta qué punto es posible que a muchos objetos, lugares y épocas se les asignen papeles y se les den significados que adquieren una validez objetiva sólo después de que se hayan realizado las asignaciones.

Ante esto, proponemos la idea de que es a partir de la divulgación mediática de la expansión y aceleración de la movilidad de las personas, donde podemos encontrar el rechazo hacia las prácticas de migración y la búsqueda por la legitimidad de las fronteras transnacionales como un campo de control cultural y territorial, donde la línea entre –aquí y allá–, entre el –centro y la periferia– establece los discursos que marcarán la perpetuidad de la frontera como un espacio en el cada Estado nación le dotará de sentido y significado de acuerdo al sistema de valores que pretenda imponer.

En el caso particular de México y los procesos migratorios que vive en su frontera norte y sur, queremos enfatizar el hecho de la movilidad, mediante el cruce de fronteras físicas que los migrantes realizan, para hablar de una problemática del espacio enmarcada en una nueva concepción del mismo, es decir, la frontera transnacional se convierte en el campo de orden y sentido de la legitimidad. Ante lo ante-

³² Profesora de Tiempo Completo y Directora del Departamento de Estudios Culturales, Demográficos y Políticos. Universidad de Guanajuato. miriam.reyes@ugto.mx

³³ Postdoctorante CONACyT. Universidad de Guanajuato. idhinojosaf@gmail.com

rior, Gupta (2007), señala que es necesario prestar particular atención en la forma en que los espacios y lugares son elaborados, de tal forma, la frontera se presenta como un espacio de reconfiguraciones territoriales, donde la percepción y prácticas que en ella se realizan, crean un espacio transfronterizo que se intenta legitimizar mediante interconexiones políticas, sociales, culturales y económicas.

Es en ese proceso de interconexiones, donde los movimientos territoriales, como lo es el transnacionalismo y la migración, nos ofrecen una forma de acercarnos a la referencia del territorio que puede ser destaca en los encuentros, y en un paisaje abierto por el cual se abre camino la modernidad, podemos observar un proceso de discontinuidad espacial que permite la posible emergencia de distintas versiones de la movilidad, como lo es la configuración de las territorialidades de la migración.

En el reconocimiento hacia la pluralidad, la multiplicidad de territorialidades, como lo es el caso de las territorialidades de la migración, aludimos al reconocimiento de la dimensión del espacio, donde además lo simbólico y lo imaginario pueden dar sentido a nuestro mundo cada vez más transnacional. Y en donde la frontera, se presenta como ese punto que demarca la re- configuración del territorio.

De tal forma, presentamos el análisis realizado a los discursos presentados en los noticieros y redes sociales sobre las caravanas de migrantes centroamericanos en su tránsito por las frontera sur y norte de México, a fin de destacar cuál es el discurso político y geográfico que se presenta de este proceso de movilidad, y cómo se simboliza ante los espectadores. Lo anterior con el objetivo de destacar la construcción de las geografías imaginarias de la migración y el papel que estas desempeñan en la legitimidad de las fronteras nacionales.

Palabras clave: Geografías imaginarias, migración, fronteras, transnacionalismo.

NOVAS CONFIGURAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS DA DIÁSPORA CHINESA EM CIUDAD DEL ESTE, SÃO PAULO E RECIFE

Tipo de presentación: Ponencia

Mariana de Albuquerque Vilarim³⁴

Bertrand Roger Guillaume Cozic³⁵

Resumo

O fenômeno migratório vem ganhando destaque nos últimos anos devido ao montante populacional que tem se deslocado globalmente. Em 2020, segundo o Relatório de Migração Global (OIM, 2020), foram 272 milhões de pessoas que se encontravam na condição de imigrantes. O panorama migratório se complexifica na contemporaneidade, tendo como causa os processos de globalização, as mudanças no mundo do trabalho, de cunho pós-fordista, além dos deslocamentos forçados variados, sejam por crises ambientais, guerras ou megaprojetos.

Observa-se, também, novas especializações nas migrações que diferenciam tanto os sujeitos, quanto as tradicionais sociedades receptoras, caso dos Estados Unidos, Canadá e Austrália, onde o volume migratório cresce, mas sua composição não se mantém aquela representada pelo europeu; já a Europa, de onde saíram muitos migrantes sentido os países de colonização, se transformou em local de destino (MASSEY et al. 1993).

Dentre essas novas configurações migratórias, pode-se destacar a América Latina e o Caribe que vem apresentando uma crescente na taxa de migrantes (SINCREMI, 2017). Na América do Sul, os deslocamentos internos também têm despertado atenção, especialmente frente aqueles que acontecem entre os países membros do MERCOSUL, o Mercado Comum do Sul, devido aos acordos de trânsito assinados. Contudo, essa migração intra-regional não simboliza a totalidade migratória. Há, também, uma presença asiática bastante expressiva, especialmente na Colômbia e no Brasil, onde entre 15-20% dos migrantes têm como origem o continente asiático (SINCREMI, 2017) e, em especial, a China. Nesse novo panorama migratório, a China tem se destacado com elevadas taxas, sendo o terceiro país que mais envia migrantes ao mundo, são 10.7 milhões de chineses vivendo em diáspora, segundo a mesma fonte de dados. Com uma história *sui generis*, a migração chinesa, que fora bastante expressiva durante o século XIX e o começo do século XX, época do espriamento dos trabalhadores *coolies*, a retomada migratória se deu com a abertura econômica, em 1978.

Desde então, o país asiático passou a estreitar os laços com vizinhos do Sudeste Asiático, mas, também, com países do além-mar, caso dos latino-americanos. Em parte, o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais visava mitigar os efeitos da Guerra Fria e, portanto, dos bloqueios econômicos, militares e tecnológicos. É nesse momento em que se inaugura uma nova fase migratória da China continental (VÉRAS, 2008). Antes da reabertura, os deslocamentos eram bastante restritos e aconteceram, sobretudo, durante os primeiros anos da Revolução de 1949, quando opositores ao regime empreenderam deslocamentos para várias partes do mundo e, em especial, para Taiwan, reducto nacionalista. É de Taiwan que partem muitos dos migrantes que nos interessa investigar neste

³⁴ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mariana.vilarim@ufpe.br;

³⁵ Professor Doutor do Departamento de Ciências Geográficas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: Bertrand.cozic@ufpe.br

artigo, que propõe uma análise migratória processual de três cidades sul-americanas, Ciudad del Este (Paraguai), situada próxima da fronteira com o Brasil; a cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo (Brasil); e a cidade de Recife, capital de Pernambuco (Brasil).

Parte-se da migração, a princípio, de chineses advindos de Taiwan para a cidade paraguaia, a partir da década de 1970, que fomenta a criação de um mercado de pequenos bens, largamente trazidos para o Brasil pelos sacoleiros, comerciantes que cruzam a fronteira transportando mercadorias que seriam revendidas no mercado nacional. Essa migração é acentuada, posteriormente, com a chegada de chineses continentais que somam, na década de 1990, cerca de 20 mil migrantes (PINHEIRO-MACHADO, 2006). A partir dos anos 2000, o crescente esforço do governo brasileiro em aumentar a fiscalização na Ponte da Amizade (Brasil – Paraguai) dificulta o escoamento dos produtos e leva muitos chineses a retomar as migrações. A criação desse mercado de pequenos bens, no Brasil, ganha proporções bastante relevantes. Já na década de 1990, nos centros das principais cidades, o produto *Made in China* tornou-se um artigo comum. Em São Paulo, esses produtos eram comercializados por brasileiros, mas também, por chineses que já moravam no país e por outros que se somavam aos demais, especialmente devido à extensa produção no país asiático.

Em Recife, por sua vez, se o mercado consumidor já se consolidava através dos produtos trazidos pelos sacoleiros, o migrante vem ocupar seu espaço neste comércio, na década de 2000 e, sobretudo, nos anos de 2010, quando se observa a abertura de diversas lojas e galerias de comerciantes chineses nas ruas do centro da cidade e, em especial, do bairro de São José. Loja aqui, loja acolá, uma brasileira, duas chinesas; duas brasileiras, uma chinesa, transformando a lógica de um tradicional comércio local e recriando nexos no cotidiano da cidade e do bairro.

Dessa forma, a proposta deste artigo, tem como objetivo analisar, a partir de referências bibliográficas e de trabalhos de campo realizados na cidade do Recife, a migração chinesa que se materializa através do comércio, observando, para tal, a historicidade recente e as conexões com as demais cidades supracitadas. Assim, a partir do objetivo exposto, podemos delimitar nossa problemática formulando a seguinte pergunta: Em qual medida a migração chinesa contribui em redefinir as territorialidades e espacialidades nas cidades escolhidas e, em particular, no Recife, Brasil.

Palavras-chaves: Migração, diáspora chinesa, Paraguai, Brasil.

RELIGIOSIDAD Y ESPACIALIDADES URBANAS. LA CELEBRACIÓN DE LA VIRGEN DE URKUPIÑA EN GAIMAN-CHUBUT

Tipo de presentación: Ponencia

Erica Silvana Weise Hurtado³⁶

Resumen

En los estudios migratorios y de la construcción de identidad en el territorio, el investigador analiza e interpreta las experiencias de vida del grupo, los artefactos, objetos materiales, signos y símbolos, valores y significados. Las experiencias de los migrantes implican procesos específicos a través de los cuales se recrean costumbres, festividades, celebraciones religiosas y generan diferenciaciones o formas de identidad entre distintos grupos sociales.

Es necesario conocer los procesos de movilidad de la población a nivel global para comprender las dinámicas locales y a la inversa las escalas locales permiten interpretar el fenómeno a escala global.

Las ciudades del Valle Inferior del Río Chubut, como ciudades estratégicas de la Patagonia Central han desarrollado una dinámica económica significativa que potencia la recepción de población. Es de interés en este contexto abordar el estudio de esas movilidades, las formas de integración y la construcción de las identidades relacionales en tanto los migrantes construyen o reconstruyen sus identidades. El caso que nos convoca es el de la celebración de la Virgen de Urkupiña por parte de migrantes bolivianos en la localidad de Gaiman, en la provincia del Chubut, que se inscribe como un caso más de traslado y resignificación de una festividad católica en un espacio de destino. Si bien este grupo migratorio lleva tres décadas instalado en el espacio rural del Valle Inferior del Río Chubut (VIRCH), hace cuatro años realizan esta celebración en el espacio urbano, festividad que vincula ambos espacios. Los espacios urbanos en la actualidad son el escenario donde se manifiestan y reproducen con mayor intensidad prácticas culturales que se vuelven partes fundamentales del proceso identitario y de integración en la sociedad receptora.

El análisis de estas prácticas religiosas facilita reconocer acciones de cohesión y construcción identitaria y formas de hacer visible la cultura andina acompañada de gastronomía, bailes y vestimentas típicas, entre otras manifestaciones.

La ciudad de Gaiman presenta un marco social atravesado por una fuerte impronta cultural vinculada a sus orígenes y fundación por parte de un grupo de inmigrantes galeses. Destaca la presencia de descendientes de este primer grupo al que se le suman otros de diversos orígenes, quienes forjaron los pueblos y la producción agrícola del Valle Inferior del Río Chubut (VIRCH) desde la llegada de los primeros galeses a partir de 1865.

Ante esta población de diversos orígenes, se presenta con una visibilidad cada vez mayor la comunidad agrícola de origen boliviano que cobra protagonismo a través de su rol fundamental en la productividad del valle y en la actividad comercial, tanto de productos de la horticultura como de indumentaria, entre otros rubros.

Al patrimonio cultural galés, con destacada e histórica presencia en la localidad a través de eventos culturales como el Gorsedd y Wladfa (ceremonia anual de recepción de nuevos miembros del Círculo Bárdico del Chubut), el Eisteddfod (en sus diferentes variantes: mini Eisteddfod, Eisteddfod de la Juventud, del

³⁶ FHycS-Dpto. de Geografía-IGEPAT-UNPSJB. silvinawaise@gmail.com

Chubut) y otras manifestaciones religiosas y culturales de otros grupos migrantes, se suma hace cuatro años la celebración de la Virgen de Urkupiña. Esta última se traslada del espacio rural al urbano, cobrando cada vez más notoriedad en cuanto al despliegue en el espacio público y a la masiva concurrencia de miembros de la comunidad boliviana y público en general de Gaiman, de otras localidades del VIRCH, de Pto. Madryn, Comodoro Rivadavia y de otras ciudades de provincias limítrofes como Sierra Grande, San Antonio Oeste (Río Negro) y Caleta Olivia (Santa Cruz).

Interesa conocer ¿cómo es la inscripción territorial de los migrantes bolivianos en el espacio urbano del valle a través de una práctica social y cultural como es la festividad de la Virgen de Urkupiña? ¿Cómo construyen su lugar a través de la liturgia, fiesta, bailes, comidas, vestimenta y desplazamientos?

El abordaje de esta festividad cultural y religiosa de origen migrante pone de manifiesto la necesidad de reconocer los procesos a través de los cuales las poblaciones migrantes construyen y manifiestan su identidad. El objetivo de este trabajo consiste en observar y analizar los procesos a través de los cuales los migrantes bolivianos en Gaiman construyen su identidad y reterritorializan una práctica cultural, vinculada a la liturgia católica.

El abordaje metodológico es de tipo cualitativo, con observación in situ, participante y entrevistas en profundidad a los migrantes que son parte de las celebraciones.

Palabras clave: migración boliviana- identidad cultural- práctica religiosa.



MESA 38

MESA 38: ECONOMÍAS/ECOLOGÍAS-MUNDO Y FRONTERAS DE MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores: Schweitzer, A.F; Lomba, R.M.; Pimienta Betancur, A.; Torres, R. y Jerez Henriquez, B.

MESA 38: ECONOMÍAS/ECOLOGÍAS-MUNDO Y FRONTERAS DE MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA EN AMÉRICA LATINA

*Coordinadores: Schweitzer, A.F.¹;
Lomba, R.M.²;
Pimienta Betancur, A.³;
Torres, R.⁴ y
Jerez Henríquez, B.⁵*

La expansión de la economía/ecología-mundo europea a partir del siglo XVI provocó profundas modificaciones en espacios y naturalezas del continente americano. La competencia entre capitales europeos y luego globales atravesó diversas fases, definidas desde los eslabones más altos de los circuitos de acumulación global en base a alimentos, materias primas y fuentes de energía. Necesito también alimentar estos circuitos con condiciones de apropiación, explotación-capitalización de la naturaleza y acumulación de capital: trabajo, alimentos, agua y nutrientes, otras fuentes de energía, transporte para asegurar el acceso a explotaciones y la salida de productos, así como de dispositivos sociales, culturales, políticos, institucionales y fiscales aplicados por parte de Estados nacionales y organismos multilaterales. Estas condiciones fueron generando desigualdades socio-territoriales crecientes. Fruto de estas estrategias de escalamiento del capital y de expansión de las fronteras de mercantilización de la naturaleza, se constituyen así territorios de acumulación incorporados al espacio global sobre los cuales, desde fines del siglo XX, se despliegan dinámicas centradas en megaproyectos y acaparamiento de tierras para conservación financierizada o extender espacios extractivos. Desde los primeros siglos y hasta la actualidad, estas estrategias de ajuste espacial mediante expansión de las fronteras de la naturaleza provocaron resistencias sociales, conflictos en escalas locales y regionales y, en la actualidad, colocan en crisis las propias condiciones de reproducción de la vida en vastos territorios. Con esta propuesta buscamos debatir en torno a las fronteras de mercantilización de la naturaleza por megaproyectos y acaparamientos de tierras en el espacio latinoamericano.

¹ Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Universidad Nacional de la Patagonia Austral, Argentina.

² Universidade Federal do Amapá, Brasil.

³ Universidad de Antioquia, Colombia.

⁴ Universidad de Concepción, Chile.

⁵ Observatorio Plurinacional de los Salares Andinos, Chile.

LA FRONTERAS DE LAS FINANZAS Y DE LA NATURALEZA EN PATAGONIA SUR

Alejandro Schweitzer⁶

La correlación entre finanzas y naturaleza no es algo nuevo, viene desde épocas del comercio de larga distancia del Siglo XI, con los seguros en caso que tormentas o plagas y se intensificó con la conquista de América con la trata de esclavos y los galeones del tesoro, se extendió acompañando la expansión de los intercambios mercantiles y se profundizó avanzando sobre nuevos espacios de mercantilización con la industrialización y la globalización de los intercambios comerciales.

En la década de 1980 se consolida un complejo de seguros y reaseguros, bonos-catástrofe frente a terremotos, huracanes o riesgos tecnológicos, seguros por riesgos de default de países afectados, reconstrucciones y para los primeros efectos de la crisis ecológica: pandemias, desaparición de especies, ecosistemas, bosques, provisión de agua y alimentos. En la década siguiente operan los bonos de carbono para compensar la emisión de gases de efecto invernadero, incluso la emisión de bonos por riesgos por inundación, incendios, etc que puedan sufrir tierras, aguas y ecosistemas. El sector financiero, grandes bancos, aseguradoras y fondos de pensión fueron empujando esta frontera hacia adelante, apostando más a las ganancias que al cuidado de la naturaleza. Desde 2005, con la entrada en vigencia del Protocolo de Kioto, el Banco Mundial, el FMI, la OMC, la ONU vía la FAO también fomentan esta economía “verde dólar, para financiar la adaptación al cambio climático y el cumplimiento de compromisos que se negocian en las cumbres por el clima, como las emisiones cero y los objetivos de desarrollo sustentable. Para estos organismos dominados por las grandes corporaciones, la transición energética es un negocio, pero es desigual, como sucede por ejemplo con la electrificación de los automóviles en los países más desarrollados, que lleva al avance del extractivismo de litio en nuestros países.

La naturaleza como objeto de financiarización es una de las manifestaciones más recientes y extremas de la crisis del capitalismo y de su expresión más reciente con la crisis del 2007 y 2008 y se constituye como una nueva frontera de la ecología-mundo. Ante la baja de la tasa de ganancia el capitalismo busca avanzar cada vez más sobre la naturaleza; incluso, si es necesario, hacia el espacio submarino, la Antártida o fuera del planeta. En la década de 2010 surgen bonos catástrofe (Cat Bonds); bonos catástrofe, mercados de derechos y compensación de emisiones, títulos de programas alimentarios, micro-seguros y derivados climáticos, que intervienen en agricultura, en casos de afectación de cosechas, seguros riesgos de desaparición de especies o ecosistemas e hipotecas ambientales, en particular sobre bosques y humedales.

Ya no es el consenso de los commodities de las décadas de 1990 y el 2000 ni el de Beijing de la década de 2010 y ahora relativamente estancado. Es una combinación de ambos, con el agregado de extrema financiarización que se combina con la crisis ecológica y la transición energética. Grandes capitales, organismos multilaterales y estados invierten en compra de tierras como medio para ampliar la producción de alimentos, el abastecimiento de materias primas, energía o agua y para la conservación de la naturaleza y asegurarse la adopción de medidas compensatorias por emisión de gases de efecto invernadero, expandir el extractivismo y financiar su transición energética. Se trata de un proceso

⁶ CONICET, CIT Santa Cruz – UNPA. Coordinador del Grupo de Trabajo Fronteras, Regionalización y Globalización de CLACSO. alejandro.schweitzer@conicet.gov.ar

doblemente contradictorio que opone por un lado capitalistas y trabajadores y por otro al capitalismo y la naturaleza. Los objetivos de sustentabilidad que persiguen son imposibles a menos que se continúen ampliando las oportunidades de negocio.

La coexistencia de lógicas de commodities y la competencia entre las grandes potencias por el control de los recursos no siempre serán compatibles con esta ola de financiarización. Actualmente se discute la posibilidad del estallido de burbujas de las finanzas verdes, donde uno de los mayores “riesgos” no es la ausencia de fondos sino la baja velocidad con que se gestionan los permisos de emisión, es decir, una crisis por el lado de la oferta. Los capitalistas, con sus bancos y sus finanzas juegan con la vida en el planeta, por más que se tiñan de verde. La financiarización es el combustible de la locomotora sin frenos del capitalismo y avanza que- mando lo que dicen querer conservar, incluyendo las condiciones de vida de todas las especies que habitamos el planeta.

Con esta ponencia se busca poner en evidencia los andamiajes de los eslabones superiores que las lógicas de financiarización, su materialización y las resistencias existentes en la Patagonia sur. La Patagonia sur chilena y argentina no están afuera de esto. Grandes bancos y corporaciones financieras, fondos de inversión y varios del 1% más rico del planeta tienen grandes extensiones de tierras y controlan directa o indirectamente, incluso vía ONG, el acceso y la provisión de agua, entre otros. Es un negocio muy difícil rastrear, sus negocios se realizan en mercados y bolsas globales. Desde el 2018 el estado argentino busca reglamentar un “mercado nacional de naturaleza”, con el perfeccionamiento de los “Bonos Verdes, Sociales y Sustentables” y las emisiones realizadas por algunas provincias, bancos y organizaciones conservacionistas, pero la gran aceleración se produce en el 2020. Consultoras, financieras y el estado nacional contribuyeron a la regulación desde la Comisión Nacional de Valores, la encargada de la regulación, supervisión, promoción y el desarrollo del mercado de capitales. Desde 2020 se vienen realizando oferta de bonos en las bolsas de Buenos Aires y del exterior, promoviendo las energías renovables (granjas eólicas, energía solar), con participación de capitales nacionales y bancos extranjeros e incluso bonos de preservación de superficies de bosques.

Ante esta avanzada de dispositivos de acaparamiento, apropiación y explotación de territorios, agua y tierras y para frenar la construcción de megaproyectos que proveen condiciones para estas expansiones surgen experiencias de resistencia, inicialmente aisladas pero que avanzan en niveles de organización y acción colectiva.

Palabras clave: ecología-mundo, producción del espacio y la naturaleza, finanzas verdes.

GALÁPAGOS Y LA MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA EN UN CONTEXTO GLOBAL

Andrea Muñoz Barriga Pontificia⁷

Las Islas Galápagos constituyen un espacio natural por excelencia dada su característica de unicidad con especies extraordinarias como tortugas, cactus y girasoles gigantes, además de iguanas terrestres y marinas, pinzones, cactus de lava entre otras, su sinigual riqueza marina, sus formaciones geológicas y el valor histórico y científico de las islas en relación a la visita de Charles Darwin que daría como resultado el famoso libro “El origen de las especies”. Esta obra le dio a Galápagos un reconocimiento mundial no sólo desde el punto de vista biológico sino también como un destino turístico emblemático. En esa medida la naturaleza ha sido el escenario y el paisaje que sirve para plantear por un lado la protección de este Patrimonio Natural de la Humanidad declarado hace más de 40 años por la UNESCO, pero también la posibilidad de realizar actividades de (eco)turismo como estrategia de desarrollo económico para las comunidades locales. En esa medida el turismo se presenta como la principal actividad económica, pero también como la alternativa “ecológica” fomentada en sus inicios por el estado ecuatoriano, ONGs ambientalistas y los organismos multilaterales dentro de la lógica del capitalismo y la expansión de la mercantilización de la naturaleza. Galápagos es en ese sentido un estudio de caso interesante para analizar la intrincada relación entre naturaleza, turismo y sociedad dentro de lo que constituye la producción y consumo turísticos a escala global, partiendo de la mercantilización de la naturaleza. Se toma en cuenta algunos aspectos clave como la conservación, las percepciones de los residentes y el fenómeno turístico como un elemento disruptor en esta área protegida que ha generado desplazamiento y exclusión que a la vez provoca diversos conflictos socio ambientales en el territorio insular. El turismo ha ocasionado entre otros efectos el desplazamiento (gentrificación?) de los residentes en las zonas urbanas del archipiélago, así como el reemplazo de sus actividades tradicionales (pesca, agricultura) y también un impacto sobre la flora y fauna debido al incremento de turistas y residentes y finalmente una alteración de la percepción de los turistas frente a la venta de Galápagos como un destino denominado “eco-turístico”. En términos de como se comparte el territorio del espacio natural, el uso de los sitios de uso público (playas y otros sitios turísticos) genera una cierta tensión y conflicto entre turistas y residentes. Estos últimos se sienten muchas veces relegados de estos espacios de ocio y recreación, destinados sobre todo a los turistas, lo que a la larga genera desigualdad y segregación espacial con los residentes. Muchos de los residentes no conocen el archipiélago como si lo hacen muchos de los turistas que visitan las islas, lo cual responde entre otras cosas a la disponibilidad a los sitios turísticos en relación a horarios de visita y capacidad adquisitiva. En este contexto, con un énfasis en las relaciones naturaleza-sociedad y considerando la dicotomía que encierra Galápagos al ser un área protegida y una población en crecimiento, conservación y desarrollo, rural y urbana, naturaleza y sociedad, se plantea un abordaje multidisciplinario. El presente trabajo se centra en una reflexión sobre los factores de desplazamiento, exclusión y conflictos generados en relación a este espacio natural, con el apoyo de algunos datos con el objetivo de evaluar estos factores. Se indaga en las percepciones de los residentes y turistas (análisis cuantitativo), así como en el proceso de crecimiento urbano de las últimas tres décadas con una mirada crítica del desarrollo turístico en

⁷ Universidad Católica del Ecuador. amunoz@puce.edu.ec

este archipiélago de importancia mundial. En primer lugar, se analiza la percepción de los residentes frente al turismo en términos de sustentabilidad (encuestas), pero también cómo perciben el cambio de su lugar de residencia en los últimos treinta años (entrevistas semi-estructuradas), a partir del desarrollo económico del turismo en los centros poblados, especialmente en Puerto Ayora, isla Santa Cruz que constituye la isla más poblada del archipiélago y la que recibe el mayor número de turistas. Finalmente, se analiza críticamente la información cualitativa en relación a como Galápagos constituye un lugar donde el capitalismo y la mercantilización de la naturaleza se ha desarrollado a partir de la implantación del turismo como una estrategia de producción y consumo basada en la naturaleza. Finalmente y como conclusión, el presente trabajo intenta realizar un análisis integral y multidimensional que nos permite identificar ciertos elementos que muestran como Galápagos se ha insertado en la lógica del capital y la mercantilización de la naturaleza. En esa medida y a propósito de la crisis pandémica que vivimos, todos estos aspectos serían importantes de tomar en cuenta, analizar y evaluar para repensar el destino Galápagos, volviendo a los orígenes: dejar la dependencia del turismo y volver a actividades como la pesca y ganadería que garantizarían la reproducción de la vida a través de la soberanía y seguridad alimentaria, más aún en un contexto pandémico.

Palabras clave: Conservación, Ecuador, Percepciones, Gentrificación, Exclusión

LA MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA A TRAVÉS DE LA MEGAMINERÍA EN ARGENTINA

Lorda, María Amalia⁸

Kraser, María Belén⁹

Argentina en el contexto latinoamericano es objeto de interés de los capitales extranjeros para la adquisición de recursos, en los cuales prevalece una lógica de acumulación por desposesión (Harvey, 2005). Es posible afirmar que sistemáticamente desde su colonización y bajo discursos políticos que acomodan sus conceptos en el nombre de un desarrollo por venir, esta política extractivista impregna las prácticas socioterritoriales y está presente en el manejo de los recursos.

Entre los pilares vigentes de la economía argentina se encuentra la actividad minera en gran escala denominada megaminería, la cual continúa desarrollando sus prácticas en distintos sitios del país, desde la década de los '90 en un proceso de reterritorialización contundente.

Muchas voces desde el mundo académico se continúan manifestando al denunciar la expoliación de los recursos naturales, es importante destacar las movilizaciones constantes de los actores locales, así como de otros que adhieren a la cosmovisión desde sitios lejanos, que reclaman vivir en un ambiente sano, y defender recursos vitales como el agua.

El problema que se plantea pone en evidencia un sistema de producción basado en el manejo de recursos explotacionista, en el cual prevalece una lógica neoextractivista que permite identificar un claro proceso de acumulación por desposesión. En este proceso se produce un verdadero saqueo de la 'naturaleza' donde las poblaciones locales encarnan los actores que de manera inmediata padecen las consecuencias, pero por tratarse de recursos que se agotan en la medida que son extraídos, los efectos atañen a toda la Argentina, comprometiendo tanto el presente como futuro.

Este proceso que se inicia en los noventa pero continúa profundizándose en la actualidad, basa su avance y consolidación en la práctica que realiza a partir de las redes que establece con la aceptación de los distintos poderes municipales, provinciales y nacionales, así como también con instituciones con gran legitimación social como las Universidades.

Debido a leyes existentes -de acuerdo al artículo 18º inciso c) de la Ley 14.771 y a la pauta de distribución de fondos provenientes de la actividad minera dispuesta por el Consejo Interuniversitario Nacional (CIN) mediante Acuerdo Plenario 699/09- se plantearon varios debates en la comunidad universitaria sobre la aceptación o rechazo de estos fondos, con distintos argumentos atravesados por cuestiones técnicas, éticas y políticas, que su análisis permite interpelar las distintas posiciones adoptadas.

El objetivo de este trabajo es poner en discusión el rol de las universidades nacionales y específicamente el de la Universidad Nacional del Sur, frente a la distribución de los fondos de Minera Alumbrera Limited a través del YMAD (Yacimientos Mineros de Agua de Dionisio), situación en la cual subyacen lógicas contrapuestas.

La metodología que se implementa en este trabajo es analítica - explicativa, desde una perspectiva cualitativa. Se adoptan las bases del estudio de caso, así como en el análisis de documentos construi-

⁸ Departamento de Geografía y Turismo, Universidad Nacional del Sur - Red de Investigación Internacional AgriteRRIs mariaamalial@yahoo.com.ar

⁹ Departamento de Geografía y Turismo, Universidad Nacional del Sur- mbkraser@hotmail.com

dos y la realización de entrevistas a actores clave partícipes de dicho proceso.

La novedad del escrito radica en el análisis de un proceso concreto como fue el debate en torno a la aceptación o rechazo de fondos por una universidad nacional pública y gratuita, provenientes de la megaminería. Este hecho que movilizó a la comunidad universitaria es un antecedente que ha llevado al debate el real valor del cuidado del ambiente no equiparable al valor económico.

En cuando a la discusión y resultados, en el caso de la UNS se plantaron debates sobre la aceptación o rechazo de los fondos que el Consejo Interuniversitario Nacional y las universidades nacionales pueden obtener por leyes existentes provenientes de la actividad minera a gran escala. Un antecedente que ha llevado a cuestionar el valor real del cuidado del ambiente no equiparable al valor económico. Desde 1990 continúa afianzándose un proyecto que cuenta con los auspicios del Estado, académicos de universidades, e investigadores de centros de ciencia y tecnología que ungen a la megaminería como la posibilidad de orientar el desarrollo del país para convertirlo en un país minero, sin mediar intercambio alguno entre la población, los habitantes. En este sentido es importante resaltar que “las universidades son parte del ‘dispositivo pedagógico’ de transmisión unidireccional, el saber ‘incuestionable’ de especialistas y la ‘neutralidad’ del conocimiento científico serían las presupuestas matrices de una “democratización alfabetizadora” verticalmente extendida hacia la sociedad” (Antonelli, 2009: 89). Es por eso que es necesario el debate sobre qué modelo de universidad estamos construyendo.

Desde nuestra actividad como docentes-investigadoras de la Universidad, en la cátedra Seminario Gestión de los recursos y medio ambiente, creemos de manera enfática que la formación de estudiantes en una universidad pública guarda relación estrecha con una educación basada en los problemas reales que nuestra sociedad vive, atendiendo a que cada acción en el territorio, modifica y altera la calidad de vida de sus pobladores, así como en el ambiente del cual forman parte. Desde este encuadre se propone analizar desde una perspectiva crítica las decisiones que se toman en los distintos ámbitos, su proyección en el tiempo, y animar a los estudiantes-ciudadanos a pensar, discutir y desarrollar otras formas de manejo de recursos que sean compatibles con la construcción de un ambiente de calidad en las distintas escalas temporales.

Palabras clave: megaminería – universidades públicas– lógicas socioespaciales – explotaciónismo – Argentina

ECOCIDIO Y AMBIENTALIZACIÓN EN LA PROVINCIA DE CÓRDOBA: UN ANÁLISIS DEL COMPLEJO DE PODER DESARROLLISTA

Gonzalez Asis, Ignacio¹⁰ Arach, Omar¹¹

En las últimas décadas, asistimos a una renovada territorialización del desarrollo capitalista que puede observarse tanto a escala mundial, como también en sus diversidades de formas y lógicas de acuerdo a los factores que se ponen en juego en las escalas locales. En nuestros territorios de América Latina/ AbyaYala, se hace evidente una inusitada presión sobre las naturalezas, a partir de revoluciones (bio) tecnológicas-sociales-institucionales-discursivas que presentan al Desarrollo como única alternativa posible, muchas veces, y cada día más, naturalizado mediante argumentaciones ambientales y ecológicas. Particularmente, la provincia de Córdoba ha sido un laboratorio de tensiones territoriales y conflictividades socioambientales (Porto çç). En coherencia con el proceso histórico de larga duración y de acuerdo a las necesidades actuales de los grupos de poder a escala provincial para la acumulación de capital, se han desatado diversos procesos de reestructuración territorial e intensificación productiva relacionado a las posibilidades de inserción que ofrecía el mercado mundial con China como imperioso demandante de commodities y el alza del precio de la soja y sus derivados que tuvo como consecuencia. Vemos entonces, de manera esquemática, una sojización compulsiva de la región pampeana junto a una bovinización de las zonas extra-pampeanas, antes marginales (Hocsman y Preda). Consecuentemente, el poder agrario provincial ha construido un régimen ecológico (Moore) altamente destructivo y tóxico, en el que las nuevas apropiaciones de naturalezas para su posterior capitalización juegan un papel importante. Por un lado, a partir del corrimiento de las fronteras agropecuarias a nivel geográfico principalmente en el noroeste provincial, en donde se han dado una de las más altas tasas de desmonte a nivel mundial (FUNAM). Por otro lado, a partir del acaparamiento territorial (Giraldo), vinculando una multiplicidad de agentes y saberes al patrón biotecnológico de producción y subsumiendo de esta forma a miles de productores. Una clara expresión de esto la encontramos en el patentamiento de las semillas y las arremetidas constantes al uso propio por parte de los agricultores junto con la pelea por una actualización de la ley de semillas de acuerdo a los intereses de las grandes empresas semilleras, sean estas nacionales o transnacionales.

Como dinámica del proceso, han emergido numerosas expresiones organizativas socioambientales que se encargaron de disputar el modelo agropecuario industrial y la lógica de agronegocios que lo impregna. Estos colectivos se constituyeron como el sujeto histórico fundamental que ha disputado las formas de territorialización agraria, llevando a procesos de desterritorialización del modelo o, al menos, a ciertos frenos o constricciones a su instrumentalización y destrucción de la naturaleza, denunciados como un verdadero ecocidio, una guerra contra la vida.

De manera dialéctica puede observarse una reacción agroambientalista, personificada en una variedad de agentes vinculados al poder provincial en distintos sectores sociales en lo que podemos denominar como un ambientalismo desde arriba. Es decir que, ante la puesta en escena de las diversas problemáticas ambientales por parte de los movimientos y organizaciones, los poderes locales ofrecen una supuesta salida a partir de una serie de dispositivos ambientales que nos ofrecen las mismas falsas

¹⁰ EA-FCS-FCA UNC CONICET, IAPCS-UNVM, Igonzalezasis@gmail.com

¹¹ UNPA y Doctorado en Estudios Sociales Agrarios, CEA-FCS-FCA UNC; omararach@gmail.com

soluciones para los problemas que han creado. De esta forma, articulándose a un proceso de ambientalización más amplio de escala global (Leite Lopes) y de vieja data, se comienza a readaptar el aparato de gobierno a partir de un régimen discursivo (Foucault) ambiental bajo el paraguas del “desarrollo sustentable”; se construye entonces a nivel provincial el “desarrollo agropecuario sustentable”, en tanto dispositivo gubernamental.

Vemos entonces la actualización o la construcción de una serie de leyes y normativas (Ley de BPAs, Ley de Política Ambiental, Ley Agroforestal, Ley de OTBN, entre otras) cuyo fin último es la conservación o el acrecentamiento del poder, en paralelo a una renovada rosca de mercantilización y explotación de la naturaleza. Paradójicamente, se postulan las “buenas prácticas agropecuarias” en paralelo al aumento constante de las fumigaciones, se promulga la ley de bosques mientras se deforesta aceleradamente, se pregona el desarrollo agropecuario sustentable al tiempo que se estimula un extractivismo creciente, en pos de un supuesto bienestar general o “desarrollo” (Escobar; Esteva)

Pero esta paradoja se esclarece a partir de la lectura de esta confrontación ambiental, de la conformación histórica de un campo social de disputa agroambiental y de la necesidad de control social de los grupos disruptivos, contrahegemónicos que han puesto en tela de juicio las supuestas bondades de tal arremetida contra la vida. En la dialéctica de esta lucha se ha consolidado un complejo corporativo de poder (Gonzalez Casanova) desarrollista agropecuario que ha embanderado el “desarrollo agropecuario sustentable” como mega-dispositivo de control social a nivel provincial. Además, no puede dejar de mencionarse al campesinado en este campo de relaciones que se articuló de diversas maneras principalmente al gobierno provincial, construyendo su propia lógica de negociaciones a través de políticas tales como los planes de manejo de bosques, las buenas prácticas agropecuarias, entre otras iniciativas gubernamentales.

Por lo tanto, en este campo de relaciones se puede observar un complejo de poder agropecuario que ostenta vectores en diversos sectores de la sociedad. Este complejo se expresa principalmente a través del gobierno de turno, específicamente a partir de su cartera agropecuaria, aunque no es menor su expresión en medios de comunicación, universidades, grupos y entidades empresariales y financieros. Por otro lado, observamos la consolidación de una resistencia ambiental al modelo, que se territorializa en tanto entramados comunitarios y organizacionales desde abajo y que ha tenido un fuerte impacto y una gran eficacia en la disputa agroambiental. Por último, en un balanceo entre los anteriores, el campesinado que, a partir de sus organizaciones principales, en ocasiones se plegó junto al ambientalismo (ley de bosques), y en otras ocasiones dio su apoyo a las iniciativas gubernamentales (ley de buenas prácticas agropecuarias)

Esta propuesta tiene con fin poner en discusión estos procesos históricos a nivel provincial, dar cuenta de su construcción analítica, sus resultados y productos de conocimiento social, y las derivaciones que tiene a nivel político en la medida que intenta aportar a un esclarecimiento de las relaciones y de las estrategias que creemos se deben tener en cuenta al momento de accionar a favor de la vida y contra el modelo agrobiotecnológico actual.

Palabras Clave: Régimen ecológico; Ambientalización; Complejo de poder; Gubernamentalidad; Córdoba.

MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA, INVENCION DEL PATRIMONIO Y RENTA DE MONOPOLIO EN EL TURISMO

Montilla Pablo¹²
Torres Laura María¹³

Esta ponencia aborda las intersecciones analíticas entre mercantilización de la naturaleza y procesos de patrimonialización, en el contexto de la conservación neoliberal dentro de las llamadas tierras secas. La conservación neoliberal se entiende como “una fusión de ideología y teorías basadas en la premisa de que la naturaleza sólo puede ser salvada mediante su sumisión al capital y su posterior revalorización en términos capitalistas; la venta de la naturaleza en aras de su protección” (McAfee, 1999 en Requena y Mora 2020). Algunos autores argumentan que las áreas protegidas componen el arsenal de estrategias que atraen el capitalismo a la naturaleza (Büscher et al. 2012), mientras otros señalan que el patrimonio es una categoría propia del capitalismo (Alonso González 2017) y que los procesos de patrimonialización se acompañan de una demanda creciente de consumo patrimonial que deriva en la mercantilización de auténticos (Frigolé 2014) que encuentran su espacio de realización en el turismo. En relación a estos auténticos, existen distintas abstracciones desde la economía política que puede permitir ahondar en la complejidad de su mercantilización. Uno de ellas es la definición de renta de monopolio, la cual puede aplicarse en la situación en la que distintos actores sociales pueden obtener una corriente de ingresos mayor directa o indirectamente comercializable que en algunos aspectos es único e irreproducible (Harvey, 2007). En consecuencia, bajo este razonamiento, la singularidad y el carácter extraordinario crea el valor. Mientras más extraordinario sea el paisaje de un parque nacional, se podría esperar una mayor demanda al mismo. Sin embargo, radica allí una contradicción dentro de la lógica capitalista, la que consiste en que nada debe ser tan excepcional como para quedar fuera del cálculo monetario. Por tanto las formas de significar lo extraordinario para luego, dentro del mercado, comercializarlo, puede ser visibilizado en una amplia diversidad de casos de patrimonios culturales, naturales, históricos entre otros. En ellos son los actores de la globalización económica los que valoran y explotan estos objetos, paisajes, monumentos excluyendo, en muchos casos, los usos y relaciones que la comunidades tienen con el “objeto patrimonializado”.

Si bien en Argentina, las investigaciones que indagan estas intersecciones han crecido en los últimos años, en el campo académico y sobre todo en el de la gestión, mantienen inusitado peso aquellas posiciones que señalan los efectos, siempre positivos, de la tríada: conservación, patrimonio y turismo. Esta ponencia se propone analizar la historicidad en los procesos de patrimonialización y mercantilización de bienes ecosistémicos, circunscriptos a un parque nacional de tierras secas dentro del NOA Argentino. Como estudio de caso se aborda el Parque Nacional Talampaya, situado en la provincia de La Rioja. Al interior del caso se recupera la historicidad del parque en diálogo con los territorios que lo contienen. Se describe luego el curso que siguió el proceso de patrimonialización que lo consagró Patrimonio de la Humanidad. Finalmente se analizan algunas tendencias presentes en los espacios rurales próximos con los que el parque dialoga. Dentro de las dimensiones de análisis se presta aten-

¹² Universidad Nacional de Chilecito; Instituto de ambiente de montañas y regiones áridas (IAMRA) pablojmontilla@gmail.com

¹³ Instituto Argentino de Investigaciones de las Zonas Áridas (IADIZA-CONICET), Universidad Nacional de Cuyo. ltorres@mendoza-conicet.gob.ar

ción a los valores de conservación y los bienes y servicios ecosistémicos que el parque encierra y a los que sostuvieron y sostienen su incorporación al universo del patrimonio. Se observa también, la diversidad de imágenes y discursos que concurren en la producción del parque, como sitio turístico contenedor de un paisaje excepcional, y las experiencias que la instalación del parque y despegue del turismo desata en las poblaciones próximas. Las preguntas que subyacen al estudio de caso son entonces aquellas relacionadas a la construcción por parte del capital de determinadas espacialidades, que son en tanto más rentables mientras más especiales sean vistas y valoradas por un sector de la sociedad. Los parques nacionales ubicados dentro de las tierras secas propician un escenario muchas veces convincente para aplicar estos criterios. Ejemplo de ello son la distancia remota en la que se encuentran, el paisaje árido y tranquilo, la presencia de sitios de interés arqueológico y geológico y demás elementos que en el caso particular de Talampaya es promocionado dentro de los circuitos turísticos como: “una aventura única y excepcional.

Así, mediante la resolución de algunos de los interrogantes planteados, se podrá reflexionar en torno a cómo son mercantilizados los bienes y servicios naturales en los procesos de patrimonialización que acaece durante la formación de los parques nacionales. En el caso concreto de Talampaya, quién produce la renta por el comercio turístico y cómo la misma es apropiada. Por último y en el contexto de la conservación neoliberal, es no menor resaltar que el vínculo entre conservación de la naturaleza y patrimonio posibilita la construcción de destinos asequibles para la industria del turismo. Por esta vía los procesos de patrimonialización de la naturaleza que concurren alrededor de los parques nacionales y su valorización turística como “destino” atraen el capital a la naturaleza y posibilitan la expansión de las fronteras del capital. En el caso particular de Talampaya, además, su valorización turística como destino de naturaleza prístina y monumental de tierras secas permite la obtención de rentas de monopolio que benefician al sector empresarial y al Estado, sellando y perfeccionando sus históricas vinculaciones.

Palabras claves: renta de monopolio, turismo de tierras secas, patrimonio, conservación

Referencias

- Alonso González, P. 2017: *El Antipatrimonio: Fetichismo y dominación en Maragatería*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- Frigolé, Joan (2014). Patrimonialización y mercantilización de lo auténtico, dos estrategias básicas en una economía terciaria. En Roigé, X., I Reixach, J. F., & Del Marmol, C. (Eds.). *Construyendo el patrimonio cultural y natural: Parques, museos y patrimonio rural*. Editorial Germania.
- Harvey, D (2007). *Espacios del capital. Hacia una geografía crítica*. Ediciones Akal, S.A. España.

A MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA E COMO A PRODUÇÃO DE ARROZ NA BACIA DO PRATA CONTRIBUI PARA REFORÇAR ESTE CARÁTER: O CASO DE URUGUAIANA E PASO DE LOS LIBRES.

Ágata Grazielle dos Santos Brito¹⁴

Henrique Castro Barbosa¹⁵

Os recursos naturais, como foram denominados, passaram a carregar consigo um caráter econômico na medida em que os grupos humanos entenderam que era possível tirar mais do que realmente precisavam para sua sobrevivência e para assegurar o bem estar de seus grupos familiares. A natureza passa a «providenciar» à humanidade a matéria prima necessária à produção de alimentos e bens, nesta cesta de recursos naturais, passíveis de valor econômico, a água não poderia ficar de fora.

Nos poucos acordos globais sobre o tema, água, é recorrente o discurso de que os recursos hídricos estão à disposição da humanidade para que se possa tirar o máximo proveito econômico contribuindo para questões de cooperação entre os estados. Tratando-se de águas transfronteiriças (como é o caso da Bacia do Prata na América do Sul), os arranjos institucionais que os estados, criam para gerenciarem questões relativas a seus interesses, primam sempre pela exploração econômica de determinado recurso. Nosso interesse neste artigo é identificar como a retirada de água da Bacia do Prata para irrigar a lavoura de arroz nas cidades gêmeas de Uruguaiana no Brasil e Paso de los Libres na Argentina, contribui para reforçar a ideia mercantil da água, quer-se entender como os arranjos institucionais locais contribuem para uma possível classificação da água como uma commodity¹⁶. Se quer também identificar quais situações ocorrem no nível da bacia hidrográfica, aproximando os atores para cooperar ou causando mais situações de tensão.

Para realizar esta análise iremos identificar os atores que atuam no gerenciamento dos recursos hídricos e que também os utilizam em três níveis: federal, local e entidades da sociedade civil interessadas no uso da água para irrigar arroz. Após, iremos levantar dados sobre como cada uma dessas entidades definem o recurso água e seus usos e como os acordos para sua utilização tem sido celebrado, se tem reforçado ou não o caráter mercantil que lhe tem sido atribuído.

Os casos de estudo proposto se debruçam em uma motivação comercial para a cooperação, que envolve o uso dos recursos hídricos compartilhados de uma mesma bacia compartilhada por Argentina, Brasil e Uruguai, como insumo para produção de gêneros agrícolas. Espíndola e Ribeiro (2020) levantam que “águas transfronteiriças estão longe de serem pensadas como um recurso compartilhado por acesso à água, uma vez que situações de estresse são usualmente causadas por uma visão competitiva e de ‘realidade-de-poder’ entre os países que dividem o recurso” (ESPINDOLA; RIBEIRO, 2020, p.332). Em uma situação envolvendo interesses comerciais como a estudada, deve se ter essa problemática em mente ao analisar as vontades das partes envolvidas e como estas pautam o relacionamento dentro do acordo de cooperação entre elas.

Nesse sentido, aponta-se que conflitos envolvendo países que dividem recursos hídricos não necessa-

¹⁴ Universidade de São Paulo - Instituto de Energia e Ambiente - Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais. agatabrito@usp.br

¹⁵ Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia. henrique.castro.barbosa@usp.br

¹⁶ <https://www.nasdaq.com/solutions/nasdaq-veles-water-index>

riamente são uma coisa negativa, uma vez que eles são apontados como um método válido para que essas disputas sejam discutidas, enquanto nem toda cooperação é positiva, uma vez que tais desequilíbrios de poder podem estar presentes nos acordos, os enviesando a favor de um dos lados (PETERSEN-PERLMAN; VEILLEUX; WOLF, 2017, p.108). As instituições podem se apresentar dentro de um acordo de cooperação de diferentes maneiras, organizadas de maneiras distintas dependendo dos objetivos que as partes pretendem alcançar. Alcaniz e Ramiro (2016), discutem essas dinâmicas, em que as instituições podem se apresentar comprometidas mais com organizações atuantes que pautam projetos a serem postos em práticas (chamado de Bridging) ou em projetos específicos já determinados, que por sua vez aglutinam organizações (chamado de Bonding). Destaca-se que esses são apenas parâmetros, e que por mais que um acordo internacional possa tender a um modelo ou outro, nenhum é exclusivamente Bridging ou Bonding.

Um ponto importante, que justifica a metodologia de estudo em diferentes níveis de atuação e como eles se relacionam, é a questão de como diferentes escalas de cooperação podem ser menos ou mais efetivas a depender dos objetivos pretendidos. Em *Thinking Inside the Basin Scale in Transboundary Management* (HOLMATOV, LAUTZE; 2016), há uma discussão sobre como diferentes escalas podem servir para propósitos distintos. No artigo, Holmatov e Lautze (2016) concluem que os tratados concluídos em escalas largas são mais produtivos e eficazes para temáticas ambientais, com um foco em trabalhar com grandes organizações e políticas públicas. Os de escalas pequenas, por sua vez, são mais benéficos ao tratarem de hidro poder e desafios mais locais, como controle de alagamentos, por exemplo, usando como ferramenta regras de alocação. Por conta disso, uma visão que leve em conta as diferentes esferas de atuação cooperativas e como elas atuam e interagem entre si.

Ambas as cidades foram escolhidas por terem ponto de contato na região da fronteira, além de estarem em regiões produtoras de arroz, as cidades gêmeas de Uruguiana e Paso de Los Libres dividem a Bacia do Rio Uruguai. No lado do Brasil a nível federal escolhemos para analisar a ANA (agência nacional de água e saneamento básico) e o Conselho Nacional de Recursos Hídricos, ambos os órgãos são responsáveis por elaborar as diretrizes nacionais dos usos da água. A nível local iremos analisar o comitê de bacia hidrográfica do rio Ibicuí, por fim escolhemos o IRGA (Instituto Rio Grandense do Arroz) para entender as dinâmicas e as demandas que os produtores de arroz têm no que diz respeito a irrigação e como isso impacta nas diferentes relações que se estabelecem a nível local.

Do lado Argentino, escolhemos também duas instituições nacionais para entender como os recursos hídricos são pensados e gerenciados na Argentina, o Instituto Nacional da Água e o Conselho Hídrico Federal. No nível local, como a cidade de Paso de Los Libres está situada na província de Corrientes, vamos analisar e identificar as ações do Instituto Correntino de Água e Meio Ambiente, neste ponto já se pode identificar uma pequena diferença no possível tratamento que as agências dão para a questão da água e sua assertiva como um bem passível de negociação financeira. Por fim, levaremos em conta, no nível da sociedade civil, a Associação dos Arrozeiros da Província de Corrientes. Na última safra de 18/19 o estado do Rio Grande do Sul colheu um montante aproximado de 7.241.543 toneladas de arroz, ao passo que a província de Corrientes contou com o montante de 93.700 toneladas na safra de 17/18, claramente se identifica uma preponderância do lado brasileiro, porém, também sabemos que a província de Corrientes é responsável por 47% de toda a produção argentina (ACPA, 2019).

Palavras Chave: Água, arroz, Bacia do Prata, Uruguiana, Paso de Los Libres

COMPLEXO PORTUÁRIO DE SANTANA-AMAPÁ-BRASIL: POLÍTICAS TERRITORIAIS E A COMPLEXA E CONTRADITÓRIA RELAÇÃO PORTO-CIDADE

*Jocianny Carla da Silva Sardinha*¹⁷

*Magdiel Eliton Ayres do Couto*¹⁸

*Roni Mayer Lomba Jondison*¹⁹

*Rodrigues Cardoso*²⁰

*Jadson Luis Rebelo Porto*²¹

No início do século XXI, o Brasil passa a ter maior visibilidade relacionado aos circuitos produtivos e financeiros globais do capitalismo, por meio da intensificação do uso e exportação de seus recursos naturais. Nesse contexto a Amazônia brasileira passa a ser ainda mais atrativa para o capital, não somente por conta dos recursos naturais, mas também devido a possibilidade de consolidar-se como corredor logístico de escoamento de commodities, através de investimentos em infraestruturas, em destaque os complexos portuários. Dentro desta lógica inclui-se o Complexo Portuário de Santana - CPS, localizado em Santana, no sudeste do Estado do Amapá, uma cidade média e portuária de extrema relevância na rede urbana local, regional e global. Devido a tais fatos, este trabalho tem como objetivo analisar a complexidade da relação contraditória entre o Complexo Portuário de Santana e a cidade de Santana (Amapá – Brasil), enfatizando as políticas territoriais e ajustes espaciais aplicadas sobre esse espaço, bem como os conflitos apresentados por tal relação. No intuito de atender ao objetivo proposto, utilizou-se a seguinte questão orientadora: Levando-se em consideração a relação conflituosa entre porto-cidade no Brasil, como se caracteriza e se desenvolve a relação entre o Complexo Portuário de Santana – CPS e a cidade de Santana-AP? Quanto aos passos teórico-metodológico, baseou-se no método dialético, dialogando com uma abordagem qualitativa, levando em consideração uma análise crítica relacionada a manifestação, ação, movimentação e contradições do capital no espaço (ajustes espaciais), direcionadas ao contexto da lógica do acionamento dos complexos portuários. No que tange aos procedimentos metodológicos foi realizada pesquisas bibliográficas direcionada: aos Complexos Portuários no Brasil, com recorte temporal focado nas primeiras duas décadas do século XXI; a relação porto-cidade; os atos normativos (federal, estadual e municipal) que originaram política territoriais aos espaços portuários e seu entorno. Ademais, foram realizadas observações, registro fotográfico e visita in loco no porto de Santana. Este trabalho foi dividido em três seções: i) Relação Porto-cidade: dos ajustes espaciais à rede na produção do território. Esta seção expõe os conceitos de rede, território, políticas territoriais e ajustes espaciais, assim como os diversos aspectos da relação contraditória e complexa entre os portos e suas cidades, trazendo a discussão do Modelo Aniport,

¹⁷ Geógrafa. Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. jociannycarla@hotmail.com

¹⁸ Geógrafo. Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo, da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. magdiel.ayres@gmail.com.

¹⁹ Geógrafo. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. ronimayer@hotmail.com

²⁰ Universidade Federal do Amapá. jondisoncardosorodrigues@gmail.com

²¹ Geógrafo. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. jadsonporto@yahoo.com.br

de Bird (1963), o modelo cronológico de análise da evolução da interface cidade-porto, de Hoyle (1989), bem como discussões sobre as transformações dos novos padrões de organização exigidos pelo capital (sincronização da produção, do transporte e da distribuição), onde os portos passam a compor uma rede logística de maior flexibilidade operacional; ii) Políticas Territoriais Portuárias na Amazônia brasileira: a relação porto-cidade. Nesta seção são analisadas as políticas territoriais, a exemplo do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC e a Nova Lei de Portos (Lei N° 12.815 de 2013) que reverberaram significativamente na integração da região aos circuitos produtivos globais, como: aumento da exportação de commodities, planejamento e execução de grandes projetos de infraestrutura e condições reais e legais para a chegada das corporações transnacionais. Acrescenta-se ainda, a implementação do Projeto Arco Norte e dos Corredores Logísticos Estratégicos: complexo de Soja e Milho, direcionados para redução do tempo de escoamento, maior competitividade e lucro no mercado global. iii) Complexo Portuário de Santana: conflitos na relação porto-cidade. Nesta seção serão abordadas as relações existentes entre o CPS e a cidade de Santana, ressaltando-se que o CPS é composto pelo Porto de Santana (Porto Público, administrado pela Companhia Docas de Santana - CDSA), Terminal Privativo, da empresa Zamin Ferrous Sistema Amapá e um Terminal de Uso Privado (TUP) da empresa Cianport. Já, relacionado aos conflitos existentes, destaca-se a situação da população do bairro Novo Horizonte, que possui parte de sua área localizada na poligonal portuária, sendo imprescindível a retirada dessas famílias para arrendamento de novas empresas portuárias, além disso, os moradores são excluídos dos dividendos econômicos; recebem a poluição ocasionada pela poeira de celulose e de farelo de soja produzidos pelas transnacionais instaladas. Um outro conflito refere-se a compra de áreas na Ilha de Santana para instalações de novas estruturas portuárias, a exemplo da empresa Cianport (construção de TUP, já autorizado pelos órgãos competentes) e da empresa Caramuru Alimentos (em processo de aquisição e regularização de áreas). Por fim, este trabalho considera que as políticas territoriais portuárias implementadas na Amazônia, logo, também na cidade de Santana, são políticas planejadas na esfera federal e redimensionadas para execução nos estados e municípios, que por consequência não são pensadas em cooperação ou priorizam as especificidades dos territórios em questão. Desta forma os ajustes espaciais apresentam-se como uma garantia de atuação e movimentação do capital e as redes como a conexidade de sua fluidez nas produções do território, assim, os ajustes espaciais são realizados para a materialização desta lógica capitalista, bem como um crescente discurso de autoridades governamentais, parte da imprensa, algumas lideranças e empresas locais para atender seus interesses, sendo tais fatos potencializados com a chegada das corporações transnacionais e a criação de novos espaços fixos (por exemplo os TUP's) que provocarão mais conflitos, devido estarem basicamente localizados nas áreas centrais da cidade de Santana, onde está concentrada a maioria da população.

Palavras-Chave: Porto-cidade, Complexo Portuário, Conflitos, Santana, Brasil

AMAPÁ (BRASIL) E SANTA CRUZ (ARGENTINA): ACUMULAÇÃO CAPITALISTA E CONFLITOS SOCIOTERRITORIAIS ²²

Roni Mayer Lomba²³

Tanto o Amapá, na Amazônia brasileira, quanto a Província de Santa Cruz na Patagônia Argentina são considerados territórios fronteiriços tanto em termos geográficos da fronteira como também em determinados aspectos do desenvolvimento, sendo regiões pouco habitadas mas, ao mesmo tempo, estratégicas no âmbito do uso e exploração de seus respectivos recursos naturais, fatos que têm produzido consideráveis situações de conflitos. O objetivo central da pesquisa foi analisar a acumulação capitalista na zona de fronteira em duas províncias/estados, uma ao norte, outra ao sul do continente sulamericano com base nos impactos promovidos pelos grandes projetos econômicos de desenvolvimento e as disputas de paradigma frente à sociedade local e aos movimentos socioterritoriais. A metodologia adotada consistiu na revisão crítica das teorias do decolonialismo e ecologia política para caracterizar a importância dos movimentos sociais, sendo que, para isso, realizamos entrevistas com representantes destes movimentos em ambas regiões, coletamos dados nas agências oficiais para construção de estatísticas, além de mapas e imagens fotográficas. Os resultados alcançados demonstram que ainda prevalecem discursos desenvolvimentistas, tanto pelos representantes públicos do Estado quanto pelas grandes empresas com poderes e influência social elevadas, levando à negação ou desqualificação daqueles que, ou são diretamente afetados/desterritorializados, ou lutam pelo direito ao ambiente e ao território de vida.

A pesquisa trata de um estudo comparativo e crítico realizado em Santa Cruz, na Patagônia Argentina e no Amapá, na Amazônia brasileira, motivado pela análise dos impactos promovidos pelos grandes projetos de desenvolvimento na região, contrapostos à atuação dos movimentos sociais de defesa do território, aqui tratados como socioterritoriais.

O objetivo e discussão central do trabalho foi compreender como essas regiões se encontram inseridas na acumulação capitalista global, os impactos provocados pelos grandes projetos econômicos e como isso promove na sociedade (organizada ou não), movimentos sociais críticos em termos de disputas pelo território.

Quanto ao método, adotou-se a análise crítica dessa produção do espaço. Baseados no marxismo, o capitalismo global está relacionado à expansão geográfica e acumulação com base na apropriação da mais valia, historicamente, desde o expansionismo liberal inglês, sendo atualmente interpretado por Harvey (2003) pelos ajustes espaciais como forma de superação das crises.

Em Santa Cruz fizemos entrevistas com moradores e funcionários do Estado a fim de compreender as dinâmicas vividas e suas lutas sociais. No Amapá, as mesmas foram com lideranças de movimentos sociais, todos praticamente relacionados, de alguma maneira, ao campo e seus questionamentos aos grandes projetos ali instalados. Foram realizados também séries fotográficas, informações estatísticas e figuras (mapas) que evidenciassem tanto o processo de ocupação quanto as novas formas de intervenção.

Nos resultados, destacamos que ambos estados/províncias possuem semelhanças. São áreas perifé-

²² Pesquisa financiada pela Bolsa de Pós-doutoramento a Investigadores Latinoamericanos pelo Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET – Argentina) entre abril de 2018 a abril de 2020.

²³ Universidade Federal do Amapá. ronimayer@hotmail.com

cas em termos de distância geográfica dos grandes centros econômicos decisórios, mas estratégicas quando relacionadas às possibilidades de formas de acumulação. Estão envolvidas ou absorvidas nos interesses capitalistas globais, ou seja, de apropriação de recursos baratos (natureza e trabalho). São poucos povoados e concentrados em algumas parcas aglomerações urbanas, fatores que facilitam o controle do fluxo da força de trabalho. Ambas possuem elevada dependência do Estado e, em alguns lugares, de grandes empresas capitalistas em termos de oferta de emprego, fatores que facilitam a ação de interesses privados.

O artigo está assim composto: no primeiro tópico, o estudo sobre o conceito de região na conformação da Patagônia e da Amazônia no circuito global de acumulação. No segundo, as dimensões teóricas e interpretativas do decolonialismo e da ecologia política na dimensão dos grandes projetos econômicos. No terceiro, nossa interpretação de tais realidades a partir das entrevistas, dados e imagens a campo.

Tendo como objetivo principal analisar o papel dos grandes projetos econômicos em duas regiões fronteiriças do continente sul americano e o papel dos movimentos socioterritoriais, concluímos que tais zonas têm se colocado atraentes para esse tipo de atividade que, ou requer a exploração de recursos de grandes áreas ou priva/privatiza o território para atendimento de interesses de grupos específicos. A sociedade como um todo é alijada do processo ou desqualificada quando requer, critica ou simplesmente se coloca interessada em compreender esses fenômenos. Contudo verifica-se grupos sociais sendo sistematicamente desterritorializados dos seus espaços de vida/trabalho, ou desqualificados e convertidos pelo discurso retórico por movimentos meramente críticos e contrários ao desenvolvimento e à geração de emprego.

No entanto, é importante frisar os papéis relevantes desses movimentos, entendendo que são desqualificados pelos discursos de classes mais poderosas justamente por incomodarem, terem poder reivindicatório e se colocarem de fato, como ameaça a livre atuação das grandes empresas e projetos hegemônicos. Estão em disputa constante pelo território, seja para nele se fazer presente (territorialização), seja para garantir que o mesmo atenda às necessidades adequadas e universais aos seres humanos, como a preservação dos recursos naturais e acesso e usufruto coletivo.

Palavras chave: Fronteira; desenvolvimento; disputas.

MONETIZACIÓN DEL “DAÑO AMBIENTAL” DE PASCUA LAMA – CHILE. EL TRIBUNAL AMBIENTAL Y LA SUPERINTENDENCIA DE MEDIO AMBIENTE COMO DISPOSITIVOS

García Carmona Alfredo Federico²⁴

El caso Pascua Lama en el norte de Chile es un caso emblemático respecto al funcionamiento de la institucionalidad ambiental, y especialmente a la instauración de los Tribunales ambientales. Desde el año 2000 dicho megaproyecto minero comienza un proceso de evaluación ambiental, que significó ser aprobado en 2 ocasiones y comenzar sus operaciones de construcción el año 2009.

Luego de aprobarse su construcción se realizaron distintas fiscalizaciones y denuncias que demostraron que el proyecto estaba incumpliendo la normativa ambiental y ocasionando afectaciones en el ambiente. Si bien desde esas primeras afectaciones se evidenció como se fueron ocasionando diversos problemas con los glaciares, vegas altoandinas y calidad del agua, no fue hasta el año 2019 cuando el recientemente inaugurado Tribunal ambiental chileno sentenció la clausura y cierre definitivo del proyecto por diversas afectaciones: daño ambiental.

Esta sentencia viene a reformular toda una historia de tratamiento institucional de la cuestión ambiental, que basada en la estructura jurídico – política heredada de la dictadura, posee una serie de directrices basadas en el tratamiento neoliberal de la cuestión ambiental que fue configurándose a través del despliegue de la institucionalidad ambiental chilena: Ley de medio ambiente (1994), Reglamento de evaluación ambiental (1997, 2006), creación de la Superintendencia de medio ambiente (2012) y creación de los Tribunales Ambientales (2015).

Se propone en este trabajo; que el tribunal ambiental enuncia en la sentencia de cierre del proyecto Pascua Lama diversos objetos discursivos que son el eje del tratamiento neoliberal de la cuestión ambiental, especialmente en cuanto a la “valorización monetaria” de la multa. La valorización monetaria le pone un precio al daño ocasionado por la empresa, valoriza el daño irreversible sobre los glaciares, sobre las especies de las vegas altoandinas y sobre la calidad del agua que ocasiona el riesgo para el medio humano.

La discusión al interior del tribunal ambiental va disponiendo el régimen de verdad que establece cual fue el territorio impactado ambientalmente, cuales fueron los daños ambientales específicos y cuales no, cual es el espíritu de la legislación ambiental vigente y cual es la sanción que la empresa debe asumir para cumplir con dicha legislación.

En este último punto, el tribunal ambiental referencia una serie de estudios, análisis y fiscalizaciones realizadas por la superintendencia de medio ambiente. Dicho organismo recientemente creado, fue el que implementó una serie de actuaciones que pudieron evidenciar y documentar mediante análisis en terreno todas las afectaciones que la empresa ocasionó en las altas cumbre de los andes áridos de Atacama, en pleno desierto.

A través del análisis de dichos argumentos, más los reclamados tanto por el representante jurídico de la empresa como también por representantes jurídicos de las comunidades, el tribunal va formulando un argumento que legitima y consolida las bases que establecen que el medio ambiente está protegido jurídicamente a través de las normas establecidas para cada ámbito y dimensión que pueda ser

²⁴ Universidad de Atacama. alfredo.garcia@uda.cl

potencialmente afectadas (agua, aire suelo, medio humano, entre otros), con lo cual si bien aplica la normativa legal vigente, desecha una serie de afectaciones que no poseen un estatuto jurídico de protección. (ej. Ley de glaciares hoy en discusión)

Luego de todo este análisis, la cuantificación respecto al monto monetario que la empresa debe pagar fue el principal centro de la discusión, en cuanto la empresa cuestiona el cálculo de dicho monto, alegando que los factores considerados no son pertinentes a las experiencias de monetarización del daño ambiental que se ocupan en la bibliografía “técnico-científica” internacionales. La Superintendencia de medio ambiente se apoya en los procedimientos de instituciones internacionales para dicho cálculo, como la EPA de USA y las normativas de la OMS. Y la empresa presenta incluso estudios de connotados economistas para cuestionar la forma en que dicho cálculo fue realizado, argumentando que los valores deben rebajarse en cuanto la empresa posee ciertas características que fueron consideradas de manera errónea en el cálculo.

Si bien la discusión especializada para formular dicha sanción monetaria posee una serie de elementos basados principalmente en estudios y experiencias internacionales implementadas tanto por la EPA y algunos organismos de cooperación internacional, lo interesante del caso radica en que si bien la sentencia se viene a considerar como un hito en el funcionamiento de la institucionalidad ambiental (instaurada en su plenitud); en la práctica también se genera un efecto de sentido respecto al valor de la naturaleza y la normalización de la monetarización de los bienes comunes naturales.

Esta normalización está implícita desde el primer acto de instalación de la institucionalidad ambiental, pero es cuando se realiza la sentencia en tribunales ambientales que se genera un precedente de dicha práctica, y en donde se reformulan las bases del tratamiento neoliberal de la cuestión ambiental valorizando monetariamente los bienes comunes naturales, a través del despliegue de una serie de dispositivos (Servicio de evaluación ambiental, Superintendencia, Tribunales ambientales).

Con este acto se legitima el marco de un ordenamiento político-jurídico neoliberal en plena crisis (actual proceso constituyente en Chile) y se abre un debate en torno a los mecanismo de reconfiguración del aparato del Estado en el tratamiento de los bienes comunes naturales.

Palabras clave: Institucionalidad ambiental – neoliberalismo – monetarización de la naturaleza.

INDICADORES BÁSICOS DE LA INDUCCIÓN SÍSMICA POR ACTIVIDAD HIDROCARBURÍFERA EN VACA MUERTA

Javier Grosso²⁵

Guillermo Tamburini Beliveau²⁶

El espacio Geográfico se muestra cada vez más como la síntesis dialéctica de la relación sociedad-naturaleza, los procesos territoriales a menudo dan muestras de elementos que permiten derribar las viejas dicotomías entre Geografía Física y Humana mostrando síntesis inéditas en la historia del pensamiento geográfico. La sociedad se supera continuamente en su capacidad para alterar sistemas naturales dando evidencias de una cada vez más tecnificada intervención sobre la naturaleza. La técnica se subsume a las necesidades del gran capital.

La ampliación incesante de las fronteras de mercantilización de la naturaleza, obligan al capital transnacional (y al capital integrado de los espacios nacionales) a desarrollar técnicas tendientes a frenar las tasas de ganancias decrecientes, y en el caso particular objeto de análisis en este artículo, a extraer de la roca madre hidrocarburos contenidos en ella, debiéndose realizar en algunos casos perforaciones de hasta 3500 metros de rama vertical mas otros 3500 de rama horizontal. Ampliando de esa manera la frontera extractivista en el subsuelo, pero a la vez incrementando exponencialmente la acumulación de residuos contaminantes a partir de varios mecanismos: incremento de las emisiones de CO₂ a la atmósfera, reinyección en los denominados “pozos sumideros” del flow back (lodos de producción) procedente de la inyección en los pozos no convencionales para romper la roca de base; y la acumulación de residuos en los denominados “basureros petroleros”, donde se acumulan con deficientes tratamientos los residuos no reinyectables en los pozos sumideros.

En este trabajo intentaremos dar cuenta de una de las consecuencias ambientales que experimenta la región norpatagónica desde la llegada e implementación masiva de la técnica de extracción de hidrocarburos no convencionales conocida como fractura hidráulica o fracking, específicamente en lo que refiere a la capacidad de dicha técnica para inducir sismos mediante la reactivación de fallas geológicas inactivas hasta hace muy pocos años.

La cuenca Neuquina cuenta con 28242 pozos de hidrocarburos distribuidos en cuatro provincias (Neuquén, Río Negro, Mendoza y La Pampa). De esos pozos, solo 1501 corresponden a hidrocarburos no convencionales. Los primeros pozos exploratorios no convencionales se empiezan a perforar y fracturar desde 2009, pero el verdadero auge de la actividad se acelera en 2014 posterior al acuerdo que la compañía controlada por el estado argentino YPF firmara como la multinacional de capitales estadounidenses Chevron en Septiembre del año 2012.

La llegada de la explotación masiva de los recursos no convencionales ocurrió luego de un proceso de control accionario de la compañía YPF impulsado por la confirmación de las reservas contenidas en la formación geológica Vaca Muerta. A partir de esa información se supo que Vaca Muerta era un yacimiento de recursos no convencionales que contaba con la segunda mayor reserva del mundo en tight gas y la cuarta de shale oil.

Como metodología de análisis hemos sistematizado los sismos registrados y publicados por el Instituto de Prevención Sísmica (INPRES) y utilizado registros realizados por la ONG chilena Sismología

²⁵ Departamento de Geografía - Universidad Nacional del Comahue. cabesso@hotmail.com

²⁶ CIT Santa Cruz - CONICET. Grupo ESTEPES. guillermo.tamburini@e-campus.uab.cat

Chile (hoy devenida Red Geocientífica Chile). Para ello no solo georeferenciamos los eventos sísmicos, sino también analizamos las características de sus epicentros (localización) e hipocentros o focos (profundidad).

Luego sistematizamos y georeferenciamos los pozos de hidrocarburos convencionales y no convencionales para -a partir del análisis del cruzamiento de datos- establecer potenciales relaciones espaciales y temporales entre la fractura hidráulica y la sismicidad en el área extra andina de la provincia de Neuquén.

Los resultados que compartimos en este trabajo consolidan nuestras sospechas iniciales: hasta el 2015 la presencia de movimientos sísmicos en Vaca Muerta es escasa sino nula. A partir de esa fecha, que coincide con la intensificación de la explotación en Vaca Muerta, la zona tembló más de 200 veces (135 movimientos registrados ocurrieron en los primeros diez meses de 2019) modificando y afectando seriamente la cotidianidad en dos pueblos de la provincia de Neuquén, Sauzal Bonito y Añelo. El primero de ellos sufrió las consecuencias directas de la cantidad de sismos registrados entre Noviembre 2018 y Marzo 2019, llegando a contabilizarse mas de 30 casas con deterioros evidentes en sus infraestructuras (3 de ellas debieron ser construidas nuevamente por parte del estado provincial) y una gran cantidad de episodios de temor e incertidumbre de la población frente a una situación inédita que les modificó la vida, dando testimonio de haber escuchado y sentido ruidos y movimientos a toda hora del día en ese periodo de 2019.

Exponemos como los sismos comenzaron a producirse luego de la llegada de la explotación masiva en los yacimientos del área, mostrándose una matriz de comportamiento donde los sismos se producen al mismo tiempo que se realizan las operaciones de fractura (mientras se inyectan a altísimas presiones, millones de litros de agua, miles de toneladas de arena y químicos).

La dimensión de análisis territorial nos obliga a analizar los distintos actores sociales que intervienen en este proceso. En nuestra investigación hemos sido testigos de la dificultad de acceso a información pública de calidad por parte de los organismos oficiales (INPRES- Subsecretaría de hidrocarburos de Neuquén, Subsecretaria de medio ambiente y protección ciudadana de Neuquén), y de funcionarios públicos que han respondido irresponsablemente con evasivas que incumplen sus responsabilidades aduciendo acuerdos de confidencialidad que entre otras cosas imposibilitan que INPRES brinde información de los sismos de intensidad menor a 2,5° ML en la provincia de Neuquén (sismos que en cualquier región activa geológicamente serían irrelevantes).

Palabras clave: Fracking, sismicidad inducida

LA EXPANSIÓN DEL FRACKING EN ÁREAS NATURALES PROTEGIDAS: EL CASO DE AUCA MAHUIDA (NEUQUÉN, ARGENTINA).

Juan Antonio Acacio ²⁷

La expansión de la frontera extractiva se ha acelerado en las últimas décadas a nivel global, elevando la tasa de extracción de diferentes bienes naturales y renovando así la presión sobre los ecosistemas. Particularmente en Latinoamérica, esto se evidencia en el avance de la frontera de los monocultivos, como el de la soja, que aumentó su superficie un 1306% entre 1980 y 2008 (INTA, 2020), pasando de una producción de 3,7 millones de toneladas en la década del 80, a 47,5 millones en los primeros años del siglo XXI (Giarraca y Teubal, 2013). Al igual que la soja, el cultivo de la palma africana y de la caña de azúcar en países como Guatemala, Honduras y Brasil, se expanden al compás de la demanda global de estos productos.

La expansión de las actividades extractivas no se restringe sólo a los monocultivos, sino también a la extracción de metales y minerales, así como también a los bienes que resultan valorizados por su prestancia energética. En los últimos años se destaca el avance de la frontera energética en el norte de Argentina, Bolivia y Chile, para la extracción de litio, metal relevante para la fabricación de baterías capaces de almacenar energía solar y eólica, en pos de la transición a otro tipo de fuentes para alimentar el sistema energético global. Pero también es evidente la expansión de la frontera energética fósil, bajo la forma de megaproyectos, como los que se impulsan para la extracción de crudo y gas de la formación geológica del Pre-Sal en las aguas marítimas de Brasil: según el portal Business News Americas, el crudo extraído del Pre-Sal pasó de representar el 37% al 73,1% de la producción de crudo en el país en los últimos años.

En Argentina la expansión de la frontera hidrocarburífera se evidencia principalmente en el desarrollo del megaproyecto Vaca Muerta, en la provincia de Neuquén, para la extracción de gas y petróleo no convencional desde el año 2013. En referencia a la expansión de la frontera hidrocarburífera no convencional, Maristella Svampa (2019) afirma que nos encontramos frente a un fenómeno de ampliación de la geografía de la extracción, puesto que la extracción de este tipo de bienes fósiles desborda la división histórica entre norte/sur, es decir, entre economías del sur exportadoras de bienes primarios, y economías del norte importadoras y consumidoras de esos bienes. Muestra de esto es la acelerada expansión de la explotación de shale y tight gas/oil en distintos territorios estadounidenses, y la extracción de crudo de arena bituminosas en Canadá. La apuesta y los intentos por consolidar la explotación de hidrocarburos mediante la polémica técnica del fracking o fractura hidráulica también ha llegado a países como Inglaterra, Francia y España, de la mano de fuertes procesos de oposición y rechazo por parte de la ciudadanía y movimientos sociales ambientalistas, por los impactos y riesgos sociales y ambientales que implica el desarrollo de proyectos no convencionales de la mano de la fractura hidráulica.

La expansión del neoextractivismo consolida nuevas presiones sobre territorios antes considerados “improductivos” (Svampa, 2013) involucrando territorios comunitarios indígenas, campesinos, de comunidades rurales, pero también sobre bosques, y ecosistemas sumamente biodiversos. Dentro de este tipo de territorios cercados y amenazados por la expansión de la frontera hidrocarburífera,

²⁷ Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (IdHICS-UNLP/CONICET) acaciojuan89@gmail.com

ocupan un lugar de relevancia las distintas experiencias de avance de actividades extractivas sobre territorios y áreas protegidas por distintas normativas y legislaciones nacionales y supranacionales. En el continente latinoamericano esto se traduce en una renovada presión sobre territorios ricos en bienes naturales valorizados internacionalmente y definidos como commodities. El fenómeno del neoextractivismo redefinió así de múltiples maneras en las últimas décadas la disputa por la tierra, lo cual ha provocado enfrentamientos sumamente asimétricos entre poblaciones vulnerables que ven amenazadas sus formas de vidas por un lado y grandes actores económicos interesados en el desarrollo de diversos proyectos extractivos por otro lado (Svampa, 2019b).

El avance de la frontera hidrocarburífera sobre territorios protegidos estatalmente se inserta en esta lógica, confrontando con las distintas poblaciones que habitan esos territorios protegidos, pero también con los actores encargados de proteger y resguardar los territorios de los impactos de las industrias y de la actividad humana, generando tensiones entre quienes deben conservar las áreas y entre quienes promueven proyectos extractivos que las amenazan. Estos elementos hacen a la cuestión central que nos comporta para el presente trabajo. Nuestro objetivo es analizar la conflictividad que emergió frente a la intención de la empresa Total Austral para iniciar actividades hidrocarburíferas no convencionales dentro de los límites del área natural protegida de Auca Mahuida, en la provincia de Neuquén, en el año 2013.

Indagaremos aquí en la forma en la que los trabajadores estatales se movilizaron y se aliaron contra el movimiento antifracking para evitar la entrada de la actividad petrolera no convencional a dicha zona. Nos interesa dar cuenta de esa alianza y de las lógicas que se tensionaron al interior de la dependencia estatal encargada de la gestión de áreas protegidas frente al avance de la empresa francesa, que se disponía a desarrollar su actividad en una zona sumamente biodiversa y de alta fragilidad ecológica. Trabajaremos de manera central sobre el diagnóstico realizado por quienes se oponían al ingreso de la actividad, y las formas en que este territorio fue defendido en base a su construcción como área natural protegida, cuestiones que actuaron como marco para la construcción del problema. Nos interesa también recuperar las acciones que los actores opositores a la actividad realizaron para visibilizar la cuestión, como también la constitución de alianzas que devino en el salto de escala del conflicto, al trasladarse este al lugar de origen de la petrolera Total, involucrando a organizaciones ambientalistas europeas.

Palabras claves: fracking, áreas protegidas, extractivismo, territorio, hidrocarburos.

LAND GRABBING, FLEX CROPS E REESTRUTURAÇÃO DO SETOR DE FLORESTAS PLANTADAS NO BRASIL

Leite, Ana Carolina Gonçalves²⁸

Com nossa apresentação, propomos discutir um processo de reestruturação territorial, ao mesmo tempo fundiária, produtiva e, portanto, também das relações de trabalho atualmente em curso no setor de florestas plantadas no Brasil, sobretudo em função de impactos produzidos pela crise de 2008. Relacionaremos, ainda, tal processo a uma espécie de “corrida por terras”, entendida aqui como parte dos processos hodiernos de *land grabbing* (cf., por exemplo, SAUER; BORRAS, 2016; SASSEN, 2013; COTULA, 2012; BORRAS *et al.*, 2012; SAUER; LEITE, 2012a e 2012b), analisando o significado hodierno da incorporação da renda fundiária ante as condições críticas e financeirizadas da reprodução social capitalista (KURZ, 2014; KLIMAN, 2012), em diálogo com as teses sobre a eficácia do ajuste espacial ou da produção do espaço na mitigação das crises (BRENT, 2015; WHITE *et al.*, 2012; HARVEY, 2004, 2011 e 2013). Além disso, analisaremos a relação entre o processo de apropriação de terras movido pelo setor de florestas plantadas e o emprego dessa matéria-prima como *flex crops* (cf., por exemplo, BORRAS *et al.*, 2016 e 2014; CLEMENTES; FERNANDES, 2012), insumos de destinação múltipla e/ou flexível, como a madeira proveniente das florestas plantadas, que possibilitam ampliar a mobilidade do capital em negócios que envolvem imobilização de recursos em ativos de baixa liquidez como a terra. Os casos tratados correspondem à recente expansão dessas florestas plantadas em terras tradicionalmente devotadas ao setor sucroalcooleiro a partir de crise de 2008, na zona da mata do nordeste brasileiro. O debate, nunca restrito à produção acadêmica, sobre a modernização da produção agropecuária estabeleceu-se no Brasil, no mínimo desde a segunda metade do séc. XX, intensificando-se a partir dos anos de 1970 com investigações sobre as políticas de modernização da agricultura promovidas pelo regime militar e suas consequências e, posteriormente, sobre a importância assumida por produtos agropecuários na pauta da exportação nacional e as transformações no caráter dos investimentos no setor, não mais restritos à histórica figura do capital agrário que agora dividia espaço com as emergentes atividades empresariais no campo. Com abordagens muito variadas, essas preocupações consolidam-se na década seguinte, em torno da noção de agroindústria e de Complexos Agroindustriais (CAI), em estudos que advertiam a integração agropecuária e indústria, à montante e à jusante, como se convencionou falar.

A expressão agronegócio veio com a radicalização desses processos e a centralidade que ganhou, inclusive no seu emprego apologético, fora incentivada pelo *boom* recente de exportações de produtos agrícolas e agroindustriais, iniciado com o séc. XXI e apelidado de *boom das commodities*. Diante desse processo e das interpretações que ele tem recebido, um conjunto de autores destacaria a importância de que as pesquisas sobre o agronegócio pudessem promover uma reflexão sobre sua modernização cuja abordagem não ficasse restrita ao seu caráter técnico, mas contemplasse os processos de reestruturação territorial, fundiária, produtiva e, portanto, também das relações de trabalho. Uma reflexão sobre a sociedade que se está produzindo dentro e no entorno do agronegócio, suas formas de territorialização e dinâmica temporal (HEREDIA *et al.*, 2010).

²⁸ Universidade Federal de Pernambuco. carolina.gleite@ufpe.br

Internacionalmente, essas mudanças recentes foram observadas por uma vasta bibliografia que buscou identificar as condições de reprodução daquele superciclo de exportações que não envolvia só o Brasil, mas, ao contrário, dera a tônica da economia mundial do novo século, suas causas e consequências, sobretudo do ponto de vista da monopolização de enormes parcelas de terra e sua apropriação por capitais e estados estrangeiros, o chamado *land grabbing* (cf. SAUER; BORRAS, 2016; SASSEN, 2013; COTULA, 2012; BORRAS *et al.*, 2012; SAUER; LEITE, 2012a e 2012b).

Com relação às causas do processo, formulou-se um relativo consenso que relacionava aquele surto de demandas por terras a quatro crises, quais sejam, crise agroalimentar, energética, climática e econômico-financeira e o aumento da demanda por alimentos, ração animal, combustíveis, etc. Com relação às consequências, apontava-se impactos ecológicos, socioterritoriais e vinculados ao questionamento da autonomia e/ou soberania dos estados nacionais com relação a suas terras, água, recursos naturais e até biodiversidade. Já com relação às suas condições de reprodução, objeto de um número mais restrito de estudos, apontou-se os reatamentos da quebra da NASDAQ, bolsa das empresas de tecnologia, como ponto culminante da crise da chamada Nova Economia, no início dos anos 2000, conjugados à desregulamentação dos mercados futuros de mercadorias agrícolas, promovendo a liberação de capitais financeiros e especulativos, cuja busca pela diversificação dos investimentos teria levado ao *boom das commodities* (cf. CLAPP, 2014).

Nesse quadro de estudos, a predominância foi, sem dúvida, de um olhar sobre a produção de alimentos (cf. EDELMAN, 2016), no caso brasileiro, inclusive por sua posição como segundo maior produtor mundial de alimentos, com a possibilidade de tornar-se o primeiro na década que se inaugura. Também teve bastante espaço o debate sobre os biocombustíveis, em virtude da importância que a produção canavieira e de etanol ocupa no Brasil, cujo estímulo ocorrera no bojo da ameaça de esgotamento das reservas mundiais de petróleo e o crescente debate em torno de alternativas energéticas “sustentáveis” e ecologicamente viáveis.

Outras cadeias produtivas, como a da madeira, por exemplo, não têm sido investigadas suficientemente desse ponto de vista, todavia, muito menos no Brasil. Apesar disso, destaca-se circunstâncias que estariam estimulando que a matéria-prima obtenha posição destacada entre os ativos das novas alternativas energéticas e da chamada nova bioeconomia, ligadas ao aumento considerável da sua demanda global, ao fato de as florestas plantadas do Brasil possuírem a maior produtividade do mundo (NALI; RIBEIRO; HORA, 2015; INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ÁRVORES, 2016), aos estímulos que o uso múltiplo e flexível da madeira oferece na atração de investimentos afeitos à intensa mobilidade e ao preço e às condições de acesso à terra no país (BARBANTI JR., 2017). Em diálogo precisamente tais questões e de modo a permitir o aprofundamento de nossas reflexões traremos casos que permitem-nos pormenorizar a atual expansão do monocultivo de florestas na zona da mata do nordeste brasileiro recorrendo à estratégia de produção da biomassa vegetal como uma *flex crop* e a dinâmicas de *land grabbing*, no bojo de um processo de financeirização da agricultura no Brasil.

Palabras clave: Agronegócio no Brasil, Setor de Florestas Plantadas, Expansão do Capital, Crise, Reestruturação Fundiária, Produtiva e das Relações de Trabalho.

PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DAS APROPRIAÇÕES DE TERRA NO BRASIL: DOS REGIMES DE DESAPROPRIAÇÃO À CRISE

Bárbara Evelyn Baracho Wanderley²⁹

Camila Campos de Lara Jakimiu³⁰

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os processos contemporâneos das apropriações de terra (*Land grabbing* ou *acaparamiento*) no Brasil, no período que foi marcado pelo neoextrativismo, destacando sua dimensão política e as implicações que retroalimentam o caráter de crise atrelado ao modelo corporativo do agronegócio brasileiro.

A respeito da metodologia será realizada uma revisão bibliográfica que consistirá no levantamento da literatura acerca do *land grabbing*, *acaparamiento* de terras e das dinâmicas do capital financeiro, conjuntamente com uma leitura das dinâmicas dos regimes de desapropriação e crise. Também serão analisadas fontes secundárias como notícias de investimentos, relatórios de organizações nacionais e internacionais (Grain, CPT, Greenpeace, Rede de Direitos Humanos), apresentando um arcabouço teórico diverso, e multiescalar, que proporcionará a análise de um panorama crítico desses processos. É na fase contemporânea em que a questão agrária se encontra, a incorporação da agricultura nos moldes do capital financeiro, que as apropriações de terra vêm sendo tecidas. Figuradas a princípio pela expansão das fronteiras agrícolas, em especial a do Matopiba, que delineou a estrutura da soja através dos novos mecanismos utilizados pelo agronegócio que permeiam uma lógica complexa que perpassam empresas que redimensionam todo o caráter produtivo outrora conhecido (OLIVEIRA, 2007, BOECHAT, 2014, LEITE, 2015 E PITTA, 2016).

O processo em si não é novo, mas a partir dos anos 1970-1980 a sua lógica atravessa mudanças significativas, apresentando um novo momento na questão agrária (DELGADO, 2012). Diversos traders do agronegócio e do setor agroalimentar, animam não só o mercado de terras (LEITE; FLEXOR, 2017) outrora dinamizado pelo boom das commodities (KURZ, 2011; SVAMPA, 2015), mas retroalimentam processos neoextrativistas corroborados e financiados desde a esfera estatal à internacional, principalmente no marco do consenso das commodities (SVAMPA; 2019, p. 24), por uma cadeia de investimentos, fundos e mecanismos financeiros. Esses investimentos variam desde o processamento de farelos de soja, a produção de cana de açúcar para etanol, até os investimentos nas culturas flexíveis para mobilizar o capital investido na terra (BORRAS., et al, 2014) e dar lastro aos processos de financeirização que foram fortemente influenciados pela crise de 2007-2008 (FAIRBAIRN, 2020) além de outros pontos a serem considerados nessa análise, como a demanda chinesa crescente dentro do mercado alimentar (MORA, 2019). É interessante situar que esse período em particular ficou conhecido na literatura como Land rush (SAUER; BORRAS, 2016). Os investimentos de capital voltados à produção de matérias primas agrícolas dentro desse processo de apropriação possibilitam ampliar a mobilidade do capital em negócios que envolvem imobilização de recursos em ativos como a terra dentro de uma nova arquitetura de grandes apropriações corporativas (WHITE et al., 2012).

Para Delgado (2012) no Brasil as fronteiras agrícolas possuem centralidade nos investimentos em terra,

²⁹ Processos contemporâneos das apropriações de terra no Brasil:

³⁰ Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Coletivo Encontra camila.jakimiu@yahoo.com

principalmente a partir de uma sucessão de incentivos do Estado que dinamizam a configuração desse mercado através do ganho fundador, isto é, da diferença entre o preço da terra, da renda capitalizada de novas terras que são trazidas ao mercado e do custo privado da sua implantação. A dinâmica que acontece no Matopiba é um exemplo desse processo, sobretudo com a expansão territorial dos monocultivos na região, pois o Estado atua como mediador para incentivar os agentes financeiros, os fundos de pensão e os investimentos internacionais a consolidar o modelo do agronegócio no Brasil (REDE SOCIAL DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS, 2018).

Nesse aspecto, não existe dualidade de interesses, nem entre as empresas que financiam esses monocultivos tampouco entre os latifundiários locais. Longe disso, os mecanismos de grilagens de terras são usados para facilitar a entrada desses agentes internacionais nos mercados locais, com um forte meio de acesso. Esse mecanismo de apropriação de terra tem provocado uma intensa expropriação, e motivado ações violentas contra os camponeses, quilombolas e indígenas. Além disso, as expulsões também são decorrentes desse processo, ou os cercamentos, que tomam formas mais complexas e nada transparentes de sobreposições de terras nos territórios das comunidades tradicionais (GRAIN, 2020). O Greenpeace internacional lançou em 2019 o relatório “countdown to extinction” que ilustra um caso no Oeste da Bahia, no município de Formosa do Rio Preto, onde a atuação das grandes traders como a Cargill, Bunge e também a Cofco atuam no processo de sobreposição em terras geraizeiras, cercamentos através da empresa Estrela Guia dentro do território dos remanescentes de povos quilombolas, e todo esse processo é mediado por uma empresa privada, chamada Estrondo, que distribui a gerência da carteira de terras dentro de todo esse aparato que é compreendido teoricamente, porém de forma ainda mais complexa a nível do território (GREENPEACE 2019, p. 60).

Algumas formulações apresentam caminhos potentes para um debate coeso desses processos de *land grabbing*, principalmente para evidenciar essas novas formas de acumulação capitalista que respondem às lógicas de acumulação originária (MARX, 2007) ou de acumulação por espoliação (HARVEY, 2004) ou para situar a discussão no âmbito do Estado, através também dos regimes de desapropriação (LEVIEN, 2014). Entretanto, no que tange o Estado como principal ator dentro das dinâmicas de acumulação, as teorias expostas não são suficientes. Isso, se passamos a entender os processos de açambarcamento contemporâneo ou *land grabbing* no processo de crise, seja ela na abordagem civilizatória (ARAÓZ, 2015) ou na abordagem da crítica ao valor (KURZ, 2018).

Palavras-Chave: Neoxtratativismo, *Land Grabbing*, Crise

CAPITAL EXTRANJERO EN EL CONTROL DE PEQUEÑAS CENTRALES HIDROELÉCTRICAS EN BRASIL

Ednilson Gomes de Souza Junior³¹

En las últimas décadas, la generación de energía hidroeléctrica en Brasil ha experimentado un importante cambio de paradigma: si antes el foco estaba en la construcción de grandes represas hidroeléctricas, consideradas sinónimo de desarrollo para el país (principalmente durante la dictadura militar), la década del 2000 marcó la expansión de las Pequeñas Centrales Hidroeléctricas (PCHs), plantas que tienen una capacidad instalada entre 5 MW y 30 MW. Las PCHs son consideradas más sostenibles por el sector eléctrico y son impulsadas por numerosos programas gubernamentales, como el Programa de Aceleración del Crecimiento (PAC) y el Programa de Incentivo a Fuentes Alternativas de Energía Eléctrica (PROINFA), además de ser financiadas por el Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social (BNDES). Teniendo en cuenta la reestructuración del sector eléctrico ocurrida en la década de 1990 y que privatizó la mayor parte de los servicios de generación, distribución y comercialización de energía eléctrica en el país, un mapeo realizado en 2020 reveló que de las 430 PCHs en operación en Brasil, 392 pertenecen al capital privado. Partiendo de este contexto, y sabiendo que durante el proceso de privatización del sector eléctrico brasileño, el capital internacional estuvo presente en la adquisición de varios activos en el país, el objetivo de este trabajo es analizar la presencia de capital extranjero en el control de las PCHs en Brasil. La investigación se realizó utilizando la base de datos de la Agencia Nacional de Energía Eléctrica (ANEEL) y la estructura de propiedad de cada PCH se investigó individualmente. El resultado del mapeo muestra que el 31% de las PCHs, lo que corresponde a un total de 122 pequeñas represas hidroeléctricas, están bajo el control de capital extranjero, pertenecientes a 12 países y 15 empresas diferentes. Ellos son: Canadá - Brookfield Asset Management; China: State Grid Corporation de China y China Three Gorges Corporation; Italia: Enel; Noruega - Statkraft; Reino Unido - Contourglobal; Sudáfrica: AngloGold Ashanti; España - Grupo Alteso; Estados Unidos: AES Corporation; Francia - Engie; Luxemburgo: Arcelormital y Velcan Holdings; Alemania: Siemens y Volkswagem; y Suiza - Clariden Leu Trust. China y Canadá son los países que lideran la lista de propietarios de PCHs en Brasil y que también se han destacado en el mercado brasileño a través de inversiones multimillonarias en los sectores de infraestructura y energía. La canadiense Brookfield Asset Management, que aprovechó la crisis de la economía brasileña para comprar negocios a otras empresas en apuros y así expandir sus operaciones en Brasil, habiendo invertido ya casi R \$ 27 mil millones en el país entre los años 2013 y 2018, es la empresa que tiene el mayor número de PCHs en operación en el país, 34 en total, y también tiene la mayor capacidad instalada, 585,1 MW. Además, está presente en 30 países donde opera en los campos de infraestructura, energías renovables e inversiones inmobiliarias, cuenta con más de 200 centrales hidroeléctricas y una capacidad instalada de 7.800 MW. China controla el mismo número de PCHs que Canadá, pero está representada por dos empresas diferentes. La State Grid Corporation de China llegó a Brasil hace tan solo 10 años, pero ya controla un parque de generación de energía compuesto por grandes centrales hidroeléctricas y 32 pequeñas centrales hidroeléctricas, además de centrales eólicas, termoeléctricas alimentadas con

³¹ Gerente Ambiental, Magíster en Ingeniería Ambiental y Doctor en Políticas Sociales por la Universidad Estatal del Norte Fluminense Darcy Ribeiro/UENF ednilson.junior@yahoo.com.br

biomasa y plantas solares fotovoltaicas, además de operar también en la distribución, siendo responsable de 14,2 mil km de líneas de transmisión en operación en Brasil, equivalente a aproximadamente el 10% de toda la red brasileña, además de controlar las líneas de ultra alta tensión más grandes del mundo, que conectan Belo Monte con el estado de Río de Janeiro. La segunda empresa china es China Three Gorges Corporation, que a pesar de controlar solo dos PCHs en Brasil, tiene una fuerte presencia en el sector de generación de energía hidroeléctrica a nivel mundial. Centrada en el desarrollo y operación de grandes centrales hidroeléctricas, la empresa controla la Represa Three Gorges, la central hidroeléctrica más grande del mundo, con 22,5 GW de capacidad instalada. En Brasil, también tiene control accionario en varias grandes centrales hidroeléctricas, como Canoas I y II, Santo Antônio do Jari, Cachoeira Caldeirão, São Manoel, Salto y Garibaldi, además de once parques eólicos. Además del análisis numérico, el mapeo también reveló una serie de temas controvertidos que involucran a quienes lucran con estas plantas, como la participación política, la asociación con la agroindustria y la minería, la ocurrencia de conflictos socioambientales y el control del territorio. Un ejemplo es la asociación entre pequeñas plantas y minería. En el estado de Minas Gerais, al menos ocho PCHs pertenecen a grandes multinacionales que también operan en el sector de extracción de minerales: la sudafricana AngloGold Ashanti, el tercer mayor productor de oro del mundo, que controla un complejo hidroeléctrico formado por seis PCHs que abastecen 29% de toda la energía consumida en sus operaciones; y Arcelormittal, de Luxemburgo, que es el mayor productor de aceros largos de Brasil, además de operar en las áreas de construcción civil, industria y agroindustria y generación de energía, con dos PCHs y seis plantas termoeléctricas. Esta es una situación preocupante, ya que tanto la minería como la operación de centrales hidroeléctricas son actividades altamente degradantes en el medio ambiente y ejercen un gran control sobre el territorio, impactando directamente las relaciones sociales que allí existen. Finalmente, proponemos una reflexión sobre la fuerte presencia de capital extranjero en el sector de generación eléctrica en Brasil, lo que lleva a un debate sobre la privatización de importantes recursos como el agua y la energía, además de mantener el modelo extractivo donde se explota nuestra riqueza para cumplir acuerdos privados a escala global, poniendo en riesgo la soberanía nacional sobre recursos tan importantes y estratégicos, no solo para el fortalecimiento económico del país, sino también para la reproducción cultural de los pueblos tradicionales.

Palabras clave: Pequeñas centrales hidroeléctricas, privatización del sector eléctrico, capital extranjero, neoextractivismo, Brasil.

AGRONEGÓCIO, TERRITÓRIO E RECURSOS: O CASO CAFEIEIRO NO SUL DE MINAS GERAIS, BRASIL

Flamarion Dutra Alves³²

A produção de *commodities* no Brasil vem sendo estimulada pelo aparato financeiro-político Estatal, bem como o ingresso de novos agentes no território com a estrangeirização de terras nas últimas décadas. O território e seus recursos vem sendo ocupado pela ampliação da mundialização e financeirização da agricultura, que transformam o alimento em mercadoria, com vistas a atender o mercado externo e não resolver o problema da fome e alimentar da população (AMIN, 2006, OLIVEIRA, 2016).

Além disso, o território é visto como um recurso, e os recursos naturais são estratégicos para ampliação de capital e sua exploração se intensifica com novas técnicas, amparadas pela ciência e tecnologia do Estado e corporações (PORTO-GONÇALVES, 2006, SANTOS, 1996)

Entre tantas *commodities* que o Brasil foi se especializando nas últimas décadas, o café representa uma forte atividade econômica no contexto mundial, pois o Brasil lidera como maior produtor no mundo, e a região do Sul de Minas Gerais tem a maior área plantada e quantidade produzida do grão no país. Na safra de 2019, o Brasil exportou 40,7 milhões de sacas de café (sacas de 60kgs) gerando uma receita de US\$ 5,108 bilhões (CECAFE, 2019). Desse total apenas 9% do café foi processado/industrializado, ou seja, 91% da produção foi em grãos *in natura* sem processamento, não agregando valor ao produto e incorporando na indústria nacional (ALVES e LINDNER, 2020).

O Sul de Minas tem uma área destinada a plantação de café de 617.879 hectares e movimentado diretamente R\$5.598.306, ou seja, o equivalente a U\$1.706.000 de dólares³³ em 2017 (Tabela 1).

Tabela 1 – Área plantada e valor da produção de café no Sul de Minas Gerais - Brasil, 2017.

Região Geográfica Imediata	Área plantada (Hectares)	Valor da Produção (Mil Reais)
Caxambu - Baependi	1.299	11.684
Itajubá	4.822	34.334
Campo Belo	15.645	122.167
São Lourenço	17.411	163.306
Três Corações	29.316	300.303
Varginha	29.487	274.007
Piumhi	30.550	223.234
Lavras	37.275	358.360
Poços de Caldas	40.321	356.943
Pouso Alegre	43.121	342.762
São Sebastião do Paraíso	51.009	432.131
Guaxupé	63.222	629.935
Três Pontas - Boa Esperança	63.700	599.443
Passos	70.772	669.245
Alfenas	119.929	1.080.452
TOTAL	617.879	5.598.306

Fonte: SIDRA-IBGE – Censo Agropecuário 2017.

³² Prof. Dr. da Universidade Federal de Alfenas – MG/Brasil flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br

³³ Cotação do dólar em 2017: 1U\$ = R\$3,28.

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo discutir os recursos do território usado pelo agronegócio cafeeiro no Sul de Minas Gerais, e analisar os atores e agentes envolvidos no processo de produção e organização espacial dessa cadeia produtiva. Para atingir tais objetivos, foram consultados dados sobre a produção e organização espacial da cafeicultura em dados estatísticos do SIDRA – IBGE e cooperativas, dados sobre empresas nacionais e multinacionais ligadas a cafeicultura, imagens de satélites para compreender a espacialização e ocupação dos recursos, bem como dados sobre circulação e ocupação do território.

Partindo dos pressupostos de Benko e Pecqueur (2001, p.31) ao entender que “os territórios oferecem recursos específicos, intransferíveis e incomparáveis no mercado. Esses recursos específicos diversificam os espaços e estabilizam as localizações das atividades econômicas” será discutida as dimensões *Recursos e Ativos Genéricos*; *Ativos e Recursos Específicos* que compõem essa atividade.

Entre os *Recursos e Ativos Genéricos*, destacam-se no Sul de Minas Gerais a localização de empresas aglomeradas, sejam torrefadoras, silos, agroindústrias, cooperativas, porto seco e exportadoras e tornando o território especializado para a cafeicultura. Essa aglomeração otimiza as interações espaciais na consolidação do agronegócio.

Devido ao relevo acidentado em boa parte da região, a colheita do café é realizada por trabalhadores, assim, a oferta de trabalho na época da colheita do café, leva milhares de pessoas a migrarem nos meses de abril a agosto, de várias partes do Brasil, principalmente do norte de Minas Gerais e o estado da Bahia. Entretanto, esse processo migratório é marcado por contradições, como baixa remuneração e o trabalho análogo ao escravo, entre 2003 e 2018 foram quase 700 casos de trabalho escravo nas fazendas de café.

Entre os *Ativos e Recursos Específicos*, destacam-se a abundância do recurso hídrico no entorno do Reservatório de Furnas, ampliando o uso dos recursos do território. Nas margens do reservatório concentram-se grande parte das propriedades cafeicultoras, além disso, as outorgas do uso de água do reservatório são predominantemente para a irrigação da cafeicultura.

A geomorfologia é um ponto importante da região, pois o relevo situa-se entre 600 a 1.300 metros de altitude aliadas ao clima tropical de altitude, propicia do ponto de vista produtivo um território específico para o café tipo arábica.

O conhecimento como recurso está presente na região com os institutos de pesquisa, universidades e empresas especializadas para aperfeiçoar as técnicas de plantio, melhoramento e ampliar o uso do território para a cafeicultura, ou seja, pesquisas financiadas pelo Estado e setor privado no processo de mercantilização da natureza.

A exploração do uso dos recursos do território vai se acentuando na mesma proporção do agravamento dos problemas socioambientais. Nas microrregiões onde predomina as plantações de café, há os maiores indicadores de uso de agrotóxicos pelos estabelecimentos rurais (IBGE, 2017).

Os processos de territorialização representam a imagem do poder construído e contraditoriamente, dos conflitos gerados na região entre os atores envolvidos. Nesse caso, o poder do Estado nas suas várias esferas, tem se empenhado a ampliar essas contradições nos últimos anos, seja com subsídios financeiros, isenções e reduções de impostos e taxas, flexibilização (afrouxamento) das leis trabalhistas, autorização do comércio e uso de agrotóxicos proibidos em outros países, ou seja, o poder que se instala no território advém dessas instâncias político-jurídica e econômica.

Diante desse contexto, o agronegócio cafeeiro no Sul de Minas Gerais tem propiciado uma exploração dos recursos do território em prol da mundialização da agricultura, esse processo desenvolvimentista não tem desempenhado a função social da terra e por consequência, tem agravado as desigualdades socioeconômicas.

AGRICULTURA INDUSTRIAL, BIOTECNOLOGÍA Y PROPIEDAD INTELECTUAL: TRANSFORMACIONES TERRITORIALES EN LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES (1996-2019)

Alomar Messineo, Dafne Salomé³⁴

El presente trabajo se propone analizar las transformaciones territoriales que genera el avance de los DPI en biotecnología aplicada a la agricultura industrial. Específicamente, se focaliza en el impacto que genera el pago de regalías dolarizadas para la pequeña y mediana producción en la provincia de Buenos Aires. En Argentina, la consolidación del “modelo de agricultura industrial” (Pengue, 2005) a mediados de los años noventa se combinó con nuevos mecanismos de captación de rentas tecnológicas: el cobro de royalties por parte de actores que detentan derechos de propiedad intelectual (en adelante DPI). En otras palabras, no sólo se introdujo la moderna biotecnología como técnica aplicada al agro sino que, además, se promovieron las solicitudes de patentes y/o registro de variedades vegetales a efectos de obtener ganancias extraordinarias. En este marco, el capital transnacional ha sido el principal eslabón del circuito agroindustrial en concentrar regalías.

Metodológicamente, se analizan las siguientes fuentes: en una primera instancia, se trabaja sobre la normativa vigente en materia de DPI y agroindustria – particularmente la Ley de Semillas y Creaciones Fitogenéticas (Ley N° 20.247) y la Ley de Patentes de invención y modelos de utilidad (Ley N° 24.481). En segundo lugar, se analizan los documentos oficiales publicados por el Instituto Nacional de Semillas (INASE), específicamente las publicaciones referidas a los usuarios de semilla fiscalizada, sujeta a DPI. Finalmente, se triangula dicha información con entrevistas realizadas a pequeñas/os y medianas/os productores, así como a integrantes de la Asociación Argentina de Protección de las Obtenciones Vegetales. Dicho organismo nuclea las principales empresas semilleras, presionando particularmente a la pequeña y mediana producción por el pago de regalías.

Durante miles de años, las sociedades innovaron a partir de sinergias colectivas, construcción de saberes comunes que posteriormente se incorporaban al patrimonio común (Diaz Ronner y Folguera, 2017). La modificación de su uso y apropiación se ha expresado en el avance de la mercantilización y privatización de los conocimientos.

La denominada reestructuración capitalista ha exacerbado las desigualdades espaciales; la importancia que adquieren los conocimientos científicos y técnicos en las actividades productivas configuran nuevos usos jerárquicos del territorio (Silveira, 2007). En América Latina, progresivamente se liberalizan flujos de capital orientados a la valorización financiera y se privatizan aspectos de la naturaleza, de la vida que antes no habían sido mercantilizados. La conversión de diversas formas de derechos de propiedad común, colectiva, estatal, en derechos exclusivos responde, entonces, a un nuevo mecanismo de “acumulación por desposesión”:

“La mercantilización de las formas culturales, las historias y la creatividad intelectual supone la total desposesión [...]. La corporativización y privatización de activos previamente públicos (como las universidades), por no mencionar la ola de privatización del agua y otros servicios públicos que ha arrasado el mundo, constituye una nueva ola de cercamiento de los bienes comunes (Harvey, 2004: 114)”.

³⁴ Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales (IGECHS-CONICET-UNCPBA). Centro de Investigaciones Geográficas (CIG-UNCPBA). Becaria doctoral en geografía por la Comisión de Investigaciones Científicas de la provincia de Buenos Aires (CICPBA). dafnealomar@gmail.com

En la búsqueda de sortear sus problemas crónicos de sobreacumulación, los excedentes de capital y trabajo han sido objeto de desplazamientos a través de ajustes espacio-temporales. Desde entonces, el predominio de la valorización financiera se ha consolidado como un elemento central para comprender la dinámica actual de acumulación del capital y, en ella, la inserción de los DPI.

Para ello, se ha requerido una estrategia político-económica motorizada por organismos multilaterales como la OMC, el Banco Mundial, el Fondo Monetario Internacional y el G20. En el caso de Argentina, la homologación a escala planetaria de normativas ha significado asumir compromisos de adecuación institucional y legal. Como afirma Santos (2000) el territorio es soporte de redes que transportan las verticalidades, entre ellas, reglas y normas que expresan una racionalidad utilitaria, desde el punto de vista de los actores hegemónicos.

A modo de conclusiones provisorias, se observa que en Argentina, específicamente en la provincia de Buenos Aires, la visión productivista en materia biotecnológica fomenta la aplicación de conocimientos sobre insumos del modelo de la agricultura industrial. La ciencia, como afirma Santos (2000), se ha subordinado progresivamente a la tecnología; ha reducido su campo de acción en pos de una supuesta obtención de mayores niveles de rendimiento.

Se observa que la construcción y reconstrucción del espacio se da con un alto contenido de ciencia, técnica e información. En este sentido, la introducción de biotecnologías, la incorporación e instrumentalización de capital constante y variable en el territorio, se reflejan en los nuevos usos de instrumentos aplicados a la producción. En adición, se observa un incremento – en la incorporación de semillas genéticamente modificadas en mayores porciones de territorio a escala nacional y provincial.

Particularmente, se observa un impacto concreto en la estructura de costos de pequeños/as y medianos/as productores/as: se observa un aumento de gastos en la dolarización de los insumos del paquete tecnológicos: por el otro, el aumento dado por el pago de royalties bajo el sistema de “Regalías Extendidas”. En este punto se observa que, si bien la normativa nacional vigente permite a las/los productores guardar semillas para uso propio, dichos actores se encuentran constantemente presionados a pagar por su uso por parte de las principales empresas semilleras. Las mismas, se nuclean en entidades como ARPOV, identificadas por los productores entrevistados como asociaciones encargadas de garantizar el pago de royalties a escala nacional.

Palabras Clave: derechos de propiedad intelectual; agricultura industrial; biotecnología; territorio; mercantilización.

MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS E A EXPANSÃO DA AGRICULTURA CAPITALISTA NO CERRADO DA MICRORREGIÃO DE MACAPÁ/AP

Rubens Edeval Sarraf³⁵

Roni Mayer Lomba³⁶

O presente estudo de âmbito de mestrado em Geografia, se propõe a articular os Conflitos Socioterritoriais no Cerrado da Microrregião de Macapá provocados pela Expansão da Agricultura Capitalista. A Amazônia Amapaense é alvo de empreitada desenvolvimentista, que tem como base o modelo neoliberalista subsidiado pelo Estado, que sob nova roupagem, o agronegócio, vem provocando transformações socioterritoriais. A atividade agrícola exportadora que se implanta no cerrado amapaense, se estabelece com o mesmo recorte dos diversos modelos adotados na região Amazônica, tutelados pelo Governo Federal e grandes empresários, expropriam territórios na incumbência de desenvolver a região; são excludentes; comprometem ou destroem a multiculturalidade; levam ao desnivelamento cada vez maior das comunidades, tornando comum as particularidades e especificidades dos diversos grupos sociais; são concentradores de renda; geram poucos empregos; espalham miséria em torno dos grandes empreendimentos e provocam enormes danos socioterritoriais e ambientais.

No Amapá, 69,89% da área do Estado são protegidas ou reservas indígenas, as áreas pretendidas pelo agronegócio, estão no cerrado, são áreas públicas, muitas delas já pertencem a povos tradicionais, onde vem ocorrendo as apropriações privadas, promovendo o aumento da concentração fundiária, conflitos socioterritoriais, superexploração da força de trabalho, desestruturação e desterritorialização de comunidades camponesas agravadas pela falta de políticas públicas adequadas para o campo. São problemas que revelam as precarizações das relações espaciais e a expulsão de agricultores, que evidenciam os impactos do agronegócio no cerrado amapaense, ainda em ascensão, todavia, já é considerado como um dos grandes projetos do Amapá, numa ampla difusão de um ilusório discurso de “desenvolvimento de última fronteira agrícola” para expansão da agricultura capitalista. Mediante ao exposto, considerou-se pertinente, fazer uma análise sobre: Quais as transformações socioterritoriais têm sido provocadas pela expansão da agricultura capitalista no cerrado da microrregião de Macapá/AP? A partir deste questionamento, tomamos como referência o seguinte objetivo geral: Compreender os impactos provocados pela agricultura capitalista frente aos povos e comunidades tradicionais do cerrado na microrregião de Macapá/AP. Para responder ao referido objetivo, delineamos como objetivos específicos: a) Analisar os conceitos teóricos referentes a movimentos socioterritoriais e agricultura capitalista; b) Investigar os movimentos históricos de uso e ocupação do território na Amazônia amapaense durante o século XX; c) Compreender a formação da propriedade privada da terra e a evolução dos conflitos socioterritoriais recentes na microrregião de Macapá. Constitui-se em uma pesquisa de campo, estruturada em uma análise quali-quantitativa, baseados em entrevistas orais (gravadas) com representantes dos movimentos sociais dos povos quilombolas, CPT Amapá, líderes comunitários, representantes de órgãos públicos, grupos voltados a agricultura capitalista (APROSOJA, AMCEL, etc). Nas entrevistas serão utilizadas algumas referências de cada setor de tal modo que sejam minuciosamente contemplados e paritários. O cerrado dos municípios de Macapá e Itaubal, às margens da BR

³⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá– UNIFAP. rubens.e.sarraf@gmail.com

³⁶ Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIFAP. ronimayer@hotmail.com

156 e da AP 70, pertencentes à Microrregião de Macapá concebe o alvo principal de investigação espacial deste trabalho, porque ali se identifica amplos conflitos e expansão da agricultura capitalista, pois devido à proximidade da área de plantação ao porto de exportação (Porto de Santana – 23 km de Macapá). O levantamento de dados quantitativos é feito em órgãos como IBGE, CPT, Embrapa, IEPA, INCRA, INPA, COEMA, Imazon, pois tanto as entrevistas qualitativas nortearão as compreensões sobre o fenômeno das disputas socioterritoriais quanto os dados serão úteis para quantificar e territorializar os conflitos. Utilizam-se imagens (fotografias a campo), produção de mapas, confeccionados tabelas e/ou gráficos de modo que permitam reforçar a exposição dos fenômenos discutido. Como recursos serão utilizados: gravador de voz, formulários preestabelecidos e impressos ou por e-mail ou via WhatsApp.

A pesquisa estrutura-se por meio do materialismo histórico dialético com base na compreensão da produção do território e no papel dos movimentos socioterritoriais.

É sabido que as referências teóricas clássicas da agricultura camponesa são Kautsky, Alexander Chayanov e Teodor Shanin. No entanto, para entender a questão camponesa no Amazônia amapaense, optou-se por adotar autores contemporâneos brasileiros, como resignificação de conceitos e legitimar o papel do campesinato na economia capitalista atual. Portanto, debate-se os conceitos dimensionais de espaço como materialização humana de Lefebvre (1991), perpassando pelas concepções de espaço de poder de Raffestin (1993), das multiterritorialidades de Haesbaert (2004) e se atendo às leituras das questão agrária brasileira de Oliveira (1986; 1991; 1999; 2004 e 2007) e Martins (1973; 1981; 1994 e 2000) e das multidimensionalidades de Fernandes (2005; 2007; 2008a; 2008b). Assim sendo, constrói-se as concepções de agricultura capitalista e campesinato, suas contradições e suas diferentes territorializações e territorialidades.

Por meio do materialismo compreendemos que o processo de expansão da agricultura capitalista é mediado pelo Estado e por forças capitalistas como foi discutido a obra de Margarit (2019) sobre o processo no Amapá, da mesma forma que Filocreão (2002) analisou por meio de um estudo sobre as transformações ocorridas na Amazônia Amapaense durante o século XX, por forças capitalistas e seus instrumentos implacáveis de produção e reprodução do capital no campo, além da manutenção das atividades camponesas frente a esse processo, onde grupos políticos-empresariais se aproveitam das forças políticas e econômicas favoráveis e se institui sujeitos opressores e dominadores de áreas territoriais, dando novas identidades socioespaciais, a partir disto, percebe-se que o movimento social camponês perpassa pelas condições impostas pelas forças do mercado. São debates engajados por Antônio Filocreão (2002), Lomba (2012), Lomba e Silva (2014), Eduardo Margarit (2019). Contudo, as contribuições para o entendimento conceituais de (Fernandes, 2005, 2007, 2008, 2008b), Oliveira (2004 e 2007), Martins (1981, 1994), permitem explicar os fenômenos apresentados no Amapá, tais como, os conflitos fundiários existentes pelo processo de consolidação da propriedade privada da terra com conflitos e expulsão de populações tradicionais de seus lugares de vida.

Palavras-chave: Agricultura capitalista, Campesinato, Movimentos Socioterritoriais.

PANORAMAS E CONSEQUÊNCIAS DO CONSUMO DE AGROTÓXICOS NO BRASIL

Garcia Martins, Francielle³⁷

Leal, Antonio Ceza³⁸

Ainda que a humanidade pratique a agricultura há mais de dez mil anos, apenas na metade do século XX passou a adotar o uso de substâncias químicas. Diversas políticas passaram a ser desenvolvidas em todo o mundo para expansão do mercado, atrelando o uso de agrotóxicos, à intensa mecanização do campo e o fomento à monocultura, aumentando a produção.

O modelo de desenvolvimento agrário consolidado pela Revolução Verde, prega o emprego da técnica e da tecnologia no combate à fome, intensifica o cultivo de monoculturas e desconsidera seu discurso protocolar. Terras férteis são transformadas em áreas de produção de combustível, para que seja possível maior aproveitamento econômico, deixando então seu potencial original de produção de alimentos (PORTO-GONÇALVES, 2011). Tendo em vista que o modelo de colonização agrário-exportador continua a se desenvolver no cenário de globalização neoliberal, há graves consequências para a natureza e, conseqüentemente, para a sociedade.

Amparado em um sistema predatório que desconsidera fatores essenciais como a soberania alimentar, manutenção de florestas, direito à saúde, incentivo à agricultura familiar, entre tantos outros, o modelo agrário-exportador se expande no Brasil.

Tal modelo baseia-se também no uso intensivo de agrotóxicos, tornando o país um dos maiores consumidores dessas substâncias no mundo com tendência à expansão. Esta evolução contínua está relacionada à economia agrária baseada em grandes extensões de monocultura voltadas, principalmente, para exportação, que exigem cada vez maior quantidade de agrotóxicos para a garantia da produtividade (BOMBARDI, 2017). No ano de 2018, as monoculturas de soja, cana-de-açúcar e milho juntas, corresponderam a 73% do total da comercialização de agrotóxicos no Brasil, de acordo com dados do “Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal – SINDIVEG”.

Outro aspecto a ser considerado em relação ao uso de agrotóxicos no Brasil, são as mudanças recentes de classificação toxicológica, que informam o grau de periculosidade de substâncias e os possíveis problemas que podem causar. Tais mudanças, foram realizadas no ano de 2019 e, de acordo com a “Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA”, ocorreu para que a classificação de agrotóxicos se adeque aos padrões adotados por outros países, facilitando a comercialização de produtos nacionais no mercado externo, além de tornar mais clara a comunicação com o consumidor sobre o grau de perigo do produto e padronizar a comparação tóxica entre os agrotóxicos.

Porém, tal alteração tem sido criticada. A ANVISA adotará apenas estudos sobre intoxicação aguda, ou seja, aqueles com risco eminente de morte caso inalados ou ingeridos. Segundo Bombardi (2019), a adoção de regras de classificação toxicológica de acordo com o Sistema de Classificação Globalmente Harmonizado, adotado pela ANVISA, não significa que o Brasil terá o mesmo rigor metodológico no que diz respeito a aprovação de agrotóxicos como o que ocorre em países da União Europeia, que são mais restritivos em relação ao uso dessas substâncias.

Na classificação anterior, irritações nos olhos e na pele já eram suficientes para que o produto fosse

³⁷ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente. francielle.garcia@unesp.br

³⁸ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Presidente Prudente. cezar.leal@unesp.br

considerado extremamente tóxico. Agrotóxicos que recebiam os níveis mais graves de toxicidade, serão considerados mais brandos. Antes, entre 700 e 800 agrotóxicos registrados eram classificados no mais alto nível de toxicidade, mas com a nova regra, esse número deve cair drasticamente, para algo em torno de 200 a 300 produtos (CABETTE, 2019). Assim, a nova classificação objetiva passar uma imagem de que não há tantos produtos de alta periculosidade no Brasil, adquirindo caráter político e colocando em risco a saúde da população (BOMBARDI, 2019).

Antes mesmo da aprovação do novo Marco Regulatório para a classificação toxicológica de agrotóxicos, o Brasil já apresentava dados elevados em relação a intoxicação da população por essas substâncias. De acordo com dados do Ministério da Saúde (2018), entre os anos de 2007 a 2014, houveram 72.343 notificações por intoxicação de agrotóxicos no Brasil. No mesmo período, 1.186 pessoas vieram a óbito.

Além dos casos de intoxicação aguda, mais claros para serem identificados, há ainda as intoxicações crônicas, que podem ser causadas a partir de longos períodos de exposição a baixas dosagens de agrotóxicos, capazes de gerar diversos tipos de câncer, mal de Parkinson, quadros de depressão, tendência ao suicídio, malformação congênita, entre outros, de acordo com diversos estudos que associam o uso de agrotóxicos com variadas patogenidades (CARNEIRO et al, 2015).

É importante destacar que tais quadros não atingem apenas populações rurais, uma vez que muitos municípios estão cercados por grandes áreas de monocultura, as que mais utilizam agrotóxicos, além disso, todos estão expostos aos alimentos contaminados por agrotóxicos, no campo e na cidade (COSTA et al, 2018). Assim, a problemática que envolve o uso indiscriminado de agrotóxicos se configura como uma questão coletiva.

Ainda na perspectiva da política de flexibilização de agrotóxicos adotada em grande medida pelo governo federal atual, apenas no ano de 2019, 475 agrotóxicos foram registrados, representando um aumento de 5,5% em relação ao ano de 2018, ano este que já havia atingido recorde em relação aos anteriores. Entre os agrotóxicos registrados em 2019 estão novas substâncias aprovadas, produtos genéricos e novas formulações.

Diante da hegemonia da economia agrário-exportadora, fundamentada no uso contínuo de agrotóxicos, populações inteiras estão vulneráveis à contaminação e intoxicação por essas substâncias, seja estando próximas às áreas de grandes plantações, sujeitas à pulverização aérea, seja sendo trabalhador rural e estar diretamente em contato com a substância, ou ainda, por meio da contaminação das águas, solos e alimentos.

Ainda que pesquisas científicas variadas apontem que o consumo exacerbado de agrotóxicos é prejudicial à sociedade e natureza e que pode ter consequências irreversíveis, ou então que levará muitos anos para serem mitigadas, muitas políticas públicas no Brasil ainda continuam a desconsiderar tais riscos.

Palavras-chave: Economia agrário-exportadora. Agrotóxicos. Consequências.

A GRANDE FRONTEIRA: A AMAZÔNIA E O SISTEMA AGROEXTRATIVISTA GLOBAL

Gabriel Domingues³⁹

Sérgio Sauer⁴⁰

Diante do cenário atual de ascensão da extrema direita no poder, observa-se no Brasil um desmonte gradual e contínuo das políticas agrárias e ambientais, em resposta à pressão do capital agroextrativista pela derrubada das últimas barreiras que ainda restam à sua expansão. Reacende-se o debate acerca do modelo de desenvolvimento pensado para a Amazônia e das causas de a região ser constantemente reduzida à condição de fornecedora de recursos para o atendimento de interesses externos, à condição de uma fronteira agroextrativista.

Deve-se entender, primeiramente, que a Amazônia é colocada na condição de fronteira agroextrativista a partir de três processos distintos e complementares: 1) como fornecedora de produtos florestais, no contexto das relações colônia-metrópole; 2) sendo integrada à economia brasileira, primeiramente a partir da exportação da borracha e, posteriormente, como fornecedora de recursos para a expansão da agricultura mecanizada, da exploração mineral e da geração de hidro energia; e 3) como fonte de ativos para a acumulação do capital extrativo, em um contexto de radicalização da doutrina neoliberal. Este artigo situa a Amazônia no processo histórico de formação da fronteira agroextrativista, a partir da dinâmica de apropriação do território, extração de recursos e exploração do trabalho. Tal dinâmica se inicia no período colonial, moldando a forma com que se dará o desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

O aprofundamento da racionalidade neoliberal nas últimas décadas, vem propiciando a estruturação de um sistema econômico global de características extrativistas. No caso da Amazônia, tal processo se caracteriza pela aceleração da ruptura ecológica, social e institucional que, ao longo de sucessivos ciclos extrativistas, tem levado ao subdesenvolvimento da região e à exaustão dos seus bens naturais. No Brasil, o desenvolvimento capitalista é caracterizado pela formação de um mosaico de economias locais e regionais, a partir de movimentos cíclicos regionalizados marcados pela apropriação territorial itinerante e pela dinâmica da fronteira em movimento. A uma cúpula política mercantil territorial, assentada no controle inabalável da propriedade fundiária, foi possível o desenvolvimento de atividades produtivas itinerantes tais como a agricultura, a extração mineral e a apropriação privada perene do território, tendo à disposição abundantes terras, força de trabalho, recursos naturais, infraestrutura estatal e subsídios públicos (BRANDÃO, 2010). Esse movimento – marcadamente de expansão, exploração e apropriação – e a combinação de atividades caracterizam a fronteira agroextrativista (SAUER e OLIVEIRA, 2021).

A dinâmica de expansão conflituosa da fronteira agroextrativista ganha novos impulsos a partir das décadas de 1940 e 1950, que alguns fazem uma analogia com uma “marcha para o oeste” no Brasil (BECKER, 2009a). Segundo Moreira (2011), ação estruturadora do Estado é reforçada no sentido de estabelecer uma divisão territorial do trabalho e das trocas entre a agricultura e a indústria, incentivando a expansão da fronteira para a Amazônia.

Tal arranjo estruturador estatal é feito acompanhando a forma diversificada com que se dá o processo

³⁹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável/ Universidade de Brasília (UnB) gabrieldominguese@gmail.com

⁴⁰ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável/Universidade de Brasília (UnB)

de acumulação primitiva⁴¹ nas diferentes regiões do país: avançada no centro-sul, calcada no subsídio à elite cafeeira e na produção diversificada das colônias de imigrantes; precária no nordeste, baseada na monopolização de terras, na substituição dos engenhos de cana pela usina no litoral e na articulação da indústria têxtil do algodão com as fazendas de gado no agreste. Na região amazônica, segundo Moreira (2011) a acumulação primitiva é inviabilizada, especialmente dada à forma pulverizada com que se dá a repartição do sobretrabalho do seringueiro ao longo dos elos intermediários da cadeia da borracha, estabelecidos no sistema de aviação (MOREIRA, 2011).

No quadro geral de conformação da nova divisão territorial do trabalho e das trocas entre a agricultura e a indústria e do crescimento econômico desigual, resta à Amazônia o papel de fronteira agrícola, mineral e energética. É um território com uma “posição natural” (especialmente devido à disponibilidade de terras) de zona de expansão das áreas de monoculturas estabelecidas no centro-oeste, especialmente a partir do eixo Belém-Brasília. Tal como ocorria com as áreas de cana e café na faixa da Mata Atlântica, a expansão das monoculturas no Cerrado e na Amazônia assume uma dinâmica itinerante, impulsionada pela sucessão desmatamento-arroz-pasto-gado-soja (MOREIRA, 2011), caracterizando não uma industrialização agropecuária, mas uma fronteira com atividades agroextrativas (SAUER e OLIVEIRA, 2021).

A fronteira agroextrativista é caracterizada pela atuação consorciada da agroindústria mecanizada com os setores mineral e energético, ora viabilizando, ora sendo viabilizada por eles. O avanço da fronteira agroextrativista vem favorecendo o aumento do desmatamento e a expropriação dos diferentes grupos sociais que originalmente habitavam o campo, a floresta e as águas. Tal processo vem gerando, por outro lado, a resistência e a mobilização desses grupos sociais no sentido de garantir o seu direito à terra e ao território (MOREIRA, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2017).

No que se refere à Amazônia, a noção de fronteira deve ser cuidadosamente qualificada, especialmente porque, conforme Bunker (1988), o que se descreve como expansão da fronteira na região envolve, na verdade, o conflito entre sistemas econômicos e institucionais diversos. Longe de assumir um formato linear e progressivo, a expansão capitalista na Amazônia, dada à sua natureza agroextrativista, provoca mudanças localizadas, descontínuas e aleatórias nos sistemas ecológicos e sociais (BUNKER, 1988). Becker (1986) propõe a interpretação da fronteira amazônica a partir da inserção do Brasil no capitalismo global, em um cenário de profundas mudanças decorrentes de novas tecnologias de produção e gestão e de novas redes de comunicação e circulação. A fronteira torna-se, então, um espaço em incorporação ao espaço global fragmentado, onde é aguçada a contradição entre os interesses gerais e os interesses privados. Ressaltam-se os conflitos entre os diferentes atores que, atuando em diferentes escalas, disputam o território para implementação de projetos políticos distintos (BECKER, 1986; MARTINS, 1996).

Palavras-chave: Neoliberalismo, Extrativismo, Fronteira agroextrativista, Amazônia.

⁴¹ Pereira (2019) enfatiza a definição de acumulação primitiva como sendo o processo de separação do trabalhador do meio de produção, em especial a terra, dando origem ao capitalismo propriamente dito. Conforme ressalta o autor, é um processo que remete ao século XVI, mas que foi recriado posteriormente, “agora não mais com o objetivo de dar a origem ao modo de produção capitalista, mas sim de garantir a sua reprodução e acumulação em outros momentos históricos” (PEREIRA, 2019, p.9).

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS NA AMÉRICA LATINA: O CONTROLE DE TERRAS PARA O MONOCULTIVO DE FLORESTAS

Mariana Lopes da Silva⁴²

Para Svampa (2019), a história latino-americana é atravessada pela exploração na forma de extrativismo, e seus países são vistos como exportadores de natureza desde a época colonial. Por conta de suas grandes riquezas naturais, a inserção desses países na economia foi subordinada pela exportação de matérias primas. Porém, hoje em dia vemos novos contornos nessa dinâmica de exploração da natureza, norteadas por características como a produção de commodities em larga escala e voltada para a exportação. Atualmente, presenciamos uma nova forma de extrativismo, que se baseia no modelo alimentar, no agronegócio e na expansão da fronteira florestal.

Vale ressaltar que, atualmente, o neoextrativismo se dá sobre bases neoliberais, aprofundadas pós 2008. A crise financeira de 2008, trouxe à tona uma nova corrida pelos recursos naturais e energéticos, como a terra. A aquisição de terras depende da criação de um mercado global de terras e sendo assim, novas fronteiras agrícolas surgem, e a expansão das já existentes só aumenta, tornando a América Latina um “banco de terras” destinado para as grandes corporações. (SASSEN 2016).

Como destacado por Sassen (2016), a aquisição de terras é um processo que já ocorre há vários séculos, então o processo em si não é nenhuma novidade. Porém, observamos que desde 2006 a busca por terras tem aumentado substantivamente, principalmente na África e América do Sul. Uma narrativa recorrente para explicar essa corrida por terras é o fenômeno chamado de Land Grabbing, que se daria a partir da convergência de diversas crises, que direta ou indiretamente impulsionaram o investimento em terras. Alguns autores destacam a crise financeira de 2007/2008, tratada por David Harvey como uma crise de sobreacumulação, como um fator que intensificou a busca por ativos não-convencionais como forma de diversificação da carteira de investimentos. Além disso, o aumento no interesse na produção de energias alternativas, o aumento no preço dos alimentos (impulsionado pela substituição de gêneros alimentares por commodities) e a crise ambiental são fatores que tornam a terra um ativo desejado por governos, empresas e fundos de investimento. Nesse contexto, a terra pode ser vista como um bem global necessário para resolver as crises globais de alimentos, energia, clima e do capital (FREDERICO, 2016).

Entre as crises, a financeira talvez deve ser tratada com maior cuidado, pois o capital financeiro mundializado apresenta um destaque nas transações de terras atualmente, sendo que a partir dos anos 2000, essa crescente tendência de financeirização promoveu a aproximação de novos agentes no campo, como fundos de investimento, assets, grandes bancos, seguradoras, fundos de pensão, etc., até então sem nenhuma ligação direta com a produção agrária (FREDERICO, 2016)

A maior parte dos investidores institucionais que aplicam em terras estão destinando seus investimentos para a produção de commodities, e o capital geralmente está em busca de novas fronteiras agrícolas. Esses capitais priorizam a produção para a exportação, o que por vezes impulsiona a insegurança alimentar do país. Insegurança essa também vivida por camponeses e populações do campo, que em geral são expulsos de suas terras e substituídos pela monocultura.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho analisou as formas de atuação da empresa Brookfield

⁴² Mestranda da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. mari.95@hotmail.com

Brasil, controlada pela empresa financeira canadense Brookfield Asset Management Inc. Segundo o seu próprio Relatório Anual, Brookfield é uma das maiores empresas financeiras do mundo, com foco na gestão de ativos reais, especialmente, imobiliários, infraestrutura, energia e private equity.

Com relação aos investimentos em monocultura de florestas⁴³, a empresa passou a ter uma atuação significativa após a capitalização propiciada pelo lançamento de dois fundos de investimentos: Brookfield Brazil Timber I e II, em 2008 e 2013, respectivamente. Cada um dos fundos atraiu cerca de US\$ 300 milhões para investimentos direcionados principalmente para o monocultivo de eucalipto no território brasileiro.

Um Estado de destaque na silvicultura financiada pelos fundos da Brookfield é Mato Grosso do Sul. A microrregião de Três Lagoas, atualmente, possui o maior parque de produção de celulose proveniente da silvicultura do mundo. Porém, a chegada desses grandes grupos industriais não se fez sem o detrimen- to dos assentados, camponeses e indígenas do local. Nessa região as florestas plantadas tomaram áreas de antigas pastagens, hoje em dia arrendadas às empresas de celulose.

Em oposição a essa tendência de estrangeirização das terras existem diversos movimentos e iniciativas de resistência, como a Via Campesina e o MST, no Brasil e Food First, Movimiento Regional por la Tierra e Fundación Amigos de la Tierra (Argentina). Esses grupos possuem muitas vezes o sentem na pele os impactos negativos desse fenômeno, como a perda da soberania e segurança alimentar, aumento do preço das terras, enfraquecimento de políticas de reforma agrária, etc. Percebemos uma disputa territorial entre as comunidades e o agronegócio estrangeiro que envolve características culturais, políticas e identitárias.

Por fim, o que vemos na realidade é a usurpação de terras com a justificativa de solucionamento de variadas crises, que na verdade acaba por aprofundar as desigualdades entre centro e periferia e consolidar o sul global como exportar de produtos extrativistas. Vivemos, hoje, o aprofundamento da exploração iniciada na época colonial, hoje em dia apoiada no capital financeiro e especulativo.

Palavras-chave: land grabbing. Silvicultura, financeirização, extrativismo, commodities.

⁴³ Utilizaremos o termo “monocultura de florestas” para designar o plantio em larga escala de um único tipo vegetal de florestas plantadas (silvicultura), como pinus, eucalipto, etc. para fins de exploração comercial da madeira.

LA HIDROVÍA PARAGUAY-PARANÁ: IMPLICANCIAS DEL MEGAPROYECTO DE INFRAESTRUCTURA HÍDRICA EN LA INTEGRACIÓN DE LOS PAÍSES DE LA CUENCA DEL PLATA DESDE EN LA SUSTENTABILIDAD ECOLÓGICA

Lic. Ariel Ocantos⁴⁴

El presente trabajo posee el objetivo de caracterizar el proyecto de la Hidrovía Paraguay-Paraná, diseñado a fines de la década de 1980, como uno de los elementos constitutivos de la Cuenca del Plata como región. El megaproyecto de infraestructura fluvial Hidrovía Paraguay-Paraná consiste en una serie de obras de dragado y balizamiento a lo largo de 3.442 km. de los ríos Paraguay y Paraná, para garantizar la navegación de trenes de barcazas desde Puerto Cáceres en Mato Grosso, Brasil, hasta Nueva Palmira, Uruguay, junto a rectificación del cauce en zonas de mayor complejidad morfológica. Comprende un área de influencia de 720.000 km² con una población, que a finales de la década de 1990, era estimada en más de 40 millones de habitantes (CAF, 1998:181). El objetivo principal propuesto era el de reducir los costos de transporte y el aumento de las exportaciones a partir de la generación de nichos de extracción de recursos como la minería, los hidrocarburos fósiles, la explotación forestal y el monocultivo, entre otros. Así, se toman en cuenta la existencia de múltiples actores (públicos, privados y sociales) involucrados (propiciadores y afectados) en el proyecto y de múltiples escalas (internacional, regional, nacional y subnacional). Se indaga en los vínculos y prácticas entre dichos actores a partir de sus intereses y los resultados institucionales y las manifestaciones territoriales de dichas vinculaciones.

Se analiza la correspondencia de la Hidrovía con un proyecto de desarrollo regional sustentable. Para ello, basándonos en la perspectiva y elementos de la ecología política, desde el abordaje de la teoría del intercambio ecológico desigual se postula que en dicha relación los países industrializados centrales cuentan con mayor probabilidad de asegurar términos favorables de intercambio, promoviendo el acceso desproporcionado a recursos naturales y a los servicios ambientales de los sistemas ecológicos. Así, este acceso facilita la externalización de muchos de los impactos ambientales negativos del sistema de producción nacional, el consumo, y las actividades en las que se basan su nivel de vida y el mantenimiento de su infraestructura, provocando la disminución de oportunidades de acceso, utilización y aprovechamiento de dichos recursos y servicios e imponiendo de cargas exógenas ambientales a los países periféricos del sistema económico mundial (RICE, 2007). Los proyectos de infraestructura física, analizados desde esta perspectiva, se sustentan en concepciones de desarrollo regional basado en la sobreexplotación de recursos naturales o de bienes comunes (SVAMPA, 2011), entendido aquél como crecimiento económico y consideraciones sobre la globalización comercial y económica como un hecho dado esencialmente positivo (GUDYNAS, 2013). Por el contrario, desde esta óptica se pretende promover “nuevos modos de producción y nuevas formas de convivencia basadas en la cultura de los potenciales ecológicos de la región y en una ética del cuidado de la vida” (LEFF, 2009:13). Se pretende describir los impactos socioambientales del proyecto, identificando los conflictos socioambientales producidos y/o agravados por la Hidrovía. Este abordaje se basa en el supuesto de que dichos conflictos pueden ser entendidos como conflictos ecológicos distributivos. Por distribución

⁴⁴ Becario doctoral en Temas Estratégicos CONICET/Instituto del Conurbano-UNGS. Doctorando en Cs. Sociales, UBA. Docente UNR. aocantos@conicet.gov.ar

ecológica se entiende a los patrones sociales, temporales y espaciales de acceso a los beneficios obtenibles de los recursos naturales y a los servicios proporcionados por el ambiente. Se incorporan así diferentes dimensiones de conflicto y negociación en circunstancias de injusticias ambientales (conflictos ecológicos distributivos) y lo que se denomina lenguajes de valoración, es decir, los diferentes modos de concebir los conflictos que poseen los actores socioterritoriales involucrados (MARTÍNEZ ALIER, 2014). De esta manera, que los conflictos ambientales constituyen focos de disputa de carácter político que generan tensiones en las maneras de apropiación, producción, distribución y gestión de los recursos naturales en cada comunidad o región. Ponen en cuestión las relaciones de poder que facilitan el acceso a dichos recursos, que implican la toma de decisiones sobre sus usos por parte de determinados actores y la exclusión de su acceso para otros. En estas tensiones, oposiciones, disputas no sólo están en juego los impactos ambientales, sino que la dinámica y desarrollo del propio conflicto pone en evidencia dimensiones económicas, sociales y culturales también desatendidas. Y cuando estos están espacialmente localizados, estamos en presencia de conflictos territoriales (MERLINSKY, 2013).

Dadas las problemáticas introducidas en el abordaje presentadas en la ponencia, se pretende argumentar que la Hidrovía Paraguay-Paraná, en tanto proyecto de infraestructura regional, se aleja de las premisas de la integración latinoamericana y caribeña como proceso democrático substantivo y no meramente formal y *“confronta en la problemática socioambiental uno de sus obstáculos más importantes y difíciles de superar”* (CASTRO, 2014: 480).

Palabras clave: Cuenca del Plata – Hidrovía Paraguay-Paraná – intercambio ecológico desigual

A TERRITORIALIZAÇÃO DO SETOR PRIVADO NO USO E CONTROLE DA ÁGUA NO ESTADO DE SÃO PAULO/BRASIL. ESTRATÉGIAS A PARTIR DA ABERTURA DE CAPITAL NA COMPANHIA PAULISTA DE ÁGUA E SANEAMENTO BÁSICO SABESP

Gabriel Alexandre Gonçalves⁴⁵

Durante muito tempo a América Latina vem sendo alvo das estratégias do capital pela apropriação e pilhagem de bens naturais. Todas essas ações se pautam em medidas de salvaguardar o capital em sua crise, sob os auspícios do Imperialismo.

Esse processo é decorrente no bojo de uma ofensiva do Capital em apropriar-se da água, no caso do saneamento. De modo a transformar setores antes controlados pelo poder público em negócios. A cada caso é revelado uma tática de manter esse controle, seja por meio de privatização total dos ativos de uma empresa pública, ou seja por meio de participação colegiadas de abertura de capitais. Assim, constituindo novas entradas de valorização fetichizada de capital fictício (financeirização).

Para, com isso, identificarmos os desdobramentos da auto-valorização do capital fictício (CARCANHOLO, 2012), das ordenações e regulações exercem grandes algemas para a prisão espacial dos homens a uma sociedade centrada nas relações de classes e de capital, ou seja, a alienação espacial dos homens (MOREIRA, 2004)., na qual tendo o metabolismo societal do capital e sua capacidade de subsunção as suas necessidades (MÉSZÁROS, 2011). Chegamos que a empresa paulista, mesmo não totalmente privatizada e monopolista, segundo SWYNGEDOUW (2004), entra na tendência de soltar papéis no mercado financeiro (financeirização) como forma de garantir financiamento e lucratividades.

O presente texto é uma fração da pesquisa desenvolvida no mestrado, em 2017, cujo objetivo: Analisar e identificar as estratégias da participação privada (privatização) e financeirização do setor do saneamento, tendo em estudo da Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo (SABESP), Brasil. Buscou-se analisar a partir dos relatórios enviados pela empresa à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Relatórios de Anual Financeiro (RAF) (1995-2002), base de dados do Sistema Nacional de Informação sobre o Saneamento (SNIS) (1995-2002); revista e periódicos da empresa, coletando dados e indicadores a partir da análise financeira. De maneira que consigamos materiais e dados que delinearam os momentos do avanço e recuos da estratégia de privatização.

Além disso, nossa análise se baseou na bibliografia a respeito de ordenação espacial (MOREIRA, 2004), a privatização do setor do saneamento (SWYNGEDOUW, 2004), para citar alguns; buscamos a compreensão histórico dialética para compreender e delinear algumas das determinantes históricas que fomentaram as nossas análises qualitativas e chegamos às determinadas conclusões.

Identificamos em nossa pesquisa (GONÇALVES, 2017) a partir do histórico do saneamento as contradições como portas de entradas para as mais diversas políticas e abertura para o setor privado. Dentre elas: limitação para os investimentos, um planejamento difuso do setor em vários ministérios, com exceção de 2007, com uma política focada às demandas do setor; pouca de política planejada e regulação para o setor (só tivemos duas: PLANASA, 1971; PLANSAB, 2007) (HELLER, 2007);

⁴⁵ Doutorando em Geografia pela FCT/UNESP Pesquisador do NEPEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Direitos Humanos) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, professor da rede municipal de São Paulo, FUND II de Geografia; Militante do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB/SP. Email: gabriel.a.gonclaves@unesp.br

retirada de fundos e fontes para o saneamento público brasileiro. Essas condicionantes históricas, no espaço do saneamento brasileiro, propiciou a territorializações de propostas privadas, bem como melhor entrada do capital financeiro.

Ao longo do período estudado identificamos três intentos de privatização da empresa paulista de saneamento (SABESP). Um primeiro a privatização clássica, que não prosperou por conta da articulação de segmentos das organizações civis: o sindicato do setor de saneamento e esgoto (SINTAEMA), Associação dos municípios (ASSEMAE), Frente de luta pelo saneamento ambiental (FNA) e movimentos sociais. Na segunda, o intento de transformá-la em uma holding, na qual sofrera derrota pelas mesmas instituições. E, a terceira que buscou a consolidação da abertura de capital, proporcionando maior participação acionária, cujo resultado fora a entrada no conselho administrativo a entrada em parte do controle da empresa.

Com isso, identificamos as determinantes conjunturais e os conflitos que sintetizaram nesse modelo parcelar de controle da empresa. No entanto, isso decorreu as estratégias mais lucrativas e aproveitamento do papel monopolista da SABESP no saneamento do Estado, para buscas de maiores produções de água bruta, controle e apropriação de mananciais.

Nessa manifestação de apropriação é decorrente a ampliação de mananciais sob o poder companhia, além da ampliação dos projetos. No contexto político e econômico de hegemonia do capital financeiro, o território sabespiano necessitou de maior adensamento de sua gestão e capacidade e acesso cada vez maior de adução de água. Todavia, com a capacidade de acesso e a possibilidade política, do Estado e na governança do PSDB (claramente defensor de políticas de cariz privatistas e mercantilista), garantiram as condições para o fortalecimento da empresa ao sabor das necessidades do capital financeiro.

Com isso, jogamos luz aos momentos de crise de abastecimento que ocorreram nos de 2014, em virtude da ampliação de aumento de produção de água tratada aos grandes centros urbanos metropolitanizados do Estado, onde temos as maiores concentrações de receita tarifária da empresa bem como, subsidia ainda mais o processo de concentração de oferta de água tratada no estado de São Paulo/Brasil.

MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA: ESTUDO DE CASO NO LESTE METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO

Freire, Eloisa Helena Barcelos⁴⁶

Partindo da premissa de que os impactos socioterritoriais gerados pela urbanização contemporânea estão direta e indiretamente influenciados por relações desiguais de poder e de acessibilidade aos diversos serviços urbanos, dentre eles o acesso e uso da água, e que no mundo contemporâneo dominado pela forma-mercadoria, a água, como insumo indispensável para diversas atividades, tem crescentemente sido colocada e disputada no mercado.

E como em outros países, as cidades brasileiras têm assistido a um processo de apropriação, regulação e distribuição privadas de serviços e de recursos naturais, transformando-se de um bem de uso público em um valor de troca.

O trabalho reflete sobre a gestão do Sistema Imunana-Laranjal, macrossistema produtor e distribuidor de água de parte da Região Leste Metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil, a partir das obras de ampliação do sistema financiadas por dois grandes projetos de desenvolvimento brasileiro (Comperj e PAC/Saneamento, entre 2010-2018), procurando analisar de que forma a distribuição deste recurso é apropriado entre os municípios atendidos e pelos diferentes segmentos sociais que interagem nestes territórios e que podem caracterizar as relações desiguais de poder e ao acesso à água.

Nesta reflexão, partimos da compreensão que nas cidades capitalistas, ou pelo menos nas cidades onde as relações de mercado são a forma dominante de troca, a circulação de água também faz parte da circulação de dinheiro e capital, e que, tal como ocorre com outros bens e serviços urbanos, a circulação da água está diretamente imbricada com a economia política do poder que dá estrutura e coerência ao tecido urbano. Além disso, tais relações de poder econômico e político, como também as posições de poder social e cultural, podem ser reveladas ao se analisar os mecanismos de acesso e exclusão à água. E que tanto os agentes privados quanto os agentes públicos estão profundamente envolvidos na disputa pelo controle sobre a água e pelo poder (Swyngedouw, 2004).

O Sistema Imunana/Laranjal, até 2010, abastecia os municípios de Itaboraí, São Gonçalo, Niterói. A situação do abastecimento destes municípios era marcada por forte desigualdades ao acesso a esse serviço, com diferenças acentuadas que se expressam quando comparamos a situação do município de Niterói, com melhor qualidade do serviço, com quase 100% da população atendida, e aqueles com piores indicadores de atendimento como São Gonçalo e Itaboraí. Uma característica marcante destes municípios é a dependência desse sistema para suprir suas demandas de água, pois não possuem disponibilidade hídrica em seus próprios territórios, em quantidade e qualidade, suficientes para tal fim. O Sistema Imunana/Laranjal é alimentado pelos mananciais situados no município de Cachoeiras de Macacu/RJ.

Neste cenário de desigualdade regional, é instalado no município de Itaboraí um grande projeto de desenvolvimento brasileiro, o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), o qual gerou expectativas e provocou alterações significativas neste Sistema. A construção deste empreendimento promoveu um acirramento da disputa por água na região, apoiada principalmente no discurso da

⁴⁶ Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU/PROEX/UFF), Doutora em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU-UFF. eloisafreire.uff@gmail.com

escassez e nos prognósticos de crescimento populacional. Para minimizar este conflito, obras de abastecimento de água, foram ofertadas e executadas na região. Parte destas obras foram custeadas pela Petrobras como medidas compensatórias ambientais pelos impactos previstos do empreendimento na região, outra parte foi financiada pelo governo federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC/Saneamento).

O Comperj foi apresentado como uma oportunidade única de progresso, modernidade e desenvolvimento “sustentável” para o Leste Metropolitano/RJ, embora a tecnologia do processamento de petróleo ser poluidora e demanda intensa utilização de água. Apesar dessas contradições, o fornecimento de água do Comperj, como todas as outras atividades extramuros do empreendimento tiveram seus processos de licenciamento apresentados em separado, o que são exemplos claros de fragmentação do licenciamento ambiental, já que estes não foram avaliados no EIA-RIMA do Comperj. O processo de licenciamento do Comperj foi alvo de inúmeras críticas gerando inúmeros conflitos no campo e nas cidades impactadas pelo empreendimento. Estas razões, inclusive, fundamentaram diversas proposições de Ações Cíveis Públicas pelo Ministério Público, julgadas procedentes em 2019.

No setor de água, a medida que gerou a maior disputa por água foi, e ainda é, a proposta de construção de uma grande barragem no Rio Guapiaçu, situado no município de Cachoeira de Macacu. Esta proposta foi inicialmente apontada como alternativa para suprir a demanda de água do complexo, contudo, a partir do discurso construído que o empreendimento traria a solução para abastecimento de água da região, sendo inserido por isto no conjunto de condicionantes do licenciamento ambiental do empreendimento, os agentes ligados ao Comperj, conseguiram desassociar a quantidade de água necessária para abastecer o processo industrial do complexo dos impactos negativos.

O conflito tem como epicentro a proposta da grande barragem do Governo do Estado, representando uma coalizão de interesse entre empreiteiras, capital financeiro e Poder Público, e, em reação a ela, dois projetos surgiram e ganharam adesão local: de um lado, a defesa das Pequenas Barragens empreendida pela elite local por Sindicato Rural Patronal, ONGs e Secretaria Municipal de Meio Ambiente, e de outro, a proposta de águas para vida que vem sendo apresentada pelo Movimento dos Atingidos por Barragem, desde a luta de trabalhadores rurais e assentados da reforma agrária por autonomia e recuperação ambiental. Isto posto, se pode concluir que pequenas ou grandes, barragens são pretexto para mais uma expropriação que incide sobre os mais pobres.

Os recursos do PAC/Saneamento aplicados nos municípios objeto deste estudo, entre 2010-2018, mantiveram a política centrada na obtenção de lucro implantada pela CEDAE a partir de 2007 pelo governo estadual. A Companhia alocou estes recursos nas áreas de maior poder aquisitivo, privilegiando o atendimento da demanda solvável. Além disso, a decisão da CEDAE em abastecer o município Maricá pelo sistema, sem atender demanda existente, revela que fluxos de água, dinheiro e poder são mecanismos de dominação e subordinação.

Esta visão empresarial abriu caminho para atrair novos investidores privados ávidos por lucros e para um processo de privatização da Companhia que está em curso, o que mostra que a agenda ofensiva neoliberal brasileira avança na lógica da água como mercadoria, sendo o Estado o seu principal agente em defesa dos interesses privados.

Palavras-Chave: Água, Desigualdade socioterritorial, Relações de poder.

CONTRADIÇÕES DO SETOR ELÉTRICO NO AMAPÁ: IMPLANTAÇÃO DE GRANDES PROJETOS HIDROELÉTRICOS E A ESCASSEZ DO FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA À POPULAÇÃO.

Alan Patrick Coimbra Melo⁴⁷

Roni Mayer Lomba⁴⁸

Esse artigo trata das contradições do setor elétrico no Amapá, resultantes da implantação de grandes projetos hidroelétricos acompanhados com a escassez do fornecimento de energia elétrica à população local. Nossa intenção é investigar a disponibilidade de energia elétrica de forma escassa à população local, em um contexto em que o Estado possui em seu território quatro grandes hidroelétricas, que juntas, produzem cinco vezes mais energia que o Estado necessita e, além disso, está interligado ao Sistema Nacional de Energia – SIN, através do linhão de Tucuruí. Mesmo com a conhecida importância dos recursos energéticos em nossa sociedade, ainda presenciamos a escassez do fornecimento de energia elétrica à população ou a insegurança deste serviço. Uma situação que se agrava, na medida em que, a produção, distribuição e comercialização de energia elétrica é visto como mais uma commodity que pode ser livremente comercializada, seguindo as diretrizes dos circuitos de acumulação global, neste caso, definida através da apropriação e exploração da natureza. Desta feita, o objetivo da pesquisa é analisar a relação entre as políticas territoriais que orientam a expansão do sistema energético no Amapá e a escassez do fornecimento de energia à população local. A questão norteadora desta pesquisa se concentra na análise de como o Amapá tem sido visto a partir das políticas públicas que orientam o planejamento de produção e infraestrutura do Setor Elétrico no Brasil e Amazônia? Partindo do entendimento do conceito de território e usando a base teórica definida por Harvey (2005, 2006, 2013), essa pesquisa abordará a segurança energética no Amapá tendo como premissa as contradições existentes entre o crescimento do sistema energético e a escassez da oferta de energia elétrica, como resultado do processo histórico de “espoliação” dos recursos e a existência de “ajustes espaciais”, consolidados com a implantação de grandes projetos hidroelétricos na Amazônia. Para responder à problemática, este artigo é construído com base em um estudo qualitativo e pesquisa exploratória. Para a coleta de dados foi realizada pesquisa bibliográfica e documental. A análise do modelo de sistema energético em desenvolvimento no Brasil, induz ao entendimento que a exploração do potencial energético da Amazônia, corresponde a uma nova etapa de um processo de exploração de seus recursos. A interrupção do fornecimento de energia elétrica, a ausência de redundância de proteção da rede de distribuição, a ausência de gerenciamento dos órgãos de fiscalização (ausência do Estado), são apenas alguns dos diversos problemas existentes na Amazônia que estabelece uma situação de risco energético. Nota-se que a infraestrutura do sistema energético implementado no Amapá, foi somente aquele necessário para conduzir energia para os grandes centros consumidores (compradores), restando para o Amapá assumir passivamente o papel determinado de fornecedor energético, deixando claro a desigualdade regional. Essa insegurança fica evidenciada com o “apagão” que atingiu o Amapá durante 21 dias no ano de 2020; este foi o maior sinistro já registrado no Brasil, em relação ao tempo de duração. A interrupção do fornecimento de energia no Estado do Amapá aclara a insegurança energética exis-

⁴⁷ Geógrafo. Mestrando em geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. alancoimbra.ofbm@gmail.com

⁴⁸ Professor Doutor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. roni@unifap.br

tente no Estado, isso seja pelo tempo da interrupção ou pela incapacidade de reestabelecimento do fornecimento de energia com recursos locais. Esse fato (apagão) não deve ser entendido de forma isolada, ele deve ser compreendido como um resultado de uma série de ações e omissões que resultaram no fatídico evento que marcou a vida dos amapaenses em 2020. Uma incômoda contradição ficou latente depois do apagão. O Amapá possui autossuficiência energética e o excedente da energia que produz é fornecido para outras regiões do país mais urbanizadas e industrializadas, entretanto, o Estado do Amapá está mergulhado em uma profunda insegurança energética. O debate sobre a qualidade da prestação do serviço de fornecimento de energia elétrica para a população deve ser constante, pois, o recurso energético hoje é um elemento vital em nossa sociedade e, desta maneira, estabelece limites e condicionantes para os diversos processos de desenvolvimento. Portanto, a segurança energética, torna-se elemento central para a desenvolvimento regional. Embora seja possível observar algumas mudanças em termos produtivos de energia elétrica no Amapá, o sistema energético local apresenta carência de planejamento e gestão, onde destaca-se a situação de colapso e em vias de privatização a Companhia de Energia Elétrica do Amapá – CEA, única empresa responsável pela distribuição de energia no estado. Tal situação gera dificuldades severas na continuidade do fornecimento de energia elétrica com qualidade para população local, além disso, o valor cobrado pela prestação do serviço é, em média, a maior tarifa praticada no país. O rápido avanço da infraestrutura voltada a transmissão de energia na Amazônia se comporta como uma nova fronteira, desta vez, de exploração de energia elétrica, através de um sistema de institucionalizado de espoliação, como bem explica Harvey (2005). O que tem relação com a forte entrada do capital estrangeiro no investimento de grandes obras ligadas principalmente a construção de hidroelétricas. Não resta dúvida que a produção de energia elétrica no Brasil se tornou um grande negócio para os investidores, haja vista que, recebem volumosos incentivos, empréstimos, garantias de mercado consumidor e mecanismos de segurança para evitar prejuízos, o que torna os investimentos realizados neste setor, de baixo risco e com altíssimo retorno financeiro para os grandes investidores; tudo isso em detrimento da oferta de energia elétrica para a população local, que sofre com interrupções constantes do serviço, paga um elevado preço pelo produto e amarga constantes prejuízos pela falta de qualidade do serviço prestado pela distribuidora de energia.

Palavras-chave: Grandes Projetos, Segurança Energética, Escassez, Amapá.

RIESGO GEOLÓGICO EN LA REPRESA CÓNDOR CLIFF SOBRE EL RÍO SANTA CRUZ

Guillermo Tamburini Beliveau⁴⁹

A fecha de hoy se están construyendo sobre el río Santa Cruz, aquél que da nombre a la provincia patagónica, dos megarepresas que destruirán al río de modo irreversible. En palabras del propio Estudio de Impacto Ambiental (EsIA), harán «desaparecer el 50% de su cauce», y difícilmente se puede concebir la desaparición del 50% de cualquier cosa sin que la totalidad se vea herida de muerte. El proyecto lleva por nombre Aprovechamientos Hidroeléctricos del Río Santa Cruz (AHRSC), y la lista de males que encarna es tan larga como la de los informes oficiales que pretenden aplacarlos y justifican la idoneidad de la obra. Miles de páginas de estudios técnicos de todo tipo, presentados principalmente pero no solo en forma de EsIA, se constituyen como una confusa neblina verborrágica que impide comprender con claridad lo que realmente sucede en el río.

En El Calafate, uno de los polos urbanos de referencia logística para los AHRSC, es posible hablar con gente que conoció al ingeniero Castillo, encargado de los estudios para este mismo proyecto en la década de los setenta. Dicen que Castillo ya alertaba de que en la zona de los acantilados de Cóndor Cliff, donde se está construyendo una de las dos represas de los AHRSC, no era viable un proyecto de embalse por la debilidad de las estructuras geológicas. Las paredes de los acantilados y las pendientes de las laderas se caen.

Lo que dicen que dijo el ingeniero puede ser cierto o no. Como puede ser también más o menos acertada la opinión de cualquiera, profesional o no, que considere que construir una megarepresa sobre el material poco consolidado que representan los sedimentos glaciares y lacustres (limo, arena y grava) del valle del río, no parece a priori una buena opción. Algunos académicos opinan que quizás no es tanto la factibilidad del proyecto, sino el presupuesto necesario. Construir una represa que embalse unos 6 km³ de agua sobre material inestable puede ser posible, pero a su vez, demasiado caro. Así opinan autores como McCully o Ansar, pero también los dijo en su tesis de grado la geóloga Falcioni, actual encargada de estudios geotécnicos del Organismo Regulador de Seguridad de Presas (ORSEP), ente público argentino dedicado a la «innovación en el control de la seguridad de los diques de la República Argentina». Lo muestra también Google, cuando al acercarnos a un alto nivel de zoom a la zona del proyecto, descubrimos un aterrador deslizamiento de laderas que ha dejado inmensas grietas en superficie en la posición exacta del anclaje sur de la represa de Condor Cliff. Este accidente, que mantuvo a la obra parada más de un año y obligó a reformular el proyecto por completo, es la clara evidencia de las intrínsecas malas condiciones geológicas de partida para el proyecto, a las que se suma una clara falta de responsabilidad por parte de sus ejecutores. A pesar de lo que dijo Castillo, y como dijo Falcioni (ambos estrechamente vinculados a la promoción de estos emprendimientos), parece que no se invirtió suficiente conocimiento ni dinero en prepararse para lo previsible. Cientos de páginas de informes geológicos, alternativamente alertando de los riesgos o justificando la idoneidad del proyecto, parece que terminaron por confundir a los propios ingenieros de los AHRSC.

Y los problemas no terminan aquí. El Instituto Nacional de Prevención Sísmica (INPRES) clasifica

⁴⁹ Dr. en Ingeniería, Ing. en Cartografía y geodesia. Lic. en Geografía. CONICET-CIT Santa Cruz. guillermo.tamburini@e-campus.uab.cat

al país en cinco categorías de riesgo sísmico, de 0 a 4. La escala es clara y sencilla, al margen de cualquier debate posible, de 0 a 4. El EsIA de los ARHSC dice que según el INPRES la represa Condor Cliff se encuentra en la categoría 0, la de menor riesgo, pero sin embargo y sin lugar a dudas según el mapa del INPRES el proyecto CC-NK se encuentra en la zona 1, riesgo «reducido». El error es tan grosero que justificaría la nulidad total del análisis sísmico del proyecto, pero incomprensiblemente, todavía quedan cientos de páginas de informes sísmicos para entorpecer cualquier análisis elemental. Por ejemplo, el EsIA se permite hablar de la posible influencia sobre los AHRSC de la falla tectónica presente en las islas Sandwich del Sur, a más de dos mil kilómetros del proyecto. Sin embargo, nada dice del nido sísmico al Sur de Calafate, a unos cien kilómetros de la represa Condor Cliff e intensamente activo (casi 50 sismos registrados en los últimos 50 años). En 1986 un terremoto de magnitud 5 MI ocurrió a menos de 50 km del cierre de la represa, y en enero de 2021, uno de magnitud 3.5 MI a 75 km. A esto es necesario añadir que ninguna institución tiene la información necesaria para determinar con precisión la actividad sísmica de la zona. Es decir, los eventos conocidos son reales, pero los desconocidos son con seguridad muchos más, lo que podría incluso cuestionar hacia el alza la categorización del INPRES. Todo esto parece haber pasado desapercibido a los redactores de los informes geológicos o de los EsIA.

Entonces, si solo en el estadio de la preparación de los cimientos de la represa, las fallas estructurales son tan alarmantes como previsibles, ¿es posible confiar en la seguridad y calidad de esta obra?

En el trabajo que se presenta mencionamos algunos de los elementos clave que ponen en serio cuestionamiento los elementos más básicos de la seguridad en la represa Condor Cliff del proyecto AHRSC.

AMAZÔNIA, UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Arlindo M. Esteves Rodrigues⁵⁰

O tema Amazônia está nas principais manchetes da mídia, inclusive empresarial, pois as agressões de sociedade produtivista ecocida está na pauta dos movimentos, articulados ou não, defensores de pautas ecológicas.

Há três opções da sociedade se relacionar com a Floresta Amazônica, a primeira é por um política de preservação, defendendo que ela se mantenha intocada, esse caminho dialoga com o fundamentalismo ecológico e submete o país ao ecocolonialismo, além de abandonar milhões dos povos da floresta. A segunda opção é submeter a Amazônia à lógica ecocida do desenvolvimentismo, assumindo os riscos de seu colapso, o que desencadearia um processo agudo de desertificação no Brasil. A terceira opção é construir uma de geração de renda para a população amazônica e a inclusão do país de uma diferenciada na sociedade 4.0 ao vincular de forma dialogal aos saberes tradicionais com os centros de pesquisas, o que poder proporcionar produção nas áreas alimentos, comestivos e farmácia e ao mesmo tempo, permitir a conservação da Floresta em sua plenitude.

A proposta deste texto é debater as crises e oportunidades das três opções amazônicas para a sociedade. A pergunta orientadora desse texto é como a sociedade brasileira desenvolver condições de geração de renda de sua população e, ao mesmo tempo, preservar a Amazônia?

A relevância desse debate, assume um caráter internacional, pois o impacto da degradação e consequente colapso da Amazônia afetará as condições hídricas de vários países da América do Sul, pois além do Brasil, a Argentina, a Bolívia, o Paraguai e o Uruguai sofrerão um processo de desertificação com a seca dos rios aérios que fertilizam as condições hídrica desses países.

Nesse sentido, o atual ciclo de desmatamento já influenciou na severidade das secas de 2005, 2010 e 2015-16. Para os pesquisadores Thomas Lovejoy e Carlos Nobre, “Esses eventos, juntamente com as graves inundações de 2009, 2012 (e 2014 sobre a Amazônia), sugerem que todo o sistema está oscilando” (Lovejoy, 2018).

Essa conjuntura de agressão à Amazônia, além dos demais biomas, produz sérias consequências sociais e os riscos de desertificação. O modelo de relacionamento entre a sociedade e a Floresta Amazônica deve ser avaliado e transformado para garantir a perenidade de seu ciclo reprodutivo, pois dele depende o fluxo dos rios aérios que alimentam os fluxos hídricos de diversos países da América do Sul. Os Rios Aéreos são formados pelo fluxo hídrico gerado pela transpiração amazônica, evapotranspiração. Eles fluem para dentro do continente, passando pelo Acre em direção ao leste dos Andes, abastecendo as geleiras, e posteriormente viajam para o centro-oeste e sudeste do Brasil (Nobre, 2014, p. 18), levando chuvas para as savanas, na parte meridional do continente, Pantanal, Chaco, região agrícola da Bolívia, Paraguai e Argentina (Nobre, 2014, p.10).

O desflorestamento da Amazônia provocará sequelas na América do Sul. As suas consequências imediatas são: redução drástica da transpiração amazônica, a modificação na dinâmica das nuvens e das chuvas e o prolongamento da estação seca. O agravante desse processo é que basta a remoção de 40% da floresta para provocar o colapso da atual dinâmica hídrica, liquidando, inclusive, a parcela da flo-

⁵⁰ Professor/pesquisador nas áreas de ecologia política e gestão ambiental. Pesquisador do NEF (PUC – SP) e professor da Universidade São Judas Tadeu, prof.arlindorodrigues@gmail.com

resta não desmatada (Nobre, 2014, p. 2-3; Lovejoy, 2018).

Caso ocorra o colapso amazônico, há dúvida sobre seu resultado, isto é, nesse caso, a região amazônica se tornaria savana ou deserto? A savana seria um cenário menos severo pela possibilidade de chuva e agricultura, mas, para Nobre (2014, p. 27), a eliminação da floresta provocará a desertificação da Amazônia e seca no interior do continente, conseqüentemente, falindo as suas condições hídricas.

A hipótese orientadora desse artigo é que é possível a geração de renda para a população amazônica sem desmatar a sua floresta. A proposta para essa opção de relacionamento sociedade e a Floresta Amazônica é inspirada na proposta de Chico Mendes. Ele apresentou propostas concretas de geração de renda com respeito e preservação da Floresta Amazônica: a produção econômica gerada pela extração dos frutos da floresta, sejam os já conhecidos e industrializados como borracha da seringueira, castanhas, babaçu, açaí, sejam os produtos desconhecidos pelos grandes centros como tucumã e papauá (ricos em óleo), copaíba, bacaba, pupunha, entre muitos. Outra sugestão de Chico Mendes envolve a articulação dos saberes das ciências e dos nossos ancestrais: medicamentos. A Amazônia é um imenso arsenal químico, possui riquezas vegetal, mineral e animal, e muitas dessas desconhecidas pelas sociedades urbanas, assim, a partir das indicações dos saberes indígenas e pesquisas das nossas universidades, o Brasil pode investir nas soluções sociais nas áreas alimentícia, farmacêutica e cosmética. Ele defendia que essas propostas proporcionariam renda para os habitantes da floresta e ao mesmo tempo a manteria conservada.

Palabras clave: Amazônia, Amazônia 4.0, sustentabilidade

ÉTICA ECOSOCIALISTA, UMA PROPOSTA PÓS-CAPITALISTA

Arlindo M. Esteves Rodrigues⁵¹

A grave crise socioambiental enfrentada pela sociedade no início do século XXI a coloca em uma bifurcação. Um caminho é assistir passivamente as grandes corporações, hoje dominadas pelas organizações financeiras, transformarem a vida, em todos os seus sentidos, em mercadoria. Essa opção envolve o esgotamento dos recursos naturais e o risco da Natureza não ter mais condições de proporcionar a manutenção de vida no planeta. A outra opção é a construção de outra lógica de civilização, socialmente justa, ambientalmente integrada e solidária, nesse caminho, o diálogo entre os diversos segmentos socioambientais contra-hegemônicos é fundamental.

A ética do atual modelo de civilização orienta a vigente produção da riqueza de forma concentrada privilegiando poucos, deixando grande massa na miséria ao mesmo tempo que gera déficit na capacidade do planeta em repor suas condições e interfere nas condições climáticas do planeta. As alterações nas condições do planeta, provocadas pela produção capitalista pós II Grande Guerra, foram expressivas na dinâmica do planeta e causaram a mudança da era planetária, o Antropoceno. Junto com a nova era, vieram os riscos de colapso da civilização.

Considerando a gravidade dos desafios da sociedade, o problema orientador deste texto é “Qual é o papel da ética ecossocialista na construção de uma sociedade pós-capitalista, socialmente justa e ambientalmente integrada?”. Para responder essa pergunta, este texto aplicou o desenvolvimento de um levantamento bibliográfico, investigando os principais teóricos desse segmento socioambiental. Este escrito tem como objetivo debater sobre as contribuições concretas e as oportunidades de melhorias na práxis proposta pela ética ecossocialista.

O ecossocialismo é um segmento do movimento socioambiental cuja proposta utópica concreta associa as lutas ambientalistas aos demais movimentos representativos da classe social oprimida. O ecossocialismo une a práxis ecológica e socialista, pois considera que o socialismo sem a visão ecológica não consegue ser alternativa aos desafios socioambientais do século XXI e a ecologia que não seja socialista não tem a radicalidade necessária para enfrentar esses desafios.

O movimento ecossocialista propõe um planejamento ambiental democrático, como resultado de uma síntese dialética das teses do movimento ambientalista radical com a crítica marxista sobre a economia política. E esta síntese dialética é ao mesmo tempo uma crítica à ecologia de mercado e ao socialismo produtivista, que continuam a ser indiferentes aos limites da Natureza.

A consciência de que apenas o desenvolvimento de uma ética socioambiental radical, substituindo a lógica produtivista vital para o capitalismo, é um eixo importante para o diálogo dos movimentos socioambientais comprometidos pela superação do atual modelo socioambiental predador. A ética ecossocialista é um guia importante para esse diálogo, pois apresenta a radicalidade e a amplitude necessárias para superar a atual crise e indicar a construção de outra sociedade.

O referencial teórico que embasa este texto é a ética ecossocialista presente nas obras de Michael Löwy, que se compõe da união de seis éticas: Natural, Social, Igualitária, Solidária, Democrática e Radical. Esse conceito está enriquecido por meio do diálogo com obras de outros autores socioecológicos,

⁵¹ Professor/pesquisador nas áreas de ecologia política e gestão ambiental. Pesquisador do NEF (PUC – SP) e professor da Universidade São Judas Tadeu. prof.arlindorodrigues@gmail.com

entre eles, Daniel Bensid, John Bellamy Foster, Ian Angus e Eduardo Gudynas.

A ética ecossocialista assumida nesta pesquisa assume a combinação das éticas, Natural que aponta para que a interação entre humanidade e Natureza seja orientada pela associação da gestão pública com o cuidado coletivo, pela consciência que a Humanidade pertence à Natureza e que seu futuro depende dela; Social que assume que a construção de uma nova sociedade é uma responsabilidade coletiva; Igualitária, pois propõe a redistribuição planetária da riqueza de forma equitativa com responsabilidade ambiental; Solidária ao apontar que a satisfação das necessidades sociais deve ser regida pela apropriação coletiva dos meios de produção. Democrática, pois indica que as decisões econômicas e as escolhas produtivas devem ser tomadas pela participação da sociedade; Radical, uma vez que ecossocialismo busca a raiz da crise socioambiental e alerta que as propostas de reformas e mercados de direito de poluir são incapazes de oferecer uma solução concreta e ambiental, porque a Natureza e sua capacidade de reposição devem estar integradas nas decisões socioambientais.

Para ser concreta, a ética ecossocialista deve apresentar caminhos reais para a superação do atual modelo. Essa práxis, além de apresentar uma como utopia concreta, uma antecipação de uma sociedade ideal, planejamento e estratégia envolvem ações imediatas identificadas como emergências para a justiça socioambiental, seja propondo soluções para problemas concretos, seja refutando falsas soluções. Nesse sentido, uma das ações ecossocialista é se opor radicalmente a grandes projetos inúteis e ao desmatamento florestal. Algumas ações propostas por esse segmento são:

Substituição da racionalidade econômica dominante por uma racionalidade econômica e social, em ruptura da lógica capitalista produtivista, de exploração ilimitada dos recursos naturais, destruidora dos ecossistemas e de maximização do lucro;

Decrescimento da produção, graças à autolimitação das necessidades de consumo, assumindo que a sociedade pode produzir melhor com menos. Uma declaração de guerra ao capitalismo e seu produtivismo;

Instauração de linhas de produção comunitária de autogestão dos trabalhadores associados;

Um dos principais pontos de debate ecossocialista é a forma de produção, distribuição e consumo. O aparelho produtivo deve ser orientado pelo empoderamento da sociedade. A transformação socioambiental ecossocialista é radical, sua conquista do Estado e dos aparelhos produtivos não tem a missão de assumir a gestão, mas sim, de criar outras estruturas adequadas às necessidades da humanidade. A inspiração dessa ação é o alerta de Marx – numa carta a Kugelmann debatendo a Comuna de Paris – sobre o aparelho do Estado, na qual afirma que os trabalhadores não devem apropriar-se do aparelho do Estado burguês e usá-lo a seu serviço, devem sim, destruí-lo e criar outro tipo de poder, pois o Estado nunca estará a serviço dos trabalhadores. Esse mesmo conceito deve ser usado na conquista do aparelho produtivo, pois ele tem a lógica do lucro, da acumulação competitiva. Nesse desafio, os trabalhadores devem transformar estruturalmente a forma de produzir.

O novo aparelho produtivo, assim como o novo Estado, deve ser construído por outra ética envolvendo planejamento democrático, participativo e ecológico, assim um dos desafios da tomada ecossocialista do meio de produção é a definição da forma de posse e exercício do controle da produção

Palavras-chave: Ecossocialismo, Sustentabilidade, Crime Ambiental



MESA 39

MESA 39: MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS, NARRATIVAS E LUTAS DOIS POVOS ORIGINÁRIOS CONTRA O AGRONEGÓCIO MEGAPROJETOS NA AMÉRICA LATINA: ENTRE AUTONOMIAS E TENSÕES

Coordinadoras/es: Gislotti, L., Wayna Kambaba, M., Duran, K., Lima, G., Monfort, G.

MESA 39: MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS, NARRATIVAS E LUTAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS CONTRA O AGRONEGÓCIO MEGAPROJETOS NA AMÉRICA LATINA: ENTRE AUTONOMIAS E TENSÕES

*Coordinadoras/es: Gislotti, L.1,
Wayna Kambeba, M.2,
Duran, K.3,
Lima, G.4,
Monfort, G.5*

Este eixo tem como objetivo reunir e compartilhar experiências sobre a resistência secular e as lutas dos povos originários em Abya Yala/América Latina contra a devastação e voracidade irracional causada pela territorialização do agronegócio e dos megaprojetos do capital e do Estado. O eixo busca promover um diálogo intercultural e transdisciplinar que possibilite o debate e o aprendizado com as lutas ancestrais e anticoloniais dos povos originários, com os movimentos socioterritoriais, as múltiplas estratégias de luta e diferentes processos de retomada dos territórios e da autonomia frente aos conflitos de territorialidades e contra o agronegócio, os megaprojetos e as políticas do capital fomentada por distintos governos. Sobretudo, o eixo se propõe a pensar e aprender com os diversos territórios, territorialidades e relações ecológicas dos povos nos ecossistemas em que vivem ou viviam e como esses elementos são fundamentais para a produção da vida, para a reapropriação da natureza, para fortalecer a organização política, para avançarmos na recuperação dos territórios e para construir um mundo novo. Assim, o eixo busca pensar, fazer e compartilhar Geografias comprometidas e engajadas em adubar as sementes das lutas por autonomias territoriais, em construir diálogos de saberes e a ser alimentadas e adubadas pelas lutas e processos político-organizativos dos povos indígenas.

¹ Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

² Universidade Federal do Amazonas, Brasil

³ Universidade Nacional Autónoma do México, México

⁴ Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

⁵ Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

IMPACTO DO GARIMPO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO ESTADO DE RORAIMA, BRASIL: DEMANDAS DO TEMPO PRESENTE

Garzoni, Elionete de Castro⁶
Falcão, Márcia Teixeira⁷

A perspectiva de haver ouro e outros metais preciosos no território denominado “América” é tão antiga quanto as motivações para sua colonização; afinal, o “*El dorado*” poderia estar em qualquer parte do “paraíso” conquistado. No entanto, mesmo na iminência de existência de ouro na região amazônica desde o século XVIII, a mineração teve maior visibilidade a partir da década de 1930, com o estabelecimento do Sistema de Concessões e a criação do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) (Pinto, 1993).

Roraima recebeu as primeiras frentes garimpeiras a partir da década de 1920 (Santilli, 2001) e, até meados da década de 1960, as atividades foram realizadas de forma esparsa, muitas vezes com apoios dos povos indígenas da região. A partir de 1964, com o regime militar, a exploração mineral na Amazônia abriu-se para o grande capital, tanto estrangeiro como nacional, e foi adotado o “. . . Novo Código de Mineração, voltando a propriedade do solo à Nação”, seguido da descentralização do DNPM e da criação da “. . . Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), como empresa de apoio ao DNPM e como suplemento à iniciativa privada” (Pinto, 1993, pp. 28-29), sempre com rígido controle do Estado.

Aliado a essa questão, os governos militares do Brasil incentivaram, na década de 1970, o reconhecimento dos recursos naturais da Amazônia, por meio do projeto Radar, mais tarde intitulado RadamBrasil, que objetivou a coleta de dados sobre recursos minerais, solo, vegetação, cartografia da região e aerolevanteamento. Esse reconhecimento em especial dos recursos minerais, levou à propagação da política de proteção e ocupação da Amazônia.

O reflexo dessa política foi o incremento da ‘corrida pelo ouro’ em Roraima, desencadeando um crescimento demográfico desordenado, iniciando um processo de degradação social e ambiental e gerando conflitos pela terra, principalmente em territórios indígenas, que persistem até os dias atuais. Para além dos violentos conflitos *in loco* entre garimpeiros, posseiros e indígenas, há ainda o conflito político e ideológico, travado em outras esferas de poder, focados em atender às demandas e expectativas do mercado internacional, em detrimento da proteção às Terras Indígenas constituídas e à vida dos povos originários.

O objetivo do presente trabalho é analisar os impactos decorrentes da atividade garimpeira no espaço geográfico roraimense para além dos reconhecidos impactos no meio físico⁸ e socioambientais⁹, a

⁶ Doutoranda em Geografia pela UNICAMP/SP, docente do curso de Geografia da Universidade Estadual de Roraima (UERR), membro dos Grupos de Pesquisa «Estudos Interdisciplinares sobre o Território na Amazônia»/UFRR e «Problemática Urbana e Ambiental»/UNICAMP e pesquisadora no Centro de Documentação Indígena (CDI) em Roraima. E-mail: elionete.garzoni@uerr.edu.br

⁷ Doutora em Biotecnologia e Biodiversidade, docente do curso de Geografia da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e dos programas Stricto Sensu em Geografia/UFRR (Mestrado) e Agroecologia/UERR (Mestrado). E-mail: marciafalcão.geog@uerr.edu.br

⁸ Contaminação da água, comprometimento da ictiofauna, assoreamentos, entre muitos outros.

⁹ Conforme Pinto (1993, p. 31) “. . . trouxe a garimpagem em seu rastro . . . problemas sociais de difícil equacionamento, tais como: violência, prostituição de menores, tráfico de tóxicos, desarticulação familiar, agravamento e expansão das doenças

partir da análise crítica de duas ocorrências registradas no ano de 2021, a saber: a) o desvio do curso do rio Mucajaí, na Terra Indígena Yanomami; e b) a identificação de áreas de ocupação de garimpeiros na Terra Indígena Raposa Serra do Sol que, segundo o Conselho Indígena de Roraima (CIR), tem a presença estimada de quatro mil pessoas (Vidon, 2021). A abordagem metodológica se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa, método hermenêutico e análise do conteúdo, visando compreender, por meio de jornais, artigos, conteúdos em redes sociais e debates, os impactos do garimpo no espaço geográfico roraimense.

Se até o momento a ilícita garimpagem vinha sendo exercida de modo a permanecer incógnita e encoberta, tais ocorrências remetem a uma mudança de comportamento dos grupos, dado que estão tanto operando ‘a céu aberto’, bem como divulgando seus feitos em redes sociais¹⁰. A atividade garimpeira na Amazônia nos últimos anos, tornou-se pauta “política” atual governo federal e estadual que utilizam a discussão como forma de “promover desenvolvimento”. Porém, quais seriam então os reflexos dessa postura no espaço geográfico roraimense? Em que medida tais intervenções, além de irreversíveis consequências, configuram estímulo a outras ações nesse sentido, desavergonhadas e abusivas? A quais lógicas de produção e reprodução do espaço geográfico o território estaria sujeito? Por fim, e não menos importante, quais as implicações dessas atitudes sobre as comunidades indígenas e seus modos de vida?

Tais questões são debatidas a partir de autores como Almeida (2004), Reppeto (2012), Wanderley (2015), Oliveira (2020), Porto-Gonçalves (2015; 2021), Falcão e Lopes (2020), entre outros; buscando trazer à baila debates sobre os atuais e anunciados conflitos entre garimpeiros e povos indígenas, bem como a intensificação da luta pela vida dos povos originários que, resistindo já há mais de cinco séculos, têm ainda pela frente grandiosos desafios.

Em fevereiro de 2021, o governo de Roraima sancionou A lei estadual 1.453/2021, que visava liberar o garimpo com o uso de escavadeiras e de mercúrio para extração de ouro. A referida lei, aprovada por 18 (dezoito) dos 24 (vinte e quatro) deputados estaduais, considerava apenas o licenciamento, sem qualquer estudo dos impactos ao meio ambiente e aos povos indígenas. Ressalta-se que mais de 46% das terras de Roraima são áreas indígenas e sobrepostas a recursos minerais, como: ouro, diamante, cassiterita, tantalita e outros. Ainda em fevereiro, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a mencionada lei, ressaltando os riscos à proteção ambiental e afronta a competência da União para estabelecer normas gerais sobre o tema (Saldaña, 2021).

Dessa forma, apesar do parágrafo 3º, do Artigo 231 da Constituição Federal garantir que “. . . a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivadas com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei”, as Terras Indígenas brasileiras estão repletas de invasores e criminosos e, nem a Ciência, nem a Geografia, podem se esquivar desse debate, no intuito de trazer contribuições e análises efetivas para a resistência dos povos.

Palabras clave: Garimpo, Terra Indígena, Roraima, Amazônia.

tropicais como a malária (mais de 500 mil casos em 1989), febre amarela, leishmaniose, além da penetração de doenças características de outras regiões como a esquistossomose (bilharçiose), a doença de chagas, o dengue, a oncocercose”.

¹⁰ Como ocorrido com o desvio do rio Mucajaí, cujo vídeo percorreu várias redes sociais e hoje pode ser encontrado no canal do YouTube da Folha de Boa Vista: <https://www.youtube.com/watch?v=cgWMiHCGJtQ>

JUVENTUDES GUARANI KAIOWÁ, AUTO-ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS NAS RETOMADAS

Germano Lima Alziro ¹¹

O extrativismo seja na face do agronegócio, na mineração ou outras formas constituem “un rasgo estructural del capitalismo como economía-mundo”, produto histórico-geopolítico da espoliação (MACHADO ARÁOZ, 2014). Em suma, o extrativismo recorre à memória da colonização e define um modo de exploração da terra, dos corpos e da apropriação da biodiversidade como um padrão de acumulação colonial associado ao nascimento do capitalismo.

Neste século XXI as novas dimensões desse modelo se constituem pelo esgotamento de bens naturais, profunda precarização territorial, envenenamento e crise socioecológica de alcance planetário); e monopolização intensiva dos territórios. Em oposição radical a isso, emergem grandes resistências os povos, sobretudo, os povos indígenas que reelaboram outras linguagens político-organizativas em defesa da Terra, do território, dos bens comuns e da biodiversidade (SVAMPA, 2019).

Múltiplos processos de resistência pautados na autonomia territorial e na auto-organização tem se levantado através das lutas dos povos indígenas recriando novas possibilidades de um internacionalismo originário em defesa da Terra/território e da biodiversidade. Há inúmeros exemplos de organizações de base, conselhos e grupos autogestionados que enfrentam diretamente as invasões de latifundiários, madeireiros, garimpeiros e multinacionais do neoextrativismo.

As lutas dos povos indígenas marcam a resistência histórica contra o neoextrativismo, ao mesmo tempo em que faz insurgir novas formas de autonomies e autodeterminação política. No sul de Mato Grosso do Sul, no centro oeste do Brasil, os povos Guarani Kaiowá que tem ampliado os processos de retomada do tekoha (lugar onde se é – segundo os Kaiowá e Guarani) e a auto-organização através dos Conselhos Tradicionais como a Aty Guasu, a Kunhangue Aty Guasu (Conselho das Mulheres) e Retomada Aty Jovem.

Nesse sentido, através de uma abordagem da Geografia Crítica e engajada, reunimos esforços para compartilhar algumas reflexões sobre a participação ativa da juventude Guarani Kaiowá nas retomadas. Para isso, utilizamos a abordagem qualitativa e a metodologia de revisão bibliográfica narrativa articulado à autoetnografia do autor. As e os jovens Guarani Kaiowá tem fortalecido seu processo de auto-organização sobretudo a partir de 2016, através de um importante movimento de autodeterminação política. Na carta de apresentação do Conselho da juventude em Yvy Kuruasú no município de Paranhos/MS, a organização afirma:

Nós somos a juventude Guarani e Kaiowa. Somos os filhos daqueles que vocês desterraram e assassinaram. Fomos formados e educados pela luta contra o massacre e o genocídio que vocês travaram e ainda travam contra nossos pais. Fomos empoderados pela trajetória e pelo ensinamento de nossos anciões que apesar de tudo mantiveram acesas as fogueiras de nossa tradição. Que mesmo ao lado das rodovias, expulsos de nossas terras, guardaram com carinho as sementes de nossa cultura ancestral. É por isso que continuamos gritando alto e com orgulho: SOMOS GUARANI E KAIOWA. (...) Por isso afirmamos que hoje nosso Hip hop continua sendo marcado pelo som dos nossos Mbaraka

¹¹ Conselheiro da Retomada Aty Jovem- RAJ – Conselho da Juventude Kaiowá e Guarani. Graduando do curso de Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados. germanolimaalziro@gmail.com

e Taquapy. (...) Hoje estamos aqui na aldeia Yvy Kuruasu afirmando a Retomada Aty Jovem – RAJ. Hoje estamos em todos os lugares nas reservas nas cidades, nos acampamentos e nas retomadas. Mas todos estamos juntos com um só objetivo: Estarmos organizados compondo nosso conselho Jovem para junto com a Aty Guasu continuar a luta pela terra e pelo direito de nosso povo (RETOMADA ATY JOVEM, 2016, s.p).

Com pautas específicas da juventude e com pautas mais amplas e particulares do povo em defesa do tekoha, muitas/os jovens têm ativa participação nos processos de retomada territorial, ação autônoma que envolve diferentes gerações e agentes políticos. Além disso, os principais sujeitos das lutas por recuperação territorial são os nhanderu e as nhandesy (lideranças político espirituais). Os nhanderu e nhandesy são os grandes protagonistas e a força de suas rezas, suas histórias e trajetórias são as memórias do tekoha e as memórias de um futuro que há de vir.

No bojo do complexo processo de expansão das fronteiras neoextrativistas no sul de Mato Grosso do Sul germina entre os Kaiowá e Guarani novas experiências de auto-organização comunitária e inter-comunitária a partir de novas territorialidades e de novos processos de recuperação do território tradicional. As retomadas enquanto processo de recuperação do território são compostas pela dimensão de uma narrativa anticolonial, bem como práticas de resistência fundamentadas nos saberes tradicionais, ações coletivas, no retorno dos jaras, da floresta e do bem viver. Essas ações fomentam a construção de outros processos autônômicos constituindo múltiplos territórios em insurgência que buscam reconstruir territórios de vida frente aos solos devastados pelo agronegócio.

É fundamental compreender que os processos de recuperação dos territórios manifestam também expressões de uma reelaboração cosmopolítica demonstrando as consequências desastrosas das ações dos karai (branco). Por isso, para Veron (2018, p. 18) as lutas anticoloniais Guarani Kaiowá envolvem incansavelmente e de forma irrenunciável, os “nossos territórios ancestrais, pelas nossas matas e rios, pelos nossos remédios tradicionais e pelos outros seres vivos”.

DIREITOS TERRITORIAIS INDÍGENAS EM DISPUTA NO BRASIL

Maíra Taquiguthi Ribeiro¹²

No Brasil, a relação entre povos indígenas e seus vizinhos fazendeiros está ancorada em concepções antagônicas na forma de apropriar e utilizar o espaço, ou seja, em diferentes territorialidades que produzem territórios distintos. De um modo geral, para os primeiros, o uso do território é comunal, compartilhado não somente entre as pessoas que ali moram, mas também com outros seres, vivos ou sobrenaturais. Já na territorialidade do agronegócio, a terra é uma propriedade privada explorada para produzir mercadorias que geram lucro. As diferentes formas de entender e manejar o espaço, ancoradas em objetivos e intencionalidades diversas, criam paisagens divergentes dentro e fora das Terras Indígenas. Ao passo que o Estado brasileiro é responsável pelo ordenamento territorial do país, as comunidades indígenas expressam sua territorialidade nos limites das condições impostas e através das suas resistências, conflitos e alianças. Após a eleição presidencial de 2018, tem-se observado um avanço territorial capitalista sobre os territórios indígenas. O relatório *Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil de 2019*, organizado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), apontou um incremento de 135% nas invasões de terras indígenas. Com a pandemia, entidades indígenas vêm denunciando um aumento ainda maior. Ao largo desse processo, uma série de medidas do Estado brasileiro – que vai além do governo federal eleito em questão – dá forma à legitimação desse processo de desterritorialização e reterritorialização. Dispositivos legais, a partir do poder Legislativo, e infra-legais, como pareceres jurídicos do poder Judiciário e regulamentações e normativas do poder Executivo, são alguns dos instrumentos utilizados para acomodar um novo ordenamento pretendido, no qual as territorialidades antagônicas entre os povos indígenas e a exploração capitalista do território cabem juntas dentro da Terra Indígena já demarcada. Esta sustentação oral se propõe a tecer reflexões acerca de brechas contidas em documentos infra-legais produzidos em 2021, que provocam entendimentos controversos sobre os direitos territoriais indígenas garantidos na Constituição Federal brasileira.

A pesquisa foi baseada em fontes bibliográficas. Foram lidas a Instrução Normativa Conjunta Nº 01/2021 elaborada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e as manifestações preliminares sobre a matéria elaboradas pela Procuradoria Federal Especializada (PFE) de ambos os órgãos. Complementarmente, acessei materiais escritos e audiovisuais favoráveis ou contrários à normativa elaborados por entidades indígenas, indigenistas e Ministério Público Federal. A análise foi realizada tendo como base a produção acadêmica sobre os direitos constitucionais indígenas e a teoria crítica geográfica. Os direitos dos povos indígenas sobre as suas terras são assegurados nas Constituições Federais desde 1934, sob a forma de posse inalienável. Porém, é somente na Constituição Federal da ditadura militar, de 1967, que é reconhecido o direito de usufruto exclusivo destas terras pelos povos indígenas, pois estas passaram a integrar o patrimônio da União. Souza Filho delimita que o usufruto exclusivo das terras pelos indígenas “segundo seus usos, costumes e tradições, implica na possibilidade de, sem restrições, utilizar os bens e recursos da área. Portanto, os indígenas podem fazer roça, aldeia, extrair lenha e alimentos para o uso da comunidade, sem qualquer restrição, porque restrições impostas administrativamente

¹² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo/SP, Brasil, maira.ribeiro@unesp.br

ou por lei, implicariam em inconstitucionalidade. Por outro lado, as populações indígenas produzem excedentes que comercializam para a aquisição de bens e serviços de que não dispõem internamente. A extração destes excedentes deve ser orientada segundo os padrões legais de proteção ambiental nacional, levando-se em conta as normas gerais aplicáveis” 2 . Assim, não há restrição para a exploração comercial das terras pelos indígenas, desde que desenvolvidas dentro das normas vigentes. Em fevereiro de 2021, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Fundação Nacional do Índio (Funai) apresentaram a Instrução Normativa Conjunta N° 01, acerca da regulamentação do licenciamento ambiental dentro de Terras Indígenas. Trata-se de um instrumento necessário para atender às demandas reais de muitos povos indígenas, quando observado somente seu objetivo primordial de regulamentar o licenciamento de empreendimentos desenvolvidos por indígenas. Não foi neste sentido, porém, que foram as críticas a ele direcionadas. O que causou grande alarde nessa normativa foi a inclusão do termo “organizações de composição mista de indígenas e não indígenas”, sem constar ao menos a sua definição. É a primeira vez que este termo aparece num documento governamental brasileiro. Apesar de ter relação direta com o direito constitucional de usufruto exclusivo das terras pelos povos indígenas, este foi incluído em um instrumento infralegal que trata de um assunto diverso. A sua inclusão não foi por acaso: a principal vitrine do governo na política indigenista tem sido a produção indígena no formato de agronegócio e um aceno para a liberação da mineração dentro de Terras Indígenas. Estes empreendimentos, porém, admitem a parceria com não indígenas, no limiar do entendimento sobre a alienação do usufruto exclusivo dos indígenas. Como tal normativa não foi construída com amplo debate da sociedade civil e dos principais interessados, os povos indígenas, não é de espantar que esta trouxe grande preocupação. Diversas organizações, como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e o Ministério Público Federal de Mato Grosso, se manifestaram contrárias à medida e solicitando explicações. Pode-se observar que o objeto deste estudo é extremamente complexo e que envolve diretamente princípios basais dos direitos indígenas no Brasil, como a autodeterminação, o usufruto exclusivo das terras, a tradicionalidade da ocupação indígena dos territórios e a consulta livre, prévia e informada. Verifica-se que uma disputa de entendimentos sobre o que significam estes conceitos vem tornando-se cada vez mais aparentes, inclusive em pareceres governamentais, que podem afetar profundamente a concepção oficial, e conseqüentemente o direcionamento das políticas públicas, sobre o texto constitucional. Neste sentido, é grave que uma normativa venha a abrir um entendimento dúbio sobre um direito basilar dos povos indígenas garantido na Constituição Federal brasileira que afeta diretamente a territorialidade dos povos indígenas.

Palavras-chave: Povos indígenas no Brasil, direitos territoriais, usufruto exclusivo das terras

SABERES TRADICIONAIS KAIOWÁ, RESISTÊNCIAS E AUTONOMIAS TERRITORIAIS

*Helbia da Silva Ortiz*¹³

*Gislaine Monfort*¹⁴

*Laura Gislotti*¹⁵

A experiência histórica e geográfica do povo Guarani Kaiowá conflui com ecossistemas predominantemente da Mata Atlântica que se revela na autodenominação enquanto povo da mata - Ka'aguy ygua ou Ka'aguy rehegua. Os territórios originários do estão situados no que atualmente se configura como a porção sul do estado de Mato Grosso do Sul na região centro-oeste do Brasil. Os tekoha (lugar onde se é) e o tekoha guasu - grande território tradicional - se estendem das porções sul e oeste, com a dimensão quase integralmente definida pelos afluentes da bacia do rio Paraná, com exceção do rio Apa (MOTA, 2015).

O tekoha guasu é a dimensão do grande território Kaiowá coberto por uma mata grande - ka'aguy rusu - com diversas riquezas naturais e elementos para a caça, a pesca, a coleta e roça – kokue, além de também ser repleta de patamares e das divindades como os jára - guardiões das espécies e do lugar. E o tekoha, em uma escala menor, é uma dimensão político/religiosa formada por parentelas - te'yi - compreendidas a partir de relações de parentesco, alianças políticas, cooperação e formação de unidades religiosas (SERAGUZA, 2018). Nesse sentido, na forma de organização socioterritorial tradicional, o tekoha guasu era composto por muitos tekoha, como uma grande confederação nesse grande território em que predominava uma mata densa.

Enquanto dimensões ecológicas, socioterritoriais e cosmológicas os tekohas se organizavam em uma mata densa, denominada Ka'aguy rusu –mata grande e essa floresta é espaço e categoria de múltiplas diferenciações, patamares e classificações com muitos agentes políticos humanos e não-humanos que intervêm nas relações de equilíbrio do ecossistema. Nesse sentido, é fundamental para o seu manejo, a harmonia entre as práticas culturais e saberes tradicionais com os jára – espíritos protetores das espécies e do lugar.

Contudo, este povo presenciado a intensa devastação de seus territórios ancestrais para a expansão do extrativismo agroindustrial e especulação e imobiliária. Em meio ao avanço da violência de Estado, das fronteiras do capital e do neoextrativismo que tem ferido gravemente a sociobiodiversidade e os territórios originários Kaiowá, este povo tem elaborado múltiplos processos de resistências, táticas e estratégias de restauração e conservação ambiental e fortalecido a autonomia territorial.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a dimensão das lutas territoriais e da Ka'aguy rusu - mata grande – como cerne da resistência anticolonial Kaiowá. Para tanto, como procedimento metodológico foi considerado a revisão narrativa de literatura com o intuito de destacar os domínios fitogeográficos predominantes no território tradicional e compreender sua importância para o modo

¹³ Geógrafa Kaiowá e mestranda no PPG em Educação e Territorialidade na Faculdade Interultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil. helbia.s@gmail.com

¹⁴ Geógrafa e mestranda no PPG em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil. gislainecmonfort@gmail.com

¹⁵ Bióloga e educadora no PPG em Educação e Territorialidade na Faculdade Interultural Indígena e no PPG em Entomologia e Conservação da Biodiversidade na Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil. lauragislotti@gmail.com

de ser e viver destes povos, bem como para as lutas atuais. Observou-se ainda que são inúmeros os aspectos geográficos e etnobiológicos que perpassam a dimensão territorial dessa mata densa e do tekoha, de forma que a abordagem a partir da compreensão cosmológica Kaiowá foi de extrema importância para aprofundarmos nossas análises.

Por toda a complexidade das relações, a floresta e os tekohas são permeados de espíritos e guardiões/as das mais diversas ordens e classificações onde ecologia está associada a um conjunto de relações e referências históricas, socioecológicas, geográficas e cosmológicas. De modo que sociedades, guardiões espirituais, territórios e jeito de estar, ser e viver nessas terras compõe um todo interdependente com processos milenares de coevolução entre as práticas culturais e espaciais/ecossistêmicas (MAFFI, 2001; KRENAK, 2018). Um longo processo de coevolução e reciprocidade afetado pela tragédia humana e cosmológica que significa para os Kaiowá a brutal devastação de suas terras ancestrais pelas mãos do colonialismo, do Estado e do agronegócio.

Os impactos se apresentam sobretudo desde a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) com o estabelecimento das fronteiras estatais e a expansão da mercantilização da terra, ao processo que produziu a ampla fragmentação e precarização territorial, como a criação de oito pequenas ilhas de terras das Reservas Indígenas instituídas pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) entre os anos de 1915-1928 com pouco mais de 3000 hectares cada uma delas. E posteriormente com a territorialização da CAND na região da Grande Dourados, com a expansão da agropecuária e das fronteiras do agronegócio (BENITES, 2014).

A liberação de territórios indígenas para mercantilização da terra, territorialização de atividades agropastoris e abertura do processo compulsório de “reservamento, foi um modelo de precarização instituído contra as relações do ymaguare (tempo antigo) (SERAGUZA, 2018). Dimensão temporal e espacial em que havia uma enorme mata densa, com o lugar dos tekojara kuera e que tem sido brutalmente usurpada com a territorialização de intensivas e agressivas monoculturas.

Diante disso, os movimentos de autodeterminação e autodemarcação na contemporaneidade representam a luta, a ação direta e a última fronteira contra a violência colonial, o terrorismo de Estado e a usurpação das terras pela burguesia agrária, pautando a defesa da autonomia territorial contra os solos devastados pela mortífera atividade agroextrativista. E para o povo Kaiowá essas lutas e reivindicação indignada do direito à existência, implica a recuperação do território originário e a restauração da ka’aguy rusu como eixo político do retorno de todos os agentes que compõe um tekoha. Nesse sentido, acreditamos ser fundamental maior engajamento para compreensão da dimensão da Ka’aguy rusu como componente da alteridade radical das lutas pelos territórios tradicionais.

Compreender a dimensão territorial da Ka’aguy rusu a partir dos aspectos espirituais, de categorias de construção da etnicidade e da afirmação política permite pensar as estratégias que vêm sendo construídas pelos povos nas atuais lutas territoriais pela retomada do tekoha e para restauração ecológica em áreas degradadas pelo karai reko (modo de ser e viver dos brancos). Estas lutas anticoloniais em busca da retomada do tekoha (lugar onde se é) implica a defesa do retorno da Ka’aguy rusu e todos os seres e divindades que a habitavam e o combate direto às devastações do karai reko. O retorno da Ka’aguy rusu é eixo de luta territorial e ação política composta por pessoas de diversos territórios e parentelas que vêm articulando estratégias, táticas e apoio para a retomada do tekoha e reconstrução do bem-viver.

Palavras-chave: agronegócio, Guaraní Kaiowá, Lutas territoriais, Mata Atlântica.



MESA 40

MESA 40: DESPOJO(S), DESTERRITORIALIZACIÓN Y RESISTENCIAS EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores: Azamar, A., Becerra, M.J. , Díaz, I.

MESA 40: DESPOJO(S), DESTERRITORIZACIÓN Y RESISTENCIAS EN AMÉRICA LATINA

*Coordinadores: Azamar, A.¹,
Becerra, M.J.²,
Díaz, I.³*

Debido a la caída en la tasa de ganancia mundial, los patrones de uso de materias primas se han acelerado durante las últimas décadas, tratando de revertir dicha situación a través de la creación de nuevos mercados de consumo y producción, lo que ha provocado efectos dañinos para la sociedad y la naturaleza, especialmente en regiones con una alta tasa de dependencia estructural y comercial de commodities como América Latina. Esta mesa propone crear un espacio de reflexión y discusión de la vinculación entre el actual escenario de cambio climático y la multiplicación de proyectos de explotación ambiental en Latinoamérica. Se invita a la presentación de trabajos en las temáticas de: nuevas modalidades de control territorial, estrategias de desposesión, privatización de la naturaleza, extractivismo y neo-extractivismo, nuevas territorialidades vinculadas al cambio climático, geometrías del poder, políticas territoriales vinculadas a los discursos dominantes del cambio climático, percepción del cambio climático y cambios en las formas comunitarias de vida. Los trabajos pueden ser aportes empíricos, metodológicos y/o reflexiones teóricas, en los que se aborde de forma crítica, multidimensional y multiescalar los temas mencionados.

¹ Universidad Autónoma Metropolitana - México

² Universidade Federal do Para - Brasil

³ Universidad de la República - Uruguay



TEMA 1: CONFLICTOS SOCIO-AMBIENTALES Y CONFLICTOS TERRITORIALES

PROCESOS DE OCUPACIÓN TERRITORIAL: LA EXPLOTACIÓN DE ENERGÍA EÓLICA EN MÉXICO

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Azamar Alonso, Aleida⁴

García Beltrán, Yolanda Mexicalxóchitl⁵

Resumen

En este trabajo se analiza el panorama nacional del sector de energía eólica en México, debido a que es una industria que ha crecido en los últimos años pero que también ha enfrentado obstáculos a partir del cambio de gobierno en el 2018 que inició la llamada “cuarta transformación” encabezada por el presidente Andrés Manuel López Obrador. La eólica ha sido impulsada principalmente por empresas privadas, las cuales gozaron de privilegios gubernamentales en forma de incentivos fiscales y facilidad para la inversión extranjera durante el gobierno de Enrique Peña Nieto, especialmente después de la implementación de la controvertida Reforma Energética del 2013. Este crecimiento permitió la multiplicación de los parques eólicos instalados en el país, convirtiéndose Oaxaca, Nuevo León y Tamaulipas en los principales productores de este tipo de energía en la república. Sin embargo, su desarrollo ha sido distinto en cada región, encontrándose aparentemente sólo en Oaxaca una gran oposición social a este tipo de proyectos. Por lo tanto, este artículo busca responder por qué esto es así y cómo ha sido el desarrollo de la industria eólica a escala nacional e internacional.

Se considera importante ofrecer un estudio de la energía eólica en el país debido a que ésta, como veremos, es una de las renovables que más ha crecido en los últimos años (junto con la fotovoltaica) y su producción ha tomado un papel protagonista frente a la necesidad de cubrir el consumo energético actual con métodos menos “contaminantes” o “invasivos”.

De esta manera, se explora el panorama de la generación de energía eólica en el mundo para entender por qué se ha apostado por ésta a nivel global y establecer marcos de referencia que permitan analizar la situación nacional y entender qué papel juega México a nivel internacional. También se valora la situación y aportación socioeconómica de los parques eólicos para el bienestar de nuestro país y se ofrece un contexto del proceso que ha seguido el desarrollo de la industria eólica. Nos enfocamos en la ocupación territorial de estos proyectos y en los tres principales productores de este tipo de energía en México: Oaxaca, Nuevo León y Tamaulipas para, concretamente, comparar los dos últimos casos tomando como referente al primero, famoso por sus manifestaciones de resistencia contra los parques de este tipo, y tratar de explicar el porqué de la aparente falta de oposición a estos proyectos en otras entidades.

La metodología que se utilizó fue analítica, ya que se basó en revisión documental de distintas fuentes hemerográficas y bibliográficas, aunque fueron fundamentales las estadísticas y datos duros proporcionados por aquellas de origen oficial, sobre todo provenientes de las Manifestaciones de Impacto

⁴ Coordinadora de la Maestría en Sociedades Sustentables. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco. México. gioconda15@gmail.com

⁵ Estudiante del Doctorado en Ciencias Sociales. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco. México. ymgb1988@gmail.com

Ambiental de los proyectos eólicos, que son la base de la información proporcionada. No se realizó trabajo de campo en las áreas de estudio, aunque sí se han visitado otras con presencia de parques eólicos, además de que el presente artículo es producto de una investigación más amplia en materia de megaproyectos extractivos y energéticos, y por lo tanto responde a un estudio profundo y un análisis detallado. A nivel teórico, se considera pertinente el uso de dos categorías: agravio de Barrington Moore (1996) y acción colectiva de Sidney Tarrow (1997), pues ambas son útiles para entender por qué ante el mismo fenómeno, algunas sociedades reaccionan de manera distinta, ejerciendo alguna oposición o resistencia mientras otras no lo hacen.

Para Moore, el agravio funciona a través de mecanismos psicológicos y sociológicos y está relacionado directamente con la injusticia, teniendo como reacción natural el enojo (Moore, 1996), mientras para Tarrow la acción colectiva, refiriéndose al conjunto social de individuos que persiguen los mismos fines, está condicionada por marcos, es decir, por un proceso mental por el cual las personas construyen significados. De esta manera, retomamos estos conceptos entendiendo que donde encontramos movilización social existe acción colectiva y que, ésta, está impulsada por una sensación de agravio en la mayoría de los casos. Así, se aborda el caso de la industria eólica en México como causante, o no, de estas problemáticas.

Se concluye que los impactos de todo tipo de megaproyectos son similares en cuanto al daño a las relaciones sociales y al impacto socioambiental, tomando aquí como ejemplo lo que sucede con la energía eólica. Sin embargo, consideramos que es un logro y un gran esfuerzo que a pesar de lo adverso del panorama existan oposiciones y resistencias que les hagan frente, las cuales pueden ser detonadoras de experiencias interesantes pero complejas. En ese sentido, retomar casos que han logrado detener los proyectos es fundamental, así como elementos de la “acción colectiva” (Tarrow, 1997) que pueden resultar útiles para comprender cómo se articulan las identidades por la defensa de un objetivo común, y cómo en el espacio se configuran elementos de poder que conducen a una lucha que puede llegar a expresarse en una conflictividad socioambiental. Así mismo, el “agravio” y la “acción colectiva” son parte fundamental para entender cómo se producen la inconformidad y las estrategias que se implementan ante un enemigo común o la percepción de una amenaza. En ese sentido, no debe olvidarse que la eólica está en crecimiento y que en México apenas se ha comenzado a explotar su potencial, por lo que seguramente nuevos conflictos surgirán.

Es necesaria una regulación real de estos proyectos que los obligue a apearse a la ley y a los acuerdos internacionales, así como a proteger y respetar los derechos humanos, especialmente de los defensores ambientales y de la población indígena. Por medio de la expansión de los proyectos eólicos visibilizamos que el uso indiscriminado del territorio siempre tiene consecuencias sociales, culturales y/o ambientales y que éstas deben evaluarse para garantizar un acuerdo en el que los propietarios siempre sean los más beneficiados, especialmente aquellos en condiciones de marginación.

Palabras clave: energías renovables, energía eólica, conflictos socioambientales



TEMA 2: DESPOSESIÓN, DESPOJO, EXTACTIVISMO

LA TERRITORIALIZACIÓN DE LAS SOCIEDADES ANÓNIMAS Y EL ACAPARAMIENTO DE TIERRAS EN URUGUAY

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Díaz, Ismael⁶
Sum, Thiago⁷

Resumen

La concentración de tierras es un fenómeno histórico en Uruguay. Su definición temprana como espacio agroexportador de materias primas se vio apoyada por, a la vez que consolidó, una estructura agraria caracterizada por unidades productivas de grandes dimensiones enfocadas a la producción ganadera para abastecer a mercados internacionales. En las últimas décadas del siglo XX comienzan a identificarse nuevos procesos económicos y territoriales que se reafirman en las dos primeras décadas del siglo XXI. A partir del consenso de las commodities que da comienzo al neo-extractivismo como modelo de desarrollo para la región, se consolida el agronegocio como la principal modalidad en Uruguay. Se destaca en las últimas décadas la expansión de la agricultura industrial sojera, la forestación exótica con destino de pulpa de celulosa y la intensificación de los rubros tradicionales e históricos. Adicionalmente, se constata la disminución de las unidades productivas de menor superficie y el incremento de las de mayor superficie, la disminución del número de productores y el incremento de los asalariados rurales, un gran dinamismo en el mercado de tierras y un notorio incremento en el precio de la tierra, y un importante cambio en la propiedad de la tierra donde propietarios extranjeros adquieren en el entorno de la mitad de la superficie productiva del país. Estos procesos se han visto fuertemente fomentados por los gobiernos nacionales de las últimas 4 décadas, destacándose las reformas neoliberales a nivel institucional y normativo, que sientan las bases para la consolidación del neoextractivismo. Se destacan además los incentivos a la inversión extranjera directa para todo el sector agropecuario y particularmente para la promoción de los rubros soja y forestación, y las facilidades para la adquisición y permiso de explotación para sociedades anónimas, lo cual habilitó el acaparamiento de tierras y la flexibilidad por parte de diferentes empresas. Las sociedades anónimas han incrementado progresivamente el control de las tierras y la producción agropecuaria en Uruguay, no obstante, sus estrategias y los impactos generados por este fenómeno han sido escasamente estudiados. En este contexto, el presente trabajo pretende contribuir mediante una caracterización del caso uruguayo a la discusión de la dinámica y estrategias territoriales de las sociedades anónimas responsables de los procesos de acaparamiento de tierras. La estrategia metodológica incluyó la sistematización de las aprobaciones de explotación y adquisición por sociedades anónimas, la georreferenciación y análisis espacial de las actividades desarrolladas por estas empresas mediante el desarrollo de un Sistema de Información Geográfica, y una caracterización multidimensional sobre el origen, composición, distribución geográfica de la inversión y actividades. Se identificó que entre los años 2007 y 2020 se han

⁶Laboratorio de Desarrollo Sustentable y Gestión Ambiental del Territorio / Geografía / Facultad de Ciencias / Universidad de la República / Uruguay; idiaz@fcien.edu.uy

⁷Laboratorio de Desarrollo Sustentable y Gestión Ambiental del Territorio / Geografía / Facultad de Ciencias / Universidad de la República / Uruguay; tsum@fcien.edu.uy

promovido la adquisición y explotación de ~7 millones de hectáreas por parte de sociedades anónimas (43% de la superficie productiva del país). Este proceso ha sido liderado mayoritariamente por sociedades anónimas de origen trasnacional orientadas a la producción forestal, seguidas de sociedades anónimas trasnacionales, regionales y nacionales dedicadas a la producción agrícola, principalmente sojera. La producción ganadera progresivamente adquiere mayor importancia en este tipo de inversiones y además en los últimos años se detectan importantes inversiones en la actividad lechera. En el litoral oeste del país (región sojera y región forestal) se encuentra casi el 50% de las transacciones de tierras y en la zona centro norte del país (región principalmente forestal), el 40%. Los resultados ponen en evidencia que las transacciones corresponden mayoritariamente a empresas extranjeras, que operan en varios rubros y/o en la fase agrícola e industrial de un mismo rubro. La participación de fondos de inversión y fondos de pensiones no nacionales en el agro uruguayo se ha incrementado y se presenta como un fenómeno nuevo en las transformaciones agrarias del país. Los resultados sugieren además la existencia de estrategias de especulación de tierras por parte de muchas de estas compañías. Se concluye que Uruguay asiste a una nueva fase de los procesos de concentración y acaparamiento de tierra que tiene como rasgos distintivos la gran presencia de sociedades anónimas de capitales de trasnacionales y la presencia de fondos de inversión y pensiones no nacionales. Si bien el espacio agrario uruguayo mantiene su orientación hacia la producción de materias primas específicas para el abastecimiento del mercado internacional, ha transferido a estas sociedades anónimas no nacionales el acceso a las ganancias y la posibilidad de valorización de activos. La orientación comercial de estas compañías reafirma el rol del espacio agrario uruguayo como exportador de bienes primarios, incrementa la especialización productiva, intensifica el uso de tecnologías e insumos, refuerza las relaciones capitalistas, desterritorializa estrategias productivas desarrolladas en base a relaciones no capitalistas y finalmente incrementa la dependencia con actores y mercados internacionales. La promoción de un modelo de desarrollo neoextractivista ha posibilitado y reforzado los procesos de acaparamiento de tierras en Uruguay. Procesos de centralización del capital junto a procesos de acumulación ampliada se consolidan e intensifican progresivamente, beneficiando a grandes sociedades anónimas de capitales extranjeros. La historia económica, política y legal sobre los derechos de propiedad de la tierra, sumado a las estrategias territoriales del agronegocio, son una posible explicación del porqué, a diferencia de los procesos ocurridos en los países de la región, la territorialización de estas sociedades y el acaparamiento de tierras no han desatado conflictos territoriales de alta intensidad en el país.

Palabras Claves: Extranjerización de la tierra, land grabbing, neoextractivismo, desterritorialización, agronegocio.

LA AMAZONIA VENEZOLANA COMO EXPRESIÓN DEL ESPACIO MERCANTILIZADO

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Becerra, Melgris José⁸

Resumen

La situación política, económica, social y cultural en América Latina, está en una constante transformación, adicionalmente, el contexto mundial ha evidenciado problemas estructurales y pone en evidencia las falencias de los gobiernos de esta región. La pandemia COVID-19 ha visibilizado la (in) capacidad de gestión de los países latinoamericanos en el tema de salud en primer lugar, y otros temas de carácter domésticos en la región latinoamericana; minería, deforestación, expansión de la frontera agrícola, mega construcciones, entre otros., se ha incrementado producto de concesiones y permisos por parte de las diferentes instancias de los gobiernos nacionales y subnacionales como forma de dinamizar la economía.

La amazonia venezolana ha incrementado sus actividades extractivas, en este caso, bajo la premisa de la diversificación de actividades económicas⁹. El petróleo en Venezuela se convirtió en la actividad económica principal en los últimos 50 años, no obstante, producto de las sanciones impuestas desde el exterior, embargos y las prácticas internas, han expuesto la fragilidad del sistema económico venezolano actual dependiente de una sola actividad económica. Con la finalidad de diversificar la economía nacional, se implementó el denominado Arco Minero del Orinoco (AMO) ubicado al norte de la Amazonia venezolana, con el objetivo de explotar los recursos minerales como oro, bauxita, diamante, aluminio, coltán, entre otros.

A partir de estas acciones las actividades extractivas comienzan a tomar fuerza oficial, sin embargo, la Amazonia desde hace 40 años esta azotada por las actividades mineras de tipo ilegal. Con la implementación del AMO, Venezuela se sumerge en un modelo de “Neo-extractivismo progresista” pues, estas prácticas distan de alcanzar los planes desarrollo de la nación. Con más de 150 empresas nacionales, transnacional y mixtas interesadas en la extracción de los recursos mineros se transita hacia un escenario de extractivismo depredador. Aunque estas actividades están oficializadas por los organismos de gobierno, en esta región que está marcada por inestabilidad política e institucional, fragmentación de los territorios, precarización de la vida, violencia estructural, convivencia entre organismos legales, ilegales y paralegales, es decir, un mosaico intenso para esta región.

Este escenario es mucho más complejo pues los actores en disputa, gestión y participación del extractivismo provienen desde los órganos de gobierno a diferentes escalas, políticos de oposición, potencias latinoamericanas y mundiales, así como, grupos armados irregulares y criminales que en su conjunto profundizan la crisis estructural en la Amazonia venezolana dándole este carácter predatorio. Por otro lado, la falta de coherencia entre las actividades extractivas y el plan nacional de desarrollo de la nación

⁸ Programa de pós-graduação em Ciências Ambientais. Instituto de Geociência, Universidade Federal do Pará, Brasil. E-mail: jose.becerra.ruiz@gmail.com

⁹ La diversificación de actividades económicas son acciones que implica un cambio estructural desde una mayor concentración hacia una mayor variedad de sectores y mercados (UNFCCC, 2018).

se suma el no reconocimiento a las autoridades propias y comunidades locales desde la perspectiva administrativa, geográfica, ecológica y cultural, un ejemplo de ellos son los territorios demarcados de los pueblos Kariña, Hoti, Eñepa donde se impuso el AMO sin consulta previa libre e informada, además del desconocimiento de los territorios indígenas autodemarcados y en proceso de demarcación ante las instancias del gobierno nacional. Estos territorios son indispensables para garantizar la vida y pervivencia de los pueblos indígenas en la amazonia venezolana.

En este sentido, la Amazonia venezolana se ha visto sometida a esta espiral de violencia de diversas características que son base para enclaves económicos, donde los diferentes actores instalan sus trincheras para la explotación de los recursos y dominio de los territorios. Es necesario que la visión de los pueblos indígenas que no persiguen fines de carácter mercantilista, ni económico, sino una forma de vida de integralidad que pueda ser incorporada a la agenda nacional donde sus poblaciones tengan espacios para la vida y el desarrollo de las futuras generaciones, sin embargo, los tentáculos de la economía predatoria se imponen con más fuerza en estos territorios. Nos proponemos a hacer una reflexión la mercantilización de la amazonia teniendo como base AMO y la minería ilegal en la amazonia venezolana.

Palabras Clave: Amazonia, Mercantilización, Territorios, Minería, Pueblos Indígenas

NUEVAS GEOMETRÍAS DE PODER EN EL SECTOR DE HIDROCARBUROS: PROYECTOS EXTRACTIVOS POR *FRACKING* EN MÉXICO

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Vázquez Morales, Carla¹⁰

Resumen

El neoliberalismo en América Latina reconfiguró la lógica de acumulación del capital, estableciendo un nuevo patrón productivo orientado estratégicamente hacia el mercado mundial especializado en manufacturas y extracción primaria. En el caso mexicano, aproximadamente el 75% de las exportaciones van hacia el mercado estadounidense (Figuroa, 2014), lo que simboliza la subordinación de nuestro comercio exterior a las necesidades del vecino del norte, lo cual conlleva un endeudamiento externo, al solicitar préstamos internacionales para la inversión en tecnología en las ramas industriales automotriz y de la electrónica con el objetivo de cubrir la demanda de dicho país. Esta situación genera una dependencia en las cadenas de valor global, lo cual impide estimular el encadenamiento productivo endógeno de México.

El resultado del proceso neoliberal en México fue la deslocalización geográfica de la producción, incentivando y privilegiando la inversión privada en los sectores productivos estratégicos, como en el sector energético. Ello conllevó que el gobierno federal adoptara desde los años ochenta una política energética que legalizara la mercantilización de los bienes de la nación al sustituir paulatinamente el control directo del Estado en materia de petróleo, gas natural y petroquímica por mercados de empresas privadas nacionales y extranjeras. Empero, es hasta la Reforma Energética de 2013 y sus leyes secundarias (2014) que se concretiza el nuevo modelo extractivista de explotación de hidrocarburos en zonas geológicas poco porosas y mayormente subterráneas como son los yacimientos en aguas profundas y las cuencas de lutitas, que requieren de tecnologías, como la fracturación hidráulica o *fracking*, más intensivas y extensivas (Gudynas, 2013) lo que las hace ser actividades extractivas con enormes riesgos en los ámbitos social, político, cultural, económico y medioambiental con efectos tanto para población como para el propio sistema socioambiental.

Este nuevo modelo extractivista de hidrocarburos en México implicó nuevas formas de producción y apropiación de territorios, no solo de manera física sino simbólica. Ello conlleva el despliegue de nuevas lógicas de poder (con sus nodos y redes) de acuerdo a la forma del espacio geográfico a nivel multiescalar (local, regional y global) y multidimensional (económico, político, cultural y ecológico), lo que trae como consecuencia la expansión de las fronteras extractivas y nuevos emprendimientos productivos (Svampa, 2019). En consecuencia, estas nuevas formas de *extrahección* (Gudynas, 2013) del recurso natural crean no solo condiciones de exclusión social (precarización de las condiciones sociales) sino una situación de expulsión (Sassen, 2014). En este sentido, el análisis de la producción, dominio y apropiación del espacio y, por tanto, el despliegue de poder (geometrías de poder) conlleva comprender cómo, dónde y quiénes distribuyen la energía en el espacio y en el tiempo, incluidos los

¹⁰ Maestra en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), y candidata a Doctora en Ciencias de la Sostenibilidad por la UNAM. Correo: carlyvaz14@gmail.com

abusos y la privación de los derechos humanos a las comunidades y qué hacen o se debería de hacer para remediar las inequidades en el sector de la energía.

El estudio de la producción del espacio en el sector energético (hidrocarburos) en México es de gran relevancia para comprender la relación entre el territorio, el recurso y el poder (marco normativo y políticas públicas), con el potencial de generar aportes significativos en política pública para transitar a una matriz energética baja en carbono y lograr una distribución más equitativa de la energía. De modo que, mi abordaje teórico-metodológico de la investigación se hará desde la geografía crítica que permite teorizar el espacio, como desarrolla Hernández (2016), en tres niveles de concreción: el espacio social histórico, el espacio como campo de disputa política y el espacio como instrumento particular en la lucha de clases.

Estos tres niveles se concretan bajo la propuesta de Lefebvre de la teoría unitaria del espacio: práctica espacial, representaciones del espacio y espacios de representación, desarrollada en su libro la “Producción del espacio” de 1974. Ello muestra un espacio no como una construcción homogénea de procesos y anulados de contradicciones, sino como una unidad que se concibe desde su forma, estructura y función, pronunciando que no existe un solo espacio social sino varios espacios sociales y, por tanto, un espacio lleno de poder a medida que se produce y se transforma en un espacio definido, categorizado por Massey (1993) como geometrías de poder. Dicha conceptualización del espacio entero implica el conocer centros y nodos hegemónicos del poder y su desplazamiento, como redes, que implica la intervención de la producción del espacio en todos los niveles: local, regional, nacional y mundial.

En este sentido, el objetivo general del trabajo es analizar la conformación y el despliegue de nuevas geometrías de poder en el sector de hidrocarburos en proyectos extractivos por fracking en el territorio mexicano. Con el alcance de que la investigación contribuya a generar un análisis espacial de las nuevas dinámicas en el sector de hidrocarburos y los posibles efectos de estas en el territorio mexicano, ante el aumento en inversión privada para potenciar la exploración y extracción de hidrocarburos convencionales y no convencionales para cubrir la producción y la demanda nacional de gasolinas y, la generación de electricidad por medio del gas natural.

Finalmente, las sociedades modernas capitalistas han concretizado el espacio (percibido, concebido y vivido) desde la lógica de la racionalidad económica, construyendo procesos dinámicos y asimétricos en los territorios, anulando al sujeto de su producción espacial a partir del desplazamiento de geometrías de poder hegemónicas en los distintos niveles: económico, político, social y cultural. Empero, al ser el espacio una unidad política puede transformarse y desplegar nuevas lógicas de poder que incorporen al cuerpo (sujeto-colectivo) en la vida política de los territorios.

Palabras claves: geometrías de poder, sector de hidrocarburos, modelo extractivista, fracking

OS NOVOS E VELHOS AGENTES DO CONTROLE DE TERRAS EM MINAS GERAIS: UMA ANÁLISE PÓS 2000

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Santos, Patrícia ¹¹

Resumo

Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Agronegócio e controle de terras por agentes estrangeiros no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: O grupo Bunge açúcar e bioenergia” e tem como objetivo demonstrar os novos e velhos agentes do processo de controle do território pelo capital estrangeiro do agronegócio no estado de Minas Gerais e as novas redefinições por ele provocadas nos pós 2000.

Entendemos que na metodologia de um trabalho deva haver exposição lógica dos eixos norteadores do que se pretende pesquisar, para isto, utilizaremos de levantamento e revisão bibliográfica que permitirão a sistematização de estudos acerca do tema básico proposto. As consultas serão realizadas através de livros, artigos, teses, dissertações e reportagens veiculadas pela mídia. Destacamos a contemporaneidade da bibliografia a ser utilizada visto as discussões recentes da temática.

Utilizaremos ainda fontes técnicas e oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, onde será possível coletar dados da produção agrícola municipal. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, O Relatório de Dados da Luta Pela Terra – DATALUTA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e a plataforma Land Matrix que permite acesso aos dados quanto a questão agrária brasileira e o controle de terras por estrangeiros. Todos estes recursos nos ajudarão no aperfeiçoamento do objeto, sujeitos e elementos conceituais.

O interesse por terras não é algo recente do mundo globalizado, houve diversos processos históricos que demonstraram o interesse de Estados pela conquista de outros territórios.

O fenômeno que hoje denominados de *land grabbing*, *acaparamiento de terras* e estrangeirização de terras, continua envolvendo o interesse de velhos agentes – que desempenham novos papéis – e novos agentes, em que diversos mecanismos circundam o controle, seja por meio de compra, arrendamento, parcerias etc. Além do controle direto, ocorre ainda um controle indireto através da estrutura produtiva.

Os mecanismos de controle resultam em desapropriações ou desterritorialização – como é visto pela ciência geográfica –, que são tanto um processo de desenvolvimento do capitalismo quanto do colonialismo e neoliberalismo. A busca por terra envolve diretamente o controle de território, provocando assim o processo conhecido como TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização). A partir da compreensão de território como espaço social, cultural, econômico e político onde são construídas as relações de trabalho, logo de poder, que o *land grabber* é impulsor do processo de desterritorialização, no qual provoca a reterritorialização de novos sujeitos, mantendo novos domínios e usos do solo.

¹¹ Doutoranda em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Membro do Laboratório de Geografia Agrária – LAGEA UFU, patriciaspty@gmail.com

Entre um dos aspectos que diferencia o controle de terras atual, dito *land grabbing*, é o seu crescimento através dos regimes neoliberais a partir da década de 1990 com a crise dos alimentos. Porém, o aumento das discussões e interesse pelo fenômeno do controle de terras no mundo ganha destaque com a convergência de crises em 2008. Acadêmicos, organizações multilaterais, governos e mídia passam a dar destaque às transações de terras que têm ocorrido em todo o globo.

Dentre os aspectos que caracterizam o *land grabbing*, cabe ainda destacar as inúmeras finalidades dessas transações, como a produção de alimentos, a produção de biocombustíveis e ao longo de todo circuito produtivo. O Estado desempenha papel contraditório neste processo. Devido aos tratados legais que hoje deixam claro a autoridade de todos os Estados Nacionais sob seus territórios, estes não permitem que governos adquiram grandes extensões de terras em um país estrangeiro ou que governos vendam ou arrendam as terras a outro governo estrangeiro. Há alguns facilitadores deste processo, como a corrupção e dívida externa além das mudanças legais através de leis e políticas que colaboram para o investimento estrangeiro.

Ao auxiliarem na desapropriação de terras, os Estados utilizam o discurso do desenvolvimento, de mecanismos através da legislação ou de políticas voltadas a facilitar o controle de terras por estrangeiros. Por meio desse discurso do desenvolvimento, em seus primeiros relatórios sobre o processo de *land grabbing*, o Banco Mundial apontava a importância desses investimentos para o desenvolvimento da agricultura nos países localizados no Sul global.

Embora o processo do *land grabbing* não tenha uma regra quanto aos países controlados e controladores, visto que o fenômeno ocorre em todo globo onde os países que controlam terras também acabam tendo suas terras controladas. Nota-se que as transações ocorrem principalmente em países da América Latina, África, Ásia, Europa Ocidental e Oceania, no qual a agricultura aparece como a principal intenção de investimento.

O Brasil foi o país latino-americano que mais recebeu investimentos na agricultura, entre 2008 e 2014 os fundos agrícolas investiram um montante de US\$ 1,5 bilhão, cerca de 80% de todo capital investido na América Latina. O Brasil possui cerca de 140 empresas do agronegócio de capital estrangeiro territorializadas, atuando principalmente na produção de grãos, cana-de-açúcar e monocultivo de árvores.

Apenas o estado de Minas Gerais abarca 36 dessas empresas de capital estrangeiro em seu território. Este estado brasileiro possui uma área de 586.513,993 km² abrangendo 853 municípios, seu território, de 586.520,73 km², está inserido nos Biomas Cerrado (54,06%), Mata Atlântica (40,38%), Caatinga (5,56%).

Entre 2000 a 2018 as áreas agrícolas em Minas Gerais aumentaram enquanto a de vegetação campestre diminuíram. Já no período de 2016 a 2018, as mudanças no estado predominaram na porção em que houve uma conversão tanto de áreas de pastagem com manejo e de vegetação campestre em área agrícola.

A convergência de crises em 2008 acirrou o processo de controle de terras por estrangeiros, onde corporações passaram a diversificar o seu capital, tendo o investimento em terras e agricultura como uma das saídas à crise. Mesmo já inserido em uma área consolidada do agronegócio, Minas Gerais viu-se inserida neste processo, em que as áreas de produção voltadas para *commodities* cresceram expressivamente, em contrapartida, as áreas agrícolas destinadas a produção de alimento diminuíram.

O fenômeno do controle de terras por estrangeiros não apenas redefine o uso e ocupação do solo, mas desterritorializam populações camponesas, levando a uma insegurança territorial e alimentar.

Palavras-chave: Controle de terras, Agronegócio, Minas Gerais.

MULTIPLICIDAD DE ACTORES Y PROCESOS EN EL CONFLICTO TERRITORIAL POR UN PROYECTO MINERO EN MORELOS, MÉXICO

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

*Tomasini Padilla, Fernanda*¹²

Resumen

En México, desde la década de los noventa, se ha incrementado la extracción de minerales debido a su demanda a nivel internacional, y auspiciada mediante la elaboración de una normativa que fomenta la actividad extractiva (como la reforma al Artículo 27°, la Ley Minera, y la Ley de Inversión Extranjera, entre otras), la entrada en vigor del Tratado de Libre Comercio de América del norte (TLCAN), así como el desarrollo de nuevas técnicas para la extracción de minerales.

Según datos del Observatorio contra la Minería en América Latina, existen 289 conflictos mineros en el continente, México encabeza la lista con 58. Una de las motivaciones de estos conflictos son el territorio. La investigación aborda uno de estos casos de conflicto, el cual es suscitado por el proyecto minero “Esperanza” de la empresa Alamos Gold, el proyecto se localiza al sur estado de Morelos, cerca de la capital del país, donde los procesos de urbanización se han acelerado. En Morelos la actividad minera era reducida, pero en los últimos años se incrementó mediante el número de concesiones mineras (51 totales)

El objetivo es analizar cómo las multiplicidades de actores disputan por el control del territorio o la territorialidad. Ello requiere un análisis desde las relaciones de poder de los diversos actores, donde el territorio es el elemento en disputa. En estos procesos se presentan características multiescalares y multitemporales. En él podemos observar una multiplicidad de fenómenos que convergen, como son la búsqueda del control por parte de la empresa minera despojando a otros actores, el Estado disminuyendo su control territorial, la desterritorialización de comuneros y la resistencia de pueblos indígenas contra el despojo. La presencia de estos permite ser un caso de interés para el debate de esta mesa. Estos procesos convergen en esta temporalidad marcada por el intento de la empresa Alamos Gold de iniciar la explotación, el Estado mexicano es quien otorgó la concesión a la minera y ha elaborado una serie de leyes que benefician a las empresas mineras, las tierras donde se encuentra la primera área a explotar son tierras de los bienes comunales del pueblo de Tetlama, quienes han autorizado el uso de sus tierras para proyecto y diversos pueblos indígenas resisten ante la amenaza.

La metodología para analizar a los actores en su estrategia por disputar el control se ha realizado a través de trabajo de campo, revisión de periódicos y comunicados elaborados por los actores, así como la lectura la normativa minera.

El Proyecto minero denominado “Esperanza” está localizado al sur de Morelos. El proyecto es una minería a cielo abierto, con pila de lixiviación. Consta de siete concesiones con una extensión total de 15,025 hectáreas. Los metales que se extraerán son: oro, plata, cobre, plomo, zinc, arsénico, antimonio, mercurio y otros metales que aún no se informan.

La empresa minera Alamos Gold es de origen canadiense, con 18 años de actividad. Alamos Gold

¹² Centro de Investigación en Geografía ambiental. Correo electrónico: fernandatomasinipadilla@gmail.com

tiene presencia en Canadá, a través de las filiales Ontario Young-Davidson Mine e Island Gold, Lynn Lake, en Mantioba. En EE. UU está el proyecto de Quartz Mountain; en Turquía, Kirazlı, y en México tiene operación en Mulatos, Yaqui Grande, Chanate (Sonora) y el proyecto Esperanza (Morelos). En la revolución, el zapatismo conformado por pueblos de Morelos, demandaban la restitución de sus tierras despojadas. Al finalizar la revolución el Estado mexicano realizó una reforma agraria, dotando tierras de uso común (ejidales o bienes comunales). En Morelos, el proceso de reparto agrario fue temprano, la mayoría de las tierras fueron dotadas de 1921-1940. El artículo 27° constitucional y la consolidación de instituciones, que se encargaran de la dotación y regular las acciones de los ejidatarios y comuneros, permitió el Estado mantener un control del territorio. El 53.4 % del territorio nacional es posesión social.

En 1992 se reformó el artículo 27°, donde a los ejidatarios se les otorgó un título de propiedad, esto posibilitaría que se vendieran las tierras. En este mismo periodo se creó la Ley minera que permite al Estado a través de la Secretaría de Economía otorgar concesiones a las empresas mineras, por periodos de 50 años, con posibilidad de prolongarse. La Ley minera señala como actividad de “utilidad pública” esto posibilita al Estado la capacidad legal para expropiar las tierras.

Del proyecto “Esperanza”, el área inicial de explotación son 696.9 hectáreas y forma parte de bienes comunales de Tetlama. Sin embargo, los comuneros de Tetlama, desde antes de la llegada de la minera, habían tenido un proceso de desterritorialización, en el sentido que señala Haesbaert de “precarización del territorio”. Es decir, antes de la minera los comuneros aprendieron a rentar sus tierras para proyectos que a la larga afectarían el uso de la tierra, como fue un basurero a cielo abierto. Desde los años setenta se ha venido dando procesos de desvinculando de los comuneros y ejidatarios con la tierra.

Por su parte, la empresa minera Alamos Gold busca controlar el territorio a través de su filial Esperanza Silver. Para lograr el control del territorio han establecido las estrategias de Licencia Social para operar y el Kit de herramientas de desarrollo comunitario, el cual fue elaborado por un conjunto internacional de empresas mineras. Estableciendo la forma en que las empresas se deben de posicionar en la comunidad para el control del área y acceso a los recursos.

Existen otros pueblos circunvecinos al proyecto, que se identifican como pueblos indígenas, como Alpuyeca, que por su experiencia de lucha buscan ser quienes decidan sobre su territorio, utilizando como estrategia principal la asamblea comunitaria: espacio de decisión comunitaria. Los pueblos han luchado históricamente contra el despojo y construyen ante las amenazas nuevas formas de apropiarse del territorio.

A manera de reflexión, existe una crisis del control del territorio, la cual está en transición, este caso permite analizar como convergen múltiples actores, cada uno con sus propias escalas y temporalidades que se relacionan a través del conflicto por el territorio, donde los procesos se contraponen de despojo y resistencia, pero también convergen.

Palabras Clave: Control territorial, desterritorialización, resistencia.

EL PROYECTO DE CORREDOR BIOCEÁNICO COQUIMBO-PORTO ALEGRE Y LA NUEVA DEPENDENCIA ARGENTINA-CHINA

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Félicz, Mariano¹³

Sotiru, Martín¹⁴

Resumen

La relación de Argentina con China se ha convertido, en los últimos años, en un tema central y estratégico cuando hablamos de cualquier tipo de proyecto de desarrollo en nuestro país. China no solo disputa con Brasil el primer lugar como principal “socio” comercial, sino que dicho vínculo se extiende sobre aspectos financieros, técnicos, productivos y políticos. En particular, el proyecto de Corredor Bioceánico Coquimbo-Porto Alegre (o corredor NOA-Centro) se anuncia como programa estratégico para el desarrollo cualitativo de la relación del Cono Sur de Sudamérica, y en particular de Argentina, con China. Enmarcado en el programa de obras de la Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Suramericana (IIRSA) nacida a comienzos de los 2000, el proyecto promete reconfigurar la organización territorial a su paso.

El proyecto supone el desarrollo de obras de infraestructura que van desde puertos (Santa Fe), carreteras (Córdoba y otras provincias), pasos multimodales (paso de Aguas Negras, en San Juan), un nuevo enlace Santa Fe - Paraná, la optimización y mejora del paso fronterizo Paso de los Libres - Uruguayana, entre otros. Por su magnitud, plantea desafíos sociotécnicos, económicos y políticos de magnitud. De esta forma, entendemos que el proyecto conducirá a re-actualizar las relaciones de dependencia de Argentina con China, a la vez que reorganizará las articulaciones con la potencia subimperialista de Brasil. El mismo multiplicará los flujos de valores de uso y valores de cambio a través de una arteria que atravesará el territorio argentino. A su paso, forzará procesos de desterritorialización y reterritorialización a escala nunca vista, reorganizando el ciclo del capital y forzando resistencias a lo largo de su traza. El corredor apunta a convertirse en columna vertebral de una reorganización general de múltiples ciclos de valorización.

En este trabajo, entendemos al territorio como entramado material y simbólico de relaciones sociales, siempre atravesadas por el poder. El territorio es un concepto que incluye múltiples dimensiones, como la económica, social, política, ambiental, cultural, histórica, y su vez, es un concepto multiescalar que incluye procesos que suceden en diversas escalas, de forma transversal. Es esta multidimensionalidad y multiescalaridad de los territorios la que nos permite dar cuenta de la articulación entre cambios sociales, políticos, económicos, entre otros, en diferentes localizaciones, con la lógica global del capital. De allí que nos interese la configuración o reconfiguración de la relación de la dependencia

¹³ Colectiva Al Borde (construyendo pensamiento indisciplinado). Centro de Investigaciones Geográficas del Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (CIG-IdIHCS) del CONICET y la UNLP, Argentina. marianfeliz@gmail.com

¹⁴ Colectiva Al Borde (construyendo pensamiento indisciplinado). Centro de Investigaciones Geográficas del Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (CIG-IdIHCS) del CONICET y la UNLP, Argentina. msotiru@gmail.com

de Argentina con China. Los procesos de re-desterritorialización supone la desintegración de las relaciones existentes para imponer nuevas relaciones a favor de la dependencia, en este caso, con China. Este trabajo busca analizar de qué manera el proyecto del Corredor Bioceánico Coquimbo-Porto Alegre puede ser un catalizador para la reconfiguración de la Argentina como territorio dependiente. Nos interesa comprender en qué dimensiones y a través de qué procesos conflictivos, el proyecto podrá reconfigurar los ciclos de valorización del capital y reorganizar la reproducción social en los distintos territorios que atraviesa. Nos preocupa comprender cómo el mismo creará tensiones que al tiempo que recrea la articulación dependiente entre China y Argentina, la re-configura radicalmente.

En particular, nos concentraremos en analizar el potencial impacto sobre la producción agropecuaria en la Argentina, dado que los principales productos exportados hacia China provienen de dicho sector. Además, es un sector donde cada vez se encuentra más la intervención de capitales chinos en los procesos de producción, comercialización y exportación. Por dar unos ejemplos, si tomamos el caso de la agricultura, la estatal ChemChina hace poco años adquirió Syngenta (de origen suizo), y mas recientemente se fusionó con Sinochem (otra empresa estatal china), por lo que cuenta con gran participación en el mercado de los agrotóxicos argentino y mundial, además COFCO lideró en la campaña 2018/2019 el ranking de ventas externas agroindustriales; por el lado cárnico, es posible encontrar algunas empresas y frigoríficos que exportan carne vacuna cuyos dueños son grupos de origen chino, pero probablemente el mejor ejemplo sea el proyecto de las meggranjas porcinas construidas y gestionadas por capitales chinas y argentinas. Entendemos que en ese sector se visualiza la lógica territorial de la dependencia: la transformación de territorios en plataformas de extracción de ganancias, por fuera de cualquier lógica local, regional e incluso nacional. El objetivo subyacente, por parte de China, es asegurarse el continuo aprovisionamiento de dichas materias primas. En ese sentido, la estrategia de China representa un proceso de reproducción y acumulación ampliada del capital.

La investigación se apoyará en el análisis de fuentes secundarias, de series e información estadística y en la revisión de la bibliografía relevante.

Esperamos poder establecer de manera preliminar los parámetros cuantitativos y cualitativos del impacto del proyecto en la relación dependiente de Argentina con China, con especial énfasis en los efectos potenciales sobre el sector agropecuario. Asimismo, esperamos poder describir más precisamente las dimensiones diversas de esa nueva articulación dependiente en proceso de ser consolidado y los conflictos que la misma supone.

Palabras clave: China, Argentina, Dependencia, Territorio, IIRSA

LAS EMERGENCIAS DEL BUEN VIVIR EN TERRITORIOS MARCADOS POR EL DESPOJO Y EL SACRIFICIO: CASOS HUITOTOS (PERÚ) Y GUARANÍ-KAIOWÁ (BRASIL) EN CLAVE COMPARADA

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Delgado Estrada, Juan Manuel¹⁵

Larin, Letícia Platzeck Senra¹⁶

Resumen

Intentos significativos para promover la implantación de un sistema alternativo al capitalismo han ocurrido en Ecuador y Bolivia, con la institución, respectivamente, del “Sumak Kamsay” – “vivir en plenitud” – y del “Buen Vivir” como principios constitucionales. Esos términos son oriundos de diversas culturas indígenas, y corresponden a estilos de vida que viabilizan, a los pueblos originarios, una existencia integrada a la naturaleza. Según esas dimensiones profundas y existenciales, la explotación de la Pachamama debe ser remplazada por esquemas de convivencia, sostenibilidad, soberanía, solidaridad, y, sobretodo, reciprocidad.

Aunque este tipo de reflexión se multiplique en la actualidad, la distancia entre lo que se hace y se debería hacer de forma multiescalar, resulta todavía en un abismo. Para contribuir a este escenario urgente y de complicada resolución, el presente trabajo investiga las nociones del buen vivir y del vivir en plenitud a partir de dos contextos históricos. Considerando que el desafío presente se refiere a un cambio de paradigma en la humanidad, de una mentalidad de explotación a una de conexión con la naturaleza, los territorios escogidos han sido marcados por el despojo y el sacrificio que han inaugurado la movilización exploratoria en el Perú y en el Brasil.

Ambos casos han ocurrido a fines del siglo XIX e inicio del XX, siendo el primero debido a la explotación del caucho en la tierra en que vivían los huitotos – en la triple frontera de Perú, Colombia y Brasil – y el segundo a la explotación de la yerba mate en el espacio habitado por los Guaraní-Kaiowá – en el estado Mato Grosso do Sul, Brasil. La develación al ras de estos hitos históricos es ponderada junto a nexos que marcan la coyuntura actual de las referidas ubicaciones, así como a profundizaciones en aspectos de las cosmovisiones de las etnias indígenas en cuestión. Ese abordaje busca, con eso, restituir, de cierto modo, “voces” que han sido calladas y detectar en ese compendio sintonías de caracteres referentes al “sumak kamsay”. Este formato permite al presente trabajo concluir una crítica a la actual situación, de supervivencia y exterminio, de las comunidades de estudio. Por otro lado, la confrontación entre inicios de la explotación en larga escala, por el agronegocio, y nociones del buen vivir que promueven cuidados hacia el planeta, esclarece posturas a ser incorporadas por una sociedad global que busca promover, en el escenario de la humanidad, un ambiente menos violento.

Palabras claves: Huitoto, Buen Vivir, Despojo Territorial, Guaraní- kaiowá, Territorios de sacrificio

¹⁵ Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Lima, Perú - Universidad de Barcelona / juanmanueldelgado@gmail.com

¹⁶ Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes / leticialarin@gmail.com



**TEMA 3: RESISTENCIA SOCIAL - TERRITORIOS -
TERRITORIALIDADES**

LA RESISTENCIA EN LA GESTIÓN DEL AGUA EN URUGUAY, UNA VISIÓN DESDE LA HIDROGEOGRAFÍA

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

*Domínguez, Ana*¹⁷

*Achkar, Marcel*¹⁸

Resumen

Tradicionalmente la Geografía destina un especial interés a la Hidrología, como un conjunto de conocimientos originados desde disciplinas especializadas en el abordaje de fenómenos relacionados al agua. En articulación con varias disciplinas: Climatología, Geomorfología, Hidrogeología, Limnología, Oceanografía, Hidrología entre otras, progresivamente hacia la segunda mitad del siglo XX, el dominio del tema agua en la Geografía se orienta hacia la investigación de los recursos hídricos y a finales del siglo hacia su gestión sustentable. Incluyendo los conceptos de vulnerabilidad hídrica, riesgo hídrico e incorporando aspectos de ordenamiento territorial. A inicios del siglo XXI la investigación sobre la gestión de los recursos hídricos pasó a constituir uno de los temas centrales en la Geografía y las cuencas hidrográficas se tornan el espacio geográfico con las posibilidades de integrar el conocimiento en Geografía. En el contexto internacional, la posibilidad de gestionar, regular y controlar la cantidad de agua disponible se tornó una necesidad y un factor fundamental de producción para mantener e incrementar los patrones de productividad agrícola, energética, industrial, de residencia urbana y por tanto determinante del comportamiento del desarrollo. Así los aspectos físicos de la dinámica del agua sobre la superficie de la tierra se convierten en el objetivo principal de la investigación, en especial su dimensión hidráulica, como orientación principal de la Hidrología. El resto de las disciplinas científicas, en contrapartida pasan a ocupar un lugar marginal en el tema y la Geografía no fue una excepción, hasta que la modelización de la circulación del agua exigió la necesidad de analizar en forma diferencial la dinámica del agua en una cuenca hidrográfica. El agravamiento de los problemas ambientales a partir de la década de 1970, así como sus manifestaciones en el sistema hidrológico, degradación de agua, escases de recursos hídricos, aumento de la variabilidad de las fuentes primarias, progresivamente apartan el tema de su dimensión hidráulica, hacia su dimensión ambiental y por lo tanto hacia la diversificación de los estudios desde las más diversas disciplinas relacionadas con la Hidrología. Es en este periodo que la Geografía retoma el esfuerzo sistemático por construir un pensamiento crítico, científico y original de la teoría ambiental en general y del agua en particular. En la década de 1990, se acorta la distancia entre el pensamiento y la acción, y desde la Geografía Crítica se comienza a trabajar en una visión más integradora del tema. Es así que se consolida la Hidrogeografía, diferenciándose de la Hidrología y especialmente de la fuerte hegemonía de la Hidráulica. Cambiando su situación de rama despreciada de la Geografía Física como la llamó Mateu en 1989, hacia una importante rama de generación de conocimiento en Geografía. El objetivo principal de la Hidrogeografía es el estudio de la distribución geográfica y circulación del agua dulce

¹⁷ Docentes e investigadores, LDSGAT - Geografía. IECA - UdelaR. anitad@fcien.edu.uy

¹⁸ Docentes e investigadores, LDSGAT - Geografía. IECA - UdelaR. achkar@fcien.edu.uy

en el espacio, así como la apropiación por distintos sectores de la población humana y las principales consecuencias y conflictos por su uso. Estos estudios se realizan a varias escalas de análisis: global (geopolítica del agua), regional (cuencas hidrográficas) y local (microcuencas). El enfoque a diferentes escalas espaciales tiene un triple objetivo, por una parte, mostrar su comportamiento en la dimensión físico-biológica de los sistemas ambientales, por otra parte, su importancia como factor en el desarrollo de las sociedades humanas y también como las actividades antrópicas influyen en la disponibilidad de agua en los territorios. En este contexto, se establece un debate sobre el agua, centrándolo entre la intersección de los derechos humanos, las reglas del mercado y su totalidad territorial. Este trabajo analiza el caso de Uruguay, donde la privatización del agua fue revertida a través de un proceso de iniciativa ciudadana. A partir de este hecho político se creó un segundo nivel de institucionalidad en la gestión del agua: los Consejos Regionales y Comisiones de Cuenca, de manera participativa, avanzando en la generación de propuestas desde la visión crítica de la Hidrogeografía. En el proceso, se inició una disputa epistemológica entre las condiciones de implementación y se cuestionó la participación social como categoría central de análisis. La Hidrogeografía postula la construcción de un sistema de territorialidades, confrontado las orientaciones clásicas de la hidrología y de la biología, generando una disputa epistemológica en la producción de conocimiento en torno al agua. Posteriormente, se generaron situaciones de tensión para ocupar los espacios institucionales para la toma de decisiones, principalmente con la intención de influir en las políticas públicas. Colocando de manifiesto la complejidad de integrar a las diversas instituciones y a la sociedad en general en los objetivos de la estrategia planteada. La visión global en el proceso de construcción de un sistema de territorialidades, sobre la base de la dinámica del agua y los sistemas ambientales, postulado desde la Hidrogeografía crítica en la primera etapa del proceso, confrontó con las orientaciones positivistas clásicas de la ciencia. Generando en primera instancia una disputa epistemológica por el campo de generación de conocimiento en agua. Posteriormente una disputa por ocupar los espacios institucionales para influir en las decisiones. Finalmente, una tendencia de empobrecimiento de los espacios participativos donde, las orientaciones clásicas de la ciencia se organizan en torno a los actores institucionales del Estado y las orientaciones críticas de la ciencia se organizan en torno a los movimientos sociales. Se produce en la práctica un desplazamiento en la toma de decisiones hacia los equipos técnicos de los ministerios y la participación hacia la reivindicación de los movimientos sociales que sostienen que el agua es un derecho humano fundamental y su gestión es territorial. La superación de esta discusión disputa y confrontación, es un elemento indispensable para retomar el rumbo de construcción de sistemas de territorialidades del agua que nos permitan avanzar hacia niveles crecientes de sustentabilidad.

Palabras Clave: Hidrogeografía, Territorialidad del Agua, Participación Ciudadana, Uruguay

TERRITORIALIDADES SUPERPUESTAS EN EL CATATUMBO COLOMBIANO

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Osorio, Yelitza¹⁹

Resumen

El objetivo de esta ponencia es aproximarnos a las superposiciones territoriales de comunidades indígenas y campesinas en el Catatumbo colombiano desde la perspectiva del desarrollo geográfico desigual. Así mismo se busca indagar sobre la producción de espacios de resistencia social y política por parte de las comunidades en mención a través de las diferentes prácticas espaciales producidas históricamente.

El Catatumbo colombiano ubicado al nororiente de la cordillera oriental de los andes colombianos, además de ser un espacio binacional que comparte frontera con Venezuela, tiene unas características socio económicas que, según los datos oficiales hace que sea uno de los territorios con mayores índices de desigualdad social en el país. En este espacio regional hacen presencia grupos armados que se disputan el control de la frontera externa y los corredores internos que conectan los flujos comerciales de las materias primas y productos proscritos que se producen en la región, lo que ha generado una acentuación del conflicto armado. Estos grupos armados están asociados a los procesos de reestructuración espacial en esta región puesto que han facilitado la entrada, el establecimiento y la producción de economías extractivas y agroindustriales y que han afectado territorios indígenas y campesinos.

El territorio cuenca del Catatumbo representa un espacio social donde comunidades indígenas Barí han sobrevivido y resistido históricamente a los diferentes procesos de despojo a manos, primero de la industria petrolera que desplazó de manera forzada a los Barí hacia las partes altas de la cuenca del Catatumbo. Y de manera más reciente las comunidades campesinas que llegaron a colonizar parte del espacio rural de la cuenca del Catatumbo donde han forjado historias de arraigo y construcción de territorialidades campesinas, también han sufrido procesos renovados de despojo. El campesinado del Catatumbo obedece a otros desplazamientos internos que tienen como trasfondo una estructura latifundista del campo colombiano y una política agraria que ha privilegiado la gran propiedad y las industrias extractivas. Dicha estructura latifundista ha sido encabezada por una clase social terrateniente y señorial que ha expulsado de manera cíclica al campesinado de los espacios rurales de Colombia, primero de los espacios más centrales y posteriormente de los espacios periféricos, donde las actividades extractivas y agroindustriales están haciendo más presión en la actualidad.

Es así, como las actividades extractivas, la agroindustria y los cultivos ilícitos han generado una dinámica territorial que ha transformado de manera importante los paisajes y la base ecológica. La industria petrolera fue la primera actividad industrial en incursionar en las primeras décadas del siglo XX, generando procesos socio espaciales que, no solo abrieron la puerta al mercado global, sino que generaron nuevos poblamientos con el trazado de carreteras y el requerimiento de mano de obra. De manera más reciente, es la agroindustria de la palmicultura, los cultivos ilícitos y los proyectos

¹⁹ Integrante del colectivo Juntanza Ecofeminista y de la Red de Geografías Críticas de Raíz Latinoamericana, Georaizal. Correo electrónico Yelitzaosoriomerchan@gmail.com.

mineros quienes han venido interviniendo no solamente un área física o un paisaje natural sino el espacio social de la cuenca del Catatumbo colombiano. Donde las vidas de campesinos e indígenas se han visto afectadas por el destierro, la deforestación, el despliegue del monocultivo de la palma, el cercamiento y privatización de bienes comunes, así como se ha afectado la movilidad por el encierro y/o la interrupción de caminos o senderos de las comunidades para acceder a aprovisionamiento de alimentos o a los encuentros entre comunidades.

En este contexto las comunidades campesinas e indígenas han tenido que resistir no solamente los embates de la guerra sino también, las dinámicas de marginalización socioespacial que ha operado desde los centros globales y nacionales, asignando al Catatumbo como un espacio periférico y como un borde de la nación. Un espacio periférico puesto que los ordenes globales anclaron esta región con economías extractivas y el borde la nación, en tanto el Estado margina a la población y ejerce una presencia predominantemente militar para garantizar que las materias primas circulen hacia los centros globales.

En este sentido se propone ver la superposición de las territorialidades campesinas e indígenas como parte de los procesos intrínsecos del desarrollo geográfico desigual, donde la escala nacional y global ha intervenido y agenciado espacios para el capital a partir de procesos de acumulación, de diferenciación e igualación espacial, así como de desarrollo combinado, y de acumulación por despojo. Se afirma entonces, que la diferenciación e igualación espacial, así como los procesos de despojo y acumulación de tierras propician superposiciones y contraposiciones entre comunidades locales.

En este sentido, se propone que los territorios en el Catatumbo son producciones interescales, donde la escala local tiene agencias políticas que son geohistóricas y que tienen trayectorias disimiles que convergen sobre un área. Esta convergencia entre comunidades produce coexistencias territoriales donde se presentan una serie de relaciones conflictivas y/o solidarias que defienden propuestas territoriales en torno a figuras legales, históricas y territoriales como lo son la zona de reserva campesina y el resguardo indígena.

CARTOGRAFÍAS, TRAZOS Y TERRITORIALIDADES DEL GRUPO PARAMILITAR AUTODEFENSAS GAITANISTAS UNIDAS DE COLOMBIA (AGC) EN EL NUDO DE PARAMILLO; MUNICIPIOS DE ITUANGO, DABEIBA Y PEQUE, ANTIOQUIA

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Ospina Torres, Alejandra²⁰

Resumen

La presente investigación devela la configuración territorial que inscribe las AGC en un territorio estratégico, que se legitiman a través de distintos mecanismos de violencia. El grupo paramilitar construye su propia delimitación del territorio, lo controla, lo apropia y lo establece bajo la aplicación de los estatutos de la organización criminal. Además, establece unos usos ilegales y paralelos del suelo. Los cambios en los usos del suelo se sobrepone en dos cartografías, la oficial y la alterna; la oficial abarca los usos agrícolas, forestales, ambientales, entre otros, mientras que la otra abarca los usos de narcotráfico, armamento y movilidad del grupo criminal. La otra cartografía (alterna) es ilegítima para el Estado, pero soberana y autoritaria (estatuto) para las comunidades que habitan el territorio del nudo de Paramillo.

El análisis espacial del nudo del Paramillo y su relación con fenómenos criminales tiene como propósito explicar el uso estratégico que hace este grupo armado y cómo esto genera una alteración y cambio en un ecosistema que hace parte de un Parque Nacional Natural, cuya vocación es ambiental. Así mismo, intenta dar respuesta a las siguientes preguntas: ¿por qué este actor criminal hace presencia en ese territorio específico?; ¿cómo lo codifica con sus sistemas propios de identificación?; ¿cómo y para qué establece una división territorial paralela a la instituida en los planes de ordenamiento territorial? Como resultado, el grupo armado define otras categorías espaciales, otros usos del suelo y otra división territorial, alterna, pero no exterior. El marco analítico se hará a partir del desarrollo de las siguientes categorías generales: 1) *Configuración geofísica y ubicación geoestratégica* 2) *Territorialidades superpuestas*²¹ 3) *El estado y sus márgenes*²².

²⁰ Geógrafa con énfasis en desarrollo regional y ambiental, Universidad del Cauca. Magister en Territorio y Ciudad, Universidad Jorge Tadeo Lozano. Investigadora social del área de territorio y conflicto armado en fiscalía general de la Nación. sierritadumb@gmail.com

²¹ Oslender (2010)

²² Das y Poole (2008)

AUGE EXTRACTIVO EN COLOMBIA: RESISTENCIAS EN EL MUNICIPIO DE COGUA POR EL AGUA

Mesa temática a la que aspira participar: N°40 Despojo(s), desterritorialización y resistencias en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

Pedraza, Sergio Alejandro ²³

Resumen

Descripción del problema

La minería en el municipio de Cogua, Cundinamarca, en Colombia existe principalmente con la extracción de rocas y minerales para materiales de construcción (arenas, arcillas, gravas). Sin embargo, este sector se convirtió en un problema muy grave para el territorio con su evidente expansión desenfrenada que concientizó a la comunidad con los altos impactos socioambientales que produce, gestando una interesante lucha territorial con grupos activistas con perspectiva socioecológica. Según el IGAC (2016), los suelos de la Sabana en Cundinamarca son considerados los mejores terrenos en el país para implementar cualquier tipo de cultivo, sin embargo, el 63% de esta región no corresponde a un uso de cultivo agrícola. Cada vez es más común ver grandes conjuntos residenciales, lotes de engorde y la incursión o ampliación del sector empresarial-industrial como la minería, que se encarga de darle un uso diferente a la vocación del suelo. Invadir el territorio con diversos títulos mineros y licencias ambientales, en el caso particular del municipio de Cogua, claramente puede generar un impacto para este, pero también para las personas que allí habitan.

- Actividades extractivas: minería de materiales de construcción y carbón

La principal actividad minera que se presenta en Cogua es la extracción de materiales para la construcción. Las arcillas, las arenas, las gravas y otros materiales de cantera se explotan en el municipio mediante el tipo de minería de superficie o a cielo abierto.

La zona minera para la extracción de arcilla y gravas se encuentra principalmente en las veredas de El Olivo, Rincón santo y Casa blanca. En esta zona se genera un efecto contaminante y un gran impacto en la estructura del suelo por el levantamiento de la capa vegetal.

Actualmente se debate en el municipio sobre el título minero EIJ 151 que afectaría gravemente el agua y la tierra del territorio en la cuenca del río Neusa, con la instalación de una empresa gravillera impactando los terrenos de Patasica y La Plazuela, a este debate se le suma la problemática social y ambiental por la ampliación del sector minero ya establecido (CAR, 2020)

²³ Estudiante de licenciatura en ciencias sociales-Universidad Pedagógica Nacional-Colombia. Miembro de colectivo SIE Cogua. sapedrazap@upn.edu.co



Imagen 1. Amenazas del título minero EIJ-151, Cogua. Tomada de: Colectivo SIE. Diciembre 2020.

La minería de carbón, también se encuentra en el municipio en probable menor proporción que la práctica anteriormente mencionada, sin embargo, se cuentan con dos grandes títulos mineros principales como lo son el 1131T en la vereda Páramo alto con 310 hectáreas y el 2644T con 177 hectáreas en la vereda de Casa Blanca (ANM, 2020).

Esta actividad extractiva se practica de forma subterránea y actualmente, la minería de carbón en el municipio al parecer viene en retroceso. Así pues, los altos impactos negativos, el gran daño ambiental y ecosistémico que genera, ponen en riesgo lugares como el páramo de Guerrero y el importante recurso del agua. Este tipo de minería ha tratado de ser contenida por las administraciones municipales para proteger el ecosistema de páramo y en general el agua de Cogua, sin embargo, aún se cuenta con un importante pasivo ambiental por el carbón de antiguas minas y algunas que se encuentran activas.

Justificación del problema

Es necesario un análisis en Cogua, Cundinamarca, en torno a la actividad y expansión minera por diferentes factores que producen transformaciones en las dinámicas del uso de la tierra y que generan implicaciones sociales, espaciales y ambientales en el territorio, junto con resistencias ante un cambio y daño en este sentido. Así se pretende comprender desde una mirada geográfica que ponga de manifiesto los efectos negativos que trae consigo esta problemática para el espacio, las personas y el ambiente.

Objetivos

- Identificar los efectos socio-espaciales que se han producido en el territorio y las comunidades rurales, desde una perspectiva espacial y geográfica en el municipio de Cogua.
- Reflexionar sobre el vínculo con la tierra que tiene los colectivos de jóvenes y las comunidades
- Problematizar las dinámicas extractivas que presenta el municipio de Cogua

Reflexión y conclusiones

Actualmente, el sistema capitalista con su modelo extractivista se encuentra transitando de un abundante mundo lleno de minerales y recursos para su sostenimiento, hacia otro de escasez, incertidumbre y alternativas.

Colombia, claramente no es ajena al sistema depredador global y como su región, se encuentra bombardeada por el saqueo de los recursos naturales para ofrecer al mercado mundial. Asimismo, Cogua, evidentemente no es ajeno a esta gran producción nacional minera y extrae de los dos principales ejes mineros, materiales de construcción y carbón, afectando el espacio social y ambientalmente. Asimismo, en Cogua, las actividades extractivas y principalmente las mineras, sumen al municipio como al país en un modelo de dependencia que estancan a las comunidades arrebatándole el derecho a decidir sobre su territorio y optar por alternativas que protejan su tierra y naturaleza.

En Cogua, se ha gestado una importante lucha social abanderada por jóvenes que están en contra del extractivismo que pone el riesgo el agua y la tierra, viéndose como un proceso privatizador en su territorio. Los jóvenes y la comunidad, busca frenar la minería y dejarla a un lado mediante alternativas que contribuyan con la conservación de la naturaleza y a su vez con el trastorno climático mundial. A pesar de sus dificultades se encuentran personas aún dispuestas a apostar por una agricultura responsable que en contra de lo impuesto por el modelo económico nacional, extractivo y neoliberal, se tenga derecho a soñar con algo completamente distinto.

Esta propuesta de ponencia es un aporte empírico, que mediante la reflexión crítica busca visibilizar pequeñas luchas anti extractivas desde los territorios y para estos, donde se cuide la vida y el medio ambiente generando un fuerte vínculo con la tierra.

Bibliografía.

- ANM. (2020). *Agencia Nacional de Minería* | <https://mineriaencolombia.anm.gov.co/map>
- CAR. (2020). *Audiencia Pública Ambiental - Empresa Compañía de Agregados S.A.S.* | CAR. <http://www.car.gov.co/vercontenido/3948>
- IGAC. (2016). *La Sabana Bogotá se está quedando sin terrenos para cultivar: IGAC* | *Instituto Geográfico Agustín Codazzi*. <https://www.igac.gov.co/es/noticias/la-sabana-bogota-se-esta-quedando-sin-terrenos-para-cultivar-igac>



MESA 41

**MESA 41: TERRITORIO, BIENES COMUNES Y CONFLICTOS
SOCIOAMBIENTALES: RESISTENCIAS Y CONSTRUCCIONES ALTERNATIVAS AL
MODELO DOMINANTE**

Coordinadores: Pohl Schnake, V., Carmona Londoño, L. S., Coppiarolo, L., Santos, C., Zamponi, A.

MESA 41: TERRITORIO, BIENES COMUNES Y CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES: RESISTENCIAS Y CONSTRUCCIONES ALTERNATIVAS AL MODELO DOMINANTE

*Coordinadores: Pohl Schnake, V.¹,
Carmona Londoño, L. S.²,
Coppiarolo, L.³,
Santos, C.⁴,
Zamponi, A.⁵*

Durante las últimas décadas de la actual etapa del capitalismo, se asiste a una exacerbada mercantilización de la naturaleza y desposesión territorial, vivenciados con persistencia en el sur-global. Particularmente en América Latina cobran relevancia los análisis que se enfocan en las relaciones de poder que se entretienen en las formas de comprender la unidad sociedad/naturaleza y los conflictos socioambientales. Como parte de esta tendencia, son crecientes las contribuciones geográficas que se suman al diálogo con la Ecología Política para reflexionar sobre el actual modelo productivo dominante, los movimientos de resistencia, el accionar del Estado y ONGs. Desde esta perspectiva en esta mesa se plantean dos objetivos: favorecer el diálogo de múltiples voces, variadas realidades y divulgación de conocimientos desde nuestros sures; y estimular la difusión de construcciones alternativas que emergen frente al actual modelo de mercantilización de la naturaleza. Se aceptan trabajos que den cuenta de: 1- Conflictos socioambientales, grupos y movimientos en defensa de los bienes comunes, accionar del Estado, organizaciones ambientalistas y ecologistas a distintas escalas. 2- Extractivismo y transformaciones de los territorios: alteraciones en las características y dinámicas físico-naturales del ambiente involucradas en dichos conflictos. 3- Biodiversidad, conservación y financiarización de la naturaleza. 4- Producción de conocimientos colectivos y construcciones alternativas que emergen frente al actual modelo productivo y buscan superar las ideas de dominación de la naturaleza al revalorizar otros saberes interculturales.

¹ Centro de Investigaciones Geográficas. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) Argentina. veropohls@gmail.com, lcoppiarolo@gmail.com analiazamponi@gmail.com

² Facultad de Trabajo Social. Grupo Territorio. Universidad Pontificia Bolivariana. Medellín, Colombia luz.carmona@upb.edu.co

³ Centro de Investigaciones Geográficas. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) Argentina. veropohls@gmail.com, lcoppiarolo@gmail.com analiazamponi@gmail.com

⁴ Centro Universitario Regional del Este. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de la República. Uruguay carlos.santos@cienciasociales.edu.uy

⁵ Centro de Investigaciones Geográficas. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) Argentina. veropohls@gmail.com, lcoppiarolo@gmail.com analiazamponi@gmail.com

CONFLICTOS SOCIOTERRITORIALES Y APROPIACIÓN DIFERENCIAL DE LOS RECURSOS NATURALES EN LA PROVINCIA DE CÓRDOBA (ARGENTINA).

Ponencia

Díaz María Guillermina⁶

Lucero Franco Gastón⁷

Se considera que cuando el uso del territorio es cooptado, esencialmente, por la racionalidad hegemónica instrumental, se advierten o evidencian verdaderos procesos de apropiación diferencial de los recursos, lo que deriva en la emergencia de múltiples problemáticas ambientales, la materialización de procesos de injusticia socio-territorial y, la recurrencia de conflictos socioterritoriales.

Una de las manifestaciones del conflicto social, inherente al proceso de desarrollo, tiene lugar justamente en torno a las disputas que se generan por el control y uso del territorio, a lo que Arzeno *et al.* (2018) definen como “conflictos territoriales”. Más específicamente, se trata de disputas que se hacen públicas entre los diferentes actores sociales cuando la territorialidad de uno de ellos niega o constriñe el uso, la apropiación o el significado atribuido a la naturaleza por parte de otro (Toledo López, 2011). A partir de esto se pone en cuestión las relaciones de poder que facilitan el acceso a los recursos, por parte de algunos actores y la exclusión de su disponibilidad para otros (Merlinsky, 2013).

En este marco, a continuación, se presentan dos estudios de caso de la provincia de Córdoba (Argentina), uno vinculado a la actividad minera y otro a la actividad agrícola, a partir de los cuales es posible evidenciar procesos de apropiación diferencial, producto de relaciones de poder asimétricas en el territorio.

El primero se desarrolla en San Isidro y José de la Quintana, el conflicto se inició en el año 2016 a partir del rechazo de la instalación de la cantera “Sol de Venus” entre las dos comunas. Los vecinos reclamaban principalmente el impacto negativo en la salud y el entorno que la explotación minera a cielo abierto podía traer aparejado, denunciando que no habían sido comunicados de una audiencia pública ya realizada.

Asimismo, demandaban que el estudio de impacto ambiental presentado por la empresa minera tenía incoherencias técnicas. Por su parte, la jefa comunal de San Isidro destacaba que el proyecto tampoco tenía licencia social para funcionar.

Posteriormente, se desarrolló la segunda audiencia pública convocada por la Secretaría de Ambiente de la provincia y, en esta oportunidad, las comunidades exigían al Estado provincial que rechazaran la licencia ambiental y la aprobación del proyecto.

El repudio de los habitantes de las localidades fue contundente, y durante el proceso contencioso lo expresaron a través de festivales, volanteadas, y movilizaciones hacia la ciudad capital. Finalmente, se dio lugar al recurso de amparo presentado por la Asamblea de Vecinos Autoconvocados de San Isidro y José de La Quintana. El poder judicial de la provincia dictaminó el fallo mediante el cual se dispuso el cese por seis meses de la puesta en marcha de la explotación hasta el mes de junio de 2017.

Amparo mediante, el proyecto al año 2018 siguió paralizado y sin perspectivas de avance a corto plazo. No obstante, mientras los habitantes esperaban novedades judiciales, avanzó un expediente

⁶ CONICET. Departamento de Geografía, ISTE-UNRC; e-mail: guillerminadiaz07@gmail.com

⁷ Departamento de Geografía, ISTE-UNRC; e-mail: flucero@hum.unrc.edu.ar

que solicitaba una nueva explotación en un campo cercano a las localidades impulsada por la empresa “Blancaley”. Esto provocó, que volvieran a resurgir las tensiones sucedidas con “Sol de Venus” dos años atrás.

Con respecto al segundo caso, el conflicto se desarrolló en la ciudad de Río Cuarto cuando la multinacional “Monsanto” comunicó en el año 2012 la decisión de instalar una planta experimental de soja y maíz. Este evento generó un importante rechazo, fundamentalmente, de organizaciones ambientalistas y vecinos autoconvocados, lo cual derivó en una gran cantidad de protestas y movilizaciones. Si bien el uso de productos agroquímicos y sus efectos nocivos para la salud y el entorno era el foco de la discusión, no obstante, algunos actores consideraban que la cuestión iba más allá de esto, ya que con la llegada de esta empresa se legitimaría la consolidación e intensificación de un modelo de producción extractivista. En esta causa se destacaron el rol protagónico de la “Asamblea Río Cuarto Sin Agrotóxicos” y el pronunciamiento en contra de la multinacional por parte de la Universidad Nacional de Río Cuarto (UNRC).

Un aspecto a destacar durante este conflicto, fue la importante influencia que tuvieron algunos eventos contextuales y de relevancia nacional, como los casos de Malvinas Argentinas y el juicio por la causa de contaminación en el barrio Ituzaingó Anexo de la ciudad de Córdoba, que, de alguna manera, condicionaron los posicionamientos y la toma de decisiones de algunos actores, tal como sucedió con el intendente municipal. Asimismo, hasta las movilizaciones por este conflicto se consideraron trascendentales, ya que la respuesta de una población consideraba “muy conservadora” fue tan contundente que sólo se podía explicar a la luz del conocimiento adquirido del mencionado contexto.

Finalmente, tras las diferentes posturas desencontradas por la instalación de esta multinacional en la ciudad; el resultado negativo de un estudio de impacto ambiental realizado al proyecto de la empresa; los debates generados en el seno del Concejo Deliberante de la ciudad, en el marco de una consulta popular; entre otros, fue que el intendente municipal decidió denegar la instalación y habilitación de la empresa mediante la emisión de un decreto, lo que no sólo generó respaldos y cuestionamientos, sino también un largo enfrentamiento judicial entre la empresa Monsanto y el propio Estado municipal.

A partir del análisis de los estudios de caso presentados es posible dar cuenta del surgimiento recurrente de resistencias que luchan por otras formas de pensar la construcción del territorio, ante el avasallamiento de una lógica de producción técnico-instrumental que pretende universalizar su modo de proceder. No obstante, estos sentipensares alternativos lograron una gran resonancia en el ámbito público que permitieron crear las condiciones para que sus discursos sean escuchados y transformados en decisiones políticas.

Esta dinámica claramente expone, mediante hechos contenciosos, no sólo las múltiples relaciones de poder subyacentes en los procesos de apropiación diferencial de los recursos sino también una desigual distribución de las consecuencias socioambientales.

Palabras clave: territorio, conflictos socioterritoriales, apropiación, recursos naturales, provincia Córdoba

PRODUÇÃO AGRÍCOLA, ESTRUTURA FUNDIÁRIA E RESISTÊNCIAS: O CASO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

Ponencia

*Campos Matheus de
Bordignon Isabela Magalhães
Seixas Lucas Pinto⁸*

A Região Metropolitana de Campinas (RMC) é um importante polo econômico, industrial e tecnológico, relevante no cenário nacional, localizada no eixo rodoviário que conecta São Paulo a Brasília e se constitui de um espaço regional disperso e fragmentado (NASCIMENTO, 2016). Possui uma taxa de urbanização de 97,6% e uma população de 3,19 milhões de habitantes (AGEMCAMP, 2020). Em concomitância, a agricultura praticada na região é bastante diversificada e complementar à economia metropolitana. A atual estrutura fundiária presente na RMC é resultado de um processo de formação territorial marcado por relações coloniais de exploração materializadas no sistema de produção, na estrutura político-administrativa e nas relações de trabalho.

Um fator fundamental para a atual configuração foi a produção cafeeira, principalmente a partir do século XIX até 1930, momento em que tem início uma diversificação produtiva na região, muito por conta do crescimento industrial no município de Campinas. A partir de um desenvolvimento que se dá de maneira desigual no espaço geográfico, os municípios que compõem a RMC sofrem influência de importantes centralidades no contexto da produção científica e tecnológica, como Campinas (Universidade Estadual de Campinas, Instituto Agrônomo de Campinas, Grupo Atvos), Piracicaba (ESALQ/USP, Raízen, Cosan) e São Paulo (centro de controle de grande parte do processamento da cana).

No que diz respeito à estrutura fundiária, há a coexistência de diferentes formas de produção que se contrapõem: o modelo dominante impõe a produção principalmente de cana-de-açúcar citrus vinculado por meio de grandes empresas de capital nacional e estrangeiro, ligado ao mercado financeiro internacional e utilizando o conhecimento técnico/científico e em contrapartida, alternativas que buscam construir resistência, por meio da produção de alimentos em propriedades familiares e em assentamentos rurais vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e também a outros movimentos de luta pela terra que não se relacionam necessariamente com o MST mas sofrem influência dele.

O trabalho se justifica ao passo que visa elucidar aspectos fundamentais da estrutura fundiária de uma região metropolitana com uma alta taxa de urbanização, grande densidade populacional e marcada por desigualdades sócio-espaciais. Dessa forma, tem-se como objetivo a caracterização de alguns aspectos da estrutura fundiária da Região Metropolitana de Campinas, tendo em vista a influência da lógica capitalista no modo de produção agrícola, e considerando as múltiplas relações sócio-espaciais vigentes no território, buscando, assim, ampliar o conhecimento geográfico sobre os usos agrícolas da terra.

Para alcançar os objetivos do trabalho, considerou-se as proposições de Moraes (2002) acerca da formação territorial como aspecto fundamental para compreensão da realidade social do território me-

⁸ Universidade Estadual de Campinas. E-mail: m184215@dac.unicamp.br , i175149@dac.unicamp.br, l182668@dac.unicamp.br

tropolitano. Foi realizado um levantamento e uma revisão bibliográfica reunindo materiais acerca das relações fundiárias e sócio-espaciais, pensados a partir de uma abordagem que reflete sobre o processo a partir de múltiplas escalas geográficas (SMITH, 2008). Também foram coletados dados georreferenciados a respeito dos imóveis rurais (SICAR, 2020) dentro do recorte político-institucional da RMC (IBGE, 2019), com os quais foram produzidos mapas temáticos utilizados nas análises e servindo como base para as reflexões da presente pesquisa.

Como resultado tem-se que os imóveis rurais de maior extensão se encontram na porção noroeste do território da RMC (Santa Bárbara d'Oeste e Cosmópolis, principalmente), vinculados ao cultivo de cana-de-açúcar e citrus e portanto à lógica globalizada do agronegócio, ao passo que na porção leste temos a predominância da silvicultura, vinculada ao reflorestamento e aos créditos de carbono, que impõe uma relação financeira sobre a emissão de gases que contribuem para o efeito estufa. Destaca-se a presença de um circuito espacial produtivo (SANTOS, 1986) no setor sucroenergético, marcado pela presença de empresas de grande porte, como a Raízen/Cosan e a ATVOS, alimentando um vínculo com a produção de tecnologia nos centros de pesquisa adjacentes e concentrando o capital nas mãos de importantes agentes econômicos hegemônicos.

Como contraponto, se faz presente uma importante manifestação da luta de classes e da luta por terra e alimentação, materializadas em acampamentos e assentamentos organizados por movimentos sociais. Essas formas de resistência são encontradas, por exemplo, nos municípios de Americana e Valinhos. É nítido que as relações com a terra e com a produção de alimentos ocorrem de forma muito distinta nesses locais, a partir da reivindicação de um uso social da propriedade e da utilização de técnicas agroecológicas.

É fato que a relação dos diferentes agentes com a terra e com a propriedade rural na RMC revela diferenças muito profundas. Enquanto há, por um lado, a lógica de exploração da terra, financeirização de questões sócio-ambientais e a imposição de uma lógica capitalista, que concentra os lucros do agronegócio, há também formas que subvertem a lógica da [re]produção do espaço e do capital e propõem alternativas e modelos baseados na agricultura de subsistência, na agroecologia e na venda de excedentes para a alimentação de famílias nos centros urbanos.

Com efeito, a presença de movimentos sociais na área de estudo indica uma forma de garantir o cumprimento da legislação que se refere aos direitos básicos do cidadão, como moradia e alimentação. Além disso, constitui uma relação diferente com a terra e a natureza uma vez que não a torna uma mercadoria. A luta pela terra, materializada nos acampamentos e assentamentos da RMC, não só propõe alternativas ao modo de produção dominante, como também abre brechas para se pensar outras formas de [des]envolvimento que estejam vinculadas à solidariedade e que rompam com a herança colonial que ainda se faz presente.

Palavras-chave: Estrutura fundiária; Região Metropolitana de Campinas; Sistemas de Informação Geográfica.

CONFLICTOS POR FUMIGACIONES EN EL PERIURBANO MARPLATENSE: DOS FORMAS CONTRAPUESTAS DE ENTENDER AL TERRITORIO

Ponencia

Vieira Vanina Araceli⁹

Galeotti Pablo José¹⁰

El actual sistema agroindustrial tiende a replicar en los territorios el modelo socio técnico dominante que pregona el avance de los monocultivos y la fuerte dependencia de insumos de síntesis como pesticidas y fertilizantes. En este contexto, dicho modelo se encuentra cada vez más cuestionado por los severos efectos que genera en la salud, la degradación del suelo y la contaminación del agua y aire. En paralelo se profundizan los problemas de acceso a la tierra y los enfrentamientos por el uso de la misma. Se suma la distancia que existe entre los precios percibidos por las y los productores familiares y los abonados por los consumidores, que deja entrever los márgenes de beneficio económico que se apropian los sectores intermediarios de la cadena alimentaria. Como respuesta, existen otras formas de producir, procesar, distribuir y consumir alimentos asociadas a las experiencias agroecológicas, que dan lugar a nuevas territorialidades. En ese sentido, Pablo Titonell (2018) señala que la agroecología se consolida como un nicho de innovación.

Tal como dice Mançano Fernandes (2012) las relaciones sociales se materializan y se reproducen en el espacio geográfico, produciendo espacios y territorios en movimientos desiguales, contradictorios y conflictivos. Algunos barrios y zonas residenciales en el periurbano de la ciudad de Mar del Plata (municipio de General Pueyrredon, sudeste bonaerense) son el escenario de numerosos conflictos socioterritoriales, donde se reflejan intereses contrapuestos, como establece Sabatini (1997) entre el “espacio económico” y el “espacio vital”. Este artículo propone analizar el trasfondo de las denuncias por la manipulación y pulverización de productos fitosanitarios de orden agropecuario, en los cultivos intensivos del cinturón frutihortícola y en las actividades agrarias extensivas. Introduciendo en el análisis categorías como riesgo, peligrosidad y desastre.

En julio de 2011, el municipio de General Pueyrredon reglamenta la Ordenanza Municipal N° 18.740/08 que prohibió la aplicación de fertilizantes y plaguicidas dentro de un radio de mil metros, a partir del límite de las plantas urbanas o núcleos poblacionales. La norma fue escrita por la asociación civil BIOS, aportando evidencias técnicas y científicas de los efectos de dichos productos en la salud y el ambiente. No obstante, la medida fue rechazada por referentes del sector agrario y patronal, que tras insistentes reclamos, lograron su derogación. Posteriormente, en julio de 2013 comienza a aplicarse la Ordenanza Municipal N° 21.296/13. Esta normativa crea el Programa de Desarrollo Rural Sustentable (PDRS), con la finalidad de promover la sostenibilidad social, ambiental, cultural y económica de la producción agropecuaria en el municipio. La nueva ordenanza, en palabras de Molpeceres et al. (2020), le da una nueva visión a la problemática, siendo más flexible en cuanto al uso de productos fitosanitarios de orden agropecuario. Ahora, quienes producen dentro de los límites mencionados, pueden usar los productos de “franja verde” y “franja azul”. Mediante el Programa de Desarrollo Rural Sustentable, se proponen recomendaciones para que se incorporen las Buenas

⁹ Universidad Nacional de Mar del Plata, vaninavieira1@gmail.com

¹⁰ Universidad Nacional de Mar del Plata, pjgaleotti@mdp.edu.ar

Prácticas Agrícolas, así como también el control y monitoreo dentro de las producciones. Otro hecho importante, de incidencia nacional local, fue resolver en 2018 la incorporación al Código Alimentario Argentino (CAA) las Buenas Prácticas Agrícolas (BPA) obligatorias para el sector hortícola.

No obstante, en julio del 2019 la Suprema Corte de Buenos Aires ratificó la decisión de prohibir nuevamente el uso de fertilizantes y plaguicidas en el área en cuestión. El motivo se debió a la medida cautelar impulsada por la Asamblea Paren de Fumigarnos de Mar del Plata, que solicitó que se aplicara la Ordenanza Municipal N° 18.740, votada en 2008 por unanimidad en el Concejo Deliberante. Así, se fueron derogando artículos de la ordenanza vigente hasta el momento, volviendo a retomar otros de la anterior. Desde entonces, se mantiene una legislación “híbrida” que deja mucha confusión a la hora de su aplicación. Todos los actores intervinientes se sienten amparados por la ley: por un lado los productores que continúan con la aplicación de insumos de síntesis, basándose en la Ordenanza Municipal 21.296/13 ; y por otro lado, los y las habitantes de las zonas periurbanas y rurales, quienes están en continua movilización reclamando ante las autoridades la aplicación de los artículos en vigencia de la Ordenanza Municipal 18.740/08, fomentando también el desarrollo de modelos productivos alternativos al dominante. La problemática no parece agotarse en el actual escenario, en la medida que recientemente se dieron a conocer resultados parciales dentro de un proyecto de extensión de la Universidad Nacional de Mar del Plata, que confirmó la presencia de glifosato y nitratos en niveles alarmantes en las perforaciones acuíferas que abastecen a escuelas periurbanas y rurales en la Zona Oeste Rural del partido de General Pueyrredon.

En paralelo a la situación detallada anteriormente es que surgen y se consolidan emprendimientos agroecológicos. Estos, buscan la integración de la producción con la soberanía alimentaria desde los territorios, revalorizando los saberes locales, fomentando el cuidado del medio ambiente, reduciendo la brecha entre consumidores y productores. Alienta a que los productores puedan ofrecer productos locales, sanos, nutritivos y a un precio justo, sin explotación laboral y con la menor necesidad de intermediarios posibles para llegar al consumidor. Es así, que para quienes practican y defienden la agroecología, la soberanía alimentaria es el horizonte a alcanzar.

Este artículo utilizará el procedimiento de las denuncias de fumigación en General Pueyrredon como eje estructurador del trabajo. Se analizarán los componentes que intervienen en la gestión ambiental local y su relación a nivel provincial y nacional. Además se propone discutir las limitantes jurídicas y técnicas de dicho procedimiento, identificando el mecanismo de recepción de denuncias por fumigaciones, el tipo de actuaciones, actas de infracción y multas, en pos de esclarecer la conflictividad territorial mediante categorías geográficas, registrar el testimonio de sus protagonistas y brindar cartografía de la temática.

Se trabajará mediante una estrategia metodológica de tipo cualitativa, a partir de entrevistas semiestructuradas con informantes calificados como funcionarios públicos, productores, comerciantes, consumidores, vecinos/as, representantes de organizaciones sociales y movimientos socioambientales, además se harán tareas de revisión de bibliografía selecta y consulta de fuentes periodísticas.

Palabras clave: conflictos socioterritoriales, periurbano, sistema agroalimentario, modelo socio técnico, agroecología

PRODUCCIÓN FORESTAL Y PRODUCCIÓN ENERGÉTICA EN PATAGONIA NORTE: DISPUTAS ENTRAMADAS POR BIENES NATURALES

Ponencia

Iñigo Carrera Valeria¹¹

Las producciones forestal y energética requieren para su realización la apropiación y el uso de bienes naturales, como bosques (nativos o implantados), aguas, tierras. Ahora bien, allí donde se realizan, estas formas de apropiación y de uso se solapan, de manera corriente, con otras maneras (históricas, materiales, simbólicas) de apropiación y de uso –e, incluso, de conceptualización– de aquellos bienes. Aunque unas y otras formas son propias de y están guiadas por la dinámica de acumulación de capital, unas son expresión en mayor grado de la reproducción del capital y otras lo son en mayor medida de la reproducción de la vida. Producto de las contradicciones emergentes entre ambos tipos de reproducción es que se configuran tensiones y disputas, en general vinculadas con los bienes naturales implicados, entre actores sociales atravesados por importantes asimetrías y, por ende, con capacidad de agencia desigual.

El espacio cordillerano de la Patagonia norte argentina (en particular, la porción rionegrina de la Comarca Andina del Paralelo 42°) es uno largamente incorporado a la dinámica del capital pero en el que sólo de forma relativamente reciente el curso general del proceso de acumulación de capital encontró una de sus expresiones en la aplicación de carácter intensivo de capitales. Dicho espacio se constituye en escenario de aquellas tensiones y disputas que, al menos desde los años setenta en adelante, se producen entre comunidades del pueblo mapuche, productores independientes de mercancías agrarias, pobladores urbanos, organizaciones sociales, políticas, sindicales, ambientalistas e indígenas, representantes electos de los poderes ejecutivo y legislativo de la nación, provincia y municipios cercanos de variado signo político, terratenientes, y capitales industriales, privados y mixtos, nacionales y transnacionales, de diversa magnitud. Y es que las forestaciones con coníferas exóticas de rápido crecimiento, primero, y el aprovechamiento hidroeléctrico sobre el río Escondido, después, han alterado de diversas maneras el territorio, tanto en sus dinámicas físico-naturales como sociales; han encerrado: la amenaza de lógicas tradicionales de producción fundadas en el cultivo y el pastoreo sobre la base del trabajo doméstico, el uso de un bien de dominio público para el beneficio privado, la privatización de caminos vecinales, la prohibición del acceso público a espejos y cursos de agua, la privatización –muchas veces, fraudulenta– de la tierra pública y la concentración de su superficie, el condicionamiento de los colectivos indígenas en la posibilidad del ejercicio del control sobre los territorios ocupados y/o reclamados.

El objetivo de esta ponencia es indagar en cuáles son, cómo se expresan y a qué momentos del curso histórico del proceso nacional de acumulación del capital corresponden las tensiones y disputas que involucran territorios y bienes naturales en la porción rionegrina de la Comarca Andina del Paralelo 42°. En particular, tomaremos dos casos asociados, cada uno, a un recurso específico: la industria forestal y la industria de la energía hidroeléctrica a pequeña escala. En cada caso, avanzaremos preguntas y líneas de análisis sobre aquellas disputas que se presentan, en buena medida, en clave socioambiental y territorial, identificando: a) los bienes naturales en torno de los cuales se articulan los conflictos, b)

¹¹ Instituto de Investigaciones en Diversidad Cultural y Procesos de Cambio (IIDyPCa), CONICET-UNRN.

los actores involucrados,

c) su repertorio de acciones de protesta, argumentos y discursos, d) las demandas colectivas y los intereses específicos que ponen en juego, y e) las dinámicas productivas globales, las lógicas productivas (de subsistencia, de apropiación de la renta, de valorización del capital) locales y las políticas públicas en clave territorial en que tienen lugar y las habilitan. En suma, nos proponemos reponer elementos de los contextos etnográficos y procesos históricos que permitan explicar las tensiones y disputas en torno a la apropiación y el uso de los bienes naturales en la zona estudiada. A estos fines, abordamos materiales primarios producidos en el marco de acercamientos etnográficos a ambos casos (entrevistas con distintos actores) y secundarios (materiales de archivo, de prensa, expedientes de denuncias, etc.) analizados para la Comisión Investigadora para el Relevamiento de Transferencias de Tierras Rurales de la Legislatura de la provincia de Río Negro. Con esta problemática empírica de fondo, nuestra intención es mirar el capital en sus prácticas cotidianas y rutinas, en los actores sociales que lo personifican, en los territorios que construye, en las marcas espaciales en que encarna, en las manifestaciones que asume en las vidas de la gente, en las maneras en que es percibido y disputado por esta misma gente; todas ellas, dimensiones históricamente específicas. Esto implica recuperar los debates producidos en torno a dos conceptos: acumulación por desposesión o despojo y acaparamiento de tierras (*land grabbing*). Sobre estas bases, empírica y teórica, nuestro argumento es que el desarrollo de ambos tipos de producciones, forestal y energética, sedimentó sobre, a la vez que reforzó, un proceso de larga data que configura la trama económica de la zona y condiciona la vida social de pobladores y comunidades: el desigual acceso a los medios de producción, fundamentalmente, la tierra.

Palabras clave: Forestaciones, aguas, tierras, capitales, Patagonia norte

LA ASAMBLEA DE VECINOS AUTOCONVOCADOS DE HUDSON Y LA LUCHA POR EL HUMEDAL EN PANDEMIA

Ponencia

Iglesias Facundo¹²

El desempeño de las prácticas extractivistas no cesó durante la pandemia de Covid-19 y por ende se reformularon diferentes mecanismos de resistencia a este modelo de desarrollo dominante. La aparición de un nuevo conflicto por el futuro de la naturaleza y sus lenguajes de valoración se replicó en el campo de la acción ambientalista y popular. Estas demandas fueron determinadas por las restricciones propias del aislamiento obligatorio, seguido del distanciamiento social. En Hudson (Partido de Berazategui), los diferentes actores sociales que reivindican el cuidado del humedal y el bosque ribereño se reinventaron en busca de nuevas alternativas y estrategias de lucha para lograr llevar adelante sus reclamos, exigiendo la declaración de la región afectada como reserva natural. Esta ponencia dará cuenta de las diferentes acciones llevadas a cabo por el campo popular (vecinos autoconvocados, asambleas) a la hora de avanzar en las demandas por la destrucción ambiental en la ribera de Hudson.

En esta región los proyectos inmobiliarios avanzan a gran velocidad; proceso que intenta reforzar el concepto de naturaleza como proveedora de recursos y, en este caso puntual, profundizar la modificación del uso del suelo. Este extractivismo urbano busca deslegitimar una conceptualización de la naturaleza que responde al funcionamiento ecosistémico del humedal y del bosque ribereño. La especulación urbana cataloga a estas tierras como improductivas y propicias para el desarrollo. A la vez estos proyectos se afianzan mediante permisos, prerrogativas, obras e infraestructuras otorgadas por organismos municipales y provinciales como la Municipalidad de Berazategui (gestión de la familia Mussi) y la OPDS (Organismo Provincial para el Desarrollo Sostenible).

Como contrapartida existen diferentes dispositivos y estrategias que se despegan discursivamente y enfrentan las posiciones de dominación de este modelo en vías a construir sus propios lenguajes. Encontraremos en este caso puntual los reclamos por el cuidado y la protección del humedal y el bosque ribereño de los vecinos autoconvocados de la localidad de Hudson desplegándose en un contexto excepcional de pandemia. Antes del aislamiento, este colectivo en defensa de los humedales, buscaba incorporar nuevos espacios de disputa simbólica vinculados a la organización de eventos; charlas informativas, caminatas explicativas por la zona afectada, festivales, marchas, e incursiones en otros eventos organizados por la Municipalidad de Berazategui. Además, existen publicaciones en diferentes redes sociales, ya que la comunicación audiovisual conlleva el uso de todos los recursos tecnológicos a disposición y el despliegue de un atractivo visual sin precedentes para la construcción de discursos. Desde este nuevo contexto de pandemia, y dada la necesidad de un aislamiento social preventivo y obligatorio, los vecinos autoconvocados, se vieron obligados a llevar sus demandas a nuevos espacios de interpelación y de visibilización alternativos a los ya establecidos.

Por un lado, esta perspectiva de lucha implicó reconfigurar los mecanismos y estrategias de disputa y de posicionamiento frente al avance de las políticas extractivistas por parte de los privados. En este caso la asamblea profundizó su participación activa mediante marchas virtuales en redes sociales como, Twitter, Facebook e Instagram. Una de las intervenciones planteaba grabar un minivideo, sacarse

¹² Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación-UNLP. Correo electrónico: facuidx@gmail.com

una foto o construir un cartel bajo diferentes lemas de reclamo buscando difusión y democratización mediática.

Se le suman a estas interpelaciones, distintas charlas-debate abiertas, mediante videollamadas por Zoom por parte de profesionales científicos, como biólogos y geógrafos. Además de contactar docentes del área de ciencias sociales y ciencias naturales para trabajar esta problemática en el aula y concientizar e informar a la población a través de actividades educativas. De la misma forma se utilizaron asambleas virtuales para el intercambio de opiniones entre miembros de organizaciones ambientales de la zona, como así también entre otras asambleas de países vecinos que transitan por los mismos problemas y van en busca de demandas similares.

Actualmente, y frente a un cierto grado de apertura dentro del distanciamiento social, se comenzaron a realizar marchas, “bicicleteadas” y actividades al aire libre (respetando protocolos) para visibilizar la necesidad de que esta zona sea declarada reserva natural. Se realizaron pequeños documentales y campañas como la de “ver para conocer”, donde se hacía eje en algún espécimen de la fauna local y se interpelaba a la población por medio de las redes sociales. Para finalizar no hay que dejar de hacer públicas la gran cantidad de intervenciones que se realizaron en los barrios de la región, pegando imágenes e interactuando culturalmente con la población local. Se sumaron, de la misma forma, los debates virtuales entre autoridades legislativas, docentes, científicos, ambientalistas, vecinos y público en general en el marco de la creación de la ley de humedales.

La difusión y comunicación de las problemáticas de los vecinos durante la pandemia, a través de la utilización de diferentes recursos, sumaron paulatinamente a la construcción su propio lenguaje de valorización de la naturaleza. Teniendo en cuenta este contexto de distanciamiento social, estos vecinos autoconvocados intentan plasmar y reconfigurar sus estrategias de interpelación social y participativa sobre la sociedad en relación a las demandas y a las posibilidades existentes para un reclamo que implica nuestros bienes comunes: el humedal y los bosques nativos.

Palabras clave: Naturaleza, Pandemia, Disputa, Nuevos lenguajes

DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFÍA Y ECOLOGÍA POLÍTICA. EL CONFLICTO SOCIO-AMBIENTAL POR EL RÍO ATUEL

Ponencia

Pérez Gustavo Gastón¹³

Esta ponencia se enmarca en el proyecto de investigación “Geografías de La Pampa: dinámicas, conflictos y sinergias multiterritoriales y multiescalares”, aprobado por Resolución 165/2020-CD-de la Facultad de Ciencias Humanas, perteneciente a la Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam).

Los territorios son escenarios de pujas de poder entre diferentes sujetos sociales. Las disputas por el control de los espacios y los recursos que hay en él, configuran territorialidades en tensión que se expresan en las luchas por la tierra, por el agua, por los elementos de la naturaleza, en síntesis, por los bienes comunes que pertenecen a los pueblos.

En el marco de la mesa temática sobre “Territorio, bienes comunes y conflictos socio- ambientales” se presenta el siguiente trabajo sobre la problemática del río Atuel, recurso fluvial localizado entre las provincias de Mendoza y La Pampa, en la República Argentina. Desde principios del siglo XX se produjo un proceso de apropiación de caudales en el denominado oasis sur mendocino que provocó tanto la desaparición de los bañados del Atuel como del agua para uso de las comunidades tanto en el sureste mendocino como noroeste pampeano.

El objetivo del trabajo es analizar el conflicto del río Atuel desde un diálogo entre la Geografía y la Ecología Política, teniendo en consideración los impactos territoriales del acaparamiento de los caudales del río y las implicancias de los procesos de apropiación de bienes comunes, en este caso, de recursos hídricos interjurisdiccionales que deberían ser compartidos.

Desde el punto de vista metodológico se recuperan artículos y publicaciones científicas y académicas que abordan el caso, más testimonios recogidos en el área de estudio. Asimismo, se retoman autores que conceptualizan a la ecología política como campo de conocimiento y problematización y categorías analíticas centrales como territorialidades, extractivismo, despojo, acumulación por desposesión y conflictos socio-ambientales.

Tanto la Geografía como la Ecología Política (EP) realizan significativos aportes para abordar las problemáticas hídricas. Las denominadas geografías críticas, el pensamiento ambiental y los estudios culturales son puntos de encuentro para analizar de manera reflexiva las problemáticas ambientales que provocan impactos espaciales.

Con respecto a los orígenes modernos de la EP, el colombiano Germán Palacio, sostiene que el término fue acuñado en los '70 “asociado a problemas de acceso y control sobre los recursos y el mal uso de la tierra, y trató de juntar enseñanzas de la ecología con la economía política” (Palacio, 2006, p. 146). Asimismo, Leff afirma que la EP “es la construcción de un nuevo territorio del pensamiento crítico y de la acción política” (Leff, 2006, p. 21). La EP como propuesta emancipatoria, propone la “desnaturalización de la naturaleza” (Leff, 2006) cuando hablamos de las condiciones “naturales” y los desastres “naturales”, entre otras naturalizaciones de lo natural.

Acerca del concepto de conflicto socio-ambiental resulta significativo recuperar a Merlinsky (2017, p.

¹³ Profesor e investigador del Instituto y Departamento de Geografía, Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de La Pampa. Argentina. Correo electrónico: gustavoperez@humanas.unlpam.edu.ar

222) quien asevera que “los conflictos ambientales se originan a partir de disputas políticas en torno a los modos diferenciados de producción, apropiación, uso, y significado de los bienes naturales”. Estos procesos de índole estructural se intensifican por la profunda mercantilización de los bienes comunes naturales como el suelo, el agua y los minerales.

En su texto sobre el ‘nuevo’ imperialismo, el geógrafo británico David Harvey (2005) estudia de manera estructural las lógicas del capitalismo. Este análisis nos posibilita comprender las prácticas que vinculan las lógicas del capital y la explotación de los recursos a partir del concepto de acumulación por despojo o desposesión, concepto que da luz para indagar el caso del río Atuel. La propuesta de Harvey apunta a entender cómo el capitalismo “produce” espacio, pero dicha producción es para garantizar el continuo proceso de explotación. Ello tiene su correlato en la actualidad en una acumulación por desposesión que implica la mercantilización, enajenación y privatización de las tierras, la expulsión de poblaciones, que se traduce en despojo de valores culturales y formas de vida (Harvey, 2005).

De este modo, los territorios se convierten en una mercancía de explotación o especulación. Y los Estados poseen un rol activo al participar como garante de la explotación a través de todo un marco normativo y legal que posibilita y promueve actividades extractivas (“estructuras legales y gubernamentales apropiadas garantizadas por un estado ‘facilitador’ ” Harvey, 2005, p. 112).

En términos generales, en la extracción de los bienes comunes ha primado una visión mercantilista por sobre las condiciones socioculturales de los territorios y sus poblaciones. Y esa privación no solo afecta materialidades, por el escaso y nulo escurrimiento de las aguas del río, sino también aspectos inmateriales por los fuertes impactos causados en las prácticas sociales y culturales de las comunidades, que debieron adaptarse a sobrevivir en contextos de precariedad y vulnerabilidad, sin el bien común esencial para la vida cotidiana.

Por lo tanto, para el caso del río Atuel, se conforman procesos de fragmentación territorial entre territorios insertos en la economía del capital bajo la lógica de oasis bajo riego y territorios no irrigados, desérticos y abandonados, que no entran en la lógica del capital. Los usos en las cuencas superiores y medias concentran las actividades productivas y económicas como la agricultura bajo riego y agroindustrias, la producción de energía hidroeléctrica y el turismo. Mientras que territorios abajo solo queda fragmentación, marginalidad y vulnerabilidad socio-ambiental.

Los impactos territoriales de la apropiación de las aguas del Atuel en ambas provincias continúan como consecuencia de la apropiación y del despojo del recurso hídrico. Entre ellos se pueden destacar: carencia de agua para consumo doméstico y ganadero, procesos de desertificación, emigración de población, pérdida de biodiversidad, pauperización de las condiciones de vida, perjuicios al patrimonio local, pérdida de valores culturales asociados a la cultura hídrica, entre tantas otras. Estas privaciones las sufrieron y sufren hasta la actualidad las comunidades locales producto de la nula integración económica y territorial de estas periferias interiores de nuestro país.

Palabras clave: Geografía, Ecología Política, conflicto socio-ambiental, río Atuel

O CRIME-DESASTRE DA SAMARCO NA BACIA DO RIO DOCE: DISCURSOS, PODER E GESTÃO DA BARBÁRIE

Apresentação

Grossi Bastos, Lucas
Pereira Doralice Barros¹⁴

A barragem de rejeitos de Fundão (Complexo Minerário de Germano), da Samarco Mineração S.A., pertencente às duas maiores mineradoras do mundo: Vale S.A e a anglo- australiana BHP Billiton Brasil Ltda., nodistrito de Bento Rodrigues/Mariana (Minas Gerais) rompeu em 05 de novembro de 2015. Morreram 20 pessoas (13 funcionários, 5 moradores de Bento, um aborto e um desaparecido). Cerca de 55 milhões de m³ de rejeitos de minério de ferrosoterraram Bento Rodrigues, alcançaram sete comunidades em Mariana, nas margens no rio Gualaxo do Norte, seguindo pelo rio do Carmo. Em 21/12/2015, a lama alcançou o Atlântico, em Regência (Espírito Santo - ES), na foz do rio Doce (660km). Ela se espalhou pelo litoral do ES e em cerca de 40 municípios da bacia gerando danos multidimensionais extremamente complexos. A Samarco junto às suas controladoras se tornou ré, em processos judiciais que investigaram sua responsabilidade legal e obrigação de pagar e reparar os danos causados. Essas averiguações contaram de início, com a Ação Civil Pública (ACP) N°0069758-61.2015.4.01.3400, ajuizada pela União, estados de MG e do ES, e entidades da Administração Pública Indireta, em face da Samarco/Vale/BHP. Como a tramitação da ACP seria lenta, os autores da ação, ligados ao Poder Executivo, assinaram um Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), para acelerar a judicialização do caso. Conhecido por “Acordão”, ele objetivava propiciar as medidas compensatórias e mitigação dos danos causados à população atingida, em tese, mais celeremente do que a ACP. Uma série de instrumentos normativos voltavam-se a Resolução Alternativa de Disputa (ADR), com tratativas que englobam acordos entre as partes, extrajudicialmente, para lidar com as disputas. A gestão do crime-desastre reinventou dispositivos de negociação e governança, e criou uma nova personalidade jurídica: a Fundação Renova, encarregada de elaborar e executar programas socioambientais e socioeconômicos do acordo, e prosseguir operacionalmente de modo semelhante com as empresas réas no processo e com seus ex- funcionários. O presente estudo deriva da minha dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2020, após cinco anos de acompanhamento do caso. Documentos técnicos, jurídicos e acadêmicos, notícias de canais de comunicação subsidiaram à abordagem crítica da Geografia, junto a Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Michel Foucault, buscando trabalhar no interior do próprio discurso e de sua análise, além de imersões em campo, entrevistas e transcrições. A seleção de denunciados favoreceu a interlocução entre os sujeitos do processo e produtores de espacialidades, elucidando a polifonia entre discursos das Instituições de Justiça (IJ), das empresas réas e dos atingidos. Índícios mostram uma certa gestão da barbárie, que reconfigura negociações protelando a reparação dos danos e negociando direitos. Tais práticas acentuam o sofrimento social com estratégias de poder, disciplinamento e controle territorial, delimitadas nos discursos técnicos e normativos que legitimam e instituem quem pode, quando e o que falar. Os sistemas de poder, nas práticas dessa arquitetura de governança desembocam na vida dos atingidos e

¹⁴ Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, lgrossi.bastos@gmail.com; Departamento de geografia/UFGM, pereiradb@yahoo.com.br

conduzem a questão: *Como os discursos institucionais produzem efeitos de verdade e objetividade na dinâmica da vida das pessoas atingidas na bacia do Rio Doce? Tais discursos produzem efetivamente o controle e o disciplinamento que propõem?* A performance institucional no caso de Fundão, sejam as IJ, a Fundação Renova e as rés, aplainam a realidade e a declaram seu “território”. Os comprometentes absorvem e delegam as demandas, apartando a realidade “socioeconômica” da “socioambiental”, como campos distintos e explicita uma “taxonomia” dos danos, em espaços e interfaces segregadoras. As dimensões do uso, afeitas ao pensamento de Lefebvre, buscam encontrar as resistências, ou os “resíduos irreduzíveis ao domínio da lógica, da razão” (SEABRA, 1996, p. 71)¹⁵. E que uso seria esse? O “uso do espaço, do tempo do corpo, essencialmente porque abrigam dimensões da existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso!” (*idem*). Dois conceitos foram mobilizados:

Palavras-chave: crime-desastre, barragem de Fundão, barbárie

¹⁵ SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Insurreição do uso. In: Henri Lefebvre e o retorno à dialética [S.l.: s.n.], 1996. apropriação e propriedade. A crítica radical ao conceito de apropriação, coloca a propriedade, no limite, como não-apropriação, uma caricatura como restrição à concretude da apropriação. À apropriação cabem qualidades, atributos, e a propriedade referencia-se a comparações quantitativas, ao dinheiro (posto que delimitando o uso tende a restringi-lo). O movimento dialético entre propriedade e apropriação intimamente implica o vivido. Já a mercadoria tendo como precedente o uso, incide no modo de ser, nos costumes e prática. A mercadoria para além de produtos envolve fragmentos e momentos da existência social, realiza-se nos circuitos de valorização do capital, tal como os próprios discursos institucionais realizam a produção de subjetividades dos atingidos, acarretando novas formas de uso do tempo, como valor de uso e de troca (*idem*). O crime-desastre traz a racionalização institucional do espaço, da natureza, das pessoas, através da dominação técnica e jurídica, cuja formulação discursiva perpassa instrumentos normativos e a lógica; já a apropriação inclui o afeto, o imaginário, sonhos e projetos de vida interrompidos. A destruição do espontâneo, do natural, e portanto, do uso, se realiza em ambas naturezas exterior e interna do ser humano, em seu próprio corpo. Entram no processo de desenvolvimento da forma de mercadoria, tanto elementos do espaço (minério de ferro, terra e água), no processo de valorização, quanto o próprio ser humano, visto como generalidade/força de trabalho. O conflito entre os momentos racionais e a apropriação torna-se uma luta pelo uso, pela apropriação que não é, e nem poderia ser, marginal ao campo social. Isso porque o cotidiano é concomitantemente abstrato e concreto, institui-se e constitui-se no vivido. O conflito pelo uso do espaço revela a essência do processo social: a propriedade lutando contra a apropriação. O caso de Fundão expõe conflitos decorrentes do exercício da soberania, do território e das múltiplas territorialidades para cada um e para todos. A imposição da lógica institucional que passa a gerir a barbárie não só invade, mas dilacera costumes, altera formas específicas de territorialidade e os sentidos do lugar. O rompimento de Fundão interrompe as bases existenciais dos atingidos, suas vidas, daí o conflito, a insurgência do uso.

RISCO E VIOLÊNCIA SOCIOAMBIENTAL: ROMPIMENTO DE BARRAGEM, FLEXIBILIZAÇÃO DAS LEIS E PERSEGUIÇÃO DA “LAMA INVISÍVEL”

Ponencia

Costa de Paula Alves Saldanha Lorena Luiza¹⁶

O presente artigo discute os impactos socioambientais causados pela atividade minerária perpassando pelo conceito de riscos e pelas questões técnicas que propiciam a instalação das barragens de rejeito em determinados espaços geográficos. Vivemos em uma sociedade de risco, e as pessoas mais vulneráveis a ele são prioritariamente as populações subalternas, com menor poder econômico/aquisitivo e, dessa maneira, estão submetidas às intervenções impostas pelo grande capital no seu espaço vivido. Essas intervenções provocam alterações no cotidiano dessas pessoas, tanto de natureza física quanto psíquica. O resultado pode ser verificado nas diversas formas de violência ambiental, social, política, psicológica e econômica. A tragédia pode ser potencializada pela flexibilização das leis e o afrouxamento da fiscalização por parte dos órgãos competentes.

O conceito de risco abordado neste artigo, está associado ao risco produzido pela intervenção da ação humana no espaço dito “natural”. Entretanto, destaca-se o entendimento que o espaço referido está longe de ser um mundo natural, selvagem, intocado e intocável, no qual a natureza “em estado puro” não existe, e as “regiões naturais” apontadas pelos biogeógrafos usualmente correspondem a áreas já extensivamente manipuladas pelos homens (Diegues, 1996. p, 280).

Para Castro et al (2005) o risco pode ser tomado como uma categoria de análise associada a priori às noções de incerteza, exposição ao perigo, perda e prejuízos materiais, econômicos e humanos em função de processos de ordem “natural” e/ou daqueles associados ao trabalho e às relações humanas. O risco (lato sensu) refere-se, portanto, à probabilidade de ocorrência de processos no tempo e no espaço, não-constantes e não-determinados, e à maneira como estes processos afetam (direta ou indiretamente) a vida humana.

Beck (2000) aponta que vivemos em uma sociedade do risco, e que ele nada mais é se não a antecipação da catástrofe e um fenômeno socialmente construído, portanto viver em uma sociedade de risco é a condição humana no século XXI.

Diante de um cenário caótico a população atingida por desastres, incluindo os danos minerários, encontra-se numa situação de não saber à quem recorrer ou como agir considerando todos os impactos que brutalmente mudaram seus modos de vida e formas de produção no espaço, e esse último, a depender da forma e intensidade na qual se materializa, faz com que o espaço se torne inexistente, passando de espaço vivido à espaço exclusivamente simbólico.

Anteriormente ao rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana – Minas Gerais, as discussões

¹⁶ Palavras iniciais, Risco e Violência Socioambiental: Rompimento de barragem, flexibilização das leis e perseguição da “lama invisível”. O presente artigo faz parte da pesquisa (territorialização e (re)territorialização das comunidades existentes em áreas de interesse minerário: análise do discurso da mineradora anglo americana), em andamento no curso de Mestrado em Geografia — Programa de Mestrado em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa de Produção do Espaço, Ecologia, Política, Cultura e Educação em Geografia. Ensaio de literatura escrito para o XVIII Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL) 2021. Orientadora Prof^a Dr^a Rogata Soares Del Gaudio. E-mail: lorenalalves@gmail.com.

sobre a temática não ocupavam espaço nos debates governamentais, políticos e minerários, mas já causavam temor aos moradores das comunidades localizadas imediatamente à jusante do barramento. De maneira geral, uma barragem pode ser definida como estrutura civil construída em um curso permanente ou temporário de água, para fins de contenção ou acumulação de substâncias líquidas ou de misturas de líquidos e sólidos, compreendendo o barramento e outras estruturas associadas (BRASIL, 2010a). Devido à complexidade, essas estruturas civis, carregam consigo elevados riscos potenciais humano e ambientais, demandando maior atenção do ponto de vista de segurança [...] (Medeiros, 2009 apud Paiva, 2020. p, 15).

A atividade mineradora é conhecida pelos altos impactos sociais, ambientais e pela insustentabilidade, uma vez que explora sem planejamento os recursos naturais não renováveis. (Brasil e Pires, 2017, p. 4) Nessa perspectiva, as barragens de rejeitos se tornam um grande problema ambiental pois é nela que são armazenados o que sobra da mineração após a extração da mina (Brasil e Pires, 2017, p. 5). Mesmo quando não há o seu rompimento os impactos ecológicos e ambientais não deixam de existir, tais como morte de vegetação nativa e doenças nos seres humanos.

A influência decisória do capital minerário é evidenciada, principalmente se recorrermos ao recente conceito de “capitalismo parlamentar”, em que grandes corporações empresariais fazem-se representar de forma quase imediata no âmbito do legislativo [...] assim é, por exemplo, que o Código de Mineração, que vinha sendo revisto em uma direção que propunha ampliar de forma imprevidente, as margens de liberdade das empresas, foi apontado, na ocasião imediatamente anterior ao desastre de Mariana, como tendo sido problematicamente conduzido por deputados financiados por grandes mineradoras, sem que isso tivesse gerado maiores repercussões na esfera pública.

As ações de flexibilização ganham materialidade por meio de pleitos como a Proposta de Emenda Constitucional – PEC 65/2012, aprovada em abril de 2016 pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado; a discussão acerca do Novo Código da Mineração proposto pelo Ministério das Minas e Energia; o Projeto de Lei 654/2015; a Lei Estadual, 21.972/2016, aprovada pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais em janeiro de 2016 e o Decreto 47.137 de janeiro de 2017 (Zhourri, 2018, p.37).

Os contextos apresentados elucidam como a situação de vulnerabilidade socioambiental resulta, de maneira direta ou indireta, em cenários de violência ambiental, social, política, psicológica, econômica, dentre tantas outras que permeiam a presente discussão. Segundo Moura et al (2019), os impactos socioambientais da mineração não são pontuais, mas extensos, uma vez que se estendem pelos corredores logísticos de distribuição e exportação, bem como pelas bacias hidrográficas. Além disso, as modificações ambientais e ecológicas são tão complexas que não podem ser limitadas no tempo; ao contrário, devem ser encaradas como mudanças irreversíveis e permanentes (Moura et al, 2019, p. 388).

Palavras-Chave: Risco, Espaço Vivido, Flexibilização, Legislação.

CONFLITO SOCIOAMBIENTAL E ACUMULAÇÃO VIA ESPOLIAÇÃO, RESISTÊNCIA E ARTICULAÇÕES DO POVOADO PESQUEIRO DE ZACARIAS – MARICÁ – RIO DE JANEIRO – BRASIL

Ponencia

Freire Désirée Guichard¹⁷

Em abril de 2021 duas decisões judiciais deram razão à Associação de Pescadores de Zacarias, representada pela Defensoria Pública, à Associação de Preservação das Lagunas de Maricá e ao Ministério Público do Rio de Janeiro. Tais decisões anularam a licença do mega empreendimento imobiliário-turístico transnacional, da empresa espanhola Cetya, e, ainda, revigoraram a liminar que proíbe qualquer parcelamento de terras ou construção na Área de Preservação de Maricá, uma unidade de conservação da natureza estadual. Trata-se do fato mais recente da etapa contemporânea do conflito socioambiental, que teve origem nos anos 1940 e, entre avanços e refluxos, se encontra na sua fase mais aguda.

Desde 2006 existe a tentativa de implantação de um mega projeto urbano-turístico na restinga de maricá, o território em disputa. Está é composta por propriedade privada, vila de pescadores artesanais de Zacarias e terras da União. Em 1984 toda a área passou a integrar a Unidade de Conservação da Natureza estadual, a Área de Preservação Ambiental de Maricá. A questão é complexa, pois envolve capital transnacional, comunidade tradicional pesqueira do século XVIII, ecossistemas nativos, unidade de conservação da natureza, governos estadual e municipal, comunidade científica, que pesquisa a área há quarenta anos, e associações civis locais.

Esta problemática pode ser compreendida a partir da identificação de um tensionamento provocado pela disputa de uso de uma mesma base material pelos diferentes agentes. Estes são portadores de diferentes identidades e projetos antagônicos, que envolvem concepções de natureza, de formas de apropriação de recursos, de diferentes bases técnicas, valores de uso x valores de troca, saberes e significação do território. Chama a atenção para o caráter político do espaço, como arena de luta, de relações de poder onde se envolvem disputas e compartilhamento, alianças e confrontos. Inclui-se, ainda, o mecanismo do por parte do grande capital espanhol de tentativa de apropriação das terras do povoado tradicional, de áreas com ecossistemas nativos e terras da União, com o apoio de instituições do Estado. Este movimento é interpretado com acumulação por espoliação, um processo de apropriação privada da riqueza comum, como aponta David Harvey (2003) e (2016).

Assim, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o conflito socioambiental em curso na restinga de Maricá, entre 2006 e 2021, com foco nos papéis dos agentes e, sobretudo, no povoado pesqueiro e sua rede de resistência e o mecanismo de acumulação por espoliação do grande capital imobiliário. O caminho teórico do presente estudo está fundamentado nos conceitos de Conflito socioambiental nas obras de Henry Acselrad (2007) e (2010), Andréa Zhouri e Klemens Laschefski (2010) e de Acumulação por Espoliação, baseado nas obras de Harvey (2003) e (2016) e Sandra Lenconi (2015). Novas territorialidades se constituíram na metrópole e no interior em grande velocidade em razão das demandas do capital. Por esta razão inúmeros locais até então pouco atrativos passaram a ser ob-

¹⁷ Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores – Departamento de Geografia.
E-mail: desireeuerj@gmail.com

jeto de interesse do capital, como, por exemplo, onde se encontram ecossistemas nativos, localidade no interior de Unidades de Conservação da natureza de *Uso Sustentável* (passíveis de ocupação, mas amarradas por legislação) e lugares de moradias e trabalho de comunidades tradicionais. Estas sobrevivem com práticas e relações de produção não assalariadas, familiares, são extrativistas ou trabalhadores agrícolas e se fundamentam nos saberes ancestrais, passados de geração para geração. Alguns empreendimentos, ao incorporarem áreas com tais atributos, foram responsáveis pela deflagração de conflitos em virtude dos contraditórios interesses de uso das respectivas bases territoriais.

Os caminhos de interpretação deste fenômeno são vários, tanto pela sua antiguidade e complexidade, quanto pela presença do grande número de agentes, que se articulam e se antagonizam, pois os projetos para a mesma localidade envolvem interesses inconciliáveis, de classe. Uma das possibilidades é analisar a disputa pela definição do **uso do solo** da localidade, confrontando relações e valorações territoriais qualitativamente diferentes. Enquanto empresários e poderes públicos estabelecem valorações fundamentadas em racionalidade objetiva, a comunidade tradicional defende a sua terra a partir de conjunto de relações onde os elementos subjetivos estão presentes.

As relações territoriais possuem elementos de ordem objetiva e subjetiva que operam de forma articulada. A identidade com o lugar foi historicamente construída pelo trabalho praticado de forma solidária, pelos laços familiares assim como pelo o acúmulo de saberes e o cotidiano compartilhado com os dramas, as conquistas e as festas.

O povoado de Zacarias é o único na costa brasileira que realiza a *pesca de galho*, prática tradicional bicentenária desempenhada no sistema lagunar.

A aldeia está enraizada na porção leste da restinga de Maricá, entre a beira da lagoa e a praia marítima. Nesse trecho litorâneo desenvolveu e construiu o seu território desde o final do século XVIII até os dias atuais, com várias práticas tradicionais fortemente articuladas aos elementos do meio ambiente.

O ambiente da restinga é o lócus de estabelecimento da comunidade e fonte de recursos para a evolução das práticas tradicionais bicentenárias, como a confecção de apetrechos de pesca e artesanato, os usos diversos da flora para alimento (frutas, raízes e folhas), medicamento, aguardente frutada, venda como complemento da renda e demais procedimentos culturais. Tal meio é a base material para o ofício central comunitário, a pesca artesanal, lagunar e marítima.

A forte coesão interna e identidade com o ambiente faz de Zacarias um povoado de resistências às várias investidas do grande capital, que executam tentativas de acumulação por espoliação. Os empresários constituem a sua rede de apoio em algumas instituições estatais e a comunidade tradicional também, para o enfrentamento na luta pelo direito à permanência no seu território e à preservação da natureza, enquanto bem comum.

Palavras chave: conflito socioambiental, comunidade tradicional, resistência, acumulação por espoliação

EL DESECAMIENTO DE LAS LAGUNAS DE GUANACACHE, CON LA INSTALACIÓN DE LA EMPRESA CERAMISTA CHIRIMO

Ponencia

Quiroz Gladys Beatriz¹⁸

El complejo hídrico de Guanacache, que abarca tres provincias, Mendoza, San Luis y San Juan, es uno de los humedales que existen actualmente en nuestro país. Declarado sitio Ramsar en el año 1999 como una forma de asegurar su conservación, no solo alberga variedad de fauna y flora, también a la comunidad huarpe. En las últimas décadas del siglo XX este espacio sufrió un acelerado proceso de secamiento. En San Juan este proceso estaría influenciado con la instalación de la empresa ceramista Chirimo. Estaríamos aquí frente a una problemática socioambiental que, tal como la define Leff “la cuestión ambiental es una problemática eminentemente social, generada por un conjunto de procesos económicos, políticos, jurídicos, sociales y culturales” (Leff, 2004:200). Este complejo hídrico comprende una serie de lagunas que se ubican en el noreste de la provincia de Mendoza, al sudeste de San Juan y al noroeste de San Luis. Es hidrológico exorreico, de bañados y lagunas encadenados, está alimentado por los ríos Mendoza y San Juan y alberga una gran variedad de fauna, flora formando un gran ecosistema.

El humedal, representado por la laguna de Guanacache es el principal componente del caso que pretendemos estudiar aquí. A fines del siglo XX, este complejo hidrológico fue declarado sitio RAMSAR. Al ser declarado sitio Ramsar no debería estar Chirimo haciendo un canal que desvía el agua y va secando la laguna, afectando a las huarpes, Los humedales son uno de los grandes pulmones del planeta, su destrucción conlleva una serie de alteraciones en el ambiente que son irreversibles. Es por esto que intentaremos analizar el impacto de la empresa ceramista Chirimo en Guanacache, poniendo en evidencia como ésta, que se presenta como “amigable” para el ambiente no solo estaría violando normas de seguridad sino también, sería la principal responsable de que el caudal del humedal descienda y con ella los ecosistemas se ven alterados así como también los modos de vida de las comunidades nativas que son parte de ese lugar.

Con respecto a cuando comenzó a disminuir el caudal hídrico, Zamorano, M, sostendrá que “el proceso de desecamiento comenzó a manifestarse con caracteres alarmantes, a partir de 1910; pero se agudizó particularmente en las últimas tres décadas del siglo XX”. A partir de ese momento, habrían comenzado a agotarse los últimos vestigios de las enormes extensiones que en siglos pasados eran ocupadas por las lagunas. Esa disminución, habría producido una serie de cambios dentro de la comunidad nativa, entre ellas el éxodo masivo hacia ciudades aledañas, lo que conllevaría al decrecimiento poblacional y una nueva dispersión de las familias. Lobos, Nicolás (2006) sostendrá que “las lagunas secándose ya no producirán tanto pescado, tampoco había agua para sembrar y los pastizales perdieron calidad”. Este autor también menciona que van a comenzar a cambiar su actividad pesquera, “los antiguos pescadores se dedicaron a la cría de ganado caprino... se dedicaron a la recolección de junquillos y leña”.

Retomando a Enrique Leff, los conflictos entre diferentes grupos y/o actores sociales se basan en diversas maneras de valorar los recursos y servicios ambientales, de relacionarse con la naturaleza, fun-

¹⁸ Profesora Adscripta I.S.P N 62 “Ángela Cullen”, de San José de la Esquina, Provincia de Santa Fe

dadas en valores, racionalidades e intereses muchas veces contrapuestos entre sí (Leff, 2006). Tal como plantea este autor, en este tipo de problemáticas debemos tener en cuenta la diversidad de actores involucrados y el tipo de relación que entablan con la naturaleza. Los problemas socioambientales se relacionan con los efectos que las actividades humanas de extracción, producción, consumo y disposición final de residuos generan sobre el ambiente, afectando no solo a los ecosistemas sino también, como el caso que pretendemos estudiar, a las comunidades nativas.

Según Juan José Neiff, una de las principales alteraciones del régimen hídrico se relacionan con obras de embalse, canalización, rectificación de cursos fluviales, desagües, drenaje, entre otras. Otras causas podrían deberse a cuestiones naturales como la evaporización en las denominadas zonas climáticas áridas. En el caso de la laguna de Guanacache, de la provincia de San Juan, se encuentra dentro de la denominada “diagonal árida de Sudamérica” cuyas características principales son las escasas precipitaciones y las amplias amplitudes térmicas. El descenso de las aguas de una laguna supone la desaparición de los ecosistemas y cambios en los grupos humanos que coexisten allí. Los humedales figuran entre los medios más productivos del mundo. Son espacios de diversidad biológica, fuentes de agua y productividad primaria de las que innumerables especies vegetales y animales dependen para subsistir. Dan sustento a altas concentraciones de especies de aves, mamíferos, reptiles, anfibios, peces e invertebrados. Son también importantes depósitos de material genético vegetal y el hábitat de varias comunidades nativas alrededor del mundo.

En cuanto al término “sustentable”, Leff E, sostendrá que el desarrollo sustentable surgió como una respuesta a los problemas ambientales que habían sido identificados y definidos hacia fines de la década del 60. Estos problemas daban cuenta de los límites que de los recursos sufrían frente a la idea del desarrollo ilimitado. Pensar el desarrollo sustentable supone, posicionamientos diversos y contrapuestos en relación con el desarrollo, los problemas ambientales y la sustentabilidad, convergiendo una multiplicidad de actores sociales-políticos, estatales, económicos, académicos y comunitarios (pueblos originarios, organizaciones de la sociedad civil, periodistas, campesinos, entre otros) que tendrán objetivos y miradas distintas en cuanto al concepto de sustentabilidad. Tal como plantea Leff E, que la sustentabilidad trasciende lo meramente vinculado a los sistemas naturales o el uso de los recursos naturales y que entran en juego otras dimensiones que tienen que ver con lo social, en el caso de la empresa Chirimo, y el uso irracional del recurso hídrico, estaría generando una controversia entre la racionalidad económica y la ambiental. Aun cuando se presenta como una eco industria, su forma de producción estaría destruyendo el ambiente, y con el afectando a las comunidades nativas.

Palabras clave: Humedales, Desecamiento de lagunas, Desarrollo sustentable

EL RÍO COLORADO COMO EJE DE INTEGRACIÓN: ENTRE LA CONSTRUCCIÓN DE TERRITORIALIDADES, APROVECHAMIENTOS Y CONFLICTOS

Ponencia

*Herlein Micaela Anahí;
Diharce María Carolina;
Dillon Beatriz¹⁹*

En el mundo y, en particular en América Latina y Argentina, las cuencas hídricas forman parte de un proceso de construcción hidro-política, sustentado en condiciones ideológicas estructurales y coyunturales acorde con los modelos económicos aplicados y las lógicas mercantilistas puestas en práctica para el uso de los ríos. En el marco de la penetración del colonialismo en Latinoamérica, la puja por la apropiación y control del agua y, específicamente, de los ríos, dio lugar a una serie de conflictos con implicancias socioculturales y geopolíticas entre los distintos espacios ribereños fueran estos transfronterizos, entre Estados o entre jurisdicciones de un mismo país.

En el caso de Argentina y específicamente, en La Pampa, los procesos de modernización selectiva de las políticas de Estado han generado, en la inmensa diagonal árida occidental, territorialidades fragmentadas entre áreas destinadas a la producción agrícola intensiva bajo riego, sumiendo a los tramos finales de las cuencas a una desertificación intensa (Dillon, 2018)²⁰. Es así que el sector occidental pampeano se convirtió en una inmensa zona de sacrificio a causa de los usos generados aguas arriba. Las provincias patagónicas, incluida La Pampa, fueron incorporadas como jurisdicciones autónomas de la República Argentina, recién a mediados del Siglo XX. En estas, los ríos, de origen andino que desaguan en el Océano Atlántico, discurren en la mayoría de los casos por territorios provinciales y, en otros, como el caso del río Colorado forman parte de límites interprovinciales.

Estos espacios fronterizos mediados por ríos, generan múltiples territorialidades a partir de fluidas relaciones entre agua y fronteras. Es decir, a escala territorial-local, las redes hídricas contribuyeron a generar espacios de integración y cooperación entre las comunidades ribereñas. Si bien se presentan particularidades acorde con el espacio geográfico que se estudie, el caso que nos compete da cuenta tanto del fortalecimiento institucional, las acciones conjuntas, el respeto por los derechos universales y la construcción ciudadana de solidaridades hídricas.

En este trabajo se pretende estudiar al río Colorado, en tanto río interprovincial compartido por las provincias de Mendoza, Neuquén, Río Negro, La Pampa y Buenos Aires a partir del concepto de frontera fluida, culturalmente porosa, que Edith Kauffer (2017)²¹ denominó “transfronteridad hídrica”. Desde la perspectiva teórica el concepto aborda las dinámicas territoriales donde el agua es concebida como una componente cultural que incluye los aspectos naturales, las relaciones humanas y las dinámicas socio-políticas.

El río Colorado nace de la confluencia entre el río Grande, al Sur de Mendoza, y el río Barrancas en

¹⁹ Instituto de Geografía, Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam) micaherlein@gmail.com; carodiharce@gmail.com; dillonbeatriz@gmail.com

²⁰ Dillon, B. (2018). Las geografías del agua. Extractivismo versus derecho humano. La situación en Argentina y en la provincia de la Pampa. En, Cebrián Abellán, F.; Jover Martí, F. y Lois González, R. América Latina en las últimas décadas: procesos y retos. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla La Mancha, pp. 891-910.

²¹ Kauffer Michel, E (2017). Entre rigidez política (hacia el conflicto) y fluidez hídrica (hacia la paz): las fronteras de agua de México con Guatemala y Belice. En Revista de Paz y Conflictos, Vol. 10, N° 1, pp. 61-86.

el Norte de la provincia de Neuquén. A lo largo de más de 400 km forma el límite entre las provincias de La Pampa y Río Negro. Desemboca, en forma de delta, en el océano Atlántico luego de atravesar el sur de la provincia de Buenos Aires. Este río, de régimen nival con un módulo medio de 143,5 m³/s., es el único que corre de forma permanente por la provincia de La Pampa. El carácter estratégico se lo otorga el hecho de recorrer, más de 1000km, por la región árida argentina.

Sin desconocer la importancia de la cuenca para toda la región, este trabajo tiene como finalidad profundizar en el análisis de la integración que se genera en torno al río en La Pampa. Analizar la complejidad de las problemáticas hídricas pampeanas amerita superar el estadio descriptivo para avanzar en el análisis de los conflictos, las pujas entre sectores de poder y, sobre todo, las acciones que propician la integración transfronteriza. De esta manera el análisis se realiza desde cuatro dimensiones: a) la integración entre localidades ribereñas (La Adela -La Pampa- y Río Colorado -Río Negro- y 25 de Mayo -La Pampa- y Catriel -Río Negro-, vinculadas -histórica, geográfica y culturalmente-, por el río; b) la integración a partir del Comité de Cuenca –Comité Interjurisdiccional del río Colorado (COIR-CO)-, considerado un ejemplo de integración y no exento de pujas políticas; c) la integración a partir de organizaciones de lucha colectiva en defensa del río, ante los intentos de llevar adelante proyectos hidroeléctricos y apropiarse del agua en sus nacientes y d) la integración productiva, que analiza las actividades económicas a partir del uso consuntivo de las aguas sobre la base del uso sustentable de los recursos, la inversión y el capital social.

A través del tiempo, las comunidades, junto con algunas iniciativas del Estado provincial, han construido un espacio de diversidad productiva que incluye la producción de cultivos bajo riego, ganadería extensiva, producción de hidrocarburos, turismo y la generación de energía hidroeléctrica, entre otras actividades.

De esta manera, se trata de identificar la construcción de multiterritorialidades de integración a partir del análisis de los cambios en la estructura sociocultural y en la configuración espacial teniendo en cuenta las relaciones de poder, los desequilibrios y las acciones colectivas en defensa del agua como bien común y derecho humano fundamental. Conocer las problemáticas territoriales de la provincia desde una geografía social y crítica permite observar los territorios desde las relaciones de poder, la geopolítica, los procesos sociales, los derechos humanos y las cuestiones estructurales y coyunturales. Desde la perspectiva metodológica, el trabajo se sustenta de las investigaciones previas realizadas por las autoras desde hace más de 10 años así como otros aportes científicos, informes técnicos, información emitida por los referentes y entrevistas a pobladores y actores sociales claves. Los resultados parciales nos permitirán pensar el río Colorado como eje de integración para la provincia de La Pampa a partir de las miradas culturales de las transfronteras.

Palabras claves: río Colorado, transfrontera, integración, conflictos, aprovechamientos

GÁS DE FOLHELHO E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO BRASIL

Ponencia

Donaire de Santana Alessandro²²

Rodrigues Nunes João Osvaldo²³

Nos últimos anos, a exploração do gás de folhelho em bacias sedimentares vem ganhando destaque, principalmente devido aos riscos e impactos ambientais associados à técnica de exploração, o fraturamento hidráulico. São necessários grande volume de água e produtos químicos para permitir a fratura dos folhelhos e, assim, a liberação do gás para a superfície (Hirata, 2014).

Os Estados Unidos, maior produtor mundial, e a Argentina, que ocupa a segunda posição nas Américas, enfrentam movimentos contrários ao gás de folhelho nas principais regiões produtoras, em virtude das alterações nas paisagens e impactos (potenciais e efetivos) aos aquíferos, solos, ar e cursos d'água, além da desarticulação do modo de vida de populações tradicionais e produtores rurais (Hirata, 2014; Holanda, 2017; Narahara; Terra, 2017).

No Brasil, a 12ª Rodada de Licitações de Petróleo e Gás, promovida pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 2013, abriu a possibilidade de exploração/exploração de recursos energéticos não convencionais por meio do fraturamento hidráulico, o que provocou enormes resistências à instalação desses empreendimentos no país, as quais culminaram nas ações judiciais, que suspenderam os efeitos dos leilões da ANP. Além disso, leis proibitivas ao fraturamento hidráulico nos âmbitos estadual e municipal também são expressões dos conflitos socioambientais verificados nos territórios, o que ainda torna incerta a efetivação da exploração comercial do gás de folhelho no país.

Neste sentido, o objetivo desse trabalho foi apresentar os conflitos socioambientais decorrentes da 12ª Rodada de Licitações, via mobilização de diversos setores da sociedade, com destaque para: ONGs, agentes econômicos, políticos e Ministério Público Federal.

Para tanto, a perspectiva teórica que orientou as discussões foi a da Ecologia Política, campo transdisciplinar apropriado pela Geografia para analisar a realidade de forma crítica, considerando as múltiplas nuances da relação sociedade-natureza e suas contradições subjacentes, o que permite compreender e refletir sobre a maneira como sociedade, Estado e poder econômico interagem numa trama complexa e contraditória, responsável por imprimir a lógica de apropriação dos territórios, bem como os impactos e conflitos socioambientais decorrentes desse processo.

Para Little (2006), os conflitos socioambientais resultam dos diferentes modos de inter-relacionamento ecológico que os grupos sociais estabelecem com os ambientes, sendo que os embates também são mediados por suas respectivas cotas de poder formal e informal. Acselrad (2004) aponta que os conflitos socioambientais têm origem quando pelo menos um dos grupos veem seu modo de vida e de relação com o espaço ameaçados por impactos negativos decorrentes de empreendimentos implementados por outros grupos.

Os conflitos socioambientais que emergiram com a 12ª Rodada de Licitações são expressões, então, dos interesses antagônicos que se manifestam nos territórios. Antes do leilão, realizado em novembro

²² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. alesdonaire@gmail.com

²³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. joao.o.nunes@unesp.br

de 2013, organizações da sociedade se posicionaram contrárias à possibilidade de exploração de recursos energéticos não convencionais por meio do fraturamento hidráulico, principalmente em virtude do insuficiente conhecimento das bacias sedimentares brasileiras, dos riscos potenciais que a atividade enseja e da ausência de amplos debates com a sociedade.

É neste contexto que ocorre a judicialização da questão no Brasil. O Ministério Público Federal impetrou ações civis públicas contra o edital de licitações da ANP nos estados do Piauí (2013), Bahia, Paraná e São Paulo (2014), Sergipe e Alagoas (2016). Assim, em todas as bacias sedimentares que tiveram blocos exploratórios leiloados as ações civis públicas foram acatadas pelas respectivas Varas Federais da Justiça, resultando na suspensão dos efeitos da 12ª Rodada de Licitações.

Na Bacia Sedimentar Acre-Madre de Dios, a Justiça Federal suspendeu, em 2015, a licitação do bloco localizado no Vale do Rio Juruá, entre os estados do Acre e Amazonas, devido a sua proximidade com as Terras Indígenas Nukini e Poyanawa, além de comunidades ribeirinhas, que seriam impactadas diretamente pelas atividades de exploração do gás de folhelho.

Também foi imprescindível o papel desempenhado pelas ONGs mais engajadas contra o fraturamento hidráulico no Brasil, a COESUS (Coalizão Não Fracking Brasil pelo Clima, Água e Vida) e a 350.org Brasil. Essas organizações atuam numa frente de resistência ramificada, promovendo e participando de audiências públicas, palestras e passeatas contra o fraturamento hidráulico em diversos municípios. Além disso, as ONGs tiveram importante atuação na proposição e aprovação de projetos de lei proibitivos à exploração do gás de folhelho em dezenas de municípios brasileiros. Toledo, Pato Branco, Umuarama, localizados no estado do Paraná, e Presidente Prudente, Presidente Epitácio e Álvares Machado, localizados no estado de São Paulo, são alguns municípios que aprovaram leis baseadas no modelo disponibilizado pelas ONGs.

A prefeitura de Toledo teve grande destaque no engajamento contra o fraturamento hidráulico no país. Foi por meio de sua iniciativa que surgiu a “Carta do Oeste Paranaense contra o *fracking* em nossas terras”, documento que, até abril de 2021, era assinado por 39 entidades: associações de municípios, câmaras de vereadores e/ou municípios independentes, representantes do agronegócio, universidades, sindicatos rurais, cooperativas, planos de saúde e odontológico, engenharia e arquitetura, imprensa, entidades religiosas, órgãos consultivos e deliberativos de Comitês de Bacias Hidrográficas e entidades maçons.

Entretanto, a batalha ainda não está perdida para os agentes econômicos que desejam explorar o gás de folhelho, haja vista que as sentenças que barraram seus empreendimentos estão sendo analisadas em instâncias superiores da justiça; de igual maneira, pode haver contestações judiciais às leis proibitivas aprovadas em estados e municípios.

Portanto, ao decidir verticalmente pela exploração do gás de folhelho no Brasil, o governo federal esperava alcançar, dentre outros objetivos, maior diversificação de sua matriz energética. Porém, os conflitos socioambientais que emergiram nas regiões que tiveram blocos leiloados fizeram submergir, ainda que momentaneamente, as pretensões dos grandes conglomerados do setor energético fossilista no país.

Palavras-chave: Gás de folhelho, Fraturamento hidráulico, Conflitos socioambientais, Brasil

ESTRATEGIAS DE GESTIÓN SOCIOAMBIENTAL PARA EJECUTAR EXPLORACIONES SÍSMICAS QUE PRESENTAN CONFLICTOS CON COMUNIDADES, COLOMBIA.

Ponencia

Álvarez Ospino Juan Manuel²⁴

Redondo Johan Manuel²⁵

Colombia a nivel internacional es considerado un país secundario en la industria de hidrocarburos, en donde el último “boom” petrolero se registró entre el año 2012 e inicios del 2014. La economía colombiana ha mostrado una fuerte dependencia a la explotación de crudo por las regalías que recibe el estado por esta actividad, incrementado la inversión extranjera en proyectos minero-energéticos, apoyados en planes de desarrollo y la normatividad, que incentiva y fomenta estas economías, pues las transnacionales reciben múltiples beneficios tributarios. En Colombia, es preciso hablar de la región del Magdalena Medio (en adelante MM), una zona de gran importancia estratégica por la conectividad, biodiversidad y geología, que cuenta con la refinería más grande de Colombia, posicionándola dentro de los polos de desarrollo capitalistas, poblacional y de luchas sociales. Cuarenta municipios contenidos en nueve departamentos conforman el MM.

Este auge económico, poblacional y productivo, ha incrementado las posturas ambientales que abogan por una ejecución responsable en la producción de hidrocarburos, alegando preocupación por los posibles daños ambientales que pueden causar estos proyectos. Estas situaciones pueden transformarse en luchas sociales, las cuales han sido replicadas en zonas que históricamente han tenido presencia petrolera, donde los actores sociales identificados son los habitantes de zonas petroleras, sindicatos, colectivos ambientales, sectores económicos, gobiernos locales, grupos armados ilegales.

Esta investigación tuvo como objetivo general “Establecer estrategias de gestión socioambiental para la ejecución de proyectos de exploración sísmica terrestre que presentan conflictos con comunidades, región del Magdalena Medio, Colombia”, a través de la identificación de los diferentes intereses socioambientales.

Como objetivos específicos se definieron: 1- Identificar las tipologías de conflictos socioambientales relacionados con proyectos de exploración sísmica con comunidades; 2- Determinar la sensibilidad socioambiental en la región del MM al desarrollo de proyectos de exploración sísmica; y 3- Proponer estrategias de gestión socioambiental para las comunidades del MM que presentan una alta sensibilidad en la ejecución de programas de exploración sísmica.

La presente investigación se desarrolló bajo la metodología de las redes de implicaciones, que consta de siete etapas que permiten analizar las causas que subyacen a los conflictos socioambientales (en adelante CSA) que surgen durante la exploración sísmica, de manera que, al identificar los atributos y sus relaciones causales, la gestión socioambiental sea más efectiva, disminuyendo el grado de incertidumbre de estos proyectos.

Los CSA surgen cuando existen diferencias de intereses entre dos o más grupos, y se acentúa en la explotación de recursos como base para el desarrollo económico, donde esta industria es una activi-

²⁴ Universidad de Ciencias Aplicadas y Ambientales UDCA, juanmanal@hotmail.com

²⁵ Universidad Católica de Colombia, phdredondo@gmail.com

dad sensible a presentar CSA. El conflicto no violento, no necesariamente es negativo, y puede ser un componente del cambio social y del desarrollo. Algunos motivos o causas que pueden originar CSA son: contratación de bienes y servicios, empleo, inversión social, vías, regalías, consulta previa, ambiente, principalmente. A nivel internacional, como respuesta a los CSA en proyectos extractivos, existe una creciente tendencia hacia los procesos de participación para las comunidades y entidades no gubernamentales.

Los 40 municipios que conforman el MM, fueron definidos como la unidad espacial a analizar para elaborar la red de implicaciones. Aquí se identificaron: (a) los atributos que corresponden a aspectos ambientales, sociales o económicos, (b) los condicionantes que reflejan el grado de sensibilidad y (c) los indicadores que son los valores o datos conocidos de tipo ambiental, social y económico de los atributos, esto para cada uno de los municipios. Los atributos se organizaron de acuerdo a las relaciones causales entre estos y se clasificaron como implicaciones directas e indirectas. Los cálculos se hicieron en el software Python, donde se hizo el cargue de datos indicando como se operan los valores y cuáles son sus relaciones causales. Esta red permite medir la sensibilidad socioambiental al desarrollo de proyectos de exploración sísmica terrestre en el MM.

Esta información se cargó en un SIG generando dos mapas: 1) sensibilidad socioambiental a los proyectos sísmicos en el MM, donde el 15% de los municipios tienen sensibilidad media, el 45% sensibilidad alta y el 40% sensibilidad muy alta. 2) tipologías de prioridades de gestión socioambiental, donde muestra cinco grupos o tipologías de prioridades de gestión. Comparando los dos mapas, se pudo establecer que, si bien algunos municipios comparten un mismo nivel de sensibilidad, no quiere decir que se deben gestionar igual, pues cada uno tiene sus propias prioridades y expectativas.

De los procesos socioambientales y económicos (prioridades), parten las estrategias a implementar, y estas deben facilitar la toma de decisiones, pues al abordar todos los aspectos sensibles de las comunidades, permite adoptar medidas que prevengan, eliminen o mitiguen los CSA. Las estrategias deben facilitar la integración de las mismas, pues esto minimiza las amenazas y debilidades que tienen por separado y a la vez potencian las fortalezas de las estrategias escogidas. Las estrategias de gestión socioambiental que se proponen, obtenidas de la revisión bibliográfica, surgen de esas prioridades de gestión, las cuales se organizaron dependiendo de la etapa del CSA: prevención, manejo o transformación.

Figura 1. Estrategias de gestión formuladas.

Etapa del conflicto	Estrategias de gestión formuladas
Prevención (5)	Ajustar el proyecto al Sistema de Ordenamiento Territorial
	Gestionar la Consulta previa con las comunidades
	Implementar la Cartografía social participativa
	Fomentar la Gobernanza de los recursos naturales
	Obtener la Licencia Social del proyecto
Manejo (5)	Crear Comisiones de conciliación
	Instaurar Mesas de diálogo multilaterales
	Lograr la Mediación de terceras partes
	Promover la Educación ambiental
	Supervisión y fiscalización de los proyectos
Transformación (6)	Brindarle Protección de líderes sociales y ambientales
	Creación de nuevas instituciones para la prevención y gestión de conflictos
	Fortalecimiento de las instancias regulatorias
	Garantizar la correcta asignación del Sistema de distribución de regalías
	Impulsar Reformas a las políticas públicas
Mayor participación de Colombia en tratados internacionales	

Dentro de las conclusiones de esta investigación para gestionar los CSA, toma mucha importancia la correcta identificación de los actores, ya que sus interacciones pueden generar los CSA. Así mismo, el poder valorar la sensibilidad socioambiental frente al desarrollo de una actividad, partiendo de datos cualitativos y cuantitativos de diferentes fuentes. La implementación de una metodología que facilita integrar aspectos sociales, ambientales y económicos, permite proponer estrategias para prevenir, eliminar o mitigar el surgimiento de CSA. La poca o nula participación de las comunidades en la planeación de proyectos extractivos, es lo que genera la mayoría de CSA, por tanto, deben fomentarse espacios donde la participación social no se limite a ser un espectador más.

Palabras clave: Exploración sísmica, gestión socioambiental, red de implicaciones, conflicto socioambiental

O NEOEXTRATIVISMO E A EXPANSÃO DA MINERAÇÃO DE OURO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Ponencia

Costa Júlia Jacomini²⁶

A Amazônia ocupa um lugar de destaque no cenário internacional em virtude de sua grande sociobiodiversidade. Apesar de sua relevância socioambiental, por muito tempo a Amazônia foi compreendida como um espaço vazio a ser ocupado, impulsionando grandes intervenções em nome de uma falsa ideia de desenvolvimento (Ab’Saber, 2004). Na década de 1960 o governo brasileiro iniciou uma série de esforços para promover o desenvolvimento e a exploração econômica da Amazônia, impulsionando também o desenvolvimento da atividade minerária na região (Kohlhepp, 2004). A mineração aparecia naquele contexto – e ainda hoje – como uma perspectiva de desenvolvimento capaz de alavancar a economia nacional, por vezes em detrimento do desenvolvimento local.

A mineração e o garimpo, com destaque para a exploração do ouro, têm contribuído significativamente para transformações da dinâmica territorial na Amazônia brasileira. De acordo com levantamento realizado pelo Instituto Escolhas (2020), a produção de ouro na Amazônia de 2018 a 2020 responde por cerca de 20% do total produzido no Brasil desde a década de 1990. Não há dados precisos sobre a produção garimpeira, porque apenas parte dela entra nos registros oficiais (Instituto Escolhas, 2020). No entanto, desde 2019 o avanço da exploração garimpeira na região amazônica vem se intensificando. Líderes indígenas e ambientalistas atribuem a escalada do garimpo na Amazônia às manifestações do governo brasileiro em favor da autorização da atividade em territórios indígenas.

Diversas áreas do conhecimento têm se dedicado a investigar e compreender o avanço das ameaças à Amazônia. Este trabalho propõe contribuir para esse debate a partir de uma perspectiva geográfica, considerando, contudo, as contribuições desenvolvidas pela ecologia política. Nesse sentido, nosso objetivo é discutir, a partir da perspectiva do neoextrativismo, a relação entre a expansão da mineração do ouro na Amazônia e a política mineral brasileira, assim como seus impactos territoriais.

O extrativismo corresponde à apropriação de recursos naturais em escala para sua exportação como matérias-primas, o que o configura como um dos principais fatores de pressão e degradação sobre o meio ambiente (Gudynas, 2019). Os exemplos mais conhecidos são a mineração em grande escala, a exploração petrolífera e as monoculturas, que converteram a América Latina em uma grande fornecedora de recursos naturais para a globalização. As transformações econômicas, políticas e sociais que se desenrolaram na passagem do século XX para o século XXI na América Latina impulsionaram uma “atualização” do extrativismo, originando o conceito de *neoextrativismo*.

O neoextrativismo pode ser compreendido como uma versão contemporânea do desenvolvimentismo, que constituiu a racionalidade predominante na América Latina no século XX ao apresentar o crescimento econômico como forma de superação da desigualdade social. Sob o neoextrativismo, por sua vez, o crescimento econômico advindo das atividades extrativas contribui para o financiamento de programas sociais (Gudynas, 2009). Nesse contexto, o neoextrativismo emerge como um conceito

²⁶ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH- USP); julia.jacomini@usp.br.

analítico para a compreensão das transformações em curso na região (Svampa, 2019).

Alguns autores (Milanez; Coelho; Wanderley, 2017) têm se dedicado a compreender os contornos e as transformações do modelo neoextrativista no Brasil, distinguindo três fases: *neoextrativista-progresista*, durante os governos Lula e Dilma (2003-2016), *neoextrativista liberal-conservador*, durante o governo Temer (2016-2018), e *neoextrativista ultraliberal e marginal*, adotado pelo governo Bolsonaro a partir de 2019 (Wanderley; Gonçalves; Milanez, 2020). Parte-se de um contexto, na primeira fase, em que o Estado era agente regulador e investidor direto e, ao mesmo tempo, destinava recursos à implementação de políticas sociais com vistas à diminuição da miséria e da pobreza. Na terceira fase, contudo, tem-se um modelo marcado por tentativas de desregulamentação do setor por meio da facilitação da abertura de crédito das empresas mineradoras, da redução da fiscalização e da flexibilização do licenciamento ambiental, e pelo estímulo da mineração em áreas antes vedadas à atividade, como as terras indígenas e as áreas protegidas (Projeto de Lei N°191/2021).

Os novos rumos da política mineral no Brasil têm reflexos diretos nos territórios amazônicos. A partir da base de dados da Agência Nacional de Mineração (ANM, 2019) é possível identificar mais de 43 mil processos minerários na Amazônia Legal em diferentes fases, desde autorização para pesquisa até requerimento para registro de extração. A integração da base de dados da ANM com a base cartográfica de Terras Indígenas (TIs) e Unidades de Conservação (UCs) do Instituto Socioambiental (2019) permite identificar 23.833 processos minerários incidentes sobre UCs e 4.089 sobre TIs. Dados da ANM obtidos pela Agência Pública indicam que os processos de exploração mineral em TIs da Amazônia cresceram 91% desde o início do governo Bolsonaro. Esta foi a primeira vez, desde 2013, que os requerimentos registraram aumento – antes, eles vinham caindo ano após ano.

Em relação à atividade garimpeira, um estudo elaborado pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG, 2018) identificou 453 áreas de garimpo ilegal na Amazônia brasileira. As áreas de garimpo identificadas impactam diretamente 38 TIs e, indiretamente, 11. No caso das UCs, a ameaça direta recai sobre 29 e indiretamente sobre 26 unidades. Ainda sobre a expansão do garimpo, um estudo desenvolvido pelo Instituto Socioambiental (2020) apresenta os resultados do Sistema de Indicação por Radar do Desmatamento (Sirad), mostrando que 1.925,8 hectares de florestas já foram degradados pelo garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami (valor acumulado). Somente em março de 2020, cerca de 114 hectares de floresta foram destruídos pelo garimpo. Além dos impactos da perda de floresta, a mineração ilegal de ouro polui a água com metais pesados, afetando os ecossistemas aquáticos e terrestres e impactando diretamente a saúde humana (Siqueira-Gay; Sánchez, 2021). Além das consequências locais, efeitos como contaminação da água e aumento da sedimentação podem se estender para muito além dos locais de exploração direta, ameaçando comunidades e ecossistemas a centenas de quilômetros de distância.

O avanço da mineração e, sobretudo, do garimpo de ouro na Amazônia brasileira, convoca a geografia a um olhar atento para as dinâmicas e transformações territoriais em curso. Para essa análise adota-se um olhar latino-americano -- do neoextrativismo -- por ser um modelo sociopolítico e territorial, permitindo análises multiescalares (Svampa, 2019).

Palavras-chave: garimpo, mineração, ouro, Amazônia, neoextrativismo.

AGRONEGÓCIO E IMPACTOS NAS PRÁTICAS DE USO COMUM DE BENS NATURAIS NA FRONTEIRA AGRÍCOLA BRASILEIRA

Ponencia

Alves Vicente Eudes Lemos²⁷

Objetiva, nesta proposta, discutir de que maneira a expansão do agronegócio na fronteira agrícola brasileira vem ocasionando enormes prejuízos às populações agroextrativistas decorrentes da perda de seus espaços de uso comunitário. Tais populações constituem uma vasta gama de distintos grupos socioterritoriais cujos modos de vida possuem fortes vínculos com os bens naturais dos ecossistemas regionais. A presença do agronegócio nas terras de usufruto comunitário é um fenômeno que se difunde no interior do território brasileiro, parte dele denominado de fronteira agrícola, sobretudo em áreas dos biomas de cerrados e de floresta amazônica, onde ocorre uma forte expansão de modernização capitalista e cuja terra se transforma em mercadoria valorizada. O uso agropecuário empresarial se difunde, sendo a terra aproveitada não somente para fins produtivos, mas também para fins especulativos. Nesse sentido, a terra se metamorfoseia de um bem natural de usufruto e de trabalho das populações camponesas regionais para um recurso passível de comercialização e obtenção de lucro pelos grandes grupos econômicos (Martins, 1991).

O processo de incorporação dessa vasta área do território brasileiro se consolidou a partir das iniciativas do Estado brasileiro, o qual concedeu estímulos econômicos, sob forma de créditos subsidiados e infraestrutura, para a produção de *commodities* agrícolas (grãos, algodão, cana-de-açúcar etc), criação de animais bovinos e exploração mineral e madeireira. Com isso, cria-se um novo padrão de ocupação agropecuária na fronteira agrícola que privilegia a manutenção da grande propriedade privada da terra, sob o comando de empresários associados ao agronegócio e com maior aderência ao modelo tecnológico e de uso de baixa força de trabalho.

Com isso, os vastos espaços da fronteira agrícola que antes constituíam-se terras predominantemente pertencentes ao Estado brasileiro, denominadas de devolutas²⁸, aproveitadas intensamente pelas populações regionais, e que passam a ser apropriadas pelos novos grupos econômicos. Tal transformação de terra comunitária em terra privada ocorreu de maneira irregular, fenômeno que conhecido no país como “grilagem”, correspondendo a apropriação irregular das terras públicas e das comunidades agroextrativistas regionais. Trata-se de um fenômeno antigo no Brasil, mas que ganhou aceleração sobretudo a partir dos anos de 1970, com o novo movimento de modernização capitalista que se voltou para a exploração e produção de mercadorias primárias.

Para as populações agroextrativistas regionais, os ambientes naturais sempre foram concebidos como lugar de uso comunitário por seus moradores, independentemente se a área pertencia a um particular ou era devoluta. Para os costumes do campesinato brasileiro, as terras não cercadas sempre foram designadas de áreas livres, portanto, sem impedimento ao aproveitamento coletivo. Tal concepção se aproxima do que Thompson (1998) estudou sobre as comunidades camponesas inglesas do século XVIII, ao indicar que esse tipo de modalidade de uso comum da terra era concebida pelos campo-

²⁷ Professor de Geografia no Instituto de Geociências – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: veudes@unicamp.br

²⁸ Essa denominação se aproxima da ideia de “terra de compáscuo” expressão utilizada no Brasil para designar as áreas de uso de pastos coletivos que podem pertencer tanto a um domínio privado quanto público. (CAMPOS, 2011).

neses como um direito comum. Eram as terras destinadas aos pobres, que pertenciam a uma dada comunidade, portanto era ela a quem cabia demarcar o direito de uso. Tal situação também foi estudada por Campos (2011) para o caso brasileiro, considerando que a terra de uso comum pode ser entendida a partir de: “(...) características associadas a uma terra do povo – uma terra que é de todos. No entanto, não se constitui numa terra pertencente ao povo, no sentido de haver a propriedade coletiva de um grupo, uma comunidade ou várias comunidades em conjunto. Trata-se do uso comum de determinados espaços por inúmeros proprietários individuais independentes, servindo-lhes como um ‘suplemento’, sendo, do mesmo modo, utilizado por pessoas ou grupos de não- proprietários. Nesse último caso contudo, a noção de suplemento desaparece, pois aquela terra passa a ser a única que encontram com condições de usufruto. Há também áreas cujo uso comum se dá por populações cujos bens naturais, podendo aí também incluir a terra, são caracterizados por uma propriedade coletiva.” (p.34).

Do que foi exposto, entende-se a terra de uso comum corresponde a manifestação de um direito consuetudinário adquirido pelas populações, desde tempos imemoriais, a partir de práticas de usufruto de espaços comuns e cuja apropriação privada ainda não se faz totalmente presente, ao menos no sentido de não haver a constituição de cercamentos definindo limites e formas particulares de uso. É uma terra, a princípio, pertencente a todos, cuja comunidade territorial pode se reservar o direito de apropriação dos bens existentes em seus espaços de vida. Seu uso, porém, não ocorre de maneira indiscriminada, mas obedece a regras estipuladas pelo próprio grupo. Para tanto, o costume está no centro dessa prática, na medida em que o uso tradicional permite assegurar um direito a todos os seus usuários.

O uso comum das terras no Brasil constitui um direito costumeiro que já era amplamente praticado antes mesmo da chegada dos primeiros portugueses, surge com as diversas populações originárias que habitavam esse território. Com os colonizadores, entretanto, são instituídas novas formas de uso comum da terra, muitas das quais permanecendo ainda nos dias de hoje. Assim, o direito costumeiro de uso comum de terras livres ainda permanece em grande medida na tradição da população camponesa do interior do Brasil, onde hoje se consolida a fronteira agrícola. Não obstante, nas últimas décadas amplia-se a apropriação privada da terra, manifestando através dos cercamentos e de alterações dos ecossistemas regionais conduzidos pela expansão do agronegócio. Com isso, a situação de uso dessas áreas pelas populações agroextrativistas se altera substancialmente indicando perdas consideráveis dos seus espaços de uso comunitário.

Palavras-Chave: Agronegócio; Fronteira Agrícola; Brasil; Impactos; Terra de Uso comum

SAPPING COMO EXPRESIÓN DEL ANTROPOCENO: RÍOS EMERGENTES EN LAS ESTRIBACIONES AUSTRALES DE LAS SIERRAS PAMPEANAS

Roggiero Martha Florencia²⁹;
Zamponi Analía;
Zilio María Cristina y
Aranda Álvarez María del Carmen³⁰

En las últimas décadas, la cotidianeidad de los habitantes de las regiones ubicadas al sudeste de la serranía de El Morro-Yulto (provincia de San Luis) y al sur de la sierra de Comechingones (provincia de Córdoba) está siendo alterada por la formación súbita de ríos. Si bien este fenómeno singular no es nuevo *per se*, en este caso el detonante tendría que ver con cambios en el uso del suelo, en particular, la agriculturización al servicio de la agroindustria.

Muchas actividades humanas reproducen, modifican o reemplazan distintos rasgos y procesos de la naturaleza, lo cual ha impulsado a considerar que estamos viviendo en el Antropoceno, una nueva época geológica que reemplaza al Holoceno. El Anthropocene Working Group, una comisión ad hoc de la International Union of Geological Sciences, máximo organismo de la comunidad geológica mundial, se ha encargado de analizar las evidencias sobre esta potencial época. Dicha comisión en 2016, presentó su recomendación para formalizar al Antropoceno como parte de la Escala de Tiempo Geológico oficial. Los cambios involucrados y las señales estratigráficas son de escala, extensión global, rapidez e irreversibilidad suficientes a pesar de ser una unidad localmente delgada y de corta duración en términos geológicos. No existen coincidencias respecto a su inicio. Los dos hitos más aceptados son la Revolución Industrial (1800) y la “Gran Aceleración” -intensificación de las actividades humanas con notable impacto planetario ocurrida a mediados de siglo XX-, hecho que concuerda con la explosión de la primera bomba atómica. La propuesta de una nueva época geológica no solo cuenta con avales científicos suficientes, sino que apunta hacia una realidad que trasciende las propias fronteras de la geología. Tanto desde las ciencias ambientales, sociales y humanas, como desde la medicina y el arte, se reflexiona sobre el rol de la humanidad como una fuerza geológica mayor. En todo el ámbito científico se generan debates relativos a la responsabilidad en especial de ciertos grupos de poder cuyas decisiones afectan la vida en nuestro planeta.

Esta contribución, que tiene como objetivo considerar el sapping como una expresión más del Antropoceno, forma parte del Proyecto “Conflictos socioambientales en Argentina: una construcción desde la intersección entre la Geografía Crítica y la Ecología Política Latinoamericana” - Centro de Investigaciones Geográficas/Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP – CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE) – Universidad Nacional de La Plata (UNLP).

En las estribaciones australes de las Sierras Pampeanas, los procesos naturales de erosión fluvial generan cárcavas. Sin embargo, la formación de estos ríos emergentes, como consecuencia de la erosión subsuperficial, presenta características diferenciales porque su origen tendría que ver con cam-

²⁹ CEPAVE- FCNyM- UNLP), martha@cepave.edu.ar

³⁰ Centro de Investigaciones Geográficas – Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales - IdIHCS (UNLP-CONICET) La Plata, Argentina

bios en el uso de la tierra. Este proceso se origina en dos etapas, soilpipping y sapping. La primera consiste en la formación de túneles y zonas inestables en la región saturada del suelo y, la segunda, en el colapso de las cabeceras y paredes del valle. Las precipitaciones de esta región son oscilantes, presentan promedios bajos, amplios periodos de sequía, y breves e intensas tormentas estacionales que dejan su impronta en el modelado del relieve. En las últimas décadas se han producido notables cambios en la relación infiltración/escorrentía y en los valores de evapotranspiración. Estas variaciones se deben a alteraciones hidrológicas, como es el aumento de la cercanía del nivel freático a la superficie, y climáticas, como es el progresivo aumento de las precipitaciones.

Además de los factores naturales que operan en el área (incremento y cambio de régimen de las precipitaciones y actividad sísmica), la intervención antrópica sobre el bosque nativo de caldén y los pastizales naturales, eliminados casi en su totalidad para la implantación de cultivos, ha acentuado y acelerado estas anomalías. La agriculturización sería un desencadenante de estos ríos emergentes, como son el río Nuevo -en San Luis- y el arroyo La Paraguaya -en Córdoba-.

A partir de los años noventa, las transformaciones territoriales originadas por la implementación de nuevas actividades económicas provocaron la deforestación del bosque nativo y el reemplazo de pastizales naturales por monocultivos agrícolas como maíz y soja, asociados a una progresiva adopción de biotecnología y agrotóxicos. La introducción de estas prácticas podrían ser las responsables del ascenso progresivo de la napa freática. Los árboles actúan como verdaderas bombas extractoras de agua, la toman por sus raíces y la eliminan a la atmósfera, por evapotranspiración. Al reemplazar los árboles -de raíces profundas- por cultivos -de raíces superficiales-, el volumen de agua no consumido genera un ascenso progresivo de las aguas subterráneas y aumento de la escorrentía superficial que produce el deterioro de los suelos. Éste último proceso, favorecido por altas precipitaciones y fuertes pendientes, tiene consecuencias negativas para este ecosistema dado que favorece la erosión con el arrastre de partículas minerales y nutrientes.

El avance de estos ríos sobre espacios habitados, debido a la impredecibilidad de su comportamiento, compromete la pérdida de los bienes materiales e inmateriales de las personas.

Como conclusiones: la agriculturización revela el avance de la frontera agrícola hacia espacios marginales, con una clara tendencia al monocultivo de alto rendimiento y causa graves conflictos socioambientales.

Es imprescindible encarar la problemática de manera integral con prácticas que garanticen el equilibrio de estos ecosistemas.

El diseño de estrategias de reforestación con especies nativas y el uso racional del pastizal en el bosque de caldén serían una alternativa.

Una región en la que se consideren tanto los requerimientos de la agroindustria, tendientes a mejorar los rendimientos de sus producciones, como las necesidades de la población en general, orientadas a evitar los impactos negativos de las prácticas agrícolas no reguladas, será difícil, ya que muchos de los actores sociales son foráneos y nunca sufrirán sus consecuencias.

Es necesaria una construcción conjunta de los diferentes actores sociales del espacio regional que contemple la permanencia de áreas suficientemente grandes como para sostener la biodiversidad existente, para garantizar la estabilidad del balance hídrico y minimizar el riesgo de que se produzca sapping antropocénico.

La metodología consistió en la indagación y análisis bibliográfico de antecedentes geológicos y geomorfológicos que permiten caracterizar el sapping en el contexto del Antropoceno. Se recurrió a diversas fuentes, que incluyen trabajos científicos y de divulgación, documentales y artículos

periodísticos surgidos a partir de los conflictos socioambientales que tal fenómeno ha suscitado en las zonas de estudio. Asimismo, se trabajó con cartografía e imágenes satelitales, en particular, la observación de secuencias de imágenes históricas en Google Earth.

Palabras clave: antropoceno, sapping, agriculturización, uso del suelo

TERRITÓRIOS LIVRES DE MINERAÇÃO NO BRASIL

Ponencia

Vieira Luiz Henrique³¹

Parte da história do Brasil está inscrita sobre os usos e exploração massiva dos solos, nos quais foram extraídos diversos minerais desde o Brasil Colônia até o presente momento onde o país é caracterizado por ser um grande produtor e exportador de *commodities*, apresentando reservas que se destaca na rede de produção global extrativa (Wanderley & Gonçalves, 2019). Todavia, os territórios das concessões minerais são permeados por conflitos e disputas onde a natureza é mercantilizada. As fronteiras neoextrativistas da mineração, ao se expandirem por novas áreas, geram conflitos sobre o território (Acselrad, 2004), envolvendo diversos grupos sociais. Isso ocorre antes mesmo da instalação das lavras, já no processo de estudo, de concessão e no processo de licenciamento ambiental. No país, nos estados de Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul e Pará existem diversas iniciativas que propõem restrição a expansão ou a abertura de novas áreas mineradas em territórios marcados por tensões e conflitos. Ações através de leis em defesas das águas, de unidades de conservação, da agroecologia e da agricultura familiar são algumas das proposições que tencionam de forma oposta ao modelo de exploração mineral vigente no país. Uma nova categoria de análise, que também conta com proposições técnicas e jurídicas está a ser construída que são os territórios livres de mineração (TLM), campo de apreciação fértil para os estudos geográficos, sendo esse o objetivo desse trabalho. Como abordagem teórica metodológica, o trabalho buscou leituras relacionadas ao debate sobre território e mineração que fundamentasse concomitantemente ao contexto da realidade brasileira, especialmente em Minas Gerais. Buscou-se analisar o histórico do processo das ações relativas aos TLM assim como as articulações sociais ocorridas. Além disso, foi realizada a análise de documentos e a proposição de novas leis criadas relativas ao assunto.

Em diferentes graus, momentos e lugares variados, todos atores no decorrer do tempo pertencentes ao recorte de estudo em questão produzem territórios (Raffestin, 1993) cotidianamente, de acordo com o arranjo social e não apenas estão inertes, protagonistas ou subalternizados. Ao proporem uma dimensão que encare o território livre de mineração, os movimentos sociais juntamente com outras instituições e pesquisadores estão produzindo um território. De forma embrionária novos processos elucidam-se como possibilidade do vir a ser, como nas legislações municipais de Muriaé, Rosário da Limeira, Miradouro e Visconde do Rio Branco, ambos municípios do estado de Minas Gerais, as três primeiras com áreas propícias a extração de bauxita e o último de magnetita. Ambas as legislações buscam limitar o avanço da mineração. Esses municípios pertencem a região da Zona da Mata do estado que é caracterizada por presenciar intensas campanhas por TLM, especialmente nos arredores de uma importante unidade de conservação, o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, relevante área de preservação de remanescentes de mata atlântica e campos de altitude. O território usado é dinâmico (Santos, 2006) e através dos diversos atores novas tendências e condições políticas estão sendo construídas vislumbrando evitar novos impactos ambientais. Percebemos que diversos grupos subalternizados, desenham intensas lutas no e pelo território (Haesbaert, 2021). As relações estabelecidas entre

³¹ Geógrafo e doutorando do programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. Correo electrónico: luizgeoufes@yahoo.com.br

os correspondentes a um TLM, com sua argumentação técnica, jurídica e política, projetam assim sua perspectiva coletiva, não apenas de negação, mas propondo outra projeção diferenciada da ordem hegemônica presente há séculos no país. De acordo com o Movimento Pela Soberania Popular na *Mineração (MAM)*, os TLM comporiam uma nova categoria jurídica a ser constituída nacionalmente, onde a proposição de mecanismos de consulta as comunidades afetadas direta e indiretamente seriam uma das vias legais em que o estado, o empreendedor e a sociedade teriam de estabelecer critérios e diretrizes, tendo a possibilidade ampla do projeto ser vetado de acordo com as características naturais, sociais, econômicas, etc.

Assim, quer sejam, “áreas”, “zonas” ou “territórios livres”, essa porções do espaço constituem-se como ambientes almejados que restrinjam a expansão ou a abertura de novas frentes econômicas minerais justificado por questões de ordem social, ambiental, econômica, etc. Não existe um conceito universal que abarque as dimensões de todas as produções que se colocam como problemas, e que portanto dizem não a empreendimentos de potencial impactos, mas sim movimentos heterogêneos que buscam construir formas de organização. Esses movimentos questionam a noção “desenvolvimentista” do modelo mineral brasileiro e concomitantemente propõe outros usos territoriais.

Em diversos estados brasileiros, existem articulações como no Ceará (urânio, fosfato), Rio Grande do Sul (carvão, fosfato, zinco) Pará e Minas Gerais (minério de ferro, bauxita) nos quais várias organizações e movimentos sociais como o MAM, colocam em tela o debate para restrição do avanço de áreas mineradas propondo TLM. Não apenas no Brasil o debate pelos TLM (e outras formas de extrativismo) estão ocorrendo, encontram-se presentes também em países da América do Sul como no Peru e Argentina que ao mesmo tempo discutem proposições para que a sociedade tenha o “direito de dizer não” através da criação de novos instrumentos legais que contam com intensa mobilização de diversos segmentos da sociedade. No Brasil existem modalidades próximas, com as devidas características e restrições, por vezes desrespeitadas, que não são autorizadas a prática de qualquer tipo de atividade mineradora, tais como em Parques Nacionais e Estaduais, Reservas Extrativistas, Florestas Nacionais, Terras Indígenas e Áreas de Fronteira.

Por fim, compreendemos que os TLM antes de mais nada, são constituídos, em primeiro momento, a partir da articulação política das comunidades afetadas articuladas com movimentos sociais e organizações diversas, inclusive acadêmico-científicas. Um conceito em construção decorrente do produto da articulação nacional em torno da temática vem sendo proposto, constituindo-se como uma promissora experiência. A autodeclaração constitui-se como elemento embrionário para o processo de articulação posterior de âmbito legal e demarcatório, um novo processo a ser constituído no Brasil.

Palabras clave: mineração, conflitos, territórios

GOBERNANZA COMUNITARIA EN LOS TERRITORIOS DE PÁRAMO DEL ECUADOR: ACCIÓN COLECTIVA Y RESILIENCIA CULTURAL

Ponencia

López-Sandoval María Fernanda³²

Maldonado Paola³³

Los páramos son los herbazales de altura de los Andes tropicales húmedos. Se extienden desde el norte de Perú hasta Venezuela, en altitudes entre ca. 3200 y 4700 m. Albergan altos niveles de biodiversidad y endemismo; cumplen funciones hidrológicas clave y tienen una capacidad significativa para almacenar carbono del suelo. La provisión de agua tanto para el consumo como para el riego en la región andina altamente poblada y urbanizada de Ecuador y Colombia depende en gran medida de los páramos. Sin embargo, la conversión a usos agrícolas, el pastoreo excesivo, la quema y la reforestación con especies exóticas afectan significativamente sus funciones ecosistémicas.

La legislación ambiental de Ecuador y Colombia declara a los páramos como un ecosistema frágil pero estratégico para la producción de agua. Los gobiernos han diseñado instrumentos, como fondos de agua, protección de áreas específicas e incentivos financieros, para promover la conservación, especialmente entre las comunidades campesinas e indígenas. En Ecuador, los páramos son los únicos espacios naturales donde existe la propiedad comunal de la tierra junto con otras formas de tenencia pública (por ejemplo, áreas protegidas) y grandes propiedades privadas. La superficie estimada de los páramos en 2009 fue de 1,3 millones de ha, alrededor del 5% del área del país, y en su mayoría estaba bajo tenencia comunal. Esta ponencia presenta el caso del Comité Páramo Ñukanchik Urku (CPÑU), una organización multicomunal, localizada en los Andes Norte del Ecuador, creada en los 1990s para la gestión colectiva del páramo; se trata de una construcción alternativa de un modelo de gobernanza comunitaria para el manejo de territorio de conservación comunal. El CPÑU es una organización autónoma que gestiona ca. 4380 ha de páramo en el norte de Ecuador. Ha desarrollado reglas para el manejo colectivo de recursos, manteniendo autonomía de las iniciativas gubernamentales de conservación alrededor de la financiarización de la naturaleza. La problemática en la que se desarrolla la investigación es alrededor de cómo se desarrollan o fortalecen reglas e instituciones (Ostrom 1990) para asegurar el suministro de agua a largo plazo y una organización social adecuada para apoyar la organización misma. El caso se revisa de manera histórica y se analiza como la organización actual del CPÑU es el resultado de un largo proceso de autodeterminación y reconocimiento de los campesinos andinos como dueños y responsables de sus propios territorios, noción demora en consolidarse en el contexto del dominio hacendario hasta los 1980s. Así, presentamos visión histórica de la expansión de la frontera agrícola, las prácticas de pastoreo y la organización del Comité, dentro de una revisión de la gobernanza comunal. Se focalizan en el enfoque de acción colectiva y resiliencia cultural. La organización comunitaria se presenta como una alternativa endógena para manejar el agua y el territorio del páramo frente, por ejemplo, a iniciativas estatales ahora fallidas, de proteger la naturaleza a través de mecanismos financieros de conservación. Resulta de la determinación comunitaria de proteger sus recursos naturales, pero también de demostrar la capacidad de organización para

³² Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, FLACSO, Ecuador maflopez@flacso.edu.ec y Asociación Geográfica del Ecuador

³³ Fundación ALDEA pmaldonadotobar@gmail.com y Asociación Geográfica del Ecuador

el manejo del territorio, el control y protección del agua resulta una expresión política del control y apropiación espacial, finalmente legitimada luego de varias décadas de dominio hacendario. Utilizamos el marco analítico de los sistemas socioecológicos (SSE) (McGinis y Ostrom 2014) para abordar la dinámica de expansión tanto de la frontera agrícola (López-Sandoval 2004), la de las viviendas y aquella de las actividades de pastoreo. Se definen a estas fronteras como resultados de conservación, del sistema socioecológico, que son el resultado de cambios históricos en las unidades de recurso, de los actores involucrados en el manejo, uso y decisiones de uso y, por lo mismo, en las estructuras de gobernanza. A través de un enfoque de métodos mixtos que combina el análisis de fotografías aéreas (años 1956, 1993 y 2008) y la investigación cualitativa de campo, examinamos los patrones espaciales las fronteras (agrícolas, de viviendas), las prácticas históricas de pastoreo y los principales elementos del actual manejo colectivo del páramo.

Los resultados resaltan que (1) la demarcación de la frontera agrícola marca un hito territorial de control, para frenar el aumento de cultivos y viviendas en la altura, y para limitar actividades de pastoreo; (2) la legitimación y reconocimiento de la autoridad del Comité, y de sus mecanismos de control ha sido lo que permite el definir reglas y hacerlas cumplir; (3) esta legitimación resulta del conocimiento adquirido por las comunidades sobre la relación entre páramo y conservación de agua. En este proceso, el rol de la interacción comunidad y ONG resulta clave para impulsar y sostener la organización comunitaria. Esta se consolida y fortalece en las comunidades que conforman el Comité Páramo Ñukanchik Urku como una forma de reivindicar la capacidad de toma decisiones autónomas para controlar los páramos, su territorio comunal. El caso revisa las nociones de gobernanza ambiental (Lemos y Agrawal 2006) y comunitaria (Korovin 2001), como una alternativa incorporación de saberes en el manejo territorial andino. Se necesita una comprensión más amplia del contexto y la historia que conducen cambio cultural para comprender el surgimiento de la gobernanza comunal en el manejo de los páramos. Las dimensiones político-culturales son claves para la resiliencia cultural de los sistemas sociales en el SSE y para fortalecer las reglas y la diversidad institucional para el manejo de los bienes comunes en las comunidades andinas.

Palabras clave: páramos, resiliencia cultural, sistemas socioecológica, gobernanza comunitaria

CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES Y PROCESOS DE CONFIGURACIÓN TERRITORIAL EN EL SANTUARIO DE FAUNA Y FLORA GUANENTÁ ALTO RÍO FONCE – COLOMBIA

Ponencia

Rosales Carlos Alberto³⁴

Pensar hoy día la forma como han sido configurados los territorios en América Latina, nos lleva a entender el espacio como un escenario complejo donde se presentan conflictos, tensiones, negociaciones, así como procesos de movilización y defensa territorial. Verlo de esta manera, siguiendo el pensamiento de autores como Porto-Gonçalves y Rita Segato, nos desliga un poco de la idea que concibe los Estados como figuras monolíticas, como entes omnipresentes encargados de administrar el espacio de manera unilateral, y en su lugar nos invita, por un lado, a cuestionar la forma como éstos se han construido a partir de herencias coloniales, y por otro, a pensar en los múltiples campos de representación y las relaciones dinámicas negadas históricamente en los territorios.

Desde postulados de la ecología política latinoamericana, autores como Astrid Ulloa, Arturo Escobar, Johan Martínez Alier, Enrique Leff, entre otras y otros, coinciden (en medio de sus diferencias) en señalar que una de estas formas de racionalidad colonial que tenemos por herencia, es la visión dualista entre seres humanos y naturaleza, que ha construido discursividades y formas de ordenar los territorios soportados en gran parte por la política, quien negocia el poder, y parte del discurso científico para el manejo racional de la biodiversidad.

Esto ha ocasionado, por una parte, que se genere un entendimiento del entorno no humano como una “canasta de recursos”, como aquel lugar puesto a disposición para que los seres humanos llevemos a cabo toda clase de explotaciones y extracciones, y, por otro lado, al verse los diferentes efectos en materia de deterioro ambiental que conllevaban estas prácticas, a que se establezcan formas de ordenamiento como las áreas de conservación, las cuales según el geógrafo Paul Robbins, presentan una demarcación jurisdiccional sobre el territorio, dentro del cual se configuran determinadas identidades, y se definen las acciones permitidas y las prohibidas.

En el contexto Latinoamericano, autores como la antropóloga Marisol de la Cadena, plantean que debido a realidades sociales, económicas, políticas y geográficas diferentes a las de los Estados europeos, estos paradigmas de conservación trajeron consigo una monopolización de la representación de la naturaleza, y generaron una serie de problemáticas y conflictos entre las autoridades ambientales y comunidades negras, indígenas y campesinas.

En el caso colombiano, trayendo a colación a Margarita Serje, este paradigma de conservación se instauró en elementos como la política ambiental, donde se establecieron normativas desde una racionalidad científica que ha concebido la conservación de manera separatista y paternalista. Además, entendiendo la conservación como un proyecto económico, bajo consignas como “producir conservando y conservar produciendo”, estas políticas han entrado a hacer parte de grandes proyectos de financiarización neoliberal.

Estos factores, sumados al conflicto armado interno, agudizaron las problemáticas en el territorio

³⁴ Universidad de Antioquia – Instituto de Estudios Regionales - Grupo de investigación Recursos Estratégicos, Región y Dinámicas Socioambientales (RERDSA); Asociación de Prosumidores Agroecológicos Agrosolidaria – Charalá. Correo: carlosrosalesz@gmail.com

nacional, donde la distribución inequitativa de la tierra, y la creación de manera romántica de áreas protegidas ha generado tensiones, desplazamientos y fuertes conflictos de interés entre actores como las poblaciones campesinas, las organizaciones ambientales, las ONG y el Estado. También, siguiendo el pensamiento de la socióloga Victoria D'Amico, han conllevado a procesos de negociación, donde muchas veces el entorno no humano entra en el escenario de los mercados y bonos de carbono.

Es en este panorama, que en el año 1993 es creado el Santuario de Fauna y Flora Guanentá Alto Río Fonce en el departamento de Santander-Colombia, área protegida que comprende ecosistemas estratégicos de bosque Andino, Altoandino y Páramo. Allí, en palabras de campesinas y campesinos de la zona, desde el momento inicial de la declaratoria se establecieron mecanismos como la sanción o la norma para castigar todas aquellas prácticas que se consideraba afectaban al equilibrio ecosistémico. Se empezó a generar una tensión en la frontera agropecuaria entre la territorialidad de conservación ejercida por el Estado con las de las familias campesinas de la zona, las cuales han construido un universo complejo de entramados y relacionamientos variados entre sí y con el entorno no humano. De la mano con organizaciones comunitarias y movimientos sociales ambientales, desde los últimos años se han venido tejiendo procesos de defensa territorial y acciones locales para la permanencia en el territorio, que permitan también la subsistencia. Acciones como los monitoreos comunitarios de los bosques y el agua, talleres de formación política y educación ambiental con niñas, niños y adultos, además de elaboración de mapas, cartillas y diferentes memorias del Santuario, han posibilitado la construcción de agenciamientos locales autogestionados y procesos comunitarios más allá de la asistencia itinerante de las ONG, o la ambivalencia, unas veces conciliadora y otras policiva, del Estado y las autoridades ambientales.

Siguiendo la invitación que hace el geógrafo Rogério Haesbaert, de ver estos contextos de protección ambiental como escenarios privilegiados para dar cuenta de la mediación espacial de las relaciones sociales, y como un contexto situado donde pueden verse dinámicas más amplias como los paradigmas de conservación, las relaciones de poder y procesos de movilización social, esta ponencia tiene el objetivo de compartir reflexiones en torno a lo que ha significado la declaratoria del Santuario, entendido como un espacio disputado, negociado, apropiado y sentido. Producto de un ejercicio etnográfico, y utilizando elementos metodológicos y de análisis de la ecología política y los estudios socioespaciales, y de la mano de conversaciones directas, elaboración de mapas y fotografías, se da cuenta de la forma como en este contexto de conservación se materializan diferentes prácticas, discursos y subjetividades. Allí se resalta tanto la presencia de los conflictos, tensiones y negociaciones por el uso y acceso del territorio, así como la construcción de entramados comunitarios y relacionamientos variados con el entorno no humano, donde están presentes procesos de lucha y defensa territorial que se suman a la búsqueda de alternativas necesarias a los modelos y paradigmas dominantes.

Palabras Clave: Conflicto socioambiental, conservación, naturaleza, entramados comunitarios, territorio.

PAMPA AZUL (ARGENTINA). BIODIVERSIDAD Y CONSERVACIÓN VS EXTRACTIVISMO Y MERCANTILIZACIÓN DE LA NATURALEZA

Ponencia

Guerrero Ana Lía³⁵;
Gutiérrez Moiola Leandro.³⁶

El mar representa hoy la última frontera por explorar del planeta, pero al mismo tiempo, la conservación de la biodiversidad marina tiene interés global, motivo por el cual fue incluido como uno de los Objetivo del Desarrollo Sostenible 14 (ODS 14). Ello implicó un compromiso para la conservación y utilización en forma sostenible de los océanos y los recursos marinos.

Argentina ha asumido este compromiso y la creación de las áreas marinas protegidas (AMPs) es una de las herramientas para lograr esa meta. Hasta 2013, Argentina tenía 58 áreas protegidas marino-costeras, y en ese año se promulgó la Ley 26.875, que estableció al Banco Burdwood como primera área protegida de carácter oceánico en su Zona Económica Exclusiva (Área Marina Protegida Namuncurá). Esto significa, en términos estadísticos, que la superficie total protegida comprende solamente el 2,8% del total de la superficie de la Zona Económica Exclusiva, según datos aportados por la iniciativa Pampa Azul.

Esta iniciativa surge en 2014, como una propuesta interministerial articulada por el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación, aprobada por el Congreso Nacional mediante la ley PROMAR (2015) y constituye una incipiente política de Estado que prevé los riesgos asociados a las prácticas productivas que afectan a los recursos marinos y busca mitigar sus consecuencias en más de 5000 km de costas y una vasta plataforma continental. En este contexto, el componente geopolítico del recurso influye en su valoración a nivel global y los Estados en desarrollo con abundantes recursos naturales formulan políticas de Estado para la protección de los mismos (Guerrero, 2016). La ponencia tiene por objetivo reflexionar sobre el accionar del Estado argentino y la importancia geopolítica de las áreas marinas protegidas como defensa y resguardo de la soberanía marítima, a fin de proteger la biodiversidad y la conservación de los recursos marinos, frente a la mercantilización favorecida por los países centrales, vivenciado con persistencia en el sur-global.

El marco teórico-conceptual enfatiza, desde el punto de vista de la Geopolítica de los recursos naturales, las tensiones políticas que surgen en los procesos de uso y apropiación de los recursos que un Estado posee. Como sostiene Méndez (2006; 2011) el acceso a los recursos es motivo de conflicto en diferentes partes del mundo, principalmente en aquellos sitios donde la oferta disponible es limitada y el rápido aumento de la demanda acentúa la disputa por su control. En este sentido los recursos marinos tienen el carácter de Recursos Estratégicos, por ser recursos naturales escasos a escala global con especificidad territorial, es decir son propios de determinados territorios y por ello, pueden ser un factor de conflicto en materia política, económica o militar. El conflicto surge cuando el recurso es abundante para un país y escaso para otro, sumado a la diferente situación de los Estados en cuanto a la capacidad de protegerlos. Además, desde el enfoque de la Geopolítica Crítica, aporta su interés por todo tipo de rivalidades sobre el territorio. Utiliza el análisis de discurso para observar de qué modo

³⁵ Departamento de Geografía y Turismo, Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, Argentina. aguerrero@uns.edu.ar

³⁶ Departamento de Geografía y Turismo, Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, Argentina. gleandro77@gmail.com

ingresan en las prácticas, actores políticos y públicos, tanto en escenarios pasados como presentes. Desde el punto de vista metodológico, la investigación se fundamenta en una investigación de carácter empírico a través de una estrategia teórico metodológica mixta, que combina análisis de información cualitativa y cuantitativa, que se complementan para ofrecer una visión más completa y compleja del objeto de estudio. Asimismo, se realiza la revisión bibliográfica en fuentes primarias y secundarias a fin de conocer el estado de la cuestión.

En cuanto a los resultados preliminares de esta investigación, se señalan dos posturas diferentes frente a un mismo recurso: por un lado, como construcción alternativa al modelo dominante, Argentina con la iniciativa Pampa Azul y la creación de áreas marinas protegidas busca promover el manejo sostenible, ambiental y económico de los ecosistemas marinos para proteger la biodiversidad y conservación de la naturaleza. Por el otro, la postura que favorece el extractivismo y mercantilización de la naturaleza, tal el caso del Reino Unido a través de su presencia en las Islas Malvinas, con la venta de permisos de pesca y negociaciones con empresas petroleras para la extracción del recurso, sumado a la presencia constante de flotas pesqueras de diferentes países (España, China, Portugal, Corea del Sur, Japón, Rusia, Taiwán, Chile) frente al límite de soberanía de las 200 millas que marca la zona económica exclusiva (ZEE) (Esteban, 2021).

Sin embargo, a pesar de las acciones realizadas por la Argentina, resulta una constante en su historia la desvinculación del país con su mar territorial adyacente. Resuena la frase “Argentina es un país que creció de espaldas al mar” por ausencias de una política de Estado en esta área, de allí la necesidad de revalorizarla desde el punto de vista de la Geopolítica de los recursos naturales, reconociendo que posee recursos biológicos, geológicos y energéticos que despiertan el interés de otras potencias por extraerlos y mercantilizarlos.

Por último, las áreas marinas protegidas, deben ser revalorizadas por la Geografía para generar conciencia sobre las potencialidades económicas y los servicios ecosistémicos que brinda la Argentina como país oceánico. En el estudio del mar territorial argentino, se deben favorecer enfoques interdisciplinarios y sumar la Geografía a los aportes de la Oceanografía y la Biología marina, en ecosistemas considerados críticos, para coadyuvar a profundizar y mejorar los planes de manejo, reforzar la gobernanza ambiental entre instituciones y resguardar los límites del Mar territorial argentino frente a los avances de potencias hegemónicas, que llevan a preguntarse si ¿Es la Pampa Azul una nueva frontera para la mercantilización de la naturaleza en América Latina?

Palabras clave: geopolítica de los recursos naturales, áreas marinas protegidas, Pampa azul, conservación, mercantilización

PERCEPÇÕES CAIÇARAS: HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA PELA PERMANÊNCIA NO TERRITÓRIO DA PRAIA DO SONO (RJ)

Ponencia

Simão Larissa Gândara³⁷;
Risso Luciene Cristina³⁸

As comunidades tradicionais do Brasil carregam histórias marcadas por lutas, conflitos, enfrentamentos e resistências. Muitas dessas lutas aconteceram a fim de garantirem suas permanências nos territórios em que se encontram, na maioria das vezes ocupados há séculos e, sobretudo, para manterem vivas suas culturas, valores e tradições, que fazem esses povos serem reconhecidos como tradicionais, o que não quer dizer cristalizados e nem associados a uma imobilidade histórica ou atraso econômico, mas sim, que dialogam e se reinventam com o tempo, que possuem uma tradição no manejo dos recursos, respeitando os ciclos naturais e que apresentam vínculos sociais e rituais simbólicos.

Essas comunidades, em específico as caiçaras, vivem próximas ao mar, praticando agricultura de subsistência e pesca e, atualmente, tem como principal fonte de renda o turismo, praticado no verão tropical (Siqueira, 1984; Diegues, 1996; Adams, 2000; Cruz, 2012).

Na segunda metade do século XX, com a abertura de estradas para integrarem o país, muitos dos territórios que essas comunidades habitavam foram inundados pela especulação imobiliária e exploração turística. Como meio de tentar frear esse novo cenário, criaram-se diversas Unidades de Conservação (UCs), como é o caso da Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ), da qual a Praia do Sono está inserida, no município de Paraty (RJ) (Cavaliere, 2003).

Neste contexto, este trabalho teve como objetivo compreender as principais lutas travadas pela permanência no território, através das vivências dos caiçaras. Assim, pesquisaram-se as mais relevantes, sendo elas: a construção de rodovias nas décadas de 1950 a 1970, que conectaram de vez os territórios caiçaras, até então praticamente isolados, com o resto do país e a criação da REEJ na década de 1990, ainda hoje descrita como *non edificandi*, necessitando ser recategorizada para atender ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Esse “progresso” trazido pelas estradas para a região trouxe consigo a urbanização, a degradação do meio natural, a valorização da terra, transformada em mercadoria, os primeiros interessados em adquiri-las, além da ganância e do poder, personificados em grileiros e empresários. Esta nova configuração representou um preço muito alto para os caiçaras, já que esse “des-envolvimento” contrapõe-se ao envolvimento dos mesmos em relação às suas atividades, seu lugar e seu território.

Assim, optou-se por compreender esses enfrentamentos pela perspectiva dos caiçaras. A partir da história oral temática, técnica que se utiliza de entrevistas sobre um assunto específico e preestabelecido para registrar narrativas das experiências humanas, segundo Freitas (2006) e Meihy; Ribeiro (2011), foi possível entender a relevância do território para essa comunidade, visto enquanto necessidade ontológica, representando as profundas relações homem-terra.

Mais do que isso, constatou-se que em uma sociedade oral, como é o caso da que vive na Praia do

³⁷ Mestranda na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro/ SP. E-mail: larissasimao@yahoo.com.br

³⁸ Professora Doutora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Ourinhos/ SP. E-mail: luciene.risso@unesp.br

Sono, os saberes tradicionais e a própria história de seu povo são transmitidos verbalmente, de uma geração para outra. Desta forma, a oralidade se consagra como a essência da continuidade do ser.

Com isso, o território das populações tradicionais se baseia em séculos de efetiva ocupação carregando uma importância histórica às suas reivindicações (Calvente, 2015). O território expressa como eles vivem, como se relacionam com a terra, como se apropriam do espaço e exprimem sua permanência neste, suas existências. Logo, território é simbólico, tem historicidade, memórias e identidades e torna-se indispensável para a reprodução e construção dos aspectos socioculturais de uma determinada população (Haesbaert, 2005; RISSO, 2014). E maior do que o próprio território é a importância da territorialidade, que ultrapassa a simples ideia da ocupação geográfica, delimitando a terra como abrigo e expressando a existência desses conhecimentos tradicionais, desses símbolos responsáveis por marcar a identidade de um povo (Bonnemaison, 2002; De Paula, 2011). Esses territórios, constituídos a partir da dimensão vivida do espaço, se tornam lugares com lógicas socioespaciais conhecidas intimamente por quem vive ali (Tuan, 1983; Marandola, 2016).

Assim, os caiçaras se apropriaram de um território, territorializaram-se e, ainda hoje, sofrem com estratégias, por parte de grandes agentes econômicos, para desterritorializá-los. Portanto, quando impedidos de ocupar seus territórios e criarem seus lugares, coloca-se em risco mais do que o habitar, coloca-se em risco a própria existência.

Assegurados pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que afirma que os territórios tradicionais se constituem em espaços fundamentais para a reprodução cultural, social e econômica das comunidades tradicionais, também pela Constituição Federal de 1988 e ainda pela Convenção N° 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da qual o Brasil é signatário, as comunidades tradicionais têm garantido o direito à autoidentificação e ao território, base de reprodução e fonte de recursos, além do valor simbólico e afetivo.

Portanto, enfrentando grilagens de terras e, mais recentemente, as imposições de um condomínio de luxo construído no ponto que dá acesso à praia, os caiçaras do Sono lutam pela continuidade de suas expressões identitárias no território do qual se apropriaram há muitos anos. Os resultados observados expressaram as experiências profundas do entrelaçamento do caiçara com o seu território e também que não importam quais sejam as lutas e quanto tempo durarão, a população residente ali resistirá, adaptando seus modos de existência a partir da dinâmica e da fluidez do tempo presente.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais, Conflitos, Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, Unidades de Conservação, Vivências.

PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES E TURISMO: COMUNIDADES TRADICIONAIS FRENTE A NOVOS PROCESSOS DE AMEAÇAS

Apresentação

*Pereira Regis Vercauteren de Souza Castro*³⁹

*Mariano Neusa de Fátima*⁴⁰

A criação de Unidades de Conservação prega a expropriação das pessoas que ali vivem e desenvolvem suas atividades costumeiras e tradicionais, cerceando suas atividades tradicionais. Tal situação é bastante comum no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), que consta com 17 comunidades (ICMBIO, 2019). Estes espaços estão vinculados a belas paisagens naturais, sendo inevitável a exploração turística, trazendo diversos modos de conflitos. Muito dos problemas advindos com o Turismo está relacionado a sua apropriação pelo capital financeiro, gerando especulação imobiliária, muita das vezes não absorvendo a população local nessas atividades, ocasionando expropriação e migrações para centros urbanos. É devido a esse grande interesse do capital turístico pela região do PNLM que as comunidades estão passando por processos ameaçadores à sua existência e seu direito ao território, pois existe um PLS (Projeto de Lei do Senado Federal Brasileiro) Nº 465 de 2018, que visa a diminuição dos limites do Parque e a exclusão de algumas comunidades desta área para o aumento da infraestrutura da região para atender o setor turístico. Dessa forma o direito das populações tradicionais ao território passa a ser algo escanteado e a perda de sua territorialidade cada vez mais iminente.

O objetivo do trabalho foi analisar os conflitos entre as comunidades tradicionais e a implantação de políticas de preservação e conservação de áreas protegidas, compreendendo como estes conflitos atuam além da legislação ambiental. Ou seja, questões de identidade e permanência no lugar habitado por essas comunidades, considerando também a sua exploração pelo setor turístico.

A pesquisa teve caráter qualitativo com o trabalho de campo para coleta das informações realizado junto à comunidade. Lançou-se mão da etnografia e de entrevistas, divididas em categorias de análises relacionadas aos processos que estão se instalando para viabilizar as atividades do setor turístico na região e à territorialidade. A transcrição foi feita logo após a sua realização a fim de reavaliar constantemente o roteiro e corrigir possibilidades de indução de resposta. Também se utilizou a pesquisa bibliográfica para demonstrar os impactos que podem acontecer com intensificação da atividade turística na região tomando como exemplo outras localidades que passaram por esses processos

Argumentação da Problemática. O PLS Nº 465 de 2018 visa a redução dos limites do PNLM, da Zona de Amortecimento e exclusão de comunidades da área do Parque, com a finalidade de melhorar a infraestrutura da região objetivando atender turistas. O processo de exclusão das comunidades locais é recorrente e não será diferente neste caso, pois há sempre a tendência de atender mais aos interesses econômicos do que pelo menos tentar atender aos dois lados (Fernandes, 2013). Esse conflito está sendo aqui analisado na perspectiva teórica que envolve o território e a territorialidade. O primeiro, negado às comunidades, é anterior à sociedade e nem se pode pensar em compreendê-lo como exte-

³⁹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos E-mail: regisvercauteren@hotmail.com

⁴⁰ Profa. Dra. do Curso de Geografia e da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos E-mail:neusa@ufscar.com

rior a ela (Porto-Gonçalves, 2006, p. 46), é apropriado e instituído pelos sujeitos que o habitam e se afirmam por meio dele (Silva, 2015, p. 57), “é um espaço cultural de identificação ou de pertencimento” (Medeiros, 2009, p. 217). A territorialidade por sua vez é parecida com o comportamento no espaço territorial de um grupo social. Ela é a interação entre o homem e o espaço mediatizada pelo espaço (Souza, 2005). A territorialidade é algo que está intimamente ligado ao modo como pessoas utilizam a terra (Haesbaert, 2008, p. 21), como se organizam no espaço e como dão significados ao lugar. Vale salientar que atividades desenvolvidas pelas comunidades do PNLN funcionaram como mantenedoras da biodiversidade (Bensusan, 2006, p. 100). As sociedades tradicionais não devem ser responsabilizadas pela degradação da natureza, pois dependem intrinsecamente da “reprodução continuada dos recursos naturais renováveis” (Diegues, 2001, p.87).

Conclusão. Entretanto Caso o PLS em pauta seja sancionado, haverá inúmeros problemas socioambientais, dentre eles o que envolve o turismo, pois estará mais próximo das áreas protegidas, dificultando qualquer tipo controle efetivo do órgão gestor. Grandes empreendimentos serão instalados e isso gerará especulação imobiliária. Haverá também expropriação e migração das populações locais para os centros urbanos, a exemplo do que aconteceu em outras UC's no Brasil, onde há populações tradicionais. Pode-se, portanto, compreender que há um processo de desterritorialização das comunidades tradicionais a partir do avanço territorial do capital, legitimado pelo Estado, através das atividades turísticas.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais, Turismo, Unidade de Conservação.

¿CÓMO SE PROTEGEN LOS HUMEDALES? PERCEPCIONES AMBIENTALES EN UN ÁREA PROTEGIDA.

Ponencia

López Collazo Clara⁴¹

En el año 2015, los Humedales de Santa Lucía ingresaron al Sistema Nacional de Áreas Protegidas bajo la categoría de Área Protegida con Recursos Manejados. Actualmente esta área, junto a muchas otras dentro del sistema, carece de un plan de manejo preciso. Surge así la interrogante que titula este trabajo: ¿Cómo se protegen los humedales? Se parte de una visión sistémica del ambiente, compleja y multidimensional que analiza la historia del territorio a través del estudio del marco institucional que regula y legisla el área en materia de conservación y las percepciones ambientales de los actores sociales que allí habitan. La actividad humana es parte de la naturaleza. La sociedad configura al sistema y en simultáneo se encuentra sujeta a su dinámica, el impacto que pueda ejercer sobre su entorno, resulta también sobre ella misma (Foladori, 2001). Así se caracteriza ambientalmente el área y se identifican fuerzas sociales. Santos (1993) señala a la verticalidad y a la horizontalidad como categorías de análisis capaces de explicar dinámicas espaciales en territorios globalizados. Verticalidades (vectores sociales que inciden sobre el territorio pero no están presentes en el mismo, escala global) y las horizontalidades (fuerzas sociales presentes en el territorio, escala local).

El posicionamiento epistemológico de este trabajo refleja una postura crítica y cultural que se auxilia del conocimiento desarrollado por Santos (2006) en relación al contexto coyuntural en el que se enmarca: la globalización. Se explica la coexistencia de tres rasgos del mundo globalizado: “globalización como fábula”; “globalización como perversidad” y “otra globalización”. Buscando contribuir a esta “otra globalización” se propone el método de este trabajo. Éste se articuló en tres partes: estado de situación del caso en estudio, trabajo de campo y análisis, y sistematización de la información.

La metodología se centra en el desarrollo de talleres con el propósito de construir cartografía participativa (mapeo colectivo) contribuyendo así a conocer las percepciones ambientales de quienes habitan el territorio protegido en estudio. Este tipo de mapeo permite hacer tangibles en un mapa, las distintas formas de comprender y sentir el territorio. Para ello se propicia el uso de distintos recursos: iconografía, dispositivos gráficos, sonoros y cartográficos. Esta gama de recursos permite el desarrollo de metodologías de investigación participativa ya que de allí nacen diversas formas de comprender, reflexionar y señalar diversos aspectos de la subjetividad colectiva (Ares y Risler, 2013). Se construye en conjunto con los miembros de la comunidad mapas integrales e interactivos; se entiende que esta metodología permite la expresión y representación de las horizontalidades que conforman el área que se espera manejar a través de un plan.

Se buscó conocer las representaciones que los actores poseían respecto a los límites del área, los conflictos y/o problemas ambientales, los focos importantes para la conservación y los distintos grados de antropización presentes en dicha área; para esta última variable se hizo uso de paisajes sonoros grabados en distintos puntos de los humedales. Las fuerzas sociales constructoras de cartografía fueron la comunidad educativa de la escuela pública urbana N°96 localizada en Delta del Tigre en

⁴¹ Escuela rural N°86 Sierras de Rocha. Profesora de Geografía y Ciencias Sociales CFE. Rocha y Montevideo. Estudiante de Maestría en Educación Ambiental. ANEP – UdelaR verdeclarit@gmail.com

el departamento de San José; el agrupamiento rural de escuelas públicas presentes dentro del Área Protegida (en adelante AP) que involucra a la comunidades educativas de las instituciones N° 143 y N°168, situadas en la localidad de Las Brujas y Rincón del Colorado respectivamente, en el departamento de Canelones; guardaparques y referentes ambientales para el departamento de Montevideo y Canelones; y representantes de la Asamblea por el Agua del Río Santa Lucía. El procesamiento e interpretación de la información obtenida a partir de los mapas buscó respetar la heterogeneidad de perspectivas representadas.

Se elaboró utilizando como mapa base tres cartas topográficas a escala 1.50.000 representativas del AP. El promedio temporal del taller fue de dos horas y media y se caracterizó por involucrar a todos los presentes; en el caso del Delta del Tigre la convocatoria de actores fue muy alta y se optó por la construcción de dos mapas que luego se sintetizó en una única cartografía.

Una vez finalizado el proceso de indagación, se concluye que el ingreso al SNAP ha modificado la percepción ambiental de los actores sociales, se evidencia que se ha incorporado una idea de AP. Si bien se encuentran dificultades sobre qué es lo que se quiere proteger, los resultados no muestran que su explicación recaiga en no incorporar la idea de AP, y sí se entiende que las razones pueden estar más vinculadas a la gran extensión del área y a la dificultad de percibir a los humedales como un sistema ambiental. Respecto a la pregunta guía: ¿Cómo se protegen los humedales? la investigación conduce a la manifestación de la multiterritorialidad, cada fuerza social evidencia mecanismos distintos a la hora de proteger el territorio involucrado. Se quiso establecer un doble sentido, una doble perspectiva, en función de los distintos vectores de fuerzas presentes en el territorio. Se persigue reflexionar en función de estas dos miradas, buscando encontrar puntos de encuentro y posibles matices que permitan finalmente contribuir a enfatizar a las fuerzas sociales horizontales alineadas con objetivos de conservación. Percibir las fuerzas verticales como las únicas responsables de la protección del área implica la idea de que, si existe un SNAP, es de esperar que sea éste quien se encargue de su conservación; asimismo desde una mirada sistémica y multidimensional del ambiente esa protección debe incluir a la dimensión social, especialmente por la categoría de AP que presentan los humedales. La mayoría de los grupos participantes en forma voluntaria de este trabajo son personas que se perciben como protegidos por el AP y sin embargo la misma no los incluye.

En síntesis, responder a la interrogante desde los distintos vectores de fuerzas conduce a caminos distintos. Desde la verticalidad se encontraron hechos e intenciones de mecanismos de protección que involucran negocios inmobiliarios, capitales privados y grandes multinacionales. Desde la horizontalidad los esfuerzos se inclinan al desarrollo de colectivos sociales, el fortalecimiento de una Educación Ambiental construida por actores locales en vínculo estrecho con el territorio.

Palabras claves: área protegida, fuerzas sociales, percepciones ambientales, mapeo colectivo

HUMEDAL: TERRITORIO EN CONSERVACIÓN Y TENSIONES. EL CASO DE LOS ESTEROS DEL IBERÁ, CORRIENTES, ARGENTINA.

Ponencia

Acosta Felquer María Abelina⁴²

Por sus características, los Esteros del Iberá conforman el humedal más importante de Argentina y el segundo de Sudamérica por su superficie. También es uno de los humedales tropicales más importantes de la biósfera en términos de su extensión y de las especies que lo habitan, tanto animales como vegetales. Un humedal constituye un sistema de cobertura hídrica subregional que tiene presencia temporal de una capa de agua de variable espesor (Neiff, 1997). Esto ha llevado a la superposición de áreas de conservación como: Sitio Ramsar, Reserva Provincial, Parque Provincial, Parque Nacional en las que se trasluce una serie de intereses puestos en juego. Las relaciones entre quienes han motorizado políticas de conservación y los habitantes de las comunidades locales que habitan los ecosistemas han sido complejas desde la implementación de las primeras áreas naturales protegidas. Este tipo de situaciones no han estado exentas de tensiones y conflictos (Ferrero, 2014).

Por su parte, Straccia y Pizarro (2017) explican que los humedales son concebidos como uno de los ecosistemas de mayor importancia debido a los servicios ecosistémicos esenciales que proveen a la humanidad. Sin embargo, se cuestionan la idea de la conservación de los humedales que enfatiza en los beneficios que se generan para “la sociedad toda” que, desde esa perspectiva, se torna amorfa e indiferenciada, desconociéndose las desigualdades que existen en las formas de acceso y apropiación del ambiente (Straccia y Pizarro, 2017, p. 107). Por lo tanto, son las normas las que pueden habilitar o no ciertas formas de apropiación y uso de la naturaleza, dando sustento a la reconfiguración de determinados arreglos espaciales. Normas que ameritan ser visibilizadas y reconocidas (Castro et al., 2019). Es por ello que entendemos la importancia de concebir al territorio como espacio de relaciones de poder. Como espacio en movimiento y como receptor del proceso de globalización que influye directamente sobre los demás espacios en escalas regional, nacional, local y en otros escenarios donde se concretan distintos tipos de relaciones que intervienen en el desenvolvimiento de las sociedades. Pues, en los territorios de los Esteros del Iberá se realizan diversas actividades económicas, dentro de las cuales se encuentran las de tipo “extractivas”, como la producción de arroz y la explotación forestal, propias de la globalización económica que promueven procesos de cambios.

El humedal en estudio se ha conformado en un territorio a conservar desde 1983 y desde entonces se han sumado nuevos actores que reconfiguraron el escenario, teniendo en cuenta que los mismos operan dentro de un contexto de poder ya que cada uno ejerce influencia constante a partir de sus necesidades, pensamientos o intereses (Feito, 2005). Estos son organizaciones e instituciones que juegan distintos roles e intervienen en las relaciones de poder. De este modo, se forma un entramado social en el que surgen las tensiones por el uso y acceso a los bienes comunes a causa de las actividades económicas mencionadas y de la intervención de las diversas instituciones públicas, privadas y ONGs extranjeras (como la ex CLT, actual Rewilding Argentina) y locales (como Iberá Patrimonio de los Correntinos, Guardianes del Iberá, Fundación Yetapá) que influyen en las políticas de gestión del

⁴² Departamento de Derecho y Ciencia Política. Universidad Nacional de La Matanza (UNLaM). abelina.acosta@yahoo.com.ar.

mismo. Entonces, un parámetro para determinar las problemáticas devenidas del uso y apropiación de los recursos naturales en los Esteros del Iberá es el análisis de los conflictos. Y dentro del conflicto territorial consideramos al conflicto ambiental como una parte del mismo. A este respecto, la socióloga Gabriela Merlinsky (2013) define a los conflictos ambientales como la representación de focos de disputa de carácter político que generan tensiones en las formas de apropiación, producción, distribución y gestión de los recursos naturales en cada comunidad. De este modo, entran en juego las relaciones de poder que facilitan el acceso a esos recursos a algunos actores, mientras que otros quedan excluidos de su utilización.

En consecuencia, el presente trabajo busca analizar la conservación y valoración de los Esteros del Iberá que protagonizan transformaciones territoriales y tensiones en dicho humedal.

Las entrevistas a distintos actores sociales, la observación participante y las consultas a documentos oficiales y noticias constituyen herramientas de la metodología cualitativa seleccionada. Se aplicó el enfoque etnográfico porque nos interesa conocer la realidad desde la mirada de los actores que viven en el territorio en estudio y es ciertamente la etnografía una concepción y práctica de conocimiento que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros, a la vez de ser el conjunto de actividades que se suele designar como “trabajo de campo” (Guber 2001).

Los procesos descriptos visibilizan que los Esteros del Iberá constituyen un territorio en construcción, en movimiento, en permanente cambio (Haesbaert, 2013; Porto Gonçalves, 2015), ya que los intentos de apropiación del mismo para obtener poder sobre el territorio, se han traducido en procesos de reterritorialización que han ocasionado conflictos que plantean nuevas aristas (Porto Gonçalves, 2015).

En definitiva, el uso del territorio de los Esteros a partir de su definición como humedal trae aparejadas consecuencias en el plano político, social y cultural.

Palabras clave: humedal, conservación, relaciones de poder, tensiones, Esteros del Iberá.

EXPANSIÓN DE ÁREAS NATURALES PROTEGIDAS EN ARGENTINA 1990-2021: ¿UN MODELO DE ACAPARAMIENTO VERDE DE TIERRAS?

Ponencia

Pohl Schnake Verónica⁴³

A medida que la presión sobre los bienes comunes naturales se ha intensificado, se asiste no sólo a la expansión de áreas naturales protegidas, sino también a una creciente crítica a los modelos convencionales de proteger ecosistemas considerados valiosos.

La presente propuesta, desde una concepción de la Geografía crítica y Ecología Política, tiene por objetivo plantear el debate en torno a la creciente expansión de áreas naturales protegidas, particularmente en nuestro país. En primer lugar se realiza un breve recorrido respecto a las críticas al modelo tradicional de áreas naturales de conservación. Luego se aporta una caracterización de las distintas perspectivas de análisis vigentes y en tercer lugar se avanza en una propuesta de abordaje de los procesos de conformación de áreas naturales protegidas a la luz del denominado “acaparamiento verde de tierras” focalizando en los procesos de des- reterritorialización y multiterritorialidad que conllevan. Contribución que es ilustrada a partir de la selección de tres casos en Argentina: Parque Nacional Iberá, Parque Nacional Patagonia y Proyecto Península Mitre.

Considerando diferentes trabajos abocados al estudio crítico de las áreas de conservación es posible distinguir al menos cuatro perspectivas analíticas, a las cuales propongo denominar 1- estudios clásicos, 2-paisajes duales, 3-conflictos ecológicos distributivos y 4-acaparamiento verde.

Entre los **estudios clásicos** se reconoce la serie de trabajos que apuntan básicamente al relato histórico de su conformación, aspectos legales e institucionales, o aquellos que abordan los conflictos socioambientales en torno a los mismos cuestionando centralmente los modelos de gestión, sin propugnar por cambios amplios y profundos, más allá de la conservación como eje central. Se pueden mencionar los trabajos de Wakild, Buchinger desde The Nature Conservancy (TNC), entre otros.

La segunda línea, **paisajes duales**, se nutre de aquellos trabajos que realizan una crítica a los enfoques de conservación convencionales a partir de considerar que estos desconocen las fuerzas más amplias que causan daños ambientales e, incluso, de ser parte de la misma estrategia que propone zonas protegidas (Chatty y Colchester, 2002; Carlos Santos, 2014).

Desde la perspectiva de la **ecología política**, existen trabajos que focalizan en los conflictos ecológicos distributivos en torno a las áreas naturales protegidas. Señalan el valor del conocimiento tradicional y el manejo de los recursos naturales basados en la comunidad (Posey 1999; Roe et al. 2000), los que analizan los impactos sociales de la imposición de áreas protegidas en los pueblos indígenas. Se enfatiza en la co-evolución de los pueblos y sus ecosistemas (Astelarra, de la Cal y Domínguez, 2017). Vargas en México analiza la ecología política de las áreas comunitarias conservadas (Vargas, 2015).

En el cuarto enfoque, la perspectiva del **acaparamiento verde** de tierras, los estudios se focalizan en el control privado de tierras, agua y otros recursos a gran escala que se justifican y expanden bajo el pretexto de la conservación ambiental, involucrando tierras privadas y públicas. Se utilizan argumentos como la protección de biodiversidad, vida silvestre, bosques, paisajes singulares, servicios ecosistémicos

⁴³ Centro de Investigaciones Geográficas / Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) veropohls@gmail.com

cos, etc. En esta perspectiva cabe destacar el trabajo de la Rocheleau, geógrafa francesa quien realizó estudios en la zona de Chiapas. También se reconocen algunas referencias y estadísticas, particularmente en estudios de América Latina y Caribe realizados en el marco de la FAO.

No obstante, la mayoría de los trabajos referidos al acaparamiento verde de tierras en América Latina están relacionados a la captura de carbono. En nuestro país, recién en los últimos años se comienzan a relacionar las áreas protegidas, acaparamiento verde y procesos territoriales (Pohl Schnake y Vallejos, 2017, 2018, 2019; Coppiarolo, Pohl Schnake, et al, 2018).

Como parte de los avances de investigación, la presente propuesta aporta una perspectiva de análisis del proceso de conformación de áreas naturales protegidas, que retoma los avances teóricos en torno al concepto de acaparamiento verde de tierras, desarrollos desde la ecología política, tales como el concepto de conflictos ecológico-distributivos y las contribuciones de Haesbaert respecto a los procesos de des-reterritorialización y multiterritorialidad.

En distintas partes del mundo, organizaciones internacionales como WWF (World Wildlife Fund), CI (Conservación Internacional) y TNC (The Nature Conservancy) participan activamente en la promoción de parques nacionales convocando magnates de diferentes lugares, quienes compran grandes extensiones de tierras para luego donarlas con fines declarados de conservación. Ejemplos de ello ocurren en la región Patagónica de Argentina y Chile, región Amazónica de Brasil y Ecuador, entre otros. Una comprensión ampliada del acaparamiento de tierras hace referencia al “acopio de poder para controlar las tierras y otros recursos asociados a ella, como el agua, con el objetivo de obtener beneficios” (Borras Jr. et al. 2013: 79-80). El acaparamiento del control se manifiesta bajo diversas formas, que incluyen la acumulación de tierras, virtual acopio de aguas, y “acaparamiento verde”. Este último concepto identifica a aquellas acciones de apropiación que se justifican bajo una agenda ambiental, que incluye reservas naturales, programas destinados al secuestro de carbono, entre otros (Vidal, 2008; Fairhead, Leach y Scoones, 2012). Implica la toma del control respecto al uso del territorio y decisión sobre los bienes comunes en nombre de la conservación o “valores verdes” (FUHEM, 2013:15).

Al respecto, autores como Nowak (2013: 249), señalan que en estos casos de acaparamiento de tierras, la población local también suele ser afectada de manera negativa, generándose procesos de des-territorialización, es decir, pérdida de control del territorio que conllevan despojo, desplazamiento y cercamiento.

Metodológicamente se ha realizado un relevamiento y análisis de estadísticas, cartografía, normativa y bibliografía nacional y extranjera en torno a las áreas de conservación y su abordaje teórico-conceptual. Observación en terreno y realización de entrevistas a referentes locales.

A partir de la selección de los casos mencionados- Parque Nacional Iberá, Parque Nacional Patagonia y Proyecto Península Mitre - se identifican las principales características en los procesos de conformación de estas áreas protegidas, los conflictos ecológicos distributivos en torno a los bienes comunes implicados, principales actores sociales involucrados, procesos de des - reterritorialización y multiterritorialidad. De este modo se avanza en el reconocimiento preliminar de un modelo que se replica en distintas regiones de nuestro país, los cuales tendrían similitudes en otras partes del mundo.

Palabras clave: bienes comunes, des-reterritorialización, ecología política, conflictos socioambientales, parques nacionales

“¿UN ÁREA PROTEGIDA O UN PARQUE DE DIVERSIONES?” EL CASO DEL PARQUE NACIONAL LOS GLACIARES, PROVINCIA DE SANTA CRUZ.

Ponencia

Ponzi Brenda⁴⁴

En Patagonia Sur, Argentina, gran parte de las áreas protegidas nacionales fueron creadas con objetivos geopolíticos de defensa y de conservación. La reestructuración capitalista experimentada en las últimas décadas incidió en la profundización del proceso de privatización de estos bienes públicos en el marco de su promoción turística. Esto trajo como consecuencia la convergencia de múltiples agentes que le disputan el ejercicio de poder a la Administración de Parques Nacionales (APN). Particularmente en el caso del Parque Nacional Los Glaciares (provincia de Santa Cruz), se analizaron las estrategias de tipo relacional, normativa y material de dos empresas de turismo, con el fin de territorializar sus proyectos de territorio entre 1980 y 2020.

El estudio se aborda desde la Geografía Crítica y la Ecología Política, a partir del análisis y la utilización de los conceptos de avance de fronteras de mercantilización de la naturaleza (Moore, 2020), territorialidad, territorialización y procesos de exclusión territorial (Haesbaert, 2007, 2014), entre otras ideas referentes al modo de producción, la agencia y el poder (Harvey, 2004; Latour, 2012; Raffestin, 1993). Para la realización de este trabajo, se han adoptado metodologías cualitativas con técnicas de observación participante, entrevistas en profundidad y revisión documental, fundamentalmente centradas en aspectos normativos.

Por un lado, la familia Fernández Campbell constituye la primera empresa que inicia sus acciones en el Lago Argentino. En el año 1977 gana la licitación 41 para la realización del servicio público de transporte de pasajeros y comienza a operar a partir del año 1981. Durante la década de 1980, es la única empresa que opera en este lago. En 1995, Fernández Campbell solicita autorización para la realización de una excursión alternativa debido al gran número de bloques de hielo que impiden el acceso a los Brazos Upsala, Spegazzini y Bahía Onelli. Este hecho se constituye como uno de los primeros antecedentes que permiten la modificación de pliegos ya elaborados de acuerdo a las necesidades empresariales, bajo el argumento de mantener la oferta adecuada de servicios para avanzar sobre áreas aún no explotadas turísticamente.

La década de 2000 se caracteriza por una disputa continua entre la empresa y APN, la presión para el cumplimiento de las obligaciones pactadas, el fin de la concesión y su habilitación mediante numerosos permisos turísticos, que dio inicio a una etapa de oligopolio en lo que respecta al aprovechamiento de las cuencas lacustres. Luego del fin de la concesión en 2005, la empresa continúa operando a través de permisos turísticos provisorios. En 2008, sus hijos constituyen Solo Patagonia S.A. y en 2011 ofrecen los servicios náuticos hasta el llamado a licitación. La empresa la gana en 2014 y avanza sobre la naturaleza del AP, al involucrar un área frente al glaciar Spegazzini que no había sido apropiada aún, construyendo un nuevo restaurante solo para aquellos visitantes que contraten su excursión lacustre. Por otro lado, la empresa Nativos de la Patagonia es otro de los agentes cuya presencia dentro del Parque es necesario analizar. Entre 2004 y 2005 se celebra un convenio entre APN y Santa Cruz,

⁴⁴ Geógrafa y becaria doctoral del CIT Santa Cruz (CONICET-UNPA-UTN). Integrante del grupo ESTEPES. brendaponzi@gmail.com

en el cual se otorga a la provincia una superficie en comodato para el desarrollo y la mantención de la infraestructura de la Unidad Turística Ventisquero Moreno. En el mes de diciembre de 2004, se presenta la iniciativa privada para la construcción, explotación y mantenimiento de la Unidad, declarada de interés público por decreto provincial n° 90/2005. Al mes siguiente, la provincia opta por una Licitación Pública y en septiembre emite el decreto n°2059 por el cual aprueba el pliego de la licitación pública n°02/2005 a pedido de la empresa 5M, Sucesores de René Fernández Campbell y Roberto Schupbach. Por decreto provincial n°2700 se otorga la licitación a las mismas empresas que presentaron la iniciativa. Entre 2015 y 2018, se detectan numerosos incumplimientos tanto por la empresa como por la provincia. Una de las grandes obligaciones contraídas y no cumplidas, fue el acondicionamiento de las pasarelas que se encuentran frente al glaciar Perito Moreno. En el año 2020, la provincia anuncia que utilizará los fondos UNIRSE para el acondicionamiento de las pasarelas y el estacionamiento. Estos fondos se constituyen con el aporte de las empresas mineras en el marco de la Responsabilidad Social Empresaria. Entre las aportantes, figuran Minera Santa Cruz S.A., Cerro Vanguardia S.A., Newmont y Oroplata S.A. Al margen de las obligaciones contraídas por la empresa y la utilización de fondos públicos para cubrir sus deudas, su uso resulta controversial por dos cuestiones: por un lado, implica un posicionamiento favorable de APN hacia una actividad considerada como amenaza dentro del mismo Plan de Gestión del AP y, por el otro, el fondo ha recibido denuncias por su escasa transparencia y el desfinanciamiento que supondría para otras instituciones, como FOMICRUZ.

En síntesis, los resultados obtenidos nos permiten indicar que estos agentes turísticos han recibido licitaciones tanto de la provincia de Santa Cruz como del Estado Argentino, elaboradas a la medida de sus objetivos, lo cual da cuenta de su capacidad de agenciamiento espacial y su poder. De acuerdo al análisis de sus estrategias, se pudo observar que las empresas han establecido alianzas con otros agentes preexistentes y diversos órganos de gobierno; han incidido directamente en la producción normativa y modificando permanentemente su razón social; y, finalmente, han privatizado espacios públicos mediante la colocación de precios a las excursiones y servicios que ofrecen, generando espacios exclusivos dentro de un área que en si misma ya ha experimentado una exclusión territorial. Es decir, en el marco de un modo de producción capitalista se ha avanzado con la mercantilización de la naturaleza y los procesos de desposesión dentro del PN Los Glaciares.

Palabras claves: territorialización, poder, empresas de turismo, Administración de Parques Nacionales

ALTERNATIVAS AL DESARROLLO Y RE-EXISTENCIAS INDÍGENAS CAMPESINAS PARA LA SUSTENTABILIDAD INTEGRAL DEL SURESTE VERACRUZANO (MÉXICO)

Ponencia

Moreno Arriba Jesús⁴⁵

La Sierra de Santa Marta es uno de los dos macizos volcánicos, localizados sobre el litoral del Golfo de México, que configuran la región de Los Tuxtlas, en el sureste del estado mexicano de Veracruz. En este territorio mesoamericano, durante décadas ha prevalecido un proceso denominado *subdesarrollo sostenido* (Chevalier y Buckles, 1995:126)⁴⁶/*maldesarrollo* (Amin, 1990⁴⁷; Slim, 1998⁴⁸; Tortosa, 2001⁴⁹). Esta noción hace referencia a aquellas políticas públicas/gubernamentales –federales y estatales– basadas en el fomento de programas de *ganaderización* y *extractivismo* forestal, con un eminente carácter productivista y asistencialista/paternalista, dependientes de insumos externos.

Estas actuaciones gubernativas han dejado como secuela actitudes de dependencia en las poblaciones campesinas locales, tanto indígenas como mestizas, junto a un grave deterioro de la biodiversidad del medio socio-ecológico/eco-cultural local; resultado de las grandes transformaciones socio-naturales derivadas del intenso ritmo de colonización antrópica y ganadera. A su vez, la creciente densificación demográfica está provocando graves problemas de *sobrepoblación* en un medio rural de inestimable valor ecológico, pero frágil equilibrio socio-ambiental. Así, entre otras importantes alteraciones eco-sociales, la pobreza, la presión antrópica sobre los recursos naturales endógenos, la vulnerabilidad del campesinado, los bajos índices de desarrollo humano (IDH) de las comunidades indígenas campesinas de *nahuas* y *popolucas* y los subsecuentes procesos de *emigración-expulsión* de la población local, son fenómenos que adquieren gran trascendencia socio-territorial.

Por tanto, resulta apremiante encontrar alternativas posibles al desarrollo oficial hegemónico que puedan mejorar la precaria realidad de las comunidades indígenas campesinas – poblaciones étnicamente mayoritarias dentro de la Reserva de la Biosfera de Los Tuxtlas (RBLT)–, en cuanto a su *sustentabilidad integral*⁵⁰ (ecológica, económica y social).

En consecuencia, el objetivo esencial de este trabajo de investigación es buscar alternativas eco-culturales otras que coadyuven a mitigar esta compleja situación del medio natural y las poblaciones de la RBLT, y su entorno de referencia. En este acuciante contexto socio-natural, otros objetivos generales de esta investigación son estos:

⁴⁵ Profesor asociado. Departamento de Geografía. Facultad de Geografía e Historia. Universidad de Salamanca. jmorenoarriba@usal.es

⁴⁶ Chevalier, J. y Buckles, D. (1995). *Land without Gods: Process Theory. Maldevelopment, and the Mexican Nahuas*. Londres: Zed Books.

⁴⁷ Amin, S. (1990). *Maldevelopment. Anatomy of a Global Failure*. Londres: Zed Books.

⁴⁸ Slim, H. (1998). ¿Qué es el desarrollo?. En M.B. Anderson (Presid.), *Desarrollo y diversidad social* (pp. 65- 70). Barcelona: Icaria.

⁴⁹ Tortosa, J.M. (2001). *El juego global: maldesarrollo y pobreza en el sistema mundial*. Barcelona: Icaria.

⁵⁰ Jiménez Herrero, L.M. (2000). *Desarrollo sostenible. Transición hacia la coevolución global*. Madrid: Pirámide.

1º) Identificar una muestra significativa de los proyectos no gubernamentales que se desarrollan desde la década final del siglo XX en la gestión de recursos naturales y agrosilvopastoriles en la Sierra de Santa Marta.

2º) Definir en qué posible medida estos proyectos no gubernamentales constituyen un ejemplo de prácticas más adecuadas para la gestión de los recursos naturales endógenos locales, y que puedan contribuir hasta cierto punto a mejorar la crítica situación actual de estas comunidades campesinas de la Sierra de Santa Marta y Los Tuxtlas.

3º) Constatar la oportunidad de replicar estos modelos de desarrollo contrahegemónicos, con cierto éxito en las comunidades indígenas campesinas del sureste veracruzano, para contrarrestar las perturbaciones socio-ambientales derivadas de procesos de *maldesarrollo/subdesarrollo sostenido* en otras escalas geográficas.

Con estos propósitos, desde una perspectiva transdisciplinar, que conjuga aspectos científicos de Ciencias Sociales modernas, holísticas, integradoras de las Ciencias Humanas y las Ciencias Naturales y eminentemente aplicadas como la Geografía, la Antropología o la Historia Ambiental, en este trabajo, sustentado en una metodología de investigación cualitativa, tras una exhaustiva revisión bibliográfica y documental en torno al área geográfica y las temáticas/problemáticas objeto de estudio, se han implementado varias técnicas etnográficas (observación participante, etc.). Conjuntamente, se han compartido entrevistas abiertas y semiestructuradas con los diversos actores/agentes sociales sujetos de estudio.

De esta forma, se han identificado, documentado, *etnografiado* y analizado un conjunto de cinco proyectos alternativos no gubernamentales de gestión de recursos naturales y agrosilvopastoriles, surgidos desde organizaciones civiles y ONG, vinculadas al Ambientalismo Social Mexicano, en *colaboración participativa e intercultural* con las poblaciones campesina locales, tanto indígenas como mestizas.

En el vigente contexto geopolítico de gestión de los recursos naturales hídricos en la Sierra de Santa Marta, caracterizado por una conflictiva gobernanza socio-ambiental entre el campo, organizado en comités intercomunitarios de cooperativas agroforestales indígenas, y los organismos socio-políticos operadores del agua en las grandes aglomeraciones urbanas petroquímicas del Sur de Veracruz, esta propuesta de comunicación se centra en el estudio de estas experiencias alternativas no gubernamentales, a la vez que en los procesos contemporáneos de *resiliencias, resistencias y re-existencias* campesinas indígenas.

Desde un enfoque *holístico de cuenca hidrográfica*, estas iniciativas fomentan prácticas socio-ecológicas/eco-culturales cimentadas en conceptos, teorías y modelos de desarrollo emergentes y alternativos como el *etnodesarrollo*, la *participación*, el *empoderamiento*, la *interculturalidad*, el/la *diálogo/ecología de saberes*, la *ecología política*, la *agroecología* o las teorías posibilistas de Ostrom para el *gobierno de los bienes comunes*, desde un enfoque de sustentabilidad integral (ecológica, económica y social).

Todas estas propuestas impulsan la adopción de un conjunto de *prácticas socio-ecológicas* bastante más respetuosas con el medio socio-ambiental que las ejecutadas hasta entonces en la región desde las políticas públicas/gubernamentales. Además, comparten el objetivo de implementar, junto con las comunidades campesinas locales, alternativas agroecológicas que amortigüen la curva ascendente de destrucción de la biodiversidad; así como de sentar las bases para transitar hacia un modelo de desarrollo socio-territorial endógeno, cooperativo e intercultural, más justo, humano, integral y sustentable (ecológica, económica y socio-culturalmente).

En este sentido, frente al *maldesarrollo/subdesarrollo sostenido*, este trabajo pone de relieve que estos proyectos contribuyen a disminuir la pobreza campesina, la reforestación y/o a reducir la vulnerabilidad agraria; generando avances en un *desarrollo humano*, entendido como mejora en la calidad de vida integral de las personas beneficiarias de sus programas, y un cierto *empoderamiento* del campesinado

con *enfoque de género*. Ello lleva a advertir que la construcción de *alternativas otras* y de *nuevos paradigmas reales* al desarrollo convencional, debe ser un objetivo socio-científico prioritario e inaplazable a escalas socio- espaciales internacionales, estatales, regionales o locales de las Geografías académicas y/o profesionales en el marco de la Agenda 2030 y los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS).

Palabras clave: Políticas públicas desarrollistas – maldesarrollo/subdesarrollo sostenido – re- existencias indígenas campesinas – alternativas al desarrollo – sustentabilidad integral.

CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES: RESISTENCIAS Y ALTERNATIVAS COMO HORIZONTE- CAMINANDO HACIA EL BUEN VIVIR -

Ponencia

*Coppiarolo Lorena;
Maraggi Inés⁵¹;
Díaz Matías;
Mantegna Sebastián;
del Llano Tatiana⁵².*

El presente trabajo surge como iniciativa de un conversatorio realizado en marzo 2021 y constituye un aporte desde el proyecto de investigación “Conflictos socio-ambientales en Argentina: una construcción desde la intersección entre la Geografía Crítica y la Ecología Política Latinoamericana” con sede en el CIG - IdIHCS - CONICET - UNLP.

De acuerdo con Porto Gonçalves (2015) desde la academia podemos contribuir a deconstruir la visión hegemónica. Para ello “hay que escuchar, escuchar significa acercarse, aproximarse y al mismo tiempo dejar hablar” (2015:260). El conversatorio constituyó un espacio para que otras voces puedan ser escuchadas, ya que “cuanto más uno escuche esas voces, más va a tener elementos para esa crítica” (2015:260).

En este sentido, motivados por un “diálogo de saberes” (Leff, 2006), desde un enfoque de la Ecología Política Latinoamericana y la Geografía Crítica, este aporte tiene como objetivo analizar y visibilizar tres experiencias situadas de resistencias y alternativas al actual modelo de apropiación y transformación de la naturaleza, vinculadas a la degradación de humedales, la explotación minera a cielo abierto y los pueblos fumigados, desde donde emergen respuestas a la actual crisis ambiental. De acuerdo con Leff (2006), “el saber ambiental que de allí emerge interroga las causas de esta crisis y las perspectivas de un futuro sustentable posible, conduciendo la construcción de una racionalidad alternativa, fuera del campo de la metafísica y de la ciencia moderna que han producido un mundo insustentable” (2006:2). Autores como Ochoa García, Tetreault y Hernández (2012) sostienen que “en las comunidades marginadas a lo largo y ancho del país, organizaciones populares emergen para proteger el medio ambiente, la salud y los medios de vida que las sostienen. Estas forman alianzas con organizaciones no gubernamentales (ONG), universidades y otros sectores de la sociedad civil, con lo que constituyen movimientos socioambientales de raíz local que se articulan a redes nacionales e internacionales, para dar a conocer su lucha, facilitar el intercambio de ideas y experiencias, formular demandas colectivas y proveer apoyo mutuo y solidario” (2012:13).

En términos de Santos (1993) “la mundialización del espacio geográfico” ha contribuido a intensificar los procesos de degradación ambiental. En un escenario de expansión y consolidación de los mecanismos de explotación de la naturaleza por el capital transnacional, los pueblos de Latinoamérica afrontan múltiples desafíos derivados de las contradicciones, desigualdades e injusticias inherentes al modelo de producción capitalista. La racionalidad económica de los actores que llevan adelante actividades extractivas de la naturaleza, en la mayoría de los casos ligados a lógicas globales de acumu-

⁵¹ CIG- IdIHCS- CONICET-UNLP / LINTA - CICPBA - nequimaraggi@yahoo.com.ar

⁵² CIG- IdIHCS- CONICET-UNLP- lcoppiarolo@gmail.com; matiassebastiangeo@gmail.com; mantegnasebastian@gmail.com; tatiandellano@gmail.com

lación de capital, entra en disputa con otras racionalidades alternativas de actores locales. De ahí que la cuestión ambiental sea intrínsecamente conflictiva.

Como señala Acselrad (2004), en su proceso de reproducción, las sociedades confrontan por sus proyectos, sentidos y fines asociados a los bienes comunes. En esta línea, los conflictos socioambientales involucran actores con diferenciales modos de apropiación, uso y significación del territorio; y se originan cuando las formas de apropiación de un grupo se ven amenazadas por las prácticas desarrolladas por otro grupo (Acselrad, 2004). En este sentido, para que ocurra un conflicto, además de existir diferentes posicionamientos en torno al desarrollo de una determinada actividad, tiene que haber una disputa entre esos posicionamientos.

Recuperando a Mançano Fernandes (2005), la transformación de un espacio en territorio se da por medio de la conflictualidad, definida como “el estado permanente de enfrentamientos entre las fuerzas políticas que procuran crear, conquistar y controlar sus territorios” (2005:278). De esta manera se observa que, en las disputas devenidas en conflictos socioambientales, lo que está en juego es la apropiación material y simbólica del territorio.

Siguiendo a Martínez Alier (1997), se propone abordar los conflictos socioambientales en términos ecológicos distributivos, donde la distribución ecológica se refiere a (...) “las asimetrías o desigualdades sociales, espaciales y temporales en el uso que hacen los humanos de los recursos y servicios ambientales, comercializados o no, por ejemplo, la degradación de recursos naturales (incluyendo la pérdida de biodiversidad), o las cargas de contaminación” (1997:44). En esta misma línea, Leff (2006) considera que la distribución ecológica “se refiere a la repartición desigual de los costos y potenciales ecológicos, de esas externalidades económicas que son inconmensurables con los valores del mercado, pero que se asumen como nuevos costos a ser internalizados por la vía de los instrumentos económicos, de normas ecológicas o de los movimientos sociales que surgen y se multiplican en respuesta al deterioro del ambiente y la reapropiación de la naturaleza” (2006:23).

Para alcanzar el objetivo de este trabajo se articularon fuentes de información primarias y secundarias. Se comenzó con un breve relevamiento bibliográfico que da cuenta de la complementariedad para el análisis de los conflictos socioambientales de los conceptos geográficos, particularmente territorio y territorialidades, redes y escalas, y el abordaje que desde la Ecología Política se realiza de los conflictos ambientales en términos de distribución ecológica. En segundo lugar, se relevaron páginas web de los movimientos socioambientales entrevistados, lo cual contribuyó a la documentación de los orígenes, integrantes, principales reivindicaciones, trayectorias, a quienes van dirigidas sus principales demandas, estrategias de acción, entre otras dimensiones constitutivas de los movimientos. De manera complementaria, se analizaron las entrevistas realizadas en el marco del conversatorio, junto con otros testimonios recabados, en función de tres ejes 1- Conformación del movimiento u organización. 2- Participación en redes y articulación con otros actores sociales. 3- Elementos y obstáculos en la construcción de alternativas al modelo dominante. Por último, y a modo de aporte, se reflexionó en el reconocimiento del potencial transformador de las resistencias de los movimientos socioambientales en la construcción de alternativas al actual modelo de apropiación y transformación de la naturaleza.

Palabras clave: Conflictos socioambientales, Movimientos socioambientales, Resistencias y Alternativas

TRANSFORMACIONES TERRITORIALES Y EMPRENDIMIENTOS AGROECOLÓGICOS EN EL PERIURBANO PLATENSE -UN ABORDAJE DESDE SU DIMENSIÓN AMBIENTAL-

Ponencia

del Llano Tatiana⁵³

A escala mundial en la actual etapa del capitalismo, con el fin de maximizar las ganancias, se está llevando adelante una depredación de la naturaleza sin precedentes Harvey (2017). El agronegocio inserto en este sistema capitalista, produce *commodities* y otros bienes comercializables a nivel global, pero no alimentos. De este modo se disocia a la naturaleza de la sociedad, considerando a la primera como un simple objeto cuya finalidad es ser explotada para lograr ganancias y beneficios. Es por eso que, lejos de acabar con los problemas del hambre, y la subalimentación, como se esperaba luego de las revoluciones verde y biotecnológica, se siguen incrementando. Además de generar otros conflictos ambientales, como la afectación a la salud, el deterioro del suelo, el uso suntuoso del agua, el deterioro de la forma de vida de los productores y su reproducción económica y social.

En contraposición a esto y guardando un compromiso con la unidad naturaleza-sociedad, surgen en las últimas décadas propuestas agroecológicas, como alternativas al modelo dominante. Las mismas, recuperan maneras de producir tradicionales e incluso ancestrales, y enarbolan conceptos como la soberanía alimentaria. Estos emprendimientos intentan sortear las dificultades y resolver los obstáculos, como son la comercialización y el acceso a la tierra; así como potenciar sus estrategias, a través de todo tipo de saberes, y dar respuesta a la creciente demanda urbana de alimentos sanos.

El objetivo de esta presentación es compartir avances de investigación en torno a los emprendimientos agroecológicos y transformaciones territoriales en el periurbano platense en los últimos 15 años. Considerando la dimensión ambiental del territorio se focaliza en las transformaciones territoriales vinculadas a la obtención de beneficios a partir de los bienes comunes, al manejo del suelo, preservación de la biodiversidad, selección de semillas-cultivos y erradicación de agroquímicos.

Haesbaert (2009) sostiene que “el territorio es espacio geográfico, así como lo es el lugar, el ambiente, el paisaje y la región. Todos estos términos forman parte de una misma “constelación de conceptos”, propios de la geografía. Sin embargo, cada uno “focaliza” sobre alguna de las dimensiones del espacio. Continuando con el mismo autor, el territorio posee una doble connotación, material y simbólica, a la vez que lleva implícitas a las redes.

Desde la Geografía existen numerosas contribuciones que plantean la dimensión ambiental del territorio, ya sea al analizar la naturaleza como soporte de la vida, la sustentabilidad y la gestión de recursos naturales, la transformación de los sistemas naturales y sus consecuencias. Incorporan temas como las formas de manejo de recursos naturales y servicios ambientales; valoración económica y cultural; patrimonio natural y turismo, protección y conservación, consecuencias ambientales en términos de impactos, riesgo, planificación, gestión integral y ordenamiento ambiental del territorio.

Iglesias sostiene que “la dimensión ambiental del territorio alude a la representación que resulta de las interacciones históricas entre el sistema biofísico y el cultural. El resultado son los diferentes tipos

⁵³ Centro de Investigaciones Geográficas / Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) - tatianaldellano@gmail.com

de configuración territorial que adopta el aparato social, de modo que cada cultura crea su ambiente” (2006:31)

Más recientemente, y a partir de las contribuciones desde la ecología política, se reconocen estudios relacionados a los conflictos socioambientales, particularmente en los casos de minería a cielo abierto, agriculturización. En esta última línea, Pohl Schnake y Coppiarolo (2018), desde una visión de la Geografía Crítica y Ecología Política, entienden que “El ambiente, abordado como una dimensión del territorio, coloca el foco en el uso y apropiación de los elementos y funciones de la naturaleza y sus consecuencias. Da cuenta de la unidad sociedad/naturaleza y apropiación diferencial de esta última en términos ecológicos distributivos. Sin embargo, como señala Mançano Fernandes (2008), privilegiar la dimensión ambiental del territorio, no significa ignorar sus múltiples dimensiones.

El sector hortícola platense es el más importante del Cinturón Verde del Área Metropolitana de Buenos Aires, aportando el 46,15% de la superficie productiva, que a su vez representa el 25,15% de la superficie hortícola total de la Provincia de Buenos Aires (Nieto, 2016). Por lo tanto, es de gran importancia a nivel país, no sólo por el peso de su producción, sino también por su historia. Sondeos preliminares permiten identificar el inicio de los emprendimientos agroecológicos en este cinturón en el primer lustro del presente siglo.

Asimismo, se reconoce la importancia de la participación de los productores en redes, constituidas por movimientos, organizaciones, organismos del Estado e instituciones académicas. en el marco de esta participación llevan adelante distintas estrategias, entendidas como la manera de sortear o superar obstáculos, - reconocidos como limitantes por los autores antes mencionados (Shoaie Baker y García, 2020) -, entre estos, comercialización, desconocimiento de manejo agroecológico, falta de acceso a la tierra, dependencia de insumos importados.

Debido a la relevancia que tienen dentro del área de estudio, se focaliza como unidad de análisis en los emprendimientos productivos que participan en la Unión de trabajadores de la Tierra y el Movimiento de trabajadores excluidos (rama rural).

Metodológicamente se combinan herramientas de análisis cuantitativo y cualitativo. Se parte de la revisión de fuentes secundarias, tales como bibliografía, artículos periodísticos, normativa vigente y proyectos en curso, páginas web de las organizaciones sociales y emprendimientos. Entre las técnicas se recurre a la observación participante en reuniones de la UTT (Unión de trabajadores de la Tierra) y el MTE (Movimiento de trabajadores excluidos) y entrevistas semi estructuradas a informantes claves. También encuestas semiestructuradas, cartografía y análisis mediante utilización de SIG integrando información relevada y aquella disponible a través de mapas colaborativos.

Palabras Clave: Emprendimientos agroecológicos, Transformaciones territoriales, naturaleza-sociedad, Dimensión ambiental del territorio

LA PRODUCTIVIDAD DEL CONFLICTO AMBIENTAL: EL CASO DE LA COMUNIDAD RURAL DE PUERTO PIRAY KM 18, MISIONES FRENTE A ARAUCO S.A (EX ALTO PARANÁ S.A)

Ponencia

López Beneitez Manuel⁵⁴,
Zurueta Alfonsina⁵⁵,
Papasodaro Federico⁵⁶

Los conflictos socioambientales pueden entenderse como disputas políticas sobre las formas y los modos diferenciados de apropiación, producción, uso y significación de los bienes naturales que se despliegan en un determinado territorio. Toledo (2011) menciona que “el conflicto ambiental se origina cuando la territorialidad de un actor niega o constriñe el uso, la apropiación o el significado atribuido a la naturaleza por parte de otro actor. Se advierte así que en toda disputa de distribución ecológica está en juego un territorio.” En términos de Haesbaert (2007), “el territorio puede ser concebido a partir de la imbricación de múltiples relaciones de poder, del poder más material de las relaciones económico-políticas al poder más simbólico de las relaciones de orden más estrictamente cultural”. A partir de la territorialización de los distintos actores, tanto hegemónicos como subalternos, surgen distintas dinámicas de confrontación, integración o construcción colectiva. Ante el conflicto socioambiental, se adoptan estrategias, se construyen herramientas de disputa y se generan nuevas formas de organización social. Estas resistencias permiten visualizar las desiguales relaciones de poder existentes entre los actores del conflicto.

Nuestro objetivo en la presente ponencia es dar cuenta del análisis de la productividad del conflicto socioambiental de los Productores Independientes de Puerto Piray (PIP), que reclaman por el acceso a la tierra y disputan el modelo del agronegocio forestal de la transnacional Arauco S.A (ex Alto Paraná S.A). Este caso de estudio situado en la localidad de Puerto Piray km18, provincia de Misiones, permite comprender aspectos sociales complejos relacionados con el modo de producción foresto-industrial que impera en la región. En una primera instancia realizamos una breve descripción histórica de los cambios en los modelos productivos forestales en la provincia de Misiones y puntualmente cómo estos procesos incidieron en la comunidad de Puerto Piray km18. Es central el concepto denominado por David Harvey (2005) *acumulación por desposesión*, el cual permite analizar las relaciones de poder por medio del análisis de las dinámicas del capital transnacional sobre el territorio, en torno al mencionado conflicto socioambiental. A partir de esto damos cuenta de las dinámicas del agronegocio forestal, abordadas por Delia Ramirez (2019) de *acaparamiento y arrinconamiento*. Se entiende al arrinconamiento como el proceso en el cual las poblaciones rurales son rodeadas por plantaciones forestales y poseen escasa o nula integración con otros pueblos y ciudades, y al acaparamiento como la apropiación de grandes extensiones de tierra por parte del capital trasnacional y su consecuencia en las transformaciones de los regímenes laborales agrarios. En este sentido hacemos foco en el proceso de extranjerización de la tierra, que en el caso de Misiones se visualiza a través de la posesión y control sobre grandes extensiones del territorio por empresas transnacionales, como sucede en el municipio de Puerto Piray, donde Arauco S.A es propietaria del 63% de su superficie.

⁵⁴ Ingeniería Forestal, FCAyF, UNLP, Argentina. manu.lopezbencitez@gmail.com

⁵⁵ Licenciatura y Profesorado en Geografía, FaHCE, UNLP, Argentina. alfonzurueta@gmail.com

⁵⁶ Ingeniería Forestal, FCAyF, UNLP, Argentina. fede.ftal@gmail.com

Este análisis permitió comprender las distintas formas de despojo social y ambiental, así como la apropiación de la tierra que restringe el acceso a la misma. En este sentido, nos interesa mencionar el rol del Estado a nivel nacional a través de la Ley 25.080, “Ley de inversiones para bosques cultivados” que dió lugar a la reproducción y promoción del modelo del agronegocio forestal.

Para comprender en mayor profundidad el conflicto socioambiental, se identificaron las prácticas silviculturales que lleva adelante la empresa transnacional Arauco S.A en sus unidades de manejo. Posteriormente se abordaron las distintas partes del proceso de explotación forestal y las implicancias para el territorio donde tienen lugar: las consecuencias del uso de maquinaria pesada sobre los suelos característicos de la región en la labranza primaria, secundaria y cosecha, el uso de agrotóxicos para control de especies vegetales no deseadas y hormigas, sus métodos de aplicación (mecanizados y manuales), la caracterización de los monocultivos forestales con especies exóticas plantadas (del género *Pinus* y *Eucalyptus*) y los cortos “turnos de corte” de dichas plantaciones.

En segunda instancia se buscó comprender los diversos mecanismos de organización social, alianzas, y formas de lucha construidos por PIP. De este modo, siguiendo a Gabriela Merlinsky (2020) se analizó la *productividad social del conflicto*, desde tres aspectos centrales: productividad territorial, productividad político-institucional y productividad jurídica, y los dispositivos de innovación social que permiten visualizar ideas, transformaciones y propuestas que tiene dicha organización. Esto nos permitió identificar aquellos saldos del conflicto socioambiental, sus consecuencias político-institucionales, los cambios en los lazos sociales y el territorio, en la construcción de conocimiento y la elaboración de nuevos dispositivos de regulación.

Por último vinculamos el análisis de la productividad social del conflicto con los procesos de territorialización-desterritorialización–reterritorialización mencionados por Haesbaert (2011). Hacia el final del texto hemos dejado abiertas algunas preguntas y reflexiones que pueden orientar la discusión sobre los conflictos socioambientales y los modos de producción.

Metodológicamente se utilizaron fuentes secundarias y entrevistas a PIP para reconstruir cómo se desencadenó el conflicto socioambiental y cómo este les dio lugar a otras lógicas de organización colectiva, lucha e incluso a formar parte de la construcción de modelos alternativos de desarrollo.

En el período histórico contemporáneo, comprender los conflictos socioambientales y la consolidación de alternativas asociadas se vuelve importante para la construcción de nuevos modelos de desarrollo: más justos, inclusivos y que pregonen otras formas de vinculación con la naturaleza.

Palabras Clave: Territorio, Acumulación por desposesión, Des-reterritorialización, Plantaciones forestales, Monocultivo de pino.

RESIGNIFICANDO LA BIOGEOGRAFÍA: DIÁLOGOS POSIBLES DESDE UNA GEOGRAFÍA CRÍTICA Y ECOLOGÍA POLÍTICA LATINOAMERICANA

Póster

*Coppiarolo Lorena;
Pérez Ballari Andrea;
Pohl Schnake Verónica;
Vallejos Víctor Hugo y
Zamponi Analía⁵⁷*

De la lectura y análisis de las múltiples definiciones de Biogeografía, podemos destacar que todas ellas tienen en común hacer referencia a la distribución de los seres vivos en el planeta, a las relaciones de éstos con el ambiente en que viven, es decir, de las causas de su distribución y a las modificaciones ocurridas en dicha distribución a lo largo de la historia de la Tierra (Cabrera y Willink, 1973; Strahler y Strahler, 1978; Simmons, 1982; Petagna, 1992; Measa Rodríguez, 2001; García Cordón, 2011). Algunas conceptualizaciones destacan la importancia de los métodos y técnicas de trabajo en la práctica, resaltando sus aportes a la ordenación territorial y gestión. Otras, enfatizan la tríada biodiversidad, bio-conservación y biogeografía (Llorente y Morrone, 2001). García Cordón reconoce que además de la rama ocupada en la descripción y explicación de las distribuciones, la Biogeografía tiene una importante vertiente aplicada, asociada a la ordenación del territorio y al manejo de hábitats y especies (García Codrón, 2011), y podríamos ampliar, haciendo referencia a sus contribuciones en estudios tipo consultoría, particularmente en evaluaciones de impacto ambiental.

Del recorrido por las diferentes definiciones, enfoques y miradas más recientes, surge el objetivo de compartir las reflexiones en torno a las posibilidades de encuentro desde un enfoque geográfico en diálogo con las contribuciones de la Ecología Política Latinoamericana, considerando en la formación académica, los potenciales aportes de la Biogeografía al análisis de las transformaciones territoriales. Encuadre que focaliza en los conflictos ecológicos distributivos que conllevan las interrelaciones de la sociedad con los sistemas naturales a partir de su apropiación diferencial, enfatiza en las alternativas superadoras que se vienen gestando y cobra relevancia el diálogo de saberes.

Se trata de una propuesta que desde el ámbito académico aporte a la formación como profesionales comprometidos con nuestros territorios en el siglo XXI, en un mundo globalizado caracterizado por la celeridad y envergadura de las transformaciones que implica la mercantilización de los elementos y funciones de la naturaleza. Contexto que pone de manifiesto cada vez más la existencia de límites en la capacidad del planeta para asimilar las consecuencias de las actividades productivas, que recaen fundamentalmente en la población más vulnerable. Como expresa Harvey (2015), entre otros autores, el capitalismo crea su propio ecosistema, hoy dominante. No obstante, y esto queremos destacar, también es posible crear ecosistemas alternativos.

En esta transformación de la naturaleza y el territorio, la sociedad como especie humana, es también naturaleza, por ello al modificar la naturaleza, las sociedades se modifican a sí mismas, es decir Naturaleza y Sociedad constituyen una unidad. De allí la importancia de referirnos a la Naturaleza/

⁵⁷ Centro de Investigaciones Geográficas / Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (UNLP - CONICET). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE). Universidad Nacional de La Plata (UNLP) lcoppiarolo@gmail.com veropohls@gmail.com analiazamponi@gmail.com vhvallejos@gmail.com

Sociedad, eliminando la “y”.

Temas que tradicionalmente han formado parte de lo que se enseña en Biogeografía, son resignificados teniendo como eje el enfoque propuesto. De este modo se plantean las discusiones en torno a las valorizaciones de la naturaleza y territorios; los fundamentos que sustentan los debates y críticas en torno a los conceptos de recursos naturales, servicios ambientales y desarrollo sustentable. La comprensión de los factores que explican las distribuciones que conforman las áreas biogeográficas y eco-regiones, aportan al análisis de casos como la pérdida de bosques nativos y creciente expansión de plantaciones forestales alóctonas. El conocimiento de las características y funcionamiento de los ecosistemas naturales brinda elementos para reconocer las diferencias con los ecosistemas artificiales y alteraciones implicadas en los conflictos ecológicos distributivos. Por ejemplo, son centrales para comprender las diferencias sustanciales entre una plantación y un bosque, la dispersión intencionada y no dirigida de semillas transgénicas, y las transformaciones que se desencadenan. Conocimientos básicos no sólo en la comprensión de dichos conflictos, sino también en las respuestas alternativas. Cobran relevancia contenidos como los agroecosistemas y alteraciones en los ciclos biogeoquímicos; y las experiencias comunitarias en torno a la agroecología y policultura ecológica.

Retomando contribuciones más recientes y que hacen a la Biogeografía tributaria en estudios ambientales, se postula el desarrollo de modo crítico de los distintos enfoques en torno a la biodiversidad y conservación, particularmente en la conformación de áreas naturales protegidas. Asimismo se presentan, por un lado los enfoques y herramientas clásicas en los proyectos de intervención territorial e instrumentos de gestión ambiental, y por otro, propuestas basadas en enfoques multicriterio, a los cuales aporta la Biogeografía. Advirtiendo así las implicancias de los distintos lenguajes de valoración de la naturaleza en los procesos de transformación del territorio y los conflictos que conllevan.

Metodológicamente se ha realizado un relevamiento y análisis bibliográfico en torno a las conceptualizaciones de la Biogeografía, su evolución temporal y lectura de programas correspondientes a Biogeografía en diversas universidades, particularmente en Argentina y otros países. Análisis que es puesto en diálogo, por un lado, con los avances que entretejen puentes entre Geografía Crítica y Ecología Política, por otro con los aportes de quienes tienen una larga trayectoria en el dictado de la Cátedra de Biogeografía durante varios años en la FaHCE y los aportes de colegas de incorporación más reciente.

Palabras clave: Conflictos socioambientales, Diálogo de saberes, Transformaciones territoriales, Ecosistemas agroecológicos.

A MINERAÇÃO DE SAL-GEMA NA CIDADE DE MACEIÓ E SEUS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS

José Roberto Galdino de Barros Filho ⁵⁸

Marta da Silveira Luedemann ⁵⁹

A presente pesquisa, em desenvolvimento, trata da análise crítica do desastre ambiental e socioeconômico causado pela empresa Braskem através da mineração de sal-gema, na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, na região Nordeste do Brasil. A exploração de sal-gema ocorre há décadas em cavidades subterrâneas, sem as normas de extração do mineral, ocasionando em 2018 grave subsidência em quatro bairros da capital, com a transferência de 17 mil pessoas, em 2019, interditando moradias, comércios e serviços. A Braskem interrompeu as atividades extrativistas em Maceió e negocia com os moradores, porém outros problemas estão associados, tais como: desaparecimento de bairros históricos; futuro das áreas urbanas, padronização dos valores indenizatórios (R\$ 81,500,00 mil); ausência de planejamento para transferência dos moradores; aumento no valor de imóveis por conta da especulação imobiliária; a população empobrecida foi desprovida de serviços públicos (escolas, postos de saúde e transporte) antes da realocação e indenização; famílias perderam moradias com vivência de gerações. Há também questões econômicas da cadeia produtiva de cloroquímicos e plásticos: a incerteza da permanência da empresa no estado; risco de eliminação de 530 empregos direto e 2 mil indiretos; dependência de 70 empresas da Braskem; destino do Polo Cloroquímico em Marechal Deodoro (AL); investimentos de capacitação de trabalhadores do SESI/SENAI; a recente importação de sal-gema elevando custos de produção; variações das ações e interesses do capital externo sobre a Braskem. A história da exploração da sal-gema inicia em 1913, quando descobertas jazidas no interior do estado, posteriormente, em 1940 constatado grande concentração no município de Maceió, excedendo os mil quilômetros quadrados. Em 1972 foi criada a empresa Salgema Indústrias Químicas S/A, uma associação do capital misto (Euvaldo Luz, 45%; Du Pont, 45%; BNDE, 10%), com capacidade produtiva de 250 mil toneladas de soda cáustica e 220 mil toneladas de cloro. A localização da área de instalação da empresa e da área de exploração mineral ficou a cargo dos técnicos estadunidenses, sem contrapartida dos analistas do estado de Alagoas que não tinham interesse da empresa atuando na área urbana. Em 1976 a Salgema Mineração Ltda. iniciou a extração com poços subterrâneos em profundidade de 800 metros a 1200 metros. Até 1996, houve mudanças acionárias, saída dos primeiros investidores e participação do governo estadual. Já em 2002, as ações do Grupo Odebrecht crescem, privatizando e tornando-se Braskem S/A, atuando nos ramos químico e petroquímico, e posteriormente com participação em 36,1% da empresa pela Petrobras. No decorrer desses 43 anos de extração, foram perfurados 35 poços localizados na Laguna Mundaú e em área urbana da cidade, especificamente nos bairros do Mutange, Bebedouro e Pinheiro, onde denunciavam-se ocorrências de fissuras, trincas e afundamentos em imóveis e vias públicas. O fenômeno geológico ficou mais perceptível após as fortes chuvas de 15/02/2018 e o abalo sísmico de 2,4 mR em 03/03/2018, ampliando os danos, obrigando o isolamento da área pela Defesa Civil Municipal. A perícia do Serviço Geo-

⁵⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, bolsista CAPES e pesquisador do Laboratório de Estudos Socioespaciais do Nordeste – LENE/IGDEMA/UFAL. E-mail: jose.galdino@arapiraca.ufal.br.

⁵⁹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alagoas PPGG/UFAL e coordenadora do LENE/IGDEMA/UFAL. E-mail: martaluedemann@igdema.ufal.br.

lógico do Brasil (SGB/CPRM), realizada entre junho/2018 e janeiro/2019, identificou a Braskem como responsável pela subsidência em relatório que demonstra o fenômeno geológico relacionado à desestabilização das minas de sal-gema, que provocaram a movimentação de sal (Halocinese), interagindo dinamicamente e reativando estruturas geológicas já existentes, causando deformações rúpteis e subsidência no solo dos bairros minerados (CPRM, 2019). A região foi classificada como área de risco ambiental e a prefeitura decretou estado de calamidade, porém a subsidência continuou se expandindo para outros bairros adjacentes e incluindo no mapa de risco os bairros: Bom Parto e Farol. Conforme o apresentado, observa-se a complexidade da crise promovida pela Braskem em Maceió, porque além do fator geológico da subsidência em si, envolve áreas históricas de ocupação de Maceió, centros comerciais tradicionais de economia popular com alto adensamento populacional. Isto representa o maior desastre ambiental do município e do estado e este trabalho tem como objetivo contribuir com a investigação e reflexão sobre os impactos sociais, econômicos e ambientais causados. Para a elaboração da pesquisa, tratamento e análise dos dados colhidos, utiliza-se como referência as combinações geográficas de André Cholley (1964); ciclos econômicos de acumulação, geoeconomia e revoluções tecnológicas, Armen Mamigonian (2019), formação socioespacial e circuitos da economia de Milton Santos (1977; 1978); políticas econômicas e pactos de poder de Ignácio Rangel (2012); análise detalhada da subsidência em Maceió pelo relatório da CPRM (2019). Para tanto, realizam-se levantamentos bibliográficos e de dados: nos órgãos públicos, na empresa em questão, na imprensa alagoana e brasileira, em periódicos científicos e anais de eventos científicos. Além da pesquisa de gabinete, a pesquisa de campo está sendo realizada através de visitas e entrevistas nas associações de moradores dos bairros afetados, em contato com representantes civis, moradores e técnicos envolvidos na temática. A pesquisa está em desenvolvimento, contudo até o momento cerca de 11 mil imóveis foram desocupados (Braskem, 2021) e mais de 40 mil pessoas afetadas diretamente pelo desastre. Alagoas vivencia contradições em relação ao setor mineral, porque é pequena a participação da indústria na economia e historicamente ainda depende da agroindústria canavieira. A Braskem representa 5% do PIB do estado e Polo cloroquímico representa mais 5% e sozinha repassa R\$ 150 milhões de ICMS ao estado. A Braskem é a responsável pelo maior desastre ambiental brasileiro da atualidade em área urbana. Neste contexto a relevância da presente pesquisa consiste em contribuir com dados e informações sobre a mineração no Brasil considerando a atividade econômica mineral em Maceió, sua especificidade e o quadro da crise promovida no meio ambiente, na sociedade e na economia associada a este setor de produção.

Palavras Chaves: Mineração em Alagoas, sal-gema, Maceió-AL, desastre ambiental, geoeconomia.



MESA 44

**MESA 44: ECOFEMINISMOS E TRANSGRESSÕES:
MULHERES, SABERES TRADICIONAIS E LUTA ANTICAPITALISTA
POR UM MUNDO SUSTENTÁVEL**

Coordenadores: Zuim, Larissa; Nascimento Silva, Maria das Graças Silva; Alves, Hellen Virgínia da Silva; Nespolo, Eugenia

MESA 44: ECOFEMINISMOS E TRANSGRESSÕES: MULHERES, SABERES TRADICIONAIS E LUTA ANTICAPITALISTA POR UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Coordenadores: Zuim, Larissa⁶⁰;
Nascimento Silva, Maria das Graças Silva⁶¹;
Alves, Hellen Virgínia da Silva⁶²;
Nespolo, Eugenia⁶²

Em contraposição ao mundo capitalista, as mulheres tornam-se frente de combate aos desmandos do patriarcado e do machismo que impera nas territorialidades neoliberais pelo mundo atual, resignificando as relações de dominação entre a humanidade e a natureza. Através dos saberes tradicionais das comunidades indígenas, quilombolas, camponesas, ribeirinhas, de suas construções ecológicas e manejos agroflorestais, da defesa por um antiespecismo, do reconectar com a natureza e seus ciclos reprodutivos, a nova onda da revolução feminista vem ao mundo de forma mais sustentável e com o olhar voltado às necessidades iminentes de sobrevivência do planeta, com a compreensão de que a opressão das mulheres está ligada com a feminização da natureza. Com isso, o intuito dessa mesa é trazer ao debate a visão ecofeminista, em suas mais variadas vertentes, como forma de problematizar as dificuldades, os preconceitos, as formas de luta que estão sendo empregadas nesse processo; assim como dar visibilidade às conquistas desse movimento. Serão aceitas propostas que se vinculam a questão da segurança alimentar e sua relação com a natureza e seus saberes; corpoterritorialização em seus diferentes contextos identitários; as construções espaciais e históricas agroecológicas de comunidades ancestrais e modernas; a luta dos movimentos sociais e coletivos dentro de uma perspectiva ecofeminista; conhecimentos naturais e saúde reprodutiva; raças e sistemas de opressão; resgate de uma ética do cuidado e ambiental.

⁶⁰ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pesquisadora do GepGênero, jornalista, professora, vegana e antiespecista. E-mail: larizuim@gmail.com

⁶¹ Professora associada do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, professora do Programa de Pós-graduação em Geografia e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GepGênero). E-mail: gracinhageo@hotmail.com 3 Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Especialista em metodologia do ensino superior e docência para educação profissional. Pesquisadora do GepGênero e atua como assessora da Diretoria de Educação Profissional do SENAC. E-mail: hellenalves.pvh@gmail.com

⁶² Secretaria Académica del Departamento de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Lujan. Directora del Programa de Estudios Históricos Antropológicos Americanos (PROEHAA).

ELAS ESTÃO EM CENA: A RESISTÊNCIA DE MULHERES CAMPONESAS NO CEARÁ (BRASIL)

*Autoras: Alexandra Maria de Oliveira⁶³;
Maria Aline da Silva Batista⁶⁴;
Adeliane Vieira de Oliveira⁶⁵;
Thaysslorranny Batista Reinaldo⁶⁶;
Marcilio Batista Magalhães Moura⁶⁷;
Claudinei do Nascimento⁶⁸;
José Ricardo de Oliveira Cassundé⁶⁹*

Resumo

No processo de resistência camponesa e de luta pela reforma agrária popular no Brasil, os “territórios camponeses”⁷⁰ se materializam em sítios, vilas e assentamentos rurais. No Ceará, a luta dos camponeses pela terra viabilizou a criação de muitas comunidades rurais, as quais são lócus de suas sociabilidades (OLIVEIRA, 2005). São nessas unidades territoriais que a família camponesa se firma como instituição mantenedora dos valores culturais. Woortmann (1995, p.247), ao estudar as famílias camponesas no Sul e no Nordeste do Brasil, apontou que “a linguagem de parentesco joga um papel de esquema organizador, não apenas no seio do discurso desses camponeses, mas também em sua prática”.

Em muitas das comunidades pesquisadas percebemos que o princípio do parentesco tem papel organizador na seleção dos espaços de trabalho - com a “relação casa-roçado” (HEREDIA, 1979); e dos espaços de lazer - com os meninos nos campos de futebol e as meninas nas festas da igreja (SALES, 2003). Mas, longe de ser uma divisão harmônica, ela contém conflitos que revelam disputas por espaços de trabalho e de reconhecimento das mulheres. A sociabilidade, o parentesco, as relações de vizinhança presentes nos territórios camponeses estão atravessados por formas de resistência que negam o patriarcado e firmam a linguagem feminina dos coletivos de organização e luta por direitos e vida digna no campo. Com isso, a resistência⁷¹ se estabelece na consciência de classe, mas também como uma forma de negar os tempos passados e garantir a liberdade do trabalho, a possibilidade de sonhar com educação, produção de renda e reconhecimento social e político em seus espaços de vida.

A história de vida da maioria das mulheres entrevistadas está relacionada à luta pela posse da terra, ao sustento familiar, à liberdade no trabalho e à autonomia de renda. Muitas delas encontramos em

⁶³ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: alexandra.oliveira@ufc.br

⁶⁴ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: geoalinebatista@gmail.com

⁶⁵ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: adelianeoliveira19@gmail.com

⁶⁶ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: thayssuft@gmail.com

⁶⁷ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - marcilio.mmouraa@gmail.com

⁶⁸ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - claudinei@catolicaorione.edu.br

⁶⁹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - ricktec2@hotmail.com

⁷⁰ Território camponês “entendido como fração ou como unidade é o sítio, o lote, a propriedade familiar ou comunitária, assim como também é a comunidade” (Fernandes, 2012, p. 744) (grifos do autor)

⁷¹ A resistência aqui é também entendida como a negação do velho (SANTOS, 2009).

territórios camponeses conquistados na luta pela reforma agrária; outras em vilas rurais, criadas nos fundos das antigas fazendas, e outras mais em pequenas unidades camponesas, como os sítios de herança. O que elas têm em comum? A certeza de que a posse da terra é um ponto de chegada e, ao mesmo tempo, “de partida como conquista de um novo patamar do qual se pode acessar um conjunto de políticas (de crédito, por exemplo)” (LEITE, 2012, p.111).

No Brasil, o I PLANO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA - PNRA (1985) contribuiu para que parte dos camponeses tivesse acesso à terra e, também, para novas ações de luta por direitos sociais básicos. No Ceará, a organização camponesa da vida dos assentados apresentou como razão estruturante: o trabalho familiar, a posse da terra, a liberdade do trabalho, os laços de parentesco e a religiosidade sertaneja (OLIVEIRA, 2017). São relações estabelecidas na família entre si, com seus vizinhos e com a terra e o trabalho que permite a reprodução da cultura, das técnicas e da identidade camponesa.

Na medida em que a posse da terra é conquistada, inicia o desafio de reconstituição da história desses lugares. O que antes era área de latifúndio, propriedade privada, espaço de exploração e submissão, passa a ser percebido e caracterizado como terra liberta, “fração do território” (FERNANDES, 2000, p.17) fruto da luta pela terra.

De acordo com Freire (2001), o processo de aprendizagem é válido quando há o domínio da linguagem, dos símbolos e das formas de expressividades presentes na realidade social dos educandos. Na comunidade camponesa, a relação entre linguagem-pensamento e realidade é fortalecida em reuniões, ações de trabalho, e nas organizações, como os grupos e¹³ as associações. Com isso, os/as camponeses/as são estimulados a reconstruir em conjunto as casas de moradia e outras edificações comunitárias e a reestruturar os roçados, os quintais e as hortas, preservando as matas nativas, os solos e os cursos d’água. São, portanto, ações de cuidado com as relações sociais e destas com a natureza. É por isso que para alguns camponeses “cultura é tudo o que fazemos para produzir nossa existência” (BOGO, 2000, p.8).

Com isso, a cultura camponesa vai produzindo paisagens. Não somente aquela paisagem com casas dispersas e distantes das áreas de roçado ou do açude seco, sob o sol impiedoso, como aparece em algumas cenas ou fotografias referentes ao sertão. O que a paisagem mostra, mas não revela, são territórios camponeses conquistados com ações e mobilizações cotidianas; espaços produzidos com trabalho familiar; recuperação de solos degradados; diversidade de cultivos, traduzidos em criatividade e beleza. Assim, paisagem é a materialização de “uma herança de muitos diferentes momentos” (SANTOS, 1988, p.23). O que encontramos é a contestação da lógica do latifúndio, que nega direitos humanos fundamentais como soberania alimentar⁷² e territorial.

Ler a realidade das mulheres camponesas passa por considerar sua situação de classe e suas especificidades culturais. E, ainda, compreender que elas constroem caminhos – via sindicatos, movimentos sociais, associações e coletivos - para negociar com o governo as condições materiais para uma vida digna no campo.

A proposta de relatar o protagonismo das mulheres camponesas foi um desafio imposto no percurso de pesquisas em andamento, a partir das questões presentes nas comunidades rurais no Ceará. A metodologia foi constituída de leituras acadêmicas e técnicas sobre a questão agrária no Ceará, consultas em jornais e *sites* especializados, trabalhos de campo presenciais, com entrevistas semiestruturadas (anteriores ao ano de 2020) e diálogos com os sujeitos de pesquisa por meio de plataformas digitais

⁷² “Soberania alimentar é o conjunto de políticas públicas e sociais que deve ser adotado por todas as nações, em seus povoados, municípios, regiões e países, a fim de se garantir que sejam produzidos os alimentos necessários para a sobrevivência da população de cada local. (STÉDILE; CARVALHO, 2012, p. 715).

(*whatsapp, Instagram, googlemeet*) nos anos de 2020 e 2021. Para preservar a identidade das entrevistadas, optamos por referenciá-las com o uso de letras. Assim, pudemos confrontar teoria e empiria num exercício de revelar um panorama sobre a construção da identidade mulher camponesa e sua atuação política no Ceará.

A preocupação com a desigualdade de gênero no campesinato ganhou destaque nas últimas décadas, a partir dos movimentos sociais. No caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nos primórdios de sua existência, as pautas das mulheres foram suprimidas “pelo domínio hierárquico da categoria de classe social” (ESMERALDO, 2007, p. 01). No entanto, a inclusão do tema na agenda foi uma reivindicação das militantes, que perceberam a desigualdade de gênero no fazer político do movimento, iniciando, assim, uma autocrítica. Ao saírem dos seus “lugares” de mães e donas de casa e adentrarem a esfera pública, por meio da militância, as mulheres do MST sentiram o peso das opressões de gênero e com isso abraçaram essa outra causa (PAVAN, 2000).

É notável o papel desempenhado pelas mulheres camponesas na produção e comercialização agroecológica, bem como na luta e manutenção da Educação do Campo nos territórios camponeses no Ceará. Sendo relevante, também, a atuação das mesmas no funcionamento da agrobiodiversidade⁷³ local. Nesse sentido, essa luta por igualdade não pode ser separada da luta contra o agronegócio e, em última análise contra o capital, já que patriarcado e capitalismo são sistemas que se reforçam mutuamente (FEDERICI, 2017). A atuação feminina, no campo cearense, representa um caminho para a Soberania Alimentar.

No diálogo com as mulheres ficou evidenciado que as práticas de resistências coletivas, por meio da agroecologia, da soberania alimentar e da educação do campo, vêm contribuindo para a afirmação do trabalho feminino nos territórios camponeses do Ceará. Nas cenas da paisagem procuramos inserimos ao domínio do visível a dimensão da percepção dos sujeitos sociais com seus movimentos, cores, odores, olhares, falas e silêncios propostos por Santos (1988). Assim, acreditamos que a construção da leitura da realidade do campo precisa ser feita em conjunto com as mulheres camponesas. Revelando, assim, o olhar do sujeito como atores sociais, indivíduos de uma coletividade que, através das relações sociais, políticas, econômicas e culturais, produzem territórios camponeses.

Palavras-chaves: Mulheres Camponesas; Resistência; Agroecologia.

⁷³ Para Machado (2012, p.46) o termo agrobiodiversidade “é formado por agro, do latim, campo, cultura, bio, do grego vida, diversidade. Significa, portanto, diversidade da vida no campo, das culturas”.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS ESPAÇOS DE GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

Silva, Thais Salgado⁷⁴;
Bernardes, Maria Beatriz Junqueira⁷⁵

Resumo: Os espaços de gestão dos recursos hídricos compõem-se, majoritariamente, por homens. Historicamente, as mulheres foram delegadas as atividades domésticas, apartando-as dos postos de comando e decisão. Contudo, sob a égide do direito de igualdade e, considerando o Princípio nº 3 da Conferência de Dublin, esta pesquisa objetiva fortalecer o debate sobre a participação das mulheres nos órgãos de gestão dos recursos hídricos. Metodologicamente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática, conciliando o enfoque geográfico com as prescrições normativas previstas na legislação. A pesquisa apontou a existência de um engajamento para a inclusão de mulheres junto aos órgãos de gestão dos recursos hídricos e ressaltou a importância da matéria para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Introdução

A participação das mulheres na composição de órgãos públicos e privados para a tomada de decisões é usualmente enfrentada com certa resistência no âmbito político, econômico, social e cultural por serem esses locais tradicionalmente representados por homens. A construção histórica do nosso país demonstra que por muito tempo as mulheres foram privadas das posições de liderança, tendo sua participação reduzida as atividades ligadas aos afazeres domésticos. Contudo, considerando o direito de igualdade e o Princípio nº 3 da Conferência de Dublin, esta pesquisa objetiva fortalecer o debate sobre a participação das mulheres nos órgãos de gestão dos recursos hídricos.

A participação das mulheres no processo de gestão das águas

O reconhecimento do papel da mulher no abastecimento, gestão e conservação da água emerge da premissa exposta no Princípio nº 3 da Conferência de Dublin - “Women play a central part in the provision, management and safeguarding of water” - que trouxe ao debate a importância de políticas positivas para atender as necessidades da mulher, empoderando-as a atuarem nos diversos níveis decisórios dos programas de recursos hídricos. Segundo Camargo (2018), os princípios da Declaração de Dublin tornaram-se recomendações para os líderes dos países participantes da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável (1992) e foram reconhecidos em esfera nacional quando elaborado a Política Nacional dos Recursos Hídricos – PNRH (Lei Nº 9.433/1997), com exceção do princípio três.

Contudo, a mera existência do princípio não garante a efetiva participação das mulheres nos processos decisórios, razão pela qual as políticas públicas devem conter o reconhecimento do papel central da mulher na gestão dos recursos hídricos e instrumentos hábeis a capacitá-las a ocuparem esses espaços. Nesse sentido, o Projeto Legado (2017) visa incorporar o Princípio nº3 da Conferência de Dublin a PNRH (CAMARGO, 2018), que vigoraria com a seguinte redação: “Artigo 1º - [...] VII – As mulheres desempenham um papel central no fornecimento, gestão e proteção da água (ANA, Projeto Legado, 2017).”

⁷⁴ Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: thais.salgado_geo@yahoo.com.br

⁷⁵ Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: mariabeatrizjunqueira@gmail.com

A inclusão do referido dispositivo na legislação nacional representa um estímulo a equidade de gênero nos órgãos de decisão previstos na PNRH, bem como direciona modelos a serem praticados por outros entes federativos. No caso dos comitês de bacias hidrográficas, espaço propício ao debate de questões afetas ao uso dos recursos hídricos, é preciso fomentar a importância da participação das mulheres e fomentar mecanismos de capacitação.

A perspectiva da representação também implicou no desenvolvimento de premissas sobre a igualdade de gênero como forma de combater a fome, a pobreza, as doenças e a promoção do desenvolvimento sustentável conforme previsto como Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre os ODS firmados, destaca-se: “a igualdade de gênero” (ODS 5) e “água potável e saneamento” (ODS 6). O papel da mulher não está explícito nos objetivos apontados, mas ODS (6.5) prevê “implementar a gestão integrada dos recursos hídricos em todos os níveis, (...)”, contendo implícito o conceito do Princípio de Dublin (1992) que traz a centralidade da participação das mulheres na gestão da água. Quanto a implicação da questão de gênero no setor de água e saneamento, o ODS 6 (meta 6.2) reconhece o “acesso a saneamento e higiene adequados e equitativos para todos, (...), com especial atenção para as necessidades das mulheres e meninas e daqueles em situação de vulnerabilidade”. Essa perspectiva demonstra uma nítida preocupação com a diferença biológica entre homens e mulheres, reconhecendo, pois, a importância de políticas públicas que alcancem as necessidades específicas desses grupos.

Com relação ao ODS 5 (meta 5.5), destaca-se: a garantia a “participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública”. Essa meta reforça o princípio estabelecido pela Conferência de Dublin, pois reforça o papel da mulher na tomada de decisão sobre os processos que envolvem os aspectos de sua vida.

Considerações Finais

Ante o exposto, reconhece-se a notoriedade da temática que alia debates sobre os recursos hídricos e a equidade de gêneros, uma vez compreendidas a importância da participação igualitária entre homens e mulheres nos espaços de tomadas de decisões. No Brasil, o debate sobre a perspectiva de gênero na gestão hídrica incorpora-se as ações da ANA em parceria com entidades pela Global Water Partnership (GWP) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o enfoque de construir uma agenda de água e gênero no Brasil e para a América Latina.

Palavras-chave: Gestão de recursos hídricos. Igualdade. Participação feminina.



MESA 42

MESA 42: PLURIGEOGRAFÍAS Y DIVERSIDAD DE SABERES Y HACERES DE LOS TERRITORIOS EN DEFENSA DE LOS BIENES COMUNES

Coordinadoras: Martins Fonseca, V., Costa, M.A.M., Torrez Gallardo, M., Langhoff, M.L.

MESA 42: PLURIGEOGRAFÍAS Y DIVERSIDAD DE SABERES Y HACERES DE LOS TERRITORIOS EN DEFENSA DE LOS BIENES COMUNES

*Coordinadoras: Martins Fonseca, V.¹,
Costa, M.A.M.²,
Torrez Gallardo, M.³,
Langhoff, M.L.⁴*

Se invita a participar en el intercambio de experiencias sobre estrategias de resistencia y defensa del territorio y de la(s) naturaleza(s), puesto que las conexiones entre los saberes pluriépistémicos, científicos y/o tradicionales (campesinos, indígenas, afrodescendientes, otros grupos y movimientos autoconvocados), se constituyen como alternativas al sistema capitalista global. Se desea recibir ponencias que investiguen desde la ecología política, como campo de saber y estudio de las relaciones de poder en torno a los bienes comunes; en especial sobre el acceso y distribución del agua y las estrategias de organización de las comunidades en defensa de sus territorios. Se esperan trabajos que reflexionen sobre como los plurisaberes contribuyen para distintas dimensiones de la Geografía, apelando a debates sobre la conservación del espacio y áreas naturales protegidas, la articulación biodiversidad-mercado y la gobernanza ambiental que visibilizan los saberes y haceres de los pueblos nuestroamericanos. Se busca visibilizar las tensiones y oportunidades en relación al turismo, que no han sido profundamente analizadas desde este enfoque crítico, tanto los conflictos socio-hídricos y socio-ambientales en zonas destinadas para la actividad turística, como la intervención de actores en la gestión territorial de sitios patrimonializados. Se espera recibir trabajos que contribuyan a reflexionar y debatir sobre la relación entre las plurigeografías de saberes-haceres de los territorios y la defensa de los bienes comunes, relacionados a las temáticas hídricas y turísticas, usos alternativos y del cuidado colectivo a partir de los movimientos populares y científicos, así como de justicia ambiental y conservación de la naturaleza.

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Diamantina – Minas Gerais – Brasil.

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica – Rio de Janeiro – Brasil.

³ Universidad Nacional del Sur – Bahía Blanca – Provincia de Buenos Aires – Argentina.

⁴ Universidad Nacional del Sur – Bahía Blanca – Provincia de Buenos Aires – Argentina.

APLICACIÓN DE LAS TÉCNICAS VALUATORIAS COLOMBIANAS A LAS VIVIENDAS PALAFÍTICAS DE BUENAVENTURA, VALLE DEL CAUCA

Bermudez, Maria Alejandra⁵

Castro, Juan Camilo⁶

La vivienda palafítica es vista por sus habitantes como una alternativa para mejorar el funcionamiento económico que se presentan en sectores como Buenaventura, el desplazamiento social por parte del Gobierno local posibilita un aumento de los asentamientos palafíticos de la región, la inexistencia de un apoyo adecuado ha generado múltiples problemas evidentes en los entornos de estas viviendas, analfabetismo, insalubridad, inseguridad, pobreza, entre otros. Se considera necesario una oportuna intervención de las autoridades regionales a estos sectores, la dificultad de ser zonas de derecho o de estado afecta en gran medida las condiciones básicas de las personas, su desarrollo social, cultural y económico. Estas razones motivan a una valorización de las viviendas palafíticas de forma adaptativa a las condiciones ya antes nombradas, en búsqueda de brindarle a la comunidad aledaña una posible solución a sus problemáticas.

Aun más, las técnicas valuatorias son un estímulo suficiente para el reconocimiento de la vivienda palafítica y a su vez posiblemente las técnicas comunes de valoración en Colombia presentan un reto enorme a la hora de estimar el valor de la vivienda tradicional, por tanto, el análisis busca una mirada integral para la valoración de viviendas palafíticas que son la base de asentamiento para las comunidades del pacífico colombiano. A la luz de estos planteamientos, el objetivo de este artículo es el de analizar las técnicas valuatorias colombianas, delineadas en la Resolución 620 de 2008 proferida por el Instituto Geográfico Agustín Codazzi IGAC, para las viviendas palafíticas del pacífico, en el occidente del país, tomando como foco el municipio de Buenaventura, distrito portuario del departamento del Valle del Cauca. Para esto, se indagaron más maneras constructivas, los tipos de materiales, la información accesible sobre este tipo de mercado, así como los diferentes enfoques metodológicos valuatorios, para contrastar su nivel de aplicabilidad en este tipo de bienes.

La importancia de la aplicación de técnicas valuatorias sobre las viviendas palafíticas en Buenaventura radica en la asignación de valor para los predios comunes de los barrios populares de la ciudad portuaria, los cuales además de contar con una extensa tradición constructiva y cultural, sirve de sustento económico por su cercanía a la fuente de ingresos de la mayoría de habitantes de la zona, por lo cual se requiere una evaluación de las viviendas según su estructura constructiva además de la figura simbólica para los pobladores.

Así, el documento está constituido de 5 partes reflexivas: La primera dedicada a las perspectivas socio-territoriales, con el fin de ubicar las características de la región; la segunda en donde se abordan los elementos del hábitat palafítico y su vínculos con la tradición en identidad, como base para la comprensión de la estimación de los valores de estas formas de vivienda; en tercer lugar se profundizan los ámbitos identitarios, para dar paso a la caracterización de las estructuras constructivas predominantes. Como quinta reflexión, se amplían todos los anteriores elementos para aplicar los diversos métodos

⁵ Semillero Pensamiento Espacial y Territorial del Grupo de Investigación NIDE. Ingeniería Catastral y Geodesia. Universidad Distrital Francisco José de Caldas. mabermudeza@correo.udistrital.edu.co

⁶ Semillero Pensamiento Espacial y Territorial del Grupo de Investigación NIDE. Ingeniería Catastral y Geodesia. Universidad Distrital Francisco José de Caldas. jccastroo@correo.udistrital.edu.co

valuatorios colombianos en los palafitos del caso de estudio (reposición a nuevo, renta, comparación del mercado y residual o potencial). Con ello se plantean entonces las convergencias y disimilitudes que poseen los métodos tradicionales al momento de valorar los precios de este tipo de viviendas.

A medida que la estimación de valor para dichas viviendas se generalice en todos los asentamientos palafíticos, mayor será la consideración tanto de habitantes como de entidades locales para la promoción de viviendas dignas y seguras. Se presenta un desafío para que las técnicas valuatorias colombianas contemplen tipologías tradicionales de vivienda sobre el agua, lo cual puede posibilitar recursos económicos para invertir en vivienda o mejorar sus condiciones de acuerdo con los estándares de construcción, así como acceder a materiales adecuados para la edificación y finalmente disponer completamente de servicios domiciliarios básicos (agua, electricidad y drenaje) que mejoren la calidad de vida de las personas. Las viviendas palafíticas representan una tipología constructiva representativa de la región pacífica colombiana, por tanto, dentro de los métodos valuatorios se debe dar respuesta a la valoración de dichas unidades a través de la adaptación de técnicas y procesos que reconozcan el valor arquitectónico de los palafitos de Buenaventura.

En suma, si bien el método que más se acerca a la estimación de los valores es de costos de reposición a nuevo, esto no implica que los demás métodos no deban pensarse como resolver este tipo de retos que se sale de los parámetros los bienes inmuebles urbanos, pues si bien algunos pueden considerar que los palafitos son simples mejoras, sin lote ni territorio, casi que sin condiciones de propiedad o dominio, las dinámicas sociales de base muestran que sí son formas de hábitat que no pueden estimarse únicamente por sus endeble materiales, pues por el contrario han configurado lógicas de mercado entre ellas, pero algo alteradas de las reglas tradicionales de las teorías de la renta. Es decir, cuando media un gran peso de significado identitario e histórico, no basta con calcular cuánto valen las maderas o mano de obra, en realidad al ser referentes de pertenencia imponen retos de categorización.

Palabras claves: hábitat; valoración; ciudad colombiana; precio; autoconstrucción.

O ENFOQUE DA GEOGRAFIA AMBIENTAL DESVELANDO OS EFEITOS NOCIVOS DA SIDERURGIA EM SANTA CRUZ (RJ)

Tavares, Thiago Roniere Rebouças⁷

Esta intervenção busca apresentar uma primeira aproximação da tentativa de construção do conhecimento geográfico não dicotômico entre suas áreas, fundamentado sob o enfoque da Geografia Ambiental e seus objetos híbridos (SOUZA, 2018, 2019). Associado a este debate, analisamos em nosso estudo de caso algumas das práticas sócio-espaciais de dominação promovidas por uma usina siderúrgica localizado no bairro de Santa Cruz(RJ), evidenciando também a necessidade de alinhar *tramas* feitas através da costura do conhecimento acadêmico com o popular, enquanto caminho para elaboração de geografias de resistência e anticoloniais frente a táticas discursivas empresariais.

Nestes termos, apontamos que, sob o mote da *Responsabilidade Social Corporativa*, muitos empreendimentos praticam diferentes táticas em busca de gerir territórios e seus latentes conflitos, naquilo que seria visto por eles como potencial ameaça. Alguns destes conflitos ocorrem em virtude de disputas sobre o acesso a recursos ambientais, na defesa de ecossistemas, contra os impactos negativos a saúde humana e não humana, dentre outras possíveis motivações.

Como exemplo albergado sob a *Responsabilidade Social Corporativa*, observamos ações oriundas do *Projeto Usina Comunitária Ternium*, promovido pela siderúrgica de origem ítalo-argentina, Ternium, instalada às margens da Baía de Sepetiba (RJ), no bairro de Santa Cruz(RJ). Antes disso, vale informar que esta siderúrgica iniciou suas operações produtivas em 2010 sob o nome fantasia TKCSA, uma *joint venture* sob direção das empresas Thyssenkrupp Steel e Vale. No hiato de seis anos (2010 à 2016) a empresa funcionou sem ter ainda finalizado todo processo de licenciamento ambiental. Logo após obter o licenciamento, a empresa foi vendida para Ternium, em 2017. Durante todo seu período de operação a empresa foi alvo de denúncias realizadas por moradores, ambientalistas e entidades em virtude de diversos impactos ambientais. Dentre estes podemos citar: i. a ocorrência por três vezes do fenômeno popularmente denominado de “Chuva de Prata”, ocasionado pela aerodispersão de efluentes danosos a saúde, decorrentes da cristalização do ferro gusa quando inadequadamente armazenado ao ar livre; ii. a cotidiana emissão atmosférica de matérias particulados nocivos a saúde humana; iii. a recorrência de inundações em função de obras hidráulicas da empresa sobre canais do bairro (TAVARES, 2019);

Como vistas a omitir e ocultar suas práticas poluentes, um empreendimento sabidamente identificado como grande causador de impactos ambientais pode lançar mão da produção de materiais públicos e argumentos discursivos capazes de controlar os potenciais conflitos e “riscos sociais” através da construção de uma imagem de benevolência e altruísmo nas comunidades que são por ele atingidas – quando muito, não deixa também de considerar o uso de táticas de cooptação, perseguição e espionagem, dentre outros meios. É sob este sentido que a empresa lança o *Projeto Usina Comunitária Ternium*, englobando diversas ações já aplicadas pela antiga proprietária, como também incrementando novos programas de relacionamento com comunidades do bairro.

Em seus eixos de atuação (educação, esporte, cultura e cidadania), em 2018, o projeto atendeu dire-

⁷ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, e integrante do Núcleo de Pesquisas em Geografia Ambiental e Ecologia Política – GAEP. Email: thiagoroniere@gmail.com

tamente oito mil pessoas e indiretamente alcançou a quantidade de trinta mil moradores. No ano de 2017 o investimento atingiu a cifra de R\$ 3.724.000,00, já no ano de 2018 o investimento aumentou 38%, chegando ao valor de R\$ 5.125.234,74. Os projetos que integram seu programa distribuem-se por quase todo o bairro de Santa Cruz, não se restringindo somente aos conjuntos habitacionais vizinhos da empresa (TERNIUM, 2021).

Escolinhas de futebol, cursos de dança, reformas de escola, estas e outras ações da empresa são transformadas em peças publicitárias, como cartilhas e jornais que são massivamente distribuídas no comércio local, escolas, e páginas de redes sociais, com depoimento de moradores contemplados por alguma destas ações da empresa. Em nenhum momento são apresentadas informações sobre os problemas ambientais gerados após a instalação da empresa. Não se fala sobre as prováveis relações entre a piora da saúde humana e a contaminação atmosférica, já indicada por relatórios da Fiocruz (2011, 2014). Os efeitos nocivos da siderúrgica são tratados como inexistentes, inclusive, não há entre seus eixos de atuação nenhum voltado ao (meio)ambiente. O que se percebe é a tentativa de internalizar um discurso emanado pela empresa fundamentado sob a extrema conotação de benevolência. Discursos que sustentam a bondade por parte da empresa e não evidenciam nenhum tipo de adversidade, mazela ou qualquer efeito negativo que possa suscitar uma discussão sobre os distúrbios advindos de sua instalação. São discursos que revelam uma *forma de não dizer* carregados de significados e noções não ditas seja no que é falado, seja no que é escrito (CUSICANQUI, 2010, 2015).

Contudo, o desvelamento destes discursos enquanto *formas de não dizer* é possível quando do encontro de “áreas” da seara geográfica, e seu hibridismo decorrente, com os saberes populares. Isso nos foi constatado a partir do diálogo realizado em trabalho de campo com um morador-pescador. Este nos *dizia* o que não era dito pela empresa: “A nossa água tem uma contaminação muito grande porque os esgotos e saneamento básico da empresa ela é dentro do rio São Francisco e dentro do Guandu-Mirim. A empresa, ela tem várias tomadas de água que capta água do rio São Francisco, refrigera o maquinário e joga no Guandu-Mirim²”.

Além de desconstruir o discurso hegemônico, há em sua leitura, uma espacialização que sistematiza informações sobre intervenções nos corpos hídricos, prejuízos aos modos de vida, a produção da escassez e a nocividade da poluição. Tudo isso de forma compreensível, mas sem perder sua densidade. Este é um olhar que dificilmente se ajusta a uma ciência parcelar e a campos especializados como a Geografia Urbana ou a uma pesquisa sobre Recursos Hídricos, por exemplo.

Em que pesem muitos avanços concernentes à pesquisa sobre problemáticas sócio-espaciais, no marco de críticas as desigualdades vigentes, percebemos que ainda carecemos de imersões acadêmicas que considerem a construção de conexões entre o conhecimento popular e a ciência geográfica, criando um campo de interação capaz de elucidar problemas invisíveis a uma Geografia que tem seus conhecimentos “infensos a uma insularização do saber sobre a natureza e de seu equivalente no tocante à sociedade” (SOUZA, 2018, p. 324).

Palavras chave: Geografia Ambiental; Objetos Híbridos; Diálogo de Saberes;

ÁGUA: BEM DE USO COMUM FUNDAMENTAL PARA CONTER A PANDEMIA DA COVID-19

Costa, Maria Angélica Maciel⁸

Este resumo tem como objetivo refletir sobre questões políticas de acesso e usos da água, em especial a urgência de reflexão sobre a água, enquanto um ‘bem de uso comum’, no contexto da pandemia da Covid-19. Com base em uma revisão bibliográfica sobre o tema, o fato de a água poder ser gerida tanto como se esta fosse um ‘bem de uso comum’, quanto como se fosse uma mercadoria, será o fio condutor das nossas reflexões.

No contexto urbano contemporâneo, o acesso a água potável, além de ser um item fundamental para a qualidade de vida urbana, torna-se cada vez mais um assunto estratégico para as grandes metrópoles pois há uma permanente e dialética interação entre as atividades humanas e o ciclo hidrológico - o “Ciclo Hidrossocial”, que se estende da problemática local a níveis regionais, nacionais e internacionais de interação (SWYNGEDOUW, 2004). Quando surge uma pandemia, como esta iniciada em março de ano de 2020, fica ainda mais evidente que as grandes cidades latino-americanas não estão preparadas para enfrentar uma pandemia desta magnitude. Tal crise epidemiológica ressaltou a necessidade de expansão e melhoria das condições de vida dos cidadãos nos centros urbanos, já que as principais recomendações para conter o vírus são, além do uso de máscara e distanciamento social, o *slogan*: “fique em casa e lave as mãos”. Para tanto, são necessários investimentos em políticas públicas habitacionais e de saneamento básico, aspectos das cidades que deveriam ser itens básicos do planejamento urbano, mas que não receberam o protagonismo devido nas últimas décadas.

Nas metrópoles ao redor do mundo, é comum a água passar por uma série de transformações até chegar às moradias do consumidor final. Trata-se de modificações não apenas em termos de características físico/químicas, mas também em termos de suas peculiaridades sociais e seus significados simbólicos e culturais. Nas cidades capitalistas, ou pelo menos nas cidades onde as relações de mercado são a forma dominante de troca, a circulação de água também é parte integrante da circulação de dinheiro e capital (SWYNGEDOUW, 2003). Para Acselrad (2012), valorar bens que outrora eram “não econômicos”, ou seja, as tentativas de dar preço ao que antes não tinha preço são operações que visam redesenhar a fronteira entre a esfera do mercado e a esfera não mercantil, umas das grandes injustiças ambientais vivenciadas. Apesar deste tipo de pagamento parecer uma “situação normal”, claramente internalizada no cotidiano das cidades, é neste momento que a injustiça ambiental apresenta a sua face mais cruel pois exclui parcela importante da população do acesso a este serviço que é essencial para a manutenção da vida. Além do mais, a percepção hegemônica da água como um bem comercializável suprime a percepção social de que a água é um bem de uso comum, e que o sentido de responsabilidade deve ser compartilhado. Como consequência, “há implicações éticas profundas na percepção de que somos, com relação à água, cidadãos, e não consumidores” (SELBORNE, 2002, p. 59).

Contudo, para além da racionalidade econômica da gestão de águas, é preciso conhecer os diversos modos de administrar e usar esses recursos, as diferentes culturas de lidar com a água, para então pen-

⁸ Professora do curso de turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: mangelicamc@ufrj.com

sar em articulá-las (GALIZONI, 2003, p.15). Deste modo, a relevância em discutir os *commons* no século XXI está em questionar os tipos de riqueza e valor que regem a sociedade capitalista, algo penoso para a economia clássica liberal e neoliberal, já que nem toda a riqueza pode ser expressa por um preço de mercado. É preciso reconhecer outros tipos de valores embutidos nos chamados “bens e serviços ambientais”, tal como o seu valor ecológico, social, moral e democrático (BOLLIER, 2008). Por exemplo, uma comunidade ribeirinha pode colocar um “alto valor” na preservação dos fluxos dos rios e um “valor menor” na construção de barragens ou na exploração do mesmo rio para a energia hídrica e de irrigação da agricultura (IORIS, 2010). Outros grupos, provavelmente, terão diferentes conjuntos de prioridades, o que sugere uma avaliação alternativa do sistema de água e lógicas de raciocínio e racionalidades distintas. Isto porque, no manejo comunitário, a maioria dos grupos sociais prefere não monetizar os seus recursos ambientais. Estes são apreciados pelo seu valor de uso, vistos em alguns casos como uma “dádiva” (GALIZONI, 2001), como “água-dom” ou “água-natureza” (ZHOURI, OLIVEIRA E KLEMENS, 2011), e não são percebidos como escassos, pois quase sempre prevalece no grupo certo sentido de saciedade, o que não significa ausência de conflitos (RICOVERI, 2012). Assim, reduzir a “questão da água” a soluções de mercado, associadas a uma gestão estatal essencialmente técnica e burocrática, “maquiada” com aparentes processos participativos e descentralizados, é uma fórmula que não tem resolvido os problemas atuais de acesso justo à água potável, degradação, enchentes e poluição (COSTA, 2013). Após décadas de poucos avanços, Léo Heller ressalta que é urgente que as intervenções relacionadas ao fornecimento de água potável e saneamento sejam adicionadas às estratégias atuais para o controle da Covid 19 (BATISTA, 2020). Neste sentido, o saneamento básico não pode ser tratado somente como uma simples prestação de serviços (lucrativa para as concessionárias) de provisão de água potável, bem como a coleta e tratamento de resíduos sólidos e do esgotamento sanitário, mas como direitos fundamentais e universais de todos os cidadãos. A despeito de grande parte da população latino-americana viver em cidades, é necessário um olhar crítico frente às consequências de políticas públicas de gestão de águas que desconsideram as formas de manejo comunitário das águas em suas formulações. Isto porque, é esta indiferença com relação aos usos realizados por populações rurais, tradicionais, para dar preferência a lógica tecnicista e do mercado, que está no cerne dos conflitos pelo uso da água. De forma complementar, serão destes conflitos sociais, tensionados pelo embate entre a “lógica privatista e liberal” versus a “lógica de uso comum”, que virão novos formatos de gestão da água (PORTO-GONÇALVES, 2005) tão necessários em tempos pandêmicos.

Palavras chaves: água, pandemia, bem de uso comum, valor

PARQUE NACIONAL LANÍN Y SAN MARTÍN DE LOS ANDES: CONSERVACIÓN, USO PÚBLICO Y TERRITORIAL

Martins Fonseca, Virginia⁹

En este trabajo se evaluó cómo se establecen los discursos acerca las Áreas Protegidas (AP) y sus interfaces con la conservación, uso público y gobernanza presentes como praxis que aún está cambiando históricamente desde el establecimiento del Área Protegida de Lanín (APL), considerando la inserción de la actividad turística como moda propulsora del desarrollo en San Martín de los Andes y el contexto de los innovadores procesos de gobernanza. En este sentido, la problemática teórica se refiere a la curiosidad de que ¿serían las estrategias de establecimiento y gestión del APL que influenciaron el desarrollo del turismo en San Martín de los Andes y constituyó el protagonismo de gobernanza observable en el AP? Como objetivo central de análisis se consideró que muy probablemente tales cuestiones se mostrarían de manera híbrida, ya que seguramente el proceso de patrimonialización de la naturaleza generó la expectativa de promover una ocupación territorial desleal, para atender un público elitista por medio de una política de “creación de villas turísticas” en áreas de mérito paisajístico excepcional, lo que seguramente sugiere evidenciar tan distinta desigualdad social en el pueblo.

El presente estudio adopta como marco metodológico el estudio de caso (Yin, 2010), como técnica de recolección de datos: la documentación, registro de archivos, observación directa y artefactos físicos; y para la interpretación de los datos obtenidos, el análisis de contenido (Bardin, 2011) que objetiva una comprensión hermenéutica controlada, basada en inferencias. Específicamente fue realizado el análisis de contenido en publicaciones provenientes de diferentes fuentes, desde organismos gubernamentales; organizaciones extranjeras; legislaciones; trabajos técnicos y producciones científicas. Considerase la identificación de 59 publicaciones en que el criterio textual por característica sintáctica debería relacionar los términos: parques nacionales; conservacionismo, uso público; gobernanza.

Según Moraes (1999), el contexto debe de ser reconstruido por el investigador y, de cierto modo, el análisis de contenido es una interpretación personal por parte del investigador a la percepción que tiene de los datos y, como toda lectura se constituye de una interpretación, no es posible una lectura neutra.

Como resultado, en el análisis contextual del APL, con especial recorte en San Martín de los Andes, en lo que se refiere a las interrelaciones establecidas entre conservacionismo, uso público y gobernanza del AP se estableció un esquema histórico- temporal con cuatro ciclos interpretativos determinados como:

El Ciclo 1, **Territorio Fecundo**, es caracterizado tanto por la expectativa en promover de manera incisiva la economía turística como principal alternativa de desarrollo local, como objetivos que vienen siendo manifestados en documentos oficiales acerca de las situaciones conflictivas que emergen entre los intereses de las comunidades Mapuche, frente a las iniciativas de patrimonialización de la naturaleza, ora como argumentos de un supuesto poblamiento regional para garantizar la soberanía nacional que justifica la explotación forestal de la vegetación nativa, ora entendido como un discurso global que señala la importancia de resguardar porciones del territorio dignas de preservación por su

⁹ Profesora de la Licenciatura en Turismo de la Universidad Nacional dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Doctora en Geografía por la Universidad Nacional del Sur. Líder do GP-CNPq “Núcleo de Pesquisa em Turismo: Patrimônios, Territórios Descoloniais e Trabalho”. E-mail: virginia.martins@ufvjm.edu.br

extraordinaria belleza e interés científico para uso y gozo de la población argentina.

Ya en el Ciclo 2, **Semilla de la Especulación**, considerando que aun cuando existe una postura diferenciada en lo que se refiere a la gestión del APL, donde determinados territorios de protección estricta o uso sostenible, se van consolidando por medio de estrategias político-institucionales asociadas a intereses mercadológicos capitalistas en paradójica relación entre AP y turismo. En rigor, la legislación ambiental y las políticas de incentivo a actividades turísticas no son aplicadas o disponibles de la misma forma para todos, verificada de manera más desigual para aquellos que no tiene territorio y son marginalizados por los procesos de inserción sociocultural, aun cuando gradualmente se evidencia el surgimiento de un accionar político acentuado en cuanto a las reivindicaciones de derechos pluriculturales en la provincia de Neuquén.

En el Ciclo 3, **Recaudación Tendenciosa**, en el cual entendemos que en este periodo aunque la APN adopte mecanismos innovadores para regular los procesos de gestión y manejo de los territorios protegidos, incluso por medio de la cesión de áreas como propiedades comunitarias Mapuche, observamos que se refiere al momento en que había mayores incentivos financieros y el fortalecimiento de una imagen de “aldea ecológica de montaña”, para promover una especulación inmobiliaria a la sombra de la actividad turística (Otero y Gonzalez, 2012) en lugar del fomento efectivo de un turismo de base comunitaria.

Por fin, en el Ciclo 4, **Por una Perspectiva Optimista**, caracterizada por una visión que idealiza la posibilidad de “otro turismo” en la actualidad, considerando que los discursos, ahora locales y manifestados en el plano de la Gestión de las APL (APN, 2012), aun cuando presente divergencias, entre los conceptos y las acciones estratégicas determinadas para la gestión de las AP, evidencia que las prácticas locales conquistada paulatinamente por las comunidades Mapuche en el APL pueden ser caracterizadas como batallas tan tensas y conflictivas como creativas y productivas por una ecología política efectiva.

De esta forma, mediante la disponibilidad y variedad de los conocimientos generados, sea por la investigaciones académicas, sea por las prácticas sociales, sea por los avances político-institucionales graduales, se hace primordial aceptar y actuar en pro de una ruptura del actual sistema impuesto por tantas presiones mercadológicas de un oligopolio mundial que ha fragilizado cada vez más los principales actores sociales involucrados con la problemática de las AP: los Pueblos Indígenas & Comunidades Locales y el gobierno estatal.

Por lo tanto, nos proponemos, dentro de las soluciones posibles para las problemáticas relacionadas a AP (el conservacionismo, el uso público y la gobernanza) presentar dos principios, o mejor, metodologías que están intrínsecamente puestas como alternativas de un nuevo paradigma acerca el tema: los Territorios y Áreas Conservadas por Pueblos Indígenas y Comunidades Locales (TICCA) y el Turismo de Experiencia. Tal propuesta surge en la posible integración de la plurinacionalidad por medio de políticas inclusivas, infiriendo que una nueva pauta basada en la efectividad de una ecología política está en curso en Abya-Yala, asimismo como el Turismo de Experiencia puede si transformarse en una alternativa coherente considerando tan distintos contextos pluriculturales integrados a las AP.

Palabras-claves: áreas naturales protegidas, turismo, gobernanza, intereses difusos.



MESA 43

MESA 43: LOS NUEVOS VÍNCULOS CON LA TIERRA DE LAS GEOGRAFÍAS EXTRACTIVAS

Coordinadores: Mara Duer; Debora Lima; Andrea Patricia Sosa; Juan Wahren

MESA 43: LOS NUEVOS VÍNCULOS CON LA TIERRA DE LAS GEOGRAFÍAS EXTRACTIVAS

*Coordinadores: Mara Duer¹;
Debora Lima²;
Andrea Patricia Sosa³;
Juan Wahren⁴*

La tierra tiene un rol central en la organización política de las geografías poscoloniales. En Latinoamérica, el acceso exclusivo a la tierra ha servido como el principal medio de configuración institucional de la ciudadanía durante el siglo XX ofreciendo simultáneamente la organización espacial del territorio moderno. Como contraposición, otras ontologías de tierra como la de los pueblos indígenas asociadas a un vínculo identitario con la tierra, o los movimientos campesinos con el principio de ‘tierra para el que la trabaja’ y ‘vivienda como derecho humano’ para los movimientos urbanos, quedan relegadas frente a la noción excluyente de la tierra como mera mercancía.

La incorporación de la tierra (urbana y rural) como activo del mercado financiero parece haber trastocado el ensamblaje político-material y de organización socioterritorial. En efecto, desde el avance del extractivismo como paradigma de desarrollo en el siglo XXI, pueden observarse acuerdos entre pueblos originarios con corporaciones que otorgan acceso a tierras ancestrales, pero que les niegan su posesión, pueblos contaminados que abandonan sus tierras convertidas en “zonas de sacrificio”, campesinos con tierras devastadas y corporaciones que territorializan su capital despojando a las poblaciones locales.

Esta mesa propone reflexionar sobre los vínculos con la tierra de diferentes actores sociales en el contexto de la consolidación del modelo extractivo. ¿Qué nuevos discursos y prácticas emergen en el vínculo con la tierra?; ¿qué formas de valor adquiere la tierra en este nuevo entramado material-especulativo del suelo?; ¿qué régimen político-espacial se articula en el devenir de este tipo de capitalismo?

A partir de la segunda página debe incorporar de manera consecutiva, y en el orden que el equipo de coordinadores haya determinado, todos los resúmenes aprobados con el formato que se indicara en la segunda circular.

¹ UBA, Conicet - Argentina

² Universidad de São Paulo - Brasil

³ CONICET-UNSAM- Argentina

⁴ IIGG-UBA/CONICET



**SESIÓN 1: CONFLICTIVIDAD Y ACAPARAMIENTO DE TIERRAS
RURALES Y URBANAS DISPUTAS AGRARIAS Y RESISTENCIAS
TERRITORIALES**

ACAPARAMIENTO Y REGULACIONES. LAS PROVINCIAS ARGENTINAS FRENTE A LA EXTRANJERIZACIÓN DE LAS TIERRAS

Mesa N° 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

Tipo de presentación: ponencia

nro: 2762

Vazquez Alberto Daniel⁵

Resumen

Una de las consecuencias de la expansión geográfica del capital registrada en las últimas décadas ha sido la concentración y extranjerización de tierras rurales en la periferia.

Para hacer frente a este fenómeno, Argentina ha regulado la compra de tierras por parte de extranjeros a través de la Ley de Protección del Dominio Nacional N° 26737/2011, impulsada por la Federación Agraria Argentina.

La ley y su decreto reglamentario (274/2012 modificado por el decreto 820/2016), limitan la titularidad y posesión de tierras rurales a personas físicas extranjeras con menos de diez años de residencia en el país (cinco si tienen hijos argentinos o están unidos en matrimonio con un ciudadano argentino) y también a personas jurídicas con una participación del capital social extranjero mayor al 50% o acciones con derechos preferenciales que permitan dirigir la empresa a socios extranjeros. Posesión por parte de extranjeros que hasta la sanción de esta ley sólo estaba regulada en zonas de frontera (Decreto Ley 15585/1944, ratificado por las leyes 12913 y 18575).

Las nuevas regulaciones prohíben la adquisición de establecimientos con cuerpos de agua de envergadura, fijan un porcentaje máximo de tierras en manos de extranjeros para cada unidad político-administrativa (15%) y un porcentaje máximo de tierras en posesión de personas extranjeras de una misma nacionalidad (30% de las tierras en dominio de extranjeros) y también limitan las adquisiciones de un titular extranjero a 1000 has en la “zona núcleo” (zona central pampeana de mayor riqueza en términos agropecuarios) o a una superficie equivalente en otras áreas del territorio argentino. Superficie equivalente que según lo indicado debe ser determinada considerando uso y productividad relativa de los suelos, clima, valor paisajístico, social, cultural y ambiental, y los distintos tipos de explotaciones que puedan darse a dichas tierras rurales.

Con este nuevo marco jurídico nacional en vigencia, cada provincia ha determinado la superficie máxima de tierras rurales que puede adquirir un mismo titular extranjero hacia el interior de su territorio.

El principal objetivo de esta ponencia es analizar la postura de las provincias al determinar las superficies de tierras rurales que puede adquirir una persona extranjera comprendida en la ley, aportando así a una de las principales discusiones académicas en torno al fenómeno del acaparamiento de tierras: la postura de los gobiernos receptores de las inversiones externas frente a la compra de tierras por parte de extranjeros.

Con ese objetivo se revisan los decretos sancionados por las provincias y se identifican los criterios y procedimientos seguidos en la regionalización o zonificación de los territorios provinciales y la defini-

⁵ Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco (UNPSJB). Instituto de Investigaciones Geográficas de la Patagonia (IGEOPAT). Grupo de Investigación Geografía, Acción y Territorio (GIGAT). albertogeo85@gmail.com

ción de las superficies equivalentes para cada una de las zonas.

Del análisis documental surge que las zonificaciones fueron realizadas sobre la base de diferentes tipos de unidades espaciales y que las superficies equivalentes se determinaron en función de criterios y procedimientos también diversos.

Las zonificaciones fueron realizadas sobre la base de unidades político-administrativas, unidades catastrales, áreas previamente definidas con otros objetivos o, excepcionalmente, áreas definidas en el proceso de zonificación y determinación de superficies equivalentes.

Sobre la base de esas unidades, se asignaron las superficies equivalentes siguiendo diferentes criterios. Algunos decretos informan haber seguido los criterios y procedimientos fijados en la ley y su decreto reglamentario y otros decretos ofrecen mayores precisiones, informando que se consideró uno o varios de los siguientes criterios generales: usos del suelo, tipos de emprendimientos, actividades económicas, características y potencialidades productivas, valor inmobiliario, criterios sociales y ambientales, entre otros.

No obstante la comunicación de esos criterios generales, son pocos los decretos que dan cuenta del procedimiento seguido en la definición de las superficies equivalentes. De los decretos que explicitan el procedimiento surge que se consideró:

la productividad agropecuaria de las tierras en relación a la productividad de las tierras de la zona núcleo;

- la valuación fiscal determinada para el pago del impuesto inmobiliario;
- las 1000 hectáreas fijadas para la zona núcleo como superficie a asignar al territorio a proteger;
- una proporción de la superficie de tierras rurales de los municipios;
- las Unidades Económicas Agropecuarias; o,

una combinación de criterios y superficies de menos de 200 hectáreas en zonas de valor especial.

Además de esos criterios y procedimientos en la determinación de equivalencias a nivel de zonas, se fijan requisitos especiales para el resguardo de los bosques nativos, la protección de áreas bajo categorías de conservación, o para el apoyo a proyectos que generen inversiones de envergadura y por la generación de puestos de trabajo resulten de especial interés.

Las discusiones y reflexiones que surgen del análisis de los documentos se organizan en dos ejes. En el primero se analizan esas propuestas dispares de las provincias en función de las diferentes concepciones acerca del desarrollo, las inversiones externas y la soberanía. En el segundo se revisan esas propuestas en función de las características que tiene el fenómeno del acaparamiento de tierras en nuestro país.

Palabras clave: Acaparamiento de tierras, Extranjerización, Regulaciones.

ACAPARAMIENTO DE TIERRA Y AGUA EN LA SILVICULTURA DEL URUGUAY

Mesa 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

nro: 1815

Tipo de presentación: Ponencia

Mauricio Bruno Ceroni Acosta⁶

Resumen

El presente texto pretende abordar el acaparamiento de tierras y aguas que presentan las corporaciones transnacionales en el Uruguay como parte del proceso productivo de la silvicultura. En este sentido, se entiende a la silvicultura como un sector productivo de base agroindustrial del capitalismo contemporáneo que gira en función de la producción de árboles (eucaliptos y pinos principalmente), cuya función principal es la generación de diversas mercancías, que según FAO (2018) se agrupan en; madera industrial en rollo, madera aserrada, tableros de madera, composición de fibras, papel y cartón, combustible de madera, carbón vegetal y pellets de madera. En América Latina, el crecimiento exponencial de la agroindustria silvícola se debe principalmente a las mercancías derivadas de fibras, siendo la pasta de madera utilizada para fabricar el papel y cartón el principal producto de la industria de la celulosa. Esta última es la que ha tenido mayor crecimiento e impacto en la región del cono sur del continente. Existen varios factores que han contribuido para que durante el comienzo del siglo XXI se comienzan a desarrollar más de 12 Megaproyectos en Argentina, Brasil, Chile y Uruguay que van desde la propia la construcción de la industria, la construcción de plantas de generación de energía, hasta el desarrollo de terminales marítimas y fluviales, siendo en la actualidad una región de gran peso en el comercio internacional. Dichos factores se los pueden agrupar como; i) políticas globales impulsadas por la FAO a partir de los años 80, basada en el crecimiento de la población mundial y del consumo de las mercancías derivadas de la silvicultura; ii) las propias políticas internas de los Estados-Nación para atraer capitales (exoneraciones fiscales, garantías en la inversión); iii) condiciones edafoclimáticas que establecen niveles de productividad elevados; iv) discursos hegemónicos de “modernidad” y “desarrollo” por parte del Estado en asociación con el lobby de las empresas, para superar las condiciones de “atraso” de la vieja estructura agraria latifundista ganadera, v) la deslocalización de las industrias en el capitalismo central producto de las exigencias ambientales que comienzan a regir principalmente en Suecia y Finlandia, vi) supuestos beneficios ambientales que sostiene la industria en producción de biomasa y captación de carbono y finalmente, vii) el ingreso a partir del año 2001, de China a la Organización Mundial del Comercio (OMC), lo cual repercutió de forma directa en la demanda de mercancías silvícolas (Kröger, 2003; Perpetua, 2019; Ceroni, 2019). Para el caso del Uruguay, el desarrollo de la silvicultura tuvo un fuerte proceso de expansión que abarca un poco más de 30 años. Para comprender la composición espacial agraria del Uruguay, existen alrededor de 16 millones de hectáreas disponibles para la producción agropecuaria, en el año 1990 existían 186 mil hectáreas cubiertas por la silvicultura, mientras que en el año 2018 aumento a 1.015 mil hectáreas, marcando un incremento del 546 % en 28 años (MGAP, 1990; DIEA 2018). En los últimos 15 años, se pasó de la fase de plantación a la fase industrial, con la instalación de cuatro agroindustrias, una de ellas en etapa de construcción, pertenecientes a tres grupos de capitales (UPM-Kymmene, Stora

⁶ Universidad de la República-Uruguay. ceroni.mauricio@gmail.com

enso/Arauco y BTG Pactual Timberland Investment Group), lo que representa una concentración de capital elevada, sin precedentes para la historia del Uruguay, posicionando al sector como uno de los más relevantes para el conjunto de la economía nacional. Si observamos el acaparamiento de tierras, 6 corporaciones transnacionales poseen 617 mil hectáreas bajo régimen de propiedad ([UPM-Kymmene: 158 mil]; [Stora enso/Arauco: 155 mil]; [BTG Pactual Timberland Investment Group: 120 mil]; [Cambium: 78 mil]; [Global Forest Partners: 68 mil]; [LMAT Natural Resources International: 38 mil]), lo que representa un 60.1 % del total de la superficie de la silvicultura. Pero a esto hay que agregarle que 3 de estas corporaciones tienen tierra bajo régimen de arrendamiento totalizando unas 195 mil hectáreas (UPM-Kymmene: 112 mil); [Stora enso/Arauco: 70 mil]; [LMAT Natural Resources International: 13 mil]). Finalmente, las corporaciones que concentran mayor tierra UPM-Kymmene, Stora enso/Arauco, tienen programas de régimen de aparcería con productores de ganadería vacuna medianos y grandes, los cuales totalizan unas 171 mil hectáreas, divididas en 136 mil por parte de UPM-Kymmene y 35 mil por parte de Stora enso/Arauco. Por tanto el acaparamiento de tierras de las 6 empresas llega a 983 mil hectáreas lo que representa un 6.1 % del total de la superficie productiva del Uruguay. Pero el acaparamiento no es solo en tierra sino también en agua, según los datos brindados por UPM-Kymmene, posee 1110 km de cursos de agua bajo la modalidad de tierras bajo propiedad. Además son agroindustrias que se sustentan mediante un elevado consumo de agua, para la producción de una tonelada de celulosa seca se necesita en promedio 40,2 m³ de agua (Meisenbichler, 2020). En Uruguay UPM-Kymmene y Stora enso/Arauco producen 1.3 millones de toneladas, mientras que el megaproyecto en fase construcción de UPM-II va producir 2.1 millones de toneladas de celulosa, lo que da un total de 4.7 millones de toneladas anuales. Si esos números se transforman en consumo de agua se obtiene que consumen por año 108.5 millones de m³ de agua por año. Si el promedio de consumo de agua de un habitante de Sudamérica por año es de 31.6 m³ (CAF, 2015), estas industrias consumen lo equivalente a 6 millones de personas por año, casi el doble de la población del Uruguay. En definitiva, el acaparamiento de tierras y aguas, como es el caso de la silvicultura en Uruguay, es un fenómeno de gran relevancia actual debido a que ha revolucionado la territorialidad agraria y que evidencia una forma clara de procesos de control del territorio, fundado en una geografía de base extractiva. Por tanto considero que el texto, junto con mi exposición durante la mesa en el congreso puede aportar la discusión planteada por los y las organizadores.

Palabras clave: Acaparamiento, Silvicultura, Uruguay.

CULTIVOS GM EN URUGUAY: CAMBIOS EN LA TENENCIA DE LA TIERRA

RESUMEN AMPLIADO

MESA 43 Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

Ponencia

nro 1311

*Liliana Terradas;
Ofelia Gutiérrez;
Carlos Céspedes-Payret⁷*

En las últimas dos décadas los cultivos genéticamente modificados (GM) han tenido una enorme expansión a nivel mundial, como resultado de un crecimiento sin precedentes del mercado de agro-commodities. Los países de la cuenca del Río de la Plata no han sido ajenos a este proceso del sector agrícola. En esta región, la introducción y avance de estos cultivos promueven, entre otros, pérdidas de servicios ecosistémicos, erosión de suelos e importantes transformaciones en la forma de tenencia de la tierra. El proceso está incentivado por la mayor demanda de biocombustibles así como de alimentos y materias primas en los mercados internacionales, al impulso de la modernización de países con economías emergentes, especialmente China. Sobre la base de la agro biotecnología, se han consolidado nuevas formas de acumulación y concentración del capital. Así, la naturaleza y los intereses de los adquirentes de tierras han cambiado en los últimos años en la región. La nueva dinámica está subordinada a la situación que tienen las cadenas de valor y sus modalidades de organización de la producción a nivel local y/o global. Se observa que grandes empresas agrícolas globales, consorcios de capital de riesgo así como fondos de pensiones, ingresaron a los mercados de tierras acaparando grandes extensiones. Este proceso conocido como “landgrabbing” refleja la penetración en la agricultura del capital financiero, así como su lógica.

Particularmente, en Uruguay, la concentración y extranjerización de la tierra está sustentada en el arriendo y/o venta de los predios a pools de siembra, generalmente propiedad de empresarios agrícolas de países vecinos. Estas nuevas organizaciones se encargan no sólo de la producción sino también de la gestión y comercialización de los cultivos GM (soja y maíz) pero, principalmente soja. Abarcan desde arreglos informales entre el dueño de la tierra, un contratista y un ingeniero agrónomo hasta grandes corporaciones transnacionales integradas a niveles diversos a lo largo de la cadena. De esta forma, construyen una estructura en red y desarrollan relaciones de complementariedad y de apoyo recíproco de mediano y largo plazo con sus socios. Se manejan con una lógica del tipo industrial, estandarizando procesos y financiándose a través de fondos de inversión. Los mismos, conformados por accionistas internacionales, tienen como estrategia firmar contratos con operadores agrícolas y propietarios de tierras para la comercialización de agrocommodities. La combinación de la extranjerización y concentración de la tierra está acelerando el desplazamiento de pequeños y medianos productores. Entre otras razones, por el aumento de los costos de producción, lo cual les genera dificultades para competir por la posesión de la tierra. Así, agricultores familiares abandonan sus predios siendo susti-

⁷ UNCIER, Instituto de Ecología y Ciencias Ambientales, Facultad de Ciencias, Universidad de la República, Uruguay. lterradas@fcien.edu.uy, oguti@fcien.edu.uy, cespedes@fcien.edu.uy

tuidos por nuevos empresarios agrícolas. Con ello cambian, no solo las formas de tenencia de la tierra sino también, los modos de producción y el uso y manejo de los recursos naturales. Estos cambios de actores y sus relaciones se explican por varias causas, pero fundamentalmente, por la búsqueda del capital financiero de nuevas formas de acumulación. Asimismo, el sistema productivo agrícola tradicional, orientado a satisfacer la demanda interna, es sustituido por otro que contempla las exigencias del mercado externo lo cual ha generado una nueva forma de extractivismo. Se utiliza el término extractivismo para señalar aquellas actividades que remueven grandes volúmenes de recursos naturales, sin o con escaso procesamiento, destinados a la exportación.

Tomando como base la literatura especializada, el reprocesamiento de información extraída de los últimos Censos Nacionales de Población y Vivienda y de datos disponibles en el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, en el presente trabajo se examina la transformación social agraria contemporánea en Uruguay devenida como consecuencia de la expansión de cultivos GM, a la luz de la noción de extractivismo y en diálogo con el denominado capitalismo financiero. El supuesto es que dicha transformación social tiene su correlato en los cambios ocurridos en el mercado de tierras. Con tal fin, se exponen aspectos relacionados a la propiedad y concentración de la tierra. Por ejemplo, las tendencias del tamaño de los predios y de la condición jurídica de los productores. Asimismo, se presentan particularidades del mercado laboral, como el número de trabajadores por hectárea según el tamaño de la explotación.

Como reflexión cabe señalar que el fuerte proceso de la expansión agrícola uruguaya, impulsado por el crecimiento del área sojera ha profundizado y acelerado transformaciones sociales que ya estaban en marcha en el sector agrícola: disminución de la demanda de trabajadores, aumento de su precarización, menor contribución del trabajo familiar al conjunto de la oferta laboral y creciente urbanización de la población rural. Paralelamente, la cantidad de propietarios y arrendatarios disminuyó. Sin embargo, el área arrendada para los cultivos GM aumentó. A la vez, la participación de sociedades anónimas, en el total de la superficie agropecuaria explotada también creció. Los empresarios extranjeros y otros actores anónimos, representan un porcentaje muy significativo de esa participación. Así, en el año 2011, eran algo más del 50% del total. Este avance del capital financiero en el sector agropecuario, fundamentalmente responde a la flexibilización regulatoria de los mercados, posterior a los años de 1990.

Ante tal escenario concentrador y excluyente es válido concluir que es necesario un abordaje que involucre aspectos políticamente asociados como los patrones de producción agroexportadores y sus impactos en el entramado social. Con grandes áreas cultivadas con monocultivos GM, con escasos recursos para evaluar cada uno de los impactos y en un contexto internacional cambiante, urge tomar acciones, decidir estrategias y diseñar políticas para reducir las incertidumbres involucradas en este desarrollo productivo.

Palabras clave: Cultivos GM, transformación social, extractivismo, capitalismo financiarizado.

AGRONEGOCIO Y ACAPARAMIENTO DE TIERRAS EN ARGENTINA

Mesa Temática 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas.

Ponencia
nro. 3487

*Lopez Emanuel Alberto
Picón Grisel Emilse⁸*

Resumen

En el agro latinoamericano tuvieron lugar intensas transformaciones relacionadas con la economía global y el proceso de financiarización del capitalismo. En este contexto el agronegocio es el claro ejemplo de la nueva agricultura, se refiere a una lógica de acumulación global que se adecuó en cada país estableciéndose como modelo dominante en el régimen neoliberal y en los gobiernos progresistas de la región.

Siguiendo a Gras y Hernández (2013), se entiende al agronegocio como un modelo/lógica de producción y acumulación capitalista que puede ser analizado en función de los siguientes elementos:

- La transectorialidad: mayor integración y extensión de la cadena de valor, es decir, la integración técnica de los procesos productivos (vertical) y la articulación horizontal de otras actividades.
- La priorización del consumidor global respecto de las necesidades del consumidor local.
- La ampliación e intensificación del papel del capital en los procesos productivos agrarios.
- La estandarización de las tecnologías utilizadas, con una intensificación en el uso de insumos de origen industrial, y la generación de tecnologías basadas en la transgénesis (semillas) que apuntan a reducir las especificidades biológicas y climáticas del agro.
- El acaparamiento de tierras para la producción en gran escala, proceso en el que participan principalmente grandes corporaciones financieras y que imprime a las disputas por la tierra el carácter de un fenómeno global.

Esta lógica está íntimamente relacionada con el concepto “acumulación por desposesión” propuesto por David Harvey para referirse a las políticas seguidas por el capitalismo bajo gobiernos neoliberales, con el objetivo de transferir la riqueza pública a un sector privado cada vez más concentrado. Harvey se basa en el concepto de Marx de “Acumulación originaria”, y se centra en las nuevas estrategias desarrolladas en los países occidentales capitalistas para hacerse con bienes públicos. Entre la variedad de formas de apropiación, menciona el despliegue del sistema crediticio y del capital financiero, el agotamiento de los bienes comunes globales (tierra, aire y agua), la privatización de activos públicos (universidades, pensiones, servicios de salud y servicios públicos como agua) y pagos de regalías relacionados con los derechos de propiedad intelectual. La acumulación por desposesión destaca el hecho de que la acumulación originaria es un proceso continuo, y que las “prácticas depredadoras” son una característica importante del capitalismo actual (Harvey 2004).

Por lo tanto, el neoliberalismo provocó una expansión del capital financiero y abrió nuevas oportunidades para inversiones a nivel mundial. Se convirtieron en muy atractivas para el capital global la tierra y la explotación de recursos naturales, convirtiéndose en el núcleo de este método de acumulación

⁸ Universidad Nacional de Tucumán - Facultad de Filosofía y Letras - Instituto de Estudios Geográficos “Dr. Guillermo Rohmeder” IEG lopezemanuelalberto@gmail.com griselpicon@gmail.com

la demanda de nuevas tierras y la sobreexplotación de los recursos naturales. Esto se ha reflejado en la llamada “fiebre de tierras” (o *landgrabbing*), fenómeno que alude al gran crecimiento de las transacciones en tierras desde 2007 en las agriculturas del Sur (Gras 2017).

Dado que la crisis alimentaria de 2007-08 provocó un fuerte aumento de los precios mundiales de los alimentos, se promovió en gran medida la inversión mundial en tierras. Esto ha despertado el apetito del capital financiero global, que ha diseñado instrumentos de financiación especial para inversiones en tierras, atrayendo fondos de pensiones, fondos soberanos y otros fondos de países con capital excedente con el fin de buscar mejores retornos de capital (Akram Lodhi, 2012, citado por Kay 2016). Las inversiones en tierras a gran escala que conlleva el agronegocio tiene implicaciones espaciales. Así, algunos acaparamientos de tierras ocurrieron en regiones de colonización y fronterizas donde los pueblos indígenas suelen vivir y donde los derechos de propiedad son ambiguos. Con respecto al concepto acaparamiento Borrás et. al. (2014) señala que abarca: “a las acciones de captación del control sobre relativamente vastas extensiones de suelo y otros recursos, a través de una variedad de mecanismos y modalidades, que involucran al capital de gran escala que, actuando bajo modalidades extractivas, ya sea respondiendo a propósitos nacionales o internacionales, busca dar respuesta a la convergencia de las crisis alimentaria, energética y financiera, a los imperativos de la mitigación de los cambios climáticos y a la demanda de recursos por parte de los nuevos núcleos del capital global” (Borrás et. al., 2014).

Entonces el agronegocio como lógica de producción guiada por el capitalismo implica procesos de expansión de fronteras agropecuarias, acaparamientos de tierras y cambios en los sistemas productivos y tecnológicos. Todos estos cambios conllevan a que en el agro se incremente la participación del capital, por lo que la exclusión se refleja en distintas formas y profundiza aún más las diferencias existentes. Este tema se plantea como eje de este trabajo a fin de identificar y visibilizar dinámicas que surgen en consecuencia del avance del modelo dominante y que deja invisibilizados actores y modos de producción que no se corresponden con lo que el agronegocio representa en Argentina. Para alcanzar los objetivos planteados se recurrió al análisis bibliográfico y la comparación de los casos de acaparamiento de tierras y exclusión/inclusión en distintas regiones de la Argentina.

De acuerdo a lo anteriormente mencionado, este trabajo se ordenará siguiendo la siguiente estructura: a) Conceptualización del agronegocio como lógica de acumulación; b) analizar las modalidades de control y organización de los factores y recursos productivos; y c) identificar los procesos de exclusión/inclusión asociados a la expansión del agronegocio en Argentina.

En los distintos casos a lo largo del país el avance del agronegocio y el acaparamiento de tierras ha contribuido a distintas dinámicas socioterritoriales, así podemos hablar de exclusión, resistencias, cercamientos, adaptación, conflictos, judicialización, asociación de entidades, entre otros. Estas dinámicas son resultado de los procesos antes mencionados y reflejan los conflictos entre distintos actores sociales.

Palabras claves: Agronegocio, acaparamiento, extractivismo



SESIÓN 2: DISPUTAS AGRARIAS Y RESISTENCIAS TERRITORIALES

EXTRATIVISMO NA FLORESTA ESTADUAL DO PARU POLÍTICAS TERRITORIAIS, ACUMULAÇÃO POR CONSERVAÇÃO E CRISE

Mesa Temática 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas.

Ponencia

nro. 1768

Leal, Daniel Nunes⁹

Resumen

A criação da Floresta Estadual (Flota) do Paru na margem esquerda do Baixo Amazonas, em 2006, é parte dum esforço que resulta na configuração do maior mosaico de unidades de conservação (UC) do planeta. Essa motivação ambientalista parece contrastar com o padrão de políticas anteriores, vigentes sobretudo na ditadura civil-militar, que se pautaram na concessão de incentivos fiscais e de crédito subsidiado para empresas, obras de infraestrutura e programas de colonização agrícola. A instalação de projetos florestais, agropecuários, minerais e fundiários desencadeou uma crescente circulação de dinheiro na Amazônia e mobilizou expropriações e concentração de terras tanto quanto deslocamentos de trabalhadores sazonalmente empregados nessas empresas; expediente exprimido no avanço da fronteira interna.

Desde a redemocratização do país, a inserção progressiva da pauta ambiental como agenda de governo condiz com seu apoio à participação comunitária em instâncias de decisão local, junto ao reconhecimento do acesso das populações tradicionais à terra e à amplificação de programas de subsídios de crédito e de transferência de renda para a agricultura familiar. Não obstante tal orientação tenha estimulado a conservação remediando riscos, outras políticas jamais deixaram de subscrever a dilapidação da sociobiodiversidade. Planos de infraestrutura recentes, com obras de articulação viária e no setor energético, tal como o financiamento à exportação de commodities atizam uma nova corrida por terras, regida por cotações em bolsas de valores e que continua a instigar a expansão da fronteira. Com efeito, em que pese a retenção do desmatamento, a instituição de UCs não dispensa a exploração capitalista de terra e trabalho bem como a replicação de juros nos mercados de ativos. É até mesmo possível problematizar um fundamento comum à evolução mais recente da fronteira. O presente texto busca assinalar tal consubstanciação, questionando a conservação como meio viável de acumulação capitalista e os limites dessa estratégia a partir da particularidade da Flota do Paru. As discussões aqui levantadas estão ancoradas na revisão bibliográfica e na recapitulação de trabalhos de campo realizados em Monte Alegre/PA em 2017, por ocasião de nossa pesquisa de mestrado. A observação direta e entrevistas abertas com lavradores de uma comunidade vizinha à UC permitiram distinguir momentos das relações de trabalho, dos usos da terra e dos elos com o mercado, sobretudo os relativos ao extrativismo de castanha e às percepções sobre a atuação de uma madeireira no local.

Se as formas de reprodução pessoal na unidade aparecem em tensão com os parâmetros de reposição capitalista que visam ser centralizados no planejamento, em suas variações históricas, elas então explicitam desdobramentos contraditórios das relações de produção da margem esquerda do Baixo Amazonas. A composição de um corredor de áreas protegidas acabou freando tanto o provável avanço da fronteira madeireira-pecuária, vindo da beira da rodovia BR-163, como um movimento de posse

⁹ Doutorando em Geografia Humana pelo PPGH-FFLCH-USP (Brasil). E-mail: daniel.leal@usp.br.

fundiária que se desenrolava ali desde o final do século XIX, esmiuçado em nossa dissertação. Com a implantação dos primeiros projetos de colonização agrícola, os lotes assim ocupados logo são abandonados em vistas do apossamento de terras floresta adentro, tal qual já faziam posseiros que residiam na área. A partir dos anos 1960, com a demarcação de parte das terras antes apossadas e a abertura da rodovia PA-254, terrenos são comprados em maior intensidade e por produtores da área, devido a trajetórias individuais de monetarização que ainda permitiriam obter créditos para a pecuária. Os que vendem suas benfeitorias, por sua vez, relatam um acesso imediato ao dinheiro e a possibilidade de tomar a posse alhures para procurar caça e criar gado. É um artifício que vai se reiterando ao passo que se aprofunda uma dependência de dinheiro representada, especialmente, na diversificação das formas de mobilização do trabalho e na necessidade crescente de investimento na produção. Quando começam os debates para a fundação de UCs na área, já nos anos 2000, as zonas limítrofes às unidades são alvo de grileiros oriundos das faixas da BR-163 interessados no comércio ilegal de madeira, em oposição aos posseiros. Não significa que estes lavradores estejam interditados de qualquer outro meio de reprodução que não seja via assalariamento. Pelo contrário, a exploração da Flota do Paru parece revelar a manutenção ou até a criação de novas estratégias de reposição familiar, mas que estão, neste texto, salientadas num contexto mais amplo.

As atividades predominantes na Flota são o extrativismo de madeira e castanha-do-pará e o garimpo de ouro. Ainda, o manejo de uma parcela sua fica a cargo de uma madeireira licitada, cujos rendimentos são tributados e repassados para os municípios onde se localiza a unidade e para um fundo estadual de conservação. A produção de castanha é amiúde complementar à agricultura, e pode continuar vinculada ao empréstimo de mercadorias a crédito, quitadas com a coleta ou com o dinheiro obtido de sua venda a atravessadores. Diversamente do garimpeiro, que depende, excetuadas caça e pesca de subsistência, de sua remuneração em ouro, calculada sobre a produção do garimpo. Consta, finalmente, a intenção do Estado de estimular o ecoturismo e a negociação de créditos de carbono. Essas dinâmicas parecem se inscrever no que tem sido tratado na literatura como “acumulação por conservação”, ou seja, a transformação das “contradições ambientais do capital” em recursos para assegurar a acumulação – por expropriações e pela conversão do “uso não-material da natureza” em mercadoria (Büscher & Fletcher, 2014). Mas, visto que traçamos um percurso que atravessa da ênfase do planejamento na alocação de fatores de produção, radicada na exploração do trabalho mediante sua circulação pelo território, a uma gestão do trabalho que tende a confiná-lo territorialmente, nesse caso através da conservação, sugerimos emergir daí um limite imanente do modo de produção. Assim, mesmo que a conservação instigue expropriações e criação de novas mercadorias, sua contextualização na totalidade capitalista exprime a insuficiência da exploração de trabalho enquanto substância da acumulação.

Palavras-chave: Flota do Paru; políticas territoriais; acumulação por conservação; extrativismo; crise.

CRISE DO CAPITAL E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS: AVANÇOS DO AGRONEGÓCIO E RESISTÊNCIAS DOS POVOS E COMUNIDADES DO CERRADO

Mesa Temática 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas.

Ponencia

nro. 462

Lima, Debora¹⁰

Resumen

A crise capitalista, representada no pensamento zapatista pelo monstro da hidra e pelos Apinajés da região do Matopiba por seres semelhantes à hidra nos remete ao processo de inexorável de reprodução ampliada, reificação e violência no qual estamos submetidos e alimentamos. A peculiaridade da crise é seu caráter multidimensional: crise civilizatória, econômica, política, ecológica, alimentaria. Sua dimensão múltipla não é resultado de uma relação unilateral, já que a crise civilizatória expressa conflitos políticos, resultado das correlações de poder e das desiguais disputas de como definir e permitir as formas e os tempos de vida.

A partir de uma mirada sobre o avanço da agricultura mundializada e as formas de modernização e financeirização na sojicultura via planejamento territorial do Estado brasileiro, vemos as tentativas de homogeneização das relações do campo, a entrada dos signos urbanos e a violência (econômica, legal e ilegal) cada vez mais presente; expulsando os camponeses de suas terras, sujeitando-os a relações de superexploração.

Esses processos vêm ocorrendo de forma cada vez mais acelerada nos cerrados brasileiros. Para pensar no cerrado, iremos considerar os cerrados e povos e comunidades inseridos na região Matopiba: Tocantins, oeste da Bahia, sul do Piauí e Maranhão que desde 2012 tem recebido massivos investimentos para a produção e exportação de commodities (soja, eucalipto, carne, minerais).

A escalada do preço da terra no Matopiba transformou a região em zona de interesse para a especulação fundiária pós-crise do mercado financeiro de 2008. A possibilidade da compra de terras a preço baixo ocorre no processo de formação das fazendas produtores de commodities em áreas que anteriormente eram de Cerrado, antes públicas, antes ocupadas por comunidades camponesas.

O mercado de terras da região vem se tornando uma expressão grilagem, com o avanço do Estado e o modo de produção capitalista. já que a financeirização da agricultura cria diversas artimanhas para a captura da terra: moderniza as formas de grilagem, permite a compra de terras por estrangeiros, land grabbing – artimanhas essas ligadas tanto ao processo de ficcionalização quanto como à acumulação por despossessão, nesta última como tentativa de frear a tendência da queda geral da taxa de lucro via rentização da terra.

Essas formas de violência dos povos e comunidades tradicionais representa uma permanente retomada da barbárie configurada pelos assassinatos e outras formas de violência de trabalhadores, lideranças das comunidades rurais, indígenas, quilombolas etc. A Comissão Pastoral da Terra, por meio de seu relatório anual sobre conflitos no campo, registrou, em 2016, 1.536 ocorrências de conflitos no Brasil contra 1.217, em 2015, o que significa um aumento de 26%. Esses dados da CPT também apontam

¹⁰ Adjunct Assistant Professor. Department of Global Development Studies - Queen's University. (Brasil - Canadá). E-mail: deborassumpcaolima@gmail.com

a ocorrência de 61 assassinatos no campo, em 2016, comparados aos 50 ocorridos em 2015 – ou seja, um aumento de 22%. Em 2017, essa situação se agravou, uma vez que foram assassinadas 70 pessoas em conflitos no campo, sendo o maior número de vítimas desde 2003. Nos últimos 20 anos, os conflitos triplicaram no Matopiba, chegando ao registro de 272 conflitos no ano de 2016. Somente no ano de 2016, o Maranhão registrou 154 conflitos de terras numa zona de 1.419.869ha, na Bahia 98 conflitos, envolvendo cerca de 518 mil hectares, Piauí 34 conflitos em uma área de 19.323ha e no Tocantins, 66 conflitos, litígio de aproximadamente 90mil ha. Em 2017, ocorreram 144 conflitos no Matopiba e, em 2018, 193 conflitos de terra ocorreram na região.

A concorrência comercial e produtiva, com a gradual ocupação dos mercados de alimentos globais pelos estabelecimentos de maior escala e a intensificação tecnológica vêm lentamente, encurralando outros processos de produção – camponesa, policultora ou extrativista.

Pensando nos grandes latifundiários, a concorrência no acesso ao crédito agrícola frente aos pequenos é desigual: as grandes propriedades rurais, com mais de 1.000 hectares concentram 43% do crédito rural, enquanto para 80% dos menores estabelecimentos (inferiores a 10hectares), esse percentual varia entre 13% e 23%.

Assim, os produtores latifundiários e monocultores da soja corroboram com a expansão do capitalismo no campo, mesmo não sendo detentores da maior parcela do lucro do agronegócio. Além das vantagens logísticas das grandes empresas, cerca de 50% dos custos diretos da produção, ou seja, estão voltados para sementes, fertilizantes e agrotóxico – componentes vendidos por empresas como ADM, Cargil, Monsanto, Syngenta, Bunge, DuPont, Pionner. Vale ressaltar que o custo com mão de obra (mão-de-obra fixa e temporária e encargos sociais) gira em torno de 0,9 a 3% do custo de produção, reafirmando as teorias de acumulação por espoliação via superexploração do trabalho.

A intensificação da produção de commodities (principalmente soja, algodão, eucalipto e gado) e a apropriação de terras nos biomas Cerrado e Amazônia melhoraram a perda de biodiversidade, a degradação da terra, a perda de recursos hídricos e os impactos climáticos. A criação de infra-estrutura e megaprojetos, como ferrovias, portos e expansão da rede elétrica e rotas privilegiadas de exportação de commodities, que não aumentaram o desenvolvimento local e regional. Populações vulneráveis, como camponeses, comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas, enfrentaram a expulsão de suas fazendas e habitações e o surgimento de conflitos fundiários. O Brasil tem as mais altas taxas de assassinato de defensores dos direitos humanos no mundo e a escravidão e o tráfico de pessoas ainda estão relacionados à cadeia produtiva das mercadorias. A absorção da terra pelo mercado de terras que aumentaram os impactos socioeconômicos e ambientais - como a contaminação da água e do solo e o desmatamento. Esses processos também estão relacionados a uma crise global múltipla e convergente (alimentos, combustível, finanças), levando a diversidade de formas rurais e ambientais à homogeneização das relações capitalistas, à mercantilização das formas agrícolas. Nesse sentido, é importante criar novas estratégias, mediar dentro e fora do estado para garantir justiça e diversidade ambiental.

A partir do exposto, como combater o monstro capitalista e suas formas concentradoras e centralizadoras de capital? Como construir saídas para além da reprodução e apropriação da hidra via formas de manutenção da vida (e do território) para os povos e comunidades tradicionais?

EXPERIENCIAS MICROPOLÍTICAS: LO COMUNITARIO EN LA SOSTENIBILIDAD DE LA VIDA

Nro. de Mesa 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

Ponencia

Lorena Angélica Higuera¹¹

María Belén Alvaro¹²

Fara Macsad¹³

Resumen

El presente trabajo se inscribe en el *proyecto* “*Cartografías de la construcción de “lo común”: experiencias micropolíticas en territorios arrasados*”¹⁴, orientado a explorar experiencias micropolíticas de construcción de ‘lo común’ en territorios arrasados de la Norpatagonia en la última década. A principios del siglo XXI, en territorios rurales de Patagonia Norte se consolidan regímenes de despojos de carácter expropiatorio y extractivo que no solo conllevan transformaciones en las formas de usos y apropiación en la tierra; sino que emergen y refuerzan formas de disputa por la tierra, el agua y la vegetación frente a “otros modos” de vinculación con la naturaleza. En estos territorios se expresan elementos de tensión a partir de intereses contrapuestos en cuanto a la apropiación y el uso de la tierra. Se involucran aquí, por un lado, los actores históricos de la región: productores campesinos que desarrollan estrategias de persistencia frente a la presión ejercida por parte de grandes empresas ganaderas; por otro lado, actores actuales: formas empresariales ligadas a actividades turísticas e inmobiliarias que avanzan sobre la pequeña producción familiar. Estos procesos ponen en crisis la reproducción social de la vida, afectando las prácticas y formas de producción de los sujetos. Y combinan en los territorios lógicas de tipo empresarial vinculadas a la concentración ampliada del capital con otros modos de hacer y de pensar que redefinen las estrategias de organización de grupos subalternos. Esta propuesta de trabajo versa sobre la trama de experiencias que tejen mujeres indígenas/artesanas en la producción de bienes para la (re)producción de la vida y del territorio en la región de Línea sur (Río Negro, Argentina) y mujeres trabajadoras de la fruta de pepita habitantes de barrios perforados por la explotación de hidrocarburos no convencionales, en las últimas décadas del presente siglo.

Nos interesa explorar los horizontes comunitarios feminizados en el sentido amplio de la responsabilidad misma de sostener la vida desde las prácticas y tránsito de saberes que promueven estas mujeres productoras/artesanas/trabajadoras rurales. Para ellos se exploran una experiencia comunitaria que muestra procesos de subjetivación disidentes donde el encuentro entre mujeres hace posible otras formas de resolución de la vida, a través de la organización colectiva y modos de temporalización, memorialización y espacialización vinculados a la creación de nuevos discursos y prácticas que emergen en el vínculo con la tierra. Se presentan las tramas de experiencias como formas alternativas de organización de las actividades para la reproducción cotidiana de la vida. Y se avanza en la descripción de la producción del espacio vivido/espacio viviendo que hace centro en su condición multifacética y contradictoria, como el lugar en el que coexisten sujetos con diversas fuerzas e intereses, pensando que

¹¹ higuelore@yahoo.com.ar

¹² mabalvaro@yahoo.com.ar

¹³ faramac94@hotmail.com

¹⁴ Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, Universidad Nacional del Comahue.

las transformaciones territoriales son el reflejo de los conflictos y cambios originados en los espacios de la vida cotidiana, del trabajo y de la producción del que participan estas mujeres en su construcción social, productiva, identitaria y ambiental. Para este trabajo, se recuperan entrevistas semi-estructuradas dirigidas a mujeres productoras/artesanas/trabajadoras rurales, y se recogieron datos cuanti-cualitativos que posibilitan profundizar la capacidad explicativa de las formas de organización colectiva.

Palabras claves: régimen de despojo; experiencia comunitaria, mujeres rurales.

MODIFICACIONES TERRITORIALES Y GEOPOLÍTICAS EXTRACTIVAS EN BOLIVIA DURANTE EL SIGLO XX Y XXI

Mesa N° 43. Los nuevos vínculos de las geografías extractivas

Ponencia

Carla Virginia Rodas Arano¹⁵

Resumen

La presente ponencia realiza un análisis exhaustivo respecto a políticas territoriales implementadas durante diferentes gobiernos en Bolivia, las cuales modificaron los modos de construir territorio de las comunidades indígenas en el Altiplano, Chaco y Amazonía. Estas políticas, implementadas especialmente desde la década del 50' y acompañadas por proyectos para el desarrollo, tuvieron la intencionalidad de convertir al indígena en “campesino” para mejor manejo de ciertos recursos: plan que dura hasta la actualidad con la intención de “modernizar”.

Así, a partir de la reforma agraria, el territorio fue vinculado fuertemente con el nacionalismo y la idea de fronteras, impulsando al surgimiento de tierras individuales en las comunidades indígenas. Esto produjo un choque con la comprensión del territorio vivo de las comunidades indígenas, el cual es construido a partir de redes de relaciones entre seres humanos y el entorno. Por tanto, es diferente a un territorio estático delimitado, siendo más característico por ser flexible y similar a un cuerpo.

Caso contrario el territorio del Estado-nación es plasmado de manera plana y organizado para mejor dominio de los recursos. Es usual vincular el territorio a límites político-administrativos demarcados por fronteras: “en un sentido político-jurisdiccional, se entiende como el espacio geográfico que define y delimita la soberanía de un poder político. La jurisdicción territorial más prototípica de los tiempos modernos es el territorio nacional, demarcado por un polígono cerrado de fronteras” (Echeverri, 2004, p. 260).

El motivo para este relacionamiento proviene de un proceso de colonización y eurocentrismo de la ciencia presente en la cartografía. Los mapas utilizados ampliamente en la época colonial fueron construidos con el objetivo de dominar, debido a que presentaban detalles sobre la ubicación y disposición de los territorios: “la cartografía irrumpió como un saber geopolítico determinante, tanto por la importancia de los conocimientos cartográficos en el ámbito militar; como por el carácter estratégico que el dominio adquirió en la delimitación, establecimiento y sustentación de la soberanía estatal” (Montoya, 2007, p. 160). Precisamente, la cartografía fue útil para implementar aquello denominado como el mundo moderno/colonial “de historias contadas desde un solo lado que suprimieron otras memorias y de historias que se contaron y cuentan desde la doble conciencia que genera la diferencia colonial” (Mignolo, 2000, p. 39) de manera que ayudaba a universalizar el pensamiento racional eurocéntrico (Montoya, 2007).

La cartografía en la época colonial se concentró en la comprensión del territorio europeo centro-periferia (considerándola universal), mientras que la percepción indígena de territorio (que podía tener varios centros o ninguno) era relegada: “cartógrafos y navegantes europeos, dotados ahora de instrumentos precisos de medición, empiezan a creer que una representación hecha desde el centro

¹⁵ Asociación para la Defensa Ecológica y el Instituto de Investigaciones Antropológicas y Arqueológicas.

étnico es pre-científica, pues queda vinculada a una particularidad cultural específica” (Castro-Gómez, 2005, p. 62).

Por tanto, la ponencia realiza una crítica a este modo de percibir el territorio para dar paso a su comprensión a partir del paisaje: “producto de la actividad humana porque existen procesos de manejo y transformación del espacio apropiado por parte del hombre. El paisaje, en el sentido de la escuela alemana, es la forma más visible e integrada de la acción del hombre sobre el territorio” (Mazurek, 2006, p. 42). De este modo hacer hincapié sobre la idea que es un producto social (Lefebvre, 1996) dinámico y refleja las relaciones sociales (Santos, 1996a).

Aquí el territorio será comprendido a partir de las relaciones: “no es ni una cosa ni un sistema de cosas, sino una realidad relacional: cosas y relaciones juntas. Por esto su definición sólo puede situarse en relación con otras realidades: la naturaleza y la sociedad, mediatizadas por el trabajo” (Santos, 1996b, p. 27-28). Similar a las afirmaciones de Echeverri (2004, p. 263) respecto al territorio no areolar: “la noción no-areolar (indígena) de territorio se concibe en un modelo relacional: como tejido, no como áreas (...) la noción no-areolar se ajusta mejor a una representación modelada como un cuerpo viviente que se alimenta, se reproduce y teje relaciones con otros cuerpos”.

En Bolivia las políticas de desarrollo de Bolivia implementadas especialmente en dos momentos, el denominado capitalismo de Estado entre la década del 50 al 80, y el pos-neoliberalismo desde el año 2000 hasta la actualidad (Morales, 2014), fueron caracterizados por la intención/intensión de explotar recursos naturales y acrecentar la mano de obra.

La etapa del capitalismo de Estado comprendía un modelo de desarrollo basado en la industrialización y en el desplazamiento de la población a tierras no trabajadas, acudiendo a la cooperación internacional y a la explotación de recursos minerales para este fin. Sin embargo, los procesos de industrialización fueron vanos, lo que llevó al surgimiento de las reformas neoliberales.

La etapa pos-neoliberal, surgida tras el desencanto del neoliberalismo, parece una copia a nivel político del capitalismo de Estado al ser nacionalista extremo. La diferencia radica en el discurso de la distribución equitativa de la riqueza con el propósito de Vivir Bien (Morales, 2014). No obstante, este modelo pos-desarrollista cae en el mismo problema que el capitalismo de Estado: no se logran grandes pasos en la industrialización y se opta por el extractivismo sobrepasando los derechos colectivos y ambientales (Svampa, 2012).

Palabras claves: Territorio, políticas de gobierno, extractivismo, campesino, modernidad



SESIÓN 3: DISPUTAS AMBIENTALES, MINERÍA E HIDROCARBUROS

DISPUTAS TERRITORIALES Y EXTRACTIVISMO EN VACA MUERTA (NEUQUÉN, ARGENTINA): EMPRESAS DE HIDROCARBUROS, CAMPESINOS Y COMUNIDADES MAPUCHE EN TENSIÓN.

Mesa Temática 43: Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas.

Ponencia

nro. 463

Juan Wahren¹⁶

Resumen

En los últimos años con el descubrimiento de yacimientos de hidrocarburos no convencionales (shale oil y shale gas) en la provincia de Neuquén (Argentina) y el uso masivo de la técnica de extracción de estos recursos vía la fractura hidráulica (fracking) se generó en la región de Vaca Muerta una serie de disputas territoriales en torno a los bienes naturales protagonizadas por las empresas de hidrocarburos (nacionales y transnacionales) que actúan en la región y las comunidades indígenas del Pueblo Mapuche que habitan ancestralmente en esos territorios.

Este procesos de acumulación por desposesión (Harvey, 2004) implica un avance de las fronteras de las mercancías (commodity frontiers) del que nos habla Jason Moore (2013); en este caso de los hidrocarburos, lo cual lleva a diversas dinámicas de desterritorialización y reterritorialización (Mançano Fernandes, 2005) de los actores en pugna y el avance de una suerte de “territorialidad extractiva”.

En el marco de estos procesos de disputa territorial y por los bienes naturales, las comunidades mapuche y los crianceros campesinos reconstruyen sus propias identidades y territorios en la (re)creación de alternativas sociales, culturales, económicas y políticas en torno a la autogestión y la autonomía. En ese entramado de procesos de r-existencia (Porto Gonçalves, 2006) que denominamos “territorios insurgentes” (Wahren, 2011), proponen formas alternativas de relacionamiento con la Naturaleza basadas en la reciprocidad y en el uso acotado de los bienes naturales en tanto garanticen la reproducción de la vida comunitaria como la permanente regeneración de estos bienes comunes; lo cual implica una forma de relacionamiento con la Naturaleza alternativa a la lógica extractiva hegemónica del capitalismo.

¹⁶ IIGG-UBA/CONICET

VIVIR EN UNA NUBE DE HUMO: NORMALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA AMBIENTAL EN SAN SALVADOR.

Nr de Mesa 43

Tipo de presentación ponencia

Mara Duer

Resumen

En el mes de marzo el procesamiento del arroz genera una bruma que crece hasta que envuelve a toda la ciudad. El domo gaseoso en la que la ciudad de San Salvador queda atrapada visualiza para los habitantes de San Salvador el vínculo tóxico que tienen con la industria arrocera y sus campos cultivados. Esta nube cargada de polvillo que sale de los molinos expone visceralmente las tensiones en la proximidad entre el campo, su industria y la ciudad, desnudando los dilemas y contradicciones de la agroindustria que pone en tensión la identidad de la ciudad salvadoreña conocida como la capital del arroz.

Establecida como centro arrocero, el territorio y la ciudad de San Salvador se desarrolló en la integración de la cadena agroindustrial - partiendo por la cosecha del cereal, pasando por su almacenamiento y procesamiento y comercialización. Sin embargo, en los últimos 10 años algunos pobladores comenzaron a preguntarse sobre la conexión entre el polvillo que se genera en el molino y la preeminencia de enfermedades cancerígenas y respiratorias y la alta tasa de fallecimientos entre otros problemas socio-ambientales. El artículo explora cómo el avance del agronegocio, siendo un modelo de explotación agrícola intensiva caracterizado por la incorporación de la soja y otros commodities a los cultivos tradicionales, la siembra directa y el uso masivo de agroquímicos, afecta aquella relación entre el campo, el molino y la ciudad, convirtiéndola en una 'zona de sacrificio'. Específicamente el artículo indaga sobre la internalización del discurso sacrificial por los mismos habitantes del lugar. El artículo concluye que a pesar de la afectación de los cuerpos por la presencia del polvillo en el aire, y la contaminación de la tierra y el agua estos no parecieran constituir factores que impacten sobre la relación entre la ciudad, sus habitantes y la matriz extractiva de desarrollo.

Palabras Clave: extractivismo, zona de sacrificio, cuerpoxs, afectación.

CONFLICTIVIDAD MINERA EN CHUBUT: UNA LECTURA EN TORNO A RESISTENCIAS SOCIOTERRITORIALES

Mesa temática: 43 Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

Tipo de presentación: ponencia

Cristian Hermosilla Rivera

A partir de la consolidación del Estado argentino en la región de la Patagonia, a fines de siglo XIX, la región se estructuró en base a una economía capitalista de enclave, con ciudades orientadas a facilitar la extracción de bienes de la naturaleza sin mayor valor agregado: lana, petróleo, gas, uranio y carbón, entre otros. Lejos de dejar atrás este modelo productivo que se fue desarrollando con diversos matices durante el siglo XX, la provincia se proyecta en la actualidad, a partir de la implementación de políticas neoliberales, como una región clave en el contexto nacional e internacional según los parámetros valorativos del capital financiero. Esto es así porque posee grandes yacimientos metalíferos de oro, plata y uranio, como así también yacimientos petroleros y gasíferos en formaciones de esquistos, explotables por medio de la fractura hidráulica o fracking. La posibilidad de profundizar el modelo es viable gracias a los avances tecnológicos actuales, que permiten que minerales con baja densidad de concentración hoy sean económicamente rentables. El Fraser Institute de Canadá, prestigiosa entidad de investigación económica y considerada el termómetro del clima inversor a nivel mundial, posiciona a la provincia en el noveno lugar del ranking mundial en cuanto a potencial minero y como número uno a la hora de analizar las áreas mineras con mayores posibilidades de desarrollo de la República Argentina. Además la provincia cuenta, en conjunto con la región patagónica, con bienes Pero los costos sociales, económicos y ambientales que los diversos modelos de acumulación generaron a escala planetaria, han hecho emerger un conjunto de organizaciones de la sociedad civil, que si bien componen un arco heterogéneo, han logrado frenar la profundización y sofisticación de un modelo que históricamente ha imperado en Patagonia. Hasta el momento no parece haber un proyecto alternativo claro pero, como idea fuerza, existe consenso en la necesidad de pensar en otros tipos de territorios, que sean la base de alternativas sustentables desde lo ambiental y equitativas desde lo social. Aun así estas luchas han hecho fracasar, una y otra vez, los intentos de diversos gobiernos nacionales y provinciales de profundizar la matriz extractivista en la región, dejando entrever que las resistencias a dicho modelo, muchas veces subestimadas, tienen un basamento considerablemente sólido. Tal es así, que el poder económico y político vuelve permanentemente sobre sus pasos para imponer el modelo, poniendo en juego nuevas y sofisticadas estrategias de consenso y coerción.

¿Pero qué factores se han combinado en Chubut, una provincia relativamente pequeña en términos poblacionales, para que la lucha social haya impedido durante tanto tiempo la instalación de los proyectos de los capitales transnacionales mineros? ¿Qué lectura teórica se puede realizar al margen de las corrientes hegemónicas que abordan a los movimientos sociales desde corrientes teóricas como la acción colectiva y el individualismo metodológico? Estas preguntas, de difícil resolución, se orientan a entender por qué Chubut ha sido la excepción o la anomalía en esta fase del imperialismo neoliberal en Patagonia y en Latinoamérica. Este trabajo intenta abrir algunos debates abordando las características de las luchas y rebeliones sociales que se han suscitado en el marco de las contradicciones sociales y ambientales, contextualizándolas en el marco de la lucha social amplia e histórica, y no como una

novedad que aparece en escena con los movimientos asamblearios post crisis de 2001. A diferencia del abordaje académico hegemónico, que visibiliza la lucha ambiental recién a partir del siglo XXI con los sucesos del No a la mina en Esquel en el año 2003, este trabajo intenta demostrar que el movimiento ambiental emergió como un sujeto político provincial determinante hace más de 40 años. Y, sobre todo, que no puede analizarse sin entender las luchas previas, sean sindicales, sociales o políticas, en línea con el contexto nacional y mundial, es decir, con los modos de acumulación dominantes y la estructuración ideológico cultural de cada época. Por lo tanto, el éxito de la lucha ambiental no puede abordarse como obra de aislados y nuevos movimientos sociales, como sujetos aislados y fenoménicos, tal como expresan las teorías hegemónicas basadas en el individualismo metodológico o la acción colectiva. Estos dejan de lado las contradicciones socioambientales, los análisis clasistas o los impactos de los modelos de acumulación en los movimientos de la sociedad

Se partirá de la premisa de que Patagonia, y Chubut específicamente, no está frente a una novedad cuando se habla de neo extractivismo, sino a una profundización y sofisticación de la matriz con la cual fue pensada y explotada desde fines de siglo XIX. Esta orientación productiva fue proyectada por la clase dominante nacional de la época, la cual aceptó un rol de exportador de naturaleza en la división internacional del trabajo. Patagonia, claro está, aportó la producción lanar y posteriormente el petróleo que comenzó a tener gran valor comercial en el mercado mundial. En la década del 50 se impondrá una política desarrollista en algunos puntos de Patagonia, materializándose en la creación de polos industriales, pero dicho modelo terminó de agotarse en la década del 90, a medida que la burguesía financiera logró hegemonizar la estructura económica social de Argentina. La explotación a gran escala de la naturaleza en sus diversas formas (grandes pools de soja, petróleo convencional y en esquistos, uranio, plata, oro, el recurso ictícola del mar Argentino e incluso el turismo), se convirtió en el modelo imperante hasta la actualidad.

Palabras claves: megaminería, Chubut, territorios, resistencias, movimientos socioterritoriales

LA CONSTRUCCIÓN POLÍTICA DE LAS ZONAS DE SACRIFICIO EN LA PROVINCIA DE CHUBUT, ARGENTINA

Mesa temática: 43 Los nuevos vínculos con la tierra de las geografías extractivas

Ponencia

Adrián Monteleone¹⁷

Desde la década de 1990 y con la implementación de la Ley de desarrollo minero, comenzaron a desembarcar diferentes proyectos de inversión minera transnacional en distintas regiones del país como por ejemplo en las provincias de Catamarca y La Rioja. En las últimas dos décadas, los sucesivos gobiernos de la provincia de Chubut intentaron aprobar la denominada “zonificación minera” para la explotación del sector en dicha provincia. Luego del triunfo del movimiento No a la Mina de Esquel, el gobierno provincial y el sector minero optaron por construir un discurso que plantea que la minería a cielo abierto como la única forma de desarrollo para la meseta.

El problema a plantear será que la implementación de la minería transnacional a cielo abierto en la provincia de Chubut utiliza un discurso geográfico, a través de diversos dispositivos de la cultura contemporánea que construyeron imaginarios colectivos que impactan en las subjetividades de gran parte de la población de la meseta que aspira a una idea de progreso y desarrollo local.

El trabajo intenta poner en discusión el modo en que diferentes dispositivos de comunicación masiva como diarios y redes sociales propician discursos pro mineros que conciben a esa actividad como la única posibilidad de desarrollo para la meseta chubutense

Como objetivos se plantean:

- Analizar la construcción discursiva de las zonas de sacrificio en la provincia de Chubut
- Evidenciar diferentes apropiaciones discursivas espaciales por parte de los pobladores de las localidades de Gastre y Gan Gan en torno al desarrollo local a partir de la actividad minera durante 2019 y 2020

Metodológicamente se toman algunas herramientas provenientes del análisis del discurso, la sociología de la cultura y Geografía social y cultural que permitirán explorar distintos titulares de diarios de la provincia de Chubut, como así también discursos de los principales actores involucrados en el período 2019-2021. También se analizarán entrevistas a pobladores de las localidades de Gastre y Gan Gan, que den cuenta de significaciones territoriales referidas a la idea de desarrollo y progreso en la meseta a partir de la implementación del proyecto Navidad.

Palabras clave: Imaginarios geográficos, desarrollo local, zona de sacrificio, políticas públicas, megaminería

En las últimas décadas el término de “zonas de sacrificio”, fue utilizado tanto en ámbitos académicos como en las asambleas ambientalistas para referirse a territorios con ciertas características socio-ambientales en donde el capital despliega actividades extractivas de alto impacto. Algunas características de estas zonas es la presencia de determinados recursos naturales valorizados por el capital transnacional coincidiendo también con la baja densidad de población, generalmente agrupada en pequeños poblados con escaso desarrollo productivo y con economías desarticuladas.

La idea de las zonas de sacrificio vinculadas a la necesidad de desarrollar la Meseta en Chubut, se

¹⁷ IFDC El Bolsón; IES 813; Univ Nac Quilmes. admonteleone@gmail.com

puede compararse con la construcción del imaginario de “desierto” utilizado como estímulo a fines del siglo XIX para expandir territorialmente al capitalismo en esos “espacios vacíos” a costa del genocidio de los pueblos originarios.

La construcción de una conciencia espacial a partir de la imaginación geográfica permite que los individuos perciban las transformaciones territoriales de tal manera que puedan juzgar su importancia e interpretar y valorar el significado de las diversas formas espaciales.

En este sentido, tanto la idea de meseta como un espacio subdesarrollado o el término de “zonas de sacrificio” son construcciones políticas y culturales que surgen a partir de la falta o el fracaso de planificaciones de desarrollo local y la visión generalizada de la idea de que “allí no hay nada”. Esto se pone de manifiesto en una débil visión de “progreso” que sufren muchos habitantes de la meseta debido a la falta de oportunidades laborales o educativas, lo que generó que en los últimos 70 años varias generaciones hayan optado por migrar a las ciudades costeras y cordilleranas en busca de una mejor calidad de vida.

En los diferentes medios masivos de comunicación al referirse a la meseta, enfatizan en la pobreza, el “olvido”, la falta de oportunidades y necesidad de desarrollo local, configurando un discurso centrado en “no tener oportunidades laborales” y que “nadie de afuera debe decirles cómo vivir a la gente de la meseta”. Generalmente estos discursos son siempre acompañados de imágenes que refuerzan el imaginario de vulnerabilidad social de las poblaciones de la meseta.

Reflexiones y conclusiones

El discurso pro minero hegemónico que se impone como un nuevo imaginario geográfico en la meseta utiliza interlocutores (políticos, ONG, cámaras de comercio, vecinos) que a través de los medios masivos de comunicación cumplen un rol clave en la reproducción discursiva y refuerzan estereotipos socio-espaciales que refieren a la meseta como un lugar “sin oportunidades” y con historias de “fracasos” que es necesario desarrollar a través de la minería.

SUSTENTABILIDAD EN LA CONSTRUCCIÓN SOCIAL DEL HÁBITAT EN ARGENTINA.

Ponencia

Baulo Darhanpé Hernán¹⁸,
Español Ariel Omar¹⁹

La crisis energética, los desafíos ambientales y el déficit habitacional existente en Latinoamérica y el Caribe, con consecuencias negativas sobre la salud, seguridad y calidad de vida de las poblaciones vulnerables, exige desarrollar políticas habitacionales profundamente ligadas a los conceptos de sustentabilidad social, ambiental y económica, en línea con las metas de los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Organización de las Naciones Unidas (ODS).

Según datos del Banco Interamericano de Desarrollo (BID) el 78% ciento de la población de la región reside en ciudades, lo que la convierte en la región en desarrollo más urbanizada y se espera para 2050, cerca de 150 millones de residentes adicionales.

Argentina es uno de los países más urbanizados, con un 92% de la población ubicada en áreas urbanas, superando el porcentaje regional (Banco Mundial). Más del 70% de la población que vive en condiciones de vulnerabilidad reside en zonas urbanas. Según datos de la Secretaría de Vivienda, se estima que Argentina debe cubrir un déficit de 1,5 millones de viviendas sociales. Por otra parte, el consumo energético en el sector residencial representa el 26% del consumo total de energía, excluyendo usos no energéticos (BEN, SE). En este sector, el gas natural es la fuente de energía más importante, representando un 60% del total consumido, seguido por la electricidad con un 36%. El suministro de energía del sector residencial proviene principalmente de fuentes no renovables que representan el 70% de la matriz energética de Argentina. Con un crecimiento anual estable de la demanda, y en un escenario “business as usual”, se estima que las emisiones de Gases de Efecto Invernadero (GEI) del sector residencial crecen a una tasa anual del 3,7%. En el caso de la vivienda social, la dependencia del gas natural es mayor (78%), por lo que las emisiones de GEI de este subsector son predominantes dentro del sector residencial general.

En este contexto, se desarrollan políticas habitacionales ligadas al concepto de sustentabilidad, con especial foco en la elaboración e implementación de normativas que incorporen Eficiencia Energética (EE), Energía Renovable (ER) y Diseño Bioclimático (DB).

El trabajo expone los avances realizados en la gestión e implementación del Programa ‘Eficiencia Energética y Energía Renovable en la Vivienda Social Argentina’ (AR-G1002), financiado por el Fondo para el Medio Ambiente Mundial (FMAM-GEF), y con la participación del Banco Interamericano de Desarrollo (BID) como Agencia de Implementación del Proyecto, con el objetivo de ‘Elaborar estándares mínimos de habitabilidad incorporando medidas de EE, ER y DB para la construcción de la vivienda social, basada en los resultados de los prototipos de vivienda social con EE, ER y DB construidos y monitoreados durante el proyecto. Estos estándares serán incorporados en los nuevos proyectos de vivienda social financiados por fondos federales’.

El Programa plantea el diseño y construcción de 128 prototipos de vivienda social con EE, ER y DB,

¹⁸ Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño. Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina. e-mail: hernanbaulo@gmail.com

¹⁹ Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires, Argentina. e-mail: espanolariel@gmail.com

en diferentes Zonas Bioambientales de Argentina (IRAM, 11603), y el monitoreo de sus condiciones ambientales y consumo energético durante un año. Los resultados del monitoreo se comparan con un conjunto de referencia de 640 viviendas, construidas con la normativa anterior, a fin de analizar los costos y beneficios de incorporar medidas de EE, ER y DB en nuevos programas de vivienda social, y desarrollar nuevos estándares de habitabilidad para cada Zona Bioambiental del país. Se encuentra planificado un plan de “abordaje social” con diferentes instancias de participación de los actores clave en territorio, para la gestión de los proyectos e integración y apropiación efectiva de las propuestas y tecnologías. Conjuntamente, se plantea el desarrollo de una metodología de evaluación multi-criterio que permita valorizar adecuadamente la mejora de la calidad de vida efectiva de los beneficiarios de las viviendas a construir en el marco del Programa. Asimismo, está previsto identificar y evaluar impactos sociales directos e indirectos del proyecto con un enfoque de género, con la inclusión de dichos impactos como variables en el análisis costo-beneficio.

El Programa incluye: (i) actividades de difusión y capacitación para agentes públicos responsables de promover e implementar nuevos estándares; (ii) desarrollo de tecnología vinculada a la EE y ER a escala local y regional, (iii) acciones orientadas al fortalecimiento de las capacidades locales y del mercado de EE y ER, (iv) divulgación y difusión de resultados y lecciones aprendidas del proyecto y tecnologías destinadas a público general y específico y actores relevantes.

A la fecha, se actualizaron los Estándares Mínimos de Calidad para Viviendas de Interés Social incorporando medidas de EE, ER y DB en programas financiados con fondos nacionales de modo que los resultados obtenidos ya brindan efectivo soporte a la revisión y actualización de la normativa vigente, atendiendo el impacto social, económico y ambiental en el marco de la sustentabilidad del hábitat edificado.

Se establecieron puntos de sinergia con nuevos programas actualmente en curso relativos a recursos y energía en edificios, y se impulsaron nuevos proyectos normativos. Se efectuaron estudios de diagnóstico con el fin de analizar las barreras técnicas, económicas, legales y políticas para el desarrollo de tecnologías de EE y ER a nivel local. Se elaboraron guías y manuales y herramientas informáticas con material de difusión sobre los resultados de los estudios y simulaciones, y sistemas de métricas e indicadores simplificados de apoyo para los procesos de planificación y diseño.

El Programa constituye una herramienta para la transición justa del sector de la vivienda social en Argentina, impulsando el desarrollo de respuestas más coherentes con un modelo de desarrollo sustentable local.

Palabras clave: Eficiencia Energética, Energía Renovable, Diseño Bioclimático, Sustentabilidad, Ambiente.

O CRESCIMENTO DA AVICULTURA NO ESTADO DO PARANÁ

Ponencia

Azevedo, Suelen Terre de.²⁰

Malysz, Sandra Terezinha.²¹

As atividades agroindustriais no Brasil se desenvolveram a partir da incorporação de novas tecnologias e dos avanços científicos, principalmente a partir da década de 1960, com a revolução verde, motivada pela necessidade de produção de alimentos para uma população cada vez mais crescente. No contexto do desenvolvimento das atividades agropecuárias com vistas a produção de alimentos, neste trabalho objetivamos analisar o crescimento da atividade avícola no estado do Paraná. A avicultura tem crescido muito no Brasil, e o Paraná tem se destacado na produção de aves, com mudanças nas redes e relações territoriais de muitos de seus municípios.

A metodologia foi centrada em pesquisa bibliográfica e exploratória a partir da seleção de variáveis extraídas das bases de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. Os dados foram sistematizados em gráficos e mapas. No Paraná, o crescimento da avicultura converge com o desenvolvimento agroindustrial das cooperativas agropecuárias, sendo fundamentais para estabelecer o vínculo entre produtor rural e indústria. Tombolo e Dalla Costa (2007) apontam que o dinamismo do agronegócio, ligado à avicultura de corte, corresponde ao aumento do consumo de proteína animal, que no caso brasileiro foi estimulado pelo consumo da carne de frango e a competitividade alcançada no mercado internacional. No Paraná, o crescimento dos abatedouros de aves foi vinculado às cooperativas e à integração da cadeia produtiva, que impulsionaram a avicultura de corte. Outro fator relevante para a industrialização da avicultura, foi o desenvolvimento da agroindústria na agregação de valor nas produções do milho e da soja.

No Gráfico 1 é possível verificar o crescimento do setor avícola no território paranaense ao longo dos últimos 38 anos.

Gráfico 1. Série Histórica: Efetivos de galináceos no Paraná



Fonte: IPARDES, 2020 (Pesquisa da Pecuária Municipal-IBGE). Org. Malysz, S e Azevedo, S.

²⁰ Universidade Estadual de Maringá -UEM, suelterre@yahoo.com.br.

²¹ Universidade Estadual de Maringá -UEM, sandramalysz@gmail.com.

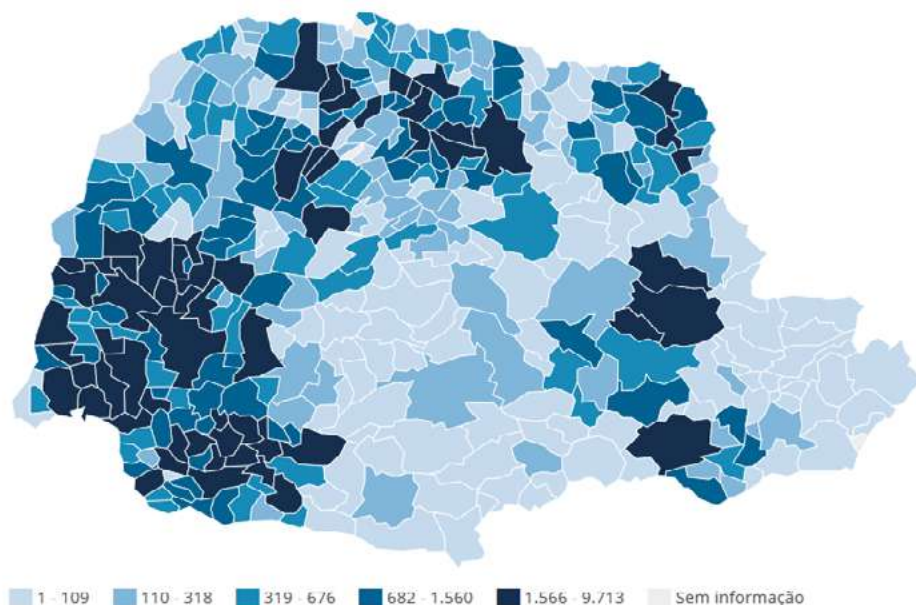
A partir dos dados, o setor avícola apresentou estabilidade na década de 1980. A partir de meados da década de 1990 há um processo de expansão. Na década de 2010 ocorreu o maior crescimento no setor, ligado às empresas cooperativas e a integração, acrescido ao aumento expressivo da exportação de carne de frango. O Paraná se destaca hoje na exportação de aves com várias empresas habilitadas para exportação.

Segundo informações do Avisite (Portal da Avicultura), baseado em dados da Secretaria de Comércio Exterior - SECEX/ME, no primeiro semestre de 2020, o Paraná respondeu por 40,27% do volume de aves exportado pelo Brasil, com 829.061,3 toneladas e por quase 40% da receita cambial do produto, com US\$1.220.413,80. Isto representou um incremento de superior a 50% em relação ao primeiro semestre de 2010, quando o Paraná respondeu por 26,5% do total de aves exportadas pelo Brasil no período.

De acordo Veiga e Alievi (2011), com base em dados do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná - SINDIAVIPAR, a maior parte da carne de frango produzida no Brasil entre 2006 e 2010 foi direcionada para o mercado externo, sendo que no ano de 2010 foram exportados 75% do total de frangos abatidos no Paraná. Para os autores, isso reflete principalmente o avanço técnico da avicultura e as mudanças ocorridas na relação social de subordinação dos criadores às agroindústrias.

Na Figura 1, é possível verificar a espacialização do número efetivo da avicultura no Paraná e o seu desenvolvimento mais expressivo nas regiões: Oeste, Sudoeste, Norte Central, Noroeste, Centro Ocidental, Metropolitana, Norte Pioneiro e Centro Oriental. E o desenvolvimento menos expressivo no Centro Sul e Sudeste. Na região litorânea e da Serra do Mar, também não se desenvolve a avicultura. Sendo importante ressaltar que os dados apresentados no mapa mencionam todo setor de galináceos, incluindo aves de corte, incubadoras e produção de ovos.

Figura 1. Galináceos no Paraná por efetivo de rebanho (em X 1000 cabeças) - Censo Agropecuário, 2017



Fonte: Censo Agropecuário do IBGE, 2017

A partir do exposto, é possível identificar que a atividade avícola representa um importante setor econômico no Estado do Paraná. A ampliação deste setor se apresenta nos municípios localizados mais próximos aos grandes centros agroindustriais com presença de empresas integradoras. A produção de aves está atrelada à criação de galinhas, galos, frangas, frangos e pintos destinados para corte e postura. O crescimento da atividade observado no período de 2008 até 2018, reflete as relações da produção capitalista nos municípios, levando para o campo as tecnologias necessárias para a inserção do produtor no mercado internacional.

Pode-se justificar que o elevado crescimento na produção de aves, está ligado aos processos de integração com os frigoríficos da região, contudo, os investimentos para implantar e manter o sistema de produção é elevado, visto a necessidade constante de introdução de novas tecnologias aliadas aos altos padrões exigidos. Portanto, a remuneração do produtor está atrelada a quantidade de produção por cabeças, o que faz que os investimentos na propriedade sejam constantes, assim como a carga horária trabalhada, normalmente ocupando a mão de obra familiar.

Palavras-Chave: Galináceos, Agronegócio, Produção de alimentos.



MESA 45

MESA 45: ECOLOGIA POLÍTICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Coordinadores: Montezuma,R.; Martins,F.; Giannella,L.; Díez,M.; Cervantes,D.

MESA 45: ECOLOGIA POLÍTICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

*Coordinadores: Montezuma, R.¹,
Martins, F.²,
Giannella, L.³,
Díez, M.⁴,
Cervantes, D.⁵*

O estágio atual do capitalismo, centrado na neoliberalização dos territórios, estaria conduzindo-nos a um processo de urbanização planetária, nos termos de Neil Brenner. Na América Latina, este movimento parece combinar, em larga medida, a atuação do setor imobiliário-financeiro e processos (neo) extrativistas. Resulta-se, assim, na espoliação dos territórios para possibilitar a extração de rendas e a obtenção de valor de troca através da urbanização. Neste contexto, as metrópoles são (re)produzidas tendo como um dos seus principais desdobramentos a intensificação da falha metabólica na relação sociedade-natureza. A produção do espaço urbano, portanto, carrega em sua essência a produção de conflitos ambientais, impondo práticas espaciais incompatíveis com a existência de territórios pautados na relação metabólica com a natureza, tais como os dos povos originários. Logo, configuram-se processos de injustiça ambiental vinculados diretamente à (re)produção do espaço urbano, de onde conclui-se que a luta por justiça ambiental e as lutas urbanas devem ser tomadas como uma só luta. Neste sentido, a mesa buscará refletir, através do diálogo entre pesquisas realizadas na América Latina, sobre a necessária articulação entre o campo dos estudos centrados na produção do espaço urbano e os da ecologia política, ponderando sobre o tema em termos epistemológicos, ontológicos e, principalmente, políticos. A partir da compreensão de que novas realidades ecossistêmicas emergem da interação com o espaço urbano, desencadeando processos coevolutivos recentes, propomos ainda debater e potencializar estratégias que contemplem distintos modos de viver e habitar pautados em modelos alternativos de relações sociedade-natureza.

¹ Universidade Federal Fluminense. E-mail :ritamontezuma@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense .E-mail:fesmartins@id.uff.br.

³ Escola Nacional de Ciências Estatísticas. E-mail:leticia.giannella@ibge.gov.br.

⁴ Universidad Pontificia Bolivariana.E-mail:mariana.casta87@gmail.com.

⁵ Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa. E-mail:dondiegocervantes@gmail.com.

METABOLISMO SOCIAL E RUPTURA METABÓLICA: NATUREZA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS URBANOS À LUZ DO MARXISMO

Machado, Gabriela da Silva⁶
Assumpção, Thaís Lourenço⁷

O trabalho tem o objetivo de trazer à luz da discussão marxista, a forma como a produção capitalista do espaço urbano, com a participação ativa do Estado- enquanto ator fundamental desse processo, produto e guardião do modo capitalista de produção e consumo leva à configuração de conflitos socioambientais. A propriedade privada da terra implica na separação cada vez maior entre a sociedade e o ambiente, rompendo o metabolismo entre o ser humano e a natureza, aqui materializada na terra. A urbanização e a metropolização, vinculadas à espoliação aprofundam ainda mais essa ruptura, afetando os grupos que produzem e reproduzem seu modo de vida levando em consideração a apropriação do espaço e a horizontalidade dessa relação sociedade- espaço. A sociedade de classes, balizadora da sociedade capitalista, necessita do Estado como agente controlador e apaziguador de suas contradições, e, como as classes superiores possuem mais recursos, tornam-se também as representantes políticas desses Estados e, por meio dele, exercem a dominação, o controle e a exploração sobre as demais (Harvey, 2005 [2001]). O Estado possui a função de administrar os aspectos conflitantes da sociedade e o faz a partir de sua estrutura moldada para funcionar de acordo com os interesses do capital (MASCARRO, 2015), em um processo contraditório no qual universaliza interesses de classe (HARVEY, 2005 [2001]), levando ao agravamento de conflitos socioambientais, onde prevalece a justiça burguesa. Para Marx, o antagonismo entre o valor de uso e o valor de troca era, mais do que uma explicação para as contradições internas do capitalismo, um elo para entender o conflito entre o modo de produção e o ambiente natural, dado que o trabalho e a natureza constituem a fonte de toda riqueza. A existência do processo de trabalho e produção, entendido por Marx como metabolismo social, somente é possível dado que ocorre a absorção de energia do metabolismo universal da natureza (FOSTER, 2015). A concepção dos bens naturais enquanto mercadoria conduz esse processo a uma falha metabólica, impedindo o funcionamento natural do sistema. A consolidação do espaço urbano como meio principal de expansão capitalista faz com que a ruptura do elo trabalhador - terra ocorra em um ritmo mais acelerado e em uma escala global. A fase neoliberal do capitalismo se reproduz a partir da acumulação por espoliação. Sendo a terra um dos meios de produção do qual o trabalhador é alienado, essa ruptura é intensificada. O ecossistema moldado pelo capital é funcionalista, privatizado, monetizado, voltado para a maximização dos valores de troca – especialmente a renda- através da apropriação, produção e reprodução dos valores de uso. No meio urbano, esse processo se materializa na funcionalização dos espaços e no controle das práticas sociais individuais e coletivas. O processo de urbanização e sua expressão neoliberal, a metropolização, implica em uma alienação da natureza, que é, também a alienação humana pressuposta pela redução da natureza à forma mercadoria, materializada em uma disputa pela terra e entendida de maneira distinta pelos sujeitos envolvidos. De um lado, como reserva de va-

⁶ Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). E-mail:machado.gabriela@outlook.com.

⁷ Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE).E-mail:thaisla94@gmail.com.

lor de troca, e do lado oposto, como elemento indispensável para a reprodução da vida dos grupos que historicamente produzem esse espaço e que possuem com ele uma relação na qual múltiplas formas de produção e reprodução das relações são vivenciadas, sem a imposição de uma lógica de acumulação. A alienação do homem e do meio/natureza é resultado de relações sociais travadas dentro de um modelo econômico que preconiza essa ruptura em busca da abundância irreal gerada no imaginário e ideal social, investindo em degradações. Esse ideal tem suas raízes na violência social e ambiental, que trouxe, também, por conseguinte, o verde como refúgio e escape, numa ideia romantizada e a princípio restrita à elite - os verdes campos e reservas seriam sinônimo de saúde, o interior e a calma das florestas, bosques e fazendas trariam a paz interior que já não se via nas cidades cheias de poluentes e fábricas. A defesa dessa ideia ainda nos dias atuais tem serventia ao capitalismo dependente atual, na medida que ajuda na manutenção da estrutura vigente e da alienação política da população, que acaba crendo que problemas ambientais serão sanados com a preservação de poucas áreas verdes intocadas e seus eventuais rituais de contatos com elas - enquanto outras continuam sendo massacradas por um sem fim de motivos, modificando ecossistemas e o clima, sem terem a real compreensão que isso também afeta as áreas ditas intocadas/intocáveis. A reconexão se daria com a quebra da condição capitalista e a emancipação material. Não há como desvencilhar degradações sociais de degradações ambientais, sendo ambas formas de violência causadas em sua grande maioria pelo mesmo motivo. Cabe ressaltar, ainda, a centralidade que a perspectiva marxista, enquanto método que baseia o entendimento e enfrentamento das problemáticas ambientais, apresenta nas perspectivas mais orientadas para os países periféricos. Loureiro e Layrargues (2013) apontam pontos de encontro entre a Educação Ambiental Crítica, a Ecologia Política e a Justiça Ambiental e colocam que elas representam oportunidades para uma abordagem contrahegemônica das questões socioambientais, visando a superação das contradições capitalistas de maneira realizável. Palavras-chave: metabolismo social, ruptura metabólica, conflitos socioambientais, urbanização, metropolização.

APROXIMACIONES DESDE EL METABOLISMO URBANO PARA PENSAR LA METROPOLIZACIÓN EN LA REGIÓN BOGOTÁ-OCCIDENTE

Soler Osuna, Diana⁸

Zambrano Gómez, Brandon Stiven⁹

García Bobadilla, Nicolás¹⁰

La ponencia presenta una reflexión derivada de una propuesta pedagógica e investigativa en torno a problematizar la generación y el manejo de residuos sólidos urbanos, como perspectiva alternativa para comprender las relaciones urbano-regionales, que se configuran entre Bogotá, ciudad capital de Colombia y Funza, municipio aledaño, por lo menos desde los años noventa del siglo XX, que junto con otros municipios forman la subregión sabana de occidente y se han convertido en áreas indispensables para el funcionamiento interdependiente de la ciudad y los municipios. Como propuesta pedagógica e investigativa, se desarrolló a partir de la implementación virtual de una propuesta educativa denominada Pensamiento Ambiental en una institución educativa del municipio de Funza y su posterior sistematización, también para la revisión de antecedentes y construcción de un esquema categorial para comprender y precisar las relaciones geográficas Funza – Bogotá, se acudió a la estrategia de Mapeamiento Informacional Bibliográfico (André, 2009) que contribuye a ordenar, procesar, analizar, categorizar e interpretar grandes volúmenes de producción académica. A pesar de la dependencia de estos territorios, entre la capital y los municipios contiguos no se han consolidado organismos de administración metropolitana. Así, procesos de expansión urbana, desarrollo de zonas industriales y de servicios logísticos introducen modificaciones del uso de suelo, que ocasionan conflictos en el territorio por la sobreexplotación o subutilización del suelo y que genera antagonismos entre los intereses de múltiples sectores sociales de Bogotá y la región, algunos de ellos conectados con las cadenas internacionales de circulación de capital. Indagar estas transformaciones a partir de la materialidad (Gille, 2007), circulación, volumen y disposición final de residuos sólidos urbanos resultado de actividades presentes en el área metropolitana, conlleva a pensar la producción y consumo más allá del valor de uso y posterior desecho, situándose en la relación sociedad - naturaleza. La exploración realizada en esta pesquisa sugiere que, si bien estos fenómenos pueden ser leídos en términos del proceso de metropolización, una lectura de mayor complejidad implica hacer explícita la relación productora de espacio, transformación de naturaleza, en términos de producción, pero también, de desecho. El proceso de metropolización al occidente de Bogotá, se entiende a partir del cambio del uso del suelo, motivado por dos fenómenos que ocurren de forma simultánea. 1) la relocalización de actividades industriales y de servicios, y 2) la construcción de oferta de vivienda tanto para personas provenientes de Bogotá, como para trabajadores locales en las empresas relocalizadas. Ambos fenómenos han sig-

⁸ Profesora e investigadora del programa de Geografía y área de Economía, Trabajo y Sociedad, Universidad Externado de Colombia. E-mail: diana.soler@uexternado.edu.co.

⁹ Estudiante de licenciatura en Ciencias Sociales, Universidad Distrital Francisco José de Caldas. E-mail: bszambranog@correo.udistrital.edu.co.

¹⁰ Estudiante de licenciatura en Ciencias Sociales, Universidad Distrital Francisco José de Caldas. E-mail: nigarciab@correo.udistrital.edu.co.

nificado cambios en el uso del suelo, en la producción y disposición de residuos sólidos. Siguiendo esta idea, interesa explorar la incorporación de suelo rural a usos urbanos, el crecimiento de la ciudad dada la diferencia en los precios de la tierra entre Bogotá y los municipios aledaños y la ubicación estratégica de puertos terrestres y aéreos, que favorecen la formación de zonas industriales, de servicios logísticos y zonas francas. La re-localización de diferentes empresas en parques industriales, se enfoca en el almacenamiento de mercancías, en la instalación “maquilas” e industrias en las que se ensamblan y fabrican productos, mayoritariamente bienes de consumo, como: Doria, Itacol, Soja, Big Cola. Paralelamente, algunas zonas de Funza, Mosquera, Madrid y Facatativá, se tornan en municipios dormitorio. La urbanización favorece la expansión del negocio inmobiliario por parte de empresas como: Seguros Bolívar, que encuentran atractivo comercial, en la creciente demanda de unidades de vivienda para familias de ingreso medio, que no logran encontrar una oferta acorde en Bogotá. Con este panorama y enfocándonos en el aspecto investigativo, en primer lugar, presentamos las transformaciones en el municipio de Funza, a partir del uso de suelo, el cambio en las actividades productivas, particularmente el predominio de actividades industriales e inmobiliarias, sobre la agricultura y floricultura; así como la relocalización de algunas actividades desde Bogotá hacia el municipio. La revisión de estas transformaciones desde la década del noventa del siglo pasado nos permite pensar las relaciones urbanoregionales en términos de metropolización, entendida como la realización territorial en la etapa de globalización neoliberal del capitalismo en las ciudades latinoamericanas. En un segundo apartado, proponemos una perspectiva de análisis desde el concepto de metabolismo urbano, recogiendo elementos de análisis desde la ecología política urbana y la geografía crítica teniendo en cuenta que la extensión de la ciudad implica la ampliación de las zonas de afectación y dependencia del funcionamiento urbano más allá de su jurisdicción administrativa. Así, la expansión urbana implica la transformación de la primera naturaleza, en espacio geográfico, y como parte de este en residuos sólidos. Finalmente, nos preguntamos, ¿en qué medida estas temáticas hacen parte o pueden fortalecer la agenda de la geografía escolar? ya que las reflexiones son elaboradas desde el proyecto pedagógico e investigativo 2020 - 2021: “Historia, política y pedagogía de las basuras” de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas y aprovechando un trabajo adelantado en el marco del proyecto Difusión del programa de Geografía y acompañamiento a colegios 2016 – 2022, con la Universidad Externado de Colombia. Como conclusión, se plantea que las modificaciones urbanas en Funza, obedecen no solo a la expansión del casco urbano frente a la necesidad de vivienda, sino que este proceso se profundiza con la implementación y desarrollo de políticas neoliberales, que, desde la década de los noventa, impulsan un cambio en la estructura del ordenamiento del espacio y el uso del suelo. Adicionalmente, la revisión permite identificar que las relaciones geográficas Funza - Bogotá se han abordado principalmente por los procesos de conurbación, urbanización y crecimiento urbano. Sugerir la reflexión desde el metabolismo urbano permite comprender y problematizar el lugar de los residuos sólidos en este proceso de transformación urbana y su disposición última, para construir un panorama de totalidad frente a las relaciones de metropolización de la zona occidental de la ciudad capital colombiana, específicamente Bogotá - Funza. La pregunta en este sentido es por las oportunidades de formación de sujetos que se abren en el abordaje de estas temáticas en la geografía escolar.

Palabras clave: Expansión urbana, metropolización, metabolismo urbano, residuos sólidos urbanos, educación geográfica.

LUTA DE CLASSES NA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

Chaves, Rafael Luiz Leite Lessa¹¹

Apresentamos uma reflexão sobre uma tentativa de incorporação de novos estoques de solo urbano ao mercado imobiliário no município do Rio de Janeiro. A área em questão se localiza na zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca (PNT), caracterizada pela altitude acima da cota de 300m, que confere médias térmicas até 6°C mais baixas do que as verificadas no centro dessa cidade tropical. Além disso, a área de estudo conta com a cobertura vegetal da exuberante Floresta da Tijuca como amenidade agregadora de valor. Contudo, para desdor dos agentes incorporadores imobiliários, existem ali, há décadas, uma dúzia de pequenas favelas. Neste contexto, portanto, o trabalho analisa um caso empírico de luta entre as classes sociais pelos recursos espaciais. Demonstraremos em nossa apresentação que estamos diante de um (ainda) incipiente processo de expropriação, instigado pela elite dos proprietários, tal como descrita por Jessé Souza (2017), das terras ocupadas pelas classes populares. O objetivo dessa ação coordenada é a acumulação de capital através da conversão da terra urbana em mercadoria, cujo valor de troca é multiplicado pela sua posição em relação à floresta. Tendo claro que o Estado não é um monolito e que, na estrutura social, as classes sociais e suas frações desempenham papéis diferentes, essas se articulam em grupos e colonizam instituições que praticam ações diferenciadas, sendo tais ações frequentemente conflitantes. Pensamos as ações sociais de forma conectada ao substrato espacial material. É mister identificar quais são os grupos que disputam os recursos presentes no espaço para concretizarem sua atuação. Assim, evidenciamos os agentes que disputam a gestão da floresta, os atritos em sua atuação, as complementariedades ou as sobreposições com a ação dos agentes que disputam o uso do solo urbano na vertente sul do Maciço da Tijuca. Destacamos o fato de que o mecanismo para a remoção dos pobres é operado por membros de frações da classe média organizados em associações de moradores de bairros valorizados. Além deles, destacam-se os grandes meios de comunicação da cidade, também os membros do poder legislativo, judiciário e executivo. Esses agentes se fundamentam em discursos ambientalistas enviesados para acusar as classes populares de degradadores da floresta e justificar a instrumentalização do Estado para as remoções. Também salientamos que membros de outra fração da classe média atuam na mobilização dos instrumentos jurídicos e em ações práticas pela solidariedade à defesa dos direitos dos favelados de permanecerem no seu espaço vivido e usufruírem os benefícios da proximidade da floresta, sendo a captação de água nas fontes adjacentes ao PNT o principal deles. Nossa investigação parte da macroteoria aberta do desenvolvimento sócio-espacial elaborada pelo geógrafo brasileiro Marcelo Lopes de Souza (2006), que tem como parâmetro subordinador geral a autonomia na concepção do filósofo Cornelius Castoriadis. Seus parâmetros subordinados particulares são a qualidade de vida e a justiça social. O ponto central de nossa análise é a observação de que avanços e recuos do desenvolvimento sócioespacial são condicionados pelas ações coletivas dos membros das classes populares territorializados no local e

¹¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ. E-mail: rafchaves@gmail.com

pelos ativismos das diferentes frações da classe média em seus respectivos atritos e articulações. Nossa área de estudos abrange 12 pequenas favelas, elas estão localizadas nos bairros do Alto da Boa Vista dentro de uma unidade de conservação municipal do Rio de Janeiro, na Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana do Alto da Boa Vista (APARU-ABV). Tal unidade de conservação foi criada para solucionar o problema do estabelecimento de uma zona de amortecimento para o PNT, situado no núcleo da segunda maior região metropolitana do Brasil. Seu perímetro foi inicialmente delimitado por decreto municipal no ano de 1992, contudo, a regulação dos usos desse território continua indefinida. A disputa legislativa pela regulação do uso do território abre margem para tentativas de remoção das favelas e regularização da ocupação dessa área por moradias de classe média. A APARU-ABV é contígua ao PNT, que compreende um extenso fragmento de Mata Atlântica sobre o Maciço da Tijuca. Sendo o Parque a delimitação política de uma porção do espaço para a regulação do uso do solo, as práticas espaciais que tomam corpo em seu entorno são fortemente influenciadas por ele. Essa condição acarreta uma série de relações sócioespaciais que, podem nos revelar os ganhos e/ou perdas de qualidade de vida e justiça social pelos diferentes grupos sociais que interagem a partir de escalas variadas.

Nosso diálogo com a Ecologia Política se estabelece na medida em que revelamos uma tentativa de desterritorialização, de um grupo social segregado em um espaço beneficiado por recursos ambientais. A singularidade que move esse processo se verifica nas características ambientais de seu sítio, combinada com sua posição em relação à cidade. A relação com esse campo de conhecimento é reforçada pela adoção do discurso de proteção à natureza com instrumento para tal desterritorialização.

Palavras-chave: Alto da Boa Vista, remoção de favela, Parque Nacional da Tijuca, APARUABV.

POLÍTICAS DE INTERVENÇÃO URBANA NA REGIÃO PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO: RACISMO E INJUSTIÇA AMBIENTAL

*Tostes, Flávia Fontes de Andrade*¹²

*Porto, Larissa Drummond de Moura*¹³

*De Paula, Jean Carlos Sambonha*¹⁴

*Moysés, Yana dos Santos*¹⁵

O presente trabalho parte da análise das transformações urbanísticas, e dos significados epistemológico-políticos dos discursos associados à estas, que ocorreram na Zona Portuária do Rio de Janeiro/RJ-Brasil desde a chegada da Monarquia Portuguesa no Rio de Janeiro em 1808. Verifica-se que as políticas de intervenção urbana na Região Portuária desde o início do século XIX, pautadas em um discurso sanitaria, higienista e eugenista que transita para um discurso de desenvolvimento sustentável no final do século XX, mantiveram e mantêm como denominador comum a instauração e legitimação de um processo de racismo e injustiça ambiental que segrega e exclui determinados grupos sociais de um projeto de cidade. Para essa análise foi realizado um levantamento de referencial teórico que buscou compreender os diversos aspectos das transformações socioespaciais da Zona Portuária do Rio de Janeiro, abordando as reformas propostas para este espaço desde a cidade enquanto Império antes de ser levada a capital da República, até o processo de requalificação do espaço urbano ocasionada pelo projeto Porto Maravilha no contexto pré-Olimpíadas de 2016. Nesta pesquisa, destaca-se as contribuições de Jaime Benchimol, Maurício de Abreu, Sidney Chalhoud, Letícia Giannella, David Harvey, Enrique Leff, Henri Acserald e Silvio Almeida.

A partir do século XIX o discurso sanitário, higienista e eugenista ganha força a partir da construção e promoção de diferentes relações entre: desordem urbana- degeneração moral e física- epidemias-habitaciones-pobres-negros-ociosidade-classes perigosas. Com isso, nos séculos XIX e XX, as políticas de intervenção urbana na Região Portuária são pautadas por esse discurso que respalda as adequações da área central à fachada civilizatória, progressista e modernizante e sepulta a simbologia de um passado escravista. Ou seja, por um projeto de cidade que exclui os sujeitos que vivem nesse espaço, majoritariamente pobres e negros, e os expulsa de seus territórios, promovendo assim um processo de desterritorialização. Verificam-se alguns períodos que evidenciam de forma latente essas exclusões: a expansão da cidade e a solidificação de uma malha urbana dicotômica; as demolições e remoções na área central (atuação do Barata Ribeiro e o episódio de demolição do “Cabeça de Porco”); o processo de “ordem” instaurado por Pereira Passos e as reformas urbanísticas, que expulsaram a população marginalizada dos locais urbanos mais centrais ou mais valorizados pelo mercado em transformação; a Revolta da

¹² Mestranda em População, Território e Condições de Vida (ENCE/IBGE) e Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental da Celso Lisboa. E-mail: tostes_flavia@hotmail.com.

¹³ Graduada em Engenharia Ambiental e Sanitária (Celso Lisboa) E-mail: drummondmoura@hotmail.com

¹⁴ Mestrando em Controle de Poluição Urbana e Industrial (PEAMB/UERJ) e Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental da Celso Lisboa. E-mail: jeansambonha@hotmail.com.

¹⁵ Escola de Engenharia e Laboratório de Agroecologia, Sustentabilidade e Justiça Ambiental da Celso Lisboa. E-mail: yanasmoyeses@hotmail.com.

Vacina, como um período de luta e resistência dos sujeitos que a todo momento foram (e ainda são) excluídos da formação da área central; o aparecimento e a erradicação das favelas de determinados espaços, ressaltando o período Lacerdista e o impacto ocasionado por sua gestão. A partir do final do século XX, com a pauta ambiental em cena, o discurso epistemológico-político associado às reformas e transformações urbanas ganha novos elementos. A formação de cidades globais aliado ao discurso de desenvolvimento sustentável passa assim a promover transformações na reprodução do espaço urbano. Dentro do contexto pré-olímpico, a Região Portuária se torna um local ideal para realização de um projeto de requalificação- o Projeto Porto Maravilha- respaldado por um discurso de desenvolvimento sustentável global. A associação da Região Portuária à degradação-pobreza-violência, relações construídas desde o século XIX, mais uma vez legitima desterritorializações e exclui os principais sujeitos afetados pelo projeto em questão. O projeto Porto Maravilha intensifica assim o processo de racismo e injustiça ambiental na Região Portuária. Verifica-se que o preço pago pelos planos urbanísticos idealizados desde o século XIX atinge principalmente a população pobre e negra, na qual a questão racial e de classe estão intimamente ligadas, excluindo-os de um projeto de cidade, que nega seus direitos, suas identidades e afirma o apagamento histórico e cultural desses sujeitos. As políticas de remoções e de apagamento histórico evidenciam a atuação de um Estado unidimensional, fragmentador, centralizador e simplificador impulsionado por um processo de modernização excludente. O aspecto fundamental que essas políticas de intervenção urbana pautadas em discursos sanitaristas e de desenvolvimento sustentável trouxeram foi a formação de uma área central que não condiz com a população que reside e que é lançada no processo de “espetacularização” e apenas se apropriam da história local para realizar seu marketing. Entretanto, esses sujeitos resistem e R-Existem (Porto-Gonçalves) e lutam em prol de afirmar suas identidades, na busca por uma cidade em que possam construir e definir suas territorialidades, na qual o espaço represente as práticas, os sentidos e as sensibilidade dos sujeitos e grupos que lá residem. O processo contrário das políticas de intervenção urbana recorrentes em seus territórios. Como consequência da segregação socioambiental provocada pela racionalidade econômica, a qual foi embasada pelo discurso sanitarista e de desenvolvimento sustentável, traz à tona movimentos de resistências. Os sujeitos sociais têm vindo à cena política fazendo novas reivindicações de melhoria de qualidade de vida, como colocando em pauta o Racismo Estrutural. Essas lutas ultrapassam o cenário discutido, tornando-se nítidas atualmente, em meio ao cenário de pandemia (Covid-19), as lutas e resistências do povo negro, explicitando que essa problemática ultrapassa, inclusive, cidades brasileiras. Assim, os grupos marginalizados e negros resistem a esse processo segregador que traz a pobreza e violência como consequência. Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir com a análise das disputas territoriais, além da compreensão dos limites que as políticas de intervenção urbana embasadas em discursos tecnicistas podem gerar na transformação do espaço urbano.

Palavras-chave: Zona Portuária do Rio de Janeiro; Políticas de intervenção urbana; Racismo e Injustiça Ambiental; Discurso Sanitarista; Discurso de Desenvolvimento sustentável.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS – AS CONTRADIÇÕES DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL NO TERRITÓRIO URBANO

Paes, Maria Tereza Duarte¹⁶

Eichenberger, Vitória¹⁷

Os remanescentes da Mata Atlântica no estado de São Paulo – uma das florestas mais devastadas do Brasil –, contam com um quadro de políticas de preservação da natureza na esfera ambiental e cultural, tais como as Unidades de Conservação e o reconhecimento destas como Patrimônio Natural pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), sendo classificadas como áreas críticas e ecologicamente estratégicas (AB’SÁBER, 1977). Atualmente, estas políticas abarcam áreas naturais muito pressionadas pelo uso e ocupação da expansão urbana, entre outros interesses econômicos, como os industriais, agrícolas e extrativista. Nessa pesquisa tivemos como objetivo refletir sobre as contradições socioambientais no entorno das áreas tombadas da Serra do Japi e da Serra da Cantareira, analisadas a partir da expansão e ocupação de condomínios de alto padrão, identificados nas narrativas e imagens do marketing de empreendimentos imobiliários que vendem a ideia de qualidade de vida associada à proximidade das áreas preservadas. Para a presente reflexão, as pesquisas referenciais foram pautadas em revisão bibliográfica, análise documental em processos de tombamento do Condephaat e da legislação ambiental, pesquisa na mídia digital para levantamento do marketing de empreendimentos imobiliários, e no trabalho de campo. O recorte espacial proposto se refere, particularmente, a remanescentes entre as regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas. A preservação dessas áreas apresenta forte relevância social e de interesse coletivo, dados seus recursos, essenciais para a manutenção da qualidade ambiental, climática e de manutenção hídrica da região, e possuem grande valor paisagístico, conferindo identidade visual e simbólica em uma região de urbanização concentrada. Ademais, nas sociedades contemporâneas, o valor simbólico associado a essas áreas naturais, como os associados à qualidade de vida, também ganhou relevância para interesses privados, através dos quais a natureza passa a ser um elemento que agrega valor ao solo urbano. Para demonstrar essa apropriação analisamos as áreas tombadas da Serra da Cantareira e da Serra do Japi. No caso da Serra da Cantareira (CONDEPHAAT, 1978), situada ao norte da Região Metropolitana de São Paulo, encontramos processos desiguais de produção e reprodução do espaço, com a segregação e a autosegregação residencial. Os espaços da segregação em seu entorno são mais expressivos nos municípios de São Paulo e Guarulhos. Carlos (2009) indica que estas ocupações (que compõem parte da periferia metropolitana), foram historicamente construídas em articulação com a produção do espaço da metrópole. Em busca de áreas onde a propriedade privada não vigora, muitas vezes as populações pobres ocupam áreas de proteção ambiental, ou mesmo áreas de risco. Frequentemente, localizam-se próximas das áreas valorizadas pelo mercado imobiliário, mas sem os mesmos equipamentos, infraestruturas e serviços. Por outro lado, os espaços da autosegregação são expressos

¹⁶ Universidade Estadual de Campinas. E-mail: paes.tereza@gmail.com

¹⁷ Universidade Estadual de Campinas. E-mail: eevitoria@outlook.com.

na região da Serra da Cantareira sobretudo pelos condomínios horizontais de luxo, principalmente nos municípios de Mairiporã, Caieiras e Guarulhos. Diante da metrópole densamente edificada, estas áreas de amenidades atraem o setor imobiliário que, diante de novas relações simbólicas estabelecidas com a natureza, tomam esses remanescentes florestais como um diferencial no consumo do espaço urbano. Essa natureza, agora tecnicizada e domesticada para o consumo das elites, é vendida como um valor agregado ao solo urbano, como explicitado no anúncio de um condomínio localizado no interior da Serra: “Venha morar na Serra da Cantareira, desfrute da natureza com requinte e segurança”. Ou seja, trata-se de um cenário natural integrado a serviços e equipamentos sofisticados, com sistemas de segurança que simbolizam, para a sociedade contemporânea, qualidade de vida. E esse processo não se limita à metrópole paulistana, conforme verificamos no caso da Serra do Japi (CONDEPHAAT, 1983), importante remanescente florestal situado entre os municípios de Jundiá, Cabreúva, Cajamar e Pirapora do Bom Jesus. Ali, a apropriação do mercado imobiliário inclui como valor a proximidade da natureza preservada e a localização entre duas regiões metropolitanas, de São Paulo e Campinas, com fácil acesso por importantes rodovias do estado. No entorno da Serra do Japi, os condomínios fechados horizontais vendem um estilo de vida muito diferente da agitação urbana – embora próximos aos grandes centros –, e com a vantagem de possuírem a paisagem natural como cenário, como explicitado no anúncio: “Apesar de toda a infraestrutura urbana, a região da Malota está inserida em uma área bucólica, remetendo à vegetação de sua vizinha Serra do Japi. Esse clima campestre proporciona um estilo de vida mais tranquilo e agradável, com a qualidade de vida ideal para a sua família”. Estas menções ao bem natural compõem o marketing desses loteamentos de alto padrão e reforçam um sentido de exclusividade. Deste modo, vemos um processo semelhante ao que Gould e Lewis (2016) identificaram como gentrificação verde. Embora os autores associem tal processo às narrativas de empreendimentos ecologicamente sustentáveis, nos casos analisados é a presença do patrimônio natural tombado que atrai o interesse dos empreendimentos de elite e alimentam processos de apropriação desigual do espaço. Um processo de apropriação do solo urbano que pressiona os remanescentes florestais, ao mesmo tempo em que expulsa as populações de baixa renda, indicando, na prática, que a injustiça social é legitimada nos discursos da preservação ambiental.

Palavras-chave: Patrimônio natural; Paisagem; Gentrificação verde.

GESTÃO COSTEIRA E TERRITÓRIO: O ZONEAMENTO ECOLÓGICO-ECONÔMICO - SÃO SEBASTIÃO/SP¹⁸

Campos, Fábio Luis¹⁹

A zona costeira paulista é construída por diversas organizações sociais com diferentes intencionalidades, sendo marcada por desafios quanto ao seu planejamento territorial. No recorte do Litoral Norte (LN), a região caracteriza-se por um crescimento acelerado provocado pelos setores do turismo e imobiliário, e por projetos de ampliação da malha rodoviária para atender as demandas do Porto de São Sebastião (Teixeira et al, 2012). Por outro lado, cerca de 80% do total da área é composta por Unidades de Conservação e pela presença de populações tradicionais caiçaras e indígenas. Esse mesmo patrimônio natural tem valor estético que tornou o espaço litorâneo apropriado como um recurso de interesse, gerando relações sociais dinâmicas quanto às suas simetrias - promovendo a importância das intencionalidades de um ator social -, ou dissimetrias - gerando conflitos ou a promoção de outro ator (Raffestin, 1993). Assim, a cidade de São Sebastião caracteriza-se como um território socioambientalmente complexo, com interesses sociais, econômicos e ambientais que se conflitam pelo uso do território, o qual é orientado por políticas públicas. As quais formam em sua governança um campo de poder em que as forças de cada organização social envolvida ao se confrontarem, materializam seus conflitos também sobre o território e o ambiente. Com isso, para este estudo destacam-se duas políticas: o Zoneamento EcológicoEconômico do Litoral Norte (ZEE-LN) e o Plano Diretor do Município de São Sebastião. O ZEE-LN possui como objetivo diagnosticar vulnerabilidades socioambientais, bem como prognosticar uso do território (Fritzsons, Correa, 2009). Enquanto o Plano Diretor é a base para a gestão urbana do município, tendo como objetivo ordenar o desenvolvimento e continuidade das funções sociais da cidade. Além disso, o Plano Diretor inclui o zoneamento como um instrumento para sua execução, pois o ZEE traz em teoria as formas de repartição do território que melhor ordenam sua apropriação, gerando referências para fundamentar as propostas do Plano (Villaça, 1999). A discussão surge pelo fato de São Sebastião ter passado por reformulação de seu Plano Diretor aprovado segundo a Lei Complementar nº 263/2021 (São Sebastião (SP), 2021). Como mencionado, o Plano deve respeitar o ZEE-LN, todavia este passou por uma revisão em 2017 (São Paulo, 2017), revogando a lei de 2004 (São Paulo, 2005). As mudanças alteraram os limites dos zoneamentos, reorientando suas referências para ação, e assim, possibilitando novos usos territoriais que podem entrar em conflito com a dinâmica já existente. Ambas as políticas estão estritamente ligadas ao uso do território e aos interesses de seus agentes componentes - particularmente os setores imobiliários, turísticos e portuários. Estes que por ditarem as possibilidades de uso, buscam ajustar o espaço a um tipo de projeto que compatibilize seus interesses. Assim, por meio da análise das mudanças em 2017 nas diretrizes, permissões de uso e atividades e características ambientais de cada categoria de zoneamento que compõe o ZEELN, tem-se como objetivos desta pesquisa: identificar as contradições e conflitos am-

¹⁸ Pesquisa de iniciação científica com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP: 2020/09533-5) sob orientação da Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes

¹⁹ Graduando em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); fcamos3@gmail.com.

bientais; discutir suas causas e como tais conflitos contradicções estão ligados a estruturas de poder das relações da governança costeira; e por fim, compreender como essas regulações afetam a conservação ambiental do território de São Sebastião. Ou seja, busca-se analisar a construção política do território em questão por meio da regulação urbana e ambiental. Para isso, realizou-se revisão bibliográfica acerca dos temas centrais junto de análise documental comparativa entre a lei do ZEE-LN de 2004 e 2017 e a realização de atividade de pré-campo em São Sebastião. Com base nesses métodos empregados evidenciou-se que o espaço costeiro de São Sebastião se orienta pela apropriação do turismo sobre o mar e o ambiente dentro de uma dimensão privilegiada por turistas de alta classe econômica. Classe essa articulada com a metrópole paulista, que segundo Scifoni (2011), evidencia que o LN se explica como parte da reprodução espacial da metrópole. Parte não em sentido como continuação da mancha urbana metropolitana, mas das relações que subordinam esse espaço à lógica da capital. Pontos essenciais para a investigação da forma que os atores podem utilizar do gerenciamento costeiro e do Plano Diretor como campos operatórios do uso do território e apropriação do ambiente. Para isso, a produção cartográfica do ZEE-LN e o levantamento de dados através de trabalho de campo na área de estudo com entrevistas com representantes civis são essenciais para análise em cotejo com a revisão bibliográfica, para ao fim a execução de um mapa final dos conflitos.

Palavras-chave: Políticas públicas; uso do território; zoneamento ecológico-econômico; governança ambiental; gestão costeira.

A PRODUÇÃO DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL NAS CIDADES CAPITALISTAS: UM ESTUDO EM LONDRINA-PR

Cocato, Guilherme Pereira²⁰

Considerando os crescentes índices de degradação e conflitos ambientais, é inegável que essa temática vem ganhando força nos mais diversos espaços de debate e de lutas. As ciências de maneira geral, e mais especificamente a Geografia, têm responsabilidade no que envolve a questão ambiental. Já a ecologia política tem a capacidade de unir diferentes escalas geográficas e vertentes de análise, contribuindo para as investigações de como, por quem e para que os espaços e suas respectivas condições ambientais são produzidas, entre eles os espaços urbanos. Como construções sociais e históricas, as cidades são, ao mesmo tempo, obras e lócus de produções provenientes de agentes com interesses específicos. Apesar de frequentemente naturalizada, a produção urbana possui determinadas intencionalidades de acordo com as relações sociais e o modo de produção predominantes. Neste trabalho, enfocaremos os diálogos existentes entre a produção urbana e a dimensão ambiental nela presente, a partir do viés crítico e plural levantado pela ecologia política. Para isso, como recorte espacial a ser analisado, elegeram-se dois bairros periféricos de Londrina-PR, no Brasil, tendo como objetivo realçar empiricamente os processos espaciais de produção urbana e de constituição das formas de degradação ambiental discutidos ao longo do trabalho. Somando-se à discussão teórico-conceitual, foram realizados trabalhos de campo, feitos registros fotográficos e elaborados produtos cartográficos para melhor exposição dos resultados. Como hipótese, por considerarmos as cidades hodiernas como inseparáveis do modo de produção capitalista, entendemos que as contradições e degradações que acompanham esse último também se manifestam nos espaços urbanos. Portanto, a degradação ambiental é inerente às cidades contemporâneas e à produção urbana no interior do capitalismo. Apesar das cidades antecederem o capitalismo, é nesse sistema que fatores como o adensamento populacional, a expansão das relações mercantis e dos limites territoriais se intensificam, pela própria necessidade de concentração da força de trabalho e da ampliação do consumo (STOTZ e NATAL, 2015). No Brasil, a dinâmica socioterritorial de integração nacional sempre foi marcada pela reprodução das chamadas perversidades sociais. Elementos como a Lei de Terras de 1850 e a modernização conservadora do século XX trouxeram, respectivamente, maiores dificuldades no acesso à terra e à moradia e um crescimento urbano impressionante (SANTOS, 2013). Com o golpe militar de 1964 e a instauração de uma nova política habitacional, o país viu inúmeros conjuntos de moradias populares se disseminarem nas periferias de suas cidades, com consequências duradouras em termos de deficiência infraestrutural, afastamento da malha urbana e falta de serviços básicos (CANO, 2010). A partir dos anos de 1980, a reestruturação econômica neoliberal impactou diretamente a estruturação das cidades, introduzindo descontinuidades e constituindo espaços urbanos fragmentados, em termos físicos e das práticas espaciais de seus habitantes (DUHAU e GIGLIA, 2016). Diminuiu-se o papel do Estado no direcionamento do planejamento urbano, abrindo espaço para a privatização do mesmo. A produção urbana,

²⁰ Mestrando em Geografia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Presidente Prudente-SP, Brasil. E-mail: guilhermecocato@gmail.com.

mais do que nunca, é tomada pelo valor de troca possível de ser criado pela incorporação fundiária e implantação do ambiente construído (SMOLKA, 1987). Nesse processo, as condições ambientais minimamente saudáveis, imprescindíveis nos espaços urbanos e a todos os seus moradores, tornam-se somente mais um tipo de mercadoria, acessíveis a quem pode comprá-las. Com o ambiente mercantilizado e privadamente apropriado, a degradação ambiental atinge os habitantes urbanos de maneira diferenciada (MARTÍNEZ ALIER, 2018), sendo os mais pobres e, geralmente residentes das periferias, os mais vulneráveis. Trazendo contribuições da ecologia política, entende-se que é necessário insistir numa postura de não neutralidade acerca das causas e consequências dos problemas ambientais urbanos, procurando considerar marcos históricos, geográficos e culturais concretos em uma realidade permeada por relações de poder e interesses sociais conflitivos (SOUZA, 2019). Nos dois bairros analisados, identificaram-se e foram descritos elementos de degradação ambiental inseparáveis dos processos de produção do espaço urbano em questão, semelhantes aos descritos por Davis (2006) como adversidades generalizadas nas cidades capitalistas, especialmente no contexto latino-americano. Consideramos que a ecologia política, aliada à Geografia, podem contribuir para o entendimento dos problemas ambientais urbanos, especialmente ao traçar uma linha argumentativa que abarque o desenvolvimento das cidades, o regime de acumulação capitalista, os processos espaciais de produção urbana e as relações contraditórias, excludentes, desiguais e degradantes que o capitalismo impõe aos espaços produzidos sob sua égide. Concorde-se com Marques Filho (2016) que não se pode avançar na temática ambiental e nem propor alternativas mais equilibradas de reprodução social sem nos questionarmos acerca da racionalidade e do modo de produção hegemônicos.

Palavras-chave: Geografia Urbana, Ecologia Política, Neoliberalismo, Incorporação Fundiária, Brasil.

NOVAS CONFORMAÇÕES URBANAS: A EXPANSÃO DO EIXO-SUL DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (MG)

Sales, Bárbara Marques²¹

Sales, Denise Marques²²

As metrópoles da América Latina veem se conformando a partir de uma série de transformações socioespaciais, que revelam a complexa trama que os processos de urbanização compõem (MATTOS, 2010; MELCHIORI, 2017). Essa diversidade permite, leituras teóricas e empíricas distintas, com diferentes lógicas espaciais (BRENNER, 2018). Nas metrópoles brasileiras a segregação socioespacial é recorrente, segundo Vilaça (2001) esse é um processo no qual diferentes classes sociais tendem a se concentrar em determinadas regiões da cidade. Nesse trabalho o foco está nas classes da sociedade, com maior poder aquisitivo, que migram para condomínios fechados, em áreas mais distantes dos centros urbanos, em busca de qualidade de vida (BETARELLI; MONTE-MÓR; SIMÕES, 2013; OJIMA, 2008). Entretanto, a chegada desses empreendimentos modifica feições da paisagem, o ambiente, funções territoriais, e trazem uma redistribuição espacial para a região. No Brasil, o processo de urbanização caminha paralelamente com a atuação do mercado imobiliário (HARVEY, 1996; LENCIONI, 2020). Partindo-se do pressuposto que muitas das propostas de grandes intervenções urbanas e de investimento em infraestrutura, estão atreladas à interesses do setor imobiliário, e que o setor público atua referendando esses interesses com instrumentos de regulação. Nesse trabalho buscou-se discutir como a lógica do mercado imobiliário, influenciou na expansão do Eixo-Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), partindo das questões norteadoras: Como essa dinâmica de expansão das áreas urbanas podem ser analisadas no contexto atual? Quais são os processos, agentes e intencionalidades envolvidas? Como isso reflete na regulação urbana e na vida das pessoas? Desta forma, este trabalho objetiva analisar a atuação do setor imobiliário e sua influência no processo de metropolização, no Eixo de expansão Sul da RMBH. Os processos de expansão urbana e de atuação do setor imobiliário foram analisados a partir da literatura e dados secundários. Já a caracterização das alterações das dinâmicas espaciais e sociais, a partir de dados dos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010 do IBGE, combinados ao mapeamento da evolução das áreas construídas da RMBH, de 1975 a 2014, elaborado pelo Observatório das Metrópoles (ISRAEL, 2020). De acordo com Tonucci Filho e Freitas (2020) há uma quantidade expressiva de grandes empreendimentos urbanos na RMBH, mostrando inflexões no padrão de produção do espaço e valorização do capital em que áreas de status são mantidas e outras são simultaneamente recriadas tornando as grandes cidades como locais preferenciais de gerenciamento e de redução das crises do capital (COSTA, 2003; TONUCCI FILHO; FREITAS, 2020). Tem se tornado evidente que a “valorização” de determinado terreno é

²¹ Pós-graduanda do curso de Análise Ambiental e Gestão do Território da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (ENCE/IBGE); doutoranda em Demografia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas (Cedeplar/FACE/UFMG), Brasil. E-mail: barbaramarques.7@gmail.com.

²² Doutoranda em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG), Brasil. E-mail: denise.marques.sales@gmail.com

em muitos casos, rotulada, com a antecipação de mudanças futuras na estrutura urbana, previstas no planejamento territorial e que serão realizadas pelo poder público (COSTA, 2003). Os processos de ocupação da região, entre Belo Horizonte e Nova Lima, iniciaram-se na década de 1950, com a construção da BR-040 que desencadeou um processo de venda, pelas mineradoras, de terras lindeiras. A instalação do BH Shopping, em 1970, acelerou a expansão da metrópole sobre Nova Lima, dinamizando o setor terciário e o mercado imobiliário da região. Já em 1990, inicia-se a prevalência de loteamentos voltados para a classe média alta, tendência esta que se concretizou nos anos 2000, com os condomínios fechados (COSTA; PEIXOTO, 2007). Tal processo, e “zoneamento territorial”, tem sido, progressivamente incentivado e ratificado pelos governantes locais, estando previsto, inclusive, no Plano Metropolitano da RMBH, como o projeto CSul, que propõe um novo distrito, articulando uma série de empreendimentos privados em torno de um masterplan de longo prazo, que inclui áreas destinadas a habitação e equipamentos de serviços, lazer, educação e trabalho (TONUCCI FILHO; FREITAS, 2020). O vetor de expansão Sul da RMBH se constitui de uma região de grande beleza cênica e paisagística, detentora de um importante patrimônio ambiental e de recursos naturais estratégicos (MENDONÇA; ANDRADE; DINIZ, 2015), e parte expressiva de seu território está inserido no interior da APA Sul (COSTA; PEIXOTO, 2007). O fato desses empreendimentos estarem em áreas de proteção ambiental, gera diversos conflitos envolvendo atores do espaço vividos tais como comunidades, poder público e mercado, disputando pelos seus diversos interesses. Nesse território coexistem também de maneira contraditória a atividade minerária, a preservação ambiental, o comércio, os serviços e as residências. A utilização da natureza, bem como da qualidade ambiental do espaço, como atrativo para agregar valor aos empreendimentos, apontam para interferência do capital imobiliário na expansão urbana e de processos associados à modernização ecológica (HARVEY, 1996; COSTA; PEIXOTO, 2007). Nesse meandro a licença ambiental, exigida para a implantação dos empreendimentos, torna-se um importante elemento para a composição do preço final dos imóveis, elitizando a região e tornando-a inacessível para segmentos mais pobres da população, gerando assim, um monopólio do usufruto da natureza (COSTA; PEIXOTO, 2007). Esse processo de expansão dos condomínios fechados ao longo do vetor Sul, tem redefinido a dinâmica regional e urbana desse território, ampliando os conflitos pelo uso (COSTA, 2003). Tal contexto alia-se a uma previsão de nova polarização terciária ao longo da BR-040, em função da demanda dos grupos de alta renda que lá habitam, e à ampliação de atividades logísticas ligadas a mineração (MENDONÇA; ANDRADE; DINIZ, 2015; TONUCCI FILHO; FREITAS, 2020). Trata-se de uma expansão com várias contradições, uma vez que o processo é pautado principalmente em condomínios que são construídos em áreas remanescentes de vegetação, em meio a várias áreas de atividade minerária, e que carregam no seu bojo o discurso da sustentabilidade e apropriam-se da natureza como objeto de consumo, vendendo a qualidade de vida associada ao estilo metropolitano. Essas evidências podem auxiliar a compreender algumas faces desses processos de urbanização na atualidade, que contribuem para a acumulação do capital e exerce grande influência sobre a ação estatal. As análises espaço-temporais apoiadas pelos registros cartográficos possibilitam verificar novas configurações espaciais resultantes destes processos. As manifestações espaciais permitem o desenvolvimento de novas hipóteses e leituras sobre o processo de urbanização, de maneira a entender as estratificações do espaço urbano, distinguindo as formas de ocupação, as rupturas sociais, os impactos ao meio ambiente e na vida cotidiana das pessoas que ali viviam ou vivem.

Agradecimientos: Ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da UFMG; ao Programa de Pós-graduação em Demografia do Cedeplar/UFMG; à Escola Nacional de Ciências Estatísticas ENCE/IBGE; e à CAPES pelo fornecimento das bolsas de estudos. **Palavras-chave:** metropolização, dinâmicas imobiliárias, segregação socioespacial, regulação urbana e ambiental, conflitos.

POLÍTICA AMBIENTAL URBANA: ARBORIZAÇÃO COMO INDICADOR DO DIREITO À CIDADE

Oliveira, Renata Campos²³

A acelerada urbanização na América Latina levou ao desenvolvimento de centros urbanos com expressivas desigualdades socioespaciais e ambientais. De modo mais geral as cidades, em especial os grandes centros urbanos, apresentam um padrão na distribuição dos indicadores sociais, apresentando valores maiores nos centros e bairros de classe alta e menores nas periferias, configurando diferentes e conflitantes realidades dentro do espaço urbano. As particularidades dos processos de colonização e as características culturais de cada país nos trazem uma complexa e diversa experiências dos espaços produzidos no contexto latino-americano (LEMOS e MARX, 2019). A intensificação do processo de industrialização brasileira nas primeiras décadas do século XX apresentou movimentos concomitantes que refletiram, e refletem até hoje, diretamente na configuração e organização do espaço urbano. Trazendo esse período histórico à luz da escala geográfica proposta nesse estudo, em Niterói podemos apontar a modernização e industrialização como fatores modificadores da dinâmica econômica e de ocupação muitas vezes a partir da expropriação da classe trabalhadora desses espaços em direção às regiões ou bairros tangenciais aos polos industriais. Em segundo o êxodo da população rural em direção ao meio urbano em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida e renda, resultando, não como um fator único, no surgimento de novos bairros nos limites da fronteira da cidade e a ampliação da malha viária priorizada pelo veículo individual (FERREIRA, 1997; WOLLMANN, 2018). Com isso, uma nova forma e paisagem urbana foram se organizando, e constituindo-se através da construção de edificações e infraestruturas urbanas e, por muitas vezes, suprimindo a vegetação. Ao mesmo tempo, a arborização das vias públicas e os espaços livres foram sendo introduzidos nas regiões centrais (maior visibilidade) e bairros de renda alta, com a finalidade estética e de embelezamento, distante de uma abordagem que considerasse melhoria da qualidade ambiental urbana impactada com o processo de urbanização e industrialização. A partir dos anos 70 o debate sobre a qualidade ambiental das metrópoles ao redor do mundo passou a ter olhos mais atentos por parte dos movimentos ambientalistas, do poder público e do setor privado, aprofundaram-se os estudos sobre os impactos ambientais e sociais do modelo de urbanização brasileira e as possíveis saídas técnico-científicas para as questões. Cabe salientarmos a necessidade da interdisciplinaridade conceitual e metodológica entre os campos de conhecimento da ecologia de paisagem, ecologia urbana, ecologia política e biogeografia urbana para os estudos sobre a produção do espaço urbano e sua respectiva qualidade ambiental. O processo de urbanização, ocupação e apropriação do espaço, assim como as práticas das políticas de cidade e os atores produtores e reprodutores da vida cotidiana na cidade, são importantes fatores analíticos da qualidade ambiental dos centros urbanos. A partir deles compreendemos o processo histórico que culminou na presente configuração e padrão de distribuição do verde urbano no tecido urbano. O sistema de espaços livres de edificação é uma categoria analítica relativa aos tecidos

²³ Mestranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: renatacampos@id.uff.br.

urbanos. Segundo Magnoli (2006) podem ser urbanos ou rurais, vegetados ou pavimentados, de caráter público ou privado. Na escala da rua, os espaços livres públicos de circulação são fundamentais para a reprodução da vida pública, é onde se estabelecem relações organizativas, de estruturação e conexões através do sistema viário da cidade, é onde acontece a possibilidade da vida cotidiana, dos encontros e desencontros (QUEIROGA, 2011). A arborização está diretamente relacionada à qualidade do ambiente a partir dos benefícios diretos e indiretos dos serviços ecossistêmicos, como por exemplo melhoria no conforto higrotérmico dos espaços urbanos (VIANA, 2019, p. 26), na qualidade do ar, oferecimento de alimentos, abrigo para fauna e os relacionados a saúde física, desempenho cognitivo e o bemestar psicológico dos cidadãos (BPBES). Poder desfrutar do verde urbano, e seus benefícios no cotidiano urbano, passou a ter valor de mercado, a venda do ideário de qualidade e padrão de vida se tornou um instrumento para acumulação de capital na produção do espaço urbano, sendo amplamente difundido e utilizado nos projetos de empreendimentos imobiliários de alto padrão e nas políticas públicas municipais a partir da materialização de parques urbanos, praças e ruas arborizadas (GOMES, 2013). O que seria um direito à qualidade ambiental passa a ter valor de mercadoria e se torna disponível aos cidadãos que possuem condições econômicas de consumir. Um movimento dialético se organiza a partir desse cenário, o oferecimento de serviços e infraestrutura urbana passa a atuar como instrumento de valorização desigual do solo urbano influenciando no valor de venda e compra. O mercado imobiliário especulativo é um ator importante para a reprodução dessa lógica, pois utiliza-se de diferentes formas de apropriação privada da propriedade coletiva a seu favor, acirrando as desigualdades e segregação socioespacial e ambiental dentro dos espaços urbanos (GOMES, 2013). O presente estudo tem como recorte espacial a cidade de Niterói, mais especificamente dois bairros: Icaraí (localizado na orla da Baía de Guanabara, na região Praias da Baía) e Fonseca (localizado na região Norte, sem contato com a orla). O município é conhecido como a “Cidade Sorriso”, símbolo da atualidade após um processo histórico de investimento em desenvolvimento e tecnologia, no setor cultural e identidade, das atividades econômicas e da qualidade de vida urbana (PEREIRA, 2018), porém não deixa de apresentar contradições e desigualdades entre os espaços urbanos. A proposta é a análise do processo histórico de urbanização dos bairros de Icaraí e Fonseca na cidade de Niterói com o objetivo de compreender como se configurou o atual padrão de distribuição da arborização das vias públicas. Esse recorte espacial vem na perspectiva de fazer uma comparação entre bairros com diferentes perfis socioeconômicos e identificar a distinção do padrão de distribuição da arborização. A metodologia utilizada será dividida em quatro etapas. A primeira será fazer uma busca e revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos que abordam a história da cidade de Niterói, bairro Icaraí e Fonseca e dialogam acerca dos planos urbanísticos e as intervenções realizados no espaço urbano, que ajudaram na construção da forma e conteúdo da paisagem e configuração dos tecidos urbanos atual. Posteriormente será feita uma análise dos Planos Diretores do município de Niterói, Planos de Urbanização Regional onde os bairros em estudo estejam inseridos e o Plano de Arborização Urbana, a partir das palavras “arborização, via, viário e circulação”, conceitos-chave para o presente trabalho. Essa etapa está em construção metodológica a partir dos trabalhos desenvolvidos por Bardin (1977), que apresenta a análise de conteúdo como método de investigação documental. A terceira etapa é referente ao estudo da espacialização da arborização urbana em espaços livres públicos de circulação, a escala temporal utilizada será do ano de 2019, pois é compatível com o ano que foi realizado o levantamento e cadastro da arborização urbana (Arboribus) pela Secretaria de Conservação e Serviços Públicos de Niterói. A base de dados do cadastro, shapes files e os respectivos mapas já disponíveis serão baixadas do site SIGeo – Sistema de Gestão de Geoinformação, da prefeitura de Niterói. A determinação do padrão de distribuição da arborização urbana vai ser baseada na classifi-

cação da cobertura vegetal em ambiente urbano proposto por Jim (1989), que considera a forma geométrica do dossel (isolada, linear e conectada) e três atributos variantes (aumento da cobertura, conectividade e continuidade) para definir os tipos de cada uma das formas geométricas. Tal análise da configuração da arborização urbana nos permite identificar onde e de que forma está inserida na matriz urbana, nos fornecendo informações que permite realizar comparações entre as áreas de estudo correlacionando com o histórico de uso e ocupação do solo e as características socioeconômicas. A última etapa é construir uma caracterização dos grupos sociais presentes nas áreas de estudo, para tal serão feitas buscas nos bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Prefeitura de Niterói a fim de coletar dados de gênero e raça/cor/etnia, dados censitários, dados econômicos e de indicadores de urbanidade. Dessa forma espera-se que através da análise dos dados obtidos seja possível trilhar caminhos para a compreensão crítica da produção do espaço urbano nas duas áreas de estudo e a possibilidade de construir um diagnóstico das iniquidades ambientais, através das políticas ambientais urbanas e os interesses dos grupos sociais, devido às classes sociais. O presente estudo ainda está em fase de investigação, produção e discussão dos dados, os resultados preliminares nos permitem ensaiar análises e comparações entre as áreas de estudos de maneira a traçar correlações entre as condições socioeconômicas e a qualidade ambiental urbana. A desigualdade socioeconômica entre as áreas de estudo fica evidente a luz dos dados do censo do IBGE (2010), os habitantes no Fonseca possuem a renda mensal média entre R\$ 0-3.000,00 e em Icaraí está entre R\$ 5.000,00-13.000,00. Os dados apresentados pelo Sindicato da Habitação, a disparidade entre os valores de venda do metro quadrado de imóvel residencial entre os bairros é de quase duas vezes (SECOVI Rio, 2021). Esses números nos mostram existem diferenças entre os grupos sociais que residem em cada um dos bairros e prováveis condições díspares de urbanidades.

Para iniciar a discussão em relação ao padrão de distribuição da arborização dos espaços livres públicos de circulação (as ruas, avenidas, travessas) foi produzido um mapa a partir de shapes files disponibilizados no portal SIGeo da Prefeitura de Niterói. Foram utilizados os dados referentes aos limites geográficos dos bairros municipais, logradouros e levantamento da arborização urbana, para que fosse possível visualizar cada indivíduo arbóreo nas vias públicas nos bairros Fonseca e Icaraí. O mapa resultante mostrou que em Icaraí a arborização urbana está presente permeando a matriz urbana numa configuração linear e retilínea, a vegetação nos espaços livres públicos de circulação compõe a paisagem do bairro juntamente as edificações, qualificando e valorizando o ambiente biofísico. Já a arborização no bairro Fonseca está configurada linear e retilineamente, em maior densidade, ao longo da Alameda São Boaventura, porém pode ser identificado indivíduos isolados e dispersos pela matriz, indicando a possibilidade de conformar diferentes qualidades ambientais pelo espaço urbano. A qualidade ambiental está diretamente conectada com a presença de espaços vegetados no meio urbano, a arborização das vias públicas compõe a vegetação urbana e promove benefícios ambientais, sociais, econômicos, estéticos e de saúde. (ALBETIN, 2020). Para Viana (2019) as benesses da arborização são entendidas no ambiente físico e no conforto higrotérmico, definido como a “sensação de bem-estar de um indivíduo em relação à umidade e à temperatura ambiente”. A arborização das vias públicas ajuda a absorver 90% da radiação visível contribuindo na redução do aquecimento das superfícies, ao mesmo tempo que “a evapotranspiração resfria não só a planta como o ar em sua volta” (VIANA, 2019). Esses fatores biofísicos corroboram para que os espaços livres públicos de circulação sejam amenos e possibilite melhores condições de passagem, circulação e desenvolvimento da atividade da vida pública. Pela Lei Federal nº 10.257/2001 – Estatuto da Cidade e pela Lei Municipal nº 3.385/2019 - Plano Diretor de Niterói o ordenamento e desenvolvimento urbano das diferentes regiões e bairros do município devem ser realizados de modo a promover uma cidade socialmente justa e ambiental-

mente equilibrada. Entretanto a condição legal não garante a equidade do oferecimento a todos os grupos sociais, segundo Ascerald et al. (2009) há um mecanismo atuante que desloca e destina os danos ambientais à grupos sociais específicos, o qual ele define como questões de justiça ambiental. Montezuma (2020) apresenta que a problemática da diferenciação socioambiental entre localidades está atrelada a “grupos politicamente minoritários, definidos por fatores como classe social, cor/raça e/ou etnia, e é legitimada e promovida pelo poder público. A abertura da discussão proposta a partir dos resultados obtidos apresenta que existe diferenças na configuração da arborização dos espaços livres públicos de circulação em cada área de estudo, indicando o caminho da investigação. Entretanto, necessita o aprofundamento na coleta e análise dos dados de modo a compreender as correlações entre as políticas ambientais urbanas de Niterói e a promoção da qualidade ambiental urbana.

Palavras-chave: Arborização urbana, Política ambiental urbana, Qualidade ambiental, Espaços livres públicos de circulação.

ANÁLISE SOCIOESPACIAL DA POPULAÇÃO ATINGIDA POR MOVIMENTOS DE MASSA NA PERIFERIA DA REGIÃO METROPOLITANA FLUMINENSE²⁴

*Letícia Espíndola Moussa²⁵
Cristiane Nunes Francisco²⁶
Filipe Brito da Rosa²⁷*

Os movimentos de massas (MM) são desastres naturais responsáveis por grandes prejuízos à sociedade, particularmente, nas áreas densamente povoadas. O processo de urbanização desigual, típico das regiões metropolitanas brasileiras, intensifica as situações de risco. O presente trabalho tem como objetivo investigar o padrão das condições socioeconômicas e de infraestrutura da população atingida por MM na periferia de regiões metropolitanas através da análise de indicadores censitários. O estudo de caso foi realizado no município São Gonçalo, considerado como uma “periferia consolidada” na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Foram utilizadas 364 ocorrências vistoriadas pela Defesa Civil para o período 2005-2016 associadas a dez variáveis censitárias de 2010. Através da Análise de Agrupamentos (AA), as ocorrências foram classificadas em quatro grupos localizados da área central a periurbana do município. Cinco variáveis apresentaram coeficiente de determinação acima de 0,5 para discriminação dos grupos relacionadas aos indicadores de infraestrutura urbana e saneamento. O grupo próximo ao Centro apresentou os melhores indicadores, superando a média de São Gonçalo, com destaque para infraestrutura urbana. O grupo afastado da área central apresentou os piores indicadores, com destaque para o saneamento básico. A análise intramunicipal detectou diferenças socioespaciais, entretanto não foi identificado um padrão das condições socioeconômicas e de infraestrutura urbana da população atingida por MM. No entanto, deve-se destacar que a AA, baseada em dados georreferenciados, salientou a relação entre indicadores e a distribuição espacial da população e, desta forma, o processo de periferização intramunicipal na periferia da RMRJ.

Introdução

No Brasil, a ocorrência de desastres naturais cresceu nos últimos anos, devido à expansão desordenada e a ocupação em áreas ambientalmente frágeis (IPT, 2007). Dentre os desastres naturais, os movimentos de massa (MM) e as enchentes apresentam o maior grau de recorrência em todo o mundo, particularmente em cidades densamente povoadas e zonas de relevo acidentado (RIFFEL et al., 2016). Esses movimentos são importantes agentes da dinâmica e evolução do relevo, através do transporte de solo, rochas e detritos (FERNANDES e AMARAL, 1996) e compreendem diversos tipos de deslocamentos de materiais terrosos ou rochosos controlados pela ação da gravidade (RIFFEL et al., 2016). Apesar da origem de aspecto natural, os MM são amplamente afetados pelos impactos da urbanização, o que leva à intensificação da magnitude e frequência de ocorrência. Segundo Sant’Anna (2018),

²⁴ Observação: Modalidade pôster

²⁵ Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense. E-mail: lemoussa@id.uff.br.

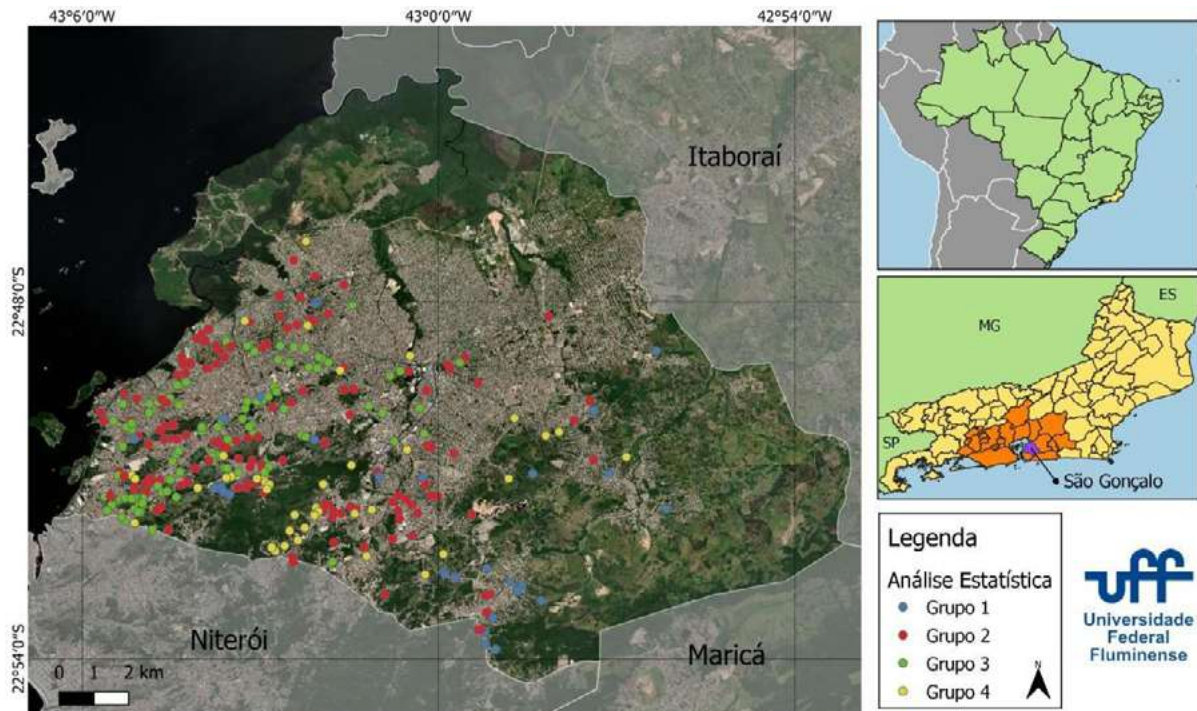
²⁶ Programa de Pós-graduação em Engenharia de Biosistemas, Universidade Federal Fluminense. E-mail: cristianenf@id.uff.br

²⁷ Programa de Pós-graduação em Engenharia de Biosistemas, Universidade Federal Fluminense. E-mail: filipebrito@id.uff.br.

países ricos vivenciam desastres naturais, entretanto, são os países mais pobres que sofrem maiores consequências com os desastres. A presente pesquisa, portanto, tem como objetivo investigar o padrão das condições socioeconômicas, de saneamento e de infraestrutura urbana das populações atingidas por MM residentes na periferia de regiões metropolitanas, através da análise de indicadores censitários das ocorrências. A área em estudo corresponde a São Gonçalo, município localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), segundo mais populoso do estado fluminense com mais de 1 milhão de habitantes. Para atingir o objetivo, foi elaborado um banco de dados georreferenciados, com informações provenientes da Defesa Civil de São Gonçalo para o período de 2005 a 2016 com total de 364 ocorrências. Como indicadores da população atingida por MM, foram selecionadas dez variáveis agregadas por setor censitário que representam as condições (1) socioeconômicas, (2) de saneamento dos domicílios, e (3) de infraestrutura urbana. Na análise do banco de dados, foi utilizada Análise de Agrupamentos (AA) com modelo o K-médias, que seleciona randomicamente ‘sementes’ que definem os grupos.

Resultados Na AA, apresentaram maior coeficiente de determinação (R^2) na discriminação dos grupos, os indicadores relacionados à infraestrutura urbana – presença de bueiro/boca de lobo (0,59), esgoto a céu aberto (0,56), pavimentação (0,53) e lixo acumulado (0,53), acompanhados pelos indicadores de saneamento dos domicílios - esgotamento sanitário via XVIII Encuentro de Geografías de América Latina VIII Congreso Nacional de Geografía de Universidades Públicas de la República Argentina rede geral (0,52), abastecimento de água da rede geral (0,49) e com lixo coletado por serviço de limpeza (0,48). Enquanto os menos relevantes, foram os indicadores socioeconômicos – rendimento (0,37) e alfabetização (0,21), e arborização (0,04). Foram gerados quatro grupos com as ocorrências dos MM concentradas no Centro de São Gonçalo e dispersas na franja periurbana (Figura 1). O grupo 1, localizado predominantemente na área periurbana, apresentou os piores indicadores, seguido pelo grupo 4, com ocorrências predominantemente na base das encostas próximas ao Centro. No entanto, enquanto este grupo possui indicadores sanitários domiciliares superiores ao grupo 1, a infraestrutura urbana referente ao saneamento (esgoto a céu aberto e lixo acumulado) apresenta pior desempenho. Os grupos 2 e 3 apresentam condições de infraestrutura urbana próximas, no entanto o grupo 3 possui os melhores indicadores, superando, em geral, a média do município de São Gonçalo, provavelmente, por se localizar na área urbana central. Os indicadores censitários das ocorrências dos MM estão próximos aos municipais e inferiores aos do estado do Rio de Janeiro. No entanto, as maiores diferenças correspondem ao indicador rendimento, quatro vezes menor, e de infraestrutura urbana, referente à arborização e ao saneamento, evidenciando a posição de periferia dentro da RMRJ.

Figura 1. Análise de agrupamento dos movimentos de massa em São Gonçalo, RJ.



Fonte: Osautores(2020).

Conclusões

A comparação entre os quatro grupos demonstrou que em São Gonçalo são detectadas diferenças entre as condições da população residente no Centro, com melhores indicadores, e a residente na franja periurbana. Assim, apesar de ser município com indicadores típicos de periferia da RMRJ, a análise intramunicipal detectou diferenças socioespaciais. Entretanto, não foi possível identificar se estas condições díspares são suficientes para afetar os MM, à medida que as ocorrências são proporcionais à população residente nos setores censitários em que elas se localizam. Dessa forma, apesar dos grupos apresentarem diferenças quanto aos indicadores censitários, elas não são suficientes para identificar padrões quanto às condições socioeconômicas, de saneamento e de infraestrutura urbana das populações atingidas por MM.

PROYECTOS ECOLÓGICOS EDUCATIVOS AUTOORGANIZADOS Y DIVISIONES SOCIO-ESPACIALES URBANAS(CIUDAD-DE- MÉXICO,BOGOTÁ, NUEVAYORK Y ATENAS-GRECIA)

*Petropoulou, Christy (Chryssanthi)²⁸
Mavrogiorgou, Stella²⁹*

La organización capitalista de la sociedad fomenta la inmigración a las ciudades en busca de quizás mejores oportunidades de trabajo y educación. Pero las ciudades dentro de este sistema, lugares que concentran la mayor población del mundo, se caracterizan por la desigualdad espacial, la polución de medio ambiente, así como por un entorno densamente construido, altamente alienante que no favorece la convivencia y el derecho a la ciudad. Los espacios verdes se limitan solo para unos pocos, y están excluidos de quienes viven en barrios deteriorados (a menudo muy aislados de la naturaleza) cuya vida cotidiana está plagada de riesgos para la salud. Además, existe una división entre ciudad-campo o área suburbana donde esto a su vez trae desigualdades. En las ciudades hay mas oportunidades, pero el acceso a ellas no es justo e igualitario. Por otro lado, el campo se caracteriza por la pobreza (parcial), sin muchas oportunidades. En esta ponencia, a nivel teórico, nos referiremos a la ecología social y política. A continuación, nos referiremos a la teoría de las fisuras. Finalmente, exploraremos el papel educativo de estas comunidades. La ecología social/política nos muestra que, de la división hombre-naturaleza, surgen las relaciones de jerarquía-poder y su conexión con los problemas ecológicos modernos. Porque no puede haber dominación sobre la naturaleza sin dominación sobre el hombre. Así que están en la raíz de problemas modernos como el desastre ecológico y la explotación humana, y vemos que los dipolos crean desigualdades. Como afirma Bookchin (1990): “No se puede persuadir al capitalismo para que restrinja el crecimiento y la acumulación de beneficios, así como no se puede persuadir a un hombre de que no respire. “Los esfuerzos hacia el capitalismo verde para hacerlo más ecológico están condenados por el propio capitalismo como un sistema de desarrollo sin fin”. Por supuesto, hoy vemos exactamente lo que dijo Bookchin hace 30 años, es decir, las grandes multinacionales tienen una tendencia a volverse “amigables con el medio ambiente” mientras contaminan sin parar. Al mismo tiempo, anuncian la “energía verde”, que es otro ejemplo de protección ecológica dudosa. La reciente pandemia ha demostrado una vez más que nuestro mundo actual es un mundo de injusticia y desigualdad exacerbadas por los peligros que plantean el cambio climático, la producción masiva de alimentos y el agotamiento de la vida silvestre. Las desigualdades se distribuyen espacialmente y el derecho a la salud se convierte en un bien del que pocos disfrutan. La pandemia nos ha demostrado que podemos volvernos vulnerables a algo “tan natural” como los virus y las bacterias cuando nuestros ecosistemas están desequilibrados. Cuando a nivel mundial, vemos el acaparamiento de tierras por parte de grandes puntos de venta de alimentos multinacionales que desplazan a su población local y establecen monocultivos que debilitan los suelos y causan más desastres ecológicos y sociales. La división hombre-naturaleza y las relaciones de jerarquía-poder están en la raíz de problemas modernos

²⁸ Universidad del Mar Egeo. E-mail: christy.p@aegean.gr.

²⁹ Universidad del Mar Egeo. E-mail: stellamavr@outlook.com.

como la destrucción ecológica y la explotación humana. Esta división y estas relaciones son cuestionadas por algunos colectivos de huertas auto-organizadas de la ciudad, que en ocasiones funcionan como modelos de otra sociedad. Algunos de ellos cooperan y crean nuevos mundos, saliendo así de la alienación establecida del trabajo. En estos procesos podemos ver las “grietas” que menciona John Holloway (2010). “La gente común es decir rebelde”, como el movimiento zapatista y Holloway la describen, se encuentra, sueña, actúa, diseña nuevos mundos coloridos. Los temas centrales de este trabajo son los espacios - colectivos educativos autoorganizados que se inspiran en la ecología política y la educación alternativa y están en relación directa con la ciudad. Nuestro objetivo es explorar cómo esta otra educación puede ayudar a cambiar la significación del espacio urbano y suburbano a través de acciones en la vida cotidiana. La investigación de campo (realizada entre 2018-2020) se centra en ciudades muy diferentes de Abya Yala Afro America. Incluye entrevistas personales en video con algunos colectivos de jardines de cultivo (huertas) colectivos horizontales y auto-gestionados en las áreas metropolitanas de Ciudad de México (Iztapalapa – Cananea y Xochimilco), Nueva York (Brooklyn), Bogotá (Ciudad Bolívar), y entrevistas semi-informales en otras ciudades (Montreal, Barcelona) que intenta comparar con proyectos similares de colectivos y huertas en Atenas (Grecia). ¿Dónde se ubican los proyectos ecológicos educativos autónomos? ¿Cómo (si) se involucra la ecología política en la práctica en la ciudad? ¿Como se relacionan con la economía solidaria cooperativa? ¿Cómo se pueden extender estas prácticas y finalmente cambiar la significación del espacio geográfico y cambiar las desigualdades espacio-sociales que son reproducidas sistemáticamente por las políticas dominantes? ¿Cómo se organizan estos proyectos? Existen elementos comunes a nivel de organización horizontal, prácticas ecológicas y prácticas educativas? Los resultados muestran que estos espacios pueden convertirse en lugares de encuentro y educación para el cambio social, pero tienen muy diferentes caminos para eso. Hemos visto que la educación juega un papel importante para el desarrollo personal y es necesaria para que el hombre alcance un nivel emancipado. Por el contrario, muchas veces la educación formal trae la “cultura” dominante, es decir, trae a los (jóvenes) percepciones estereotipadas. A través de la educación crítica podemos cambiar cuestiones de racismo, sexismo, estereotipos y avanzar hacia estilos de vida más colectivos y ecológicos. La investigación muestra que los/as participantes en estos proyectos cuestionan los estereotipos, el racismo y el sexismo y tienen una relación con la naturaleza más amigable. Quizás, con el cambio del sistema educativo actual y la introducción de enfoques más críticos y liberales podamos cambiar la lógica dominante de la existencia y avanzar hacia estilos de vida más colectivos y ecológicos, escuchando la gente común rebelde.

Palabras clave: ecología política, eco-proyectos, educación crítica, geografía crítica, geografía urbana.



MESA 46

MESA 46: LO COMÚN: PROBLEMATIZACIONES, DEFINICIONES Y EXPERIENCIAS POLÍTICAS EN TORNO AL TERRITORIO Y LA NATURALEZA

Coordinadores: Rausch, G.A., Roldán, D., Astudillo Pizarro, F., Sandoval J.

MESA 46: LO COMÚN: PROBLEMATIZACIONES, DEFINICIONES Y EXPERIENCIAS POLÍTICAS EN TORNO AL TERRITORIO Y LA NATURALEZA

*Coordinadores: Rausch, G.A.,
Roldán, D.,
Astudillo Pizarro, F.,
Sandoval J.*

Durante las últimas décadas, la intensificación en América del sur de procesos de privatización, mercantilización y desposesión de elementos considerados como recursos naturales han expandido la frontera extractiva, derivando en la emergencia de una multiplicidad de conflictos socioterritoriales y luchas basadas en nuevas aproximaciones y definiciones en torno a la naturaleza y el territorio. En dicho contexto, lo común ha ganado presencia en discusiones contemporáneas del pensamiento crítico como la academia, el activismo y los nuevos movimientos socioambientales. De ahí que pueda verificarse en dicha noción, una doble dimensión conformada por problematizaciones de orden académico-espitémico, y por las luchas socioterritoriales y experiencias de movilización política. Sin embargo, pese a su profusa circulación, lo común se presenta como un campo controversial y contradictorio. A partir de estas consideraciones, la mesa propone crear un espacio de debate y problematización sobre la idea de lo común, considerada en su doble dimensión y reparando, asimismo, en su capacidad de proponer modos de concebir y habitar la naturaleza y el territorio, que se presentan como alternativos a las propuestas productivistas-mercantilistas hegemónicas. Se espera recibir contribuciones que se circunscriban a las siguientes temáticas: Lo común como campo de discusión y problematización teórica: controversias, contradicciones conceptuales, crítica frente a nociones como bienes comunes y recursos naturales. La cuestión de lo común en la praxis: luchas socioterritoriales, propuestas políticas en torno a la relación naturaleza/sociedad, experiencias de activismos con perspectiva socio-ecológica.

LOS BIENES COMUNES URBANOS Y EL DERECHO A LA CIUDAD: UNA REVISIÓN ANALÍTICA

Capdevielle, Julieta

En esta ponencia artículo reflexionamos sobre los comunes, y, específicamente, los bienes comunes urbanos. El campo de estudios que abordan los “bienes comunes” es amplio, genérico y diverso. Por ello, existen una gran heterogeneidad de trabajos: investigaciones en torno al agua; los bosques; la tierra; mares y costas; semillas; bienes intelectuales y tecnológicos; la salud, la comida, por citar sólo algunos. Asimismo, las pesquisas centradas en los bienes comunes urbanos presentan una amplitud de casos: que incluyen desde los espacios públicos (GIGLIA, 2013; CAMPOS CORTÉS, 2015); los espacios naturales: bordes costeros, ambientes de humedales (PINTOS, 2012 Y 2017; HIDALGO ET AL, 2016); espacios verdes: parques, plazas; reservas verdes (NOONAN, MATISOFF Y HOELZEL, 2016; VIALE, 2017; NAVATTA, 2017); espacios independientes (BRESNIHAN Y BYRNE, 2015); entre otros. En este artículo, particularmente nos valemos de aquellos autores que se nutren de la tradición crítica y que abordan los bienes comunes urbanos en su relación (antagonista) con el capital, situando esta relación como uno de los campos centrales del conflicto y la resistencia en el capitalismo contemporáneo (CASTRO-COMA Y MARTÍ-COSTA, 2016). Desde esta perspectiva, como analizaremos a continuación, los bienes comunes son conceptualizados por estar atravesados por contradicciones, disputas y conflictos materiales y simbólicos entre diferentes agentes (SANTOS JUNIORS, 2014). Es decir, ponemos el foco en aquellos análisis que vinculan las luchas por lo común como respuesta a las prácticas de acumulación por desposesión que implican procesos de privatización y mercantilización (GIDWANI Y BAVISKAR, 2011; HODKINSON, 2012; HARVEY, 2011 Y 2013; SANTOS JUNIORS, 2014; LINEBAUGH, 2013 Y 2014; CAFFENTZIS Y FEDERICI, 2015).

En el segundo apartado, abordamos el concepto de acumulación por desposesión retomando los planteamientos de David Harvey. Asimismo, retomamos los aportes de investigadores latinoamericanos que han utilizado el concepto de extractivismo (GUDYNAS, 2013; PINTOS, 2012; VIALE, 2017; GRANERO REALINI, 2017) para dar cuenta del como el conjunto de actividades económicas basadas en la explotación de bienes comunes. En un segundo momento, desde una lectura geográfica del cercamiento, analizamos las características que los procesos de acumulación por desposesión adquieren en el espacio urbano. Para Harvey (2004), el encierro urbano es parte de un proceso más amplio e histórico de “acumulación por desposesión” en el cual la privatización y despojo de recursos ha pasado a la vanguardia de las estrategias de crecimiento capitalista (HODKINSON, 2012).

Finalmente, reflexionamos sobre el lugar que los procesos de acumulación por desposesión de los bienes comunes urbanos tienen en efectivo ejercicio del derecho a la ciudad y su relación con la justicia espacial.

Los bienes comunes urbanos y derecho a la ciudad

Ahora llegamos al común urbano, y las posibilidades que esto tiene para profundizar nuestra comprensión de los procesos urbanos contemporáneos y del efectivo ejercicio del derecho a la ciudad (CHATTERTON, 2010). Desde su aplicación a los recursos naturales y posteriormente a los recursos

digitales, la mirada sobre los bienes comunes se está aplicando también al fenómeno urbano (CASTRO-COMA Y MARTÍ-COSTA, 2016).

El primer lugar, podemos analizar a la ciudad misma como uno, quizás el más importante, de los comunes contemporáneos. A medida que la condición urbana se convierte en el sello distintivo de la mayoría de la humanidad en todo el planeta, la ciudad se caracteriza por transformarse en un potencial de lo común (CHATTERTON, 2010). De esta manera es posible conceptualizar a las metrópolis como una fábrica para la producción de lo común. Las cualidades humanas de la ciudad emergen de nuestras prácticas en los diversos espacios, ya sean éstos privados como públicos, y también a través del control social, la apropiación de diversos movimientos urbanos para afirmar lo que Henri Lefebvre (1973) llamó “el derecho a la ciudad”. A través de sus actividades y luchas diarias, las personas y los grupos sociales crean el mundo social de la ciudad y, al hacerlo, crean algo común (HARVEY, 2011). De este modo, la ciudad no es solo un lugar de encuentro metropolitano, sino también puede entenderse como el sitio del cambio social contemporáneo a través de su potencial para organizar la política de lo común. Encontrar nuevas formas de producir un espacio urbano puede comenzar a formar la base del desafiante capitalismo tal como se reproduce en el nivel cotidiano. El común urbano, y las prácticas y las relaciones sociales que lo sustentan, se convierten en la expresión más pura de los tipos de política necesarios para una el efectivo ejercicio del derecho a la ciudad y para lograr una mayor justicia en la ciudad (CHATTERTON, 2010).

En este sentido, es importante el análisis teniendo en cuenta las distintas escalas: existen recursos que pueden estar sujetos a formas de gestión local por parte de comunidades claramente delimitadas (y por lo general de dimensiones reducidas) y existen comunes (por ejemplo, el espacio público o las infraestructuras colectivas) que tienen como referencia comunidades mucho más amplias, que necesitan una gestión más abierta y no propietaria y que deben pensarse, por tanto, en términos de acceso incluyente y de una participación expansiva (CASTRO-COMA Y MARTÍ-COSTA, 2016).

Palabras clave: bienes comunes urbanos; derecho a la ciudad, procesos de privatización y cercamiento.

RESIGNIFICAR LA GESTIÓN DEL TERRITORIO DESDE EL PAISAJE COMO BIEN COMÚN. EL CASO DEL PIEDEMONTA MENDOCINO

Tonda, María Marta¹
Martín Uceda, Javier²

La noción de paisaje es tan cambiante como el paisaje mismo. Su polisemia y dinamismo reafirman su condición como construcción social. El paisaje es el reflejo de valoraciones humanas en constante evolución. De él se desprenden mensajes dirigidos no sólo al individuo, sino al imaginario colectivo. Igual que la sociedad comparte determinados valores sociales, lo mismo ocurre con los valores acerca del paisaje.

Desde esta perspectiva son tres los objetivos propuestos. En primer lugar, abordar la noción contemporánea de paisaje como bien común. Luego, mostrar las implicancias de su aplicabilidad en la gestión y planificación del territorio. Y por último, realizar una aproximación metodológica que sugiera alternativas para la implementación práctica de los conceptos, nociones y problemáticas expuestas. Actualmente muchos de los paisajes construidos socialmente están definidos por imágenes de consumo de una globalización desterritorializada. Este estado de cosas, contrasta con dos demandas crecientes. Por un lado, el reclamo de ciudadanías que exigen paisajes de calidad. Por el otro, la reivindicación cada vez más extendida del derecho a vivir en entornos paisajísticamente dignos (Mata Olmo R., 2006).

Teniendo en cuenta esta dicotomía, se propone introducir un cambio de paradigma. Es decir, una noción contemporánea del paisaje, comprendido como: “bien común”. Lo cual nos induce a resignificar y repensar la planificación y gestión territorial con otra perspectiva. Una mirada que integre la naturaleza, la ecología, la cultura, la ética, la biodiversidad y por sobre todo a la dimensión común del paisaje.

En las últimas décadas el paisaje fue teorizado como herramienta para la gestión sostenible del territorio. En este derrotero teórico, cabe mencionar la declaración de la UNESCO (2012) y el Convenio Europeo del Paisaje (CEP) (2000). Ambos han funcionado como puntos de inflexión e integran la noción ética del paisaje que trasciende la puramente estética.

El Convenio Europeo del Paisaje (CEP) define al paisaje “como un área, tal como la percibe la población, cuyo carácter es el resultado de la acción y la interacción de factores naturales y/o humanos”. Asume así, la dimensión física, material y objetiva del paisaje, pero a la vez la perspectiva, cultural y subjetiva. Ello ha sentado numerosos precedentes y consolidado la noción de paisaje como indicador del bienestar colectivo, exponiendo de manera implícita la naturaleza del paisaje como bien común y dotándolo de personalidad jurídica en Europa (Checa-Artasu M., 2018).

La medida también ha influenciado en el ámbito de la gestión territorial en diferentes países latinoamericanos, aunque con importantes diferencias. En Colombia, se impulsó la Iniciativa Latinoamericana del Paisaje. En Argentina, la Red Argentina del Paisaje (2008). En Chile, la Alianza Chilena por el Paisaje, que trata de habilitar soluciones legales para el paisaje y desarrolla acciones de conciencia-

¹ Universidad Nacional de Cuyo. Argentina (maria.marta.tonda@gmail.com)

² Departamento de Geografía. Universitat de Girona. España. (javier.martin@udg.edu)

ción social.

Por el contrario, en otros estados como México, Perú y Ecuador, la discusión respecto a la objetivación jurídica del paisaje apenas inicia sus primeros pasos, a partir de discusiones académicas. Cabe aclarar que, si bien existe cierto consenso sobre esta noción, en el ámbito occidental y latinoamericano se presentan limitantes en relación a su aplicabilidad en la gestión y planificación territorial.

La consideración del paisaje como bien común y su aplicabilidad en la gestión del territorio, implica una resignificación de los valores predominantes. Un ejemplo es la inclusión de las valoraciones intangibles para la toma de decisiones. Su validación y uso se transforman en parte de un esfuerzo social y colectivo (Zoido Naranjo, 2002).

El reto de gestionar los bordes urbanos es particularmente único en los contextos ambientales de tierras secas. En estos sitios se presentan disputas por la apropiación, uso y control de los activos naturales. Además se complejizan las relaciones entre lo público, lo común y lo privado (Marchionni F., 2020). Una asimetría territorial que refleja las tensiones derivadas de la separación entre los paisajes y sus contextos ambientales.

El Piedemonte de la ciudad de Mendoza es un paisaje de interface entre el centro urbano y la cordillera de los Andes. En este lugar se han aprobado diferentes instrumentos estratégicos y de planeamiento. Uno de ellos es el Plan Estratégico de Desarrollo Mendoza 2030 y otro el Plan Provincial de Ordenamiento Territorial de Mendoza en 2018. Ambos rigen las transformaciones del conjunto de la provincia.

Su redacción y aprobación ha sido analizada y discutida (Guardamagna & Cueto, 2015), sin embargo es un ejemplo para la ordenación territorial en el conjunto del país. El plan reconoce la fragilidad del piedemonte, y también como un espacio de gran transformación y cambio, aunque en el que predomina la noción estética del paisaje. Por ello este área se presenta como caso de estudio.

Para afrontar estos retos y como objeto de esta presentación, se plantea la posibilidad de incluir la perspectiva que ofrece el paisaje para crear nuevos instrumentos de gestión del piedemonte. Es decir, incluir la mirada colectiva y pública de sus valores, una vez identificados, caracterizados y consensuados democráticamente (Nogué J., 2018) Se busca poner en el centro la noción de bien común y la participación ciudadana. El fin es generar una alternativa innovadora para planificar el territorio que pueda ser extensiva al resto de las ciudades argentinas.

La investigación que se presenta está todavía en curso pero sirve para adelantar resultados a partir de una doble metodología cuantitativa y cualitativa. Por un lado, mediante sistemas de información geográfica (GIS) que permiten entender la percepción de las personas, su paisaje y sus valores. Por otro, mediante entrevistas a actores claves que ofrecen una visión amplia de las dinámicas territoriales del área de estudio. Estas experiencias ofrecen reflexiones sobre las posibilidades de nuevos instrumentos de gestión.

Finalmente, se propone una aproximación a una nueva cultura de construcción del territorio que enfatiza en procesos participativos, reconociendo a los usuarios como actores del cambio y de la gestión. Este acercamiento incorpora conceptos como bienestar, valores intangibles del paisaje como bien común y una mirada integral del ecosistema que respondan a nuevas lógicas no hegemónicas. En conclusión, generar un cambio de mentalidad y también, un replanteamiento de muchos de los instrumentos de ordenación y planificación vigentes.

Palabras clave: paisaje, piedemonte, bien común, gestión, territorio

EL LITIO: NUEVA FRONTERA EXTRACTIVISTA. TRANSICIÓN ECOLÓGICA Y CONFLICTOS SOCIO-AMBIENTALES EN EL SALAR DE ATACAMA

Figueroa Sánchez, Johans³

Resumen

Actualmente atravesamos un momento de cambio social, pasando desde el Antropoceno hacia un nuevo paradigma ecológico (Bourg, 2020). Este proceso se compone por un conjunto de transformaciones definidas como transiciones (Hopkins, 2008) que operan en diferentes áreas -política, económica, social y medioambiental. ¿Sin embargo, esta transición ecológica representa un real proceso de transformación hacia un paradigma ecológico o simplemente es una forma ecológicamente responsable de desarrollo capitalista?

La cuestión ecológica se ha posicionado en el debate internacional desde hace más de medio siglo como tema principal de conferencias organizadas por la Naciones Unidas desde 1972. Esta temática ha transitado entre oposiciones y concertaciones entorno al crecimiento económico y la conservación ambiental entre los países desarrollados y aquellos en vías de desarrollo (Estenssoro y Vásquez, 2017). Una de las principales estrategias desplegadas para este efecto, es aquella de disminuir la huella de carbono, es decir, el cambio de fuentes energéticas en la industria automotriz.

Al interior de este marco de acuerdos políticos internacionales entorno a la transición ecológica, el litio se ha posicionado como un metal estratégico para el desarrollo sustentable. Es evidente que esta nueva estrategia que busca alcanzar un modelo territorial post-carbono se presenta como una solución ecológica en el seno del desarrollo sustentable. No obstante, a pesar de otorgar soluciones en materia de movilidad verde y eléctrica para los países desarrollados, esta abre la puerta a la reproducción de procesos extractivistas de litio en la zona del triángulo del litio en América del Sur.

Estas nuevas dinámicas globales de transición ecológica y desarrollo sustentable han implicado la consolidación de un boom del litio (Fornillo, 2018), lo cual, como lo afirma Maristella Svampa (2019), significa un proceso de expansión de las fronteras del extractivismo, ya que se reconoce un cambio en la valoración de una zona anteriormente ubicada en la periferia del crecimiento económico ahora en el centro del proceso extractivista (Svampa, 2019).

Este fenómeno, implica tanto una profundización de las diferencias estructurales como de las interdependencias trans-regionales entre el Norte y el sur global (Göebel, 2013). Materializándose a través de la introducción de nuevas territorialidades (Porto, 2001) que construyen tensiones entre las perspectivas locales de los pueblos indígenas que habitan el territorio.

La ponencia se inscribe en el eje conceptual planteado por la mesa temática ya que se propone desde un análisis de la intensificación de la privatización y mercantilizaciones del agua y el litio en el triángulo del litio, para el desarrollo de las economías verdes que apuntan a la de-carbonización de la movilidad. En este contexto, estos recursos naturales poseen un rol central en el proceso de expansión de las fronteras del extractivismo en América del Sur. Lo común se aborda desde la paradoja que circunscribe el proceso de transición ecológica, abordado desde una perspectiva articuladora de la cuestión del litio al centro del desarrollo capitalista contemporáneo y las implicancias de este proceso

³ Arquitecto urbanista, Universidad de Chile. Magister en desarrollo territorial, Universidad de Ginebra.

en los territorios donde se extrae.

Estos territorios se caracterizan por un contexto desértico en el cual las formas de asentamiento tradicionales se caracterizan por ser estructurados entorno al agua. Las comunidades lickanantay obedecen a formas de organización ligadas a una tradición cultural, en la cual el agua es valorizada como un común, ya que posee un rol central en el desarrollo y bienestar de las comunidades. Como lo afirma la economista Elinor Ostrom en su obra “El Gobierno de los Comunes”, estas formas de gestión del recurso hídrico no son estatalizadas ni mercantiles, siendo este un componente de tensión con las nuevas territorialidades extractivistas en la zona en cuanto a las formas de concebir, administrar, usar y apropiarse de estos recursos.

El boom del litio y la consolidación de la actividad extractivista en el desarrollo territorial ha implicado un proceso de colonización del salar de Atacama, lo cual se materializa en la proliferación de infraestructuras de extracción y procesamiento de litio en su estado líquido. Esta nueva configuración espacial a integrado a los procesos económicos globales a esta zona natural intensificando los procesos de extracción y despojando a las comunidades del acceso al recurso hídrico.

La ponencia se plantea como objetivo problematizar entorno a la noción de común en los recursos naturales y las tensiones que introducen nuevos actores en un territorio rural que valora el recurso hídrico como un elemento fundamental de la vida y el bienestar de las comunidades en contexto desértico. Metodológicamente, se presenta en primer lugar un diagnóstico en base al análisis documental de la cuestión ecológica en la política internacional. A continuación, se examinan datos estadísticos vinculados a la importancia de la región del triángulo del litio. Para finalmente abordar el caso de estudio correspondiente a la cuenca del salar de Atacama, mediante el análisis de la percepción del proceso de transformación del territorio derivado del extractivismo, desde el discurso de dirigentes indígenas y técnicos de la unidad de medioambiente del Consejo de Pueblos Atacameños (CPA). Estos relatos se posicionan como primera fuente para comprender la degradación ambiental y las tensiones entre actores que ha implicado la transición ecológica en la cuenca del salar de Atacama.

Finalmente, se concluye en torno a la consolidación de esta nueva frontera extractivista y las implicancias de este proceso en la reconfiguración de territorios indígenas (Svampa, 2019) así como una agudización del proceso de degradación ambiental (Blaikie, 1985). La cuestión de lo común se posiciona como el elemento de tensión entre las territorialidades ya que desde los actores en tensión se confrontan diferentes significaciones y relaciones con el territorio y los recursos naturales.

Palabras clave: Palabras Clave: Extractivismo, Transición ecológica, Recursos naturales, Degradación ambiental, conflictos socio-ambientales



MESA 47

MESA 47: GENERACIÓN EN TRANSICIÓN: ENERGÍAS Y TERRITORIOS EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores: Nogar, Ada G., Jacinto, Guillermina P., Andrea Lampis Instituto de Energia e Ambiente - USP

MESA 47: GENERACIÓN EN TRANSICIÓN: ENERGÍAS Y TERRITORIOS EN AMÉRICA LATINA

Mesa temática 47

*Coordinadores: Nogar, Ada G¹.,
Jacinto, Guillermina P².,
Andrea Lampis³*

Territorios y energías, dos ejes de preocupación mundial en el siglo XXI. La energía por su condición de recurso estratégico insustituible; los territorios por su continuo estado de criticidad. El crecimiento exponencial de la población y del consumo incrementan las demandas de energía, sostenidas por una matriz basada en los hidrocarburos. En contexto de transición y frente al cambio climático, se interpelan los modelos fósil dependientes y centralizados en un escenario en el cual la puja de poderes trastoca el orden geopolítico. Estados, organizaciones no gubernamentales y actores territoriales despliegan estrategias a diferentes escalas para contribuir al aprovisionamiento más seguro, equitativo y sustentable. Esta mesa temática busca crear un espacio de intercambio y discusión en torno al par -territorios-energías- con perspectiva multidimensional y multiescalar. Prioriza los aportes teóricos, las propuestas metodológicas y las experiencias de trabajo que aborden los territorios como espacios de exploración, producción, distribución y consumo de energía. Procura visibilizar diferentes miradas sobre las tensiones y oportunidades, estrategias y políticas que, ancladas en los territorios, privilegien el uso racional, la eficiencia energética, el aprovechamiento de fuentes bajo carbono y el acceso a poblaciones excluidas

¹ CIC-UNICEN-CESAL

² CONICET-UNICEN-CESAL

³ Instituto de Energía e Ambiente - USP

ATLAS NACIONAL INTERACTIVO DE ARGENTINA (ANIDA) DEL INSTITUTO GEOGRÁFICO NACIONAL COMO HERRAMIENTA BÁSICA PARA EL CONOCIMIENTO DE LA GEOGRAFÍA ENERGÉTICA DEL PAÍS

Mesa temática 47

Generación en transición: energías y territorios en América Latina

Tipo de presentación: ponencia.

*Almirón, Analía⁴
López Calvo, Melina⁵*

Propuesta

El Atlas Nacional Interactivo de Argentina (ANIDA) es el primer atlas digital de la República Argentina disponible en Internet, de acceso público y gratuito, actualmente en desarrollo por el Instituto Geográfico Nacional. Como uno de los objetivos de gestión destacados del organismo, tiene como propósito publicar información geográfica, geoespacial y cartográfica en diferentes formatos, organizada en una estructura temática integrada y completa que se desarrolla con la colaboración de profesionales e investigadores de instituciones públicas de los sectores gubernamental, científico y universitario nacional. Los organismos gubernamentales participan, además, asistiendo en la provisión de información para nutrir las bases de datos del atlas.

El propósito de este trabajo es presentar la publicación del ANIDA dedicada al estudio de la geografía energética en Argentina, a partir de describir y analizar los alcances y las posibilidades que dicho estudio brinda para el conocimiento y la difusión de información sobre la temática desde una perspectiva que pone el énfasis en la relación entre la energía y el territorio. Para ello, se plantea presentar las características principales del estudio en cuanto su definición como objeto de interés para el conocimiento, las herramientas digitales que provee, la información geográfica que brinda a través de su contenido temático, cartografía estática e interactiva y recursos gráficos, disponibles en su plataforma y accesibles a los usuarios mediante la posibilidad de descarga y uso independiente de la conexión a Internet.

El estudio de la energía en ANIDA

El estudio de la actividad energética en Argentina se realizó con un equipo de reconocidos especialistas en la temática, formado por Silvina Carrizo, Guillermina Jacinto, José Luis Berdolini, Alejandro Monastera y Salvador Gil. En su relación con el territorio nacional supone su reconocimiento como recurso estratégico para el desarrollo social y económico del país, en una perspectiva histórica. En el Atlas, este análisis se realiza con perspectiva multiescalar y aborda al territorio argentino como espacio de exploración, producción, distribución y consumo de energía considerando sus diferentes fuentes y, en interacción continua, los asimismo diferentes impactos y configuraciones que la actividad y sus cambios a lo largo del tiempo imprimieron en dicho territorio. Así, se estudia la generación y transporte de energía eléctrica, las reservas, producción y distribución de hidrocarburos, la energía nuclear y la producción de biodiesel, entre otras cuestiones puntuales.

⁴ aalmiron@ign.gob.ar Instituto Geográfico Nacional.

⁵ mlopezcalvo@ign.gob.ar Instituto Geográfico Nacional.

Los datos que alimentan las bases de datos geospaciales son los más actuales disponibles en los portales de datos abiertos de los organismos oficiales responsables de su recopilación, procesamiento básico y publicación. El proceso de producción de los mapas, para este y para todos los ejes temáticos incluidos en las diversas secciones del ANIDA, implica un número variable de etapas, desde el relevamiento de información hasta su salida gráfica o inclusión en un visor web, que tiene en cuenta los alcances y posibilidades tecnológicas que brinda su plataforma.

En el caso de la publicación de Energía, la información geográfica permite realizar análisis a distintas escalas: los datos geospaciales son procesados a nivel de país, cuenca, provincia y región según sus particulares características. Cada fuente se estudia y procesa para su disponibilización en la mejor escala posible, a través del recurso más apropiado, según los objetivos del estudio trabajados con los colaboradores de la publicación. Por ejemplo, los datos abiertos disponibles en el portal de la Secretaría de Energía permiten considerar la producción de hidrocarburos a escala de cuenca, y por provincia, para el gas y el petróleo. El combustible utilizado para cocinar en los hogares argentinos, por otra parte, se analiza en base a información censal publicada por el Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC).

La producción de biocombustibles reviste particular interés por su capacidad de motorizar economías regionales, su competencia con la producción agroalimentaria y su carácter de recurso energético renovable para cuya producción Argentina cuenta con ventajas distintivas. Mediante herramientas diversas, el Atlas presenta la localización de plantas y su capacidad de producción, tanto para el biodiesel como para el bioetanol de caña y maíz.

En suma, la información procesada se integra en una publicación web que relaciona una serie de textos explicativos, más de catorce mapas estáticos, alrededor de diez mapas interactivos y más de 60 recursos gráficos que incluyen esquemas e infografías, fotografías históricas y actuales, tablas y gráficos.

Conclusión

Una de las principales contribuciones de ANIDA al estudio de la interacción entre la energía y el territorio resulta, entonces, la presentación de una cartografía digital amplia y diversa, elaborada exclusivamente, de calidad y realizada con sustento científico y con la información más amplia y actual en la temática. Se destaca como herramienta valiosa porque, desde su desarrollo, considera al mapa no como simple imagen sino como fuente de información que lleva asociada otro importante volumen de información, que ha pasado a su vez por un tratamiento y adaptación acorde al objeto de estudio, disponible mediante una plataforma cuya tecnología resulta fácilmente manejable y accesible para un público no especialista.

De esta manera, ANIDA favorece la difusión del conocimiento producido por especialistas y la información generada por los organismos públicos a la comunidad científica, académica y educativa en particular, pero también a los distintos niveles estatales y al público en general interesado en esta y otras temáticas relacionadas con la geografía argentina.

Palabras clave: Geografía energética, herramientas y recursos digitales, ANIDA, Instituto Geográfico Nacional.

ANÁLISIS DE LA CADENA ELÉCTRICA EN ARGENTINA DESDE EL ENFOQUE DE SISTEMAS REGIONALES DE INNOVACIÓN

Mesa 47: Generación en transición: Energías y Territorios en América Latina

Ponencia

Arditi, Belén⁶;
Hoyos Maldonado, Daniel⁷

Introducción y marco conceptual

Resulta indispensable que los procesos de desarrollo económico requieran incorporar innovaciones como establece Schumpeter (1942), “destruyendo” la forma tradicional de hacer las cosas. Este proceso, no se refiere a la explotación de nueva fuente de abastecimiento, el desarrollo de un nuevo producto o un proceso, la apertura a un nuevo mercado o una nueva forma de organización del trabajo (OCDE y Eurostat, 2005).

El enfoque de Sistemas de Innovación (Edquist, 2010; Lundvall, 2007; Nelson, 1993), considera que las dinámicas innovativas sólo pueden entenderse si se contextualizan las interrelaciones entre las empresas y las organizaciones. Así, la innovación no solo se concibe como la búsqueda de mejoras tecnológicas y organizacionales a nivel empresarial, sino también de la articulación entre éstas y las instituciones de ciencia y tecnología, educación, organismos públicos, el sistema legal, entorno económico, etcétera (Lundvall, 2007).

La creciente localización de los procesos de desarrollo e innovación, ha resignificado a las regiones como horizonte de análisis (Cooke, 1992; Audretsch, 1998; Morgan, 2007). Las desigualdades socioeconómicas evidenciadas a nivel regional se han convertido en una cuestión estratégica dentro de las problemáticas que se abordan en el plano político y académico. Cobra relevancia el estudio de los Sistemas Regionales de Innovación (SRI), al permitir analizar, por un lado, a la innovación como fuente de competitividad y desarrollo y, por otro, al reconocer las divergencias regionales en el marco de la globalización (Asheim et al., 2011).

El incremento del consumo de energía, puso de manifiesto la existencia de límites que la dotación de recursos energéticos le ha impuesto - y continúa imponiendo - al desarrollo (Allen, 2009). Es primordial establecer políticas públicas que garanticen los recursos energéticos en una región e incentivar la innovación hacia fuentes alternativas y descentralizadas de generación, no solo para contribuir a un aprovisionamiento eficiente del recurso, sino también en términos de sustentabilidad e impacto ambiental. Frente a este escenario, garantizar la accesibilidad y asequibilidad energética se convierte en un objetivo prioritario a alcanzar.

Aún hoy, Argentina también se enfrenta al desafío de reducir las desigualdades en el acceso a la energía (Rabinovich, 2013; Durán y Candori, 2016). Esta problemática, puede ser abordada desde diferentes perspectivas: en forma aislada, analizando individualmente sus componentes, el *upstream* o el *downstream* de petróleo o gas natural, la generación eléctrica, o la evolución del consumo (Recalde, 2010); o desde un enfoque de cadenas de valor, como un conjunto de elementos y/o actividades que interactúan.

⁶ Becaria doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, CONICET, Centro de Estudios en Administración de la Facultad de Ciencias Económicas de UNICEN.

⁷ Centro de Estudios en Administración de la Facultad de Ciencias Económicas de UNICEN.

Por lo expuesto, es objeto de este trabajo analizar la cadena de energía eléctrica en el país indagando diferencias regionales en términos de innovación.

Metodología

Se emplea un diseño cualitativo de estudio de caso. Se analiza a la cadena de energía eléctrica mediante el enfoque de cadenas de valor.

Se incorporan para el análisis las actividades de generación, transformación, transporte o transmisión y distribución, las cuales dependen, además, de los requerimientos y limitantes técnicos y naturales, de las características de los agentes que interactúan en las mismas, de sus incentivos económicos y del conjunto de instituciones de apoyo a cada eslabón (Bouille, 2004).

Para analizar las diferencias regionales, la literatura de Sistemas de Innovación ha priorizado la dimensión administrativa o “subnacional” por sobre otras facetas (económica, funcional, cultural, etc.) atribuibles al concepto de región (Niembro, 2017). Por consiguiente, se analizan las diferencias a escala provincial, considerando a la provincia como *“espacio de coordinación económico-político de nivel meso, en el medio entre la escala nacional o federal y los gobiernos locales, y que cuenta a su vez con ciertos poderes para tomar decisiones de política e intervenir sobre los procesos de innovación y desarrollo económico”* (Niembro, 2017 p. 122).

A partir del análisis de fuentes de información secundarias (documentos científicos, de divulgación y revistas especializadas, bases de datos e informes estadísticos de la Secretaría de Energía de la Nación y de CAMMESA), se realiza un mapeo de actores y una estimación en términos de la magnitud de cada eslabón sobre la cadena en su conjunto, (abarcando niveles nacional y regional).

Resultados esperados y conclusiones

La dinámica de la cadena, en especial a nivel de generación eléctrica, responde a incentivos emanados tanto de las condiciones de mercado como de las modificaciones normativas. Ejemplos de esto último son el programa Energía Plus y aquellos que han promovido la instalación de parques generadores sustentados en fuentes renovables. Tal evolución ha significado una respuesta a cambios coyunturales y también, refleja un proceso de innovación a partir de la incorporación de tecnologías y del trabajo conjunto entre empresas e instituciones.

Se evidencia una interacción entre la economía y la geografía. Si bien los cambios normativos alteran los incentivos que enfrentan los agentes económicos, la abundancia relativa de los recursos provinciales orienta el desarrollo de la industria energética. En este contexto, se estiman distintos indicadores respecto al impacto de la innovación sobre el grado de concentración del mercado y su reflejo a nivel provincial.

Consecuentemente, un incremento de la potencia instalada en un determinado territorio proyectará una potencial capacidad para crear un mayor valor agregado, de acuerdo a los incentivos que rijan la propia generación de energía. Por otra parte, la incorporación de otros actores en el mercado energético, también, tiene su contrapartida en los eslabones finales de la cadena de valor donde se establece la relación entre el distribuidor y el consumidor final, sea residencial, comercial o industrial. Se interpreta que la distribución urbana de energía opera como un monopolio natural. No obstante, un mercado más competitivo en la actividad de generación implica que la operación se realice a un nivel de costo marginal menor, en términos reales. Esto debiera repercutir en un funcionamiento más eficiente a nivel minorista que, también, debiera verse reflejado a nivel provincial. Como futura investigación, resultaría muy significativo estimar la relevancia del impacto de la innovación sobre los costos diferenciales de generación y distribución a nivel provincial.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NA AMÉRICA LATINA: O CASO DO BRASIL

Mesa Temática Nº 47

Geração em transição: energias e territórios na América Latina

Pôster

Amaral, Leticia da Silva⁸

Martins, Maria Carla Barreto Santos⁹

A queima de combustíveis fósseis para geração de energia têm causado graves impactos ambientais. Isso porque um dos produtos finais dessa combustão é a liberação de gases de efeito estufa na atmosfera. Essas emissões, alinhadas a outros fatores como as transformações no uso do solo, resultaram no que os cientistas denominaram como mudanças climáticas. Essas mudanças, como o nome sugere, causam transformações no clima, como o aumento da temperatura média do planeta, mudanças nos regimes de chuva, além de interferir no equilíbrio ecológico tendo como consequência o desaparecimento de espécies. Estes eventos, aliados ao fortalecimento de movimentos ambientalistas, sobretudo na década de 90, pressionaram os governos a pensarem novas formas de desenvolvimento, chamando atenção para a proposta de transição energética, buscando transformar as economias mundiais em economias de baixo carbono (LEITE, ALVES e PICCHI, 2017). No âmbito das Conferências das Partes (COP), a transição energética já havia sido debatida durante a primeira conferência realizada em Berlim em 1995, estando presente também no Protocolo de Kyoto apresentado na COP-3, realizada em Kyoto em 1997. Mas foi somente a partir dos anos de 2001 que o discurso sobre a necessidade urgente de adotar fontes de energias sustentáveis, passou a ganhar exclusividade no âmbito das discussões internacionais sobre o clima (LEITE, ALVES e PICCHI, 2017). Diante disso, o presente trabalho trará um panorama sobre as principais iniciativas adotadas para a transição energética, trazendo reflexões sobre os desafios para a transição na América Latina com foco no Brasil. Este trabalho se justifica por meio da grande demanda por mudanças na matriz energética uma vez que, em escala global, estamos em uma corrida contra o tempo para evitar consequências mais drásticas das mudanças climáticas. Como metodologia, adotou-se o levantamento bibliográfico das principais obras sobre o tema. Os dados sobre as COP's foram retirados do site oficial da ONU e de seus documentos oficiais como os relatórios finais das Conferências. A discussão dos dados coletados encontra-se a seguir.

A América Latina sai em vantagem para a transição energética uma vez que sua média de utilização de energias de fontes renováveis é alta de acordo com as médias globais. Outra característica é sua diversidade em recursos naturais que, se utilizados de maneira responsável, respeitando os princípios de preservação e conservação para contribuir para as gerações futuras, se torna mais uma potência para a mudança de matriz energética. As emissões brasileiras de gases de efeito estufa (GEEs) se assemelham as de países industrializados. Por este motivo, suas decisões dentro das políticas ambientais são centrais para a discussão da transição energética na América Latina.

No âmbito das COP's, o país apresentou, no decorrer da COP-3, a proposta do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), que prevê o financiamento de projetos para desenvolvimento sustentável em países com economias emergentes, por meio de financiamento dos países desenvolvidos.

⁸ Universidade Federal Fluminense, amaralleticia@id.uff.br

⁹ Universidade Federal Fluminense, maria_carla@id.uff.br

Os países em desenvolvimento viram o MDL como um novo canal para a assistência financeira, investimentos para promover o desenvolvimento sustentável, transferência de tecnologia e promoção da equidade (MOREIRA E GIOMETI, 2008). Já no âmbito da COP-19, realizada em Varsóvia em 2013, os países signatários aderiram as Pretendidas Contribuições Nacionalmente Determinadas (iNDC's). Firmada no princípio de responsabilidades comuns, porém diferenciadas, a iNDC incentiva as Partes a elaborarem suas próprias metas de redução de GEE's. O Brasil se comprometeu a reduzir em 43% os níveis de emissão em 2030, em relação às emissões de 2005. Para isso, o país pretende ampliar seus investimentos no setor de energias limpas (HOLLANDA et al. 2016).

Contudo, o Brasil tem passado por instabilidades políticas que podem comprometer o cumprimento de suas metas de redução, desacelerando o processo de descarbonização. Em 2018, o governo brasileiro ameaçou a deixar o Acordo de Paris (BBC, 2019), e no ano seguinte perdeu investimentos por negligenciar o desmatamento na Amazônia (EL PAÍS, 2019). Em 2021, um relatório publicado pela ONU expôs que o impacto conjunto das iNDC's deve reduzir as emissões globais em apenas 1% até 2030. Diante disso, sem apresentar bons resultados com sua iNDC, o Brasil precisará reordenar suas metas para o cumprimento do Acordo de Paris previstas para serem apresentadas durante a COP 26, que será realizada em Glasgow, em novembro de 2021.

O Brasil apresenta bom potencial para liderar, entre os países da América Latina, a transição para uma economia de baixo carbono. Contudo, as incertezas causadas pelo seu cenário político colocam em risco o seu progresso em relação a este quesito. Desta maneira, cabe ao governo brasileiro assumir uma nova postura frente às mudanças climáticas.

Palavras-chave: Transição Energética, Mudanças Climáticas, Conferência das Partes.

DE HIDROCARBUROS Y ENERGÍAS RENOVABLES EN ARGENTINA: CONSOLIDACIÓN DE ACTORES Y EXPANSIÓN DE REDES

Mesa temática: 47 Generación en Transición: energías y territorios en América Latina

Tipo de presentación: ponencia

*Clementi, Luciana*¹⁰;

*Villalba, Sofía*¹¹;

*Ise, Alejandra*¹²

*Carrizo, Silvina*¹³.

Resumen

En América Latina, la mayor parte de los países enfrenta desafíos energéticos por la creciente demanda, los déficits en infraestructura y la falta de políticas energéticas a largo plazo (CEPAL, 2012). En cuanto a las fuentes de aprovisionamiento, los países que históricamente dependen de hidrocarburos, buscan diversificar sus matrices a través de distintos mecanismos -legislación, subastas de potencia o programas de estímulo-. Para ello ponen en valor el potencial eólico, solar, biomásico. En Argentina desde mediados del siglo XX, fue el gas el recurso clave que reemplazaría combustibles líquidos, en usos térmicos, transporte y generación eléctrica. El gas natural devino la fuente primaria de mayor peso (59%). Para asegurar la disponibilidad, la explotación de recursos no convencionales, particularmente en la formación Vaca Muerta en la cuenca Neuquina, se vuelve estratégica (Carbajales, 2020). A pesar del potencial gasífero, también se busca aprovechar las fuentes renovables. La energía eólica y solar emergen como protagonistas de la nueva generación eléctrica, a través de la puesta en operación de parques de alta potencia, principalmente en la región Patagónica, Pampeana, Noroeste y Cuyo. Los procesos de cambio en el sistema de aprovisionamiento energético argentino están marcados por vaivenes entre picos de actividad, en alternancia con momentos de desaceleración o valles de incertidumbre. Esto se asocia, en parte, a la falta de continuidad en las políticas nacionales, pero también a las estrategias de los actores transnacionales capaces de acelerar o frenar sus actividades para privilegiar sus intereses (Clementi, Carrizo y Berdolini, 2018). Históricamente las transformaciones en el sistema energético reflejan la materialización de proyectos que responden a lógicas que operan a distintas escalas y a actores con diferente grado de influencia. Considerando la apuesta al aprovechamiento de energías no convencionales de la década 2010-2020, resulta necesario caracterizar los actores que se involucran en estos procesos: ¿Quiénes desarrollan los proyectos e inversiones? ¿Cuáles poseen mayor incidencia? ¿Qué trayectoria tienen? ¿Con qué intereses se involucran en el sector de los no convencionales? Éstos son algunos de los interrogantes que dirigen el presente trabajo, en el que confluyen avances de investigaciones doctorales y posdoctorales, con eje en el estudio del aprovechamiento solar, eólico y de hidrocarburos no convencionales, en distintas regiones de Argentina.

Como objetivo se propone identificar los actores que explotan los recursos energéticos no convencionales en el siglo XXI en el país, analizando sus áreas de acción, estrategias, proyectos y trayectorias. La perspectiva teórica de las transiciones energéticas (Markard, 2012; Jaglin y Verdeil, 2013) y la

¹⁰ Becaria postdoctoral CONICET, UNICEN clementiluc@gmail.com

¹¹ Becaria postdoctoral CONICET, UNICEN svillalba@fch.unicen.edu.ar

¹² Becaria doctoral CONICET, UNNOBA alejandraise@conicet.gov.ar

¹³ Investigador independiente CONICET, UNLP-UNNOBA scarrizo@conicet.gov.ar

geopolítica de la energía aportan un bagaje de interpretación posible sobre la trama de actores y las relaciones de poder (Emelianoff y Wernert, 2019; Hache et al., 2019). Por su parte, el enfoque metodológico incluye el análisis de datos cuantitativos y cualitativos, a partir de fuentes secundarias -informes, legislación y artículos periodísticos- y la recolección de datos primarios, mediante entrevistas semiestructuradas en terreno y virtuales a informantes clave.

La nueva potencia instalada en Argentina a partir de los parques eólicos y solares en el marco de la licitación Renovar entre 2018 y 2020, permitió incrementar el porcentaje de energías renovables en la generación eléctrica alcanzando un 10% en 2020 (CAMMESA, 2020). Lo que está en juego no sólo es este cambio en la matriz energética, sino también el rol y áreas de influencia de los actores que están detrás de esas transformaciones. En el diverso entramado de actores que traccionan los cambios en las redes de energía (Estados -Nacional, Provinciales, Municipales-, empresas privadas, cooperativas, organizaciones no gubernamentales), son las empresas de capitales nacionales, extranjeros o mixtos las que mayoritariamente impulsan los megaproyectos eólicos, solares y de hidrocarburos no convencionales, destinando inversiones millonarias en el sector. Compañías históricamente vinculadas al sector hidrocarburífero en el país, apuestan a estos recursos, al mismo tiempo que se convierten en actores claves en el desarrollo de proyectos de generación renovable, ampliando su cartera de negocios. Lo que pasa en el plano nacional, responde a una tendencia a nivel global. Los gigantes petroleros invierten en la adquisición de compañías de renovables, o participan en proyectos de energía limpia en diferentes regiones. Entre las razones que motivan la reconversión de estos actores, se encuentra el acelerado desarrollo tecnológico que hace a las fuentes renovables cada vez más competitivas, la búsqueda de reducir riesgos de perder parte del mercado frente a las energías renovables en el nuevo escenario global y las presiones regulatorias internacionales y de consumidores, por alinearse con políticas de diversificación y descarbonización.

La geografía energética argentina se transforma extendiendo sus fronteras hacia nuevos territorios y recursos. Se observa el despliegue de una transición de tipo corporativa, que opta por el aprovechamiento de fuentes no convencionales, manteniendo el esquema centralizado. Se reproduce el posicionamiento hegemónico geopolítico de las grandes empresas energéticas sin modificar la forma de producir, ni privilegiar las posibilidades de participación ciudadana en la gestión de la energía. Esta transición supone un desafío mayor en las trayectorias de los territorios, que busquen aprovechar sus recursos y ampliar sus servicios energéticos.

Palabras Claves: Energías no convencionales, actores, proyectos, Argentina

BARRERAS Y OPORTUNIDADES DE LA PRODUCCIÓN DE BIOENERGÍA EN ARGENTINA. ESTUDIO DE CASO

Mesa temática: N° 47 Generación en transición: energías y territorios en América Latina.

Tipo de presentación: Ponencia.

Decunto, Elías Valentin¹⁴

El escenario energético mundial de inicios de Siglo XXI atraviesa una situación crítica producto del carácter limitado de las principales fuentes energéticas empleadas (carbón, gas natural y petróleo), los impactos ambientales asociados a su explotación (emisión de gases de efecto invernadero y consecuentemente cambio climático), el desigual acceso energético y la creciente demanda de energía (Castro Martínez et al., 2012). Para afrontar estos desafíos, el camino es transitar hacia una matriz energética diversificada y con mayor participación de fuentes renovables, en donde se priorice la descentralización, democratización y descarbonización de la producción de energía (Fornillo, 2017). En relación a estos aspectos, Argentina, caracterizada por una matriz de energía primaria basada en gas natural y petróleo, ha promulgado en los últimos años leyes con el objetivo de fomentar la generación energética distribuida y renovable; asumiendo objetivos para la reducción de emisiones de gases de efecto invernadero a través de, por ejemplo, alcanzar una mayor participación de generación eléctrica renovable (20%) hacia 2025.

En este contexto, los espacios rurales adquieren relevancia, no solo por usos agropecuarios, mineros, hidrocarburíferos y forestales, sino también porque son re-visualizados como territorios productores de energía (Nogar, 2020), lo cual ofrece potencial en la diversificación de sus usos, en la constitución de nuevas relaciones entre actores multiescalares y en el agregado de valor localizado. Asociado a la producción, estos espacios afrontan el desafío de garantizar el acceso energético estable (residencial y agroindustrial) y la adecuada gestión de los residuos pecuarios, para evitar la potencial contaminación del suelo, aire y cuerpos de agua.

En este marco, la producción de biogás a partir de residuos surge como estrategia de gestión para la generación de energía renovable, contribuyendo a la mitigación del cambio climático, a los objetivos planteados a escala nacional y a la satisfacción de necesidades energéticas. A su vez, como subproducto de la biodigestión se obtiene digestato, el cual presenta un alto contenido de nutrientes pudiendo así ser empleado como biofertilizante, abriéndose oportunidades para su comercialización. En este marco, el estudio de proyectos de bioenergía adquiere relevancia para su puesta en valor, para la exploración de estrategias de revalorización de residuos, la contribución a la visualización de los espacios rurales como territorios generadores de energía renovable y la valorización de los territorios intervinientes. En particular, este trabajo aborda un caso de estudio de producción de biogás a partir de purín de cerdo y forraje de sorgo y maíz. El mismo se localiza en la Provincia de San Luis, Argentina, en una zona donde predomina la actividad agropecuaria y el acceso a la red de electricidad es restringido. La planta de producción Yanquetruz cuenta con cuatro biodigestores (dos primarios y dos secundarios) y se encuentra instalada en un criadero porcino, abasteciendo el 100% de la energía térmica consumida en él. A su vez, inyecta energía eléctrica a la red pública (Sistema Integrado Nacional). El em-

¹⁴ ANPCYT, UNICen, CESAL. valentindecun@gmail.com

prendimiento ha sido desarrollado por la Asociación de Cooperativas Argentinas (ACA) y la empresa Alimentos Magros S.A, siendo adjudicado en dos rondas del Programa RenovAr.

El artículo plantea como objetivo analizar las barreras y oportunidades que presenta la producción, distribución y consumo de bioenergía para determinar su aporte al proceso de transición energética, a la diversificación de los espacios rurales, a la incorporación de mano de obra regional y a la transformación de residuos en energía.

Se ha optado por el empleo de la triangulación metodológica, entendida como la aplicación y combinación de métodos cualitativos y cuantitativos en el estudio de un fenómeno, lo cual permitió cruzar datos y contrastar resultados. El análisis se realizó en base a datos secundarios y primarios recolectados de informes, artículos periodísticos, sitios web, entrevistas de medios de comunicación, videos y entrevistas semiestructuradas a actores clave vinculados al caso de estudio.

Los resultados obtenidos evidencian la existencia de barreras tecnológicas, legales, pero principalmente económicas en la concreción de este tipo de proyectos. Por otra parte, la producción de biogás a partir de residuos pecuarios contribuye al proceso de transición energética en el territorio, desplegando nuevas apropiaciones en los espacios rurales, favoreciendo la generación de empleo y el agregado de valor. A su vez, la biodigestión permite la adecuada gestión de un residuo, transformándolo en energía y abriendo oportunidades en el campo de la economía circular. Los resultados no son generalizables, sin embargo, son idóneos para una síntesis de la realidad estudiada y útiles para el estudio de casos similares.

Palabras clave: Transición energética, residuos pecuarios, biogás, economía circular, Argentina.

TELEDETECCIÓN APLICADA A LA VALORACIÓN DE ZONAS PARA LA PRODUCCIÓN DE BIOMASA DE ARUNDO DONAX

Mesa 47: Generación en Transición: Energías y Territorios en América Latina

Ponencia

Valania, María Paula¹⁵

Resumen

Introducción

La transición energética se caracteriza por la generación de energía descentralizada (De Gouvello, 2008; Moss et al., 2014; Alstone et al., 2015), localizada y renovable, en respuesta al cambio climático, la incertidumbre respecto del precio internacional de hidrocarburos y la concientización de las sociedades hacia opciones más sustentables. En este contexto se presenta la producción de bioenergía a partir de biomásas diversas, proceso incipiente en la Argentina.

En el contexto de exploración y explotación de nuevas fuentes de biomasa que no compitan con la producción de alimentos, se presenta como muy atractivo el cultivo del Arundo donax L. (*A. donax*). La especie presenta alta productividad, adaptación a tierras marginales - inutilizables o de muy bajo rendimiento para otra finalidad productiva (generalmente, explotaciones ganaderas marginales), además de interesante opción para la recuperación de zonas degradadas.

El proyecto “Arundo donax L. como fuente de bioenergía para la sustitución de combustibles fósiles” (03-PEIDYT-02E, 2019-2021) se enfoca en la producción de bioenergía destinada tanto a procesos industriales como a consumidores finales. El mismo se lleva a cabo a través del trabajo interdisciplinario de centros de investigación pertenecientes a la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, con la participación de la empresa privada Cementos Avellaneda S.A.

El presente trabajo, en el contexto del proyecto mencionado, presenta como objetivo principal identificar y cuantificar para la zona de interés (partidos de Azul y Olavarría – Prov. Buenos Aires) las áreas más recomendables para la explotación del *A. donax*., basándose en técnicas de teledetección combinadas con Sistemas de Información Geográfica (SIG).

Materiales y métodos

Se trabajó sobre datos de la campaña 2018-2019 y del año 2019 completo, procesándolos sobre la plataforma Google Earth Engine y sobre aplicaciones SIG

Las potenciales áreas de implantación del *A. donax* fueron valoradas a través de las siguientes técnicas de teledetección:

1. Foto interpretación: se procesó una colección de imágenes Landsat 8 del año 2019 completo (resolución espacial de 30 m., resolución temporal: 16 días). A partir de esto se obtuvo un único ráster resultado con el cálculo de mediana en cada banda generándose una imagen en Falso Color Compuesto (FCC – 5-6-4) – combinación característica para discriminar usos del suelo a través de foto interpretación.
2. Clasificación estructural de coberturas: esta operatoria distingue diferentes coberturas en base a su comportamiento espectral de reflectancia definido por su estructura. Se trabajó a partir de un ráster de clasificación de coberturas generado por el INTA (Mapa Nacional de Cultivos – Cam-

¹⁵ CESAL (Centro de Estudios Sociales de América Latina) – FCH – UNICEN pvalania@fch.unicen.edu.ar

paña 2018-2019). 3. Definición de tipos funcionales de ecosistemas (TFE): en este caso las técnicas de teledetección permitieron la diferenciación de ecosistemas a través de la valoración de indicadores de flujos de materia y energía, variables que evidencian sus propiedades funcionales clave, tales como su productividad, la acumulación de carbono, el balance hídrico, etc. Para ello se realizó la siguiente definición de atributos funcionales: a. Promedio anual de valores mensuales de NDVI (Índice Verde Normalizado): valorado como aproximación a la productividad media anual. b. Variabilidad NDVI: calculada como el desvío estándar de los valores mensuales de NDVI; valorado como indicador del nivel de estacionalidad de la cobertura. Una alta estacionalidad combinada con la interpretación visual de una zona antrópica, indica la presencia de un cultivo. c. Mes de máximo NDVI: mes en el que la cobertura presenta mayor actividad fotosintética, o sea, su período crítico.

Para el cálculo de los atributos definidos se trabajó con el producto MOD13Q1 (MODIS) para el año 2019 completo. Se obtuvieron 12 imágenes, una por mes, como promedio aritmético de las imágenes correspondientes cada mes calendario. Considerando esa colección se calculó la media (atributo a.), el desvío estándar de las medias (atributo b.) y el mes de máximo de valores medios (atributo c.). Para su categorización, los valores de cada

atributo se dividieron en base a los cuartiles de cada muestra, tomando como referencia la zona más vasta de Pastizales del Río de la Plata (Paruelo et al., 2004).

Se elaboraron salidas cartográficas tanto para georreferenciar la clasificación estructural como los TFEs presentes en el área de estudio, observándose en general concordancia entre el tipo de estructural de cobertura y su funcionamiento ecosistémico. Se presentan como zonas candidatas para la implantación del A. donax aquellas actualmente destinadas a la actividad ganadera de bajos rendimientos, principalmente presentes en el partido de Olavarría (zona centro-oeste). En el partido de Azul pueden presentarse zonas de similares características al NO del mismo, pero de menor superficie. En el NE, otras zonas también clasificadas estructuralmente como ganaderas, presentan mejor productividad, evidenciada por su correspondiente atributo funcional, por lo que no resultarían tan apropiadas para un cambio de actividad. La valoración del funcionamiento ecosistémico del área de estudio aporta información adicional a la de clasificación de coberturas. Se fundamenta así, de forma más asertiva, la toma de decisiones relacionadas a los cambios de uso del suelo para la producción de biomasa destinada a la generación de bioenergía.

Palabras clave: bioenergía, A. donax, teledetección, funcionamiento ecosistémico.

CONFLICTOS ASOCIADOS AL DESARROLLO DE MEGAPROYECTOS HIDROELÉCTRICOS EN AMÉRICA LATINA, ESTUDIO COMPARATIVO MÉXICO-COLOMBIA

Mesa temática 47: Generación en transición: energías y territorios en América Latina

Tipo de presentación: Ponencia

*Llamas, Ricardo M.*¹⁶

*Ali, Saleem*¹⁷

El desarrollo de megaproyectos de infraestructura en América Latina es un tema relevante en la región, ya que estos proyectos son motores de desarrollo económico y generación de empleo, pero también afectan los intereses de diversos actores, así como el entorno local y regional. En este sentido, las centrales hidroeléctricas ayudan a alcanzar la independencia energética y a reducir la dependencia de los combustibles importados, principalmente en los países en desarrollo que son más vulnerables a la volatilidad de los precios y cambios en la oferta de recursos energéticos. A pesar de las aparentes ventajas, los proyectos hidroeléctricos también traen consecuencias negativas como la pérdida de biodiversidad o el acceso limitado a los recursos hídricos. Estos proyectos también afectan a las personas de manera directa, ya que las personas asentadas en los sitios de los proyectos deben ser reubicadas. Históricamente, los proyectos hidroeléctricos han sido una alternativa clave de producción de energía en muchos países del mundo, a diferencia de los combustibles fósiles u otras fuentes de energía ligadas a la combustión. Además, las centrales hidroeléctricas pueden proporcionar una ventaja adicional en el control de inundaciones y gestión del riego en regiones agrícolas. A nivel mundial, la generación de energía hidroeléctrica ha aumentado significativamente en los últimos años. En 2015, la energía procedente de proyectos hidroeléctricos solo representó el 16% de la producción mundial de electricidad, mientras que, en 2019, generó casi dos tercios de la electricidad renovable del mundo.

Los grandes proyectos de infraestructura a menudo se promueven en regiones como América Latina para estimular las economías nacionales y promover las capacidades tecnológicas de cada país. Entre estos proyectos, la infraestructura para la generación de energía eléctrica ha funcionado como uno de los ejes principales para brindar energía como medio de producción y mejorar la calidad de vida de las comunidades urbanas y rurales.

Sin embargo, en todo el mundo, los proyectos hidroeléctricos también afectan las estructuras sociales locales de manera tanto positiva como negativa. Los aspectos positivos de una planta hidroeléctrica para una comunidad local pueden incluir su capacidad para mejorar el suministro de agua y el desarrollo de infraestructura asociada, como caminos y otras vías de comunicación, entre otros beneficios. A pesar de las aparentes ventajas, los proyectos hidroeléctricos también tienen consecuencias negativas como la reducción de los recursos pesqueros, la pérdida de áreas fértiles cultivables debido a la erosión, las emisiones de gases de efecto invernadero de la vegetación inundada y la pérdida de biodiversidad, entre otros problemas. Los megaproyectos hidroeléctricos también afectan a las personas de manera directa e indirecta, incluidos los daños causados por inundaciones y la reubicación de comunidades o viviendas debido al desarrollo de un embalse detrás de la presa que puede inundar los antiguos asen-

¹⁶ Universidad de Delaware (rllamas@udel.edu)

¹⁷ Universidad de Delaware (saleem@udel.edu)

tamientos. Cuando las personas que viven en los sitios de los proyectos propuestos son reubicadas, no solo pierden su hogar sino también su sentido de pertenencia cultural y su concepción histórica del lugar de origen. Además, los proyectos hidroeléctricos requieren fondos importantes, que pueden tener un gran impacto en las finanzas públicas en países donde los gobiernos deben solicitar créditos a instituciones financieras internacionales como el Banco Mundial, el Fondo Monetario Internacional (FMI) y el Banco Interamericano de Desarrollo (BID) entre otros.

En América Latina, muchos países tienen características topográficas e hidrológicas adecuadas para proyectos hidroeléctricos. Aunque existen muchas similitudes en los proyectos hidroeléctricos en los países de la región, las diferencias en las estructuras políticas y el acceso a los fondos hacen de cada país un estudio de caso único, especialmente en lo que respecta a la protección ambiental, la gobernanza del agua y la justicia social.

Este trabajo se centra en las tendencias hidroeléctricas pasadas y actuales en América Latina y analiza el desarrollo, los impactos y los conflictos relacionados con dos casos de estudio, «El Cajón» en México, que inició operaciones en 2007, e «Hidroituango» en Colombia, que se espera comience a operar en 2021. Ambos casos ofrecen escenarios únicos relacionados con la dinámica de los sectores público y privado, incluyendo los conflictos emergentes asociados con las actividades de construcción, así como la participación de las partes interesadas. En cada estudio de caso se analizan varios factores, desde la gobernanza del agua hasta la valorización sociocultural de los recursos naturales y los servicios ecosistémicos relacionados. Es probable que las lecciones aprendidas del caso mexicano en “El Cajón” e “Hidroituango” en Colombia, sirvan de base para analizar escenarios de conflicto actuales y futuros en países con estructuras políticas y económicas similares, así como herencia cultural común.

Palabras clave: Energía hidroeléctrica, Megaproyectos, Conflictos socioambientales, México, Colombia